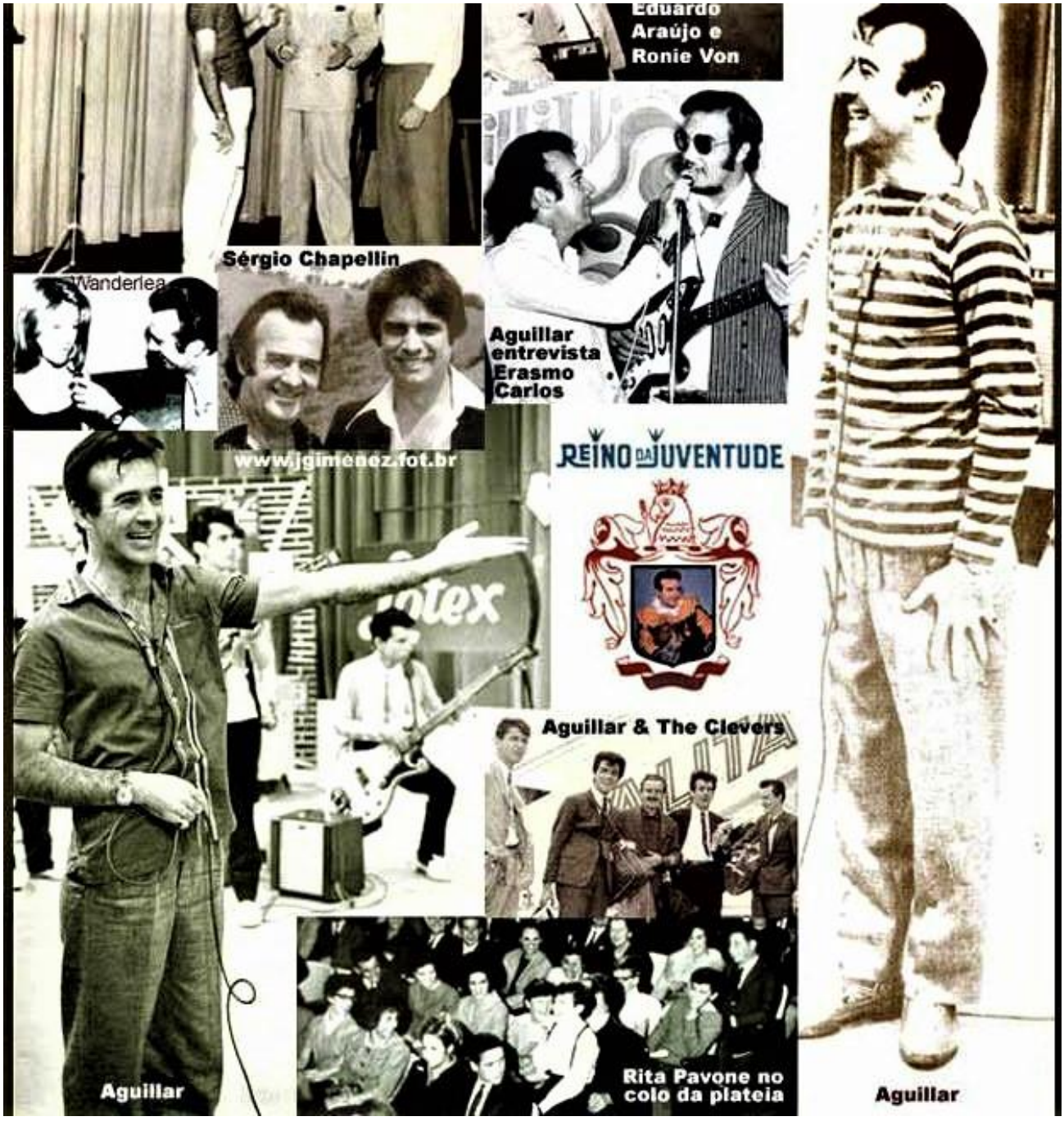


Nora Ney: em 1955, a primeira gravação



Agostinho dos Santos, pioneiro do rock

PRIMÓRDIOS DO ROCK'N'ROLL BRASILEIRO (MÁRIO PAZCHECO)



24 DE MAIO / 1955, nos estúdios da Continental. Nora Ney (Iracema de Sousa Ferreira, **20 DE MARÇO / 1922 – 28 DE OUTUBRO / 2003**) grava "Ronda Das Horas", uma versão fox-trot para o então incendiário “Rock Around The Clock”, e **DOIS ANOS DEPOIS**, Agostinho dos Santos (**25 DE ABRIL / 1932 – 12 DE JULHO / 1973**, Paris–França. Causa: acidente aéreo) faria o mesmo com "Até Logo, Jacaré", outra versão de Bill Haley (“See You Later, Aligator”). Por incrível que pareça, o rock brasileiro cujos caminhos foram abertos por Bill Haley e Elvis Presley, pasmem, tem quase a idade do norte-americano. Dessa forma, não demoraram aportar também por aqui Chuck Berry, Little Richard, Bo Diddley, Fats Domino, e muitos outros.

“Rock'n'Roll Em Copacabana”, composto por Miguel Gustavo; e gravado por Cauby Peixoto! – talvez seja o primeiro rock composto no Brasil. Outro compacto pioneiro foi “Enrolando rock”, com Betinho e seu conjunto. A letra tinha uma estrutura simples: quando a gente esquenta e o calor aumenta / rock and roll avança, a gente entra na dança / quando o rock enrola eu pulo feito bola / e fico que não posso parar.

Pouco tempo depois, Betinho seguiu o caminho religioso de Little Richard, trocando a guitarra pela bíblia e rock and roll pela vida de pastor evangélico.



A PRIMEIRA FASE DO ROCK



Reportagem: Nico Pereira de Queiroz

O sonho acabou. A frase vem sendo repetida por alguns dos maiores nomes da geração do rock, como John Lennon e Gilberto Gil. Uma geração que acreditou na existência de nova maneira de ver, sentir e viver, criada em decorrência de uma nova forma musical. O fim do sonho está ou não dentro do espírito de cada um que o entendeu; nesta reportagem falaremos sobre seu início, que certamente está na lembrança de todos e desperta a curiosidade dos que não viveram a primeira fase do nosso rock.

A primeira fase do rock brasileiro representou, além de forma e estilo musical, um novo comportamento trazido pela euforia da criação de música jovem dirigida ao público jovem. Até o ano de 1957, os ritmos mais executados eram o bolero, o mambo, o samba-canção e o baião, tanto pela juventude quanto pela faixa de mais idade. O rádio tocava Dolores Duran, um dos maiores nomes da época, Tito Madi, Lana Bittencourt, Carlos Gonzaga, João Gilberto, Dóris Monteiro e outros. Dos Estados Unidos, chegavam os "musicais açucarados", as grandes produções da Metro e Doris Day cantando "By The Light Of Silver Moon", tudo muito bem comportado e dentro de um romantismo-padrão.

ELVIS, TOPETE E COSTELETA O INÍCIO

De repente, os jornais começam a anunciar o surgimento, entre os norte-americanos, de um **"ritmo endemoniado que**



Frankie Avalon no Brasil em 62 e a cantora Chiquita.

de teatros praticamente destruídos por ocasião das apresentações que um tal de Elvis Presley fazia, cantor topetudo, usando enormes costeletas e um rebolado que chegava às raias do **"atentado ao pudor"**. Na verdade, o rock and roll nasceu com Elvis Presley, não o ritmo, mas a forma de ser, de comportamento.

O fator mais importante para a afirmação de um ritmo é sua dança, e a forma de dançar o rock fez com que o "charleston", seu avô, mais parecesse uma valsa dolente. Era a libertação do corpo, dos movimentos e do espírito. Os passos eram acrobáticos e totalmente revolucionários - as meninas voavam por sobre as cabeças dos rapazes, escorregavam pelo chão, sob suas pernas. Os concursos de dança eram tão freqüentes e freqüentados quanto os shows de música. Tudo isto, somado a uma nova forma de palavreado, roupas e modismos, fez o rock and roll tornar-se algo forte, irresistível e estabelecido. Os jovens vivam em harmonia com os mais velhos, mas exultavam em

ter, finalmente, uma maneira própria de viver, conviver e se divertir. Não se pode confundir a mentalidade trazida pelo rock com a violência; um movimento que nasceu através da música não pode ser violento. A violência é trazida por aqueles que, ao se libertarem através de estímulos criados por uma música balançada e descontraída, libertam a violência que possuem dentro de si mesmos.

O ROCK AND ROLL CHEGA AO BRASIL

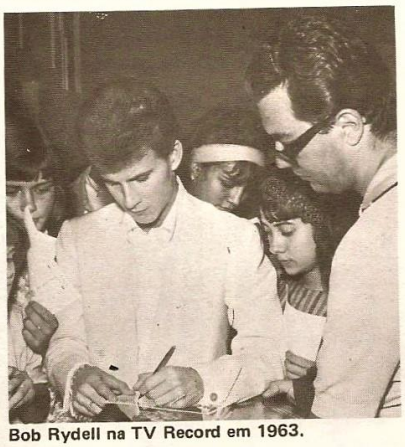
O primeiro rock gravado no Brasil foi "Enrolando Rock", com Betinho e Seu Conjunto. A letra dizia: **"quando a gente esquenta e o calor aumenta/rock and roll avança, a gente entra na dança/quando o rock enrola eu pulo feito bola/ e fico que não posso parar".** Betinho foi o primeiro músico brasileiro a assimilar o ritmo do rock. "Enrolando Rock" tinha ritmo forte, bem marcado, mas a primeira música de sucesso seria um rock-balada, melodioso e romântico. Em 1957, Ramalho Neto, então produtor de discos da RCA, resolve gravar a adaptação de um sucesso de Paul Anka -**"Diana".** A versão feita por Fred Jorge, cantada por Carlos Gonzaga (que a partir daí passou a cantar rock and roll), vendeu milhares de cópias e marcou o início efetivo do rock brasileiro. Animado pelo êxito conseguido, o cantor passou a gravar versões que alcançaram bons índices de venda: **"Bat Masterson", "Only You", "Oh Carol", "The Great Pretender".**

Aberto o caminho, novos nomes começaram a surgir: Lana Bittencourt, Sérgio Murilo, Celly e Tony Campello, Demetrius, Ronnie Cord, entre outros. A popularidade dos cantores de rock and roll era impressionante, bem maior que nos dias atuais, onde existe uma aproximação maior com o público. Naquele tempo o artista era verdadeiro mito, um deus: as tardes de autógrafo atraíam multidões. Os cantores norte-americanos gozavam, naturalmente, de enorme prestígio entre os jovens brasileiros, sendo que a maioria deles apresentou-se aqui. O primeiro show com músicos estrangeiros foi promovido pela Rádio e TV Record, no Ginásio do Pacaembu, o "Rock'n'Roll Fantasy Of New York". Os artistas que compunham o show não eram realmente famosos, mas o acontecimento despertou enorme interesse por ser inédito. Depois vieram Bill Haley e Seus Cometas, The Platers, Brenda Lee, Paul Anka, Johnny Restivo, Bobby Ridell. Fabian e Frankie Avalon.

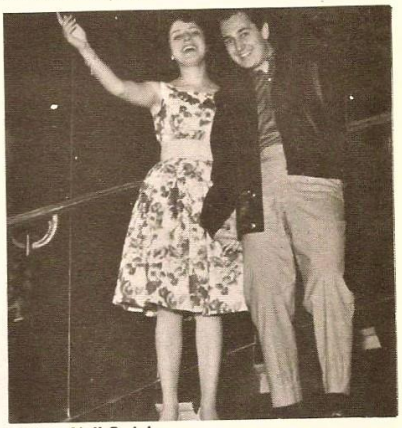
Por outro lado, houve um brasileiro que se apresentou nos Estados Unidos cantando rock. Seu nome? Cauby Peixoto. Usando o pseudônimo "Ron Cobby", gravou elepê e participou de um filme, "Jambouree", ao lado de Fats Domino, Eddie Cochrane e outros nomes importantes da época.



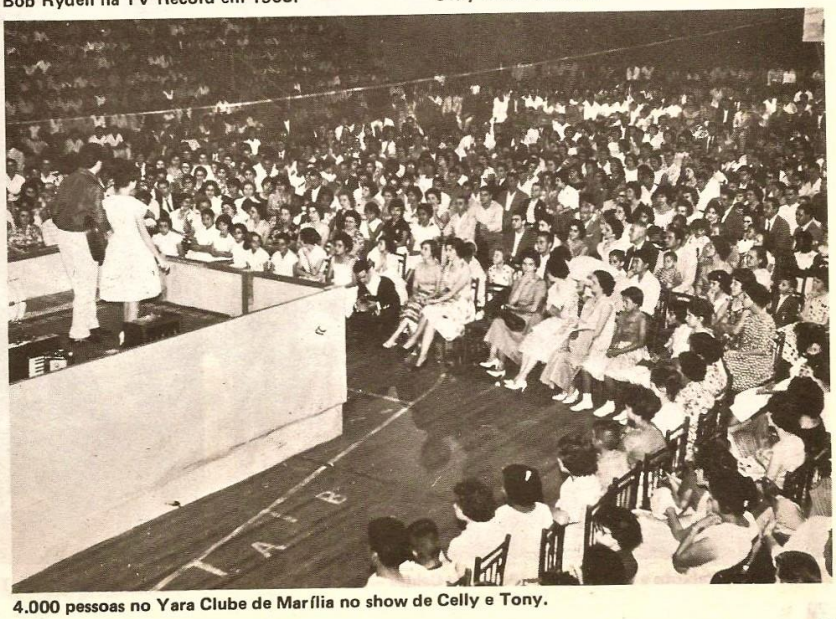
Brenda Lee esteve no Brasil em 1959. Na foto com os irmãos Campello.



Bob Rydell na TV Record em 1963.



Celly e Neil Sedaka.



4.000 pessoas no Yara Clube de Marília no show de Celly e Tony.

A PRIMEIRA FASE DO ROCK

OS CONJUNTOS, O RÁDIO, AS GRAVADORAS

A primeira fase do rock brasileiro registrou a existência de poucos grupos instrumentais e um maior número de cantores. Isto se deve, em grande parte, à inexistência de boas guitarras elétricas de fabricação brasileira e aos amplificadores de mínima potência "5 Watts) encontrados no mercado. Nos Estados Unidos, já eram fabricadas boas guitarras, como a Fender e a Gibson, enquanto que entre nós as que haviam apresentavam péssima qualidade. A Del Vecchio criou um modelo "Les Paul" que apesar do nome pomposo possuía corpo de madeira compensada, braço muito grosso e pesado; a Giannini e Di Giorgio também faziam suas tentativas, mas nenhuma fábrica conseguiu criar um modelo que proporcionasse execução mais fácil e menos cansativa. Atualmente, as guitarras nacionais apresentam níveis muito bons de qualidade mas nos primeiros anos do rock o jeito era sonhar com as guitarras norte-americanas, de difícil importação. Apesar das dificuldades alguns grupos foram ganhando sucesso:

Os "Avalons", formado por Dudu, Daniel (Drácula) e Paulinho; o "Clevers", que mais tarde mudaria para os "Incríveis"; "The Jordans", "The Bells", o "Jet-Blacks" - liderado pelo guitarrista Gato, que mais tarde passaria a trabalhar com Roberto Carlos. Estes grupos costumavam apresentar-se no programa de Antônio Aguillar, todo sábado à tarde, no auditório da Rádio Nacional.

A Rádio Bandeirantes possuía em seu quadro três disc-jockeys da maior importância para difusão do rock: Walter Silva (O Pick-Up do Pica-Pau), Enzo de Almeida Passos (Telefone Pedindo Bis) e Henrique Lobo (É Disco Que Eu Gosto).

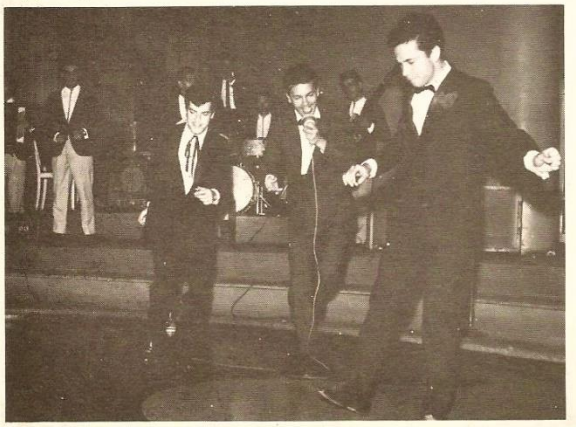
Tony e Celly Campello gravavam na Odeon, Demetrius na Continental, Carlos Gonzaga e Ronnie Cord na RCA, Sérgio Murilo e Lana Bittencourt na CBS; mas havia um selo da Fermata, Young, que teve a mesma importância das grandes gravadoras. Fundado por Miguel Vaccaro Neto, seguia a linha da PPX norte-americana, fazendo novas gravações de todos os sucessos que surgiam. Solano Ribeiro, hoje produtor, era cantor contratado da Young.

Nos anos 60, as gravações eram feitas em mono. Todos os instrumentos eram gravados em um canal, colocando-se a voz posteriormente. Os acompanhamentos eram feitos por "músicos profissionais", pois existia certo preconceito quanto à participação de conjuntos de rock no instrumental. Os músicos requisitados eram geralmente os mesmos: Bolão, ao saxofone, Azeitona ao contrabaixo, Turquinho à bateria, Heraldo e Edgar nas guitarras (ambos gravaram Estúpido Cupido", Chiquinho de Morais, ao piano, entre outros.

Um nome que não pode ser esquecido no campo da gravação é o de Roberto Corte Real, na época produtor da CBS "Columbia", que deu muito apoio e orientação aos artistas que passavam por suas mãos.



Tony Campello e os Jordans em 1963.



Tony, Cauby Peixoto e Peri Ribeiro (Poços de Caldas – 1964).



Celly em cena de "Jeca Tatu", de Mazzaropi.

TONY E CELLY CAMPELLO

Em 1957, Tony Campello integrava um conjunto de bailes na cidade de Taubaté, interior do Estado de São Paulo, chamado "Okay". Além de tocar no clube da cidade, o "Okay" animava bailes no Vale do Paraíba e Estado do Rio, sempre causando impacto e reações nada animadoras dos diretores de clubes e pais de família, logo aos primeiros acordes de " Rock Around The Clock". Celly Campello também cantava, mas um repertório bem comportado - músicas de Ângela Maria. Ambos são de opinião que a novela Estúpido Cupido , da Globo, retrata fielmente a época. Segundo eles nas cidades do interior as coisas aconteciam daquela maneira.

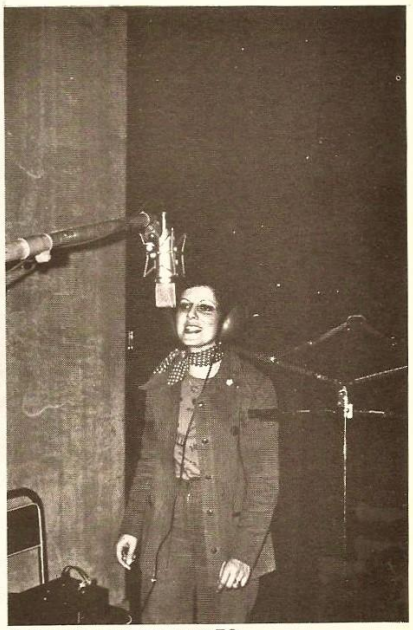
Impedido de cantar rock and roll no clube de Taubaté, onde o ritmo e a dança eram considerados escandalosos, pressionado pelos pais - achavam que deveria "tratar da vida", pois cantava em bailes desde os quinze anos de idade, **Tony** vem para São Paulo a fim de trabalhar no Serviço Social do Comércio (SESC). Depois de algum tempo, no ano de 1958, conhece o maestro Mário Genari Filho, com quem fez alguns bailes. Surge oportunidade para a gravação de um disco. No entanto, uma das músicas ficaria melhor interpretada por voz feminina, e Tony resolveu convidar Celly para gravar. As músicas chamavam-se "Forgive Me", cantada por Tony, e "Handsome Boy", por Celly; e o acompanhamento foi feito pelo conjunto de Mário Genari, responsável também pela produção.

Assim foi o início da carreira de dois irmãos que criariam uma personalidade própria para o rock brasileiro em sua primeira fase. Período que teve seu fim decretado pelo surgimento da Jovem Guarda, um movimento fabricado por empresários que perceberam que a chave estava nas maõs dos jovens e altas somas poderiam ser conseguidas através de uma promoção bem planejada. Uma mudança de imagem, novos interesses, intenso comércio de roupas, lancheiras, bonés e até mesmo refrigerantes. Celly e Tonny Campello, talvez os maiores astros da música jovem brasileira, não foram convidados a cantar nos programas da Jovem Guarda uma vez sequer.

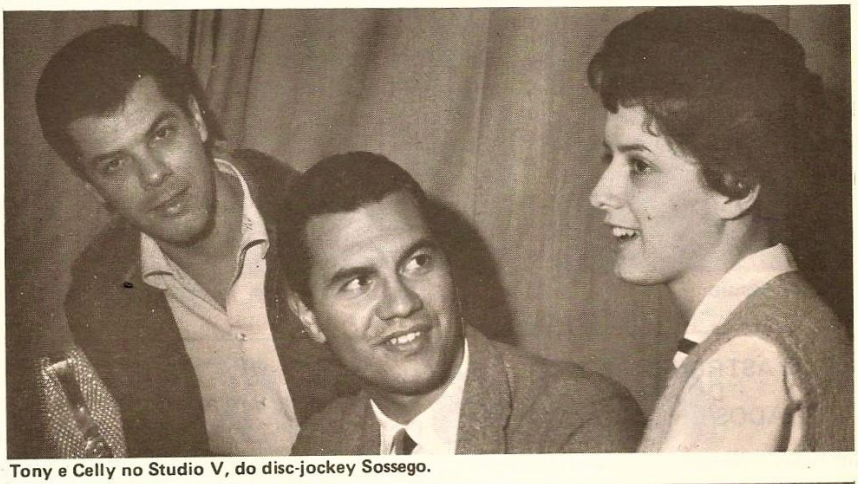
Mágoas esquecidas, o tempo passou, e Celly Campello grava agora um elepê pela RCA, a ser lançado brevemente. A "rainha da juventude" pretende voltar com força total para gravar mais elepês, pois os artistas que possuem real valor possuem também o poder da máquina do tempo: fazer os anos transformarem-se em segundos e viajar do passado ao presente no espaço de tempo que dura um sorriso verdadeiro.



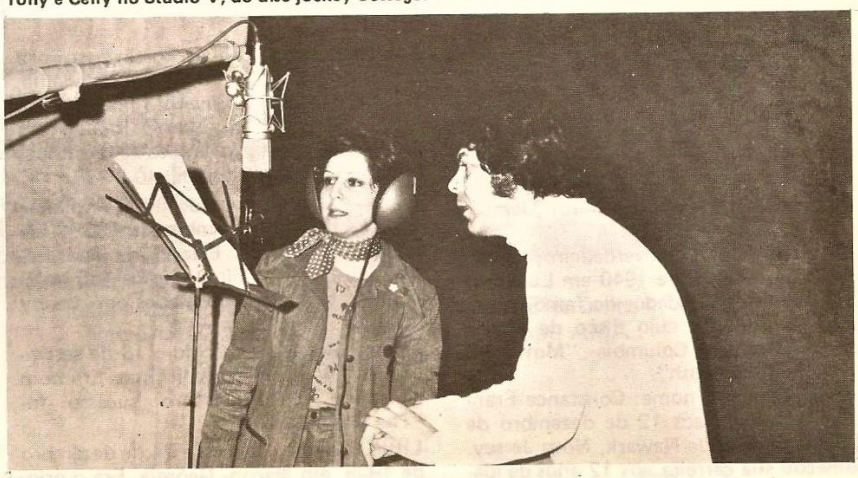
A "rainha" Celly.



Celly gravando nos anos 70.



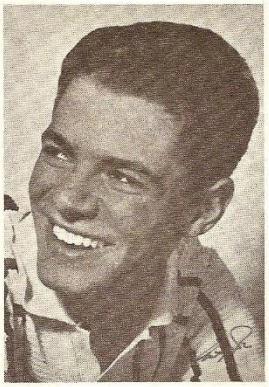
Tony e Celly no Studio V, do disc-jockey Sossego.

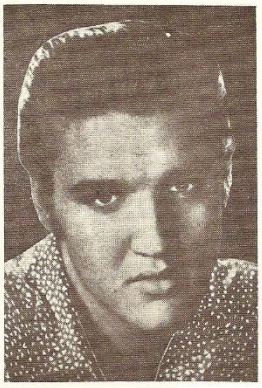


Na RCA, preparando o novo disco.

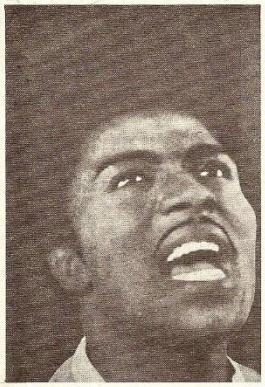
A PRIMEIRA FASE DO ROCK


Bill Haley

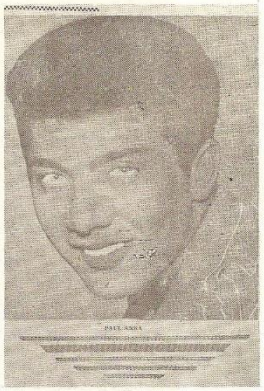

Sérgio Murilo


Elvis Presley


Ronnie Cord


Little Richard


George Freedman


Paul Anka


Cleyde Alves

OS ASTROS DA 1ª FASE DO ROCK DADOS BIOGRÁFICOS

Bill Haley - nasceu em Higland, Michigan. Formou o primeiro conjunto aos treze anos de idade, tendo sido batizado "Bill Haley's Sanddlemen". em 1951, o grupo começa a gravar e em 1952 muda o nome para "Bill Haley e Seus Cometas".

Brenda Lee - nasceu a 11 de dezembro de 1944, em Atlanta, na Geórgia. Brenda iniciou a vida artística aos nove anos de idade. Seu principal sucesso foi "Jambalaya", gravado pela Decca.

Cliff Richard - nome verdadeiro; nasceu aos 14 de outubro de 1940 em Lucknow na Índia. Foi o fundador do famoso conjunto "Shadows", cujo disco de estréia foi lançado pela Columbia- "Movie It" e "Schoolboy Crush".

Connie Francis - nome: Constance Franconero, nascida aos 12 de dezembro de 1938 na cidade de Newark, Nova Jersey. Começou sua carreira aos 12 anos de idade. Sua primeira gravação foi "Freddy".

Elvis Presley - nome: Elvis Aron Presley; nascido a 8 de janeiro de 1935, em Tupelo, Mississipi. Antes de cantar profissionalmente, trabalhava como chofer de caminhão, ganhando 4 dólares de ordenado.

Fabian - nome: Fabian Forte; nascido a 6 de fevereiro de 1943, em Filadélfia, Pensilvânia. Seu primeiro filme musical foi "Hound Dog Man", rodado em 1959. Fabian não foi muito feliz em suas apresentações no Brasil.

Frankie Avalon - nome: Frank Avallone, nascido a 18 de setembro de 1939, em Filadélfia do Sul, Estado da Pensilvânia. Seu primeiro filme musical foi "Jamboree", também estrelado por Cauby Peixoto.

Johnny Restivo - nascido a 13 de setembro de 1943, em Nova Iorque. Era bom dançarino. Seu primeiro sucesso foi "Tha Shape I'm In".

Little Richard - nasceu a 24 de dezembro de 1935, em Macon, Geórgia. Era o principal solista da igreja local. Foi contratado pela RCA Victor quando tinha 1 anos de idade, depois de apresentar uma gravação de "Tutti-Frutti" à gravadora.

Neil Sedaka - nascido aos 13 de abril. de 1940, em Nova Iorque. Além de cantor, era pianista e compositor. Sua gravadora foi a RCA. Seus primeiros sucessos foram "The Diary" e "No Vacancy".

Pat Boone - nome: Charles Eugene Boone, nascido a 1º de junho de 1934, em Jacksonville, Flórida. Cantava desde os doze anos de idade, mas a primeira oportunidade profissional apareceu através de programa de rádio no Texas. Seu primeiro filme, rodado em 1957, chamava-se "Bernardine".

Paul Anka - Nome: Paul Anka; nascido aos 30 de julho em Otawa , no Canadá. Seu primeiro sucesso foi "Diana".

OS ÍDOLOS BRASILEIROS

Celly Campello - nome Célia. nasceu aos 18 de junho de 1942, também em

Taubaté. Começou cantando em festinhas. Terminou o curso clássico em 1960.

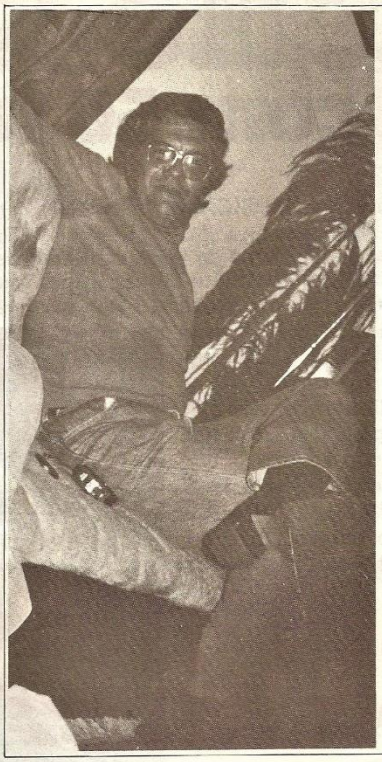
Cleyde Alves - nome: Cleyde Alves da Silva, nascida aos 5 de dezembro de 1946, no Rio de Janeiro. Começou a cantar no programa "Clube do Guri" da TV Tupi Paulista. Seu primeiro sucesso foi "Help Mammie".

George Freedman - Nasceu em Berlim, Alemanha, em 1940. Formou-se em Química Industrial. começou tocando gaita, bateria, contrabaixo e piano em bailes particulares. Projetou-se no programa "Atrações Pirani", da TV Tupi Paulista.

Ronnie Cord - nome: Ronald Cordovil. Nasceu em janeiro de 1943 no interior de Minas Gerais. É filho do compositor Hervê Cordovil. Começou a carreira artística gravando "Pretty Blue Eyes" e "You're Knockin'me Out", pelo selo Copacabana. Depois gravou "Oh Carol" e "Teen Angel".

Sérgio Murilo - Nasceu aos 2 de agosto de 1941, no Rio de Janeiro. Projetou-se no mundo artístico através de programa de calouros da rádio Tamoio. Seu maior sucesso foi "Marcianita".

Tony Campello - o nome verdadeiro é Sérgio. Nasceu aos 24 de fevereiro de 1937 em Taubaté, interior paulista. Fez o curso clássico até o ano de 1958, quando ingressou na vida artística.



Carlos Alberto Lopes, mais conhecido como Sossego, é dono de currículo dos mais invejáveis dentro do mundo musical brasileiro. Sua atuação na primeira fase de nosso rock é das mais importantes, fornecendo discos raros para a elaboração de versões, orientando e difundindo o trabalho da maioria de nossos músicos. Iniciou sua carreira dentro do rádio produzindo o programa "Quinta Avenida", levado ao ar pela Rádio Panamericana em 1957. No ano seguinte, produzia e apresentava "Cartazes da América", na Rádio Excelsior. Passou, então, a apresentar o Studio V e posteriormente Brotos em Hi-Fi, ambos na Rádio América.

Em 1968, deixou a Rádio para se dedicar à fabricação de amplificadores, fundando a Fábrica Palmer. Durante dez anos, fez várias viagens ao exterior a fim de conseguir discos e uma constante atualização no campo da eletrônica. Voltou a trabalhar como radialista comandando o "Sucesso Exclusivo", na Excelsior, onde apresenta, atualmente o "Show Machine", domingo das 18,00 às 19,00h.

Como colecionador de disco antigos, Sossego tem em arquivo praticamente todos os sucessos acontecidos desde o nascimento do rock.

Carlos Alberto Lopes (Sossego) e Tony Campello, duas expressões com profundo conhecimento da primeira fase do rock brasileiro, colaboraram nesta matéria.

C **CELLY CAMPELLO** Bizz



CELLY CAMPELLO

Biografia Célia Campelo Gomes Chacon (**Celly Campello**, São Paulo, 18/06/42) apresenta-se ao vivo pela primeira vez aos seis anos, cantando em um programa de auditório da Rádio Cacique, em Taubaté (SP). Aos doze, começa a apresentar seu próprio programa na rádio ♦ A estréia no vinil acontece em 58, com "Handsome Boy", lado B de "Forgive Me", compacto do irmão Tony Campello ♦ "Estúpido Cupido" — versão de Fred Jorge para "Stupid Cupid", de Neil Sedaka e H. Greenfield —, lado B do terceiro compacto da cantora, estoura nas rádios em março de 59. Ainda nesse ano, passa a apresentar ao lado do irmão o programa *Crush Em Hi-Fi,* na TV Record ♦ Emplacando vários hits entre 59 e 62 — "Banho De Lua", "Broto Legal" e "Túnel Do Amor", entre outros —, Celly vira a "namoradinha do Brasil" e primeira estrela do rock nacional, em sua fase pré-jovem guarda. Participa ainda de dois filmes — *Jeca Tatu* (59) e *Zé Do Periquito* (60) ♦ Em 62, Celly se casa e abandona a carreira ♦ Nos anos 70, tenta voltar à cena musical várias vezes. Consegue um breve sucesso em 76, na época da exibição da novela *Estúpido Cupido*.

Frases **"Foi um escândalo quando coloquei calça comprida. Na época, só se usava em piqueniques." "Larguei tudo no auge da carreira e não me arrependo. O amor foi mais forte." "Fui a imagem do que as meninas queriam ser, usava as roupas que elas queriam usar." "Se eu fosse mais esperta, teria me transformado na Xuxa dos anos 60."**

LPs *Estúpido Cupido* (59), *Broto Certinho* (60), *A Bonequinha Que Canta* (60), *Os Campeões Do Sucesso* (coletânea, 60), *A Graça De Celly E As Músicas De Paul Anka* (61), *Brotinho Encantador* (61), *Em Dia Com O Sucesso* (coletânea, 61), *Juventude Espetacular* (coletânea, 61), *Avant-Première Vol.4* (coletânea, 61), *Noite De Natal Cheia de Estrelas* (coletânea, 61), *Os Grandes Sucessos De Celly Campello* (coletânea, 62), *Hebe Comanda O Espetáculo* (coletânea, 62), *Em Dia Com o Sucesso Vol.2* (coletânea, 62), *Celly Campello* (68), *Anos 60* (coletânea, 73), *Tony E Celly* (coletânea, 76), *Celly Campello* (76), *Celly Campello/Disco de Ouro* (coletânea, 81)

Filmes *Jeca Tatu* (59), de Milton Amaral; *Zé Do Periquito* (60), de Mazzaropi e Ismar Porto

Livros *Rock Brasileiro 1955 — 65,* de Albert Pavão

dança, se não viesse etiquetado com a marca de música para a juventude. A princípio foi total a resistência dos adultos contra aquela "barulheira de pirralhos". Mas o show-business (por mais precário que fosse) está sujeito a leis de mercado. Como toda produção (inclusive artística) corresponde a uma demanda e o público jovem era consumidor potencial, já sugestionado por filmes tipo *O selvagem (The wild one*, 1953), *Juventude transviada (Rebel without a cause*, 1955) e *Sementes da violência (Blackboard jungle*, 1955), o mercado fonográfico brasileiro partiu para a única solução viável no momento: a *versão*. Enquanto não surgiam os primeiros compositores jovens, capazes de escrever canções dirigidas a seus companheiros de geração, os próprios adultos acharam cômodo (e lucrativo) aproveitar rocks de sucesso já comprovado acrescentando-lhes letras em português "orientadas" ao público adolescente, que, em tese, era desqualificado e pouco exigente. O versionista estava na dele: despreparado para assimilar o espírito irreverente e informal da nova música, nem se preocupava em criar letras inteligentes, similares às originais.

Ao contrário: qualquer bobagem valia, na suposição de que o adolescente é um debilóide e vai se contentar, contanto que o ritmo e a melodia sejam os mesmos da gravação americana. Os ouvintes "pirralhos", por sua vez, desacostumados a opinar e discernir numa sociedade semi-analfabeta e patriarcal, davam-se por satisfeitos em ter seu novo gênero dançante cantado em sua própria língua, já que não manjavam (como mal manjam hoje) bulhufas de inglês. Só lhes cabia, portanto, uma opção: ou curtir o original sem entender, como se a voz do cantor fosse um instrumento a mais dando o recado melódico no berro, ou decorar a versão que lhe impingiam.

O resultado desse comodismo do produtor somado ao conformismo do consumidor não foi outro senão cerca de dez anos de versão e pouca diversão: letras sentimentalóides, ingênuas ou francamente babacas cobrindo as melodias dos principais hits, desde o pioneiro *Rock around the clock* (Freedman & De Knight, 1954), gravado por Nora Ney como *Ronda das horas* em 1955, até *Girl*, dos Beatles, que virou *Meu bem* na voz menor do pequeno príncipe Ronie Von em 1966, antes que o tropicalismo viesse decretar a falência da "Jovem Guarda" liderada por Roberto Carlos, o qual, em parceria com Erasmo, foi responsável por grande parte da mediocridade lírica das versões. Mas não foi o primeiro, nem o único, já que o filão era rico e outros exploradores tinham faturado gordas pepitas: Fred Jorge, Rossini Pinto, Nazareno de Brito.

A primeira a ter repercussão nacional foi *Diana* (Paul Anka) que, na voz de Carlos Gonzaga (1958), só falava em pieguices do tipo:

> Não te esqueças, meu amor,
> que quem mais te amou fui eu!
> Sempre foi o teu calor
> que minh'alma aqueceu!
> E num sonho para dois
> viveremos a cantar . . .

Maior sucesso ainda teve *Estúpido Cupido* (1959), versão de *Stupid Cupid* (Neil Sedaka & Greenfield) para a voz de Celly Campello, onde a "amorosidade" chega a criar imagens "poéticas". Vejam vocês que "inspiração":

> (. . .) Eu firo um coração
> cansado de chorar!
> A flecha do amor
> só traz a angústia e a dor . . .

Da mesma época é outro sucesso de Celly, *Banho de lua* (*Tintarella di luna*, de Filippi & Migliacci), onde, em vez das amo-



Celly Campello: sucesso com seu "Estúpido Cúpido" e "Banho de Lua".

FOTO: luciazanetti.worpress.com

Memória fotográfica da Jovem Guarda e Pré-Jovem Guarda, o início do Rock no Brasil!

Do acervo particular de Antonio Aguillar

BOLÃO



Responsável pelo sax na banda que acompanhava Celly Campello, foi um dos que melhor se deram na adaptação de músico de estúdio para a transição do rock and roll, pulando de grandes orquestras para os bailes de rock. Nascido Isidoro Longano na cidade de São Paulo em **15 DE MARÇO / 1925**, o clarinetista, flautista e saxofonista Bolão estudou com Leonardo Mauro, João Dias Carrasqueira e Nelson Aires. Sua carreira profissional começou na orquestra de Fernando Arantes Brasil, em **1944**. Em **1949** integrou a orquestra de Georges Henry na boate Excelsior e tocou na Rádio Tupi, ambas em São Paulo. De 1950 a 1953, foi membro do conjunto Robledo. Foi no primeiro ano com esse grupo que Bolão teve sua música registrada em disco pela primeira vez. Na ocasião acompanharam o cantor Caco Velho em uma gravação da Continental. De **1954** a **1958**, fez parte da orquestra de Sílvio Mazzuca, apresentando-se na Rádio Bandeirantes, em São Paulo, além de eventuais shows e bailes. Foi então que aos poucos partiu para o rock'n'roll. Em **1959** e **1960**, Bolão tocou em vários cinemas do Estado de São Paulo junto com Osmar Milani. Ainda em **1960**, ele formou Bolão e Seu Conjunto de Rock e depois Bolão e Seu Conjunto, tocando em boates, bailes e eventos até **1963**. Voltou então ao velho filão. De **1964** a **1968** tocou na orquestra de Pocho e de **1967** a **1974** também participou da orquestra da TV Tupi. De **1958** até **1975**, Bolão sempre foi muito procurado por artistas nacionais e gringos para acompanha-los em shows. Além de integrar a banda de Nelson Aires, ele também foi músico de estúdio. Entre **1958** e **1972**, Bolão gravou oito LPs em gravadoras diferentes. Na RGE Fermata, ele atendia pelo nome de Bob Longano; na RGE, ele era Edward Long; e na RCA, Edward era líder da banda Crazy Cat's. Foi assim que viveu um músico de verdade.

FONTE: POP ROCK A HISTÓRIA 1 – EDITORA CARAS.



CARLOS IMPERIAL

"Há um detalhe importante sobre Neil Sedaka. Ele era compositor, autor, só. Tinha estourado com a versão que Celly Campello gravou aqui. E ele, uma vez, veio ao Brasil – e ninguém sabia que ele estava aqui. Aí nós fizemos um contato e ele foi na minha casa e mostrava suas músicas e eu percebi que ele cantava muito bem. Então, fui na RCA, falei com o Ramalho Neto, usei a minha influência, e gravamos um disco – ele cantando. Ninguém acredita nisso e há quem até desminta, mas é verdade. O próprio Ramalho Neto vai desmentir isso. Mas nós gravamos e o disco saiu, antes, aqui no Brasil. Aí nós mandamos pra lá, pros Estados Unidos. Um sucesso completo, o Sedaka cantando: estourou nas paradas. (...)

"Eu tenho muita coisa pra contar, você vê que eu fui uma pessoa importante, essencial, pro desenlance da história do rock no Brasil". Carlos Imperial em entrevista a **JÚLIO HUNGRIA; ROCK, A HISTÓRIA E A GLÓRIA. N.º17**.

*Celly assina o contrato em **1958**; Celly e Neil Sedaka*

CELLY CAMPELLO

Já aos **15 ANOS** (nascida em São Paulo em **18 DE JUNHO / 1942 – 4 DE MARÇO / 2003**) grava "Estúpido Cupido" (versão de Fred Jorge para Stupid Cupid, dos americanos Neil Sedaka e Howard Greenfield) que vende **MAIS DE 100 MIL CÓPIAS**, entre **1959-60**, **OITO ANOS** mais tarde este LP ainda voltaria às lojas reeditado pela Odeon. Em **1971** – pela Continental – e finalmente em **1976**.

Segundo a revista Contigo, a Record chamou Celly Campello para fazer par com Roberto Carlos, no programa Jovem Guarda, só que ela recusou o convite, fazendo pouco do seu apresentador.

Em **1976**, Celly e Tony Campello foram a Poços de Caldas, gravar aquela novela da Globo, *ESTÚPIDO CUPIDO*. Estavam de volta ao mesmo salão onde tinham ido dar um show em **1959**. Cantaram durante a gravação as mesmas músicas daquela época.

No fim, o prefeito de Poços fez um discurso emocionado, lembrando que tinha visto nosso show em **1959**, quando era um garoto... Em dezembro desse mesmo ano, Celly Campelo terminava o ano vitoriosa em todas as paradas de sucesso seu disco, vendia quase **50 MIL CÓPIAS POR SEMANA**!

Vinte anos depois, tomou conhecimento de que havia contraído um câncer de mama. Fez uma cirurgia e um tratamento de quimioterapia, concluindo-se que estava curada. **DOIS ANOS DEPOIS**, a doença voltou em uma costela e atingiu a pleura. Operada pela segunda vez, ocasião em que perdeu uma costela, fez novo tratamento quimioterápico. Morreria a **4 DE MARÇO / 2003**, depois de duas semanas internadas no Hospital Samaritano, em Campinas.

"Não me arrependi. Tudo tem seu tempo, mas acho que curto mais o lado de cá. Não pretendo voltar mas não posso dizer que seja definitivo. Hoje em dia, com os filhos crescidos, trabalho como voluntária para instituições de caridade, aprendo a pintar" **CELLY CAMPELLO A LIGIA SANCHES EM ENTREVISTA PUBLICADA NA FOLHA DE S. PAULO – 28 DE NOVEMBRO / 1982**.

"Se eu fosse mais esperta, teria me transformado na Xuxa dos **ANOS 60**".

"Uma moça que sabe usar com grande tarimba seu afiado aparelho vocal".
(**TOM JOBIM**).

Cellyfoto

FILMOGRAFIA

JECA TATU (**1959**), de Milton Amaral;

ZÉ DO PERIQUITO, (**1960**), produção de Mazzaropi e Ismar Porto.

RITMO ALUCINANTE. (**1976**), ao lado de Rita Lee, Erasmo Carlos, Raul Seixas (com quem cantou no "Almoço das estrelas") e Tony Campello.



DEMETRIUS

Cita Kalil Gibran – "a vida não volta para trás" (...) "Tudo valeu mas minha carreira é uma página virada. Ganhei muitos troféus mas acho rídiculo expor. Hoje prefiro mostrar os troféus de campeão de vendas".

Demetrius aos **21 ANOS** cantando e compondo, quase quatro milhões de discos vendidos, teve que descobrir outras profissões nos **ANOS 80**, trabalhar de corretor de imóveis e numa loja de material para esportes náuticos. Site oficial: Demetrius.

FRED JORGE (FUEDE JORGE JABUR)

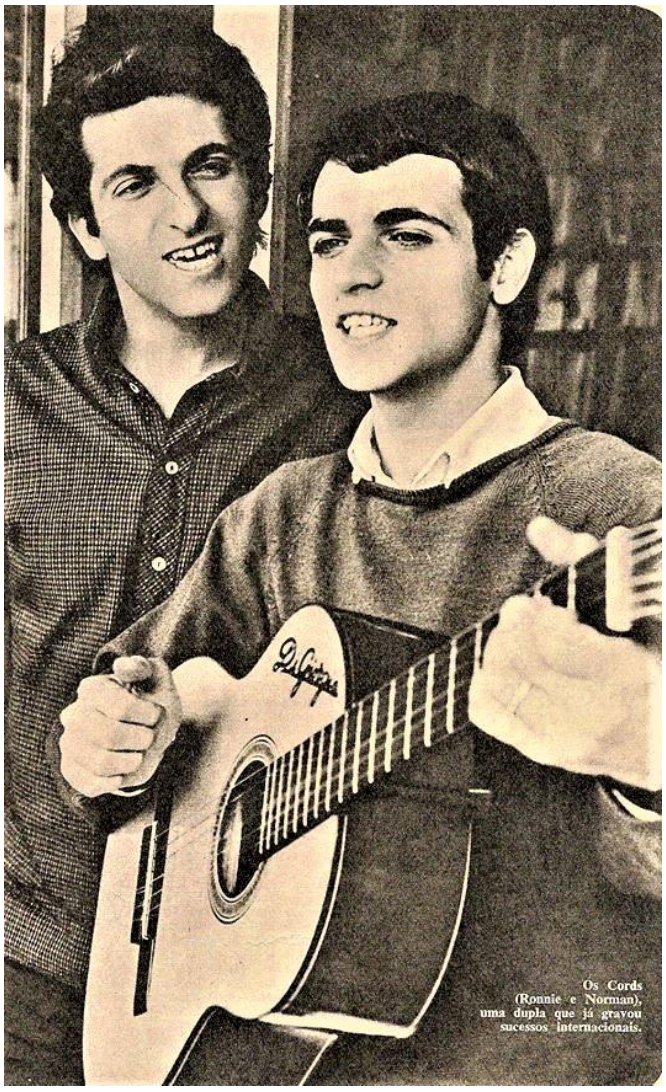
Um paulista assinava a maioria das versões gravadas no Brasil e foi o grande estrategista desta tentativa de se importar o rock para o território nacional. Ainda em **1959**, o programa *CRUSH EM HI-FI* que era dirigido por Fred Jorge, passa a ser comandando por Tony e Celly Campello, o programa ia ao ar todas as terças-feiras, na TV Record. Em **14 DE JUNHO** / **1961**, no auge do programa, uma manchete de jornal e de muitas revistas quebrava o coração de milhões de brasileiros apaixonados pela cantora *CELLY CAMPELO DEIXA A VIDA ARTÍSTICA PARA SE CASAR*... A atração ficou no ar até **1962**.

NORA NEY & JORGE GOULART

O casal era afinado na música e no engajamento político. Declararam-se comunistas e ousaram ao ser os primeiros brasileiros a fazer shows na União Soviética, percorreram ainda a China e países do leste europeu. Em **1964**, quando do golpe militar, ambos acabaram cassados da Rádio Nacional. Por causa de sua posição de esquerda e de apoio ao presidente Jango, passaram os primeiros oito anos da ditadura exilados.



Na sua loja de discos, com o seu irmão Norman do trio Os Cords, Ronnie Cord toca n o 'Di Giorgio'



RONNIE CORD

Além de Rua Augusta Ronnie fez diversas versões como a conhecida Biquiní de bolinha amarelinha ("It Bitsy Teenie Yellow Polka That Bikini", música que Neil Sedaka tornou famosa em todo o globo e foi seu primeiro sucesso).

Em **1966**, Ronnie Cord representou o Brasil no Primeiro Festival da Canção Internacional realizado em Mar del Plata, Argentina. O único cantor e representante brasileiro a tomar parte no certame. Os Cords gravaram "Meu Bem", "Monday, Monday" e "Senta No Vento" e outras.

Filho do maestro Hervê Cordovil, Ronnie Cord cujo nome verdadeiro era Ronald Cordovil em depoimento em **1984**, declarou "que estava em outra" e não tinha intenções de relembrar o passado, quando convidado a prestar depoimento sobre sua carreira.

Internado no **FINAL DE 1985**, com cancêr no pulmão, morreria a **6 DE JANEIRO DE 1986** no hospital da Beneficência Portuguesa, na zona centro de São Paulo, no ano em que completaria **43 ANOS**. Deixou 3 LPs e uma dezena de 78 rotações, misturando versões de canções americanas (aprendera a língua desde menino com o tio Renê Cordovil que foi funcionário da Rádio Panamericana no Rio) e italianas, além de poucas músicas realizadas em português.

"Rua Augusta" foi apontada por muitos roqueiros nacionais como o nosso primeiro hino, imortalizada no vinil pelos Mutantes figuraria também nas apresentações ao vivo de Erasmo Carlos. Quando "Rua Augusta" foi gravada, em **1964**, teve problemas com a censura, segundo Tony Campello, "Os militares já começavam a fazer das suas e mandaram tirar uma parte da canção". O pedaço censurado: Comigo não tem mais esse negócio de farda / não paro o meu carro nem se for na esquina / tirei o maior grosso da menina. Láureos tempos heróicos que não voltam mais então: Ai, ai, Johnny / Ai, ai, Alfredo / Quem é da nossa gang / Não tem medo...

JOSÉ RICARDO

Morreu na **TERÇA-FEIRA 11 DE MAIO / 1999**, de causas não reveladas o cantor José Ricardo, aos **60 ANOS**. Um dos ídolos da Jovem Guarda, ele nas últimas décadas

fazia shows em cidades do interior. José Ricardo também foi o protetor das cantoras Linda e Dircinha Batista. Rainhas do rádio entre as **DÉCADAS DE 30** e **50**, elas caíram em depressão quando a carreira entrou em declínio. Em **1985**, o cantor precisou invadir o apartamento das irmãs. Encontrou Linda com feridas pelo corpo. Dircinha sofria de crises de histeria. E Odete a irmã mais velha, estava em depressão. José Ricardo providenciou a internação das irmãs em uma clínica para idosos no Rio de Janeiro. Três anos depois Linda morreu de embolia pulmonar. Em **1995**, Odete também faleceu. Pouco antes de morrer, José Ricardo fez uma visita a Dircinha. Agora, aos **76 ANOS**, ela está sozinha

SÉRGIO MURILO MOREIRA ROSA
(2 DE AGOSTO / 1941 – 19 DE FEVEREIRO / 1992)

Carioca, começa precocemente a carreira artística aos **8 ANOS**, como apresentador infantil da TV Rio. Poucos anos depois ganha prêmios como cantor em programas de rádio, participando do elenco do programa *TREM DA ALEGRIA*, da Rádio Tamoio. Em **1958** estreia no cinema, com o filme *ALEGRIA DE VIVER*, e no ano seguinte canta na Rádio Nacional. É contratado pela Columbia, que lança “Menino Triste” e “Mudou Muito”. Em seguida, graças a outros sucessos como "Broto Legal", "Rock De Morte" e "Marcianita" de Marcone & Alderete, dupla argentina vertida por Fernando César (regravada mais tarde por Caetano Veloso ao lado dos Mutantes e sucesso atual da novela das 7), surge o primeiro LP, *SÉRGIO MURILO*.

Em **1961**, lhe é concedido pela *REVISTA DO ROCK* (editada por Janet Adib), em dobradinha com a rainha de então, Celly Campello, a faixa e o cetro de Rei do Rock. Primeiro roqueiro brasileiro a mexer os quadris diante de uma câmera de tevê, Sérgio Murilo se orgulhava de ter sido um pioneiro do rock pauleira nacional, com a música "Lúcifer", que lhe valeu muitas críticas no seu lançamento no distante **1965**, ainda apresentaria o programa *ALÔ BROTOS* com Sônia Delfino na extinta TV Tupi.

Em **1978**, morando uns tempos no Peru, grava para o mercado latino-americano uma versão em ritmo de discoteca de "Eu Sou A Mosca" que pousou na sua sopa ("Una mosca en la sopa"), composição de Raul Seixas. Em **1989**, depois de onze anos sem gravar, ele lança dois discos que não fazem sucesso. Rei do rock uma coletânea de antigas canções, e Sérgio Murilo, com músicas inéditas. Nos seus últimos dias, o rei do rock da **TURMA DE 61**, ainda treinava a voz e trabalhava como advogado. Morreu de atrofia cerebral e insuficiência renal, no Rio de Janeiro aos **50 ANOS**.

Tony Campello, irmão de Celly, fuma hollywood

TONY CAMPELLO (O PAI DO ROCK NACIONAL INSPIRADO EM LITTLE RICHARD!)

Hélio Alencar, apresentador do programa *PARADA DE SUCESSOS*, da Rádio Nacional de São Paulo. Trocou o nome de Sérgio para Tony. Tudo planejado para serem lançados com se não fossem brasileiros. Nos estertores dos **ANOS 50**, Tony cantou “Boogie Do Bebê”, a estratégia deu ceroto: Tony e Celly rapidamente estavam na capa da *REVISTA DO RÁDIO*. Hoje. Num apartamento em São Paulo, Tony Campello guarda cerca de **500** discos de 78 rotações e **2.500** LPs. Há muito trabalhando como propdutor de discos, acredita que a Jovem Guarda só tenha sido útil para forçar o aparecimento de gente nova. E não se arrepende de ter caído fora do circuito logo no início: "Eu não era da corte do 'Rei'. Acho que nos cumprimentamos umas três vezes. Por timidez e falta de espírito de vassalagem, e também por não fazer média com a produção. Tony conta que de **1972-82**, passou maus bocados,

antes dos sucessos de cantores sertanejos, como Sérgio Reis, Leo Canhoto e Robertinho.

"Sou um rock'n'roller em potencial. Mas sou de Taubaté, cresci entre parquinhos e circos. Comecei a me interessar por música em **1955**, vim para São Paulo e gravei o primeiro disco com Celly. Posso dizer que, como cantor, chutei bola dentro, fora, de escanteio e fiz gol. Em **1970** acabaram as oportunidades em rádio, tevê e disco. Então a saída para mim foi apresentações em circo durante dois anos. Conheci o outro lado do Roquete Pinto, do Astros do disco. Posso sentir saudades daquela vida de cantor, mas não falta. Fui radical profissionalmente e estou satisfeito como produtor".

O rock brasileiro nasceu sob a influência do rock norte-americano dos **ANOS 50**, especialmente de suas formas mais simples, brancas e comerciais. Foi a época de ouro de Tony e Celly Campello, Demetrius (“Rock Do Saci”), Carlos Gonzaga (“Diana”) Sérgio Reis, o saudoso, Wilson Miranda; o alemão, George Freedman (“Adivinhão”), Sérgio Murilo, Baby Santiago (“Bata Baby”), Meire Pavão (“O Que Eu Faço Do Latim”)



rhythm & blues, também expressava a ironia e o sarcasmo. Havia ainda o r&b direto e safado, que expressava o sexo. Deste estilo, o rock'n'roll recebeu sua maior influência. Para encurtar a história: foi da mistura negra do rhythm & blues e branca da country & western que o rock'n'roll surgiu.

As palavras "rock" e "roll", não necessariamente em combinação, eram usadas nas letras de r&b com uma conotação sexual. No início dos anos 50, o disc-jóquei americano Alan Freed começou a usar o termo "rock'n'roll" à nova música que invadia as rádios dos EUA. Ele passou a utilizá-lo freqüentemente em sua programação e mais tarde adquiriu os direitos autorais sobre o termo.

Não apenas os compositores e intérpretes tiveram que se ajustar ao estilo que rapidamente dominava a música no Brasil. Músicos de estúdio com formação bem diversa — caso do aclamado Bolão, responsável pelo sax na banda que acompanhava Celly Campello — tiveram que se enquadrar na nova cena.

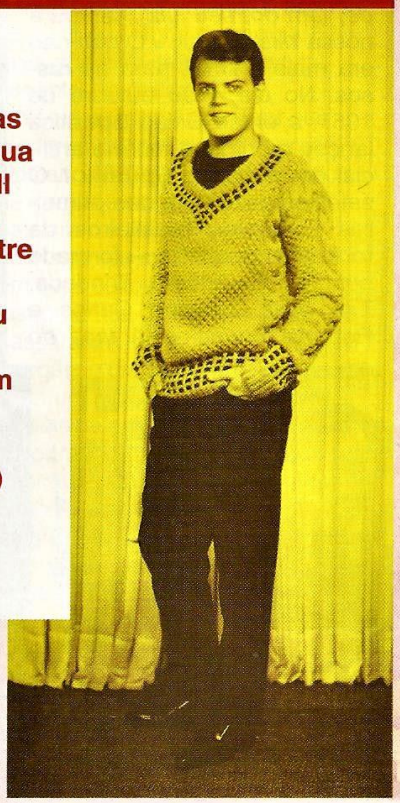
1951 d.C. **O maestro recebeu seu primeiro Troféu Roquete Pinto. Nos anos 50, sua orquestra foi a mais famosa nos bailes paulistas.**

Músicos de outros estilos caíram no rock

Bolão foi um dos que melhor se deram nessa adaptação, pulando de grandes orquestras para os bailes de rock. Nascido Isidoro Longano na cidade de São Paulo em 15 de março de 1925, o clarinetista, flautista e saxofonista Bolão estudou com Leonardo Mauro, João Dias Carrasqueira e Nelson Aires. Sua carreira profissional começou na orquestra de Fernando Arantes Brasil, em 1944. Em 1949 integrou a orquestra de Georges Henry na boate Excelsior e tocou na Rádio Tupi, ambas em São Paulo. De 1950 a 1953, foi membro do conjunto Robledo. Foi no primeiro ano com esse grupo que Bolão teve sua música registrada em disco pela primeira vez. Na ocasião, acompanharam o cantor Caco Velho em uma gravação da Continental. De 1954 a 1958, fez parte da orquestra de **Sílvio Mazzuca**, apresentando-se na Rádio Bandeirantes, em São Paulo, além de eventuais shows e bailes. Foi então que aos poucos partiu para o rock'n'roll. Em 1959 e 1960, Bolão tocou em vários cinemas do Estado de São Paulo junto com Osmar Milani. Ainda em 1960, ele formou Bolão e Seus Rockets, logo passando o nome para Bolão e Seu Conjunto de Rock e depois Bolão e Seu Conjunto, tocando em boates, bailes e eventos até 1963. Voltou então ao velho filão. De 1964 a 1968 tocou na orquestra de Pocho e de 1967 a 1974 também participou da orquestra da TV Tupi. De 1958 até 1975, Bolão sempre foi muito procurado por artistas nacionais e gringos para acompanhá-los em shows. Além de integrar a banda de Nelson Aires, ele também foi músico de estúdio.

TEM ALEMÃO NO ROCK

Ele nasceu na Alemanha, mas foi no Brasil que construiu sua carreira. Quando o rock'n'roll começou a incendiar o país, George Freedman estava entre os que colocavam lenha na fogueira. Em 1959, gravou seu primeiro disco e seu sucesso aumentou na Jovem Guarda. Foi parceiro de Waldirene, "*a garota papo firme que o Roberto* (Carlos) *falou*", e depois preferiu se dedicar mais ao trabalho de compositor.



e muitos outros cantores e conjuntos, quase todos já caídos no esquecimento do público. Eles introduziram o gênero no mercado mas, infelizmente em versos sem muita criatividade. A essa altura, o próprio rock americano decaíra, dando lugar a uma enxurrada de modas passageiras – twist, hully-gully, surf – ação publicitária dos maiorais das gravadoras e seus badfingers. Desde os **ANOS 60** suas versões em português eram ingênuas paródias do highschool-rock e os "primeiros grandes astros" do rock estrangeiro a visitar o país foram The Platters, Brenda Lee, Paul Anka, Johnny Restivo, Bobby Ridell, Fabina e Frank Avalon, todos trazidos pela TV Record. Em **1967**, acontece a incendiária visita dos comportados Herman's Hermits que abalam o sudeste e o sul do país. **NA DÉCADA DE 70**, "avistaram" a chegada de todos os grandes grupos desta década até Led Zeppelin (cujo empresário Peter Grant esteve entre nós). **NOS ANOS 80**, o acontecimeno do *ROCK IN RIO* o maior festival do gênero no mundo, serviu para aguçar a memória e a conscientização de que para fazer rock tem que estar no mesmo pé ou som de palco de igualdade.

GRAVARAM PELO SELO YOUNG DA FERMATA

Regianni, (era uma Filha de Maria num convento de freiras quando recebeu um convite de Miguel Vaccaro Neto para fazer um teste no selo); Demetrius, Nick Savoia, (por ter passado alguns anos nos Estados Unidos chegou a esnobar Miguel Vaccaro Neto, quando este lhe pediu para fazer um teste no selo); Hamilton di Giorgio, The Rebels, The Avalons, Dori Edson, The Beverlys e Antonio Cláudio (que mais tarde gravaria como Danny Dallas).

– Foi uma audácia inimaginável, sair do colégio para gravar um rock and roll! (Reggianni).

A preservação da memória do rock nacional

Foi executada, ainda no início de **1985**, com a captura de depoimentos dos pioneiros do ritmo, conduzidos por Carlos Alberto Pavão Neto para o Museu da Imagem e do Som. Pavão Neto ainda atuaria em outras mídias, recuperando matrizes como é o caso do LP Censurar ninguém se atreve.

DOIS ANOS DEPOIS, EM JULHO DE 1987, Paulo Cesar de Azevedo e Vladimir Sacchetta, com apoio da Basf, lançaria um cassete de **55** minutos, numa antologia sonora com vários depoimentos e músicas recortadas (trechos) ainda acompanharia esta edição um livreto com ilustrações do desenhista Angeli, com personagens da revista Chiclete com Banana.

HISTÓRIA DO ROCK DA POMPEIA (PARTE 03)

THE REBELS (1958)

Antes de seguir a lista dos amigos e colegas da música que estou aqui homenageando e que me acompanharam nestes últimos 40 anos...

POR UMA QUESTÃO DE ORDEM CRONOLÓGICA: abaixo foto rara (*ABZ DO ROCK BRASILEIRO* de Marcelo Dolabela – Ed. Estrela do Sul) de **1958** The Rebels uma das primeiras bandas do rock nacional fundada no bairro da Pompéia em São Paulo a Liverpool do Brasil, na mesma época em que surgia num outro bairro paulistano Os Jordans (do guitarrista Alladin) que já na década de **1960** atravessaram o oceano atlântico e foram homenageados pelos Beatles...

(**HISTÓRIA DO ROCK, · 29 DE DEZEMBRO DE 2013**)



Rebels. 1959. Little Boy Nenê/Prini Lorez com baquetas

THE REBELS ou OS REBELDES - Grupo (pré-) Jovem Guarda. **Primeira formação:** Romeu (guitarra-solo), José Carlos (baixo), Zezinho (guitarra-base) e Nenê (bateria); **segunda formação:** Nenê (baixo) + Zé Carlos + Constantino (guitarra) e Nino (bateria).

Discografia - ?, Ding Dong Dadd Wants To Rock (s/g, 1959); **LP,** Rebels (s/g, s/d); **LP,** Rebels (s/g, s/d); **LP,** Rebels (s/g, s/d).

destinos com o Rock. No anos 80, direcionou seu trabalho para o Heavy Metal.

Discografia - **LP,** Satwa (com Laílson e Lula Cortez, Independente, 1973); **LP,** Jardim De Infância (CBS, s/d); **LP,** Robertinho No Passo (CBS, 1978); **LP,** Loucos Swingues Tropicais (CBS, s/d); **LP,** Satisfação (Polygram, 1981); **LP,** Robertinho de Recife E Emilinha (Polygram, 1982); **LP,** Ah, Robertinho Do Mundo (WEA, 1983); **LP,** Heavy Metal (WEA, 1984).



O LARGO DOS JET BLACK'S

Retornando ao estilo que os consagrou em todo o Brasil, os rapazes do conjunto Jet Black's acabam de lançar novo compacto simples, através da etiqueta Chantecler. As musicas escolhidas foram **Largo** e **Saiba Esperar**, de Hamilton Di Giorgio. Na foto, o Alemão, da guitarra-base, também conhecido por seus parentes como Robert Janis Kategvics. Ele será muito cumprimentado depois de amanhã, ao completar vinte e um anos de idade, sem tirar o cabelo dos olhos.

*Alemão no jornal Notícias Populares, de 24 DE JANEIRO / **1968**.*

"E adivinhem quem emprestou uma guitarra pro Alemão tocar nos Jet Black's? Eu!
"Ele apareceu na minha casa no Sumaré desesperado, emprestei uma Sonic Giannini vermelhinha. Essa Guitar ficou famosa, apareceu na TV, jornais e tal. Eu conhecia o Roberto de uma banda chamada Dangers, eles tocavam na rua Augusta, acho que no Alcides, ou próximo. Toquei algumas vezes, era uma excelente banda. Alemão, Bruno, Osny e outro Roberto(?).
"Eu sou do tempo dos Jets mesmo, o nosso baixista (Jean Pierre) tomava aulas com o Zé Paulo. De vez em quando eles nos emprestavam alguns instrumentos, no 'início do começo'! rsrs" (**LUIZ ANTONIO, 27 DE FEVEREIRO / 2016**)

Luiz Antônio Silveira fez parte das Bandas:

Les Strangers (**1963/65**)
Luizinho (eu), Miro, Jean Pierre, Serginho
BlackStones (**1965/67**)
Luizinho, Neni, Moacyr e Miro
Os Bomzos (1**967/70**)
Luizinho, Miro, Durval, Antônio Luiz, e Lineu

Até hoje eles se encontram em Jams.

Para ver o comentário original e deixar um comentário para o Luiz Antonio, acessem este link: https://luciazanetti.wordpress.com/2012/07/09/os–freedmans/
(**THE JET BLACK'S,· 27 DE FEVEREIRO DE 2016**)

O ÚLTIMO LP GRAVADO PELA BANDA THE JORDANS

Luciazanetti.woedpress.com

7 DE DEZEMBRO DE 2019

“The Jordans foi um grupo lançado por mim em **1960** na Som Copacabana com o LP *A VIDA SORRI ASSIM*, uma banda instrumental que fez muito sucesso principalmente com Blue Star e Tema de Lara.

“Seus componentes eram Aladim, Sinval, Tony, Foguinho, Mingo, Neno, Manito, Ziquito, José Aroldo Binda, Marco Aurélio Rocha, Porquinho.

“Em **1967** Aladim resolveu deixar o grupo e formar sua própria banda que se chamou Aladim Band e gravou dois LPs.

“Ainda em **1967**, os integrantes dos Jordans foram para a Europa e ocasionalmente tiveram a oportunidade de conhecer alguns componentes dos Beatles, o maior sonho de qualquer brasileiro, e The Jordans tiveram esse privilegio.

“Em **1976** acabou a banda The Jordans, cada um foi para seu lugar.

“The Jordans foi considerada uma das melhores bandas instrumentais dos **ANOS 60**, e deixava de existir.

“Foguinho, o baterista, era também cantor, mas nunca teve destaque como tal.

“Sinval também cantava, mas ninguém sabia disso. Uma pena tantos valores fora da mídia! Foguinho gravou as músicas ‘What Does It Take To Win Your Love’, ‘Yesterday When I Was Young’ e ‘Make Me Smile’.” **(ANTONIO AGUILLAR)**

MAKE ME SMILE

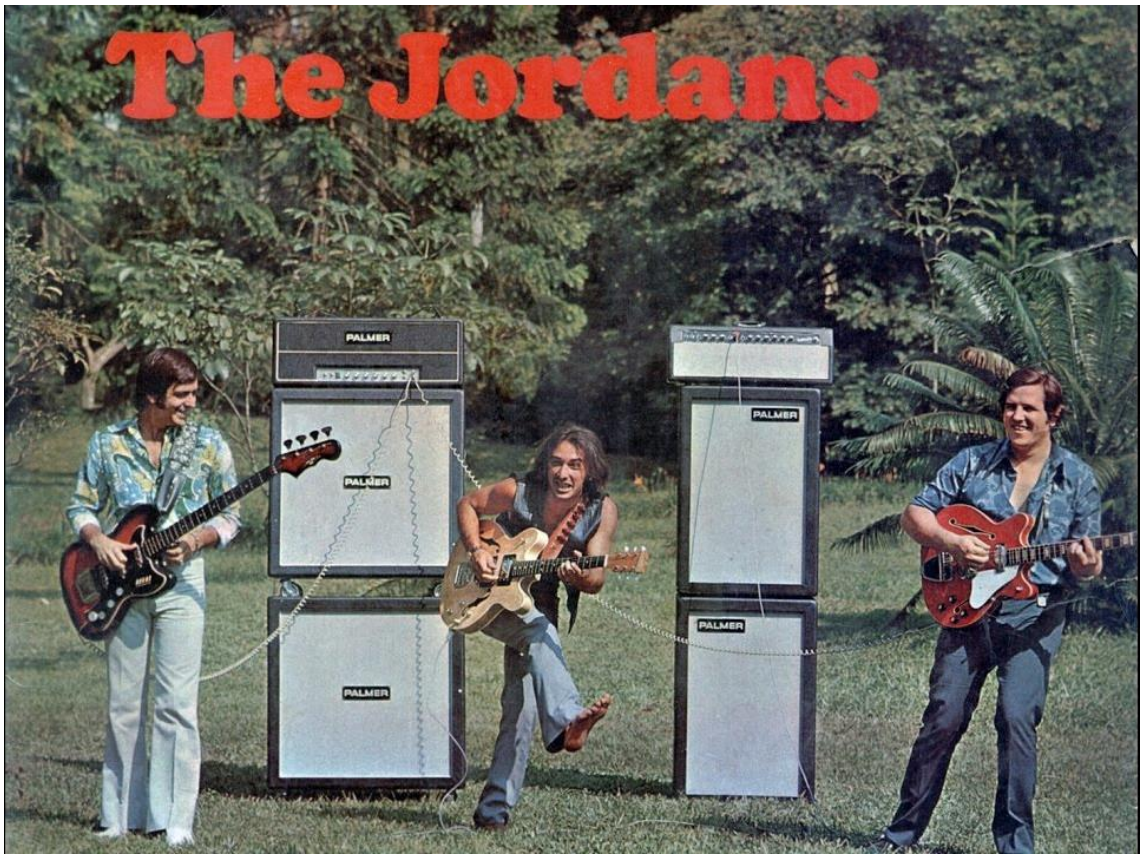
“Esta gravação muito bem vocalizada pelo Foguinho faz parte do LP *THE JORDANS* de **1971**, que foi o último gravado pela banda! Nele tem uma música autoral minha chamada ‘No Balanço Do Tempo’ e também gravei cantando a música ‘School Girl’, entre outras. Neste LP o nosso amigo guitarrista José Aroldo Binda gravou 50% do disco e esta música foi gravada com a participação dele na guitarra. Quando Aroldo foi para os Incríveis, a convite do Foguinho, eu que estava no The Jet Black’s numa formação nova onde éramos eu, Ary (The Bells) e Fominha (Os Iguais), retornei ao conjunto The Jordans e gravei como guitarrista no restante do LP. A capa do disco já estava pronta e constam as fotos de Foguinho, Toni, Sinval, Everaldo (pistom), o Neno que já havia saído do conjunto, Irupe e José Aroldo; o Aladim já havia saído há muito tempo para formar a Alladim Band; ele pegou os músicos do The Flyers, do qual eu fazia parte, entretanto estamos falando de épocas distintas.

“Eu saí dos Flyers em **1967** e em **JANEIRO DE 1968** entrei nos Jordans, no lugar do Aladim, e depois com os Jordans gravei **5** LPS, tendo sido este de **1971** o último, portanto 4 anos após a saída do Aladim.”

(**POR MARCO AURÉLIO CARVALHO ROCHA, O MARQUINHO)**


THE
JORDANS


EDIÇÃO EXTRA
1967
THE JORDANS
MIDNIGHT IN MOSCOW
BUS STOP
SUNNY
NAMORADINHA DE UM AMIGO MEU
SEE YOU IN SEPTEMBER
VEM QUENTE QUE EU ESTOU FERVENDO
BLACK IS BLACK
LAST TRAIN TO CLARKSVILLE
BORN FREE
WINCHESTER CATHEDRAL
BEAT GIRL
QUANDO DICO CHE TI AMO

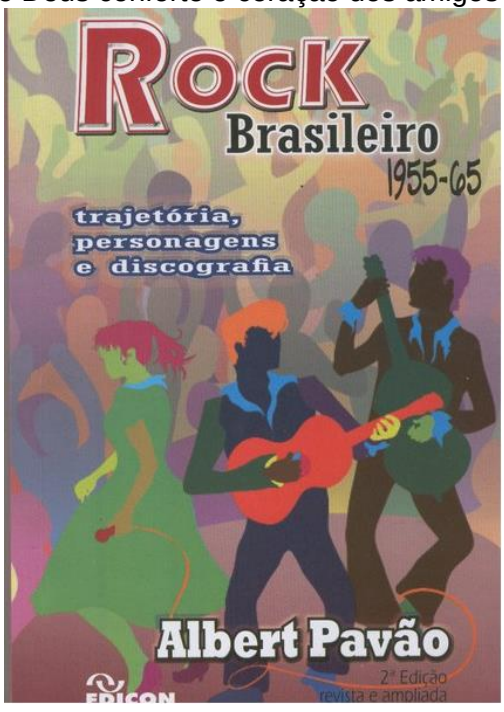

The Jordans
PALMER
PALMER
PALMER
PALMER
PALMER



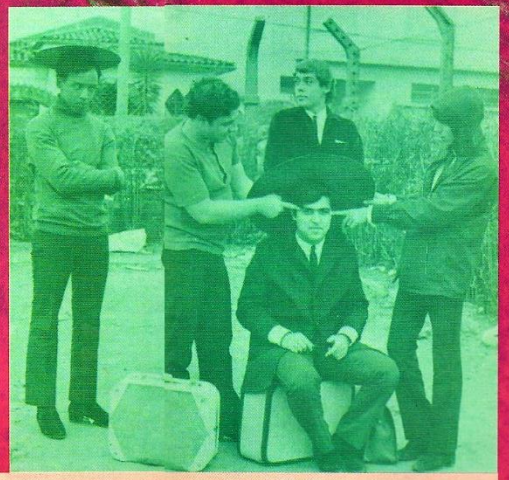
“Antes de ontem Aladdin Mantovani o guitarrista da banda The Jordans me ligou para falar que Olympio Sinval Drago, o Sinval guitarra base de sua banda, estava muito mal e que estava internado com infecções generalizada. Hoje soube que ele não resistiu e veio a óbito ontem. The Jordans é a banda instrumental mais longeva do Brasil e esteve atuante ainda com a formação original desde **1958**. A banda gravou (se não me engano) 27 álbuns e mais de uma centena de discos acompanhando artistas de toda a Jovem Guarda, eles trabalhavam comigo desde 2012 quando os coloquei para tocar na Virada cultural daquele ano no Palco Baratos Afins. Nosso último show, foi o do projeto *SEGUE O BAILE*, no Sesc Pompéia, nesse período nem eu, nem ninguém da banda sabia que Sinval já estava mal, e por isso a organização teve que improvisar uma rampa para ele subir ao palco em uma cadeira de rodas, mesmo assim contagiou toda a plateia. Descanse em paz meu amigo! que Deus conforte o coração dos amigos e de seus familiares.”
(**LUIZ CALANCA,18 DE JUNHO / 2020**)

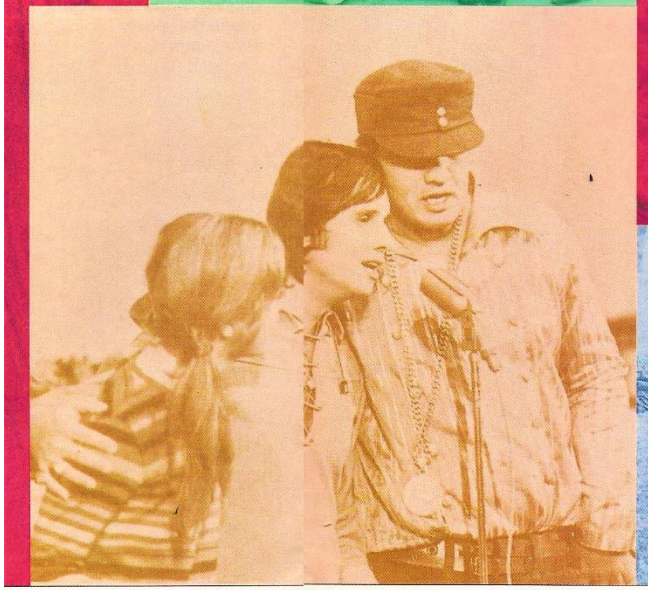
“Grande Jordans, pioneiros, honra e gratidão Sinval.” (**ROLANDO CASTELLO JUNIOR**)

INDICAÇÃO DE LEITURA: *ROCK BRASILEIRO **1955** – 65, DE ALBERT PAVÃO*.

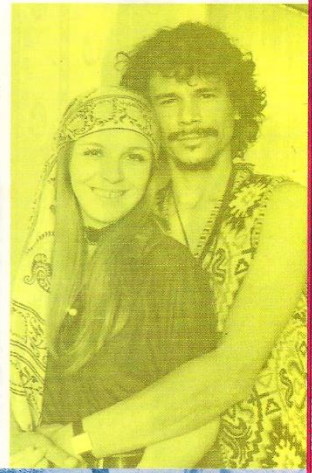


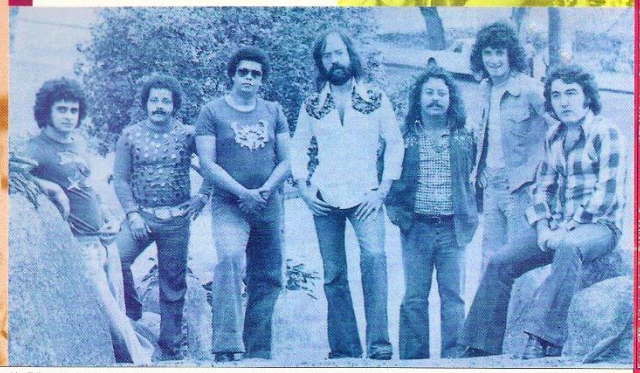
No próximo fascículo é tempo de arrombar a festa, "morou"?





No próximo fascículo, Pop Rock vai mostrar o início da Jovem Guarda, o movimento que nos anos 60 competiu com a Bossa Nova o posto de música pop oficial do Brasil. Vamos acompanhar a ascenção das carreiras de Erasmo e Roberto Carlos e apresentar toda a turma que surgiu com eles: Ronnie Cord, Wanderléia, Eduardo Araújo e Silvinha, além dos conjuntos The Jordans, The Clevers, Renato & seus Blue Caps, Os Incríveis. E vai mais longe. Vamos mostrar outros artistas que seguiram a linha que eles tinham iniciado, caso de Leno e Lilian, Vanusa, Antônio Marcos, Os Vips, Os Brasões e The Pops. Mas o fascículo não fica só com o calhambeque, o Tremendão e a Ternurinha. As bandas que continuaram a tradição de cantar em inglês e que não se adaptaram muito bem ao estilo da Jovem Guarda também terão sua vez no próximo número da série. E é claro que não deixaremos de mostrar onde todo esse povo aparecia. Havia a *Festa do Bolinha*, programa gravado no Rio de Janeiro, que colocava no ar todo o povo do iê-iê-iê. Mas também existia outros programas. Assim como outras publicações, como a revista *Reis do Iê-Iê-Iê*, que substituiu a *Revista do Rock*, praticamente a bíblia do rock'n'roll no Brasil da década de 50. Pode ir se preparando porque o próximo fascículo desta série vai ser uma verdadeira Festa de Arromba.





Fotos: Diff, Alberto Arruda, GAMMA, Fernando Lemos/STRANA, Jean Solari, Edward Otho/SIPA PRESS, Kleut Kobeyashi, Paulo Jabes, arquivoFGV, Columbia Pictures, Alloy Taveres, Paulo Salomão, Chico Nelson, Gervásio Guimarães, Cynira Arruda, J. Pereira da Silva, Autoriana, London Features, Fiki, Shila.

P 04571- 011 São Paulo, SP, Brasil, tel. (011) 5505-3755, fax (011) 5505-2815
asco, 132, Osasco, SP, tel. (011) 868-3000. Impresso na Divisão Gráfica d

Diretor-superintendente: José Andrés Soto. **Diretor comercial:** Oswaldo de Almeida. **Editores executivos:** Andrés Bruzzone, Cynthia de Almeida, Félix Fassone e Sergio Zalis. **Edição:** Cláudia Boechat. **Pesquisa e textos:** José Júlio
Editora Abril S.A., São Paulo, Brasil, março de 1997. Todos os direitos reservados pelo editor. **CARAS** é editada sob licença de Editorial Perfil S.A. da Argentina em associação com Editora Abril S.A. do Brasil.



JOVENS TARDES DE DOMINGO (MÁRIO PAZCHECO)

Depois dos anos de ouro da infância do rock'n'roll, preconizados por Bo Didley, Little Richard, Fats Domino, Buddy Holly, Gene Vicent, Elvis Presley e outros. A cena entrou em decadência e o rock estava fadado ao esquecimento na América, mas do outro lado do Atlântico nas boates esfumaçadas de Hamburgo, na Alemanha, e em Liverpool, na Inglaterra, o espírito primitivo e básico do rock'n'roll era preservado e continuava vivo, onde os Beatles ainda apresentavam-se na véspera de sua explosão pela Europa.

O lançamento dos Beatles no Brasil ocorreu em janeiro de **1964**, com o compacto "Please Please Me" / "From Me To You", mas foi com o segundo compacto de março, contendo "I Wanna Hold Your Hand" / "She Loves You" que seria instalada a febre beatlemaníaca, onde os adolescentes absorviam o novo padrão comportamental imposto pela sofisticada máquina publicitária do Império Britânico, atrás das inocentes canções de Lennon & McCartney.

"Mas foi com os Beatles que aprendi a cantar. Quando eu ouvi nem acreditei. Era 'She Loves You', 'I Wanna Hold Your Hand'. Cortei franjinha igual a eles no mesmo dia. Os Beatles foram meu desbunde musical. Eles me mostraram as harmonizações da música e suas cores" – (**RELEMBRA SÉRGIO DIAS**)

No Brasil, e em outros países, o rock foi provisoriamente batizado de iê-iê-iê, onomatopéico, inspirado no refrão das primeiras canções dos Beatles, uma manobra de marketing que assegurava o consumo e a não associação das canções dos Beatles com o rock, que sugeria rebeldia e contestação, os Rolling Stones não eram iê-iê-iê

mas sim rock, mais de acordo com a imagem criada para eles na competição de vendas com os Beatles.



"Eu já me vestia como americano e queria ser americano e, nesse dia, toquei gaita, ela ouviu e disse para o Raphael Vilardi que tinha gostado". Arnaldo recorda a primeira vez que viu Rita Lee, no Hospital Samaritano.

E foi no Teatro João Caetano, na Vila Mariana, numa festa de formatura que Arnaldo Baptista, então contrabaixista ao lado de Raphael Vilardi, nos Wooden Faces (Os Caras–de–Pau) e Rita Lee, crooner das Teenager Singers, se encontrariam novamente.

O show teatral, onde Arnaldo Baptista assistiu a Rita Lee, era comandando por Miguel Vaccaro Neto que fazia na rádio, o programa Crush em Hi-Fi.

As Teenager Singers que antes só cantavam música folclórica americana foram descobertas por Tony Campello – irmão de Cely – que chamava as garotas para fazerem os vocais de apoio nos discos de 78 rpm dos Jet Blacks, Demetrius e Prini Lorez (José Gagliari Jr.).

Eram todas muito loiras como Rita Lee, e por isso os amigos apelidaram o conjunto de “rataria branquela”. Duas delas, uma inglesa e outra suíça, voltaram aos seus países um ano depois. Rita Lee ficou sem o conjunto: restara apenas sua colega paulista Sueli.

Rita Lee, então baterista das Teenager, dona de uma bateria Caramuru só com caixa, bumbo e prato, presente de formatura que, apesar da qualidade, ela nem ligava, fazendo cara de tudo bem, continuava marcando as suaves vocalizações do grupo.

Segundo Rita Lee, os ricos e sofisticados instrumentos eram frutos do trabalho de Arnaldo Baptista, na época secretário do governador de São Paulo. Mas na verdade muitos dos instrumentos eram emprestados, assim como o amplificador que Arnaldo Baptista descolava dos colegas do Made in Brazil em troca das letras de músicas em inglês que ele tirava para o grupo.

Nesse encontro, no João Caetano, as meninas cantaram “Do You Want To Know A Secret” e Rita Lee cantaria com os meninos do Wooden Faces; “Twist And Shout”.

Os Wooden Faces apenas tocavam, mais preocupados com o embalo instrumental, daí a necessidade de uma boa aparelhagem enquanto que as meninas do colégio feminino apenas cantavam “muito bem por sinal”.

Os Wooden Faces era um conjunto organizado por Raphael durante a transição do rock’n’roll para o twist, formado por ele na guitarra solo, Arnaldo Baptista, no contrabaixo, e mais dois amigos: Tobé, na guitarra base, e Robertinho, na bateria. Havia ainda um pianista, Sérgio Orlando, que tocava de vez em quando, com mania de Bossa nova e jazz. Os outros músicos não gostavam: passavam qualquer “Garota

De Ipanema" ou "O Barquinho" para o twist, às vezes em pleno baile, depois de rigorosos ensaios. Nesses bailes, tocavam por **NCr$ 30**, mas o difícil era receber. Eles não ligavam para o pagamento: queriam era treinar e aparecer. Imitavam os americanos The Ventures, Arnaldo Baptista queria ser um Elvis Presley: passava brilhantina no cabelo, ajeitava o topete. Só que não podia cantar. Naquela época, no mundo inteiro, os conjuntos apenas tocavam. (...)

Quando os Beatles iniciaram a nova moda, cantando além de tocar, Arnaldo Baptista quis cantar "If I Fell" de Lennon & McCartney, mas criou uma crise interna no conjunto, já que uma ala desejava continuar apenas tocando. Após três anos de vida, morriam os Wooden Faces. (...)

Arnaldo Baptista, Raphael Vilardi e Sérgio Dias – que aprendera a tocar guitarra olhando os outros – tinham formado um trio de twist, Os Flashs, meses depois da extinção dos Wooden Faces. Era um conjunto provisório, que eles pretendiam ampliar.

Há um profundo interesse em discutir a atual crise brasileira e ver sua perspectiva histórica. O movimento militar de **1964** chegou ao fim após ter concluído o seu longo ciclo, que começou a ser preparado antes do golpe militar. João Goulart era inaceitável para os golpistas desde **1954**, quando dezenas de coronéis assinaram manifesto exigindo de Getúlio Vargas o seu afastamento do Ministério do Trabalho, acusando-o de conluio com os sindicatos dos trabalhadores, de ligações com Perón e de tentar criar bases para uma República Socialista. Depois de derrotas das forças mais conservadoras vinham declinando progressivamente desde **1945** e havia uma tendência "esquerdista-trabalhista" no eleitorado. A direita mais conservadora estava em vias de nova derrota nas eleições presidenciais previstas para **1965** e nas da Câmara e Senado marcadas para o anão seguinte. O golpe, que instituiu a nomeação dos presidentes por via de um Colégio Eleitoral controlado pelos militares, foi a forma de desmantelar aquela sucessão. Ao mesmo tempo desmontou um regime político: o do período democrático-liberal que vigorou desde a deposição de Vargas em **1945** e se caracterizou por um significativo grau de liberdades políticas.

No dia **1.º DE MAIO DE 1964**, quando eram esperados protestos, o governo impôs a realização de clássicos regionais para desviar o foco da política para o futebol. A ditadura militar de **MARÇO DE 1964** cria uma agenda de amistosos "biônicos" país afora.

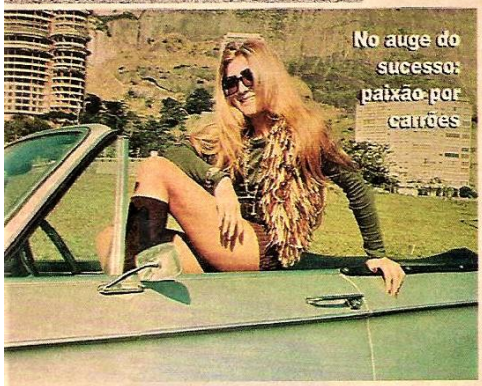
EM 11 DE DEZEMBRO DE 1964, um show musical e teatral de Oduvaldo Vianna, Armando Costa e Paulo Ponte no Teatro Opinião, assinalaria a primeira voz abertamente discordante à ditadura militar que se instaurara através dos versos que marcaram época – podem me prender / podem me bater / que eu não mudo de opinião.

EM AGOSTO DE 1965, as transmissões de futebol aos domingos pelas tevês são proibidas, para aumentarem as rendas do campeonato. E para não perder a audiência das tardes de domingo a TV Record planeja um programa musical jovem.

Ricardo Amaral, que então assinava a coluna Gente Nova, no jornal *ÚLTIMA HORA* de Samuel Wainer, em São Paulo, um dia encontrou Tavares de Miranda, que lhe disse: – Sua coluna é boa, mas o nome não. Por que você, não põe Jovem Guarda? Ricardo Amaral topou na hora e Tavares de Miranda, na Folha de S. Paulo, anunciava a mudança do nome. Colou. Tempos depois chegou Marcelo Leopoldo e Silva para falar com Ricardo Amaral.



Com Roberto Carlos nas filmagens de *O Diamante Cor-de-Rosa*

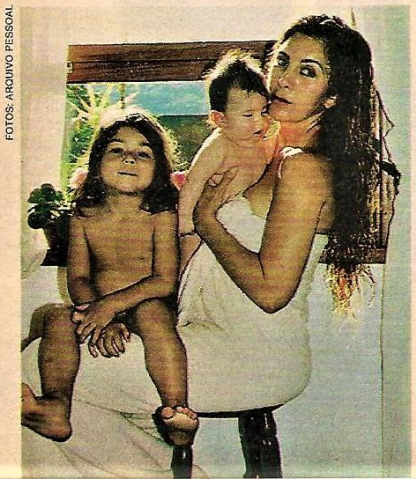


No auge do sucesso: paixão por carrões



Numa apresentação com o amigo Erasmo Carlos, em 1970

Com as filhas, Yasmin e Jade, quando bebês: mãe dedicada



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

– Olha! disse ele – tem um grupo de garotos cariocas que está aí querendo fazer uma música nova e um programa de televisão. Você se incomodaria em ceder o nome Jovem Guarda?

Lógico que Ricardo Amaral cedeu, pois era uma promoção para a sua coluna. Os "garotos cariocas" eram Roberto e Erasmo Carlos, mais a bela Wanderléa e outros.

S. Paulo. Canal 7. O reinado da Jovem Guarda estreia a **22 DE AGOSTO DE 1965**, tendo como apresentador um jovem cantor de 22 anos, que até aquele momento tinha colocado algumas músicas nas paradas. O programa era gravado ao vivo domingos à tarde em vídeo-fita e as outras capitais do país podiam vê-los na semana seguinte à gravação. O quadro que fazia sucesso era o de perguntas feitas por uma telespectadora escondida, dona e belíssima voz, à qual Roberto Carlos respondia com inteligência e simpatia. Acho que até hoje vigora esse padrão nos programas do rei.

Roberto Carlos com ar de bom moço e com a parceria do "tremendão" Erasmo Carlos e a adesão de Wanderléa, Rosemary, Eduardo Araújo, Wanderley Cardoso, Os Incríveis, Tony Campello, Martinha, Ronnie Cord, The Jet Blacks, Erasmo Carlos e Prini Lorez se transformariam em ídolos da noite para o dia e mudariam o comportamento jovem de norte a sul no Brasil. Onde o quente eram as gírias tais como: "legal, barra limpa, é uma brasa mora, bidu".

Com a palavra o rei: "Bicho não tínhamos a intenção de influenciar. E é besteira dizer que fomos forjados, porque participávamos da bolação do programa, nossas opiniões eram respeitadas e a gente gostava da nossa imagem. Eu era igual, dentro e fora da tevê". (**ROBERTO CARLOS**).

O maestro Rogério Duprat acha que a maior contribuição da Jovem Guarda não foi musical. "Em termos musicais, aquilo me dizia pouco, porque era uma retomada de experiências já vividas. Mas o mais importante é que hoje em dia todos nós podemos andar cabeludos pelas ruas".

A opinião do maestro Rogério Duprat, correspondente a não adição de nada musical: como contribuição, correspondente à verdade na pauta musical escrita. Porém distante da realidade quanto ao som, que passou a ser eletrônico através dos amplificadores e os seus alto-falantes. (**ARNALDO BAPTISTA**).

Para formar um conjunto bastavam quatro ou cinco garotos que copiavam os poucos, atrasados e mal prensados discos que eram lançados no pobre mercado nacional. Depois conseguia-se guitarra, baixo, bateria e um amigo com uma Kombi, nascia um dos milhares de grupos que invadiram o Brasil. Difícil mesmo era arrumar um baile para apresentar-se, formava-se o embrião do rock brasileiro. Glória suprema era aparecer na tevê, uma coisa invejada pelos outros grupos que não conseguiam tal proeza.

Iê-iê-iê no Brasil era sinônimo de Golden Boys e Trio Esperança indo em direção da soul music, Os Carecas, Os Vips, Deny e Dino, e outros que eram cópias pálidas e esmaecidas dos sucessos da época e tome: Os Truístes, Dragões, Corsários Negros, Gold Fingers, Anjos Azuis, Os Barbatanas, The Jungle Cats, Os Barranqueiros, The Fabulous, e até Flocos de Neve. A maioria deles apresentou-se no *I ENCONTRO NACIONAL DA JOVEM GUARDA*, em **1966**. Os vencedores forma The Beatcousins, sósias dos Beatles e os Louphas – almas-gêmeas dos Stones.

Mas em **JULHO DE 1967**, a maioria desses grupinhos dançaram e desapareceram de cena sem deixar vestígios com o lançamento pelos Beatles de seu marco musical o LP *SGT. PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND* onde os ingleses complicavam os arranjos e harmonias, aperfeiçoando os truques e as técnicas de estúdio, unindo o clássico ao rock para gerar o rock progressivo, sem a fácil inspiração beatlemaníaca, a Jovem Guarda declinou e em janeiro de **1968**, iria ao ar o último programa da série. Sobreviveram apenas Renato e seus Blue Caps, Os Incríveis e Os Fevers, considerados como super grupos na época e posteriormente apresentando-se fora do Continente. E da vontade de fazer uma coisa que não fosse "quadrada" como o iê-iê-iê e menos elitizada que a Bossa nova, nem canção de protesto, uma coisa diferente e irrequieta surgia a Tropicália com suas modernidades e antropofagias.



Wanderléa – Wanderléa Salim nasceu no dia **5 DE JUNHO DE 1946**, em Governador Valadares (MG), onde, ainda pequena, começou carreira cantando em programas de rádio. Quando veio com a família morar no Rio de Janeiro, conseguiu um lugar no

programa infantil "Vovô Odilon", da Rádio Mayrink Veiga e no "Clube Guri". Daí foi tentar a televisão no Clube do Guri e na Mais bela voz infantil, da TV Rio, onde conseguiu derrotar todas as outras concorrentes. Essa vitória lhe valeu um contrato na gravadora Columbia (depois CBS) e um disco: um 78 rotações, com as músicas Meu anjo da guarda e Tell me how long. É nessa gravadora que ela conhece Roberto Carlos, Erasmo, Rosemary e os Golden Boys. Com esse grupo, viaja por todo o Brasil, fazendo shows, até gravar seu segundo 78 rotações (Quero amar e Ao nascer do sol) e um LP, "Wanderléa". Com seus discos entrando nas paradas de sucesso, ela é lançada pela gravadora, junto com Roberto Carlos, no programa Jovem Guarda, da TV Record (São Paulo), onde se firmou definitivamente como Ternurinha. E o grande estouro veio com Tempo do amor e Ternura. O programa se transformou num sucesso incrível e durou cinco anos. Mas o amadurecimento artístico de Wanderléa fez com que ela se afastasse por uns tempos da tevê e dos discos, para buscar uma nova linha de atuação. Em **1972**, aconselhada pelo noivo José Renato (filho do saudoso Chacrinha), ela abandona a imagem de Ternurinha e aparece como uma artista completa e sofisticada no show *WANDERLÉA MARAVILHOSA*, apresentado no Teatro Teresa Raquel (Rio), com grande sucesso. (**FONTE REVISTA POP – 1973**).

Wanderléa, passou alguns anos longe do público em **1988**, lançou um disco solo, mas pode ser ouvida em participações de discos de Egberto Gismonti e Raul Seixas. Participa de programas de auditório e faz shows pelo país...

WANDECA MEIA NOITE E MEIA. **JANEIRO DE 1993**. O ator Renato Kramer se traveste de Wanderléa e assume o comando do programa Jovem Guarda enquanto Roberto não chega. Ela/ele faz entrevistas, recebe convidados e dá conselhos.

Atualmente Wandeca vive há mais de **DUAS DÉCADAS** com o produtor musical Lalo Califórnia, lançou o CD *O AMOR SOBREVIVERÁ* que é um projeto assistente social para crianças. Ela está acabando de escrever o livro *SOLTANDO LAÇOS E RESGATANDO TRAÇOS*.

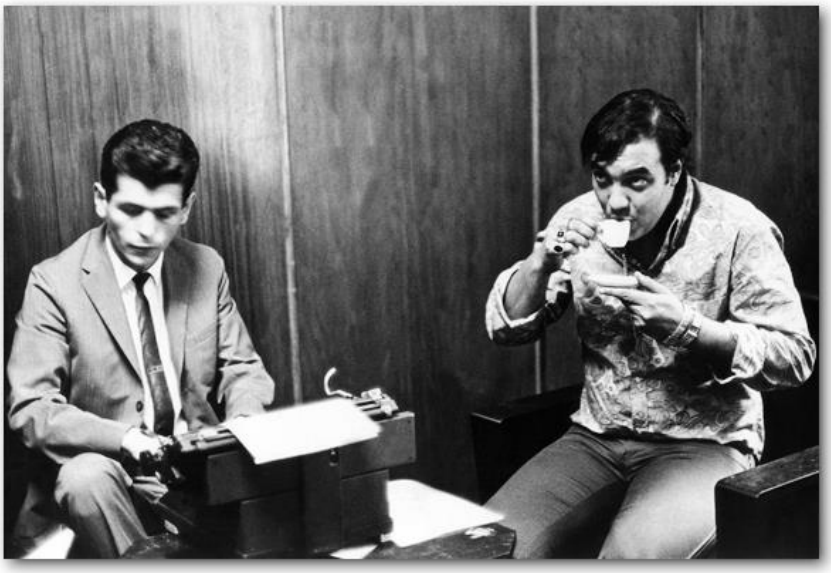


QUASE MATARAM O ERASMO

As môças acham que êle é o bom, os rapazes têm ciumes

FUROS NO CARRO DO CANTOR — Na madrugada de domingo, foram disparados quatro tiros contra o automovel 32-32-22, guiado pelo cantor Erasmo Carlos, na rodovia Raposo Tavares. O cantor voltava de Sorocaba, onde, num clube local, participara de um "show". A' saida, fôra interpelado por um jovem, conhecido apenas por Paulo, ao qual acabou por agredir. Houve intervenção da Policia e o cantor foi escoltado até a Raposo Tavares. Quando se dava o regresso a esta Capital, o carro foi "fechado" por uma camioneta, de onde partiram os tiros. Na manhã de domingo, o cantor apresentou queixa na Central de Policia.

Briga, disparos e uma perseguição pela estrada marcaram show do ídolo em Sorocaba em **1967**



1967

17 JANEIRO

ERASMO CARLOS: SOCOS, TIROS E CAFÉ NA DELEGACIA
LIZ BATISTA

6 DE OUTUBRO / 2015 – Um esquentadinho provoca Erasmo Carlos durante um show num clube de cidade do interior. O cantor reage e enfia uns sopapos no camarada. Mas, antes que o agressor e sua turma possam partir para cima do "Tremendão", a polícia intervém. Mesmo assim os rapazes querem revidar e saem em perseguição a Erasmo pela estrada atirando contra seu carro. O Karmann–Ghia vermelho de Erasmo é alvejado por seis tiros, mas ele sai ileso.

Não, não é o roteiro de algum filme da Jovem Guarda, ao estilo de Roberto Carlos em *RITMO DE AVENTURA* (**1968**) – na fita o rei é perseguido por bandidos internacionais. A situação foi real e quase acaba mal para Erasmo, que passou a manhã na Central de Polícia prestando queixa contra seus perseguidores, como mostra a foto de **16 DE JANEIRO DE 1967** publicada no Jornal da Tarde.

Show e briga. A apresentação no Clube Recreativo Sorocabense de **15 DE JANEIRO DE 1967**, na cidade de Sorocaba, seria igual a tantos outros shows shows do Conjunto Tremendão, composto por Erasmo Carlos, Raul Alberto Monteiro de Barros e Regis Monteiro Moreira, não fosse o acalorado desenrolar da briga com os rapazes locais.

O acontecido virou notícia. A matéria do Estado de **17 DE JANEIRO DE 1967** contava como uma caminhonete havia "fechado" o carro do cantor na estrada e começado a atirar contra ele. A matéria do Jornal da Tarde trazia algumas declarações de Erasmo, que relatava como os rapazes da cidade haviam provocado a banda com xingamentos durante a apresentação, e como o clima havia esquentado após ele retribuir a provocação cantando a canção Lobo Mau. "Nessas horas, as meninas dão força pra gente, gritam muito, e os rapazes então ficam enciumados. Ainda mais que depois eu sempre canto uma música dizendo que eu sou bom, tenho muitas garotas, as meninas correm atrás de mim, tenho carro, essas ondas... Lá em Sorocaba, logo depois que alguém gritou que eu era bobo, cantei Lobo Mau. Eles devem ter ficado com mais raiva ainda", contou.

Na época, Erasmo Carlos tinha **25 ANOS DE IDADE**, mas já era um dos maiores ídolos do fenômeno midiático da Jovem Guarda. Era dono de uma das carreiras mais rentáveis do segmento e possuía uma legião incontável de fãs.

Erasmo toma café enquanto presta queixa na delegacia, **16 DE JANEIRO / 1967**. Acervo/ Estadão

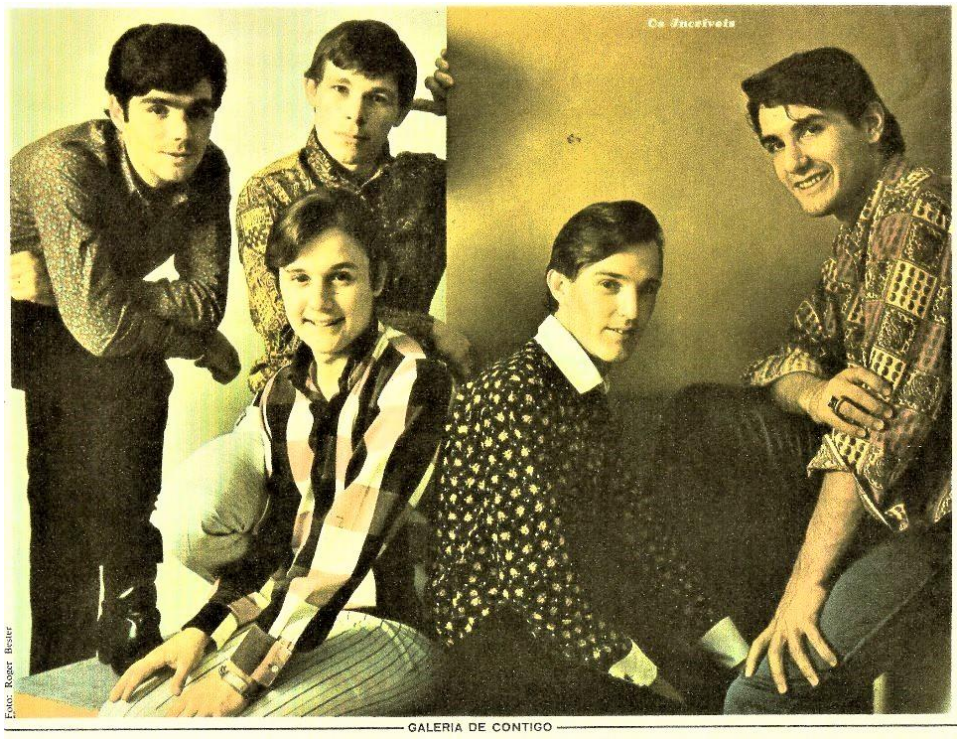




Roberto Carlos e Erasmo Carlos na companhia do famoso guru Maharishi Mahesh Yogi que também acompanhava os Beatles.
(**ROBERTO CARLOS DAS ANTIGAS, 16 DE FEVEREIRO DE 2016**)

***Foto: Márcio de Aquino.**

Os Incrivéis



Los Shakers

A realização, êste ano, de três importantes festivais de música popular serviu não sòmente para favorecer o aparecimento de novas composições como influiu consideràvelmente no mercado de discos, provocando uma reação sem paralelo na história da música brasileira. "A Banda", por exemplo, vendeu mais de 100 mil discos no pequeno espaço de três semanas. "Disparada" seguiu o mesmo caminho. E outros discos estão surgindo. Vejam aqui alguns lançamentos:

SAMBA JOVEM



SAMBA JOVEM — A idéia dêste disco quem deu foi Wilson Simonal. Mário Castro Neves gostou da miscelânea do ié-ié-ié com o samba e constituiu o Conjunto Jovem Brasa, com sax-tenor, guitarra, três pistons, um trombone e um trio convencional de piano, contra-baixo e bateria. O resultado aí está: as músicas podem ser dançadas como samba ou como ié-ié-ié. Entre outras, o conjunto toca "O Carango", "De Manhã", "Mamãe Passou Açúcar Ni Mim" e "Quero Que Vá Tudo Pro Inferno". A gravação é da RCA e as fotografias da capa são da buate "Le Bateau", Rio.

PAUL MAURIAT



PAUL MAURIAT — Poucas vêzes um repertório internacional foi tão bem escolhido para fazer-se um "long-play". E poucas orquestras do mundo conseguem uma harmonização tão bonita quanto a de Paul Mariat. Os arranjos que êle fêz de "Girl", "Michelle", "Mourir Ou Vivre" e "Aline", entre outras músicas que constam dêste disco da Philips, equivalem a verdadeiras criações, com um colorido especial, alegre, festivo. Três composições são do Grande Prêmio Eurovisão de 1966: "Merci Chérie" (1.º lugar), "Chez Nous" e "Ce Soir Je T'Attendais".

HERB ALPERT



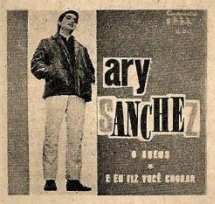
HERB ALPERT — Êste LP lançado no Brasil pela FERMATA surpreendeu as previsões mais otimistas dos homens de disco dos Estados Unidos: por muitos meses êle ocupou o 1.º lugar no "Hit Parade" de várias cidades. A música que lhe deu título, "What Now My Love", é um arranjo muito gostoso da famosa composição de Gilbert Becaud "Et Maintenant". Todos os discos da Orquestra Tijuana Brass figuram permanentemente entre os mais vendidos de todo o mundo. Alpert descobriu a fórmula do sucesso e dosou-a com o seu inegável talento.

LUIZ LOY QUINTETO



LUIZ LOY QUINTETO — Quando a TV Record paulista criou o programa "O Fino da Bossa" nasceu também o quinteto de Luiz Loy, que é o pianista. Os outros integrantes são Bandeira, Zinho, Mazzola e Papudinho. O que pouca gente sabe é que Luiz Loy é o autor de quase todos os arranjos das músicas interpretadas pelos cantores. Um trabalho que constitui, na prática, nova composição sôbre a linha melódica original. Depois de mais de um ano de experiência, o conjunto lança êste LP RGE, de excelente nível técnico, reunindo 12 sucessos da música brasileira.

ARY SANCHEZ



ARY SANCHEZ — Êle é conhecido como o cantor romântico da juventude. Tem boa voz e "boa pinta". Neste compacto lançado pela Continental, Ary interpreta "E Eu Fiz Você Chorar", de Wilson Tavares, e "O Adeus", de autoria de Sérgio Reis.

THE SHAKERS



THE SHAKERS — Êste é o melhor conjunto de juventude do Uruguai. Os quatro cabeludos têm idades entre 18 e 23 anos. Neste compacto duplo lançado pela Fermata êles interpretam "Michelle", "Tell Them", "Stop The Game" e "My Bonnie".

PAULINHO NOGUEIRA



PAULINHO NOGUEIRA — Considerado o melhor violonista brasileiro da atualidade, Paulinho confirma essa afirmativa solando "Upa Neguinho", "Olê, Olá", "Malagueña" e "Prelúdio da Menina Só", neste compacto duplo lançado recentemente pela RGE.

CLÁUDIA E CÉSAR



CLÁUDIA e CÉSAR ROLDÃO VIEIRA — Êle é o autor daquele grande sucesso de Elis Regina, "Sem Deus com a Família". Neste compacto simples RGE aparecem mais duas músicas de sua autoria: "Pranto", que êle canta com Cláudia e "Flor da Avenida".



MISTÉRIOS DA TV

ROBERTO CARLOS PROÍBE RECORD DE TOCAR MÚSICAS E MOSTRAR IMAGENS ANTIGAS



Roberto Carlos no Jovem Guarda: Record não pode mostrar o programa que produziu
DANIEL CASTRO – noticiadasdatv.uol.com.br

23 DE NOVEMBRO / 2017 – Emissora que ajudou a impulsionar a carreira de Roberto Carlos, com o programa Jovem Guarda nos **ANOS 1960**, a Record hoje não pode tocar nenhuma música nem mostrar imagens de arquivo do cantor sem sua prévia autorização. É por isso que os programas da Record sequer citam o nome do músico mais popular do país. Sob a ameaça de levar um processo judicial, a Record fez um acordo com Roberto Carlos, no início dos **ANOS 2000**, em que se comprometeu a não tocar nenhuma música dele. A emissora pode, no máximo, executar suas canções desde que com outros intérpretes. Mesmo assim, tem de pagar um preço alto pelo direito de sincronização, a autorização da editora da música para usá-la em algum programa.

A Record também não pode exibir ou ceder trechos dos programas Jovem Guarda, produzidos entre **1965** e **1968**, ou de qualquer outra atração que tenha imagens do cantor, sem sua prévia autorização. Quando autorizada a veiculação, a Record tem de mostrar um crédito dizendo que as imagens pertencem a seu centro de documentação.

O argumento é o de que Roberto Carlos é artista exclusivo da TV Globo, logo precisa proteger a veiculação de sua imagem e voz nas emissoras concorrentes.

A Record se sentiu obrigada a fazer o acordo, para não correr o risco de pagar uma multa milionária, e até hoje não engoliu a história. Por isso, o nome de Roberto Carlos é até hoje proibido nos programas da emissora. Suas músicas, mesmo entoadas por outros intérpretes, também não entram na programação.

Já o material de acervo só é mostrado em ocasiões muito especiais, como em aniversários da emissora.

Tratamento semelhante a Record dispensa a seu acervo de imagens e sons com Elis Regina (**1945-1982**). Nesse caso, por força de decisão judicial, obtida pela família da

cantora. Ao lado de Jair Rodrigues, Elis foi apresentadora do programa *O FINO DA BOSSA*, nos **ANOS 1960**.

Roberto Carlos dividiu o Jovem Guarda com Erasmo Carlos e Wanderléa. A atração mostrava os titulares e convidados cantando músicas da chamada Jovem Guarda, movimento dos anos **1960** que misturava música (rock), moda e comportamento.

O veto de Roberto Carlos vale apenas para a Record. O SBT, por exemplo, usou duas músicas suas (“Jesus Cristo” e “A Montanha”) na novela *CARINHA DE ANJO*. Mas teve que negociar previamente.

Além de Roberto Carlos, exigem negociação prévia para o uso de suas músicas Gorge Harrison, Edu Lobo, familiares de Heitor Villa-Lobos, Roberto Menescal, Ronaldo Bôscoli, John Lennon, Yoko Ono, Paul McCartney, Pink Floyd e Bruce Springsteen.

BREVE FILMOGRAFIA

NA ONDA DO YÊ-YÊ-YÊ (**1966**) direção, Aurélio Teixeira,

ESSA GATINHA É MINHA (**1966**) direção, Jece Valadão. Comédia musical com Jerry Adriani e Pery Ribeiro. Annik Malvil é a menina de subúrbio que sabe cantar. Nos programas de calouros onde a gatinha se apresenta, a dupla se apaixona por ela. Aí o noivo "bolha" entra no meio para atrapalhar, a moça some e Jerry e Pery passam a procura-la. *BLOW-UP* perde!
JERRY – A GRANDE PARADA (**1967**) direção, Carlos Alberto de Sousa Barros (produção da Magnus Filmes, de Jece Valadão).
EM BUSCA DO TESOURO Carlos Alberto de Sousa Barros. Com Jerry Adriani (produção de Herbert Richers).

OPINIÃO PÚBLICA (**1967**) Arnaldo Jabor abre espaço para "a histeria das fãs de ídolos da geração iê-iê-iê).

JOVENS PRA FRENTE (**1968**) direção, Alcino Diniz. O filme é mais lembrado por ser o último da vitoriosa carreira de Oscarito (**1906-70**) e que lançou a cantora Rosemary.

EM RITMO DE AVENTURA (**1968**),
O DIAMANTE COR-DE-ROSA (**1970**) e
A 300 KM POR HORA. (**1971**). Trilogia comandada por Roberto Farias,

JUVENTUDE E TERNURA (**1968**) direção Aurélio Teixeira com Wanderléa.

POBRE PRINCÍPE ENCANTADO (**1969**) direção Daniel Filho com Wanderley Cardoso

INDICAÇÃO DE LEITURA



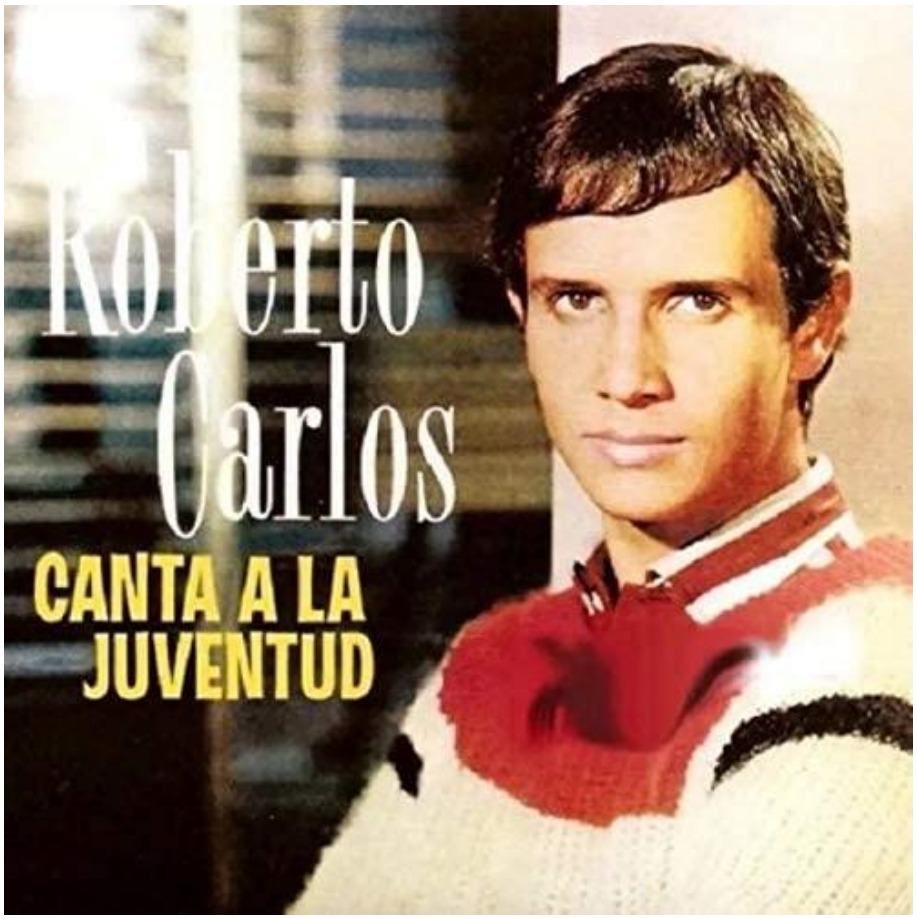
A AVENTURA DA JOVEM GUARDA (Brasiliense – Coleção Tudo é história) de Paulo de Tarso C. Medeiros.

NO EMBALO DA JOVEM GUARDA (Ampersand Editora) de Ricardo Pugialli.

JOVEM GUARDA – EM RITMO DE AVENTURA (Editora 34), de Marcelo Fróes.

R.I.P LUIZ HENRIQUE

"Antes da alardeada 'volta do vinil', inflamada por uma corrida desenfreada aos sebos antes que tudo fosse exportado para o Japão, muitos sempre estiveram entrincheirados na resistência cultural dos LPs e compactos. Um dos mais ativos colecionadores que conheci, Luiz Henrique Garcia, faleceu ontem. Especialista em compactos, tinha também uma vultuosa coleção de LPs.



"Lembro que, há **15 ANOS**, quando produzi uma grande reedição de LPs de Jovem Guarda da CBS para a Sony, um gerente me disse que poderíamos incluir 2 LPs de Roberto Carlos 'para aquecer as vendas', ainda que tudo dele já tivesse saído em CD. Pensei malandramente e incluí na lista de **25** títulos de Jovem Guarda o raríssimo LP *ROBERTO CANTA A LA JUVENTUD*, feito há **50 ANOS** e que tivera apenas uma pequena tiragem para divulgação na América Latina. Sem falar nada que era raro, é claro, me fiz de sonso. Mas, como o disco já estivera em catálogo, não era inédito, então banquei o espertinho e enfiei esse disco lá para que finalmente saísse em CD. Se tivessem pedido, o Roberto não teria deixado. E qual não foi a surpresa quando 'passou', mas havia um problema: a capa. As gravadoras NUNCA têm capa de LPs antigos.

"Luiz Henrique era o único cara que possuía esse LP e, em sua generosidade, como alguns poucos, confiou-me seu exemplar para reprodução. E assim, de São Gonçalo para o mundo, um LP de Roberto Carlos foi ressuscitado. E, se você tem este CD do Roberto, é porque um cara legal cedeu sua capa para reprodução. O material gráfico é boa parte do que diferencia um CD de uma dúzia de arquivos de MP3.
(MARCELO FROES,· 22 DE MAIO DE 2014)

ESSE CARA É O ROBERTO



Edição de luxo com a trajetória de Roberto Carlos em imagens traz fotografias raras e documentos desconhecidos do cantor, que nunca autorizou um livro a seu respeito

ANA WEISS (ana.weiss@istoe.com.br)

ISTOÉ N° Edição: 2319 | **03 DE MAIO / 2014** – Foram **CINCO ANOS DE TRABALHO** e 15 impressões desmarcadas na porta da gráfica, mas desta vez Roberto Carlos aprovou. Depois de três livros tirados de circulação e incontáveis tentativas de frustradas de biógrafos e historiadores com projetos biográficos, o primeiro livro sobre a trajetória do Rei chega ao mercado por nada módicos **R$ 4.500** e a tiragem quase esgotada na primeira semana. O cantor, avesso a todo tipo de comentário sobre sua vida, disse sim com uma primeira condição de muitas: que o livro não tivesse nenhuma palavra.

Assim, o volume não traz nenhuma menção sobre a volta ao consumo de carne depois de fechar campanha publicitária para um frigorífico, da paixão não consumada pela cantora Wanderléa ou sobre a prótese mecânica que substitui a metade da perna direita amputada na infância. Mas tem muitas fotos dele com a Ternurinha, acompanhado de cada uma das três mulheres (Cleonice Rossi, Myriam Rios e Maria Rita), com o amigo, parceiro e, durante algum tempo, desafeto Erasmo Carlos e muitas celebridades da cena musical da época da Jovem Guarda até os dias atuais.

VAIDADE

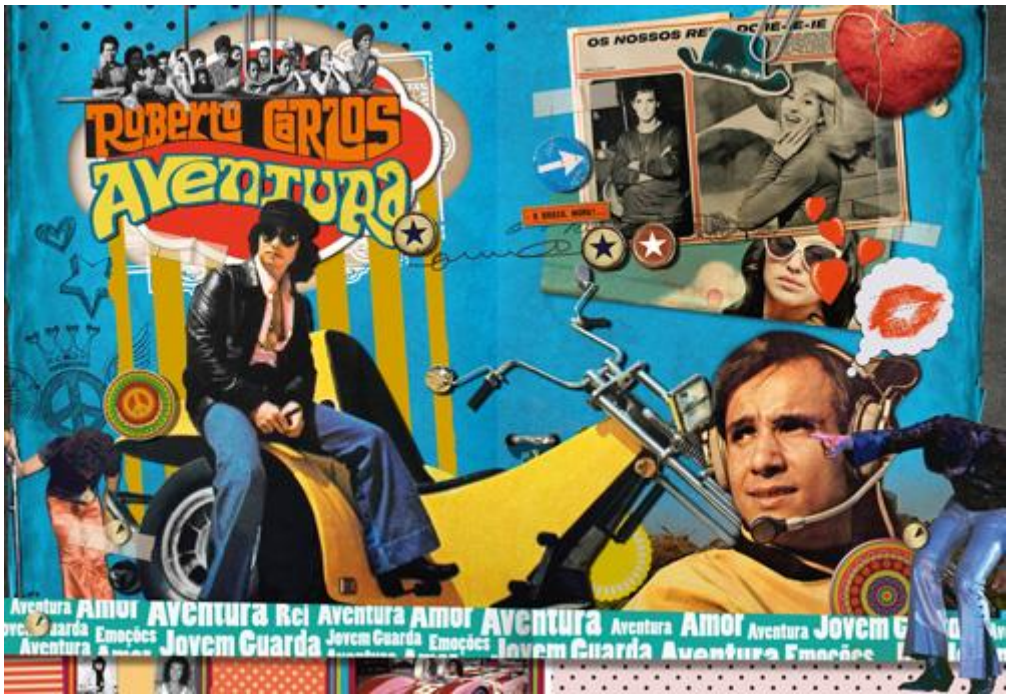
O Rei participou da escolha das fotos, aprovou as montagens (abaixo) e palpitou sobre o tratamento de imagens, pedindo para não exagerar no Photoshop, "para não ficar com cara de artificial"

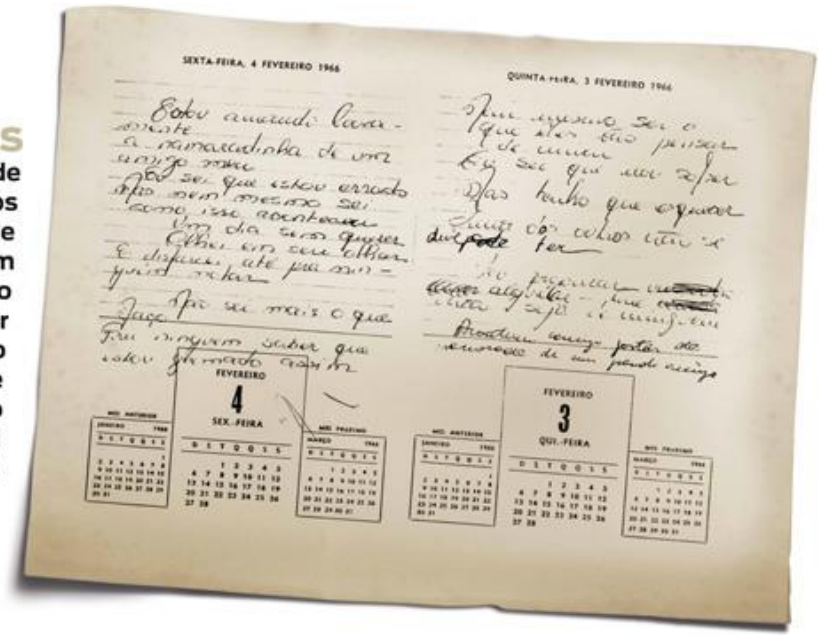
“Está tudo lá”, garante Carlos Ribeiro, coordenador do projeto mais demorado da Toriba, editora da fotobiografia de Pelé, *1283*. “O Dody Sirena (empresário do astro) disse que se tivesse texto, nem em **DEZ ANOS** conseguiríamos terminar o livro”, diz o editor. “E concordo. Nunca conheci ninguém tão perfeccionista.” O excesso de revisões, trocas, mudanças de ordem e observações técnicas nos tratamentos das fotos, conta Ribeiro, se devem principalmente ao transtorno obsessivo-compulsivo

(TOC) que Roberto Carlos trata há alguns anos. “Ele olhou e reolhou detalhes até um ponto de se tornar insuportável até para ele”, lembra o editor. O cantor, uma das cabeças do movimento Procure Saber, que defende a submissão de biografias a seus biografados, esteve em São Paulo para um lançamento reservado do primeiro lote – o contrato prevê até **SEIS LOTES DE 500 EXEMPLARES, NUM TOTAL DE 3 MIL VOLUMES**.

O livro teria o tamanho da edição com fotos do Pelé, 47 por 34 centímetros. Mas o Rei achou que a peça seria grande demais para ser manipulada pela parcela mais importante de seu público, as mulheres. E assim, a edição de luxo, impressa numa das mais sofisticadas gráficas italianas – a Graphicom, de Verona –, foi reduzida para 44 por 32 centímetros, com **300 IMAGENS** selecionadas entre mais de **QUATRO MIL FOTOGRAFIAS** vindas principalmente em arquivos de jornais e revistas. “Ele não se lembrava da maior parte delas. Alguns momentos de revisão do passado foram comoventes. Roberto Carlos é emocional, como suas músicas. E suas letras quase sempre contam o que ele viveu ou sentiu.”, diz Ribeiro. Essa constatação resolveu parcialmente um dos problemas do projeto, o veto ao texto, o que exclui legendas e informações que dariam contexto importante às imagens. Trechos de canções de Roberto Carlos acompanham as fotos, sugerindo situações do momento da vida do compositor. O Rei autorizou a reprodução de documentos, como roteiros de shows e páginas de uma agenda “Colibri” do cantor com o que talvez seja a primeira escrita da letra de “Namoradinha De Um Amigo Meu”, anotada à mão **NUMA SEXTA-FEIRA DE FEVEREIRO DE 1966**, pouco antes de a música ser lançada. “Tudo foi aprovado em conjunto. Cuidado que todo mundo deveria ter”, disse Roberto Carlos durante o lançamento na capital paulista, reafirmando sua posição a respeito da legislação sobre as biografias no Brasil.







ORIGINAIS
Páginas da agenda de Roberto Carlos com anotação de "Namoradinha de um Amigo Meu", pouco antes de a música ser lançada em 1966. Livro reúne reproduções de documentos como este, dos quais o Rei desconhecia o paradeiro

Fotos: Divulgação; Cláudia Schembri



"SOU UM VIOLÃO QUE TOCA GUITARRA"

WANDERLÉA

EM 1965, APARECEM AS PRIMEIRAS GUITARRAS DE QUALIDADE MADE IN BRAZIL

Quando o rock chegou ao Brasil, não era fácil para um garoto brasileiro tocar a novidade. Principalmente devido à falta de instrumentos adequados. As guitarras nacionais deixavam muito a desejar e o baixo elétrico simplesmente inexistia. Nesse sentido, o radialista e produtor de discos Carlos Alberto Lopes, mais conhecido como Sossego, que era programador da Rádio América e desempenharia um papel importantíssimo. Ele também construiu, artesanalmente, as primeiras guitarras de qualidade razoável no Brasil, uma cópia do modelo Stratocaster da Fender americana. Em **1985**, na febre do *ROCK IN RIO*, Sossego, aos **47 ANOS** relembrava:

– As guitarras brasileiras desafinavam barbaridade! Por isso resolvi fazer eu mesmo uma para o Gato, que era o solista dos Jet Blacks, grupo que eu então produzia. Mais tarde, também comecei a fazer baixos elétricos.

Os protótipos manufaturados por Sossego acabaram nas mãos da fábrica Gianinni, que os produziria, a partir de **1965**, em escala industrial. Era a mínima infraestrutura de que precisava o rock para explodir de vez. (**REVISTA CONTIGO**)

“Sossego foi o primeiro engenheiro de som as trazer para o Brasil os esquemas dos amplificadores vauvulados. Ele projetou por aqui, os amplificadores de marca Giannini, os modelos True Reverber, Thunder Sound, Vali-ant, Jet Sound, Tremendão, Tremendão II, Tremendão 3 e o Mini Mighty, todos foram projetados por ele. Sossego foi também o fundador da fabrica de amplificadores Palmer, esses amplificadores foram muito utilizados por Renato & Seus Blue Caps, Jordans e Erasmo Carlos... Grande cara! Encontrei um link bem interessante que conta um pouco sobre os primórdios da váuvula no Brasil que também mostra os modelos e cita o nome dele, vale a pena dar uma espiadinha.” (**LUIZ CARLOS CALANCA**)



Meu amigo, Carlos Alberto Lopes, o popular “Sossego” em visita a Baratos Afins em **2012**

“O rock hoje no Brasil perdeu um de seus alicerces, alias não só o rock, a música em geral, o grande Carlos Alberto Lopes. Quem foi Carlos Alberto Lopes, mais conhecido como Sossego?
Ele foi o cara que projetou e fabricou nada mais, nada menos que os amplificadores Palmer, muito devem desconhecer essa marca, mas houve um Brasil sem Marshalls, Fenders, etc e se você quisesse ter um bom ampli pra banda, esse era o Palmer, como se isso fora pouco o Sossego teve suas ideias e mãos em projetos de inúmeros amplificadores clássicos da Giannini, tipo o True Reverb, Thunder Sound, Valiant, etc. Resumindo, sem esse cara, tudo teria sido muitíssimo mais difícil do que foi.
Muito obrigado Sossego pelo som.” (**ROLANDO CASTELLO JR. 2 DE MARÇO / 2020**)

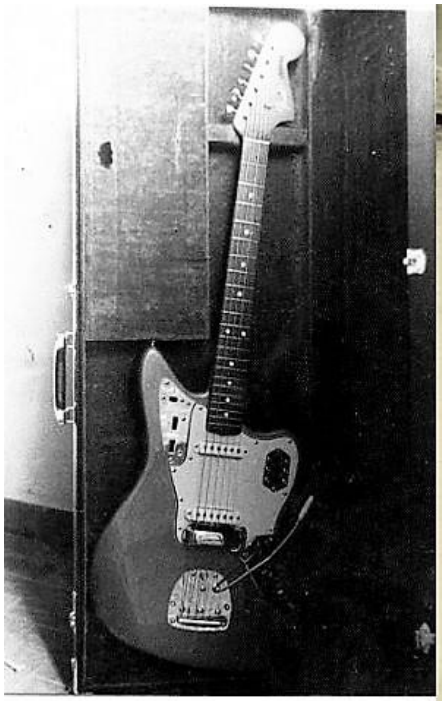
ATIRANDO EM MICRÓBIO COM CANHÃO (CLAVDIVS CAESAR)

Quanto a este artigo publicado pela revista Contigo, não posso mexer nele! E inclusive não gosto de polêmica. Não quero desdizer ninguém. Isso só leva a dificuldades e nada traz de bom a qualquer das partes. Conheci o Sossego, que me visitou em casa (Venâncio) para ver os falantes JBL D-140 F (os melhores na época) que instalei numa caixa-corneta a qual fiz para o Arnaldo, com dois amplificadores transistorizados que construí e esse meu irmão usou. Quanto ao tema do artigo, onde dizem ter Sossego dito e feito o que ali está escrito, isso é problema do julgamento da revista e do dele, caso o tenha mesmo dito. Se acha que as duas guitarras dele eram o que diz, quem sou eu para o contradizer (...). Minhas guitarras de **1965** estão aí, ainda! pra todo o mundo ver, ouvir, e alguns privilegiados tocarem. O mundo que julgue a diferença! E não se deve esquecer: hoje, citar um ano qualquer faz parecer que um ano é coisa de um dia; em **1965**, houve neste planeta doze meses (se estou bem lembrado...), cada qual com perto de trinta dias. Não sei em que dia de **1965** Sossego terá concluído a(s) guitarra(s) dele e nem me lembro em que dia ou noite terminei as minhas primeiras Guitarras de Ouro, embora as outras de minha manufatura, sólidas, todas fossem excelentes como tal, já bem superiores às Fender, às Gibson e a todas as que conheci, e viessem de antes de **1965**, porque tudo começou para mim nesse ramo em **1963**. Nunca toquei as primeiras guitarras de Dodô e Osmar, que dizem ser as primeiríssimas do mundo – e podem ser mesmo. Se eram as primeiras, só podiam ser ótimas, ou no mínimo as "melhores"; certo? Nenhuma outra as superaria; não é verdade?!

Então, e melhor por esse motivo, mesmo sem conhecer as guitarras de Sossego, estou tranquilo com tantas hipóteses, sem falar que ninguém pode afirmar ter conhecido todas as guitarras feitas no Brasil, desde que guitarras existem.

Portanto, nada tenho a comentar sobre tal artigo. Se quiser publicar isto que aqui digo, pode. Mas continuo achando que é como diziam os antigos romanos: aquila non capit muscas (a águia não pega moscas)... – ou, como palpaja Tóxia: telariae non capit picapulassumiae (as telárias – aranhas do planeta *GÉA* – não pegam picapulassúmias – as pulgas do mesmo planeta). Ave Marivs!

RODAPÉ: A GUITARRA ELÉTRICA PODE TER SIDO INVENTADA POR DODÔ E OSMAR. "NA ÉPOCA EM QUE SE FAZIAM NO EXTERIOR OS ESTUDOS QUE RESULTARAM NA GUITARRA ELÉTRICA, DODÔ E OSMAR JÁ ANIMAVAM FESTAS COM A GUITARRA BAIANA, UM INSTRUMENTO INVENTADO POR ELES". FRED GOES, DEZEMBRO DE 1999.





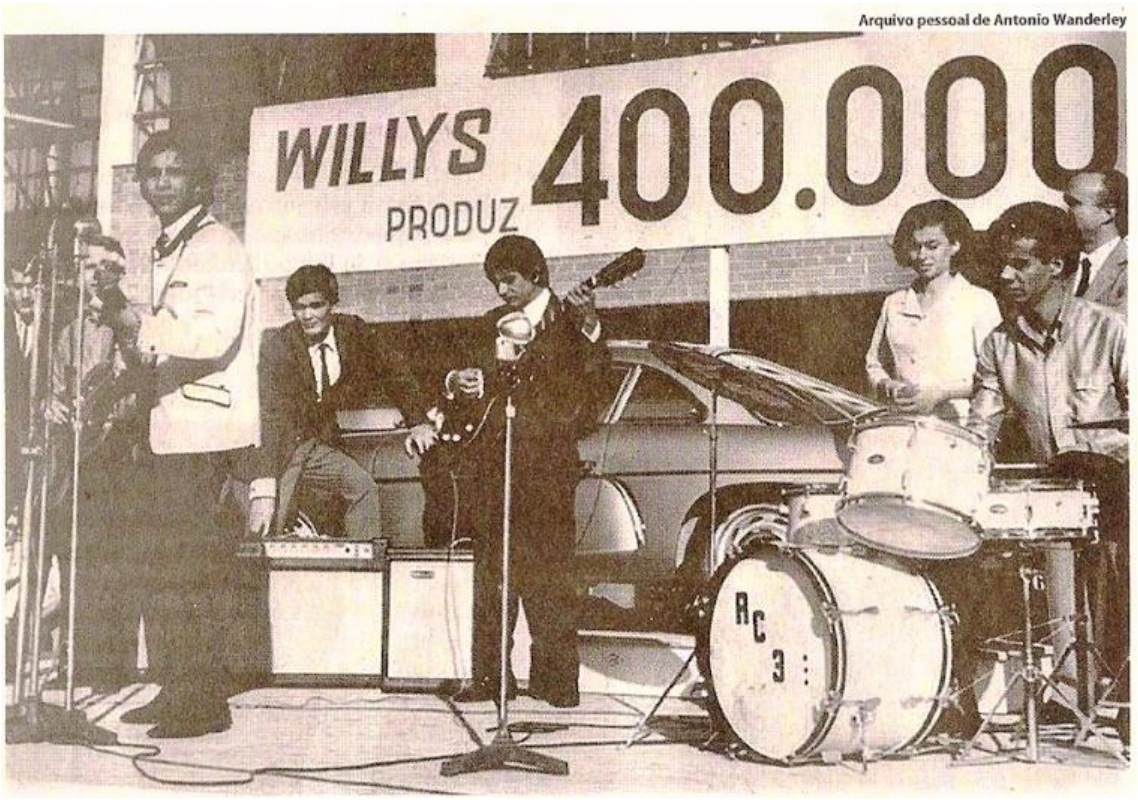
ELES ERAM A METADE DE O SEIS EM 1965."Sérgio, Arnaldo e Rita, com os instrumentos que lhes criei" (**CLÁUDIO CÉSAR DIAS BAPTISTA**)
"Pintei a Fender Jaguar de azul metálico. A Guitarra de Ouro e a Guitarra-baixo de Ouro, não precisam de tintas, porque se douram e até soam por si" (**CCDB**).

• Sérgio Murilo, pioneiro do rock pauleira nacional, com a música "Lúcifer", que lhe vale muitas críticas no seu lançamento.

• Tony Campelo e The Teenage Singers – "Pertinho do Mar" e "O Meu Bem Só Quer Chorar Perto de Mim", compacto lançado em **1965**

Rita Lee montou o grupo The Teenage Singers ao lado de Suely Chagas e outras duas colegas de escola, mas estas duas logo abandonaram o grupo, deixando Rita e Suely como dupla. Elas foram convidadas pelo pioneiro do rock no Brasil, Tony Campelo, a participar de seu compacto de **1965**.





*Roberto Carlos o Rei de **1965***

AGOSTO

As transmissões de futebol aos domingos pelas tevês são proibidas, para aumentarem as rendas do campeonato. E para não perder a audiência das tardes de domingo a TV Record planeja um programa musical jovem.

22 DE AGOSTO

S. Paulo. Canal 7. O reinado da Jovem Guarda estreia, tendo como apresentador um jovem cantor de **22 ANOS**, que até aquele momento tinha colocado algumas músicas nas paradas. O programa era gravado ao vivo domingos à tarde em vídeo-fita e as outras capitais do país podiam vê-los na semana seguinte à gravação. O quadro que fazia sucesso era o de perguntas feitas por uma telespectadora escondida, dona e belíssima voz, à qual Roberto Carlos respondia com inteligência e simpatia. Acho que até hoje vigora esse padrão nos programas do rei.

contigo

a revista dos jovens

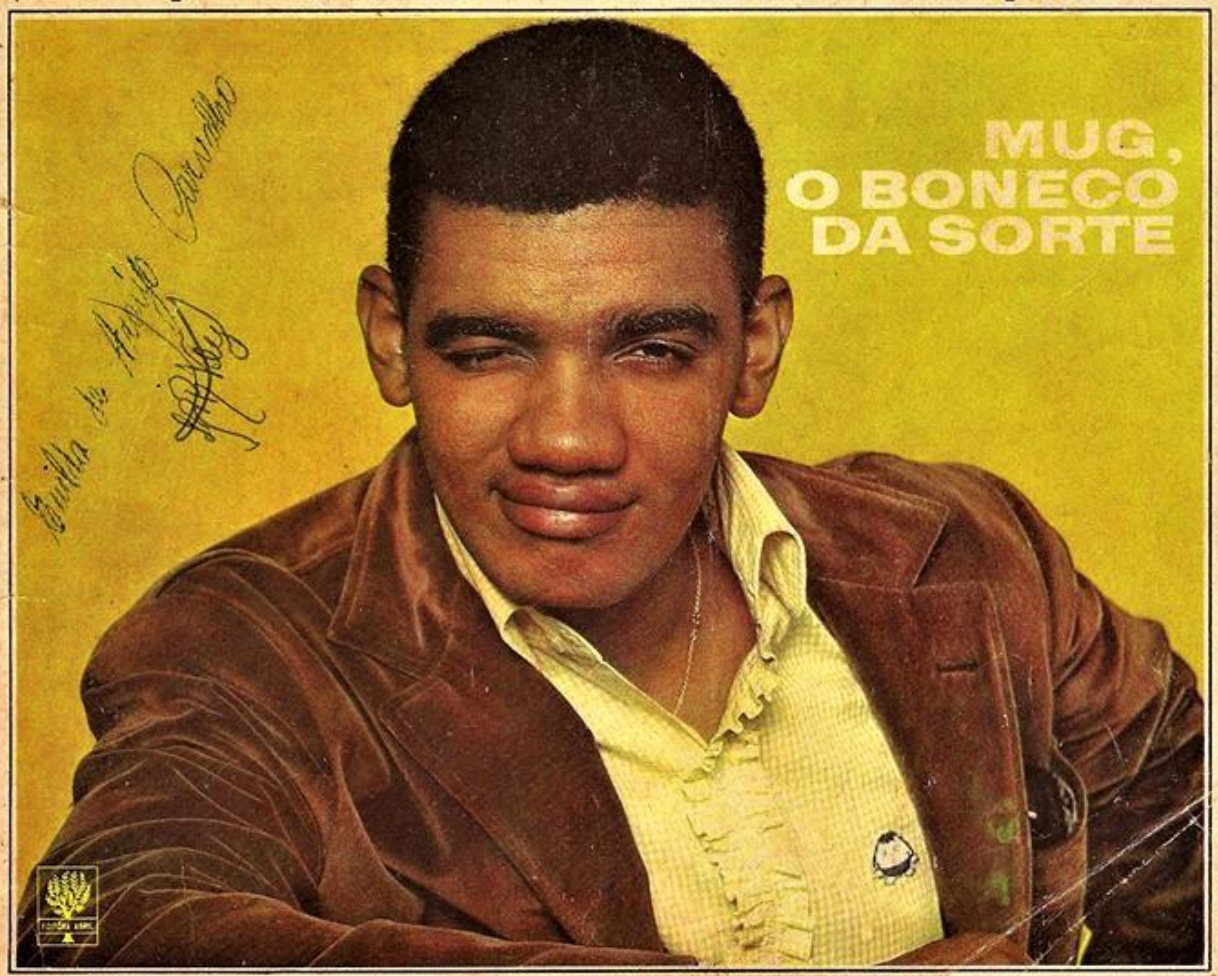
N.º 38 • Cr$ 400

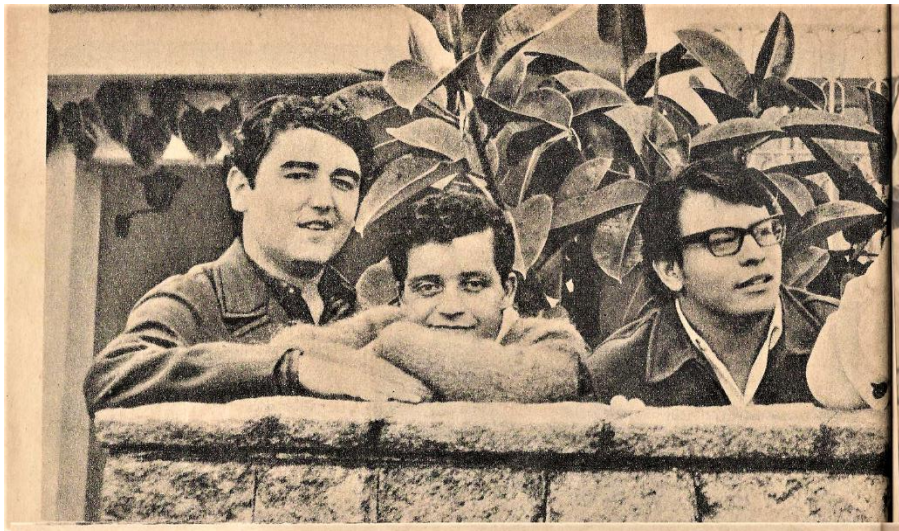
OS FEVERS: SEIS BRASAS PEGANDO FOGO

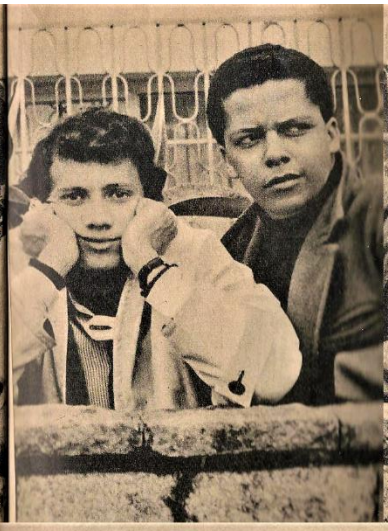
ESSE EXTRAVAGANTE CHACRINHA

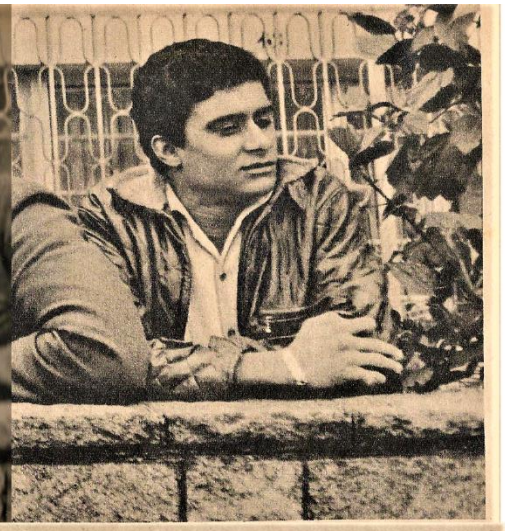
Fotonovela: O DI... QUE ELA VOLTOU

Ídolo pode casar? Demétrius diz que sim









"OS FEVERS"

SEIS BRASAS PEGANDO FOGO

No começo Pedrinho, que era colega de escola do Liebert, conheceu Cleudir no Clube River do Rio de Janeiro. Formaram logo um trio: Os Youngs. Trio de bossa nova. Num programa na TV Continental (canal 9) do Rio de Janeiro, conheceram Almir. Almir foi convidado porque tinha uma guitarra muito bonita e decorativa. Morreu o trio mas não nasceu o quarteto, porque um outro amigo, que tocava bateria, completou o quinteto. No primeiro baile em que deviam tocar, o baterista faltou. Lá mesmo, conheceram Lécio, e foi aí que nasceram "Os Fevers". Um ano depois, em 1965, Miguel, vindo da Rumânia, completava o Conjunto. "Os Fevers" já gravaram com os maiores cartazes da juventude e são considerados, hoje, o melhor conjunto jovem para gravação. Foi gravando que arranjaram um padrinho e vieram para São Paulo, onde foram contratados pela TV Record, canal 7.

O PADRINHO: ERASMO

Erasmo Carlos, o Tremendão, é o padrinho. No programa de Roberto (que os adora) aos domingos, com o Teatro Record sempre lotado, êles provam que são "os Bons". Mas, quem são êles?

São seis jovens que gostam de música. Que passaram por várias fases musicais, da bossa nova ao jazz, do jazz ao ié-ié-ié e que se colocaram em destaque na música jovem de todo o Brasil. São simples, humanos, bons companheiros, não gostam de fofocas e todos os cantores querem ser acompanhados por êles, pois são excelentes profissionais. Ao lado dos Jet Blacks constituem, sem dúvida, um dos melhores conjuntos instrumentais de todo o País.

NÃO TÊM CHEFE

Cada qual tem sua função: um é diretor administrativo, outro é diretor comercial, outro diretor musical, outro diretor de qualquer coisa. O importante é que os seis são diretores com funções determinadas, mas, na verdade, são seis amigos ajudando-se em tôdas as funções e os cargos de direção são apenas para "inglês ver". Não usam cabelos muito compridos nem roupas extravagantes. Tocam para fazer sucesso, sem apelar para fantasia, e tocam bem mesmo.

MIGUEL PRIMEIRO

Por que Miguel primeiro? Talvez por ser o último que se integrou no Conjunto, mas a ordem da apresentação não tem nenhuma importância. Miguel, nome inteiro: Mihail Popshki. Solteiro, nascido em Bucareste, na Rumânia, 1,70 de altura, cabelos castanhos, chegou ao Brasil há pouco mais de um ano e aguarda o resto da família que chegará pròximamente. Em Bucareste estudava Engenharia, cursando duas especializações: a de Operações (aparelhos médicos) e a de Eletrotécnica. Conseguiu transferência para a Faculdade do Rio de Janeiro e completará seus estudos aqui, tornando-se engenheiro de som. Já tocou em Roma com os "Rokers Romani", em Bucareste com a Grande Orquestra e o Sexteto de Jazz. Só começou a estudar saxofone depois que acabou o colégio, aos 18 anos. No Brasil fêz parte do Bossa Leme e integrou-se no conjunto em que toca atualmente, depois que conheceu "Os Fevers" num programa de Jair de Taumaturgo.

Torce pelo Flamengo, gosta de bife com fritas, de Kirk Douglas, Ursula Andrews, Sérgio Brito e Norma Benguel. Não fuma. Estreou em Bucareste em 1960.

PEDRINHO

Pedrinho (nome completo, Evangivaldo de Souza Pedro da Luz) nasceu em Salvador, tem 21 anos, 1,80 de altura, cabelos castanhos, cursou Ginásio, Contabilidade e estudou música. Antes de ser músico trabalhava em Contabilidade, gosta de roupa esporte, torce para o Fluminense e para o Santos, gosta de filmes interplanetários e lê muito livros de astronomia, pois é um apaixonado pelo cosmo. Gosta de comer risoto de camarão. Entre os artistas, prefere Sofia Loren, Kirk Douglas, Leni Eversong e Wilson Simonal. Estreou em 64 na Rádio Mauá do Rio e seu primeiro grande sucesso é o do conjunto, com a gravação de "Wooly Bully". Não fuma e não bebe. Quando mais jovem, tocava acordeão. Passou para o violão, segundo os amigos porque era mais fácil de carregar, segundo êle porque a guitarra estava na moda e é claro que êle gosta de estar na onda.

CLEUDIR BORGES

Cleudir Telles Borges, tem 21 anos e nasceu no Rio de Janeiro. Solteiro, 1,75 de altura, cabelos castanhos, é filho de um funcionário aposentado dos Correios e Telégrafos. Cursou o Científico, tem diploma de datilógrafo e, além de cantar, ganha dinheiro também como compositor. Torce para o Flamengo e para o Corintians; sua artista preferida é Claudia Cardinale. O prato que prefere é uma boa feijoada; seu passatempo é compor. Estreou na Rádio Mauá. Já gravou 5 compactos (com o conjunto), faz segrêdo de quanto ganha por mês mas diz que gasta seu dinheiro da melhor forma possível.

Cleudir sempre estudou piano, chegou a dar muitas audições quando garôto e, quando estudante do Colégio Visconde de Cairu, apresentava-se em espetáculos escolares.

ALMIR BEZERRA

Almir Ferreira Bezerra, também com 21 anos, nasceu no Recife. Solteiro, 1,75 de altura, cabelos prêtos, estudou o 1.º Científico, gosta de roupas esportes, torce para o Botafogo e o Corintians, adora leitura e gosta de ler qualquer gênero de livros; quanto a filmes, prefere os de guerra ou de ficção científica. Gosta muito de Tony Perkins, Sofia Loren, Mazaroppi e Odete Lara. Gosta tanto de comer espaguete quanto não gosta de política. Se não fôsse artista, estudaria para engenheiro agrônomo. Sonha com o sucesso e com o futuro garantido. Adora andar a cavalo. No Recife chegava a roubar cavalos para passear, mas depois devolvia-os, claro!

LÉCIO DO NASCIMENTO

Seu nome todo é mesmo Lécio do Nascimento. 23 anos, solteiro, 1,58 de altura, filho de músico. Tem o curso ginasial completo. Antes de entrar para conjunto, tocava bateria. Gosta de traje esporte. Sua côr preferida é azul-marinho. Não gasta todo o dinheiro: empata-o em empreendimentos. É previdente quanto ao futuro. Gosta de filmes de comédia, de Rock Hudson, Brigitte Bardot, de uma boa feijoada e confessa que uma caipirinha é muito gostosa. Tem por passatempo colecionar discos. Sonha com o sucesso não só para êle, mas também para o conjunto.

É filho do grande baterista carioca Floriano Moreira do Nascimento e toca bateria desde a idade de 3 anos. Aos 8 anos aprendeu a tocar bongô e aos 18 anos fêz parte de "Los Cubanitos", Orquestra Panamericana de Ritmos Internacionais. Ganhou vários concursos de rádio com o bongô, inclusive o promovido por Yara Sales no programa "Trem da Alegria".

LIEBERT

Nome todo? Liebert Ferreira Pinto. 1,68 de altura, 22 anos, carioca, solteiro, cabelos castanhos. O pai é da Marinha Mercante Brasileira. Terminou o Científico e fêz até o exame vestibular de Engenharia. Gosta de traje esporte e de côr azul. Pratica futebol de várzea e natação. Gosta de ler bons livros e de assistir boas comédias no cinema. Gosta de bife, arroz e feijão e batata frita. Como passatempo coleciona só os discos que o conjunto grava.

Se não fôsse músico continuaria estudando Engenharia.

Sempre gostou de nadar e de jogar futebol. Não pensava em arte, mas, de repente, descobriu que era míope e apelou para algo diferente do esporte que nunca poderia praticar profissionalmente. Dedicou-se à música e com sucesso.

Êsses são os Fevers. Seis brasas pegando fogo na Jovem Guarda. ●

TOMMY STANDEN

UM "BRITÂNICO" NA JOVEM GUARDA

Pelo nome, êle parece cientista atômico ou navegador inglês do século passado: Thomas William Standen. Mas Tommy Standen, como é conhecido artisticamente, nada tem a ver com energia atômica ou navegação. Sua ocupação é bem mais simples: cantor e compositor da jovem guarda. Seu nome bem britânico, vem dos pais, nascidos na Inglaterra e radicados no Brasil há muito tempo. Tommy nasceu aqui mesmo, o que faz dos Standen uma família internacional: os pais e êle moram em São Paulo, os demais parentes vivem em Londres, e a irmã, Elizabeth Standen, mora na Austrália.



Tommy, como muitos dos seus ascendentes do século passado, também se dedica aos descobrimentos: êle descobriu o Brasil e o Brasil começa agora a descobri-lo, como um dos mais talentosos compositores da música da juventude, embora seu grande sonho seja tornar-se um cartaz internacional. Tommy é cantor também, mas, por enquanto, suas composições são mais conhecidas do que sua voz. Mas êle não se preocupa com isso e dentro em breve compensará a diferença com uma série de gravações, a primeira das quais, "Não Brinque com Fogo", já começa a despontar como um grande sucesso entre a juventude de São Paulo. Do outro lado do disco, "A Véspera da Destruição", versão do êxito de Barry McGuire.

COMÊÇO TEVE ATÉ POLÍCIA

Tommy pràticamente nasceu cantando. Garôto ainda, já sentia que nascera para a música. Na época, o sonho era ser cantor de operetas mas a coisa não deu certo e êle acabou desistindo, dedicando-se a coisas mais simples, como cantar em comédias musicais amadoras, na cidade de Santos. Aos 18 anos, decidiu dar um pulo maior e passou a cantar no programa de Geraldo Blota, "Alegria dos Bairros", na Rádio Record. O programa reunia tôdas as semanas um punhado de cantores e os apresentava em cinemas da Capital paulista. Tommy interpretava boleros e músicas da juventude e muitas vêzes deixava o palco protegido pela polícia, por causa das admiradoras mais exaltadas.

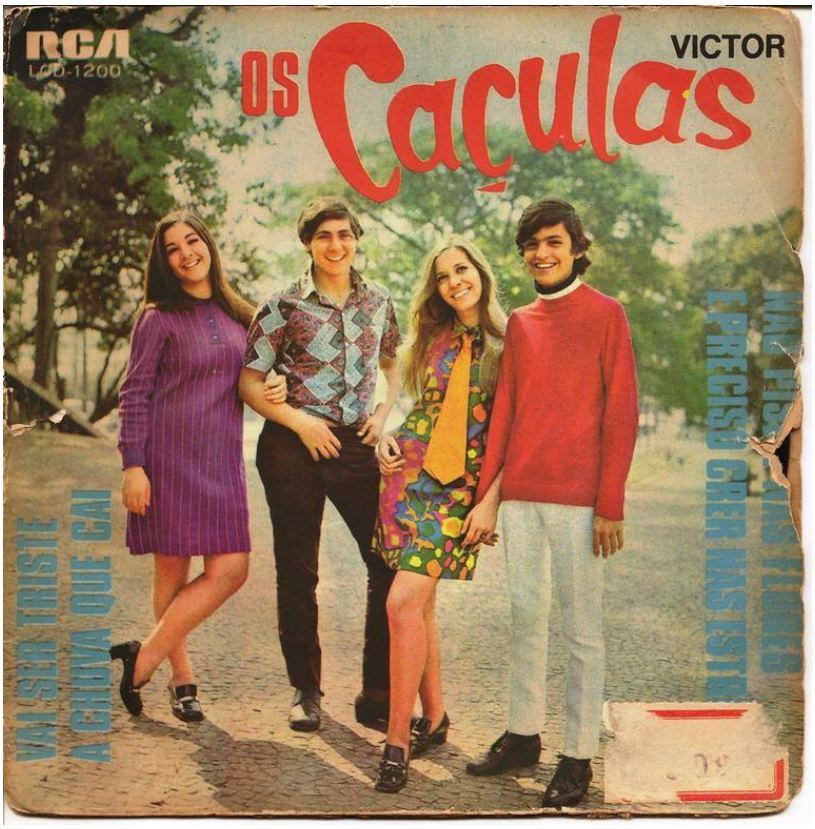
DESTINO ATRASOU SUCESSO

Quando a carreira de Tommy estava caminhando para o sucesso definitivo, o destino interferiu e êle teve de interrompê-la. Com o falecimento de um membro da família, os Standen entraram numa fase de dificuldades financeiras e o jovem Tommy foi obrigado a trabalhar, abandonando as atividades artísticas. Conhecendo bem o inglês, êle resolveu lecionar e, por algum tempo, foi professor, o que já dava para o seu sustento. A nova atividade, porém, não o afastou do ambiente artístico. E Tommy resolveu juntar o útil ao agradável: ensinar a pronúncia correta das letras inglêsas a cantores famosos. Isso lhe valeu um grande conhecimento com a música e os nomes mais populares da jovem guarda. Quando começou a compor, todo mundo o conhecia e o estimava. O resto foi fácil. Hoje, tem composições gravadas por Agnaldo Rayol, Os Vips, Dino e Deni, Nílton César, Cidinha Santos e muitos outros cartazes. Suas músicas são elogiadas por todos, que o consideram um dos maiores talentos jovens surgidos últimamente no Brasil. O animador Ademar Dutra, grande incentivador de Tommy, diz que se trata da revelação do ano em composições para a juventude. Mas êle não se sente ainda inteiramente realizado na Música. Quer ser tão famoso cantando quanto compondo.

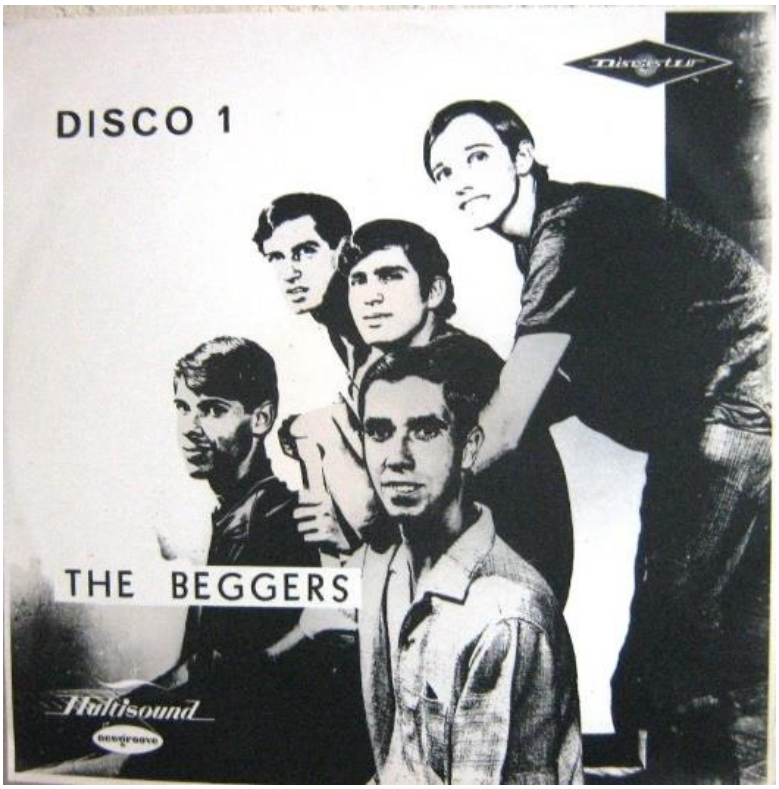
COMO É E DO QUE GOSTA

Um bonitão de 1,79 m de altura, 78 quilos, olhos verdes e cabelos louros, Tommy é do tipo que as garôtas definem como um autêntico "pão". Veste-se da maneira mais informal possível, apesar da longa tradição de elegância dos inglêses. Na questão de roupa, é mais brasileiro que britânico. Não gosta de coisas mal feitas e fofocas, principalmente dos companheiros de profissão. Seus passatempos: escrever, pintar, ler e assistir televisão. Se não morasse no Brasil gostaria de viver numa ilha deserta. Na música, seu talento vai bem mais além de compor e cantar: toca piano, guitarra, banjo e, pràticamente, todos os instrumentos de corda. Com tantos atributos, o seu sonho de ser um nome internacional talvez se torne realidade mais depressa do que êle imagina. ●

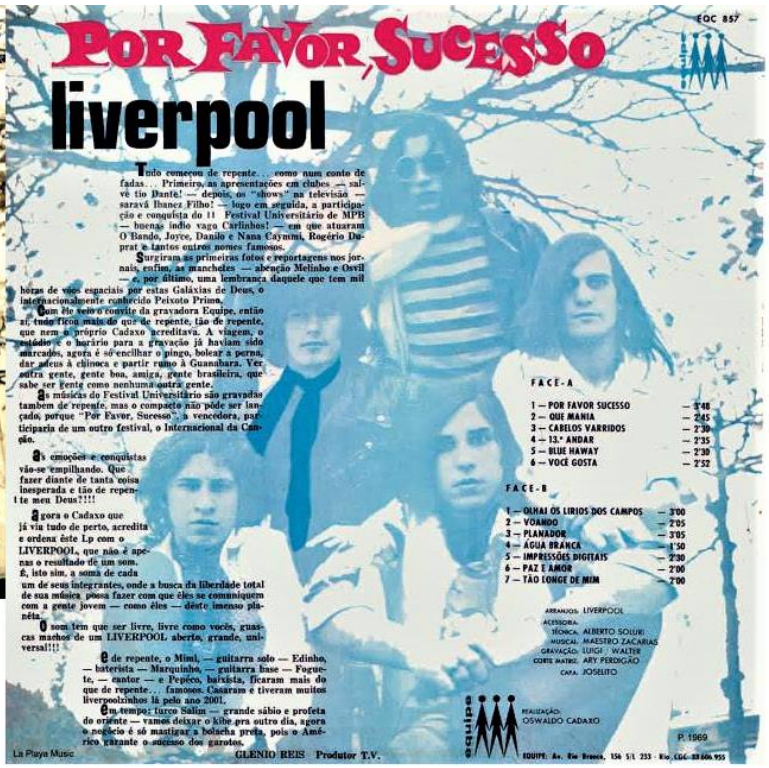
Flower-power brasileiro ou Festa de batuque legal apresentam a capa do compacto de Os Caçulas (que Calanca tanto gosta) de um lote de compactos vindos de uma loja chamada A Musical na Galeria Rosário em Porto Alegre.



É raquítico, o que se tem escrito sobre o quinteto carioca, The Beggers que íntegra um box de 3 LPs! com uma outra banda carioca, The Blackstones. A caixa chama-se *JOVEM BRASA* e vem com 3 LPS, em **1967**. São covers de rocks gravados pelos Beatles, covers de composições dos Beatles e de outras bandas daquela era. Não tem ficha técnica, a gravadora chama-se Discastros e não se sabe de um possível vínculo com a CBS ou como conseguiram autorização para as versões. As versões também são magras, algumas ficam a contento, vale mais pelo desejo e pelo pique juvenil com a raça – não se sabe nada a respeito das condições técnicas do registro. Duas bandas que regravaram Beatles e no máximo conseguiram gravar mais um compacto antes de desaparecerem. "Um barato perdido", mas conhecido entre colecionadores e revistas especializadas do mundo em bandas garageiras – vc tem ou conhece esses discos? Consulte a coleção do vôvô. (**MÁRIO PAZCHECO, 20 DE SETEMBRO / 2019**)







Liverpool foi uma banda de rock formada em Porto Alegre no início dos anos de **1970**, e que iniciou a carreira com o nome de Liverpool, em **1965**, passando a chamar-se Liverpool Sound e, após **1971**, Bixo da Seda. Com o nome Bixo da Seda, a banda teria partido para "uma levada de rock inglês, num mix de influências, próximo do progressivo", conforme o jornlista e pesquisador Gilmar Eitelvein. As letras, compostas por Fughetti Luz, eram extremamente críticas e psicodélicas. Tendo se tornado uma espécie de lenda no rock do sul do Brasil, a banda reuniu-se, posteriormente, para shows, tendo tocado, por exemplo, no *FESTIVAL MORROSTOCK **2011***, na cidade de Sapiranga. Já Fughetti Luz emplacou muitos sucessos em sua carreira solo compondo para bandas conhecidas no Rio Grande do Sul, tais como Bandaliera e outras, e atualmente, encontra-se em retiro espiritual no interior do Estado.
(**ALAN NICHOLAS SARAIVA PARA ALAN "N" ROLL NEW GRUPO, 9 DE MAIO / 2019**)

LIVERPOOL – POR FAVOR SUCESSO – 1969

Cada vez que pesquiso descubro o quanto a música brasileira produziu e vem produzindo obras interessantes. Uma dessas descobertas é a banda Liverpool. Formada na zona norte da cidade de Porto Alegre, foi um grupo que flertava pelo rythm'n blues, rock clássico inglês, Tropicália até Rolling Stones. É considerado como um dos grupos psicodélicos do Brasil.

O grupo era composto por Mimi Lessa (guitarra), Fughetti Luz (vocal), Marcos Lessa (guitarra base), Edinho Espíndola (bateria) e Pekos (baixo). O único álbum gravado em lançado no Brasil, em **1969**, pela gravadora Equipe, intitulado *POR FAVOR SUCESSO* é um dos grandes e esquecidos discos da música pop brasileira, considerado por alguns, como próximo aos trabalhos da banda Mutantes. Esse disco surgiu da classificação que o grupo obteve na fase regional do *II FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA MÚSICA POPULAR*, em que defenderam a canção que deu nome ao disco, de autoria de Carlinhos Hartlieb.

O disco contém composições com instrumental acima da média e letras inteligentes e expressivas do cotidiano da juventude da época. É visível o estilo do psicodelismo nas músicas Olhai os lírios do campo, Impressões digitais e Voando. O que se destaca nessas canções é o toque da guitarra, com distorção e harmonias rebuscadas, não tão comuns nos grupos da época. Há também a quase bossa-rock Planador, a tropicalista Paz e amor, o folk rock “Tão Longe De Mim” e o boogie stoniano, “Que Pena”, que mostram a diversidade das composições assinadas pelo grupo, principalmente Hartlieb, com a ajuda da dupla Hermes Aquino e Lais Marques.

É uma pena que o guitarrista Mimi Lessa, seja pouco lembrado, pois muitos o consideram um dos grandes guitarristas do rock nacional, na mesma categoria de Lanny Gordin e Sérgio Dias. Da mesma forma o cantor e compositor Fughetti Luz é figura lendária do rock gaúcho, com suas memórias registradas em livro do jornalista Gilmar Eitelvain.

Após a extinção do grupo, Mimi, Marcos, Edinho e Fughetti, juntamente com Renato Ladeira (ex-A Bolha) formaram o também lendária banda Bixo da Seda, gravando um álbum em **1976**. Posteriormente, passaram a acompanhar artistas como As Frenética e Robertinho de Recife, assim como trabalhos individuais. Já Fughetti Luz retornou ao Sul, onde permanece na ativa, após compor, produzir e tocar com bandas, tais como, Bandaliera, Guerrilheiros Anti Nucleares e Barata Oriental. Além desse álbum, fizeram a trilha instrumental do filme *MARCELO ZONA SUL*”.

Fonte: http://brnuggets.blogspot.com.br/, baseado no texto de Fernando Rosa, Revista ShowBizz.

Nesta postagem, resgatamos justamente esse trabalho “Por Favor Sucesso”, que contém as seguintes músicas:

01. Por Favor Sucesso
02. Que Mania
03. Cabelos Varridos
04. 13o. Andar
05. Blue Haway
06. Você Gosta
07. Olhai os Lirios do Campo
08. Voando
09. Planador
10. Água Branca
11. Impressões Digitais
12. Paz e Amor
13. Tão Longe de Mim



(**MAURICIO REIS PARA CLÁSSICOS ROCK GRANDE DO SUL – MEMORIAL, 15 DE ABRIL DE 2017**)

ANOS 60, Bixo da Seda, Jovem Guarda, LIVERPOOL

POR FAVOR SUCESSO, **1969**



Compacto raro da banda Liverpool, gravado pra trilha sonora do filme *MARCELO ZONA SUL*, em **1970**. Psych loko.
(**BOA VIAGEM DISCOS,· 23 DE JULHO DE 2019**)



*Mutantes e Liverpool, **1969** – foto do acervo de Sasha Cavalcante*





afastem-se todos: isto é um ensaio!

— **Vamos de nôvo, gente. Em quatro.** O garôto bate com uma palheta de plástico quatro vêzes na guitarra, o pé direito acompanhando a batida, no chão. Depois das batidinhas, entra um som violento: duas guitarras, um contrabaixo — tudo elétrico — e uma bateria. Junto, uma voz agoniada:

— **Aliente para a quantidade do meu canto...**

Estamos numa pequena casa de madeira, num subúrbio de Pôrto Alegre. No canto da parede da sala, uma faixa branca com letras pretas: "Você estão entendendo tudo!" Na mesma sala, tôda uma aparelhagem de som (amplificadores, fios, dois microfones); chapéus; um espelho pequeno; discos espalhados pelo chão (Jazz, Beatles, Gil, Mutantes); posters (de nôvo Mutantes, Liz, LiverPool Show, Pateta). Mais os instrumentos. E cinco rapazes. Tocando. Ensaiando. O Liverpool preparando seu disco.

Há quase um mês o conjunto Liverpool está ensaiando escondido. Primeiro foi para o Festival Universitário onde se classificou em primeiro lugar (**Por Favor Suceso**, Carlinhos Hartlieb). Agora, para preparar as doze músicas que vai gravar no Equipe, no Rio, dia 15 dêste mês. Mas por que êste mistério?

— Para que êles possam trabalhar tranqüilos.

É Salim, o empresário, quem explica. Os garotos ensaiavam na casa de um dêles, no IAPI (todos moram lá, lá se conheceram: "jogando pedras em vidraças, de **funda**"). Então, em cada ensaio era um monte de gente a entrar na casa, para assistir:

— Até as calçadas ficavam cheias de gente...

Êles lembraram de um parente que tinha uma casa vazia num subúrbio. Tomaram conta da casa. Lá é agora a **concentração, a toca**. E o regime é de trabalho sério, de disciplina: todos dormem lá mesmo, um despertador acorda para os ensaios que começam às oito da manhã e só param seis da tarde. A noite é repouso. As refeições são enviadas de suas casas. E o local é mantido em absoluto sigilo. Há muita gente querendo revelar o endereço para as fãs. E as namoradas só podem aparecer nas sextas e sábados, em horas determinadas. Para conferir, Salim faz visitas de surprêsa durante a semana:

— Se pegar alguém namorando fora de hora, aplico multa.

Mas nunca pegou. Os garotos têm consciência da importância de preparar êsse longplei em que haverá músicas dêles mesmo (**Paz e Amor, 13.o Andar, Que Mania**), do Carlinhos, do Herenes Aquino, da Laís Marques e até do TomZé: êles querem se profissionalizar, viajar, viver de música. E o disco, mais a próxima atuação no Festival Nacional da Canção (Maracanãzinho), são os primeiros passos. Por isso êles não podem dar ensaio.

— A gente pega primeiro o conteúdo da música, depois vai botando som em cima: vocal, distorção .... Coisa exótica, mas harmonizando. Vamos lá, gente. Agora **Pianador!**

E a música de Laís Marques (na linha de Baby), segura:

— **Em alta velocidade eu amo você/ No meu coração, a canção demodée, / no cheio, no meio, no seio da cidade, a sua dor/ sou cidadão, só sei amar...**

A voz é de **Foguête**, ou **Márquinho**, ou Marco Antonio Figueiredo, 20 anos, cabelos até os ombros. Na guitarra-solo, o regente: **Mimi**, ou **Sararé**, ou Milton Lessa, 18 anos. Na guitarra-base, o irmão de Mimi **Doutro Lado**, ou **Felipe**, ou Marcos Lessa, 19 anos. No contrabaixo, **Pepeco**, ou Vilmar Seadi Santana, 17 anos. Na bateria, **Edinho**, ou **Indio**, ou Edson Spindola, 16 anos, primo dos Lessa. Êles na sala, de calças Lee de veludo lilás, mostarda, azeitona; de lenços, de mantas; de tênis brancos. No quarto, ao lado, barbado, o **Judas**, que cuida da aparelhagem de som do conjunto. Êle fala:

— Bacana foi a tarde de domingo em que os Mutantes bateram lá na casa do Foguete. Sabe pra quê? Pra dar um **uau** de presente pra nós...

O **uau** (wah-wah) ganho dos Mutantes é um aparelho usado para dar um som distorcido na guitarra. Nos mais são instrumentos e aparelhos nacionais. Nenhum segrêdo, segundo **Judas**.

O conjunto apareceu lá no IAPI. Com **Mimi**, que foi convidado para tocar por uns amigos:

— Tava a fim de grana, tôpei. Mas com uma condição: levar o Marquinho junto, que tirava uns fadinhos na viola...

Levou Marquinho, levou **Doutro Lado**, levou **Edinho** "na marra, sem pedir pra mãe dêle". Estava pronto o Liverpool. Mas tinha outro na **patota**, o Pepeco, tinha que entrar para o conjunto. E em maio dêste ano êle já estava no Liverpool, um conjunto que dava "shows" de uma hora em bailes:

— Mas a gente nunca tocou lê-lê-lê baratão. Antes de surgir **Alegria, Alegria**, a gente já tocava Carolina com guitarras...

Veio **Alegria, Alegria**: logo o tropicalismo. E o Liverpool ficou à vontade: era o tipo de trabalho que êles estavam querendo fazer. Fizeram e deu certo. Tanto que têm de se esconder para ensaiar, já com novas idéias:

— A gente agora quer individualizar. Não mais o Liverpool tirando som de Mutantes, mas LiverPool tirando som de Liverpool, entende? É a nossa libertação.

Uma pausa para a Coca-Cola que o **Judas** buscou. Mais pão com manteiga e presunto. São quatro e meia da tarde. Na casa, em rua afastada e sem movimento, apenas os cinco músicos, o **Judas**, o Salim e um repórter. Nenhuma fã para atrapalhar o trabalho. Porque isso é decisivo, não é, **Mimi?**

É mesmo! Vamos lá, pessoal. Agora uma nossa: **13.o Andar**. Em quatro, tá?

Quatro batidas na guitarra, o pé direito acompanhando, e o som violento, estridente, sabido seguro. Junto a voz agoniada do **Foguete**:

— **Numa floresta de edifícios me confundo/ onde começa um, onde termina o outro / lá embaixo gente parecem formigas correndo entre carros/ e não param ao sinal vermelho/ sinal vermelho, amarelo, verde/ tudo começa de nôvo/ eu peço socorro, ninguém me ouve aqui no décimo-terceiro andar...**





Texto de Valdir Zwetsch

Fotos de Silvio Ferreira

*A PEDIDO, MATÉRIA DA FOLHA DA TARDE DE 9 DE AGOSTO DE **1969**, SOBRE ENSAIO DO LIVERPOOL. TEXTO DE VALDIR ZWETSCH*. **(EMÍLIO PACHECO)**



As Andorinhas: primeiro grupo de rock formado por mulheres no Rio Grande do Sul. ANOS 60

CRISTIANO BASTOSGRUPO DA PÁGINA 100 GRANDES DISCOS DO ROCK GAÚCHO VOL. 1

AS ANDORINHAS

Uma das bandas precursoras do rock em Porto Alegre, formada só por garotas por volta de **1965**, surgida na mesma época da banda As Brasas, que também era composta apenas por garotas.

A primeira formação das Andorinhas tinha Vera Maria Célia (baixo), Rose Marie Porto Alegre Pereira (guitarra solo), Nubia Maria Abreu Friedrich (guitarra base) e Yoli Planagumá (bateria e voz). Mais tarde, Célia foi substituída por Glaucia, no baixo, e Yoli saiu para a entrada de Loreta Rodrigues na bateria e voz.

Yoli Planagumá saiu das Andorinhas para tocar na banda As Brasas, por volta de **1968**, substituindo Marion Müller, e mais tarde, de **1973** até **1978** tocou bateria e foi vocalista da banda Pentagrama.

Nas fotos, as duas formações da banda As Andorinhas.
Fotos: acervo de Yoli Planagumá

RELICÁRIO DO ROCK GAÚCHO, 2 DE AGOSTO DE 2019 ·


S.PAULO
P.ALEGRE





Amigos, o #tbt hoje é esta foto da banda ' Os Minos' em **1967** na TV Excelsior/SP. Na foto eu, Pepeu, Luciano Souza e Ricardo Souza.
(**JORGINHO GOMES – DRUMMER,· 18 DE JUNHO / 2020**)

OS BONS



Grupo de apoio de Eduardo Araújo, em **1967**. Formação: Cacho Valdez (também dos Beat Boys), Lanny Gordin (guitarras) e Willy Verdaguer (também do Beat Boys, contrabaixo). Fonte: (*ABZ DO ROCK BRASILEIRO* de Marcelo Dolabela).



Os Infernais: o conjunto gravou dois compactos, um simples e o outro duplo

OS GRUPOS BRASILIENSES SURGIDOS NA ÉPOCA DA JOVEM GUARDA

JOVEM GUARDA

CONHEÇA A HISTÓRIA DE GRUPOS BRASILIENSES SURGIDOS NA ÉPOCA DA JOVEM GUARDA

Não havia disputa entre aqueles conjuntos. Os Infernais, por exemplo, costumavam dividir fraternalmente o palco da TV Brasília e da TV Nacional com Os Primitivos

POR: IRLAM ROCHA LIMA / https://www.correiobraziliense.com.br/

Os primeiros grupos a serem formados no fim da **DÉCADA DE 1960**, influenciados pelos Beatles e por Roberto Carlos e companhia, foram Os Reges e o Os Infernais. Logo em seguida, vieram Os Geniais e Os Primitivos – o mais popular entre os quatro. Todos, porém, marcaram presença na cena de forma destacada e transformaram-se em pioneiros do rock na capital.

As iniciais de Reinaldo (baixo), Edson (guitarra base), Gualberto (guitarra solo), Edson Vitorino (bateria) e Segóvia (crooner) foram usadas para dar nome ao Reges, conjunto que era atração maior de programa comandado pelo radialista Galeb Baufaker, na TV Brasília. Um ano depois, Edson foi substituído por Passani.

E é ele quem relembra a trajetória do conjunto. “Por conta do programa da televisão, Os Reges tornaram-se bastante conhecidos. Éramos convidados para show em clubes e casas noturnas de Brasília e de cidades-satélites. No repertório dos nossos shows não faltavam versões de músicas do Beatles, feitas pela Beth, que era namorada do Gualberto; e, claro, as canções da Jovem Guarda.”



*Os Geniais: o grupo abriu, em **1966**, show de Roberto, Erasmo e Wandereléa*

Não havia disputa entre aqueles conjuntos. Os Infernais, por exemplo, costumavam dividir fraternalmente o palco da TV Brasília e da TV Nacional com Os Primitivos.

“Éramos todos amigos e compartilhávamos do mesmo gosto musical”, lembra Eduardo Sampaio, baixista de Os Infernais, que tinha como companheiros Lincoln (guitarra solo), João Lataro (guitarra base), Edson (bateria) e Glay Lataro (vocal). “Aos domingos, participávamos dos programas Rapsódia, da TV Nacional, às 13h; e do Passarela do Sucesso, às 16h, na TV Nacional, e gravamos um compacto simples e um compacto duplo”, acrescenta.

BEATLES NO REPERTÓRIO

Mas, historicamente, o primeiro disco gravado em Brasília foi o do Os Primitivos, grupo que tinha em sua formação Carlos Alberto (vocal), George (guitarra solo), Luizinho (guitarra solo), Edson (guitarra base), Armandinho (baixo) e Everardo (bateria). “Músicas dos Beatles eram maioria em nosso repertório de show, mas no disco gravamos clássicos da música nordestina, entre os quais Mulher rendeira, Peguei um Ita no Norte e Esta noite serenou, em ritmo de iê-iê-iê, além de uma composição do Carlos Alberto e do Edson, intitulada O gato”, recorda-se Everardo. “Os Primitivos se apresentaram em vários programas de tevê no Rio de Janeiro, como o do Chacrinha (TV Tupi), e Festa do Bolinha, de Jair de Taumaturgo, na (TV Rio)”, complementa.

BRASÍLIA ENTROU NA ONDA DO IÊ-IÊ-IÊ E VIU JUVENTUDE ADERIR À MODA DO ROCK

Os LPs dos cantores e grupos – a expressão banda ainda não era utilizada – do movimento disputavam com os dos Beatles espaço nobre nas prateleiras da Discoteca Paulistinha

POR: IRLAM ROCHA LIMA



DIVULGAÇÃO



Os Primitivos: um dos grupos mais populares da época chegou a se apresentar nos programas de tevê de Chacrinha e Jair de Taumaturgo

Em **1965**, o país vivia sob a ditadura militar e tinha como presidente o general Humberto de Alencar Castelo Branco. Brasília, ainda em construção, era uma cidade pacata e incipiente artística e culturalmente, com raríssimas opções nas áreas do lazer e do entretenimento – principalmente as voltadas para os jovens.

Quando, em **AGOSTO** daquele ano, a TV Alvorada (Canal 8) passou a transmitir o programa Jovem Guarda, apresentado na TV Record, em São Paulo, a nova capital parava. Todos os domingos, a partir das 19h, a cidade ia para a frente dos antigos

aparelhos de tevê em preto e branco assistir a Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa.

Mas não era só isso. Os LPs dos cantores e grupos – a expressão banda ainda não era utilizada – do movimento disputavam com os dos Beatles espaço nobre nas prateleiras da Discoteca Paulistinha, na 507 Sul, em plena W3. À época, a movimentada avenida era centro comercial da capital.

Ao lado da Paulistinha, o magazine Bi-Ba-Bô exibia em suas vitrines vistosos blusões, calças boca de sino inspiradas nas usadas por Roberto e Erasmo; e as minissaias com as quais Wanderléa atraía olhares cobiçosos dos fãs. Quem tinha poder aquisitivo menor ia em busca dos genéricos de produtos similares na FoFi (105 Sul).

Em festinhas concorridíssimas, nos apartamentos do Plano Piloto e nas casas das chamadas cidades–satélites, principalmente Taguatinga, sucessos da Jovem Guarda, como "Parei na contramão", "Splish splash", "Gatinha manhosa", "Menina linda" e "Ternura", embalavam as improvisadas pistas de dança. Marcaram época, por exemplo, as festas na casa de Fernando e Carlinhos Bahout na QSA 23, em Taguatinga.

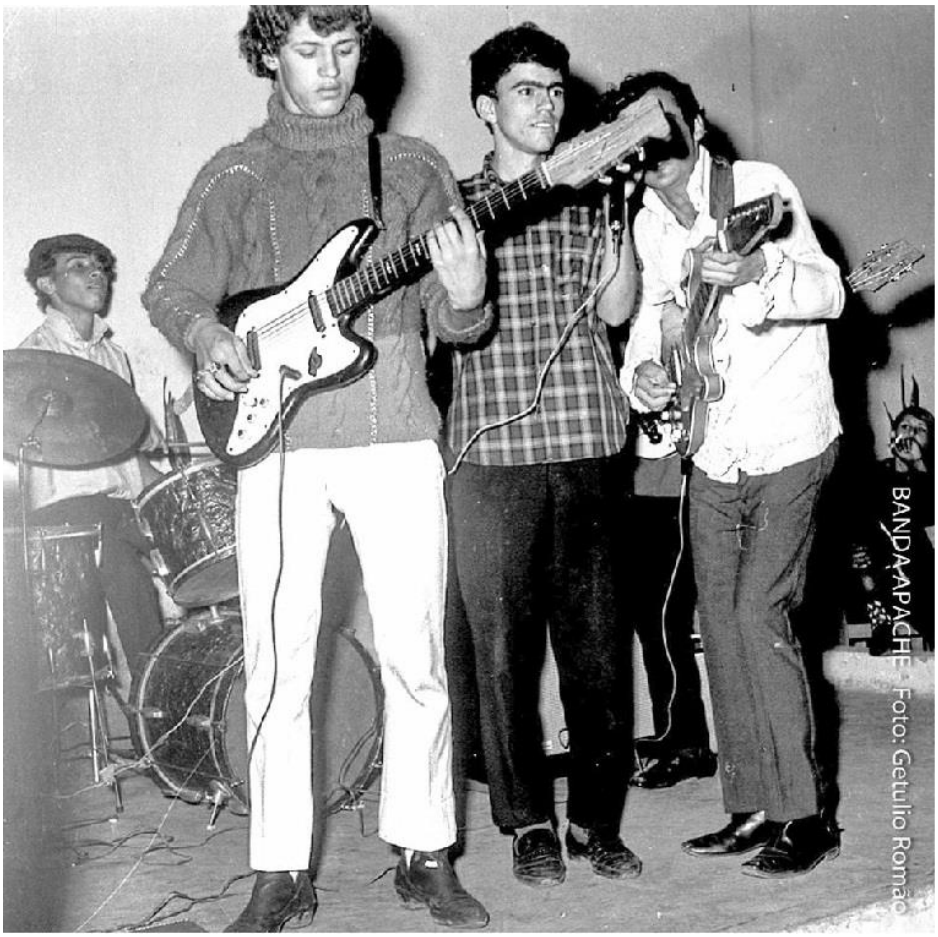
No mesmo período, começaram a surgir grupos formados por músicos brasilienses que, embora fãs dos Beatles, Rolling Stones e The Byrds, tinham, também, como referência, a turma da Jovem Guarda. Destacavam-se Os Reges, Os Primitivos, Os Infernais e Os Geniais, que participavam de programas ao vivo na TV Brasília e TV Nacional e tocavam no circuito de clubes sociais, como Iate, Congresso, Jockey, Motonáutica, Bacrévea e Unidade de Vizinhança, e, também, em boates, como a Tendinha do Hotel Nacional.



Os Reges: grupo era principal atração de programa do radialista Galeb Baufaker (de preto)

Foto: Getúlio Romão Campos

Banda Apache: Lin, bateria; Cássio Tavares, guitarra; Marcos A. Castro, vocais (que depois foi para Os Quadradões e a Placa Luminosa); e Hélio, contrabaixo.



OS PRIMITIVOS POR JÚNIOR MARRA

Sua formação: Carlos Alberto no vocal, Edson na guitarra base, Luizinho na guitarra base, Armandinho no contrabaixo, George na guitarra solo e Everardo na bateria

Ponto dos Músicos, resgatando e preservando a memória musical e artística de Brasília.

É difícil precisar qual foi, de fato, a primeira banda brasiliense. Entretanto, como Os Primitivos foram a primeira a gravar um LP (**1967**) e a única a se projetar, ainda que timidamente, no eixo RIO-SP, podemos considerar seu primeiro ensaio como o marco zero do rock de Brasília.

Ensaios improvisados em apartamentos e ginásios das escolas (o do Colégio Marista era um dos preferidos) deram início à formação da primeira geração de bandas de Brasília. Na foto abaixo, Os Primitivos ensaiam em um barracão de madeira de um clube improvisado à beira do Lago Paranoá.

Os Primitivos, Os Reges e Os Infernais formaram a primeira tríade do Rock Brasília. (digo primeira, porque é um fato recorrente na história musical de Brasília) e o grande espaço do rock'n'roll era o Salão de Festas do Clube do Congresso, onde aconteciam concorridos bailes.



COMENTÁRIOS

"Quando os sebos de discos começaram a pintar em Brasília nos idos de **1984**/**1985** – um dos discos mais estranhos que conhecemos foi o único LP dos Primitivos (Primitivos!? Será que eles são tipo The Troggs!?) e nesse disco há a canção popular 'Peguei um Ita no Norte' que tocávamos. Por décadas fiquem a fim de saber o que é o termo 'Ita'!", o mais triste é que hoje esse disco é muito caro." (**MÁRIO PAZCHECO**)

"Primeiramente é preciso esclarecer que 'ita' significa 'pedra' nas línguas pertencentes ao tronco tupi-guarani. Mas, apesar de ter existido uma empresa de ônibus com este nome (ou ainda existe em algum buraco dos brasis rodoviários) o ITA ao qual se refere a antiga canção é um navio que fazia a rota de Belém ao Rio de Janeiro, numa dolorosa, nostálgica e longa viagem de navegação de cabotagem digna de versos de Camões. Até então, somente pelo mar os mais pobres podiam sair da região amazônica e chegar à civilização, posto que a outra alternativa era apenas para quem dispunha de muita grana pra viajar de avião. Depois da inauguração da rodovia Belém-Brasilia, o Sul e o Norte deram-se as mãos no Brasil de JK."
(**ROBERTO GICELLO BASTOS**)

ELSON 7 PELO SENHOR F

Com o nome de Elson 7, o ex-Good Boys e Elson & Seus Good Boys, apresentou-se em Brasília durante o ano de **1968**. Integravam o Elson 7, o próprio Elson (saxofone), Mozart (guitarra solo), José Carlos (cantor), Luiz (bateria), Eurípedes (acordeon), Wilson (marimba) e Taqui (também cantor).

Nessa época, o grupo acompanha e participa de shows na cidade com músicos como Eliana Pitman, Elis Regina, Roberto Carlos, Wilson Simonal e divide um espetáculo com Sérgio Mendes, no Hotel Nacional. Em **1969**, o grupo divide-se em dois, um parte continuando como Elson 7 e outra formando Os Mugs.

Com o novo Elson 7 permaneceram Elson (saxofone), Mozart (guitarra solo), Luiz (bateria), Eurípedes (acordeon), Wilson (marimba), Taqui (vocal) e mais os músicos Dimas (também vocal) e Fred (contra-baixo). Com essa formação, gravaram em **1972** um LP, o terceiro feito por grupos da cidade, depois dos Primitivos (**1967**) e dos Quadradões (**1969**).



Com a morte de Elson em **1974**, e a troca de vários integrantes, o grupo passou a chamar-se Squema 6, transformando-se em um dos mais famosos e atuantes conjuntos de baile da capital federal, em atividade até hoje.

Com o novo Elson 7 permaneceram Elson (saxofone), Mozart (guitarra solo), Luiz (bateria), Eurípedes (acordeon), Wilson (marimba), Taqui (vocal) e mais os músicos Dimas (também vocal) e Fred (contrabaixo). Com essa formação, gravaram em **1972** um LP, o terceiro feito por grupos da cidade, depois dos Primitivos (**1967**) e dos Quadradões (**1969**).



Este aí não era o Raulino e seus Big–Boys?

Foto: Heide Rezende



Foto: blog do contrabaixista, Nilo Medeiros

CRÔNICA: SEBASTIÃO RODRIGUES, O TIÃOZINHO, COMANDOU GRUPO DE BAILE POPULAR NO DF

Os convidados já estavam instalados nas várias mesas da sala, mas não se ouvia nada, além das conversas animadas

PUBLICADO EM DIVIRTA-SE/CORREIO BRAZILIENSE

15 DE MAIO / 2015 – A festa prometia. Cervejas geladas, garrafas de bons uísques, petiscos árabes para abrir o apetite, mesa farta para o jantar e a promessa de boa música. Os convidados já estavam instalados nas várias mesas da sala, mas não se ouvia nada, além das conversas animadas; os músicos mandaram o Lima, deram o cano.

O anfitrião fez ligações e ouviu desculpas esfarrapadas. Desolado e atarantado – e sem desconfiar que os convidados estavam muito bem sem os caloteiros –, andava de um lado a outro. No íntimo, baixinho, cantava o bolero que pede ao relógio para não marcar as horas.

Não adiantou muito; os segundos seguiram em frente, provocando um barulho ensurdecedor na cabeça dele. Procurava o que fazer; não sabia se trazia no peito ciúme, despeito, amizade ou horror. Mas não pensava em vingança porque é um bom sujeito.

A providência não falha. De repente, Sebastião Rodrigues entra na casa. Não sei se o leitor sabe, mas estávamos diante do responsável por incontáveis romances. Tem

gente que põe a culpa no Roriz, mas Brasília seria bem menos populosa se não fosse Tiãozinho. Não me entendam mal: ele comandou o grupo de baile mais popular de toda a região. Ou seja: fez a cama de muita gente. Literalmente.

Filho de ferroviário, Tiãozinho nasceu onde o trem faz a curva, pouco antes de chegar a Silvânia. Quando Goiás ficou pequeno, veio para Brasília como um dos Big Boys de Raulino, conjunto – era assim que os grupos musicais eram chamados – que tocava em todas as festas bacanas; estreou no Palácio do Planalto. Fundou o Squema Seis, tocou em todo o Brasil; carreira de sucesso, encerrada há alguns anos.

Teve a vida estudada em universidade, quando virou tese de mestrado, e é admirado pelos colegas – coisa rara em se tratando de um músico de baile, que normalmente é vítima de preconceito. Tiãozinho, ao contrário, é reverenciado, mas agora só toca entre amigos.

Nos últimos meses, ele vem sentindo uma coceirinha. Não quer fazer mais bailes, mas voltou a estudar música todo dia; combinou sessões com amigos e tem se encontrado com guitarristas bem mais novos para fazer umas coisinhas diferentes.

Para mostrar que a coisa é séria, pediu ao Haroldinho Mattos para dar uma guaribada na guitarra Gibson 335 modelo **1967** (que, ele descobriu, hoje, vale uma grana nos leilões da internet). No que vai dar toda a movimentação ainda não há como saber.

Voltemos à festa. Tiãozinho chegou na rodinha e foi inteirado sobre a angústia do anfitrião. Prevenido, contou duas ou três histórias rápidas para mostrar que nunca foi pego no contrapé e anunciou: – Vou ali no carro. Voltou com um violão de cordas de naylon, abriu uma roda e, sem necessidade de amplificação, comandou o sarau.

A noite foi pequena. A cantoria entrou pela madrugada e sobrou comida. Mas tem gente achando que o anfitrião deu o golpe. Más línguas dizem que depois de confirmar a presença do Tiãozinho, ele teria dispensado os outros músicos. Estava certo: só iam atrapalhar.

MATUSKELA

Ao vivo no Clube dos Previdenciários / Na frente de casa, no Guará I-DF em **1974**





Foto: Matuskela no Motonáutica / Fonte: Grupo Brasília **1972** a **79**



"Minha primeira vez numa bateria foi em **1985**, na casa do Didi Moreno e do Anapolino... No instante da postagem, aqui em casa rolava o LP do Matuskela...Não existe acaso!"
(**TIAGO RABELO, BATERISTA**)

CONHEÇA OS PRIMEIROS LPS DE BRASÍLIA

A cidade de Taguatinga era a que abrigava a maior parte dos grupos e artistas envolvidos com as músicas, e foi de lá que surgiram Os Quadradões e El Son 7, as duas bandas pioneiras e responsáveis pelos dois primeiros LPs de Brasília

MD MATHEUS DANTAS*

19/08/2018 07:15 / atualizado em 28/08/2018 19:22

Grupo Os Quadradões: atração dos bailes que movimentavam a juventude brasiliense

(foto: Arquivo Pessoal)

19 DE AGOSTO / 2018 - O ano era **1969**, e o ambiente musical na capital do país vivia um momento intenso. As emissoras de tevê naquela época, ainda em preto e branco, já faziam programas dedicados especialmente para as produções musicais de Brasília.

A cidade de Taguatinga era a que abrigava a maior parte dos grupos e artistas envolvidos com as músicas, e foi de lá que surgiram Os Quadradões e El Son 7, as duas bandas pioneiras e responsáveis pelos dois primeiros LPs de Brasília.

“Os grupos naquela época em sua maioria eram bandas de baile que se constituíam num mercado com muita vitalidade, tendo em vista a enorme quantidade de clubes que promoviam os mais variados tipos de festas”, conta Ribah Nascimento, integrante de Os Quadradões.

El Son 7, já naquele tempo era uma banda veterana, e baseou seu repertório em covers de músicas de sucesso, as preferidas dos bailes, gravando o seu LP em um dos primeiros estúdios de Brasília, o PR Estúdio.

Por outro lado, Os Quadradões eram considerados uma banda do ‘segundo time” — assim eram chamadas as bandas especializadas em música jovem —. “As nossas referências (dos Quadradões) eram, naturalmente, a Jovem Guarda, a MPB e o tropicalismo. No entanto, havia uma diferença com essas referências, e, no nosso caso, a gente se ligava em música negra americana, como James Brown, Wilson Picket e Aretha Franklin”, detalha Ribah.

Além da contribuição dos integrantes da banda, Castelo (vocais), Vandinha (vocais), Ari Nascimento (baixo), Ribah Nascimento (guitarra), Ed Carmo (bateria), Eurípedes Rosa (órgão), Vicente Paulo (trompete) e Waldemar (sax), o grupo contou com a contribuição de três compositores recém-chegados do Piauí, que começavam uma longa trajetória como autores musicais: Clodo Ferreira, — que chegou a ser guitarrista da banda —, Clésio Ferreira, e Climério Ferreira — que escreveu o texto de apresentação na contracapa.

“No repertório do disco Os Quadradões há um pouco de tudo, como ensinava a recente Tropicália que reinava como a novidade da música brasileira no ano de 1969. Taguatinga era um caldeirão de novas bandas, com guitarras elétricas e influência de modelos internacionais. Essa banda, especificamente, decidiu apostar nos ritmos fortes, guitarra, baixo, sopros e reinterpretação de músicas muito conhecidas. E, melhor que isso, lançou compositores inéditos da cidade”, conta Clodo Ferreira.

“Tínhamos muita vontade de fazer um disco, e a partir do momento que soubemos da existência de um estúdio de dois canais no Edifício Ceará, no Plano Piloto, onde daria pra gravar uma banda, sabíamos que essa era nossa grande oportunidade, e começamos a nos organizar. O primeiro passo foi reunir um número de canções que não ultrapassasse o tempo suportável por cada lado do disco, pois isso era muito importante para a qualidade sonora. Quanto mais tempo tinha as faixas, pior ficava a qualidade devido ao estreitamento dos sulcos do vinil. Outra coisa importante era que a banda tinha que estar muitíssimo bem ensaiada, porque cada tomada, de cada canção, já tinha que ser o produto final, mixado e masterizado.

A ideia de gravar canções autorais, de compositores nativos, além das releituras de canções conhecidas, também nos preocupava, tanto que fizemos algumas canções e gravamos músicas de Clodo Ferreira e Climério Ferreira. Queríamos fazer um disco “moderno”. Conseguimos uma capa bem psicodélica e um texto maravilhoso de Climério Ferreira, de apresentação da banda, que muito nos honrou. Lembro-me também de que não havia entre nós nenhuma ideia do que seria fazer sucesso, apenas queríamos ‘fazer um som’ e gravar um disco, essa era a “vibe”, era muito romântico, quase ingênuo. De alguma forma, aquilo era a nossa Liverpool, era a nossa maneira de entrar em conexão com o que se fazia em outros lugares do mundo naquele momento!” Depoimento de Ribah (MD)

FAIXAS

Os Quadradões — OS QUADRADÕES (**1969**) — PR Studio
1 - Funky funky broadway
2 - A hora do amor
3 - I need you
4 - Only you
5 – Que
6 – Ribedd
7 - Professor particular
8 - Vereda tropical
9 - Em prosa e verso
10 – Entardecer
11 - Tipica serenata
12 - When you touche me





Disco do grupo Os Quadradões: atração
(foto: João Marcelo Ecco/Maldoror Discos/Divulgação)
Álbum do grupo de baile El Son 7
(foto: João Marcelo Ecco/Maldoror Discos/Divulgação)

CONCERTO CABEÇAS: O SONHO ACORDOU (PAULÃO DE VARADERO)

"Quem não dormiu no sleeping bag nem sequer sonhou." **GILBERTO GIL**

NO FINAL DOS ANOS 60, penso que despertado pelo barulho das bombas jogadas no Vietnam e pelos desentendimentos com sua banda, a mais famosa do mundo e, talvez, a mais importante da história do Rock, John Lennon, líder dos The Beatles, garotos de Liverpool que revolucionaram o mundo com guitarras elétricas e uma bateria decretou: "the dream is over." Logo em seguida, outro jovem brasileiro, que estivera em Londres amargando um breve exílio, por ter participado de uma passeata contra o regime militar, Gilberto Gil, referendava com outra música aquela espécie de vaticínio do líder da banda mais famosa do país de Shakespeare: "O sonho acabou".

Ainda no final daqueles anos, um grande evento de jovens roqueiros americanos em *WOODSTOCK*, numa fazenda perto de Nova York, também deixaria marcas em jovens de todo mundo, pela influência e penetração de uma cultura rebelde, que pregava sex, drugs and rock'n roll, era contra a guerra do Vietnam, pregava a paz e o amor no planeta, que Marshall McLuhan identificava como uma "aldeia global".

Dito isso, dou um salto de quase **40 ANOS** para falar do último *CONCERTO CABEÇAS*, que presenciei neste último sábado, no Parque da Cidade, e que nos remete aos *CONCERTOS CABEÇAS* que ocorriam a três décadas atrás no mesmo Parque da Cidade, num belo anfiteatro com espaço para cerca de **8 MIL PESSOAS**, que foi engolido, infeliz e autoritariamente, por um grande galpão onde ocorre anualmente a Festa dos Estados.

Assisti deslumbrado a uma viagem de volta ao tempo do sonho da nossa juventude cabloca do serrado, comandada pelo meu camarada Néio Lúcio Barreto, o jovem Néio. O caro amigo andara recolhido ao silêncio, num exílio interior por muitos anos, depois de ter criado em Brasília o movimento artístico-cultural mais importante da história da cidade, no final dos anos setenta. Néio, depois de alguns infartos e pontes de safena, sempre acompanhado de sua carteirinha de Marlboro, saiu de novo da toca. Quem foi ao Parque da Cidade neste sábado assistiu a um verdadeiro deja vu daquelas tardes de música, poesia e sonho da geração que primeiro ocupou Brasília e deu corpo e alma ao sonho de JK, de Lúcio Costa, de Niemeyer, Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e, provavelmente, ao de Dom Bosco, lá nos idos do **SÉCULO XIX.**

Não vou falar de todas os artistas, bandas, cantores e poetas que desfilaram naquele palco, naquele calorento sábado de **SETEMBRO SECO** do cerrado do Planalto Central. Registro en passant os belos espetáculos de Suzana Mares, do Vagabundo Sagrado, do meu velho amigo Ivan Santos. Aldo Justo, Duboc e o pessoal do Liga Tripa, Mel da Terra, o Toninho Maia e Rodolfo Cardoso, amigo que revi depois de **QUASE TRINTA ANOS**. Eduardo Rangel, Rênio Quintas, colega de infância, e Célia Porto. Não cheguei a ver o Renato Matos, mas me disseram que ele arrasou e não queria mais sair do palco. Quero apenas dizer da ventania de emoção que varreu o parque, corações e mentes de todos que estiveram ali, se reencontrando **30 ANOS DEPOIS**. Alguém me comentou ao ouvido: "isso é uma grande família!". O painel de fundo do palco nos trouxe a lembrança de ícones que já nos deixaram, mas continuam presentes na memória dos brasilienses e, alguns deles, de todo o país, como Cássia Eller, Renato Russo. O meu querido brother Paulo Tovar, um dos fundadores do movimento *CABEÇAS*, estava lá. O poeta Ariosto Teixeira, Marcão Adrenalina, outro agitador cultural da cidade, Cesinha, ator e dançarino, Margarete Piantino, querida parceira de Beirute e tardes poéticas na 208 Sul, Zé Pereira, o paraibano que fêz

cinema e muvuca cultural-folclórica-carnavalesca na capital, desde os idos do governador Zé Aparecido; também o saudoso e querido Aluísio Batata, ator que tem seu nome gravado em uma das salas de espetáculos perto da Funarte estava lá no painel que homenageava essas grandes figuras do movimento cultural de Brasília.

Não vou cair em armadilhas nostálgicas e saudosistas. Só vou registrar as lágrimas da filha do meu diretor no grupo teatral XPTO Ary Pára-Raios, Maíra, que praticamente vi nascer, e que hoje leva adiante O Esquadrão da Vida, outra invenção do saudoso Ary, agitador cultural e ambientalista precussor do Partido Verde, que se orgulhava de ser palhaço. Maíra não cabia dentro de si de emoção, depois de ter apresentado seu número e me abraçar em frente ao palco que também homenageava seu pai.

Ao ver jovens casais namorando ali, em frente ao palco, no seco gramado de início de Primavera, e um jovem candidato a deputado distrital pedindo votos ali em meio ao colorido das pessoas e das luzes que iluminavam os artistas na bela tarde-noite no Parque da Cidade, anteví novos dias de felicidade e esperança para Brasília. Néio já lançou a ideia de fazer um museu da memória artística da cidade, com colaborações via internet. Quer resgatar a história artístico-cultural da cidade, não apenas a do *CABEÇAS*. Acho que isso vai dar samba. Vai ter muvuca de novo. Quem sabe, poderíamos fechar a Câmara Distrital e usá-la para o museu cultural do Néio. O custo-benefício do museu nos traria grande lucro em relação à Gaiola de Ouro do DF. JK está se rebolando no céu, abençoando toda essa festa. Lúcio Costa está delirando, lá em cima. Niemeyer tem que ser convidado para o próximo concerto. Valeu Néio Lúcio! Seja bem vindo nesse seu reencontro com o sonho e a utopia. Lennon e Gil que me desculpem. Em Brasília, o sonho não acabou, mas acordou!

*** PAULÃO DE VARADERO É MEMBRO DO POLITIBURO DO PACOTÃO**

ROCK BRASÍLIA E SUAS FALSAS ORIGENS (EL–EX 'MAGRO' PAZCHECO)

Falsas origens do Rock Brasília

No interior do Goiás no ano de **1957**, um pássaro preto (graúna, merro) chamado Elvis voou para a capital, seu belo canto podia durar uma hora esse pássaro foi a primeira manifestação do rock Brasília.

Outra origem do rock capital está na rádio e nos seus locutores como o Neci.

A primeira geração do rock Brasília foi formada pelas bandas de baile que atuavam na Boite Tendinha no Hotel Nacional e nos inferninhos da W 3 Sul – algumas dessas bandas deram origem aos Matuskelas e Placa Luminosa.

Os astros da Jovem Guarda se apresentavam na TV Brasília escudados por esses músicos. O Tremendão Erasmo Carlos e convidava o cantor Castello para dividir os microfones. Castello além de roqueiro era jornalista uma espécie de Elvis e Chuck Berry do Planalto que invadia os palcos da capital em cima de uma Harley Davidson em pelo.

Outro pioneiro conhecido é o Badu!

As guitarras eram made in Brazil devido às pesadas taxas de importação e uma banda de baile se dividia em outras para atender as necessidades: Raolino

As matinés ocorriam no Clube Primavera, Clube dos 200, Clubes do Setor de Clubes.

Na estreia da Concha Acústica em **1971** durante o show dos Mutantes, Rita Lee liberou a maconha ficou proscrita por uma década. Dez anos depois em **1981** no Rock Cerrado, foi a vez de Raul Seixas liberar a maconha e alugar a Península dos Ministérios.

Em matéria de rock, remanescentes do meio musical dos **ANOS 70**, em atividade: Ligação Direta, Mel da Terra. Da música brasiliense popular: Rênio Quintas, Renato Matos, Toninho Maia, Beirão, Tonicesa Badu, Liga Tripa. Tudo, entre outros, claro.

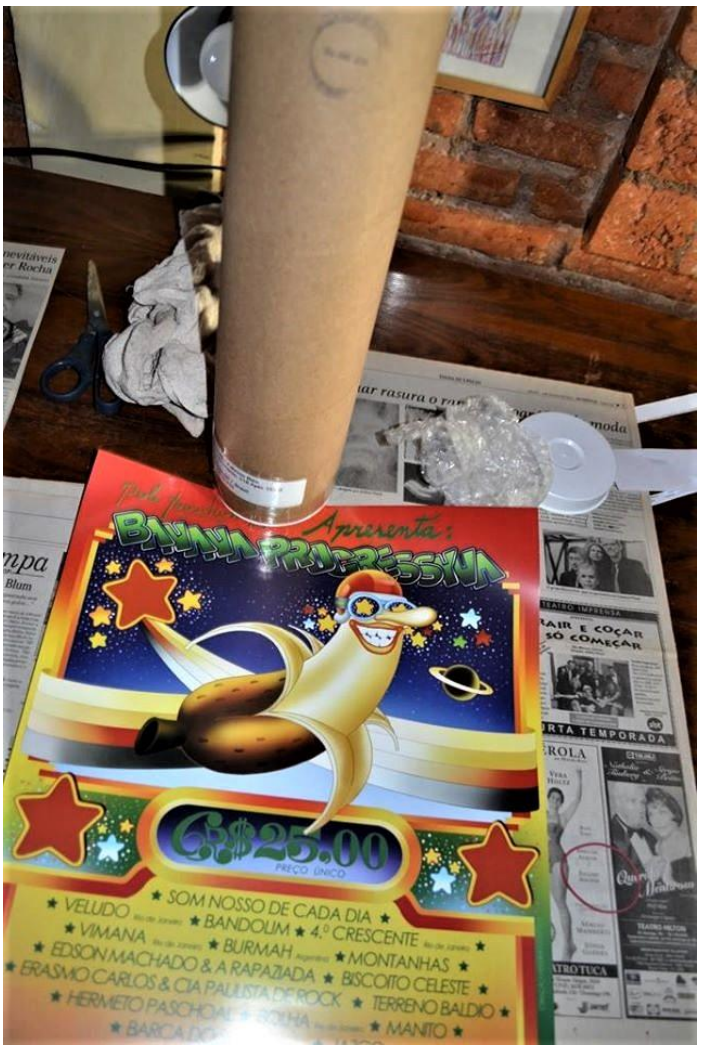
Para não ser injusto: as bandas dos **70s** – A Brisa, A Margem, A Nata, Biscoito Celeste, Carênciafetiva, Grupo Saga (onde participou o falecido e glorioso ator Aloísio Batata), O Bueiro, O Portal, Sol Noturno – não conseguiram passar para a **DÉCADA DE 80**!

Entre as poucas pessoas deste cenário, Serginho Pinheiro, vocalista do Mel da Terra, foi quem me trouxe informação importante sobre o rock dos **ANOS 70**, na cidade.

DA DÉCADA DE 70, somente o excelente progressivo Tellah e o jovial folk Mel da Terra conseguiram lançar discos, no início dos anos 80, em apresentações esporádicas, à frente.

ANOS 70/UNB

"O Portal foi uma banda de rock progressivo de Brasília, na **DÉCADA DE 70**, que tocava composições próprias. Figuravam na banda Luiz Carlos Maranhão (Kuenca) no teclado e vocal, Reginaldo Maranhão na bateria, Zé Ângelo Amado (contrabaixo) e Tetê Catalão, efeitos e vocal. Uma das músicas era "Os campos hoje Tornam-se Verdes", alusão à ecologia, naturalismo e um chamamento à espiritualidade em uma época em que a ecologia não era ainda uma preocupação da humanidade. Kuenca fez biomedicina na UnB e trabalha hoje no saneamento básico do DF. Zé Ângelo formou-se em engenharia elétrica e trabalhou na Embratel, Ministério das Comunicações, Anatel e Telebrás. Tetê Catalão é jornalista e escritor, todos moram em Brasília até hoje. O paradeiro de Reginaldo é desconhecido. Outra banda contemporânea era A Margem". (**JOSÉ ÂNGELO AMADO**)



1975

Biscoito Celeste (participa da Festival *BANANA PROGRESSIVA* em São Paulo)

1976

Tellah – CeuB

6 DE DEZEMBRO.

Rock diplomático "Dia 6 de dezembro de **1976** em Brasília: estreia profissionalmente um conjunto de rock que vai fazer balançar, até mesmo por força de solidariedade familiar, todo o Itamaraty: ele é formado por um filho do embaixador Sérgio Correa da Costa que está na ONU., outro do ministro Geraldo Hollanda Cavalcanti, do gabinete do Chanceler Silveirinha (que hoje estará no Rio) e dois do secretário Romeu Zero, do Departamento Cultural". Jornal de Ibrahim Suede/O Globo – só faltou informar o nome do supergrupo – duvido que algum dia descobriremos mas fica o registro inédito do rock Brasília no apogeu da picadura digo ditadura

GARAGEM

1977 – 1982 – GERAÇÃO DO ROCK BRASILIA

Não devemos esquecer, Ratos de Brasília + Cogumelo Atômico + Espaçonave Guerrilha que começaram o punk em Taguatinga-DF!

O povo só se lembra de Capital Plebe Legião e a cena do heavy metal – o resto vai para o esgoto da história.

A esperança é que os mortos da nossa geração perdida nos ajudem a contar esta história que tem que ser impressa. Estou até consultando uma mãe de santo para entrevistar os mortos...

1977

Liga Tripa + Sepultura + Ligação Direta + (Marciano Sodomita – Guará)

Poucos possuíam instrumentos...

Quanto a canção do Marciano Sodomita, “Você É Minha Paranoia” ela é um hino totalmente sexual e transgressor – até hoje, eu fico com a pulga atrás da orelha – quem é que no meio da volúpia sem tempo nenhum para fazer nada a não ser empurrar o ferro não pensou em 'cagar em cima de você'? Um verso sem nexo definido meio Caetano...

1978 – ALGUMA COISA PODRE NO AR

Feto Podre (Sobradinho, apesar do nome forte era uma banda de Rhythm and blues com canções de Janis Joplin no repertório)

Aborto Elétrico

1979

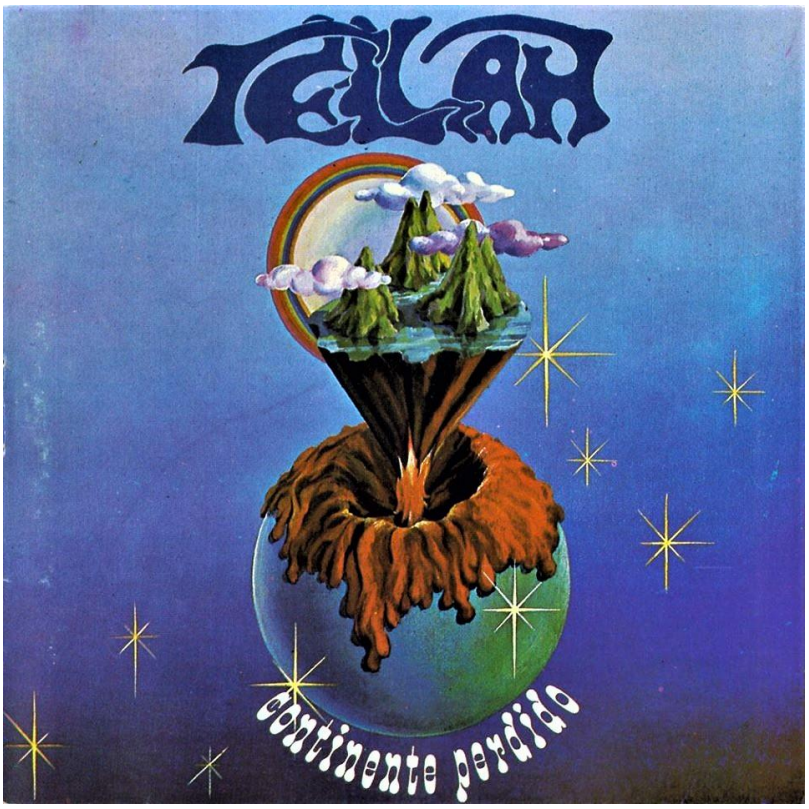
Som Pardal 2000 watts, sonorização dos filmes

“Som Pardal.... Pode–se dizer que foi a primeira firma de som profissional de Brasília, sem contar as bandas de baile. O Pardal foi um dos meus primeiros mestres. O Eco era produzido com fita de rolo.” (Sérgio Pinheiro)

Galpaozinho

BANDAS MÍTICAS

Loddo (entorno de Brasília) + Feto Podre (Sobradinho desde o fim dos anos 70) são as lendas, a mais conhecida é a Aborto Elétrico. Do Gama, Fungos and Bacterias + Buraco Negro (Lucky vocalista)



ANOS 80

1980

Cabeças + Mel da Terra + Ciclovia + Pôr do Sol + Banda Grande Circular + Grupo Chackra + Nossa Amizade

1981

ROCK CERRADO + Udyiana Bandha + XXX + Blitx 64 + Plebe Rude

1982

Capacetes do Céu + Erva Maldita + Ratos de Brasília + Espaçonave Guerrilha + Cogumelo Atômico + Extremo + Fusão + Nirvana + Legião Urbana + Capital Inicial + Bambino e os Marginais + Diamante Cor-de-Rosa + Peter Perfeito

No Fusão, havia um grande guitarrista, Renato que tocava meio Jimmy Page se era bom? – Claro! Marco Canto, do Fusão; olha o nome do cara! Ele era um cantor fenomenal.

O Extremo, tinha outro grande guitarrista criativo 'phodda'! Cécé! O Nirvana apareceu tocando Randy Rhoads ao vivo! Fejão era o mais rápido do Oeste! O Fusão iria gravar em Los Angeles mas está é outra história...

1983

Detrito Federal +

1984

Ave de Veludo é o primeiro disco de blues brasileiro lançado pela Baratos afins em **1984**.

Akneton + Lado A + Escola de Escândalo + Guilherme Lassance + Miltinho Guedes + Malas & Bagagens

NOTA FALSA

JANEIRO DE 1985 – Se os punks do planalto deixaram de ser punks em **1979**, cinco anos depois em **1984** já não existia mais nada disso, os precursores morreram antes do *ROCK IN RIO* (**1985**) porque tinham que entrar no mercado de trabalho Legião Urbana! A necessidade de um bom rock em português será sanada por Manfredini Júnior e CIA e transformará o Brasil...

Elite Sofisticada + Arte no Escuro + Finnis Africae + Obina Shock + Escola de Escândalo + 5 Generais Nervos de Seda + Clones de Ludwig + Heróis do Dia + Anima Verba fazem barulho...

1986

Em **1986**! Eu ouvia Marciano Sodomita e Akneton... O Rock Brasília havia começado com Sepultura (Cruzeiro) Aborto Elétrico, Mel da Terra, Extremo, Pôr do Sol, Fusão, Nirvana – eles criavam mesmo não importavam...

Ainda em **1985-86**, uma boa banda que mesclou vanguarda e Rock Brasília: Liberdade Condicional com Adriano Faquini!

1987

Cássia Eller (Malas & Bagagens) + Vagabundo Sagrado + Os Wallaces + Mata Hari

1988

Zines e black metal

1989

Os Alices + Puro Sangue (heavy metal made in Núcleo Bandeirante)

1990

Rumores de Garagem + Dungeon + Low Dream + Animais dos Espelhos + OZ

1993

Cachorros das Cachorras + Little Quail + Nata Violeta

HARD ROCK

Deja Vu + Concorde + Nervos de Seda + Kábula

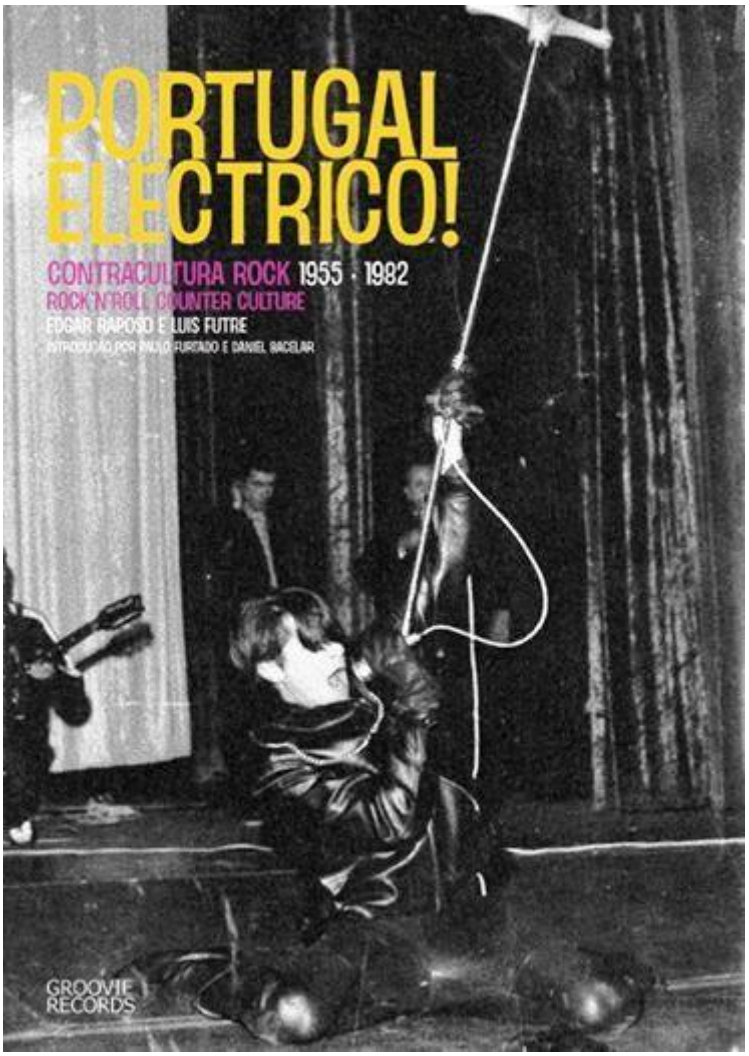
ALGUMAS BANDAS DO GUARÁ

Matusquelas (**1974**) + Rocha do Planalto + Psicose Crônica + Durangos da América + Nefelibatas + Trappus & Farappus + Alto QI + Cabelo Duro + Makacongs 2099 (Phú/Djalma)

Aos poucos; aos poucos... fiz este rascunho de cabeça estou sem tempo

"Acima, uma pusta aula de cultura brasiliense. Que os saberes sobre o rock, a canção e a cultura em geral na cidade não pare no tom do discurso do filme do — com todo respeito ao mestre — Vladimir Carvalho" (**ALVES SILVEIRA SANDRO**)

LIVRO "PORTUGAL ELÉCTRICO" REVELA HISTÓRIAS DO ROCK DURANTE A DITADURA



Saiba mais sobre **PORTUGAL ELÉCTRICO – CONTRACULTURA ROCK 1955-1982** . O livro *PORTUGAL ELÉCTRICO* conta pela primeira vez a história da "contracultura rock" em Portugal desde **1955**, revelando uma consciência juvenil sobre o país que não era exclusiva dos cantores de intervenção.

*PORTUGAL ELÉCTRICO – CONTRACULTURA ROCK **1955**-**1982*** , de Edgar Raposo e Luís Futre, além de bandas, imagens de discos e de concertos, relatos inéditos e esquecidos, menciona grupos de ex-colónias, traçando, através da "música rebelde", a história recente de Portugal, durante a ditadura.

"Isto não é apenas um livro sobre 'rock'n'roll'. É uma forma de expressão e de se mostrar que é preciso fazer alguma coisa hoje – e não só no campo da música – mas também em tudo o que se passa aqui, neste país", disse à Lusa Edgar Raposo.

O livro, em forma de álbum, publicado no **FINAL DE 2013**, conta com uma edição limitada com um disco de vinil, temas inéditos dos Tubarões e dos Dardos, e não esquece a influência inicial dos filmes norte-americanos, como arranque da rebeldia de jovens portugueses.

"Já havia putos em Portugal que tinham James Dean como referência", disse Luís Futre, **45 ANOS**, referindo-se aos filmes *REBELDE SEM CAUSA*, de Nicholas Ray, e *SEMENTES DE VIOLÊNCIA*, de Richard Brooks, que continha música de Bill Haley and the Comets.

"Estamos a falar da **DÉCADA DE 1950**, que são 'anos de chumbo', uma **DÉCADA DE** escuridão em Portugal. Na **DÉCADA DE 1940**, por causa da **GUERRA** [**1939–45**], a rádio americana estabelece-se no nosso país. A base das Lajes é cedida inicialmente aos ingleses e depois aos Estados Unidos e até há bandas de swing portuguesas, como as irmãs Meireles, que parecem americanas. Depois há um período de escuridão com a tentativa de 'folclorização' da música portuguesa", explicou Luís Futre.

É neste contexto que surgem as primeiras bandas e um fenómeno que, no início, foi bem visto, até pelo Movimento Nacional Feminino, que o apadrinhou e que só começou a mudar, segundo Luís Futre, quando começaram a chegar os primeiros feridos da Guerra Colonial, iniciada em **1961**.

A partir daí, "a juventude começa a ter uma consciência diferente", explicou.

"A partir de **1965**, as bandas perdem a inocência. Há letras que focam a existência de bairros de lata. Há a Filarmónica Fraude com 'Animais de Estimação', o Quarteto 1111 e os Steamer's. Há letras sobre a guerra do ultramar como a dos Ekos, com 'Habitat 736', uma canção que fala de um sítio onde há lama e está sempre a chover mas onde um dia o Sol virá. O refrão é tão simples como: 'onde tudo é errado eu sou um ser desprezado'", conta Luís Futre.

A consciência política só aparece na segunda metade da **DÉCADA DE 1960** quando "os conjuntos só duravam um ano, porque um músico ia para o serviço militar e ficava na guerra e depois regressava, sem um braço, sem uma perna", explicam os autores.

"Há uma música dos 'Steamer's' que começa com o barulho de umas obras e depois surgem duas vozes. Uma delas pergunta: 'De onde é que vens?' 'Venho da minha terrinha', responde a outra. 'E como é que passas? Passo muita fominha. Onde é que vives? Vivo numa barraquinha. E onde é que fica a barraquinha? Fica no bairro da latinha'. Depois há uma voz distorcida que diz: 'Seus cabrões'. Isto é de **1968**, mas o disco saiu em **1970** e foi partido na Rádio Renascença, num programa em que se partiam discos em direto", relata Futre.

O livro *PORTUGAL ELÉCTRICO* também inclui o percurso de bandas em Angola, como os Windies, Gémeos VI e a Heavy Band, os Inflexos, de Moçambique, e The Thunders, de Macau, entre outros.

"Aquilo de que pessoalmente gostamos mais é da segunda metade dos **ANOS 1960**, quando as coisas são mais interventivas, há uma consciência política e social das bandas e o som se torna mais rico. Há influência dos Estados Unidos, do psicadelismo, das drogas, porque as bandas começam a experimentar coisas novas como o LSD e a marijuana, e existe uma consciencialização da juventude em relação ao estado social do país, que é muito importante", sublinha Luís Futre.

O livro termina no início dos **ANOS OITENTA**, com o movimento punk em Portugal.

"A juventude pode ser alegre sem ser irreverente", lia-se num cartaz que alertava para a expulsão de quem causasse distúrbios, no concerto dos Neptunos no Montijo, em **1965**.

"Talvez Portugal tenha estado sempre atrasado **30 ANOS**, e talvez ainda esteja (...) e talvez os entraves e dificuldades que se põem aos artistas hoje em dia, sejam um pouco menores do que há trinta anos ou, pelo menos, diferentes. Mas sempre houve e sempre haverá, esperemos, quem reme contra a maré. Quem acredite num punhado de nada, quem ponha a arte em frente do negócio", escreve Paulo Furtado (Legendary Tigerman), na introdução do livro.

Gentlemen



Na foto, Daniel Bacelar (um dos pioneiros do rock português, acompanhado dos seus Gentlemen)

Uma foto dos COMETAS NEGROS, banda dos **ANOS 60**, de Castelo Branco



Fonte: rockemportugal.blogspot.com



TROPICAL ISMOS: ENRUSTIDOS & DEGLUTIDOS (MÁRIO PAZCHECO)

“No início havia muito impulso, muito sonho, muita volúpia, muito ego concentrado na autoreferência, muito tudo e pouco nada, se quisermos.”
GILBERTO GIL SOBRE O INÍCIO DA CARREIRA, NA FASE PRÉ-TROPICALISMO

"Cago para a sociedade e limpo a bunda com a opinião pública" – Ditado ditador.

Em entrevista ao International Magazine Jorge Mautner cita seu amigo Arthur de Mello Guimarães, dono da casa em Londres onde foi filmado *O DEMIURGO* e que segundo Glauber Rocha é o melhor filme "do" e "sobre" o exílio. Participam deste filme Sérgio Dias, Gilberto Gil, Caetano Veloso, José Roberto Aguilar, Péricles Cavalcanti, Leilah Assunção, entre outros.

Comecei este texto há muitos anos quando Arthur Guimarães ainda era vivo e Kleber Lima, o editor da Víbor ao ler a mesma entrevista, me contatou via telefone para que eu emprestasse relevância e vitalidade à história do Tropicalismo, a partir de nomes no ostracismo.

DEMIURGO

"Nos encontramos na casa de Gil. Eram muitas as gargalhadas, um desejo louco de voltar para o Brasil", conta Mautner, que rodou por lá, com os amigos, o filme *O DEMIURGO*. Algumas cenas de Gil, em que ele estava totalmente nu, não entraram no filme, por causa da preocupação com a Censura", conta.

"Cortaram o pau do Gil (risos). Mas agora a Flora disse que se pode usar", brinca Caetano. "Quando *O DEMIURGO* passou no Museu de Arte Moderna, esperavam um filme de orgias, de transgressões. E era o filme mais casto!", lembra **JORGE MAUTNER**.

VERDADE TROPICAL: Túlio do Túlio Trio era um músico excepcional... Dicinho (Adilson Carvalho), Edinízio Ribeiro, que morreu afogado misteriosamente; grandes artistas que compunham o exército inicial da Tropicália estão ai, completamente no ostracismo.

No mais (in)sensato e antropofágico ato, um dos encarcerados pelo Big Brother Brasil, queria regurgitar em cima do Caetano: "O tropicalismo não se faria sem São Paulo, sem a colaboração dos artistas daqui e sobretudo sem o público daqui. Com o público e os músicos do Rio teria sido impossível – muito reacionários. O Rio era o filtro de tudo como deveria ser o Brasil, tinha aquele jeitinho, tudo de muito bom gosto. O público também era meio sabido".

O Tropicalismo é um jorro de cores e liberação do inconsciente coletivo o entroncamento das condições de país agrário a uma era industrial, seu marco inicial; uma passeata contra a guitarra. Os mestres dos tropicalistas, Donga e Pixinguinha,

Luiz Gonzaga e João Gilberto, o Clube da Esquina e até mesmo o tango. À sombra das guitarras dos Ventures dos Shadows, das harmonias vocais dos Beach Boys, Mama's e Papa's, Jefferson Airplane e acentuada influência do *SGT. PEPPER*. Deixara de ser cafona gostar de Vicente Celestino, de Ângela Maria.

"Todo mundo deve alguma coisa ao Tropicalismo, e mais ainda à Bossa nova. Todo mundo deve alguma coisa ao Clube da Esquina e todos nós devemos tudo a Donga e a Pixinguinha". (**CAETANO VELOSO**).

Tropicalismo, começo da discussão do processo irreversível do consumo da superprodução americana em troca de elevados royalties. Crescente abandono dos criadores, "já não precisamos mais de vocês, agora já podemos caminhar sozinhos".

Existe uma frase que sempre atribui a C. V. (não confundir com Comando Vermelho) e outro dia descobri que é uma fala do *BANDIDO DA LUZ VERMELHA*; "Quando a gente não pode fazer nada, a gente avacalha... e se esculhamba!".

INRIO

Em **1963**, colunista do jornal *ÚLTIMA HORA*, Ricardo Amaral se desentendeu com o então governador de São Paulo, Adhemar de Barros, e foi aconselhado a deixar a cidade. No Rio de Janeiro, se aventurou na noite – A aventura que marcou época tinha um nome: a boate Sucata, a casa noturna, na Lagoa.

"Enquanto isso as confusões continuam: é um inferno viver aqui, estou cheio! Agora, enquanto escrevo esta carta, estamos no dia **17 DE OUTUBRO / 1968:** explodiu novo escândalo: resolveram interditar o show que Caetano, Gil e os Mutantes (geniais) estavam fazendo na Sucata, por causa daquela minha bandeira 'Seja marginal, seja herói' que o David Zingg resolveu colocar no cenário perto da bateria no show: um imbecil do *DOPS* interditou e Caetano, no meio do show, ao cantar ‘É Proibido Proibir’ interrompeu para relatar o fato, no que foi aplaudido pelas pessoas que lotavam a boate". (**HÉLIO OITICICA**).

Fuga dos volks vascaínos pela porta dos fundos... Fernando Faro e António Abujamra que dirigiam o programa *DOMINGO MARAVILHOSO* contratam Caetano Veloso pela TV Tupi.

Depois do **NATAL DE 68**, numa cela do quartel da Polícia do Exército, na Tijuca; Caetano Veloso e Perfeito Fortuna rezavam a Salve-Rainha: Salve Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa. Salve, a vós bradamos, gemendo e chorando...

A imagem de Caetano Veloso é o principal alvo dos censores, cujas fotos são riscadas e censuradas. Em **JUNHO DE 1970**, no jornal Última Hora na coluna Escracho, assinada por Carlos Alberto Gouvêa, (futuro colaborador da revista "Rock, a história e a glória"), Chico Buarque supostamente teria acusado os tropicalistas de usar o marketing do exílio para fazer shows na Europa. **34 ANOS DEPOIS**, um irritado Chico Buarque negaria a declaração e consideraria a matéria como "fictícia" e o texto "um absurdo".

Ainda neste ano no Rio Rogério Duarte andava com um crucifixo com as mãos cortadas, Rogério Caos em lugar de Cristo e em lugar da inscrição INRI, ele escrevera INRIO. Assim começou *EVANG'HÉLIO*, o esquizo-filme que filmava Hélio Oiticica com aquele cabelão construindo a sua própria cruz com materiais triviais concretos de qualquer marcenaria ou canteiro de obras: O sacralizador presente na escolha

temática e na projeção crística sobre o "herege", diria Wally Salomão que guiava a câmera.

"Tomai o meu pão e comei, é o meu corpo; tomai o meu vinho e bebei, é o meu sangue. É uma loucura: nada mais lisérgico do que estas imagens! Quem tomou ácido sabe do que estou falando!". (**HÉLIO OITICICA**).

Flor do mal, Geléia Geral, a coluna do Torquato Neto no jornal Última Hora encerraram o tropicalismo que dias antes do fim, alguns artistas fora do ostracismo foram reunidos para sobrevida no verso nunca fui tropicalista!

– Todo dia é dia D?

PARA CONHECER... O RADIALISTA RANDAL JULIANO

O Estado de S. Paulo – **10 DE JULHO / 2006**. **SEGUNDA-FEIRA**, o jornalista de longa trajetória pelo rádio e pela televisão paulista, Randal Juliano foi enterrado em São Paulo.

Morreu aos **81 ANOS**, o jornalista e radialista Randal Juliano, por causas não esclarecidas. Ele foi enterrado na mesma segunda, no Cemitério São Paulo, em Pinheiros, zona oeste de São Paulo.

Randal apresentou os programas Show da Manhã e São Paulo Agora, da Rádio Jovem Pan. Na **DÉCADA DE 1990**, apresentou os jornais da Rádio USP e foi professor de comunicação das Faculdades Integradas Alcântara Machado (FIAM) e da Universidade São Judas Tadeu.

A relação de Randal com o rádio começou em **1944**, na Rádio Panamericana de São Paulo, e terminou em **1995**, na Rádio USP.

Dividido entre a apresentação dos musicais e a locução de esportivos, Randal permaneceu no cast da Jovem Pan até **1986**, quando resolveu se dedicar apenas às gravações da TV Cultura, onde começou a trabalhar em **1982**, como animador do 'Vestibular da Canção', uma competição musical disputada por colégios da Capital.

Em **1990** Randal foi para a Gazeta, primeiro como âncora do Jornal da Gazeta, depois como diretor de jornalismo. "Assisti à maior demissão em cadeia da televisão brasileira", recorda.

Randal só deixou a telinha para frequentar a Faculdade de Filosofia da USP, que concluiu em **1995**. "Percebi que estava ultrapassado, então resolvi enfrentar as apostilas de cursinho", conta.

O veterano homem de rádio e TV deixou a profissão em **1991**, sentindo-se ultrapassado. Foi para a faculdade, formou-se em Filosofia.

PASSAGEM POLÊMICA

NO FINAL DA DÉCADA DE 1960, Randal Juliano comandava um quadro do programa *GUERRA É GUERRA*, da TV Record, e apresentava Astros do Disco, que contava com a participação de cantores da Jovem Guarda e do Tropicalismo.

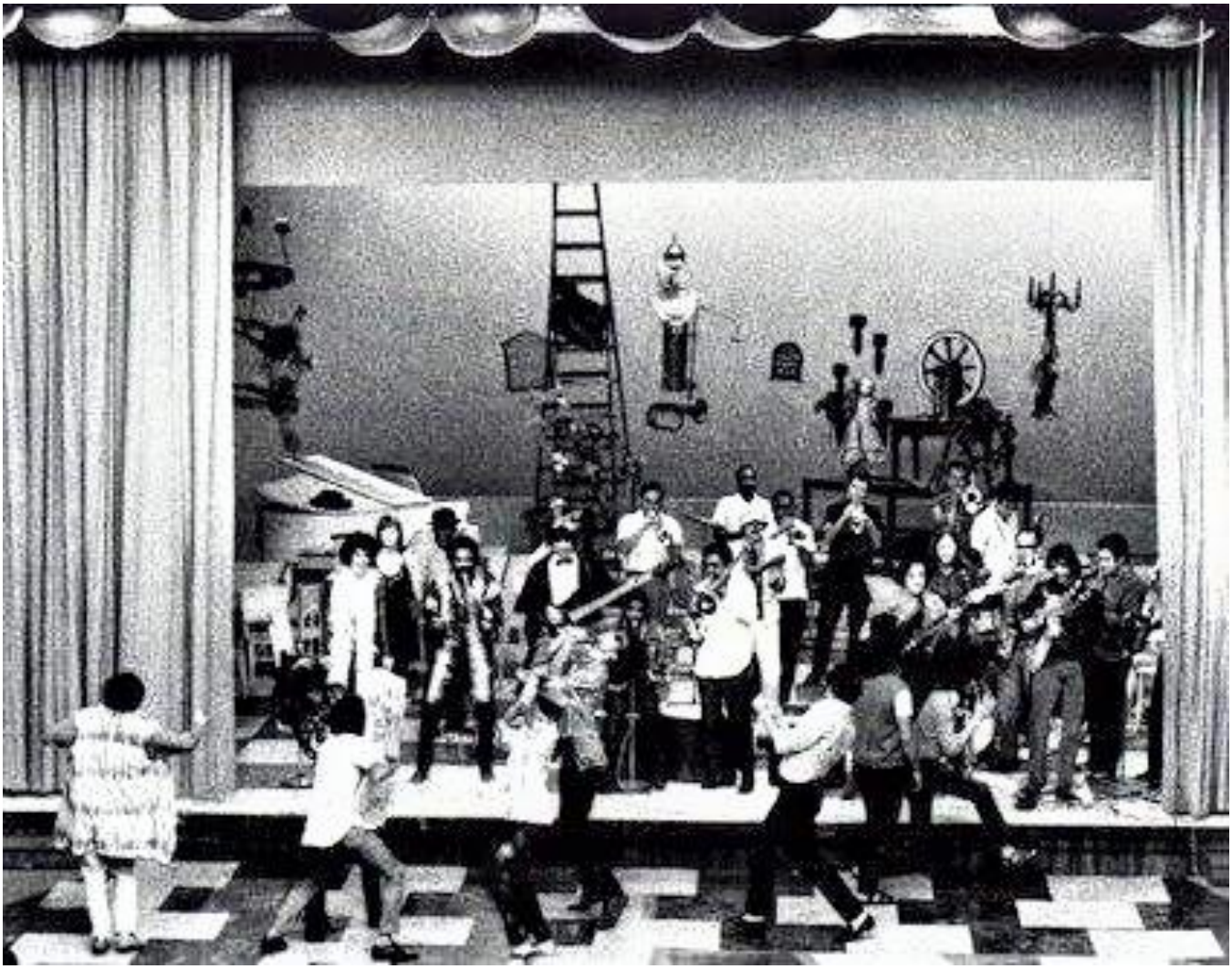
Na ocasião, em **1968**, logo após a edição do **AI-5**, Randal leu e comentou uma nota de jornal que noticiava que Caetano e Gil haviam provocado baderna na casa noturna Sucata, do Rio, e cantado o Hino Nacional com uma letra obscena.

Em **1992**, Caetano Veloso declarou em entrevista ao Caderno 2 do Estado de S. Paulo que o comentário de Randal havia precipitado sua prisão e a de Gilberto Gil – e o posterior exílio de ambos em Londres. "Minha intenção foi esculhambar um cara que desrespeitou o Hino, coisa que repetiria hoje", disse Randal ao Estadão no mesmo ano.

Dias depois, ele foi entrevistado por Jô Soares no programa Jô Soares Onze e Meia, do SBT. "Se eu adivinhasse, se eu intuísse, seu eu percebesse, se eu tivesse uma premonição qualquer, ou um aviso vindo de qualquer lugar desse mundo, de outro mundo, que os fatos aconteceriam da maneira como aconteceram, eu não teria feito aquele comentário", disse Randal. “Depois, descobri que aquilo havia sido plantado”, comentou.

TROPICÁLIA UNISSEX (ZÉ BRASIL)

Na época da Tropicália o comportamento sexual e afetivo dos baianos, a atitude deles, era bem diferente dos jovens paulistas. Estou falando de **1968** e início de **1969** antes do exílio Londrino. Eu era amigo do Gil e do Caetano mas tinha um cara chamado Waly Salomão, depois “Sailor Moon”, que era um dos cabeças da turma, um poeta sensacional que conseguia sintetizar e tentava explicar para todos os paulistas que tiveram a oportunidade de conviver com eles, esse comportamento que caracterizava bem o espírito libertário e eclético do Tropicalismo. Posteriormente Waly e Jards Macalé compuseram Vapor Barato, cantada por Gal, e que se tornou o lindo Hino



Psicodélico da nossa geração: “Minha honey baby, baby, honey baby”. No apartamento de Bocha (pronuncia-se Bôtcha), no bairro de Higienópolis, aconteciam reuniões–festas praticamente todas as noites. Ela era uma aristocrata uruguaia que recebia todos nós de uma forma totalmente inusitada. Vou tentar elencar, além do Gil e Caetano, as pessoas que compartilhavam essas reuniões: todos os baianos que conviviam ou viviam com eles (Gal Costa cujo apartamento era no mesmo prédio que o do Caetano, Guilherme Araújo, Waly, Torquato Neto, Tom Zé, Jorge Salomão, teatrólogo baiano irmão do Waly, etc), Muriel (filha de Bocha), Erica (minha namorada), José Simão (hoje Macaco Simão), Toninho Peticov, Lanny Gordin e, acho que eventualmente, Os Mutantes.

Faixas de Festival eram pintadas na minha casa pelo Peticov e aprovadas pelos artistas principalmente Gal, Gil e Caetano. Uma delas dizia: "Abaixo o Poder Velho, Viva o Poder Jovem" ou vice-versa. Eram para o festival do Teatro Paramount vencido por Tom Zé com “São Paulo meu Amor” e que também tinha faixa. Estou puxando pela memória coisas que aconteceram há **QUASE 40 ANOS** atrás e que está despertando de um sono muito profundo.

Fatos que mais me marcaram nessa fase louca da Tropicália: participei da fila do gargarejo, dos ensaios e dos camarins (consolando a Rita Lee chorando com seu famoso vestido de noiva) dos programas "Divino, Maravilhoso" na TV Tupi, no Sumaré perto de onde moro hoje; a noite da prisão do Caetano quando cheguei meia hora depois no apartamento dele, na Avenida São Luiz e o show de despedida, já em **1969**, no Teatro Castro Alves, em Salvador, quando ajudei a consolar (olha eu de novo), junto com outros amigos, as irmãs Dedé (mulher de Caetano) e Sandra (mulher de Gil): os dois e os músicos, enquanto o elevador do palco do teatro descia, acenavam para todo mundo até desaparecerem no chão. Foi uma choradeira geral e uma cena inesquecível inesquecível. Está bom por hoje?
ZÉ BRASIL, SÃO PAULO, 5 DE JULHO / 2005

ANTONIO PETICOV, O PINTOR DO ARCO-ÍRIS... (ZÉ BRASIL)

Posso falar, como testemunha de corpo presente, de como o Antonio Peticov fazia a cabeça dos Tropicalistas e de toda a "intelligentzia" paulistana em **1968** no apê da Bocha em Higienópolis, onde tanta gente (como José Simão, Walter Hugo Khoury e Péricles Cavalcante por exemplo) se conheceu e trocou ideias com os baianos, que catalizaram-nas na Tropicália. Das noitadas em que ele levava discos (muitos deles do Nico Queiroz) da Psicodelia Californiana do Greatfull Dead, do Jefferson Airplane, da Janis Joplin, do Jimi Hendrix e da Psicodelia Inglesa do Cream, do Who, etc para o Caetano, Gil, Waly, Gal e cia ouvirem no apartamento do Caetano na Avenida São Luiz (que tinha um puta som e uma mesa de ping-pong), de todos os programas





DIVINO MARAVILHOSO na extinta TV Tupi, das rockedelic sessions na casa do Tany, com o Lanny Gordin, Marcelo Aranha, etc.

Outra coisa que fizemos juntos naquela época foram faixas de pano para o Festival do Teatro Paramount onde, na minha casa da Rua Padre João Manuel, o Peticov exercitava um pouco da arte que o tornou conhecido internacionalmente em frases como "Viva o Poder Jovem, abaixo o Poder Velho", em plena época da ditadura linha dura, do **AI-5**, que depois eram apreciadas e aprovadas pelo Caetano, Gil, Gal e devidamente empunhadas por nós nos dias do Festival.

Aliás foi o Toninho quem me apresentou o Nico Queiroz (que é meu amigo e parceiro até hoje) lá no Bob's da Rua Augusta, onde ele costumava me levar com os tropicalistas para ouvir o Made in Brazil. E os happenings do Grupo Rex lá na Rua Iguatemi, hoje Avenida Faria Lima? E o Poster Shop da Augusta? E o show de bolhas no bar Hi-Fi? Esse show psicodélico de bolhas (com acetato, ecoline e retro-projetor) era demais: a gente tomava hi-fi e ouvia "IN-A-GADDA-DA-VIDA". Dos outros shows que ele promoveu, inclusive como empresário dos Mutantes, só soube por livros e relatos de pessoas. Lembro também dos desenhos altamente psicodélicos do "careta" Alan Voss, do café da manhã com chá de cogumelos no Festival de Iacanga em **1975** e do arroz integral do quiosque natural no dito cujo... do Gigetto, do Poster Shop, do nosso esbarrão em Londres na Oxford Street no **FINAL DOS 70** e dos nossos encontros mais recentes, já nos **ANOS 2000**, na Chappel School da Chácara Flora, no show dos Mutantes no Ipiranga e no Bar do Pingo, irmão do Peréio, no Bixiga.

Mas posso dizer, de coração aberto, que o que mais me marcou na nossa curiosa convivência intermitente desde **1966** é o talento maior de pintor do Antonio Peticov, do grande artista que viverá para sempre. Também peço aos amigos que estão se re–encontrando nesse momento das nossas vidas que dêem seu testemunho sobre o Antonio Peticov, pois ele merece. Posso dizer tranquilamente que nada disso estaria acontecendo se ele não tivesse iluminado e expandido a consciência **HÁ MAIS DE QUARENTA ANOS ATRÁS** e passasse sua mensagem aos que tiveram a sorte de encontra-lo naqueles anos incríveis. Acho mesmo que, se existe um mestre da Psicodelia Brasileira, o nosso Timothy Leary (com perdão da comparação) esse é o Antonio Peticov com sua visão das Crianças do Futuro, numa época onde era difícil enxergar qualquer coisa. (**PAZ, AMOR E ROCK'N'ROLL! ZÉ BRASIL**)

COMENTÁRIO DO LEITOR:

“Oi! Postei um texto que achei no teu site (sobre o Peticov), muito legal... mostrei pra minha mulher (que é sobrinha dele) ela adorou também, é muita historia no lance...” (**MIGUEL DORNELES** – www.palavraeletrica.blogspot.com)

EU, MUTANTES E OS PETICOVS (BYRA DORNELES)

Onde está Clara Peticov Dorneles?

A minha história com os Mutantes começou em **1968**, quando ouvi *PANIS ET CIRCENCES* e pirei! Levei o disco pra uma aula de música e a professora quase me expulsou. Dali pra frente virou febre, paixão mesmo. Chegamos a ir a pé do Rio pra São Paulo, eu, Arthur e Lucylle (minha primeira mulher), acho que em **1972**, pra vermos os Mutantes tocando em cima do seu caminhão.

Joelho de Porco e Tim Maia abriram o show. E acho que foi o primeiro show sem a Rita Lee;

“estamos numa boa pessoa
pescando no mar
numa pessoa
numa pessoa
só....”

Aí vieram aquelas várias formações dos Mutantes, nem sempre tão criativas quanto os primeiros, mas acompanhei, vi de perto, lá no MAM (RJ) quando o Serginho convidou o Paul de Castro pro violino e queria fazer algo como um “chorinho".

Veio o fim do sonho anunciado por Lennon e por Gil: quem não dormiu no sleeping bag nem sequer sacou o que estava acontecendo.

Lembro bem do café da manhã lisérgico, com chá de cogumelos, que fizemos em Iacanga, em **1975**, o Manito (Som Nosso De Cada Dia) não conseguia tocar, passou dias naquela onda, e só recentemente, pelo site #DoProprioBolso, soube que o nosso Tim Leary brasuca, Antonio Peticov, era o responsável por aquele banquete.

O ativismo quântico pra mudar a si mesmo. Alan Psicodelic breakfast. Syd Barret ia adorar.

Muito do que se falou ali no fim dos **ANOS 60**, a internet realizou, democratizou a informação.

Vi e coproduzi com Carlos Sion, Arnaldo e a Patrulha do Espaço, no **FINAL DOS 70**, no Teatro Tereza Raquel. Também, O Terço, Belchior e outros.

Então depois de anos só falando e ouvindo Mutantes, o re-lançamento do inédito *OAEO Z*, o *TECNICOLOR*... *SINGIN' ALONE* com a regravação bombástica de “Balada do Louco” com as guitarras oitentistas de Wander Taffo, me deparo, em **2004**, com um e-mail de Lucinha (mulher do Arnaldo Baptista), oferecendo o lendário CD *LET IT BED* do Arnaldo pro Lobão lançar na Revista Outra Coisa.

O Lobão havia me prometido que ouviríamos juntos. Passei dias numa ansiedade louca, eu já havia lido um release que a Soninha havia feito do CD, música por música, e cheguei até a sonhar com a instrumental “Carrossel”. Assim que chegou o sedex, o Lobão me ligou e fomos ouvir, eu, ele e Liége. Na primeira audição, quando escutei “Louvado Seja Deus” me deu um nó na garganta. Depois veio “Bailarina” e “Tacape”, e as coisas foram se acertando na minha cabeça, como quando eu tive um insight, com alguns tarja-pretas, receitados, e toda a minha vida se passava na frente dos meus olhos, as gavetas iam se abrindo e cada uma delas uma definição, uma re–definição de tudo, enfim... *LET IT BED* havia me proporcionado uma viagem lisérgica e chorei. Chorei. Não queria ouvir mais nada!

Lobão me disse que não queria mais fazer música! Ficamos dias chapados com as letras desconstrutivas, anárquicas e canábicas de Arnaldo. Louvado seja deus que nos deu o Rock'n'roll.

Meses depois, fomos pra Juiz de Fora numa van, com o pessoal da Revista Outra Coisa, pra assinarmos o contrato com Arnaldo. Aluiser e John (Pato Fu), estavam lá e logo o assunto veio a baila: a volta dos Mutantes.

Todos entusiasmados, seria possível fazer os irmãos Baptista se falarem? E Rita toparia? Foi um dia mágico em que Lucinha fez uma feijoada vegetariana. Os papos: Sean e John Lennon, amplificadores valvulados, física quântica, discos voadores...Saímos todos de lá com a forte impressão que o sonho se tornaria realidade: a volta dos Mutantes.

Tempos depois, pelos jornais vi anunciada a apresentação dos Mutantes em Londres. Mandei na hora a matéria por e–mail pra Lucinha, que, também surpresa não sabia disso. Bom, o resto é historia. Shows em Londres, Brasil, Estados Unidos. Eu tive o prazer de ver duas apresentações, uma no Rio, fechado, pra Globo, e a outra, apoteótica, aqui no Museu do Ipiranga, aniversário de São Paulo, dessa vez ao lado do meu amigo André Peticov.

Mas esqueci, antes disso tudo, teve um baile da Orquestra Imperial em Belo Horizonte e convidamos Arnaldo e Lucinha e passamos, eu e Duca Moobwa, na casa da Vera, irmã de Lucinha e fomos todos pro baile. Acho que foi em **2006**, antes da volta dos Mutantes. Lá a conversa girou em torno do recente CD do Pato Fu (que tocava direto no som deles), o primeiro disco da Rita, *ATRÁS DO PORTO TEM UMA CIDADE*, em que citei que a capa era do André Peticov, irmão de Antonio. Rita e mais Rita. Eu não queria puxar esse assunto mas foi inevitável. Aí Arnaldo nos contou que o Antônio Peticov fora empresário dos Mutantes (eu não sabia) e que aquela calça de couro que ele usa na capa do *LOKI?*, o André que tinha feito.

Arnaldo falava e as últimas sílabas iam caindo como uma bomba. Peticov. Mutantes. Aí aproveitei e contei o que eu estava guardando: dentro de meses nasceria minha neta, Clara, sobrinha-neta dos Peticovs. Arnaldo e Lucinha riram da feliz coincidência.

Isso tudo pra finalizar, aproveitando que está fazendo **40 ANOS DO MAIO DE 68**, quando os estudantes franceses tomaram as ruas e colocaram a imaginação no poder. Muitas coisas foram conquistadas, batalhadas por toda essa geração que está com **50**, **60 ANOS** e a mídia geralmente minimiza e tenta ridicularizar os hippies, confundindo com essas pessoas que vendem pulseirinhas nas praças e assim desinformando e esvaziando todo o movimento e ação.

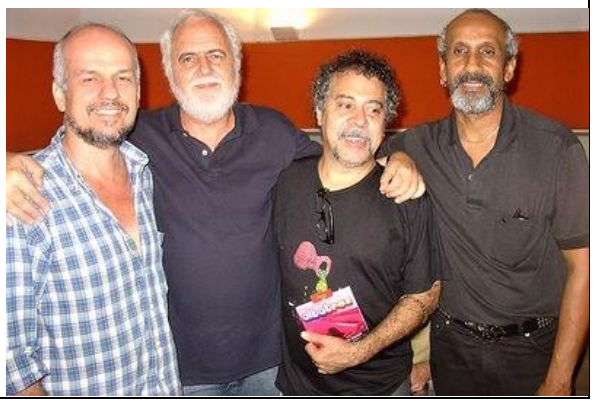
"da cabeça do homem sai a luz
que a faca não pode dividir
e a morte não leva embora
não leva..."

Onde está Wally ?

BYRA DORNELES, POETA E PRODUTOR EXECUTIVO DE SHOWS



Aos 52 ANOS, Byra Dorneles segura o livro do Joel Macedo



ARTUR ALLEN, UM GUITARRISTA DO ESPAÇO POR TONY BELLOTTO

Outra dia, depois de um show com os Titãs em Goiânia, levei um susto. Ao voltar para o hotel, quem eu vejo tocando uma Gibson semi-acústica no bar da recepção? Tocando, não. Arrepiando seria a palavra exata. Artur Allen! Não sei se algum de vocês já ouviu falar em Artur Allen. Apesar do nome, é brasileiro. O homem chegou a fazer algum sucesso na virada dos **ANOS 60** para os **70**. Gravou um ou dois discos independentes e participou de discos e shows de outros artistas. No começo da carreira, ele tocava em boates e bailes. E então descobriu o rock.

Artur Allen foi um dos precursores de uma linguagem verdadeiramente brasileira no rock que se faz por aqui. Misturou estilos, criou linguagens, uniu MPB, blues, jazz e rock. Tocou com o Raul Seixas, Rita Lee e outras feras. Formou uma banda mítica e

efêmera, a Snow. Tive o privilégio de assistir a um show da Snow ainda nos **ANOS 70**, na Tenda do Calvário, uma casa de rock que ficava no porão da Igreja do Calvário, no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Mas depois o Artur caiu no ostracismo. Foi para os Estados Unidos tentar a sorte como músico e lá acabou se perdendo. Drogas, bebida.

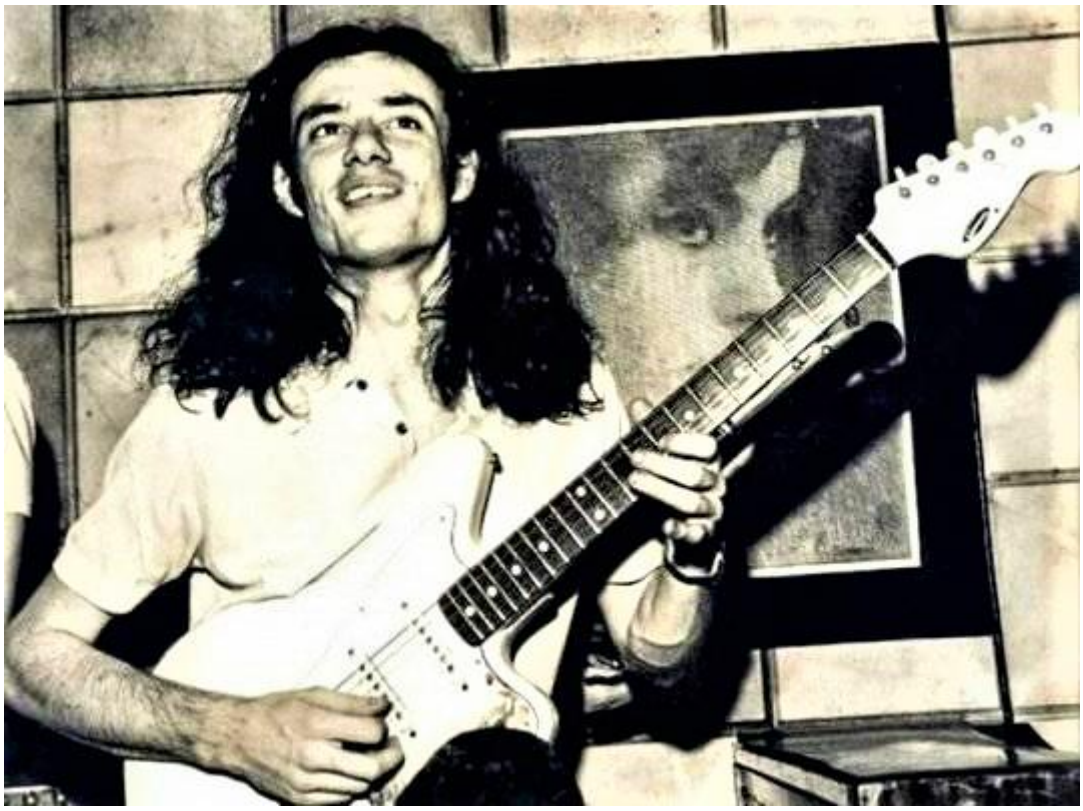
A velha via-crúcis de tantos músicos. Mesmo assim ainda conseguiu trabalhar por algum tempo em Los Angeles e Nova York. Gravou algumas sessions com bandas obscuras, participou de concertos underground. Depois, sumiu. Mas aqui no Brasil alguns colecionadores ainda curtem até hoje os raríssimos discos do Artur. São clássicos, discos cult vendidos a peso de ouro nos sebos e lojinhas descoladas nas galerias do rock, no centro de São Paulo.

Nascido em Americana, filho de pai americano e mãe baiana, Artur mudou-se bem jovem para a capital paulista. Entre nós, do meio musical, Artur Allen é uma lenda. Quando vi o homem na recepção do hotel em Goiânia, não o reconheci. Vi apenas um velho muito magro e enrugado – de cabelo comprido grisalho preso num enorme rabo-de-cavalo –, sentado num banquinho, curvado sobre a guitarra, alheio à movimentação do bar, totalmente imerso no ato de tocar. E como tocava! Foi pela maneira de tocar que reconheci o Artur. Aquele estilo é inconfundível. As frases rápidas, melódicas e precisas, mas cheias de feeling e algum desespero.

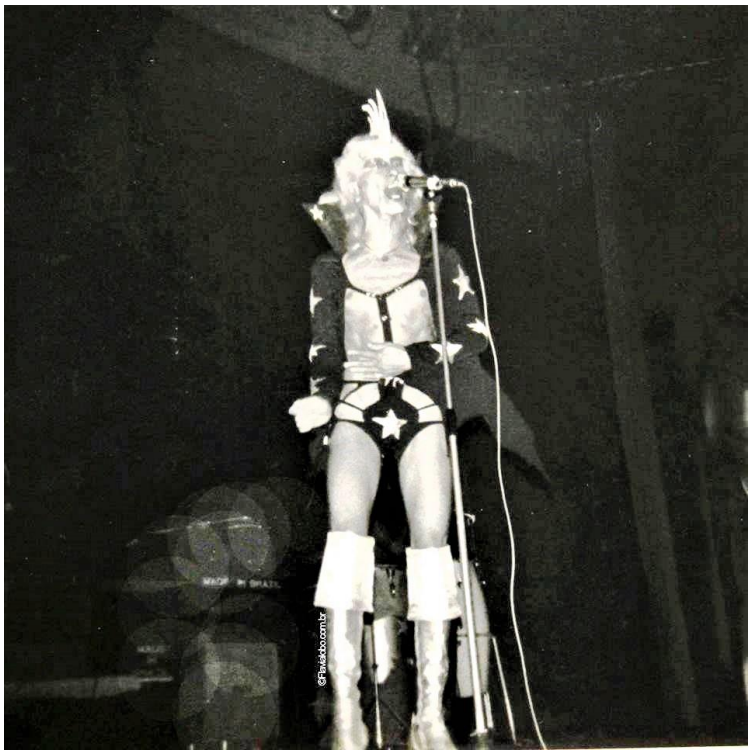
Sentei numa mesinha, pedi uma cerveja e fiquei escutando o Artur tocar. Lá pelas tantas uma música tipo bate-estaca começou a soar nas caixas de som do bar do hotel, e o Artur, resignado, parou de tocar a guitarra e levantou com dificuldade do banquinho em que estava sentado. Observei-o guardar a guitarra no estojo e caminhar até a porta do hotel. Fui atrás dele. Na calçada, Artur acendeu um cigarro e ficou olhando a lua, soltando fumaça na direção das estrelas. Me aproximei. "Artur Allen", eu disse, reverente, "que prazer te conhecer pessoalmente!". Ele me olhou, intrigado. "Você deve estar me confundindo com outra pessoa. Eu não me chamo Artur Allen. Nome estranho". "Deixa disso, Artur", eu falei. "Sei que é você". "Não", ele disse, "eu já fui o Artur, agora não sou mais". "Que história é essa? Sou guitarrista, você é um dos meus ídolos. Vi você tocar na Tenda do Calvário em **1974**". "Depois que fui abduzido", ele prosseguiu, ignorando minhas palavras, "e passei anos viajando pelo espaço sideral, virei uma outra pessoa. Gosto de viver no espaço, viajando. Mas lá não dá pra tocar guitarra. O som não se propaga no vazio. Então, de vez em quando, peço pra eles me deixarem aqui na terra pra tocar um pouco. Aqui na região há muitas bases de pouso".

Diante de minha expressão de assombro, ele concluiu: "Vou nessa". Dito isso, saiu andando pela rua, carregando o estojo da guitarra e baforando o cigarro. Vi quando virou numa esquina. Fiquei alguns minutos imóvel, pasmo. Quando me recuperei, fui atrás dele, mas Artur Allen, da mesma maneira que surgiu, desapareceu.

TONY BELLOTTO – 18 DE SETEMBRO / 2008








COLECAO
amiga
TV·TUDO
MADE IN BRAZIL
Discos RCA



MADE IN BRAZIL: 53 ANOS!

EU SÓ QUERO CHUPAR O SEU SORVETE (MÁRIO PAZCHECO)



Gênese: mais ou menos em **68**, **69** e **70** pencas de grupos no Rio e em São Paulo surgiram. Moleques malucos por rock como quem consome sanduíches no Bob's, vomitando um som sujo, copiando e tirando a sonoridade do The Who via Blue Cheer ou tocando Cream e Led Zeppelin, em suas Gianinis e Phelpas (o amplificador rastejante). Os americanos da Costa-Oeste rotularam de: psichedelic punk o rock gosma dos moleques. No Brasil, dos Freak Outs, Aranha e New Breeds da vida ficou... Made in Brazil, conhecido como o grupo que mais tocava música dos Stones.

Original Made in Brazil (Oswaldo, Celso e Cornelius) uma das bandas que eu mais acompanhei via recortes, só perdendo para Beatles e Mutantes. Sem contudo, vê-los ao vivo. Em São Paulo, em duas oportunidades **1985** e **1992**, não coincidiu de rolar, apenas um passeio na Rua Caraíbas... Confesso ainda que não conheço integralmente seus dois primeiros discos-clássicos. Os conheço a partir do Paulicéia Desvairada e da televisão. Faz tempo, existiu um tempo em que se passavam bandas nacionais na TV do Tio Patinhas e eu vi em poucos segundos o Dudu Chermont tocando ao lado do Made in Brazil.

O intercâmbio cultural se fomenta quando uma cópia escapa ao raio de ação estadual e passa de mão em mão é o suficiente. Os velhos roqueiros sempre tiveram seus discos do Made in Brazil a mão e histórias. A maioria como músico se inspirou na banda. – O primeiro disco brasileiro a usar a distorção!



O auge da banda aconteceu no biênio **1973-74** quando adaptaram o repertório para o português e abriram para os Mutantes no **FINALZINHO DE 1973**, tocando para **TRÊS MIL PESSOAS** no Parque do Ibirapuera, ao ar livre. Choveu torrencialmente, mas ninguém arredou o pé. "A gente não saiu do palco. O Cláudio César Dias Baptista ligou um fio terra num lago para evitar choques elétricos. Foi uma grande loucura", relatou Liminha, à revista Bizz. A apresentação do Made durou **3** horas, tendo como climax o "Sympathy For The Devil" acompanhado pela bateria da Escola de Samba "Mocidade Alegre da Casa Verde".

No ano seguinte foi a hora e a vez do primeiro disco da banda. Para Rollando Castello Júnior, este primeiro disco (do qual é o baterista) é o melhor da banda. E para ele, o Made in Brazil, naquele ano foi a melhor banda do país "**1974**", (canção do Terço) e ano da excursão de Miss Alice Cooper com abertura do Som Nosso De Cada Dia.

O primeiro disco do Made in Brazil, também conhecido como o disco da banana, atrasou e só saiu no **FINAL DE 1974** devido a vetos da Censura Federal. Se ainda no tempo do colégio, as mães paulistas queriam manter seus filhos longe do pessoal do Made, dona Censura, estrilou, quando ouviu o verso "Eu só quero chupar o seu sorvete", trocado por imposição, por um mais ameno, "eu só quero tomar um sorvete".

1975. Inicia-se a ligação de Ezequiel Neves com o Made In Brazil. O ciclo fecha-se. Cornelius, o cantor; sai para voltar **10 ANOS DEPOIS**. Melhor show do ano (categoria rock nacional). Revista Veja.

O MADE EM CRISE



Primeiro, o cantor Cornelius adoeceu e o conjunto teve de parar. Depois, os caras acharam que ele estava sendo vedete demais e pintou a crise. (...) Cornelius voltaria ao rock, depois de casar com a filha de um industrial paulista. Mas aí entrou a RCA, lembrando que o grupo tem contrato com ela e que, se algum elemento cair fora, todos os outros têm que pagar **50 000 CRUZEIROS DE MULTA**.
(**REVISTA POP, JUNHO / 1975**).

TEM FANTASMA NO MADE

O novo LP dos Meninos está cheio de coisas inexplicáveis, e a cada mês sofre um novo adiamento em seu lançamento. (...) Celso queimou a mão e ficou sem tocar um tempão. O vocalista, Percy, andou afônico e, finalmente, Tony da guitarra solo, andou pirando e atrapalhou os trabalhos de gravação. (**REVISTA POP**).

As 13 bases de *JACK, O ESTRIPADOR*, o segundo LP do Made in Brazil foram fruto de 120 horas de estúdio e dívidas idem na RCA. Melhor disco do ano (nacional) Jornal de Música – votação dos leitores.

MUITO BÉLICOS ANTES DO KISS

Em **1977**, **NO ANIVERSÁRIO DE DEZ ANOS DA BANDA**, durante duas semanas o Made in Brazil estreou o show *MASSACRE*, no Teatro Aquárius, em São Paulo (hoje Záccaro). No repertório do show a inclusão das novas músicas que fariam parte do álbum também intitulado *MASSACRE* – o disco nunca foi lançado até hoje! O cenário era todo baseado no título do show, com o baterista Fenilli massacrando os tambores do alto de um tanque de guerra. "Também começou a "piar" a Eloá em todos os shows. Ela ia em todos e quase sempre acabava em cana. Ela começava a dançar e, quando não tirava a roupa, tiravam a roupa dela. É uma figura estranha, dança muito, tem muita energia. Aí, ao invés dela dançar na plateia, a gente começou a chama-la pra dançar no palco. Era um barato. (...) Depois o Percy namorou ela. Nesse ano, Dudu Chermont é incorporado à turnê tocando guitarra e teclados. São eleitos o melhor conjunto do ano pela Revista Pop.

*Made in Brazil em **1968** – Cornelius Lucifer (vocal), Celso Kim Vecchione (guitarra), Nelson Pavão (bateria) e Oswaldo Rock Vecchione (guitarra*)

NOSSO MELHOR TRABALHO JAMAIS FOI GRAVADO

Ficaram distantes, os dias iniciais e as recordações ligadas ao Bob's, uma toca na Rua Augusta, onde Gil, Caetano e Gal apareciam para ouvir/ver as novas do underground. Superada a fase misóginia, eles enveredam pelo lirismo campestre dos blues de Robert Johnson. Acentua-se uma fase de glamour tupiniquim inspirada pelos Glimmer Twins. Aparato visual e publicidade periódica na revista *POP*. E músicos profissionais no estúdio. Ainda na **SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 80 DO SÉCULO PASSADO**, a banda já havia sobrevivido a **50** formações, a clássica tese de "o nosso melhor trabalho jamais foi gravado"...

Os últimos dois álbuns do Made in Brazil para a RCA paulista. *PAULICÉIA DESVAIRADA* – **1978** e *MINHA VIDA É O ROCK'N'ROLL* – **AGOSTO/SETEMBRO DE 1980**. Dariam um clássico álbum duplo com os testemunhos e as crônicas a respeito de São Paulo, a cidade industrial que o grupo ama cada vez mais e cuja bandeira é usada como cenário do show de lançamento do LP *MINHA VIDA É O ROCK'N'ROLL*. Percy Weiss, abandonou o grupo após as gravações de *PAULICÉIA DESVAIRADA*, alegando a desnecessária troca de elementos. O vocalista, Caio Flávio, paulista da Vila Mariana, saiu no fim de **1979** e Oswaldo Vecchione Jr., assumiu o vocal solo. *MINHA VIDA É ROCK'N'ROLL* é "o próprio retrato da resistência através da trincheira do rock", segundo Ezequiel Neves. A banda já adotava o rebelde figuro couro negro do heavy–metal.

"A rebeldia e o inconformismo sempre atuaram de uma maneira muito forte em nós e na maioria dos jovens que nos seguem e curtem nosso som, pois não é só de comer e patinar que se vive a vida". Oswaldo Vecchione.

Talvez por *MINHA VIDA É O ROCK'N'ROLL* ser um somatório de conquistas e derrotas, Oswaldo Vecchione convida um distante Arnaldo Baptista para apresentarem-se ao vivo, quando atuariam juntos a **26 DE DEZEMBRO** de **1981**, no Ginásio do Palmeiras, Arnaldo declinou do convite.



Em 68, no Bob's, "uma toca na Rua Augusta"

O Made in Brazil sempre conseguiu vincular suas apresentações às dos novos grupos. Se no distante ano de **1981**, eles tocaram com a Banda Do Lixo, Gang 90. Ao final de **1983**, reuniram-se à Patrulha Do Espaço em dois espetáculos no Tuca, em São Paulo. **DOIS ANOS DEPOIS**, Dudu Chermont voltaria a integrar o Made in Brazil.

DO BLUES AO HEAVY – DO HEAVY AO BLUES

O Made in Brazil está na ativa **HÁ 37 ANOS**. A banda é Oswaldo Vecchione, líder inquestionável. Hoje a formação do Made in Brazil, é Oswaldo Vecchione no contrabaixo e voz, seu filho Rick na bateria (cuja estreia aconteceu em **1984**, quando ele tinha **13 ANOS**!) e na guitarra seu tio Celso Vecchione e nos backing vocals e percussão, Deborah Carvalho.

A partir de **1985**, na RGE participaram da coletânea *METAL ROCK*, gravaram o álbum de estúdio Deus salva e o rock alivia (este é o único LP não lançado em CD), e registraram o ao vivo **MADE PIRATA – VOLUMES I** e **II**. Por vezes você encontrava um volume e o outro não, finalmente os dois foram reunidos em CD. Em **1992**, na gravadora própria Made in Brazil Records lançaram outro álbum duplo ao vivo *IN BLUES*, (também relançado em único CD). Estes álbuns marcavam a volta da banda ao repertório do delta do Mississipi e a abertura do próprio selo.

Em **JULHO DE 1997**, aos **30 ANOS DE CARREIRA**, eles concluíram *SEXO, BLUES E ROCK'N'ROLL* – um disco que levou **DOIS ANOS** e quase **250** horas de estúdio e uma no para ser lançado! Onde regravaram Mexa-se boy, versão para o clássico Mannish boy de Muddy Waters e participações especiais de Sérgio Dias, Charles Gavin, Luis Carlini e André Christovan. Na faixa “Rock Da Pompéia” o Made In Brazil reuniu no estúdio Tony Campello, Roger Moreira, Clemente, Kid Vinil, Nasi e João Ricardo.

Em **1999**, a festa de arromba se repetiu quando o Made in Brazil gravou e lançou em dois volumes o Fogo na madeira – acústico, com participação de um cast estelar da nata do rock paulista. A velha Turma da Pompéia: Sérgio Dias, Luís Carllini, Nenê, Manito, Wander Taffo, Bororó, Mozart Mello e os irmãos Vecchione se reuniram para gravar um álbum homônimo e fazer alguns shows.

Por ser um artigo curto, alguns nomes foram preservados para outra oportunidade, onde leremos um relato do guitarrista Babalú que esteve com o Made em várias estradas. Eu mesmo já perdi o In Blues emprestando para promotores de cidades satélites que algum dia conspiraram em trazer o Made in Brazil a Brasília. Na última tentativa, quando a banda participaria da festa de aniversário de um clube da cidade, o colunista musical do principal jornal, estrilou "com tanta banda de axé, logo Made in Brazil!". Isso esfriou de vez a vinda. Comentando este fato com Rodrigo Hid, ele me disse: "É como se Londres esnobasse uma apresentação dos Rolling Stones!" Falar mais o quê? Que a civilização mais absurda do planeta habita o hemisfério sul? Prefiro ouvir:

"Todos pensam que tocar rock é mole / mas vou logo dizendo que não é mole não/quem não me entende diz que a terra é do samba / e que não tem lugar pra gente". ("Uma banda Made in Brazil" – *PAULICÉIA DESVAIRADA*).

Magnólio nos 70s



A BOLHA, BANDA DE ROCK DOS ANOS 1970, TEM LANÇADO INÉDITO DISCO AO VIVO CAPTADO EM FASE DE MUTAÇÃO

POR MAURO FERREIRA, G1

ARTE DE BADY CARTIER

10 DE NOVEMBRO / 2018 – Em **FEVEREIRO DE 1971**, quando fez show no município capixaba de Guarapari (ES), a banda carioca A Bolha já estava decidida a trilhar um caminho mais autoral, fazendo rock mais consistente, com a assinatura sonora dos músicos.

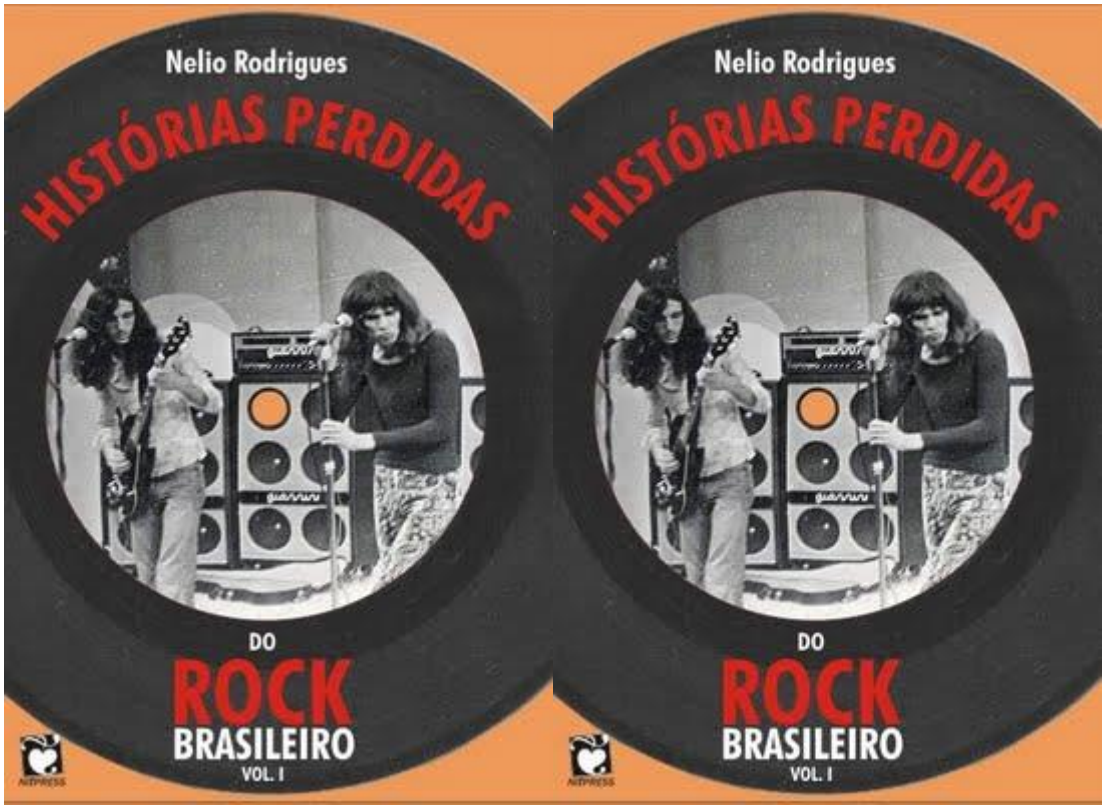
A decisão de aposentar os covers do repertório estrangeiro e sair do circuito de bailes tinha sido tomada em **1970**, ano em que, a convite de Jards Macalé, Arnaldo Brandão (baixo), Renato Ladeira (guitarra base), Gustavo Schroeter (bateria) e Pedro Lima (guitarra solo) foram tocar com Gal Costa em show feito em fase em que a cantora baiana era a musa tropicalista da contracultura nacional. Foi quando o quarteto The Bubbles – formado em **1965** – se metamorfoseou em A Bolha.



Inédito disco ao vivo lançado neste mês de **NOVEMBRO** de **2018** pelo selo carioca Discobertas, A Bolha ao vivo documenta o início dessa fase de transformação na gravação que registra sete músicas do roteiro do show apresentado em **FEVEREIRO** de **1971** em Guarapari (ES).

Produzido por Marcelo Fróes com Nélio Rodrigues, o álbum A Bolha ao vivo traz capa assinada por Bady Cartier. As sete músicas – "Rosas" (Arnaldo Brandão), "Sem nada" (Pedro Lima), "Não sei" (Arnaldo Brandão), "Irmãos Alfa" (Pedro Lima), "Cecília" (Arnaldo Brandão), "Matermatéria" (Pedro Lima e Antonio Claudio Carvalho) e "Sub entendido" (Arnaldo Brandão) – são ouvidas ao longo de 13 faixas do disco aberto com a apresentação do show.

Há no CD *A BOLHA AO VIVO* músicas captadas em mais de uma versão. O disco chega ao mercado fonográfico pouco mais de **TRÊS ANOS APÓS A SAÍDA DE CENA**, em **AGOSTO** de **2015**, do guitarrista Renato Ladeira.



LIVRO REVELA HISTÓRIAS DE BANDAS DESCONHECIDAS DO ROCK NACIONAL

RICARDO SCHOTT, JORNAL DO BRASIL

8 DE SETEMBRO / 2009 – Rio de Janeiro – Nos **ANOS 60**, o rock nacional parecia ter três vias, que às vezes se cruzavam em camarins de shows. A mais visível era a das bandas jovemguardistas, como Renato & Seus Blue Caps e Os Incríveis, onipresentes na televisão e no coração do povo. No meio, havia os Mutantes, banda com prestígio inabalável e vendagem razoável. A vertente que funcionava como pano de fundo no período é a que interessa ao pesquisador carioca Nelio Rodrigues, autor do recém-lançado *HISTÓRIAS PERDIDAS DO ROCK BRASILEIRO – VOL. 1*.

Rodrigues, também autor de *OS ROLLING STONES NO BRASIL* e coautor de *SEXO, DROGAS E ROLLING STONES*, ao lado do jornalista José Emílio Rondeau, prefere

focar-se em bandas pouco conhecidas do Rio como Os Selvagens, Analfabitles, Red Snakes, Faia, The Bubbles (que depois viraria A Bolha), Equipe Mercado, Karma e Módulo 1000, que ajudaram a pavimentar alguns dos primeiros cenários subterrêneos do rock nacional.

– Foram bandas como Bubbles e Analfabitles que criaram a noção de um som da pesada mesmo, com a aparelhagem na frente do palco, impondo respeito – relata Rodrigues, que lança Histórias perdidas na Bienal do Livro, no Espaço Letras de Niterói, dia 17, às 18h. – As bandas da Jovem Guarda usavam equipamentos pífios. Eram guitarras e amplificadores ruins. Os grupos novos até emprestavam equipamento para elas. Conjuntos como The Bubbles já tinham uma preocupação com iluminação e cenário que essas bandas mais populares não tinham.

Entre os fatores que contavam para que tais bandas estivessem na frente, diz Rodrigues, era o interesse por informações novas – que eram conseguidas economizando mesadas para comprar revistas e discos importados.

– Em **1967** uma banda americana veio tocar aqui e trouxe um equipamento para light show, que fazia aquela iluminação psicodélica que chamavam de “luz bolha“ – recorda. – Grupos como o Soma e The Bubbles compraram essa máquina. Eram essas bandas que tinham acesso a esse tipo de informação.

Além do interesse por novidades, a ousadia contava, e muito. Eram formações afastadas do iê-iê-iê que tocava no rádio e geralmente contratadas de heroicos selos independentes – como o Top Tape, que lançou a estreia acid-rock do Módulo 1000, *NÃO FALE COM PAREDES*, de **1970**, hoje reeditada até na Europa, e o inacreditável Orange, uma releitura cabocla da Apple dos Beatles, que chegou a lançar compactos do The Cougars e de Serguei. O que as ajudava a ganhar liberdade para ousar no palco e no estúdio.

– Num show do Sound Factory, uma menina simplesmente tirou a camisa perto do palco e começou a dançar – relata. – Já os Selvagens conseguiram se apresentam num festival no Pavilhão de São Cristóvão para o qual não estavam programados. Foram lá com os equipamentos e se enfiaram no palco, sem pedir licença. Acabaram tocando. Nas apresentações do Módulo 1000, a banda falava para o público se sentar, porque o som viria do chão.

De tanto insistir, algumas bandas até arrombavam as portas do primeiro time do pop a seu modo. Foi o caso do Faia, que teve como baterista Luiz Moreno (que depois tocaria n'O Terço), acompanhou Zé Rodrix na primeira gravação de Casa no campo, em **1971**, e foi levado por Raul Seixas para testes na Philips, hoje Universal. Ou o Red Snakes, grupo do Grajaú que lançou em **1969** o LP *TRYING TO BE SOMEONE*, repleto de composições próprias, pelo selo Equipe, e acabou abrindo vários shows para Wilson Simonal.

– Também fazíamos muita coisa com a Gal Costa e com Antonio Adolfo e a Brazuca – recorda o vocalista Alvaro Rodrigues, que hoje, ainda envolvido com música, atende pelo nome de Mattuzalém e conduz projetos ligados ao rockabilly pela noite carioca. – Fazer rock era uma barra pesada. Arrumar equipamento era difícil. Lembro que conseguíamos alguns com um coroa que era a cara do Sherlock Holmes.

As drogas também fazem parte do livro – e surgem em histórias como a da banda Karma, um dos raros exemplos de grupo de rock a gravar disco por uma multinacional (em **1972**, pela RCA, atual Sony Music). O guitarrista do grupo passou a sofrer

sequelas do uso de LSD, como explica Rodrigues. O lado anedótico do uso das substâncias ilícitas fica com a banda The Bubbles.

– Eram os doidões da época. Quando eles subiam no palco, jogavam baganas (restos de cigarros de maconha) para eles. Os músicos fumavam embaixo do palco e ficava um roadie com um spray disfarçando o cheiro – relata.

Aos **57 ANOS**, nascido em Recife mas criado na Zona Sul carioca, Rodrigues começou a se interessar por rock desde cedo – mas, biólogo de formação, só abraçou a pesquisa e as letras há menos de **10 ANOS**, quando foi convidado pela editora Ampersand para escrever Os Rolling Stones no Brasil. Para o livro novo, além de escrever material inédito, resgatou textos seus que estavam na rede.

– O rock como fenômeno de massas é atrasado no Brasil. Só passou a ganhar mídia nos **ANOS 80**. Antes era uma vida de guerreiro, tanto que muitos desistiam e iam estudar – lembra Rodrigues, que promete no segundo volume das Histórias perdidas biografias de bandas como Os Lobos, Vímana e Veludo. – Mas é uma pena que, mesmo quando se fala dos **ANOS 60** e **70**, só exista espaço para Rita Lee, Raul Seixas, Mutantes. Muitos discos dessa época são melhores do que Raulzito e os Panteras, estreia do Raul Seixas (**1967**), por exemplo.

HISTÓRIA DA BANDA OS MAMÍFEROS CHEGA AOS CINEMAS



Grupo marcou época na música capixaba e vai às telas nacionalmente no documentário DIANTE DOS MEUS OLHOS

VITOR TAVEIRA / https://seculodiario.com.br/

4 DE DEZEMBRO / 2019 – Entre **1966** e **1971**, a banda Os Mamíferos marcou época na música capixaba. Com um som conectado com o movimento contracultural que explodia na época, o grupo juntou elementos de rock, jazz, psicodelia e irreverência, mas acabou repentinamente após o épico festival de música em Guarapari, que

acabou de forma conturbada em plena ditadura militar. Quase **50 ANOS** depois, o projeto Aurora Gordon e o cineasta André Felix trazem às telas de cinema um pouco dessa história, contada pelos integrantes do grupo, pessoas da cena cultural da época e preciosas imagens de arquivo.



Os Mamíferos eram um grupo em sintonia com as mudanças de seu tempo

O documentário *DIANTE DOS MEUS OLHOS* estreia nesta **QUINTA-FEIRA (5)** em circuito nacional, entrando em cartaz no Espírito Santo no Cine Metrópolis e Cine Jardins, ambos em Vitória. Afonso Abreu, Marco Antônio Grijó e Mario Ruy, que foram os jovens protagonistas de Os Mamíferos, retornam no filme, agora setentões, com suas vidas comuns e lembranças daqueles tempos de efervescência. Afonso e Grijó seguiram carreira na música e Mario Ruy, embora tenha seguido outras tarefas profissionalmente, também não deixou de compor e tocar.

“Eles têm um amor meio louco um pelo outro. Pude perceber que ainda estão muito ligados”, diz André Felix, que lança seu primeiro longa-metragem e busca inovar no formato do documentário musical, gênero que costuma trazer modelos bastante pausterizados. “O que mais me chamou atenção na história não era o que a tornava grandiosa, mas a questão do fracasso deles. Eu acho que esse é o elemento político, exatamente no momento em que nos permitimos documentar o nosso fracasso. E mexer na história da música brasileira, que é, em todos os sentidos, nosso maior bem, falar da geração dos **ANOS 60** e **70**, me encantava. Eu acredito que, quando existe uma falha, é muito mais interessante documentar do que quando se tem um sucesso”, comenta o diretor.



Documentário mostra os ex-integrantes da banda quase 50 ANOS depois

Um rompimento do grupo em **1971** foi um momento traumático, que ainda ressoa nos ex-integrantes do grupo. “É um documentário que se debruça sobre uma banda e sobre sonhos que não se realizaram. Uma história de amor que acabou repentinamente deixa feridas mais difíceis de fechar. O filme não é sobre o que aconteceu, mas também sobre o que está acontecendo na vida deles por meio dessa história”, diz André Felix sobre o documentário que foi exibido no Festival Internacional do Uruguai, Festival Internacional de Curitiva, Pirenópolis Doc, Festival de Cinema de Vitória, Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul, entre outros..

O fatídico festival de **1971**, que ficou conhecido como Guarapastock, no embalo do lendário *WOODSTOCK*, que aconteceu anos antes nos Estados Unidos, é muito presente na história. Na ocasião, a banda Os Mamíferos tocaram tendo no vocal Aprigio Lyrio, um dos cantores que também marcaram época no Espírito Santo. Os Mamíferos revelam então a versão sobre o festival que culminou numa fratura que levou ao seu término antes que pudessem alcançar voos maiores.

“Em suas várias e diversas manifestações, em diferentes linguagens, atividades e setores da vida, a contracultura chegou aos holofotes em **1968**, com seus ‘**MAIO**s’ e suas ‘primaveras’, mas o fato é que suas bases já vinham sendo fomentadas desde muito antes. Em **1966**, Os Mamíferos já estavam bem atentos a todo este 'zeitgeist'. Como eles, toda uma rede de artistas e pensadores capixabas buscava traduzir em âmbito local as urgências que agitavam as transformações em curso. Eles produziram em alta voltagem um conjunto de canções absolutamente 'à altura do presente', junto com figuras que foram se aproximando em torno do grupo por magnetismo ou afinidade eletiva, caso do cantor Aprígio Lyrio, dos compositores Sérgio Regis e Rogério Coimbra, e do músico e compositor Arlindo Castro, por exemplo”, explica Carlos Dalla, músico e um dos produtores do documentário.



DIANTE DOS MEUS OLHOS é o primeiro longa-metragem de André Felix, que busca inovar no documentário musical

Apesar da sintonia com os tempos que se vivia e do sucesso local na época, Os Mamíferos nunca gravaram um disco, o que André Felix entende que ajudou com que a banda caísse num certo esquecimento e não tivesse seu nome lembrado na história da música brasileira e mesmo na capixaba. “Os Mamíferos foram a maior expressão da música brasileira da qual você jamais ouviu falar”, aponta texto de Eduardo Ribeiro na época do lançamento do livro *OS MAMÍFEROS – CRÔNICA DE UMA BANDA INSULAR* (**2017**), de Francisco Grijó, produzido a partir do projeto Aurora Gordon, capitaneado por Murilo Abreu, filho do mamífero Afonso, em busca de resgatar a memória desse movimento contracultural capixaba dos **ANOS 60** e **70** com seus shows, manifestações e contestações em plena ditadura, que ocorriam em paralelo com outros grupos e movimentos que tiveram alcance nacional como Novos Baianos, Secos & Molhados e Clube da Esquina.

O Aurora Gordon também realiza a produção de *DIANTE DOS MEUS OLHOS* e a banda criada pelo projeto estará presente numa sessão especial no sábado, às 17h30, no Cine Metrópolis, trazendo ao vivo vários dos sucessos da época. O documentário entrará em cartaz no Cine Metrópolis **NESTA QUINTA-FEIRA (5)** com sessões em horários diversos até a **PRÓXIMA QUARTA-FEIRA (11)**. No Cine Jardins, o filme estreia **NESTA SEXTA-FEIRA (6)** e segue em cartaz sempre às 21h15. Diante dos Meus Olhos estreia também na primeira semana de exibição no Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e São Luís (MA). Posteriormente, entrará nos cinemas em Porto Alegre (RS) e outras cidades a confirmar na próxima semana.



PEDRO SÓ

Ontem às 05:36

O texto abaixo seria publicado no Reverb.com.br como continuação de outro que produzi, sobre a trilha sonora do tri de **1970**, conquistado **HÁ EXATOS 50 ANOS**. Infelizmente, o Reverb está saindo do ar, abalroado pela pandemia, e eu fiquei sem emprego neste momento delicadíssimo.

Por favor, mandem jobs (e leiam a matéria, que tem uma trilha sonora incrível).



Na Trilha do Tri II: Jorge Ben, Paulinho da Viola, Martinho da Vila, Oswaldo Nunes e o samba que embalou as comemorações pela vitória na **COPA DE 70**

HÁ 50 ANOS, EM 21 DE JUNHO DE 1970, a seleção brasileira alcançava sua conquista mais festejada: o tricampeonato em Copas do Mundo. O Brasil vencia por música com Pelé, Jairzinho, Tostão, Rivelino, Gérson e outros bambas no México; pelas ruas, comemorava ao som de craques da MPB e, em especial, do samba. Fosse ele em vertentes tradicionais ou na levada mestiça do samba-rock, que já agitava bailinhos e bailões de norte a sul.

Jorge Ben, segundo definição da imprensa, “o artista do momento” no país, arrasava também na França e na Itália, vislumbrando novas glórias globais enquanto preparava uma de suas obras-primas, “Força Bruta”.

AOS 27 ANOS, Paulinho da Viola se tornava gigante com “Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida”, a música do ano, que chegou a dezembro com pelo menos 15 regravações, incluindo as de Elizeth Cardoso (**1920-1990**), Jair Rodrigues (**1939-2014**), Nelson Gonçalves (**1919-1998**) e um semianônimo cantor da noite paulistana, Benito Di Paula.

O incrível **1970** ainda viu o ex-sargento Martinho da Vila se estabelecer lepidamente como sambista popular, tirando o partido alto do fundo dos quintais e entrando nas salas de boa parte dos brasileiros com “Casa De Bamba” e “Quem É Do Mar Não Enjoa”.

Era o samba reagindo com talento e fibra ao que era visto na época como “invasão do iê-iê-iê” – muito embora essa inimizade tivesse vários “furos”. Oswaldo Nunes (**1930-1991**), autor e intérprete da batucada “Oba”, hino do bloco Bafo da Onça, onipresente

em comemorações das vitórias da seleção, vinha de um disco com os roqueiros The Pop's, surfando outras levadas.

Longe de rivais, Jorge Ben e Rita Lee, a Ritinha dos Mutantes, se viram best friends forever a partir de agosto, como queridinhos de um dos mais polpudos patrocínios do incipiente show business nacional. Ela decolando como artista solo, ele como convidado principal do *BUILD UP ELECTRONIC SHOW*, espetáculo que juntava Rita, Jorge, música, moda, alhos, bugalhos, mais Tim Maia (**1942–1998**) e Juca Chaves.

"Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida" não animou bailes e desfiles de carnaval. Os olheiros do diário carioca Tribuna da Imprensa identificaram Oswaldo Nunes como um dos campeões de folia, com várias músicas na boca do povo pelas ruas e salões do Rio de Janeiro. Eram pérolas como "Dendeca", lançada em **1969**, e "Não Me Deixes", aclamada popularmente como melhor samba da safra **1970** em pesquisa do Jornal do Brasil em parceria com a Marplan.

Hoje ambas são pouco lembradas, a despeito do fascínio que Oswaldo Nunes, negro, gay, brigão, personagem de uma Lapa decadente, "inimigo" de Agnaldo Timóteo e de Madame Satã, possa exercer sobre pesquisadores contemporâneos.

O tradicional Concurso de Músicas de Carnaval, encerrado diante de **18 MIL PESSOAS** no Maracanãzinho, deixou pelo menos um clássico, a marcha-rancho "Bandeira Branca", de Max Nunes e Laércio Caldas, histórica também por ser o derradeiro sucesso de Dalva de Oliveira (**1917-1972**).

A vencedora, porém, foi outra marcha-rancho, "Primeiro Clarim", de Klécius Caldas e Ruthnaldo, defendida por Dircinha Batista (**1922-1999**), que também fazia ali seu canto de cisne, antes de se trancar em casa por **25 ANOS**. Reza a lenda que Dircinha voltou pro seu apartamento e abraçou aos prantos a irmã Linda Batista (**1919-1988**) e o amigo Cyro Monteiro (**1913-1973**).

A campeã da alegria no concurso acabou sendo a segunda colocada, "Broco Do Dodô Crioulo", de Nilton Paz e Yvonne Rebelo, dos versos "nosso broco é uma parada/ samba até de madrugada", puxada por outra estrela dos tempos do rádio, Marlene (**1922–2014**). Aos **48 ANOS**, ela saiu do Maracanãzinho com o prêmio de melhor intérprete, mas encaixou um rebolado tão impressionante em sua interpretação, que, bizarramente, chamou a atenção da censura. Teve de explicar – e reproduzir a coreografia – diante de autoridades em Brasília e foi "suspensa", proibida de fazer aparições públicas por oito dias.

Sacudidas ou mais lentas, como as marchas-rancho, as músicas do carnaval de **1970** ganharam as ruas a cada uma das vitórias do Brasil. No dia da final, houve desfiles informais e formais de blocos e escolas de samba em São Paulo, Salvador, Belém, Vitória, Recife, Rio de Janeiro, claro, e mesmo em capitais sem tanta tradição de folia, como Cuiabá.

Paulinho da Viola vinha de uma consagradora vitória no *FESTIVAL DA RECORD*, em dezembro de **1969**, com "Sinal Fechado". "A maior justiça feita em festivais de música no Brasil", definiria Zuza Homem de Mello, décadas depois. A música, com arranjo do maestro Gaya (**1921-1987**) e leitura política do clima dos anos de chumbo, não se parecia com nada que Paulinho da Viola tinha feito antes. Mas, claro, foi lançada como título e carro-chefe de um compacto duplo. E acabou sendo engolida por um de seus lados B: "Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida".

Sucesso inicialmente como samba de terreiro na Portela, “Foi Um Rio…” ajudou Paulinho a superar uma saia justa de suposta traição à escola, imposta pelo lançamento de “Sei Lá, Mangueira”, parceria com Hermínio Bello de Carvalho que Elza Soares defendera em outro Festival da Record, no fim de **1968**.

“Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida” ainda não tinha ganhado as ruas no carnaval, mas foi a música escolhida pela Portela para abrir os trabalhos quando sua delegação foi recebida pelo governador da Guanabara, Negrão de Lima, em uma homenagem pelo título conquistado na avenida, em **1970**.

O segundo LP de Paulinho da Viola, que, a essa altura, só poderia se chamar *FOI UM RIO QUE PASSOU EM MINHA VIDA*, saiu em princípio de junho, com a Copa do Mundo começada. A crítica era só com elogios, na base do “a coisa mais séria que se fez em seis meses de música brasileira”, e não faltavam notinhas empolgadas sobre Paulinho na gíria daqueles tempos: “Orfeão Portugal incrementa o samba da pesada reunindo a turma do sambão toda sexta-feira. Paulinho da Viola está na jogada”. O clube da Tijuca seria eternizado depois por Paulo Moura, no tema “Domingo no Orfeão Portugal”.

Uma reportagem do *JORNAL DO BRASIL* em **JULHO** sobre “O mundo da gente moça” radiografava preferências dos jovens no Rio e em São Paulo: nas duas praças, Paulinho da Viola era um dos dois nomes mais citados. Ele terminaria o ano sendo convidado para presidir o júri do V Festival da Canção.

Martinho da Vila, compositor transformado em cantor acidental, chegou a encarar seu LP de estreia como um disco de demonstração para fazer rodar entre artistas interessados em gravar suas músicas. Mas, claro, Martinho mostrou de cara dotes mágicos como intérprete em um álbum que vendeu cerca de **400 MIL CÓPIAS**. Estava nas rádios do país todo com “O Pequeno Burguês” e “Quem É Do Mar Não Enjoa”, mas passou boa parte do **PRIMEIRO SEMESTRE DE 1970** se apresentando lá mesmo em Vila Isabel, no Casarão de Noel, na Teodoro da Silva.

O show business brasileiro é que era devagar naquela época, com muitos shows em clubes e lugares sem glamour. Em outubro, entretanto, Martinho da Vila já estava na badalada Sucata, espaço dos vips da música brasileira que o empresário Ricardo Amaral explorava na Lagoa. O show de Martinho abria espaço no cartaz para os nomes de Darcy da Mangueira (**1932-2008**), Manoel do Cavaco e o grupo Brasil Ritmo 67, com participação especial do então jovem parça Rildo Hora. Sempre no horário não tão nobre das 0h30, sempre com o sucesso “Pra Que Dinheiro” no roteiro.

A boate Sucata era a vitrine de luxo da música brasileira. Em abril, Jorge Ben fez uma temporada histórica por lá, criminosamente não gravada para as futuras gerações. Foi pouco depois de uma consagradora passagem pela Europa – em que, entre outras façanhas, Jorge ofuscou completamente Wilson Simonal no Midem, em Cannes. Acompanhado do Trio Mocotó (Nereu Gargalo, Fritz Escovão e Joãozinho Parahyba), com quem brilhara no Jogral, em São Paulo, ele foi obrigado a dar seis “encores”; “Domingas” estava estourada en France.

No Brasil, o compositor Jorge Ben estava em todas ou quase: no repertório dos shows de todo naipe de cantoras, de Eliana Pittman a Elis Regina, passando por Elza Soares, tinha música dele. Sua estreia na Sucata mereceu uma resenha entusiasmadíssima na coluna de Zózimo, no “Jornal do Brasil”, com o título de “A Noite do meu Ben”, que começava elogiando o “zoológico” convocado para o palco. Eram bichos mesmo: macaco preso em corrente, cacatua, arara, tucano, papagaio…

O show, dirigido por Otávio Terceiro, também tinha feras como Milton Banana (**1935-1999**) e seu trio, e Os Originais do Samba, que tiveram destacada em texto do "Correio da Manhã" a participação de "Carlinhos Mussum, responsável por momentos de intensa comicidade, gozadíssimos". Era o futuro trapalhão Mussum (**1941-1994**).

Na plateia, tout Rio, todos os nomes do society, mais os da música. Pelé e Simonal dividiram mesa no final de março. Na última noite, o show teve uma hora a mais, com participação de espectadores como Gal Costa, "um verdadeiro happening", como foi descrito pelo Zózimo.

Jorge Ben ainda viajou para Portugal e Itália em maio. Chegou da turnê alguns dias depois do previsto, em meio a boatos de que tinha se apaixonado por uma bela ragazza. Mas logo se desculpou, contando que havia dormido quatro noites a mais em Roma, abusando da hospitalidade de Elza Soares e Garrincha, para tratar uma sinusite.

"Eu me considero reá. Lizado ainda não", brincava Jorge, em entrevistas. "País Tropical" ficou como hino do tri, mas na época foi muito lembrada na versão de Wilson Simonal, que saíra no começo do ano. Isso mudaria ao longo da década de **1970**, depois que Simonal caiu em desgraça por suas ligações com órgãos da repressão. Em **2016**, Jorge, já Benjor, a usaria com propriedade para brilhar na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

Sempre muito grato e todo elogios a Simonal, em **1970** Jorge o brindou com um fogo amigo ao municia-lo com a constrangedora "Brasil, Eu Fico", em que rimava o nome do país com "quem não gostar e for do contra que vá pra…". Também mandou mal em outra tentativa de capitalizar em cima do tri, com "Camisa Doze", que o tempo houve por bem deixar escondida no LP *BRASIL TRICAMPEÃO DO MUNDO*, em meio a narrações dos gols.

Wilson Simonal ainda era o tal, como ficaria provado em setembro, no célebre show com Sarah Vaughan para a TV Tupi, em São Paulo. E a boa fase de Jorge Ben era à prova de deslizes. O que dizer de um cara que tinha em seu time de peladas, o Jorge Ben 70, Nilton Santos (**1925-2003**), Telê Santana (**1931**-**2006**) e o parça Simonal. Antes da Copa, enfrentou com essa turminha um duro duelo contra um catado de artistas da TV Tupi, em torneio beneficente realizado em São Januário. "Um quadrangular da pesada", descreveu o "Jornal do Brasil".

No dia da estreia do Brasil na Copa, colegas como Chico Buarque demonstravam ceticismo, duvidando da capacidade ofensiva da seleção (!!!) – a coluna do Zózimo no "JB" contava que ele "vaticinou um minguado 1 a 0 na Tchecoslováquia, dizendo textualmente 'o Brasil não tem condições de golear ninguém'".

Mas Jorge Ben, que assistira ao 4 a 1 em Roma, era pura confiança. "O gol do Jairzinho, o último, deixou os italianos apavorados", contou, antes de voar para conferir, pé quente, a final e um novo 4 a 1 na Cidade do México.

LIVRO CONTA HISTÓRIA DAS BANDAS PIONEIRAS DO ROCK NO BRASIL

Grupos foram ignorados pelo mercado e intimidados pela repressão nos anos **1960** e **1970**

POR CARLOS ALBUQUERQUE – O GLOBO, 01DE JUNHO / 2014

RIO – O *II FESTIVAL AUDIOVISUAL DE CATAGUASES*, em **JULHO DE 1971**, deu um clima de *WOODSTOCK* à pequena e pacata cidade mineira. “Nos hotéis, não havia mais vagas. Pelas ruas, jovens cabeludos com roupas coloridas e garotas com saias curtas atraíam a atenção dos moradores. À noite, os bares ficavam cheios até a madrugada. Uma pequena revolução na rotina local. (...) Na noite de sábado, 18 de julho, a Equipe Mercado surgiu no palco do Cine Teatro Edgar. Entraram todos em cena esfarrapados, rasgados, sujos, seminus. Enquanto faziam soar as primeiras notas, os agregados da banda despejavam no palco todo o lixo recolhido pela cidade. À medida que a música evoluía, vários casais protagonizavam cenas libidinosas. Um homem vestido apenas de sunga, todo banhado em azeite e lixo, simulava atos sexuais com duas mulheres. Completando o quadro, várias meninas sentadas na beira do palco mastigavam carne crua, misturada em suco de groselha, que deixam escorrer pela boca como se fosse sangue. Depois, cuspiam de volta nos baldes que carregavam. Foram vinte minutos de som e loucura.”

A descrição da cena – envolvendo o desafiador e teatral grupo Equipe Mercado, que culminou com a sua expulsão da cidade – é de Nelio Rodrigues e uma das “Histórias secretas do rock brasileiro”, livro que o escritor e ex-professor de Biologia acaba de lançar pela editora 5W. Diferentemente do que o título jamesbondiano sugere, suas 351 páginas trazem, na verdade, histórias desconhecidas dos primórdios do rock brasileiro, estreladas por pioneiros que – entre os anos **1960** e **1970**, desprezados pelo mercado, desprovidos de qualquer infraestrutura e intimidados pelo ambiente repressor da ditadura militar – abriram clareiras para que as gerações seguintes conquistassem seus espaços.

Os capítulos do livro revelam, enfim, a trajetória, até então pouco conhecida, de bandas como Som Beat, Os Abutres, Soma, Módulo 1000, A Bolha, Os Selvagens, O Terço e a própria Equipe Mercado, na transição entre a ingenuidade do iê-iê-iê, influenciada pelos Beatles, até o desbunde psicodélico e as sonoridades experimentais dos avôs do rock alternativo.

– É uma cena importantíssima, que sedimentou os caminhos do rock no Brasil, mas que foi praticamente esquecida pela nossa memória musical, que nunca foi estudada com o devido reconhecimento – explica o autor, que dedicou quase uma década de pesquisas para concluir o livro. – É uma turma que era desprezada pelas gravadoras, naturalmente mais interessadas em samba, Bossa nova e MPB, e que era rejeitada tanto pela direita, que os tomava como subversivos, como pela esquerda, que os tachava de alienados e imperialistas.

ENTRE A TROPICÁLIA E O DOPS

Um dos destaques dessa turma de “operários do rock”, como chama Léo Jaime no pósfácio do livro, o Módulo 1000 – que começou com o inocente nome de The Brazilian Monkes – chegou a gravar um álbum, o psicodélico *NÃO FALE COM PAREDES*, pela Top Tape, em **1970**, já sob a influência da Tropicália. Apesar de rejeitado pela companhia na época, o vinil (de capa tripla) se tornou, posteriormente, um valioso objeto de culto no Brasil e no exterior. Ele foi relançado, em CD, já nos

ANOS 2000, pelo selo local Zaher Zein e, depois, pelo britânico RPM International. *NÃO FALE COM PAREDES*



– Foi um sufoco gravar esse disco, o técnico de som não entendia nada do que a gente queria fazer, como colocar ecos nos vocais ou criar ambiências espalhando microfones pelo estúdio – lembra Daniel Cardona, guitarrista e um dos fundadores do grupo (que prepara sua volta, com um disco de inéditas, previamente intitulado “Four walls”, previsto para **2015**). – E uma vez, quando fomos tocar em Divinópolis, tivemos nosso som desligado por agentes do Dops (Departamento de Ordem Política e Social), que nos levaram para uma sala, querendo saber o que significava a letra de “Turpe est sine crine caput”, faixa que abre o disco. Foi duro explicar para o líder dos agentes, ironicamente um baixinho careca, que a tradução era “É horrível uma cabeça sem cabelos”. Ficamos morrendo de medo, mas felizmente acabamos sendo liberados.

DISCOS FORA DE CATÁLOGO

Já a Equipe Mercado só conseguiu registrar seu trabalho em uma faixa na compilação Posições e em dois compactos, todos lançados pela gravadora Odeon e há muito fora de catálogo. Um deles, com as músicas “Campos de arroz” e “Side B Rock”, foi produzido por Nelson Motta e, curiosamente, trazia a participação especial de Reinaldo Figueiredo (cartunista, integrante do Casseta e do grupo Companhia Estadual de Jazz) nos vocais e na guitarra (“Era uma música piada, um antirrock, uma coisa metalinguística”, lembra ele, fã do grupo).

– Éramos universitários, vivendo a utopia em meio aos anos de chumbo. Nossa transgressão era uma resposta a todo aquele ambiente repressor – lembra Diana Dasha, cantora do grupo e viúva do violonista Nélson Jacobina (com o qual cantou em alguns shows da Orquestra Imperial). – Frustra um pouco não termos deixado registros melhores, mas acho que nossa semente, de alguma forma, vingou.

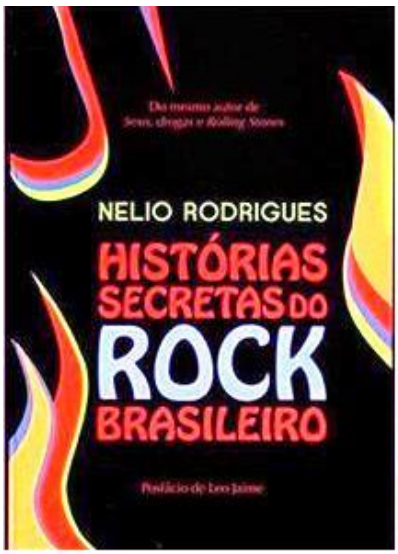
LEIA TRECHOS DO LIVRO

OS SELVAGENS NA TV

“Quando o nome da banda soou nas caixas de som, ficaram absolutamente trêmulos, apavorados. Pensaram nos instrumentos de segunda categoria que empunhavam e nos amplificadores que mal faziam o som chegar às primeiras filas. Só conseguiram

controlar a tremedeira e relaxar lá pelo meio do número. Quando perceberam o público acompanhando a canção, tocaram com garra, concluindo o número sob aplausos. José Messias também gostou. Gostou tanto que pediu aos rapazes para emendar outro número. Para Os Selvagens, que nunca tinham se apresentado em público, estrear diante de mais de três mil pessoas foi a glória."

EQUIPE MERCADO EXPULSA





"Ao final, sob aplausos delirantes de alguns e desmedida hostilidade de outros, a Equipe Mercado e seu bando correram para os bastidores, onde se estabeleceu um enorme bate-boca entre integrantes do grupo, policiais e representantes do festival de Cataguases. O delegado decidiu que a banda não poderia mais participar do festival (...) Com os documentos aprendidos, foram conduzidos para a delegacia e, de lá, alojados em uma escola pública onde passaram a noite (...) Na manhã seguinte, foram encaminhados para duas kombis, com ordens de conduzi-los de volta ao Rio de Janeiro."

OS PRIMÓRDIOS DO TERÇO

"O ano de **1969** estava bem adiantado. O que se iniciava era uma longa aventura rodoviária que partia do Rio com destino a Corumbá (MS). Amontoados na Kombi de Sérgio Hinds, com este ao volante, Vinícius Cantuária e Jorge Amiden dividiam o espaço limitado do veículo com guitarras, baixo, violões, bateria e amplificadores. Eles se autoproclamavam Os Libertos, não como um acinte ao governo militar. A intenção era outra, mais ingênua. Mesmo assim, acabaram presos em Bauru (SP). Naqueles tempos, cabeludos não eram bem-vistos pelas autoridades. Se não eram drogados, talvez fossem subversivos. Ou as duas coisas ao mesmo tempo."

MÓDULO 1000 X GRAVADORA

"Apesar dos problemas, a banda se sentiu orgulhosa. *NÃO FALE COM PAREDES* era ousado, diferente de tudo que as gravadoras despejavam no mercado. Vinha em uma embalagem luxosa, cuja capa se abria em três partes, expondo em sua parte interna uma pintura psicodélica dos rapazes (...) Zezinho, o dono da Top Tape, não gostou de nada. Julgou a capa dispendiosa e exagerada. O que saía dos sulcos do disco lhe deixou bufando de raiva. Furioso, reuniu os músicos e vociferou em alto e bom som: 'Este disco é uma merda e não dá pra explicar uma merda dessas!'"

Foto: Módulo 1000. O álbum que o grupo gravou em **1970**, o psicodélico *NÃO FALE COM PAREDES*, foi rejeitado pela gravadora na época, mas tornou-se, posteriormente, objeto no culto no exterior – **OSMAR GALLO**



Foto: Módulo 1000. O álbum que o grupo gravou em **1970**, o psicodélico *NÃO FALE COM PAREDES*, foi rejeitado pela gravadora na época, mas tornou-se, posteriormente, objeto no culto no exterior – **OSMAR GALLO**

• Luiz Paulo Simas, era dono de uma das maiores novidades tecnológicas no Brasil em **1971**: um sintetizador. Foi o segundo no Brasil e primeiro no Rio. Um e.m.s inglês ainda com matrix, o que impressionava muito nesse tempo.





MÓDULO 1000 E SUA OBRACABEÇA

Discos baixados... por Mário Pazcheco

1970 – Módulo 1000 – *NÃO FALE COM PAREDES*

No princípio, a missa era cantada em latim – eletricamente **SÉCULOS DEPOIS**, a parafernália progressiva avançou de seis para doze cordas mais cabo elétrico e autofalante chegava-se à lua. Para dominar os céus criaram o fuzz, uma caixinha de efeito que estende a vibração e coloca o guitarrista no Panteão dos Deuses – o fuzz permite viajar por conta própria que é melhor do que um bilhete cortesia das viagens alheias.

Se nos discos tropicalistas de Caetano e Gil, os baianos contavam com as palavras dos Irmãos Campos, e arranjos de Rogério Duprat e guitarristas com os nomes de Lanny Gordin e Sérgio Dias, o nascente rock progressivo brasileiro valia-se do trabalho dos técnicos de estúdio que aprenderam o ofício com discos dos Beatles.

A maioria dos discos de rock nacional foram registrados sob a paranóia exercida pelo regime das fardas. Cruelmente, o Jornal de Música e Som se referiu a Manito (ex-Incrivéis), um organista experiente "voando atrás de Keith Emerson e caindo a meio caminho sem fôlego". Muitos tecladistas poderiam voar atrás de Keith Emerson mas o rock daqui corria mesmo era atrás de Jon Lord – uma pena que estes discos não tinham a mesma preocupação e distribuição das grandes gravadoras – era como montar um carro nacional no fundo de garagem.

Hoje! Eu vejo como estas resenhas foram infelizes e perseguiram os músicos como os militares, felizmente não era em todos os setores, o triste é que estas resenhas saiam nas revistas musicais que deveriam dar uma força ao rock nacional, por isto também não gosto do Alice Cooper e do Rick Wakeman.

VERBETE

Módulo 1000 – Grupo carioca de Hard-blues-rock surgido em **1969**. Formação: Daniel (guitarra), Luís Paulo (órgão), Eduardo (baixo) e Candinho (bateria).

DISCOGRAFIA – CS, Big Mama/Isto não quer dizer nada (Odeon, **1970**; LP, *V FIC* (participação, Odeon **1970**): LP, *NÃO FALE COM PAREDES* (Top Tape, **1972**)

FONTE: ABZ ROCK BRASILEIRO (MARCELO DOLABELA 4ª EDIÇÃO)

FAIXAS

01. Turpe Est Sine Crine Caput
Módulo 1000 trabalha livremente e febrilmente naquela música abissal voltada para o outro hemisfério da cabeça, sua nuvem de fuzz lembra em muito, o 13th Floor Elevators; Módulo 1000 ao lado do Som Nosso De Cada Dia, Som Imaginário, Terço na fase Jorge Amiden ditaram regras e compassos utilizados até hoje.

02. Não Fale Com Paredes
O mais estranho é sua gramática lisérgica: se a faixa de abertura Turpe Est Sine Crine Caput quer dizer 'é horrível uma cabeça sem cabelo" o que dizer da segunda faixa, Não fale com paredes e sua divisão fonética adulterada? Curta: 'nãofa' – 'lecom' – 'pare' – 'des'. No segundo movimento, uma surpreendente levada de samba!

03. Espêlho
Esta balada segue o reflexo orientalista que refletia o mundo contracultural.

04. Lem – Ed – Êcalg
O jogo de espelho está embutido no título (Glacê de mel)

05. Ôlho por Ôlho, Dente por Dente
Um hino hipnoticamente entoado sob o rufar de tambores, inspirado pelo Cream. Seria um aviso? Quanto maior o pulo, maior a queda?

06. Metrô Mental
Faixa que tem sua estrutura no jazz e o chimbal chamando para o improviso soturno. Filosofia ou novo recado? – Temos que saber onde você quer chegar. É nesta jam que o contrabaixo fica mais livre.

07. Teclados
O título diz tudo só que o resultado é de bom gosto, uma miniatura

08. Salve-se Quem Puder
Uma suspeita dose de adrenalina!

09. Animália
A nona faixa, a última do lado B cuidadosamente harmonisa seu fim com o início do lado A, destaca-se uma guitarra estridente que lembra And your bird can sing... Voltemos para o Lado A...

RETRANCA POP

Série Vanguardas – Vários

É o seguinte: neste disco, a Odeon mistura gravações antigas de discos de rock brasileiro do começo dos **ANOS 70.** O que é, aliás, muito oportuno: o som da Equipe Mercado, Módulo 1000, Tribo e Som Imaginário é sempre criativo e muito mais próximo do chamado “progressivo” do que o rock que se faz aqui atualmente, quando a década já está chegando ao meio. As pesquisas musicais, harmônicas e rítmicas desses quatro conjuntos servem de lição para os rockeiros de agora. É uma pena que, desses, só o Som Imaginário tenha sobrevivido (e sempre na vanguarda) ao longo dos anos. Fonte: Revista Pop (**1975**)

ROCK DECAPTADO – **1970**, acabaram de gravar o disco *NÃO FALE COM PAREDES* – com faixas em latim e títulos e letras pronunciadas ao contrário, drible da vaca na Censura do regime? A banda vivia agora novo conflito com o diretor musical da gravadora e, surgiu uma chance de promover o disco: aparecer no programa 'Flávio Cavalcanti'. "Vão lá, será uma boa promoção para o disco". Os quatro músicos cabeludos do Módulo 1000 vestiram suas melhores roupas, dessa vez Candinho não usou as sandálias de couro. Entre os cabeludos, o guitarrista Daniel Cardona cortou o



tius, mais uma vez, me parecem justificar os meios.

Quero avisar aos que, por aqui, já começaram a tentar a deturpação barata do que Jamelão fêz ou disse em Salvador, que o sambista, realmente, pode ter-se machucado em suas declarações. Mas, se Jamelão machucou-se foi, apenas, por tentar, ingênuamente, defender e proclamar uma eficiência com certos exageros. Nada mais que isso.

Meu amigo Serguei

Tenho amizades às vêzes impossíveis. Uma delas: Serguei. Já nos defrontamos, em algumas ocasiões, êle de réu, eu de juiz. No seu jeito livre e no seu desespêro de aparecer, procurei sempre perceber, nêle, o ser humano. Difícil, hoje, a gente conseguir alcançar o "outro lado" de cada um. Os encontros pelos corredores, as viagens de avião (as viagens e suas pausas forçadas) me ajudaram muito. Serguel é quase o mesmo que aparece na TV. Agitado e ágil, ligado em tôdas as direções e querendo ser, exatamente, o artigo de consumo que precisa ser. Às vêzes consegue. Outras, não.

No fundo, no fundo, Serguei é aquêle tipo de sujeito que decidiu ganhar a parada. Se entramos em sua casa, de repente, sem aviso — é bem possível que, no alto da porta, leiamos um tremendo "Hei de Vencer", porque a frase parece piscar na testa do rapaz. Êle a carrega debaixo do braço, nos olhos, nas frases, nas afirmações e nas dúvidas. Serguei não é burro nem inteligente. Tenho mesmo a impressão que o seu único compromisso é com o sucesso que êle, um dia, inventou para si próprio. Esse sucesso está custando a chegar. E Serguei, de qualquer forma, está metendo a cara na vida. Um cara de pau e de menino. Uma cara iluminada — grilando de luz — diante da simples possibilidade de, daqui a pouco, seu nome ser falado, amado, odiado, suscitado, rezado por tôda a paróquia.

1. O que é que você está fazendo?

Serguel — Publicável, um show na noite do Rio, boate La Lieorne, ex-Porão 72.

2. E que show é êsse?

Serguel — É um show de música pop brasileira, em que eu canto Caetano e Gil.

3. Só músicas dos dois?

Serguel — Não. Um pouco de rock-and-roll, também.

4. Parado, dançando, tocando, como é o negócio?

Serguel — É a maior curtição da paróquia, pode crer.

5. Mas, explica!

Serguel — Ah! Eu grito totalmente a audiência. Canto de uma forma intelramente informal. Pra você ter uma idéia, entro com uma bomba-de-lilit na mão.

6. Que mais?

Serguel — Olha aí, bicho, o show começa à uma da manhã. E entro as badaladas tôdas que eu dou, apresento até outros artistas, que baixam por lá.

7. Quem está contigo?

Serguel — Bem, eu não faço por menos, você sabe: então, tenho o Cristóvão, que é, apenas, o melhor pianista da noite; à minha esquerda, o guitarrista Antônio Carlos, que já nasceu fazendo música. Inclusive muita gente o conheceu quando menino, pois êle tocava garrafa na Cinelândia. Baixo é com Ektor, um uruguaio que integrava The Shakers, um conjunto de lá que fêz sucesso no mundo todo e agora desmembrou-se.

8. E os artistas que você apresenta?

Serguel — De cara, o Santos Dumont, que ainda não inventou nenhum aviãozinho por lá, mas tem sacada de gogó que é de endoidar.

9. E mulher, nenhuma?

Serguel — Que é isso, bicho! Claro que tem. A musa do underground, por exemplo, a Fabíola, é minha convidada tôdas as noites. E além dela, o Jambelo Trio — três mulatas de levar gringo ao suicídio. Mas, como essas quatro mulheres são demais, eu levo mais um homem: o cantor da CBS Otávio Klemano.

10 Mas, quem é a maior atração entre essa gente tôda?

Serguel — Sem essa, bicho! Claro que é o Serguei, o cara de maior audácia dessa [illegible]. Olha aí: o que eu faço, não é mole, não. Sou a maior vedeta do underground brasileiro, de nossa pop music.

cabelo, ostentando um black power e entre os fios habitava um pequeno roedor, um hamster, tal aparato não ajudou e nem aliviou a barra. No backstage, os músicos nem desconfiavam o que testemunhariam. No ar, o tradicional rufar de tambores e a voz em off do radialista. Algumas breves palavras de condenação foram suficientes para a impiedosa sentença do apresentador que levou o disco *NÃO FALE COM PAREDES* à guilhotina. Flávio Cavalcanti que havia dado o prêmio de pior cantor do ano a Serguei agora partia em pedaços o disco do Módulo 1000. Quatro décadas depois, a traumatizante experiência, não foi totalmente deglutida pelo baixista Eduardo Leal Neto que apesar da serenidade da idade ainda percebe-se o espanto da hora.









Eduardo Leal nos "pegas" do Guará – **18 DE NOVEMBRO / 1979**

Para estudante, corredores querem mostrar coragem

Preocupado com a conseqüência dos "pegas", o estudante de Psicologia Eduardo Leal, do Ceub, comentou ontem, em entevista, que essa atitude dos jovens brasilienses talvez se deva à "energia acumulada, gerando necessidade de expansão de extravasão, e à necessidade de se sentirem fortes, demonstrando uma criação onde não tiveram permissão para serem fracos".



Eduardo Leal

Segundo ainda Eduardo Leal, outra causa dos "pegas" pode ser o exibicionismo, "contestação por terem herdado valores conflitantes, e competição, fascínio pela máquina sob domínio, tornando-os poderosos", além da exigência de liberdade, "para criarem seu próprio mundo, não aceitando o mundo dos "coroas". Por não saberem o que querem, acrescenta, eles ficam inseguros, ansiosos, frustrados e, por conseguinte, agressivos.

COMPORTAMENTO

Ao iniciar a análise do comportamento dos corredores, o estudante de Psicologia afirma que "a má distribuição de rendas gera os assassinos, pois o capitalismo gera a miséria, que gera altas rendas para uns e altas necessidades para outros, surgindo daí o milionário e seu religioso, o alcoólatra. Com isto, os jovens se tornam carentes de liberdade, de vida, de prazer, de sexo e encontram na revolta, na contestação do sistema, nas drogas, o símbolo para dizerem o que sentem".

POLICIA

Insistindo em que não se deve focar nos "pegueiros" Eduard



MÚSICA COMPOSTA PELOS MUTANTES COM TIM MAIA É DESCOBERTA

Se houver autorização do grupo e do filho do cantor, faixa pode ser lançada

POR ESTADÃO CONTEÚDO



26 DE ABRIL / 2020 – A irreverência, o deboche e a alegria aproximaram Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias, os Mutantes, de outro artista que também faria história. Tim Maia era um desconhecido quando se encontrou com o trio nos bastidores do programa *QUADRADO E REDONDO*, da TV Bandeirantes.

"Tínhamos as mesmas influências. Tudo o que ele cantava a gente conhecia", relembra Sérgio. A banda deixou marcas na trajetória do amigo – e vice-versa. Os Mutantes recomendaram Tim ao diretor da PolyGram, André Midani, que o contratou para gravar seu primeiro LP. Uma gíria criada pelo cantor para designar maconha, baurete, foi usada no título do disco *MUTANTES E SEUS COMETAS NO PAÍS DO BAURETS* (**1972**).

Parcerias entre os Mutantes e Tim nunca chegaram ao grande público. Mas ao menos uma foi enviada em **1971** à Censura Federal, que aprovou a gravação. Uma folha submetida ao órgão com a letra de “Quero Mais Dinheiro”, assinada pela banda e pelo cantor, circula em comunidades sobre música brasileira no Facebook. A origem do papel é o site do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), com mais de um milhão de documentos.

Todos os integrantes dos Mutantes à época – Arnaldo, Dinho Leme, Liminha, Rita e Sérgio – foram contatados pelo jornal O Estado de S. Paulo diretamente ou por meio de assessores. Nenhum deles se lembra da música e em quais circunstâncias ela foi feita. Muito menos de um registro. “Mas Quero Mais Dinheiro” está preservada nos arquivos da gravadora Universal Music, detentora do acervo da PolyGram. Se houver autorização dos cinco e de Carmelo Maia, filho de Tim que administra o espólio do cantor, a faixa pode ser lançada.

Quem confirma a existência da gravação é o pesquisador Marcelo Fróes. Ele assinou a produção executiva de *TECNICOLOR*, álbum que os Mutantes gravaram na França em **1970** e que saiu 30 anos depois Com livre acesso ao arquivo da Universal, ele ouviu

outras fitas de 4 e 8 canais com material bruto do grupo e se deparou com “Quero Mais Dinheiro”.

A música é uma paródia de “Não Quero Dinheiro” (Só Quero Amar), grande sucesso de Tim, e é sobra das sessões de estúdio do disco *JARDIM ELÉTRICO* (**1971**).

O pesquisador afirma que a letra de “Quero Mais Dinheiro” cabe perfeitamente na melodia de “Não Quero Dinheiro”. O longo refrão do hit de Tim foi substituído por repetições da frase "quero mais dinheiro". A faixa foi gravada em quatro canais, com piano, baixo, guitarra e vozes. Rita canta primeiro e depois entra Arnaldo. "Quando ouvi, ri pra caramba e vibrei. É uma gravação perfeita, a única dos Mutantes com Rita que permanece inédita", ressalta Fróes, que cogitou coloca-la em uma caixa com discos dos Mutantes que estava montando.

Ele conta que, na época, a gravadora disse ser "complicado" incluir a faixa no projeto, que acabou cancelado, por causa das autorizações devidas. Anos antes, Tim havia entrado na Justiça contra a PolyGram por conta de uma coletânea feita sem permissão

“Quero Mais Dinheiro” foi liberada pela Censura para gravação em **4 DE FEVEREIRO DE 1971**, oito meses antes de o disco de Tim com Não Quero Dinheiro chegar às lojas. O que sugere que os Mutantes ouviram a música do amigo em primeira mão. O fato de uma paródia ser lançada antes da canção que a inspirou pode ser um dos motivos da parceria ter saído de *JARDIM ELÉTRICO*.

Também é possível cogitar que a música ficou de fora do repertório porque Benvinda, que entrou no disco, é interpretada por Arnaldo emulando o estilo de Tim – um texto na contracapa ironicamente assinala que "qualquer semelhança com Tim Maia é mera coincidência".

Ainda na ativa com os Mutantes, Sérgio é a favor do lançamento da gravação. "Achei o maior barato a letra, essa descoberta é um diamante. Libero na hora, mas tem que ver o que os outros querem fazer. A música tem que ser lançada."

Autora de *DISCOBIOGRAFIA MUTANTE – ÁLBUNS QUE REVOLUCIONARAM A MÚSICA BRASILEIRA*, que conta a história dos discos da banda, a jornalista Chris Fuscaldo cita a existência de Quero Mais Dinheiro no livro. Mas ela somente teve acesso à letra após ser consultada pela reportagem. "Acho importante o resgate desse registro e uma campanha para que a faixa seja lançada em alguma plataforma."

A LETRA DE QUERO MAIS DINHEIRO

Já é tempo de resolver
Nunca é tarde pra aprender
Que ser pobre, não vale a pena ser
Um anel de brilhantes
Pra menina que eu sempre quis
Um palácio
Tal (sic) bacana a vida pode ser
Quero mais dinheiro

Até hoje não vi ninguém
Que já foi pobre e virou alguém
Não ser mais feliz
Do que aqueles que já nasceram reis
Quero mais dinheiro

AS INFORMAÇÕES SÃO DO JORNAL O ESTADO DE S. PAULO.

Renato Vieira



Irreverência. Os Mutantes em 1970; Tim e o grupo já eram amigos

A REVELAÇÃO DE UMA PARCERIA

Música composta pelos Mutantes com Tim Maia é descoberta; gravação feita em 1971 não foi lançada



Tim. Gravando o primeiro LP; banda o indicou a gravadora

A irreverência, o deboche e a alegria aproximaram Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias, os Mutantes, de outro artista que também faria história. Tim Maia era um desconhecido quando se encontrou com o trio nos bastidores do programa *Quadrado e Redondo*, da TV Bandeirantes.

"Tínhamos as mesmas influências. Tudo o que ele cantava a gente conhecia", relembra Sérgio. A banda deixou marcas na trajetória do amigo – e vice-versa. Os Mutantes recomendaram Tim ao diretor da PolyGram, André Midani, que o contratou para gravar seu primeiro LP. Uma gíria criada pelo cantor para designar maconha, baurete, foi usada no título do disco *Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets* (1972).

Parcerias entre os Mutantes e Tim nunca chegaram ao grande público. Mas ao menos uma foi enviada em 1971 à Censura Federal, que aprovou a gravação. Uma folha submetida ao órgão com a letra de *Quero Mais Dinheiro*, assinada pela banda e pelo cantor, circula em comunidades sobre música brasileira no Facebook. A origem do papel é o site do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), com mais de um milhão de documentos.

Todos os integrantes dos Mutantes à época – Arnaldo, Dinho Leme, Liminha, Rita e Sérgio – foram contatados pelo **Estado** diretamente ou por meio de assessores. Nenhum deles se lembra da música e em quais circunstâncias ela foi feita. Muito menos de um registro. Mas *Quero Mais Dinheiro* está preservada nos arquivos da gravadora Universal Music, detentora do acervo da PolyGram. Se houver autorização dos cinco e de Carmelo Maia, filho de Tim que administra o espólio do cantor, a faixa pode ser lançada.

Quem confirma a existência da gravação é o pesquisador Marcelo Fróes. Ele assinou a produção executiva de *Tecnicolor*, álbum que os Mutantes gravaram na França em 1970 e que saiu 30 anos depois. Com livre acesso ao arquivo da Universal, ele ouviu outras fitas de 4 e 8 canais com material bruto do grupo e se deparou com *Quero Mais Dinheiro*.

A música é uma paródia de *Não Quero Dinheiro (Só Quero Amar)*, grande sucesso de Tim, e é sobra das sessões de estúdio do disco *Jardim Elétrico* (1971).

O pesquisador afirma que a letra de *Quero Mais Dinheiro* cabe perfeitamente na melodia de *Não Quero Dinheiro*. O longo refrão do hit de Tim foi substituído por repetições da frase "quero mais dinheiro". A faixa foi gravada em quatro canais, com piano, baixo, guitarra e vozes. Rita canta primeiro e depois entra Arnaldo. "Quando ouvi, ri pra caramba e vibrei. É uma gravação perfeita, a única dos Mutantes com Rita que permanece inédita", ressalta Fróes, que cogitou colocá-la em uma caixa com discos dos Mutantes que estava montando.

Ele conta que, na época, a gravadora disse ser "complicado" incluir a faixa no projeto, que acabou cancelado, por causa das autorizações devidas. Anos antes, Tim havia entrado na Justiça contra a PolyGram por conta de uma coletânea feita sem permissão.

Quero Mais Dinheiro foi liberada pela Censura para gravação em 4 de fevereiro de 1971, oito meses antes de o disco de Tim com *Não Quero Dinheiro* chegar às lojas. O que sugere que os Mutantes ouviram a música do amigo em primeira mão. O fato de uma paródia ser lançada antes da canção que a inspirou pode ser um dos motivos da parceria ter saído de *Jardim Elétrico*.

Também é possível cogitar que a música ficou de fora do repertório porque *Bem-vinda*, que entrou no disco, é interpretada por Arnaldo emulando o estilo de Tim – um texto na contracapa ironicamente assinala que "qualquer semelhança com Tim Maia é mera coincidência".

Ainda na ativa com os Mutantes, Sérgio é a favor do lançamento da gravação. "Achei o maior barato a letra, essa descoberta é um diamante. Libero na hora, mas tem que ver o que os outros querem fazer. A música tem que ser lançada."

Autora de *Discobiografia Mutante – Álbuns que Revolucionaram a Música Brasileira*, que conta a história dos discos da banda, a jornalista Chris Fuscaldo cita a existência de *Quero Mais Dinheiro* no livro. Mas ela somente teve acesso à letra após ser consultada pela reportagem. "Acho importante o resgate desse registro e uma campanha para que a faixa seja lançada em alguma plataforma."

• Descoberta

"Achei o maior barato a letra, essa descoberta é um diamante. Libero na hora, mas tem que ver o que os outros querem fazer."
Sérgio Dias
MÚSICO

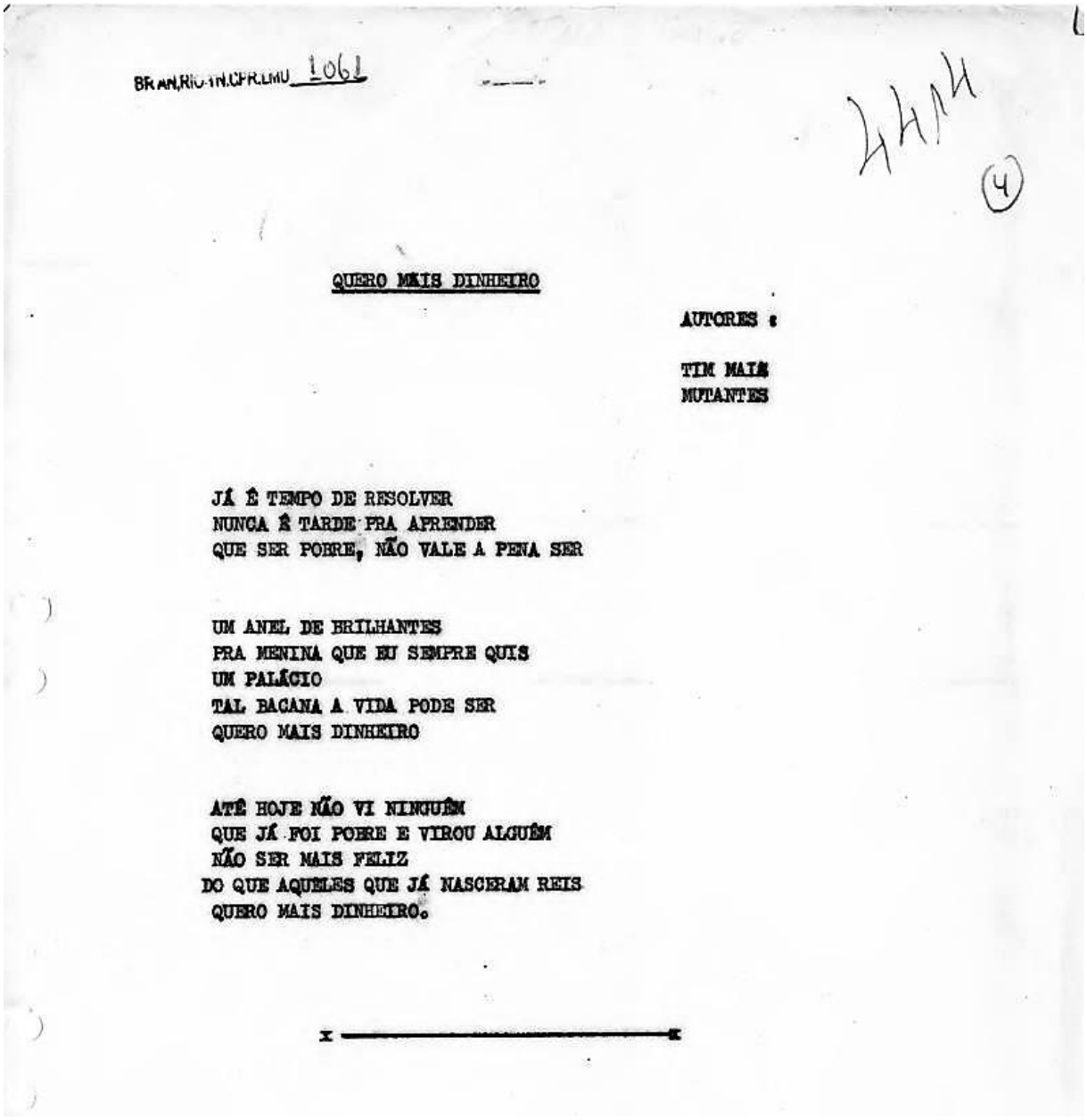
"Quando ouvi, ri pra caramba e vibrei. É uma gravação perfeita, a única dos Mutantes com Rita que permanece inédita."
Marcelo Fróes
PESQUISADOR



Documento. O papel preservado no Arquivo Nacional

A LETRA

Já é tempo de resolver/
Nunca é tarde pra aprender/
Que ser pobre, não vale a pena ser/Um anel de brilhantes/
Pra menina que eu sempre quis/
Um palácio/Tal (sic) baeana a vida pode ser/Quero mais dinheiro/
Até hoje não vi ninguém/Que já foi pobre e virou alguém/Não ser mais feliz/Do que aqueles que já nasceram reis/
Quero mais dinheiro



BR.AN.RIO-1N.CPR.LIMU 1061

(4)

QUERO MAIS DINHEIRO

AUTORES :

TIM MAIA
MUTANTES

JÁ É TEMPO DE RESOLVER
NUNCA É TARDE PRA APRENDER
QUE SER POBRE, NÃO VALE A PENA SER

UM ANEL DE BRILHANTES
PRA MENINA QUE EU SEMPRE QUIS
UM PALÁCIO
TAL BACANA A VIDA PODE SER
QUERO MAIS DINHEIRO

ATÉ HOJE NÃO VI NINGUÉM
QUE JÁ FOI POBRE E VIROU ALGUÉM
NÃO SER MAIS FELIZ
DO QUE AQUELES QUE JÁ NASCERAM REIS
QUERO MAIS DINHEIRO.

x ——————————————— x

EXAME DE DNA APONTA QUE JOVEM NÃO É FILHA DE TIM MAIA

Corpo do cantor foi exumado em março para realização do teste.

Reportagem do Fantástico deste domingo mostrou resultado.

DO G1 EM SP, COM INFORMAÇÕES DO FANTÁSTICO

3 DE JUNHO / 2012 – O cantor Tim Maia, morto em **1998**, não é o pai biológico de Rafaela Soares Campos, segundo o resultado do exame de DNA feito a partir do material genético material genético retirado do corpo do músico, exumado em março. A informação foi dada em reportagem do Fantástico exibida neste **DOMINGO (3).** Segundo o programa, Rafaela veio a público no ano passado dizer que era filha de Tim Maia com uma ex-funcionária dele.

Ao Fantástico, Rafaela afirmou achar que “na lei dos homens existe erro”. “Pode ter havido uma falha. Eu acredito que mãe nenhuma faria isso [mentir para a filha sobre

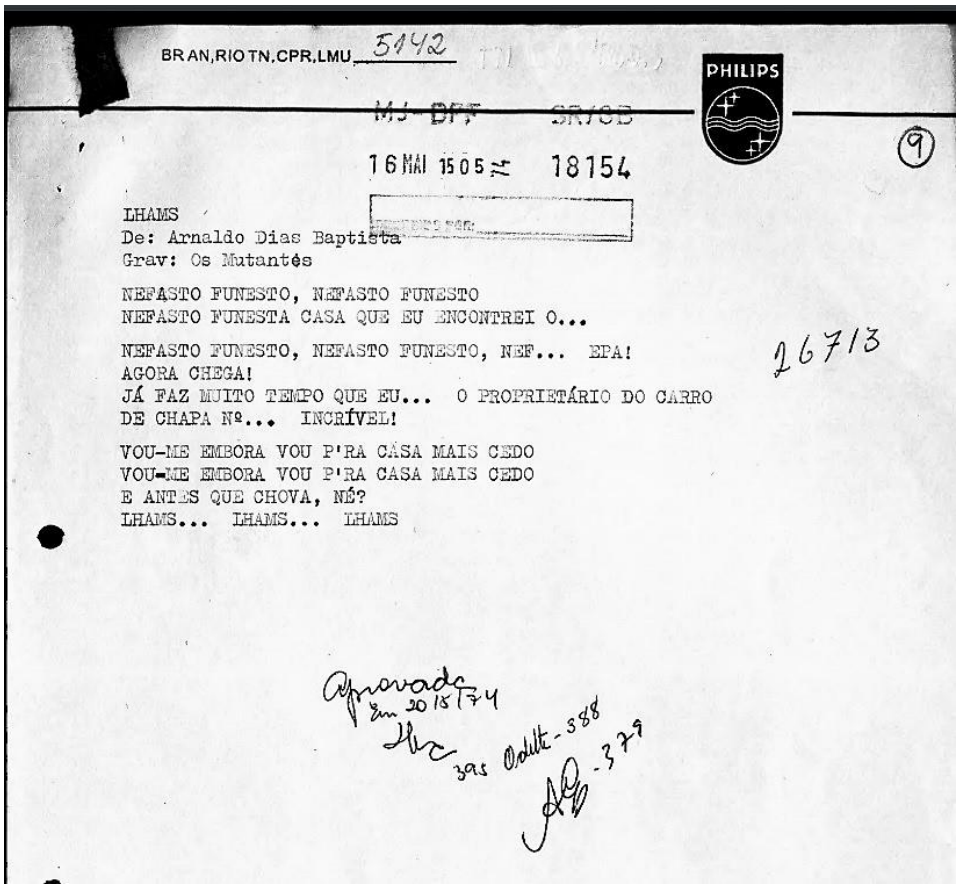
esse assunto].” De acordo com ela, seu advogado irá estudar o caso para decidir o que fazer.

Segundo informações do Tribunal de Justiça do Rio (TJ-RJ), a exumação do corpo do artista, enterrado no cemitério do Caju, no Rio, foi autorizada pela 2ª Vara de Família da Barra da Tijuca, na Zona Oeste, em função do processo de verificação de paternidade movido por Rafaela.

O Fantástico entrevistou Carmelo Maia, filho biológico do cantor, que afirmou jamais ter ouvido falar em Rafaela antes que ela movesse o processo. “Eu percorri todos os amigos do meu pai das **DÉCADAS DE 70**, **80** e **90**, e, para minha maior surpresa, ninguém conhecia a suposta herdeira, muito menos a mãe dela.”

Carmelo comentou também o fato ter ficado sabendo, por meio de jornalistas, que a exumação tinha ocorrido sem a presença dele. “A constituição federal deixa bem claro que ambas as partas precisam estar [presentes no ato da exumação]. Primeiro, porque eu sou o dono do caixão, do corpo.” Nesta semana, Carmelo recebeu de seu advogado, Gustavo Horta, a notícia de que o laudo do laboratório da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj) apontava que Rafaela não era sua irmã. “Foi decisivo, a conclusão é de exclusão absoluta no sentido de que a Rafaela não é filha do Tim Maia”, afirmou Horta ao *FANTÁSTICO*.

O programa observou que, de acordo com análises da Uerj, não há nenhuma possibilidade de parentesco entre eles. “Na realidade, os exames são várias análises simultâneas”, explicou ao Fantástico Rodrigo Moura Neto, geneticista da universidade. “Você obrigatoriamente tem que encontrar uma contribuição na filha, que veio da mãe e uma contribuição que veio do pai. No exame dela, foram feitas 20 investigações simultâneas. Dessas, dez não coincidiram, então a conclusão disso é que o laudo é de exclusão.”



BR AN,RIO TN,CPR,LMU 5142

MJ-DPF SR/RJ

16 MAI 1505 Z 18154

PHILIPS

(9)

LHAMS
De: Arnaldo Dias Baptista
Grav: Os Mutantes

NEFASTO FUNESTO, NEFASTO FUNESTO
NEFASTO FUNESTA CASA QUE EU ENCONTREI O...

NEFASTO FUNESTO, NEFASTO FUNESTO, NEF... EPA!
AGORA CHEGA!
JÁ FAZ MUITO TEMPO QUE EU... O PROPRIETÁRIO DO CARRO
DE CHAPA Nº... INCRÍVEL!

VOU-ME EMBORA VOU P'RA CASA MAIS CEDO
VOU-ME EMBORA VOU P'RA CASA MAIS CEDO
E ANTES QUE CHOVA, NÉ?
LHAMS... LHAMS... LHAMS

26713

Aprovado em 20/5/74

sas Adult-388

-379

TN.CPR.LMU 2214 p.

9901

(4)

censurada

OS GRILOS DA MINHA VIDA

(Arnaldo - Sergio - Rita)

HOJE DE MANHÃ EU SAÍ, JUNTO COM O SOL
FOMOS POR AÍ A OLHAR, VER O QUE É QUE HÁ !

NÓS VIMOS TANTOS CARETAS
CORRENDO PRÁ NENHUM LUGAR
NÓS VIMOS TANTOS CARECAS
FALANDO MAL DE NÓS !

ÊLES VÃO MORRER ANTES DO QUE NÓS
ÊEES VÃO MORRER, DEIXA ISSO PRÁ LÁ
DEIXA ISSO PRÁ LÁ

APROVADA
BRASÍLIA
01.053

ENCAMINHE-SE
À BRASÍLIA

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
Chefe da T. C. D. P. - DR/GB.

A consideração superior, para julgá-la
oportuna.
Urgente - 27-8

TNE 3. 7279 6883

VETADO

CABELUDO PATRIOTA

(Arnolpho Lima Fº - Arnaldo Dias Baptista - Ritta Lee Jones)

VENHA VER AS MINHAS CÔRES
AGORA É HORA DO CABELO CRESCER
HASTEEI O MEU CABELO
PARA QUE O SOL FIQUE SABENDO DAS COISAS

■ O MEU CABELO É VERDE, AMARELO, VIOLETA E TRANSPARENTE
A MINHA CASPA É DE PURPURINA, MINHA BARBA AZUL ANIL

Gravação : Mutantes

Vetada por ser uma sátira desairosa ao símbolo Nacional
Gb, 19/2/71
Lugni

VETADO

Interditada

CASA DA MÔNICA

(Arnaldo - Sergio - Riba)

LÁ FORA DA CIDADE NO SUL DO PAÍS
HÁ UMA CASA ONDE O PIANO NÃO PÁRA DE TOCAR
NO QUARTO DOS ESPÊLHOS DESCOBRI VOCÊ
E ENTÃO O TEU PERFUME NUNCA MAIS ME LARGOU

YEAH ! YEAH ..!
NO QUARTO DOS ESPÊLHOS U !

TEU CORPO DE VELUDO VERMELHO EU VOU ROUBAR
E ENTÃO EU FICO EM CASA ATÉ O MUNDO SE ACABAR
NÃO TENHO MAIS DINHEIRO NEM NADA PRÁ DEIXAR LÁ
NA CASA DA MÔNICA UN DIA EU QUERO MORAR.

DIVERSÃO PÚBLICA

Of. 053
Brasília

ENCAMINHE-SE
A BRASÍLIA

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
Chefe da T. C. D. P. - DR/GB.

A consideração superior a casa de Mônica é um famoso prostíbulo existente em P. Alegre
Vergueiro 279



Claudio Ferlauto, Assis Hoffmann, Luiz Carlos Felizardo, Augusto Portugal, Dedé Ferlauto, Fughetti Luz, Marcos Lessa, Pekos, Eliana Chaves, Edinho Espíndola, Mimi Lessa. Claudio Vera Cruz, Fernando Jorge Uberti, Pedro Mohr, Antonio Aiello, Mª Helena Truda, Nilo Paim Soares. Foto: provavelmente de LaHire Guerra.

1971

SHOW LIVERPOOL SOUND & SONS

Teatro Leopoldina, **1971**
Projeto Signovo/Antonio Aiello, Pedro Mohr, Claudio Ferlauto

SPECTRUM – GERAÇÃO BENDITA

Era **1971**, **DOIS ANOS** pós-*WOODSTOCK*, e a juventude brasileira ainda vivia os efeitos da Era de Aquarius, mesmo que de forma um pouco tardia. Em meio a onda de paz e amor, um grupo de jovens músicos e cineastas de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, mergulhou fundo na produção do que se chamou na época de "o primeiro filme hippie brasileiro". Intitulado *GERAÇÃO BENDITA*, o filme dirigido por Carlos Bini, e rodado na região, deixou

SPECTRUM

www.spectrum.mus.br



registrado, além das imagens de uma época, uma trilha sonora tão surpreendente quanto rara.

Gravado no estúdio da Todamérica, no Rio de Janeiro, o disco também chamado *GERAÇÃO BENDITA* é assinado pelo grupo Spectrum, formado por ex-membros da banda 2000 Volts e atores/músicos do filme. Integravam o grupo os músicos Caetano, Serginho, David, Fernando e Toby, que dividiam os instrumentos e as composições feitas em parceria. Com idade média de **21 ANOS**, a experiência do grupo resumia-se à cena local, onde iniciaram tocando covers de Beatles "tão bem feito que chegavam, por vezes, a achar que o som era de rádio, ou de gravador", diz hoje o guitarrista Caetano.

O álbum com pouco mais de trinta minutos reúne doze canções, com letras em português e algumas em inglês, em sua maioria falando de paz, amor liberdade, natureza e outros temas e valores expressivos do período. O instrumental, com profusão das fuzz-guitar a varrer, e os vocais à la Beatles, sintonizavam com a produção mundial e situava o trabalho do grupo acima do padrão nacional da época. Caetano lembra hoje que o disco chamou a atenção dos disc-jockeys Big Boy e Ademir, mas acabou ignorado pela mídia. Espaço natural para divulgação do álbum, o jornal Rolling Stone, em sua versão nacional, só veio a público no **INÍCIO DE 1972**, quando o grupo já não mais existia.

"Não tinhamos recursos técnicos, os instrumentos eram nacionais, de segunda, terceira mão, mas havia uma coisa maior que nos movia, que era o sentimento daquela geração", conta Caetano, que ainda tocou por algum tempo na região. Tanto ele quanto outros integrantes da banda, ainda moram em Nova Friburgo e partilham com a cidade e inúmeros hoje ilustres moradores a memória daqueles "momentos mágicos, coloridos e intensamente vividos". Recentemete, por iniciativa de Caetano, e de outros remanescentes do movimento, chegou-se a tentar a realização de um festival, que resumiu-se em uma sessão do filme, sem ir adiante.

Nova Friburgo e outras cidades da Região Serrana do Rio de Janeiro foram pólo de atração de grupos musicais e comunidades hippies que para lá transferiram-se em busca de "paz, harmonia e contato com a natureza". Um dos grupos que andou por lá uns tempos foi o gaúcho Liverpool, antes de transformar-se no Bixo da Seda, em **1974**. O mais famoso foi o Mutantes, já contando apenas com Sérgio Dias da formação original, que se instalou em uma casa em Nova Petrópolis. Nova Friburgo, de forma especial, contava com uma cena local forte, com diversos grupos da região e presença de bandas do Rio de Janeiro que lá iam tocar, como A Bolha e Analfabitles, entre outras.

Apesar de ignorado em sua época, o álbum resistiu ao tempo e, hoje, ocupa os primeiros lugares nas "want lists" (procurados) de colecionadores mundiais de raridades psicodélicas (é um dos lps do livro ***2001*** *RECORD COLLECTOR DREAMS*, editado pelo austríaco Hans Pokora, que reúne capas de discos raros de todo o mundo). Segundo palavras do próprio Hans "O Disco é um dos LPs mais procurados em todo o mundo nesse gênero de música e é uma pepita para qualquer Colecionador". O disco recentemente chamou a atenção de selos estrangeiros especializados em reedições limitadas em vinil – 180 gramas e, mesmo em cd, que buscaram contato com a banda para relançar o álbum. Assunto que vem sendo tratado junto ao selo original e detentor dos direitos de edição, podendo resultar também em uma tiragem nacional, que tornará finalmente o disco *GERAÇÃO BENDITA* acessível aos comuns dos mortais.

[**SENHOR F – A REVISTA DO ROCK. COPYRIGHT©FERNANDO ROSA**]
*** TEXTO (REVISTO), PUBLICADO ORIGINALMENTE NA REVISTA SHOWBIZZ.**

INTEGRANTES EM DIFERENTES FORMAÇÕES:

– Caetano – guitarra-solo (José Luiz Caetano da Silva)
– Fernando – bateria (Fernando Gomes Correa Jr.)
– Nando – guitarra-base (Fernando José Teixeira de Almeida)
– Ramon – contrabaixo (Ramon Gomes Correa)
– Serginho – guitarra-base (Sérgio Nogueira Régly)
– Tião – guitarra-base (Sebastião Luiz Caetano da Silva)
– David – composições, letras, arranjos, etc (David John Giecco)
– Toby – contrabaixo (José Carlos Corrêa da Rocha)

Foto e texto: Site oficial da banda Spectrum http://www.spectrum.mus.br/

GERAÇÃO BENDITA – SPECTRUM (**1971**) – trilha sonora do filme:
https://youtu.be/kLxkMgAYezQ

FILME GERAÇÃO BENDITA – É ISSO AÍ BICHO





BIXO DA SEDA

OS ANOS 70 estavam começando. O sonho tinha acabado, os Beatles já não existiam mais. No outro lado do Atlântico, a "América" perdia seus três maiores ícones: Hendrix, Janis Joplin e Jim Morrison. Como no inicio da década passada, o rock se reciclava através das bandas inglesas. O estilo já tinha se consolidado como um movimento social, uma arma nas lutas da juventude.

Nesse contexto, mais precisamente no ano de **1973**, um guitarrista porto-alegrense chamado Zé Vicente Brizola (filho de quem você está pensando) tem a brilhante ideia de formar uma banda de rock, convidando seu amigo Mimi Lessa, considerado na época um dos melhores guitarristas do país. Mimi estava voltando do Rio onde fez

sucesso com o Liverpool, banda em que também tocava seu irmão Marcos (baixo), e seu primo Edinho Espíndola (bateria). Os dois acabam por entrar no projeto, que tem sua formação "quase finalizada", com o ingresso de um experiente tecladista do cenário da capital: Cláudio Vera-Cruz.

Influenciados basicamente pelo rock progressivo de bandas como Yes, Pink Floyd, King Crimson, Jethro Tull e Focus, juntamente com o Rock`n' Roll básico dos Rolling Stones, faltava ao quinteto um nome. E este surgiu da forma mais inusitada: enquanto enrolavam um baseado, pensam na utilidade daquele papelzinho quase transparente, a seda. Aqui surgia uma das maiores bandas de rock do Rio Grande do Sul, o Bixo da Seda.

Sem contar com um "frontman", acabam por dividir os vocais entre os integrantes do grupo, fato que acabaria quando convidam mais um ex-Liverpool, o maluco beleza Fughetti Luz, para ingressar na banda. Fughetti era talvez, a melhor definição para o termo Hippie. Logo na sua infância teve uma paralisia infantil, que deixou sequelas irreversíveis em suas pernas, fato que dava um ingrediente a mais as suas performances. No começo da década, com o fim do Liverpool, foge da repressão militar exilando-se no Velho Mundo, sem ao menos falar uma língua que não fosse o bom e velho português. Fica lá por pouco tempo, sendo "convidado a se retirar" pelas autoridades européias.

De formação nova o Bixo parte para o Rio, deixando no caminho Zé Vicente Brizola e Cláudio Vera-Cruz, sendo este último, substituído pelo ex-Bolha Renato Ladeira. No centro do país fazem diversos shows pelos festivais da época, dividem o palco com as grandes bandas dos **ANOS 70**, ganham o reconhecimento da mídia especializada e são contratados para gravar seu primeiro e único registro.

O LP *ESTAÇÃO ELÉTRICA*, de **1976**, acaba por não mostrar o que era realmente o Bixo ao vivo. Toda energia que marcava o grupo no palco, não foi transmitida para o CD. Mesmo assim, contém grandes obras como “Um Abraço Em Brian Jones”, em homenagem ao ex-Stones, as lindas baladas “Vênus” e “Já Brilhou”, e seu hino “Bixo Da Seda”, com os famosos versos: Bixo, dá a seda, me deixa enrolar. A grande qualidade técnica dos músicos, as harmonias um tanto rebuscadas para uma banda de rock, e seus compassos totalmente fora dos padrões, características marcantes da banda, podem ser ouvidas em todas as músicas. Relançado no final do ano passado em CD, trata-se de um disco clássico do rock nacional.

A banda ainda durou mais três anos, até que Mimi, Marcos e Edinho entram para a banda de apoio das Frenéticas. Era o Fim do Bixo, o grande pilar Rock Gaúcho, referenciada por todas as gerações posteriores.

Hoje, os irmãos Mimi e Marcos vivem no centro país, participando de inúmeros projetos musicais. Edinho é um dos bateristas mais requisitados do Brasil, tocando atualmente na Fu Wang Foo. Fughetti "apadrinhou" na **DÉCADA DE 80** diversas bandas, entre elas a Bandaliera, para qual compunha várias músicas, e o Taranatiriça. Lançou ainda dois discos solos e mora no interior do Estado.



–> FORMAÇÃO:

* Foguete – voz
* Pecos Pássaro – guitarra
* Mimi Lessa – guitarra
* Renato Ladeira – teclados
* Marcos Lessa – baixo
* Edson Espíndola – bateria

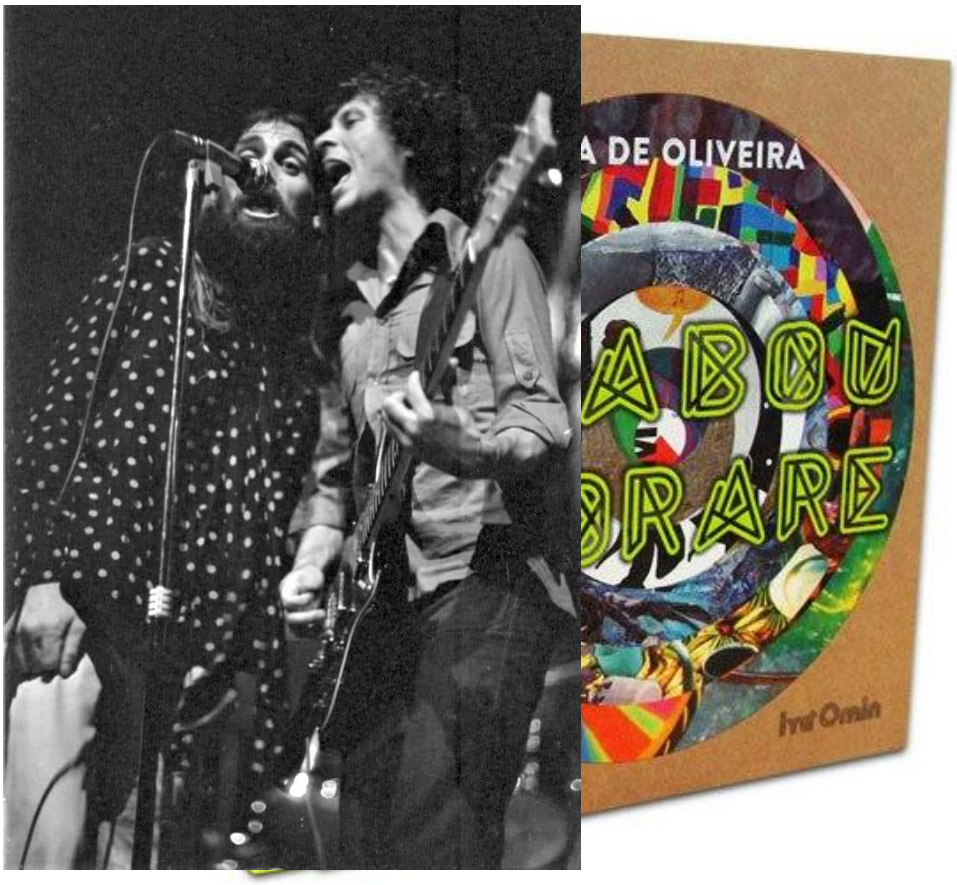
(**ROCK PROGRESSIVO BRASILEIRO, · 20 DE FEVEREIRO DE 2013**)





R'n'R Day By Day – **10 DE MARÇO DE 1947** – Nasce Fughetti Luz (Marco Antônio Figueiredo Luz) – Salto, Rio Grande do Sul. É um cantor, compositor e flautista. Pioneiro do rock gaúcho. A sua estreia como cantor solo foi em **1963**, na ilha do Clube do Zequinha, no Rio Guaíba, na quadra de futebol de salão. Sua primeira música foi "Por favor, Sucesso", vencedora do *II FESTIVAL DE MPB* , da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Conhecido por seu trabalho com a banda Bixo da Seda e Liverpool, duas das melhores e mais importantes bandas gaúchas de todos os tempos. Bandas que se formaram no bairro IAPI em Porto Alegre no **FINAL DÉCADA DE 1960** e **INICIO DE 1970**. As letras compostas por Fughetti Luz, eram extremamente críticas e muito psicodélicas. Na **DÉCADA DE 1980** foi compositor do repertório que lançou bandas gauchas como: Taranatiriça, Bandalieira e Guerrilheiro Anti Nuclear. Tem dois álbuns solo: *FUGHETTI LUZ* (**1996**) e *XEQUE–MATE* (**2002**). Depois de **15 ANOS** de recolhimento na cidade gaúcha de Tapes, acaba de aprontar seu terceiro álbum solo. (**MARIA GOULART, 10 DE MARÇO, 2020**)





1972

LIVRO ABORDA HISTÓRIA DO ANTOLÓGICO DISCO DOS NOVOS BAIANOS
A obra traz textos de Caetano Veloso, Arnaldo Antunes, Xico Sá, Evando Nascimento, Carlos Rennó (Foto: reprodução)

http://www.correio24horas.com.br

CARMEN VASCONCELOS (carmen.vasconcelos@redebahia.com.br)

15 DE JULHO / 2017 – Um livro sobre um disco. Essa é a proposta do livro *ACABOU CHORARE*, que se debruça sobre o antológico disco homônimo dos Novos Baianos, lançado em **1972**. Idealizado pela pesquisadora Ana de Oliveira, o lançamento da editora Iyá Omin reúne uma série de textos e projetos visuais que reinterpretam ou se inspiram nas composições do LP dos Novos Baianos para revelar riquezas ainda escondidas e jogar novas luzes sobre a obra que assumiu importância fundamental na história da música e da própria cultura brasileira.

A obra traz textos de Caetano Veloso, Arnaldo Antunes, Xico Sá, Evando Nascimento, Carlos Rennó, Hermano Vianna, Beatriz Azevedo, André Masseno e Fred Góes, enquanto Vik Muniz, Tulipa Ruiz, Opavivará!, Joana César, Alemão, Odyr, Domenico Lancellotti, André Vallias, Bel Borba e Gen Duarte colaboram com as criações visuais que comentam as dez canções da obra original. Entre elas, clássicos como "Brasil Pandeiro", "Preta, Pretinha", "Acabou Chorare" e "Besta É Tu".

De acordo com Ana de Oliveira, a pesquisa não investiga nem conta, propriamente, a trajetória do grupo, mas segue a mesma proposta editorial do livro *TROPICÁLIA OU PANIS ET CIRCENCIS*, sobre o disco-manifesto tropicalista, lançado em **2010**.

“Aquele foi o primeiro livro, no Brasil, sobre um disco específico. O *ACABOU CHORARE* segue o mesmo conceito editorial, é o segundo título de nossa série de livros sobre discos”, esclarece a autora, enfatizando que, nesse tributo, o projeto editorial apostou na diversão e no caos.

“Queríamos algo que se aproximasse do espírito libertário do grupo e seu estilo de vida heterodoxo. Formamos, então, um painel bem diverso que reúne poema, crônica, prosa poética, análise comparativa, conto, pintura, desenho, grafite, colagem e arte digital. Já o layout, os materiais e a estrutura física do livro, com aquela lombada aparente, remetem às publicações da contracultura dos **ANOS 70**”.

Ela destaca que o trabalho iniciou em **2014**, quando começaram a reunir o conteúdo histórico que compõe os capítulos memorialistas do livro: recortes de imprensa, depoimentos e curiosidades que relatam episódios esparsos da vida comunitária e da trajetória dos Novos Baianos. “Há inúmeras passagens para lá de bizarras e engraçadas na trajetória deles que, volta e meia, iam em cana por alguma confusão ou por puro preconceito de policiais”, conta.

A pesquisadora lembra, ainda, que como eram livres e despojados, chamavam a atenção pela excentricidade da aparência e o comportamento irreverente. O projeto gráfico de Acabou Chorare tem a assinatura de André Vallias e é inspirado nas publicações alternativas das décadas de **1970** e **1980**. O lançamento tem patrocínio do Ministério da Cultura.



15 DE ABRIL

UM CONCERTO DE GILBERTO

GIL (SÉRGIO SANT'ANNA*)

Roupa simples, barba feita, cabelo quase curto, Gilberto Gil entra no palco com os músicos, sem espalhafato. **1972**: uma nova era, uma nova imagem. O local é o velho teatro Francisco Nunes, já que o Palácio das Artes parece ter sido reservado exclusivamente aos acontecimentos do **SÉCULO DEZENOVE**. A acústica do Chico Nunes é reconhecidamente ruim, mas o equipamento e os músicos que vieram com Gil superam tudo. É o que o público - ocupando apenas metade do teatro (a super-star é Caetano) - logo fica sabendo, quando Gil, Lanny (guitarra), Moreno (bateria), Antônio Perna (piano) e Bruce Henry (baixo) atacam com tudo que sabem. E como sabem.

Logo depois, Gil fica sozinho e conversa com o público. Falando pouco, explicando só o necessário. Cara limpa (careta), gestos comedidos, estamos já muito longe dos tempos do tropicalismo. O novo Gilberto Gil, muito diferente do que a adoração-adulação (racismo?) baianas fariam supor. O vice-deus (!) quis apenas dar um concerto de música. Talvez o melhor concerto que a cidade já assistiu.

Cantando sozinho, com seu violão, Gil é agora um músico em plena maturidade. Seus sucessos antigos, recriados. PROCISSÃO, cujos tempos já vão longe e ninguém poderia esperar uma ressurreição de tal ordem. AQUELE ABRAÇO, tão sumida que já parecia sugada até as tripas. Mas não. Como um músico de jazz. Gil vai atravessando uma fase em que pode desenvolver-improvisar-recriar uma música te o infinito. Gil saindo da faixa do puro consumo e desse jeito não vai caber nem em disco.

E vem as músicas novas: ORIENTE, EXPRESSO 2222, O SONHO ACABOU, antes mal gravadas num pequeno disco que saiu com a Bondinho. E só então dá pra perceber o recado inteiro de Gilberto Gil. Principalmente o recado musical (O BOM JOGADOR NÃO ENGANA A GERAL).

Andanças por Londres, sem ser absorvido, como os primeiros tempos de Caetano e Gil por lá quase fizeram supor. Andanças por Londres que acabaram por provocar um retorno à Bahia, embora os tresloucados queiram fazer agora, da Bahia, Londres e Meca, o que terminará mandando os bons baianos de novo a Londres, para redescobrir a Bahia. Processos intricados e sutis da existência.

E uma nova polêmica vai surgindo (é sempre estimulante uma polêmica). Reações justas contra a santificação dos baianos, mas que podem também levar a um burro preconceito contra eles. Os revolucionários de ontem são os reacionários de hoje. De qualquer modo, desculpa-se sempre o povo, que tem necessidade de criar seus mitos (egos-auxiliares), para depois muito justamente malha-los. Porque a super-estrela sempre acabas por se tornar, voluntariamente ou não, um ditador de consciências. Mas o que não se desculpa são aqueles aparentemente mais esclarecidos e que fazem agora um jogo maroto. Destruindo, tirando o corpo fora daquilo que eles próprios foram cúmplices, com a finalidade de vender jornais da moda.

O que é preciso, para assistir qualquer espetáculo, é desarmar-se dos moralismos, preconceitos e imagens residuais e simplesmente ligar-se. Quem fez isso, no concerto de Gilberto Gil foi embora pra casa melhor do que entrou no teatro.

Desarmados, pois, é que assistimos, na segunda parte do espetáculo, um momento quase carismático quando Gil cantou sozinho ORIENTE (verbo orientar) par um público que não quer mais ser macaco de festival. E o que aconteceu foi gente inventando silêncio do silêncio, se afundando nas velhas e rangedoras cadeiras do

velho teatro. Enquanto Gil desenvolvia uma verdadeira aula de utilização de microfone. Profissionalismo, no seu melhor sentido. SE ORIENTE, RAPAZ.

E quando voltam os músicos, o público já está amaciado para o que vai acontecer. Que é o seguinte: o guitarrista Lanny tirando um som impossível de seu instrumento. Sem mise-em-scène. O inglês Bruce Henry, no baixo, casando perfeito com Gil. E com mise-em-scène: riso, suor e quase lágrimas. A bateria de Tuti Moreno sempre ali, o apoio exato. E o pianista Antônio Perna, sem trocadilho, tocando de pé seu piano, rindo de prazer, orgasmo. Um espetáculo poxa, em que os músicos não estão com cara de "já ta ficando tarde e eu quero ir embora pra casa".

É o que aconteceu, durante quase três horas. Som, do melhor, enchendo o vácuo entre as paredes e fugindo até lá fora. Som confiante e sem medo dos conceitos e preconceitos. O que é velho sendo subitamente novo, CHICLETE COM BANANA, Jackson do Pandeiro, mais uma redescoberta na revisão do passado da música brasileira. O CANTO DA ERMA, etc.



E o novo daqui e lá de fora: UP ON THE SKIES (Jimi Hendrix), I CAN'T FIND MY WAY HOME (Steve Winwood), a CULTURA E A CIVILIZAÇÃO, ORIENTE, EXPRESSO 2222. (Gilberto Gil). E já com as portas do teatro abertas, pra entrar a turma que ficou lá fora no sereno, BACK TO BAHIA. Um p/ dum rock, tradicional-radical, pra não se perder as memórias e referências. Rock-Cely Campello. Gilberto Gil sabendo que tudo o que acontece é acontecimento, sem juízo de valor. E considerado, embora sem sujeição. Gilberto Gil - **1972**. Uma indicação das coisas que ainda estão por vir.

GIL NA GELÉIA GERAL (CARLOS ÁVILA*)

gilberto gil em concerto
teatro-hangar francisco nunes
1/2/3 abril

novo show : novo som
gil volta de um giro pelo exterior
de uma maneira mias completa
mais total

dentro do novo universo musical de gil
há lugar reservado para tudo:
rock baião jazz samba e tudo o mais
principalmente "free music"
vinda gil
existe "um cantar não discursivo
como se a palavra se eletrificasse"
observação precisa de hélio oiticica
em artigo pra extinta flor do mal
além do mais gil aprendeu e apreendeu
juntamente com caetano
a poesia concreta

através de augusto de campos
(lembram-se de batmacumba?)

no show gil tem um repertório : 31 músicas
escolhe umas quinze e canta
cada dia é diferente
não há marcação
tanto pode aparecer gil cantando aquele abraço
como i can't find my way home
é o acaso
novo necessário
num lance de dados
num toque de dedos nas cordas da guitarra
ou do violão

o sonho acaba
a gente sai do sereno
segue a procissão domingo no parque
comendo chicletes com banana
e tomando maracujá
e depois se pega e entra e senta e anda
no expresso 2222
que parte par a oriente
imaginado de sargeant pepper's

"o gil é um cara músico pra burro, dos cantores
- e eu já tive muita experiência com muito cantor
e compositor - estou pra ver um cara
igual ao gil, como músico, ele sente
a coisa, e quando a música é dele então,
nem se fala".
(rogério duprat, papo com a. de campos, 1971)

aplicando a classificação de ezra pound
(inventores, mestres, diluidores etc.) na música
brasileira atual vamos encontrar gil no início
na linha de frente : os inventores :
"homens que descobriram um novo processo ou cuja
obra nos dá o primeiro exemplo conhecido
de um processo".

o show de gil foi acima de tudo
um show de música espontânea e instantânea

*** MINAS GERAIS (SUPLEMENTO LITERÁRIO) 15 DE ABRIL / 1972.1º**

Foto da fachada do antigo Teatro Aquarius , no Bexiga/SP

SEGUNDA É DIA DE ROCK



NO FINAL DA DÉCADA DE SESSENTA E INICIO DOS ANOS SETENTA, em São Paulo, as bandas de rock da época estavam procurando lugares alternativos para se apresentarem, para terem mais opções fora os “mesmos salões” dos Clubes e boates da época, e alguém teve a feliz ideia de alugar um Teatro numa segunda feira e programar um show de Rock. Essa iniciativa logo deu certo , pois os Teatros não funcionavam nas segundas e de repente tinha um outro publico frequentando e lotando os teatros , um publico totalmente diferente daqueles , que normalmente frequentavam para assistir as peças em cartaz..

Em Sampa, a segunda se tornou, *SEGUNDA TEM ROCK*, depois *HOJE É DIA DE ROCK*, foi um movimento que deu tão certo, que se espalhou pelo interior de São Paulo, para cidades como Campinas, Santos, São Jose dos Campos, etc... E numa sequência lógica, atingiu outras capitais como Rio de Janeiro, Curitiba, Belo Horizonte, etc, se tornando um Movimento de Rock valido, que teve a participação das principais bandas da época em cada estado em cada capital...

Em Sampa os shows aconteciam no extinto Teatro Vereda, que ficava próximo ao Largo do Arouche, no Teatro Aquários (no Bexiga na Rua Ruy Barbosa, depois Teatro Zacarro), no Teatro Oficina, Teatro Bandeirantes, Teatro Ruth Escobar, TBC, Auditório da FGV, Auditório da FAP, Teatro do Bexiga, Teatro TUCA, etc...

No Teatro Oficina, o diretor e mentor do Teatro Zé Celso Martinez, montou e dirigiu uma banda de músicos e atores do seu elenco, a banda Carneiro Verde.

As bandas que se apresentavam na época eram: Made in Brazil, Beat Boys (argentinos), Sic Sun Ress, Pulguentos, Beatniks, Distorção Neurótica, e outras...

Esse movimento que se inicio nos Teatros nas segundas feiras foi um dos fatores embrionárias para o movimento que viria a seguir com as grandes bandas dos **ANOS 70**, Som Nosso De Cada Dia, Casa Das Maquinas, Made in Brazil, Joelho De Porco, Rita Lee & Tutti-Frutti, etc... (**OSWALDO ROCK VECCHIONE,17 DE OUTUBRO DE 2016**)










MUTANTES
E SEUS COMETAS NO
PAÍS DO BAURETS
EDUAR
2013

ALIENBALADA: 1972. OS MUTANTES NO PAÍS DO BARATO

POR: MÁRIO PAZCHECO & CLÁUDIO CÉSAR DIAS BAPTISTA

"O grupo Os Mutantes andava com jipe pela rua Augusta, mas era um modelo transformado em buggy".

(**NELSON DE ALMEIDA FILHO, IDEALIZADOR E FUNDADOR DO JEEP CLUBE DO BRASIL**)

O título do novo LP, *MUTANTES E SEUS COMETAS NO PAÍS DO BAURETZ* parodiava Bill Haley and his Comets, onde a gíria "bauretz" significava algo como um "barato" de boa qualidade. Resultado: Os Mutantes no País do Barato!

Na primeira edição em **MAIO DE 1972**, o disco recebeu uma caprichada capa dupla com um visual externo e interno do artista plástico Alan Voss, que concebeu o significado da palavra "mutante". Pena que posteriormente a capa fosse simplificada perdendo o seu impacto, desrespeitando a ideia original do artista, prática comum no mercado discográfico brasileiro.

A faixe de abertura "Posso Perder Minha Mulher, Minha Mãe Desde Que Eu Tenha O Rock'n'Roll" transforma os músicos em roqueiros inatos, já "Vida De Cachorro" um tema acústico feito para as várias cachorras de Rita, lembra o "Blackbird" dos Beatles.

Inspirado nas suas loucuras com o buggy pintado nas cores da bandeira americana, Serginho compõe "Dunne Buggy" que, além de ser movido à gasolina, ainda roda chapado de "MSLD & STP" (trocadilhos).

Dois bons solos de guitarra, com clara influência de descendentes de mexicanos Carlos Santana marcam "Cantor De Mambo". "Beijo Exagerado" traz aquela marca suja de batom, digna do rock dos Stones, algo próximo do ritmo de "Brown Sugar", influência também nítida. Servindo de coda a engraçada e curta "Todo Mundo Pastou", autoria do Bororó, espécie de guru da banda, um cara que queria ser Jimi Hendrix e acabou tocando a bomba de flit em "Le Premier Bonheur Du Jour" do primeiro LP do grupo.

"A gente só se redime daquilo que faz de mal. Jamais falei mal de Bororó ou de quem quer que fosse. Bororó sempre foi meu amigo e assim sempre o considerei, depois daquele primeiro encontro. Aliás, quando fui a São Paulo ver pela última vez minha mãe, a convite de meu irmão Sérgio, conversei com Bororó; e ambos nos sentimos assaz felizes – tenho certeza pelo tom de sua voz. Gosto e sempre gostei de Bororó. Meu amigo deveras, que admiro. Bororó passou meses para tirar a música mais fácil de todas – mas conseguiu. Se demorou tanto, não foi por ser inferior: era porque trabalhava tanto, na oficina mecânica onde era empregado, que vivia feito sonâmbulo, de tão cansado. E mesmo assim era feliz! sempre pronto a ajudar. E ajudava. E muito. E deixava a todos felizes. A paga de alguns foi chamarem-no, quiçá, de capacho". (**CCDB**).

"Bororó era nosso vizinho, na Pompéia. Não queria ser 'Jimi Hendrix' (sic), mas nascera bem parecido com este. Vencendo as dificuldades da sua vida sem recursos, vivia semi-acordado dia e noite, porque de dia trabalhava numa oficina mecânica e à noite ajudava em tudo o que podia a todos em nossa casa, a quem adorava. A sua imagem satírica de guru nasceu quem sabe daquele sonambulismo. Certa época, Bororó me ajudou em meu ateliê, e o paguei em dinheiro por isso. A primeira vez que o vi foi quando o enfrentei e a mais quatro sozinho, na calçada à porta da padaria da

Venâncio Ayres, porque mexeram comigo, que passava. Nenhum dos cinco se animou a me atacar... e passei. Por causa desse enfrentamento, tive a felicidade de conhecer Bororó e, mais tarde, alguém que pretendeu, para vingar os cinco, trazer a turma 'da pesada' lá dos altos da Pompéia e me pegar. Essoutro era o Pataca. Leia, no escrito *GÉA*, algumas das aventuras de Clausar e Metália, o Cláudio e o Pataca extraterrestres. Anos depois desses episódios, a antepenúltima apresentação dos Mutantes em público só aconteceu porque exigi a entrada gratuita de Bororó no Palácio das Convenções, onde tal função se deu; caso contrário, adeus espetáculo! porquanto eu não operaria o sistema que ali instalei e conjuguei com o existente, monofônico, criando, pela vez primeira nesse recinto, um sucesso estereofônico. Ninguém lograria operar sistema assim complexo... e Bororó entrou e assistiu aos Mutantes. Minha paga foi uma garrafa atirada do mezanino em meu rumo, que felizmente me passou zunindo junto à orelha direita e só atingiu a mesa de som, donde arrancou alguns botões. Isso aconteceu porque precisei usar fósforos para enxergar os controles dessa mesa, já que o iluminador me boicotou o trabalho, 'esquecendo' de instalar prometida e adequada lâmpada sobre o painel da mesa de áudio que operei. Quem sabe os fósforos acesos incendiassem alguém armado de garrafa no mezanino, ao distraírem-no do palco?". (**CCDB**).

A outra face revela o clássico “Balada Do Louco”, a primeira música em português que me recordo de ter ouvido em rádio e gostado, pois antes só gostava de canções em inglês principalmente Beatles. “Balada Do Louco” foi a primeira mensagem nacional que os meus ouvidos prestaram atenção. E eu nem sabia quem eram Os Mutantes, tinha oito anos, mas já era ligado em música...

"A mensagem do louco não é tão nacional assim; porém, universal. Lembre-se do Erasmo de *ELOGIO À LOUCURA* e de Woody Woodpecker, de Walter Lantz, cuja canção já citei, que ouvíamos em crianças. Eu próprio faço o meu elogio à loucura pela boca do Clausar 'enceradeiramente louco'. O texto está no site, página 'Qual coisa é *GÉA*', mas é muito melhor lê-lo na obra, onde se ambienta e se explica; ou não". (**CCDB**).

“Compus a Balada Do Louco no piano da casa da irmã da Rita Lee, Mary Lee, que chamava-nos de loucos. Creio que foi aí que surgiu o título. Mas foi, na maior, uma inspiração generalizada minha”. (**ARNALDO BAPTISTA**).

"Arnaldo não se esqueça do Pica-pau...". (**CCDB**).

“Tem uma música nossa que se chama ‘Cabeludo Patriota’ e os caras acharam que é uma gozação com alguma coisa e tal, e nós tivemos que mudar o nome para ‘A Hora E A Vez Do Cabelo Nascer’. E tivemos que mudar a letra também. Era assim: Meu cabelo é verde e amarelo / violeta e transparente / minha caspa é de purpurina...

"E acabou ficando assim: Meu cabelo é verde e dourado / Violeta e transparente / Minha cara é de purpurina / Minha barba é azul anil

"Eles invocaram com caspa porque acharam que é plasticamente feio”. (**ARNALDO BAPTISTA**).

Revisam o rock brasileiro mais uma vez, recriando a “Rua Augusta” de Hervê Cordovil.

A mais longa e sofisticada faixa acabou por batizar o disco *OS MUTANTES E SEUS COMETAS*..., segue-se progressivamente abandonando as questões culturais, rompendo com a proposta tropicalista, dando vez aos teclados de Arnaldo influenciados por Tony Kaye, tecladista do Yes que o aproximou de uma razão

musical, uma nova filosofia sonora. Essa faixa possui compassos de estrutura jazzística, o tradicional 8/8.

“Para dizer a verdade, só consegui ouvir duas faixas com prazer: ‘Beijo Exagerado (uma obra-prima menor, um tremendo show de ritmo e provocação) e ‘Dunne Buggy’ (uma inconsequente e deliciosa exibição de truques vocais e rítmicos). Os Mutantes estão correndo um sério risco: têm plena consciência de seu talento e versatibilidade, mas não sabem como domá-los. E isso os joga ao encontro da dispersão. Dispersão essa que acaba não significando nada. Que é justamente o que significa *NO PAÍS DO BAURETZ*”. (**EZEQUIEL NEVES, IN ROLLING STONE, 16 MAIO / 1972**).

Os Mutantes definitivamente haviam se transformado no grupo do Arnaldo e o espaço de Rita e Sérgio estava reduzido. Consequentemente, parte da criatividade do grupo era tolhida pelas ideias de Arnaldo, o que não livrava o grupo da clara saturação criativa que estavam passando.

Este é o trabalho mais comercial e conhecido e amado dos Mutantes, mas Ezequiel Neves com o disco recém saído da prensa não recebeu muito bem o disco e via nele uma certa falta de ambição e risco que seriam melhor expressados no vindouro *HOJE É*...

Impressão compartilhada por mim. Certamente proporcionada pelo excesso de influências, variando desde Elton John até Jimi Hendrix. Inclusive repetem a letra de “Tempo No Tempo” do primeiro LP do grupo no final da faixa “Os Mutantes E Seus Cometas...” Na crítica ainda transparece uma carinhosa preocupação com o fim do grupo.

O resultado final foi agravado pela atuação implacável da Censura e a cobrança da gravadora que exigia um retorno imediato do investimento nas gravações.

Depois de receberem o disco com reservas, a Rolling Stone pirata apontou, em outra edição, uma nota a respeito do show de lançamento do disco, feito no TUCA (Teatro da Universidade Católica), considerando a apresentação deles como sendo uma das melhores performances ao vivo da banda. Lógico que a crítica do show e a do disco foram feitas por pessoas diferentes.

O inglês Mick Killingbeck e o empresário musical Hilary Baynes começam a serem vistos constantemente na Serra da Cantareira. Mick além de sócio da revista Rolling Stone era Engenheiro Nuclear, também conhecido como "o homem do átomo" e que as pessoas diziam ser ele o "melhor amigo" de Arnaldo.

"Num extremo do sobrado ficava o santo dos santos: o escritório dos donos, um inglês e um americano muito festeiros. Cheirava a incenso e patchulli e só os chefes, Luis Carlos Maciel, editor, e Lapi, diretor gráfico, tinha acesso a ele. Fui lá uma vez: eles assinaram minha carteira de trabalho estalando de nova, a primeira anotação da minha vida. Consta que Os Mutantes, amigos deles, apareciam por lá e rolavam altas festas. Podia ser lenda, e lendas florescem facilmente naqueles tempos".



(**ANA MARIA BAHIANA, SECRETARIA DE REDAÇÃO DA ROLLING STONE IN SENHOR F**).

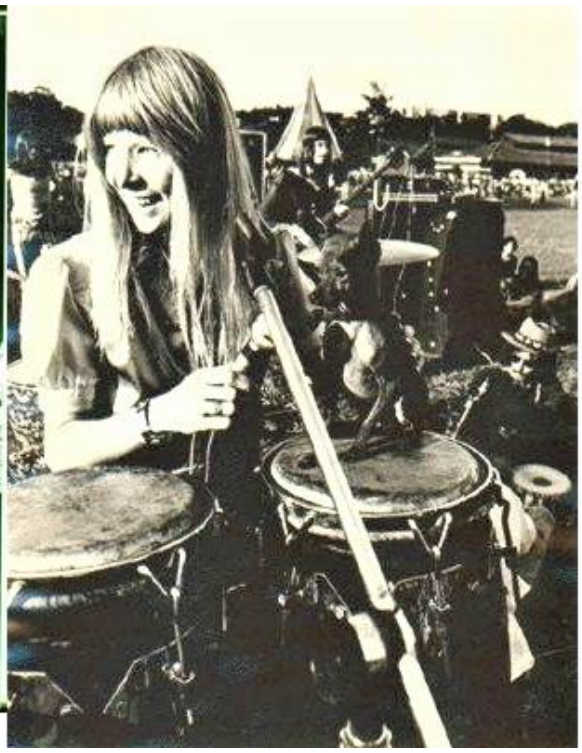
Não demorou muito e o "amigo" estava acumulando o papel de empresário e produtor de Arnaldo e Sérgio e acabaria dando novos rumos aos rumos dos Mutantes, como a viagem mágica e misteriosa numa breve excursão de ônibus pelo interior paulista.

"Foi Mick Killingbeck quem organizou outro grande projeto dos Mutantes. Eles descolaram um ônibus que tinha um palco móvel para fazer uma série se shows pelo interior paulista. Escolheram Guararema para um teste piloto, e, num belo dia, depois de alguns contatos já estabelecidos com as autoridades locais Os Mutantes e seu séquito foram para lá. (...). "Foi um barato", lembra Serginho: "puxamos luz na casa de um farmacêutico; o prefeito e alguns cidadãos descolaram alimentação pra gente, por aí afora. Fizemos um show ao ar livre pra a população de Guararema. Foi uma loucura". (**SÉRGIO DIAS À REVISTA BIZZ N.20, MARÇO / 1987**)









Outro show importante foi o do Parque da Água Branca, em São Paulo, novamente ao livre.

"Eu estava viajando de ácido e no meio de um show tive de parar, abrir minha pedaleira e consertá-la com ferro de soldar". (**SÉRGIO DIAS**)

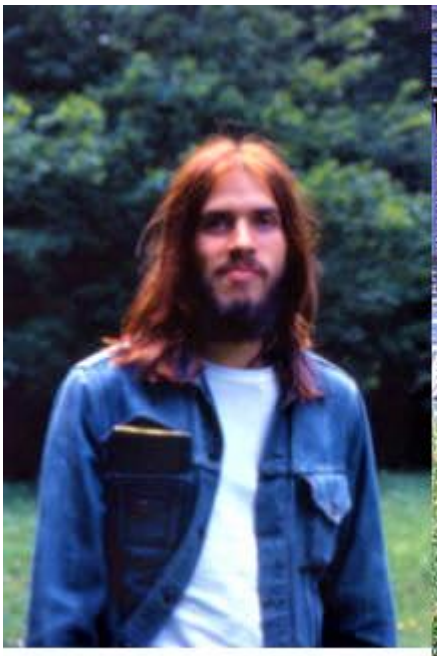
No Parque da Aclimação, em São Paulo, ao ar livre. Chove torrencialmente, mas ninguém arredou o pé. "A gente não saiu do palco. O Cláudio ligou um fio terra num lago para evitar choques elétricos. Foi uma grande loucura", **RELATA LIMINHA, À REVISTA BIZZ.**

"Eduardo, mais tarde dono da Transasom, esteve num espetáculo dos Mutantes cujo som instalei no Parque da Aclimação, justamente com aquela aparelhagem que construí com a ajuda de Peninha e Leo. Esse espetáculo está descrito em trabalhos meus; e a mesa de áudio, a mesma que pela primeira vez alguém instalou numa plateia na América Latina, trabalhou com os amplificadores (transistorizados) submersos na água, que da chuva súbita e forte se empoçou alto na praça derredor...

"À minha direita – que operava a mesa a descoberto, com os pés metidos na água até as canelas, sem me preocupar com eletrocussão –, gente dançava e se atirava na lama! ao som dos Mutantes, que a meu aceno saíram de sob a concha acústica para receberem nos corpos e nos instrumentos a mesma torrente que o público, irmanando-se a este. Fiz tal gesto e os chamei porque notava a indecisão da assistência, a qual começava a retirar-se ao iniciar a borrasca. E, entusiasmado com o avanço e o som, imune a tudo conosco, o pessoal aderiu e ficou!

"Nesse dia, antes da chuva, Eduardo esteve de lápis e papel nas mãos, anotando quanto via nas caixas acústicas, de projeto meu e alto-falantes JBL...

"Mais tarde, quando formou a Transasom, Eduardo comprou-me um par de amplificadores CCDB, e não conseguiu, com os seus técnicos dele, descobrir-lhes o nome dos componentes que, como contei a ele e a todo os Clientes, eu raspava.




Talvez por não poderem copiar o meu aparelho, que mesmo assim Eduardo muito elogiou, copiaram os (transistorizados) de certa marca estrangeira – e copiaram bem, usando-os em quantidade e montando-os por baixo custo". (**CCDB**).

Passados dois anos do primeiro álbum solo de Rita Lee, a gravadora encomenda um segundo, acreditando transformar Rita definitivamente em uma estrela. Ela estava na Inglaterra com Liminha, curtindo férias europeias, precisamente em solo londrino.

Ritchie nessa mesma época conheceu Rita Lee. A brasileira ficou impressionada com o projeto do inglês em criar uma banda de rock com mais de vinte pessoas para contestar os planos modificação de Picadily Circus, no West End. O LP acabou saindo e contava com as participações dos brasileiros Liminha e Lúcia Turnbull, uma gatinha guitarrista que sempre escrevia aos Mutantes. E Rita convidou Ritchie autor de Menina veneno para residir no Brasil, o que ele topou e desembarcou aqui no **FINAL DE 1972** com armas e bagagens ficando hospedado na casa de Arnaldo.

"Na época do flower-power eu queria muito morar em Londres, cheguei a passar um tempo lá, mas não pude ficar por causa dos Mutantes. Nessa época Os Mutantes e a Gal Costa estavam muito sintonizados com eles. E Londres era, e talvez ainda seja, o grande centro da cultura pop. Mas, nós éramos como que os representantes da Tropicália que tinham ficado no Brasil". (**LIMINHA**).

"Arnaldo me implorou que salvasse os Mutantes, o que me fez sair da faculdade e do trabalho (onde todo o conjunto me foi buscar 'gloriosamente' no Buggy do Sérgio) para montar o equipamento e para intermediar o conjunto com o empresário Marcus Lázaro". (**CCDB**).

"Uma empresa só pode render dinheiro quando é COMPLETA. Desculpe as maiúsculas, mas é esse o problema. (...) Só com organização as coisas funcionam em vez de nos atropelarem quando se intensificam. Uma solidez empresarial nos moldes conservadores da administração de empresas, que repousam em planejar, organizar, dirigir e controlar, estando a retroalimentação dos resultados subentendida no ato de controle. (...) Em administração, a primeira coisa que um técnico faz é 'fotografar' a empresa que precisa melhorar. Depois ele descobre a qual objetivo a empresa (ou

seus donos) pretende chegar. Então acha o jeito (se houver) de transformar a empresa existente, a 'fotografada', numa empresa que possa alcançar esse objetivo". **CCDB**).

De volta das férias europeias, Rita e Liminha trazem na bagagem um mellotron e um mini-moog, que seria o responsável pelo aparecimento das primeiras difereenças que resultariam na iminente saída de Rita Lee.

"Today is the first day of your life' (Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida!). Estes dizeres tornaram-se muito populares em anos mais recentes, e parecem nortear o modo de ser de inúmras pessoas.

"Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida" – frase que Rita Lee viu pichada em um muro inglês, batizou o seu segundo solo, o primeiro álbum gravado em 16 canais pelos Mutantes no recém-inaugurado Estúdio Eldorado. A direção musical e a produção novamente ficariam a cargo de Arnaldo, que assina músicas em parceria com Rita e outros ainda assina uma sozinho. É o registro do penúltimo trabalho dos Mutantes em estúdio, com Rita Lee numa mixagem medíocre tentando colocar a sua voz e os backing vocals de Lúcia Turnbull num plano por demais exagerado. Na capa da frente, um auto-desenho de Rita Lee feito sob ação do ácido e na contracapa as fotos do show da Água Branca.

"Nesse disco, quem dirigiu a mixagem, sentado no posto de comando da mesa fui eu, deslocando o engenheiro local. Gil estava lá e viu. Participei também tocando zabumba e dizendo frases que já comentamos e foram gravadas no disco. A tal 'mixagem medíocre' foi feita numa sessão seguinte, da qual não participei, onde Arnaldo modificou algumas equalizações e proporções entre canais que eu estabelecera, em certas faixas. Essas modificações resultaram nisso que você descreve. Quando gravávamos, o estúdio era bom, mas tínhamos que esperar a emissora de FM contígua sair do ar, tarde da noite, ou seu som vazava para a mesa de áudio importada, de última geração, uma Audio Design. Desse vazamento é o som de saxofone adrede gravado no disco. Se a mesa fosse CCDB, tal vazamento não aconteceria; e, para haver sax, se pagariam cachê e direitos autorais ao músico que se contratasse... Numa das capas do disco está o nome de quem fez o 'som'. Nesse disco, Liminha tocou a Guitarra-baixo de Ouro que fiz para Arnaldo. Eles maltrataram muito o instrumento, usando-o com arco e breu feito violino e pondo-lhe apenas quatro das seis cordas originais. Mesmo assim, resistiu. Essa guitarra fez minha mãe chorar de emoção feliz quando lhe ouviu o som primeira vez, logo que a terminei, no ateliê do porão de casa, R. Venâncio Ayres, bem junto ao ponto onde o violão de meu avô Horácio se desmanchou. No mesmo dia; aliás, noite; a Guitarra-baixo de Ouro partia para a Europa, em mãos de Arnaldo. Para extrair o som certo desse instrumento e o gravar no disco em questão, usei um amplificador transistorizado. No entusiasmo, Liminha acabou queimando um driver de corneta importado, que liguei ao amplificador para o instrumento poder exibir seus agudos. Sim, contrabaixo sem agudos nem sempre se destaca. Em certas músicas, são mais importantes no baixo que os graves. (**CCDB**).

A **17 DE SETEMBRO DE 1972**, no *VII* e último *FIC*, o grupo encontra novamente uma de suas maiores motivações (participar dos festivais). Pois o início e parte da fama haviam sido adquiridos através deles. Só que os festivais começavam a dar sintomas de decadência e em breve entraria em desuso, devido à desmoralização e decadência. Foi o último adeus de Rita Lee e Os Mutantes, defendendo uma música que Rita adorava, “Mande Um Abraço Pra Velha”. O mesmo festival revelaria ainda O

Terço e Raul Seixas e a grande vencedora seria a conhecida “Fio Maravilha” de Jorge Ben. Talvez a desclassificação precoce dos Mutantes tenha precipitado a saída de Rita Lee...

A seguir longo depoimento de Rita Lee sobre o período e as suas razões para sua saída do grupo:

"O pessoal entrou naquela de música progressiva, uma complicação instrumental sem tamanho. Era aquele papo de Yes, Emerson, Lake and Palmer (ELP), Genesis. (...) De repente, Os Mutantes descobriram Deus, aquela coisa religiosa e entraram numas de egotrip em que eu não estava muito interessada. Queria mesmo a avacalhação, cantar com muita roupa colorida e tal. E no *FIC* de **1972** apareci de viúva, cantando ‘Mande Um Abraço Pra Velha’. Hoje acho a coisa sintomática, porque, a partir daí, tudo se precipitou. Eu saí dos Mutantes porque queria pensar dar um tempo...". Fiquei nos Mutantes uns sete anos. A última vez que trabalhamos juntos foi no *FIC*, com a música Mande um abraço pra velha e o som dos Mutantes estava incrível. Quem não estava bem era eu que queria saber como me viraria sozinha. Então veio a fase kamicase.

Nós contra todos, e um resultado facilmente previsto. Pressões de todos os lados. E os discos dos Mutantes eram retirados de catálogo pelas gravadoras que se alimentavam de imprensa/divulgação. Estilingues contra tanques. Sufocados, começamos a perder de fora para dentro. Até que todos nos perdemos entre nós próprios. Em toda a preocupação instrumental dos Mutantes, evidentemente, não havia lugar para uma cantora. Muito menos para uma que, no máximo, contribuía para o suporte tocando um pandeiro furado. Eu fazia as letras de música, cuidava do visual do conjunto. Tocar, só o pandeiro, mas sempre bicando os dois tocando. Algumas vezes compunhava alguma música com o Arnaldo, só pedaços, nunca inteira. A gente funcionava como um grupo onde cada um dava o que podia dar. A gente tinha **14, 15 ANOS** e tudo era brincadeira. Esgotamos munições. Até no comportamento fora do palco. Meu casamento com Arnaldo foi um dos últimos presentes que dei a minha família. Foi um grande deboche 'cavalheiro medieval casou com noiva grávida'. Eu vivendo em esquema tribal. Separação de corpos. Casamento com separação de corpos. É isso aí. Fui morar na Cantareira. Lá morávamos com muitos músicos do







nosso grupo. Até meu marido, às vezes. Cortando caminho, velocidade de comportamento que imprimimos já passara em muito do nosso controle. As rodas giravam além do possível. A máquina espatifou-se num festival onde resolvemos cantar um samba feito por mim, pelo Sérgio, O Arnaldo e mais uns dois Mande um abraço... Contra tudo eu lutei. Mas contra todos seria impossível. Comprei um sintetizador. Para Os Mutantes o meu passo passava do previsto. Perninhas de fora, uma letrinha de vez em quando, programação de um visual, um pandeirinho, tudo bem sintetizador? Essa não. E o clube do bolinha – menina não entra. Acabou por me fazer sair. Tenho às vezes flashes, saudade dos Mutantes, das brincadeiras. Mas isso passou, eu sei. Era tudo bom, mas radical de mais. Eu me sinto... me sinto principalmente uma profissional. E curto isto". (**RITA LEE**).

E Rita Lee Jones não mais parecia-se encaixar e nem querer aderir ao novo estilo mutante, não combinava a pantomima de mostrar as perninhas, pois o palco não era mais uma passarela e os meninos não queriam mais usar os modelitos criados por Rita, o adeus definitivo para as caras e bocas o balançar das cadeiras. O virtuosismo terminou essa formação e o desabafo de Rita: "mas pera lá Sr. Diretor eu também tenho talento".

Uma semana depois da apresentação no *FIC*, aconteceu uma reunião na casa da Serra da Cantareira. Rolou "um papo muito estranho", pois todo mundo disse um ao outro milhares de coisas que estavam presas na garganta há muito tempo. Entre cobras e lagartos, com o nível baixando. Arnaldo foi excluído da reunião, pois os seus sentimentos poderiam intervir na sua decisão. Antes que as coisas piorassem ainda, Rita deu uma "de ovelha negra não assumida" e voltou para a casa de sua mãe na mesma noite em companhia de suas cachorras, levando seus discos dos Beatles e Rolling Stones, dirigindo o seu velho companheiro de guerra, um jipe Willys 51 e atrás o seu Mini-moog e o violão, "enfim tudo o que coube dentro do meu jipe. (...)

"Acho que não foi só isso. Tinha aquela tal velocidade da Rita e seu trabalho que se afastava da gente. Foi quando a gente percebeu a rapidez dela", lembra Arnaldo, "nós éramos na gravadora uma peça de erudição, uma espécie de prestígio. (...)

"Eu saí da Phonogram porque não queria que me manipulassem, dirigissem tudo para mim. O André (Midani) sempre achou que eu era quem valia apenas dos Mutantes, que eles deviam ser uma banda me acompanhando. Quando nos separamos, ele ficou feliz da vida." (**RITA LEE**).

"No começo éramos três crinças maravilhosas que curtiam muitas loucuras juntas, porém começamos a envelhecer, brigar, guerras de ego e problemas existenciais aapareceram entre nós, fizeram com que cadaum tomasse um rumo diferente. Finalizando uma fase que eu chamo de aprendizagem. Eu era à parte. Não entrava nas coisas pessoais, nas derivações. Participava da criação de algumas músicas, mas depois que a Rita Lee saiu é que eu comecei a ficar quase o dia todo tocando. Nossa música não era o rock'n'roll. O que a gente tocava era a música dos Mutantes. Nós éramos moleques e brincalhões. Profundos, no sentido que uma criança é. Depois começamos a perder isso, essa espontaneidade musical. Acho que a gente perdeu com isso. Antes a nossa música era automática, apesar de sentida". (**SÉRGIO DIAS**).

Mas o fator determinante da saída de Rita Lee dos Mutantes e o fim do relacionamento com Arnaldo permaneceram intocados e obscuros por vários anos. Não foi só o Mini-moog, nem a pressão da Phonogram e do Sr. Midani, nem as atitudes machistas dos meninos, apesar de tudo isso ter contribuído também.



Mas a gota d'água que selou o destino de ambos foi o relacionamento de Rita com "o seu melhor amigo", o inglês Mick Killingbeck, um fato que Arnaldo não esperava. Uma desilusão que marcou profundamente o sensível Arnaldo, que levou algum tempo para superar o impacto.

"Ela me traiu com o seu melhor amigo, o Michael Killingbeck, soletra Arnaldo. Depois disso, tudo mudou".

"Esse som que 'estava incrível' era meu. Eu o fiz. Como vemos, eis-me encerrando, aqui também, uma fase dos Mutantes, conjunto que criei com Raphael Vilardi e terminei quando guardei o equipamento depois do postremo espetáculo, num trêmulo Ribeirão Preto. Só nesse último canto, os músicos se harmonizaram, tocaram bem e fizeram o devido sucesso, porque não mais competiam entre si: já se decidira que ali era o fim. No escrito *GÉA* você verá mais, como e porque se separaram os Atlantes num período semelhante. No caso dessa separação de Rita dos Mutantes, prefiro que a história fique do jeito que ela descreveu. Certo convite que alguém me fez irá comigo e esse alguém para a próxima encarnação". (**CCDB**).

"A Rita vem dizendo que saiu do conjunto por causa da falta de condições que havia pra ela progredir musicalmente, chegando a afirmar que a gente tinha um preconceito machista. Isso não é verdade. Ela saiu porque brigou com o Arnaldo (com quem era casada). A estrutura de vida deles estava falida. Fui eu quem ensinou a Rita a tocar violão e incentivei-a a tocar mini-moog, quando o lógico seria o Arnaldo tocar o instrumento, já que ele tocava piano. Quando ela foi presa fui eu que levantei a grana para advogados, pra ela poder sair logo. Sempre admirei muito a Rita como pessoa, sempre fui muito ligado a ela. Isso nos afastou bastante. O Arnaldo também gastava seu tempo ensinando ela a cantar, porque a voz dela era muito fraca, e nos shows era uma vergonha. Fiquei decepcionado com ela. Rita era como uma irmã. É uma ingratidão o que ela vem dizendo sobre a gente. Ela esqueceu muito depressa tudo que a gente fez por ela". (**SÉRGIO DIAS, JB, JANEIRO / 1980**)

http://www.ccdb.gea.nom.br/

POESIA

Provincianos das metrópoles

Antologia reúne poetas do Piauí e procura romper isolamento imposto pelo eixo Rio-São Paul

A poesia piauiense no século XX, de Assis Brasil (organização). Imago/FCMC, 328 páginas, R$ 19

ANDRÉ SEFFRIN

Ao assumir a organização, introdução e notas da antologia *A poesia piauiense no século XX*, Assis Brasil não procurou elaborar um painel crítico da poesia no Piauí, embora não tenha dispensado alguns pareceres judicativos nas pequenas notas biográficas a cada autor antecedendo os respectivos poemas selecionados. Sacrificou a visão crítica em função de uma amostra antológica que nos põe em dia com a poesia piauiense e, antes de mais nada, divulga essa produção poética hoje e sempre distanciada das benesses editoriais.

O que o próprio Assis Brasil vai chamar na introdução de "perspectiva crítica neutra" abarca num mesmo plano" (...) "poetas poetas, poetas-funcionários, poetas-efêmeros, sem subestimar ou superestimar ninguém. Dessa maneira encontramos lado a lado o poeta de província e o poeta cosmopolita, uma comunhão impossível não fosse esse o objetivo do livro.

Assis Brasil abandona momentaneamente o crítico experimentado que o habita, pondo em prática a sua vocação de competente compilador de nossa literatura, com demenas de livros publicados no gênero. O primeiro livro da coleção reuniu no ano passado a poesia maranhense no século 20, e já está no prelo o da poesia cearense, projeto que deve se estender para outros estados.

Curioso notar que a capital federal, no começo do século 20, recebia o poeta de província auspiciosamente — como hoje costuma acontecer, embora os meios promocionais e de patrocínio tenham mudado. Foi no início do século que, muito cioso de sua posição, Olavo Bilac, dizem, teria jogado "ao mar, entre outros papéis inúteis", o exemplar de *Sangue*, que lhe enviara Da Costa e Silva (nos conta ainda Assis Brasil que, entre seus amigos e epígonos, o poeta das *Panóplias* rasgaria o *Eu*, de Augusto dos Anjos). Dramático era, e é, o périplo do poeta que busca romper as fronteiras estaduais, e esta antologia ensina que no caso nordestino o problema se torna bem mais sério, se comparado com estados do extremo sul, onde crescem editoras de alcance nacional.

O fato de Félix Pacheco (1879-1935) se ter exercido ao ponto de entrar para a Academia Brasileira de Letras tem assim os seus méritos acima de qualquer glória acadêmica. No geral, um certo espírito contraditório acaba dominando, isolando e atrofiando o artista. As injustiças são demasiado comuns. Celso Pinheiro (1887-1950) é um caso flagrante, ainda sem "o merecido reconhecimento" fora de seu estado, quando as suas *Poesias* foram publicadas em 1939, num tributo estadual que poderia ter sido eco, não fosse o nosso mundo literário tão distraído aos livros publicados fora do circuito das grandes editoras.

É nesse sentido que, sobre Celso Pinheiro, e iluminando em grande parte a orientação da antologia, diz Assis Brasil: "A província paga tributo do isolamento e os poetas pagam tal tributo em particular, e o excelente simbolista de Barras continua pouco conhecido; assim é que esta Antologia pretende suprir omissões e deficiências em relação aos *feudos* culturais do país."

O poeta nordestino que se tem tornado mais conhecido, ou passou a morar num dos grandes centros culturais, ou publicou parte de sua obra nesses centros. As figuras de Félix Pacheco e Da Costa e Silva no começo do século, viriam se juntar, a partir dos anos 50, Mário Faustino e Torquato Neto, com um pouco de glória conquistada, enquanto a maioria permanece vivendo e morrendo no ostracismo provinciano, com raras exceções. Renato Castelo Branco, H. Dobal ou Álvaro Pacheco, para só dar exemplos entre os vivos, são os afortunados que acabam quase sempre tendo seus livros circulando em edições nacionais.

Infelizmente a história da poesia nesse estado, como nos vários outros do Nordeste, passa a ser a história dessa busca de notoriedade marcada de insucessos, nos reveses de um gênero estigmatizado pelos editores, por livreiros e enfim pelos próprios poetas. Estas antologias vêm não só recuperar material condenado ao esquecimento. Atualizam a biblioteca de poesia brasileira e resgatam parte de uma dívida permanente que os editores do eixo Rio/São Paulo têm com a poesia do Brasil.

Arquivo



Torquato Neto, morto em 1972, é um dos poetas incluídos na antologia

André Seffrin é crítico literário

Livro Biografia:

Vida de Torquato Neto ganha novo intérprete

Um dos mais criativos poetas do movimento tropicalista tem sua trajetória revista em *Pra Mim Chega*, de Toninho Vaz

lade Augusto Gola

A vida de artistas que se tornam mitos por causa da morte precoce geralmente são assombradas por mistérios e falsas verdades, muitas delas fruto da pura falta de informação. A biografia do poeta Torquato Neto, *Pra Mim Chega*, escrita pelo jornalista curitibano Toninho Vaz, conta de forma concisa a vida e obra do piauiense que se tornou a cabeça pensante da Tropicália, ao ajudar a criar o disco-manifesto do movimento. Torquato, que além de poeta era jornalista, compositor , ator e sonhava ser cineasta, foi um artista genial, mas bastante melancólico e intempestivo, que acabou dando cabo da própria vida em 1972, um dia depois de completar 28 anos.

O livro, lançado pela editora Casa Amarela, é o último trabalho da trilogia biográfica de Vaz, que contou a história de dois poetas malditos dos anos 60 e 70 – Torquato e Paulo Leminski – e o antropólogo Darcy Ribeiro. Ele foi mais um daqueles romances irremediáveis, que trabalham sua vida e poesia em busca da liberdade", analisa o autor. Filho de uma família rica de Teresina, Torquato fugiu da vida fácil e se atirou às sociedades que estavam em ebulição naquela época: primeiro Salvador e depois o Rio de Janeiro. "Ele tinha uma necessidade constante de sair do ambiente provinciano em que vivia", recorda Vaz.

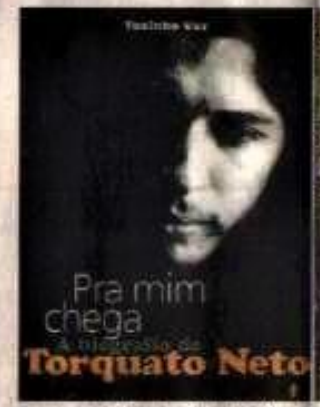
Filho de pais que valorizavam a leitura, Torquato teve boa formação intelectual. Aos 11 anos, pediu ao pai de presente a obra completa de Shakespeare com o argumento de que "basta ler com atenção que a gente entende tudo". Mesmo letrado, o poeta, autor de *Geléia Geral*, hino da Tropicália, não deixou livros, mas apenas letras, anotações, poesias e textos soltos, além de seus diários, escritos na época em se internou voluntariamente em clínicas psiquiátricas no Rio, após problemas com a depressão e o álcool. "Torquato foi importante não apenas pelo que escreveu, mas pelas coisas que viveu e as atitudes que tomou", reforça o autor.

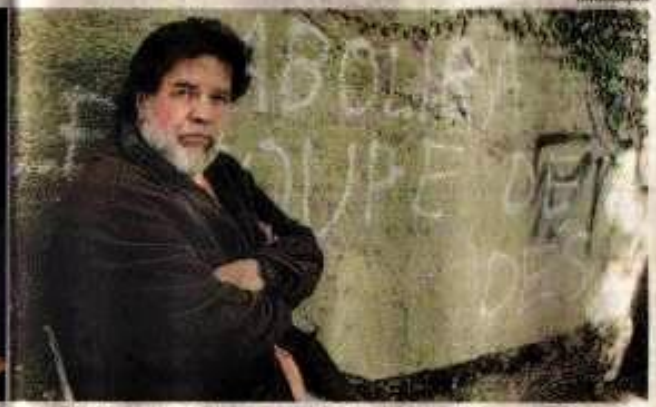
Boêmio, Torquato viveu os principais períodos de explosão política e social dos anos 60 e começo dos anos 70: a instauração do regime militar, os festivais de música, o ambiente das reuniões dos jovens artistas que criaram a Tropicália, a presença da censura nas redações dos jornais e o exílio para o exterior. O poeta, que sonhava sair do Piauí para conquistar o mundo, viveu em Londres e Paris e, mesmo com o crítico problema da falta de dinheiro, deglutiu boa parte da cultura revolucionária e vanguardista da época: conheceu Jimi Hendrix em Londres e cruzou com Godard em bares parisienses.

Consumidor de álcool e drogas, experimentou o desbunde lisérgico da época. Foi, segundo seu biógrafo, um poeta irônico, inconformista, sempre pronto a desafiar a ordem estabelecida. Exemplo disso era seu conturbado relacionamento com o Cinema Novo, movimento que deslumbrou Torquato e, posteriormente, desapontou o poeta ao descobrir o potencial subversivo da bitola Super-8. "Torquato não era poeta de gabinete", observa o biógrafo. "Tinha uma natureza bruta, selvagem e atrevida", diz Vaz, que o viu apenas uma vez, em 1970. "Ele tinha a estatura de um cara intelectual, que escrevia poemas, um trabalho consistente", recorda. Mas esse jeito intelectual e polido entrava em conflito com seu atrevimento, como comprova o episódio da briga de Torquato com o cartunista carioca Jaguar. Ao vê-lo do outro lado da rua, no Rio de Janeiro, caminhou em sua direção, arrancou e destruiu seus óculos. Foi a resposta que encontrou às críticas do desenhista.

Autor de letras de canções como *Pra Dizer Adeus*, *Louvação*, *Mamãe Coragem* e *Go Back* – que seria regravada anos depois pelos Titãs –, Torquato tinha, além da depressão e do alcoolismo, dificuldades em seus relacionamentos. Desde a conturbada parceria com Caetano Veloso até as crises com sua mulher, a designer Ana Maria Duarte, o poeta acabou por se tornar solitário e autodestrutivo. "No final da vida ele já estava cansado e se sentindo sozinho, deixando rastros disso no seu trabalho", diz o autor. Poesias, letras de músicas e cartas trocadas com o cunhado Hélio Oiticica revelam a luta do poeta ao enfrentar as próprias dificuldades e de fugir de um fim que ele sempre anteviu.

O livro conta com mais de 70 entrevistas e colaboração de familiares e amigos. Gilberto Gil, Gal Costa e Maria Bethânia preferiram não falar sobre ele. São as mesmas pessoas que, por motivos que o biógrafo se empenha em mostrar, acabaram se afastando do poeta. "Ele perdeu os amigos, intérpretes e parceiros, o que agravou sua depressão", conclui o autor de *Pra Mim Chega*. ●



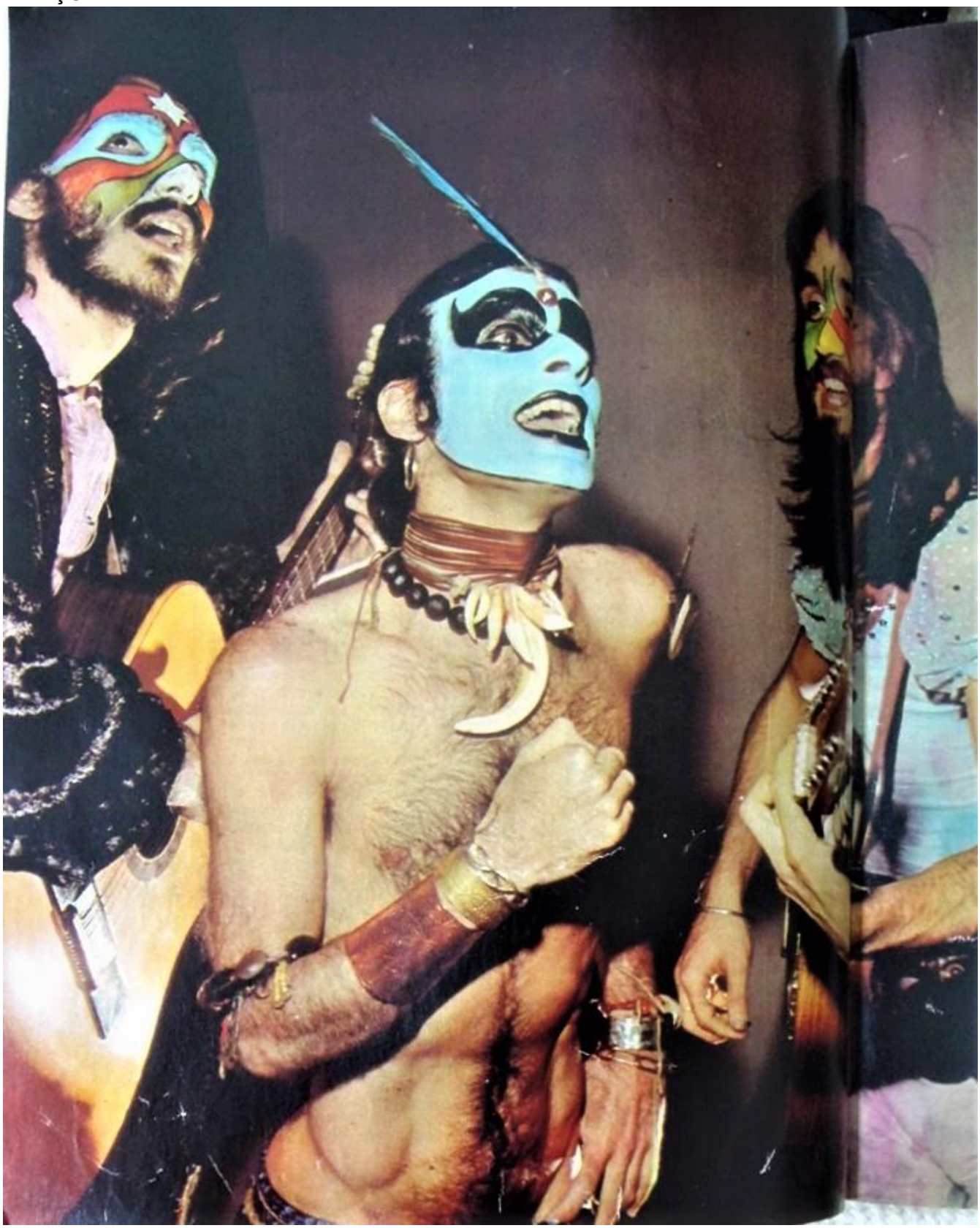


REPRODUÇÃO

RADICAL - Obra de Toninho Vaz conta episódios que revelam a personalidade forte do poeta piauiense

1973

MARÇO



Um mês liderando as paradas e 2 milhões faturados. Porquê?

Secos e Molhados

"Há seis meses eu disse que seríamos os primeiros do Brasil. Hoje eu digo que seremos os primeiros do mundo"

(Moraci do Val, empresário dos S&M)

Meio ano atrás, eles eram praticamente desconhecidos. Sua área de influência atingia, quando muito, a grande São Paulo. Hoje, ameaçam o reinado de Roberto Carlos como vendedor de discos. Um cálculo por baixo sugere que tenham faturado cerca de 2 milhões de cruzeiros neste espaço de tempo. No Rio, onde se apresentam no Teatro Teresa Raquel, todas as noites 600 pessoas assistem ao *show* (o teatro tem 450 lugares), enquanto no mínimo 200 outros tentam entrar de qualquer maneira, a 35 cruzeiros por cabeça. Como se explica esta vertiginosa ascensão? Qual o segredo dos Secos & Molhados?

Nove e meia da noite de uma terça-feira. No palco do Teresão, Nei Matogrosso, paulista, 32 anos, magro e seco do corpo, bem proporcionado para alguns, *ridículo* para outros, *sexy* para os avançados, acintoso para os conservadores, sacode o corpo enquanto canta O *Vira*, fantasmagórico (diabólico?) sob a luz intermitente e colorida dos refletores. A música é simples, quase rústica na harmonia, de melodia infantil. A letra, sem dúvida bem construída, sugere interpretações maliciosas e surpreendentes

Por MARCUS VERAS DE FARIA

Quando se fala em magia, eles desconversam e fecham a cara

O espetáculo é apenas razoável, nada mais do que isso. No entanto, a platéia delira. Há uma adolescente, Gal Costa ipanemense e descabelada, sentada ao lado de uma dona-de-casa bem comportada. As duas vibram com cada meneio de Nei Matogrosso, da mesma forma que o padre de *clergyman* cinza, duas fileiras de poltronas atrás. Um senhor sisudo e careca contém a custo a neta recém-saída da infância, enquanto marca o ritmo com o pé sobre o piso de cimento do teatro. Um casal de namorados acompanha as evoluções do conjunto de mãos dadas. De repente, aplausos, assobios, gritos: Nei tira uma rosa da cintura e a prende entre os dentes, num meneio sensual e andrógino. A idéia ocorre então, clara e bem definida: Secos & Molhados é um produto bem vendido, bem comercializado. Mas será que só isto explica o sucesso?



> ***"A Continental sabia o que fazia quando investiu no conjunto. Nosso trabalho de divulgação foi perfeito"***
> **(Nélson Caran, relações-públicas da gravadora)**

O único *long-play* do grupo apareceu em setembro, timidamente, para depois subir às paradas de sucesso e permanecer nelas em primeiro lugar por mais de dois meses. Além das duas faixas mais conhecidas (*O Vira* e *Sangue Latino*), que todas as rádios repetem, que todas as lojas de discos tocam dia e noite, o disco esconde algumas surpresas, como poesias de Cassiano Ricardo, Vinícius de Morais e Carlos Drummond de Andrade. Ninguém discute que isto seja um ponto a favor no cenário nebuloso da música *pop* brasileira. E é exatamente neste ponto que surge a primeira contradição, desbancando a mais elementar lei de *marketing*, que determina que um produto de consumo geral e amplo deve sèr facilmente digerível. Ao invés de letras fáceis, que caíssem imediatamente no gosto popular, o conjunto optou por uma linha poética lírica (salvo as duas exceções) nem sempre facilmente absorvível. Há, esta é a verdade, uma agressividade insuspeitável à primeira vista em composições como *A Rosa de Hiroxima*, o *Rondó do Capitão* e a *Andorinha no Fio*, também cantadas e assoviadas por crianças e adultos.

Para Moraci do Val, o sucesso do grupo não contém nenhum mistério: "Não temos segredos, trabalhamos com material musical de alto nível, fazemos um som de gabarito e nossa apresentação visual é excelente. Não existe nada além disso. O resto é resultado de um trabalho sério e integrado." Moraci, no entanto, parece levar suas atribuições um pouco além das normais a um simples, embora eficiente, empresário. Ele é pai, guarda-costas, intérprete e tradutor das idéias do grupo. E atualmente, quando o Secos & Molhados tornou-se um mito cuja essência se quer penetrar, ele toma a frente dos rapazes e os impede de falar: "Pode perguntar para mim, eu sei tudo melhor do que eles." Talvez o fato de *saber tudo melhor* não seja exatamente a razão para o verdadeiro cerco que ele faz aos que procuram penetrar na intimidade dos S & M. As outras, que ele empunha para manter os rapazes afastados, são pelo menos mais óbvias, talvez um pouco óbvias demais: "Eu tenho de fazer isto, os meninos não vão à praia, não saem. O Gérson ficou até com um princípio de pneumonia." Gérson, um dos *meninos*, é Gérson Conrad, nem tão vedeta como Nei Matogrosso (para alguns críticos *ele* é o grupo) nem tão inte-



Os Secos & Molhados existiriam sem Nei Matogrosso? Uma imagem foi criada, como numa operação militar, sem possibilidades de erro. A tal ponto, que eles jamais se deixam fotografar sem a maquilagem que usam no palco.



lectual como João Ricardo, ex-jornalista e *teórico* dos Secos & Molhados. Verdade ou não, o *show* no Teatro Teresa Raquel foi suspenso durante uma semana, para que Gérson Conrad fosse para São Paulo, em busca de melhores ares.

"Eu acho que vi o Nei lá fora, sem maquilagem. Meu Deus, que decepção..."
(Cristina, 14 anos, fã absoluta do grupo antes do *show*)

Nei Matogrosso, 32 anos, estrela maior do grupo, é o exemplo típico de *achado*, em termos de *show-business*. A voz evolui no registro de contratenor, um tipo raríssimo de tessitura vocal, mesmo na música erudita. "Ele não canta em falsete, a voz dele é assim mesmo" — explica João Ricardo, o líder do grupo. E continua, tocando num ponto sensível: "Veja você, quando aparecemos na televisão, a família reunida olha e diz: *É* doido. Mas aí vem logo outro e justifica: *Eles estão ganhando muito dinheiro*. No fundo estão todos de olhos colados, sem perder um gesto do Nei." Na verdade, Nei Matogrosso não escapou à costumeira inversão que o público faz com todo artista que se torna famoso. Geralmente basta o sujeito ganhar alguns pontos no IBOPE para surgir logo o comentário: "É homossexual." No caso de Nei, no entanto, a coisa funciona às vezes em sentido diferente. Grande parte do público garante: "Ele é homem, sim. Tudo não passa de um golpe para faturar." Já lhe atribuíram família e filhos, profissões e mistérios. Na verdade, não existe nada disto. De uns quatro anos para cá, até encontrar os Secos & Molhados, Nei vivia do artesanato ("Uns colares longuíssimos, uma loucura") e "curtia música brasileira, só brasileira".

"Magia? Não mexa com isso, você vai levantar forças poderosas. Deixe o inconsciente coletivo inconsciente"
(Moraci do Val, assustado)

A referência à música brasileira de antes levanta uma indagação: o que os S & M cantam agora é música de que nacionalidade? Ao que parece, o público pouco se importa com considerações deste tipo. Quem paga o alto preço da entrada para assistir ao *show* não é só o *beautiful-people*, (que na sua maioria considera o grupo uma cópia tupiniquim de Alice Cooper e outros). Há, é certo, um grande número de *hippies* e *freaks*. Mas o grosso da platéia é composto de casais da classe média, de média idade, pontos de vista médios, hábitos e costumes médios. O que leva uma pessoa de idade e opiniões presumivelmente conservadoras a deixar o conforto da televisão e enfrentar a multidão e o calor (o teatro não tem ar condicionado) para ver três rapazes rebolarem no palco?

Duas baianas do grupo folclórico de Solano Trindade, vestidas a caráter, entram no teatro e somem nos bastidores. É um ritual que se repete quase todas as tardes, antes do espetáculo. Lá dentro, junto com o grupo, algo acontece. É preciso proteger-se contra as vibrações negativas. É necessário impedir que os caminhos, por enquanto bem abertos, se fechem. Para João Ricardo, no entanto, "sucesso é apenas uma seqüência de coincidências". Pelo sim pelo não, ajuda-se como se pode o destino para que as coincidências felizes ocorram. Para a crítica, contudo, não há coincidências. Tudo é atribuído a uma máquina promocional bem construída e eficiente. Mais ainda: não há dúvidas de que a mesma máquina que lançou o grupo os acabará destruindo. Por enquanto, nada disto aconteceu. Os Secos & Molhados partem *para a conquista do mundo*, como previu Moraci do Val. Há contratos fechados para o exterior. *Sangue Latino*, cantado em espanhol, começa a fazer sucesso na América do Sul. O *show* do grupo, filmado pela televisão portuguesa, teve enorme audiência em Portugal. "Mas nada foi programado — diz João Ricardo —, a gente trabalha com um objetivo em vista, mas deixa uma margem razoável para modificações."

Talvez Secos & Molhados seja uma surpresa para eles mesmos. A maquilagem, as plumas, o *bois*, a rosa presa à cintura e atirada com extrema sensualidade ao público, a careta de Nei agredindo a platéia, para depois alisá-la num gesto provocante, mais as férias no Rio, o verão, o surgimento de cantores andróginos em outras partes do mundo, tudo formaria um quadro muito lógico. Mas a lógica não é o forte do grupo. Eles não estão interessados em explicar-se enquanto fenômeno. "É o homem novo que surge" — diz Moraci. Mas o *homem novo* surge com o apoio maciço da gravadora, das rádios, da TV. O lado pessoal do grupo, no entanto, fica bem guardado. Apenas um fato, para ajudar a análise: como o *show* é proibido até 14 anos, algumas crianças foram impedidas de entrar e caíram no choro. Não há problemas. Depois do espetáculo, os três integrantes do grupo vão à casa de uma delas e cantam de graça para a platéia-mirim.

"Nei é lindo, lindo."
(Cristina, 14 anos, que viu Nei Matogrosso sem maquilagem antes do *show*, depois de assistir ao espetáculo)

Alterar a realidade? Apagar a realidade? Transformar a realidade? Tudo é possível. Mas que a mágica funciona, ninguém discute. Quase 2 bilhões antigos faturados suprimem qualquer discussão.

WANDERLÉA

Wanderléa Salim nasceu no dia 5 de junho de 1946, em Governador Valadares (MG), onde, ainda pequena, começou sua carreira cantando em programas de rádio. Quando veio com a família morar no Rio de Janeiro, conseguiu um lugar no programa infantil *Vovô Odilon*, da Rádio Mayrink Veiga. Daí foi tentar a televisão no *Clube do Guri* e na *Mais bela Voz Infantil*, da TV Rio, onde conseguiu derrotar todas as outras concorrentes. Essa vitória lhe valeu um contrato na gravadora Colúmbia (atual CBS) e um disco: um 78 rotações, com as músicas *Meu Anjo da Guarda* e *Tell me how long*. É nessa gravadora que ela conhece Roberto Carlos, Erasmo, Rosemary e os Golden Boys. Com esse grupo, viaja por todo o Brasil, fazendo shows, até gravar seu segundo 78 *(Quero Amar* e *Ao Nascer do Sol)* e um LP, *Wanderléa*. Com seus discos entrando nas paradas de sucesso, ela é lançada pela gravadora, junto com Roberto Carlos, no programa *Jovem Guarda*, da TV Record, (São Paulo), onde se firmou definitivamente como Ternurinha. E o grande estouro veio com *Tempo do Amor* e *Ternura*. O programa se transformou num sucesso incrível e durou cinco anos. Mas o amadurecimento artístico de Wanderléa fez com que ela se afastasse por uns tempos da TV e dos discos, para buscar uma nova linha de atuação. Aconselhada pelo noivo José Renato (filho do Chacrinha), ela abandona a imagem de Ternurinha e aparece como uma artista completa e sofisticada no show *Wanderléa Maravilhosa*, apresentado no ano passado no Teatro Teresa Raquel (Rio), com grande sucesso. Agora ela está a todo vapor, escolhendo as músicas do próximo LP.

CAT STEVENS

Steven Dmitri Georgiu (Cat Stevens) nasceu em 1948 na cidadezinha inglesa de Singlitter, de pai grego e mãe sueca. Sua infância e adolescência foram passadas em Soho (o bairro boêmio de Londres), onde seus pais tinham um bar. Ele vivia entre músicos e artistas e gostava de pintar. Com 17 anos, já desinteressado da pintura, resolve se dedicar à música, uma paixão que parece ter herdado do pai. Começa então a percorrer as gravadoras, na esperança de conseguir um contrato para gravar. Mas suas músicas eram consideradas não comerciais e suas oportunidades eram poucas, até que ele resolve partir para um lance mais ousado: financiar suas próprias gravações. O primeiro disco, *I Love My Dog*, se transforma em sucesso, seguido depois por *Matthew and Son*. Mas nessa época sua carreira sofre uma brusca interrupção. Com tuberculose, Cat Stevens fica internado vários meses num sanatório, e quando sai (fugindo, para provar que estava curado) resolve dar novo impulso à sua carreira. Junta-se a outro cantor, a um flautista e a um guitarrista e em 1969 grava *Lady d'Arbanville*, que logo chega aos primeiros lugares das paradas de sucesso. A popularidade, entretanto, só chega definitivamente em 1972, com o LP *Catch Bull at Four*.

ALIENBALADA: 1973. PASSAMOS DA TERRA AO CÉU

"É importante distinguirmos muito bem entre *ALIENBALADA* (o livro, a matéria completa, incluindo Balada do Louco e minhas respostas) e apenas as minhas respostas, que são narrativas só minhas, assim como o texto de *BALADA* é só seu, Mário". (**CCDB**).

INTRODUÇÃO DE CCDB

"Quem espera por um transplante sempre alcança a morte. Eis o Brasil atual, onde os robôs nas indústrias e as almas dos escravos romanos no céu riem-se dos desempregados; pois, pela tevê, a estes só é dado o circo, e não o pão. O Espártaco brasileiro morreu no fordismo, atropelado pelo toiotismo; e a cruz do Jesus daqui se espeta num calvário de cocaína, cercada por duas polícias, sob o céu da infraestrutura jurídica invertida, donde chovem facínoras.' (CCDB: Este parágrafo é um excerto da obra *GÉA*, de CCDB, autorizado para publicação exclusiva em *DO PRÓPRIO BOL$O*).

"Não sou fã de capitalismo e de ismo nenhum. Acontece que as pessoas não são iguais e que o comunismo serve-se da máscara chamada Estado, da destruição sem construção e da pretensa igualização para manter o poder em mãos de gente oculta por detrás dessas

coisas, o que é muito pior do que ser mais aberto, como o capitalismo, e mais próximo da natureza humana, porque ninguém (felizmente) é igual a ninguém, e todos os regimes que tentem tal igualização fadam-se ao que ocorreu na União Soviética. Qualquer sistema representativo, aliás qualquer sistema em lugar da anarquia, terá sempre suas falhas. Cumpre simples descobrir o ponto de equilíbrio, e isso varia em função do tempo. Não é tão difícil. E para mudar sistemas, não adianta tentar pelo lado de fora quando se é um só indivíduo e sem vastos recursos, a não ser que se faça como aquele cara magnífico que pousou de teco-teco na Praça Vermelha e derrubou um ministro, se é que não derrubou tudo. O jeito é fazer feito aqueloutro cara mirífico (que, se não tivesse nascido, outro decerto surgiria pra fazer igual) que tinha manchas na testa e, POR DENTRO DO SISTEMA, infiltrando-se, conseguiu muda-lo drasticamente, usando-lhe a própria força. É esse o jeito mais 'fácil' de se mudar um sistema. Por dentro dele. É só por isso que eu fico dentro (...), mesmo que pareça estar 'por fora', ora na acepção da gíria". (**CCDB**).

PREÂMBULO DE CCDB PARA ALIENBALADA

– *ALIENBALADA*? Que será isso, com o "erro de grafia" logo no meio da palavra, onde aparece um "n" em vez de um "m" antes do "b"? Ou seria erro proposital, para chamar a atenção? Haveria outra explicação para essa palavra maluca?

– É o que alguns (quem sabe Você) pensarão, ao lerem o título da obra.

E responde–se: *ALIENBALADA* é o nome do disco voador de Ardo, irmão de Clausar e de Sérias, cuja história está no escrito chamado *GÉA*, de autoria de Cláudio César Dias Baptista – CCDB, apresentado no site www.ccdb.gea.nom.br.

Nos treze livros de *GÉA*, Você conhecerá também o grupo musical denominado "Atlantes", uma contraparte dos "Mutantes" nesse planeta homônimo da obra. Também conhecerá "Os Etéreos", ou "Etéreos", e seu CD chamado *ÉTER*, gravado na Terra por tais alienígenas, que neste planeta usam outro nome.

Quanto a *GÉA*, é a maior obra literária de todos os tempos; e, se Você não acredita nisso, navegue o site www.ccdb.gea.nom.br e verá. Portanto, a divulgação de "Géa" será um benefício para o Brasil, onde tal obra foi escrita, e, consequentemente, para Você, que é brasileiro ou que gosta do Brasil.

No nome *ALIENBALADA*, o prefixo "Alien" (mantendo-se a letra "n" antes do "b") tem duas acepções: a primeira é a de "alienígena"; a segunda, de "louco", via "alienado". E o sufixo "balada" é simplesmente "balada"; ou seja: "canção para dançar, de estrutura variável" – conforme o Dicionário Aurélio Eletrônico. Mas "balada" tem os outros significados, que Você já conhece.

Por tudo isso, *ALIENBALADA* equivale, e num só vocábulo, ao título "Balada do Louco", o qual, na Terra, é a música imortal de Arnaldo (Dias) Baptista; e, no planeta *GÉA*, designa canção mui parecida, criada por Ardo. Do nome dessa canção derivou o do disco voador que Ardo pilota. Claro! *BALADA DO LOUCO* é outrossim o título do ótimo livro de Mário Pazcheco sobre Arnaldo.

A obra *ALIENBALADA* continua a ser, pois, assim como o livro *BALADA DO LOUCO*, a história de Arnaldo; porém, ora inclui um pouco da biografia de CCDB, sem faltarem os outros membros do conjunto "Mutantes". Portanto, *ALIENBALADA* realiza afinal, para os Mutantes, a expressão "uma pessoa só".

O sistema de propulsão atmosférica do disco voador de Ardo, que é o protótipo da nave inda mais aperfeiçoada, chamada Laranja, está completamente explicado no site www.ccdb.gea.nom.br e, melhor ainda, na obra *GÉA*. A exposição é minuciosa a ponto de permitir a criação de protótipos, e a visitação do site pelos militares norte-americanos aponta-lhes o inteligente interesse.

O disco voador *ALIENBALADA* só tem o sistema de vôo atmosférico e pode apenas incursionar com breves vôos no espaço exterior; a Laranja pode voar em qualquer espaço, perfurar estrelas, viajar no tempo e noutras dimensões.

Que o nome do disco de Ardo, *ALIENBALADA*, traga ao livro homônimo o augúrio de um voo inda mais vasto! (**CLÁUDIO CÉSAR DIAS BAPTISTA – CCDB**)

OUTRO PREÂMBULO (MÁRIO PAZCHECO)

A gênese literária de *BALADA DO LOUCO* surgiu em **1986** quando quatro discos dos Mutantes, foram relançados pelo selo independente paulista, Baratos Afins, depois em março de **1987**, e ao ler as duas partes do artigo *ELO PERDIDO* de Thomas Pappon na revista Bizz foram o impulso. Aconteceu também o lançamento do LP *FAREMOS UMA NOITADA EXCELENTE*... de Arnaldo e A Patrulha do Espaço que recolocava o roque brasileiro da **DÉCADA DE 70** nas prateleiras e encorpava o "renascimento". Simultaneamente era lançado *DISCO VOADOR* o solo pós-salto-lapso de Arnaldo Baptista. Sequencialmente foram lançados os LPs *ELO PERDIDO* de Arnaldo e A Patrulha do Espaço e ainda o tributo *SANGUINHO NOVO*. Teve também o vídeo "Maldito Popular Brasileiro" e a autobiografia *BALADA DO LOUCO* escorraçada e ignorada pela mídia paulista, bairrismo? Talvez as linhas tenham desagradado aos editores das revistas musicais ou porque era apaixonadamente mal escrito...

Em **MAIO DE 2002**, eu tive a felicidade de conhecer Lourdes, a esposa de Serginho, e a primeira pergunta que ela fez foi – Você vai reescrever *BALADA DO LOUCO*? Secamente respondi, – Não! O Não não verbalizou a tempestade de encontros e desencontros que envolvem uma biografia que esgota também as relações.

DEZESSETE ANOS DEPOIS de *DISCO VOADOR* Arnaldo Baptista conseguia lançar o seu tão adiado e aguardado *LET IT BED*. É claro que em **1992** houve o relançamento dos discos dos Mutantes em CD e finalmente *OAEOZ* foi ouvido Tecnicolor também. Com o lançamento de *LET IT BED*! surgiram novas reportagens, aparições na tevê e a comunidade dos Mutantes no Orkut reviveram as velhas rixas com a ótica apaixonada dos fãs mais tenros e outros contemporâneos dos fatos.

Tudo conspirava para a reforma da antiga biografia. Mas o fator fundamental foi a obra *GÉA*, através dela tive a oportunidade de conhecer, Cláudio César Dias Baptista que sempre me motivou enviando-me CDs com textos e fotos e músicas, seus prospectos CCDB a história de uma grande marca. Durante o último ano trocamos **600** mensagens eletrônicas e nos dispusemos a resgatar os detalhes técnicos aparentemente nunca desvendados ou relevados e fatos importantes e sigilosos exibidos em avant premier. Nunca se escreveu tanto sobre a guitarra de ouro Regvlvs Modelo Raphael. Nunca tantas fotos foram reunidas. Em parceria escrevemos **10** textos divulgando *GÉA*, áudio, amplificadores valvulados e transistorizados e mesas de som. Os textos foram transcritos em outros sites, recebemos mensagens eletrônicas nos dizendo que eram os melhores artigos sobre som que haviam lidos. Fomos tema de debate em vários fóruns até dos Beatles e dos 500 índices deste CD-ROM, Mutantes é o mais acessado e o artigo Transistorizados e valvulados, ambos adoro!, de Cláudio César Dias Baptista é um dos mais procurados.

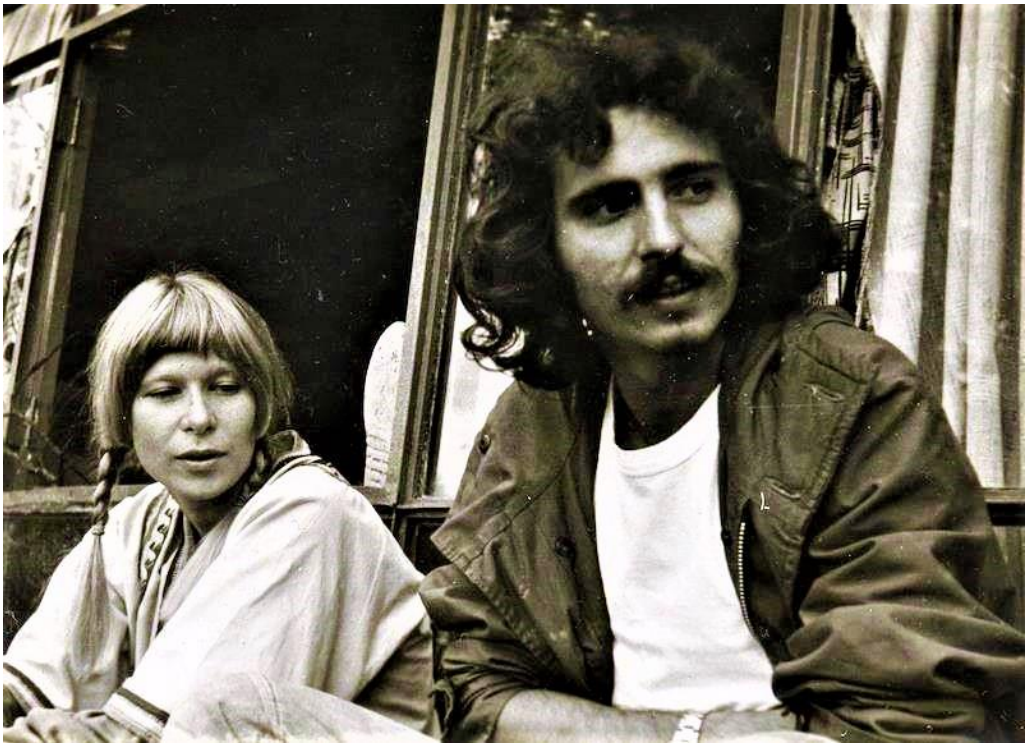
ALIENBALADA foi o título escolhido para compor os meus textos anteriores e as correções e acréscimos e esclarecimentos de Cláudio César Dias Baptista. Disponibilizamos a primeira parte cobrindo desde a genealogia da família Dias Baptista até **1973**, ano que registra a saída de Arnaldo Baptista dos Mutantes.

Para evitar comparações nós não recorremos às biografias existentes. Recriamos os detalhes e contamos a história como se ela não tivesse ocorrido há **MAIS DE 40 ANOS**. Quanto à carreira solo do Arnaldo que é o conteúdo da segunda parte, momentaneamente está reclusa aguardando autorizações de reprodução de imagens e o mergulho novamente em várias páginas do próprio punho do Arnaldo para validar uma nova edição.

COMO EU VEJO CLÁUDIO (MÁRIO PAZCHECO)

Cláudio César Dias Baptista é o escritor em luta diária para perpetuar a sua obra *GÉA*, vê-la em pé de igualdade aos clássicos da literatura brasileira. Sua cabeça nunca funciona como a da maioria das pessoas: não sabe as letras das músicas, não guarda nomes, jamais teve e nem terá ídolos intocáveis, e por isso ele esquece os nomes. Sempre apoiado em anotações numa infindável coleção de papeizinhos. Na sua memória vivem fragmentos da infância dos mutantes, sem ilusões, guarda o legado artístico de seus pais: literatura, música, política e uma imbatível capacidade de relacionamento: fatos da vida social, como ser a pessoa mais rica do mundo e coisas assim, escapa-lhe fácil.

O paradigma: *ALIENBALADA* não é só conjunto das suas respostas ao livro *BALADA DO LOUCO*; sim, a obra inteira de *GÉA*. O intuito de suas respostas é *GÉA*, fato não totalmente desvendado pelos fãs, repórteres ou representantes de qualquer mídia que o tem procurado para publicar matéria sobre a sua vida e a dos Mutantes. Sendo as suas respostas a *ALIENBALADA* um resumo que ele próprio fez este lhe pertence, no mínimo porque coincidem com a verdade dos fatos da sua vida, a qual não poderia narrar diferentemente sem se apartar da verdade.



FAMA (CCDB)

"Lembrem-se: já sou mais do que famoso. Sou famoso até demais e gostaria de ser bem menos. Não se esqueça da Nova Eletrônica, que dirigi e onde publiquei setecentas páginas de meus próprios artigos, com tiragem mensal de sessenta mil exemplares no Brasil e países de língua portuguesa. E não se esqueça dos milhares de amplificadores e centenas de mesas de som e de guitarras e tal que produzi em quarenta anos de trabalho. E também não olvide os meus Clientes, milhares! Tudo isso, muito mais que não cabe aqui arrolar; e também a história dos Mutantes, da qual participei do jeito que agora você já sabe, tornou-me famoso. O herói da música brasileira ao ser entrevistado no Fantástico abre a boca e dedica a primeiríssima palavra a mim. Portanto, não confundamos as coisas. Famoso eu já sou. Mesmo no exterior, onde sou conhecido como AES – Audio Engineering Society Member, e em muitas fábricas de equipamento de áudio, sem falar em tudo quanto se refere a Mutantes e sua história, que consta de enciclopédias (Mirador, por exemplo) e diversos livros. E absolutamente não quero fama; sim, a divulgação de *GÉA*, como está esclarecido naquela página 'Amodéstia' que já lhe enviei e continua no site". (**CCDB**).

EXCERTO DE 'A ENEIDA' DE VERGÍLIO, E FAZ PARTE DO CAPÍTULO 'KY' DE GÉA

Isso mostra o quanto me interessa a fama pessoal. Eis o excerto:

E Espica escande ritmicamente cada palavra do fecho: – Sua chama chama, achamos nós da 'Cubo', a atenção do muuuundo!...

O locutor é advertido de pronto pelos fones e cobra a expressão de sempre, feliz por ter acinte 'esquecido' de citar novelas e não ser posto de catrâmbias no olho da rua:

– Meu deus do céu!!! Meu deus do céu!!! Meu deus do céu!!! É dramático! patético! incrível! Agora a coisa ficou bonita mesmo! telespectadores... Os dois vêm na ponta, no sprint, na arrancada final! Os dois vão ganhar os automóveis, as motocas, a dinheirama do prêmio principal! minha população querida. Ou, ao menos, ela, a bailarina, pois começou do começo a prova... Vejam! O Cento-e-Quarenta-e-Quatro emparelha de novo com Ansata; e os dois vão queimando o asfalto; juntos; olhos nos olhos; lado a lado; nem um nem outro se adianta um centímetro, meus amigos, meus queridos da cadeira de balanço, meus companheiros da cervejinha, meus caríssimos telespectadores do Brasil e do mundo, nesta estupenda cobertura intercontinental! Um homem e uma mulher, ou uma mulher e um homem; não treinaram em Londres, não têm experiência de maratonas, não usaram táticas, não são atletas consagrados de alto nível, e mesmo assim erguem os braços, meus compatriotas; erguem os braços, dão mais uma acelerada, vão cruzar a faixa... E vencem os dois!!!... Valeu!!! Valeu!!!... Brasil!!! Brasil!!!... Empate feminino e masculino no primeiro lugar! meus irmãos; coisa inédita em todos os tempos!!!... – Soa o sinal dos comerciais, e de estudo a rede televisual interrompe a transmissão no instante supremo, capturando e subjugando a mente de bilhões em todos os continentes.

Ave horrenda! de plumas admiráveis;
E nestas, oh prodígio! sempre alerta,
Há olhos e ouvidos incontáveis.... ... ...
E traz, e leva, as coisas mentirosas,

Assim como a notícia verdadeira. – desse modo, n'*A ENEIDA*, Vergílio previu a televisão, cantando a deusa Fama!

Ansata e Clausar (ou Clausar e Ansata) esvaziam o peito, sofreiam o passo, e não param. Ansata logra livrar-se do magnetismo dos avizinhados írios de Clausar e insiste em não lhe dar oportunidade para explicar o inexplicável, por explicado estar.

FIM DO EXCERTO DA OBRA GÉA, AUTORIZADO EXCLUSIVAMENTE PARA O CD-ROM DO PRÓPRIO BOL$O. (CCDB).

TRATA-SE MAIS DE SENTIMENTO E MENOS DE RAZÃO (CCDB)

"Suponhamos que Edson Arantes do Nascimento haja cometido mil e um atos indignos. Isso é coisa que todos os seres humanos cometem, inda mais se se envolvem com política e com os poderosos. É esse justamente o risco que os empresários correm, e essa é a defesa capitalista a favor de que lucrem.

Como já lhe disse, o site é seu: você corre o mesmo risco que Edson, se fizer bobagem. Mas acho que ninguém chegará a fazer uma charge de você chutando o Pelé, porque para isso seria preciso alcançar-lhe a canela, e o chute doer. Você precisaria tomar um avião e mergulhar nessa canela, feito os árabes nas torres norte-americanas... mas acho que lhe falta algo para tanto. E quem o vir chutando o dedão do Pelé vai rir de você, feito quem visse o Osama chutando as torres gêmeas.

Se águias não pegam moscas, muito menos moscas pegam águias. E não ache ruim de eu o chamar de mosca, pois me incluo entre as moscas: a águia é *GÉA*. Só ela está à altura de Pelé e, arrisco-me a dizer: mais alto ainda. O máximo que moscas conseguem é serem ridículas: vão sorrir da charge... e rir de você e do seu site, se a publicar.

Mas as moscas que somos têm uma vantagem sobre as moscas de verdade: podemos virar águias, se não insistirmos em ser moscas e pararmos de orbitar e importunar as águias. Se nos dedicarmos pacientemente a mudarmos de forma e crescermos.

No escrito *GÉA*, só transformei certa pessoa do mundo 'real' no personagem Skiné para fazer a quem me beneficiou um singelo agradecimento; porém, de maneira a não me aproveitar da imagem dessa pessoa, porque o fiz dentro (e não fora) da minha obra: quem ler lá, já terá comprado os livros; portanto, não será mau uso da imagem.

Caso me dê a honra de ler o capítulo Ardo, Livro Sexto, início na página 1339, informo que o episódio que se refere a eu ter carregado Arnaldo nas costas está mais no fim do capítulo; todavia, se você tiver paciência, pode ler Ardo desde o começo, pra ambientar-se à leitura, embora o começo e o meio do capítulo não se relacionem direto com o fato em questão.

O motivo de eu ter escrito Ardo (e, não, Arnaldo) difere daquele de ter escrito Skiné (e, não, aqueloutra pessoa do mundo chamado 'real'); caso contrário, não teria respondido ao Balada do Louco e não aceitaria a publicação do que digo sobre o relacionamento entre os Mutantes. Acontece que GÉA não é o lugar para historiar fatos da vida dos Mutantes: isso desviaria a obra do rumo, que é infinitamente mais alto do que Mutantes, roque, irmãos Dias Baptista e tal; mais alto inclusive do que aquela tal pessoa do mundo 'real'. Para não desorientar *GÉA*, prefiro essas matérias noutros veículos e nem mesmo no site www.ccdb.gea.nom.br a abordo.

Aceite os meus mais sinceros votos de sucesso no seu site, apesar de sua compulsão irresistível em publicar a charge contra o Pelé." (**CCDB**).



GÉA

"Por enquanto, acho que seria contraproducentíssimo *GÉA* ser lançada por empresas que se liguem a filosofias, seitas, religiões e tal; sim, por gente neutra, por profissionais, de preferência que visassem o que as empresas costumam: o de jeito algum condenável dinheiro, o lucro, desde que honestamente. (**CCDB**)."



fim da viagem...

PASSAMOS DA TERRA AO CÉU

(MÁRIO PAZCHECO & CLÁUDIO CÉSAR DIAS BAPTISTA)

Torquato Neto completou **28 ANOS EM NOVEMBRO DE 1972**, no dia seguinte escreveu uma longa carta em três folhas de caderno. Seguiu para o banheiro e teve o cuidado de trancar a porta, o gás que vazava na cozinha penetrou em todos os cômodos do apartamento. O corpo de Torquato foi encontrado no chão de bruços, já sem vida. Deixou cerca de trinta letras, vários poemas e muitas críticas de cinema ao lado de textos desgarrados que posteriormente seriam lançados em livro.

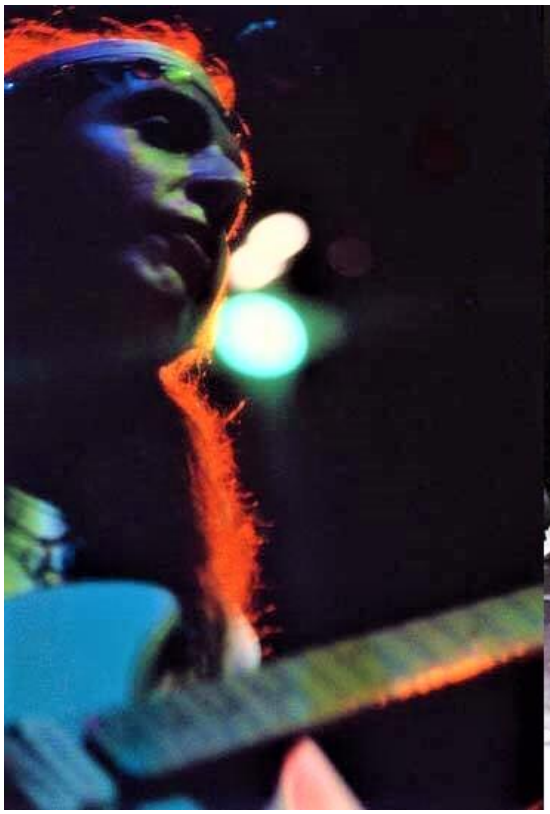
"Existem muitas maneiras de fazer música e eu prefiro todas". (**TORQUATO NETO**).

"Glauber Rocha é o artista mais radical do Brasil. O político que fizer um projeto para o Brasil tem de ver os filmes de Glauber Rocha e não só os filmes de Glauber Rocha, mas os trabalhos de todos os artistas progressistas inventivos, íntegros. Sem respeitas estes artistas expressivos não se fará nenhum Brasil. Glauber pensou um Brasil livre, criativo, independente. Torquato Neto resistiu o quanto pôde. Era a cabeça poética e de resistência estético-ética do tropicalismo. Estuporou logo, não só pela questão mais geral do País. A tragédia brasileira leva as pessoas a se introjetarem de tal forma que acabam alimentando as suas próprias doenças. Então um dia tudo explode. Isto é um dado histórico. Glauber não se matou, Torquato não se matou porque quis. Esta situação nacional trágica leva alguns brasileiros ao desespero". (**JARDS MACALÉ**).

1973. Um ano difícil de recessão econômica para o Ocidente. Os Mutantes novamente reagrupados com seus novos moldes musicais, desenvolvem a técnica e refinam ainda mais a aparelhagem desenvolvida por CCDB (Cláudio César Dias Baptista), apresentando-se em qualquer parte do país, Brasília, São Lourenço, Salvador, atingindo um estágio muito grande de popularidade graças talvez principalmente, à requintada aparelhagem eletrônica que se tornaria marca registrada do grupo.



Arnaldo é um dos pioneiros no uso do órgão Hammond, e o primeiro músico brasileiro a ter uma caixa Leslie, união perfeita entre o órgão e a amplificação, resultando num som mais bonito.





"Foi meu irmão que trouxe uma Fender Stratocaster, para mim quando ele foi aos Estados Unidos comprar equipamento. Eu nem usava ela, né, porque eu tinha mesmo era a outra e também porque a Strato é muito dura. Você apanha dela até aprender a tocar e você tem realmente que usar uma parafernália de pedais assim enorme para criar um som dela. Mas aí, roubaram a guirtarra Regulus que eu tenho aí naquele Festival de São Lourenço, mas aconteceu uma coisa incrível, porque ela tem uma maldição que nós fizemos, tirada dos livros de Bruxaria. É a maldição do Sábado, que é assim a mais porreta. Você invoca os anjos: Gabriel & CO., para que defendam a coisa. Então, foi incrível, porque a Regulus funciona toda a base de pilhas. Ela usa quatro pilhas. Daí a pessoa que roubou provavelmente deixou as pilhas ligadas e em três dias parou de funcionar. Aí a pessoa voltou para me entregar a dita como se tivesse comprado de um cara no ônibus para ver se ganhava uma grana de mim porque ele não ia conseguir vender a guitarra pra ninguém porque ela não funcionava assim, ela voltou às minhas mãos de novo. (...)

"Foi aí que eu fui obrigado a aprender a tocar na Strato. Foi uma reviravolta na minha técnica, que se baseava toda em mexer em botões na guitarra. Eu não sabia tocar com os pedais, daí eu aprendi e consegui tirar muita coisa da Strato. A minha relação com ela é fantástica. Foi nessa época que eu comecei a fazer pedaleira, porque eu vi que o Steve Howe tava fazendo som com pedaleira, o Arnaldo foi ver o show e viu como é que era, chegouperto do palco e viu a pedaleira dele e daí eu fiz uma pedaleira: um Theta-Phase, um Wha-wha, um distorcedor e um pedal de volume. (**SéRGIO DIAS**...)

"A Fender Stratocaster, é realmente uma guitarra fantástica um cabo incrível, eu gosto muito do som dela e a alavanca dela é uma coisa que me seduz demais e o legal dela é que ela é uma guitarra muito pessoal, isto é, com cada pessoa ela dá um som, não é como a Gibson que sempre tem o mesmo som. A Strato me deu mais liberdade e foi aí que eu comecei a comprar pedais".

(**SÉRGIO DIAS AO JORNAL DE MÚSICA, NÚMEROS 36 E 37, DEZEMBRO./1977 – JANEIRO / 1978. COLUNA SOM**)

"QUEM FEZ A 'MALDIÇÃO' NÃO FOMOS 'NÓS': FUI SÓ EU". (CCDB)

"A história está mal contada. A maldição era em verdade uma 'invocação dos espíritos do mal' (o Mal é coisa que não existe, e eu já sabia disso; portanto, não tive escrúpulos e nem medo de usar). Essa invocação foi gravada na face interna da placa dourada que fechava a abertura detrás da Guitarra de Ouro. Na face externa, eu gravara um augúrio (este, sim, que pode ser chamado de maldição, em certos de seus aspectos, mas que tinha muito de predição ou vaticínio, como o tempo confirmou) de minha exclusiva autoria, o qual dizia que 'o instrumento retornará intacto ao seu legítimo possuidor' e amaldiçoava, sim, quem o furtasse. Essa placa foi manufaturada e gravada por mim antes de a Guitarra de Ouro ficar pronta e Sérgio a tocar pela primeiríssima vez. A história completa da maldição está num dos prospectos 'CCDB: História de uma Grande Marca'. No dia em que manuscrevi no papel de certa reportagem que a reproduzia e assinei uma frase desfazendo a maldição, a Guitarra de Ouro foi furtada. Escrevi isso mesmo sem crer nas forças do Mal e nele próprio, porque não queria as pessoas acreditando nessa bobagem por minha causa. Mesmo assim, cumpriu-se o vaticínio: a Guitarra de Ouro retornou intata ao seu legítimo possuidor. Infelizmente, este a vendeu – e nenhum tostão recebi por isso. Muito mais tarde, Sérgio deixou-me em casa uma Guitarra de Ouro, a terceira que lhe fiz, cujo braço foi desenhado e estreitado por mim para determinado uso seu em acompanhamento, mas que não mais se lhe adaptou à mão, quando esta cresceu, nem a esse uso, que abandonou. Dessa terceira Guitarra de Ouro, Sérgio me pediu que retirasse as chaves, que eu construía de um jeito especial, para substituir as chaves gastas da Guitarra de Ouro II. Fiz isso, e a III ficou semimorta, até que meu filho Rafael lhe criou e instalou uma parte elétrica provisória para poder exercitar-se. Quando Josy se mostrou apaixonado pelo instrumento, mesmo nessas condições, eu lho presenteei. Conquanto o cabo seja estreito e só sirva em certas mãos, Josy me disse que restaurará essa Guitarra de Ouro; por isso lhe forneci os circuitos secretíssimos. Não sei se Josy teve tempo e condições de a restaurar, mas Guitarras de Ouro não se desmancham fácil e podem esperar... A Guitarra de Ouro II, que eu reformara naquelas cento e trinta e cinco horas, resistiu à queda de um sujeito gordo sobre ela, no estúdio do Sérgio, feito este me contou. Porém rachou-se-lhe um pouco uma lateral, e o cabo se inclinou, elevando as cordas. Minhas mãos e os olhos não me permitem mais trabalhos assim, e Sérgio a entregou a um artesão que, segundo Sérgio, a reparou, deixando-a em perfeitas condições. Tomara...". (**CCDB**).

"A Fender Stratocaster 'é' tudo isso, mas seu mi bordão (a sexta corda) não presta, não tem som definido por causa da pouca massa, da baixa rigidez do instrumento e da flexibilidade da alavanca. Bom, na Strato, é o desenho, a 'pegada', a ergonomia, do cabo e os ajustes que admite, para a otimização do resultado. A leveza e o desenho da Strato são rebeldes. A Gibson Les Paul é incomparavelmente superior em qualidade de sinal e firmeza de som. A Strato com dificuldade, mas esta com facilidade, pode ser afinada por 'batimento acústico', tanta é a sustentação do som dessa Gibson, máxime se for do modelo 'Recording'. Porém a Gibson Les Paul é mais pesada, atarracada, tem desenho antigo, não sugere rebeldia e não possui alavanca. Essa Gibson é a guitarra sólida purista; a Strato, a rebelde. E a(s) Strato(s) do Sérgio só dava e dá tanto som porque contém a melhor parte elétrica ativa do mundo: a CCDB Guitartrek (marca registrada no INPI). Ao contrário do que muitos pensam, a lendária Guitartrek não modifica o som original do instrumento; sim, preserva-o. Não é

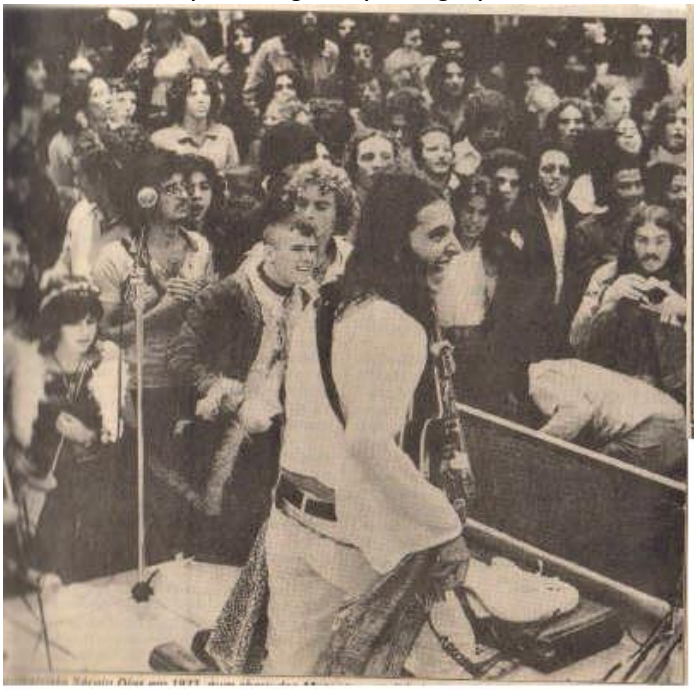
desenhada para produzir efeitos. Seu objetivo é melhorar – e muito! a qualidade do sinal de qualquer guitarra ou contrabaixo onde se instale. Nenhuma parte elétrica passiva tem sinal de boa qualidade. Podem-se escrever vários livros sobre partes elétricas (circuitos) de guitarras, e mesmo assim não esgotar o assunto. Só a correspondência que tive com o Sérgio e seu técnico atual (que não posso ir aonde meu irmão mora), para restaurarem a Guitartrek de uma de suas Stratos, dá um livro. Os dois teimaram em certos preconceitos... e acabaram por aprender um bocado sobre partes elétricas, máxime a Guitartrek. Conquanto a meta seja a preservação e otimização do som original do instrumento, a Guitartrek oferece recursos que este não possui de fábrica, como: conexão balanceada de captadores; manutenção do nível do sinal quando se acionam mais de um captador; ligação de um, dois, ou todos os captadores em conjunto sem queda no sinal; bem como desligamento de todos, para que a guitarra não soe por si ao ser colocada num pedestal próximo a seu amplificador ou retorno, num palco. Permite o uso de uma ou mais chaves de inversão de fase de captadores, sem que o nível do sinal caia, o que ninguém jamais conseguiu com partes elétricas outras, passivas ou ativas. A Guitartrek não tem adrede equalizadores de efeito extremo, qual os paramétricos que estão nas mesas e amplificadores CCDB; e nem seria boa ideia instalá-los numa guitarra, porque equalizadores assim alteram muito o nível do sinal e isso assaz prejudica o funcionamento dos pedais que inevitavelmente seguem guitarras sólidas (igual você constata no seu próprio livro). Esses equalizadores fortes devem situar-se depois da pedaleira, no amplificador do músico etaut na mesa de áudio. O Sintetizador CCDB para Instrumentos Musicais e Vozes do qual Sérgio teve um exemplar e cujo projeto publiquei na Nova Eletrônica, leva ao limite o controle do músico sobre o sinal, abrindo ao meio os 'noise gates' (que em uso normal não dão bons resultados) e colocando-lhes entre as duas metades os módulos de efeitos, o que permite ao músico trabalhar com pleno silêncio nas pausas, mesmo usando distorcedores e sustainers em série, coisa doutra maneira impossível. Esse sintetizador segue o princípio de preservação do nível do sinal que aplico na Guitartrek, onde não faço uso de compressores-limitadores-sustainers para obter esse resultado no nível, porque estes aparelhos modificariam os envelopes (ADSR) das notas e acordes. Os controles de graves e agudos da Guitartrek, que para contrabaixo se chama Basstrek, também minha marca registrada, não mudam o nível do sinal quando os acionamos. Se você atenua os graves num controle, os agudos se enfatizam por si (pelo circuito); e o nível do sinal, bem como os ajustes dos pedais, não se afeta. Se você atenua os agudos noutro controle, os graves se destacam, e o sinal novamente não se altera em nível. A impedância de todo o circuito é mui baixa, e isso o imuniza ao ronco e ao ruído que vêm do exterior. Também essa impedância e o circuito ativo permitem que os potenciômetros da Guitartrek trabalhem com grande linearidade ao longo de todo o seu curso, em lugar de serem 'tudo ou nada', feito os da Strato e cia. O circuito da Guitartrek é o meu mais antigo, e por isso mesmo o mais requintado, em sua cristalina simplicidade que engana os engenheiros quando o analisam. Nessa aparente simplicidade, que em verdade é o número reduzido de componentes, há ideias das mais altas que tive. Uma análise profunda da Guitartrek, feito a que fiz na citada correspondência recente com Sérgio e seu técnico, traz gratas surpresas. Você pode encontrar detalhes sobre a Guitartrek nos prospectos CCDB, onde inclusive está reproduzida uma dedicatória de Sérgio a mim. Guitarras sólidas é que têm som fixo, Strato inclusive; por isso exigem pedais, que lhes dão a personalidade faltante. Não é vero, portanto, dizer que a Strato que 'permitiu' ao Sérgio usar pedais; sim, que 'exigiu' isso dele... O Sérgio sempre teve guitarras sólidas e pedais, que ambos eu lhe fazia grátis. Passou a comprar pedais porque me pedia que modificasse os estrangeiros e os instalasse com os meu circuitos e efeitos em

pedaleiras, muitas das quais também lhe construí, e outras que ele mesmo aprendeu a fazer comigo. Esses meus circuitos ocultavam-se debaixo do painel (as pedaleiras são ocas), e também as fontes de alimentação que eu montava para todos os pedais ali afixados. Os pedais estrangeiros impõem respeito aos guitarristas que se embasbacam perante as pedaleiras onde se encontram. E pedaleiras permitem a troca de circuitos obsoletos pelos novos, coisa mais difícil numa guitarra que os contenha. Por outro lado, circuitos em guitarras dão a ação mais rápida ao guitarrista, e inventei mesmo chaves detrás do cabo, cuja patente pedi, mas o especialista que redigiu o pedido o fez imperfeito, e este foi recusado, sob a alegação (correta) de que cravelhas e cia também são chaves detrás do cabo. Esse especialista esqueceu-se de especificar 'chaves eletrônicas' ou equivalente, e de separar o caso das tarrachas e tal. Produzi mesmo assim muitas guitarras sólidas com chaves detrás do cabo, que o músico operava com o polegar enquanto tocava – a ação mais rápida possível, que não interrompe a execução musical e que não exclui a ação dos pés sobre pedais nem a da mão direita, que tem de parar de tocar para acionar chaves convencionais no escudo do instrumento comum. Guitarras acústicas têm personalidade (a personalidade que lhes confere a acústica), têm os próprios sons, que são muito melhores comparados aos das sólidas. Não cabem tantos aparelhos de efeitos dentro de guitarras acústicas, ao pé das pedaleiras. E ficam pesadas quanto mais circuitos lhes acrescentarmos. Hoje seriam mais leves se as fizessem com novos materiais e circuitos. Quando Pier Angelo Cerfoglia e eu fabricávamos pedais, estávamos estudando profundamente e já testando novos desenhos, materiais e circuitos para concebermos e produzirmos guitarras acústicas supremas, que até hoje ninguém criou. Infelizmente ele se acidentou, como já contei... e o sonho ficou, mas essa realidade acabou. Guitarras acústicas 'normais' têm limite de volume sonoro quando se expõem ao som dos amplificadores e retornos, a ponto de não se conseguirem tocar, quando suas cordas e tábuas de harmonia vibram em demasia, descontroladamente. As Guitarras de Ouro podem ser chamadas de acústicas, ou de semi-acústicas, porque suas tábuas de harmonia eram amortecidas exatamente ao ponto de aceitarem qualquer nível de intensidade sonora nos amplificadores e retornos, sem perderem o benefício da realimentação controlada e do som contínuo que permitem. Guitarras sólidas admitem níveis extremos de intensidade sonora sobre si, que, se os captadores forem bons e sem partes soltas, não darão realimentação descontrolada. Esse é um dos motivos de as encontrarmos mais nos espetáculos de roque e símiles, sob altos níveis acústicos – que as Guitarras de Ouro também aceitam e aproveitam. Guitarras sólidas são como os amplificadores transistorizados: neutras. Exigem efeitos para terem som com 'personalidade', corretamente timbrado, modificado,'envelopado' e tal. O som de uma Strato sem efeito algum é horrível e nada diz. Experimente e o constatará. Incluam-se entre esses efeitos os amplificadores valvulados para guitarras, que são efeitos em si. Estes se parecem com as guitarras acústicas". (**CCDB**).

Arnaldo pilota o precioso órgão Hammond, um mellotron que durante cinco segundos toca em cada tecla um instrumento de orquestra gravado numa fita cassete, o som pode ser de flautas, violinos ou violoncelos. Sérgio Dias segura uma guitarra Fender Stratocaster, ligada a um amplificador Dual Show Man, os efeitos são um Wha-wha Cry Baby acoplado numa câmara de eco Echoplex. Liminha e seu contrabaixo Rickenbaker onde predominam os agudos. E o Dinho fazendo a marcação e acompanhando o baixo numa bateria Ludwig Rock Duo. O contrabaixo quase nunca apóia a bateria, em som e no tocar sincopadamente do bumbão e dos ton-tons.



Os Mutantes, com Arnaldo no fim de sua vida artística e com os caríssimos instrumentos, entram em estúdio para gravarem o sexto álbum, o primeiro sem Rita e om a melhor aparelhagem que o grupo teve





Em plena forma no Phono 73, em São Paulo



A Stratocaster de Sérgio continha a CCDB Guitartrek; e os efeitos eram muito mais do que o Wah-wah, já explicado. O órgão Hammond de Arnaldo era um modelo novo, transistorizado, que esse meu irmão adquiriu para substituir o antigo, valvulado. Tanto um quanto o outro órgão consertei muitas vezes. Ninguém (você inclusive, Mário) cita um teclado do Arnaldo que este aproveitou até melhor, ao pé do órgão: o piano elétrico Honner, que consistia de cordas e um captador magnético símil ao das guitarras, mas já com alguns recursos inteligentes de fase, que lhe conferia vários sons, certo dele puxado ao de Duane Eddy. Era instrumento de pequena espessura, leve, quase invisível sobre o órgão e colorido de vermelho. (**CCDB**)



Os Mutantes agradaram tanto que voltaram para se apresentar mais 15 minutos.

O som está na Phono-73

Abrindo com as músicas de Rita Lee e uma nova cantora, seguindo a apresentação de os Mutantes, a Phono-73, iniciada ontem, encerra-se amanhã, às 21 horas, no Palácio das Convenções com a presença de Caetano, Bethânia, Hermeto Pascoal, Macalé e outros nomes importantes da MPB. Embora os promotores tenham críticas quanto ao local, o público "curtiu". (Página 12)

PHONO 73

Inicia-se com show de rock

A única reclamação dos organizadores do Phono 73, depois do show de abertura dos Mutantes, Rita Lee e Lúcia Turnbull, era de que o Palácio das Convenções do Parque Anhembi não era o local ideal para esse tipo de espetáculo. Depois de 2h30 de música, sobre o palco do Palácio das Convenções só restavam fios arrancados, papéis picados e alguns microfones quebrados.

No mais, os organizadores ficavam satisfeitos: o público lotou os 3500 lugares do Palácio das Convenções e o concerto dos Mutantes agradou musicalmente. O conjunto As Cilibrinas, formado por Rita Lee e uma jovem desconhecida de 20 anos, Lucia Turnbull, foi o primeiro a se apresentar. Elas cantaram **Cilibrinas de Eden, Não é nada disso, Mamãe Natureza e Bandido Corazon.**

O som dos Mutantes veio logo em seguida. Músicas conhecidas, apenas **Ando Meio Desligado** e **Mande um Abraço pra Velha**. As demais, são músicas novas, desconhecido daquele público colorido e original, que vibra com os contorcionismos de Sérgio e do novo baterista, claramente influenciados por Alice Cooper. No fim, o público exigiu a volta dos Mutantes ao palco — o que desagradou aos organizadores — e eles tocaram por mais 15 minutos, "Mulher de Cabeça Dura", um velho sucesso de Elvis Presley do fim dos anos 50, com total participação do público.

Para os críticos musicais, amanhã será um dos dias mais importantes para a música popular brasileira nos últimos tempos. Nesse dia, a Phono 73 reunirá Caetano Veloso — que cantará músicas de seu LP "Araçá Azul" juntamente com Odair José e sua "Deixe de Tomar a Pílula", Gal Costa, a música livre de Hermeto Pascoal, Jards Macalé, Luis Melodia, Maria Bethania e Nara Leão. A direção será de Guilherme Araujo.



O público participou intensamente do concerto do rock dos Mutantes na abertura do Phono 73



O disco polêmico foi batizado de *OAEOZ*, tinha segundo Arnaldo um sentido bíblico e foi baseado no Apocalipse. Redescobriria a figura de Deus "o cara que cuida de tudo", registrado em 16 canais no Estúdio Eldorado, a fita mostra a que nível chegara "o clube do Bolinha", algo bem próximo da perfeição musical. Os destaques ficam por conta dos lindos vocais agudos de Serginho, que sempre cantou bem e o desempenho instrumental–sensacional de Arnaldo e o órgão Hammond. Esse instrumento tem uma história interessante: foi comprado na Itália, transportado até a Inglaterra, onde permaneceu na casa dos baianos por alguns meses e, só depois, seria embarcado para o Brasil. Pois quando o grupo estava comprando aparelhagem na Europa, o limite alfandegário não permitia que o órgão fosse despachado de imediato para o Brasil.

A cozinha rítmica mutante nunca esteve tão sincronizada. Liminha registra a sua mais criativa linha melódica e a bateria de Dinho está impecável, lembrando, em alguns passagens, as viradas de Carl Palmer, o baterista do ELP (Emerson, Lake e Palmer).

"Eu sou o começo, sou o fim / eu sou O A E O Z / Meu bem, ouça o meu rock'n'roll / Tudo bem pelos séculos amém / Eu sou O A E O Z / Numa pessoa só".

OAEOZ, prefixo transformado numa longa suíte quatro músicos e seus instrumentos reunidos numa pessoa só, partilhando a viagem. Intervenções precisas e seguiras. Pitadas do rock lisérgico que vai desde Steppenwolf até os riffs de Steve Howe.

A segunda faixa, Rolling Stone, fala da briga de Mick Killingbeck e André Midani, "o homem da Companhia de Discos ficou bravo com o homem do átomo", o pivô da discussão foi esse verso:

"Estava lendo Rolling Stone / Li um cara que me abriu a cabeça / Fui correndo e tropecei".

Midani após ouvir o verso resmungou: – Então, eles fazem propaganda da Rolling Stone, né?

O grupo não fazia propaganda, apenas a música que vinha do coração, e o todo "poderoso chefão" da máfia do disco não teve a sensibilidade suficiente para entender a proposta musical dos Mutantes.

Apesar das turbulências, a viagem prossegue e num tema complicado, com escalas fantásticas e um duelo de cordas entre violão e bandolim, usando um slide, Liminha e Sérgio encerram esse lado da fita, num exercício lírico e emocional, planando acima da Serra.

"...Você sabe o que eu pensei? / Eu também pensei o que você pensou...".

Algumas músicas não possuem nome o próprio Arnaldo ainda não colocou nome em todas, apenas as mais óbvias.

O canto de um galo seguido de uma frase musical psicodélica marca o início desse lado B da fita. A melodia vai crescendo aos poucos, retornando num som preguiço, hipnótico, demoro a assimilar a melodia, quando entra o vocal:

"Som para acordar / Amanheceu, tudo azul / para cantar na música / O vento, terra e o ar / Soprando aqui na luz / Do luar, na luz do Sol / Na luz de Deus / Todos juntos / Na luz do Sol / Na luz de Deus".

A faixa seguinte revela uma melodia bem ao estilo do Yes "pois é, tudo bem meu bem". Na sequência o ponto alto da fita, a versão original e completa de Uma pessoa

só, com tantos teclados e recursos eletrônicos é ótimo ouvir a única passagem de piano acústico da fita. Uma melodia inconfundível e uma das mais lindas, Arnaldo canta:

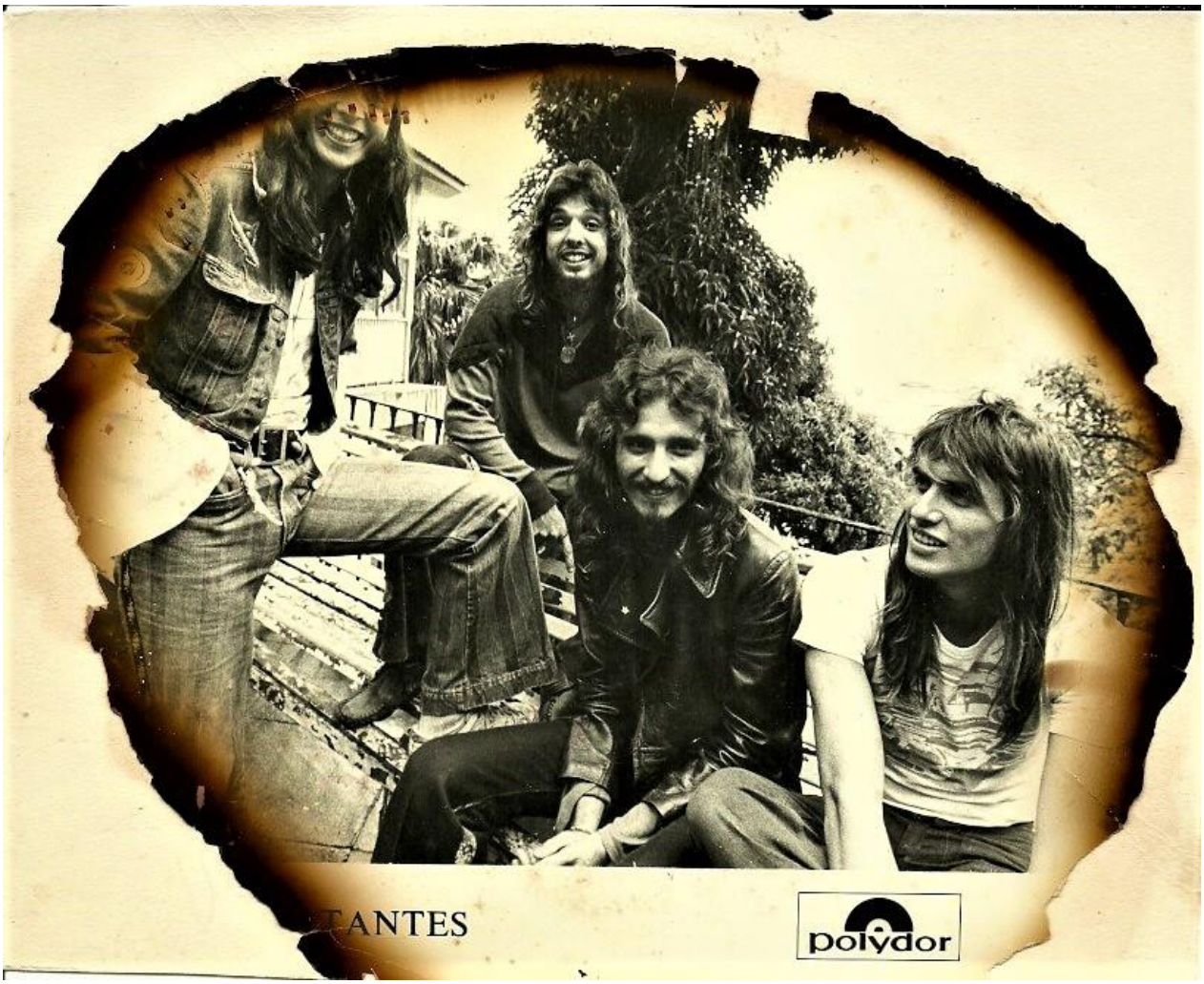
"Eu sou, você também é / e todos juntos somos nós / estamos aqui reunidos / numa pessoa, numa pessoa, só / você também está tocando / você também está tocando / estamos numa boa / pescando pessoas no mar / aqui numa pessoa só / Sou o início, sou o fim / Sou o começo, sou o fim/ Sou o A e o Z / numa pessoa, numa pessoa / Só".

OAEOZ, um álbum conceitual, com letras e temas interligados, várias peças em um único tabuleiro, e o maior mérito dele é manter a energia pulsando através da magia da música que continua enfeitiçando após os **32 ANOS** de seu registro.

A última música da fita, Gosto muito de você, é uma balada marcada pelo barulho da chuva, efeito conseguido através do mellotron, um ritmo contagiante, balada inspirada nos dias escolares, um rock'n'roll das antigas:



"Eu sei que eu não faço nada, mas eu / Gosto muito de você, de você, de você / Você não acredita em nada mas eu gosto / Gosto muito de você, de você, de você / Alimente essa que eu ainda vou transar / com você / Não esquente a cuca, o principal é eu gostar de você / Andam dizendo que a vida não tá com nada / Eu acho que não, e digo tá-tá-tá / De todo o meu coração / Legal / Eu sei que não vou na escola mas / Eu gosto, gosto muito (de você) / Eu sei que não faço nada / Eu gosto, gosto muito (de você) /Venham vós ao nosso reino aqui no Brasil / Rock'n'roll paz e amor aqui no Brasil / E talvez o fim de semana não tenha mais fim / E talvez nossa música não tenha mais fim / E talvez a nossa vida não tenha mais fim".







“Gosto Muito De Você” termina com os ruídos de uma tormenta, um sinal das futuras tempestades que se abateriam sobre o grupo.

O barulho da chuva não era efeito do Mellotron, que aliás não fazia efeito algum: só reproduzia o que se lhe gravasse nas fitas. Era um sampler a fita, precursor dos modernos, de circuitos integrados transistorizados, que todos usam – certo Mutante

inclusive. O barulho da chuva era chuva mesmo, e também o trovão, exatamente aquilo que já citei, gravado pelo Leo Wolf: uma chuvarada com o som produzido pelos raios, na Serra da Cantareira, que em sua primeira reprodução, num espetáculo que sonorizei para os Mutantes, destruiu o driver JBL 2482, um dos JBL preferidos sempre por nós, Arnaldo inclusive, aos Altec Lansing e a todos mais... senão aos Gauss, inda melhores, que surgiram mais tarde. Um destes, que estava numa daquelas maiores caixas-cornetas portáteis deste planeta, projetadas por mim e usadas pelos Mutantes, encontra-se bem aqui no Subwoofer Labiríntico Central, projeto meu publicado por mim na Nova Eletrônica. Esse alto-falante me foi presenteado por meu irmão Sérgio, pelo que sempre lhe fui grato – e continuo sendo. Quando o ganhei, presenteei a Arnaldo o alto-falante nacional de 21" que estava em meu air-coupler (um sub–woofer cujo projeto publiquei também na NE). Este alto-falante eu modificara pra poder funcionar no air-coupler, e tal modificação publiquei também na NE, ensinando a Leitora, o Leitor, a fazê-la. Arnaldo, nessa época, já passara por aquele suicídio que o não matou; e começou a se corresponder comigo, o que me deixou sumamente feliz. Porém, suas cartas iniciaram aparentemente 'normais', e, aos poucos, foram se colorindo por sua ideia-fixa, a das válvulas versus transistores, a ponto de chegar a ameaçar-me de contar ao mundo que eu escrevera um livro onde propagava a ideia dos transistores... Referia-se a *CCDB – GAVAÇÃO PROFISSIONAL*, que ele nunca lera. Em lugar de rir-me, talvez tenha chorado (mais uma vez?) por causa de Arnaldo, pois, por mais que eu tentasse, não logrei mudar o curso do diálogo, onde ele se exaltava mais e mais. Interrompi a comunicação, avisando-o de que só a retomaria se abandonasse a ideia fixa, e ele reiniciou a correspondência, com um estilo novamente 'normal', que outra vez se foi carregando do mesmo conteúdo fixo: válvula versus transistor. Depois de algumas tentativas minhas, precisei abandonar de vez a correspondência, porque concluí que lhe estava fazendo mais mal do que bem. Pela primeiríssima vez recebi cartas de Lucinha, sua esposa, que chegou a me perguntar se 'Arnaldo era assim' antes de se atirar da janela. Pensei bem se devia mentir... e disse que não, que não era assim, que era magnífico. Espero que o tenha ajudado. Infelizmente, Arnaldo volta ao tema na entrevista com o *FANTÁSTICO*, e agora a coisa me escapa das mãos. (**CCDB)**

Ainda sob contrato com a Philips, o grupo entrega as fitas para a gravadora que financiou as horas no estúdio e também decidiu que o disco não seria lançado pois o som não era comercial. Por trás disso tudo, o dedo de André Midani, ou seriam os seus ouvidos que acharam o som não comercial?

A capa estava também pronta: um desenho de uma cachoeira feita pelo artista plástico, Antonio Peticov. E os Mutantes são dispensados do cast da gravadora, sob a alegação de que o som da banda não era vendável e que poucos no Brasil de **1973** absorveriam o conteúdo e o propósito das músicas e além do mais Rita Lee não estava mais no grupo.

"André Midani (o homem que mais prejudicou os Mutantes junto às gravadoras) ficou bravo com Mick Killlingbeck, e o LP só seria lançado se os Mutantes viessem a pagar as horas de estúdio (Cr$ 20.000.000,00) só pela quantidade de zeros dá pra imaginar que era muita grana. E o jeito que Killingbeck arrumou foi vender a revista-jornal *ROLLING STONE*, para com o dinheiro pagar a Midani. Porém, esse dinheiro foi utilizado para pagar a fiança do empresário musical Hilary Baynes, o sócio de Mick Killingbeck, que estava em cana por drogas. Então os 45 minutos de som nunca saíram. Killingbeck inglês e Midani francês; será que houve algo aí? (...)



Arnaldo usou este teclado Honner durante muito tempo, mesmo ainda nos Mutantes; CCDB carregou esse instrumento nas mãos, montou e desmontou no palco, transportou pra lá e pra cá e lhe dando manutenção

"Os Mutantes atravessavam, nessa fase, a maior falta de liderança, pois se André Midani ou Michel Killingbeck queriam uma opinião dos Mutantes o resultado era o de sempre: nenhuma pessoa. Pois os Mutantes eram empresariados segundo alguns por Killingbeck que era amante de Rita Lee. (**ARNALDO BAPTISTA**)

"Quando declaro algo pertencente a essa época, sei que minhas informações são incompletas. Assim como as de qualquer um. Restou-me possuir a fita do LP *OAEOZ*. Lembro-me haver perguntado por carta à gravadora se havia algum contrato, assinado, relativo a essa época e a resposta foi: não possuo a carta. Dizem que o nome Mutantes me pertence. Contrato assinado, eu espero poder ler esse contrato que não me lembro, então de posse dele, a partir daí, lançarei *OAEOZ*".
(**ARNALDO BAPTISTA**)

"Preciso de uma autorização do Dinho, Liminha e do Sérgio. Quando conseguir, lançarei esse álbum dos Mutantes, que é o mais elaborado do grupo.
(**ARNALDO BAPTISTA**)

"Ignoro que o nome Mutantes me pertença, agradeceria se alguém pudesse informar-me. Registar novamente esse nome, seria interessante. Pois aí saberia se já é registrado e pertencente a alguém". (**ARNALDO BAPTISTA**).

"*OAEOZ* não saiu porque uma vez que a Rita tinha saído da banda e a Polygram já tinha o que queria e vinha querendo a muito tempo isto é uma artista solo, usou esta história de não comercial pois não interessava a eles a banda principalmente tocando o que estávamos tocando agora lembrem-se do que era comercial na época sim? E os estúdios (como éramos contratados) era e foi pago pela gravadora ou então ela (Universal) NÃO TERIA DIREITO NENHUM SOBRE ELE E SIM O ESTÚDIO sacou ???
Quem te informou... errou...
PS. Isso fora todas as outras implicações que quando eu resolver escrever o livro real ... ai eu falarei". (**SÉRGIO DIAS**).

Entrar no Eldorado, tomar ácido, se sentar no chão e começar a criar, claramente implica na conta do relógio.

"O Sr. A é o que eu considero representando a perfeição que eu não gosto e o Sr. Z é a perfeição que eu gosto, então darei aqui as marcas de predileção de cada um dos dois 'OAEOZ'. Que chega a determinar um grau de aceitação de algo que não é o apocalipse, mas sim o após-calipso. Eis aqui portanto (tente entender como é enorme isso):

Sr. A – possui um automóvel marca: Rolls Royce (modelo Silver Ghost).
Sr. Z – possui um Gurgel, modelo Itaipu, que é elétrico e nunca polui.
Sr. A – possui um gravador da marca Ampex (que não é digital).
Sr. Z – possui um gravador da marca Sony (modelo 2500 digital).
Sr. A – possui um amplificador na vitrola marca CCDB (transistorizado).
Sr. Z – possui um amplificador na vitrola marca Audio Research (valvulado) de 100 watts.
Sr. Z – também possui alto falantes, marca Snake (modelo MS-235).
Então aparece em cena alguém que tenta fazer da própria vida um fator reconciliador das duas crenças, chama-se Sr. Y.
Sr. Y – possui um automóvel Ferrari modelo Boxer).
– um gravador marca Studer (não digital, mas pouco conhecido).
– no amplificador a marca dele é Music Man (híbrido transistor e valvulado).
– o alto falante é marca Altec Lansing.

Continua-se a competição entre as três vidas–gostos:

Sr. A – guitarra marca: Fender (Stratocaster).
Sr. Z – guitarra marca: Gibson (Les Paul).
Sr. Y – guitarra marca: Grestch.
Sr. A – religião anglicana (protestante).
Sr. Z – religião nenhuma!
Sr. Y – mormon combinada com Quaker.
Então o Sr. Y (Rita?) Conduz à insatisfação.

"Onde A (Sérgio) e Z (Arnaldo), satisfeitos possuem vidas antagônicas. Até que aparece um mágico no contestar o Sr. K (Michael Killingbeck?). Porém nessa etapa tudo quase vira soco ou pontapé, o que aconteceu com os Mutantes". (Arnaldo Baptista).

Em 'Sr. Z possui um gravador da marca Sony, modelo 2500 digital', note uma (...) contradição em Arnaldo: os gravadores digitais que ele aqui eleva à 'perfeição que gosta' são inteiramente transistorizados e têm todos os defeitos dos transistores, somados a mais alguns dos circuitos digitais. Os gravadores AMPEX que Arnaldo compara à 'perfeição que não gosta' vêm do tempo das válvulas, são analógicos; e a distorção que produzem nas fitas equivale à dos amplificadores valvulados, que soa bem. (**CCDB**).

Em Sr. A possui amplificadores na vitrola marca CCDB transistorizados, já comentei mais que o bastante, nas mensagens que trocamos, Mário, a questão válvulas e transistores. (**CCDB**).

Em 'também possui alto-falantes marca SNAKE', isso é propaganda de Arnaldo para a SNAKE, fábrica nacional que sempre copiou, e mal, os alto-falantes JBL, norte-americanos. Em tempo: conquanto as cópias não chegassem aos pés dos originais, eu próprio, quando meus Clientes não podiam adquirir os JBL, recomendava os SNAKE, porque eram os melhores nacionais. Devo expor inclusive, que a SNAKE certa época me presenteou alto-falantes de sua fabricação para que os destruísse com meus testes, de modo a dar-lhe o retorno dos resultados, o que fiz com prazer – e sempre; ou seja: sempre destruí a todos, jamais me aproveitando do presente para outros fins. Note que aqui Arnaldo não cita os alto-falantes do Sr.A, ou que, se os mencionou, você não os incluiu em seu livro, Mário. Qual seriam estes?... (**CCDB**).

Em 'Sr. Y'. No amplificador a marca usada por esse sr. fictício é Music Man, 'híbrido transistor e valvulados'. Esse amplificador é o que há de ruim! Foi um projeto infeliz de Leo Fender, que combinou o que o transistor e a válvula têm de mau, sem aproveitar o que possuem de bom. Ele pôs os transistores no pré-amplificador e as válvulas na seção de potência, quando deveria ter feito o contrário, caso pusesse o som em primeiro lugar perante outras questões técnicas e mercadológicas. A distorção bonita da válvula, o tal 'som de válvula' se dá nos triodos (ou duplos triodos), como a 12AX7 e sua versão anti-microfônica 7025, dos pré-amplificadores, cuja distorção por saturação produz sinal assimétrico, arredondado e rico em harmônicos pares; não, nos pentodos, como as 6L6GC ou as EL34 e cia., das seções de potência, cuja distorção é simétrica e abrupta, símil à dos transistores saturados. Quanto à distorção feia dos transistores, acontece em qualquer seção, de pré ou de potência, caso não seja eliminada por um bom projeto, o que é fácil e costuma ser feito. As vantagens que Leo Fender obteve nesse projeto não estão no som; sim, na redução do ronco da pré-amplificação, porque se evita o filamento das válvulas, que sói ser alimentado por corrente alternada (a que insere o ronco no sinal), mas pode sê-lo por corrente contínua (que o não insere). Na seção de potência do amplificador Music Man, a extensão da resposta a frequências que as válvulas têm (caso se usem com alto-falantes convencionais dinâmicos de baixa impedância, como é o caso de todos os amplificadores para instrumentos musicais deste planeta) é reduzida pelo transformador de saída, que o transistorizado não precisa ter. Ambos os amplificadores, a válvula e a transistor, podem ter resposta extensa, se bem projetados – e não se esqueça dos long-channel MOS-FET de potência para áudio, transistores cujas curvas de transferência e a extensão da resposta se equiparam às das válvulas, sem os problemas destas. (**CCDB**).

O alto-falante Altec Lansing', é de uma empresa que James Bullough Lansing (Jim Lansing) criou e dirigiu durante certo período para um poderoso grupo industrial: a Standard Electric, se não me engano – a história certa e completa está nos catálogos da JBL. Jim abandonou a Altec e criou sua própria empresa, a inda mais lendária JBL

(note que a trigla foi tirada do próprio nome inteiro do fundador, bem como acontece com CCDB), cujos alto-falantes e mais produtos sempre manteve um passo adiante dos da Altec, empresa cujo nome foi mudado de Altec Lansing para Altec, quando o fundador a abandonou. Não é à toa que a Altec se sumiu do mercado por uns tempos, retornando com produtos para computadores, enquanto a JBL continua, cada vez maior e melhor, como talvez venha a acontecer conosco, quando meu filho Rafael retomar a produção 'da' CCDB. Não se comparam os motivos pelos quais a Altec se eclipsou e pelos quais a CCDB pausou: o desta se liga a uma obra incomparavelmente maior: a superna *GÉA*. Seria o JBL, transdutor que recomendei e introduzi nos sistemas dos Mutantes, o alto-falante do Sr. A? Sobre as guitarras dos três senhores inventados por Arnaldo, já teci meus comentários. Não sei o motivo de Arnaldo não ter tido a coragem de mencionar as guitarras, guitarras-baixo, guitarras de doze cordas, contrabaixos e tal que fiz etaut modifiquei para ele e Sérgio (se não quisermos estender o nome de Mutantes a Liminha e a outros participantes do grupo), as quais ambos sempre usaram. Talvez Arnaldo esquecesse minhas guitarras porque fossem inatingíveis pelos três senhores: elas se achavam e acham acima da perfeição. Toda a história dos três senhores de Arnaldo é ideia boa, mas a realização foi péssima, aleatória, despreocupada em atingir este ou aquele indivíduo, esta ou aquela empresa, sem base sólida: um verdadeiro 'chute', e que me sabe deveras proposital. (**CCDB**).

Dentro da série de shows musicais *PHONO* 73, organizados pela Phonogram (ex-Philips, e depois Polygram) durante o mês de maio, os Mutantes eram a grande atração da noite. Na mesma noite aconteceu a única apresentação das Cilibrinas do Éden, nome escolhido por Rita e Lúcia Turnbull, um delicado e acústico duo, vítimas de uma vaia homérica, mas o ponto alto do show era a apresentação de Chico Buarque e Gilberto Gil, que apresentariam Cálice recente e até hoje única composição da dupla.

O primeiro encontro de Odair José com Caetano veloso também aconteceu neste espetáculo. Na ocasião, Odair cantou junto com Caetano, o que provocou mais vaias que aplausos, fato que deixou Caetano irritado e o fez reagir com a antológica frase "não há nada mais Z do que a classe A", numa crítica a o comportamento elitista do público, que não admitia o encontro de dois representantes de plateias tão distantes quanto a esclarecida e o "povão".

Acomodados nos banquinhos e com os violões afinados, Gil e Chico deram início, mas a plateia não ouviu som algum. Os dois entreolharam-se desconfiados e recomeçaram novamente: ainda nada. Os microfones continuavam emudecidos, microfones que minutos antes funcionavam perfeitamente. A plateia, que recebera a dupla num respeitoso silêncio, começava a ficar impaciente. Impacientes estavam também Chico e Gil. Uma terceira e frustrada tentativa, desistiram. Entre o espanto da plateia e a decepção estampada na cara dos autores, receberam vaias e aplausos, ninguém entendia o que estava acontecendo.

Chico rosnou: "vamos ao que pode" e foi claramente ouvido em todo o Palácio do Anhembi, os microfones estavam milagrosamente recuperados e o que se ouviu foi uma versão irada de Jorge Maravilha.

Foi pelos idos de **1968** que a Censura passou a fazer parte, concretamente, do cotidiano do brasileiro. Devido à ação palpável e real da tesoura federal, os compositores, cineastas, teatrólogos, escritores e jornalistas passaram a desenvolver uma linguagem própria, impregnada de metáforas, visando a não modificação total da

criação ou texto, boa parte da produção mesmo assim permaneceu engavetada ou perdeu sentido e força devido aos cortes e vetos da Censura Militar.

Os presentes no *PHONO 73* presenciaram o hisatórico episódio da música Cálice (julgada imprópria para audição pública), e como Chico e Gil não abriram mão de apresenta-la, só restou um recurso extremo cortar o som! Decisão da gravadora ou da polícia?

Segundo relato do Jornal da Tarde, "a Phonogram resolveu cortar o som dos microfones de Chico, para evitar que a música, mesmo sem a letra, fosse apresentada".

A comunicação abriu os canais para o "jeitinho brasileiro", falar da realidade com ginga de malandro, ceder um pouquinho aqui e ousar um tanto ali, evitar que o texto seja arquivado ou que os cortes deixem a obra sem sentido, maneira que o receptor entenda a ideia original.

Expediente que realçaria o brilho da MPB, que sob todas as formas de pressão, conseguiu ser original e ousada.

Os anos de **1973**/74 foram difíceis com um pique notável de vetos, impedindo a divulgação e o trabalho dos autores. Pouquíssima gente escapava, desde Gonzaguinha, Roberto e Erasmo aos mais obscuros grupos de rock de garagem.

O Made in Brazil trocou o verso "Eu quero chupar o seu sorvete" por um mais ameno "Eu só quero tomar um sorvete", já os cariocas do extinto Faia que descreviam o dia-a-dia de uma prostituta na sua Petunia Macadame, tiveram a música vetada com a justificativa: "não existe semelhante problema no Brasil".

Roberto e Erasmo Carlos tiveram duas músicas censuradas em **1974**, revelou a Folha de S. Paulo. “Vida Blue”, que contava a história de um nordestino que é morto pelo Esquadrão da Morte, continua inédita. “Patu” teve seu nome mudado para “Baby” e acabou sendo liberada, saindo num compacto de Erasmo.

“Quem Não Tem Colírio Usa Óculos Escuros”, canção inteiramente vetada de Raul Seixas e Paulo Coelho, foi subitamente liberada com outro título: “Como Vovó Já Dizia”, graças ao velho expediente de trocar o título.

Chico Buarque de Hollanda, velho conhecido da Censura, integrante do grupo dos "mais censurados", lançaria em **1970** o LP *APESAR DE VOCÊ* foi recolhido das lojas, o disco *CALABAR*, após diversos cortes nas letras teve de mudar o nome original para *CHICO CANTA*, (chegou a sair uma capa, logo recolhida, com a palavra Calabar pichada num muro). Em *CALABAR* estava a letra de “Vence Na Vida Quem Diz Sim” que permaneceria censurada por muitos anos ainda...

Flor da idade, foi uma das várias composições de Chico vetadas pela Censura e o público não pôde cantar versos como "A gente faz hora faz fila na vila do meio-dia / Que agonia...".

Chico chegou a abandonar os palcos pois não conseguia liberação do repertório de seus espetáculos junto às autoridades.

"Considero Chico Buarque, como é justo, o maior letrista brasileiro, de todos os tempos. Divirjo de Chico Buarque numa questão fundamental: ele é cubanófilo. Eu sou democrata. Como apreciador da música popular continuo achando que Chico Buarque

é um extraordinário talento. É uma pena que de vez em quando ele descambe a elogiar Fidel Castro". (**ARMANDO FALCÃO**).

Dentro do incômodo grupo dos censurados estavam Milton Nascimento, Luís Gonzaga Jr., Zé Rodrix, Taiguara e anos mais tarde as duplas João Bosco/Aldir Blanc e Ivan Lins/Vítor Martins adeririam ao estranho grupo.

Em seu LP desse ano, *MILAGRE DOS PEIXES*, Milton Nascimento sofreu o veto total de três músicas: “Cadê”, “Escravos De Jó” e “Hoje É Dia De El Rey”, vetos que transformaram o LP num disco praticamente instrumental.

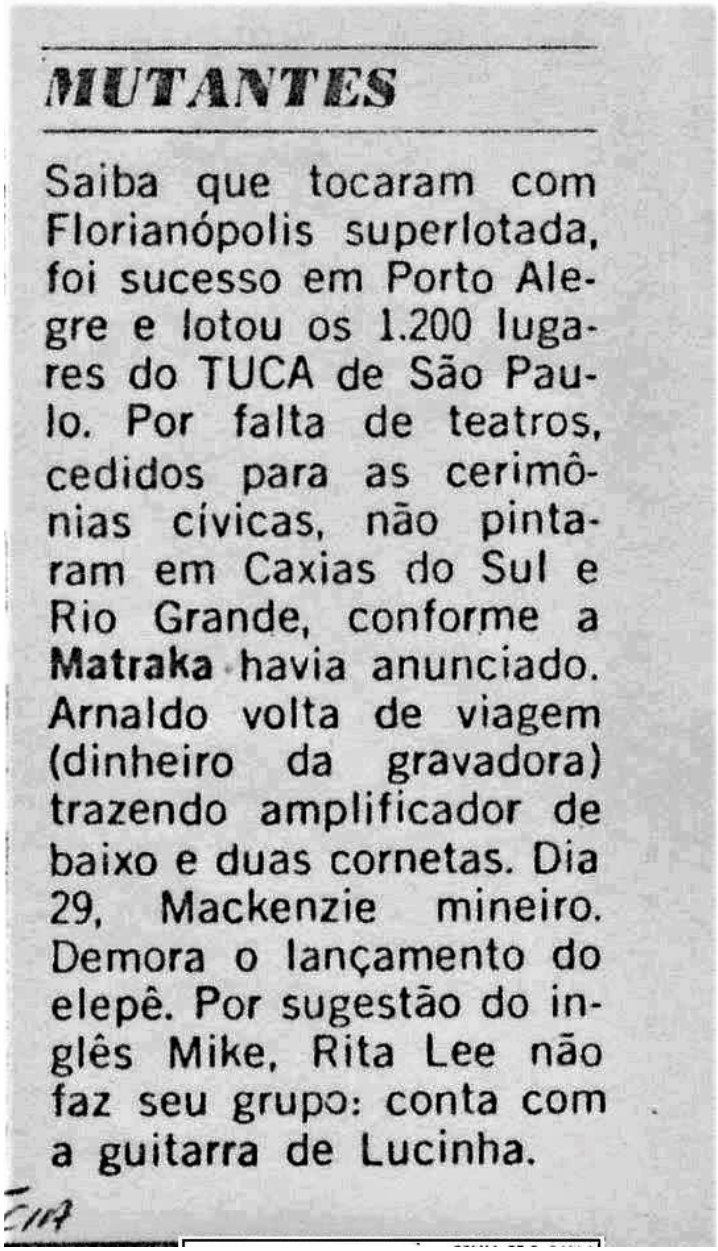
"Como artista, não posso admitir que a Censura exista. Eu queria, sinceramente, que ela sumisse para sempre! (**MILTON NASCIMENTO**).

Gonzaguinha além de ter o seu disco de estreia retirado das lojas sofreu ainda mais quando viu o lindo repertório do seu terceiro disco impiedosamente castigado pelos censores, desgostoso Gonzaguinha adoeceu mas não caiu.

Outra vítima, Zé Rodrix, que recentemente havia se desligado de Sá e Guarabira, teve a sua safra musical desse ano armazenada nos porões por muitos anos entre os títulos: Liberdade é uma porta com a chave do lado de dentro, Canção do operário de obra, uma de suas prediletas, e Fora das grades feita em homenagem a Lennie Dale, preso naquela época.

Nem os Secos e Molhados escaparam, Tristeza militar, uma canção de João Ricardo antes liberada para shows, posteriormente foi proibida quando o conjunto alcançou sucesso nacional: "Não há mais hora H / Ou medo de gritar / Tristeza militar".

A grana foi ficando escassa, as músicas não pintavam e durante um ensaio na Cantareira, os Mutantes foram interrompidos aos gritos pelo motorista Sardinha. Na hora de dar a partida no caminhão do grupo, surgiu uma faísca que deu início a um incêndio. Passaram horas tentando apagar o fogo, ao final, salvaram poucas coisas. O órgão Hammond ficou tão danificado que nem substituindo uma peça de metal, ficaria bom de novo. Os roadies do grupo estavam encanados. "Começamos a pensar que alguém tinha feito macumba para nós". (**ARNALDO**).



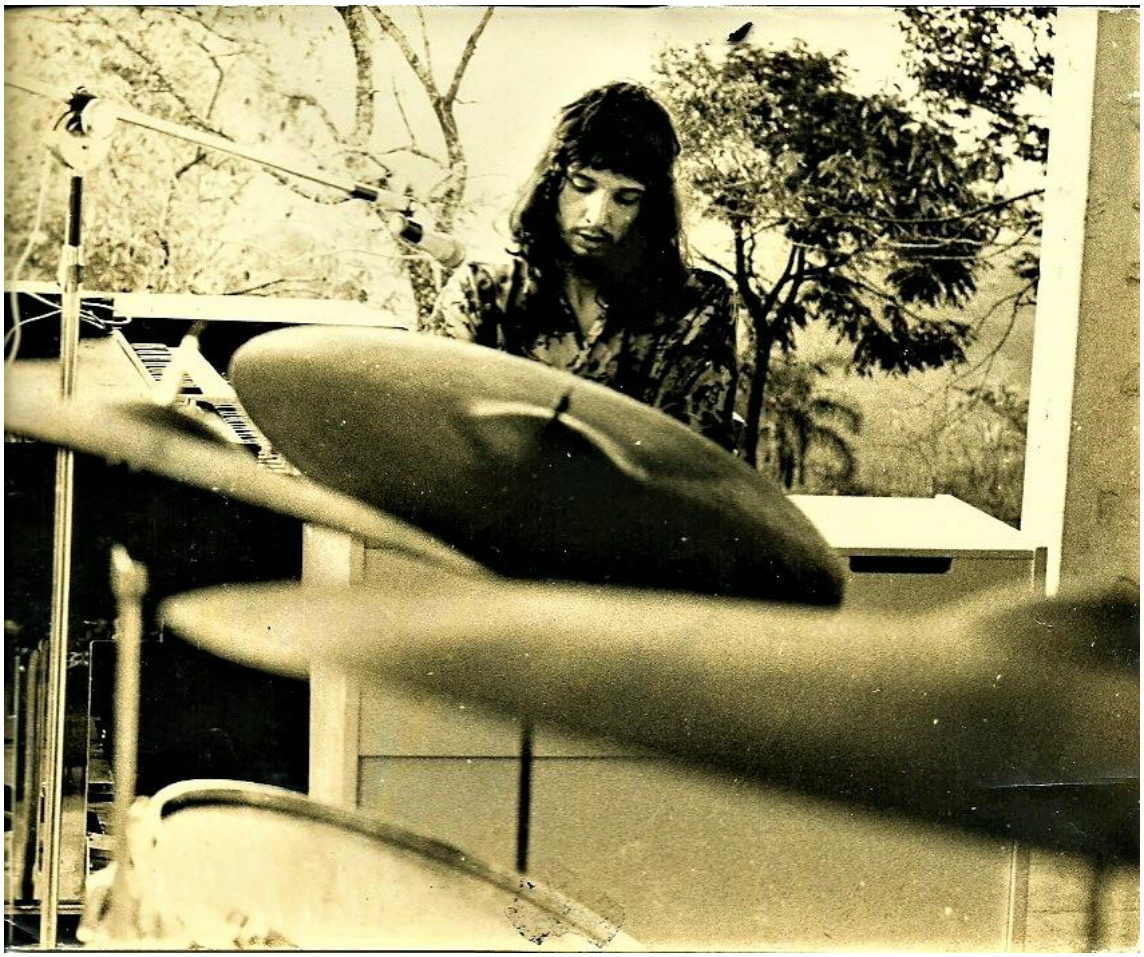
MUTANTES

Saiba que tocaram com Florianópolis superlotada, foi sucesso em Porto Alegre e lotou os 1.200 lugares do TUCA de São Paulo. Por falta de teatros, cedidos para as cerimônias cívicas, não pintaram em Caxias do Sul e Rio Grande, conforme a **Matraka** havia anunciado. Arnaldo volta de viagem (dinheiro da gravadora) trazendo amplificador de baixo e duas cornetas. Dia 29, Mackenzie mineiro. Demora o lançamento do elepê. Por sugestão do inglês Mike, Rita Lee não faz seu grupo: conta com a guitarra de Lucinha.

Os Mutantes, na **METADE DO ANO**, em julho apresentam-se em Salvador, e Arnaldo manifesta o seu desejo de abandonar o grupo. Depois da apresentação, Arnaldo parte solitariamente para um festival na cidade de São Lourenço, em Minas, onde ele solicita ao prefeito doze fogueiras, representando os doze signos zodiacais; uma ideia dele, inspirada no louquíssimo "Rainbow Bridge", um concerto de Jimi Hendrix no Havaí, onde cada facção do público devia vir numa cor do arco-íris e depois dos shows tentar entrar em contato com "inteligências superiores". Foi nesse festival que Arnaldo conheceria Maria Lúcia Barbosa; a Lucinha uma pessoa que seria importantíssima em seu futuro, uma das maiores fãs dos Mutantes e especialmente de Arnaldo e que, ao longo dos anos, reuniria, pacientemente, recortes de jornais, fotos, ingressos, roteiros, panfletos de shows, dados e até participando na produção do guarda-roupa e no registro de alguns shows num gravador portátil.

"*OAEOZ*, foi inspirado em Deus pelo Yes, e eu odiei isso". Arnaldo observava que o grupo não estava mais na sua viagem musical: "Serginho tocava Fender porque gostava de Jimi Hendrix; Liminha tocava Rickenbaker porque gostava de Chris Squire; eu tocava Hammond porque gostava do Jimmy Smith e o Dinho eu acho que ele gostava do Billy Cobham, um baterista que eu também gosto. Não existia nada assim naquele tempo, nada se comparava, era uma mistura pessoal, muito difícil e que não estava dando certo. (**ARNALDO BAPTISTA**...)

"Nossa viagem musical teria continuado se eles optassem por instrumentos Gibson. A guitarra Fender só produz um som riquíssimo em médios desprovida de peso, já o baixo Rickenbaker é um som agudíssimo mas também sem peso, resultando numa enorme diferença: um buraco. (**ARNALDO BAPTISTA**...)

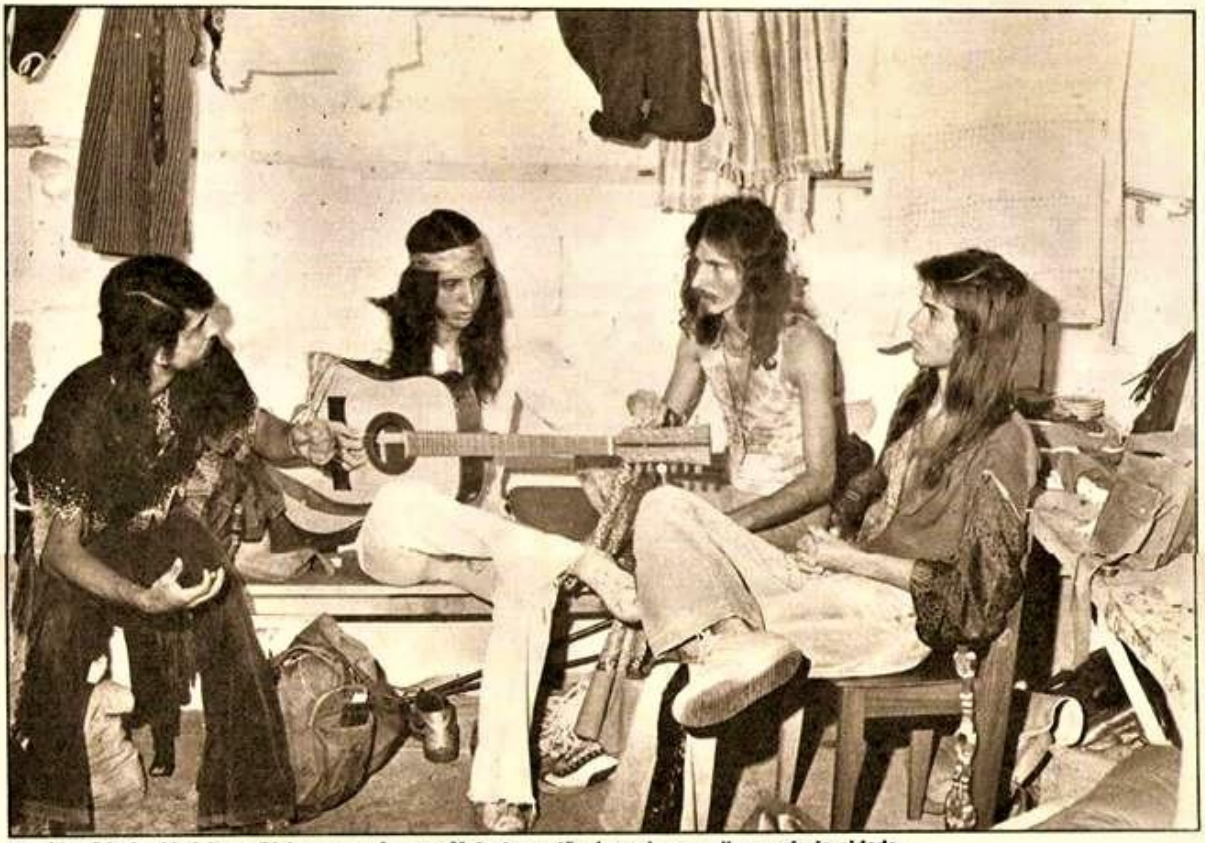


“Tento tangenciar o quanto existe de diferença entre os amplificadores valvulados e os transistorizados. Quando, acima de 75% de volumes graves e agudos também decai em 35% a 45%, o som sub–harmônico em relação a nota dó. E isso pode parecer ínfimo agora, mas num show acima de 6000 watts fica enormíssimo! O som decai em grande escala. O que prejudica em muito o tecladista. Então pedi ao meu irmão Cláudio César Dias Baptista (CCDB), que construísse amplificadores valvulados para mim, e ele respondeu que não iria construir amplificadores valvulados nunca. Então eu disse aos Mutantes, eu vou abandonar-vos! E eles nem ligaram ou fizeram o que eu queria. (Arnaldo).

"Não é verdade de Arnaldo que eu lhe tenha dito que 'nunca construiria amplificadores valvulados para ele'. O que aconteceu: ele e eu discutimos em minha casa a respeito das vantagens e desvantagens de ambos os tipos de aparelhos; e, como discutimos, e ele não queria entender a realidade, acabei não lhe construindo amplificador algum. Se Arnaldo quisesse amplificadores transistorizados e houvesse discutido assim comigo, com toda a certeza também não os teria obtido de mim. Inclusive porque nunca nem ele nem nenhum dos outros Mutantes me pagavam pelo trabalho; e inda está a aparecer neste planeta quem trabalhe de graça para quem o ofende, quando não seja escravo de paixão, de amor, de fato e tal. Escravo eu jamais seria, nem no tempo da escravidão: meu pai devia estar certo quando dizia que temos sangue tupi. Dado curioso: o equipamento que eu criara para meu próprio uso em **1972** já funcionava há um ano na época em que Arnaldo e eu discutimos e cá está em minha casa a pleno vapor funcionando até hoje e sendo frequentemente elogiado por quem o descobre como 'o melhor som que já ouviu', já com trinta e três anos de existência e

OS MUTANTES NA MUDANÇA





Arnaldo, Sérgio, Liminha e Dinho: com eles, os Mutantes estão fazendo o melhor rock da cidade.

No início, quando cantavam como o conjunto "Mama's and Papa's", os Mutantes eram apenas três: Rita Lee, Arnaldo e Sérgio. Com o tempo eles sentiram a necessidade de aumentar e incluíram uma baterista em suas apresentações; muitos shows, viagens e festivais acabaram transformando os Mutantes numa banda.

Mas o grupo que estreou semana passada no Teatro Tereza Raquel (Rio), num animado show de rock, é bem diferente daquele que o público se acostumou a ver como os Mutantes. Sem Rita Lee, mas conservando o nome, Arnaldo e Sérgio são os líderes do novo grupo.

— E estamos contentes por Rita ter formado seu próprio conjunto. Isso significa que com mais um conjunto de rock, o movimento pop só tende a crescer no Brasil. A explosão de rock entre nós só é comparável à da Inglaterra na época dos Beatles. Isso é um dado altamente positivo para nós.

Com o novo conjunto, os Mutantes estão fazendo uma nova experiência: juntando conjunto e platéia numa coisa só.

— E isso só é possível através do rock, que faz as pessoas viverem o presente sem se importar com passado ou futuro.

Há algum tempo atrás, Arnaldo, Sérgio, Liminha e Dinho pensavam apenas em ganhar dinheiro. Ficavam em casa esperando convites para shows e TV, só se interessando por dinheiro. Arnaldo conta:

— Foi difícil abandonar aquela fase, com todo aquele comodismo. Atualmente vivemos como ciganos e nossa casa é o local de nossas apresentações.

Para Sérgio, o público de hoje já não é o mesmo de há quatro anos.

— Por isso nós também mudamos. Estamos cantando para o pessoal da estrada, gente que saca o nosso som. Aquele conjunto certinho, bonitinho e que fazia gracinhas não existe mais. As pessoas não se divertem mais com nossos shows. Elas vivem e vibram com nosso grupo.

O novo equipamento dos Mutantes foi planejado por Cláudio, irmão de Arnaldo, e precisa de quatro técnicos para funcionar. Sérgio diz:

— Temos 2.600 watts de potência. Só para o palco são usados 600 e a mesa de controle funciona como um estúdio de gravação. Com treze entradas independentes, a mesa recebe o som de cada microfone ou instrumento, jogando para a platéia cerca de 200 watts através de 10 amplificadores. Desta maneira, nós ouvimos os outros músicos no palco e a platéia tem um som perfeito.

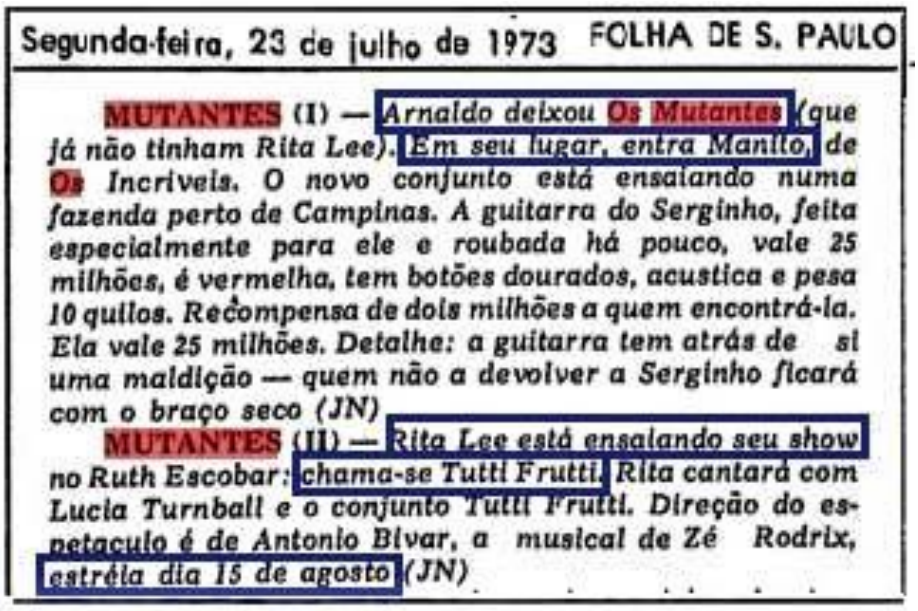
Esse som de que Sérgio fala está sendo mostrado na temporada carioca no Terezão, mas já reuniu quase 10 mil pessoas em Salvador, numa praça pública.

— Por isso acreditamos em nós. •

Reportagem de Geraldo Lopes

Fotos de Aldyr Tavares

sem assistência técnica a partes fixas. Mas isso não é 'culpa' dos transistores, pois o som seria igualmente bom se valvulado: é a multiamplificação, o projeto das caixas acústicas e a qualidade dos transdutores. Claro que, se fosse valvulado, jamais teria suportado trinta e dois anos sem assistência, mesmo porque válvulas envelhecem naturalmente em muito menos tempo, precisam ser trocadas; o circuito onde se inserem, recalibrado... e tal – como já lhes contei. (**CCDB**).



Segunda-feira, 23 de julho de 1973 FOLHA DE S. PAULO

MUTANTES (I) — Arnaldo deixou Os Mutantes (que já não tinham Rita Lee). Em seu lugar, entra Manito, de Os Incriveis. O novo conjunto está ensaiando numa fazenda perto de Campinas. A guitarra do Serginho, feita especialmente para ele e roubada há pouco, vale 25 milhões, é vermelha, tem botões dourados, acustica e pesa 10 quilos. Recompensa de dois milhões a quem encontrá-la. Ela vale 25 milhões. Detalhe: a guitarra tem atrás de si uma maldição — quem não a devolver a Serginho ficará com o braço seco (JN)

MUTANTES (II) — Rita Lee está ensaiando seu show no Ruth Escobar: chama-se Tutti Frutti. Rita cantará com Lucia Turnball e o conjunto Tutti Frutti. Direção do espetaculo é de Antonio Bivar, a musical de Zé Rodrix, estréia dia 15 de agosto (JN)

O pensador e idealizador dos Mutantes parte para a carreira solo. Cansado, ele ainda seria chamado várias vezes para ocupar o seu posto, o que só ocorreria esporadicamente durante participações, seja operando a mesa de som para o grupo ou na abertura dos shows finais do grupo em **1978**.

Arnaldo resolveu dedicar algum tempo como produtor e chegou a produzir o primeiro compacto do Joelho de Porco, "Se você vai de xaxado, eu vou re rock'n'roll/Fly America", lançado pelo selo Sinter da Phonogram, que infelizmente não aconteceu.

O ano de **1973** foi negro para o rock e a MPB. Ali morria o som original dos Mutantes e no território da MPB, além dos cortes da censura, perdia um dos maiores vultos de sua história, o compositor e multiinstrumentista Alfredo da Rocha Viana Jr., o Pixinguinha. É o ano da inflação, do flagelo mundial, a crise do petróleo, que se se aprofundaria daí por diante, onde o ministro Delfim Neto lançava por todo o Brasil os cartazes da campanha: "Diga não a inflação".

Com a saída de Arnaldo, entra em seu lugar Manito (ex-Incrivéis), um organista experiente "voando atrás de Keith Emerson e caindo a meio caminho sem fôlego". (**JORNAL DE MÚSICA E SOM**).

"Neste momento, com a saída da Rita e logo depois a do Arnaldo, muitos músicos transaram com a gente: Liminha, Dinho, Manito entre outros. Influenciávamos muito por tudo que vinha de fora, o apuro técnico, o espelho. Eu punha na vitrola os disco dos melhores guitarristas, pegava um violão e ficava escutando milhões de vezes, até acertar completamente todos os solos, pois minha preocupação principal era conseguir tirar um som igual ao de um John McLaughlin ou um Steve Howe". **(SÉRGIO DIAS AO JORNAL DE MÚSICA E SOM, Nº 21, AGOSTO/1976).**



Ronaldo Leme, o Dinho, baterista dos Mutantes guarda em sua casa um tesouro: a gravação de um show dos Mutantes. "Ele [o disco] é incrível, muito bom. Só que foi numa época final do grupo, já sem o Arnaldo", conta Dinho. O show foi gravado em Goiânia, quando Arnaldo Baptista (voz e teclados) e Rita Lee (voz) já haviam deixado o grupo. Na época, os Mutantes eram: Sérgio Dias (guitarra e voz), Liminha (baixo) e Dinho, ao lado de Manito (teclados, sax). Essa foi a época de maior popularidade dos Mutantes, quando faziam shows que atraíam de três a cinco mil pessoas. "Eu tenho metade [dessa fita] e o Liminha tem a outra. Eu fiquei com o final e ele com o começo", explica o baterista. "É um rock pesado, ao vivo, tem solo de bateria muito bonito, solo de baixo, de sax." O repertório da gravação se baseia no disco "A e o Z".

"Sérgio fala sem emoção das diversas escalações porque os Mutantes passaram após a saída de Rita: eu nunca sei em que dia, mês e ano estamos. Só sei que essa foi uma fase de muita loucura. Depois saiu Arnaldo, e entrou Manito. Saiu Manito e Dinho e entraram Túlio e Rui. Saiu Liminha e entrou Pedro".
(**REVISTA ROCK, A HISTÓRIA E A GLÓRIA, Nº9**).

Dinho saiu por problemas de controle motor e os Novos Mutantes estreariam em um show em Ribeirão Preto para **400 PESSOAS,** com a seguinte escalação: Sérgio nas guitarras; Túlio Mourão nos teclados; Rui na bateria e Antonio Pedro no baixo.

Esse Pedro é Pedro Fortuna, mais tarde participante do grupo Blitz. Pedro, já nesse grupo, comprou-me um amplificador CCDB para seu contrabaixo e encomendou-me um par de caixas acústicas que se tornaram as lendárias CCDB-Blitz, cujo projeto publiquei na Nova Eletrônica e muita gente usa té hoje. (**CCDB**).


23 de Maio de 1974, Matutina, Cultura, página 31

O GLOBO

Tutti Mutantes

Confirmadíssimo o show milionário que Os Mutantes (foto) e Rita Lee farão neste sábado no ginásio do Tijuca, às dez da noite. Equipamento de som nunca visto (e sobretudo ouvido) no Brasil e, além disso, serão montados dois palcos onde Rita & Tutti Frutti e Os Mutantes apresentarão duas tendências bem diferentes dentro do rock atual.

● Para o final está prometida "pela primeira e única vez" uma apresentação conjunta de Rita e de Os Mutantes, o que não acontece desde que ela se separou do grupo, numa boa, mas se separou.

● Tremendo *show* de luz por conta dos americanos Gig Gillespie e Andy Millies — homens de luz da equipe de Alice Cooper que se amarraram no Brasil e ficaram mesmo por aqui.

● Outra herança de Alice Cooper, esta um pouco mais incômoda, coube a Rita: as duas cobras ficaram em sua casa de São Paulo, deixadas como "souvenir" por Alice Cooper. Rita não está transando muito bem com as cobras, que, apesar de maçanas, são portadoras de um profundo baixo astral, que, segundo o líder do Tutti Frutti, "não permite um relacionamento legal das pessoas com elas (as cobras)".

● Os Mutantes, que eram empresados por Mônica Lisboa (que transa esta para Rita), estão sendo administrados daqui para a frente pela Toca Produções Artísticas, que é dirigida por Samuca Wainer Filho. Em compensação, Mônica está preparando um novo grupo de rock para lançamento imediato: Arnaldo e seus Cometas. O Arnaldo, no caso, é o irmão de Sérgio e ex-integrante de Os Mutantes.

Em **31 DE OUTUBRO DE 1974**, os Mutantes apresentam as novas músicas e a nova formação aos cariocas dentro do projeto *ABERTURA DA TEMPORADA DE VERÃO*, no Teatro João Caetano, ao lado do Terço e do Veludo.

Em novembro é lançado, pela Som Livre, o álbum *TUDO FOI FEITO PELO SOL* com suas melodias suaves e brincadeiras, como mostram as faixas Pítagoras e Desanuviar. O som do disco é inferior ao som do *AEO Z* e mostra os Mutantes navegando nos mares da auto-indulgência.

"Os Mutantes eram o Arnaldo, eu sempre disse isso, sempre achei isso. Era a base dele, da loucura dele, que o Serginho completava com aquele perfeccionismo dele, como o ótimo músico que ele era e é. Eu dava mais os lances visuais. Mas o coração era o Arnaldo. Tanto que eu saí, mas os Mutantes só desbaratinaram quando o Arnaldo sartou. Os Mutantes de hoje... Olha, acho que o Serginho devia ter trocado de nome, aquilo não tem nada a ver com os Mutantes. É uma coisa bem feita, o Serginho é excelente, mas é aquela frieza, aquele Mahavishnu todo... e eu que me lembro do Serginho bem tchã... tchã... cheio de balanço.
(**RITA LEE AO JORNAL DE MÚSICA E SOM, 1977**).



"Os Mutantes foram um grupo muito bom e muito importante para a música pop. Certamente será uma lacuna difícil de se preencher. Rita tomou seu caminho, eu estou me preparando para algumas excursões, e Sérgio continua firme com a ideologia dos

Mutantes. Uma pena a separação". (**ARNALDO**).

"Estávamos sentados ao redor de um anjo de cemitério – que enfeitava o quintal da casa de Arnaldo – eu, ele, Serginho e Liminha. Perguntamo-nos o que fazer e naquele momento sentimos que o grupo havia acabado. Choramos bastante juntos e fomos embora". (**DINHO**).

'Os Mutantes eram o Arnaldo'. Será? Sem o Cláudio, não eram! Com Arnaldo, Sérgio e Rita, formavam o triângulo tão estudado pelos rosacruzes (ou rosa-cruzes). Esse triângulo se repete em várias obras de autores que lhe conhecem o efeito; entre elas, Startrek, onde as personalidades dos três Mutantes e respectivamente na sequência correspondente, é a de Mc Coy, Spock e Kirk. Sim, Rita seria Kirk. E Sérgio, com sua aparente frieza, é o mais humano, conquanto Spock seja vulcano... mesmo porque essa frieza é a máscara para o que só lhe sai das cordas nas entrelinhas, vezes mais líricas e pungentes que as manifestações dos demais. O episódio de Mc Coy drogado, que foge por um portal do tempo rumo ao passado da Terra e quase morre, serve como ilustração da personalidade de Arnaldo. E mesmo o resto desse episódio é extremamente relacionado, por meio da 'sincronicidade' e tão a gosto de Jung; mas melhor ainda pela 'biorrelatividade' de Clausar, com a corrida dos companheiros atrás do doutor, para salvá-lo... Porém... sem Gene Roddenberry... Sem a tecnologia... (**CCDB**)

"A minha primeira internação como louco no Hospital Boa Vista foi feita por Rita Lee, que acreditou nas palavras de um padre: a amplificação valvulada, defendida pelo Arnaldo, é um pacto com o demônio que ele fez". (**ARNALDO BAPTISTA**).

"Lembrei-me do fato que desencadeou essa atual fabricação dos amplificadores transistorizados. Na época que antecede em um ano o lançamento aqui no Brasil do primeiro amplificador transistorizado: Phelpa 40 Watts. Houve nos Estados Unidos um pronunciamento da *NASA* a respeito da proibição da utilização de aparelhos valvulados em todos os aeroplanos. Porque eram pesados e quebradiços, então numa decorrência estúpida, a fábrica Kenwood, que construía uma linha de montagem de amplificadores de conjunto transistorizados, declarou que as válvulas, eram passado da *NASA*". (**ARNALDO BAPTISTA**).

A FURADA NO SEPTO NASAL (CCDB©)

"Cinco vezes internado injustamente só porque defendi a amplificação válvula". (**ARNALDO BAPTISTA**).

"Os Atlantes, acabamos por causa do KSE, Kier! Não acha, Cinda?

– Os Atlantes eram só Sérias, Ardo e Ree. Ardo se deu mal.
– Os Atlantes éramos nós e o Té, Cinda.

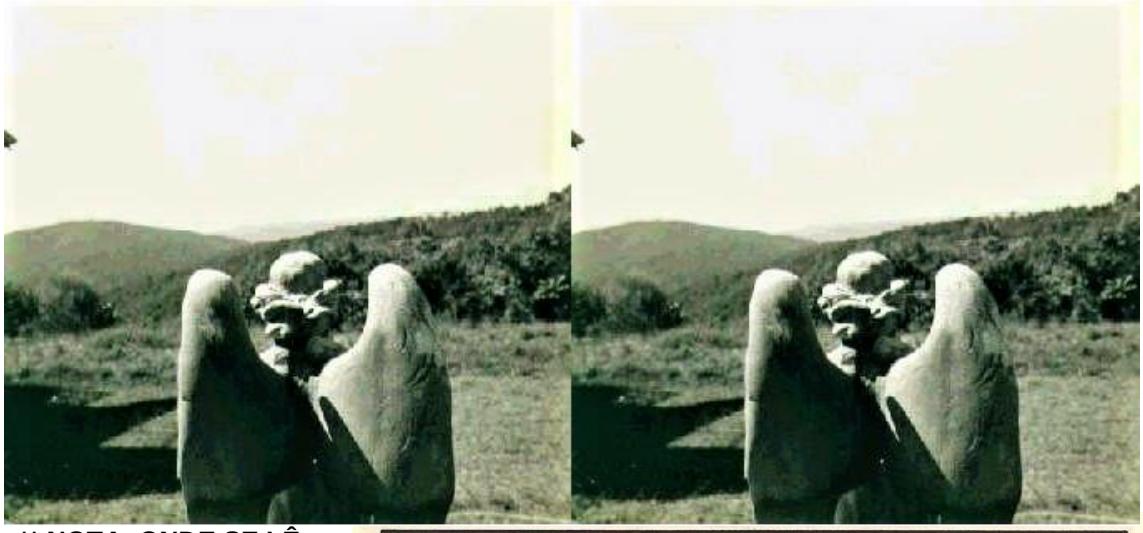
– Eu não tocava mais.
– Não precisava tocar para ser sempre um Atlante.
– Obrigado... Isso não tem mais importância. Minha preocupação é com o Cray.

Principalmente por seu aviso, Kier, ao contatar a tal Irmandade. Ele tem andado muito estranho! Outro cromat, pediu-me para furar-lhe o nariz e pôr-lhe um brinco, sem empregar anestesia. Relutei, o Cray insistiu, e satisfiz-lhe a vontade: afiei em ponta uma chave de espira, desinfetei-a e perfurei-lhe com ela a cartilagem lobular. Não achei estranho o fato de o Cray usar esse adorno: muita genk dita sã faz disso seu encanto; assustadora era a feição, a expressão dele, enquanto eu enfiava-lhe nessa

carne tão sensível a chave de espira! Ardo tinha os írios esgazeados, tremia e respirava ofegantemente, como se a dor lhe causasse o mais intenso prazer!

Como se me ferisse, ao ser ferido por mim!"

*** O EPISÓDIO INTEIRO ESTÁ DESCRITO EM GÉA – PÁGINA 1356, LIVRO SEXTO.**



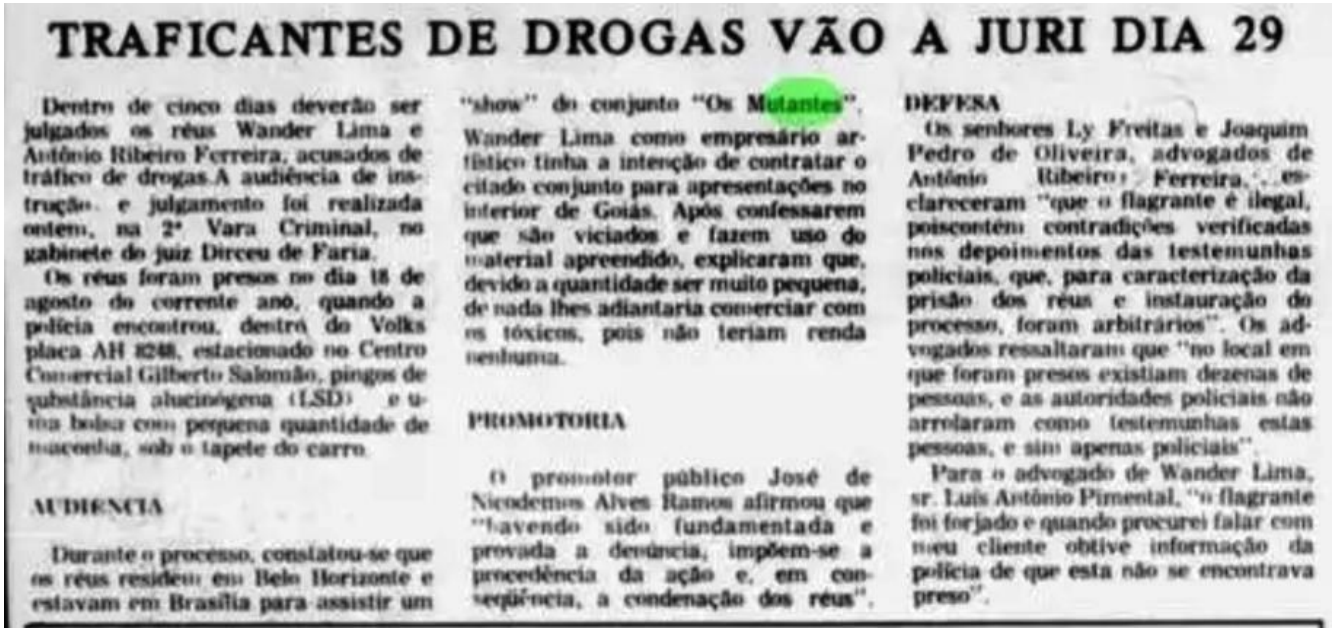
**** NOTA: ONDE SE LÊ "CHAVE DE ESPIRA", (QUER DIZER "CHAVE DE PARAFUSO"); ONDE ESTÁ "ÍRIOS", A TRADUÇÃO É "OLHOS".**

TUDO FOI FEITO PELO SOL
O NOVO E SENSACIONAL LP DOS MUTANTES.



Os Mutantes, melhores do que nunca, atacam de "Tudo foi feito, pelo sol". Veja só as faixas deste LP: "Deixe entrar um pouco d'água no quintal", "Pitágoras", "Desanuviar", "Eu só penso em te ajudar", "Cidadão da Terra", "O contrário de Nada é Nada", e "Tudo foi feito pelo sol".

UM LANÇAMENTO
SOM LIVRE



TRAFICANTES DE DROGAS VÃO A JURI DIA 29

Dentro de cinco dias deverão ser julgados os réus Wander Lima e Antônio Ribeiro Ferreira, acusados de tráfico de drogas.A audiência de instrução e julgamento foi realizada ontem, na 2ª Vara Criminal, no gabinete do juiz Dirceu de Faria.

Os réus foram presos no dia 18 de agosto do corrente ano, quando a polícia encontrou, dentro do Volks placa AH 8248, estacionado no Centro Comercial Gilberto Salomão, pingos de substância alucinógena (LSD) e uma bolsa com pequena quantidade de maconha, sob o tapete do carro.

AUDIÊNCIA

Durante o processo, constatou-se que os réus residem em Belo Horizonte e estavam em Brasília para assistir um "show" do conjunto "Os Mutantes". Wander Lima como empresário artístico tinha a intenção de contratar o citado conjunto para apresentações no interior de Goiás. Após confessarem que são viciados e fazem uso do material apreendido, explicaram que, devido a quantidade ser muito pequena, de nada lhes adiantaria comerciar com os tóxicos, pois não teriam renda nenhuma.

PROMOTORIA

O promotor público José de Nicodemos Alves Ramos afirmou que "havendo sido fundamentada e provada a denúncia, impõem-se a procedência da ação e, em conseqüência, a condenação dos réus".

DEFESA

Os senhores Ly Freitas e Joaquim Pedro de Oliveira, advogados de Antônio Ribeiro Ferreira, esclareceram "que o flagrante é ilegal, poiscontém contradições verificadas nos depoimentos das testemunhas policiais, que, para caracterização da prisão dos réus e instauração do processo, foram arbitrários". Os advogados ressaltaram que "no local em que foram presos existiam dezenas de pessoas, e as autoridades policiais não arrolaram como testemunhas estas pessoas, e sim apenas policiais".

Para o advogado de Wander Lima, sr. Luis Antônio Pimental, "o flagrante foi forjado e quando procurei falar com meu cliente obtive informação da polícia de que esta não se encontrava preso".

http://www.ccdb.gea.nom.br/

DOIS CAEM ANTES DO SHOW DOS MUTANTES EM BRASÍLIA, EM 1973!

REPRESSÃO E ARBITRAIEDADE E FLAGRANTE FORJADO, DOIS FÃS FICAM SEM VER OS MUTANTES

CORREIO BRAZILIENSE, 19 DE AGOSTO DE 1973

Na foto de divulgação aparecem:

Dinho (bateria), Liminha (contrabaixo), Serginho (guitarras e vocal) e

Arnaldo (teclados e voz) só que ele havia saído da banda no mês de **MAIO**.

Entra para Os Mutantes, o multiinstrumentista, Manito.

De Brasília, a banda seguiu para Goiânia, cujo show seria gravado em duas fitas.



Pesquisa digital de Marcelo Lafaro

TRAFICANTES DE DROGAS VÃO A JURI DIA 29

(CORREIO BRAZILIENSE, 24 DE AGOSTO DE 1973

Dentro de cinco dias deverão ser julgados os réus Wander Lima e Antônio Ribeiro Ferreira, acusados de tráfico de drogas. A audiência de instrução e julgamento foi realizada ontem, na Segunda Vara Criminal, no gabinete do juiz Dirceu de Faria.

Os réus foram presos no dia 18 de agosto do corrente ano, quando a polícia encontrou, dentro do volks

placa AH 8248, estacionado no Centro Comercial Gilberto Salomão, pingos de substância alucinógena (LSD) e uma bolsa com pequena quantidade de maconha, sob o tapete do carro.

AUDIÊNCIA

Durante o processo, constatou-se que os réus residem em Belo Horizonte e estavam em Brasília para assistir um show do conjunto Os Mutantes, Wander Lima tinha a intenção de contratar o citado conjunto para apresentações no interior de Goiás. Após confessarem que são viciados e fazerem uso do material apreendido, explicaram que, devido a quantidade ser muito pequena, de nada lhe adiantaria comerciar com os tóxicos, pois não teriam renda nenhuma.

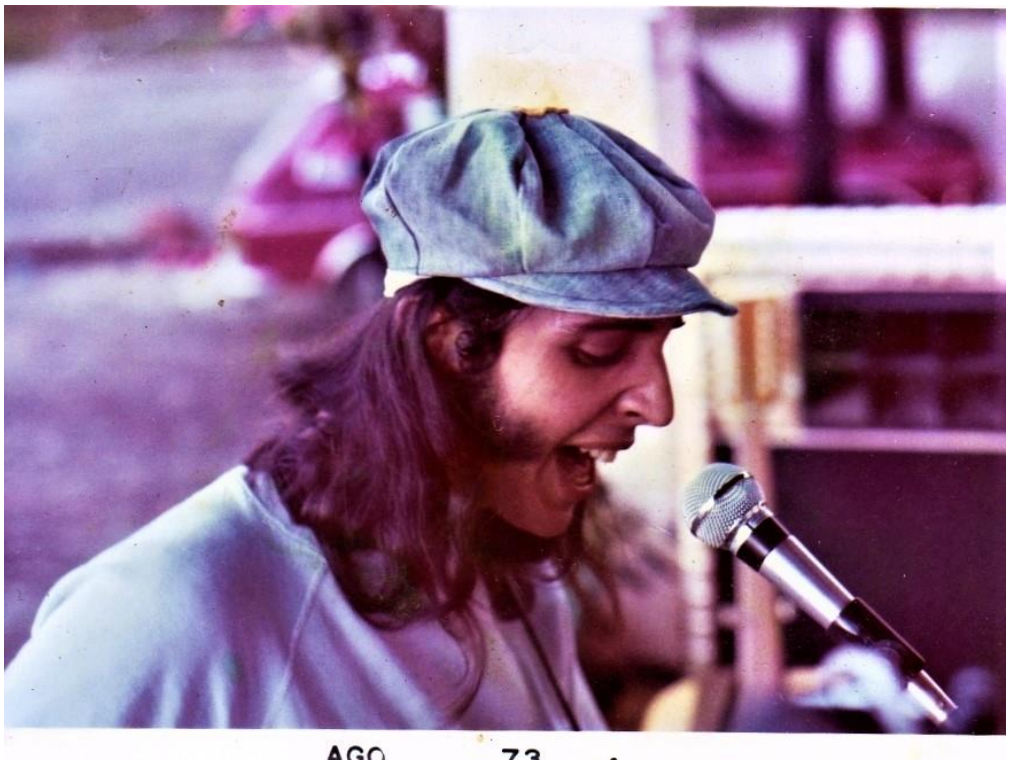
PROMOTORIA

O promotor público José de Nicodemos Alves Ramos afirmou que "havendo sido fudamentada e provada a denúncia, impõe–se a procedência da ação e, em ocnsequência a condenação dos réus".

DEFESA

Os senhores Ly Freitas e Joaquim Pedro de Oliveira, advogados de Antônio Ribeiro Ferreira, esclarecem "que o flagrante é ilegal, pois contém contradições verificadas nos depoimentos das testemunhas policiais, que, para caracterização da prisão dos réus e instauração do processo, foram arbitrários". Os advogados ressaltaram que "no local em que foram presos existiam dezenas de pessoas, e as autoridades policiais não arrolaram como testemunhas estas pessoas, e sim apenas policiais".

Para o advogado de Wander Lima, sr. Luís Antônio Pimentel, "o flagrante foi forjado e quando procurei falar com meu cliente obtive inforamação da polícia de que este não se encontrava preso".







Por: Tatiana Amin – O Fuxico

13 DE FEVEREIRO / 2008 – Mara Manzan, a Amara de *DUAS CARAS*, da Globo, não é uma mulher tradicional. Irreverente, a atriz já fez várias loucuras ao longo da vida, como cuspir fogo para Madonna, morar com os mutantes numa época em que só tinham cebola para comer e tomar ácido. Em entrevista à revista Quem desta semana, a atriz conta um pouco dessas suas aventuras.

Mara afirma que quando resolveu cuspir fogo para a Madonna (1993) foi apenas com um intuito: aparecer.

“Na véspera da chegada dela, pensei: 'vou cuspir fogo para a Madonna usando só um tapa-sexo'. Sempre fui doida. A Madonna viu e acenou com um lenço branco do quarto do hotel. No dia seguinte eu estava em todos os jornais.”

NA DÉCADA DE 70, ela acabou se relacionando com o músico Rufino Lomba Neto, pai da sua filha. Nesta época, eles acabaram se mudando para casa onde moravam os músicos do grupo Os Mutantes.

“Rufino tocava com Os Mutantes e, quando engravidei, em **1974**, fomos morar com eles na casa onde viviam, na Serra da Cantareira (SP). Havia uma piscina vazia no meio da sala que servia de cama e todo mundo dormia junto lá. Eles passavam o dia inteiro tocando e fumando baseado. A gente era tão duro que, às vezes, só tinha cebola em casa. Tomávamos sopa de cebola o dia inteiro.”

Falando em baseado, Mara Manzan acrescenta que na mesma época chegou a consumir ácido.

“No (Teatro) Oficina, o grande barato era o ácido. Era ácido de manhã, de tarde e de noite. Mas eu era muito medrosa. Sempre tive medo daquilo que me tira do normal, que já não é tão normal assim. Enquanto todo mundo tomava um ácido inteiro, eu tomava ¼ para ver qual era".

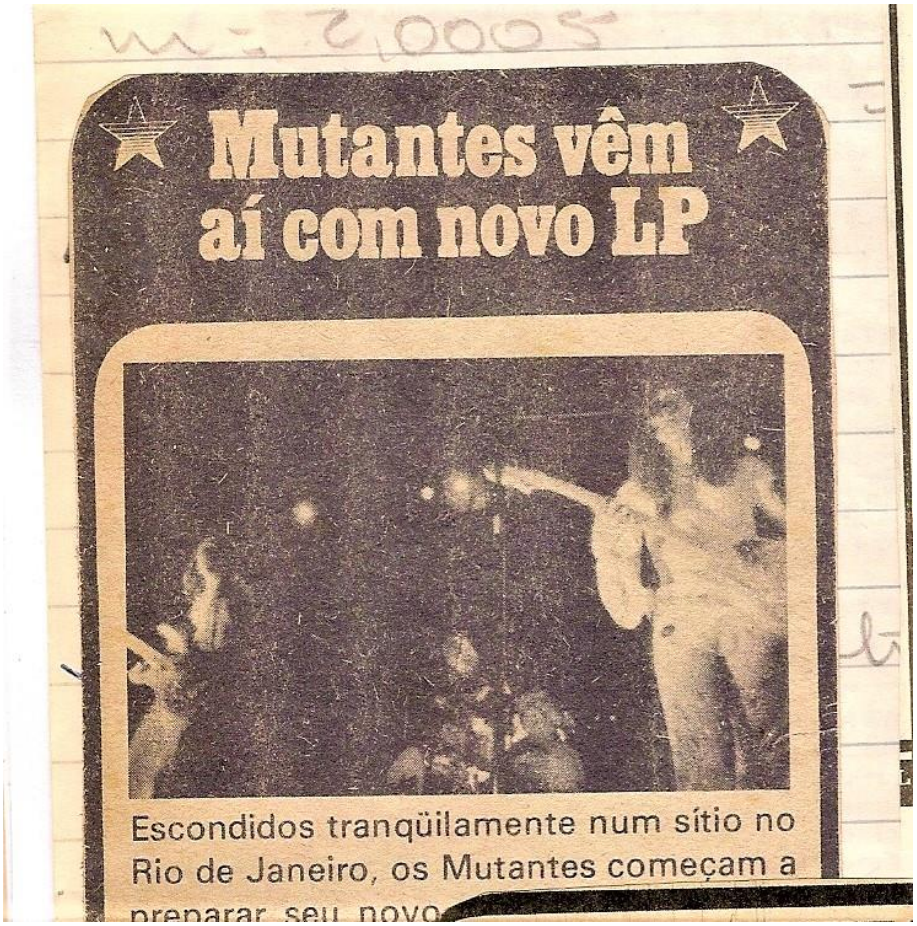
Hoje ela fiz que não quer mais saber deste vício e que, inclusive, largou o cigarro há três anos, quando descobriu que estava com enfisema pulmonar.

"Não tem tratamento, o mal já está feito. Foram mais de 30 anos de cigarro, até que eu tive um piripaque. A sensação era de que eu morria e voltava várias vezes. Quando voltava, quase não conseguia respirar. Foi um aviso de Deus. Nunca mais coloquei um cigarro na boca, mas morro de saudade.”

NOTA: Rufino era contrabaixista do Tutti-Frutti. Nessa situação é comum atribuir o nome 'Mutantes' em fatos envolvendo os nomes ou grupos de Sérgio ou Arnaldo, daí o equívoco. Nessa época, ensaiavam na Cantareira; além dos Mutantes de Sérgio e da Space Patrol de Arnaldo, o popular Tutti-Frutti, banda de Rita Lee.

NOTAS: "Na casa que eu aluguei de terceiros (de um dos donos da imobiliária que nos vendera os lotes de terreno na Serra da Cantareira), havia um salão que era o único aposento, se não contarmos o banheiro e a cozinha. Nesse salão, rústico, havia uma espécie de caixão, que não ficava no meio da sala mas sim encostado a uma das paredes. Era de concreto. Sobre ele eu e minha ex-esposa dormíamos. Poderia ter sido confundido com uma piscina... ou jocosamente assim chamado. Essa é a única lembrança que me vem à mente, a qual eu possa ligar à tal de piscina. Mas pode ser que se trate de outra coisa em outro lugar – nesse caso, eu desconheço o que e onde seria". **(CCDB)**

Os Mutantes em um sítio em Itaipava: Rui Motta, Antonio Pedro, Túlio Mourão e Sérgio Dias



ENTREVISTA: ANTONIO PEDRO FORTUNA (MUTANTES, ARNALDO BAPTISTA, RAUL SEIXAS, LULU SANTOS, LOBÃO E BLITZ) ENTREVISTADO POR RODRIGO WERNECK E RODRIGO ARAUJO

AUTORES: RODRIGO WERNECK E RODRIGO ARAUJO
FONTE: http://whiplash.net/



8 DE SETEMBTO / 2007 – Tendo participado de algumas bandas de grande relevância no cenário rock brasileiro, o baixista e compositor Antonio Pedro Fortuna nos concedeu entrevista exclusiva, na qual fala sobre seus trabalhos com Sérgio Dias e Os Mutantes, Raul Seixas, Arnaldo Baptista, Lulu Santos e Unziôtru, Lobão e Blitz, entre outros.

Como e quando foi o seu primeiro contato com música? Quais as bandas e artistas que te chamaram a atenção primeiro, e que te influenciaram a começar a tocar?

Ouvia música pelo rádio ou em discos que meu pai comprava. Quando surgiram os Beatles, ficou claro pra mim que era isso que eu queria. Gostava também dos Stones. Depois, Cream, Jimi Hendrix, Led Zeppelin, etc.

Qual foi o seu primeiro instrumento? Você teve aulas ou aprendeu por conta própria?

Já tinha um violão na minha casa, depois tive uma guitarra Giannini. O primeiro baixo que toquei era emprestado e era um Giannini sem trastes. Tive algumas aulas de violão, mas acabei desenvolvendo o baixo por conta própria. Mais tarde estudei música e piano e contrabaixo acústico.

Qual o seu primeiro trabalho como músico?

Fiz minhas primeiras apresentações na banda cover "Os Mesmos". Tinha uns 15 anos.

Como foi o seu período no Veludo Elétrico? Foi lá que você conheceu o Rui Motta (baterista) e o Túlio Mourão (tecladista), com quem tocou depois nos Mutantes?

Já conhecia o Rui Motta e tinha tocado com ele em algumas oportunidades. Quando voltei de Londres, ele me chamou para a banda, que estava sem baixista. Conheci então Lulu Santos (guitarra, vocal), que depois virou meu parceiro. O Túlio eu também já conhecia da época dos estudos musicais no Instituto Villa Lobos. A minha fase na banda foi pequena, já que logo depois os componentes foram para Os Mutantes.

Como você foi chamado para se juntar aos Mutantes?

Eu já tinha ido umas vezes na casa do Sérgio (Dias, guitarra e vocal) em SP para ver ensaios. Quando Liminha (baixista) saiu e a banda já morava no Rio, foi a oportunidade perfeita.

Quais eram as principais influências da banda na época? Eram mais do rock progressivo inglês, ou do fusion?

Era uma mistura. Tinha esse lance do progressivo, Yes, Pink Floyd. Tinha o fusion da Mahavishnu. Tinha Lou Reed, DEEP PURPLE e outros. Além da experiência de vida aqui no nosso país.

Como rolava o processo de composição? Era tudo planejado e ensaiado antes, ou rolava mesmo de muita coisa pintar na hora da gravação?

Algumas músicas eram apresentadas pelo compositor e a banda desenvolvia o arranjo. Outras eram criações coletivas de música e letra. Nas gravações oficiais já estava tudo resolvido e ensaiado. Mas sempre tinha um espaço para uma ideia nova.

Fala-se muito que boa parte das gravações e ensaios na época rolavam sob o efeito de drogas. Isso era um fato? O Sérgio Dias comentou em entrevistas que o AEOZ foi gravado totalmente sob o efeito de drogas, mas não o TUDO FOI FEITO PELO SOL"...

Ele já comentou algumas vezes que o TFFPS foi gravado sob o efeito do LSD. Era comum, na época, os músicos fazerem essa ‘viagem’.

Você teria comentado no Orkut que a faixa que daria o título ao TFFPS era pra ser outra. Você se recorda de qual seria essa música?

Existiam duas músicas com o mesmo tema (o sol). Ambas eram lentas e contemplativas. Eu dei força para gravarmos a que ficou conhecida. A outra acabou esquecida.

Vocês chegaram a fazer muitos shows com essa formação? Como era a química entre vocês ao vivo, rolava muito improviso?

Fizemos shows do Rio Grande do Sul até a Bahia. Os mais memoráveis foram as temporadas do Teatro Bandeirantes em SP e do Tereza Raquel no Rio. A química era ótima. O repertório estava em constante desenvolvimento. É só ouvir o disco de Londrina (pirata) para encontrar ali versões ótimas e desenvolvidas de músicas como “Cavaleiros Negros” e “Eu só penso em te ajudar”.

Há uma boa quantidade de músicas dos Mutantes dessa época que nunca foram oficialmente lançadas, mas que vocês tocavam em shows (algumas delas chegaram a aparecer em discos piratas). Entre elas: ‘Santo Graal’, ‘Sempre Foi Assim’, ‘Quero Escutar O Som’ (essas 3 estão naquele pirata de Londrina), e mais ‘Preciso De Amor’, ‘Você Aqui’, mais uma outra sem título conhecido (‘Todas As Manhãs’??). O que você poderia nos falar sobre cada uma delas?

Eram músicas que certamente entrariam num futuro disco, que acabou abortado. "Santo Graal" era do Túlio. Eu entrei com umas frases de baixo e umas modulações, e virei parceiro. "Sempre Foi Assim" é típica do Túlio. Uma música suave que ganhou um arranjo mais pesado e roqueiro. "Eu Quero Escutar O Som" é bem legal. É do Sérgio e tem uma intervenção de baixo com Wah-wah e distorção. "Preciso De Amor" é minha e do Sérgio, ao estilo de "Tudo Bem". Era uma música nova que estava em desenvolvimento. Eu a batizaria de "Tudo No Ar". "Você Aqui" (Sérgio) e "Todas As Manhãs" (Túlio) eram músicas suaves e melodiosas.

Existem registros pessoais, por exemplo, da temporada de shows no Teatro Tereza Rachel, no Rio. Qual a sua impressão do caminho que a banda vinha seguindo?

As gravações, como um todo, mostram que a banda mudava aos poucos de rumo, e que estava indo mais na direção de um rock com mais pegada de um Deep Purple (por exemplo), do que de um Yes. “Cavaleiros Negros” já apontava nessa direção e na gravação tem "Preciso De Amor”, “Eu Quero Escutar O Som”, e “Sempre Foi Assim", que confirmam a tendência. Mas a banda continuava apresentando passagens instrumentais interessantes, como em "Você Aqui" e "Eu Quero Escutar O Som", que tem um solo de baixo com outros elementos, e mais criativo do que o solo no disco (pirata) de Londrina.

A ‘Santo Graal’ é uma composição do Túlio que frequentava o repertório da banda. Em algum episódio, você comentou que quando chegou nos ensaios tinha uma música que quase entrou no ‘TFFPS’. Seria essa?

O que eu lembro é que dei força para a mudança da música-título e também para tirar uma instrumental e colocar "Eu Só Penso Em Te Ajudar". A música instrumental que ia entrar no *TFFPS* não era “Santo Graal”.

Por que essa formação não durou mais tempo? Como ocorreu a sua saída?

O showbiz por aqui era muito devagar. Trabalhávamos muito e ganhávamos pouco. E ainda tinham os empresários, que costumavam nos roubar. Mas teve um episódio que ajudou a acelerar o fim daquela formação. Fomos convidados para a abertura da Tenda do Calvário, local para shows ao lado da igreja do Calvário, em SP. Acontece que o local estava sendo vigiado pela polícia, devido a denúncias de que os organizadores estavam usando drogas no local. Na tarde do dia da inauguração, estávamos lá passando o som quando a polícia chegou e levou todo mundo, inclusive nós. Foi muito desgastante. Pouco depois, eu e Túlio pedimos as contas.

*Você também participou do LP do Tim Maia de **1976**, num esquema em que havia um baixista titular tocando as bases e você com um distorcedor tocando um segundo baixo. Como foi que surgiu essa ideia, algo meio inovador para a época?*

Foi realmente uma ousadia do Tim e nossa gravar um disco com 2 baixos e 3 guitarras, além dos usuais: teclado, bateria, percussão, 3 vocais, e ainda cordas e metais. Poderia embolar tudo, mas o resultado foi ótimo. Virou uma "cozinha" gigante, cheia de swing. Usei um pedal Funk Machine, que tem aquele efeito "Q", um tipo de

Tim Maia e banda, incluindo Antonio Pedro no baixo.

envelope sensível à dinâmica do toque. Mais força é igual a mais ação do efeito. Era o máximo naquela época do slap. Larry Graham usava, e outros.

Além desse disco com o Tim Maia, você chegou a trabalhar com o Raul Seixas nessa época. Como foi isso?

Ele estava lançando o disco *O DIA EM QUE A TERRA PAROU*. Liminha me chamou para tocar nas temporadas do Rio e SP, e mais alguns shows. Tocar com ele era "emocionante", porque além da criatividade, Raul costumava se empolgar e sair malhando o regime. E como era comum ter algum "olheiro" na plateia, às vezes sujava e tínhamos que sair de fininho.



Como rolou o lance do Unziôtru? Interessante você ter tocado com o Sérgio Dias e logo depois com o Arnaldo, irmão dele...

O Arnaldo (Baptista, teclados e vocal) era um amigo que ia a Itaipava, no nosso sítio, e também tocava em alguns shows dos Mutantes da minha época. Eu e Lulu (Santos, guitarra e vocal) desenvolvíamos um trabalho meio black no Rio e quando Arnaldo veio morar aqui resolvemos juntar as forças.



Unziôtru: Lulu Santos, Antonio Pedro e Arnaldo Baptista.

Por que a banda durou tão pouco tempo, sem ter deixado registro gravado?

A banda fez meia dúzia de shows e Arnaldo voltou para SP. Mas eu e Lulu continuamos e várias daquelas músicas foram gravadas no começo da carreira solo dele.

Depois disso, você foi direto para a Blitz?

Continuei gravando e fazendo shows com Lulu. A banda era eu, ele e Lobão (baterista). Até que Lobão me chamou pra tocar com Marina Lima e depois na Blitz, que estava no começo. Nessa época fiz também uns trabalhos com a Gang 90, e gravei o primeiro disco solo do Lobão.

Como surgiu a ideia da Blitz, quem foi o artífice?

Lobão fazia uma temporada com Marina Lima no Teatro Ipanema. Depois dos shows ele, Ricardo Barreto (guitarrista) e Evandro (Mesquita, vocalista) ficavam fazendo um sonzinho e foram surgindo umas músicas. Lobão batizou a banda, e fizeram algumas

apresentações até que pintou o Circo Voador do Arpoador. Aí eu fui chamado para dar uma repaginada no repertório. As meninas (Fernanda Abreu e Márcia Bulcão, vocalistas de apoio) entraram para aumentar a graça e o visual, e então foi aquela explosão que sacudiu o país.

Vocês ajudaram a definir e a criar aquele estilo de rock brasileiro dos ANOS 80, um rock mais despojado e irônico, com composições mais diretas e arranjos sem tanta preocupação com vôos instrumentais. Como você vê esse processo com uma perspectiva de 25 ANOS à frente?

Acho que foi um momento necessário para a música brasileira. O cenário estava parado com aqueles medalhões de sempre dando as cartas. Na verdade, a base musical da banda (eu, Ricardo, Evandro e Lobão) vinha dos anos 70, e tínhamos embasamento para começar o movimento que depois foi seguido pelos mais jovens. Com relação ao estilo, mais direto e ligado ao humor, tínhamos realmente a preocupação de não complicar e não nos estender demais para chegarmos mais facilmente ao grande publico. Alias, Os Mutantes do começo também faziam canções curtas, sem muita preocupação com o instrumental, e cheias de humor e ironia.

Foi uma surpresa para vocês a grande receptividade que tiveram? Ou havia uma expectativa (não me refiro a desejo) grande de sucesso?

Estávamos preparados para matar ou morrer. Sabíamos que esse projeto do Arpoador (Circo Voador) poderia ser o último da banda, já que todos tinham outros trabalhos paralelos e não tinham tempo pra perder. Mas a banda demonstrou um carisma muito forte, começou a atrair muita gente para os shows. Daí para o sucesso foi um pulo. Mas não deixou de ser uma surpresa, afinal tudo poderia ter terminado ali no Circo.

*Como foi a participação da banda no ROCK IN RIO em **1985**?*

O *ROCK IN RIO* foi um marco. Um projeto realmente grande. No primeiro show tivemos um problema de som e foi difícil ir até o fim, mas no segundo tudo deu certo e acabou nos rendendo convites para apresentações na Argentina e também na Europa. A banda ao vivo sempre rendeu bem e tinha muito mais peso do que nos discos.

Por quanto tempo você permaneceu na banda? Quais foram as maiores contribuições suas para a Blitz (hits, etc.)?

Estive desde o começo em **1981** até o fim em **1986**. Quando ouvi pela primeira vez "Você Não Soube Me Amar" percebi logo que era um hit. Ainda tinha uma forma tosca. Além da linha de baixo, eu coloquei o dialogo inicial no tempo da música e dei outras sugestões. Fiz coisas parecidas em outros sucessos como "A 2 Passos Do Paraíso", "Weekend", etc. E sou coautor de "Mais Uma De Amor" (Geme, Geme), “Betty Frígida”, “Egotrip”, “Dali De Salvador”, “Eu Só Ando A Mil”, “Blitz Cabeluda”, “Meu Amor Que Mau Humor”, “Malandro Agulha”, e outras.

Algum outro projeto de destaque após isso?

Ajudei a formatar o selo Niterói Discos, fundei o Cidadão da Terra, tive músicas gravadas por Lulu Santos, Milton Guedes, fiz um estúdio, tive 3 filhos, etc. Participei também de um retorno da Blitz entre 1994 e **1997**, que rendeu mais uns discos de ouro. Tenho oito, incluindo ouro e platina.

Hoje em dia você se dedica mais a compor do que a tocar em estúdio e ao vivo, certo? Isso te satisfaz plenamente?

Satisfaz em parte. Já levei muito banho de empresário, não gosto mais de virar noites. Enfim, me adaptei a um novo momento. Só faço o que quero e assim consigo mais espontaneidade e prazer no que faço. É chato ficar tocando as mesmas músicas em shows durante anos. Acho legal mudar, arriscar, não ter compromissos. Estou fora da mídia, mas muita gente boa também está. O mercado brasileiro não pode ser comparado ao americano, por exemplo. Está todo mundo indo para o independente. É isso aí, independência ou morte (risos).

*Como foi o episódio do retorno frustrado da versão **1974-76** dos Mutantes? Chegaram a rolar alguns ensaios no estúdio do Sérgio Dias na Granja Viana, em Cotia (SP), não foi?*

É verdade. Foi um encontro espontâneo, que me trouxe muita alegria e a todos também. Foi legal a gente se encontrar pra tocar **30 ANOS** depois do *TUDO FOI FEITO PELO SOL*. Todos maduros, com saúde e histórias pra contar.

A química entre vocês permaneceu intacta após todos esses anos?

Na primeira ida a SP ficamos dois dias tocando ser parar, improvisações de 10, 15 minutos, todos rindo e felizes com o momento. Na segunda, começamos a compor e gravar. Nota 10 em química.

Qual a sua opinião sobre essa reunião com a participação da Zélia Duncan?

Então, a nossa reunião foi interrompida pelo convite do Barbican para uma apresentação dos Mutantes tropicalistas (Arnaldo, etc.) numa mostra sobre o Tropicalismo em Londres. Acho que Sérgio fez certo em aceitar o convite. Também foi bom pro Arnaldo. Quanto a Zélia, acho ela muito talentosa.

Existe alguma possibilidade de vocês retornarem ao projeto de ressuscitar o Mutantes do TFFPS?

O disco tem uma legião de admiradores e não digo ressuscitar, mas esse disco merece ser um dia celebrado. E acho que essa chance existe.

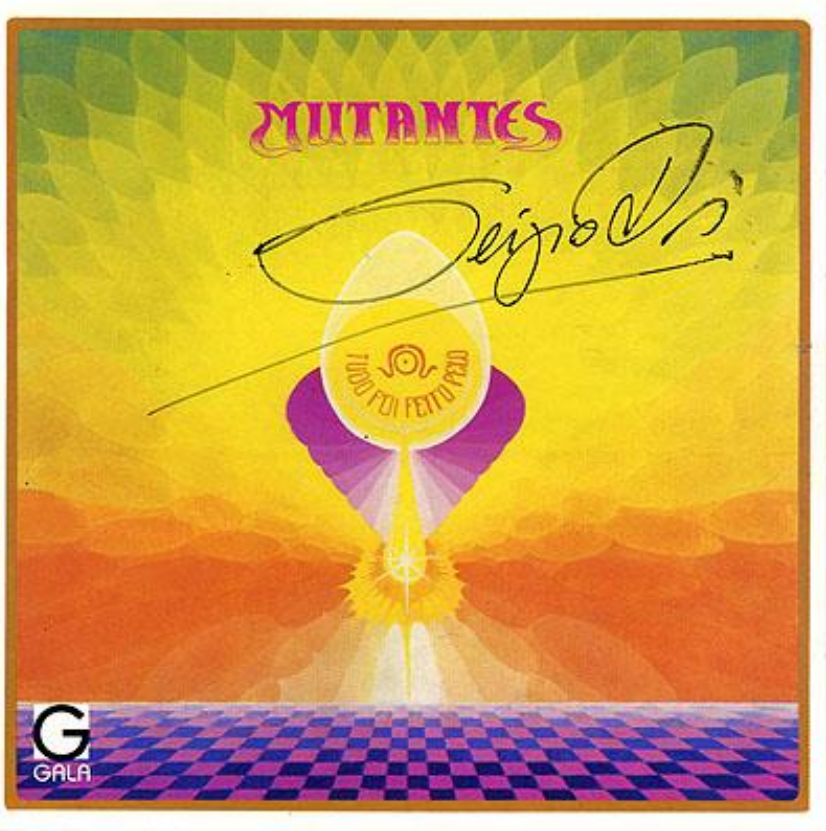
Algum outro plano seu para o futuro? Algo mais que queira complementar?

Estou amadurecendo o projeto de um disco solo. Uma parte terá leituras de minhas músicas gravadas principalmente por Mutantes, Blitz, Lulu e Lobão, e parte com músicas inéditas feitas principalmente com um antigo parceiro poeta, que não vou revelar para que outras pessoas não venham com a mesma ideia.

POR RODRIGO WERNECK E RODRIGO ARAUJO
RODRIGO WERNECK

CARIOCA NASCIDO EM 1969, ENGENHEIRO POR FORMAÇÃO E EMPRESÁRIO DO RAMO MUSICAL POR OPÇÃO, SENDO SÓCIO DA D'ALEGRIA CUSTOM MADE (WWW.DALEGRIA.COM). FOI COEDITOR DA EXTINTA REVISTA MUSICAL BOX E ATUALMENTE É COEDITOR DO SITE JUST ABOUT MUSIC (JAM), ALÉM DE COLABORAR EVENTUALMENTE COM AS REVISTAS ROCK BRIGADE E POEIRA ZINE (BRASIL), TIMES! (ALEMANHA) E INROCK (RÚSSIA), ALÉM DOS SITES WHIPLASH! E ROCK PROGRESSIVO BRASIL (RPB). WEBMASTER DOS SITES OFICIAIS DO URIAH HEEP E KEN HENSLEY, O QUE LHE GARANTE UM BOCADO DE TRABALHO SEM REMUNERAÇÃO, MAIS A POSSIBILIDADE DE RECEBER ALGUNS CDS POR MÊS E A CERTEZA DE RECEBER TONELADAS DE E–MAILS POR DIA

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL ANTONIO PEDRO



Capa autografada por Sérgio Dias para A. C. Barbieri



Se eu sou algo incompreensível, meu Deus é mais
(Gilberto Gil)

em 1965 e gravou pela primeira vez uma composição sua, *Maria do Colégio da Bahia,* lançada pela RGE. Logo depois, o espetáculo *Arena Canta Bahia,* do qual Tom Zé fez parte, incluía a música *Cachorro do Inglês,* escrita por ele em parceria com Chico de Assis. Nos festivais Tom Zé marcou sua presença várias vezes. Em 1968, no IV FMPB, da TV Record, conseguiu o primeiro lugar do júri oficial e quinto pelo júri popular com *São Paulo, Meu Amor.* Em parceria com Rita Lee em *2001*, recebeu o prêmio de melhor letra e foi classificado em quarto lugar pelo júri oficial.

Também em 1968, Tom Zé lançou o álbum *São Paulo, Meu Amor,* pela gravadora Rozenblit. No ano seguinte, ele fez o show *Som Livre* junto com **Gal Costa**. Apresentaram-se no Teatro de Arena, em São Paulo, e no Teatro de Bolso, no Rio de Janeiro. Em 1970, ele lançou o disco *Jeitinho Dela,* pela RGE. No ano seguinte, Tom obteve mais um primeiro prêmio apresentando a música *Silêncio de Nós Dois* no Movimento de Incentivo à Música Popular Brasileira, promovido por Hebe Camargo. Ainda em 1971, ele apresentou o show *Com Quantos Quilos de Medo se Faz uma Tradição,* com Tuzé de Abreu, Perna Valdez, Ivone e um grupo de percussão.

Um ano depois, Tom Zé lançou o álbum *Se o Caso É Chorar*, pela Continental, e em 1973 o álbum *Tom Zé Todos os Olhos.* Nessa época, o músico se apresentou várias vezes sozinho ou com o Grupo Capote, em teatros e escolas, cantando e contando histórias da Bahia. Tom Zé tem predileção por parcerias. Já compôs com Vicente Barreto, Élton Medeiros, Odair Tadeu de Freitas — mais conhecido por Odair Cabeça de Poeta — e também Augusto de Campos.

Logo a Tropicália transformou-se de um simples estilo musical em um jeito de ver o mundo. Talvez tenha sido um dos casos mais

1973 d.C.

Em janeiro, Gal Costa se apresentou em Cannes, na França. De volta ao Brasil, estreou em São Paulo o show *Índia,* um marco em sua carreira.

OS NOVOS BAIANOS

Viviam em comunidade curtindo paz, amor, música e futebol. Eram os Novos Baianos, um conjunto vocal e instrumental formado por Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor, Pepeu Gomes, Baby Consuelo, Dadi, Jorginho, Bolacha, Baixinho e Galvão. Na mistura de pandeiro e cavaquinho com guitarra e bongô, eles criaram uma sonoridade própria e inovadora.



1974

SETEMBRO

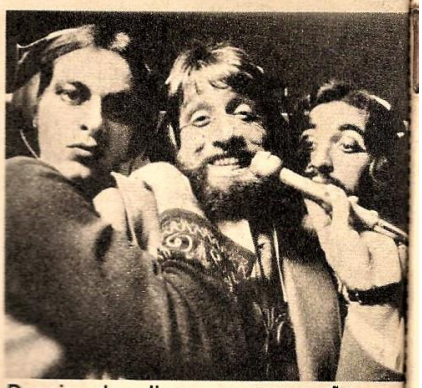


O SONHO ACABOU MESMO. NEY E GERSON CANSARAM DE SER EXPLORADOS

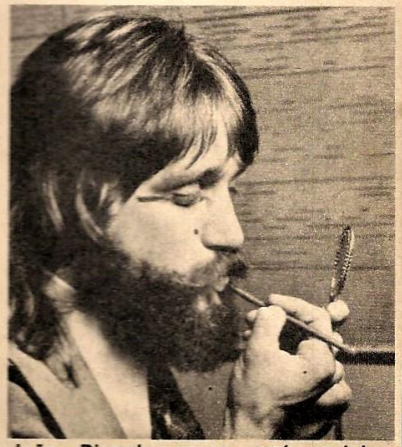
Já estava tudo pronto para a grande festa do dia 13 de agosto: banda de música e balões gigantescos esperariam a multidão que iria superlotar o Teatro Aquarius, em São Paulo, para assistir ao show de lançamento nacional do novo disco dos Secos & Molhados. Sem falar nos milhões gastos na promoção do LP. Mas, poucos dias antes, a bomba estourou e a notícia correu com a mesma velocidade com que as músicas do grupo atingiram os primeiros lugares das paradas de sucesso: "Ney Matogrosso brigou com João Ricardo e não é mais um dos Secos & Molhados". E, em meio a confirmações e desmentidos, outra bomba estourava, dando contornos ainda mais dramáticos ao caso: "Gerson Conrad também deixou o grupo". POP encontrou Ney de malas prontas, de partida para a fazenda dos avós, na fronteira de Mato Grosso com o Paraguai. "Preciso descansar e me desligar de tudo. Estou livre e isso é maravilhoso. Pela primeira vez, em um ano, posso dormir tranqüilo e até sonhar. A exploração acabou, finalmente. O nosso primeiro LP vendeu 800 000 cópias e a gente faturou horrores em shows, mas eu mesmo recebi muito pouco. Dá pra entender um negócio desses?" E Gerson, o mais discreto do grupo, por que se mandou? "Estava cansado de tanta exploração e do boicote que vinha sofrendo como compositor. O último LP tem onze músicas do João Ricardo e apenas uma que eu fiz. E as minhas composições não são piores que as dele. *Rosa de Hiroshima,* por exemplo, um dos nossos maiores sucessos, é minha. E isso deixou João com raiva. Ele não admite que alguém apareça mais do que ele". João Ricardo e seu pai, o jornalista João Apolinário, atual empresário do grupo (ele tomou o lugar do Moracy do Val, provocando as primeiras brigas entre os meninos), estão sendo apontados como os responsáveis pelo fim do conjunto. O sonho acabou e João Ricardo está sozinho. Mas sua mãe, dona Fernanda, falando por ele, garante: "O grupo Secos & Molhados é o meu filho. Por isso, o conjunto vai continuar!"



Ney diz que estava ganhando pouco.



Depois do disco, a separação . . .



João Ricardo agora está sozinho.



O novo disco vai ser lançado na Europa e nos EUA

O segundo disco foi preparado para ser o passo mais importante dos Secos & Molhados rumo à conquista das Américas e da Europa. Além da faixa toda cantada em espanhol *(Tercer Mundo,* poema de Júlio Cortázar, musicado por João Ricardo), o LP inteiro tem um sabor latino, com arranjos de viola, sanfona e castanholas. Mas o esquema montado para garantir o sucesso no mercado internacional foi mais longe: Ney, João Ricardo e Gerson tiveram aulas de dança e Ney aprendeu também a tocar castanholas. O que ninguém esperava era o fim dos Secos & Molhados . . .

ESPECIAL

Aqui, todas as letras para você cantar junto

Flores Astrais
(João Ricardo - João Apolinário)

Um grito de estrela
vem do infinito
e um bando de luz
repete o grito.
Todas as cores
e outras mais
procriam flores
astrais.
Um verme passeia
na lua cheia.

Angústia
(João Ricardo - João Apolinário)

Agonizo se tento
retomar a origem das
coisas
sinto-me dentro delas
e fujo
salto para o meio da vida
como uma navalha no ar
que se espeta no chão.
Não posso ficar colado
à natureza como uma
estampa
e representá-la no
desenho
que dela faço
não posso
em mim nada está como é
tudo é um tremendo
esforço de ser.

O Hierofante
(João Ricardo - Oswald de Andrade)

Não há possibilidade
de viver
com essa gente
nem com nenhuma gente
a desconfiança te cercará
como escudo
pinta o escaravelho
de vermelho
e tinge os rumos da
madrugada
virão de longe as
multidões suspirosas
escutar o bezerro
plangente.

Vôo
(João Ricardo - João Apolinário)

O bico da ave
da ave que voa
é a poa da nave
da nave que voa
as vigias da nave
da nave que voa
são os olhos da ave
da ave que voa
o coração da ave
da ave que voa
é o motor da nave
da nave que voa
as asas da nave
da nave que voa
são as asas da ave
da ave que voa
a alma da ave
da ave que voa
é a alma do homem
do homem que voa.

Tercer Mundo
(João Ricardo - Julio Cortázar)

Ahí no lejos
las anguilas laten
su inmenso pulso
su planetario giro.
Todo espera el ingreso
en una danza
que ninguna Izadora danzó
nunca de este lado del
mundo
tercer mundo global
del hombre sin orillas
chapoteador de historia
víspera de sí mismo.

Não, Não Digas Nada
(João Ricardo - Fernando Pessoa)

Não, não digas nada
supor o que dirá
a tua boca velada
é ouvi-lo já
é ouvi-lo melhor
do que o dirias
o que és não vem à flor
das frases e dos dias
És melhor do que tu
não digas nada, sê
Graça do corpo nu
que invisível se vê.

O Doce e o Amargo
(João Ricardo - Paulinho Mendonça)

O sol que veste o dia
o dia de vermelho
o homem de preguiça
o verde de poeira
seca os rios
os sonhos
seca o corpo
a sede na indolência
beber o suco de muitas
frutas
o doce e o amargo
indistintamente
beber o possível
sugar o seio da
impossibilidade
até que brote o sangue
até que surja a alma
desse terra morta
desse povo triste.

Medo Mulato
(João Ricardo - Paulinho Mendonça)

No meio da noite
no meio do medo
dos olhos insones
os fantasmas passeiam
no canto do olho
no uivo do cão
nas vozes do vento
no galope, no relincho
no meio da solidão.
O escuro esconde
zumbis, lobisomens,
os bichos do mato
o medo mulato
e a morte passa
um calafrio que corre
dos pés
à cabeça suada.

Oh, Mulher Infiel
(João Ricardo)

Oh, mulher infiel
traiçoeiramente ativa
com minha vida consumida
pelo teu jeito
pelo teu feito saliente
eficiente nas horas
vivas
e nas horas vagas-pagas
oh, mulher infiel.

Preto Velho
(João Ricardo)

Aquele preto, tão preto
co'aquela barba branca,
tão preta
e aquele olhar tão meigo
de quem espera ganhar
um sorriso incolor.

Toada Rock
(João Ricardo - Luli)

Diga que eu não sei
de nada
nem posso saber.



As sessões de gravação foram muito loucas. Até parecia que eles estavam no palco.

JOELHO DE PORCO: MUDOU O ROCK NACIONAL (RODOLFO BRAGA*)

Prato do dia: Joelho de Porco no ALMOÇO COM AS ESTRELAS

No período que eu toquei de **JUNHO 1972** a **JULHO DE 1973**, aconteceram muitos shows, viagens ao Sul do pais interior de São Paulo. As coisas aconteciam muito rápido naquela época. Existe muita desinformação a respeito do Joelho de Porco, culpa do desconhecimento e do próprio Carlos (Tico) Alberto Terpins.
(**RODOLFO BRAGA**).

Eu comecei a tocar (violão e guitarra) nos **ANOS 60**, precisamente em **1964**. Nunca havia baixista então eu era obrigado a usar a guitarra como baixo.Tocava em muitos conjuntos de bairros. Minha primeira dupla chamava-se The Beethovens, que logo transformou-se em conjunto Trouble Makers, tive um grupo em **1966** (a primeira vez que toquei com um baixo de verdade), tocamos em um grande show em São Paulo ao lado de luminares da época como: Beatniks, Lunáticos, Deni & Dino & o falecido comediante Renato Corte Real no Show "Noite da Primavera no Circulo Militar". O nome do conjunto onde eu toquei baixo (com uma baixo de verdade) nos meus **16 ANOS** chamava-se Os Febris (conjunto formado pelo meu então professor o multi instrumentista Enio, guitarra, eu no baixo eu no baixo, Daniel Haar guitarra base & Joaquim Cunha Bueno, tocamos 'Pobre Menina', me lembro que eu coloquei um óculos caravelle – porque estava na maior a paúra diante do publico, o nome Febris fora dado pelo pai do então guitarrista base Daniel Haar, filho do então fotógrafo da revista *MANCHETE*, Sigmund Haar). Uma curiosidade, o baterista era o Joaquim Cunha Bueno (primo do político Cunha Bueno), que depois virou fotógrafo. O guitarrista solo (me emprestou o baixo modelo copiado de um Mosrite feito pela 'Snake') era o Enio (fabuloso músico/professor, guitarrista e baixista que trabalhava nas lojas Isnard demonstrando intrumentos), e que foi meu professor e mentor (**1966-68**) nos meus primórdios do jazz.

Foi a primeira vez que toquei com um baixo de verdade e foi um sucessso: no final dei um bocado de autografos (naqueles diários que as meninas da época carregavam).

Tocamos neste grande show em São Paulo ao lado de luminares da época como: Beatniks, Lunáticos, Deni & Dino & comediante Renato Corte Real no Show "Noite da Primavera no Circulo Militar". Foi meu primeiro show profissional ao lado de luminaras da época. Toquei também em **1967** no Fase 77 (Dez anos a frente).

Curiosidade: (Nada é pro acaso...)

Entre **1965-67**, minha mulher atual (Kika) teve um conjunto: (Tony, Kika & Ulla), que é mencionado no livro dos Mutantes *DIVINA COMÉDIA* – este, trio em **1966**, foi acompanhado pelo Arnaldo (Mutantes) ao contrabaixo acústico no auditório da Folha de São Paulo. Curiosamente eu estava presente neste show, e me lembro que ela me chamou muita atenção... So viemos a nos conhecer muitos anos mais tarde...

Em **1969** ingressei no conjunto Islander's onde toquei até o final de **1971** (e mais tarde, o tecladista, o cantor e o baterista montariam o Terreno Baldio). Em **1974** formou-se o Terreno Baldio, e com a saida do baixista João Ascenção (ex-trio Fush) ingressei ficando até o final de **1978**, saindo eu e o Mozart (que veio a participar de uma formação do Joelho entre **1978-1979**).

Neste período dos **ANOS 70** (começa a história do Joelho). Pra você ter uma ideia da "loucura" da época: toquei em **1972** no U. S Mail (conjunto onde cantava o Percy que anos depois veio a participar do Made in Brazil e Duda Neves baterista), no conjunto

Hot Rock (show no Tuca) com Prospero, bateria e vocal; Carlos Bogossian (Bogô ex Beatniks, Sic Sunt Res) guitarra, Thomas Gruetzmacher (meu colega do colégio Porto Seguro), vocal (falando em inglês palavrões que ninguem entendia...será?) e eu Rodolfo Braga (baixo).Tocávamos as raízes do Rock. Bogô (veterano do Hits, Beatnicks) com sua Gretch vermelha de camisa xadrez (vermelha) e sapatos brancos. Eu com um baixo Fender (emprestado do Gerson Tatini, primeiro guitarrista do Joelho). Também participaram deste show o Mona (Pedro Infantozzi, Albino Infantozzi & Fabio Gasparini & Conrado Assis (que meses depois ainda no mesmo ano viria a formar comigo o Joelho) & O grupo de Rock (domingueiras do Clube Pinheiros, Banespa & Circulo Militar). O Hot Rock chegou a ofuscar as outras duas bandas tal a energia da apresentação (sendo comentado em jornais da época, Revista Rolling Stone etc). Esta mesma enrgia que não parava de crescer até a formação do Joelho. Bogô foi para a Europa (quando voltou já haviamos montado o Joelho).

Próspero me procurou me dizendo que ia me apresentar um rapaz que escrevia umas letras engraçadas. E que o nome da banda seria Joelho de Porco (LEMBRO BEM QUE EU ADOREI O NOME NA HORA...) Eu desde o início queria o Waltão que conhecia de longa data, mas ele estava em excursão no nordeste com a dupla Don & Ravel, foi cogitado então o Mozart que chegou a fazer um ensaio comigo e o Prospero na casa do Bogô, não aceitou porque na época estava com o trio Fush acompanhando Charles & Ralf (que cantavam musicas do Jackson Five) e que viriam acontecer anos depois como Cristian & Ralf fazendo musica sertaneja.

Conhecia o Próspero de conversar com ele nos Bailes do Circulo Militar em **1970** (onde conjuntos de "filhinho de papai" tocavam com equipamentos importados que só se conhecia dos conjuntos ingleses ou norte americanos).

Entre observações, críticas à parte, eu dizia que queria montar um grupo como o Cream (Clapton, Bruce e Baker), Prospero (que adorava Beatles, Hollies) conhecia Tico (que escrevia umas letras engraçadas), eu por minha vez conhecia o Walter Baillot ("Provos"? & Século XX") desde **1966** (conheci o Walter tocando em boliches e bailinhos imagina!!) eu sabia do potencial do cara (nem uma guitarra decente ele tinha) eu o convidei para tocar conosco. Dada a impossibilidade do Walter chamei então Mozart Martins de Mello (hoje pai de meus sobrinhos), que chegou a ensaiar (na época ele tocava no Trio "Fush", de onde saiu o baterista (Juba) que veio à tocar na banda Blitz), mas ele preferiu acompanhar a então dupla de goianos "Charles & Ralf. Mozart Martins de Mello chegou a tocar no Joelho em **1978** (tocando em alguns shows ao lado de Billy Bond). Nesta época eu já havia começado minha carreira de músico da noite.

O primeiro guitarrista do Joelho era baixista...

Gerson Tatini (ex:Nexus/Eyes), então guitarrista de domingueiras do Círculo Militar e amigo do Próspero, pensava em passar a tocar baixo ao invés da guitarra. Me lembro que ele disse: você toca guitarra e eu o baixo, o que eu respondi não! desculpe mais eu assumi o baixo. Prospero me apoiou na decisão e disse que ele tinha que se decidir; ou ele tocava guitarra no Joelho ou continuava nos bailinhos do Circulo no conjunto Nexus/Eyes (Na época eu também estava tocando no US Mail). E optei pela criação e escolhi ficar no Joelho.

Ensaiamos (noite e dia) durante meses (agosto de 72 a novembro 72), tocamos num show com Tony Osanah, acompanhado pelo trio vocal "Arco Íris" dos irmãos do (e o próprio) Fábio Jr (meu colega de classe Na Fap–Art).. Estavam presentes Mutantes,

Rita Lee, Alpha Centuri e toda a turma do Rock e artistas da época no auditório da Rádio Eldorado de São Paulo.

Tocamos na Concha Acústica da Aclimação ao lado de Tim Maia, Cinthia & KapTa e Memphis. Ainda no mesmo ano, tocamos no TBC (série de shows comandados por Cacho Valdez (ex-guitarrista dos Beat Boys), em **NOVEMBRO DE 1972**. Num desses shows, conhecemos Cláudio Coimbra, de Cambé/Paraná, que nos convidou a tocar no "Primeira Colher de Chá", festival de Rock ao ar livre. Na época, fomos eu e Tony Osanah no seu fusca azul – lembro que dirigi noite adentro, chegando ao amanhecer. Na volta a São paulo Tony não aguentou dirigir e paramos num posto de gasolina e tiramos uma soneca e depois seguimos viagem.



A CHAVE: TUDO BEM

Para os rockeiros de Curitiba, foi o maior acontecimento do ano: a volta do conjunto A Chave, que não se apresentava em sua cidade de origem desde 1973. Depois de uma parada para aperfeiçoar o som e comprar nova aparelhagem, e ainda uma longa excursão pelos Estados do Sul e interior do Paraná, os caras voltaram com toda força, no auditório da Universidade Federal do Paraná.

A Chave: o rock de Curitiba.

● Depois dos dois shows em fins de outubro, no Teatro Leopoldina (Porto Alegre), A Chave volta a tocar na capital gaúcha, nos dias 14, 15 e 16 deste mês.

Foto: Kam Chung Tah

A Chave (acima) é um grupo de Curitiba que promete estourar nacionalmente.

EM JANEIRO DE 1973, no Paraná, estivemos na tevê local, rádio e jornais divulgando o show e, tocamos ao lado dos Mutantes, Tony Osanah trio, Vultos de Astorga e A Chave de Curitiba; este show foi assistido por (estima-se) **6.000 PESSOAS** ou mais; existe um filme em super 8 em poder do Próspero dessa apresentação e ensaios.... Foi tanto o sucesso que fomos convidados para tocar em **JULHO DE 1973** no Ginásio "Moringão" em Curitiba, onde tocamos ao lado de Tony Osanah (ex-cantor dos Beat Boys, os mesmos que acompanharam Caetano Veloso em Alegria, Alegria) e Kapta

(grupo de Rock Fusion da zona leste). Este show foi um happening, com todos os músicos tocando Sunshine of your Love até desligarem a luz, o que valeu um chute de Waltão (que estava pra lá de Bagdá, e quem não estava...) em um dos refletores do palco. Apesar disso, este show não obteve a lotação esperada (esperavam-se umas **10.000 PESSOAS**), pois era época de férias, e a maioria dos jovens da época estava de férias fora da cidade. Estima-se que foram de **2 000** a **3 000 PESSOAS**...

(...)

O Arnaldo Baptista (tecladista dos Mutantes) na época "produtor", na realidade mais um amigo dando força, tocou sintetizador no compacto simples, selo Sinter/Phonogram na música “Fly América” (autoria Terpins / Luiz Chaves). Agora quem gravou todo o LP *SÃO PAULO 1554 – HOJE* foi o músico cego Sérgio Sá, fantástico tecladista profissional. Não sei de onde veio esta ideia que o Arnaldo Baptista participou!!!

O lançamento do compacto ‘Se você vai de xaxado, eu vou de rock'n'roll’ / ‘Fly América’ foi no programa Almoço Com As Estrelas na TV Tupy, canal 4, comandado pelo casal Ayrton & Lolita Rodriguez. Tocamos numa série de shows no Teatro 13 de Maio, ao lado do Grupo Capote, e também no MASP (Museu de Arte de São Paulo), onde estava no nosso camarim Rita Lee, fã do Joelho. Aconteceram shows em Bragança Paulista (cinema local) e em Santos, no palco da Rádio Clube. Neste show apareceu Lulu Santos, que tocava no grupo Vímana ao lado do Ritchie e do Lobão (posteriormente, cantores e compositores), e que deu uma canja com meu baixo e quase o quebrou (tropeçando no palco, de tão "bêbado" que estava).

Terceira e última parte: brigas internas e minha partida pra New Orleans ... A Volta e Terreno Baldio

1973. Walter Baillot (o gênio angustiado da guitarra misto de Jeff Beck, Eric Clapton & Duane Allman), Próspero Albanese, (espelho meu: Paul ou eu?) & Conrado Assis Ruiz (Lennon & McCartney, Hollies, gosto de música, mas serei médico...), Carlos Alberto (Tico) Terpins (ironia, cinismo, loucura ou genialidade?) E eu Rodolfo Braga, um cara que sempre tocou baixo, mesmo na época que só tinha guitarra e adora os sons graves deste lindo instrumento!

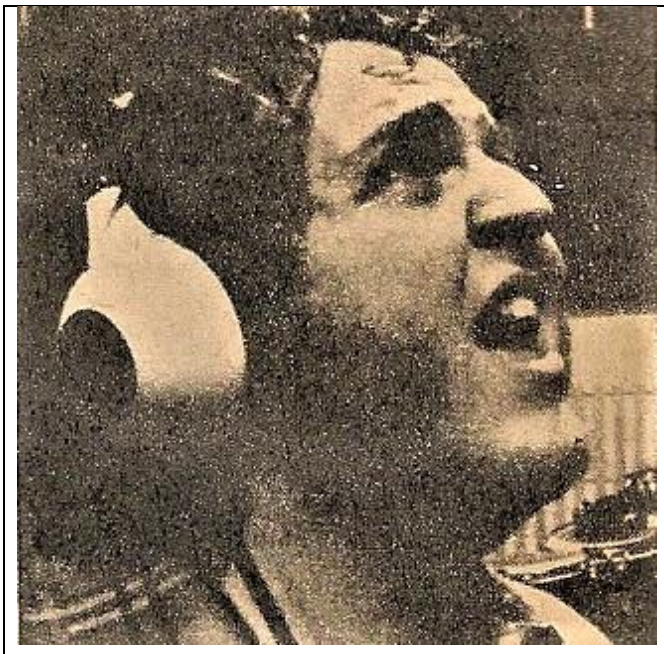
***RODOLFO BRAGA COLOCA SUAS VIVAS MEMÓRIAS EM ORDEM... HÁ POUCO TEMPO ATRÁS, ELE VOLTOU A TOCAR CONTRABAIXO NO JOELHO DE PORCO**

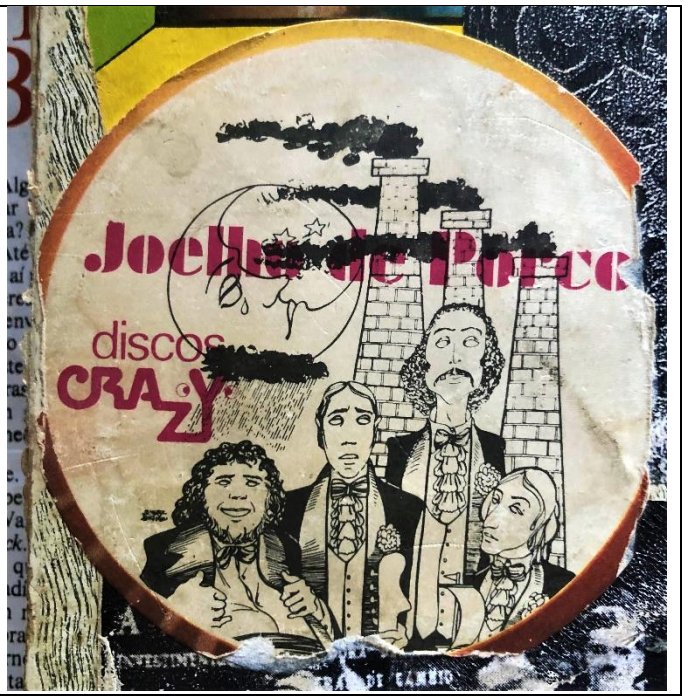
COMENTÁRIO

"O texto do Rodolfo está muito bom, rico de memórias maravilhosas. Posso tentar acrescentar alguma coisa, e te mando depois.

“Não me lembro do Arnaldo cair do banco, mas lembro que ele demorou um tempão pra tirar aquele som de um sintetizador que mais parecia um painel telefônico, daqueles tipo 'patch bay'. Mas foi um barato! Abração, a gente vai se falando". (**CONRADO**).

JOELHO DE PORCO TOTAL DESRESPEITO ÀS INSTITUIÇÕES, SEJAM ELAS OFICIAIS OU NÃO! (MÁRIO PAZCHECO)





porco! porco! porco!

O show do ano passado (**2005**) não foi do Joelho. Eu fui convidado pelo Próspero para cantar com ele, mas a banda não tinha nada com o Joelho. Infelizmente, com o pretexto de "homenagear" o Joelho, alguns fãs, entre eles o Thunderbird, montaram a tal banda que chamaram de Joelho de Porco Sport Club, ou algo do gênero. Sinceramente não gostei da ideia, mas há um grande movimento no

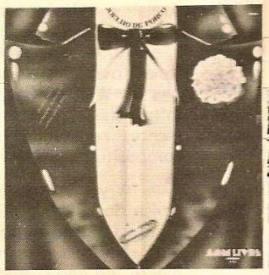
Orkut pedindo um show do Joelho. O Rodolfo e eu já topamos, o Próspero parece também ter topado. Falta o envolvimento de organizadores, e escolher o resto da banda dentre os músicos que participaram do Joelho nas outras fases. (Conrado).

De acordo com Marcelo Dolabela em *ABZ ROCK BRASILEIRO*, o Joelho de Porco passou por mais de 13 formações vestindo smokings pretos/brancos/e brilhantina, e durante o punk, sombra nos olhos, espessa camada de base no rosto e lábios vermelhos. Glitter? – Não! A encarnação do típico espírito paulista de completa gozação desde Oswald de Andrade a Adoniran Barbosa.

Minha paixão pelo Joelho de Porco data do Primeiro grau. Já mais velho, certa vez, no Sebo do Disco e o seu inflamado dono protagonizei uma memorável bravata. Por um bom preço comprei aquele disco da Som Livre e fui pra casa ouvir o disco. Chegando em casa, o disco continha um arranhado da primeira à última faixa. Voltei no sebo e pedi educamente para trocar o disco ao que o comerciante insinuou que eu teria arranhado o disco... Foi o suficiente pra eu aloprar dentro da loja, fui na prateleira peguei o *ANIMAL RACIONAL* do Marco Antonio Araújo e sai da loja bufando... Demorei anos pra voltar lá. – O magro é foda. Tá doidão! Contemporizou o homem mau do sebo.

JOELHO DE PORCO
Som Livre 403.6147

O segundo elepê da banda paulista Joelho de Porco traz muitas novidades. Em primeiro lugar, gravado pela Som Livre, o disco adquiriu maior qualidade técnica, com melhor produção e mixagem. Algumas faixas, reproduzidas de seu disco anterior, como "Golden Acapulco", "São Paulo By Day", "Boeing, Boeing 723897" e "Aeroporto de Congonhas", foram ligeiramente moderadas.



As outras trazem mensagens urbanas, retratando inclusive a cidade do Rio de Janeiro, onde o grupo pretende ser conhecido. Para isso há a inclusão de "Rio de Janeiro City". Duas letras, "Paulette Mon Amour" e "Mandrake", também fazem firme alusão ao público gay.

O disco traz boa produção, bom ritmo, mas em poucos momentos pode-se ver as qualidades do Joelho de Porco. O baterista pouco faz além de simples acompanhamentos. O mesmo acontece com o guitarrista, que abusa dos pedais.

Enfim, um disco melhor cuidado e mais cansativo. O anterior, certamente, possui mais peso e mais garra, além de faixas bem melhores, como "Meus 26 anos", "Cruzei Meus Braços" e "Debaixo das Palmeiras." (RVJ)

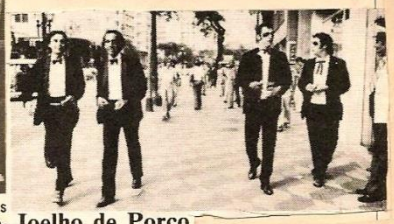
* * *

8 PRONTO PARA ESTOURAR



Joelho de Porco

Este disco, segundo os integrantes, vem para fechar um ciclo do Joelho de Porco, ou seja, todo um trabalho até então desenvolvido que, agora, está pronto a receber novos rumos. Assim, podemos esperar ainda mais novidades para o futuro.



Joelho de Porco

Mal servido

JOELHO DE PORCO, com o conjunto Joelho de Porco; até 22 de agosto na Sala Gil Vicente do Teatro Ruth Escobar, São Paulo; temporada em setembro no Rio.

O rock é um fenômeno basicamente urbano — sua origem remonta à sociedade industrializada dos anos 50, nos Estados Unidos, quando a juventude branca das cidades eletrificou os ritmos da música negra. Uma constatação simples, banal até, mas capaz de estabelecer verdadeiros precipícios entre os discípulos brasileiros dessa avassaladora tendência musical. Pois, se já são poucos os grupos que usam o rock apenas como uma informação técnica e musical a mais — capitalizando-o antropofagicamente como o escritor Oswald de Andrade ensinou e os Novos Baianos, por exemplo, aprenderam —, mais raros são os que seguem as lições no que se refere à temática contida nas letras das músicas. Mas justamente aí, no aproveitamento inteligente, bem-humorado, irônico e debochado das contradições de uma cidade grande (no caso, São Paulo) como matéria-prima poética para seus rockinhos musicalmente simples, reside a grande novidade do Joelho de Porco. Enquanto quase todos os outros conjuntos do rock brasileiro teimam em falar de amores melosos, entorpecidas buscas interiores e inquietações juvenilescas, o vocalista Ricardo Petraglia, sob o pseudônimo de João da Fúria, ironiza a "triste tragédia paulistana" que enche de gente o aeroporto de Congonhas, nas tardes de domingo, "só pra ver avião descendo, só pra ver avião subindo". Fúria apresenta-se à frente de Chicão Cobra (bateria), Waltão (guitarra) e Tico Terpins (baixo). Os quatro envergam smokings pretos, e a brilhantina fulge em seus cabelos. E se dispõem a oferecer, como sugere o próprio release de promoção do show, um "banquete musical". Que resulta curto e mal servido. À exceção do brilhante guitarrista, os músicos mostram-se limitados no trato com os instrumentos. E os vocais? Por conta do esbelto Petraglia (um pândego dentro do smoking que pertencia ao seu antecessor no grupo, o atual advogado Próspero, de 120 quilos) e do quase afônico Tico, salvam-se do desastre apenas pela interpretação teatral das letras engraçadas.

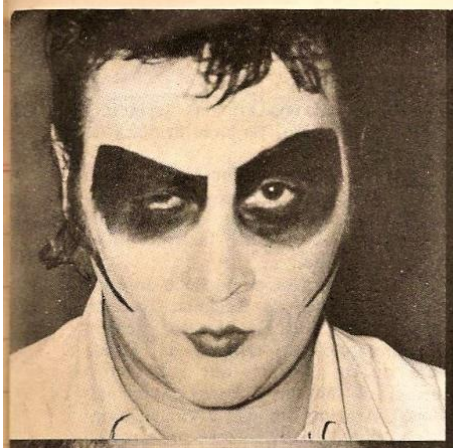
Resta perguntar: até quando os "banquetes" de rock brasileiro serão servidos como reles hambúrgueres? Falhas já tradicionais de som e iluminação, como as que aconteceram na estréia do Joelho de Porco, explicam-se, mas não mais se justificam. Já que o rock insiste, que capriche na tecnologia — como ensina a matriz.

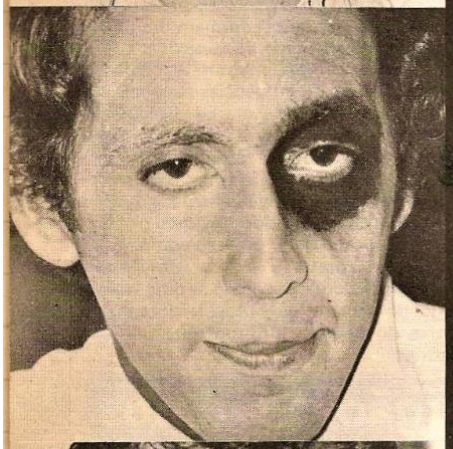
● Valdir Zwetsch

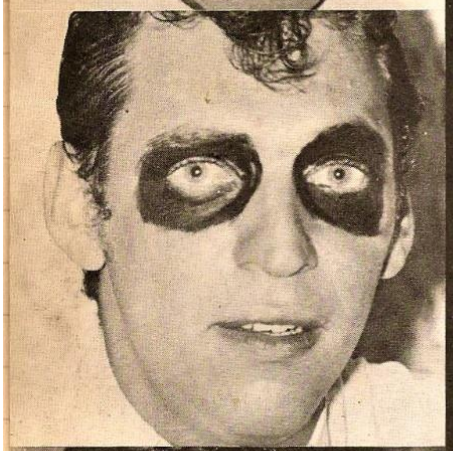


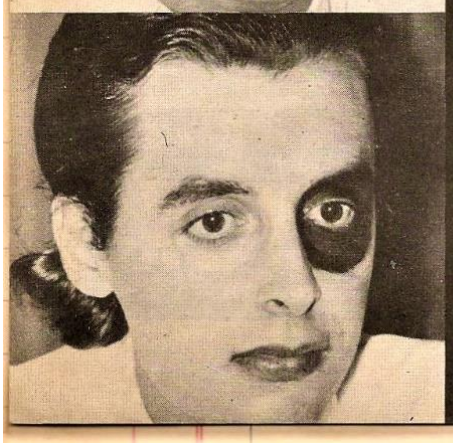
SÉRGIO SADE

Waltão, Chicão, Tico e Fúria — o Joelho de Porco: uma tragédia paulistana









Pronto para estourar

Com um novo disco, o Joelho de Porco encerra um ciclo de sua carreira. Uma grande turnê e o mercado latino-americano são os planos imediatos.

Talvez não sejam muitos aqueles que conhecem o conjunto paulista de rock, Joelho de Porco e, para estes, o grupo sempre se caracterizou pelo ar debochado, alegre e underground. Este público sempre se manteve fiel e a cada show sempre compareciam mais alguns. Agora, muitos e muitos outros rockeiros também conhecerão o Joelho, que acaba de assinar com a Som Livre, e já tem, inclusive, um disco pronto.

O show de abertura desta nova temporada, com o lançamento do novo disco, aconteceu no Som de Cristal, legendário palácio da gafieira paulista. Com corpo de balé gay, mágicos e muita baderna, o Joelho está pronto a ser o sucesso de 1978.

Mudanças — E será com um novo grupo, já que aconteceram duas importantes baixas. Uma, já há algum tempo, foi a do vocalista e compositor Próspero que saiu, segundo o líder Tico Terpins "por querer definir-se como advogado, largando show business". A outra, mais recente, foi a do guitarrista Waltão por, também, segundo Tico, "não se habituar à idéia de ter que caracterizar-se, pintar-se, acostumar-se com horários e tudo o mais que se espera de um músico profissional, chegando até a negar-se a tocar samba".

Em seus postos entraram Billy Bond, vindo do grupo Humahuaca e ex-proprietário da boate Be-Bop-A-Lula. Com forte sotaque castelhano, diz ser "o único cantor possível para o Joelho de Porco". Também entraram Mozart, na guitarra, e Juba, na bateria.

Com um novo empresário, Gabino Corrêa, e o contrato pela Som Livre, o grupo está esperando um enorme sucesso, incluindo a gravação deste mesmo disco em língua espanhola, para o mercado da América Latina e turnês pela França, México, Venezuela, Porto Rico, etc.

Este disco, segundo os integrantes, vem para fechar um ciclo do Joelho de Porco, ou seja, todo um trabalho até então desenvolvido que, agora, está pronto a receber novas idéias e novos rumos. Assim, podemos esperar ainda mais novidades para o futuro.

Novo público — Na verdade, o Joelho é um conjunto que precisa se fazer conhecido por todo o Brasil, já que, até agora, o público paulista era o único a saber de sua existência. Assim, neste novo elepê, há uma faixa que faz alusão ao Rio de Janeiro e seus problemas urbanos. Problemas muito bem retratados pelo conjunto que, com ar debochado e incisivo, sempre mostrou a "triste tragédia" vivida pelo povo brasileiro. Este sempre foi o ponto forte do grupo, um conjunto de rock que dava especial atenção às letras, identificando-se sempre com o público que ia vê-los.

Público que agora vai ser maior ainda já que a Globo pretende levar muitos garotos que até agora deliciavam-se apenas com Rita Lee, também contrada pela gravadora. Segundo Tico, o público dos shows oscilará entre 13 e 18 anos. E é para eles que está sendo preparada uma parafernália visual de grande impacto, com apresentações de mágicos, balé gay, etc.

Instrumentos necessários — É o Joelho se preparando para estourar. Começando por baixo, como todo grupo brasileiro que se preze, tendo como "padrinha" Aracy de Almeida e como "madrinho" Wladimir Soares, do Jornal da Tarde, o grupo passou por várias fases nestes anos todos. Agora já se definiu por um rock pauleira, bem à moda punk, com apresentações a rigor, de smoking, vaselina nos cabelos, rosto pintado e muita zona em palco.

E como todo grupo punk, o Joelho não conta com aparelhagem própria. Possui apenas os instrumentos necessários — Tico, baixo Fender Jazz Bass; Juba, bateria Premier Octa Plus e, Mozart, guitarra Gibson. Isto, porém, não é problema, pois o Joelho vai conseguir dar seu recado de qualquer jeito.

fotos: Rubens B. Campo

Ainda não conhecíamos o LP *SÃO PAULO 1554 – HOJE*, com os verdadeiros gourmets elétricos do Joelho de Porco. O disco uma verdadeira raridade, uma lenda

até que eu vi a edição em vinil amarelo da Crazy Discos na casa do Osmar, então um dos maiores colecionadores de discos de Brasília, residente à QE 32 do Guará 2 e que hoje vive em São Paulo. Este disco foi relançado na **DÉCADA DE 80** com o rótulo azul claro da Beverly.

O Joelho de Porco deste primeiro LP, conheci quando a Patrulha do Espaço, gravou "Meus 26 Anos", esse para sempre o meu hino de cozinha. A gravação da Patrulha do Espaço era o máximo até o dia em que eu ouvi a versão original do Joelho e pirei! *SÃO PAULO 1554 – HOJE* é clássico com rocks bem tocados e debochados em meio a arranjos meio beatle circa "Come Together" hoje eu vejo que o Joelho de Porco antevia o Ruttles! Em **1975**, eles já eram new–wave antes do punk. E um pianinho de Arnaldo Baptista, gravado numa sessão em outubro de **1975**.

Em **1978**, Pedro Veras, artista bissexto da UVA (nos encorajou a ouvir e tocar o repertório do Joelho de Porco – existe um vídeo-raro com a gente tentando cantar 'Um Boeing 723897"). No Rio de Janeiro, no final deste ano, o Joelho de Porco com músicos egressos do Casa Das Máquinas iniciaria mais um hiato na sua carreira.

Ressurgindo, cinco anos depois, o Joelho de Porco, voltaria a nos conduzir a uma experiência eletrizante e de terror que era ouvir o disco duplo *SAQUEANDO A CIDADE* (este sim o primeiro álbum duplo de rock do Brasil!) Joelzinho de Oliveira, nutria a morbidez de sempre nos apresentar um som que naquele momento não era digerível para nós e foi através dele que entramos em contato com a Vanguarda Paulista e o mineiro Marco Antonio Araújo e outros biscoitos finos de Frank Zappa. Nas suas andanças pelo interior de São Paulo, Joel voltava da Discoteca 220 Volts de Ribeirão Preto, recheado de bolachas num tempo saudoso em que investíamos nossas economias em bolachas. Depois disso, o Joelho de Porco ainda lançou "18 anos sem sucesso" que eu tive o prazer de resenha-lo no JOSÉ (Jornal da Semana Inteira), minha última crítica naquele espaço.

O RETORNO MUSICAL DO JOELHO DE PORCO*

O grupo irreverente continua explorando o filão original

Nos tempos dos festivais eles eram conhecidos como Anteontem 56 e meio. Em **70**, mudaram de nome, definitivamente, para Joelho de Porco e, dois anos depois, estrearam em disco com o compacto Se você vai de xaxado, eu vou de rock'n'roll, produzido pelo mutante Arnaldo Baptista, que chegou a tocar com eles.

Prospero Albanese, o vocalista, deixou o grupo e em seu lugar entrou Ricardo Petraglia. Novamente o Joelho mudou de vocalista e músicos. Com a entrada do argentino Billy Bond, nos vocais o conjunto conheceu sua fase de sucesso, gravou mais um LP pela Som Livre e organizou passeatas por São Paulo e feijoadas no MASP. Rápido como o sucesso o grupo desapareceu, para reaparecer em **1983**. Novamente com Próspero Albanese nos vocais, Tico Terpins no contrabaixo e a adesão de Zé Rodrix nos teclados lançou o primeiro e hilariante álbum duplo de rock brasileiro, Saqueando a cidade, que vendeu poucas cópias. Quando menos se esperava, olha aí de novo o quarteto confeccionando um novo disco: 18 anos sem sucesso.

18 ANOS, renega o rock de garagem e parte rumo à consagração, explicando a produção esmerilhada e a lista de convidados que participaram das gravações.

O Joelho continua tirando um sarro em cima das fases que o grupo teve de passar para sobreviver sem, contudo, atingir o esperado sucesso. 18 anos sem sucesso, é uma faixa contagiante, com um refrão assimilável, que só os canais e ouvidos mais experientes não estranharão.

Se a onda é merengue, nada como curtir Mariquinha, Maricota. Há inclusive música para crianças com vozes de crianças, mulheres procurando pelo homem que elas amam.

Parodiam o passado, em Mamãe Mamãe. Relembram as rebeliões em presídios no blues Rebelião no Carandiru. Revivem os anos dourados em Se eu me apaixonar. Usam canções como vinhetas e passam por marchinhas como No céu não tem cerveja, onde os santos não ficam de porre e nem fazem pipi.

A festa prossegue num Twist de branco, com a peculiar sacanagem brasileira, e o disco encerra com a conhecidíssima Um boeing 723897, onde o índio do Amazonas está com a rosquinha na mão.

O Joelho de Porco, descaracterizando rótulos, avacalhando nas versões mantém acesa a chama da qualidade e originalidade que sempre servem de ingredientes em seus discos. Agora, digam-me porque o Joelho só é aceito nas feijoadas de sábado?

***ORIGINALMENTE PUBLICADO NO JOSÉ, EM 28 DE JAN. – 3 DE FEVEREIRO / 1989.**



NO CÉU NÃO TEM CERVEJA

Até **1997**, fiquei sem notíciais do velho Joelho de Porco, quando um pacote com relaçamento de seus discos foi viabializado pela gravadora Movieplay. Nessa época, Tico Terpins andava enrolado com um acidente de trânsito e infelizmente morreu em **JUNHO DE 1998**. Um ano depois foi a vez de David Zingg o colunista da Folha de S. Paulo e Playboy e exímio fotógrafo que registrou através de suas lentes todos os movimentos culturais do Brasil desde o **FINAL DOS ANOS 50**. Tico Terpins e David Zingg foram compor a feijoada celeste ao lado do saudoso Walter Baillot que ainda no **INÍCIO DA DÉCADA DE 80**, falecera. Já que os anjos não ficam de porre desce outra! Sobreviveram Zé Rodrix e Prospero Albanese de quem esperamos que seus discos continuem a tradição culinária do banquete antropofágico, o qual começou a ser servido de São Paulo para o Brasil pelos modernistas de **1922**.

À exceção do brilhante guitarrista, os músicos mostram-se limitados no trato com os instrumentos. Valdir Zwetsch in Veja. Sobre Walter Baillot

Waltão não se habituou à ideia de ter que caracterizar-se, pintar-se, acostumar-se com horários e tudo o mais que se espera de um músico profissional, chegando até a negar-se a tocar samba. (Tico Terpins in Música). NOTA: Após a saída do Joelho de Porco, Walter Baillot foi integrar e excursionar com Rita Lee e os Cães e Gatos no espetáculo *BABILÔNIA*.

“O saldo dessa formação, por parte do Waltão (Baillot – pronúncia-se Baiô), foi o enorme aporte tecnológico que na época ele trouxe para a banda como o sistema sem fio F.M. para guitarra. Tudo isso obra dele, material artesanal feito por ele e que só iria ser incorporado às bandas muitíssimos anos depois. Fora a inclusão de uma música do Joelho de Porco no repertório da Patrulha, que se tornaria um clássico da banda e um hino da nossa geração. O nome do tema? – ‘Meus 26 Anos’".
(**ROLANDO CASTELLO JÚNIOR, BATERISTA DA PATRULHA DO ESPAÇO**).

Diálogo impagável Tico Terpins: "Que que é sapatão?" Ao que Aracy de Almeida, a Dama do Encantado responde "é a mulher que não se amarra muito num porongo!".

Desfalques do rock nacional: à esquerda Dudu Chermont; à direita Walter Baillot e suas respectivas Gibsons.

*Foto: Grace Lagôa, **1979**. Na Tarkus Equipe de Som-SP.*

COMENTÁRIO:

Conrado Ruiz p/ Mário Pazcheco

Joelho de Porco

Bom texto! Fui fundador do Joelho com o Tico e Próspero, colegas de Dante Alighieri. Fui o primeiroi cantor, no primeiro compacto pela Sinter (Phillips). Quando saí do conjunto o Próspero passou a ser o principal cantor. O Petraglia passou rapidamente, logo após. Voltei a cantar no *18 ANOS SEM SUCESSO,* o fado “De Véu E Grinalda”, que tinha sido gravado em **1972**, e nunca editado. Hoje toco com amigos. Abraço.
(**CONRADO**) conrado@email.com



JOELHO DE PORCO *em sua estreia, no Programa Blota Junior da TV Tupi, SP*

Da esquerda para a direita: Conrado (piano), Rodolfo (baixo), Tico (violão), Próspero (bateria) e Waltão (guitarra).

18 DE SETEMBRO / 2011 – Um dos grandes expoentes do rock-humor brasileiro e precursor da atitude punk, o grupo paulistano Joelho de Porco foi formado em **1972** por Tico Terpins (ex-Os Baobás), Walter Baillot, Próspero Albanese, Conrado Assis e Rodolfo Ayres Braga.



*Joelho no Mercado Municipal de SP, para fotos promocionais em **1971***

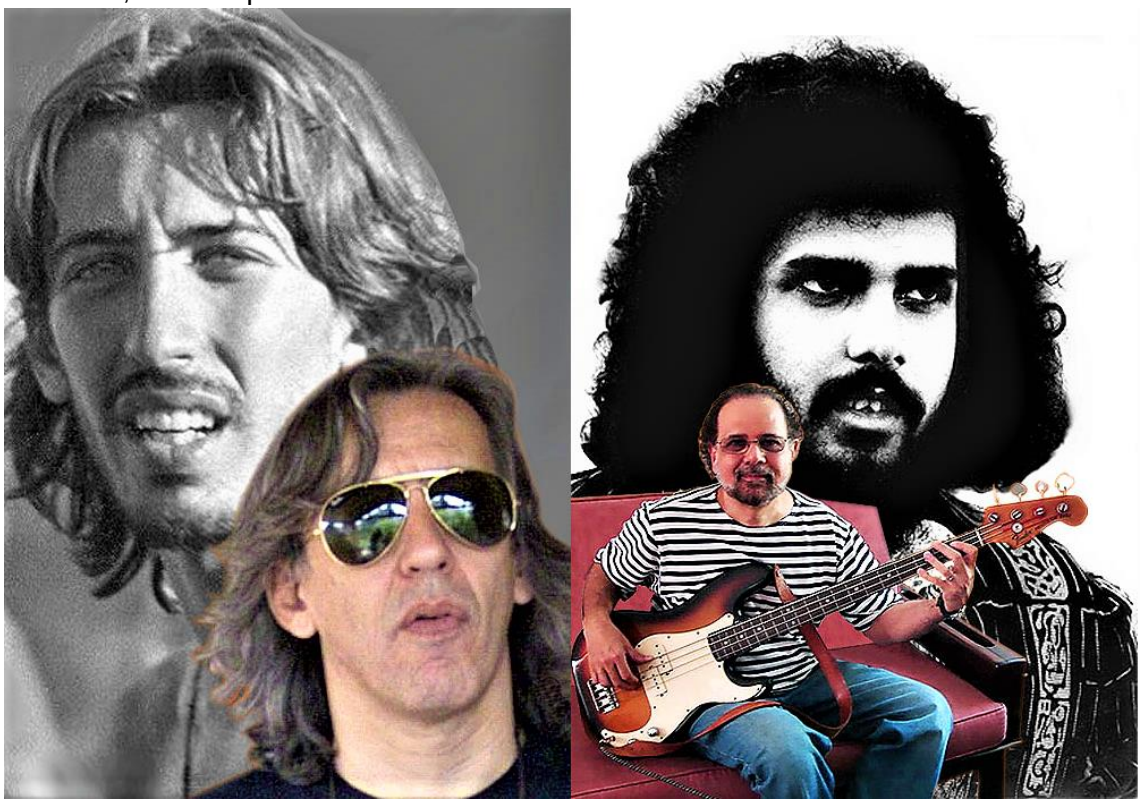
Gerson Tatini, Rodolfo, Conrado, Próspero, Tico e o produtor Leon Cakoff

Em **1973** gravaram o compacto contendo as músicas Se Voce Vai de Xaxado, Eu Vou de Rock'n'Roll e Fly America. Aliás, este compacto nunca foi em tempo algum cantado ou gravado por Ricardo Petraglia como vem sendo informado aqui na Internet. O compacto foi gravado por Rodolfo (baixo), Prospero (Bateria e voz), Conrado (piano e voz), Gerson Tatini (guitarra) e "Tico" Terpins que tocou violão em Fly America. No tocante à também comentada "produção" de Arnaldo Batista, o mesmo limitou-se à tocar sintetizador na música Fly America. Ricardo Petraglia só apareceu na cena em **1976** substituindo Próspero em alguns shows (entre eles o do Teatro Ruth Escobar).

Dois anos depois, a banda lançou seu primeiro LP, *SÃO PAULO 1554 / HOJE*, um dos mais elogiados discos do pop da época, misturando rock pesado e referências tropicalistas em faixas como “Boeing 723897” e “Mardito Fiapo De Manga”.

Em **1976**, entrou na banda o vocalista argentino Billy Bond, com o grupo partindo para uma linha mais agressiva, próxima do Punk Rock que, explodia naquela mesma época na Inglaterra. Em **1977**, Joelho gravou o LP homônimo e, pouco tempo depois, encerrou suas atividades.

Tico Terpins partiu para o mercado dos jingles publicitários, montando o estúdio Audio Patrulha. Com Próspero e o falecido cantor e compositor Zé Rodrix (ex-Sá, Rodrix e Guarabira), logo remontaram o Joelho, que voltou ao disco em **1983** com o LP duplo Saqueando a Cidade, contendo as músicas Vigilante Rodoviário, Vai Fundo e Funicoli, Funicolá (versão roqueira de uma tradicional canção italiana). Com o vocalista e fotógrafo David Drew Zingg, a banda ganhou o prêmio de melhor letra do Festival dos Festivais da TV Globo (**1985**) por A Última Voz do Brasil. Em **1988**, o Joelho de Porco lançou o LP *18 ANOS SEM SUCESSO*, com repertório do pop americano pré-rock. Em **1998**, Tico Terpins morreu de enfarte.



*Conrado Ruiz em **1972** (ao fundo) e recentemente. Foto-colagens de A. C. Barbieri*
*Rodolfo Braga em **1973** (ao fundo) e recentente*

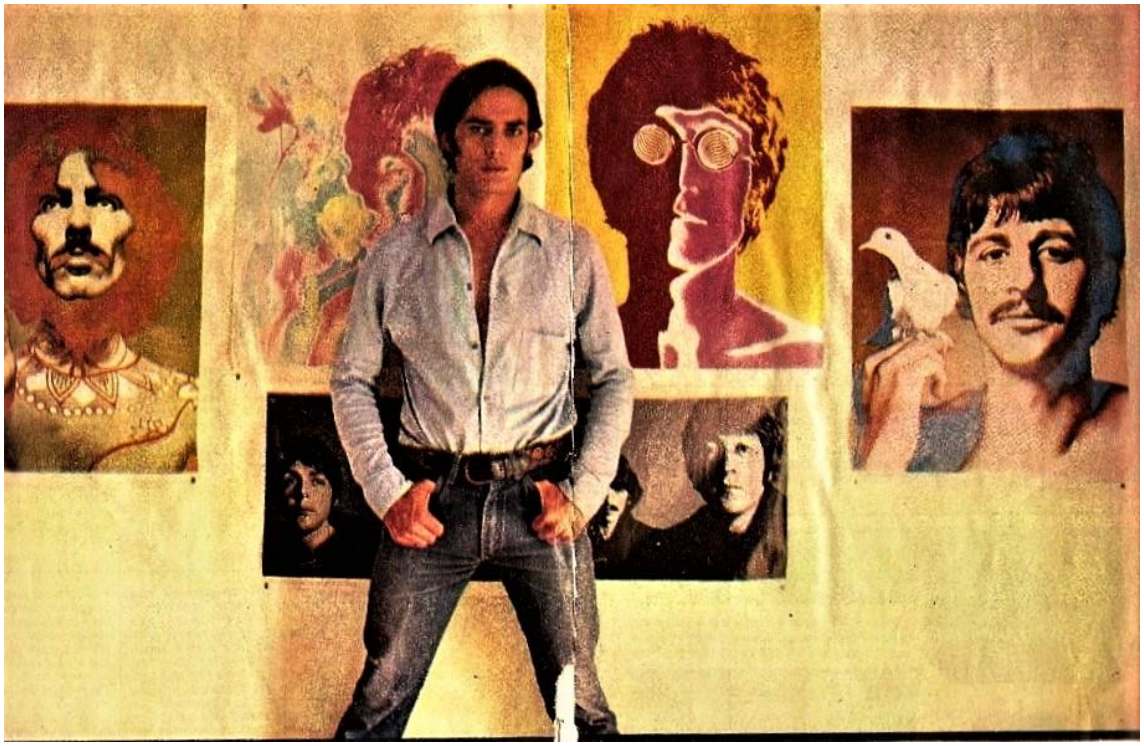
CONRADO DE ASSIS RUIZ CONTADO POR ELE MESMO

Nasci em **16 DE OUTUBRO DE 1952**, em São Paulo. Estudei no Colégio Dante Alighieri, desde o pré-primário até sair para a faculdade. Comecei a me interessar por música, ainda pequeno, ouvindo discos que meu pai, comandante da Real Aerovias, trazia de suas viagens aos Estados Unidos. Ouvi Elvis, Peter, Paul & Mary, Ricky Nelson, e muitos grupos vocais dos tempos do doo-wop. A mágica, no entanto, aconteceu quando ouvi um grupo novo e comprei meu primeiro disco, um compacto simples com “She Loves You” e “I Wanna Hold Your Hand”. Os Beatles mudaram minha vida, como a de muitos garotos daquela época. Comecei a gostar de música.

NO FINAL DOS ANOS 60 eu tinha a certeza de que o rock'n'roll era parte de minha vida. Um dia, quando cantava no páteo do Colégio Dante Alighieri, um garoto veio falar comigo. Chamava-se Caio Terpins, e era baterista. Aproximou-se de mim, e simplesmente perguntou:

”Você fala inglês?”. Respondi que sim, ao que ele disse:

“Então vai cantar em minha banda”. Era o começo de minha vida musical. Cantei pela primeira vez em público no TUCA, em São Paulo, aos **15 ANOS DE IDADE**. Comecei a usar recursos vocais que a maioria dos cantores da época não usavam. Colocações diferentes, entonações não usuais, ia descobrindo sons em minha garganta. Usava falsetes, ou a voz “empostada”, meio gutural, às vezes propositalmente rouca, o que fazia parecer que era mais velho do que realmente era. Foi uma época de experiências e aprendizado. Nosso conjunto, que se chamava **SÉCULO XX,** tocava principalmente em festas de amigos e festivais estudantis. Lembro-me de negociar preço para tocar, e após muita negociação acabar aceitando tocar pelo pagamento do táxi que levava músicos e instrumentos. Gostávamos de tocar.



Fui logo convidado por um outro grupo do colégio em que tocavam Oscar, Carlos Alberto Napolitano (Napola), Hugo Marone e o Bartô, ótimo pianista que mais tarde foi

tocar com o Ronnie Von. O grupo se chamava Expression 5, mudando depois para Kakos com a entrada do Klaus, outro guitarrista. Deste grupo fui para o Mona.

Alguns destes conjuntos eram realmente bons, mas o melhor foi o Mona. Alguns grandes músicos tocaram neste grupo, como Próspero Albanese, Fábio Gasparini, Pedro e Albino Infantozzi. Um dia, porém, Tico Terpins, irmão do Caio e também colega do Dante, me convidou e ao Próspero para formar um novo conjunto que viria a se tornar o Joelho De Porco. O Tico era dono da primeira guitarra Fender que conheci, uma Jaguar vermelha, linda. Desde então adoro as Fender.

O Joelho de Porco foi um acontecimento marcante do começo dos **ANOS 70**. Em **1969**, quando eu tinha **17 ANOS**, tinha ocorrido *WOODSTOCK*, os jovens se rebelavam contra o militarismo marcado pelo Vietnã, o homem pisava na Lua pela primeira vez, os hippies pregavam o amor livre e vi pela primeira vez *EASY RIDER*. Neste contexto o Joelho De Porco era a rebeldia inteligente, uma espécie de Cavalo de Tróia musical. Nesta formação original tocavam Rodolfo Braga, Walter Baillot, Próspero Albanese Neto, Tico Terpins e eu. O conjunto foi logo apadrinhado pelo Arnaldo Batista, dos Mutantes, que percebeu a personalidade e atitude do conjunto. O Joelho acabou sendo referência na história do rock nacional, com um comportamento agressivo, tocando um rock puro e forte, muito irreverente. Era punk antes de existirem punks. Viajamos muito, fizemos temporadas em teatros, tocamos regularmente em programas de TV. A estreia do Joelho aconteceu na TV Tupi, no Programa Blota Júnior. O sucesso foi tamanho que gerou reportagem na revista Veja. Não foi um bom começo? Infelizmente, saí do conjunto quando começava a fazer algum sucesso mais consistente porque eu estava no segundo ano da Escola Paulista de Medicina. Voltei a gravar com a banda no disco *18 ANOS SEM SUCESSO*, uma comemoração de longevidade.

Na faculdade continuei ligado à música. Compunha músicas com bons arranjos vocais, que cantava com minhas irmãs Pi e Angel e colegas da faculdade. Tentava ainda manter o contato com o rock'n'roll, tocando com o Egídio em um grupo que não chegou a decolar, com estilo mais progressivo. Daí acabamos evoluindo para um grupo vocal maravilhoso, Egídio, Oswaldo Fagnani (do Premê), João Kurk (do Rock Memory entre outros) e eu. Este grupo, chamado Caio, Jian, Ludi e Gi (clique aqui para saber mais), foi o mais perfeito grupo vocal que já ouvi, com composições e arranjos únicos, com ricas harmonias nos violões do Egídio.

Me formei médico em **1978**. O trabalho era pesado, e a vida de plantões não deixava muito tempo para a música. Me casei com a Ana, que conheci na faculdade, em **1980**, e ficamos casados até **2005**. Em **1981** nasceu o Cássio, e em **1983** a Thaís. Os dois até hoje partilham meu gosto pela música, nasceram e cresceram ouvindo meus "clássicos do rock".

O Egídio largou o Rock Memory nesta época e voltamos a tocar nos bares junto com um baixista maravilhoso, o Helinho Leite, grande amigo que hoje toca no Áries. Walter, Beto 2, Gel, estes foram alguns dos bateristas destes tempos de bares e estúdios. Eu tocava violão, teclados e sintetizadores, pelos quais me apaixonei. A possibilidade de usar tantos sons diferentes acabou me fazendo gostar de programação, o que ainda hoje uso para gravar as bases da minha banda NEP. Toquei com Roland, Korg, Ensonic, Casio, Emu, Yamaha. Hoje uso principalmente um Solton e o Ozonic. Programo as bases que usamos nos shows, assim posso tocar violão e guitarra.

Tenho ainda hoje o violão 12 cordas que usava no Joelho. Além dele, meus instrumentos atuais são:

Violão Ovation Custom Legend Sunburst
Guitarra Fender American Standard Stratocaster Sunburst
Guitarra Fender American Standard Telecaster Black
Guitarra Washburn HB–30 Sunburst
Amplificador Fender Hot Rod Deluxe
Epiphone Mandolin
Bandolim Luthier Henry Canteri
Teclado Solton M50
Teclado M-Audio Ozonic (home–studio)

É isto, minha história mal contada. Se quiser saber alguma coisa mais, mande um e–mail. Prometo responder. (Conrado e-mail: correio@nep.med.br)

RODOLFO BRAGA "CAPITAN AGUIRRE" CONTADO POR ELE MESMO

Sou músico desde **OS ANOS 60.** Comecei tocando guitarra em bandas de garagem tocando Surf Music (Ventures, Shadows) em bailinhos e festinhas de adolescentes,

Meu primeiro show profissional foi em **1966** com a banda Os Febris. Neste show, fui auxiliado por meu professor de guitarra Enio (Little Saints, Mini Master) que emprestou-me seu contrabaixo. Abrimos o show cantando uma versão de Hang on Sloopy chamada Pobre Menina que foi motivo de bis. O show foi no Clube Círculo Militar em Benefício da Associação Pestallozi intitulado Noite da Primavera. Nesta noite tocamos ao lado de bandas e artistas luminares da época tais como: Deni & Dino, Renato Corte Real, The Beatnicks e Os Lunáticos.

No período de **1967** à **1969** toquei com a Banda Fase 77 tocando em muitas boates de São Paulo, cheguei até a acompanhar um strip-tease na Boate La Ronde nas “Bocas” de São Paulo. :–)

Mudei para Santos em **DEZEMBRO DE 1969**, na mesma época entrei no conjunto Islander’s (de onde sairiam músicos que formariam a banda Terreno Baldio).

NO COMEÇO DOS ANOS 70 toquei ainda com a banda U. S. Mail (Percy, Marcão, Duda Neves, Marcelo Alex e Lazzarini). Fiz apenas um show com o U. S. Mail no Teatro São Pedro pois, como já estava ensaiando na mesma época com a banda Joelho de Porco preferi ficar com o Joelho. Na minha opinião, a banda Joelho de Porco foi a mais satírica e original banda brasileira de rock de todos os tempos.

Bom, enquanto toquei no Joelho, fizemos muitos shows pelos teatros e TVs de São Paulo além de alguns estádios pelo sul do país. Participamos também de um concerto ao ar livre chamado Primeira Colher de Chá no Paraná numa cidade chamada Cambé ao lado dos Mutantes e de Tony Osanah.

Tinha um amigo que já fazia algum tempo que morava em New Orleans e sempre me convidava para ir visita-lo. Como eu senti que no grupo (Joelho) estavam acontecendo brigas internas, percebi que era hora da minha saída. Aproveitei a oportunidade através de uma “Carta de Chamada (F-1)” que meu amigo me enviou através do Delgado Jr. College e fui para os Estados Unidos onde estudei Fine Arts ate **1975**.

Vivi de **1973** até o **COMECINHO DE 1975** em New Orleans (USA) onde estudei e, aproveitei para tocar com músicos locais tais como Fools Paradise e Brazilian Roots.

Neste período, gravei e fiz shows em universidades, festas consulares e bares na Louisiana.

Voltei ao Brasil em janeiro **1975**. Neste mesmo ano toquei no TUCA acompanhando um guitarrista Rockabilly ao lado das bandas Próspero & Joelho de Porco e Mona.

Em **1976** fui convidado para tocar no Teatro Ruth Escobar com a banda Terreno Baldio. Acabei gravando com com eles o LP Além das Lendas Brasileiras e permanecendo na banda até **1978**.

Depois disso passei por uma série de grupos na noite paulistana como por exemplo The Original Stompers (Dixie/Country/Bluegrass).

Durante o período de **1981** à **1982** toquei com a lendária banda da Jovem Guarda The Jet Black's, gravando o LP *THE JET BLACK'S RIDES AGAIN*.

Em **1985** participei da banda de rock UHF do Zé Brasil e Silvia Helena ex Apokalypsis.

Em **1987** montei minha própria banda com o nome Extra, gravamos uma fita demo com musicas autorais e a banda terminou, toquei com mais alguns grupos de curta duração (substituindo músicos) em bares e centros culturais.

Em **1989** fui convidado a fazer parte da banda da cantora Roberta Miranda onde permaneci ate **1992** tocando por todo Brasil com destaque para um show em Angola para mais de 150.000 pessoas.

Depois de **3 ANOS** excursionando por todo o pais, me retirei do cenário musical mudando para as montanhas da Mantiqueira (Visconde de Mauá) para um breve retiro.

De volta à São Paulo, durante o período de **1995** a **1996**, trabalhei como musico/ator para Cia Coisa & Treko no projeto Contadores de Estória apresentando-me em espaço abertos, escolas publicas & particulares e todas as Escolas Municipais de Ensino Infantil (EMEI) de São Paulo.

Em **1997** viajei novamente para USA, desta vez para estudar Jazz no Los Angeles Music Academy (LAMA) em Pasadena, Califórnia onde vivi, estudei e trabalhei com bandas de Swing, Jazz, Blues, Soul e Salsa por toda Califórnia e San Francisco. Neste período toquei com Toni Dodd & Southbound Blues Band, Will Ray (The Hellcasters), King Ernest (cantor de soul), Sharon Marie Fischer (pianista, cantora e compositora de R & B), Curtis Gray's Blues II Blues (Soul), Lula & Afro Brasil (Afro Latin/Reggae), Alessa International Band (banda de Salsa da cantora peruana Alessa), Constelation Band(banda brasileira de Samba e Pop) e Pedrinho da Flor (banda que acompanhou o cantor e compositor do Grupo Molejo em shows em Los Angeles e San Francisco).

De volta ao Brasil em 2000, fui selecionado pela Secretaria de Cultura para trabalhar em uma das unidades do Centro de Ensino Unificado (CEU) na posição de Arte Educador de violão e de professor de baixo para os alunos da Big Band do CEU.

Também trabalhei com o amigo músico e produtor argentino Marc Perren gravando com ele em **2004** o CD *REX-ROX ÚLTIMO DISCO DE ROCK'N'ROLL* onde cantei, toquei baixo e harmônica.

De **2002** à **2005** viajei para o exterior novamente, desta vez para a Europa. Fui para a Alemanha onde toquei com os amigos Frank Sijsling (baterista) e Ulli Akerman (guitarrista) músicos da banda de Jazz Fusion Victoria Station.

Recentemente, além de estar desenvolvendo um projeto musical envolvendo Brasil e Alemanha, estou concentrado em meus estudos, ensino de contrabaixo, escrevendo meu livro de memórias e tocando em sessões de música ao vivo...

Rodolfo Braga "Capitan Aguirre" e-mail: capitanaguirre@gmail.com.



LEMBRANÇAS DE A. C. BARBIERI

O Show do Joelho que não aconteceu

Em **1974** eu era totalmente inexperiente em termos de produção de shows. Eu conheci este rapaz que, se dizia amigo do Próspero e que, vangloriava-se de conhecer todas as bandas de rock da cidade.

Naquela época, juntamente com meu irmão Jorge, tínhamos uma loja de discos no Bairro do Limão chamada Stocking Music Center (clique aqui para saber mais). Nós, sempre estávamos organizando bailes de rock e queríamos muito produzir nosso primeiro show. Comentei que estavamos interessados em produzir um show com as bandas Joelho de Porco e Mona e o rapaz disse que seria muito fácil pois ele era amigo da turma toda e, para nos deixar mais felizes, disse colocaria mais uma banda chamada Alpha Centauri no pacote.

Então, acertamos uma data. Estupidamente, fizemos tudo na palavra, sem contrato e sem nenhum contato direto com as bandas.

Aluguei o Clube Laranjeiras e fiz um mini poster (veja acima). A ideia era tirar do resultado da bilheteria o suficiente para pagar o clube e dividir o restante com as bandas.

Naquele mesmo período aconteceu um show no Parque do Ibirapuera. Foi o último dos shows dos **ANOS 70** que acontecido neste parque. O show foi debaixo de uma grande extrutura geométrica. Eu panfletei neste festival e, Magnólio que era o apresentador do evento fez várias chamadas.

O rapaz que era a nossa ponte de contato com as bandas visitou nossa loja de discos e continuou mantendo a nossa expectativa até o dia do show quando, ele desapareceu e nos deixou na mão.

No dia do show, o clube lotou. Tínhamos um sistema de som razoável e seguramos a noite toda com som de fita. Inocentemente aguentamos a coisa até o último minuto, na esperança de que um milagre acontecesse. No final, já com a casa lotada, pedi desculpas e informei que as bandas não viriam e que quem quizesse, poderia pegar o dinheiro de volta na bilheteria. Curiosamente ninguém pegou o dinheiro e o povo dançou a noite toda.

Não tivemos prejuízo financeiro mas, moralmente foi muito chato porque pareceu um golpe da gente para atrair mais público.

As centenas de estrelinhas prateadas que fizemos para decorar o palco, mais tarde, foram dadas para o Magnólio e acabaram ajudando na decoração do palco do primeiro show da Tenda do Calvário que foi feito pela banda Som Nosso De Cada Dia.

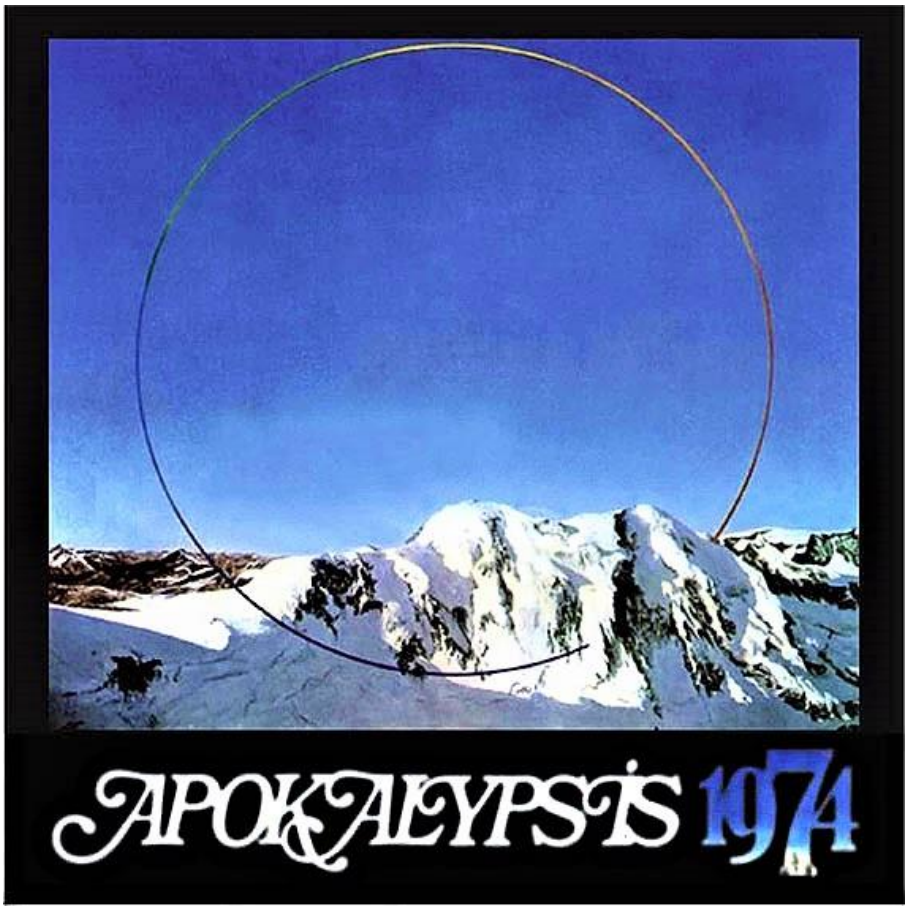
Não muito tempo depois, consegui produzir meu primeiro show. Foi tumultuado, não tinha licença nem alvará, deu polícia, reclamação dos vizinhos e tudo mais. Foi num teatrinho que existia dentro de um parque da prefeitura no bairro do Bom Retiro. O teatro estava sem uso há muitos anos. Estava todo comido pelos cupins e eu nem sabia. Menos de um mês depois deste evento, o teto do teatro desabou enquanto eu estava tentanto organizar o segundo show e, acabou com a brincadeira.

Neste evento participaram alguns músicos que ficariam famosos na história do Rock Brasileiro como o guitarrista Palhinha o baterista Duda Neves e Percy Weiss que era o vocalista da banda U. S. Mail.

A. C. BARBIERI


SHOW DE ROCK
COM ALPHA CENTAURI,
MONA E
JOELHO
DE PORCO
DIA:
05-10-1974
LOCAL:
AV. CASA VERDE
Nº 2932
JDIM. DAS
LARANJEIRAS
PROMOÇÃO:
STOCKING
MUSIC CENTER


Apresenta
BANANA PROGRESSIVA
6 $ 25.00
PREÇO ÚNICO
SOM NOSSO DE CADA DIA
VELUDO
BANDOLIM
4.º CRESCENTE
ZIMBABWE
BURMAH
MONTANHAS
ELOÁ TAMACHADO & A RAPAZIADA
BISCOITO CELESTE
BRASINHO CARLOS & CIA PAULISTA DE ROCK
TERRENO BALDIO
HERMETO PASCHOAL
BOLHA
MANITO
BARCA DO SOL
JAZCO
COMEÇA ÀS 19:00
TEATRO DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - AV. NOVE DE JULHO Nº 20



APOKALYPSIS LANÇA SHOW GRAVADO EM 1974!

BY A. C. BARBIERI

A banda Apokalypsis, comandada pelo músico Zé Brasil, acaba de lançar o CD intitulado ***1974***. O álbum, uma raridade, foi lançado no finalzinho de **2009** e, contém 7 músicas gravadas ao vivo em um show realizado no dia **16 DE DEZEMBRO DE 1974**. As músicas são: Liberdade, Homo Sapiens, Amanhã, Voz dos Tambores, Foi em **1966**, OVNI e Vamos salvar a Terra. A capa do álbum reproduz a tela "Love Supreme" do famoso pintor Antonio Peticov e conta com arte gráfica adicional do músico e designer gaúcho Rafael Cony.

Considerando-se que trata-se uma gravação feita à quase **40 ANOS** atrás, a qualidade do material sonoro é surpreendentemente muito boa. Musicalmente, não falta competência, mas, as músicas certamente vão reverberar muito mais para a velharada que viveu esta época de muitas mudanças sociais do que, para a nova juventude que gosta de letras mais viscerais e um sonzinho mais pesado.

Trata-se de um material híbrido contendo elementos de música clássica, música progressiva, MPB, Jazz e rock. O rock aqui representado, é um rock mais pasteurizado, mais para o flower-power dos **ANOS 60** do que, para o peso do hard rock dos **ANOS 70**. A temática lírica é um reflexo deste período e exporta a mesma inocência utópica de um “Blowin’ In The Wind” (Bob Dylan) ou “Imagine” (John Lennon). Dá até a vaga impressão de que, enquanto os militares estavam quebrando tudo, nossos jovens estavam com coroas de flores na cabeça dançando pelados no meio do mato! Olha que as aparências enganam muito! O Zé Brasil que o diga!

Como documento histórico, o CD não tem preço e é uma janela aberta para um período no Brasil em que o rock apesar da ditadura militar, foi muito criativo e competente.

Musicalmente, eu nunca fui muito MPB e, acho que este álbum tem MPB demais para o meu gosto (principalmente nos vocais). Para mim cantou muito limpinho, muito bonitinho já não é rock ou então, no máximo é uma balada. Bem, como vocês já sabem, gosto é uma coisa muito particular e eu sugiro que o caro leitor escute, julgue por si mesmo e prestigie este trabalho histórico. Outra coisa do rock que o povo esquece é que ele tem algo à ver com rebeldia adolescente, quebra de valores, choque de gerações e coragem de chutar o balde em termos de forma e conteúdo. O rock sobreviveu até hoje porque é um camaleão e se veste de acordo com o tempo que vivemos. Quando perdemos aquela energia seminal e ficamos comportados é sinal de que estamos perdendo o pique.

Agora, deixando o meu radicalismo de lado, honestamente, achei o album **1974**, como fotografia de um período, Nota 10 mas, nos dias de hoje, temos que reconhecer que está um pouco desgastado tanto na forma como no conteúdo e, sua mensagem meia hippie já não tem mais a mesma força e resonância.

De qualquer forma, só a parte instrumental da música Liberdade, em sí só, já "mata a pau" e mostra porque o lançamento deste álbum é tão importante!

Vídeo criado e produzido por A. C. Barbieri para a música “Liberdade”. Devido à limitação máxima de tempo imposta pelo Youtube (10 minutos) a música original que tem 13:07 minutos teve que ser editada e reduzida para 9:40 minutos de duração.

Importante: Antes de ver o vídeo, não se esqueça de desligar o audio player que se localiza mais abaixo nesta página!

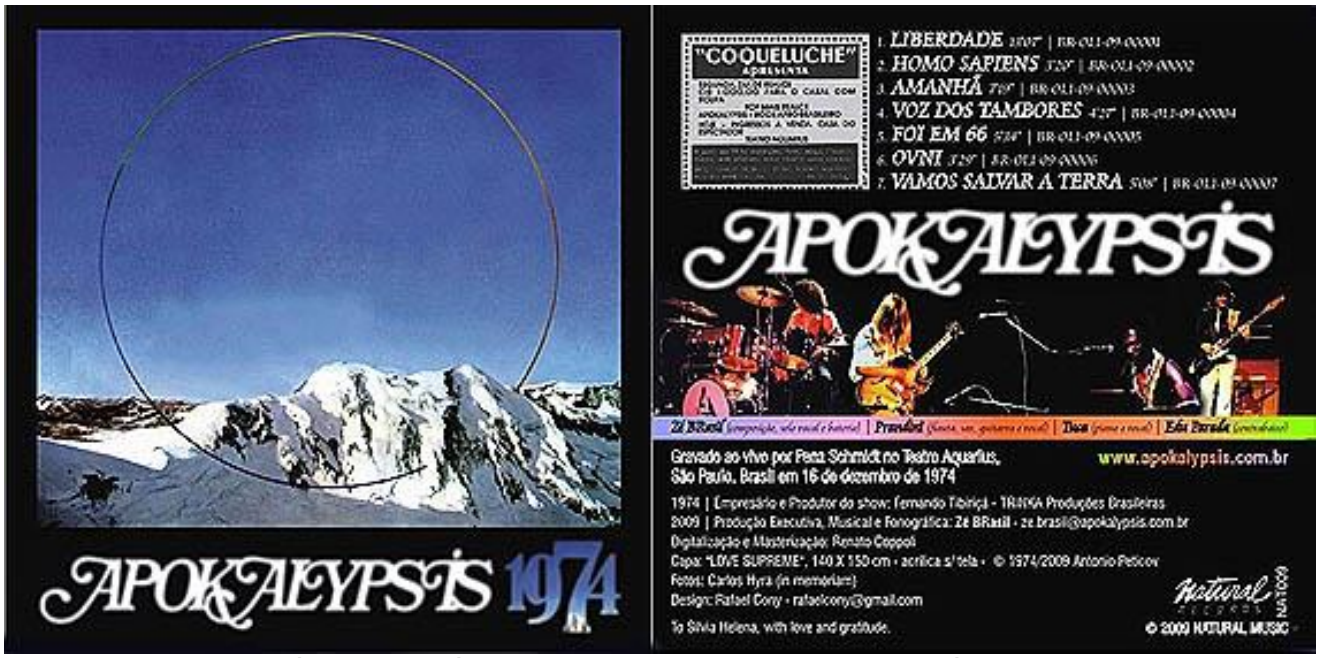
Acho importante salientar que, a história do grande Zé Brasil confunde-se com a própria história do rock brasileiro deste período e, vale a pena ser conhecida. Justamente por isso, abaixo segue um texto muito interessante escrito pelo próprio Zé Brasil. (**A. C. BARBIERI)**

ZÉ BRASIL, DEPOIS DE LER A MATÉRIA ACIMA, ENVIOU-NOS O TEXTO ABAIXO QUE ACHAMOS RELEVANTE:

"Eu tinha uma opinião muito semelhante à tua com relação a quem o ***1974*** iria sensibilizar (‘a velharada daqueles tempos’). Daí resolvi, por instinto, fazer o lançamento online em **17/11/2009** no site da Trama Virtual que é dirigido por jovens e completamente voltado para o público alternativo indie, e meia hora depois o APOKALYPSIS era o destaque número 1 e a seguinte resenha foi publicada no Blog da Home Page:

Baixe já, antes que o mundo acabe!

Primeiro escute essa parada aqui e sinta o drama (a música Liberdade). Não é segredo pra ninguém (ou é?) que durante a **DÉCADA DE 70**, o Brasil foi um dos top 3 centros de criatividade musical no planeta, muito disso porque teve uma prolífera e inovadora avalanche de grandes bandas progressivas que mexeram com as bases, entre elas a mais brilhante a surgir nos trópicos (Som Imaginário) e também coadjuvantes de respeito. Bom, essa música que você escutou é do Apokalypsis, um



desses secundários respeitáveis, que no caso era liderado pelo Zé Brasil, que fez algumas canções entre **1974** e 75 com Arnaldo dos Mutantes inclusive, que na época enveredava pela mesma teia sonora de teclados e esgotamento das possibilidades rítmicas e melódicas no pop convencional. Depois disso, fazer música experimental ficou bem mais fácil (ou difícil, dependendo da leitura). Bom, o Apokalypsis está na TramaVirtual e eles acabaram de subir seu brilhante registro de 74, obrigatório."



A SAGA DE ZÉ BRASIL E SILVIA HELENA

POR ZÉ BRASIL

Zé Brasil é um brasileiro paulistano de 56 anos, com pais aparecidenses do Vale do Paraíba, estado de São Paulo. Família de classe média, quatro irmãos homens, vive a infância e adolescência no bairro de Cerqueira Cezar em São Paulo, Capital. Cursa o primário e o ginásio em colégio de freiras americanas. É arquiteto formado, descendente de músicos e políticos: avôs mineiro e paulista, bisavó bugre casada com português.

Músico desde criança, começa com a professora de piano aos 7, violão aos 12, bateria aos 15, história da música com Valter Lourenção no MASP aos 18, viola caipira aos 22, também com 22 violão clássico com Henrique Pinto e música na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, piano com Ricardo Breim e música com Lea Freire no CLAM aos 25, composição e regência na FIAM aos 27, arranjo aos 31 com Nelson Ayres, e continua, graças a Deus, aprendendo, cantando, tocando e compondo até hoje.



Zé Brasil e Silvia Helena

Aos **15 ANOS** reúne–se com seus amigos em conjuntos de Bossa nova, rock e jazz. Toca bateria nas festinhas e casas de colegas de escola, como a do cineasta Ricardo Lua, e em alguns eventos amadores.

Em **1968** Zé Brasil, já na Faculdade de Arquitetura Mackenzie, participa do "Movimento Estudantil" contra a ditadura. Conhece e se torna amigo dos Tropicalistas, principalmente de Waly Salomão, Gilberto Gil e Caetano Veloso. Através do pintor Antonio Peticov conhece o roqueiro Nico Pereira de Queiroz que tem muitos discos importados de Jimi Hendrix, Janis Joplin, Grateful Dead, Jefferson Airplane, etc. Com Toninho, como Peticov era tratado pelos amigos, vai à noite mostrar os discos do Nico para os Tropicalistas no apartamento de Caetano na Avenida São Luiz onde há um ótimo equipamento de som. Também quase todas as madrugadas o grupo se reúne no apartamento de "Bocha", no bairro de Higienópolis, uma senhora uruguaia que recebe todos muito bem e os apresenta para pessoas como o jornalista José Simão e o cineasta Walter Hugo Khoury. Peticov e Zé Brasil, na casa deste na Rua Padre João Manuel, criam e produzem as faixas de pano para os Festivais do Teatro Paramount com a aprovação dos baianos Gil, Caetano e Gal. Essas faixas são empunhadas na plateia com frases como “Abaixo o Poder Velho, viva o Poder Jovem”. Naquela atmosfera mágica dos grandes “Festivais dos Anos Sessenta” Zé Brasil torce e vibra muito pelas músicas dos “Tropicalistas” como Tom Zé: "São, São Paulo" vence. Frequenta os ensaios e os programas "Divino Maravilhoso" na TV Tupi e conhece os Mutantes. Chega ao apartamento de Caetano pouco tempo depois da prisão do poeta baiano. Está presente, chorando e consolando as famílias dos dois amigos, na emocionante despedida de Gil e Caetano no Teatro Castro Alves em Salvador, Bahia, em **1969**. Sua vida, daí para frente, nunca mais vai ser a mesma.

No auge da psicodelia dos “hippies” acontecem saraus musicais na casa do baixista Tany Gubernikoff, amigo de Peticov, e Zé Brasil conhece e toca com Marcelo Aranha e Lanny Gordin. Com o Grupo Brasil, formado por músicos e músicas, ensaia e grava na sala de visita da casa da Rua Padre João Manuel e chega a se apresentar no Colégio Equipe e no Teatro Oficina.

Zé Brasil inicia sua carreira de músico profissional em **1972** cantando e tocando bateria, como Zé da Batera, no grupo Tigres da Noite na *ÚLTIMA PEÇA* de Zé Vicente no Teatro Vereda em São Paulo, com Ricardo Petraglia, Ezequiel Neves, Clóvis Bueno, Cláudio e Sérgio Mamberti. Ainda em **1972** participa como baterista da peça *FERNANDO PESSOA* no Teatro Ruth Escobar com Jamil Maluf, Murilo Alvarenga, Edú Viola, Goulart de Andrade, Jandira Martini, João José Pompeu e Ariclê Peres dirigidos por Silnei Siqueira. Participa dos programas de TV *ENCONTRO* na TV Cultura com Nídia Lícia, *HEBE* com Hebe Camargo na TV Record e *CLUBE DOS ARTISTAS* com Airton e Lolita Rodrigues na TV Tupi. Estreia como Zé Brasil no Teatro

Brasileiro de Comédia apresentando-se no show *A PESADA DO ROCK* produzido pelo guitarrista argentino Cacho Valdez (Beat Boys). Seu conjunto, o Grupo Brasil, conta com os músicos Luiz Chagas (Itamar Assumpção), Prandini (Guilherme Arantes), Iphe (Amelinha) e Dado. Nesse mesmo ano participa como baterista de um trio elétrico pioneiro que percorre algumas das principais avenidas de São Paulo por ocasião da mudança da Escola Politécnica da USP, da sua antiga sede na Avenida Tiradentes, para a Cidade Universitária no Butantã. Os outros participantes são Tadeu Passarelli (Raíces de América), Max Resende e Edú Viola.

Em **1973** participa do *FESTIVAL DE SÃO LOURENÇO* (MG), toca e faz amizade com Arnaldo Baptista. Vai para os EUA. Viaja 5.000 milhas de carona de carro, caminhão e até avião. Vai de Miami até Nova Iorque e depois, "coast to coast“, até São Francisco. Viaja como Bob Dylan, "on the road”, com a viola caipira debaixo do braço. Canta e toca nas ruas, bares, “coffee-houses” e “night-clubs” de São Francisco. Vive de música.

Quando volta ao Brasil, ainda em **1973**, funda a Space Patrol com Arnaldo Baptista, que tinha acabado de deixar os Mutantes. O nome é sugerido por Alan Kraus, técnico de som, inclusive do “Festival de Woodstock” segundo o Arnaldo, e que começa como guitarrista da banda. Em shows no Parque do Ibirapuera, São Paulo, já com Marcelo Aranha na guitarra, a Space Patrol apresenta pela primeira vez o repertório do LP “Arnaldo Loki? Baptista” gravado em **1974** por Arnaldo, Dinho e Liminha, com a participação de Rita Lee e os arranjos de Rogério Duprat. O show de Aniversário da Cidade de São Paulo no Parque do Ibirapuera em **1974**, promovido e apresentado pelo Magnólio, apresenta a melhor performance da Space Patrol com Zé Brasil abrindo o “set” cantando e tocando suas músicas com a viola caipira. Na sequência, o trio Arnaldo, Marcelo e Zé tocam para mais de **25.000 Pessoas**, segundo a imprensa, que provocam até um congestionamento de trânsito em volta do emblemático monumento das Bandeiras no entorno do parque. Arnaldo toca órgão, sintetizador, clavinet, faz o baixo na pedaleira, assume o contrabaixo em algumas músicas transformando a Space Patrol em power-trio com a guitarra de Marcelo Aranha e a bateria do Zé Brasil.

Os ensaios na Serra da Cantareira acontecem, praticamente, todos os dias. Todos colaboram nos arranjos. A inspiração e o sentimento do Arnaldo sempre trazem novas músicas para a banda. As casas do Arnaldo, do Sérgio e do irmão mais velho Cláudio Cézar (“luthier” dos instrumentos e criador do equipamento dos Mutantes) ficam próximas, no mesmo terreno. Os Mutantes, com Sérgio Dias e Liminha, e o Tutti-Frutti com Rita Lee também ensaiam na Serra. “Jam sessions” acontecem com os músicos da Space Patrol, Mutantes e Tutti-Frutti. Zé Brasil tem a oportunidade de fazer amizade e tocar com Liminha e Lee Marcuci. Com Sérgio Dias, na casa dele, chega a improvisar na viola caipira enquanto o Mutante dedilha sua cítara indiana.

Além das duas apresentações da Space Patrol no Parque do Ibirapuera, acontece a última tentativa frustrada na cidade mineira de São Lourenço. É uma espécie de “farewell show” que não se concretiza. Mas nem por isso deixa de ser um evento bem no estilo do Arnaldo Baptista. Naqueles dias Zé Brasil sobe e desce a Serra da Cantareira quase todos os dias com uma Variant azul. É com ela que, numa noite de **1974**, com os instrumentos e os músicos, a Space Patrol sai para tocar no “Festival da Saúde Perfeita em São Lourenço” cidade em que, um ano antes, Zé Brasil encontra e faz amizade com Arnaldo Baptista. Coisas do destino: é lá também que Lucinha Barbosa o encontra pela primeira vez no Festival de **1973**. As curvas da Cantareira não são como as da Estrada de Santos e Zé Brasil bate antes de chegar ao pé da

Serra. A viatura tem que ser trocada. A Variant fica na oficina e a trinca vai com o “Fusquinha” amarelo do Marcelo Aranha que tem, como ele lembra quando reencontra Zé Brasil em **2005**, um adesivo escrito "Have a nice day". Tudo muito bom, tudo muito bem como canta o Evandro Mesquita, até que recebem um sinal para parar num posto da Polícia Federal, na Dutra. O “pacotão” está aberto, sendo mais do que utilizado, e a paranóia dos anos setenta se instaura. Zé Brasil não pára, acelera o que pode naquela “máquina quente” e vai pela Estrada Velha até a Estrada de São Lourenço, numa escapada digna de um “road movie” tupiniquim. Antes disso o astral da viagem é tão bom que Zé Brasil compõe o "Rock de Taubaté" como homenagem ao Vale do Paraíba, Sagrada Terra da Senhora Aparecida e torrão natal dos pais dele, enquanto o Marcelo e o Arnaldo pesquisam os efeitos de duas atividades aparentemente estanques: respiração com auxílio de vegetal e viagem em veículo movido a combustível fóssil. O único que consegue se apresentar no Festival é Zé Brasil, num singelo show acústico com a viola, no Parque das Águas. Arnaldo & Space Patrol, que estão previstos para se apresentar junto com Mutantes e Rita Lee (?) no Ginásio Municipal, frustram o público por um motivo que até hoje não está bem esclarecido. Coisas de um tempo bom e louco que deixa saudades e não volta mais.

Zé Brasil também participa de “jam sessions” nas “Sessões Malditas” de sexta-feira no Teatro Oficina, São Paulo, tocando com músicos como Sérgio Dias e Liminha dos Mutantes e Sérgio Kaffa (Scaladácida).

Em meados de **1974** Zé Brasil deixa a Space Patrol e cria o Apokalypsis, com Prandini (guitarra, viola caipira, sax e flauta), Tuca Camargo (piano) e Edú Parada (baixo). São contratados por Fernando Tibiriçá, da produtora "Trinka Produções Brasileiras", e depois por Gabriel Neto ex-empresário do Terço. O conjunto é considerado uma das revelações do Rock Brasileiro nos anos setenta e atualmente está lançando o CD ***1975*** pelo selo Natural Records com um show gravado ao vivo por Pena Schmidt no Teatro Bandeirantes em **11 DE OUTUBRO DE 1975**. O tecladista Rafael Blóes substitui Tuca Camargo (Som Nosso De Cada Dia) no início daquele ano. Zé Brasil e o Apokalypsis participam dos acontecimentos emblemáticos da época: shows em São Paulo no Parque do Ibirapuera, na Tenda do Calvário, no TUCA, no Teatro Aquarius, no Teatro da FGV, no Teatro Bandeirantes, no *FESTIVAL BANANA PROGRESSIVA*, no *OPUS **2004***, no *FESTIVAL DE ÁGUAS CLARAS* (Iacanga, SP), no “Rock Da Garoa” do Maracananzinho (Rio de Janeiro, RJ), programa *KALEIDOSCÓPIO* na Rádio América com Jaques Gersgorin, programa *ALELUIA* na TV Tupi com Fábio Júnior e Silvio Brito, *REVISTA POP* da Editora Abril, etc.

NA NOITE DE 17 DE NOVEMBRO DE 1975 Zé Brasil conhece a cantora Silvia Helena, filha de gaúchos descendentes de alemães e portugueses, nos camarins depois do show *REFAZENDA* de Gilberto Gil no Teatro Aquarius. Em **1976** lançam um compacto como Maytrea & Silvelena pelo selo “Atmosfera” de Malcom Forest distribuído pela CBS, gravado no Estúdio Sonima com Paulo Machado (arranjos e teclados), Gerson Frutuoso (baixo), Egídio Conde (guitarra) e Zé Brasil (bateria). O disco é lançado no show "'Metamúsica" no Teatro Anchieta com participação de Chico Bezerra (poeta, cantor e compositor) e Edú Viola (cantor, compositor, violeiro e liutáio). Também como baterista Zé Brasil grava no “Estúdio Prova” o compacto “Treb Remmedy and the Candidates” dos cantores Treb Remmedy e Paul Leanne para ser lançado nos EUA e Canadá, com Steve Yolen (banjo e folk-guitar), José Pestana (flauta), Rodolfo Grani (baixo), Hareton Salvanini (teclados) e Carlão (violão de doze cordas).

Em **1977** Zé Brasil e Silvia Helena recriam o Apokalypsis e se casam. Apresentam-se em teatros de São Paulo com o tecladista William “Billy” Forghieri (Blitz), os guitarristas Índio, depois Roberto Fernandes (Voga) e o baixista Osmar Murad (Sunday). Gravam a música “Forró Danado”, de Zé Brasil, no Estúdio Eldorado em **1978** como faixa do LP *BILLY BOND Y LOS JETS* lançado na Argentina. Viajam para a Inglaterra e realizam o “farewell show” do Apokalypsis, em fevereiro de **1979** no Tramshed Theatre em Woolwich, arredores de Londres, com a participação dos músicos ingleses David Bradnum (guitarra) e Paul Hirch (baixo). Zé Brasil participa como percussionista de gravações de “reggae”, “disco” e ”funk” com artistas ingleses, jamaicanos e latino americanos em estúdios londrinos como Gooseberry e CBS, entre outros. Como baterista vai às audições, através de classificados nos semanários *MELODY MAKER* e *NEW MUSIC EXPRESS*, de grupos ingleses de rock, rhythm and blues e punk rock como The Slits. Também como baterista ensaia com a banda de “heavy metal” Mean Machine e faz shows com a cantora Sandra Mara, brasileira radicada na Suécia.

Em **1980**, como José & Silvia, gravam no Free Range Studios em Londres, o compacto duplo “Brazilian Wave” pela gravadora “Natural Records” e distribuído na Inglaterra pela "Pinnacle Records". Um grupo de músicos de diversas nacionalidades participam das gravações: os brasileiros William Forghieri (teclados). Roberto Fernandes, (guitarra) e João Bosco (percussão); os ingleses Andrew Bailey (guitarra) e Julian Ladbury (baixo); o neo-zeolandês Craig Price (baixo) e o indiano Robin Jones (percussão). “Brazilian Wave” foi coproduzido pelo empresário carioca sediado em Londres Clodomir de Castro. O disco é lançado na França em **1980** e na Espanha e Inglaterra em **1981**. Zé Brasil e Silvia Helena realizam diversos shows em night-clubs, café-theatres, caves, boates, restaurantes, clubes, bares e teatros de Londres, Reading, Woolwich, Paris, Toulouse, Cannes e Barcelona. Destaque para os shows no Lyceum, Cafe Royal, The Venue, entrevistas para a Rede Globo com Bob Feith e BBC Radio com Ana Maria Cavalcante (Londres), shows no Via Brasil, Le Chevalier du Temple e Le Discophage (Paris), La Grange aux Belles e entrevista para a Radio France Inter (Toulouse), show no Blue Moon Club e disco no MIDEM (Cannes), apresentação na Casa de Andalucia e entrevista para a Radio España (Barcelona).

Em **FEVEREIRO DE 1981** Zé Brasil e Silvia Helena retornam ao Brasil e lançam o disco inglês numa série de apresentações em shows, rádios e TV. Sua banda de apoio, o trio Delinquentes de Saturno, conta com Edgard Scandurra (IRA), Maurício Rodrigues (Ultraje a Rigor) e Victor Leite (Muzak), entre outros músicos da nova geração que surge. Destaques para os shows no Ginásio das Faculdades Oswaldo Cruz, Carbono 14, TUCA, Hong Kong e participações em programas de rádio de São Paulo e do interior. Alexandre, o primeiro filho de Zé Brasil e Silvia Helena nasce em **DEZEMBRO DE 1981**.

A menina Andréa nasce em maio de **1983** completando a família. Também em **1983** Zé Brasil e Silvia Helena fundam o UHF. A estreia é na *FÁBRICA DO SO*” com Tadeu Jungle da TV Cultura no Teatro do Sesc-Pompéia. Em **1987** a família roqueira muda para Rio Claro, São Paulo. Tocam na Capital, Interior e Litoral paulista em teatros, bares, night-clubs, ginásios, clubes e danceterias. Participam e são premiados em festivais da Capital e do Interior. A última apresentação do UHF em São Paulo é no programa *BOCA LIVRE* com Kid Vinil, também da TV Cultura, no Teatro Franco Zampari em **1989**. Ainda neste ano lançam o LP *UHF* pela gravadora Natural Records gravado no Estúdio Master em São Paulo. Com Zé Brasil (direção musical, composição, vocal e bateria) e Silvia Helena (vocal solo) gravam Aquiles Faneco (guitarra), Beto Viana (baixo) e Ronaldo Zimmermann (flauta doce). Participam do

UHF músicos como Akira S., Tuco Marcondes (Zeca Baleiro), Kim Kehl (Made in Brazil), Rodolfo Braga (Joelho de Porco) e Hugo Hori (Funk como Le Gusta). Destaque para os shows no Radar Tan Tan, no Rose Bom Bom, no Centro Cultural São Paulo, na Choperia do Sesc-Pompéia, no programa *REALCE BABY* da TV Gazeta com Mister Sam e no programa "Balancê" com Fausto Silva na Rádio Excelsior FM.

Desde **1988** Zé Brasil tem sua própria produtora, a "UHF Vídeo, Áudio e Multimídia", e produz discos, jingles, trilhas, CD-ROMs, DVDs, programas de TV, vídeos empresariais, comerciais, documentários, computação gráfica, marketing político, etc. Seu selo Natural Records, criado em Londres em **1980**, tem no catálogo um compacto duplo, dois LPs e dois CDs.

NO FINAL DO ANO 2000 os Zimmermann Barreto retornam à sua cidade natal.

Durante a comemoração dos **450 ANOS** de São Paulo, em **2004**, a música "São Paulo, Brasil" de José & Silvia, gravada em Londres em **1979**, é selecionada pelo produtor Luis Calanca da "Baratos Afins" para o CD "Sim, São Paulo" da "Unimar Music". O CD traz também uma faixa-bônus, inédita, com a versão de "São Paulo, Brasil" em português. Isso desperta no velho roqueiro e violeiro Zé Brasil a eterna paixão pela cidade natal. Acaba de compor a "Suíte Paulistana" em **2005**. Tocando viola e cantando com a Silvia Helena, grava no Pro Tools do Estúdio GAZ de Fábio Gasparini (Magazine). Mixa com os sabiás e bem-te-vis da década de setenta, gravados da janela de sua casa na Rua Padre João Manuel, e fica em paz com seu coração

O ano de **2005** é fundamental para Zé Brasil e Silvia Helena. Os dois retomam a carreira musical estimulados pela redescoberta do seu trabalho por Amarílis Gibeli (Near Mint Records), Luis Calanca (Baratos Afins), Bento Araújo (Poeirazine) e Mário Pazcheco (*DO PRÓPRIO BOL$O*).

Zé Brasil acha em meio aos seus guardados uma letra: "Cabelos Dourados". É um presente de Arnaldo Baptista na Serra da Cantareira em São Paulo quando companheiros na Space Patrol em **1973/74**. Esse fato provoca em Zé Brasil a vontade de retomar o contato e a amizade com o amigo. Envia um e-mail para ele e recebe uma resposta, rara porque Arnaldo evita a Internet, quatro dias depois. A música toma conta da vida de Zé Brasil. Conhece o maestro e produtor Fernando Bustamante que começa a gravar no seu Pro Tools a primeira versão de "Cabelos Dourados". O guitarrista Norba Zamboni acrescenta as guitarras, Zé Brasil reprograma a bateria, Xandy Barreto remixa tudo na ilha da UHF Vídeo, Áudio e Multimídia e o rock da Cantareira renasce no **SÉCULO XXI**.

EM OUTUBRO DE 2005 Zé Brasil escolhe Porto Alegre para fazer o pré-lançamento de "Cabelos Dourados" e participa dos programas do Mutuca (Rádio Ipanema FM) e, com Silvia Helena, do *RADAR* (TV Educativa) graças ao apoio e amizade do guitarrista/designer Rafael Cony, da banda gaúcha Só Creedence e do Estúdio M Design". É uma viagem que fica guardada para sempre nos corações de Zé Brasil e Silvia Helena pelo carinho que recebem dos amigos e parentes do Rio Grande do Sul.

Ao voltar para São Paulo, motivado pelos apelos dos amigos e fãs do Apokalypsis, Zé Brasil realiza um velho sonho: lança o CD ***1975*** com a gravação ao vivo do show "Rock Da Garoa" no Teatro Bandeirantes em São Paulo na noite de **11 DE OUTUBRO DE 1975**. Silvia Helena participa como coprodutora fonográfica, Nico Queiroz em Monte Verde (Minas Gerais) escreve o texto do encarte, Rafael Cony em Porto Alegre faz o design gráfico, com fotos da época de Grace Lagoa e da revista *POP*. O CD é

masterizado digitalmente por Renato Carneiro no Overdrive Studio, de Xando Zupo, em São Paulo e o lançamento acontece na Nuvem Nove Discos na Capital paulista em **17 DE DEZEMBRO DE 2005**. Bento Araújo, editor da revista *POEIRAZINE* e um dos redescobridores do Apokalypsis, escreve uma nota sobre o fato. Na Internet o site Whiplash publica uma matéria de Marcos Cruz sobre o Apokalypsis e os sites Senhor F, de Fernando Rosa, e Ziriguidum, de Beto Feitosa, anunciam o lançamento do *1975*. Uma resenha de Alex Antunes sai na revista *BIZZ* de **FEVEREIRO DE 2006**.

A música "Suíte Paulistana" é tocada na abertura de todos os shows do evento *PAULISTANOS DO BRASIL* com direção artística de Eliana Calheiros no teatro do Sesc Ipiranga", São Paulo, em **JANEIRO DE 2006**.

O fato mais importante de **2006**, até agora, acontece após o reencontro, depois de mais de **VINTE ANOS**, de Zé Brasil e Silvia Helena com amigos fundamentais dos anos setenta: Jaques Gersgorin, Arnaldo Baptista e sua mulher Lucinha Barbosa. Isso, juntamente com o apoio de muitos amigos da Internet que compram o CD "**1975**" e se tornam fãs do Apokalypsis, propicia a volta da banda do coração de Zé Brasil. Destaque também para a entrevista de Zé Brasil no programa Rádio Matraca de Laert Sarrumor que, ao completar vinte e um anos na Rádio USP FM, convida Jaques do Kaleidoscópio e executa pela primeira vez a música "Liberdade" do *1975*. Os músicos que participam dessa nova fase do Apokalypsis são Xandy Barreto, filho de Zé Brasil e Silvia Helena, na bateria, Camila Antonelli na guitarra e André Mainardi no baixo.

Lá nas montanhas de Monte Verde, depois de ler esta saga, Nico Queiroz escreveu:

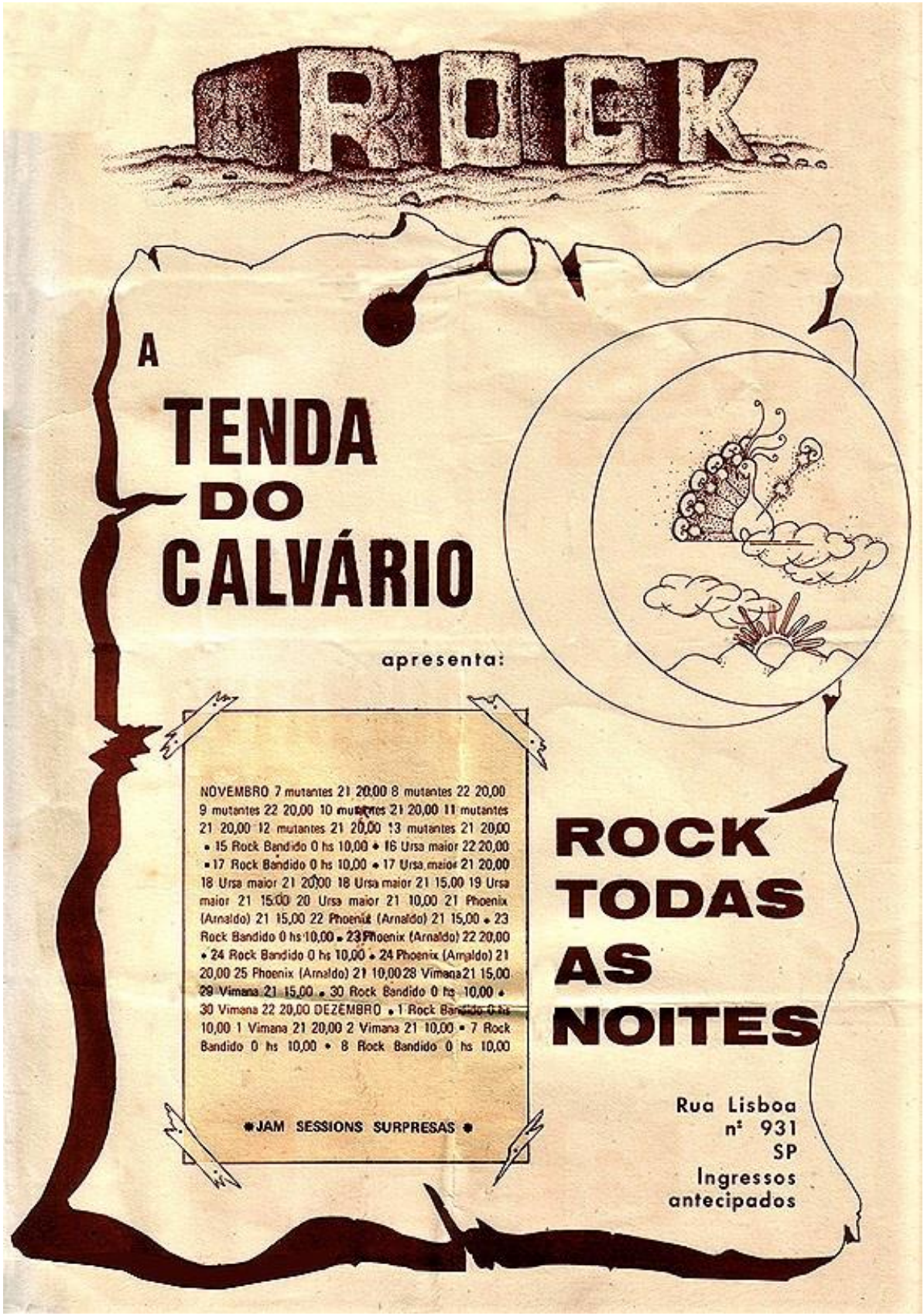
"Tanta coisa aconteceu, muita coisa acontecerá! Esta história não acaba aqui, pois a mensagem do Apokalypsis é eterna e se alimenta da energia infinita da Música e das pessoas que vivem para mantê-la viva." (**ZÉ BRASIL, SÃO PAULO, 15 DE MAIO / 2006)**

1974: A TENDA DO CALVÁRIO

"Excelente resgate jornalístico. Infelizmente e realmente meu irmão de estrada, o Kokinho faleceu, mas foi no Brasil mesmo, quando estava de férias por aqui, lembro bem dessa manchete de jornal e por tocar com o Kokinho sei da história todinha, quem sabe um dia eu conte, mas um desses aí foi o que dançou e dedou o pico, bom águas passadas não movem moinhos, mas refrescam a memória não é? Tempos horrorosos, anos de chumbo que a galerinha de hoje desconhece, por sorte, e pensar que existem uns zé ruela que querem os milicos e a ditadura de volta, realmente tem que ser um baita de um mané, ora vai se danar". (**ROLANDO CASTELLO JUNIOR**)

"Li o artigo sobre a Tenda do Calvário no *DO PRÓPRIO BOL$O*. Muito legal e cheia de detalhes. A banda acabou sendo liberada na delegacia, depois de fichados, e não passamos tanto sufoco, não passamos a noite lá. Acho que o Samuel Wainer, pai do Samuca, que era nosso empresário, intercedeu por nós. Mas foi bem difícil. Um abraço". (**ANTÔNIO PEDRO FORTUNA**)

"Cara! Fico orgulhoso de ter ficado preso ao lado de tanta gente histórica! Estou emocionado! A história volta e pega pelo pé quando menos esperamos...").
(**A. C. BARBIERI**).



Panfleto da Tenda do Calvário gentilmente enviado por George Romano



1974 – CAPÍTULO III

A TENDA DO CALVÁRIO

ESCRITO POR A. C. BARBIERI

No começo dos **ANOS 70** muitas bandas de rock ganharam proeminência no cenário paulista. Mutantes, Terço, Made in Brazil, Som Nosso De Cada Dia, Sá, Rodrix Guarabira, etc, são alguns nomes que de imediato me vem à mente. Apesar da presença dos militares na vida do país, havia uma certa efervescência roqueira no ar.

Foi então que uma nova casa de shows, fazendo propagandas no rádio, começou anunciar sua inauguração:

“Tenda do Calvário! Faltam **25 DIAS** para a inauguração!”. Dizia o locutor da rádio numa contagem regressiva diária.



Igreja do Cálvário em Pinheiros – SP

Tenda do Calvário (vista aérea)



Eu recentemente abandonara a Stocking, minha loja de discos aberta em parceria com meu irmão Jorge e tinha tirado um mês de férias (Não deixe de ler os outros capítulos desta série para saber mais sobre a Stocking). Sem ter o que fazer, entrei de cabeça neste projeto. Na verdade, eu era bem inexperiente e não havia muito que eu pudesse ajudar. Eu passava os dias dentro do teatro fazendo amizades e vendo a coisa tomar forma. O teatro era germinado com a Igreja do Calvário que fica na Rua Cardeal Arcoverde, 950 no bairro de Pinheiros.A torre da igreja ficava dentro do teatro, e praticamente separava os dois espaços.

A torre tinha vários andares e foi imediatamente escolhida pela produção da Tenda como escritório central. O espaço onde aconteceriam os shows parecia ter permanecido desocupado por muito tempo. O lugar deveria ter sido o “cinema do padre” por um tempão. O lugar, convenientemente, já possuía até cadeiras de madeira com acentos dobradiços, típicas dos cinemas antigos. Muitas cadeiras estavam quebradas e estavam sendo reparadas pela produção. O

personagem central do lugar era o Magnólio. O Magnólio era um comunicador de palco bem conhecido dos roqueiros da época por ter sido o apresentador dos, hoje, lendários concertos realizados no Parque Ibirapuera lá no comecinho dos anos 70. Ele era e ainda é uma figura carismática que naturalmente atraia as pessoas e obviamente, eu também o admirava.

O teatro parecia um formigueiro de gente andando de um lado para outro. Vários voluntários pintavam as paredes com desenhos psicodélicos (cogumelos, metamorfoses e fantasias). Outro pessoal decorava o teto com tecidos coloridos e variados dando a impressão de que o teatro era uma enorme tenda. Tinha gente limpando debaixo do palco para que o mesmo virasse o camarim dos artistas. Havia também o pessoal criando arte para cartazes e panfletos. Quer dizer o lugar era um verdadeiro centro de criação cheio de gente jovem e idealista. Homens, mulheres e até algumas crianças com visual hippie e descontraído passavam os dias envolvidos nas mais variadas atividades.

OS MUTANTES

Era meu penúltimo dia de férias. Naquela noite seria a pré-estreia para a imprensa com um show dos Mutantes.

Era os Mutantes na sua última formação, a mais progressiva que lançou o lendário álbum *TUDO FOI FEITO PELO SOL*. A banda contava com Rui Motta na bateria, Antonio Pedro no baixo, Túlio Mourão nos teclados e Sérgio Dias nas guitarras e vocais.

Lá pelo começo da tarde a banda chegou e os músicos começaram preparar o palco. Eu estava realmente emocionado pois era um grande fã dos Mutantes.



Sérgio Dias e A. C.Barbieri no Clube Guanabara em Londres

Foto C. A. Zanarotti (**2005**)

Sérgio Dias perguntou se alguém sabia onde havia um telefone público e, eu imediatamente prontifiquei-me a ajuda-lo.

Juntos, atravessamos a Praça Benedito Calixto em frente à igreja em direção à um bar que sabia de antemão, possuía um telefone público. Curiosamente, este bar ficava quase ao lado de um lugar que eu conheceria intimamente no futuro, mais de **10 ANOS DEPOIS**, o Teatro Lira Paulistana.

No caminho, além de confessar minha adoração pela banda, emocionado ia procurando puxar conversa com Sérgio. Se não me falhe a memória, parece que ele, na conversa, me disse tinha vendido uma casa e gasto todo dinheiro comprando guitarras...

Eu sei que, Sérgio disse que tinha um compromisso marcado. Pediu que avisasse a banda que logo estaria de volta. Nós nos despedimos ali no bar e eu voltei para o teatro. Lá, comecei ajudar o responsável pela iluminação do show. Não tenho certeza mas, parece que o nome da sua empresa de luz era “Umas E Outras”. O técnico posicionou-se no topo de uma escada e eu passava para ele os holofotes para serem fixados na barra de luz.

A POLICIA ACABA COM A FESTA

Escutei um som de rádio walkie-talkie vindo de fora da porta de saída do palco que, vivia constantemente fechada. Apesar de ser um som incomum, não dei importância. Alguns segundos depois, a porta da frente do teatro abriu-se violentamente e dezenas de policiais, usando roupas civis, portando metralhadoras, invadiram a casa correndo e gritando. Hoje em dia, pareceria uma operação da S.W.A.T. na busca de perigosos terroristas. Eu estava a ponto de entregar um holofote para o técnico de luz. Ele olhou para mim e disse:

“Fique calmo! Vamos continuar fazendo o que estamos fazendo até que nos mandem parar”.

Uns policiais foram para o porão debaixo do palco e vieram puxando um rapaz. Um disse para o outro:

“Olha o olho vermelho dele! Deve estar muito louco!”.

O rapaz protestou:

“Eu não estou drogado não!"

A reação calma e tranquila dos presentes contrastava com a dos policiais que rapidamente pareciam frustrados e nervosos porque não encontram droga nenhuma. Gritaram:

“Parem tudo o que estão fazendo e venham para cá!”

Os policiais estavam agrupando todo mundo na recepção do teatro, um salão próximo à porta de entrada, quando trouxeram um rapaz vindo da torre da igreja. Os policiais que o acompanhavam pareciam jubilosos pois o rapaz estava carregando, segundo

eles, alguns micropontos de LSD. O rapaz foi levado imediatamente para a viatura. Eles separam os homens das mulheres e começaram uma revista geral. Num dado momento um rapaz, vindo de fora, entrou todo nervoso pois quando entrava imediatamente viu sua companheira lá dentro cercada de homens portando metralhadoras. Ele queria aproximar-se dela mas os policiais não deixavam e ainda comentavam:

“Este também deve estar muito louco porque ignora até as metralhadoras!”

Nós os homens estávamos todos juntos, em pé, próximos de uma parede. Um policial puxou uma mesa para o meio do salão, sentou-se numa cadeira e começou chamar-nos um por um:

“Tira tudo que você tem nos bolsos! Onde está a droga?” Dizia ele enquanto examinava tudo que colocávamos na mesa.

Rui Motta, o baterista dos Mutantes colocou na mesa uma carteira estufada, cheia de pedacinhos de papel com números de telefones, endereços, recados, etc. O policial espalhou-os pela mesa e começou abri-los um por um e jogá-los do lado. Rui Motta começou a pega-los um por um e reorganizá-los meticulosamente novamente.

Quando o policial percebeu o que estava acontecendo, aproveitou que ele estava curvado sobre a mesa e, imediatamente, deu-lhe um tapa na cabeça acompanhado de uma ordem para que ele ficasse quieto se não quisesse apanhar mais. Aquela agressão, foi uma ameaça para todos nós. Enquanto a revista prosseguia em silêncio, a porta da rua abriu-se lentamente e meu amigo Ari colou a cabeça para dentro do teatro. Ele perguntou meio sem jeito:

“O Celso está aí?”

“Está sim meu filho! Entra e vai lá para a parede” Foi a resposta de um policial.

Ari era um amigo frequentador da Stocking, um dos únicos que ainda mantinha contato. Ele estudava na Escola Panamericana de Artes e trazia seus desenhos para mostrar para Magnólio para ver se conseguia uma vaguinha no “departamento de artes” da Tenda. Ele, assim como eu, era fã dos trabalhos do Roger Dean artista gráfico que foi responsável pelos desenhos mostrados em muitas capas de discos de rock daquela época. No Brasil, Roger Dean ficou muito conhecido pelas capas que fez para os álbuns da banda Yes e Uriah Heep. Seus trabalhos refletiam muito a temática em voga na época, com desenhos mostrando metamorfoses e elementos de ficção científica. Bom, nem preciso dizer que quando os policiais viram os desenhos, para eles foi um prato cheio!

Imediatamente separaram a sua pasta como exemplo de arte feita sob a influência de tóxicos. Para bem da verdade, devo deixar claro que o Ari era um rapaz que nem bebia nem fumava cujo pai era uma pessoa muito séria e restrita. O velho parecia um general! Até eu tinha medo dele! O coitado do Ari tinha passado em casa à minha procura e minha mãe lhe tinha informado onde eu estava. Então, já que ele estava com seus desenhos aproveitou para mostrá-los na tenda. Pura falta de sorte!

Naquele grupo ali encostado na parede estavam a banda Mutantes (com exceção do Sérgio Dias que escapou por sorte), Jaques (famoso radialista do legendário programa de rádio chamado Kaleidoscópio, que era transmitido pela Rádio America), Pena Schimidt (Técnico de som dos Mutantes que ficaria famoso como Produtor Fonográfico, onde acabaria destacando-se, entre outros, pela produção da música

Inútil da banda Ultraje a Rigor em **1983**), Léo Wolf (roadie dos Mutantes), funcionários e colaboradores da Tenda, alguns repórteres e muitas outras pessoas que não me recordo e espero que os leitores me ajudem a lembrar os nomes. Aliás, estou certo que deve tem gente que não quer ter seu nome lembrado! :–)

Léo Wolf imediatamente despertou a atenção dos policiais pois era um tipo alto com cabelos longos quase brancos, um tipo meio Johnny Winter. Ele, como o nome sugere, não era brasileiro e já foi separado.

O Sol foi baixando, a tarde estava no fim e nós, ali agrupados num canto, apreensivos, não tínhamos ideia do pesadelo que ainda estava por acontecer. Um enorme ônibus branco e preto, sem janelas, com apenas uns orifícios para respiração chegou. Fizeram nós, os homens, entrarmos no ônibus. Léo Wolf foi um dos primeiros a entrar. Fecharam as portas e a penumbra tomou conta. O ônibus começou a rodar e, para surpresa de todos, o som de uma gaita de blues preencheu os espaços. Era Léo Wolf com sua gaita tocando o que, defino como “o blues da cadeia”.

Fomos levados para o *DEIC* na Brigadeiro Tobias. O ônibus parou, as portas abriram-se debaixo de luzes de holofotes, no chão policiais armados de metralhadoras e carabinas nos esperavam:

“Mãos na cabeça! Todos em fila indiana!”. Gritaram.

Enquanto saíamos do ônibus pude ver uma outra viatura parada de onde tiravam um rapaz com aparência de estudante universitário. Era um rapaz de boa aparência, vestia camisa social, blusa de lã e jeans. Numa longa fila subimos por vários lances de escadas. Não sei se nos levaram para o segundo ou terceiro andar. Nos colocaram numa sala que tinha dois ambientes. A sala propriamente dita e um lado separado por grades, parecendo uma cela de prisão. Léo Wolf foi posto na cela juntamente com o “estudante” que não fazia parte do nosso grupo.

Mais tarde, dois policiais retiram o “estudante” da cela e o levaram para uma salinha próxima. Depois de alguns minutos ouvimos alguns gritos dos policiais seguidos do som de uma forte pancada surda imediatamente acompanhada de um gemido. O rapaz foi então trazido para a cela. O rapaz, assustado, estava pálido como cera e andava arcado com as mãos no estômago. Nós todos passamos horas ali sentados no chão, só imaginando coisa ruim.

A porta abriu e um tipo barrigudo e cínico entrou com uma carabina e disse:

“Quem não levantar a cabeça vai levar uma coronhada!”. Depois, olhou para trás e disse para o fotógrafo do Jornal O Diário da Noite:

“Pode entrar que eles já estão prontos!”.

O fotografo entrou e fez seu trabalho sujo! A noite chegou e o barrigudo veio anunciar que “ele fazia questão que ficássemos como hospedes da casa”:

“Antes de descer é lógico que vocês precisam se cadastrar com a gente” Disse com um sorriso irônico e maligno.

Depois que todos fomos fichados ele chamou uns policiais e disse:

“Leva eles lá para o porão!”.

Léo Wolf ficou na cela. Foi a última vez que eu o vi. Em fila indiana, descemos pelas escadas. Descemos vários andares para o que parecia ser um labirinto interminável de

escadas e corredores. Sabíamos que estávamos no subsolo mas não sabíamos quantos andares abaixo. Abriam uma porta de metal com grades, entravamos e a fechavam de novo por detrás de nós, lá na frente havia outra porta com grades e assim por diante. Chegamos num tipo de ante sala onde um policial carcereiro nos ordenou que tirássemos os cadarços dos sapatos, os cintos e entregássemos todos os nossos pertences para que fossem colocados em cubículos com nossos nomes.

Inesperadamente começamos ouvir uma gritaria de mulheres. Naquela recepção carcerária uma outra porta com grades podia ser vista. Esta porta dava para um corredor com umas 10 celas do lado esquerdo terminando com uma cela de frente lá no fundo, no final do corredor. Esta cela estava cheia de mulheres. Só ela podiam nos ver.

Éramos todos jovens, cabeludos e parece que a mulherada gostou porque gritavam como “macacas de auditório”:

“Loirinho você é lindo! Carcereiro trás aquele gostoso para mim!”

Usavam uma linguagem pesada e gritavam todo tipo de besteira pornográfica. As outras 10 celas estavam cheias de homens, gente barra-pesada, muitos esquecidos ali por um tempão. A única referencia sexual feminina deste povo eram aquelas mulheres naquela cela e eles não gostaram nada de ouvir as mulheres mostrando sua preferência por nós. Dezenas e dezenas de braços saíram das celas, gesticulando e fazendo sinais obscenos, acompanhados de pedidos dos prisioneiros para que os policiais deixassem eles “brincarem” conosco.

O policial carcereiro olhou para o corredor cheio de braços esticados, olhou para nós e sem muita emoção perguntou para os outros policiais:

“Qual é a ordem do chefe?”

“Dividi-los e coloca-los em grupos de 3 ou 4 em cada cela para sentirem nossa hospitalidade.” Foi a resposta.

Rapidamente nos olhamos uns aos outros aterrorizados. Um rapaz do nosso grupo tinha uma cartola preta velha e carcomida. Passamos a cartola e todo mundo colocou rapidamente tudo que tínhamos de dinheiro nela. Demos o dinheiro para o carcereiro ao mesmo tempo que imploramos que fossemos colocados todos juntos numa cela só.

Felizmente, o carcereiro aceitou. No caminho para nossa cela tivemos que passar rente da parede para escapar das mãos dos presos que queriam alcançar nossos cabelos. Na nossa cela já haviam uns 6 ou 7 presos que imediatamente agruparam-se num canto. Nós éramos muitos e lotamos a cela, mal dava para sentarmos no chão. A cela era um cubículo nojento com um buraco num canto para os prisioneiros fazerem suas necessidades fisiológicas. Nem preciso dizer que no tempo que ficamos lá ninguém usou o “banheiro”.

Um dos prisioneiros que já estava na cela, um tipo branco, baixinho e forte estava muito nervoso e inquieto e não parava de falar alto consigo mesmo. Ele dizia:

“Esta noite, eu não vou aguentar! É muita tortura! Eu não aguento! Eu não aguento!

De tempos em tempos ele era interrompido por algum dos seus companheiros de cela que o mandava calar a boca. Alguém do nosso grupo puxou conversa com ele e ficamos sabendo que ele era um sorveteiro que vendia drogas na porta de uma escola. Ele estava num dilema, se contasse para os policiais quem fornecia a droga

ele poderia morrer ali dentro ou então fora da prisão e se não falasse, os policiais o matariam de tanta tortura.

Sem podermos mudar de posição, sentados com os joelhos levantados, um companheiro apoiava as costas nas pernas do próximo e assim por diante. Foi uma noite interminável e cheia de medo. De tempos em tempos passava um policial com uma caneca metálica fazendo barulho nas barras de metal e escolhendo um de nós para aterrorizar. Ele dizia:

“É você mesmo! Você vai ser o meu peixinho! Daqui a pouco vou buscar você e mostrar com quantos paus se faz uma canoa!”

De madrugada trouxeram alguém arrastado e jogaram na cela anterior à nossa. Era o “estudante”. Um gemido de dor ficou marcando o tempo como a batida lenta de um relógio diabólico. A mulheres que viram a chegada do rapaz começaram gritar:

“Chamem um médico! Chamem um médico!”.

Os prisioneiros das outras celas gritavam:

“O cara é um fraco! Enfia um pau no cu dele que ele para de gemer!”.

Alguns policiais vieram, abriram a cela e puxaram o rapaz para o corredor. Ele ficou ali caído imóvel. O dia chegou e a hora do almoço chegou. Um prisioneiro cozinheiro trouxe uma panelona que tinha dentro algo que só poderia ser descrito como uma lavagem para porcos. Ninguém quis almoçar e o prisioneiro ficou muito ofendido. Ele queria bater em todo mundo. O dia passou com os carcereiros aterrorizando a gente. Lá pelo final da tarde o chefão barrigudo chegou com uma lista de nomes na mão:

“Chegou a hora das crianças verem o que é bom! Eu vou dizer o nome dos premiados que devem fazer uma fila aqui próximo da parede” Disse todo arrogante e continuo:

“A. C. Barbieri”

Meu coração disparou! O primeiro nome da lista tinha que ser o meu?

“Ari”

Quando ele falou o nome do Ari e dos próximos eu percebi que os nomes estavam em ordem alfabética. Percebi que a lista incluía todos nós. Para formar a fila, tive que pular o corpo do estudante que estava esticado no chão. Estava com os olhos fechados, seu rosto e suas mãos estavam azulados e sua expressão facial mostrava muita dor. Ele não era mais aquele rapaz saudável que eu tinha visto chegar. Agora ele era um farrapo humano quase irreconhecível. Nos levaram para a recepção carcerária e nos devolveram nossos pertences.

Depois, nos levaram para cima novamente, para a mesma sala com uma cela interna. Entre nós alguém comentou que a polícia não podia nos deter por mais de 24 horas sem provas. Os país de alguns dos membros do nosso grupo começam a aparecer e levar seus filhos. O nosso grupo foi diminuindo. Num dado instante, a porta abriu e meu pai e o pai do Ari entraram. O barrigudo estúpido disse imperativo:

“Qual desses marginais é o seu filho?”

Meu pai estava branco como uma folha de papel. O pai do Ari parecia estar fumegando. Assim que saímos daquela sala, fomos cercados por advogados que estavam ali para nos defender. Alias, o Magnólio não foi preso porque procuravam

pelo Magnólio (nome artístico) e naquela hora, convenientemente, ele era o advogado Paulo Roberto. Os advogados que batalharam por nós foram ele e seus dois irmãos. Obrigado Mag!

Felizmente, os irmãos do Magnólio tentavam amenizar as coisas, dizendo para nossos pais que nós éramos inocentes, não tínhamos feito nada de errado e devíamos ser motivo de orgulho. Meu pai aceitou a coisa muito bem. Depois, pediu que eu mantivesse isto como um segredo de família :–)

Nós já estávamos de saída quando o barrigudo chamou o pai do Ari e mostrou-lhe os desenhos feitos pelo filho. Disse:

“Como é que o senhor não percebe que para seu filho desenhar estas coisas só pode estar sob efeito de drogas!”

“É meu trabalho de fim de ano na escola!” Protestou o Ari.

“Fica quieto!” Cortou seu pai.

“Estes desenhos ficarão aqui e farão parte do nosso museu do drogado!” Falou o barrigudo.

Não teve jeito! Ari nunca mais viu seus desenhos! No dia anterior Ari não tinha aparecido para jantar, ido na escola e nem dormido em casa. Minha mãe já estava acostumada com meus desaparecimentos, mas, a família do Ari não. No outro dia a mãe e o pai do Ari apareceram na minha casa. Foram então até a Tenda do Calvário.

Uma vez que a única pessoa presente não lhes não lhes deu nenhuma explicação convincente, desconfiados mandaram meu irmão Jorge na Tenda. Meu irmão então, foi informado que eu estava preso no DEIC. Meu irmão voltou para casa e contou tudo. Tinha passado meu último dia de férias na prisão.

No mesmo dia, ainda tive tempo de passar no barbeiro da esquina e cortar o cabelo bem curto. No dia seguinte chegava cedinho no Banco Noroeste do Estado de São Paulo com uma cópia do jornal *O DIÁRIO DA NOITE* debaixo do braço.

Mais mentirosa que a matéria do *O DIÁRIO DA NOITE*, só mesmo o Bush dizendo que o Iraque tinha "armas de destruição em massa". A matéria dizia que a vizinhança já não aguentava mais o cheiro de fumo que sai do teatro e que um policial tirou a sua aliança e, infiltrou-se naquele antro promíscuo onde até as crianças dos hippies estavam envolvidas. Um lugar onde ninguém tomava banho, etc, etc. Na minha opinião acho que o repórter que escreveu a matéria fumou um antes de escrevê-la.

Na primeira página, numa foto central bem grande aparecia um monte de cabeludos sentados no chão. Eu podia ser visto bem no meio do grupo. A manchete:

“Trinta hippies presos atrás da igreja! Motivo LSD!”.

O número de pessoas detidas aquele dia passou dos **40** mas, apenas uma, segundo a própria declaração da polícia carregava drogas. Se a polícia barrasse todo mundo na saída de um cinema possivelmente encontraria droga no bolso de alguém. Isto seria motivo para fechar o cinema e prender todo mundo?

Quanto ao “estudante”, no mesmo jornal, numa nota pequena, informava que um vizinho havia chamado a polícia pois, tinha visto, pela janela da sua casa, o rapaz fumando dentro do seu próprio quarto. Quanta violência! E pensar que, hoje em dia, tem assassinos e traficantes comandando o crime de dentro das prisões.

Algumas semanas depois da prisão, recebi pelo correio um convite. Era convidado especial para a inauguração da Tenda do Calvário. Fiquei muito feliz por terem lembrado de mim e, é lógico que fui! Como conseguiram meu endereço até hoje não sei! Quem tocou foi a banda O Som Nosso De Cada Dia. Aliás, um dos membros da banda tocou sentado, com um pé engessado pois, no ensaio caiu através de abertura no palco, indo parar no porão embaixo e quebrando um pé. Definitivamente a bruxa estava à solta! Este começo turbulento da Tenda marcou-a negativamente para sempre. A Tenda durou poucos meses, sempre com medo de outra visita da polícia. Infelizmente pouco se fala do lado positivo, dos muitos shows que lá aconteceram.

Segundo declaração feita pelo baixista Antonio Pedro ao jornalista Rodrigo Werneck na whiplash.net, parte da razão do fim dos Mutantes foi por causa do que aconteceu na tenda. Quando perguntado porque essa formação não durou mais tempo e como ocorreu a sua saída, ele respondeu:

"O showbiz por aqui era muito devagar. Trabalhávamos muito e ganhávamos pouco. E ainda tinham os empresários, que costumavam nos roubar. Mas teve um episódio que ajudou a acelerar o fim daquela formação. Fomos convidados para a abertura da Tenda do Calvário, local para shows ao lado da igreja do Calvário, em SP. Acontece que o local estava sendo vigiado pela polícia, devido a denúncias de que os organizadores estavam usando drogas no local. Na tarde do dia da inauguração, estávamos lá passando o som quando a polícia chegou e levou todo mundo, inclusive nós. Foi muito desgastante. Pouco depois, eu e Túlio pedimos as contas." Em **2005**, em Londres, depois do show no camarim do Clube Guanabara, pude trocar umas palavras com o Sérgio Dias onde rapidamente revivemos o acontecido. Ele disse que só não foi preso porque teve muita sorte. Foi coisa do destino!



Sérgio autografava CDs no Clube Guanabara em Londres – Foto C. A. Zanarotti (2005)

Depois, deste episódio meus familiares mudaram de atitude em relação à ideia da possibilidade de eu me casar. Antes, meu pai dizia:

"Filho, tem muita mulher neste mundo, aproveita a vida. Você é muito jovem para se casar!".

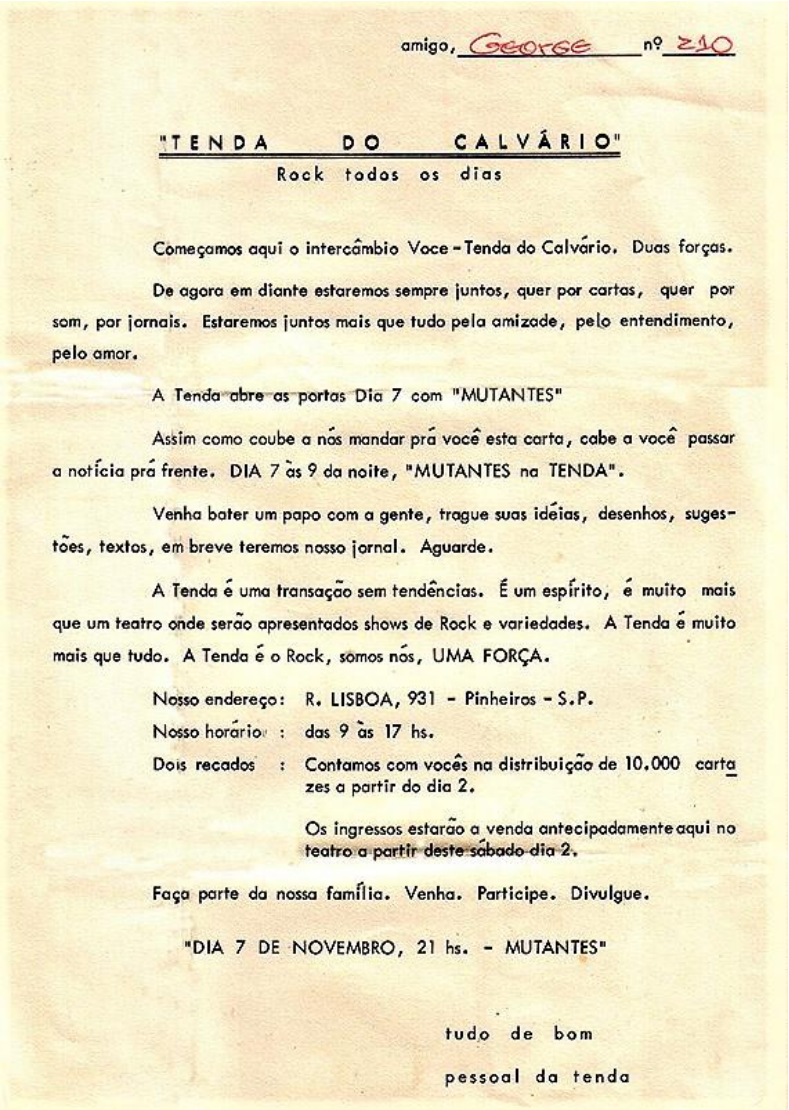
Depois da prisão ele passou a dizer:

"Esta garota que você está namorando é gente boa. Nasceu em Botucatu, na mesma cidade que você, é filha de ferroviários como nós. É uma garota bonita, boa menina, um casamento será bom para você, vai ajudar a acalma-lo, a assentar sua vida, dando-lhe um maior senso de responsabilidade".

Eu caí no conto e me casei em **DEZEMBRO DE 1973**, tinha só **23 ANOS**. **TRÊS ANOS** depois nascia minha filha. O casamento durou mais ou menos **7 ANOS**.

Curiosidade – Descoberta acidental de uma catacumba

Um dia, próximo da escada de acesso para a torre da igreja, durante os trabalhos de limpeza do local, um tijolo solto, quando retirado, revelou uma área aparentemente secreta. Vários tijolos foram retirados e revelaram um pequeno corredor que dava para uma escada de concreto sem corrimão que descia para uma grande sala. Alguém arrumou uma lâmpada com uma extenção e descemos as escadas para explorar. Nas paredes podia-se ver entradas seladas com tijolos. Tudo indica aquela sala era um grande túmulo. Será que a Tenda do Calvário foi castigada por tirar o sossego dos mortos?



amigo, George nº 210

"TENDA DO CALVÁRIO"

Rock todos os dias

Começamos aqui o intercâmbio Voce - Tenda do Calvário. Duas forças.

De agora em diante estaremos sempre juntos, quer por cartas, quer por som, por jornais. Estaremos juntos mais que tudo pela amizade, pelo entendimento, pelo amor.

A Tenda abre as portas Dia 7 com "MUTANTES"

Assim como coube a nós mandar prá você esta carta, cabe a você passar a notícia prá frente. DIA 7 às 9 da noite, "MUTANTES na TENDA".

Venha bater um papo com a gente, trague suas idéias, desenhos, sugestões, textos, em breve teremos nosso jornal. Aguarde.

A Tenda é uma transação sem tendências. É um espírito, é muito mais que um teatro onde serão apresentados shows de Rock e variedades. A Tenda é muito mais que tudo. A Tenda é o Rock, somos nós, UMA FORÇA.

Nosso endereço: R. LISBOA, 931 - Pinheiros - S.P.

Nosso horário : das 9 às 17 hs.

Dois recados : Contamos com vocês na distribuição de 10.000 cartazes a partir do dia 2.

Os ingressos estarão a venda antecipadamente aqui no teatro a partir deste sábado dia 2.

Faça parte da nossa família. Venha. Participe. Divulgue.

"DIA 7 DE NOVEMBRO, 21 hs. - MUTANTES"

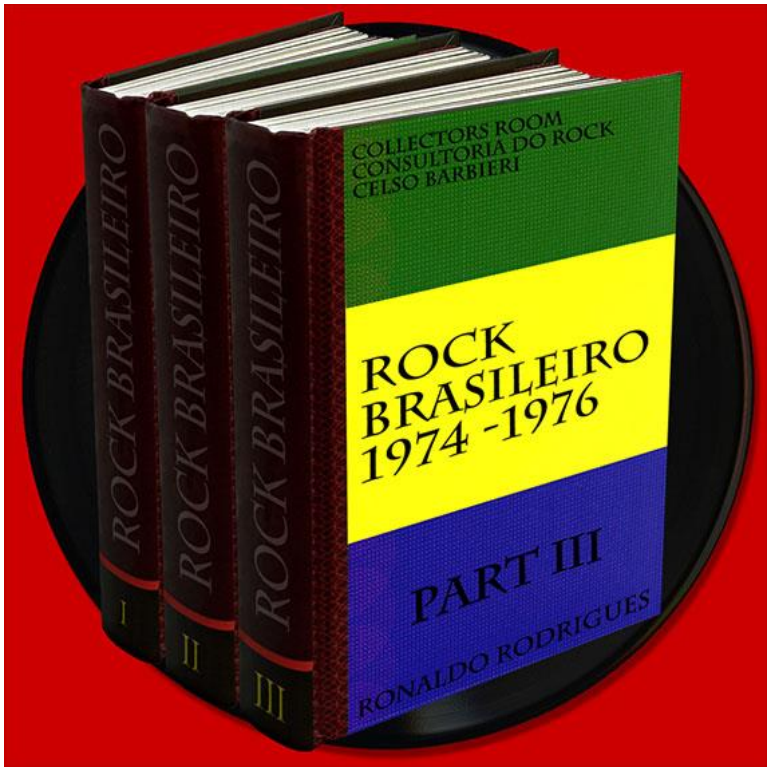
tudo de bom

pessoal da tenda

POR A. C. BARBIERI

Circular fornecida para meu amigo George Romano juntamente com panfletos para distribuição

ROCK BRASILEIRO (1974/1976): PARTE III



Versão reeditada de texto originalmente publicado no site Collectors Room.
Arte: A. C. Barbieri.

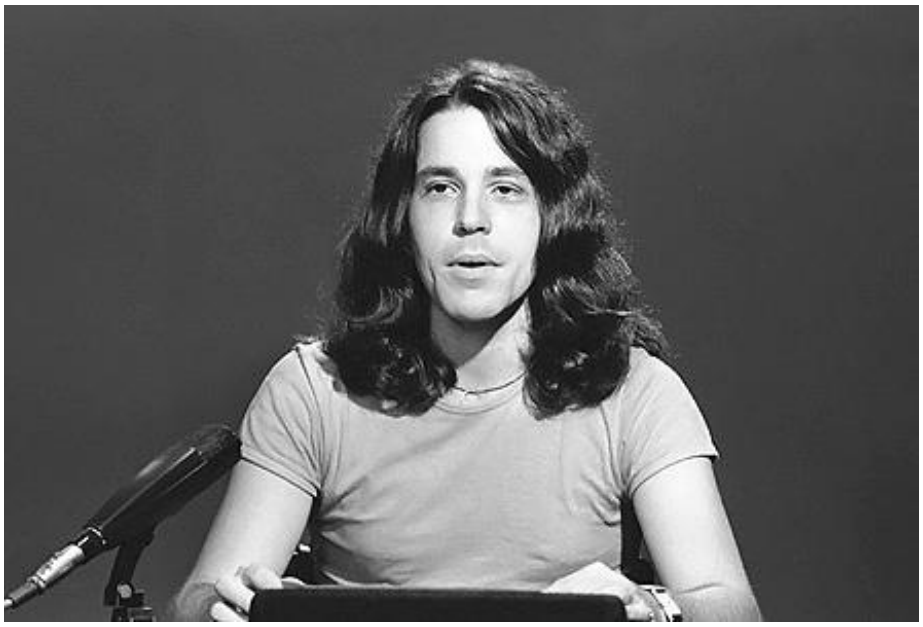
Esta matéria foi dividida em 3 partes e foi aqui publicada com permissão do site Consultoria do Rock.

Parte I, Parte II & Parte III

PARTE III

Conforme informado anteriormente, esta terceira parte do texto cuidará de falar do rock brasileiro na mídia, bandas de larga envergadura do período que não lançaram discos e também dos lançamentos fonográficos de **1976**. Sugere-se ao leitor buscar referências nas duas partes precedentes para um panorama mais completo de todo o assunto tratado. Nos comentários serão postados links com materiais de referência a este texto.

Na TV, na mídia impressa e no rádio o rock, de alguma forma, crescia. A Rede Globo lançou o programa *SÁBADO SOM*, que estreiou em março de **1974** e ficou no ar até fevereiro de **1975**, deixando a moçada maluca com video tapes de grandes bandas da época e registros de seus concertos – Pink Floyd, Black Sabbath, Mahavisnhu Orchestra, Allman Brothers, Humble Pie, Johnny Winter, etc. Segundo relatos, o Veludo foi a única banda nacional a aparecer no programa. O programa era apresentado por Nelson Motta no início, que logo foi substituído pelo famoso disc joquei Big Boy (nome artístico do radialista Newton Alvarenga Duarte). Todo esse material se perdeu em um grande incêndio ocorrido nos estúdios da TV Globo em **1976** e muitos outros registros de grande relevância para toda a música brasileira.



O jornalista Nelson Motta na coluna no Jornal Hoje, da Rede Globo, em meados dos ANOS 70



No rádio, despontava com crescente sucesso entre a moçada a Rádio Eldorado, no FM, mais conhecida como Eldo Pop. O FM era novidade na época e a Eldo tocava material até então inédito no país, principalmente do rock progressivo e hard rock contemporâneo (não só inglês e norte-americano, mas de vários outros países, inclusive som das bandas locais), sem locuções e com pouquíssimos intervalos, numa longa viagem sonora. A rádio começou em fins de **1972** e durou até **1978**, pouco tempo depois da morte de Big Boy (ocorrida prematuramente em **1977**), que era quem

conseguia o fantástico material que a rádio veiculava e era seu principal programador. Deixou como legado uma imensa legião de órfãos que a cultuavam e que até hoje pesquisam nomes de algumas músicas que tocavam na programação, já que não eram anunciadas enquanto tocavam. Ainda atualmente, grupos de ouvintes da Eldo Pop se reúnem no Rio para celebrar as músicas de sua programação e diversos blogs e fóruns na internet rememoram seu legado.



O lendário Big Boy

Em São Paulo, grande repercussão tinha o programa Kaleidoscópio, apresentado diariamente nas madrugadas por Jacques do Kaleidoscópio. Em uma rádio católica (Rádio América AM), o radialista Jacques Gersgorin botava o fino do rock para rolar, com entrevistas e muito papo cabeça. O público podia assistir e curtir o programa no próprio auditório da rádio e o programa, apesar da vida curta, marcou época.

Como revistas de grande circulação, havia a Hit-Pop (que surgiu a partir da seção de música da revista teen *POP,* da editora Abril), Jornal de Música (depois rebatizada como Revista Música) e a *ROCK: A HISTÓRIA E A GLÓRIA*, que além de anunciarem as novidades lançadas no Brasil e no mundo, encartavam posters de bandas que despontavam na época e traziam algumas resenhas e entrevistas. Acontecimentos como o *FESTIVAL DE ÁGUAS CLARAS* e o *HOLLYWOOD ROCK* foram notícia em grandes veículos da mídia tradicional da época. As citadas revistas, além de colocar a juventude brasileira a par das novidades do rock mundial e do rock brasileiro (as publicações dedicavam generoso espaço a lançamentos de grupos e artistas estreantes e comentavam lançamentos de artistas nacionais já renomados), contavam com os préstimos de críticos reconhecidos até hoje no ofício – Ana Maria Bahiana, Tarik e Okky de Souza, Ezequiel Neves, Luiz Carlos Maciel, dentre outros. Nestas publicações também era comum aparecerem colunas ou resenhas escritas por músicos e poetas – Jorge Mautner, Egídio Conde, Julio Medaglia, Julio Barroso, Rogério Duprat, etc.

Página da revista Hit Pop, longeva publicação na DÉCADA DE 70

Jornal de Música resenhando o trabalho da Barca do Sol


GRANDES SURPRESAS NO FESTIVAL DE BELÔ

Serginho, dos Mutantes, tocou com Caetano Veloso. Essa e as outras surpresas do festival estão na pág. 5

HÁ BONS E

FAGNER: "SOU UM CARA DO POVO"

Por isso, ele não tem medo de fazer sucesso. Entrevista nas págs. 10/11

JAQUES E O KALEIDOSCÓPIO

Não só no circuito Rio-São Paulo as coisas aconteciam. Em Porto Alegre, a agitação começou a partir da Rádio Continental, com o apresentador Julio Furst, que apresentava um programa patrocinado pela marca de calças jeans Lee. Após ser convidado para atuar como jurado no festival universitário *MUSIPUC*, o cara resolve apostar nas bandas locais. Julio propõe a rádio oferecer espaço para gravações semiprofissionais (em dois canais) para as bandas que participaram do *MUSIPUC* e outras que surgissem, para rolar em seu programa. Porto Alegre praticamente não possuía estúdios profissionais na época. A direção da rádio em princípio hesitou e colocou o risco do fracasso do projeto nas costas de Julio. Mas o cara seguiu com a ideia, auxiliando as bandas na divulgação do som e levando aquela música a uma amplitude maior dentro da região Sul. As bandas gravavam e as músicas rolavam no programa de Julio, que tinha grande audiência. E a partir disso começaram a surgir os eventos da rádio, com as bandas que tocavam no programa se apresentando nos palcos, principalmente da capital gaúcha.


Jornal de Música 11

a barca do sol

"A música brasileira está sufocada entre rock e samba. O que cabe nessas formas, faz sucesso. Se não cabe, não presta. Nós não temos linha nem estilo. Não somos um conjunto de rock, nem um conjunto de samba. Nós somos um conjunto de música."

Foto: Bita

Aloysio Reys

O banquete já está na mesa. Leia o cardápio, e antes de começar a devorar, abra a janela e veja que a lua que brilha lá fora não é a mesma do luar do sertão. Coloque então, na vitrola, o LP **Durante o Verão**, d'A Barca do Sol.

Pode ser que você sinta um gosto amargo na boca. Talvez você até perca a fome. Afinal, essa música não foi feita para ser devorada. Aí você se tranca no quarto, sem que sintam sua falta na hora do jantar. Aí você coloca novamente o disco na vitrola e ouve uma, duas, dez vezes. Quando abrir a porta do quarto, você pode sentir o estômago vazio, mas vai ter a certeza de que ouviu um excelente LP.

Qual é o som d'A Barca do Sol? Numa quinta-feira fria de final de maio, eles estão no palco do Teatro Fonte da Saudade, preparando a aparelhagem e afinando os instrumentos, uma hora antes do **show** de lançamento do álbum. **Durante o Verão**. Nando é o primeiro a falar:

— Quando você ouvir uma música d'A Barca, pode ter a certeza de que ela é o resultado do trabalho conjunto de sete cabeças. Nós somos um conjunto sem líder, porque é assim que dá certo.

Muri completa a resposta:

— Nós não temos linha nem estilo. A nossa linha é exatamente não ter linha nenhuma. Acho que a música brasileira está sufocada entre o rock e o samba. São duas formas. Se a tua música cabe na forma, toca no rádio, faz sucesso, acontece o diabo. Se não cabe, ela não presta. Nós não somos um conjunto de rock, nem um conjunto de samba. Nós somos um conjunto de música.

Já dá para entender por que Geraldinho Carneiro sugeriu um encarte para o novo disco d'A Barca, em forma de cardápio, apresentando músicas e músicos, como se fossem quitutes a serem devorados por dentes gulosos. Mas esse ponto de vista não fica expresso apenas na ironia da embalagem. O conteúdo realmente não demonstra qualquer preocupação em colocar o produto em boa posição nesse mercado cheio de vícios.

Quem fala agora, com a boca meio torta, é o Gordo — o Marcelo da bateria e da percussão. A boca está meio torta porque ele tem 16 anos, e tem um dente siso nascendo, "enchendo o saco".

Marcelo: Musicalmente, a gente não faz nada para transformar o disco num produto de fácil aceitação no mercado. Depois que o trabalho já está pronto, sendo distribuído nas lojas, aí é que começa a batalha. Estamos realmente batendo de porta em porta, pedindo por favor aos programadores de rádio para tocar o disco da gente. Tem que ser assim. Isso daqui é trabalho. É emprego mesmo. O Nando e o Muri foram batalhar em São Paulo. Nós rodamos todas as estações de rádio daqui do Rio. Mesmo assim, apesar de todo o esforço de catituação, só as rádios El Dorado (Rio e São Paulo) e Ipanema (Rio) é que estão tocando diariamente.

— Por quê?

Marcelo: Por causa daquilo que o Muri falou. As músicas não encaixam na forma. Mas não em nada. Nós sabemos que para ir em frente é preciso fôlego. É uma corrida de resistência.

A história da banda começa em Curitiba, num curso/festival de música erudita. Bem, antes já existiu um trio — Muri, Nando e Marcelo — que se chamava A Barca do Sol (nome tirado de uma das músicas do grupo). Egberto Gismonti ia dar aula no curso e conseguiu uma bolsa para cada componente do trio. Lá em Curitiba, o trio transformou-se em hepteto, mas a atual formação d'A Barca — Muri (violão, viola e voz), Jaquinho (violoncelo, violino, piano e voz), Marcelo (bateria e percussão), Nando (violão e voz), Alain (baixo acústico, elétrico e voz), David (flautas) e Beto (guitarra e percussão) — só ficou estabelecida depois do primeiro LP, quando entraram David e Alain.

Apesar do tempo relativamente curto de estrada, A Barca do Sol já teve tempo suficiente para colecionar decepções com os empresários que azenciam o show-biz nativo:

Muri: Primeiro foi o Jorge Elis. Quando nós lançamos o primeiro LP, ele prometeu tudo o que você pode imaginar para a gente. Logo no primeiro **show**, a nossa esperança foi pra cucuia. O teatro lotou. Eram 700 pessoas que pagaram 20 pratas pela meia e 30 pela inteira. Sabe quanto sobrou para o conjunto? Menos de 1.700 cruzeiros. Depois de três noites com casa cheia, nós quase ficamos devendo ao empresário.

Beto: Depois foi a Fundação Cultural de Curitiba. Eles prometeram estada paga, a bilheteria e mais uma verba extra. Quando chegamos lá e vimos o hotel que eles tinham escolhido pra gente, sentimos que tinha alguma coisa errada. Era daqueles hotéis em que o cara joga o tapete pra você passar. Muito luxo. Dois dias depois, veio a conta. Nós tivemos que pagar. O resto, nem é preciso contar. Foi trambique em cima de trambique.

Nando: O único cara que transou numa boa com a gente, foi o Benjamim, da Secretaria de Cultura de São Paulo. Foi lá que nós tivemos a nossa melhor experiência ao vivo. Imagine um **show** ao ar livre, num domingo ao meio-dia, em pleno Parque Morumbi. Ninguém pagou ingresso, e isso dá um clima mais descontraído. O pessoal passava e parava pra curtir. Mais de mil pessoas.

Jaquinho: Um grilo que nós nunca conseguimos afastar, foi a falta de uma aparelhagem boa. Você não pode ser totalmente profissional, se você fica sempre na dependência de uma aparelhagem alugada. Nós precisaríamos de pelo menos 200 milhas para comprar aquilo que é necessário.

Entre os problemas com os empresários e com a falta de aparelhagem, a Barca do Sol navega num som limpo, trabalhado e cheio de swing. No **show** do Teatro Fonte da Saudade, eles fugiram da carga dos empresários produzindo tudo por conta própria, sob a direção de Geraldinho Carneiro. As namoradas dos componentes da banda tomaram conta das bilheterias, e os amigos iluminaram e sonorizaram.

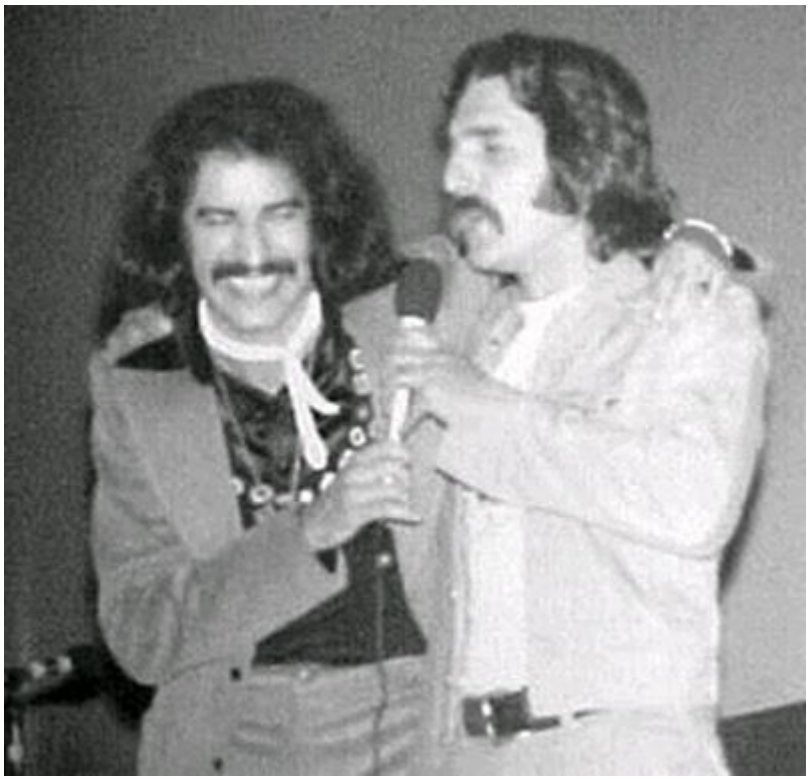
Todas as músicas do disco/show, que agora vai rodar o Brasil, são dos componentes da banda, com letras de Geraldinho Carneiro, João Carlos Pádua, Afonso Carlos Costa, Daniel Mendes Campos e Antônio Carlos de Brito.

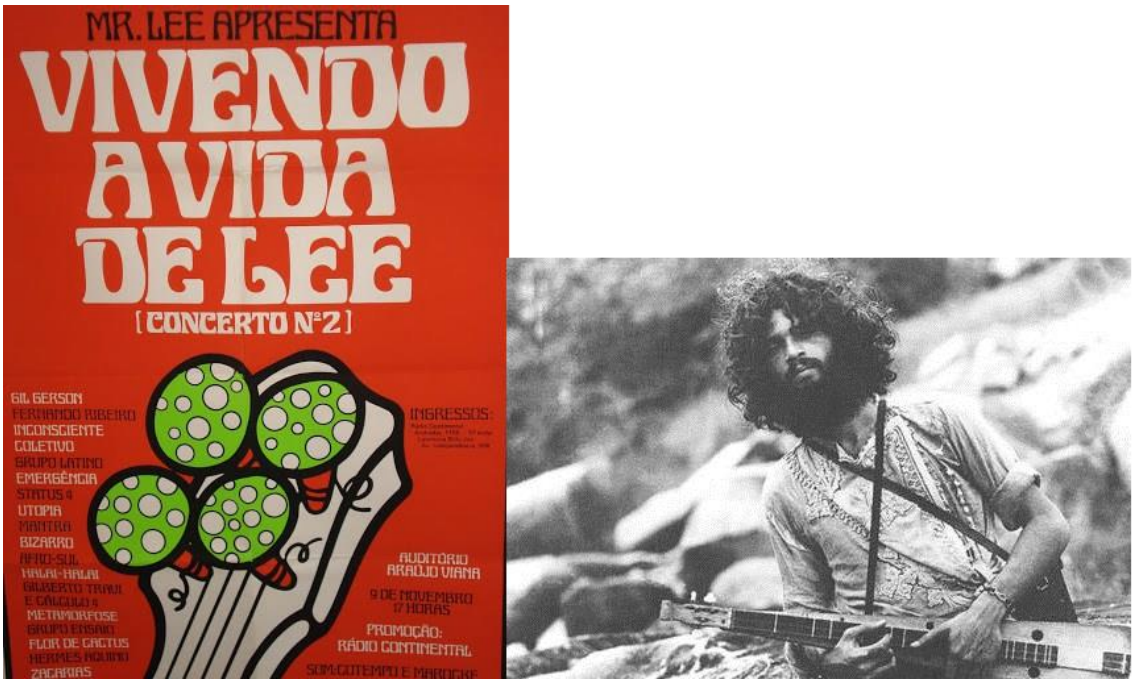
Neste banquete de música popular, os pratos continuam na mesa. Aos que insistirem em devorar, bom apetite e cuidado com a indigestão. Qualquer reclamação dirija-se à gerência: A Barca do Sol, Rua Igarapava, 59, Leblon, 20.000, Rio de Janeiro.



Julio Furst, vulgo Mr. Lee, e Hermes Aquino

Vieram a tona nestes eventos bandas que ainda hoje permanecem obscuras, por não possuírem registros oficiais (fora os gravados na rádio), como o Bizarro (grupo de hard-progressivo), Inconsciente Coletivo (folk-MPB), Mantra (jazz-rock), Élbia (rock n' roll), Utopia (folk progressivo) entre outros. Outro grupo importante da cena gaúcha na época era o Saudade Instantânea, que segundos relatos, tinha uma linha de som parecida com a dos Mutantes (fase progressiva). A banda, formada em **1972**, era capitaneada pelo guitarrista Cláudio Vera Cruz, que viria a integrar o grupo mais famoso vindo da região sul na época, o Bixo da Seda (sobre o qual falaremos em seguida). A banda participou de vários eventos e esteve envolvida com teatro, criando trilhas sonoras para alguns espetáculos. Um de seus maiores feitos foi abrir o show dos Secos & Molhados em Porto Alegre, em **1973**. Já as bandas Inconsciente Coletivo, Bizarro e Utopia abriram o show do cantor Bill Halley, em **1975**, no Gigantinho.





Lula Côrtes, um dos expoentes da geração '70 no Nordeste

Na região nordeste (principalmente em Recife, João Pessoa e Fortaleza), acontecia a gestação de toda uma geração de compositores e interprétes, muitos com impressões digitais estritamente rockeiras. A partir de **1972**, gente do calibre de Alceu Valença, Geraldo Azevedo, Lula Côrtes, Marconi Notaro, Zé Ramalho, Fagner, Ednardo, o pessoal do Ave Sangria, Quinteto Violado, Flaviola, passou a cantar em outras freguesias. Recomendo a leitura do valioso artigo de nosso colaborador Eudes Baima a respeito.

Em Minas Gerais, apareceria o Saeculum Saeculorum, que havia começado em **1974**. Participaram de um grande festival em Minas, chamado *CAMPING POP* e em **1976** entraram em estúdio para registrar uma fita demo, a fim de negociar um contrato com a gravadora Warner. O contrato não rolou e o material ficou esquecido, com a banda encerrando as atividades em **1977**. Somente nos idos de **1996** é que esse material veio à luz, graças ao garimpo do violinista do grupo, Marcus Viana (futuro integrante do grupo Sagrado Coração da Terra). A formação do grupo era Marcus Viana (violino e vocais), Giácomo Lombardi (piano), José Audísio (guitarras), Bob Walter (bateria) e Edson Plá Viegas (baixo) e a gravação revela um som de grande qualidade musical, numa linha sinfônica e com instrumental de primeira grandeza.



SAECULA SAECULORUM

A história do período não ficaria completa se não fossem citados os inúmeros casos de bandas da época que morreram antes de ter algum material oficial lançado (em alguns casos inexistem até mesmo os registros extra-oficiais). Destas, algumas merecem especial destaque por terem sido grande live-a cts da época, serem aclamadas por público e crítica, e figurado em festivais e grandes shows – Veludo, Vímana, Soma, Rock da Mortalha e Burmah.

A trajetória do Veludo muitas vezes é confundida com a trajetória do Veludo Elétrico. Não necessariamente uma veio da outra, mas tiveram membros em comum. O Veludo Elétrico era um agrupamento de músicos cariocas que viriam a ficar celébres, seja no mainstream ou no underground do período. Na guitarra, estava um tal Luís Maurício (futuramente denominando-se Lulu Santos), que era tido com um jovem guitar hero da zona sul do Rio. Além dele, Fernando Gama (baixista) e Pedro Jaguaribe (também baixista) e os futuros Mutantes Paul de Castro (após sua passagem pelo Veludo), Rui Motta e Tulio Mourão. Então, dos ossos do Veludo Elétrico, surgiram músicos que abasteceram três das principais bandas progressivas do período – Veludo, Vímana e Mutantes.



Elias Mizhrai, tecladista, vocalista e fundador do Veludo

O Veludo mesmo foi formado a partir da banda de apoio que Zé Rodrix estava recrutando para seu novo show, no fim de **1973**. Foi ali que Elias Mizhrai, tecladista, compositor e arranjador, trava encontro com o já rodado guitarrista paulista Paul de Castro (com passagens pel'O Bando e também pelo Veludo Elétrico, já no Rio). Elias tinha uma outra banda progressiva chamada Antena Coletiva, na qual já desenvolvia o som que viria a adotar para o Veludo. Junto com Pedro Jaguaribe (outro ex-Veludo Elétrico) e Gustavo Schroetter (que era baterista da Bolha) estreiam com muito sucesso no reveillon de **1973** no Teatro João Caetano (há um pequeno trecho em super 8 desse concerto), junto com outra estreante, o Vímana. Curiosamente, ambas tem o Veludo Elétrico em sua árvore genealógica. O som do Veludo era um rock progressivo de alto impacto, saindo da linha contemplativa de muitos grupos influenciados pelo Pink Floyd, rasgando-se entre violentas interações de guitarra e

teclados e chocando-se com uma sólida cozinha de bateria e baixo, abusando de convenções e mudanças de andamento em suas longas suítes. Se o público se amarrava no som dos caras, as gravadoras tinham uma visão restritiva quanto ao tipo de música praticada; consideravam aquilo como um som para um nicho específico e pequeno, apenas. A despeito da grande repercussão na época, a banda não conseguiu nenhum contrato para gravar um disco. Em um show, inclusive, contaram com uma canja do ex-tecladista do Yes, Patrick Moraz, que estava se radicando no Brasil. Contudo, nem só de louros se conta a trajetória da banda. Ezequiel Neves, um notório detrator do rock progressivo, os detonava sem dó:

“O grupo do guitarrista Paul de Castro desaprendeu de forma chocante sua eficaz receita de rock-blues. Agora o Veludo entrou para o rol do som bolo de noiva, marca registrada do Terço, Mutantes, etc… Tudo de uma chatice sem limites. A competência instrumental a serviço da bobagem. Temas fantásticos totalmente jogados fora, sufocados por improvisações totalmente desprezíveis. O fato do Veludo, o Terço e os Mutantes estarem conscientemente batendo com a cabeça na parede, me deixa com pena é da parede”



Gustavo Schroetter e Paul de Castro, baterista e guitarrista do Veludo

No **FIM DE 1974**, Nelsinho Laranjeiras substitui Pedro Jaguaribe no baixo e em **1975**, após o festival Banana Progressiva, em São Paulo, Gustavo Schroetter também se manda para ocupações mais rentáveis (entrou para a banda de Jorge Ben, tocou com Raul Seixas e depois formou o A Cor do Som no **FIM DA DÉCADA**). No lugar de Gustavo, o guitarrista Ari Mendes (que já tocara alguns anos antes com Nelsinho Laranjeiras) assume o posto de baterista de forma improvisada.

Elias Mizhrai, fundador do grupo, também buscou uma carreira solo e foi trabalhar com Ney Matogrosso, deixando momentaneamente a banda. Também Paul de Castro, por

convite de Sérgio Dias (um admirador confesso do grupo) assume o baixo nos Mutantes, no lugar de Antonio Pedro Fortuna. Nelsinho reestrutura totalmente o som do grupo, tornando o mais eclético e agregando elementos mais presentes de música brasileira e latina. A banda entrou em um vaivém de músicos (até o próprio Elias retornou por um tempo nessa nova fase do grupo) e prosseguiu com essa fusão de estilos até sua dissolução em **1978**.



SHOWS

Foto Carlos Hyra

O Terço
11 a 20 de Junho
Teatro Tuca/SP

Sérgio Hinds, guitarra, viola e vocal; Sérgio Magrão, baixo e vocal, Flávio Venturini, teclados, viola e vocal; Luiz Moreno, bateria e vocal; participação especial Caíto, percussão.
O grupo Terço estreou seu novo show, "Casa Encantada", com as músicas constantes de seu próximo LP, do mesmo nome. Durante as apresentações público que compareceu aos shows teve a oportunidade de conhecer o alto nível profissional dos músicos e da equipe técnica, aliados a um repertório de muito bom gosto. O Terço demonstrou em suas apresentações uma dinâmica de palco perfeita, vocalizações perfeitamente audíveis, sendo o novo trabalho em sua maioria distanciado da linha de rock seguida anteriormente pelo grupo, com a adição das sonoridades do percussionista Caíto e do desenvolvimento de novas idéias, como o tema instrumental "Solaris" do baterista Moreno, que utiliza modos de flamenco, e uma linha melódica excepcionalmente bonita. Foi utilizado um equipamento Giannini de PA, com uma mesa de 12 canais e dois mixers auxiliares, para bateria e vocal, operados por Renato e Totinho, e a mixagem foi realizada por Marquinhos, técnico de gravação do estúdio Vice Versa. Do novo repertório constam as músicas Casa Encantada, Flor de La Noche, Guitarras, Tocador, Sentinelado Abismo, Solaris, Criaturas da Noite, Vôo da Fênix, Cabala, Velho Silêncio, Sangue Novo, Luz da Vela, Foi Quando Eu Vi a Lua Passar: "E sei que só esperava um toque, e eu vi aquela lua passar, pela janela, na neblina, cruzando a estrada rumo ao sul, e eu percebi que há muito tempo, eu já estava por lá, já estava por lá. . . "

Veludo
1 a 5 de junho
Boate Be Bop-a Lula/SP

Nelson Laranjeiras — baixo, viola e vocais; Aristides — guitarra, banjo, bandolin, violão de 12 cordas, vocais; Paulo Norte — flauta, guitarra, viola, baixo, violão e vocais; Afonso Correa — bateria, percussão e vocais; Flávia Cavaca, violão, percussão e vocais.
Em sua temporada no Be-Bop, os freqüentadores tiveram a oportunidade de ouvir a música do excelente grupo carioca, com raízes brasileiras, samba, baião e muito rock.

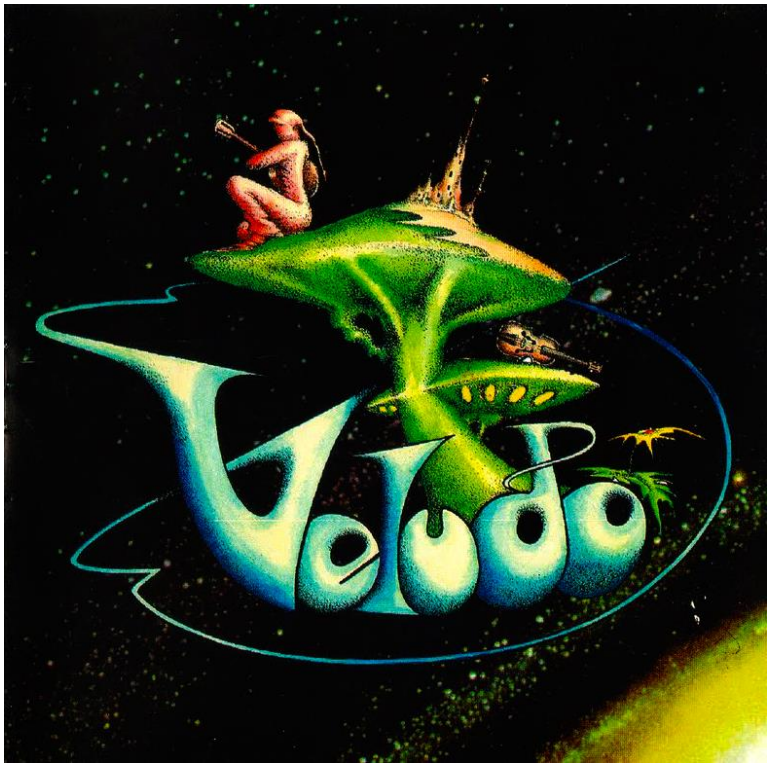
Tony Osanah Blues Band
9 a 12 de junho
Boate Be-Bop-a-Lula/SP

Tony Osanah — guitarra e vocais; William — baixo; Rogério — bateria.
O mestre de blues Tony: "E a consciência então não vale nada? ".

8

*Matéria do Jornal de Música, dando destaque a shows do Terço, Veludo e Tony Osannah em **1976***

NO FIM DA DÉCADA DE 1990, surge um registro gravado da plateia do show da banda no festival *BANANA PROGRESSIVA*, em **1975**, no teatro da Fundação Getúlio Vargas, que pode dar uma ideia da qualidade do grupo e do calibre de sua possante fórmula musical. **NOS ANOS 2000**, Elias Mizhrai reativa brevemente a banda e lança o disco *A RE–VOLTA*; já Nelsinho Laranjeiras revive a segunda fase da banda, lançando em **2016** o álbum *PENETRANDO POR TODO O CAMINHO SEM FRAQUEJAR*, contando com a participação de alguns dos músicos que integraram a segunda fase da banda, relendo o repertório da época. Atualmente, os dois músicos buscam revitalizar o repertório do grupo separadamente.



*Capa do lançamento póstumo do Veludo, ao vivo no FESTIVAL BANANA PROGRESSIVA em **1975***

O outro "braço" do Veludo Elétrico (Lulu Santos e Fernando Gama) juntou-se aos remanescentes do Módulo Mil (Candinho, baterista, e Luiz Paulo Simas, tecladista) e fundaram a banda Vímana no fim de **1973**. Segundo Luiz Paulo Simas, o início do grupo era basicamente composto de longas jam sessions e sons improvisados. Frequentes problemas de som atrapalharam os primeiros concertos do grupo, que começou a se desmotivar. Candinho pula fora na hora que percebe os movimentos dos outros colegas para tentar arranjar mais o som da banda e também estava mais interessado em seitas orientais e espiritualidade naquele momento. Nelson Motta dá uma força pra moçada e os coloca pra acompanhar uma peça de teatro da atriz Marília Pêra. **NO FIM DE 1974**, a banda já estava novamente aquecida, tendo o ingresso de João Luís Woenderbarg, mais conhecido como Lobão, na bateria e do flautista e vocalista inglês Ritchie Court (que já tinha passado pelo Scaladácida em São Paulo, pelo Soma e A Barca Do Sol no Rio).

O som do grupo tinha muito de rock progressivo, mas tinha também um tempero brasileiro com bastante swing, soando como uma fusão bastante elaborada. Essa nova fase (**FIM DE 1974 E TODO O ANO DE 1975**) foi a de maior sucesso e repercussão do grupo; nessa época a banda grava o lendário disco que nunca viu a

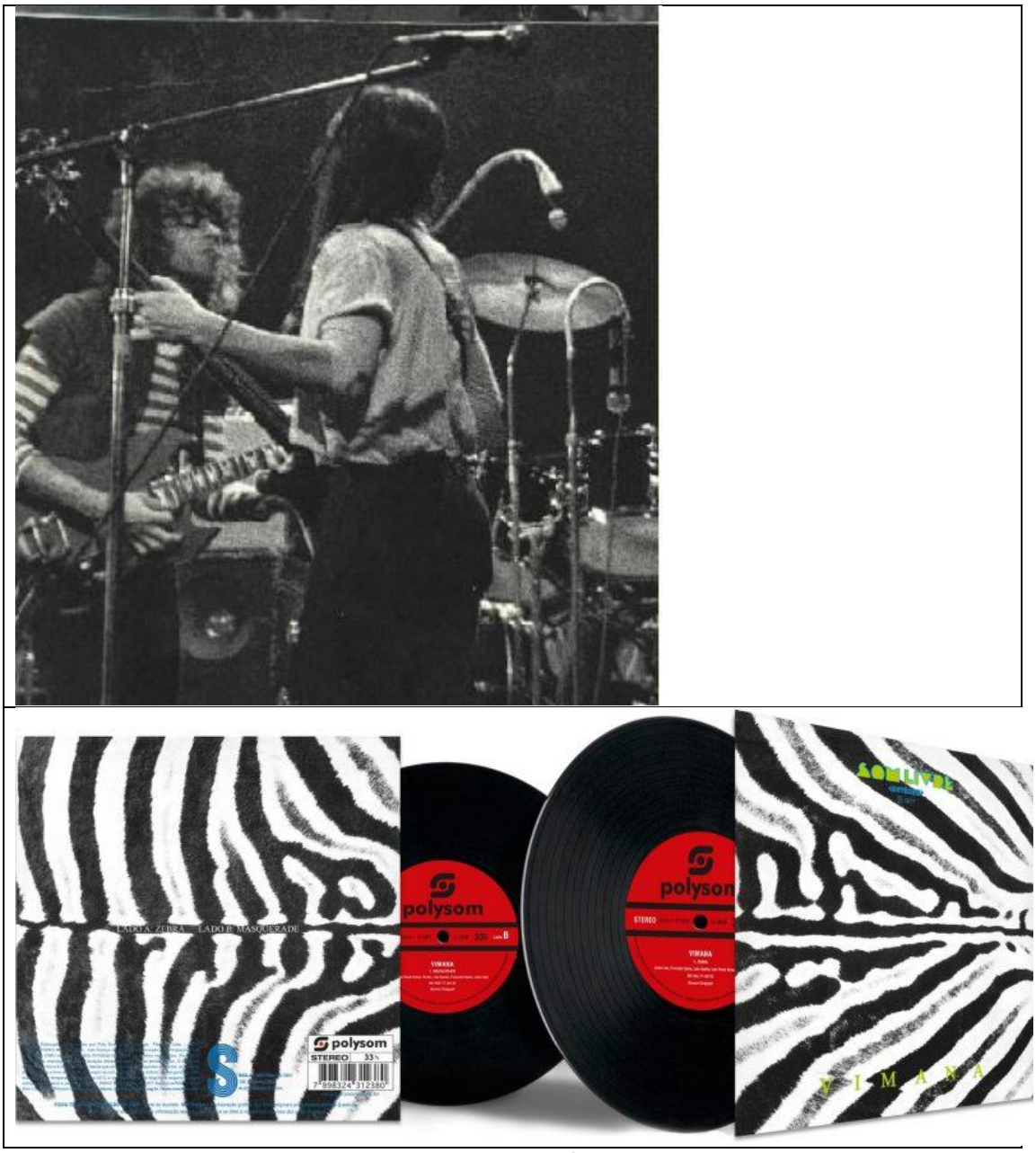
luz do disco, pela gravadora Som Livre, com produção de Guto Graça Melo. Uma entrevista concedida à rádio Eldo Pop (provavelmente de **1976**) revela boa parte do material do que viria a ser o disco (desconsidere a coletânea não autorizada *ON THE ROCKS* que circula na internet, que é uma salada de diversas fases da banda).



Luiz Paulo Simas, em ação com o Vímana



Fernando Gama, Lobão, Luiz Paulo Simas, Lulu Santos e Ritchie – o Vímana



L ulu Santos e Fernando Gama ao vivo com o Vímana

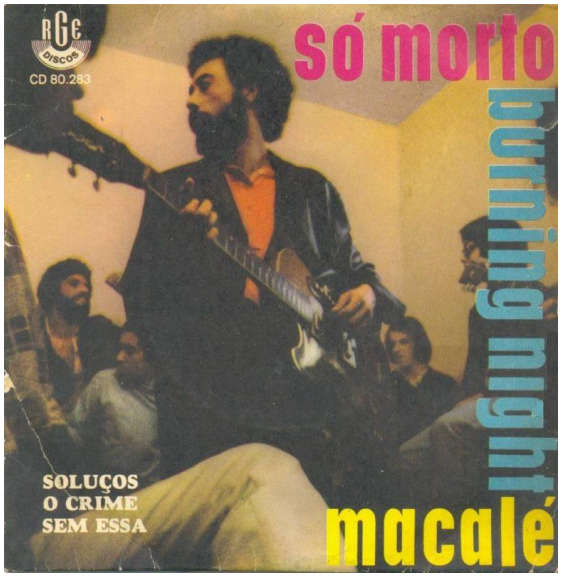
Relançamento do compacto do Vímana, com Zebra e Masquerade

Uma horda de problemas não permitiu que o material fosse finalizado e lançado e no meio disso tudo, a Som Livre passou a desconsiderar a viabilidade comercial do lançamento. Apenas em abril de **1977** é que uma das faixas do álbum viria a ser lançada – a curta peça prog “Masquerade“, como lado B do compacto. No lado A da bolachinha, uma faixa gravada posteriormente, chamada Zebra, composição de Lobão, que já mostrava a banda partindo para um som totalmente distinto e de apelo mais pop.

Envolvida com o tecladista Patrick Moraz, que queria fazê-los sua banda de apoio, o Vímana passou a buscar um som mais comercial e com mais raízes brasileiras. A relação com o tecladista suíço é conhecida por suas bizarrices, desentendimentos e acusações de ambos os lados, sendo que nada rolou daí além de várias hilárias histórias. Algumas poucas faixas ao vivo (de baixa qualidade sonora) e as

participações do Vímana como banda de apoio para Luiza Maria (com a bela balada “Maya“), Fagner e Walter Franco constituem tudo que existe de material sobre a banda. No início de **1978**, tudo estava completamente desfeito para os caras. Contribui para o fato da gravação do disco permanecer engavetada até hoje o interesse quase nulo dos ex-integrantes da banda pelo antigo material, já que quase todos eles seguiram a trilha da música pop nos anos seguintes (Lulu Santos, Lobão e Ritchie; Fernando Gama com o Boca Livre e Luiz Paulo Simas na música instrumental e em trilhas sonoras) com bastante sucesso.

O Soma era carioca e a história da banda começa em **1969**, com Bruce Henry, jovem norte-americano que veio morar no Brasil em **1966**. Depois de ver uma domingueira no clube Monte Líbano com a Bolha no palco ficou impactado e decidiu que precisava urgentemente de uma nova banda (Bruce tocava com o grupo beat The Outcasts). A banda começou com Jaime Shields (guitarra e vocal, outro norte americano), Alírio Lima (bateria) e Ricardo Peixoto (guitarra), além do próprio Bruce Henry no baixo. Em pouco tempo de ensaios, já apareciam nos agitos mais loucos da zona sul carioca, em eventos multiculturais e happenings. Gravaram um compacto duplo com Jards Macalé em **1971** e compactos autorais que saíram na obscura coletânea Barbarella, de **1971**.



*Compacto de **1971** de Jards Macalé junto com o Soma*

Participaram ainda de um dos primeiros festivais ao ar livre do país, o *FESTIVAL DE GUARAPARI* em **1971**, alternando-se entre sons próprios e releituras. Pela falta de repercussão do material lançado e outras perspectivas deram um tempo fora do país e só voltaram no ano seguinte. Bruce Henry ficou um bom tempo tocando com a poderosa banda de Gilberto Gil em sua fase Expresso 2222. Depois de um tempo tentando alugar um equipado sistema de som que adquiriu na Inglaterra, decidiu remontar o Soma em **1973**. Seus espetáculos eram venerados pelo público e sua musicalidade cada vez mais eclética era plenamente apreciada e anunciada. Neste mesmo ano, diversas demos com canções da banda foram gravadas, mas nada de pintar um contrato. No fim de **1973**, Ritchie Court ingressa na banda, em uma catártica estreia junto com os Mutantes e O Terço, no auditório do Museu de Arte Moderna (MAM). Nessa época, também contam com o tecladista Tomás Improta na formação do grupo. O único registro que se tem da banda neste período é a música “P.F” (que significava Paris–Frankfurt, mas para o disco foi dada também a conotação de “prato feito” tão típica para a gastronomia brasileira), que saiu no disco do espetáculo Banquete dos Mendigos organizado por Jards Macalé em comemoração aos 25 anos da declaração dos direitos humanos. O disco retrata um show/festival também ocorrido no MAM em dezembro de **1973**. Mais alguns shows, com o lendário baterista Áureo de Souza (da banda de Caetano Veloso e do grupo inglês de jazz-rock Riff Raff), e tudo estava acabado, pela estafa de Bruce Henry de lidar com tanta adversidade e falta de grana. Gravaram também a trilha sonora de um filme sobre o famoso ladrão Ronald Briggs, mas nem o filme nem o disco chegaram a ser lançados e se perderam no tempo. O



Jards Macalé divulgando o espetáculo que daria origem ao LP Banquete dos Mendigos

livro *HISTÓRIAS SECRETAS DO ROCK BRASILEIRO*, do jornalista e escritor Nélio Rodrigues, detalha ferozmente a brilhante trajetória do grupo.

O Rock da Mortalha foi um grupo lendário da cena brasileira, porque, segundo relatos, seu som era extremamente pesado, um hard-heavy rock vigoroso, na linha do Black Sabbath. Os membros da banda, formada na periferia de São Bernardo do Campo, tocavam fantasiados e utilizavam temáticas obscuras e fantasiosas em suas letras. Existem relatos conflitantes e desencontrados a respeito da banda e até surgiram gravações de um suposto ensaio do grupo (com péssima qualidade sonora, ouça aqui e aqui) em que realmente percebe-se como o som era pesado. Mas há pessoas que conheceram pessoalmente a banda e seus membros que relatam que o som dos caras não era nada daquilo, e que o material poderia até ser de uma outra banda. Tiveram várias formações e estiveram ativos até o **FIM DA DÉCADA DE 70**, já indo numa direção mais heavy metal. Controvérsias a parte, os músicos que faziam parte da banda na época em que tocaram no Festival de Águas Claras (eram eles Orlando Luí no baixo, Marcos Baccas na guitarra e Julinho na bateria) já morreram (ou sumiram) e fica essa lacuna sobre a história do grupo. Também eram acompanhados eventualmente (o que não aconteceu no show em Iacanga) de um dançarino, chamado Lola, que era italiano e fazia performances teatrais durante os shows no período.



O obscuro Rock da Mortalha

Já o Burmah era um grupo argentino, com um dos membros brasileiros, com amigos que se conheceram num navio voltando da Europa. Esse intercâmbio não era exatamente incomum na época: Tony Ossanah era figura carimbada no rock brasileiro dos **ANOS 70**, oriundo da lendária Beat Boys que acompanhou Caetano Veloso e Gal Costa, dentre vários outros exemplos possíveis. Sua estreia aconteceu no Teatro Treze de Maio, em São Paulo, no evento *PRIMEIRA SEMANA DO ROCK PAULISTA*, ocorrido em **DEZEMBRO DE 1974**. O Burmah tocou no *FESTIVAL DE ÁGUAS CLARAS*, na *BANANA PROGRESSIVA* e no projeto *ROCK DA GAROA*, além de diversos eventos na capital paulista, onde estavam baseados. Eram formados por Norton Lagoa (contrabaixo, o único brasileiro no grupo), Eduardo Depose (guitarra), Javier Starrico (teclados) e Juan Piojo Abalas (bateria). Depois de terem problemas com os vistos de permanência no Brasil, a banda passou um tempo de molho; voltou para a Argentina, tocando e tendo boa repercussão por lá e agregando diversos músicos tarimbados na volta ao Brasil, como Franklin Paolilo (do Tutti-Frutti), Rolando Castelo Junior (da Patrulha Do Espaço) e Manito (Som Nosso De Cada Dia). Alguns registros surgiram em áudio e vídeo de apresentações do grupo, a despeito de não existir nenhum material oficial de estúdio lançado (relatos dão conta de um disco gravado em **1978**).

Várias bandas são meros verbetes em enciclopédias e nem se sabe ao certo o tipo exato de som que praticavam. Aqui vão algumas meras tentativas (agradecemos correções que surgirem nos comentários) de fazer justiça a elas – Montanhas (Rio, hard rock); Movimento Parado (Paraná, rock progressivo), Manga Rosa (Minas, jazz-rock), Mytra (São Paulo, hard rock), Inconsciente Coletivo (Rio Grande do Sul, hard rock), Bizarro (Rio Grande do Sul, hard rock), Tapete Mágico (Paraná, hard rock), 20 Minutos Antes do Começo do Tempo (Minas, blues-rock), Fruto da Terra (São Paulo, blues-rock), Catarse (Minas, rock rural), Biscoito Celeste (Rio, hard rock), Pêndulo Mágico (São Paulo, rock progressivo), dentre outras.



Página 6 PUBLICOM NEWS Maio de 197

ROCK: O SOM DE BURMAH

O grupo argentino **Burmah** que esteve desaparecido do cenário do rock, volta agora apresentando um som puro, cheio de sentimento, sem sofrer influência de outros grupos.

JAVIER

FRANKLIN

Burmah se formou na Argentina com Norton (baixo), Eduardo (guitarra), Javier (teclados) e Piojo (bateria), em 1974; vindo para o Brasil no final deste mesmo ano.

Aqui, o grupo fez varias apresentações onde se saiu muito bem. Entre outros, a 1.a Semana Nacional do Rock, aniversário de São Paulo, no Jardim da Aclimação; em Aguas Claras, festival de três dias ao ar livre; Rock da Garoa (Rio de Janeiro), e também, duas semanas intercaladas na boite Be-Bopp-a-Lulla.

Hoje, **Burmah** não está em sua formação original. O baterista é Franklin (ex-Tutti Frutti).

NORTON

O grupo está ensaiando quase que diariamente em um sitio a 20km de São Paulo, o que faz com que Franklin, apesar de estar a pouco tempo com eles, corresponderesse muito bem ao estilo do conjunto.

EDUARDO

Os planos de **Burmah**, são séries de apresentações, tendo Bopp-a-Lulla (Av. São Amaro, 624) até meados de maio.

Prá sentir o que **Burmah** transmite, só você ouvindo.

Segunda formação do Burmah em destaque

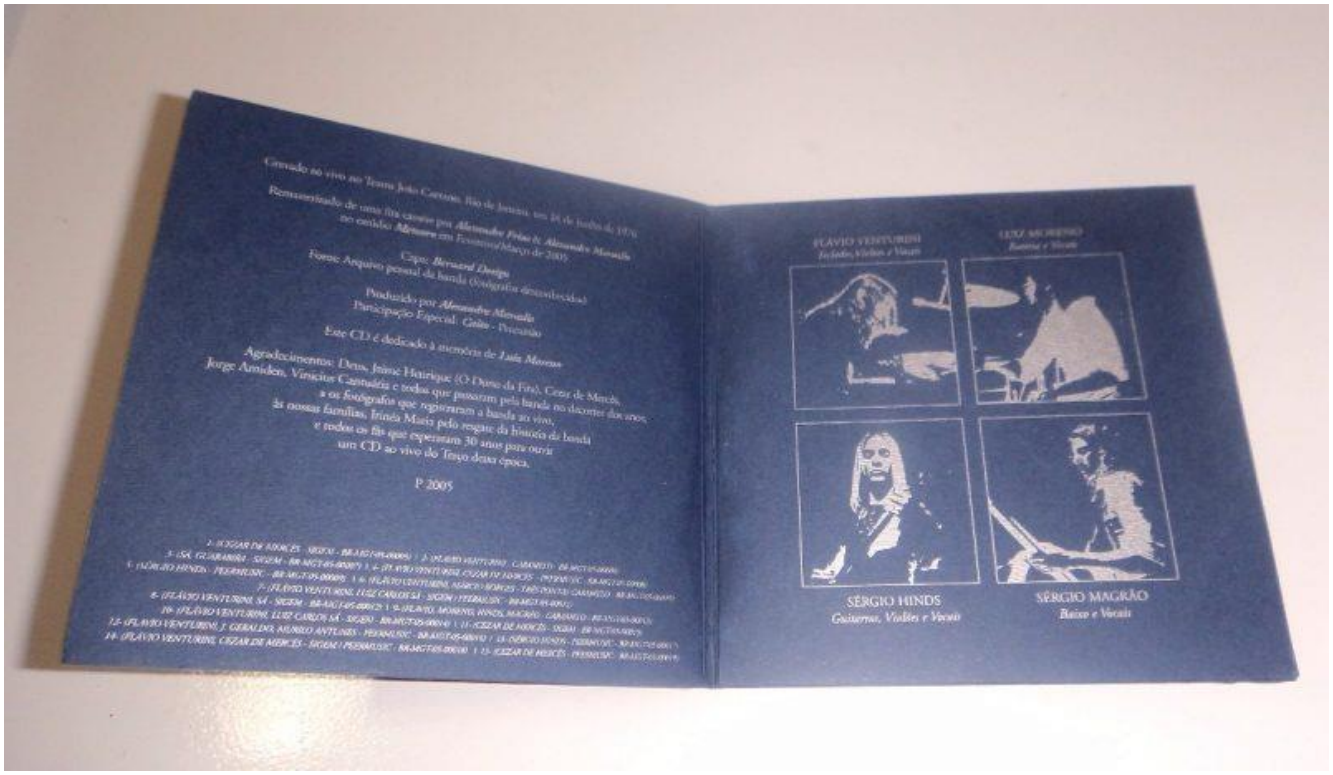


Os gaúchos pauleiras do Bizarro

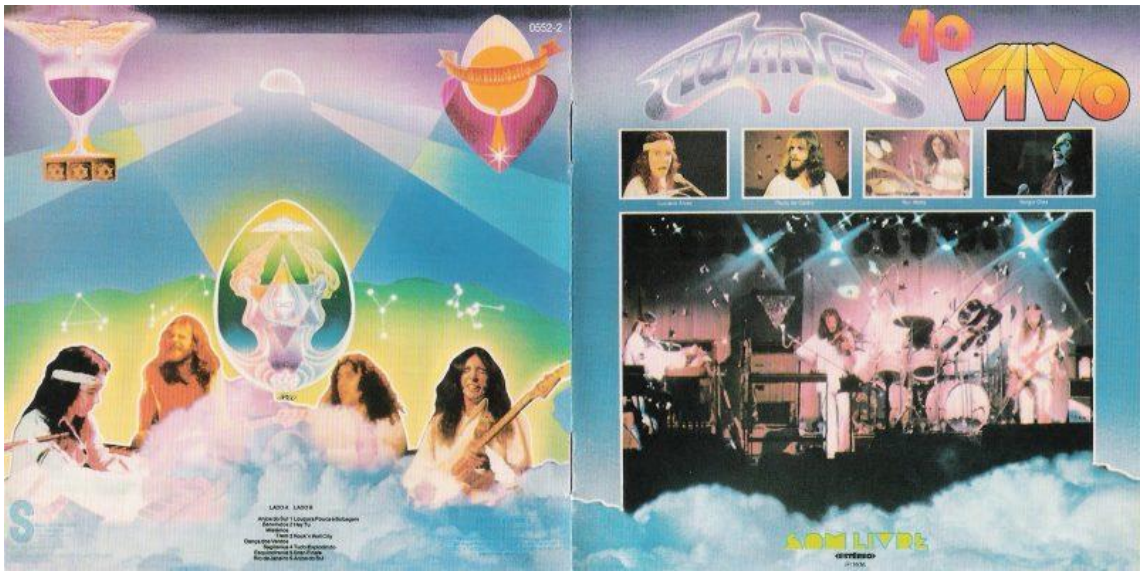
Durante o ano de **1976**, aconteceram diversos lançamentos de grande qualidade musical e que fundamentaram a mensagem daquela geração de rockeiros em nosso país. O Terço, no rastro do sucesso de *CRIATURAS DA NOITE*, lançaram *CASA ENCANTADA*, um trabalho que aprofundou as experiências sonoras anteriores, mas

com um brilho ligeiramente menor. Havia referências mais claras à MPB e ao rock progressivo, porém não com a mesma inspiração. Algumas músicas do período ficaram de fora do disco, como a extensa Suíte, Velho Silêncio, Rapoza Azul, entre outras. Hoje, esses sons podem ser conferidos no raro e limitado disco *O TERÇO AO VIVO 76*, com uma apresentação da banda no Teatro João Caetano, com versões mais pesadas e intensas do que as de estúdio, como “Flor de La Noche“. O sucesso de Casa Encantada também foi grande e a banda se apresentou cerca de **200** vezes por ano (neste período entre **1974** e **1976**), sem dúvidas, o período mais bem-sucedido do grupo, em público e crítica. No ano seguinte, Flávio Venturini viria a deixar o grupo.

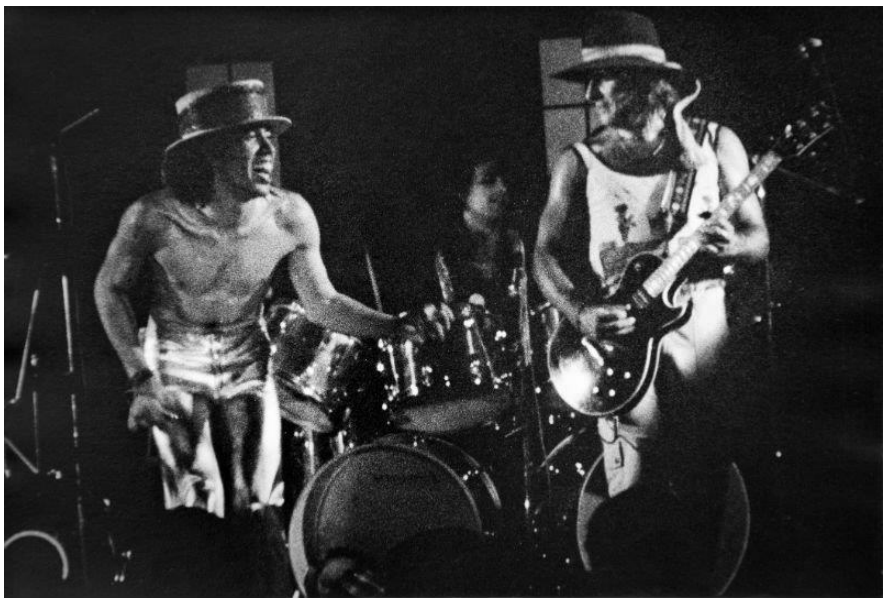




*Encarte do raro e disputado CD com o show ao vivo do Terço no Teatro João Caetano em **1976***



Um dos mais incríveis trabalhos do rock na época foi devidamente estragado por uma total falta de visão empresarial e outras questões comerciais – *MUTANTES AO VIVO*. A formação da banda na época era Sérgio Dias, Paul de Castro (creditado como Paulo de Castro, tocando baixo e violino), Rui Motta e Luciano Alves. A banda tinha feito uma temporada de concertos no MAM do Rio em **AGOSTO**, e havia registrado o material para lançar um ousado projeto – um disco ao vivo quase todo de músicas inéditas. O plano era de que todo o material saísse num disco duplo, com produção gráfica caprichada. Mas foram limados pelo produtor Peninha Schmidt, que alegou que o projeto seria inviável porque o custo de um disco duplo não poderia ser repassado e o disco encalharia. Para piorar, o disco ainda foi todo retalhado – faixas cortadas e mixadas na ordem diferente da que foi executada no show. Isso gerou uma insatisfação muito grande na banda, e é uma triste constatação frente à qualidade do material, lançado no disco simples. Banda entrosadíssima e ótimas composições, boa qualidade sonora e energia pura. Quem sabe esse imenso equívoco seja desfeito possa ser desfeito no futuro e o show surja íntegra, como era o desejo da banda.



Casa Das Máquinas, com o vocalista Simbas, ao vivo



O Casa Das Máquinas daria uma outra guinada em seu som, dessa vez partindo para o rock n' roll básico e pesado. Com a entrada do performático vocalista Simbas, a banda assume uma identidade mais "glam" no disco *CASA DE ROCK*, disco que teve como hits a faixa título, "Jogue Tudo Para A Cabeça" e "Stress". Esse seria o último disco da banda, que no fim de **1977** se envolveria num polêmico episódio com um técnico da Rede Record. A banda iria tocar no estúdio da emissora e depois de um acidente entre um veículo da emissora e outro da banda, iniciou-se uma discussão que descambou para pancadaria. O técnico em questão apanhou bastante na confusão e já tinha a saúde debilitada. Pra não queimar o filme do pessoal que se envolveu na briga, o técnico foi instruído pela segurança da emissora a não contar nada. No dia seguinte, o cara piorou e morreu no hospital, com rompimento do fígado e duas costelas fraturadas. Isso sujou totalmente a carreira da banda, que só conseguiu seguir por um pouco mais de tempo, até **1978**. O julgamento acabou inocentando parcialmente os membros da banda, com Simbas pegando **1 ANO** de prisão por homicídio culposo (que cumpriu em liberdade por ser réu primário) com a responsabilidade sendo dividida com seu irmão, que na época era menor de idade.



Foto promo do Joelho de Porco no Mercado Municipal de São Paulo, com Gérson Tatini (Moto Perpétuo) a esquerda.



Outra banda que lançou o seu LP em **1976** foi o Joelho de Porco, com o disco *São Paulo 1554 Hoje*. Existe certa divergência de informação na internet quanto a data do lançamento do disco – alguns dizem ser um disco de **1973**, outros de **1974**. Mas em consulta a revistas do período, **1976** é a data em que se propagou este lançamento e os shows que a banda passou a fazer. O grupo era composto pelo baterista e vocalista Próspero Albanense, Ricardo Petraglia (que no futuro viria a formar sua própria banda, Sindicato) no vocal, Tico Terpins no baixo (o principal compositor da banda) e Serginho Sá no piano. A banda passou por várias formações, tendo também a passagem de Gérson Tatini (baixo, futuro Moto Perpétuo) e Rodolfo Ayres Braga (futuro Terreno Baldio). O Joelho de Porco passou a ser um marco no período pela interessante combinação de um rock possante com um humor ácido e escrachado, usando eventualmente para tal, ritmos caribenhos, vaudeville e doo-wop em suas composições. As letras revelam uma visão crítica (feita com bastante irreverência) do cotidiano da megalópole paulista e musicalmente existem ali pérolas do nosso rock setentista, como “São Paulo By Day”, “Meus Vintes E Seis Anos” e “A Lâmpada De Edson”.



Bixo da Seda ao vivo



Selo do disco Estação Elétrica, do Bixo da Seda

No Sul, em **1976** o Bixo da Seda aparecia pela primeira (e única vez) em LP. A banda surgiu a partir do grupo Liverpool, formado em **1967** no Rio Grande do Sul. Gravada em **1969**, com o instigante nome de “Por Favor Sucesso”, a estreia vinílica da banda não surtiu o efeito que o nome pregava, mesmo fazendo um bom som na esteira psicodélica-tropicalista. No ano seguinte, a banda seria responsável pela trilha do filme *MARCELO ZONA SUL*, com Françoise Fourton e Stepan Necessian, hoje bastante disputado por colecionadores. O grupo passou a radicar-se no Rio de Janeiro e encerrou as atividades em **1973**, com vários dos músicos voltando para o sul. Em **1975**, um novo encontro dos músicos Foguete (vocal, flauta e percussão), Mimi Lessa (guitarra), Marcos Lessa (guitarra) e Édson Espíndola (bateria) geraria o Bixo da Seda. Após gravarem o disco, em **FINS DE 1975**, se mudariam novamente para o Rio de Janeiro, onde agregaram Renato Ladeira (ex-A Bolha, tocando teclados) e durante o período também Vinícius Cantuária, numa época em que passaram a tocar com duas baterias. Fizeram muitos shows em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. O disco saiu em **1976**, batizado de *ESTAÇÃO ELÉTRICA*, mesclando um rock n’ roll de primeira qualidade, por vezes pesado e com alguns toques progressivos no instrumental, como no caso da bela abertura com “Venus“. Depois do disco, houve algumas trocas de formação até o **FIM DOS ANOS 70**, sendo que uma parte da banda passou a acompanhar o emergente grupo pop-disco As Frenéticas. O disco acabou sendo o único do grupo, que se desmanchou depois de mais alguns poucos anos.

1976 viu a banda A Barca Do Sol lançar seu trabalho definitivo – Durante o Verão, novamente com produção de Egberto Gismonti. Tão lírico quanto os anteriores, com mais guitarra elétrica e bateria, esse disco é um ponto alto na música do período, mesmo não sendo puramente “rock”, como a própria banda gostava de deixar claro. Ainda A Barca Do Sol gravaria mais um disco, chamado *PIRATA*, em **1978** e um outro disco em parceria com a cantora Olivia Byington.

No mesmo ano, também apareceu o lançamento do primeiro disco do Terreno Baldio (que foi gravado ainda em **1975**), grupo paulistano que já estava na estrada dando o que falar. A formação clássica da banda era João Kurk nos vocais e flauta, Mozart Mello na guitarra, Ronaldo Lazzarini nos teclados, João Ascenção no baixo e Joaquim Côrrea na bateria. A história do grupo começa pelos idos de **1966**, quando Rodolfo Ayres Braga e Joaquim Correa formaram a banda Islanders, junto de João Kurk e Ronaldo Lazzarini, uma banda de covers que se concentrava em tocar o que havia de mais underground em termos de hard e rock psicodélico. Ficaram juntos nesse projeto até **1971**. João Kurk também participou de outro grupo de covers, chamado Utopia. Os músicos foram amadurecendo até que João e Roberto partiram para as ideias

próprias, por volta de **1973-74**, influenciadas pelas grandes bandas progressivas inglesas – Yes, Camel, Renaissance, Gentle Giant, etc. O disco homônimo, estreia da banda, sofreu de um mal similar ao que acometeu o lançamento do disco ao vivo dos Mutantes e também do não-lançamento da suíte “Amazônia” do Som Nosso De Cada Dia. Por pressão da gravadora, a banda não conseguiu gravar todo o material que tinha composto na época, previsto inicialmente para um disco duplo. Seus shows no período eram compostos de três movimentos – Aqueloô, Pássaro Azul e Terreno Baldio. É triste observar a produção pobre do disco, com um som fraco e mal equalizado, anos-luz distante da qualidade musical das composições, da letra e da interpretação do grupo. No ano seguinte, o Terreno gravaria outro importante trabalho – Além das Lendas Brasileiras, com uma formação diferente e uma produção um bocado mais digna.







A primeira formação do Terreno Baldio em ação

SHOWS

Foto Carlos Hyra



O Terço
11 a 20 de Junho
Teatro Tuca/SP

Sérgio Hinds, guitarra, viola e vocal; Sérgio Magrão, baixo e vocal, Flávio Venturini, teclados, viola e vocal; Luiz Moreno, bateria e vocal; participação especial Caíto, percussão.

O grupo Terço estreou seu novo show, "Casa Encantada", com as músicas constantes de seu próximo LP, do mesmo nome. Durante as apresentações público que compareceu aos shows teve a oportunidade de conhecer o alto nível profissional dos músicos e da equipe técnica, aliados a um repertório de muito bom gosto.

O Terço demonstrou em suas apresentações uma dinâmica de palco perfeita, vocalizações perfeitamente audíveis, sendo o novo trabalho em sua maioria distanciado da linha de rock seguida anteriormente pelo grupo, com a adição das sonoridades do percussionista Caíto e do desenvolvimento de novas idéias, como o tema instrumental "Solaris" do baterista Moreno, que utiliza modos de flamenco, e uma linha melódica excepcionalmente bonita.

Foi utilizado um equipamento Giannini de PA, com uma mesa de 12 canais e dois mixers auxiliares, para bateria e vocal, operados por Renato e Totinho, e a mixagem foi realizada por Marquinhos, técnico de gravação do estúdio Vice Versa. Do novo repertório constam as músicas Casa Encantada, Flor de La Noche, Guitarras, Tocador, Sentinelado Abismo, Solaris, Criaturas da Noite, Vôo da Fênix, Cabala, Velho Silêncio, Sangue Novo, Luz da Vela, Foi Quando Eu Vi a Lua Passar: "E sei que só esperava um toque, e eu vi aquela lua passar, pela janela, na neblina, cruzando a estrada rumo ao sul, e eu percebi que há muito tempo, eu já estava por lá, já estava por lá. . . "



Veludo
1 a 5 de junho
Boate Be-Bop-a-Lula/SP

Nelson Laranjeiras – baixo, viola e vocais; Aristides – guitarra, banjo, bandolin, violão de 12 cordas, vocais; Paulo Norte – flauta, guitarra, viola, baixo, violão e vocais; Afonso Correa – bateria, percussão e vocais; Flávia Cavaca, violão, percussão e vocais.

Em sua temporada no Be-Bop, os freqüentadores tiveram a oportunidade de ouvir a música do excelente grupo carioca, com raízes brasileiras, samba, baião e muito rock.



Tony Osanah Blues Band
9 a 12 de junho
Boate Be-Bop-a-Lula/SP

Tony Osanah – guitarra e vocais; William – baixo; Rogério – bateria.

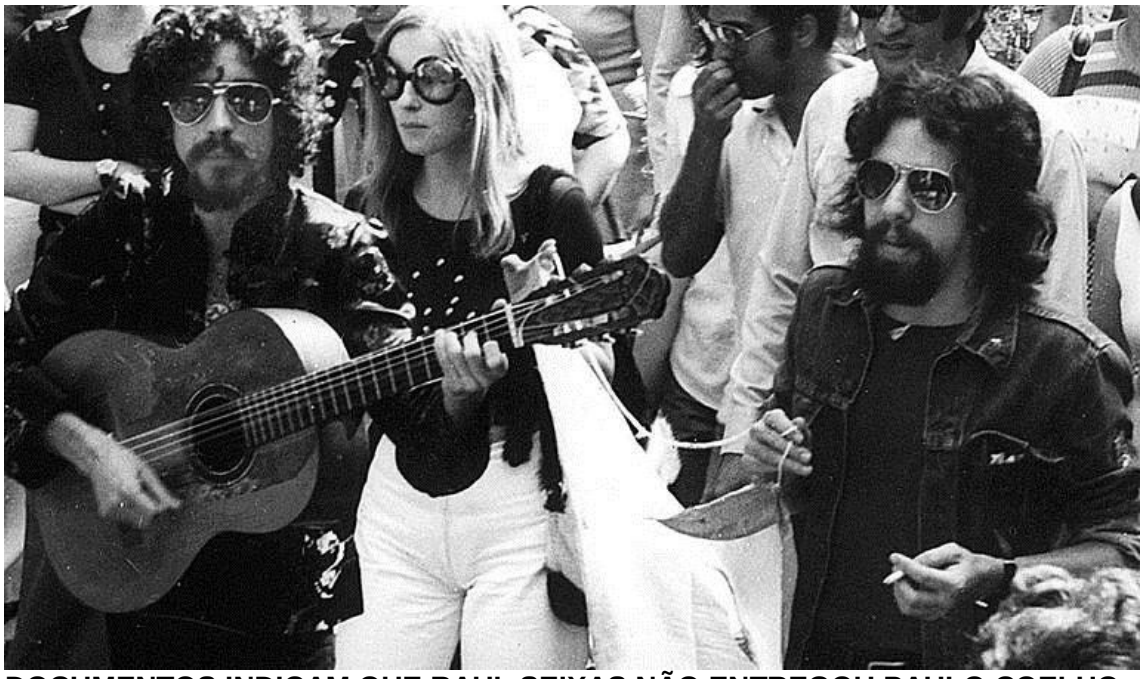
O mestre de blues Tony: "E a consciência então não vale nada? ".

No lado mainstream da coisa, Rita Lee continuava botando todo mundo pra ferver com *ENTRADAS E BANDEIRAS* e Raul Seixas continuava voando em sucesso com “Eu Nasci Há 10.000 Anos Atrás”. E no underground poderia-se citar muitos outros grupos bem ativos, como Sindicato, Flamboyant, Tony Osannah Band, Jazzco, Humauhaca, etc. Esse relato é uma mera síntese. Felizmente, cada vez mais pesquisadores tem se debruçado sobre o rock brasileiro do período, despidos de velhos e caricatos preconceitos. Ainda que seja importante manter sempre em alta a autocrítica, é precisar dar o devido peso ao contexto e as táticas de guerra que nosso rock precisou adotar para sobreviver. Fica a história ainda obscurecida pela grande mídia nesse período, especialmente pela ideia largamente vendida de um “vácuo” entre a jovem guarda e a onda pop-rock dos **ANOS 80**, ignorando sumariamente que muitos dos nomes que despontaram nos **ANOS 80** já tinham experiências musicais bem interessantes em anos anteriores. Seria ótimo ver cada vez mais gavetas e porões sendo abertos e materiais sendo disponibilizados sobre o rock brasileiro dessa época, que ainda carece tanto de fotografias, filmagens, reportagens, artigos e registros de áudio. (**RONALDO RODRIGUES, CONSULTORIA DO ROCK)**



https://www.consultoriadorock.com/**2017**/02/03/materias–especiais–rock–brasileiro–**1974**–**1976**–parte–1/

A Consultoria do Rock surgiu em **NOVEMBRO DE 2010** através da união entre amigos, de vários estados do Brasil, que se conheceram pela internet e encontraram um interesse em comum: a paixão pela música. Primeiramente como um blog, e agora como site, nossa missão sempre foi clara: compartilhar essa paixão com o maior número de pessoas possível, tendo o rock como ponto em comum, mas expandindo constantemente nossos limites



DOCUMENTOS INDICAM QUE RAUL SEIXAS NÃO ENTREGOU PAULO COELHO À DITADURA

Ao contrário do que consta no livro *NÃO DIGA QUE A CANÇÃO ESTÁ PERDIDA*, de Jotabê Medeiros, músico não teria traído o escritor

29 DE MAIO / 2020



RIO DE JANEIRO

CRISTINA SERRA – ROGÉRIO MARQUES

NO DIA 28 DE MAIO DE 1974, o hoje escritor Paulo Coelho, na época começando a fazer sucesso como compositor, junto como parceiro Raul Seixas, foi preso e torturado pelos órgãos de repressão da ditadura durante duas semanas.

A biografia de Raul Seixas, *NÃO DIGA QUE A CANÇÃO ESTÁ PERDIDA*, escrita por Jotabê Medeiros e publicada no fim do ano passado, levantou a suspeita de que o cantor teria delatado o parceiro.

Mas agora, **46 ANOS DEPOIS DO EPISÓDIO**, vem à tona um terceiro personagem que esclarece um dos maiores mistérios envolvendo a biografia de dois astros da música brasileira.

O autor foi preso e torturado no lugar de um militante de esquerda quase homônimo do parceiro de Raul. O nome completo do escritor é Paulo Coelho de Souza. O do militante, que pertenceu ao extinto Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, o PCBR, é Paulo Coelho Pinheiro.

Um documento, que só agora é divulgado, depois de publicado numa tese sobre Raul Seixas, defendida na Universidade de São Paulo, em **2016**, ajuda a desfazer o mistério.

Quem é este terceiro personagem e como as histórias dos dois Paulos se cruzaram? A prisão de Coelho sempre intrigou quem o conhecia. Ele não participava da oposição à ditadura e tinha uma vida pública, com trabalho e endereço fáceis de serem descobertos por qualquer policial. As canções com Raul, porém, eram contestadoras e inspiravam rebeldia. Isso seria suficiente para levar o autor aos porões da ditadura? E qual a necessidade da delação de

Raul se Paulo Coelho não estava na clandestinidade?

A suspeita de que Paulo Coelho teria sido delatado por Raul se baseou num documento do Centro de Inteligência do Exército, de **24 DE ABRIL DE 1974**, publicado no livro de Medeiros. O documento mostra que a dupla estava no radar dos órgãos de repressão por fazer músicas “de protesto”. A ficha se refere à canção “Ouro De Tolo”, do disco *KRIG–HA, BANDOLO!*, primeiro álbum solo de Raul como cantor e já contando com a parceria de Paulo Coelho, lançado em julho de **1973**.

Junto com o disco, Coelho e Raul produziram um gibi, com ilustrações feitas pela então companheira de Coelho, Adalgisa Rios, que, na época, deixara a militância no PCdoB.

Raul foi chamado a dar explicações, como já acontecera com outras canções.

No documento, está escrito que “por intermédio do compositor” seria possível achar e prender “o foragido Paulo Coelho Pinheiro, do PCBR”, e Rios, considerados “elementos subversivos”.

Um mês depois, Raul foi chamado a depor de novo. Desta vez, foi com o parceiro ao Dops, o Departamento de Ordem Política e Social

Raul logo foi liberado, e Coelho foi interrogado sobre o panfleto.

Ele contou que os desenhos eram de Adalgisa Rios e os agentes foram atrás dela. Os depoimentos seguiram pela madrugada, até que o casal foi liberado.

Coelho e Rios já estavam num táxi quando foram interceptados por agentes, na praia do Flamengo, e levados para o temido *Doi-Codi*, órgão de repressão subordinado ao Exército. Ele foi torturado e ficou preso por duas semanas.

Ocorre que Paulo Coelho Pinheiro, o militante do PCBR mencionado na ordem de prisão do compositor, realmente existia e estava foragido. Agora,ele sai das sombras pelo testemunho de um ex-companheiro e de Diogo, seu único filho.

Diogo, um engenheiro ambiental de **34 ANOS**, diz que só agora soube da biografia de Raul Seixas e que não tem dúvidas que o documento em questão se refere a seu pai. "É o nome do meu pai, o partido em que ele atuava e ele já estava foragido. Em **1970**, ele conseguiu fugir para a França e escapou de ser preso e torturado. Voltou ao Brasil depois da Anistia e teve uma vida normal até morrer, em **2011**", conta o filho.

Ele acrescenta que o pai era reservado sobre o passado. "Não era um tema entre nós. Mas me orgulho muito da história do meu pai. Ele lutou por seus ideais e arriscou a vida pela democracia. Lamento, porém, que a repressão tenha confundido a identidade dele com a do Paulo escritor e que, por isso, ele tenha sofrido tanto. Sinto muita dor por isso."

Outro documento da repressão, agora revelado, corrobora o entendimento de Diogo do caso. A ficha policial de dezembro de **1973**, antes do depoimento de Raul, mostra Paulo Coelho Pinheiro, com uma foto do então estudante, e informações mais detalhadas sobre a sua atuação política.

O texto afirma ainda que Coelho Pinheiro fora militante do Partido Comunista Brasileiro, o PCB, até **1968** e que, então, com dois amigos, trocou o PCB pelo PCBR para "fazer trabalho de massa na escola".

Diz também que o militante fora eleito para o diretório acadêmico da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. A ficha não informa, mas essa faculdade é a Cândido Mendes. Por coincidência, o parceiro de Raul também fora estudante de direito. A ficha em questão já misturava a identidade do militante com a do parceiro de Raul. Afirmava que, em **JULHO DE 1973**, ao lado de Raul, Coelho Pinheiro escrevera o tal panfleto "distribuído clandestinamente, contendo propaganda subversiva".

Um dos amigos de Coelho Pinheiro na época era o militante Jean Marc van der Weid, hoje com **74 ANOS**, que fazia parte de outra organização, a Ação Popular. Eles se conheceram no movimento estudantil e participaram das manifestações que tiveram seu auge em **1968**.

Uma delas, em **21 DE JUNHO DAQUELE ANO**, ficou conhecida como *SEXTA-FEIRA SANGRENTA*. Pinheiro Coelho foi um dos feridos pela repressão policial. "O Paulo levou um tiro no braço, teve uma reação alérgica, talvez ao chumbo da bala, 'entortou' e foi medicado em um hospital", recorda Weid.

Depois que saiu do hospital, Coelho Pinheiro entrou na clandestinidade. No fim de **1970**, fugiu para Paris, onde passou a dar aulas de português. Algumtempo depois, Weid também foi para o exílio e chegou a morar por um período no apartamento do amigo.

Os dois documentos que mostram a mistura de informações sobre os dois Paulos constam da tese de doutorado de Lucas Marcelo Tomaz de Souza, um dos maiores pesquisadores sobre Raul Seixas do país. Como a foto de Paulo

Coelho Pinheiro, na sua ficha policial, tem cerca de 50 anos, Souza pensou setratar do compositor, mesmo com o sobrenome diferente – Pinheiro em vez de Souza.

Informado sobre a existência do militante, o pesquisador diz que agora a prisão de Paulo Coelho tem uma explicação.

“Não era comum, então, esse tipo de violência física contra músicos populares. A tortura era direcionada a militantes engajados em movimentos de esquerda, o que seria o caso do novo sujeito que entra na história”, diz Souza.

Ele argumenta ainda que a parceria entre os artistas continuou, mesmo com um estremecimento após a saída da prisão. “Se Paulo Coelho carregava a suspeita, é difícil entender que tenha mantido a amizade com o suposto traidor.”

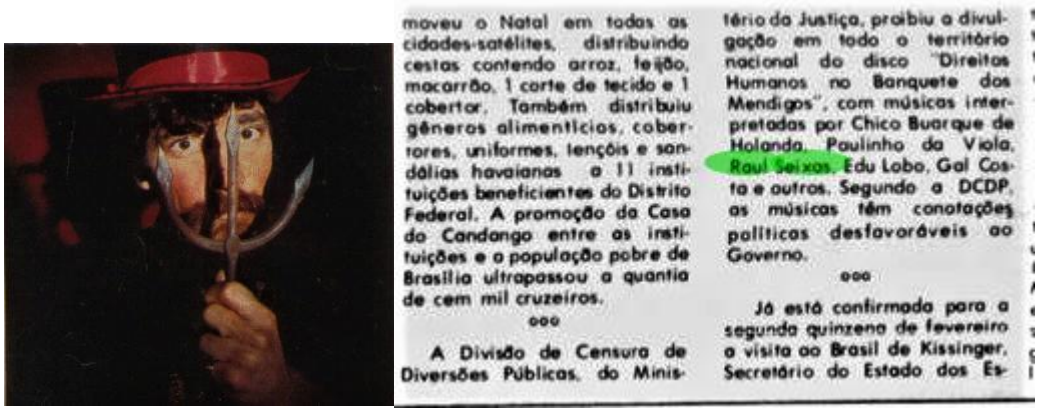
O livro de Jotabê Medeiros, a biografia de Raul, tem só um dos documentos, aquele em que o agente da repressão diz que Paulo Coelho Pinheiro poderia ser encontrado e preso “por intermédio” do cantor.

No livro, o biógrafo lança a dúvida sobre a possível delação. A suspeita bastou para provocar ataques à memória de Raul, morto em **1989**, aos **44**.

Procurado, Medeiros, disse que não pesquisou a coincidência dos nomes. “O que posso dizer é que o meu interesse foi clarear as circunstâncias que fizeram Raul levar Paulo à polícia.” O biógrafo acrescentou que leu outros documentos da época e que chamou sua atenção o fato de o segurança de Raul pertencer a uma “organização paramilitar”.

Também procurado, o escritor Paulo Coelho preferiu não dar entrevista. O biógrafo dele, Fernando Morais, que publicou *O MAGO – A INCRÍVEL HISTÓRIA DE PAULO COELHO*, em **2008**, considera que a suposta traição foi enfim esclarecida.

Morais comentou que em anos de convívio com Paulo Coelho jamais percebeu qualquer ressentimento dele em relação ao ex-parceiro. “Esses documentos e o novo personagem jogam luz sobre duas biografias – a do Paulo, porque põe fim a um mistério de meio século, e a do Raul porque põe uma pedra sobre uma suspeita terrível, a de que ele teria delatado Paulo Coelho.”



moveu o Natal em todas as cidades-satélites, distribuindo cestas contendo arroz, feijão, macarrão, 1 corte de tecido e 1 cobertor. Também distribuiu gêneros alimentícios, cobertores, uniformes, lençóis e sandálias havaianas a 11 instituições beneficientes do Distrito Federal. A promoção da Casa do Candango entre as instituições e a população pobre de Brasília ultrapassou a quantia de cem mil cruzeiros.

ooo

A Divisão de Censura de Diversões Públicas, do Ministério da Justiça, proibiu a divulgação em todo o território nacional do disco "Direitos Humanos no Banquete dos Mendigos", com músicas interpretadas por Chico Buarque de Holanda, Paulinho da Viola, Raul Seixas, Edu Lobo, Gal Costa e outros. Segundo a DCDP, as músicas têm conotações políticas desfavoráveis ao Governo.

ooo

Já está confirmada para a segunda quinzena de fevereiro a visita ao Brasil de Kissinger, Secretário do Estado dos Es-

I AM CRISTO, NERO, GANDHI, EINSTEIN, CALÍGULA, CROWLEY
(MÁRIO PAZCHECO)

1974. Após um show em Brasília, Raul Seixas e o parceiro Paulo Coelho, sofrem perseguições, batidas, prisões e hematomas. No aeroporto embarcam em voo noturno da Varig. Fogem dos "homi", das surubas e da "AA", ambos são obrigados a exportar as ideias das nascentes Sociedade Alternativa e Cidade das Estrelas. Destino, América, Nova York, Greenwich Village. Não! Não é um roteiro tupiniquim de *HELP!*

Cena um. Raul Seixas e Paulo Coelho e mais um impertinente jornalista que procura por Yoko, são expulsos do apartamento pelos seguranças de Lennon.

Cena dois. Raul consegue contornar a situação explicando a John quem ele é e o clima melhora.

3. Raul Seixas ansioso e nervoso. John Lennon, óculos pequenos, brilhantina nos cabelos amarrados para trás, um broche com a cara do Pat Boone no peito e sapato branco. Rosto e olhos arregalados de Mandrake e muitas perguntas inteligentes, como bom libriano, ouve mais do que fala.



4. Conversam o tempo todo sobre as grandes figuras da Humanidade: sobre Jesus Cristo, Nero, Gandhi, Einstein, Calígula, Crowley; enfim, gente que modificou o rumo da humanidade.

5. Em determinado momento, Lennon pergunta: – E lá no Brasil? Quem tem?

– Ca... Ca... Ca... Café Filho!
– Hein?!?! What??? Coffee what?
– Nada! It´s all right... não tem ninguém não.
– Relax, man! Estamos em NY e não na terra da Paranoia. Menos pânico depois e mais calmo, o papo voltou para Elvis Presley. Paulo Coelho que não falava inglês; atentamente acompanhava...

6. Exageradamente discutem religião e a Sociedade Alternativa no Brasil. Ali nascia mais um mito e "I am", versão em inglês de "Gita".



1974

18 DE DEZEMBRO

SOM NOSSO DE CADA DIA – TEATRO 13 DE MAIO – SP (FOTOS DE GRACE LAGÔA)



COLABORAÇÃO DE MARCELO LAFARO – CORREIO BRAZILIENSE, 18 DE OUTUBRO / 1975

SOM NOSSO DE CADA DIA NO DF (1975)

VOCÊ VIU?

"Existe a 'estória' dos padres do Marista achando que pelo nome, O Terço e o Som Nosso De Cada Dia, eram bandas de música religiosa Essa é a única e exclusiva razão pela qual essas bandas tocaram na L2 Sul em **1975**, no auge da repressão, Golbery et caterva mandando no país e se não fosse o aval dos Maristas (que só na hora do show viram do que se tratava), de maneira alguma ia ter sinal da paranoia no Plano Piloto. Essa aí foi contada pelo Pedrão." **(TIAGO RABELO)**

"Alguma info dessa gig? Como estava o som do P.A? Quem fazia som aqui nessa época? Deu uma galera? Alguma foto? Rock Nacional (dessa época) = info zero." **(ROLANDO CASTELLO JUNIOR)**



"Segundo Pedrão, o som foi trazido pela banda, parece que teve um público e que os padres queriam cancelar mas a molecada no ginásio não deu espaço pra que isso ocorresse, muitos alunos e entusiastas eram filhos de militares de alta patente e diplomatas, e isso sempre foi um salvo-conduto pra playboy roqueiro no Plano Piloto, depois disso, O Terço só viria tocar aqui em **1986**, no *ROCK WAVE* e depois no *PROJETO HERÓIS DO ROCK* do Vecchione do *FERROCK* e o Som Nosso De Cada dia também no *FERROCK* do ano passado." **(TIAGO RABELO)**

"Entrevistei o Pedrão em um hotel do lado do Setor Comercial, um daqueles mais baixos. Me lembro bem que a gata do cara trocou de vestido na nossa frente e eu achei aquilo o máximo." **(SÉRGIO PINHEIRO)**



1976

• Som Nosso De Cada Dia, com a formação: Pedrão, Pedrinho, Dino Vicente nos teclados e Egídio Conde na guitarra. Mostra um Som Nosso menos urbano e equilibrado com timbres de música brasileira, antecipando a jornada que os grupos progressistas brasileiros adotariam.

1975

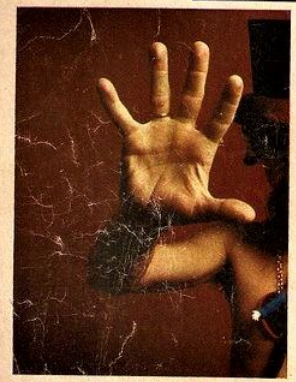
NOVEMBRO - revista pop raul seixas sou o guru de uma nova era

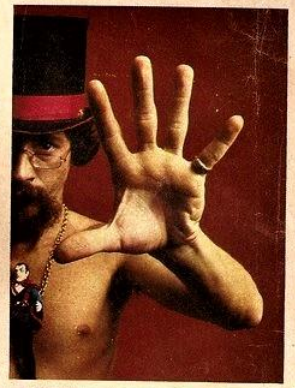


RAUL SEIXAS

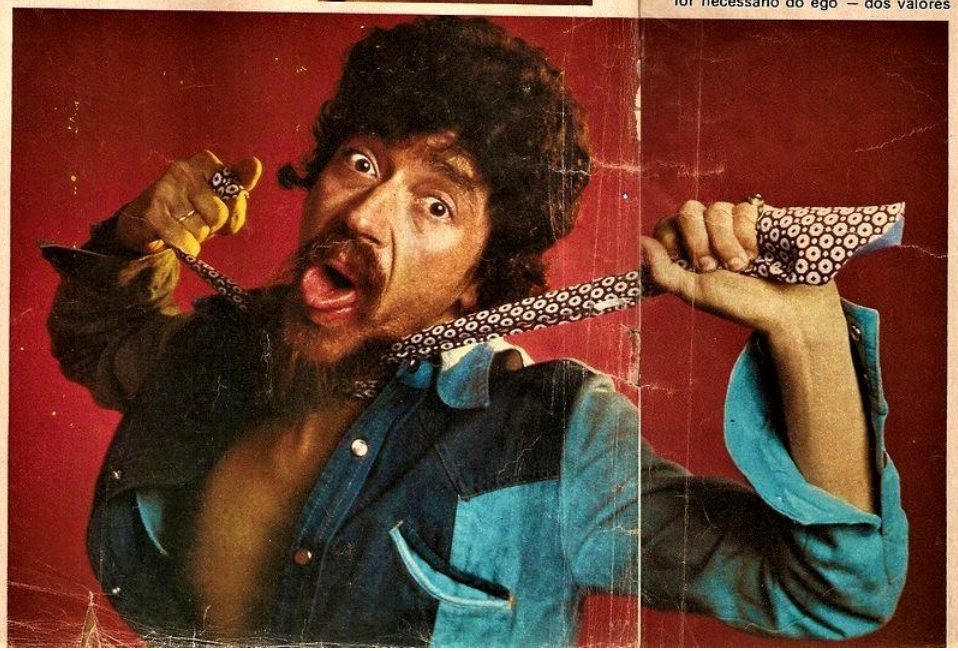


VOCÊ JÁ FOI AO ESPELHO, NEGO? NÃO? ENTÃO, VÁ...





Todos os lances da Sociedade Alternativa estão nas letras do meu LP, *Caminhos.*



Levo muito a sério a sociedade esotérica a que pertenço. É a fonte na qual sacio minha sede e que exerce total influência sobre meu trabalho e minha vida. Tudo se baseia no *Livro da Lei*, de Alester Crowley. O conteúdo do livro prova de maneira estritamente científica que o autor possui conhecimento e poder além de tudo o que foi até agora associado com as faculdades humanas. Este livro, que para mim é básico, anuncia uma nova lei — *Faz o que quiseres* — para a humanidade. No meu novo LP, *Caminhos*, exponho esta lei aos quatro ventos.

Prego a substituição das sanções morais e religiosas do passado, que em toda parte se deterioraram, por um princípio válido para cada homem e mulher no mundo inteiro. A revolução espiritual anunciada pelo livro já ocorreu; não há nenhuma nação onde ela não se manifeste abertamente. Mas é claro que a ignorância do verdadeiro significado desta nova lei conduziu a uma grosseira anarquia. *Faz o que quiseres* não quer dizer que o cara saia por aí quebrando as vidraças das casas alheias. A adoção consciente da nova lei em seu correto sentido é a única cura para as divergências políticas, sociais e raciais que já causaram tanta tristeza e dor a milhões de pessoas no mundo inteiro.

Eu poderia dizer que não sou um guru. Mas, se tenho como guru o *Livro da Lei*, se coloco todas as minhas experiências em meu trabalho, que *sei* que influencia as pessoas mais atentas, então no fundo também sou um guru. Não existe uma fórmula ou método para aquele que queira ser *alternativo*. Mas o novo está na cara de todo mundo, e é preciso sacar com novos olhos. A tal ponto que, por mais absurdo que pareça, o sujeito possa acender um cigarro com uma garrafa de cerveja. Isto é a liquidação da lógica formal, cujo ponto de partida é a liquidação a pauladas, se for necessário do ego — dos valores mais íntimos da gente.

Veja bem: até meus 23 anos, eu tinha que chegar em casa às 11 horas da noite, vivia em conflitos gerados por imposições milenares. Para sair de casa e me afirmar como homem, o que hoje em dia considero uma grande besteira, fiz vestibular para as faculdades de direito, filosofia e psicologia. Passei nos primeiros lugares e mostrei pra minha mãe: "Viu como é fácil ser medíocre?" Pronto: casei, e já era um homem de bem.

Quem sabe não fala, não diz, não escreve

Aí comecei um processo radical de profanação de todos os valores e encontrei Raul Seixas como um ser alternativo. Toda pessoa pode sê-lo, desde que queira sacar. Veja: quando me desquitei de minha mulher (a quem não amava), larguei minha filha Simone (a quem adoro), passei noites em claro sofrendo. Estava com pena de minha mulher e me condenando. Diabos! A era de Jesus já passou, ele morreu na cruz, sofreu. Mas eu não tenho nada a ver com isso! É burrice ser infeliz, e é inteligente sobreviver em pleno 1975. Aí, chamei todos os meus fantasmas para a briga, fui lá no fundo e saquei a causa de tudo. Era o medo, imposto a mim desde criancinha. Hoje não sou feliz nem infeliz. *Eu sou.*

Nos meus shows, quando pergunto o que está acontecendo no momento e os caras respondem "Raul Seixas", eu desminto aos berros e digo: "Não é isso! São vocês! Subam pro palco, porque vocês são atores da mesma peça!" Quando me perguntam por soluções para problemas existenciais, respondo com uma pergunta que encerra o debate: "Você já foi ao espelho, nego? Não? Então vá!" Pode parecer contraditório, mas Buda afirmou que "quem sabe não fala, não diz, não escreve", e eu falo, digo e escrevo impulsionado por forças renovadoras. Há uma nova era no ar e não posso deixar de mostrá-la em meus trabalhos. Quando saquei a força de ser alternativo, ou seja, fazer o que me der na veneta, desde que me dê felicidade, tive até que usar óculos escuros, que funcionavam como um filtro contra o clarão da descoberta. É como se você passasse anos no fundo de uma caverna úmida e escura, e de repente saísse em pleno sol do meio-dia. Dá até para cegar, sacou?

Estou com 30 anos e tenho asco da indústria da nostalgia. Sei que a poesia dos anos 50 é muito bonita, mas o sentimento dos 70 onde é que fica? A moeda da nostalgia é medo de encarar o novo, e eu sei que atrás da curva perigosa alguma coisa nova, mais vibrante, existe. E esta coisa é o Novo Aeon, a Sociedade Alternativa.

Eu seria um débil mental, se apontasse um método eficaz para fulano ou sicrano. Li muito, procurei me descondicionar, matei meus fantasmas. E você, sei que está cercado por bandidos num vale, sem poder vê-los. Eles te armaram uma cilada e estão atirando em você. Posso apontar uma solução individual, criada para o Raul Seixas Futebol Clube: Sociedade Alternativa, Sociedade Novo Aeon, *Faz o que quiseres!* Esta é a lei. E eu sou feliz? Não. Eu *sou*. No princípio era o Verbo, lembra?

A lei é bem clara: *Faz o que quiseres.* Mas isso não quer dizer que o cara deve sair por aí quebrando os vidros das casas alheias. É preciso adotar a lei com plena consciência do seu significado. Esta é a única solução para a nova era.

WALTER FRANCO

"Não tem nenhum segredo, mas tem muito mistério"

JOSÉ MIGUEL WISNIK

Na capa de **Revolver**, Walter Franco vem só atravessando a rua. As luzes deixaram São Paulo meio enverdeada no escuro. As mãos no bolso do paletó branco, tênis branco, ele vem atravessando a rua, parecendo John. Mas ele vem de frente, e a fila indiana de Abbey Road pode estar vindo, pode ser todo mundo, quem quiser. ("Pode/pode ser/pode ser não/pode ser não é"). Revolvendo tudo o que aprendeu, os Beatles, João Gilberto, o partido alto ("Partir do alto" é o nome de uma das músicas), fazendo triângulos com música. A foto da capa ficou numa posição oblíqua, formando pirâmides de todos os lados. Tem também alguns sinais em braile: "O que está escrito no centro da contracapa é pra fazer sorrir um cego, ou fazer sorrir qualquer pessoa que enxerga, na ponta do dedo, no toque frágil". Pra ouvir com o olho, com o tato.

Mostrando as provas da capa do seu segundo LP, **Revolver**, Walter Franco vai sugerindo uma série de intenções, ou de relações que ele mesmo descobre de repente. "Não tem nenhum segredo, mas tem muito *mistério*". Quem viu a cara do seu primeiro disco (em que ele não mostrou a cara) certamente ficou perplexo por um momento com aquele álbum completamente branco, uma mosca no centro da capa, um ou não escrito no centro da contracapa. Agora, em **Revolver**, Walter chegou a adiar o lançamento do disco para que todos os detalhes saíssem perfeitos: a foto, o encarte, os textos, uma janela que depende de umas facas especiais para cortar e impelmir. Desde as idéias da capa, Walter retoma e transforma o seu disco anterior. Não falta o que descobrir, por dentro e por fora.

Me deixe mudo, feito gente, muito tudo. Ele prefere falar por música, com o violão, comentando as faixas de seu disco, as faixas do som, as freqüências, as cores das fotos. Por isso pode parecer que é um cara que fala pouco, mas na verdade é porque tem um cuidado quase ritual com as palavras e as pessoas, e porque ponta das duas, como diz no disco.

Quando começamos a pensar numa entrevista, há três meses atrás, Walter ainda estava se preparando para começar a gravar, e disse que queria testar a sua produção com os recursos do estúdio, "se exercitar, gravar, filtrar, essa coisa de João (Gilberto): o filtro do filtro".

Realmente, sem perder a identidade, as músicas passaram também por uma verdadeira transfiguração depois das 200 horas de trabalho no estúdio. Rodolfo Grani Jr. (baixo), "o braço direito", e Diogenes Burani de Grado Filho (bateria), "o braço esquerdo", fizeram com Walter os arranjos, mais Emílio Carreira (teclado), Dudu Portes de Souza (percussão), Luiz Paulo (sintetizador e sinfonizador, com seus "platilhos voadores"), Toni Osanah (flauta), Peninha Schmidt, assistente de produção e diretor de gravação, funcionou como uma espécie de intérprete de Walter junto aos técnicos de estúdio, transmutindo em linguagem técnica as suas intenções nas complicadas manobras de som.

"No estúdio é importante manter o registro da coisa no ato, o tempo individual da gravação. Coisas definidas antes e coisas acontecendo no momento. **A palavra exata é sim**: cantando essa frase num show, eu chegava uma vez a um grito pramal, cantando com o corpo inteiro, dos pés à cabeça, sendo. A gente nunca sabe até onde a coisa pode acontecer, e nem se pode repetir. Preservar no registro essa coisa que acontece quando se está no momento de criação, sem muletas. É claro que com o arranjo, o polimento posterior, a coisa pode ganhar, ficar mais bonita, mais estática, mas perde na pulsação, na presença, nessa coisa de momento, que eu chamo de rock".

Feito gente!: Com essas palavras, faladas, começa o disco e depois delas a música: "feito gente/feito fase/ eu te amei/como pode/fui inteiro/fui metade/eu te amei/como pude". O andamento, a contagem do ritmo é sempre igual, mas a pulsação muda, o tempo parece se distender, se acelerar, se contrair, se relaxar, feito fase.

O tempo: "Uma faixa que deu trabalho na gravação foi **Apesar de tudo é muito leve**, que dura 5 segundos. É só esta frase (que faz parte de **Muito tudo**) cantada uma vez, a voz-sorriso, a respiração. No meio tem uma pequena inspiração, uma implosão. Eu fui na praça da Sé assistir a implosão daquele prédio, o Mendes Caldeira. Na hora foi tão rápido que eu me lembrei dessa música. Ela podia ser a música-tema da implosão, aqueles cinco segundos (e não nove como disseram) porque a queda mesmo foi mais rápida), a implosão, a força condensada, o **apesar de tudo é muito leve...**"

"Pra mim a música tem que ser polarizada para uma definição em termos de vida, mais com a vida do que com a música em si. Um exercício de harmonia, de prazer, de passar um prazer para o outro, e manter o equilíbrio. Pingue-pongue. Se você sorre para mim com o seu olho eu posso sorrir para você com o meu olho. Eu me preocupo em usar o som como uma transação de cura, onde todos precisam ser curados". ("Me lembro do Gil: "quem tem cara/tem cura" e do "Toque frágil" do disco de Walter Franco: "o sorriso/do/cachorro/tá/no rabo", com o coco, as duas buterias, as vozes sorrindo, rindo à solta, tudo **mixado** e curado pela infância, pelo **amor/humor**).



Pergunto ao Walter onde ele aprendeu a usar os recursos de estúdio, os canais, a **mixagem**, porque logo no primeiro disco ele já saiu dominando tudo isso. Ele diz que como trabalhou no rádio (em 67 tinha um programa na rádio Mazomi chamado "Marcando bossa"), o pai era homem de rádio também, ele já tinha tido um certo contato com mesa de som. "Os planos de profundidade do som são infinitos, todo músico sabe que no estúdio a coisa se torna meio mágica, as possibilidades são infinitas em termos de rendimento. O trabalho de **mixagem** faz um disco novo. A **mixagem** é um trabalho de criação mesmo, e de polimento em relação à gravação bruta. Mas depende do exercício contínuo". Exercício contínuo da técnica e da música interior, que põe "uma pessoa só, ou várias pessoas numa só, em harmonia com o todo".

O exercício técnico da **mixagem** e um exercício interior, da **mixagem** das próprias vozes das pessoas, se juntam em várias músicas. Uma voz tipo barítono, a normal e aguda cantam superpostas em "Arte e manha"; no "Bumbo do mundo", "um desfile particular de escola de samba", dois acontecimentos musicais cruzam o espaço do som e se encontram no meio; a cada repetição Walter canta com uma entonação diferente as frases "foi meu mestre quem te ensinou/foi teu mestre quem me ensinou", de "Partir do alto/animal sentimental"; e as variações de "Ét(er/na/mente" ficam em polifonia com pulsações dálticas, soando na cabeça. Só ouvindo.

Pergunto: Mas a violência das pessoas, Walter, da cidade, do mundo, diante de toda essa sutileza? E o festival **Aberturs**, onde chegou a não poder cantar até o final? Como é que fica?

"Quando a gente se aproxima de um bebê, por exemplo, a gente precisa se anular, pra não passar pra ele uma barra muito forte, pra que ele não receba aquela carga. Na relação das pessoas, na relação com o público isso também acontece. No Festival da Canção, com **Cabeça** ("que é que tem nessa cabeça saiba que ela pode explodir irmão") eu soltei a coisa toda com uma violência paralizante. Era uma coisa de chicote. A minha participação seguinte foi me anular como a gente se anula perto de uma criança recém-nascida, e a violência foi maior. Pra mim foi uma experiência pra provar que essa não-violência é uma coisa fortíssima. Em **Muito tudo**, do **Abertura**, a preocupação minha é essa coisa do limite que há entre a respiração, o silêncio, o ruído, e a partir da voltização começar a ciranda, o fado, a posta da língua".

Você não acha que Caetano e Gil, os Mutantes, que são pessoas que tem um senso carnavalesco, podem lidar mais efetivamente com o público a seu favor, supreendê-lo na hora, superá-lo, impor frente a um público adverso o seu próprio jogo?

"Sim, mas está ligado também ao fato do público já conhecer o que eles fazem. No meu caso, se eles estivessem relacionando o meu trabalho com as várias músicas que faz, as mais expansivas, todo mundo poderia para saber porque estou cantando baixo, e ouvir. Acho que isso pode ser conseguido dentro dessa condição, a de impor, sendo conhecido, a elasticidade do trabalho".

"A sustentação dessa coisa toda tem a ver com a esquiva. Quem não tem balangandã não vai ao Bonfim. Tem a ver com saber como se encostar no muro. Coisa de malandro. Arte e manha. Conseguir trânsito livre apesar do sinal fechado".

E você acha que dá pra alcançar um maior número de pessoas, chegar com **Revolver** mais longe do que o seu primeiro disco, que teve uma venda quase inviável nas lojas?

"Sim, esse disco de agora chama as pessoas, está mais próximo, mais envolvente. A própria capa (um trabalho feito com Paulo Tanaka) atrai mais, influi. Acho que ele pode ampliar as pessoas que escutam. Está um disco muito corporal, dividido as cores, o som, e acho que nisso está a ligação dele com o rock. Aos poucos vão digerindo a minha música. E apesar da gravadora lançar por um problema de prestígio e não de vendas, pode acabar encontrando vibrações de ataque, ele tem coisa pra tocar no rádio".

"Tem gente fazendo coisa bonita, mesmo sem ser conhecida. O importante é a certeza de estar trabalho numa faixa positiva dessa coisa não-resistente, pra que algo não te tire do ar. É fazer música para as crianças, que vão pegar tudo isso intuitivamente, sem precisar do exercício que a gente precisa".

REVOLVER

lembrar de esquecer
esquecer de lembrar
cansar de dormir
dormir descansar
sorrir de doer
doer de sangrar
sangrar de morrer
morrer de lembrar
lembrar de esquecer
esquecer de lembrar
cansar de dormir
dormir descansar

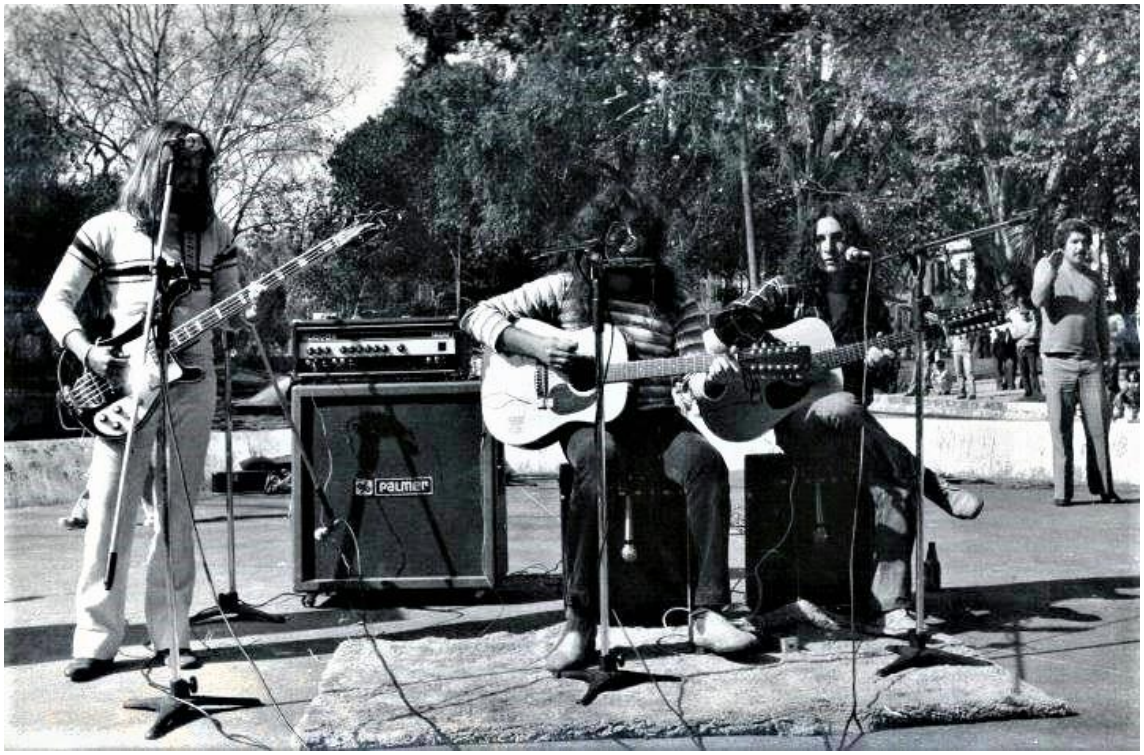


Foto: FAGODE AMARELO

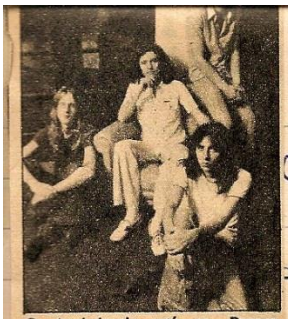




Almôndegas



Blindagem



O_Apokalypsis_está_na_Banana.

Molhados?



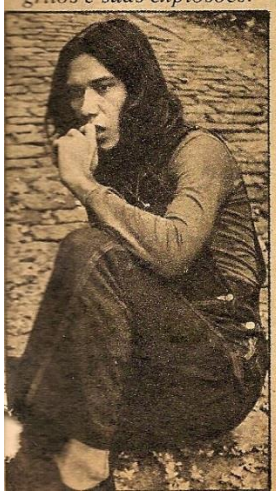
Um mês inteiro em primeiro lugar nas paradas e 2 milhões faturados em 6 meses: quem explica o sucesso dos S&M?



Pintou o Corte Palavra, um grupo que está ouriçando a moçada de Belo Horizonte. Formado por músicos bastante conhecidos em Minas Gerais (Tavinho, Melão, Paulão e Zé Eduardo), o grupo trabalha em cima de músicas suas e alguns sucessos locais já consagrados, como *Montanhês Dancing* e *Mauá de Baixo*. Depois de um tremendo show no Teatro Marília, o novo conjunto está transando um circuito universitário e um som no Festival de Inverno, em Ouro Preto.

MAIS ROCK NO CINEMA

Agradou paca a pré-estréia carioca do longa-metragem realizado por Marcelo França e Gilberto Loureiro durante a série de concertos Hollywood Rock. *Presentes, além da imprensa especializada, Erasmo Carlos e Raul Seixas — dois astros deste filme muito transado nas partes visuais e sonoras. Mais que um simples registro dos grandes momentos de Erasmo Carlos, Vímana, O Peso, Cely Campello, Raul Seixas e outros,* Hollywood Rock *é um documento que mostra com toda fidelidade a força e o atual estágio do rock tupiniquim. Ele reúne os melhores representantes dos diversos estilos e gerações da nossa música. Com seus grilos e suas explosões.*



POP



1 Em busca do Tempo Perdido, Peso (Phonogram)

"Domingo de Rock" é a boa novidade que a casa de samba Barricão programou para os paulistas e não paulistas que gostam de um "som brabo". A produção é de Ravel (ex-parceiro de Dom), que agora tomou novos rumos em sua carreira, dedicando-se inteiramente às causas do rock tupiniquim. Todo domingo, desde o dia seis de fevereiro, um grupo de rock se apresenta liderando o show, com a participação de outros iniciantes, música tape, muita luz e gelo seco para efeitos visuais. "Joelho de Porco", "Made in Brazil", "Neblina", "Baggas Guru" e "Mutantes" são alguns dos conjuntos do "Domingo de Rock". O ingresso custa Cr$ 30,00, não há consumação e, a partir das 19 horas, pode-se dançar ou apenas assistir a apresentação dos grupos.

O Barricão fica na Av. Santo Amaro, 600.

Ave Sangria

Já foi relançado o primeiro LP do Ave Sangria, grupo pernambucano que faz uma saudável mistura de rock com baião. O disco, lançado em agosto deste ano pela Continental, chegou a pintar nas paradas de sucesso de Recife, Salvador, Brasília e Fortaleza. Então foi recolhido pela censura, por causa da faixa *Seu Waldir*. Agora o LP volta às lojas, sem esta faixa, e deve recomeçar sua escalada de sucesso. O Ave Sangria nasceu durante a 1.ª Feira Experimental de Música do Nordeste, em 1972, na cidade de Fazenda Nova (Pernambuco). É formado por Paulo Raphael (guitarra e viola), Ivson Wanderley (guitarra e violão), Almir (baixo), Marco Pólo (vocal), Juliano (percussão) e Israel Semente Proibida (bateria). No mês passado, os caras do grupo deram shows incríveis pelo nordeste e agora devem começar uma temporada em São Paulo, tocando só músicas de autoria deles. Merecem uma força.

UMA CENTRAL DE ROCK NO BRASIL

O empresário Mário Buonfiglio resolveu incrementar o rock brasileiro. Para isso, fundou a Central de Rock — uma empresa criada para prestar uma pá de serviços a seus associados. Até agora já se filiaram à Central nomes como Mutantes, Som Nosso, Joelho de Porco etc. E como os planos são ambiciosos, Mário pretende este mês realizar uma série de shows de rock em estádios de futebol de São Paulo, Rio, P. Alegre e Londrina. Por outro lado, ele já reservou dois estúdios para gravação dos lançamentos da Central e, até julho, deve transar um programa de rock na TV Gazeta ou Bandeirantes.

● Aloísio Petrus (violão), Jairo Lara (flauta), Francisco Lara (baixo), David César (piano), Elano Lara (bateria): além dos instrumentos, todos eles fazem vocais no Ad Canto, uma banda de som leve, descoberta por Túlio Mourão, dos Mutantes, em sua cidade natal, Divinópolis. Eles já têm se apresentado, abrindo os shows dos Mutantes, e deverão gravar o primeiro disco no ano que vem.

● Depois de promover o Festival de Iacanga, Antônio Checchin Jr. ficou morando na fazenda e bolando o grupo que pretende estrear no final de dezembro: *Nuskhurralah*, com Tomás (guitarra), Lika (teclados), Cid (baixo) e ele mesmo nos vocais e flauta. Checchin está pensando também em promover um grande concerto de Natal, com renda para os menores abandonados de São Paulo, com Mutantes, Veludo e Ad Canto. Quem puder, ofereça-se.

Rock com chuva!

O festival estava marcado para começar no sábado à tarde e só terminar no domingo de manhã. Era ao ar livre, no Ibirapuera (S.P.). Chegou o dia, e estava chovendo! Mesmo assim, a moçada foi e curtiu rock debaixo de chuva, ao som do Metamorfose, Jazco, Terreno Baldio, Ursa Maior, Apocalipse, Terço e Som Nosso de Cada Dia.

● O grupo gaúcho Almôndegas, que obteve uma boa vendagem de seu primeiro disco, já começou a gravar o segundo — desta vez, com mais recursos e inaugurando o estúdio de dezesseis canais *Level*, no Rio.

● **Sai este mês o novo compacto simples de Sá & Guarabyra, pela Continental, com as músicas *3.ª Canção da Estrada* e *Fala e Dói*. Com sua nova banda (Lizzie Bravo, vocais; Celsinho, guitarra; Mariozinho, baixo; e Luís Cláudio, bateria), eles vão partir também para uma série de shows em São Paulo.**



Notas

HUMAHUACA: CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS NO JAZZ-ROCK

Depois do show apresentado dia 10 de dezembro no Teatro Municipal de São Paulo, os integrantes do Humahuaca receberam a visita do produtor Marcus Vinicius, da WEA, que veio preencher as expectativas demonstradas no release do mesmo show: a esperança de uma nova chance, a gravação de um disco e uma retomada de posição para este ano.

O Humahuaca foi formado em 1974, depois da dissolução dos Secos & Molhados, quando acompanhava João Ricardo. Três de seus integrantes, o fundador Willy Verdaguer (baixo elétrico e vocal), Emílio Carrera (teclados) e John

Rubens B. Campo

Willy, Emílio, Márcio, Chico e John: novas esperanças.

viver em termos de vida", afirma Emílio, também produtor-diretor de jingles da Alcântara Machado.

muitos resultados de tantas influências que a gente teve."

Além do disco em preparação para

Willie Verdaguer, Emílio Carrera, Márcio Werneck, Chico de Medorin e John–John: última formação?

HUMAUHACA: CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS DE RESISTÊNCIA

Foto de **Rubens B. Campo**

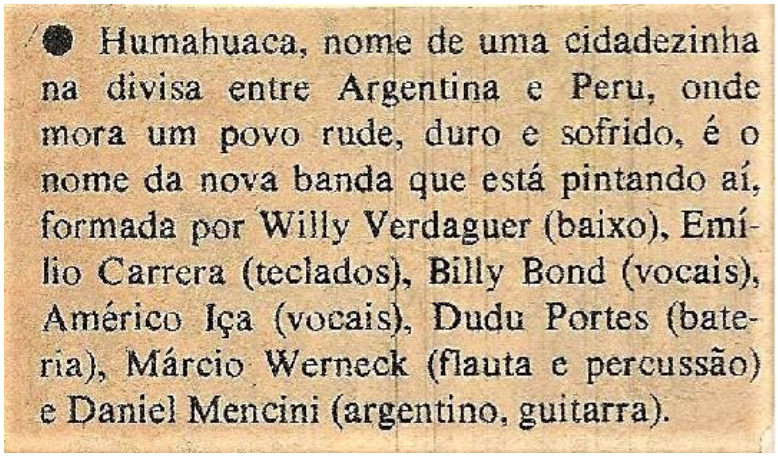
INTRODUÇÃO

"Humahuaca para nós representa uma tomada de consciência daquilo que nós somos: latinos. É essa a nossa preocupação".

O Humahuaca, grupo paulistano-argentino de Folk-Blues-Jazz Rock. Foi formado em **1974**, depois da dissolução dos Secos e Molhados, quando acompanhava João Ricardo. Formação: vocais Billy Bond e Américo Iça (ambos até **1976**), Daniel Mencini (até **1976** é substituído por John Flavin, também conhecido como John-John), guitarra, Emílio Carrera (ex-Grupo Sete) teclados, Willie Verdaguer (ex-Beat Boys, Secos e Molhados) contrabaixo, Dudu Portes (ex-Grupo Sete) (depois Chico de Medori) bateria e Márcio Werneck (Flauta, sax e percussão).

ILUSTRE DESCONHECIDO (FLEURY TAVARES*)

Humahuaca é o nome de uma cidade localizada ao norte da Argentina, conhecida tradicionalmente em todo país por sua pobreza. Seus habitantes andam de lulinha, poncho, sombrero, essas coisas. Batalham, mas nunca acontece nada. Acordam. Trabalham. Voltam para casa. Comem. Dormem. Sua esperança para o futuro é igual à de hoje, idêntica à de ontem, e mais nada. Existe então um paralelo entre a música brasileira do Nordeste e o



● Humahuaca, nome de uma cidadezinha na divisa entre Argentina e Peru, onde mora um povo rude, duro e sofrido, é o nome da nova banda que está pintando aí, formada por Willy Verdaguer (baixo), Emílio Carrera (teclados), Billy Bond (vocais), Américo Iça (vocais), Dudu Portes (bateria), Márcio Werneck (flauta e percussão) e Daniel Mencini (argentino, guitarra).

carnavalito, música regional Argentina: ambas características de regiões muito pobres, com diversos pontos de contato. Assim como o nordestino tem toda aquela transa de sofrimento, de fome, mas ele é forte, enfrenta, vai lá e mete bronca. O Humahuaca partiu dessa ideia.

– Nossa relação é com a música, porque o músico no Brasil é isso, batalha, batalha, e não acontece nada – afirmam seus membros. Estuda feito um burro, luta para comprar instrumentos e equipamentos, o equipamento custa o triplo do que deveria custar e no fim ele continua na mesma. Aí, justamente, é que está a sua garra.

O surgimento do Humahuaca, segundo Willie Verdaguer – argentino, baixista – tem uma longa história.

– Há aproximadamente um ano e meio senti um desespero enorme de fazer alguma coisa, estava meio parado, profissional demais, só ganhando dinheiro acompanhando meio mundo. Fiz desde Beat Boys com Caetano Veloso e Gil, até Secos e Molhados. Aí, de repente, parou o Secos e Molhados. Eu fiquei como profissional, ganhando uma graninha aqui, outra lá, acompanhando qualquer um. Percebi naquele momento os caras todos batalhando alguma coisa, aí resolvi entrar numa de vez e comecei, por exemplo, eu ia na casa do pianista, curtia com ele e mostrava minhas coisas, depois ia na casa do guitarrista, do baterista, etc. Daí comecei a juntar os músicos, um caía fora, outro entrava e assim por diante.

O grupo, na realidade, já existia há um ano e meio, porém sem nome, sem tocar, apenas procurando as pessoas certas e ensaiando muito. Agora, após seis meses, ficou definida sua formação, com Willie Verdaguer (baixo e vocal), John Flavin (guitarra), Dudu Portes (bateria e percussão), Emílio Carrera (teclados) e Márcio Werneck (sax, flauta, clarineta e percussão).

Willie assegura:

– Já tocamos de tudo, Bossa nova, rock, etc... misturando todas as influências adquiridas como música, não de uma forma proposital, mas sim espontaneamente. O trabalho não é fácil, pois necessita de um amadurecimento.

Tinha que demorar, não poderíamos transar tudo rápido, pegar cinco caras e boom, fazer um show.

Até agora, perfizeram um total de cinco apresentações todas em São Paulo, com excelentes resultados. Sobre o concerto-monstro no estádio da Portuguesa, Dudu Portes, baterista, conta:

– Fomos, um dos últimos grupos a se apresentar, por volta das 4 da manhã. Tava tudo pifado, uma verdadeira maratona. Não há ninguém que aguente uma coisa dessas. Todo mundo foi embora de sono.

Depois da Portuguesa, Humahuaca apresentou-se num teatro em São Bernardo. Essa mostra foi muito boa, porque descobriram que sua música funciona melhor em teatro. Apresentaram-se também no programa América Latina (Fundação Getúlio Vargas) e no Teatro Municipal de Campinas.

– Queremos encaminhar a coisa mais para o lado do recital. Sabe, o som da gente é uma coisa meio erudita, cheia de detalhes. Assimilamos tudo e interpretamos da nossa maneira. Nosso trabalho abre um dado em cima do folclore argentino, numa fusão com o folclore brasileiro. Tango, inclusive, que na verdade não é tango no

sentido literal da palavra, mas sim determinadas características nas frases musicais (argumenta Dudu a respeito da linha musical seguida pelo conjunto).

Para os integrantes do Humahuaca, existem inúmeros problemas de infraestrutura no Brasil. O principal deles é a falta de interesse e visão comercial por parte de empresários, gravadoras e produtores dispostos a investir num grupo. Há uma ânsia de faturamento rápido.

Estas pessoas ainda não perceberam que, com um mínimo de divulgação em meios de comunicação, como o rádio e a tevê, fariam muito mais, pois além de possuírem uma força incrível, é a partir destes meios que o público é informado. Não há empresários interessados, que tenham fé numa coisa e invistam, porque o músico brasileiro não possui condições financeiras de sozinho levar para frente uma coisa grande (afirma, John Flavin, guitarrista do grupo).

O Humahuaca, então, encontra-se agora na expectativa de arrumar um empresário profissional, disposto a trabalhar junto com o grupo, mostrando esquemas de shows, divulgação, uma pessoa a fim de investir. Querem ter pelo menos a possibilidade de mostrar seu trabalho para o público, este mesmo público que já demonstrou interesse em conhece-lo nos diversos shows apresentados. Para isso seria necessário um mínimo esquema comercial. E enquanto esperam esta chance de alguma coisa acontecer, trabalham no estúdio de gravação da Clac Produções, sem São Paulo, fazendo jingles. Ensaiam quando sobra um tempinho, gravam também um tape para um especial com Elis Regina e também o primeiro disco deles, que deverá ficar pronto até o final do ano.

John faz questão de frisar que o trabalho do Humahuaca não se trata de nenhuma proposta, nada preparado, tudo é natural, fluído: – Humahuaca para nós representa uma tomada de consciência daquilo que nós somos. Essa preocupação com a música latina, acho que é uma consequência doa madurecimento musical. Toda esta rapaziada que toca por aí está começando a botar os pés no chão. Agora, se o público não consome, é porque ele não conhece.

***JORNAL DE MÚSICA N. 24, RIO DE JANEIRO, 7 DE OUTUBRO / 1976. O HUMAUHACA AINDA RESISITIU UM ANO TOCANDO E AGUARDANDO A CHANCE DE UM DISCO NA WEA, NÃO SE ENTREGARAM AO ESQUEMÃO**.

Humahuaca volta à estrada, com força total!

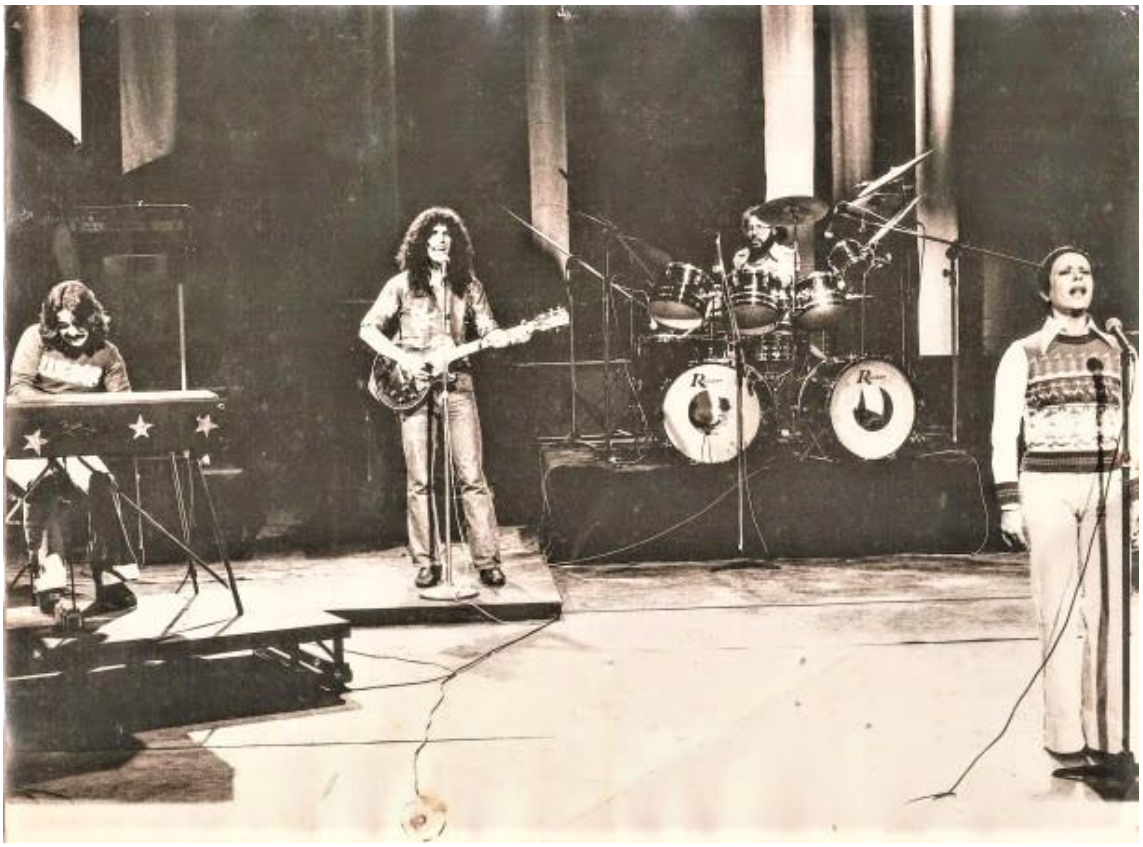
Beatles, samba, folclore, tango, jazz e muito rock. É a receita musical do grupo paulista Humahuaca: em busca do equilíbrio entre a sofisticação e a simplicidade.



MARIA DA CONCEIÇÃO

O Humahuaca voltou à estrada com tudo em cima, reunindo nomes da pesada e fazendo o mesmo som incrível de um ano atrás, nos tempos do Be-Bop-a-Lula, a primeira boate de rock de São Paulo, hoje fechada. Assim, Willie Verdaguer, no baixo; John Flavin, na guitarra; Emílio Carrera, nos teclados; Márcio Werneck, sopro e percussão, e Chico de Medori, na bateria, se uniram de novo para formar um dos mais criativos grupos brasileiros da atualidade, na linha do jazz-rock. E a volta aconteceu em grande estilo: um concerto de gala no Teatro Municipal, que fez a cabeça dos mais exigentes. "Eu tinha certeza de que a coisa ia dar pé. Sempre achei que era o som que o pessoal estava esperando. Demorou, mas acho que valeu", confessa Willie Verdaguer (ex-Beat Boys), líder e compositor do grupo. Na verdade, jazz-rock é apenas um rótulo que os rapazes resolveram assumir para efeito de uma identificação mais fácil de seu som. Sua música é o resultado de várias tendências, arranjadas de forma a sugerir algo novo dentro dessa tal MPB. "Transamos a partir de nossas experiências e influências, que abrangem uma porção de coisas — folclore latino, tango, Beatles, rock e samba" — explica Willie. "O nosso som é a junção de tudo isso, aliado a um instrumental de rock pesado. A definição disso poderia ser qualquer uma. Optamos por jazz-rock, e pronto!" Seja uma coisa, ou outra, o fato é que eles levam muita fé no trabalho. "No Brasil, acontece o seguinte: existe um pessoal como Gismonti, Hermeto, Cacho Valdez, situado num plano superior, fazendo um trabalho hermético, de difícil compreensão. Num plano inferior, uma pá de gente de som fácil de ser digerido. E no meio disso tudo, uma faixa enorme a ser preenchida. Acho que nessa, estamos nós. Pode parecer pretensão, mas acho que aí está uma saída, um elo de ligação entre esses dois estágios". Uma questão polêmica que o grupo deverá enfrentar, como, aliás, já enfrentou algumas vezes. No *Festival América Latina Canta* — promovido pela FGV, de SP, em 76 — foi vaiado por apresentar um som mais progressivo. Dessa, o conjunto se saiu na maior: "Vocês estão esperando folclore? América Latina também é isto aqui".







O Peso: Darbilly, ensaio. (**1974**)



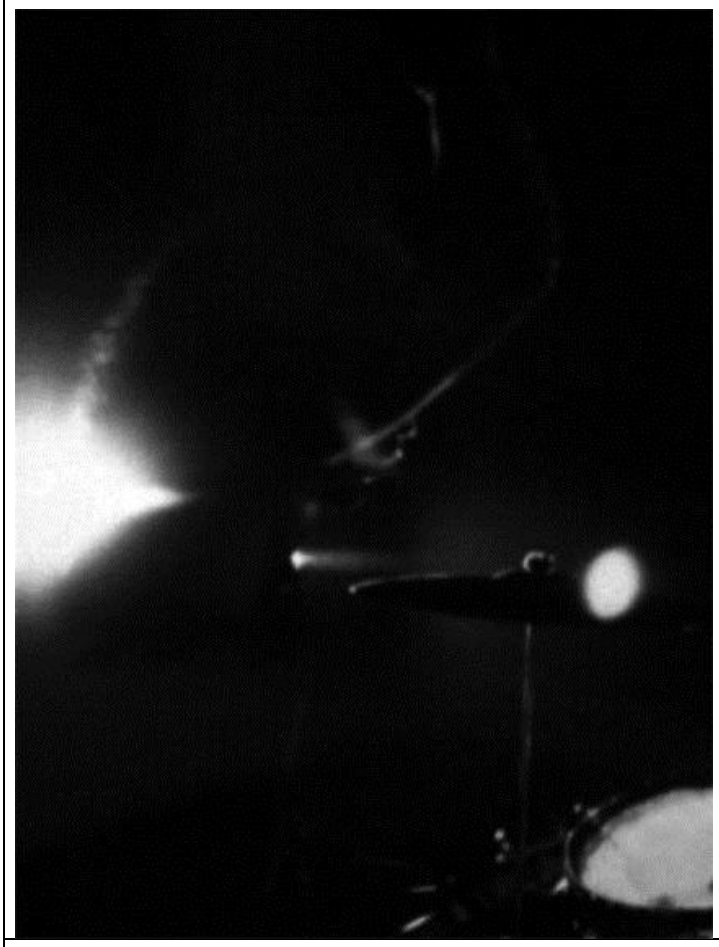
O Peso: Darbilly e Constant , ensaio. (**1974**)



O Peso: Luis Carlos e Darbilly no MAM. (**1976**)

O Peso: Ao vivo no Museu de Arte Moderna, RJ. Mario Jansen, Sérgio, Darbilly, LCP, Carlos Coppos e Leca. (**1977**)







O Peso: Darbilly ao vivo. (**1976**)

RARO LP DO VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO, COM A MÚSICA "O Pente".



O PESO – UMA DAS MELHORES BANDAS BRASILEIRAS DE TODOS OS TEMPOS!

O Peso: "Uma banda lendária que gravou apenas um álbum, teve vida curta mas, nunca deveria ser esquecida! O Peso está, na minha opinião, entre as 10 mais importantes bandas brasileiras!"
(**A. C. BARBIERI)**

O PESO – EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO (1975)

Escrito por **MAIRON MACHADO** para Consultoria do Rock

Um dos grandes grupos de rock brasileiro dos **ANOS 70** que, teve uma carreira meteórica, deixou saudades e, principalmente, uma música honesta e cheia feeling!

Tudo começou em **1972**, quando Luiz Carlos Porto (voz) e um amigo, chamado Antônio Fernando Gordo, compuseram diversas músicas, e, dentre elas, escolheram "O Pente" para ser apresentada em festivais. Um destes festivais foi o *VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO* no Rio de Janeiro, o mesmo que revelou Raul Seixas com "Let Me Sing, Let Me Sing", onde os Mutantes fizeram sua derradeira apresentação com Rita Lee tocando "Mande Um Abraço Pra Velha", e Sérgio Sampaio emplacou "Eu Quero É Botar Meu Bloco Na Rua", todas faixas que podem ser conferidas no raríssimo vinil do festival.

Porém, a canção não ficou entre as classificadas para a final, principalmente pela forte alusão à maconha, com o seu refrão "pente, pente, pente, pente pra poder fechar", levando ao retorno para o Ceará e a dissolução da dupla Luís Carlos Porto/Gordo, mas deixando Porto com vários contatos na Cidade Maravilhosa, principalmente pelo seu carisma e simpatia, o que permitiu que assinasse um contrato de três LPs com a Phillips, de onde saiu apenas o compacto de "O Pente", ao lado de Gordo. Dessa época ficou também a canção "Mundo Sol", em colaboração com o poeta Cristiano Lisboa, que infelizmente ainda não foi lançada para nós, mortais.

Em **1974**, Porto retornou ao Rio, e dessa vez começa a procurar pessoas para montar uma banda nos moldes de Allman Brothers e Lynyrd Skynyrd. Assim, funda o grupo O Peso, ao lado de Gabriel O'Meara (guitarra), Carlos Scart (baixo), Constant Papineau (piano) e Geraldo D'arbilly (bateria). O grupo passa a participar de shows, sendo a banda de apoio para Zé Ramalho na temporada que o mesmo fez na Urca em **1974**.

Luiz Carlos Porto também conheceu produtores em sua primeira passagem pelo Rio, e na banda, O'Meara já tinha seus contatos, principalmente por ter participado do *PROJETO SALVA-TERRA* de Erasmo Carlos, o que levou facilmente o Peso a assinar com a Polydor em **1975**. O contrato com a Polydor rendeu um convite para participar do primeiro *HOLLYWOOD ROCK*, onde o grupo apresentou toda sua energia para as mais de **DEZ MIL PESSOAS** que enfrentaram o embarrado estádio de General Severiano no Rio de Janeiro, pertencente ao clube da estrela solitária.



*O Peso: Carlinhos Scart, Luis Carlos Porto, Constant Papineanu, Gabriel O'Meara & Geraldo D'arbilly. Foto tirada durante um break da gravação do LP EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO, **1975**, Polygram*.

Todas as fotos da matéria foram fornecidas por Soninha Darbilly e passaram por um meticuloso trabalho de restauração feitopor A. C. Barbieri

Entre nomes como Mutantes, Rita Lee & Tutti-Frutti, Erasmo Carlos, Celly Campelo e Raul Seixas, o Peso foi uma sensação, virando a banda revelação do evento, ao lado dos também novatos do Vímana.

O sucesso no *HOLLYWOOD ROCK* fez com que a gravadora lançasse o primeiro LP. Assim, em **MEADOS DE 1975** chegava às lojas o álbum *EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO*, uma obra-prima do rock nacional.



O Peso: Luis Carlos Porto, Carlinhos Coppos, Geraldo D'arbilly, Serginho, Leca e Mario Jansen (Santa Teresa, Rio de Janeiro).

O disco traz uma sonoridade similar ao Led Zeppelin, com refrãos praticamente chupados dos clássicos da banda de Jimmy Page, e conseguiu vencer inclusive a censura, mesmo falando de sexo e drogas e com uma capa no mínimo estranha, onde o grupo aparece escondido dentro de um banheiro com um hipopótamo ao fundo farejando atrás daqueles cabeludos bem trajados.

O PESO NO INÍCIO DE CARREIRA

O disco abre com "Sou Louco por Você", com bateria, guitarras, baixo e piano entrando aos poucos, trazendo os vocais fortes de Porto em um rock bem **ANOS 70**. "Não Fique Triste" começa com violões que lembram "Thank You" do Led Zeppelin, tocando a melodia que acompanha os vocais. O órgão de Papineau se faz presente, sendo que o mesmo executa um belo tema ao piano, um dos pontos principais dessa balada. Outra balada surge em "Me Chama de Amor", com um clima bem **ANOS 60**. Essa canção conta ainda com um inspiradíssimo solo de O'Meara.

O rock pesado é retomado em "Só Agora", onde piano e guitarra comandam um grande som para animar festas. Os vocais são acompanhados por vocalizações cheias de yeah–yeah–yeahs, no melhor estilo de Robert Plant, com um refrão fortíssimo. Essa faixa conta com um solo de gaita feito por Zé da Gaita, e é uma excelente canção para festas universitárias.

O lado A encerra com "Eu Não Sei De Nada", onde O'Meara mostra todo o seu talento. O riff é do nível das grandes bandas de hard americanas, com os vocais de Porto rasgando as caixas de som. Uma viajante sessão é apresentada durante a canção, onde a bateria acompanha um crescendo do órgão, teclado e guitarra, dando sequência a um funk construído pela base de Scart e por riffs de O'Meara, retomando o refrão. Essa canção contou com a presença de Carlos Graça na bateria, ao invés de D'arbilly.



Luis Carlos Porto, Carlinhos Coppos, Geraldo D'arbilly, Serginho, Leca e Mario Jansen (Santa Teresa, Rio de Janeiro).

"Blues" abre o lado B seguindo a dicotomia natural (doze compassos, três acordes, bemóis e muito feeling). A guitarra de O'Meara introduz a canção para Papineau viajar ao piano, com uma levada da cozinha que nos faz pensar estarmos em um bar americano cercado por negros rindo e bebendo, até Zé da Gaita entrar acompanhando os vocais de Porto.

Um blues arrastado, com uma grande letra ("Se eu fosse um homem rico, será que você gostaria mais de mim? Meu amor dou de graça, mas você cobra tudo mesmo assim!"), que vai crescendo aos poucos. O solo de gaita leva ao solo de guitarra, onde O'Meara abusa de palhetadas Pageanas, e até as viradas de D'arbilly lembram Bonham, bem como o acompanhamento de Scart lembra John Paul Jones em "You Shook Me". Após o primeiro solo de guitarra, a canção muda o ritmo, tornando-se um rock de primeira, com solos alternando entre gaita e guitarra. Um clássico nacional com muito tempero pra norte-americano nenhum botar defeito.

Outra pedrada surge com "Lúcifer", a mais zeppeliana das canções do Peso, com várias citações ao Led. O início da faixa traz mais um grande riff de O'Meara, e aqui Porto está fantástico, gritando como o personagem que dá nome a canção. É impossível não lembrar dos solos de "The Song Remains the Same" e "Celebration Day" quando O'Meara começa seus dois solos. Após o segundo solo de guitarra, as batidas do segundo riff principal de "Black Dog" são ouvidas, com O'Meara executando um terceiro solo antes de uma sessão percussiva, onde Scart comanda a viagem e o encerramento da faixa.

O slide guitar introduz "Boca Louca", mais um grande rock com O'Meara solando muito e com acordes vibrantes no encerramento. A chapante "Cabeça Feita" foi uma das mais populares. Falando sobre o uso da maconha, se tornou um clássico entre os admiradores do grupo (e da erva). O disco encerra com a acústica faixa-título, também contando com Garça na bateria. Com muitos teclados e violões, é mais uma que lembra bastante o Led de "Ramble On", principalmente pela levada do violão e pelo solo de O'Meara.

Porém, o sucesso esperado pela banda acabou esbarrando na própria gravadora, que lançou uma tiragem pequena do álbum – trazendo inclusive um belo encarte com fotos dos integrantes –, que não atingiu números interessantes de venda. Mesmo assim, lançam um compacto com as músicas "Eu Sou Louco Por Você" / "Me Chama De Amor", que também não obteve sucesso.

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO foi relançado em CD na década passada, trazendo como bônus a canção "O Pente".

Várias formações passaram a fazer parte do grupo, contando com Mario Jansen, Geraldo D'arbilly, Carlos Scart, Serginho e Porto, e também como sexteto, com Porto, Carlos Scart, Geraldo D'arbilly, Serginho, Leca e Mario Jansen, inclusive com a saída de Porto, sendo substituído por Zé da Gaita nos vocais, culminando no encerramento das atividades no **FINAL DA DÉCADA DE 70**.



O Peso: Na duas fotos – *Luis Carlos Porto, Carlinhos Coppos, Geraldo D'arbilly, Serginho, Leca e Mario Jansen* (Santa Teresa, Rio de Janeiro).





O Peso: *Luis Carlos Porto, Carlinhos Coppos, Geraldo D'arbilly, Serginho, Leca e Mario Jansen* (Santa Teresa, Rio de Janeiro).





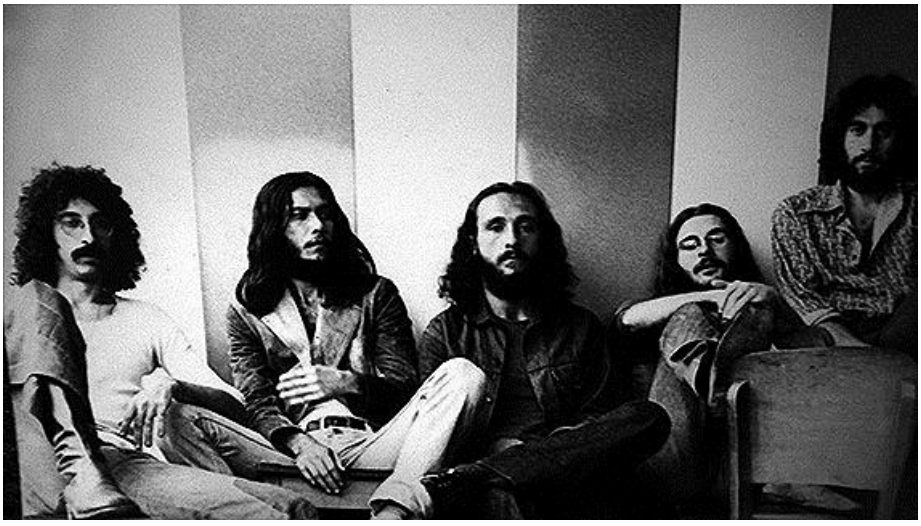




O Peso durante as gravações do álbum *EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO*. (**1975**)



O Peso: durante intervado de gravação do disco *EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO*.



LÚCIFER *EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO* O Peso (**1975**) Estou no mundo mas minha alma está longe daqui Eu venho do fundo da terra mas mesmo assim pode deixar comigo que eu me encarrego da tua felicidade Eu vou tirar tuas magoas em troca quero tua alma vou espalhar pela agua água preta do fundo do mar A vida é curta mas curta é para curtir Você irá longe mas longe perto de mim Pode deixar comigo que eu tomo conta de todos os meus amigos Lúcifer reina no mundo Lúcifer reina no fundo do coração de todos vocês!	A. C. Barbieri comenta: Mesmo no **FINAL DOS ANOS 70**, conseguir este álbum era muito difícil. Eu comprei uma cópia usada, nas Grandes Galerias (hoje Galeria do Rock) e ainda recordo que foi por um precinho bem salgado. Para uma banda brasileira de rock pesado lá do **MEIO DOS ANOS 70**, ela era perfeita. Possuía um vocalista de primeira e uma banda inquestionavelmente de qualidade. Conseguir alguma informação sobre a história desta banda era impossível e a capa era, no mínimo, enigmática. Bom, tudo isto ajudava a criar uma aura de mistério em torno da banda. Seu fim, nos brindando com apenas um álbum deixou-nos com água na boca e, querendo mais! O fato de este álbum ser tão pouco conhecido e celebrado sempre causou-me perplexidade porque O Peso é, na minha opinião, uma banda que deveria estar sempre na lista das melhores bandas brasileiras de todos os tempos! No álbum *EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO* a minha música preferida é a música chamada “Lúcifer”, uma música muito corajosa para a época que foi gravada pois, vivíamos o auge da Ditadura Militar e, dentro de tanto puritanismo barato, é surpreendente o fato da mesma não ter sido censurada.



ÁLBUM SOLO HOMÔNIMO DE LUIS CARLOS PORTO

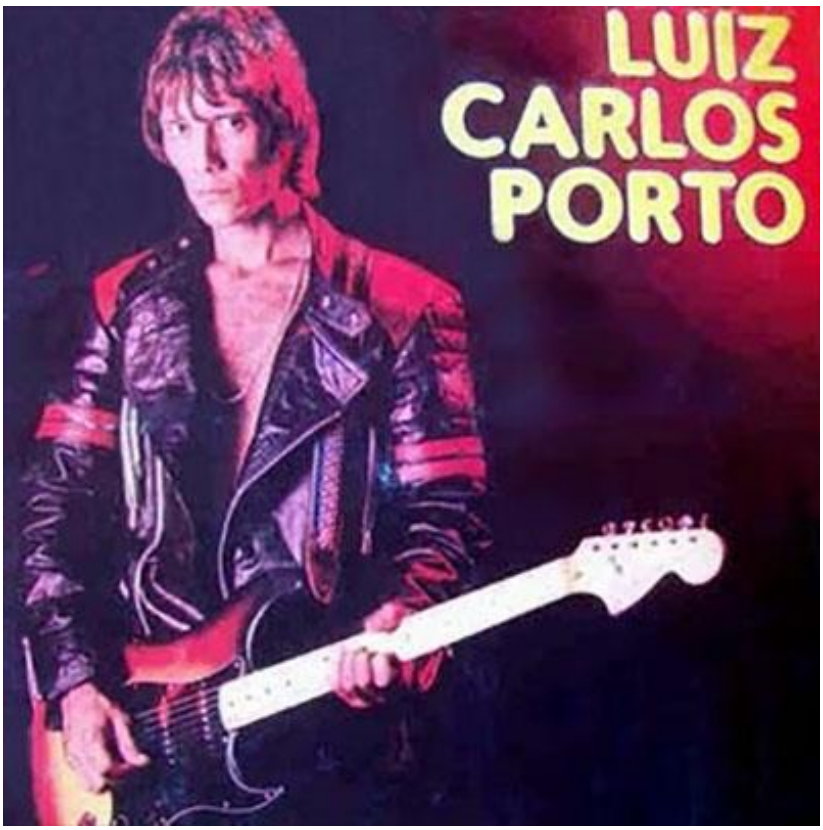
Luiz Carlos Porto chegou a gravar três LPs pela Phillips que acabaram não saindo da gaveta, já que o cantor não aprovou o resultado final dos mesmos. Em **1983**, lançou, pela Polygram, seu primeiro e único álbum solo, intitulado apenas com seu nome e contando com a participação dos músicos Peninha (bateria), Roberto Darbill (baixo), Marcelo Sussekind (guitarra), Julinho (piano, teclados), Marinho (saxofone) e as vocalizações de Regina, Rosana, Gracinha, Guarnieri, João Carlos e André Melito.

Em **1984**, o Peso retornou a ativa, tendo o último show daquela miniturnê sido realizado na Danceteria Quitandinha em Petrópolis, que repercutiu bastante na mídia especializada da época. O Peso tinha na formação Luis Carlos Porto, Ricardo Almeida (guitarras), George Gordo (baixo) e Carlinhos Graça (bateria).

Porto manteve o Peso por mais alguns anos, até que em **1986**, após um show em Fortaleza, envolveu-se em um grave acidente de moto, passando a sofrer de esquizofrenia e sendo obrigado a abandonar os palcos.

No dia **26 DE AGOSTO DE 2005**, Darliby, Scart e Papineau se reencontraram **30 ANOS DEPOIS** da gravação de *EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO*, e alguns registros foram feitos. A volta do Peso para alguns shows foi cogitada, mas o problema de saúde de Porto impediu (e impede) que tenhamos nos palcos uma das mais importantes bandas do rock nacional dos **ANOS 70**, que ao rodar na vitrola tornava impossível segurar o tesão que cada faixa passava.

Coloque a agulha no ponto, apague as luzes, arranque a roupa da mulher e deixe que Luiz Carlos Porto e companhia comandem seu cérebro para uma noite de muita loucura e gritos de iê-iê-iê!





*Carlinhos Scart, Geraldo D'arbilly e Constant Papineanu em **2005**.*



O Peso em **2008** só faltando Luis Carlos Porto: Constant Papineanu, Gabriel O'Meara, Geraldo D'arbilly e Carlinhos Scart.

Flamboyant

QUEM FEZ ROCK NO BRASIL, GABRIEL O'MEARA – VOLTAREI AO BRASIL!

(Mário Pazcheco)

Interessado em resgatar faixas censuradas e remasterizar o único LP de seu grupo O Peso, o guitarrista americano Gabriel O'Meara, concede entrevistas a sites brasileiros e arruma as malas, seus sonhos são produzir artistas brasileiros com a sua atual bagagem musical.



Novo som no Rio

Flamboyant é o nome de um grupo que estreou no Rio no mês passado, depois da dissolução do Peso. Constant (pianista), Gabriel O'Meara (guitarrista) e Carlinhos (baixista) dissolveram o Peso "para buscar um som de mais suíngue e menos volume". Para isso, chamaram o baterista Vicente e o cantor Zé da Gaita. Assim nasceu Flamboyant.
Diz Constant: "o Peso foi um grupo que levou dois anos de ensaio e seis meses de apresentação. Com o Flamboyant vai acontecer o contrário: pouco ensaio e muito som".

P. *Seu LP, EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO com O Peso sempre foi muito disputado. Porque não é relançado em CD*?

R. Gostaria que o disco do Peso fosse relançado. Talvez o Charles Gavin (dos Titãs) se interesse em remasterizar o disco em CD. Eu tenho o disco do Cassiano, *CUBAN SOUL* que o Charles remasterizou, uma verdadeira obra prima de post production. O LP do Peso foi um marco no rock Brasileiro. Eu até toparia voltar para o Brasil por conta própria para ajudar nesta produção.

P. *Há a faixa Não fique triste compacto da extinta revista Pop e a participação de O Peso no LP HOLLYWOOD ROCK, essas faixas eram ao vivo mesmo ou os aplausos de estúdio?*

R. Os aplausos foram colocados depois pelo Guti, nosso produtor. O efeito ficou muito bem gravado e valeu como recurso de estúdio.

P. Existem out-takes de O Peso? Os ex-integrantes se reencontram?

R. Devem haver alguns out-takes. Umas duas ou três musicas foram censuradas e não saíram no disco. Também tinha uma menina que assistia todos os shows do Peso e do Flamboyant e gravava tudo. Enquanto a uma reunião do Peso, se o clima for favorável e se o resto do grupo quiser se reunir, eu topo.

P. *Hoje você abandonou o jornalismo ou produz discos?*

R. Escrevo crônicas que penso publicar algum dia, estou procurando um editor ou uma revista popular que queira ver meus textos. As crônicas falam sobre a vida cotidiana e sobre minhas andanças musicais pelo Brasil. Enquanto a produção de discos faço alguma coisa no gênero Salsa e estou confeccionando um CD num estilo Tropical Dance/House. Sou fã do Chemical Brothers e The Crystal Method. Meu CD é puro dance com um tom tropical, imagina o Santana com Chemical Brothers e pinceladas

de samba, Bahia music etc. O CD tem o titulo de *SUITE FOR RHYTHM* uso o codinome Tito (Buzz) Cugat em homenagem a Tito Puente e Xavier Cugat. Vou procurar uma gravadora para lança-lo quando acabar a mixagem. Tive o cuidado de gravar varias faixas que são Radio friendly (pra tocar no radio). Sou vidrado num som cubano e puertorriquenho. Acabei de mixar e fazer backing vocals numas faixas da cantora Melina Almodovar. Ela vai ser a próxima Gloria Stefan. Gostaria de produzir um cantor ou cantora Brasileira misturando samba salsa e merengue. Um verdadeiro show de World Music. Gravaria em Miami e no Brasil. Acredito que venderia no mundo inteiro.

P. *Há uma grande valorização do som feito na DÉCADA DE 70. Procura-se informações sobre Pedro Lima, Lanny Gordin, Sérgio Bandeyra, Jorge Amiden e você mesmo. O que aconteceu com essas pessoas mágicas?*

R. Eu sobe que o Jorge Amiden mudou para Brasília. O Pedrinho Lima ainda mora e toca de vez em quando na zona sul do Rio, O Lanny ataca de vez em quando em São Paulo (recentemente, Lulu Santos presenteou-lhe com uma guitarra novinha. Apesar da "cara dura" o Lulu é um bom menino). Não sei do Sérgio Bandeyra nem da Tropa Maldita, sumiram. Recentemente recebi um e-mail do guitarrista Barroco (Diana e Stu e outros grupos) está tocando em Estoril, Portugal. Eu estou morando em Memphis Tennessee no sul dos Estados Unidos há mais de **DEZ ANOS**. Vou ao clube do B.B. King na Beale Street e às vezes tenho a sorte de pegar o grande Steve Cropper tocando com os amigos. Sou diretor de uma empresa de traduções técnicas. Volto para o Brasil com frequência para passar as férias, beber chope e rever velhos amigos.

P. *Hoje O Terço com a formação de **1974**, está gravando um disco, haveria espaço para O Peso?*

R. Eu acho que haveria lugar para uma edição do Peso mais Funkizada. Gostaria de gravar um rock Tupiniquim mais apoiado no Rhythm and Blues com bastante ritmo, percussão e um naipe de metais a lá Tim Maia.

P. *Numa entrevista sua com o Nicky Hopkins, bastante informativa, o próprio entrevistado surpreendeu-se com a sua gama de informações. Os tempos mudaram e o approach das pessoas também ou a relação entre entrevistado e entrevistador não exclui o fã?*

R. O bom repórter musical precisa ser fã do entrevistado. Nicky Hopkins, Mick Jagger, David Clayton Thomas, Joe Cocker, Wilson Pickett e outros que entrevistei eram verdadeiros ídolos meus. Além de conhecer suas histórias profundamente, eu tinha o mais alto respeito pela arte e música destes indivíduos. Não acho que eu seria um bom repórter policial por exemplo, pois a disposição e o enfoque seriam diferentes. Para mim se tornava fácil conversar num estilo chat com estes astros. Depois eu sintetizava nosso papo e publicava em forma de entrevista.

P. *Quais as suas entrevistas mais significativas e qual o segredo de conseguir um furo?*

R. Minha entrevista com Mick Jagger foi a mais significativa. Eu bati na porta da mansão da Florinda Bolkan onde Mick hospedava-se, falei sobre a Nicarágua (sua esposa Bianca é Nicaraguense) e o cantor Jackie Wilson de quem Mick Jagger é o maior fã. Ganhei a confiança do Mick e até fiquei pro almoço! Eu acho que a credibilidade, a insistência e a sinceridade do approach (mais uma pitada de sorte) são

necessários para ser um bom repórter. Na realidade os astros da música pop gostam de aparecer e falar, é só saber chegar e ganhar sua confiança.

P. *Nos ANOS 70 vocês enfrentaram alguma barra política pesada? A mídia de hoje não explora esse embate entre o rock e a ditadura, nem sabem que a maior banda de rock do mundo na época Led Zeppelin, não pode se apresentar no Brasil devido à ditadura.*

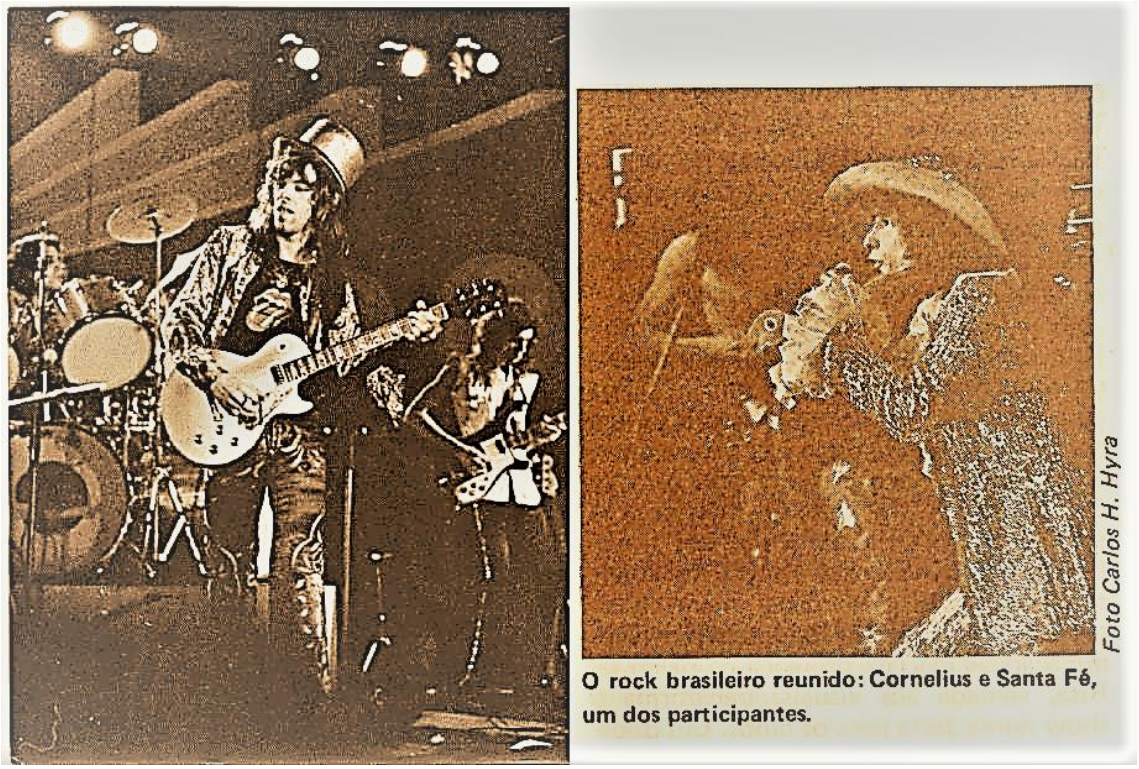
R. É... Tivemos problemas com músicas censuradas e shows que fazíamos na encolha sem o famoso alvará da censura. Fizemos um *FESTIVAL EM SAQUAREMA* que estava cheio de agentes da *DOPS*. Ouve um incidente onde vários músicos cercaram um imbecil desses após ele ameaçar uma das meninas com cadeia, porrada etc. Foi na hora do rango, ao dar as costas todos nós jogamos coxas de frango, pepinos etc no cara. Jurou voltar e prender todo mundo mais nada aconteceu. O festival tinha músicos como Ney Matogrosso, Roberto de Carvalho, Zé da Gaita, Ângela Ro Ro, Rita Lee, O Bicho da Seda, O grupo Flamboyant (que na realidade era uma outra formação do Peso), e muitos outros que subiam ao palco em grandes jams de improvisos. O Nelson Motta mostrou uma incrível capacidade profissional e equilíbrio mantendo os níveis de doidice num domínio administrável. No Rio de Janeiro, Janis Joplin foi alertada a não fazer nenhum tipo de pronunciamento. O ator e líder da troupe do Teatro Vivo, ou Living Theater, Julian Beck, foi detido e escorraçado do país. Lembro-me que o Chico Buarque e Ruy Guerra tinham escrito, ensaiado e produzido a custas altíssimas uma peça de teatro chamada "Calabar ou O Elogio da Traição". A censura esperou as roupas e a cenografia ficarem prontas e passou uma liminar proibindo a encenação da peca fechando o teatro pouco antes da estreia. Armando Falcão e outros censores tentaram quebrar dessa forma o espírito e a conta bancária do Chico. Já nos **ANOS 80**, Joan Baez foi proibida de tocar num show no MAM. Uma vez organizei um show no Teatro João Caetano no Rio com uma banda Portuguesa chamada "Heavy Band", uns agentes da *DOPS* me trancaram num escritório e fizeram umas perguntas. Ao saber que eu era veterano condecorado da guerra do Vietnã (Marines) ficaram perguntando se eu tinha lutado mano a mano contra os Vietcongs etc. Contei um monte de histórias de guerra e o show foi liberado na hora.

P. *O LSD esfacelou o cérebro de boa parte das promessas artísticas brasileiras?*

R. Houve algumas vitimas do excesso. Infelizmente muitas pessoas quiseram adaptar um modelo Americano do "desbunde" que não era propicio para o Brasil. Não existia uma meta concreta a ser alcançada. Havia muita loucura e pouca criação. Pessoas como Caetano, Paulo Coelho, O pessoal do pasquim, Alfredo Sirkis e outros, se preocupavam mais em exercer seus verdadeiros dotes intelectuais do que se perder na vastidão da fantasia e o engano mental. São justamente essas pessoas (entre outros, é claro) que hoje traçam o caminho intelectual do Brasil. Alem disso, tinha muita bronca com as autoridades e não existia um clima bom para a expansão dos sentidos. Era ruim "viajar" sabendo que haviam amigos como Angel Stuart, Tenório Jr. e Geraldo Vandré presos, torturados e sumidos. Além do mais, muita gente andou usando drogas sem qualquer tipo de controle. Em vez de controlar o consumo, o consumo passou a controlar o pessoal. Vítimas da angustia como o Torquato Neto, Raul Seixas, Julio Barroso, Elis Regina e Robson Jorge são perdas irreparáveis para a cultura e musica Brasileira. Voltarei ao Brasil. Eu pretendia visitar a o meu grande amigo Sebastião Rodrigues Maia. Pensei que o cara ia viver para sempre. De qualquer forma...Valeu! **GABRIEL O'MEARA**

1976

MARÇO



*Luiz Sérgio Carlini: Dispensa apresentações. Luiz com o Tutti-Frutti (**1976**)*
Mestre Carlini tornar-se-ía marca indelével do rock nacional
Grace Lagôa© – Fotógrafa



Percy Weiss, Tony Babalu, Oswaldo Vecchione e Celso Vecchione

Made in Brazil – *FESTIVAL DE SAQUAREMA, RJ* (**21 A 23 DE MAIO** / **1976**) – Foto Carlos Hyra



29 DE MAIO



Cornelius & Grupo Santa Fé, fazem sua estreia no *FESTIVAL CANINDÉ* – S. Paulo, "o maior ou o mais longo show de todos os tempos".

• LP *MUTANTES AO VIVO*

• Burmah, banda, com quase todos os integrantes argentinos, porem residiam em SP-Brasil. *76 Burmah Nice Pontes© – Fotógrafa – SP,* ***1976***

Da esquerda para a direita: Eduardo Depose (guitarra), Norton Lagôa (baixo), Javier Staricco (teclados) e Juan Abalos 'Piojo' (batera).

"A fotógrafa Nice Pontes era casada com o Eduardo (guitarrista), e o Norton (baixista) é meu irmão, certinho??? A Nicinha, já não está entre nós, foi pro andar de cima, já faz uns **3 ANOS**. Snif snif...". (**GRACE LAGÔA**).

JULHO



• Já com Percy Weiss nos vocais, veio *JACK, O ESTRIPADOR*. A música-título "Jack, O Estripador", além das canções "Os Bons Tempos Voltaram" e "Vou Te Virar De Ponta Cabeça", emplacaram nas rádios e colocaram o grupo em outro patamar.





20 DE AGOSTO

Teatro Aquarius – SP,* **20 DE AGOSTO / 1976
***Rita Lee (presidiária) Clube Palmeiras – SP,* **16 DE OUTUBRO / 1976**
/Grace Lagôa© – Fotógrafa*

• Roberto de Carvalho, ingressa na banda...

• Eddy Star consegue lançar um disco, *SWEET EDY*; pela Som Livre.

1976



Foto Carlos H. Hyra

SHOWS



Foto Carlos H. Hyra

O rock brasileiro reunido: Cornelius e Santa Fé, um dos participantes.

HUMAHUACA, CORNELIUS & SANTA FÉ, TERÇO, MUTANTES, SOM NOSSO DE CADA DIA, SINDICATO – E.C. CORINTHIANS PAULISTA – 21/8 – 21 H

Um ginásio enorme, talvez o maior de São Paulo, lotado por público de todas as idades, fazendo uma festa quente numa noite de inverno. Pela primeira vez neste país, não havia queixas quanto ao som e ao espetáculo. Quatro equipamentos – Mutantes, Terço, Som Nosso de Cada Dia e Sindicato – foram reunidos num só, um gigantesco sistema de som capaz de alto volume e alta fidelidade. Simplesmente reunindo entre si as mesas utilizadas, fazendo todos os equipamentos funcionarem ao mesmo tempo para todos os grupos. Parece que acabou a guerra do equipamento. Todos saíram lucrando. A iluminação, por ser individual para cada palco, nem por isso deixou de estar à altura do evento. O palco único foi dividido em três partes: à esquerda, o complexo equipamento dos Mutantes, à direita, Terço com sua luz "meio dia", um sol colorido, no centro, o democrático instrumental do Som Nosso, que foi também utilizado pelo Humahuaca, Cornelius e Sindicato. Nove horas e sete minutos, Mario Buonfiglio, organizador do espetáculo, introduzia o Humahuaca, abrindo a noite com seu som instrumental, uma tentativa bem sucedida de fundir o rock com gêneros considerados folclóricos.

O público impaciente pedia rock bravo. Cornelius & Santa Fé, um grupo novo, mas bem ensaiado. Neste momento, começou a manifestar-se uma falha na organização. Não havia segurança suficiente para conter a multidão, que se espremia na beira do palco. Cornelius, depois de muito pedir à platéia, conseguiu fazer todos se sentarem e pôde apresentar seu rock, considerado "bom para dançar". O próximo grupo foi O Terço, que teve sua apresentação atrapalhada pela movimentação de policiais em cima dos palcos, tentando conter a multidão. Quando os Mutantes entraram, o pior momento da noite: um empurra-empurra geral, que felizmente não deixou um saldo maior que o atraso na sua apresentação, o ponto alto do show. O público inteiro batendo palmas junto com a música.

O Som Nosso de Cada Dia incumbiu-se de acalmar os ânimos com seu som mais suave: foi um descanso merecido para a platéia, que soube ouvir com muito respeito. Quando o Sindicato entrou, duas horas da manhã, grande parte do público já se havia retirado, mas os que ficaram puderam aproveitar à vontade seu som descontraído.

Eventos como este precisam se repetir. Já está na hora de transformar todos os ginásios em grandes teatros, lugares para música também, desde que se resolvam os problemas que ainda existem. Segurança, por exemplo.



Foto Egídio Conde

O equipamento: todos em um.



Foto Paulo K. Vasconcellos

Mais um show tipo exportação: a imagem gasta do Brasil. E só.

BRASIL CANTA E DANÇA TUCA/ SP – 20/7 A 15/8

O programa sugere uma saudável retrospectiva na música popular. Mas, para o incauto espectador, distante do mundo musical, a situação após as duas horas de espetáculo será praticamente a mesma. E, no máximo, os senhores e senhoras da platéia recordarão entusiasmados saudosas serestas e alguns sucessos de Carnaval. Situação que, na realidade, pode ser atribuída ao requintado guarda-roupa, exuberante nas cores e paetês, e na ágil coreografia, desde o maxixe aos passistas da Avenida.

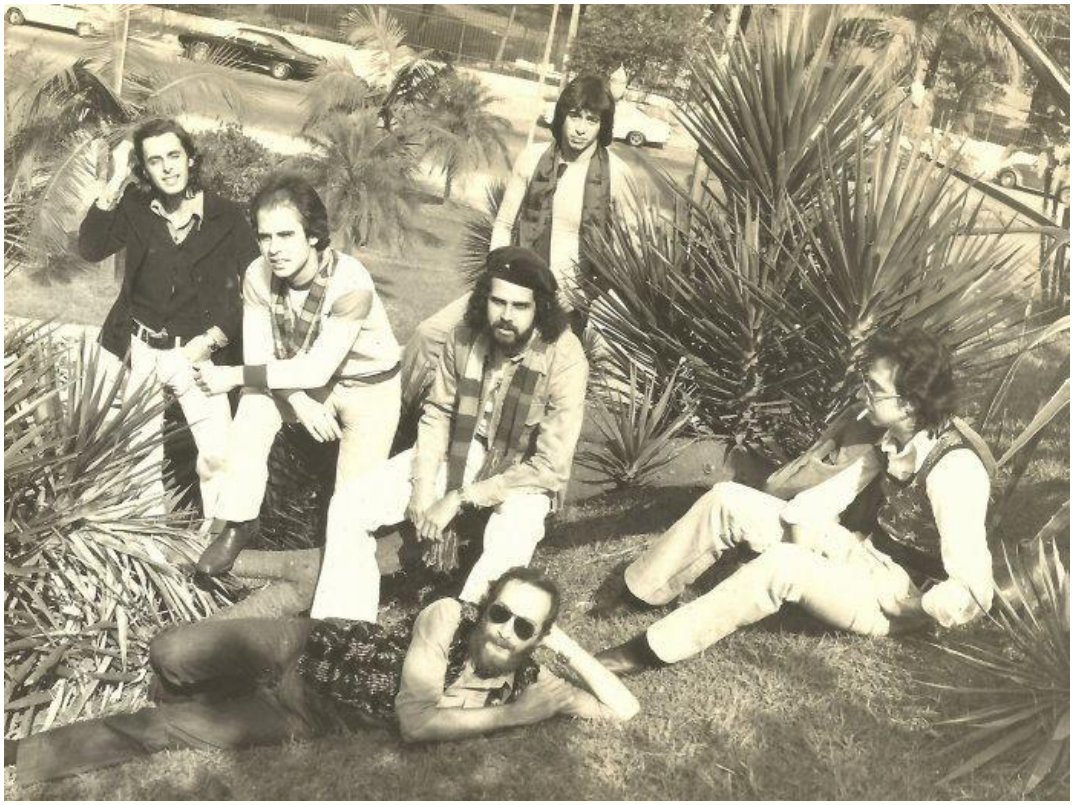
Dessa forma, as antológicas "Pelo Telefone", de Donga, e "Abre-Alas", de Chiquinha Gonzaga, diluem-se em meio a "Saveiros", de Nelson Motta e Dori Caymmi, e "História dos Pescadores", de Dorival Caymmi, sem que os espectadores saibam exatamente a importância de cada composição no processo evolutivo da música brasileira.

"Canta Brasil", na 2.ª parte, abre um verdadeiro festival de sucesso de Ari Barroso, Milton Nascimento, Vinicius de Moraes, a indefectível Garota de Ipanema, Jorge Ben, Egberto Gismonti (?), Antônio Carlos Jobim, Dorival Caymmi e Luiz Gonzaga, a ressuscitada Asa Branca, onde é aplicado o mesmo método.

E como em todo espetáculo "tipo exportação", o palco é farto em gastas imagens dos tabuleiros de baiana, araras, papagaios, bananas, abacaxis e os decantados enredos das escolas de samba.

Um espetáculo ideal, portanto, para as platéias acostumadas aos bons guarda-roupas e às cuidadas coreografias.

Haroldo Costa, produção; Guil de Morais, regência; Peter Gaspar, iluminação; Fernando de Azevedo, coreografia; Maria Odete e Djalma Lúcio, vocais; Gerson Cavalcanti, pistom; Carlos Bezerra, baixo; Gildésio Paiva, guitarra.



"Faz tempo isso... Terreno Baldio – acho que em **1976** – Parque da Aclimação/SP." (**JOÃO KURK**).

• "Em **1976** fui convidado para tocar no Teatro Ruth Escobar com a banda Terreno Baldio. Acabei gravando com com eles o LP *ALÉM DAS LENDAS BRASILEIRAS* e permanecendo na banda até **1978**." (**RODOLFO BRAGA**).

TERRENO BALDIO
FOTO CARLOS HYRA



Exposição SP_ROCK_70_IMAGEM
Sesc Belenzinho, grátis, até10/03

SHOWS

MARCANDO PRESENÇA

Vímana
Teatro Tereza Raquel/Rio
14 a 17/10

O Vímana é um grupo que não tem feito muitas apresentações, mas tem marcado sua presença, tendo participado da "Abertura da Temporada de Verão" em 1974, com o Terço e Mutantes e também do Hollywood Rock e Banana Progressiva. É um grupo estável, não tendo, nestes anos todos, alterado muito seus instrumentistas.

Atualmente, sua formação está assim: Luiz Paulo, teclados; Lulu, guitarra; Fernando Gama, baixo e Lobão bateria. Sua linha de trabalho é orientada para o som progressivo, com acentuadas inclinações para o "funky" e para o manancial da música brasileira. Chorinhos já são ouvidos nos palcos do rock brasileiro.

O Vímana já gravou um elepê, em regime de auto-produção, no Estádio Level no Rio, tendo uma fita pronta para ser negociada. As gravadoras assustam-se um pouco com este tipo de negócio, mas é a forma que foi descoberta para vencer a barreira das salas de espera. Com a fita pronta, meio caminho já está andado.

Luiz Paulo é, sem dúvida, um dos melhores tecladistas eletrônicos que temos. Seu equipamento é complexo e muito bem usado. Foi um dos pioneiros do sintetizador no Brasil. Usa um piano acústico com captador Hellpinsteel, um Fender Rhodes 88, órgão Hammond L-102, Sintetizadores Mini-Moog e Maxi-Korg, Clavinet Hohner D6 e uma mesa Peavey de 8 entradas, onde combina todos os teclados e manda para um amp Sunn de 120 w.

O guitarrista Lulu é um músico de estúdio, muito versátil e com ótimo desempenho no palco. Está usando uma Stratocaster Fender, uma Rickenbacker 366 de 12 cordas, uma pedaleira e um amp Twin Reverb Fender.

Na bateria Tama Imperial, um modelo semelhante à Octaplus Ludwig, com 8 peles afinadas, senta-se Lobão, um garoto de 18 anos que estudou seis de violão clássico, mas optou pela vibração e balanço da bateria.

Richard Court, o Ritchie, é um inglês que está há quatro anos no Brasil. Ainda não tem a pronúncia de "native speaker", o sotaque carioca, mas isso não chega a preocupar na sua mise-en-scène: Ritchie é certamente um dos mais expressivos cantores em potencial. **Paulo de Castro.**



L. Alan Santos

Luiz Paulo, Lobão, Lulu, Ritchie e Fernando: o Vímana, do rock carioca.



Carlos H. Hyra

Black Zé: uma nova energia para o rock brasileiro.

UMA SURPRESA

Black Zé Teatro Aquarius /SP
15,16 e 17/10

O surgimento de novos grupos musicais é gratificante, principalmente quando trazem consigo alto nível e a certeza de um trabalho que chega para ficar. É o caso do Black Zé, grupo que desce das montanhas de Petrópolis (RJ) para tentar (e conseguir, certamente) a sorte junto ao exigente público das capitais.

O Black Zé foi formado há três anos, sofreu algumas transformações, e, há cinco meses, conta com a atual formação. A ótima presença de palco, a descontração e a postura dos cinco integrantes deixaram surpresos aqueles que esperavam a timidez e o nervosismo de uma estréia.

Devido à fraca divulgação, o público não foi dos mais numerosos, mas a boa qualidade do rock apresentado, através de composições próprias, garantiu um público bem maior para as próximas apresentações. **(NPQ)**

FICHA TÉCNICA:

O Black Zé é formado por Mauro, bateria (Ludwig); Inglês, guitarra base (Fender Telecaster); Guilherme, guitarra-solo (Gibson SG e Les Paul); Thomaz, contrabaixo (Fender Precision) e Marcos na percussão. A operação de som ficou a cargo de Franklin (Val-Vel), usando mesa Peavey PA-9. Som limpo, muito bom.

As músicas: Emergência, Camping, Marcha Do Rio, Calango, Sem Os Pés No Chão, Swing Do Moleque, Canto De Pássaros, Sonho Antigo, Vôo do Urubu, Rock Da Platéia, Drop, Dueto Rio-Bahia e Venha Ver.

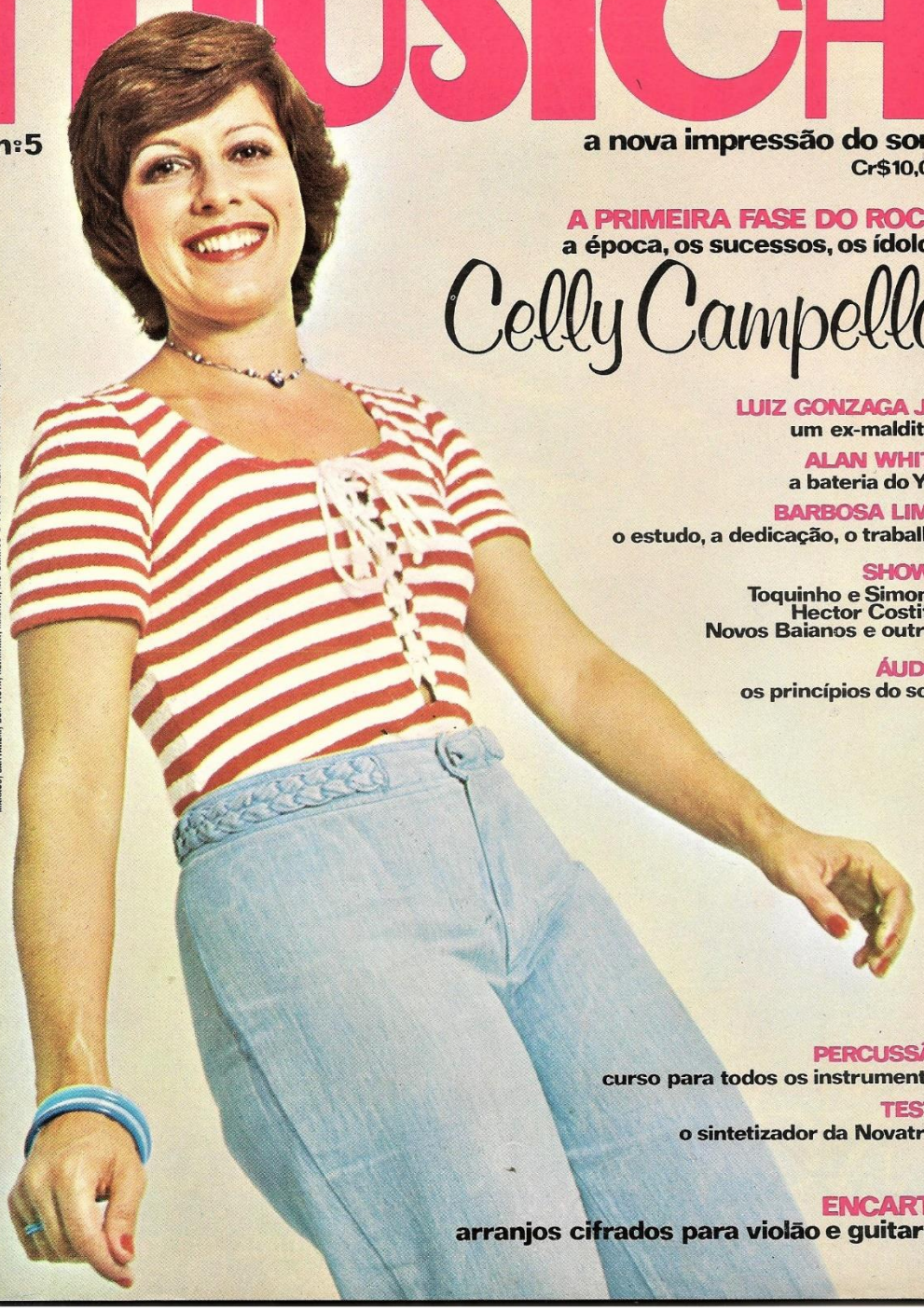
REVISTA DIDÁTICA E INFORMATIVA PARA PROFISSIONAIS E AMADORES

MÚSICA

nº5

a nova impressão do som

Cr$10,00



A PRIMEIRA FASE DO ROCK
a época, os sucessos, os ídolos

Celly Campello

LUIZ GONZAGA JR.
um ex-maldito?

ALAN WHITE
a bateria do Yes

BARBOSA LIMA
o estudo, a dedicação, o trabalho

SHOWS
Toquinho e Simone,
Hector Costita,
Novos Baianos e outros

ÁUDIO
os princípios do som

PERCUSSÃO
curso para todos os instrumentos

TESTE
o sintetizador da Novatron

ENCARTE
arranjos cifrados para violão e guitarra

MANAUS, SANTARÉM, BOA VISTA, ALTAMIRA, MACAPÁ, RIO BRANCO E PORTO VELHO (VIA AÉREA) CR$ 14,50

nenhum barulho estranho.



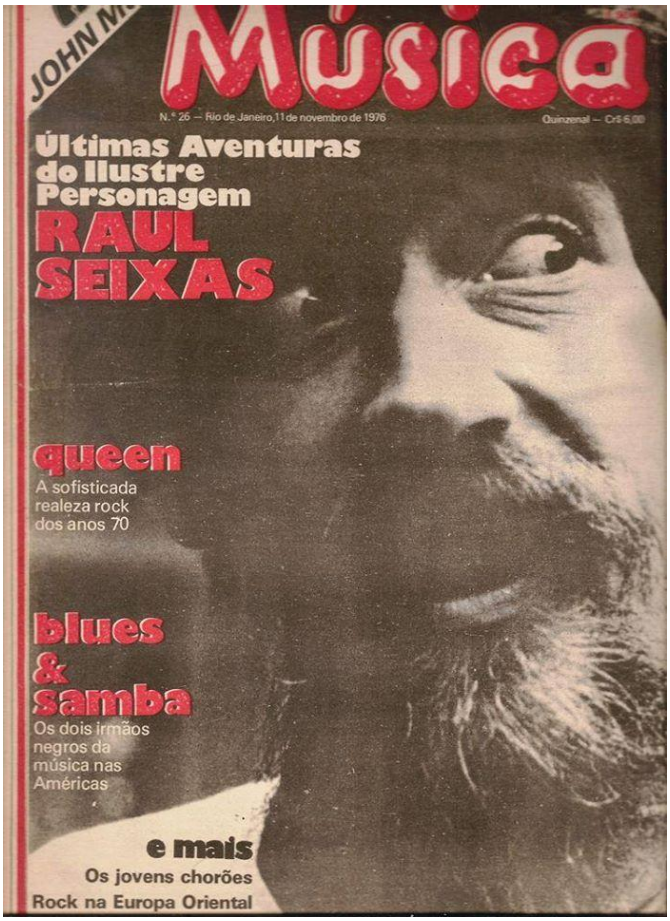
É muito mais fácil ouvir um concerto de rock com os Amplificadores Palmer: henhum barulho estranho. O som da guitarra (mod. 3P-120) é tão puro que você percebe todos os acordes, batidas, graves e agudos. Os amplificadores para contrabaixo (mod. 3P-200) permitem a perfeita distinção das notas, do timbre e da profundidade dos graves. Com os amplificadores para microfones (mod. V4-100), você consegue ouvir e o mais importante: entender as letras das músicas. Completamente distintas do ritmo da bateria.

Amplificadores Palmer, para guitarras, contrabaixo e microfones, o som mais fácil. E simples.

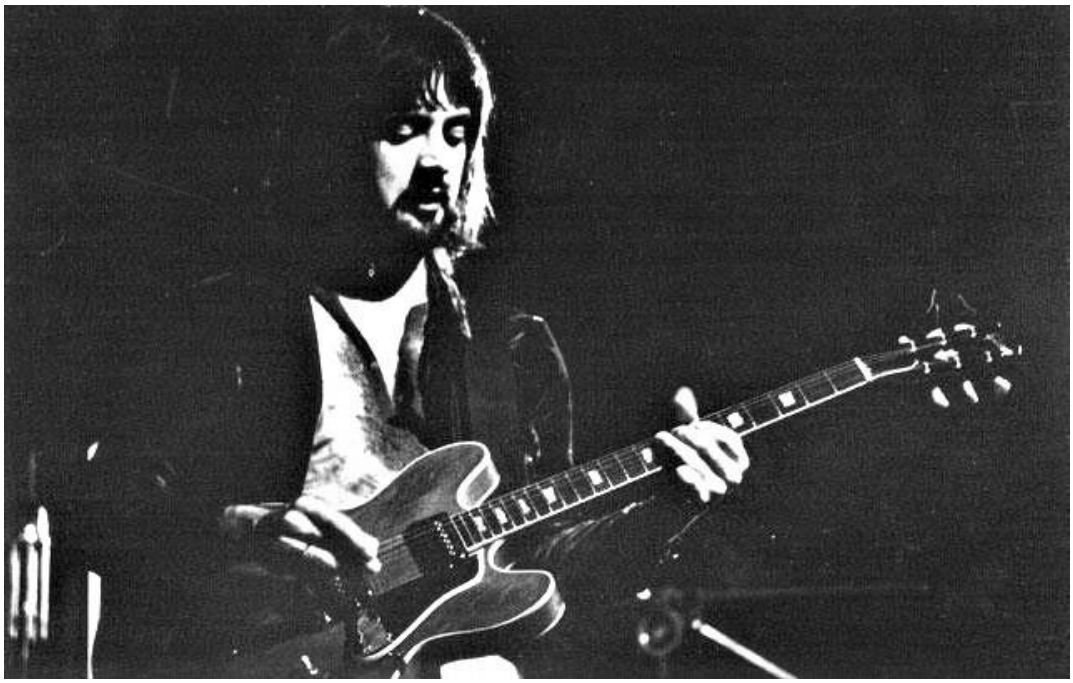
palmer **o som que você merece**

ELETRÔNICA PALMER INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA. - R. Capote Valente,999 - Cep 05409 - Fone 852-3449 - São Paulo/SP

À venda nas casas especializadas em todo o Brasil.


JOHN M
Música
N.º 26 — Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1976
Quinzenal — Cr$ 6,00
Últimas Aventuras do Ilustre Personagem
RAUL SEIXAS
queen
A sofisticada realeza rock dos anos 70
blues & samba
Os dois irmãos negros da música nas Américas
e mais
Os jovens chorões
Rock na Europa Oriental





“Uau! Q foto! Egidio e a 335!” **(DINO VICENTE)**

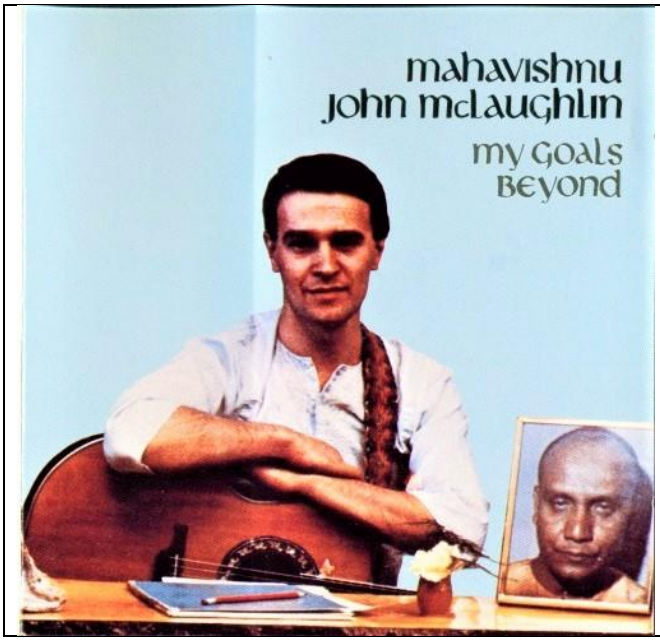
Egidio Conde (Som Nosso De Cada Dia): um dos grandes guitarristas brasileiros, amigão que me deu a honra de tocar no meu primeiro disco. Foto: Carlos Hyra (in memoriam), **ANOS 70**. (**ZÉ BRASIL)**



BICHO DO MATO - *Som Nosso De Cada Dia **1976**, Tuca Camargo, Egidio Conde, Pedro Baldanza e Pedrinho Batera.*

ENSAIO - *Som Nosso De Cada Dia, **1976**, Pedrinho Batera, Pedrão Baldanza, Tuca Camargo, Egidio Conde, Km 12 da Raposo Tavares*







John Flavin Almeida Prado

A HISTÓRIA SECRETA DO ROCK BRASILEIRO – CAPÍTULO 37 – JOHN FLAVIN, UM 'ELO PERDIDO' DA GUITARRA BRASILEIRA

15 DE FEVEREIRO DE 2012 – Guitarrista, John Flavin existiu, e existe ainda, como um “mito” perdido na linha do tempo do rock nacional. Um dos mais importantes instrumentistas de sua geração, ainda carece do reconhecimento que merece.

Ao lado de Júnior e Kokinho, integrou a Patrulha do Espaço quando o power trio alinhou-se a Arnaldo Baptista. É também o guitarrista do disco de estreia dos Secos & Molhados, um clássico do rock nacional, e de outras obras também importantes.

Finalmente, John Flavin chega às páginas de Senhor F, em entrevista especial, onde ele fala da sua carreira. Em particular, vale destacar a sua precisa visão da importância de Arnaldo Baptista para o rock e para a música brasileira.

A ENTREVISTA

Senhor F – Antes de mais nada, passamos décadas lendo sobre você como ‘o guitarrista irlandês’... Bem, como é isso? Você é natural da Irlanda? Veio para o Brasil com que idade?

John Flavin – Nasci em São Paulo no Brasil, mãe inglesa, porém de pais irlandeses (ou seja, para todos efeitos, irlandesa), ela conheceu meu pai brasileiro no Canadá. John Flavin é também o nome do meu avô irlandês. Fui pra Inglaterra, com meses de vida, voltei ao Brasil aos cinco anos. Falávamos inglês em casa, na igreja americana, no clube inglês todo mundo achava que eu era gringo. Como eu era meio briguento e gostava de um trago, o carimbo de irlandês veio a calhar, suponho.

Senhor F – O que te despertou para a música? Particularmente para a guitarra? Quais eram teus heróis nessa época? Como foi o início da carreira?

John Flavin – Minha mãe tocava muito bem piano. Chopin, Beethoven, Mozart... Ouvir música era como comer e beber lá em casa. Houve um Natal em que ganhei um violão, uma vitrola e um disco da Elenco, *VINÍCIUS VISITA CAYMMI*. Meu herói mesmo era um índio canadense chamado Gordon Lightfoot que compunha músicas impressionantes, tocava violão e cantava com uma voz grave e sofrida. Eu tocava em festas dos consulados, aniversários. Eu tinha uns quinze anos. Numa delas, onde também tocou o Made in Brazil, conheci o Palhinha, que foi um parceiro musical significativo durante muito tempo. Aprendi muito com ele.

Senhor F – Nos ANOS SESSENTA, você tocou no grupo Broadcast (ex-Ação 4)? André Gereissati, que depois ficou conhecido como violonista, era teu companheiro de grupo? Os dois tocavam guitarra? Como foi isso?

John Flavin – Nem me lembro da indicação, mas quando cheguei lá, o guitarrista era o Egídio Conde (Moto Perpétuo, Som Nosso, etc). Nem sabia que o André tinha tocado lá. Fui convidado para ser o cantor. Não poderia ser o guitarrista porque não tinha equipamento. Egídio saiu, e entrou o Manteiga (Milton, irmão do Carlinhos do grupo Memphis), que tinha um Marshall de 200 wats e uma Telecaster linda, toda branca. O Milton quebrou o braço e tive que ensaiar todo o repertório de baile em três dias, que me valeu um convite para entrar no Kompha, que era considerado o melhor grupo do Círculo Militar (NR – local onde acontecia “domingueiras” – show-baile, aos domingos a tarde). Convite feito pelo Tuca guitarra (NR – ex-Baobás), que fui obrigado a recusar, pois havia sido convidado pelo Cacho Valdez (Beat Boys) para fazer a segunda guitarra na peça *A VIAGEM*, do Carlos Queirós Telles. Conheci o Cacho e o Willie quando fui tocar no *JESUS CRISTO SUPERSTAR*, substituindo o Palhinha.

Senhor F – Você tocou em mais algum grupo nessa época, antes de participar do Patrulha do Espaço, com Arnaldo Baptista? Como foi esse final de década em São Paulo nessa época? Quais outros grupos vocês destacaria?

John Flavin – Sem dúvida, o Secos e Molhados foi o maior estouro. Mas toquei em bandas com músicos fantásticos muito antes disso. Lembro sempre da primeira banda o Sizão Machado, Duda Neves, o Robertinho e eu; o grupo era The Glass Stones Game, e tocamos rock pela primeira vez no teatro do Masp. Havia o Onomatopéia, com três guitarras, duas baterias, uma sessão de sopros flutuante. A Banda Tentáculo, com o Wilcox, e o Pete Wooley, com o Guilherme Vergueiro e o Zé Eduardo Nazário, músicos da pesada! E o Humauhaca, com o Willie o Emílio, Marcinho e Dudu Portes, depois o Chicão Medori.

Senhor F – Como foi a aproximação e entrada no grupo Patrulha do Espaço? Como era a relação com Arnaldo Baptista? Como eram os shows da banda?



John Flavin – Eu conheci o Arnaldo e a Rita em Ubatuba, **1972**. Lembro-me dele ter dito que estaria fazendo um investimento musical, enquanto fazíamos uma jam. Alguns anos depois, ele mesmo, ou o Kokinho me ligaram pra fazer o que uma “audition”. Fui lá a noite, achei engraçado o fato do Arnaldo estar de pijama. Ele me mostrou as músicas que queria trabalhar e eu topei.

Senhor F – Como foi gravar o disco ELO PERDIDO? Como era gravar guitarras como aquelas, mais ‘rock’ do que vigente na época? Para nós, trata-se de um marco não só do rock, mas da guitarra no rock nacional. O que você acha do disco hoje?

John Flavin – Foi uma grande farra, delicioso, porque a banda era muito boa. O Júnior é uma fera, o Arnaldo sem comentários, as pessoas desconhecem até hoje o seu potencial pianístico. O cara é um negócio muito sério! Um artista maior! E ainda de quebra o KoKinho (que Deus o tenha) que tinha o coração do tamanho de um bonde. Eu tinha um Super Reverb Fender antigo que tinha um belo som, e a minha Les Paul, nada mais. A ideia era tocar rock and roll. Sem playbacks, tudo direto sem maquiagem.

Senhor F – O que levou ao fim da banda? Você saiu logo após a gravação do disco? Como foi esse processo?

John Flavin – Recebi uma proposta do Sérgio Sá, para trabalhar no Beco com a banda que faria o show da Vanusa, eu estava duro e precisava pagar as contas. Fiquei triste, mas a vida é do jeito que ela é!

Senhor F – Como foi a tua participação no disco do Secos & Molhados? Somente mais recentemente, as pessoas se deram conta da tua presença no disco, assim como a de Zé Rodrix e do Willie Werdaguer. Você participava das turnês da banda? Se participava, como eram?

John Flavin – A banda que gravou os discos dos Secos e Molhados, Marcelo Frias, Willie, Emilio Carrera e eu, já tocava junto desde **1971**. Eu era muito moleque, **19** pra **20 ANOS**, quando estourou, e para mim era um sonho (apesar de ter recusado entrar na banda, eu não ia pintar a cara né?). Tocar rock para milhares de pessoas. Eu ganhava mais dinheiro do que conseguia gastar (sex drugs and rock and roll), fatos que acabaram me levando para um "rehab" medieval, em **1974**.

Senhor F – Nos anos setenta, você participou de diversos projetos? Quais os mais importantes que você lembraria? Você chegou a gravar discos solo?

John Flavin – Toquei em todos os musicais importantes *JESUS CRISTO SUPERSTAR, A VIAGEM, HOJE É DIA DE ROCK, GODSPELL*. Fui guitarrista e arranjador do início ao fim da formação clássica do Secos e Molhados, de especial com a querida e saudosa Elis Regina. Patrulha do Espaço ...

Senhor F – Como prosseguiu a sua carreira musical, a partir dos ANOS OITENTA? Com quem você tocou, de algum grupo em especial?

John Flavin – Como sempre, acompanhando e gravando artistas de A a Z. Trabalhei bastante com o Raul Seixas, a gente brigava muito, eu entrava e saía da banda. Tem muita história com ele. Fui envolvido pelo monstro da publicidade, quase perdi a minha alma. Fiz trilha premiada, ganhei bastante dinheiro e perdi tudo depois.

Senhor F – O que você faz atualmente? Continua tocando guitarra, vivendo de música? Tem algum projeto em especial?

John Flavin – A primeira coisa que faço depois do café é tocar o que aprendi recentemente. Estudo harmonia com o Lanny Gordin (gênio). E trabalho com o que chamo de "musical coaching". Instruo as pessoas a exteriorizar aquilo que elas querem tocar ou cantar. Um tipo "personal trainner" musical. É muito recompensador. Ultimamente estou estudando muito. Nenhum projeto em especial.

Senhor F – Como você vê a cena musical moderna? O que acha da mudança do padrão tecnológico? Da internet, do download?

John Flavin – Eu acho extraordinário. É louco demais você ver o que ouve. Olha que resisti até uns dez anos atrás, mas pego de leve. Ainda tenho uma personalidade analógica!

Senhor F – Quais seus guitarristas preferidos, de todos os tempos? E dos brasileiros, algum em especial?

John Flavin – Tem "o" cara né, e os outros. O cara é o Jimi Hendrix (santo). Os outros, Jeff Beck (pai de todos), Jimmy Page, John Mclaughlin, Steve Howe, Santana e esses fabulosos corredores modernos Steve Vai, Joe Satriani. Gosto bastante do Eric Johnson.

Senhor F – Um disco clássico de guitarra de todos os tempos?

John Flavin – *BAND OF GYPSIES* , do Hendrix Experience, e (+ 1 vai!) *MY GOAL´S BEYOND*, de John McLaughlin.



ANOS 70: A. C. BARBIERI E O ROCK ARGENTINO

Casei-me com minha primeira esposa em **DEZEMBRO DE 1975**. Meu casamento deu a chance de tentar novamente. A moeda brasileira estava forte, e eu estava bem de dinheiro. Viajar de carona era apenas uma opção minha.

Nossa Lua de Mel foi, bem ao estilo hippie, uma viagem de carona desde São Paulo até a Argentina. Eu já possuía alguma experiência em pegar caronas pois, já tinha tentado esta façanha anteriormente duas vezes.

A primeira viagem foi logo depois que fiz o serviço militar obrigatório. Foi a forma que encontrei para destruir todo o condicionamento recebido e assim voltar para o meu antigo eu. Infelizmente o dinheiro que tinha para a alimentação era muito pouco e eu só consegui chegar até Chuí na divisa do Brasil com o Uruguai. Uns dois anos depois tentei novamente, desta vez fui mais equipado, com mais dinheiro, uma barraca e a companhia de uma garota.

NA ESTRADA

Fizemos o trajeto São Paulo/Curitiba em um dia e depois Curitiba/Florianópolis no próximo, então foi a vez de Florianópolis/Torres já no Rio Grande do Sul onde acampamos e passamos o Ano Novo. A próxima jornada foi de Torres até Porto Alegre onde atravessamos a ponte sobre o Rio Guaíba e pegamos uma carona até Pelotas. No próximo dia fizemos o trajeto Pelotas/Chuí. A partir de Chuí achamos melhor tomarmos um ônibus até Montevidéu e de lá seguir até Buenos Aires.

PEGAR CARONA

Houve um tempo, em que as pessoas eram mais desarmadas, menos desconfiadas e existiam menos bandidos na estrada. Pedir carona era uma coisa nova tanto para quem pegava como também para quem dava carona. A verdade é que muita gente não gostava de viajar sozinha e a ideia de ter um acompanhante para conversar

durante a viajem era boa, tirava a monotonia da viagem. Sempre aprendemos alguma coisa conversando com as outras pessoas, não é mesmo? Eu tinha só **23 ANOS** e minha esposa **20**. Dois jovens com uma plaquinha escrito “Recém-casados”. Para nós, naquela época pegar carona foi fácil demais. O povo quando sabia que estávamos em Lua de Mel até pagavam o almoço.

PERIGO NO URUGUAI!

Conseguimos chegar apenas até Montevidéu, a capital uruguaia. Cabe lembrar que, no **COMEÇO DOS ANOS 70**, todo o Cone Sul vivia debaixo do controle de ditaduras militares patrocinadas pelos Estados Unidos. No Uruguai, a guerrilha de resistência era comandada pelo Movimento Tupamaro. O nome Tupamaro foi inspirado no nome do revolucionário Inca Túpac Amaro II e este movimento foi resultado da união do Movimento de Apoio ao Camponês com membros de vários sindicatos.

No Uruguai pegar carona era um perigo porque o risco de ser confundido com um “colaborador” e, “desaparecer” na mão dos militares era muito grande. Não tinha viajado tanto para desistir tão fácil! Não dei atenção aos conselhos da população local que dizia que a coisa estava perigosa do outro lado da fronteira. Quer dizer, para não arriscar muito, tomamos um ônibus em Chuí com direção à Montevidéu. Horas depois, já no meio do caminho fomos parados pelo exército uruguaio que, depois de revistar e checar os documentos de todo mundo, felizmente nos deixou passar. Chegamos tarde da noite em Montevidéu e nos hospedamos num hotelzinho modesto. Não conseguimos dormir pois, tivemos uma noite assustadora ao som de rajadas de metralhadoras e explosões.

No outro dia, de manhã, descobrimos que justamente a nossa rua estava interditada pelo exército e a poucos metros do hotel podia-se ver a frente de uma casa com manchas escuras e cheia de marcas de bala. O boato no hotel era de que aquela casa abrigava uma célula comunista. Ficamos sabendo também que havia um forte rumor de que o governo estava para decretar Estado de Sítio e iria fechar todas as fronteiras. Achei melhor abandonar o país o mais rápido possível.

NA TRILHA CERTA



De Montevidéu tomamos um barco até Buenos Aires. Dormimos numa cabine a bordo do navio e acordamos bem cedo para ver o Sol nascer em alto mar. Foi a primeira vez que tive tido este tipo de experiência e foi também a primeira vez que vi uma gaivota.

Durante a nossa estada em Buenos Aires, em um sábado ensolarado, no começo da tarde, entramos em uma galeria cheia de lojas elegantes. A maior parte das lojas já estavam fechadas. O sistema de som da galeria tocava em

bom volume um rock argentinho de qualidade e bem pesado para a época. Imediatamente quis saber o nome da banda. Lá, num cantinho meio escondido vimos uma loja de discos com a porta aberta. Era esta loja que fazia o som da galeria.

O dono da loja muito simpático mostrou-me a capa do disco. Era o álbum La Bíblia da banda Vox Dei. Eu comprei o álbum imediatamente e perguntei que outras bandas argentinas de rock ele tinha.

Naquela tarde, eu comprei 35 LPs. Nem preciso dizer que acabei ficando amigo do dono da loja que, naquela noite nos levou para uma churrascaria no seu carro um Ford Falcon que corria pelo centro de Buenos Aires como se estivesse numa pista de corridas.

Eu acabei ficando com uma respeitável coleção com o melhor do rock argentino daquele período. Nesta coleção estavam incluídos álbuns das bandas e artistas: Sui Generis, Almendra, Aquelarre, El Reloj, Espiritu, Invisible, Pescado Rabioso, Porcheto, Spinetta, etc.

Nesta época a banda Los Gatos da qual sairia o famoso guitarrista Pappo já era considerada legendária. Infelizmente não consegui achar um álbum para comprar, em todo lugar estava esgotado. Só alguns anos depois, já no Brasil foi que fui ouvir um dos primeiros álbuns da banda do Pappo chamada Pappo's Blues. Até hoje não conheço o som do Los Gatos.

Para quem não conhece, o músico Spinetta é também uma figura legendaria e, juntamente com Charly Garcia são considerados por muita gente como os pais do rock argentino. Em **1969** Spinetta gravou seu primeiro álbum com sua banda chamada Almendra. Mais tarde, quando a banda acabou, Spinetta lançou um álbum solo e partiu para a Europa. Algum tempo depois, Spinetta voltaria para a Argentina para formar outra banda que ficaria legendária: Pescado Rabioso e, em **1974** Spinetta formaria mais uma banda: Invisible.

Neste período inicial, bem turbulento da história de seu país, Spinetta assumiu uma postura de esquerda, e usou o rock para manifestar suas ideias. Em um tempo onde a censura imperava em todos os meios de comunicação, sua aparição num show com as mãos pintadas de verde foi um ato simbólico e corajoso que entrou para o folclore local e foi contado de boca em boca pelos roqueiros da época por um bom tempo.

Busquei por um show de rock em Buenos Aires e não consegui encontrar nenhum. Conformei-me em ir à um cinema local para assistir pela segunda vez o filme *CONCERTO PARA BANGLADESH* organizado pelo Beatle George Harrison. Já dentro do cinema, fiquei surpreso com o comportamento da plateia que aplaudia depois de cada música como se estivessem presenciando um show ao vivo.

Nesta visita, fiquei com a impressão de que a repressão militar e a falta de liberdade para manifestação física fez com que o rock argentino caminhasse para o lado progressivo onde a música era mais voltada para a mente do que para o corpo.

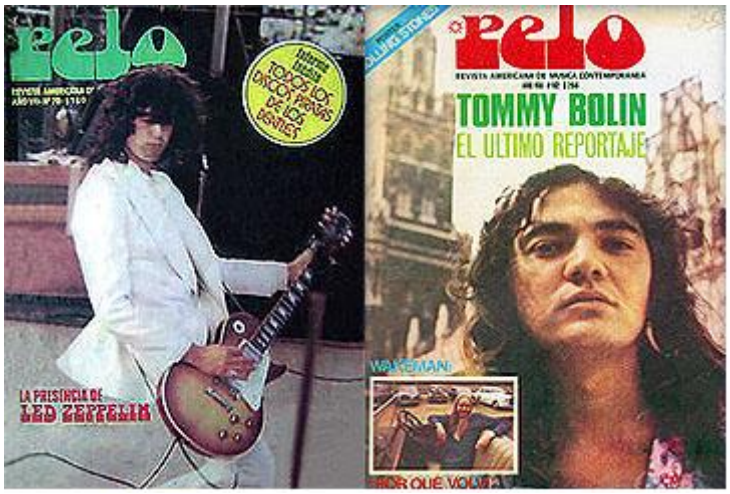
Confesso que fiquei com uma certa inveja dos argentinos porque suas bandas e músicos eram muito bons e carregavam uma aura de profissionalismo que os colocavam muito à frente dos brasileiros. Na Argentina existia um público que venerava as suas bandas. Existia também uma revista de rock verdadeira chamada Pelo (cabelo). A revista *PELO* era como se fosse a revista *ROCK BRIGADE* já em **1975**! A Pelo tratava os músicos argentinos de igual para igual com os músicos

ingleses e norte americanos. No Brasil a coisa era diferente. Nossas bandas foram sempre tratadas como bandas de segunda categoria.

Quando voltei da Argentina emprestei meus discos para o Jacks que fazia o legendário programa Kaleidoscópio que era transmitido na Rádio América. Ele fez um especial sobre o rock argentino. O difícil foi conseguir pegar os discos de volta :–)

Passariam mais de **2 ANOS** para que eu pudesse ver um show com bandas de rock argentino. Foi em **SETEMBRO DE 1977** no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo no *I CONCERTO LATINO-AMERICANO DE ROCK*. O show contou com as bandas Crucis, Los Desconocidos de Siempre, Máquina de Hacer Pajaros, Pastoral Alas e o músico Leon Gieco. Eu já conhecia Leon Gieco porque ele fez parte da banda Porsuigieco que tinha uma música que eu ouvia muito chamada “La Mama de Jimmy”. Aliás, eu tive a oportunidade de fotografar Leon Gieco neste show e enviar-lhe as fotos. (De memória, recordo que aconteceram dois shows. No primeiro, eu fotografei. Como trabalhava só com filme branco e preto, revelando e ampliando-os, eu fiz um trabalho rápido e entreguei as fotos pessoalmente no outro show). Deste festival, a banda que marcou pelo som poderoso foi a banda Crucis. Mais tarde compraria o LP.

Que aconteceu com meus discos? Infelizmente nos tempos do *PROJETO SP METAL* que produzi no Teatro Lira Paulistana na capital de São Paulo a pobreza foi tanta que tive que vende-los para ter uma refeição decente. Hoje, vários deles fazem parte da coleção particular do Luis Calanca, da Loja Baratos Afins. Graças à internet, pude encontrar a maior parte deste material raro.



ROCK ARGENTINO

A ARGENTINA FAZ UM ROCK DE PRIMEIRA

“O ROCK não é nada mais que esta e todas aquelas capitais onde a vida anula a vida, onde o som de uma guitarra traz um ensurdecedor murmúrio: o das gargantas humanas”.
(**LUIS A. SPINETTA – MÚSICO-POETA ARGENTINO 1970**)

“Buenos Aires é a capital da Argentina, uma cidade grisalha-austral, 8 graus abaixo de zero no inverno, 25 graus no Verão, colonizada por espanhóis e ingleses, povoada por espanhóis e italianos e, após a segunda grande guerra, dominada pela repressão cultural e social de um regime militar. Buenos Aires, A rainha del plata era a Capital do Tango. O tango é uma música sentimental, de fossa dançada com coreografia sem nenhum tipo de ligação com a juventude dos **ANOS 60**, que, inconscientemente, o renegava. O jovem, no meio do seu tédio, procurou informações musicais na música americana ou inglesa porque queria um som diferente que mexesse com seus pés e a sua alma: o rock and roll. Através de discos importados ou revistas) já que não havia muita informação na mídia daqueles tempos), pequenos grupos de músicos superjovens iniciavam-se com absoluta devoção ao movimento que começava a tomar conta da Europa e Estados Unidos: Chuck Berry, Muddy Waters, Gene Vicent,

pioneiros do rhythm and blues e, logo, muito imitados por Rolling Stones e milhares de grupos do mundo inteiro. Assim começa o fenômeno musical de todos os tempos na Argentina (**20 ANOS** de rock and roll) 70% do mercado fonográfico atual é rock nacional de primeiríssima qualidade, cantado em castelhano e produzido no país. Para vocês terem um exemplo do potencial deste mercado, o grupo Seru Giran lota estádio de **70.000 PESSOAS**, existem 8 revistas especializadas em rock, MTV, 4 rádios FM, os dois jornais principais mantém um suplemento diário de rock e dois grupos brasileiros, 'Paralamas e Titãs', lotam pequenos mini-estádios cantando em espanhol, duas atrações internacionais atuam, em média, por semana na Argentina. (...)

“O Brasil teve sua oportunidade de ser assim, mas as condições aqui foram diferentes. Primeiro: o Brasil tem uma música muito forte ritmicamente, derivada dos negros. Veio a Tropicália com força devastadora, satírica, contestadora, para cima, com humor e cheia de qualidade sonora, admirada e imitada dentro e fora do país, Estados Unidos e Europa caíram aos seus pés. Enquanto os garotos argentinos tiravam os acordes das músicas de B.B. King, os brasileiros tinham seu próprio barato, tirar o som dos Mutantes, Caetano ou Gil. Este início de música dos argentinos fez com que, de alguma forma, fossem criados alicerces muito fortes para consolidar toda uma geração de músicos do blues. A herança desta geração foi uma nova etapa no processo de mutação, fazendo com que os músicos dessem um passo à frente: trocar o inglês pelo espanhol e criar uma nova fórmula: “A Música Urbana Argentina”. Através do Jornal Mixer, tentarei contar um pouco dessa história musical, ilustrando com dados técnicos, fotos e entrevistas de grupos que fizeram parte dela.
(**BILLY BOND IN 1995, MIXER JORNAL DE MÚSICA**).



RIFF ARGENTINO

lluvia de estrellas

Se inició en estos comienzos de enero, con presentaciones a cumplirse en Montevideo y Punta del Este, continuando luego en febrero con la culminación de los festejos de Carnaval.

Hoy, luego de tocar en Montevideo, estará en el Centro del Espectáculo, Cacho Tirao y su guitarra; desde esta noche y festejando un aniversario, la troupe de Decalegrón, cada día divirtiendo a su nutrido público.

Esta noche, canta Fred Bongusto en Montevideo, estando el 11 en Punta del Este. Mañana por la noche, luego de hacerse aplaudir en el Palacio Peñarol, debutan en el Centro del Espectáculo el Ballet de Tahiti, con toda la ondulante gracia de los mares del Sur.

Elis Regina, que se conociera hace varias temporadas en el Country se presenta el 15 y 16 en el Centro del Espectáculo. Esa noche Landriscina estará en Montevideo, para actuar el 17 en Punta del Este.

Día ese del debut en la capital de las Mulatas Oba-Oba —más que famosas en todo el mundo— conquistando aplausos el 19 en Punta del Este.

Los amantes del folklore tendrán su gran show el 21 en Montevideo y el 22 en Punta del Este: el elenco está integrado por figuras refulgentes como Falú, Los Chalchaleros y Julia Elena Dávalos.

Para el 22 está fijado el debut de Sandro en el Palacio Peñarol, a la noche siguiente estará en el Centro del Espectáculo. Finalizando el mes de enero, una figura de gran suceso en España, José Luis Perales debutará en estas playas.

Habrá también rock con el grupo "Riff", habiéndose postergado (¿definitivamente?) la puesta en escena de "Evita", ópera que ha hecho correr mucha tinta y despertado tanta expectativa en las dos orillas del Río de la Plata. ★

O rock argentino sempre foi uma incógnita no Brasil pela falta de informações. Esta introdução detalha a gênese de um vocabulário próprio, onde os argentinos substituem o inglês pelo espanhol e criam uma música jovem e urbana baseada nos clássicos e nos velhos mestres da guitarra. Caberá ao grupo Manal (Javier Martinez, voz e

bateria; Cláudio Gabis, guitarra e Alejandro Medina, contrabaixo) desenvolver a sonoridade negra ao cantar em espanhol. Manal é o primeiro trio que canta o blues em castelhano e interpretando-o em nível de vanguarda, tanto no aspecto técnico como criativo. Outro grupo argentino Los Gatos, cujo guitarrista era Pappo, se aventura fora de seu país participando no *FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO*, aqui no Brasil. Tudo isso no **FINAL DOS ANOS 60**. (**MÁRIO PAZCHECO**)



MANAL POR: BILLY BOND, MIXER JORNAL DE MÚSICA

Manal: Claudio Gabis, guitarra; Javier Martinez (bateria) e Alejandro Medina (baixo)

O grupo Manal inicia sua carreira no rock argentino em **MEADOS DE 1968**; o mundo se agitava com a famosa revolução dos estudantes franceses, o som da moda era Miriam Makeba, os seriados de tevê eram “Sugarfoot”, “Pop New 68”, as revistas de Buenos Aires eram superficiais mostrando a moda “King Road” versus “Carnaby st”. Javier Martinez (voz e bateria) Claudio Gabis (guitarra) e Alejandro Medina (baixo elétrico), entonaram pelos “callejones portenhos” os primeiros gritos do blues em espanhol. Alguém falou que Javier Martinez tinha nascido cantando blues e não chorando: desde o começo, é absolutamente fanático pela música negra.

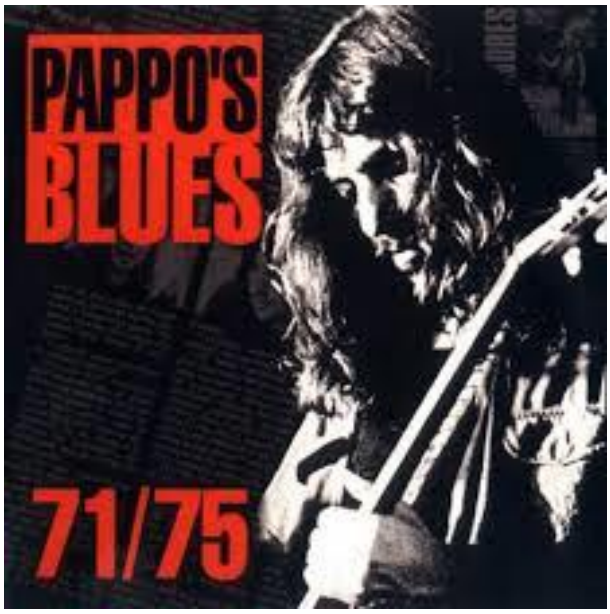
Dedicou-se anos para encontrar uma maneira de chegar à sonoridade negra para cantar em espanhol. Isso lhe custou muito já que o inglês é um idioma duro e cortado e ele deveria conseguir um timbre diferente nas frases em espanhol.

EM 31 DE MARÇO DE 1969, Manal se consagra definitivamente para o público e mídia argentina realizando o seu primeiro concerto lotado (389 pessoas) no espaço Instituo de Tella às 20 h em ponto. Manal foi apresentado como o único grupo de soul fraseado em castelhano.

Javier Martinez profetiza: “Essa forma musical pertence aos negros. Os brancos a capturaram para expressar-se, negando-lhe a autenticidade baseada na cor da pele e as suas implicâncias psicossociais. A partir disso, os brancos e os negros criam uma nova forma moderna que rompe com outro ritmo denominado rock”. E a imprensa confirma: blues em castelhano.

“Esse tipo de música é escutado no seu idioma original pelas elites dos diferentes países, enquanto os músicos se expressam no seu próprio idioma: a música. Agora surge Manal, bem aceito pelas elites. É a primeira vez que o blues é cantado em outro

idioma e interpretado a nível de vanguarda, tanto no seu aspecto técnico como criativo” **JULIO BORNIK**

	**Uma discografia do Manal** *MANAL* *O LEÃO* *O LEÃO SEGUNDA PARTE* *ALBUM DUPLO* *REUNION* *OBRAS*
	**PAPPO’S BLUES** **NOS ANOS 70**, o guitarrista Pappo sobressaiu-se com uma série de discos chamados *PAPPO'S BLUES* (talvez uns sete LPs), cujos alguns exemplares chegavam às nossas mãos e tornavam-se estimados justamente por trazerem blues em castelhano.

1977

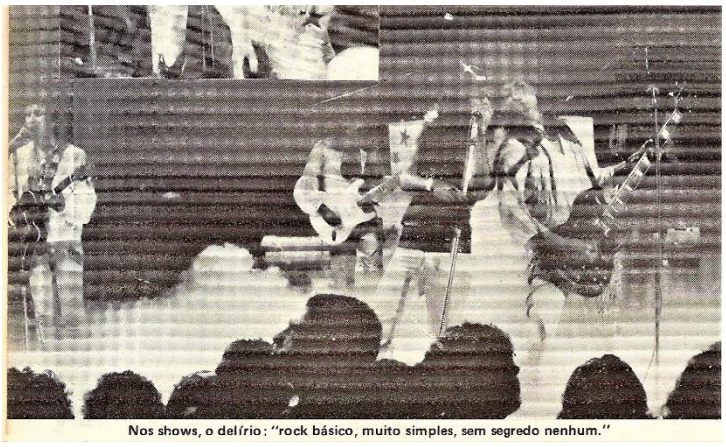
SETEMBRO

10 ANOS DO MADE IN BRAZIL – MÚSICA



Rubens B. Campo

3º elepê: em busca do público feminino.



Nos shows, o delírio: "rock básico, muito simples, sem segredo nenhum."



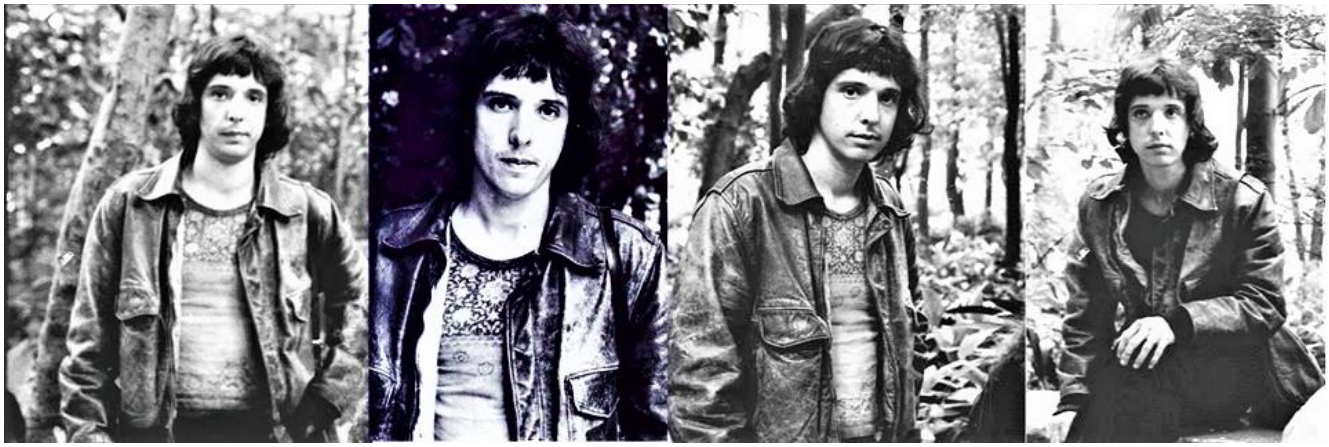


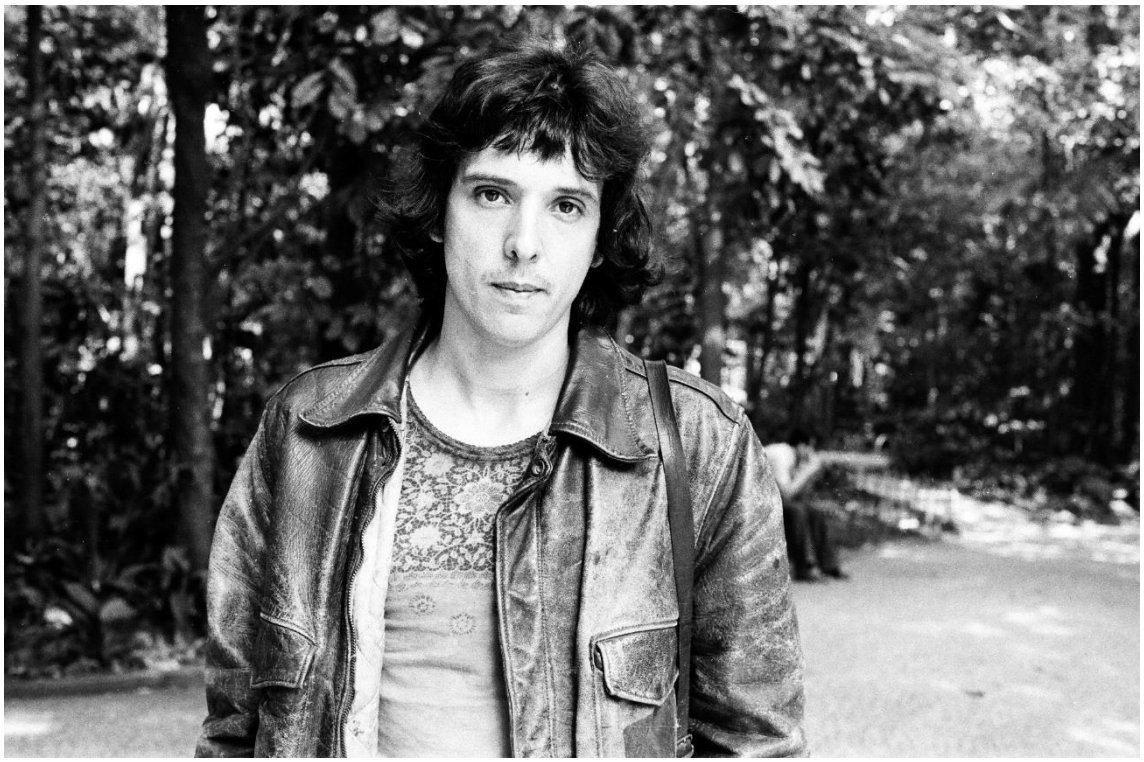




1977, SETEMBRO







A NOVA FORMAÇÃO DA PATRULHA DO ESPAÇO

Após várias formações instáveis, Arnaldo Baptista parece ter encontrado a tripulação ideal para a sua Patrulha do Espaço. Apresentando-se como um dos únicos conjuntos de rock-pesado, a Patrulha é fruto de um trabalho que vem sendo elaborado entre Arnaldo e o guitarrista Dudu há mais de três anos, quando o grupo ainda se chamava Space Patrol.

Dudu participou dos grupos Santa Fé e Made. No baixo, Oswaldo ("Coquinho"), que começou com um supergrupo (com Manito, Dinho e Prandini) na última semana de rock no teatro Bandeirantes, fundou o Neblina e participou do Banho de Lua (de Lúcia Turnbull). Com uma ampla experiência obtida no México com o trio Tarântula, o baterista Júnior vem de um trio pesado chamado Aço, gravou o primeiro disco do Made e outro na Argentina com o grupo Aeroblues, do quase lendário guitarrista Papos, com o qual excursionou durante um bom tempo.

Arnaldo é o autor de todas as músicas e letras do grupo. A Patrulha gravou uma fita com 13 músicas no Estúdio Vice-Versa, produzida por Rogério Duprat. Mas tem feito poucos shows. Entre eles, o Primeiro Concerto Latino-Americano, realizado em São Paulo, no Ibirapuera e no clube Palmeiras, e em Belo Horizonte e Campinas, além de apresentações individuais em Itanhaém, Osasco, no Ilha Porchat Clube, em Santos, e, brevemente, em Santo André. Incluíram no repertório, recentemente, a música "O Meu Barato", de Guilherme Lamounier.

Ficção científica e punk são duas preocupações de Arnaldo. A primeira é antiga e pode ser exemplificada pela sua admiração pelo filme "Star Wars" e por sua música nova que deverá ser lançada em compacto:

"Nave que viaja ao centro das terras
Hinos para o Céu, portas abertas
O signo vê a verdade
Que em breves momentos
Estarei entre o Céu e a Terra"

Para Arnaldo, "tudo faz parte de uma espiral que começa com os Beatles, passa por Elton John e hoje está no punk". Ou seja, começou com a simplicidade dos amplificadores Vox, da bateria não amplificada, foi para o exagero acústico e visual de Elton e retorna ao despojamento do punk.

A Patrulha tem um equipamento pequeno. Quando se apresenta alugam o P.A. de Tadeu, do Sindicato, que costuma fazer um preço especial para músicos. Trabalham também com a Arlen, que lhes fornece alto-falantes e divisores de freqüência. Os músicos do grupo têm opinião formada sobre as firmas especializadas em aluguel de aparelhagem: "Cobram muito caro, é um verdadiro roubo o que elas fazem!"

Os instrumentos da Patrulha do Espaço são: Arnaldo — Hohner Clavinet e piano Schneider de armário, plugados em um Palmer mexido através de um mixer Giannini. Para shows, aluga um Elka-Strings. Oswaldo — baixo Fender Precision e um Thunder Sound. Dudu — Gibson SG, modelo '58 e um amplificador True Reverber. Para shows, aluga um Fender Twin Reverber. Júnior — bateria Ludwig Octaplus com seis pratos, oito tontons e dois bumbos de 24 polegadas.

As caixas são construídas pelo grupo com alto-falantes Arlen.



Algeo B. Cairolli

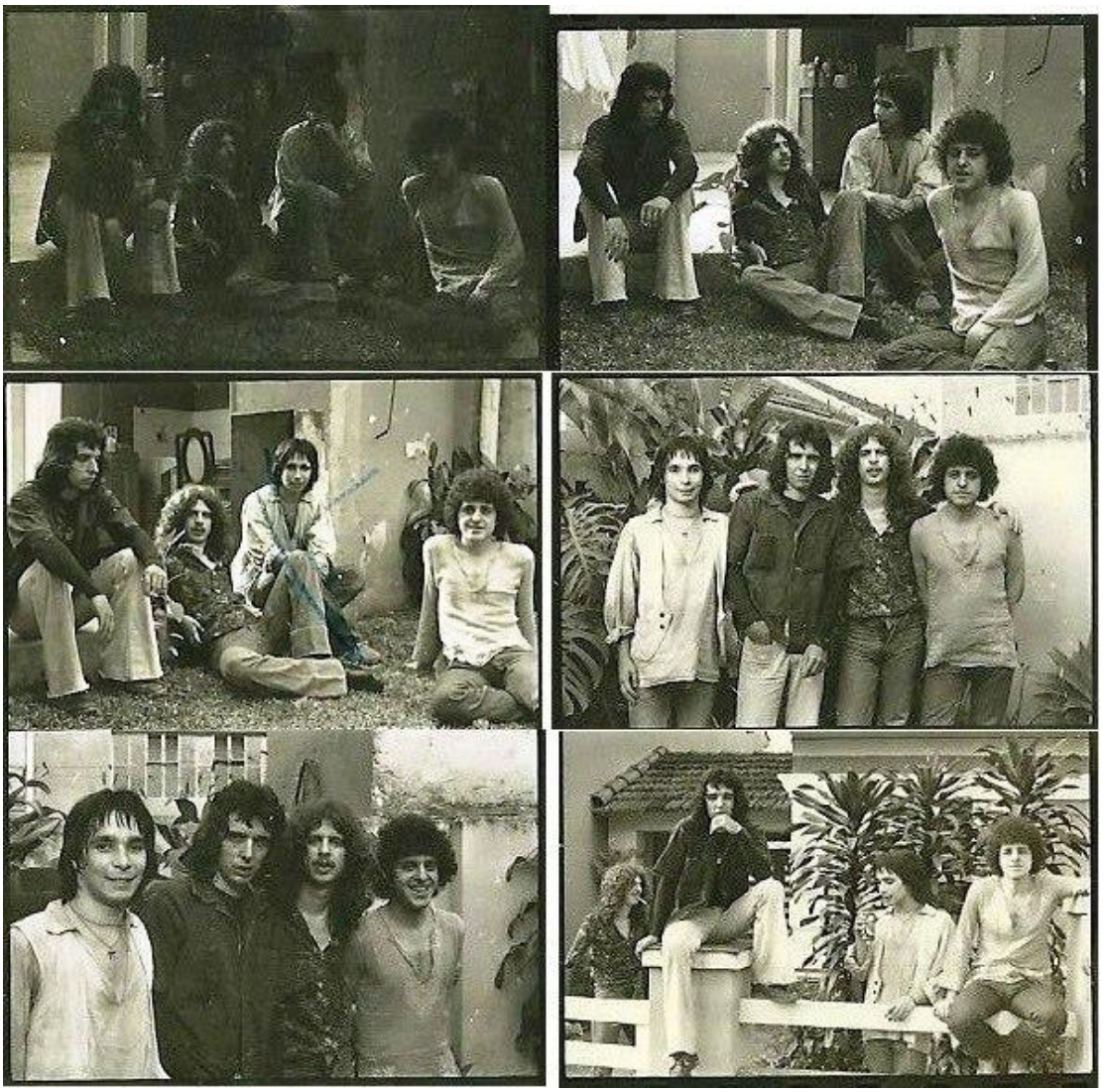
Arnaldo: Beatles, Elton John e punk.



“Amigos e amigas, respeitável público, hoje ás 00:00hs começará o **MÊS DE SETEMBRO** e no dia **17 DE SETEMBRO DE 1977**, no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo, a Patrulha Do Espaço iniciava sua jornada no planeta rock, portanto estamos comemorando **35 ANOS DE ROCK AND RALLO NO BRASIL**.

Então durante este mês iremos divulgando fotos, memorabilia e depoimentos em homenagem a data, assim como logo mais estaremos divulgando a agenda de shows para este segundo semestre, onde estaremos retomando a *DORMINDO EM CAMA DE PREGOS TOUR **2012***, para começar, nada melhor que o começo, então ai vai uma foto dos primórdios da Patrulha com o Arnaldo no Teatro São Pedro, São Paulo em maio de **1978**, a foto só pra variar e da Grace Lagoa, aproveitamos para fazer publico nosso agradecimento a Grace, pelas centenas de clicks e pela generosa amizade durante todo estes **35 ANOS** e além.”

(PATRULHA DO ESPAÇO, 31 DE AGOSTO DE 2012)







Crucis



Pino Marrone, guitarrista do Crucis, carreira internacional no jazz

1º CONCERTO LATINOAMERICANO DE ROCK

REVISTA POP

A FESTA FOI DOS ARGENTINOS

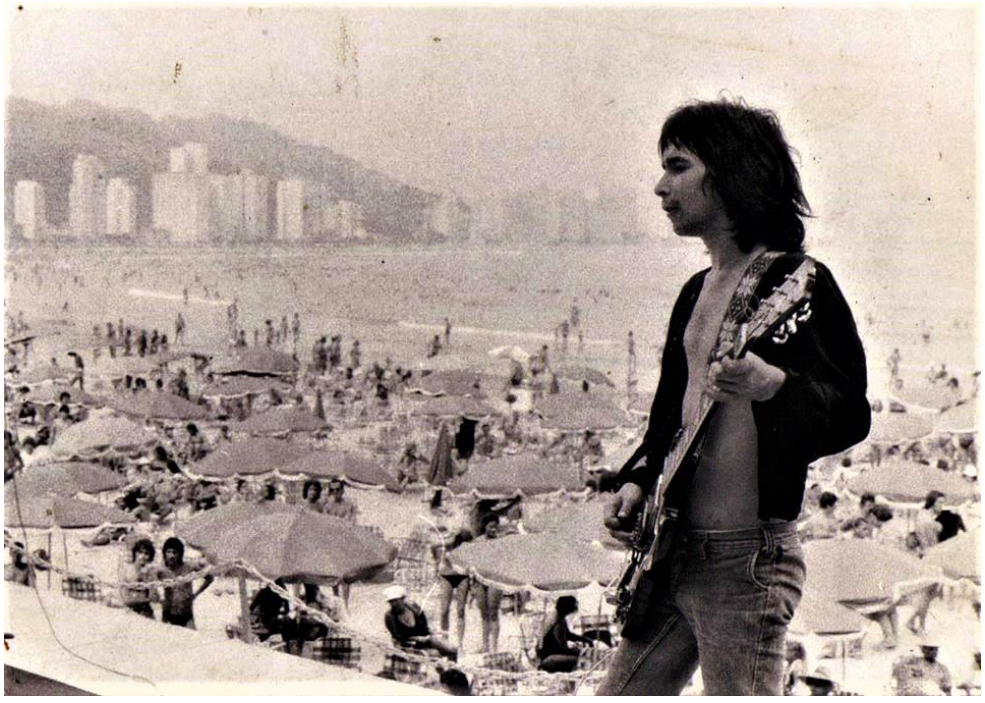
1º CONCERTO LATINOAMERICANO DE ROCK, que reuniu músicos brasileiros e argentinos, apresentou uma agradável surpresa: a alta qualidade do rock feito na Argentina.

O empresário Mário Buonfiglio esteve na Argentina e assistiu a alguns shows de rock. Ficou lá por uns dias, com muita disposição e uma ideia na cabeça: promover um intercâmbio entre o rock brasileiro e o argentino. Pouco tempo depois, o Ginásio do Ibirapuera de São Paulo recebia num palco montado às pressas (o mundial de vôlei terminou um dia antes dos shows) os grupos Nito Mestre Y Los Desconocidos de Siempre, e o Crucis, além do cantor e compositor Leon Gieco. O lado brasileiro ficou por conta de Arnaldo e a Patrulha do Espaço ("prejudicada pela péssima operação de som"), o Terço e César Mariano & Cia. Tudo bem com nossos grupos, mas a festa mesmo foi dos argentinos. Los Desconocidos de Siempre, formado por Maria Rosa Yorio (voz), Alfredo Toth (baixo), Rodolfo Gorosito (guitarra), Juan Ciro Fogliata (teclados) e Juan Carlos Fontana (bateria), fez um som que é uma perfeita fusão de rock e música folk, com um colorido que agradou em cheio o imenso público presente, calculado em torno de **9 000 PESSOAS**. O som mais pesado foi o do Crucis, o grupo mais conhecido da Argentina, constituído por Gustavo Montesano, baixo; Pino Marrone, guitarra (e que guitarra!); Gonzalo Farrugia, bateria; e Anibal Kerpel, teclados. A apresentação do Crucis foi incrível, principalmente pela coreografia movimentadíssima dos carinhas, que acabou transformando palco e plateia numa só festa. Leon Gieco, conhecido como "Bob Dylan argentino", transou apenas com violão e gaita, mostrando boas composições. Leon cantou também com Los Desconocidos de Siempre e deu um verdadeiro banho de rock. Por tudo isso, o *1º CONCERTO LATINOAMERICANO DE ROCK* foi um sucesso. Que dever, por sinal, ser repetido sempre que possível.



Nito Mestre y Los Desconocidos de Siempre, junto com o cantor-compositor Leon Gieco (o segundo, da esquerda para a direita)

A 17 DE SETEMBRO DE 1977, uma sexta-feira de noite especial, aconteceu o *I CONCERTO LATINOAMERICANO DE ROCK*, reunindo grupos argentinos e brasileiros. Uma noite de pauleira total com música de nível excelente, prejudicada pelos eternos problemas de som. O público assistiu ao Crucis, Los Desconocidos de Siempre, Máquina de Hacer Pajaros, Pastoral Alas e o violeiro/gaiteiro e cantor Leon Gieco, para representar o Brasil, Arnaldo e a Patrulha Do Espaço, o Terço e César Camargo Mariano e Grupo. Segundo a mídia brasileira do período, os brasileiros levaram um banho dos patrícios durante as apresentações. No ano seguinte em retribuição à visita, O Terço e Casa Das Máquinas se apresentariam na Argentina com muito sucesso.



Como Nos Velhos Tempos: homenagem aos Beatles



O Terço mostrará as canções de Casa Encantada



Os Mutantes executam músicas do LP gravado ao vivo

"Somando-se Mutantes e O Terço, teremos como resultado os Beatles". Essa é a proposta do empresário Mario Buonfiglio que, a partir de amanhã, promove no Teatro Municipal de São Paulo (praça Ramos de Azevedo) o show *Como Nos Velhos Tempos*. Na primeira parte do espetáculo, Mutantes e O Terço irão apresentar ao público paulista as músicas de seus mais recentes LPs – *Mutantes ao Vivo* e *Casa Encantada*, respectivamente. Na segunda parte, os dois grupos se unirão para executar os principais sucessos dos Beatles.

A idéia, segundo Buonfiglio, nasceu há muito tempo: "Vem desde a primeira exibição dos dois grupos num mesmo show, em Belo Horizonte (Minas Gerais). Graças à colaboração do Departamento de Teatros da Secretaria Municipal de Cultura, na pessoa de Maurice Vaneau, nos foi concedido o Teatro Municipal de São Paulo". Prosseguindo, Buonfiglio faz questão de divulgar a aparelhagem dos dois grupos, que funcionarão a todo vapor na homenagem aos Beatles referindo-se também às pessoas recrutadas para acioná-la: teclados, órgão hamond, mini moog, mini korg, khodes, stein-way piano, hohner strings e órgão solina; guitarras; fender, stracocaster, rickenbacker, danecectro, sitar, pedal steel e showbud; contrabaixos: rickenbacker, fender, stratosonil e violino e mais 8 amplificadores, 4 caixas para guitarras, 4 caixas para contrabaixo, 34 microfones, 8 tweeters, 3 mesas de som, 3 operadores de som, 2 equipes para iluminação, dezenas de spots, canhões, 8 montadores etc. Segundo ele, "nunca teve tanta aparelhagem no palco no Teatro Municipal de São Paulo".

A abertura do show caberá aos Mutantes, que executarão as seguintes músicas: *Anjos do Sul, Benvindos-Mistérios, Trem, Dança dos Ventos, Sagitários, Esquizofrenia, Rio de Janeiro, Loucura Pouca é Bobagem, Hey Tu, Rock'n Roll Baby, Tudo Explodindo* e *Grand Finale*. A seguir, O Terço executará as músicas de seu segundo LP, *Casa Encantada: Flor de La Noche I, Luz de Vela, Guitarras, Foi Quando Vi Aquela Lua Passar, Sentinela do Abismo, Flor de La Noche II, Casa Encantada, Cabala, Solaris, Vôo da Fênix* e *Pássaro*. A homenagem que será prestada pelos dois conjuntos aos Beatles, terá caráter de retrospectiva da carreira dos quatro músicas de Liverpool. Entre as músicas selecionadas, poderão ser ouvidas *She Loves You, Help!, Lady Madona, Magical Mistery Tour, Come Togheter, Something* e *Yesterday*, entre outras.

Como Nos Velhos Tempos estréia amanhã às 21:00 horas, sendo que o espetáculo será repetido na sexta-feira no mesmo horário. Sábado e domingo, havera duas sessões: às 21:00 e 23:00 horas e às 18:00 e 21:00 horas, respectivamente. Quem for ver Mutantes e O Terço, vai pagar os seguintes preços pelos ingressos: Cr$ 50 (poltrona e balcão nobre), Cr$ 40 (balcão simples e foyer), Cr$ 20 (galeria) e Cr$ 10 (anfiteatro). O show fica em cartaz até domingo.

09/02/77

Jornal 1975

John Lennon—Walls and Bridges (Apple)
Rating: two ears

John Lennon has a most peculiar sense of humor, in one song turning "Scarred" into scarred, quoting himself ("You do it so **well, well, well!**") and spewing out song titles by Dylan ("Like A Rolling Stone") Sly ("Dance to the Music") and the Who ("Heaven & Hell"). To complicate matters, in "#9 Dream" he does a George Harrison bit that's classic, and he verbally kicks ass on Allen Klein in "Steel and Glass." If John Lennon doesn't have an acute sense of self-awareness, then I don't know what keeps him going. But Lennon is a gifted musician, and he knows what makes a song move. He'll take what's basically a weak song and pump life into it via tasteful arrangements, and he still loves his rock 'n roll – as "Whatever Gets You Through the Night" proves conclusively. Yet this album isn't much of a step forward musically or lyrically. Lennon, except for towards writing semidetached, multi-faceted works of disjointedness. The only thing that holds the songs together is Lennon's studio prowess and ability to make musical sense out of bits and pieces. I like it, yes, but I wish that Lennon could kick out these jams and make an album of cohesive songs.



Big Boy

SHOW
CRÍTICA

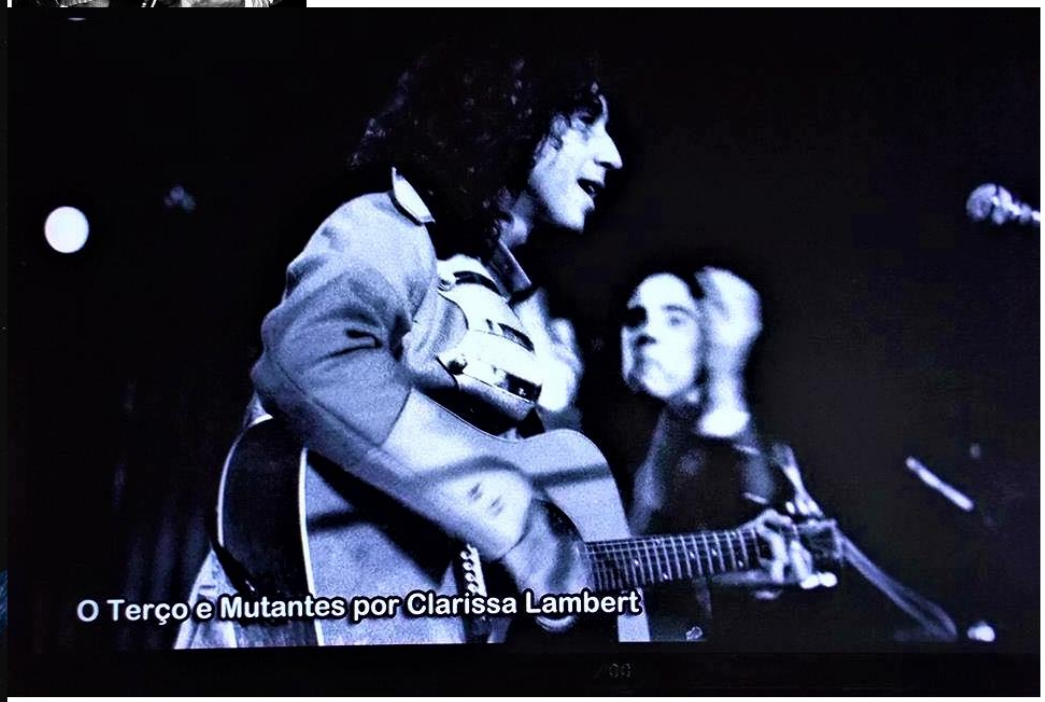




TERÇO, MUTANTES, BEATLES: VAMOS REPETIR A DOSE?






O Terço e Mutantes por Clarissa Lambert

O PALCO, OS MUTANTES E O TERÇO HOMENAGEIAM OS BEATLES (1977)

24 DE ABRIL DE 1977

BEATLES AO VIVO EM DISCO E NO PALCO

texto de mário pazcheco
revisão de roberto gicello
assessoria de dado nunes
fotos de clarissa lambert

Eu farei o possível e o impossível para relembrar essa loucura

• Naquele domingo, compramos o jornal e, antes de sujar os dedos nas páginas de esporte e de bandoleirismo explícito, folheamos o caderno de aluguel de imóveis. Mudaríamos para as QNJ de Taguatinga. Depois, sim, eu retirei da edição os nomes das escalações dos jogadores de futebol e colei extasiado nos botões. Inocente, puro e besta, ainda passeando pelo jornal, li uma nota sobre o show dos Mutantes na ACBB. Eu queria muito ter ido ao show (deles e d'O Terço). Alguém me levou – o milagre aconteceu.

Populares entre a garotada brasileira, "Os Mutantes" em **1977** eram tão famosos como Beatles.

Desafiando uma remota possibilidade, Brasília teve o privilégio de assistir aos Beatles ressurrectos pelos Mutantes e pelo O Terço. A cidade (que ainda não se tornara a capital do rock nacional, mas já era extorquida pelo frêmito de guitarras e baterias) retribuiu o regalo de forma escalafobética e alucinada, dançando o tempo todo da apresentação – uma manifestação apoteótica e talvez somente vista nesse concerto (inusitadamente realizado em ginásio coberto, como bailinhos dançantes de formatura de ensino médio).

No Ginásio da AABB a febre da Beatlemania – ainda inflamada na memória coletiva daquela geração – foi mais do que comprovada. Não há registro de uma apresentação de qualquer artista (ou grupo) em Brasília que tenha conseguido mexer tanto com o público. Do início ao fim do espetáculo, o ginásio inteiro suou, suingou, saracoteou e guardou lembranças indeléveis para gastar nos duros dias das idades avançadas. Nas arquibancadas, nas galerias e na quadra, a meninada botava os bichos pra fora dançando freneticamente.

MUTANTES
Sérgio Dias, guitarra Fender
Paul de Castro, contrabaixo Giannini Jazz Bass
Rui Motta, bateria Ludwig dupla
Luciano Alves, Mini Moog, Mini Korg, pedais

Primeiro os Mutantes fizeram o show cantando e tocando músicas do seu último disco (Ao Vivo) e algumas composições novas. Como Sérgio Hinds foi acometido por uma febre altíssima momentos antes da apresentação e teve de ser levado às pressas para o hospital, o público não pode curtir o som do conjunto carioca isoladamente. Deste modo, a segunda parte do show foi consagrada a um magnificente tributo em homenagem aos Beatles, com os Mutantes e o Terço em parceria transcendental.

O TERÇO

Flávio Venturini, Rhodes Fender
Sérgio Magrão, Fender Jazz Bass
Luiz Moreno, bateria Ludwig dupla

O bombardeio começou com “She Loves You”, “Day Tripper”, “Yesterday”, “Help!”. Em “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts CB”, as fardas do Sargento Pimenta luziam, e o show seguiu pela toada de "Magical Mystery Tour" e outros grandes sucessos dos Cavaleiros de Sua Majestade.

Momento em que Flávio Venturini canta 'Yesterday', acompanhado pelo violão de Sérgio Dias!

Na sinestesia de mundos e épocas, muito provavelmente os dois grupos avistaram, desde o palco, os alaridos coloridos da plateia aloucada, magnetizada pelo apelo do “Get back, get back / To where you once belonged...” – magia presente e exuberante no solo de Sérgio Dias. A audiência, privilegiada, redimiu-se por alguns minutos de meteórica introspecção ao vocal solo de Flávio Venturini em “Let It Be”. Incrível! “Uma loucura!”, como observou uma menininha (destas que os frangotes chamam de “gatinha”) que dançava como se não houvesse amanhã.

Os Mutantes e o Terço fizeram o Ginásio da AABB viver um autêntico happening, talvez o último destas grandes bandas. O final apoteótico, com todo mundo cantando, dançando, batendo palmas, assoviando gritando e se manifestando de outras maneiras menos convencionais, aconteceu com os dois grupos atacando de “Hey Jude”, uma das composições mais bonitas dos Beatles. Para todos, valeu a pena ter ido à AABB para ver Como Nos Bons Tempos. Histeria coletiva é uma expressão gasta, mas, para efeito imaginativo, confere um quê de verossimilhança ao que se viveu naquela noite brasiliense.

Os grupos brasileiros de rock tiveram seus corações espetados pela cruz da inquisição da crítica nacional – carola e ensimesmada, a cara da classe média botocuda. Num período histórico de resistência, a mídia exercia a incurável patrulha ideológica e se excedia, como se excede tudo que é carente, seja de pão, seja de inspiração. As resenhas do show foram parcas e porcas; a destoante foi a de Irlam Rocha Lima, do Correio Braziliense que se esbaldou, mas não insultou.

Não dá pra saber se os caras da imprensa encangada às gravadoras tinham razão ou propositalmente sabiam no que estavam se metendo. A mídia impressa que depende dos resultados de vendagem de suas edições se afundou num messianismo compulsivo, digo indulgente. E os bons tempos foram embora pra Passárgada. A crítica impiedosa e flibusteira estaria certa? Era justo seu veredito sentenciando aquela linha melódica progressista à morte natural? Percebe-se que seus críticos de plantão não apuraram os ouvidos com suficiente interesse quando escutaram os novos discos, os quais mostravam revelavam, se não um triunfal, pelo menos um obstinado retorno ao campo minado de suas escolhas estéticas.

Essa mídia teria sentido os tremores do punk-rock ou o sismógrafo estava escangalhado e seus ponteiros tortos viraram mais um item da coleção de desafetos interessados em dividir o palco com seuS ídolos?

Em Brasília, o público se impressionou com a espuma colorida flutuante, suspensa em frente ao palco e com o calibre dos decibéis. Não estavam interessados nas colunas

de jornais, mas na interpretação de Sérgio Dias, cantando “Lady Madonna” e de “Penny Lane” com o coração e demais músculos.

Em Brasília, não houve um corpo de policiais ostensivamente enviados para garantir o clima de paz e amor. Não houve ingressos com preços pra todo gosto nem cadeiras numeradas revestidas de veludo.

Sintomaticamente, na capital federal, tudo voou pelos ares, num distúrbio dissipado de jovens apocalípticos, desintegrados. Foi proibido proibir numa sucessão de excessos. Pulou-se, dançou-se, fumou-se – sem depredação. E muitos doidos e inebriados voltaram para casa, para ouvir mais Beatles. Tudo só iê-iê-iê e adrenalina.

SINCRETISMO

Pelas calçadas dos teatros em Londres ou Nova Iorque, cartazes estampavam o espetáculo Beatlemania. Uma peça que conduzia o público ao chororô, ao histerismo, ao êxtase e a total entrega aos quatro cabeludos de Liverpool. Na verdade, eram bandas meia-boca sem as virtudes e o virtuosismo de um Mutantes ou O Terço. Apresentações onde reluziam coberturas de plástico, em filmes de perucas falsas projetados sobre nossas cabeças. O Brasil seguiu no vácuo dessa nostalgia, economizando dólares com uma produção caseira – em brilho, digna do Municipal –, mas aquém do furor cosmogônico das grandes plateias.

BEATLES VERSUS 17.000 PULMÕES JOVENS

Acabado, o espetáculo Como Nos Bons Tempos, o show deve continuar: basta colocar na vitrola o recém-lançado LP *THE BEATLES AT THE HOLLYWOOD BOWL*, o primeiro e único disco oficial de gravações ao vivo do grupo em concerto. O problema é que o fato de ser oficial não ajuda muito na qualidade técnica do som, o qual, em última análise, prejudica o resultado final do que é mais importante: a música (e a musicalidade).

Gravados em duas oportunidades – **23 DE AGOSTO DE 1964** e **30 DE AGOSTO DE 1965** – o LP capta imperturbavelmente a Beatlemania no apogeu: menininhas desmaiando, as histerias e convulsões, gritos agudos e lágrimas em torrentes de paixão. Esse gênero de coisas significa muito barulho e pouca música. E, em que pesem os esforços do produtor George Martin e do engenheiro de remixagem, Geoff Emerick, quem quiser realmente ouvir o som dos Beatles no disco acaba ficando na mão. Pouco adiantou o experiente George Martin reclamar da posição dos microfones mais direcionados para captar a plateia.

Doze anos depois, Martin trata logo de se justificar na contracapa do LP: “Para falar francamente, eu não era favorável à gravação do concerto. Tinha certeza que não poderia ficar tão boa quanto as que fazíamos no estúdio, mas resolvemos tentar assim mesmo. Tecnicamente os resultados foram desapontadores, as condições de trabalho dos engenheiros foram extremamente difíceis. O caos – quase posso dizer pânico – que reinava nesses concertos era inacreditável, a menos que você estivesse lá. Os gritos incessantes de **17.000** pulmões jovens e saudáveis tornariam inaudível até mesmo um avião a jato”.

De uma forma ou de outra, *THE BEATLES AT THE HOLLYWOOD BOWL* funciona como documento de uma época das mais interessantes do quarteto – aquela em que eles curtiam ao máximo a condição de superestrelas e em que ainda eram considerados o suprassumo do conjunto popular, que buscava realmente o contato com o público. Pelo disco, você ouve e percebe que eram rocks que faziam a cabeça

da garotada sem grandes macetes, como "Twist And Shout", "Dizzy Miss Lizzy", "Boys", "Roll Over Beethoven", "Long Tall Sally", ao lado de canções um pouquinho mais sofisticadas da dupla Lennon & McCartney, como "Ticket To Ride", "Help!", "All My Loving", "Things We Said".

PARCIALMENTE INÉDITO

A legião de beatlemaníacos que batia ponto na porta das importadoras, desde **1973**, conhecia o show do Hollywood Bowl de **1964**. E o maior feito do DJ Big Boy foi lançar pela etiqueta Napoleon, no Brasil, o LP And The Beatles Were Born, com apenas um lado da gravação pirata do show de **1964**. Foi o primeiro disco pirata nacional. Nele escutam-se até algumas falas cortadas do lançamento oficial. E o mais engraçado é que a matriz desse pirata pertenceu a algum dos quatro Beatles que, separadamente, ganhou uma copia da apresentação gravada pela Capitol, o selo americano que distribuía os discos da banda nos Estados Unidos.

THE BEATLES AT THE HOLLYWOOD BOWL é recomendável, portanto, a todos os fãs doentios e àqueles que desejem conhecer o clima de ouriço de um concerto no **INÍCIO DOS LOUQUÉRRIMOS 60s**.



PAPA POLUIÇÃO ESTRÉIA SHOW

Está marcada para o mês que vem a estréia do próximo show do grupo Papa Poluição. O espetáculo vai se chamar *Tem Água em Marte* e, a exemplo dos anteriores, deve manter o clima de ironia e bom humor que sempre caracterizou o conjunto. O último show dos rapazes do Papa *(Adote um Artista)* foi apresentado em São Paulo, durante os últimos meses de 76, com excelente aceitação. Em vez de concentrarem toda sua força numa temporada longa em um único teatro, eles preferiram diversificar ao máximo seu trabalho. E acabaram se apresentando em clubes, bairros periféricos, colégios e, até, num convento e numa estação do metrô. Ao final, todos os músicos concordavam que a experiência havia sido excelente.



Pra quem ainda não sabe, o grupo paulista Papa Poluição (foto acima) foi considerado uma das melhores revelações musicais de 76. O segredo? Apenas um trabalho profissional dos mais corretos, cheio de ironia e bom humor.



Disposto a tocar pra frente a sua caótica, meteórica, conturbada e — acima de tudo — brilhante carreira, os rapazes do grupo paulista Papa Poluição estão com novo show pelo Brasil. O espetáculo chama-se *Projeto Blue Cap's* e, como os anteriores, se propõe a reciclar e devolver ao público tudo o que os músicos da banda andam olhando e observando por aí. Fique ligado no trabalho do Papa, que é um dos mais criativos que têm pintado!

Papa Poluição

Papa Poluição/Vímana

*Veludo em **1977**...*

● Formado a partir do Festival Abertura, o grupo Papa Poluição tem Tiago Araripe (vocal), Paulinho da Costa (guitarra), José Luiz Pena (base e vocal), Chico Carlos (bateria), Roberto Carrera (percussão) e Marucco (baixo). O nome do grupo vem da disposição de "engolir todos os detritos, as barras leves e pesadas da música".

★★★★★★★★★★★★

VÍMANA GRAVANDO A PLENO

Numa co-produção com o Studio Level, o Vímana está concluindo a gravação de seu primeiro LP, que deverá ser lançado pela Som Livre. Em seguida, o tecladista Luis Paulo e o flautista Ritchie Court embarcarão pra Londres e N. York. Os objetivos da viagem são comprar novos equipamentos de som quadrafônico (o lance do momento) e curtir shows de alguns superstars do rock americano e londrino. Que é pra ficar sempre bem antenado.



VELUDO

Teatro Tereza Rachel 1977



X

O que precisa ser dito é que as grandes forças do grupo são mesmo Nelsinho e Ari Mendes. O primeiro está simplesmente esporrante, louco, diabólico – arrojando uma técnica fantástica

O segundo, além de ser bastante desinibido no palco, faz misérias e cospe fogo à guitarra. Quer queiram ou não queiram; estamos diante de um dos melhores guitarristas do Brasil.

Ezequiel Neves



corajoso que, apesar de tudo,
continua batalhando o sucesso.



SOM NOSSO, UMA HISTÓRIA DIGNA DO ROCK BRASILEIRO

Depois de duas horas de espera por Dino Vicente, um dos tecladistas do Som Nosso de Cada Dia, foi possível iniciar a longa e divertida entrevista com o grupo. Até então, aguardava-se a chegada de Dino, que, ao contrário do que supunha a reportagem de POP, estava em Itaparica, Bahia, a muitos quilômetros do local do encontro — a ampla e sossegada residência do início da rodovia Raposo Tavares, em São Paulo.

Tudo seria normal, não fosse a excessiva tranqüilidade do grupo, esperando o companheiro como se ele estivesse a poucos minutos dali. Aliás, um certo desligamento e o acaso têm marcado profundamente a história deste conjunto (não assumido) de rock brasileiro, que agora, passados cinco anos desde seu nascimento, lança o segundo LP, provando que teimosia também é um bom negócio. A história do grupo deve ser dividida em três etapas, para um mínimo de entendimento por parte dos leitores, que, do contrário, se perderiam em meio a tantas aventuras e desventuras vividas pelos meninos do Som Nosso. Tudo começou quando Manito, ex-Incríveis, tentou partir para um esquema diferente, fundando uma banda de 12 músicos, o Bloco Barbala, para tocar exclusivamente em bailes, grupo que reunia desde músicos de conjuntos do interior de São Paulo até acadêmicas figuras vinculadas à Ordem dos Músicos. Nesta primeira fase de trabalho, o que menos se fez foi, exatamente, trabalhar.

Segundo Pedrinho, que está no Som Nosso até hoje, era impossível marcar um ensaio contando com a presença de todos. A solução, então (1973) foi reduzir a banda para um quinteto, batizado com o nome de Zapata. De saída, o quinteto teve problemas — falta de organização, linha musical indefinida, inexistência de empresário. Resultado: fracasso total, que acabou transformando o quinteto em trio, já com nome de Som Nosso de Cada Dia. "O trio era formado por Pedrinho, Manito e eu", conta Pedrão. "Quando começamos a nos apresentar, não havia a mínima previsão de público; optamos por um tipo de música totalmente aleatória, com toques de eruditismo, fora do esquema comercial. Ao mesmo tempo em que a crítica musical caía de pau em cima da gente, fazíamos sucesso em colégios da cidade de Itapevi, interior de São Paulo. Não dava pra entender nada..." E, de repente, surgiu a grande oportunidade: o Som Nosso era convidado a abrir todas as apresentações de Alice Cooper no Brasil. Mas, depois de algum tempo, Manito deixou o grupo e o Som Nosso partiu para sua segunda etapa, com as participações de Egídio na guitarra e Tuca nos teclados. Mesmo com um LP gravado *(Snegs)*, as desventuras continuaram. "Fizemos uma excursão por vários estados", conta Pedrão, "e depois de uma infinidade de shows, tivemos um prejuízo de Cr$ 180.000,00. Além de problemas com a divulgação do disco, que vendeu apenas seis mil cópias, a grande derrocada do Som Nosso, nessa segunda fase, deu-se em conseqüência do então empresário do grupo." É Paulinho (ex-Tutti-Frutti) quem lembra o que aconteceu na época: "Quem cuidava dos negócios era Butica, um cara puro, de bom coração e muita sensibilidade, que preferia resolver tudo na base do papo, sem contratos assinados. Não dava outra: muitas vezes, quando chegávamos para fazer um show, o contratante sequer se lembrava do nome do grupo. Mesmo assim, Butica deixou muita saudade." Agora, em sua terceira fase, com o segundo LP pronto, pela CBS, o Som Nosso parte para um trabalho aberto, uma mistura de jazz, rock e música latino-americana — que Pedrão chama de *funk* —, numa tentativa de atingir mais o público jovem, e afastar-se do rótulo "rock brasileiro", que o grupo considera maldito. Nos planos de Pedrinho, bateria; Pedrão, baixo; Paulo Maurício e Dino Vicente, teclados, estão a já confirmada apresentação com Rita Lee, em junho, e a gravação de um LP nos EUA, pela CBS americana.

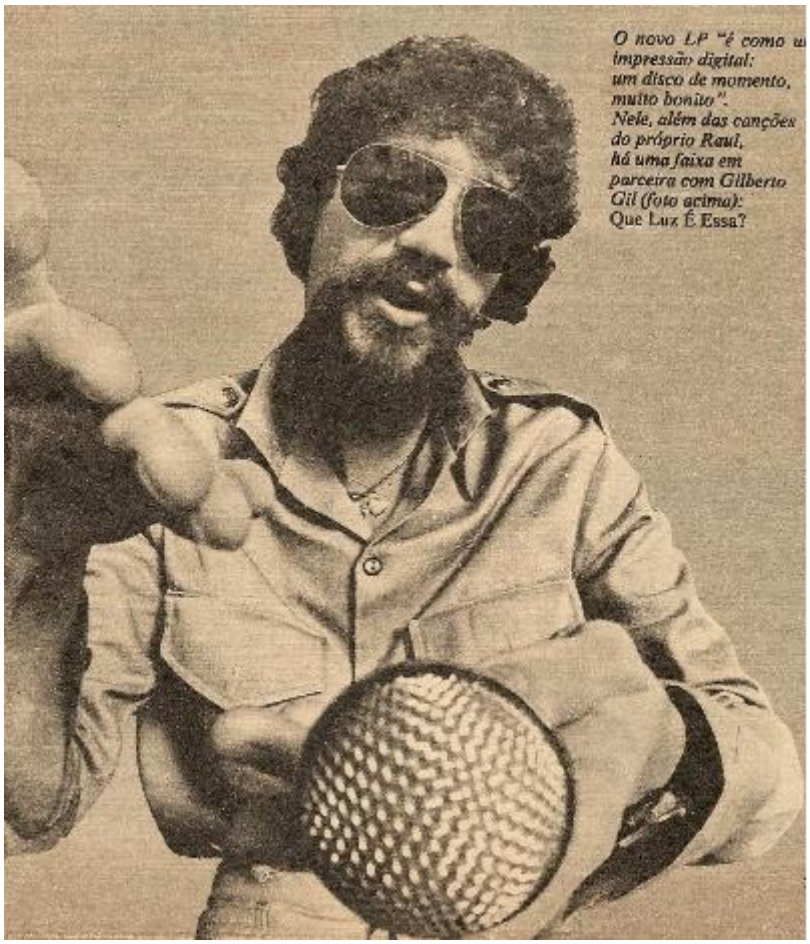
SOM NOSSO: NOVO LP

Vem aí mais um LP do Som Nosso de Cada Dia. O grupo já está gravando nos estúdios da Continental, em São Paulo, com sua atual formação: Tuca nos teclados, Egídio na guitarra, Pedrão no baixo e viola, Pedrinho na bateria. Entre as músicas do disco estão *Água Limpa, Rajada Runaway, Zig-Frutz* e *Na Virada da Vida*, todas com letras do poeta Paulinho Machado, o Capitão Foguete. O disco, ainda sem título, estará nas lojas no começo do segundo semestre. Logo depois, o Som Nosso de Cada Dia volta para a estrada, correndo o país.

SOM NOSSO: VEM AÍ O SEGUNDO LP

Oitenta horas de gravação e 70 000 cruzeiros foram gastos pelo Som Nosso de Cada Dia na fita de seu próximo LP, que vai sair em dezembro pela Continental. Pra descansar do trabalho, que atravessou dias e noites, Pedrão, Pedrinho, Tuca e Egídio saíram em excursão pelo Rio (a temporada, curta, no Terezão, foi um sucesso), Brasília e Goiânia, e agora, em novembro, voltam aos estúdios da Vice-Versa para mixar a fita. "Esse segundo disco", dizem eles, "vai confirmar nossa barra."

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆



1978

RAUL FAZ A TERRA PARAR!

HITPOP – Fale sobre seu novo disco.

RAUL – *O DIA EM QUE A TERRA PAROU* são momentos, é um estágio dentro da vida. Foi um sonho que eu tive. De repente, acordei e fiquei chateado. No meu sonho, a concepção do disco estava prontinha, a capa, todas as faixas, o disco todo feito. Eu acordei sem querer – aí, consegui dormir de novo pra continuar o sonho e fiquei num estado em que eu não sabia o que era sonho ou realidade. Aí pintou essa música, O Dia Em Que A Terra Parou.

HITPOP – Com esse disco, você continua na linha do rock?

Raul – Eu não colocaria assim: é de rock. Não tem ritmo. Eu não sou cantor. Eu não sei rotular. Eu acho que este é um disco de momento, muito bonito, sabe? Não, você não sabe... Claro que você não sabe! Um disco tipo “vamos botar a impressão digital aqui”. É a diferença fundamental entre ele e os anteriores. Além do que, eu não sou mais a mesma pessoa que era há dois minutos. É tudo mentira o que eu disse a você agora mesmo. É tudo mentira, mas mentira mesmo.

Estou botando minha maluquez na direção de coisas mais objetivas e concretas mesmo.

HITPOP – Mas você falou em sonho...

Raul – É o seguinte: *O DIA EM QUE A TERRA PAROU* é um sonho que eu quero que se torne realidade. Antes de morrer eu quero um minuto só, um segundo que seja, pra viver nesse mundo que eu penso. Esse mundo de maluco beleza... Eu sou muito maluco, mas um maluco careta. Eu sou muito mais maluco que meu pai. “O Dia Em Que A Terra Parou” é o que eu quero viver num minuto d aminha vida. Depois, estou satisfeito.

HITPOP – Por que você passou tanto tempo fora dos palcos?

Raul – Foi um afastamento necessário. Eu sou um cientista. Você sabia que eu sou formado em filosofia? Sou professor de filosofia pura, com epistemologia e tudo. Eu vim para o Rio só pra tratar de metafísica, já pensou? Fiquei e botei no baú, do baú

tirei essa metafísica toda que tai nas faixas de disco. Então, o que eu tenho que dizer está aí, está no disco mesmo. Eu despareci por que estava cozinhando este disco. Eu sou cientista (...) texto truncado...

HITPOP – E o público?

Raul – Me irrita. Sabe por quê? Público é um troço engraçadamente antagônico, engraçadamente triste, porque paga para se divertir ou pedir explicação de uma coisa. Por isso que não vou a show nenhum. Eu fico em casa, estou comigo e sei o que estou fazendo. Tudo bem. Agora, a pessoa pagar para se divertir é porque existe a não-diversão...

HITPOP – Mas quando as pessoas vão assistir Raul Seixas, elas vão esperando alguma coisa mais que diversão...

Raul – Não. Eles vão mendigando. Mas acontece que não existem caminhos, cada um cria o seu próprio. Eu fico ali naquela, no palco, só olhando, achando engraçado e pensando – "Pô, tanta gente só pra me ver cantar". É engraçado, né?

HITPOP – Você não acha que as pessoas que vão a um teatro esperam doa rtista, cada vez mais, uma coisa diferente do que uma simples diversão?

Raul – Na minha opinião particular, eles não pedem: a coisa já está sendo feita, está no ar, você está sentindo o cheiro, como uma coisa nova. Você não pode acender cigarro com cinzeiro. Você não pode tocar contrabaixo como violão. O novo já está aí na sua frente. Aquele negócio do Krishnamurti: "Só pode ver o novo quem tem olho novo". Agora tem isso aqui que é muito bonito: "Até essa época Krishnamurti tinha uma verdade a descobrir. Já em **1922**, ele tomou a consciência de que não devia conhecer esse fim, mas ser esse fim". A busca da verdade, então, seria se transformar na verdade. Quando se procura a verdade, a gente traz o reflexo dela sobre o rosto. Quando a gente se torna a verdade, não a reflete mais. Isso é bonito demais.

HITPOP – lançado o disco, quais são os seus planos?

Raul – Pretendo fazer shows em São Paulo (no Teatro Bandeirantes*), em dezembro, e no Rio de Janeiro (Teatro Tereza Raquel**), em janeiro.

HITPOP – Por que você ficou esses quatro anos fora dos palcos?

Raul– Não, eu não estava fora. Tenho **32 ANOS** de televisão em cima de mim. Desde que nasci tinha uma grande câmera de televisão em cima de mim, me filmando o dia inteiro. Nunca parava. E ela está agora mesmo, aqui, filmando essa nossa cena fantástica. Eu não estou fora do palco – estou afastado preparando mais um chiclete, mais uma bomba científica pra jogar e ver a reação. Enquanto essa tempestade arrebenta lá fora, eu quero ver as pessoas entrarem e olhar para os olhos delas. Eu gosto de inverter, de bota r o microfone ao contrário. Lógico: por que sempre eu no palco? Na Bahia eu consegui que todo mundo subisse no palco e desci pra plateia, para assistir o show do público. Fiquei sozinho vendo todo mundo cantar. Foi o maior barato.

HITPOP – Faz tempo que você não faz televisão, não é?

Raul – Eu gosto muito de fazer televisão porque é tipo laboratório. É tipo fazer bomba e jogar. Adoro fazer televisão.

HITPOP – Dizem que você curte surf. É verdade?

Raul – Eu adoro surfista. Eu tô com **32 ANOS** e sou de uma geração tipo sanduíche – de um lado o pós-guerra, de outro o surf. Pranchas, parafina, corpo dourado... Eu fico com vergonha de passar parafina nos cabelos, mas deixa eles lá. Eu deixo você ser, eles me deixam ser. Isso é respeito. É deixar eles surfarem, deixar eu aqui dentro de casa criando cientificamente minhas bombas e jogando pra fora. Eles têm todo o meu respeito. Eu adoro meu pai, acho ele o maior barato.



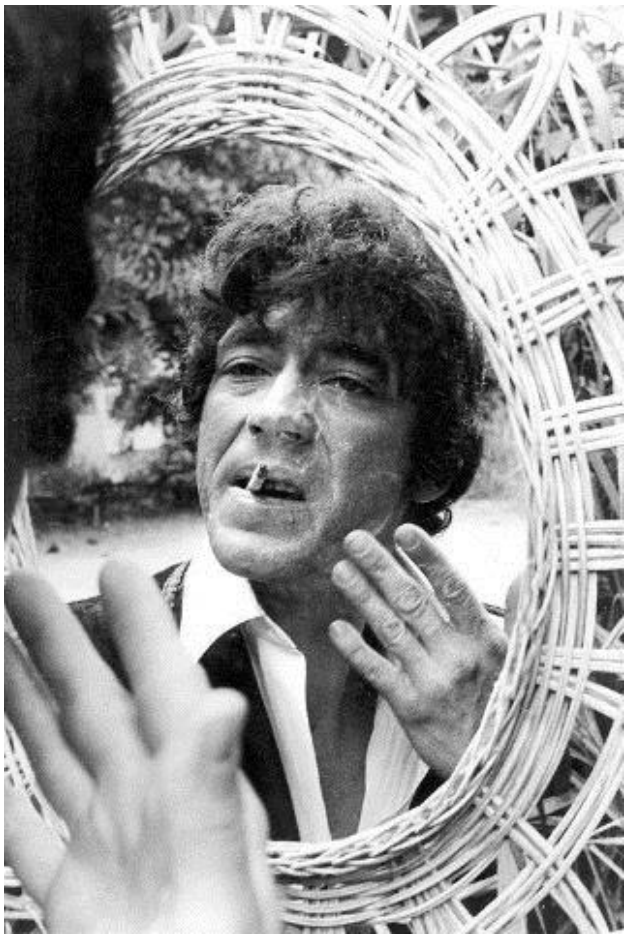
Direto do jornalzinho HITPOP da revista POP em JANEIRO / 1978! Sem o nome do entrevistador. Em contrapartida preservada a essência e adicionada outras informações...

***Novembro Dia 22 – Show de lançamento do álbum *O DIA EM QUE A TERRA PAROU*, no Teatro Bandeirantes, em São Paulo.**
****Janeiro – Dias 18 a 22 – Show de lançamento do disco *O DIA EM QUE A TERRA PAROU* no Teatro Tereza Raquel, Rio.**
*****Fonte: Gente do Século Raul Seixas biografia Editora Três –**
Pesquisa, texto e edição: Regina Echeverria

© Foto de Guina Ramos. Raul Seixas e sua filha Scarlet. Rio de Janeiro, **1978**.



Esta rara fotografia de autoria de Guina Ramos foi publicada em uma matéria da revista Sétimo Céu, em **1978**. “Raulzito está sentado dentro do berço da filha Scarlet, com ela no seu pescoço, ambos vestindo pijamas. Não me pergunte como cheguei a esta foto, não lembro, mas acho que não participei da ‘produção’, foi id eia dele mesmo”, afirma Guina. A foto compõe o livro *BONECOS E PRETINHAS*, que será lançado neste domingo, dia 26/11 (das 10h ás 16h), na Feira Cultural da Fotografia, nos jardins do Museu da República, no bairro do Catete, no Rio de Janeiro. (**FERNANDO RABELO, 24 DE NOVEMBRO DE 2017**)



Arnaldo e Patrulha do Espaço

EM CONCERTO

JUNIOR: bateria — COQUINHO: baixo

DUDU: guitarra

DIAS 12 - 13 - 14 - MAIO 78

Sexta - Sabado - Domingo

AS 21,00 HORAS

Teatro São Pedro

Rua Albuquerque Lins, 171 - B. Funda

Preço Único Cr$ 30,00

Promoção: Secret. de Cult., Ciênc. e Tecnol. do Governo do Estado de São Paulo

Distribuição Interna



SHOWS

A volta dos Mutantes?

No fim de maio, apresentava-se no Palácio do Anhembi — onde normalmente são mostrados shows de gala — o que restou dos Mutantes. O grupo, ainda liderado pelo virtuoso guitarrista Serginho Baptista, iria apresentar-se para mostrar um trabalho que, teoricamente, teria sido aprimorado na Europa, onde os integrantes estiveram por um semestre inteiro.

No palco, também a presença de Arnaldo Baptista, ex-Mutante, que abriria o show, apresentando algumas composições suas e outras dos bons tempos do grupo — formado, na época, pelos irmãos Baptista e a corista Ritta Lee, quando ainda existia o bom humor e a moçada dançava e esquecia as grandes estrelas internacionais. E foi ele quem, realmente, acabou se transformando na figura central do show. Suas faixas são excelentes, as letras (extraídas do seu elepê solo "Loqui") são poéticas e criativas, embora com muita técnica. Arnaldo toca piano clássico com muita segurança dosando muito bem o erudito ao pop, exatamente o que seu irmão Serginho não sabe fazer.

Aliás, é preciso salientar que Arnaldo, em sua tentativa de reviver o rock'n' roll, junto ao conjunto Patrulha do Espaço, está satirizando seu passado, pois os integrantes deste grupo são alguma coisa aquém do medíocre, salvando-se apenas o baterista, ex-Made in Brazil.

Em relação aos Mutantes, já não há muito a comentar. Na realidade, embora tenha sido o melhor grupo do Brasil, hoje vive em prestação ao rock clássico, tendo por gurus o Yes, a Mahavishnu, o ELP e o Pink Floyd, numa atitude semelhante a várias centenas de grupos pelo mundo inteiro. Aliás, esta foi uma das razões do estrondoso fracasso em sua excursão pela Europa, mais especificamente na Itália. Lá também existem conjuntos que se baseiam nas criações destes ingleses, por isso, mais um deles não teria receptividade alguma. E foi o que aconteceu, num país que conta com o excelente Premiata Fornieri Marconi, que também pende a este estilo, mas com alguma personalidade a mais.

O show, para poder alongar-se e não mostrar a falta de repertório, caiu no velho chavão do revival, lugar comum para justificar os Cr$150,00 pagos pelo público, para ouvir o que já havia sido apresentado no show do ano passado. Desta vez, porém, aconteceram algumas modificações no grupo, quando foi substituído o baixista e acrescida a presença de uma moça para fazer o backing vocal — embora tenha ficado absolutamente imóvel enquanto Sérgio alongava seus solos.

Enfim, o velho e já desgastado Mutantes de sempre. Sérgio com suas pretensões a MacLaughlin e suas intenções de ser o guitarrista de maior carisma no palco brasileiro. (RVJ)



WW – Luiz A. Cersósimo

Mutantes: Hoje, prestação ao rock clássico

O CHECK-UP DO SOM

Contando com técnicos especializados e laboratório ultramoderno, a Dynaservice presta serviços de manutenção a equipamentos eletrônicos nacionais e importados

Sintetizadores
Órgãos
Aparelhos de Iluminação
Amplificadores
Mesas de Som
Misturadores
Microfones
Caixas Acústicas
Cornetas e Alto-falantes
Pedais de Efeitos
Câmaras de Eco

DynaService
Assistência Técnica Especializada

R. Mairinque, 70 – Fone: 71-2348
Vila Mariana – São Paulo – CEP 04037

VEJA 62-0219



Baillot, primeiro à esquerda no Cães & Gatos





Curtição para o vovô,
para o papai, para o netinho

CACHO VALDEZ: É O ROCK COM ALMA LATINA!



Por que a chamada "música latino-americana" — tão em moda de uns tempos para cá — nunca trocou o paternalismo dos intelectuais pelo sucesso nas paradas? Ouvindo-se o primeiro LP do antiexemplo Cacho Valdez, a resposta parece clara. O grande público nunca sequer tomou conhecimento da "nova latinidad" musical porque seus autores, compositores e intérpretes nunca souberam adaptá-la à nossa realidade. Sempre tiveram falsos pudores em receber a óbvia influência de outros ritmos, notadamente os estrangeiros. O anti-exemplo Cacho Valdez, no entanto, sempre viu o problema de maneira mais clara, sempre entendeu que é impossível ao homem da cidade digerir a música do campo, quando pura. E o lançamento de seu primeiro LP, **Alma**, *confirma sua destreza na complicada alquimia raízes/realidade. Combinando os ritmos latino-americanos mais saborosos, do tango ao samba, revestindo-os de uma roupagem pop, Cacho chega a criar nova linguagem em termos de música popular. Uma linguagem que pode, facilmente, abrir os caminhos das paradas à música latino-americana, corrigindo as centenas de equívocos que têm sido cometidos em nome de uma suposta e esvaziada "autenticidade cultural". O disco de Cacho, meus amigos, é brilhante! Cacho Valdez, para quem não se lembra, surgiu como guitarrista do grupo argentino Beat Boys, acompanhando Caetano Veloso em* **Alegria, Alegria** *no legendário festival da Record de 1967. Desse modo, seu primeiro contato com o público brasileiro já foi investindo contra os ingênuos puristas da MPB, que na época se escandalizaram com a presença de uma guitarra elétrica em palcos pátrios. Cacho segurava a guitarra...*

Depois da Tropicália, lições aprendidas, Cacho começou a desenvolver seu trabalho solo com muita calma. Viajou exaustivamente pela América Latina, reencontrou-se com seus ex-companheiros de noitadas de tango, pesquisou, viu e aprendeu na cidade e no campo. **Alma**, *sonho antigo, é o resultado da fusão dessas pesquisas com a sensibilidade pop de seu autor. Atualmente, Cacho Valdez anda pelo Brasil apresentando seu show. Se ele passar por sua cidade, não deixe de vê-lo. Afinal, ainda há esperanças de tirar o canto latino da estéril clausura intelectual e levá-lo a quem realmente importa: o povo.*

Angela Dus

NOVOS BAIANOS: ROCK E CARNAVAL



Novos Bahianos, a boa mistura de rock com carnaval.

O carnaval começou solto, no teatro da Fundação Getúlio Vargas (S.P.) no mês passado, no final dos shows que os Novos Bahianos deram para a moçada paulista. A curta temporada serviu para mostrar o novo trabalho dos baianos, agora fixados definitivamente em São Paulo. E a fórmula de Pepeu, Paulinho Boca de Cantor, Baby Consuelo, Bolacha, Baixinho, Jorginho, Didi e Gato Félix é infalível: depois de um bocado de rock, com tempero de samba e chorinho, tudo vira carnaval.



Frederico Morales

Pepeu

Aos 26 anos, o guitarrista e cantor Pepeu Gomes (na verdade, Pedro Aníbal de Oliveira Gomes) cantou para cerca de cinco mil pessoas — sem cobrar nada — na Praça General Osório, no Rio. Era o lançamento de seu novo disco, intitulado *Na Terra a Mais de Mil*, cujas músicas estão sendo apresentadas também em *shows* nos grandes centros do país; semana passada no Teatro Procópio Ferreira, em São Paulo; esta semana no Tereza Rachel, no Rio.

SOM AO AR LIVRE!

Será na Fazenda Campo das Antas, a 5 quilômetros de Poços de Caldas (MG), nos dias 22 e 23 deste mês, o 1.º Encontro Estudantil de Música Brasileira. Além de compositores de cerca de cem escolas, já estão garantidas apresentações especiais de Caetano Veloso, João Bosco, Carlinhos Vergueiro, Belchior, Rita Lee & Tutti Frutti, Meninos de Deus e Novos Baianos. A empresa Phoenix, promotora da transação, garante que haverá ótimas condições de higiene, segurança, camping, alimentação e serviços médicos no local. Portanto, meta o pé na estrada!



Os Novos Baianos comemoraram dez anos de carreira com uma festa privée nos estúdios Eldorado (SP), onde foi gravado o novo LP, *Farol da Barra*.

PEPEU: UMA GUITARRA MÁGICA

Quem acompanha o trabalho dos Novos Baianos, desde 1969, sabe bem quem é Pedro Aníbal de Oliveira Gomes. Só que ele é mais conhecido por seu apelido e por sua guitarra elétrica do que por seu nome de batismo. Ele é Pepeu: o guitarreiro que digeriu o rock, o trio elétrico, o forró, o baião, o blues e o samba, misturando tudo num liquidificador que resultou num estilo único marcante. Depois de dez anos com os Novos Baianos, ele começa agora a sua carreira individual, lançando pela CBS o álbum *Geração do Som*. Chegado de Montreux, onde tocou com Gilberto Gil, Pepeu explica: "Há seis anos eu queria gravar esse disco, mas achava que os Novos Baianos podiam ver isso como uma desfeita, um abandono do grupo. No Brasil, as pessoas não estão acostumadas com isso. Quando um cara que faz parte de um grupo há dez anos parte para a sua, acham que pintou briga, baixo-astral". Mas os Novos Baianos não acabaram nem vão acabar tão cedo: a prova disso é *Farol da Barra*, disco novo pronto a ser lançado pela CBS. Pepeu trabalha com música desde os 13 anos, quando formou seu primeiro conjunto, o The Cat's. Depois de fugir de casa, porque seus pais exigiam que ele cortasse o cabelo, fez parte do Minos, nome também da loja que fornecia as

com os Left's que ele começou a tocar guitarra, grupo que se dissolveu em 69. O resto é história: Pepeu virou a maior atração dos Novos Baianos. Dizem que John McLaughlin foi um dos que piraram com o seu som, quando eles se encontraram em Montreux. A causa disso foi o *Guitarbando*, instrumento inventado por Pepeu, de dois braços, um de guitarra, outro de bandolim. E o resultado é claro. Não é para menos: *Geração do Som* é o melhor disco de guitarra já lançado no Brasil, reunindo o chorinho eletrificado de *Tocando em Frente*, de Renato Teixeira e Almir Sater, totalmente instrumental, salvo alguns vocais de Pepeu. Um disco de maturidade, de beleza, de espera, de fome de música. Só que, se Pepeu fosse fazer de novo o mesmo disco, hoje ele sairia completamente diferente — "porque a cada dia que passa, vejo as coisas de uma forma mais ampla, mais amadurecida. O Gil me disse que eu marquei por não ter cantado no disco. Mas disse também que ao mesmo tempo eu acertei por não ter cantado, porque assim me afirmaria primeiro como músico. Em Montreux, ele falou que eu tinha a liberdade de fazer o que quisesse, de me soltar como quisesse. Foi o que fiz. Mandei ver". Foi o que ele fez também na última noite do Festival de Jazz, em São Paulo. Ele estava lá, seco para completar a apresentação da Banda de Frevo de José Menezes. A guitarra foi para o palco e ficou encostada num dos amplificadores. Mas Pepeu não tocou. Grande parte do público sabia que Pepeu estava lá. Quase todos os Novos Baianos também estavam lá. Pepeu não tocou. Ele estava em algum outro lugar, preso por razões que impediam a sua apresentação. Preso como um leão. Um leão que, durante 28 anos, só quis saber de música, de guitarra. Só falta alguém abrir essa jaula imaginária. Aí sim, então você vai saber quem é mesmo Pepeu. *(José Emílio Rondeau)*



Depois de dez anos com os Novos Baianos, Pepeu solta seu disco individual: *Geração do Som*. O trabalho maduro de um guitarreiro que misturou forró, rock, baião, blues, samba, trio elétrico, num estilo único e marcante.



Junior: do "Made in Brazil" à música funky na Argentina.

Rolando Castelo Junior, ex-baterista do "Made in Brazil", e o argentino Alejandro Medina, ex-baixista do "Som Nosso de Cada Dia", foram para Argentina, se uniram ao guitarrista Norberto "Pappo" Napolitano e formaram o **"Aeroblus"**, um dos grupos de rock mais atuantes de Buenos Aires. Diariamente, lotam o Cine Teatro Premier da capital argentina para mostrar um repertório de rock, blues e música "funky". Com pouco tempo de vida, o Aeroblus já conquistou a juventude argentina, que vibra nas batidas fortes do brasileiro Júnior e nos "vocales" de Pappo e Medina.



CHRISTIANA CARVALHO

Após devastar o interior paulista com seu rock furioso, a Patrulha do Espaço vai atacar agora em Curitiba (15 e 16/11) e Florianópolis (23, 24, 25 e 26/11). Cuidado!







Patrulha do Espaço por Carlos Hyra



NO PAIS DO BAURETZ
Mutantes: Vida de Cachorro, Cantor de Mambo, Dune Buggy, Beijo Exagerado, Balada do Louco, Rua Augusta etc.

um hino da juventude transviada como "Rua Augusta" ou descobrindo insuspeitadas afinidades entre cabeleiras e patriotismo (em "A Hora e a Vez do Cabelo Nascer", que continuou corrosiva apesar das mudanças impostas pela Censura). A faixa-título de quase dez minutos mostra a propensão dos Mutantes pelo rock progressivo, que depois se acentuaria. Exclusividade Baratos Afins (vale a mesma observação de *Mixto Quente*).





SHOWS

0,40 10mil

O ROCK EM
RELA - Terç
nos Velhos T
Teatro Munic

São incrí
reserva o rock
bastassem os e
outro, existem
cas entre grup
um conjunto
frente, surge lo
do e evaporiza
seguido.

São essas
atual formação
saiu, depois fo
apenas Serginh
ticismo e hab
conseguiu mar
grupo. E, junt
verdadeiro ban

O local
quase o Mont
pal. Normalme
reitos apenas
blico seleciona
variadas. Desd
com a acústica
de watts, até r
sentação do "
ras numeradas
panfletos pedi
comportamento
gelo seco, il
parafernália e
palco e um pe
ram os ingred
banquete.

Uma grande paixão que fez crescer a MPB

A influência dos Beatles na música brasileira não foi apenas na Jovem Guarda, como muita gente costuma imaginar. E nem na área rockeira dos Mutantes (de onde veio Rita Lee) e outros afins. Se Roberto Carlos sofreu uma influência direta dos rapazes de Liverpool (até no corte de cabelo e nas músicas que falavam para a juventude), a completa guinada feita pelos Beatles a partir do LP "Revolver" e solidificada em "Sargeant Peper's" fez a cabeça de outros jovens compositores da época (ou futuros compositores), como Milton Nascimento, Beto Guedes, Lô Borges, Fagner, Zé Ramalho e muitos outros nomes hoje famosos. E sua maneira de elaborar uma música, envolvendo-a com arranjos fantásticos para lhe dar uma nova dimensão influenciou muito as criações do chamado Tropicalismo, liderado por Gil, Caetano e Rogério Duprat.

O som dos Beatles, então ainda um conjunto de musiquinhas simples, mas de uma comunicação incrível, nos chegou — em termos de grande público — através do filme "Os Reis do Iê-Iê-Iê", em 1964. O disco com a trilha deste filme que mostrava os quatro rapazes cabeludos às voltas com suas milhares de fãs, era uma aquisição quase que obrigatória e, aos poucos, as pessoas assobiavam ou cantarolavam todas as faixas nas ruas. Os jovens, então, foram colhidos em cheio e aqueles que tocam instrumentos e iniciavam composições começaram a sentir que algo de novo estava nascendo no campo da canção.

Na música popular brasileira, havia um vazio naqueles anos. O samba-canção que só cantava tragédias nunca vividas pelos jovens cedera, a partir de 1958/59, grande espaço para a bossa-nova, que, embora trouxesse algo mais alegre, durou pouco tempo, esgotando-se em si mesma, já que não chegou a ser eminentemente popular. O aparecimento dos Beatles deu-se, portanto, numa época em que a bossa-nova naufragava nos barquinhos e morria de amor e dor, deixando algumas sequelas que surgiam em forma do que se chamou canção de protesto, bastante chatas: os jovens, sem ter nada feito aqui para ouvir, cantar ou tocar, logo se apaixonaram por John, Paul, George e Ringo.

Com tamanho vazio na nossa música (ela só viria a se refazer a partir dos festivais da Record, de 1966 em diante, ano de "A Banda", de Chico e "Disparada", de Vandré), qualquer pessoa poderia imaginar o aparecimento no Brasil de ídolos jovens, falando a linguagem jovem: e foi aí que surgiu Roberto Carlos. Se os Beatles já significavam na época uma revolução de comportamento (muitíssimo acentuada nos anos seguintes) Roberto, dentro do possível, também procurou ser renovador: seu grito de que "tudo o mais vá pro inferno", talvez sem a intenção de ir tão longe, fez com que ele passasse a ser ouvido também pelos maiores de 15 anos e até pelos adultos.

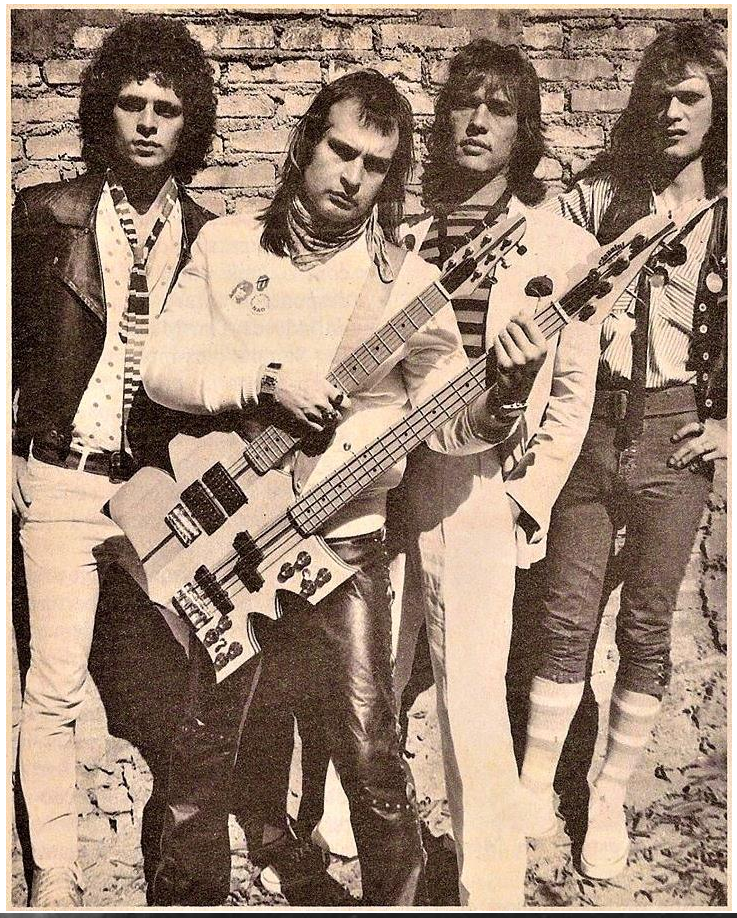
No princípio, a guitarra elétrica foi odiada pelos radicais da MPB (foram muito mais para elas do que para os compositores e intérpretes as vaias dadas à "Domingo no Parque", de Gil, e "Alegria, Alegria" de Caetano, no festival de 67), mas o certo é que aos poucos ela se incorporou à instrumentação normal de nossas músicas. E não só ela, o próprio rock entrou para a MPB, aparecendo, na mais das vezes, disfarçadamente. Se os Beatles influenciaram até o jazz, como não haveriam de influenciar a MPB? Não podemos censurar os nossos jovens por isso: afinal todos eles eram "rapazes que como eu amavam os Beatles e os Rolling Stones". — D.S.



Os Beatles não marcaram apenas grupos como "Os Mutantes", com Rita Lee, durante os anos 60.

F SP 15.12.80 - YOKO PEDE AO MUNDO 10 MINUTOS DE SILÊNCIO

39523
31,1305





Made In Brazil – Formação de **1981** – Tour de lançamento do disco *MINHA VIDA É ROCK ´N' ROLL*, na casa noturna *PAULICEIA DESVAIRADA*" em Sampa.
Foto do acervo da querida amiga e grande fotografa Grace Lagôa.

Na foto: Benny Berger – bateria (RIP), Kim Kehl – guitarra, Oswaldo – vocal e baixo e Celso Vecchione – guitarra.

FOLHA DE S. PAULO
Segunda-feira, 28 de dezembro de 1981.
Ilustra



O "Made in Brazil" foi um dos grupos mais aplaudidos pelo público.



Santana, Dudu Chermont, Rolando e agachado Kim 'Mar Metalico'

Patrulha, ANOS 80, backstage Ginásio do Palmeiras, São Paulo, da esq, Sérgio

Made in Brazil com Dudu Chermont, Oswaldo e Celso Vecchione



A história do Som Nosso confunde-se com a própria história do rock brasileiro, este moleque corajoso batalhando o sucesso.

BRASIL: ROCK DOS ANOS 70, AO VIVO!

DISCO AUTÊNTICO? SÓ OS BOOTLEGS (MÁRIO PAZCHECO)

Grupos

Som de Cada Dia – *BEM NO FIM (AO VIVO)*
Casa Das Máquinas – *AO VIVO. SANTOS **1978***
Mutantes/Arnaldo Baptista, **1978** – CDr

ANTECEDENTES: A INVENÇÃO DO DISCO-PIRATA

Equivalente ao estrondo da invenção da pólvora foi o disco-pirata. De imediato muitos perceberam o raio de ação e exclamaram: – Pronto, furaram o sistema. Está aqui na Rolling Stone. Leia! Um tal de Larry Gutenplan, o inventor, foi preso no Village vendendo um punhado de cópias do bootleg *THE BEST OF 67*, com sucessos dos Beatles, Stones, The Doors e até os Monkees com I'm a beliver. O disquinho custava **1 DÓLAR e 79**.

Ano passado surgiram os primeiros bootlegs em CD de bandas nacionais dos **ANOS 70**, sob a chancela "An Alternative God Production". Será Deus pirateiro? Vendidos em loja.

Pesa o aspecto histórico e a devoção do fã na hora da aquisição. Fortes apelos para "explicar" a necessidade de preencher lacunas.

O que a indústria fonográfica do Primeiro Mundo fez?

Os Beatles foram resgatar faixas inéditas suas em bootlegs, para inseri-las no disco ao vivo da BBC e no projeto *ANTHOLOGY*. Jimi Hendrix, The Doors, King Crimson, The Who estão legalizando seus bootlegs. **EM OUTUBRO DE 2000**, o Pearl Jam resolveu nocautear os piratas lançando 25 bootlegs duplos de uma vez só...

No caso, do artista brasileiro é seguir esse exemplo e preservar um mínimo de recurso aos nossos depauperados roqueiros.

SOM NOSSO, LENDA DIGNA DO ROCK BRASILEIRO

De acordo, com o artigo *SOM NOSSO, UMA HISTÓRIA DIGNA DO ROCK BRASILEIRO*, da revista *POP*, o embrião do Som Nosso, começou em **1973**, quando Manito, ex-Clever, ex-Incríveis, ex-Mutantes, tentou partir para um esquema diferente, fundando uma banda de 12 músicos, o Bloco Barbala, para tocar exclusivamente em bailes, "reunia músicos de conjuntos do interior de São Paulo até acadêmicas figuras vinculadas à Ordem dos Músicos".

Como nunca aconteceu um ensaio com a presença de todos. A banda reduziu-se para um quinteto agora com o nome de Zapata, dessa fracassada tentativa nasce o quarteto Som Nosso De Cada Dia (Pedrinho, bateria; Manito, teclados; Pedrão, voz, contrabaixo e Liminha na guitarra).

A formação desse *BEM NO FIM – **1976*** é Pedrão, Pedrinho, Dino Vicente nos teclados e Egídio Conde na guitarra. Esse bootleg recupera a faixa "Rajada Runaway" com letra do poeta Paulinho Machado, o Capitão Foguete. Faixa incluída com outras composições suas no segundo LP de estúdio do Som Nosso e que nunca foi lançado pela Continental e trazia ainda Tuca nos teclados... Alô, Charles Gavin vamos encontrar esta fita antes...



O Casa das Máquinas em 1977: logo depois do crime, o conjunto se desfez

A gravação do show é ótima e mostra um Som Nosso menos urbano e equilibrado com timbres de música brasileira, antecipando a jornada que os grupos progressistas brasileiros adotariam.

A CASA CAI

Santos, **1978**. Este show da Casa Das Máquinas captura a agonia e a rápida desestruturação da banda. Os membros do grupo estavam sendo chamados de irresponsáveis, arruaceiros, deliquentes. A banda veio de um supershow na Argentina, mas se desfizeram sete meses depois do crime.

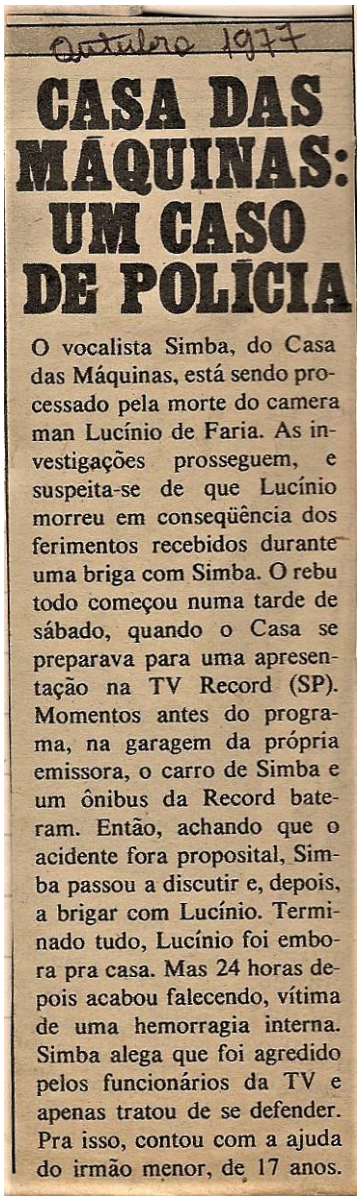
É curioso escutar o vocalista Simbas ao lado da guitarra energética do Pisca, gritando agressivamente, – vamos agitar bando de bundas-moles. É um show de rock. O pessoal daqui da frente não é bunda-mole! Não!

Dizem que existe outro tape com melhor qualidade, já na fila de espera...

Em **1977**, o vocalista Simbas do grupo que o baterista Netinho liderava –, foi o pivô de uma briga na porta da TV Record, que resultou em morte. Falou-se muito do assunto na época.

VERSÃO POPULAR:

Vestido de maneira extravagante, Simbas não se conteve diante dos gracejos que lhe dirigiam algumas pessoas naquela oportunidade. Irritado, partiu para a briga. Um caboman (“muito doente e que não poderia de forma alguma se envolver em brigas”) da Record levou a pior no incidente e morreu dias depois.



Outubro 1977

CASA DAS MÁQUINAS: UM CASO DE POLÍCIA

O vocalista Simba, do Casa das Máquinas, está sendo processado pela morte do camera man Lucínio de Faria. As investigações prosseguem, e suspeita-se de que Lucínio morreu em conseqüência dos ferimentos recebidos durante uma briga com Simba. O rebu todo começou numa tarde de sábado, quando o Casa se preparava para uma apresentação na TV Record (SP). Momentos antes do programa, na garagem da própria emissora, o carro de Simba e um ônibus da Record bateram. Então, achando que o acidente fora proposital, Simba passou a discutir e, depois, a brigar com Lucínio. Terminado tudo, Lucínio foi embora pra casa. Mas 24 horas depois acabou falecendo, vítima de uma hemorragia interna. Simba alega que foi agredido pelos funcionários da TV e apenas tratou de se defender. Pra isso, contou com a ajuda do irmão menor, de 17 anos.

Netinho, que nem sequer estava presente no momento da briga, quase não podia sair às ruas. Por um ano e meio Netinho ficou afastado da vida artística, num sítio em Itapetininga, a 200km de São Paulo. Plantando e cuidando da família...

VERSÃO DOS AUTOS

O rebu todo começou na tarde de **18 DE SETEMBRO DE 1977**, um sábado quando o Casa se preparava para uma apresentação na TV Record (SP). Momento antes do programa, na garagem da própria emissora, o carro de Simbas (Nivaldo Alves Hora) e um ônibus da Record bateram. O motorista João Luís da Silva Filho retirava da garagem um ônibus para gravações externas, auxiliado pelo Câmara Lucínio, que fazia sinais para orientar a movimentação do veículo. Na manobra, o ônibus esbarrou levemente num Opala, de onde saltaram os três músicos, reforçados pelo irmão de Simbas. Então, achando que o acidente fora proposital, Simbas passou a discutir e, depois a brigar com **LUCÍNIO DE FARIA, 35 ANOS, PAI DE CINCO FILHOS**. O grupo começou a agredir João Luís e Lucínio.

Depois de ser espancado no pátio, o franzino Lucínio foi arrastado para um banheiro da emissora, onde continuou o massacre. Ao encerrar-se a surra, ainda recebeu a última ameaça do chefe da segurança da Record, Wadi Gragnani Dini: seria demitido se contasse à polícia sobre a briga na emissora. Espancado, Lucínio foi embora. Em casa, à noite, Lucínio exibiu os ferimentos ao filho Wilson, então com **12 ANOS**, revelou o que ocorrera e explicou que não podia procurar nem a polícia e nem o hospital. Mas no dia seguinte a saúde piorou e ele precisou procurar o Hospital Bartira, em Santo André, onde 24 horas depois acabou falecendo, vítima de rompimento do fígado e duas costelas fraturadas.

Simbas alegou que foi agredido pelos funcionários da TV e apenas tratou de se defender. Pra isso, contou com a ajuda do guitarrista Pisca (Carlos Roberto Piazzoli), Sidney Giraldi e seu irmão menor, de **17 ANOS**, (**NÉLSON LEANDRO HORAS**).

EM MARÇO DE 1983, as testemunhas não se apresentaram e o próprio Wilson (filho de Lucínio) negou que o pai tivesse contado que a agressão fora praticada pelos músicos. Além de explorar essa falha, a defesa dos réus jogou toda a responsabilidade pelos golpes mortais no irmão de Simbas, Nélson, que era menor na época.

Graças a falta de provas, a defesa conseguiu absolver Pisca e Sidney. Simbas, por homícido culposo, foi condenado a um ano de prisão, mas beneficiado com sursis por ser primário. Os três continuaram em liberdade.



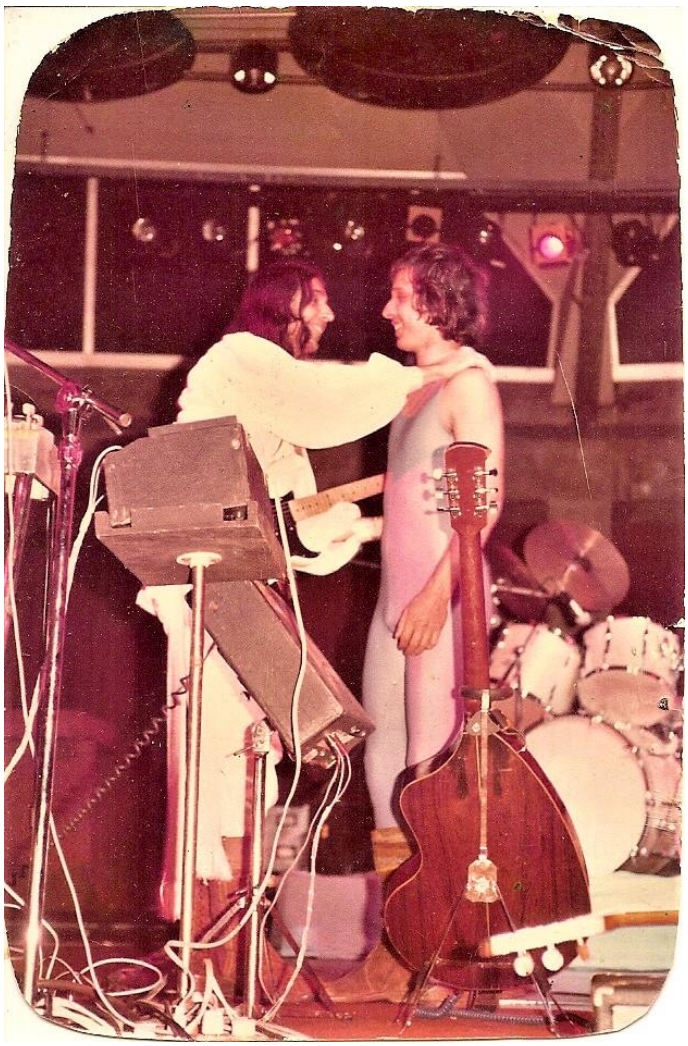
– OLHA O QUE O ARNALDO FAZIA NOS SHOWS DOS MUTANTES!

Ibirapuera. **ÚLTIMO DIA DE MAIO DE 1978**. No tempo do confronto das calças boca-de-sino e das miniblusas, das sandálias melissas e camisetas hangten. Não foi por falta de material inédito e próprio que os Mutantes entraram na onda do Revival. As apresentações dos Mutantes na **DÉCADA DE 70**, sempre foram mágicas. Nessa apresentação no Ibirapuera, os Mutantes resgataram o repertório da primeira fase, trouxeram Betina para os vocais e Arnaldo Baptista para a overture dos shows.

Uma oportuna resistência à moda disco ao punk e infelizmente, os Mutantes sucumbiram no meio do caminho sem levar a frente pelo menos em discos o caminho natural de unir seu virtuosismo aos acordes conhecidos da música brasileira. Em estágio posterior os roqueiros foram acompanhar as estrelas da MPB.

Este CDr, traz uma raríssima gravação ao vivo de Arnaldo Baptista ao piano acústico. Arnaldo brilha em luz própria. A luta secular do artista e do público e a superação. Seus temas elétricos agora acústicos. Além da execução das peças do clássico *LOKI?*, Sérgio Dias e Betina se juntam a Arnaldo na recriação caipira da “Balada Do Louco”. Bem que essa apresentação poderia vir como CD bônus no relançamento digital do *LOKI?* Que o sonho se realize....

LIVE DAYS BAPTISTA (PARTE II) (MÁRIO PAZCHECO)

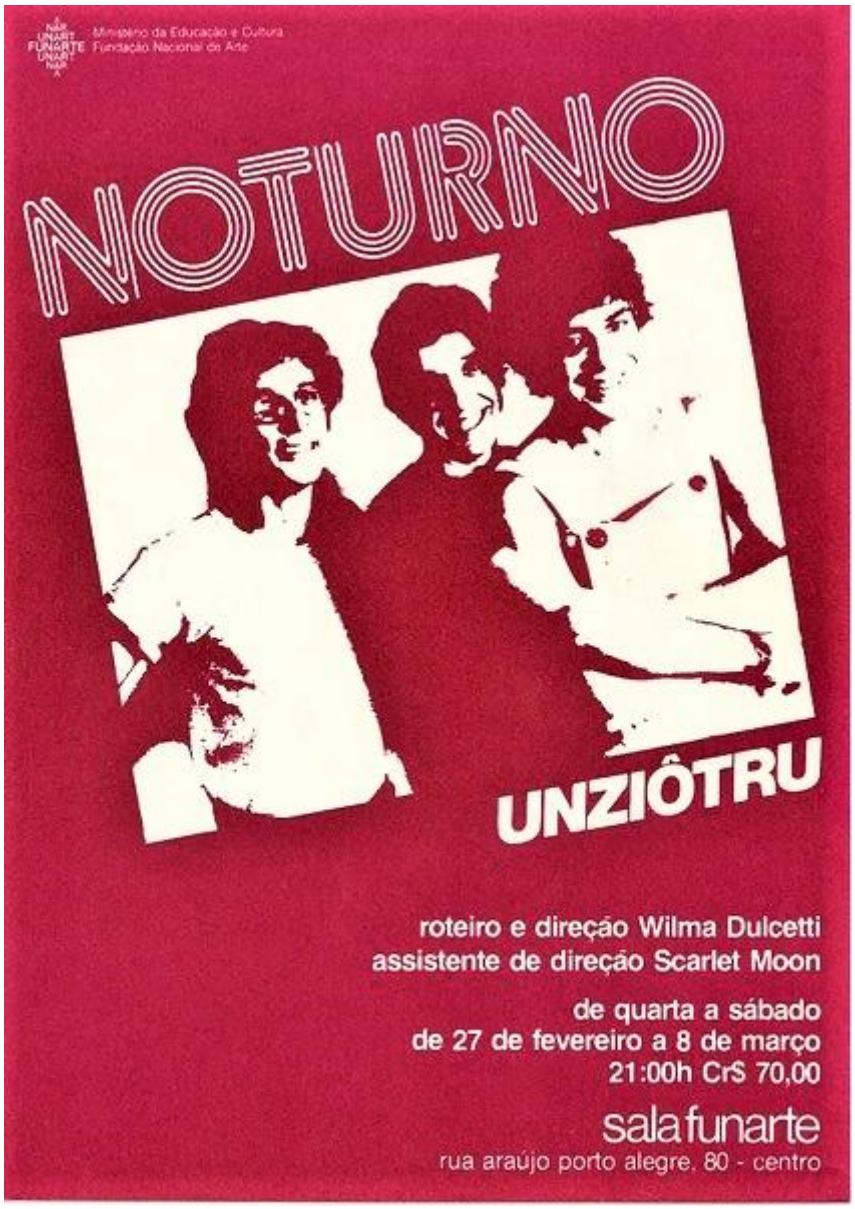


Ainda em **1978**, no Teatro Igreja em São Paulo, Arnaldo desenvolve um novo show solo *ROCK-BLUES*, além do título Arnaldo interpreta material próprio e originais de Bob Dylan, Elton John e Beatles. No final desse ano, Arnaldo voa para New York, e após um show de Lou Reed na Big Apple, e nos camarins, anos depois Arnaldo afirmaria que Lou Reed fora “indecoroso”...

Em **1979**, Arnaldo Baptista, Sérgio Dias, Walter Franco e Guilherme Arantes foram alguns dos músicos paulistas que migraram para o Rio de Janeiro. Arnaldo comprou uma Kombi apelidando-a de Dirce e subiu a serra também para o Rio de Janeiro, onde é convidado a participar do grupo "Unziôtru".



Foto: Lilian Maria Pragana



EM DEZEMBRO DE 1979, a mal alimentada e corajosa mídia musical do período anunciou em poucas linhas o "Unziôtru" como um grupo promessa, ainda sem nome e contrato – expoentes da "brazilian new wave" – formado por dois ex-Mutantes, como participante especial mais tarde chegou outro ex-Mutantes, Ruy Motta, bateria juntando-se a Arnaldo, teclados, Antonio Pedro, contrabaixo e Lulu Santos, guitarra. Anteriormente o grupo acabara marcando 4 shows na Funarte, no Rio de Janeiro. Os shows valeram mais por seu conteúdo histórico do que por outra coisa. Há uma versão que durante o show Arnaldo apresentou apenas pequenos fragmentos no piano tocando boogie-woogie enquanto Lulu cantou algumas coisas do seu repertório inicial. Após esses quatro espetáculos o grupo se dissolveria sem novas apresentações.

"Fizemos uma canções, Bernardo pôs umaz letras, até que apareceu no Rio o Arnaldo Dias Baptista, ex mutantes. Os Mutantes tinham sido minha escola e eu tinha uma admiração reverencial pelo grupo e pelos indivíduos. De fato, em relação a nosotros, estavam mil anos luz além. Os conhecia de meus anos de tietagem, sempre corri atras deles, eram o referêncial mais forte do que eu queria pra mim, de toda a MPB. Sérgio Dias o guitarrista foi meu amigo e meio que mestre. Até no momento que saquei que o que eu desejava era o oposto de seu objetivo, foi necessária esta referência. Só um norte pressupõe um sul, ou um leste, for that matter. Anyway, ninguém soava, nem zoava que nem os Mutantes, ninguém tocava como o Sérgio, ninguém tinha o know–how nem who e nem o equipamento (sobre tudo). O que eles não tinham, faziam. (...)

"Os primeiros Wah-wahs (você não é ninguém, em guitarra pop, sem um Wah-wah) eram da marca Regulus, fabricado e vendido pelo Té, Cláudio César Dias Baptista, o terceiro, inexpugnável e algo genial irmão mais velho (hoje eu sei que Regulus é a

estrela mais brilhante da constelação de leão) tive todos os discos e a rigor, num primeiro momento seriam os Mutantes minha maior influência. Arnaldo era o líder inconteste e namorado da cantora, ponto. Era pra mim um up-grade estar num grupo com ele, porque foi isto que aconteceu, Arnaldo se juntou a nós e nos chamamos uns e outros, terrivelmente grafado Unziôtru (mea culpa). Ensaiamos na casa do Pedro um tempo com Márcio Bahia (hoje baterista do Hermeto Paschoal e da Vittor Santos Orchestra). E fizemos uma temporada de shows na Sala Funarte na rua Araújo Porto Alegre no Rio. Era meio esquizofrênico o lance, eu e Pedro naquela viagem funk-soul-brasil e o Arnaldo com sua indelével carga de história, personalidade, sofrimento e rock'n'roll. Lei de Murphy, o que pode dar errado, vai dar. Deu. Era mais fácil se abríssemos o show com nossas coisas e depois acompanhássemos Arnaldo em seu 'sanguinho novo', em retrospecto teria sido muito mais justo. Com ele. No mínimo, tentamos e ficou na história...d EU! (hehe)". (**LULU SANTOS**).

*DO PRÓPRIO BOL$O – Márcio Bahia, voltando lá em **1979** – o que você lembra dos shows do Unziôtru com o Arnaldo Baptista. O Rui Motta chegou a entrar no seu lugar?*

Márcio Bahia – Rapaz, faz tanto tempo...mas acho que ele tocou sim depois de mim. Foi muito divertido, o repertório era ótimo de tocar. Nossa estreia foi no finado Apaloosa, em Copacabana que tinha uma programação só de rock. A banda era: Arnaldo, Lulu, Antonio Pedro e eu. Abração, valeu a lembrança que guardo com muito carinho. (**MÁRCIO BAHIA**).

Um ano depois de saído do grupo Arnaldo declarou que, – O Unziôtru foi muito bonito. Nós tocamos na Funarte, era uma coisa sim mais rock´n´roll mesmo, heavy rock, um negócio bem pesado. E tava bom, tava casa cheia. Hoje! Arnaldo afirma que o som do "Unziôtru" era mais pra Elton John!

Fotos conhecidas dos Unziôtru são clics da fotógrafa Vânia Toledo, além da foto do folder outra apareceu na revista Interview, num anúncio de uma nova marca de jeans: Lulu, Antonio Pedro e Arnaldo com as pernas retesadas em pose de trenzinho divulgando o jeans.

A única gravação conhecida dessa formação está registrada na faixa "Lindo Blue", do LP *RESPIRE FUNDO* de Walter Franco, nela Sérgio Dias participa tocando guitarra e Lulu Santos violão e os demais em seus conhecidos instrumentos.

ANOTAÇÕES DE AIR NOW DO!

– Lulu Santos possuía um lado mental que caminhava para a perfeição. Casado com Scarlet Moon formava um casal lindo. No seu caminho direcionado à perfeição ele utilizava uma guitarra, Fender Stratocaster.

– Eu perguntei porque?
– Então Lulu Santos respondeu-me:
– Existe na minha vida vários fatores dos quais desejo não compartilhar... Até no improvisar musicalmente.
– E eu consigo com a minha guitarra Fender. Isolar-me totalmente quase do contrabaixista que toca comigo.
– Pois seu tangesse no solo a área que conecta com o pensar em sofrimentos meus.
– Essa área localizava-se na parte mais forte das Fenders (médios)?
– Pois ai, eu, poderia esconder-me na "área grave".

Arnaldo: – Nas Fenders comparativamente à parte dos médios. É o atacar a área sonora que pertence aos contrabaixos.

– Então indaguei:
– E se o contrabaixista utilizando um Rickenbaker, fosse para os “médios-agudos”?
– Aí, ele respondeu-me:
– Não há graves neste som! E paro de tocar junto com ele.

Lulu Santos possui um alto interesse pelos microfones que fazem com que o som gravado seja bom ou não (também além da marca da guitarra). Ele declarou que o melhor microfone é o Neuman, não o utilizado nos estúdios pórem um ligável igual aos shures.

– O Sunheizer é bom também!

Quanto a microfones, o Lulu é excelente. Efeitos de guitarra com ela ligada no amplificador através de um sintetizador minimoog, ele conhece bem (também).

Como guitarrista ele é o melhor que eu conheço pessoalmente no produto sonoro final. (**ARNALDO BAPTISTA**).

"Existe um folder das apresentações na sala Funarte. Se você olhar na minha comunidade tem um link para meu segundo album de fotos. Lá tem a foto. Não existem gravações da banda, mas como falei na entrevista, o material foi usado no começo da carreira do Lulu. Lembro-me do Arnaldo tocando ‘Sanguinho Novo’ e ‘Corta Jaca’. Também lembro da gravação do Walter, mas não participei. O Márcio fez alguns shows no Apaloosa e o Rui entrou na temporada da Funarte. O baixo Rickenbaker é meio fake. Só se tira som dele com uma aparelhagem poderosa. Abs"
(**ANTONIO PEDRO VIA ORKUT**).

No ambiente cultural do Rio de Janeiro, Léo Guanabara, conhece um novo parceiro, a primeira canção da dupla: "Cozinho De Noite" será proibida pela censura por ser “bem engraçadinha”.

Léo Jaime tinha uns **17**, **18 ANOS** e conheceu Arnaldo, na praia em Ipanema e Léo falou para ele de uma ideia que tinha tido para uma música, sobre o "cozinho de noite", Arnaldo achou ótimo e acabaram indo à sua casa para fazer a música. Fizeram a música e essa foi a minha primeira parceria deles. Arnaldo que integrava o Unziôtru com o Lulu Santos disse: ‘vamos lá mostrar a música pros caras da minha banda’. O Lulu começou a ouvir a música, que era um rock`n`roll, e, no meio da música, ele deu as costas e foi embora. Lulu detestou. E foi assim que Léo Jaime conheceu o Lulu. Lulu achou um absurdo Arnaldo e Léo Jaime estarem fazendo rock`n`roll àquela altura do campeonato. Acabaramo fazendo outra depois, mas essa ninguém gravou, era uma homenagem à kombi do Arnaldo, que tinha o nome de Dirce.

Naqueles idos, sistematicamente irado com o purismo do rock´n´roll, cheio de pluridos Lulu invocava “ainda estão tocando isso?”.

Após o fim do Unziôtru, Arnaldo passa o resto do ano escrevendo o livro *REBELDES ENTRE REBELDES* (os cujos originais foram revisados por Lidoka da Frenéticas), e faz a direção musical da peça de dança e teatro *HELIOGABÁLUS, O ANARQUISTA COROADO*.

Durante as aulas de ballet na Academia Stagium, na Praça General Osório Arnaldo Baptista conhece a artesã meio portuguesa, Susana Vieira, sua nova companheira que vendia artesanatos de cerâmica fabricados por seu pai.

No Rio, com a proximidade dos estúdios, Arnaldo participa ao lado de Lúcia Turnbull no coro na faixa-título do LP *CORAÇÃO PAULISTA* de Guilherme Arantes.

Nos últimos dias cariocas, Arnaldo tocava num trio com seu xará Arnaldo Brandão no baixo e Lobão na bateria.

Arnaldo e Susana Vieira voltaram a São Paulo para morar numa casa alugada na serra da Cantareira.

Conheci o Arnaldo Baptista em **1980**, nos meus **18 ANOS**, eu era o técnico de som de um grupo de jovens que ensaiava com ele nos finais de semana na Serra da Cantareira.

Me lembro bem de descer a Serra com Arnaldo para comprar pão lá no pé da serra, bem cedo, no seu Ford Maveric, A TODA VELOCIDADE.

Nunca me esqueci de quando Arnaldo me explicou a função que o seu Giroscópio teria na sua nave. Agora sabemos, o nosso Giroscópio é o Coração!". Plínio Hessel Jr, engenheiro de som.

Já em São Paulo. No início de **1981**, quando procurado pela Brajet Promoções para fazer os shows, Arnaldo responde que iria pedir emprestada a garagem da sua tia e se poderia tocar músicas do Lóki?

Num passe de mágica a garagem se transformou no Teatro Tuca e o espetáculo foi batizado de *SHINING ALONE*, uma das poucas ocasiões em que Arnaldo, foi o frontleader No repertório dos shows *SHINING ALONE* versões instrumentais para “Honk Tonk” e “OAEOZ” (um dos temas ao vivo preferidos por Arnaldo, aqui capturado com o órgão), as inéditas “Ah! Garupa Deixa Eu Gostar De Você” e “Tacapé” (que farão parte de seu novo CD *LET IT BED!* a ser lançado em outubro próximo), a clássica “Te Amo Podes Crer” e a não menos clássica Ovelha Negra (numa versão vinheta), “Raio De Sol” um rock vigoroso da Patrulha Do Espaço é tocada de maneira frenética ao órgão. No violão-de-roda-fogueira, ele dedilha “Don't Twice, It's All Right” e “Onda Da Morte” (este é o nome correto da música “Bomba H Sobre São Paulo”). Ainda nos teclados, Arnaldo apresenta vigorosa versão para “Love Is Just Around The Corner” (retirada do baú da trilha sonora do filme *AQUI ESTÁ O MEU CORAÇÃO*, de **1934**, cujo tema era cantado por Bing Crosby) e ele encerra o apoteótico show cantando “Cry Me A River”, **DEZ ANOS ANTES** dela ser inserida no disco bossa'n'roll da ex-parceira!

As duas apresentações foram registradas em fitas cassetes, uma mostra um vibrante Arnaldo Baptista reagindo à participação da plateia. Num momento clássico ao cantar o verso dylanesco: “and the angels call my name...”, alguém no fundo da plateia grita: – Arnaldo. Uma das apresentações foi filmada por Luiz Carlos Calanca, que contratou esse serviço dispendioso e caro para o Brasil no **INÍCIO DA DÉCADA DE 80**. Com a câmara única e apoiada nos ombros, algumas vezes o cameraman desequilibra-se e treme, mas tudo está lá. Poucos viram, nenhuma imagem aparece em documentário, o áudio é perfeito e com o advento do DVD, estas imagens históricas preservadas e “trancadas a sete chaves” preencheriam inestimável lacuna, um dos poucos documentos na íntegra com as performances de Arnaldo Baptista que Luiz Carlos Calanca não se nega a mostrar, desde que em sua casa.

No início de março, no Auditório Augusta, durante a *PRIMEIRA MOSTRA MUSICAL DOS BEATLES*, Arnaldo Baptista como atração extra fez seu tributo aos Beatles, tudo

ao seu estilo, improvisado, maluco e genial. No final deste mês repete o espetáculo *SHINING ALONE* na sobreloja de shows Paulicéia Desvairada.

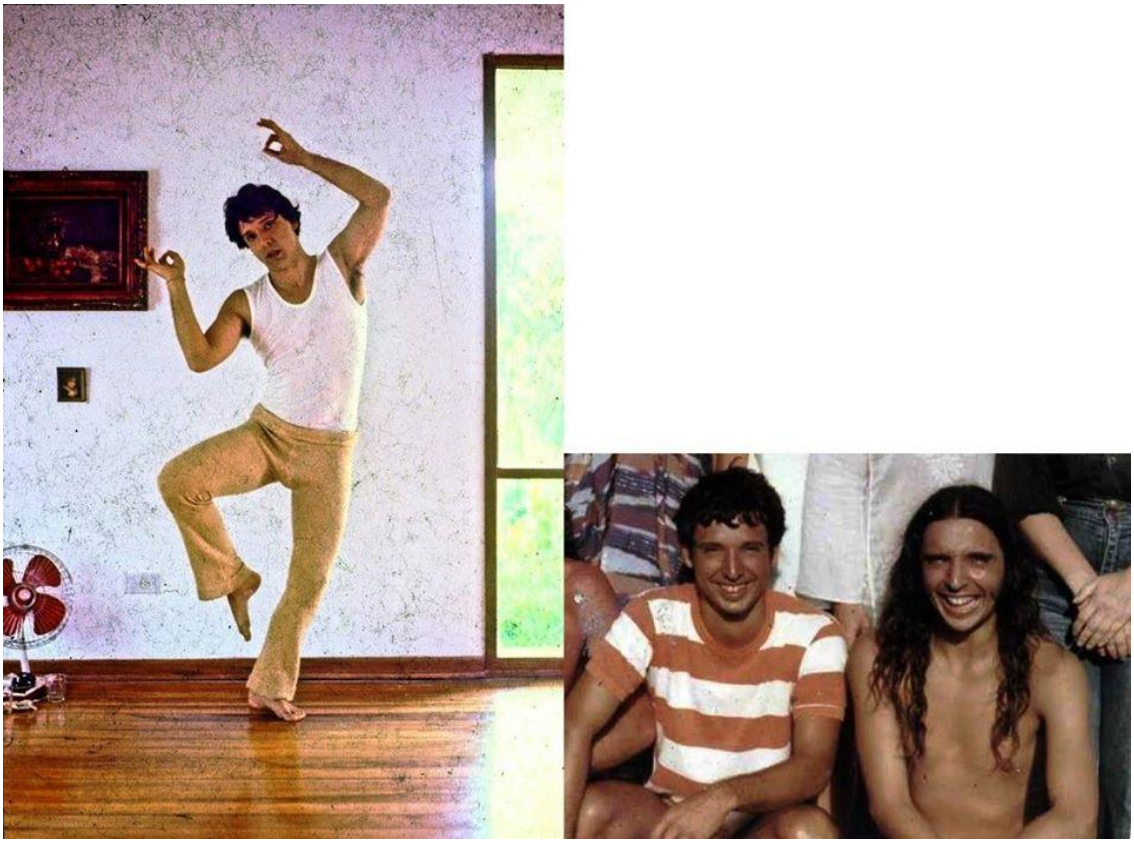
"Esse amigo que vos e–meia, tocou com o Arnaldo nessa ocasião com a minha batera Premier recém-chegada da Inglaterra. Acho que foi a última vez que tocamos juntos, tinha pouco público, mas conseguimos ficar bem à vontade, tocando como se estivéssemos na casa dele com a Susana, no sopé da Cantareira. O John Flavin estava lá também mas apesar dos nossos insistentes chamados, não foi ao palco conosco. Então foi um duo, Arnaldo Baptista & Zé BRasil, com o Arnaldo cantando e tocando piano (teclado) e eu cantando e tocando bateria com ele. Além dos Beatles teve Rocket Man do Elton John que a gente curtia muito e, acho, até Led Zepellin!". (**ZÉ BRASIL, BATERA DO APOKALYPSIS**).

Com dinheiro emprestado ele finalmente finaliza seu novo álbum *SHINING ALONE* (posteriormente o título fora mudado para *SINGIN' ALONE* – que é uma canção dos tempos da Patrulha do Espaço que não está presente neste disco).

O último convite para apresentar-se ao vivo, parte de Oswaldo Vecchione, líder do Made in Brazil, quando atuariam juntos a **26 DE DEZEMBRO DE 1981**, no Ginásio do Palmeiras, Arnaldo declinou do convite.

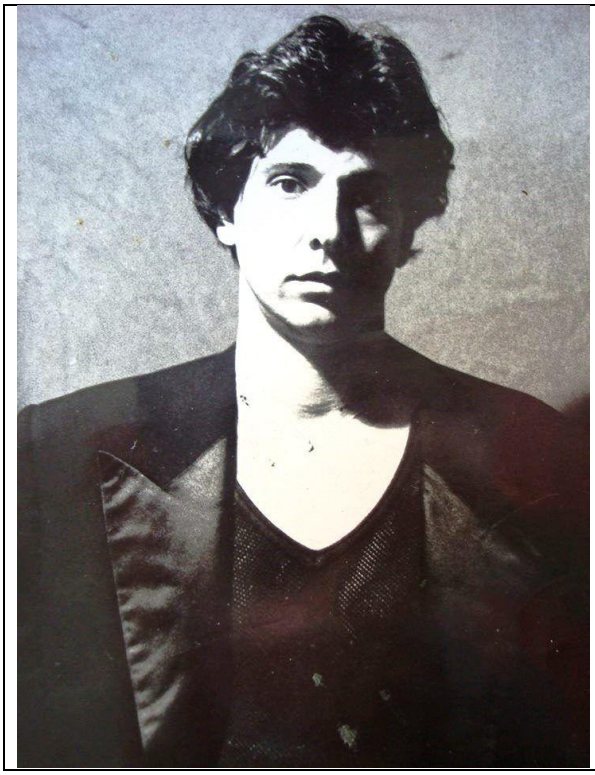
Norte de São Paulo. Serra da Cantariera. Poucos antes do Natal, depois de quatro anos sem se verem. Arnaldo e Rita Lee casualmente encontraram-se na Serra da Cantareira.

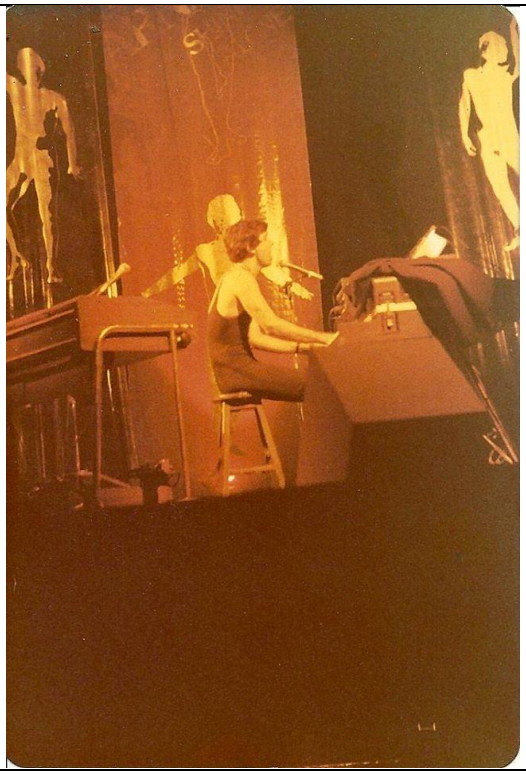
SÃO PAULO: 27 DE DEZEMBRO / 1981, Arnaldo Baptista faz nova visita a Rita Lee e



neste mesmo dia ao visitar a casa da sua mãe; é internado no Hospital do Servidor Público, inicia-se o doloroso pesadelo de Arnaldo Dias Baptista.


YAMAHA





1981

ROCK CERRADO, O FESTIVAL DE

ROCK DO CENTRO-OESTE

Mel da Terra • Baby Consuelo • Pepeu Gomes • Raul Seixas • Robertinho de Recife • Walter Franco • Roupa Nova

DOMINGO, 23 DE AGOSTO DE 1981 – A propaganda do *ROCK CERRADO* passava na tevê, e o cartaz azul do festival estava colado pela cidade. “Todo!” o contingente jovem, basicamente formado por estudantes, correu pra assistir ao festival, das mais variadas formas. Incrível! Ainda hoje, muitos acreditam que Rita Lee participou do *ROCK CERRADO*... Na mesa de edição das memórias pessoais, nós colamos cenas de festivais passados, e aumentamos o cast.

O festival era pra ter começado às 16 h, e começou... Mas não começou para mim, apesar de eu ter chegado cedo, e de ser o primeiro na fila. No corredor de acesso em que eu estava, a roleta travou, e... depois de um bom tempo, o bilheteiro permitiu que eu a pulasse, e que assim me deparasse com a frente do palco lotada.

Naquele tempo, o jornal impresso era fechado mais cedo; por isso, a capa do dia seguinte estampou a foto do Mel da Terra, que abriu o festival, com a sua competência natural. Desde o início, a sorte estava do lado dos garotos.

Hoje, apesar do fenômeno da internet, é praticamente impossível colher informações ou imagens do festival, tão importante. Sobreviveram apenas em nossas memórias, além de poucos registros fotográficos.

Raul Seixas retomava de modo ascendente a sua carreira, e abriu sua apresentação com o fogo incandescente de “Aluga-se”. Passados **30 ANOS**, Edson (do Sindicato do Reggae) se lembra da forte presença cênica de Raul Seixas, e ainda, com uma ponta de espanto, comenta: Foi o dia em que Raul Seixas liberou a maconha pra todo mundo. Ele disse que todos podiam fumar, e usar colírio...

Para mim, sem dúvida, a melhor apresentação foi Raul Seixas, que tocou talvez com Tony Osanah, não me lembro direito, na guitarra; Edu Rocha, bateria; Olmair Raposo nos teclados; e Pedrão, contrabaixo.

Da participação de Raul Seixas no *ROCK CERRADO* sobreviveram uma fita cassete,

com 40% do show, cortado abruptamente em “Maluco Beleza”, e quatro fotos, que compõem o espólio de Kika Seixas. Inexplicavelmente, esta grande atuação do rocker baiano passa despercebida em suas biografias, documentários e comentários em jornais.

Apesar da conclamação do Maluco Beleza, acho que poucos malucos aderiram à ideia que ele propôs, devido à faixa etária dos estudantes, em final de segundo grau. Mas houve muita gente que aderiu, sim.

Chocante: se o guitarrista de Raul Seixas era a lenda Tony Osanah, Walter Franco também mostrou que tinha guitarrista à altura, ainda que infelizmente não conseguimos obter o seu nome. Ele debulhou!

Um jovial Walter Franco de cabelo curto e jaqueta de couro negro mais óculos rayban escuros fez muito barulho na nossas cabeças... com a sua “Cabeça”...

POLÍCIA NO ROCK DO EMBALO BEBIDA E “ERVA”

MÁRIO EUGÊNIO, CORREIO BRAZILIENSE DE 24 AGOSTO / 1981

Para não marcar bobeira, os roqueiros que chegaram ao Pelezão no final

da tarde fizeram a cabeça com bebida. Garrafões de vinho, cachaça e caipira foram consumidos, de qualquer maneira. Todo mundo à vontade, descontração total, até o escurecer. Tipo esperto, a rapaziada que queria arejar as ideias só entrou no embalo mesmo do gererê depois das 21 horas.

O pouco frio reinante no local não chegou a incomodar a moçada: rebolando, batendo palmas ou cantando, os roqueiros não deixaram de curtir o som dos artistas, que atuavam estrategicamente em cima do palco improvisado. Nos bastidores, era visível a presença de policiais–militares prontos para entrar em ação, “grampear” o primeiro cabeludo que entrasse “numa de otário”.

“Foi no clima paranoico dos bastidores que o Serginho do Mel da Terra de Brasília encontrou o seu grande ídolo Raul Seixas.”

A GALERA DA QE 34 QUE ENCONTRAMOS NO ROCK CERRADO

Havia uma reunião constante das pessoas na casa da inebriante “Lalinha”, Kadu

(cabelo oxigenado) e Edilson (bigodinho de cigano), seus irmãos boas–pintas.

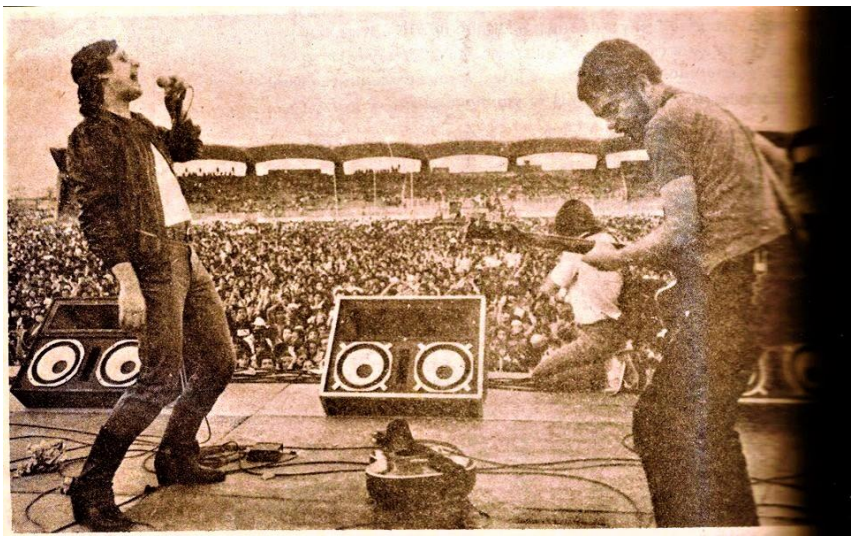
Era divertido, estavam sempre lá Nardelli, Hugney Geraldo e seu cunhado Erlânio (que morreu cedo demais, por afogamento). Também estavam Zelito Passos e seu parceiro Juraildes, que fariam parte da música popular brasiliense.

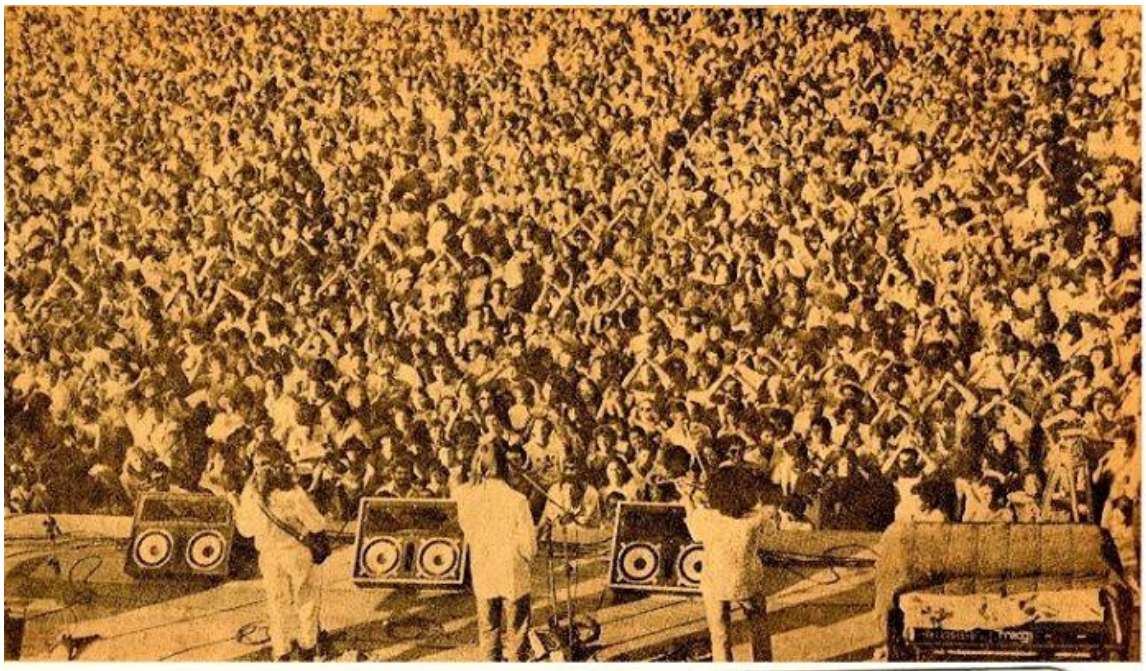
“Morei nesta casa de muro azul com rosa onde está a árvore.” (**FÁTIMA SUELI SARAIVA** [que foi de carona, na moto do Ronaldo] *ROCK CERRADO*. Eu estava lá.”).

“Meu primeiro show de rock, como esquecer, caracas! Eu tinha de **11** pra **12 ANINHOS**. Essa emociona!” (**ANGÉLICA O. S. CABRAL**).

“*ROCK CERRADO* – saudoso Pelezão –, também estava lá – saindo da ‘aborrecência’, ‘putz’, essa é do fundo do baú!” (**MARCELO VASQUES**).

Wálter Franco e Palhinha









NO SEGUNDO SEMESTRE DE 1981, Raul Seixas saiu do *ROCK CERRADO* para tocar no *FESTIVAL DE IACANGA*, ele em Brasília apresentou-se ao lado de Tony Osanah na guitarra, vivia um bom momento na carreira

ARNALDO SOLIZTA (O TÍTULO HOMENAGEIA LIZT! IDEIA DO JÚNIOR)

(MÁRIO PAZCHECO)

Enquanto o corpo permanecia inerte na cama em estado de coma, Arnaldo revelou posteriormente que se lembrava apenas de um sonho...

Na ampla sala de concertos, suaves movimentos e as mãos deslizando em gestos assimétricos, delicadamente produziam vibrações, gerando trechos instrumentais que invadiam o recinto em contraste com a luz artificial que iluminava o piano.

Um pensamento repentino: – há quanto tempo estaria tocando? Haveria uma pausa para o cigarro?

Mas, as mãos continuavam agindo, independentes da sua vontade, continuavam escorregando, experimentando, variando, entre a melodia de ninar e o frenético rock and roll.

Preparando uma evolução estilística, dando expressividade à sua música, quando foi interrompido por uma risada seguida de uma pergunta – Como vai Arnaldo?

Arnaldo Baptista e John Lennon num encontro marcado por muitas risadas e gargalhadas no final das contas, John o ajudou dando-lhe conselhos.

A gostosa sensação de sonolência continuou; e quem o embalava era seu pai, com cantos gregorianos.

Repentinamente a melodia cessou e não se ouviu as risadas, o canto, nem os aplausos. Estivera dormindo?
– Estivera sonhando? E que lugar era esse?

***ORIGINALMENTE PUBLICADO NO FANZINE, ROCK'N'ROLL MUSIC, Nº 18 – ANO: VII – 1989. REVISORA: MARLY. ESTE FOI O PENÚLTIMO FANZINE. TRAZIA O MEU TERCEIRO TEXTO PÚBLICO A RESPEITO DE ARNALDO BAPTISTA. UM FANZINE DE BOA TIRAGEM E BASICAMENTE REMETIDO A TODO O BRASIL, DIVULGANDO QUE EU ESTAVA ESCREVENDO SUA BIOGRAFIA.**

em Manchete



O homem das cavernas volta ao ninho □ Depois do México, onde filmou *O Homem das Cavernas* — e conheceu Barbara Bach, com quem finalmente se casou —, Ringo Starr plantou-se em Los Angeles, mas acabou "sentindo saudade de casa". Por isso mesmo não chegou a surpreender ninguém quando desembarcou no aeroporto de Heathrow, na congelada Londres, levando Barbara a tiracolo. Por enquanto, tudo é sorrisos.

RAUL SEIXAS

Guarda-costas de Lennon me botou para fora de sua casa

— Você tentou passar para a prática as tuas idéias sobre a Sociedade Alternativa, não é?

— Foi em 74 e acabou sendo uma experiência traumática na minha vida. Tentamos fundar na Bahia a Cidade das Estrelas, de uma maneira totalmente alternativa. Havia arquitetos, advogados, engenheiros, uma pá de gente querendo morar na cidade. O embasamento de tudo era aquilo que já te falei, a concepção do Novo Aéon, com toda aquela transação do pensador Aleister Crowley, que viveu no começo do século. Eu entrei fundo naquilo tudo, sabe. Mas um certo dia eu estava em casa, foi no primeiro apartamento que comprei na minha vida, pela Caixa Econômica. Então entraram os agentes. Minha mãe, que estava passando uns dias conosco, ficou assustadíssima, não entendeu nada. Na época eu estava me desquitando da minha primeira mulher, Edith, para me casar com a segunda. Foi barra. Os agentes revistaram a casa toda, deixaram tudo de pernas para o ar, à cata de papéis sobre a Cidade das Estrelas. Minha mãe perguntou: "Quem são essas pessoas? Respondi: São meus amigos, eles são assim mesmo, meio bagunceiros" (risos). Depois disso, bicho, foi fogo. Prisão, exílio, aquilo tudo.

— E você foi morar nos Estados Unidos.

— É. Fui convidado a sair do país.

— Convidado é eufemismo.

— (risos) É. Fiquei morando no Greenwich Village, em Nova Iorque. A Polygran tentou me ajudar, os amigos e meu pai também. Mas o dinheiro não dava. Passei o diabo lá.

— Foi nessa época que você conheceu o John Lennon.

— Foi incrível. Eu fui com um repórter do **Cruzeiro.** Nem me lembro mais o nome do sujeito. O Lennon estava, naquela fase, separado da Yoko e o tal repórter já chegou perguntando sobre o assunto. Na mesma hora um guarda-costas nos botou para fora (risos). O John ficou mesmo ultracabreiro com a gente. Aí eu consegui explicar a ele quem eu era e o clima melhorou. John acabou interessadíssimo no Brasil: na sua história. Ele era libriano, tipo da pessoa que ouve mais do que fala. Aqueles óculos pequenos, brilhantina nos cabelos amarrados para trás, um broche com a cara do Pat Boone no peito. Rosto para frente, olho arregalado e muitas perguntas inteligentes. Nunca tocamos no assunto Beatles.

— Vocês chegaram a ser amigos?

— Muito amigos, não. Quando começamos a tentar a fazer alguma coisa juntos eu tive que voltar. Havia a possibilidade de gravar **Gita** em inglês, mas eu estava com saudade do pessoal daqui. Um dia chegou um rapaz do consulado brasileiro, bateu na minha porta e disse: "É você o Raul Seixas?" Depois me explicou que eu poderia retornar, não havia mais problema algum e coisa e tal. Foi ele quem me avisou que **Gita,** que eu havia deixado gravado aqui, tinha vendido 600.000 discos. Peguei correndo o avião.

— Já que estamos falando de John Lennon, me conta: o que te doeu mais: a morte dele ou a do Elvis?

— Indubitavelmente a do Lennon...

— Poxa, eu pensei que você...

— Não, não, foi a do John mesmo, muito embora eu tenha curtido Elvis desde os 9 anos de idade. Sempre fui maluco pelo **rock'n roll** magro do Elvis. **Rock** é como um jegue magro ou então uma tribo de índios dançando em volta da fogueira. É aquela coisa de cantar numa nota menor com um acorde maior. É fantástico, bicho, e eu sempre gostei disso pra burro. Mas quando Elvis morreu não doeu muito porque ele era um intérprete. Embora eu tenha ouvido o Lennon menos, sempre me identifiquei mais com o trabalho do **beatle.** Estudei filosofia e tenho uma visão panorâmica das coisas que se passam no mundo, ele também tinha essa visão. Era muito mais do que intérprete.

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

Ringo Starr: guarda-costas até no banheiro



Ainda traumatizado com o assassinato do seu amigo John Lennon, o ex-Beatle Ringo Starr contratou 5 guarda-costas para o acompanhar a Roma, onde ele foi passar uma atrasada lua-de-mel com a esposa Barbara Bach. Nos restaurantes e lugares públicos, ele andava sempre bem escoltado e, quando ia ao banheiro, dois guarda-costas interditavam a porta às demais pessoas, até que o cantor desocupasse o recinto!

Criação e Mistério

O MUTANTE QUE CUSPIU NA CARA DA MORTE

(MARCOS FAERMAN DE SÃO PAULO)



19 DE JUNHO DE 1982 – Zero Hora, Porto Alegre – Arnaldo esteve tão perto de morrer, e não morreu, que dá até vontade da gente rir desta bruxa velha. Lá nos **60s**, Arnaldo era a própria vida. Estava longe de saltar do terceiro andar de um velho hospital. Mas se ele pulou e não morreu, por que não rir da Bruxa da morte? Jimi Hendrix se foi; Janis Joplin se foi; Torquato Neto se foi; Elis Regina se foi. Mas este menino que era a grande cabeça dos Mutantes está vivo. E a gente tem vontade de rir da Bruxa Morte.

Estava chovendo e um cheiro de merda batia das margens do rio Tietê. A maldita poluição caía sobre São Paulo já nem tão desvairada – e eu e Maria Inês estávamos no apartamento de uma amiga; por ali estava uma foto de Arnaldo nos olhando. Casaco de couro, a cara do James Dean – o menino do rock, o menino da pauleira, tanta piração naquele coração que explodia, finalmente, nuns olhos calmos. Ouvíamos Arnaldo e só Arnaldo, e ele nos contava como um grupo de meninas que amava Arnaldo ficara tantos dias, e tantos dias e tantas noites, no hospital, cuidando de um corpo que a medicina dizia que tão provavelmente ia morrer.

Eram magias, eram amores; era o unguento, era o tempo; era também a música que passava a sua energia por aquela *UTI* – aquela parede branca, ela mesma morta e insípida, lugar de músico morrer e não viver: ele tinha saltado para o nada ou tudo no primeiro dia deste ano sem energia, em que estes imbecis generais argentinos resolveram assassinar seus meninos não em masmorras, mas em um a guerra assassina; a guerra de Arnaldo vinha de antes, vinha de tanto tempo atrás.

Foi Mutante. Foi semimutante. Foi mais do que Mutante. Não ria tanto quanto Rita Lee. Não era digestivo. Era outra barra. Era barra pesada mesmo. Tentou seus voos sozinho. Sentou ao piano e cantou, inventou, e num disco que está aí, ele fica nos perguntando – o belo corpo no espaço:

– Será que vou virar bolor?

E ele vem e nos conta – nos grita no coração sem nada de todos nós: “venho me apegando ao passado e em ter você ao meu lado/não gosto do Alice Cooper/Onde é que está meu rock’n’roll?” E aí ele vem e grita:

– Será que eu vou morrer, será que eu vou morrer de dor?

Estamos olhando umas fotos antigas do Arnaldo. Ele está com o filhinho Daniel, cinco anos. Ôi Daniel. Teu pai é maravilhoso. Mas teu pai não é digestivo, nem gordo; queijinho polenguinho que a gente come mexendo a bunda. Teu pai é uma paulada na cabeça desta gente tão alegre. Torquato Neto morreu há tanto tempo. Usava uma capa negra. Era um Drácula. Foi um vampiro. Foi o cara mais maravilhoso do Tropicalismo. Morreu e ficou todo mundo sem jeito. Todos os amigos dele diziam que não tinham nada com isto. Mas teu pai não morreu, Daniel. Ouça ele nos discos que

vem se apegando aos seus sonhos, e à velha motocicleta, e que não gosta do pessoal da Nasa;

CADÊ MEU DISCO VOADOR

Este menino escreve contos em inglês e está me olhando em seu blusão de couro. Está cantando numa fita gravada no estúdio de Rogério Duprat, e que gravou com seus amigos da

PATRULHA DO ESPAÇO

E onde estão os teus discos, Arnaldo? Vocês já ouviram o último Arnaldo, sozinho no piano, com sua voz de vento & chuva; tanta chuva, que nem nesta noite de São Paulo E eu fiquei lembrando – vagabundeando por São Paulo, coração em certas árvores da Redenção, uma música que vinha em fita desafinada, Arnaldo caminhava também por estas alamedas de Porto Alegre, e me falava da morte, dum jeito tão bonito, coisa que me chegou com a chuva – e que eu canto com vocês:


MARCOS FAERMAN (de São Paulo)

19 06 82

criação e mistério

Zero Hora

O mutante que cuspiu na cara da morte

naldo esteve tão perto de morrer. morreu, que dá até vontade da rir desta bruxa velha. Lá nos Arnaldo era a própria vida. longe de saltar do terceiro an- m velho hospital. Mas se ele o morreu, por que não rir da rte? Jimmy Hendrix se foi; n se foi; Torquato Netto se tina se foi. Mas este meni- grande cabeça dos Mu- vo. E a gente tem vonta- uxa Morte.

do e um cheiro de margens do rio Tietê. ão caía sobre São esvairada — e eu e os no apartamen- or ali estava uma olhando. Casaco ames Dean — o no da pauleira, oração que ex- s olhos cal- e só Arnaldo, m grupo de aldo ficara tantas noi- assagens, rpo que a elmente

era o m a por ca, de a

nho Daniel, cinco anos. Ói Daniel. Teu pai é maravilhoso. Mas teu pai não é digestivo, nem gordo; não é nho polenguinho

também por estas

“Imagino a minha morte
E a minha continuação
Livre sem meu corpo
Só amando por aí
Energia pura e simples
Para além da Imaginação.
Ser o vento sem sentir
Numa enorme transação
Quente o frio vou sentir
Sem orelha sou nariz
Ser amado sem ter sexo
Ser feliz como ninguém
E a procura continua
Numa enorme evolução”.

Arnaldo é um mutante de **34 ANOS**, que saiu do hospital onde pulou pra morrer, e sem querer saiu do outro lado do espelho – que nem Alice, o coelho, ou o gato que é só um sorriso.



1983

Patrulha do Espaço, Clube Gran, Limeira/SP, **1983**.

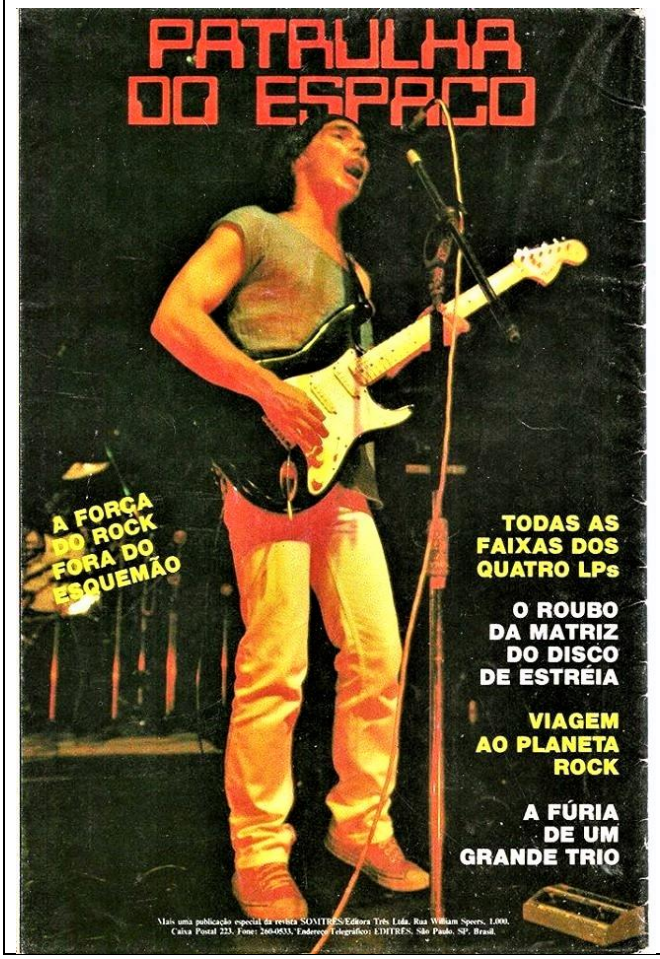
Desse show saiu a grana para gravarmos o disco *PATRULHA DO ESPAÇO 4*.

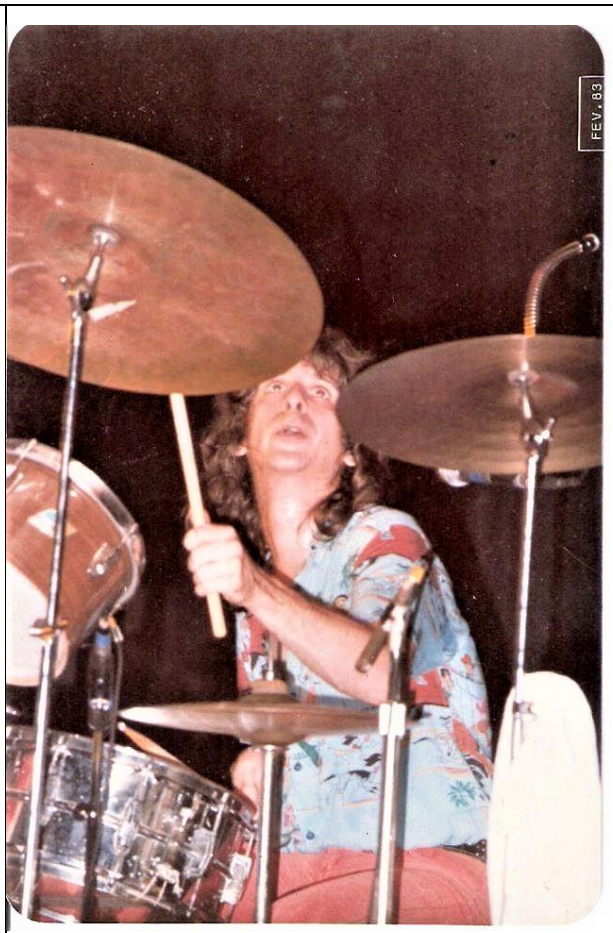
A cidade de Limeira, sempre foi e é muito generosa para conosco.

Nesse show do Gran em especial, contamos com o auxilio generoso do Gabriel Neto, pilotando a mesa de e nos alugando um P.A que tinha um som maravilhoso, foi um ótimo show.

Note-se que nessa época, não existia o uso de banners fundo de palco e muito menos impressões gigantescas, então o logo da Patruha, era desenhado, pintado e recortado na madeira, era imenso e pra transporta-lo ele era dobrável no meio.

Clic by Zeca Menezes, da esq; o glorioso Dudu Chermont, Rolando Castello Jr., e o grande Sérgio Santana.


PATRULHA DO ESPAÇO
A FORÇA DO ROCK FORA DO ESQUEMÃO
TODAS AS FAIXAS DOS QUATRO LPs
O ROUBO DA MATRIZ DO DISCO DE ESTRÉIA
VIAGEM AO PLANETA ROCK
A FÚRIA DE UM GRANDE TRIO
Mais uma publicação especial da revista SOMTRES. Editora Três Ltda. Rua William Speers, 1.000. Caixa Postal 223. Fone: 260-0533. Endereço Telegráfico: EDITRES. São Paulo, SP, Brasil.


FEV. 83


HEAVY METAL Attack

PATRULHA E PAPPO UM ENCONTRO CLÁSSICO

POR: ROLANDO CASTELLO JÚNIOR

“Quando **1984** chegava aos seus meses finais e com a aproximação do *ROCK IN RIO*, saímos da letargia. Havia uma remotíssima possibilidade de participar do mega evento, apesar da banda estar no hangar, nossas bases e alguns contatos de maior nível nos instigavam a sair à luta. Novamente pintava uma esperança. E dessa vez um contato feito com um empresário argentino assinalava também a presença no Rio de Janeiro de um velho conhecido e guitar-hero dos pampas, o Pappo, um mito na sua terra e com o qual eu havia tocado junto em **1977** na Argentina com o Aeroblus. E que inclusive fez um show com a Patrulha em **1979** em São Caetano / São Paulo. Nesse meio tempo, Pappo tinha estourado mais uma vez na Argentina com uma banda chamada Riff. Com o fim do Riff, Papo veio ao Rio de Janeiro tentar montar algo. Depois de um show no Circo Voador com o Celso Blues Boy, uma máfia de editores argentinos que editavam no Brasil as revistas Roll e Metal tentava armar para que ele tocasse com o Barão Vermelho no *ROCK IN RIO*. Eu sabia que tal empreitada era roubada e impossível. Assim que Pappo se ligou da patifaria, pintou a ideia de juntarmos as forças e de tentar algo com a Patrulha. A distância Rio/SP era um obstáculo, mas depois de algumas viagens e acertos transferimos a operação para São Paulo, começamos a ensaiar e a compor rapidamente, agendamos com o Luiz da Baratos a gravação do novo material no estúdio Vice–Versa. Tudo corria velozmente e em **FEVEREIRO DE 1985** entramos no estúdio para gravar o nosso quinto disco. Com a entrada do Pappo, o som ficou mais pesado, e como ele é um soberbo guitarrista o som ficou como sempre sonháramos. Mas nosso sangue de roqueiro nos empurrava para o lado oposto do que se supõe que era o rock comercial do momento. Mais uma vez dissemos foda-se e em três dias gravamos três temas ‘Robot’, ‘Olho Animal’ e ‘Mulher Fácil’. O quarto tema gravado ‘Deus Devorador’, foi composto e gravado no terceiro dia no estúdio e feito em um take.(...)

“Com as quatro músicas gravadas, o Pappo voltou a Buenos Aires para cuidar de negócios pendentes e mandar para o Brasil alguns amplificadores Marshall que ele tinha e que aqui eram objeto de desejo e sonho de todos os músicos e bandas. Algumas semanas transcorreram-se, nas quais colocamos as vozes das músicas gravadas. Quando o Pappo retornou para São Paulo, os amplificadores que haviam ido pra o Rio de Janeiro estavam presos na aduana por uma cagada burocrática. Lá fomos tentar recuperá-los, mas os impostos e o imbróglio alfandegário criado fizeram com que os amplificadores acabassem sendo vendidos para se salvar alguns dólares. Foi uma grande perda financeira e material que abalou totalmente os ânimos do Pappo e nosso. Isso somado a uma milionária proposta para o retorno de sua banda Riff aos palcos argentinos fez com que déssemos um basta ao trabalho que vínhamos realizando. O Pappo retornou a Buenos Aires e nós resolvemos recolher a nave da Patrulha mais uma vez ao hangar. Desta vez iriam ser longos os anos de forçada parada. O disco ainda foi editado com o nome de *PATRULHA 85*, com as quatro músicas gravadas e apesar das ótimas críticas, sem shows para promove-lo e sem banda para cair na estrada, o disco e o trabalho caíram no ostracismo.”
(**ROLANDO CASTELLO JÚNIOR IN DOSSIÊ, VOLUME 3 – 1984/1990**).

PATRULHA 85, UM CLÁSSICO BINACIONAL (MÁRIO PAZCHECO)



Necessariamente um clássico não precisa preencher todos os sulcos dos dois lados. Essa percepção surgiu quando ouvi *PATRULHA DO ESPAÇO* ***1985*** – um dos discos mais seminais e mais ouvidos em toda a minha vida. Zezinho Blues numa reminiscência: – Há quanto tempo não ouço esse disco. Desde os dias que você ainda morava com seus pais. O disco por ser em 45 rotações passou também por um período de ostracismo até que pintasse uma pick-up que o rodasse! **20 ANOS DEPOIS,** as bombas atômicas estão explodindo e eu sou de metal, esse é o recado da primeira faixa, “Robot”. “Mulher Fácil” é uma bluseira insinuante, “lá vem você de novo mulher fácil com suas mentiras e seu jeito fácil – muulhêr fácil –muulhêr fácil”.

“Olho Animal” e “Deus Devorador” são as mais perfeitas métricas do rock'n'roll, mesclando fantasia, caos e imagens de quadrinhos sob o manto urbano do universo paulista. Grandes temas instrumentais e riffs cortantes como o fio da navalha. Uma situação crítica quando se está sob a mira do olhar animal. Os desempenhos de guitarra, bateria e voz e contrabaix o registraram o nascimento da mais nobre aliança binacional (Brasil/Argentina) num disco de rock já feito.

NUM DOMINGO DE BLUES, O ROCK E SUAS VOLTAS FINAIS

POR: MÁRIO PAZCHECO



2005 – Um dos músicos mais conhecido da Argentina, o guitarrista Pappo Napolitano, morreu numa manhã de uma **QUINTA-FEIRA** era **25 DE FEVEREIRO**, aos **54 ANOS**, ao ser atropelado por um carro, em Luján, Buenos Aires.

Na hora do acidente, o músico de blues estava em sua moto, uma Harley Davidson. Seu filho e sua nora viajavam junto com ele em outra moto e nada sofreram.

Pappo chegou a tocar com bandas conhecidas como

Rolling Stones, Motorhead, AC/DC e Guns N' Roses. E chegou a acompanhar B.B. King durante um concerto no Madison Square Garden, em Nova York.

NUM DOMINGO de lágrimas, as imagens de Duane Allman e Tom Capone também não deixaram a cabeça.



Los Gatos



*Um dia desses, eu disse: – Tenho dois LPs dos fundadores do rock argentino de **1970-71**, Los Gatos e Manal, o hermano olvidou, daí peguei os discos e mostrei*

“Manal é ótimo, mas, das bandas de rock argentino, Almendra é a que mais fala alto ao peito pecilotérmico do Lagarto.” (**REI LAGARTO**)



Foto: Calil Elias Neto

Metal Rock – **LP com direção de Hélio E.C. Manso e produção de Mr. Sam. Gravado no Estúdio Intersom/Sigla-Rio. Disco de rock pesado brasileiro com duas faixas para cada um dos seguintes grupos: Made in Brazil, Eclipse, Atack, Máscara de Ferro e Di Castro (Sangue da Cidade). Lançamento da RGE.**

rar, fica um reca
ágora vão ent
lo: esse estilo ten
marcas principais
duelando em tona
de gravar voz *lá e*
l quase como de
er equilibrar a c
is por aí, Sam?

Leopold

BRAZIL - Show
. O "Made" co-
seus dezessete
ira em show com
calista Cornelius

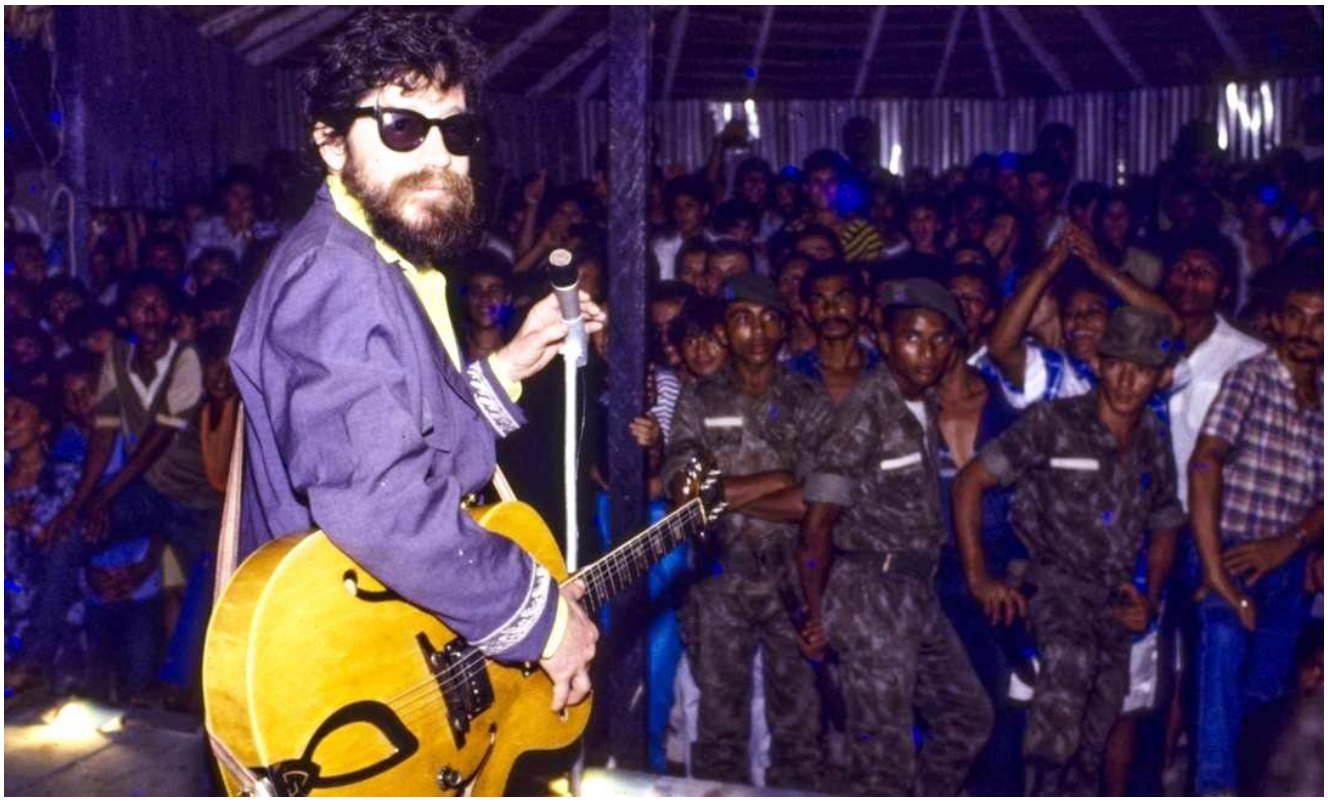


Made in Brazil, um dos mais antigos conjuntos de rock

Made in Brazil, ***1985***







*O cantor Raul Seixas em viagem aos garimpos do Pará, em **1985** –*
Fotos: Cristina Villares / Divulgação



NOVA BIOGRAFIA DE RAUL SEIXAS REVELA AS LOUCAS HISTÓRIAS DOS SHOWS DO CANTOR

Já debilitado, Maluco Beleza cantou para garimpeiros no Pará em **1985**: episódio está relatado no livro 'Raul Seixas por trás das canções'

SILVIO ESSINGER – https://oglobo.globo.com/

28 DE JULHO / 2019 – RIO – Em **1985**, esquecido e já debilitado pelo excesso de álcool, Raul Seixas foi fazer uma turnê pelos garimpos do Pará. Num show, alguém o viu se aplicando uma injeção de insulina, achou que era droga, chamou a polícia e deu-se um rebu. Em **1989**, dois dias antes de morrer, o Maluco Beleza lançou seu último disco, A panela do diabo, onde cantava: "E lá em Serra Pelada, ouro no meio do nada/ dor de barriga desgraçada resolveu me atacar/ o show estava começando e eu no escuro me apertando/ e autografando sem parar". "Banquete de lixo" era a lembrança de shows em Marupá e Itaituba, às margens do Tapajós, num cenário de bangue-bangue, bebida a rodo e voos perigosos em teco-tecos.

Até hoje, o que se sabia dessa saga estava na revista "Status", num relato do jornalista Pepe Escobar, que estava em Itaituba. Mas agora, para celebrar os **30 ANOS** da morte do pai do rock brasileiro (em **21 DE AGOSTO**), o jornalista Carlos Minuano revela tudo desta turbulenta história na biografia Raul Seixas por trás das canções (Best Seller).

O livro é uma das surpresas em torno da data. Para novembro, está previsto o lançamento de Raul Seixas: Não diga que a canção está perdida (Todavia), escrito pelo jornalista Jotabê Medeiros, com revelações sobre períodos obscuros da carreira do cantor. Ainda sem data, está prevista também uma cinebiografia a ser dirigida por Paulo Morelli para a O2 Filmes. E haverá e a edição em LP duplo do raro Eu não sou hippie, gravação de um show de **1974**.

Carlos Minuano coletou depoimentos de Tony Osanah, guitarrista da banda, e de Gato Félix, ex-percussionista dos Novos Baianos que atuou como empresário na malfadada turnê garimpeira. Encontrou a fotógrafa que viajou com Pepe, Cristina Villares, que por dias revirou seus arquivos em busca de imagens inéditas dos shows de **1985**. As descobertas são enfim reveladas no livro de Minuano (e no alto desta página).

– A ideia era fazer uma biografia musical, mas no meio do cancioneiro acabaram entrando histórias muito loucas – conta o jornalista.

DO OSTRACISMO À LENDA

Quando morreu, de pancreatite, Raul era um artista solitário, com a saúde e as finanças em frangalhos, relegado ao ostracismo, que o ex-Camisa de Vênus Marcelo Nova tentava reerguer em shows do LP conjunto A panela do diabo. Aos **44 ANOS**, seus discos estavam, em boa parte, fora de catálogo, e a bibliografia sobre ele era escassa.

Da morte para cá, Raul tornou-se uma lenda. Inspirou dezenas de livros, até edição psicografada (como "Um roqueiro no além", de Nelson Moraes). São obras que vão "dos lixos mais absurdos, viagem de cogumelo" a "trabalhos acadêmicos maçantes, mas muito sérios", como diz Sylvio Passos, presidente do Raul Rock Clube (do qual o primeiro associado foi Raul). Amigo do cantor, Passos é guardião de sua memória e organizou o livro *RAUL SEIXAS POR ELE MESMO* (**1990**).

Além da aventura amazônica do cantor baiano, Raul Seixas por trás das canções passa também por suas transformações musicais. E traz histórias engraçadas, como quando ele encontrou Tancredo Neves em campanha presidencial (contada pelo amigo e ex-empresário Beto Sodré). Ou violentas, como a do argentino Hugo Angel Amorrotu, que traficava cocaína e foi assassinado em Copacabana em **1979** no apartamento que alugava de Raul.

Não escapa de lembrar, ainda, a missa antes do enterro do cantor, invadida por mais ou menos uma centena de pessoas gritando "Viva, viva, viva a Sociedade Alternativa!" e que tentaram roubar o caixão com seu corpo, para que não enterrassem o ídolo.

– Muitos fãs querem manter Raul no lugar do maluco, quando o cancioneiro dele é fantástico – diz Minuano. – Tinha um carisma que conseguiu transferir para a obra.

Roqueiro, místico, filósofo, cronista, tirador de sarro, romântico... várias são as personas assumidas por Raul Seixas em suas canções. E é na menos conhecida delas, arquiteto do brega, que o jornalista Jotabê Medeiros joga luzes em "Raul Seixas: Não diga que a canção está perdida", que sai em novembro pela Todavia.

DISCO MALDITO

No começo dos anos **1970**, ainda mordido por não ter conseguido estourar no Rio com os Panteras, sua banda de Salvador, Raul recebeu um convite para ser produtor na CBS, gravadora de Roberto Carlos. Lá, com o parceiro Mauro Motta, ele cuidava dos discos de um time de artistas que fariam muito sucesso com canções simples, pós-Jovem Guarda: Odair José, Diana, Márcio Greick, José Roberto, Paulo Gandhi, Monny e Balthazar. Nesta temporada do outro lado do balcão, Raul andava de terninho preto, cabelo penteado e óculos de grau.

– Ele e Mauro trabalharam como loucos e fizeram algumas das músicas mais tocadas do Brasil, como "Ainda queima a esperança", da Diana. Músicas essas que trouxeram a contribuição da periferia para o grande mundo discográfico – explica Jotabê – Na série de LPs As 14 mais, Raul sempre dava um jeito de colocar uma composição sua, nas vozes de outros cantores, já que ele não tinha como gravar como artista porque o Evandro Ribeiro, diretor da CBS, não gostava.

Foi nesse período na gravadora que Raul realizou, sem que Evandro soubesse, o conceitual Sessão das dez, com o grupo Sociedade da Grã-Ordem Kavernista – irmandade formada por ele, Sérgio Sampaio, Edy Star e Miriam Batucada. O LP maldito, que foi recolhido logo após o lançamento, em **JULHO DE 1971**, inspirou nos últimos anos nada menos que dois espetáculos cover, um no Espírito Santo (com o Coletivo Taruíra), outro em São Paulo (com os Kavernistas do Terceiro Milênio).

SESSÃO DAS DEZ foi a pirraça do produtor Raul, que em **1972** se lançou como artista solo nos festivais com "Let me sing, let me sing".

Para o livro, o jornalista levantou com Edy Star (o único kavernista vivo) e o arranjador húngaro Ian Guest (que participou das gravações) histórias inéditas sobre Sessão das dez. Além disso, Jotabê promete algumas revelações "que vão balançar um pouco as convicções sobre o Raul", como a sua relação com seitas satânicas junto do parceiro Paulo Coelho.

– Raul poderia ser muito generoso, nunca abandonou os amigos de primeira hora, mas também era capaz de algumas perversidades. Ele era um ser humano complexo – diz Jotabê.

TOCAM RAUL

Uma cinebiografia a ser dirigida por Paulo Morelli para a O2 Filmes (ainda sem data para produção ou definição do elenco) é outra grande novidade que se aguarda acerca de Raul Seixas. Já na área fonográfica, sai em novembro a edição em vinil duplo de Eu não sou hippie, registro raro que saiu no formato de CD em **2014**. Trata-se da gravação de um show de **1974** na cidade mineira de Patrocínio. A iniciativa é da loja Record Collector junto com o 180 Selo Fonográfico.

– Eu não sou hippie foi feito a partir de uma fita cassete de qualidade sofrível. Voltamos à fita e realizamos um trabalho moderno de remasterização para o vinil. O Raul estava cantando muito bem naquele show – explica Fred Cesquim, da Record Collector. – Ainda conseguimos fotos inéditas da época, que serão usadas no projeto gráfico.

E os **30 ANOS DA MORTE DE RAUL SEIXAS** também serão marcados por eventos. **NO PRÓXIMO SÁBADO**, Marcelo Nova celebra o disco A panela do diabo em show no Circo Voador. **DIA 10**, na Praça da República, em São Paulo, acontece o espetáculo O início, o fim e o meio, com participações de Sylvio Passos, Carlos Eládio (guitarrista dos Panteras) e Edy Star. E no **DIA 21**, também na capital paulista, haverá a Passeata Raul Seixas, que em seu **29º** ano sai do Teatro Municipal rumo à Praça da Sé.



Mosca na sopa da MPB

"Não existe roqueiro no Brasil." Depois de um ano desaparecido, **Raul Seixas** ressurgiu dos mortos com a língua mais afiada do que nunca. Fez as malas e foi para São Paulo, vociferando que o "Rio é uma grande mentira". Destilando fel por todos os poros, o *demolidor solitário* não perdoou ninguém. "Não gostei do Gil no *Rock in Rio*. Tava todo pintado. Ele virou *rock'n-'roll*. Começou me acompanhando na Bahia, de sanfona. E errou tudo. Isso em 59. Agora tá pior". Sem poupar vivalma, **Raul** segue seu caminho solitário, sem confiar em ninguém. Mas enche a boca ao dizer que quem entende de *rock* é ele. O tempo que passou sumido do mundo foi por livre e espontânea vontade. "Fui para os Estados Unidos cuidar do meu divórcio. Não sou *cowboy*, mas tenho uma filha americana de quinze anos que mora na Califórnia. Inventaram que eu estava doente mas é tudo mentira." E, aproveitando a *dica*, mete o pau nos jornalistas: "Vocês querem que a gente faça as coisas e vocês não fazem nada." Ele odeia dar entrevistas. Odeia os artistas. Se diz um homem, simplesmente. Falho e perfeito. Onipotente e humilde. Humildade essa que dissimula com perfeição. Tudo está velho. "Não vejo ninguém novo. Como é que se chama aquele que gravou *Ouro de Tolo?* Aquele que tem mau hálito? Ah, sim. O Belchior. Ficou muito feio. Não gostei." Mas ele veio nos salvar da monotonia. Estreou na Paulicéia com o *show A Grande Volta* ou *Tudo Pode Acontecer*. **Raul** canta em inglês, improvisa, troca letras de músicas e o diabo. Segundo ele, seu estilo agrada a todas as faixas etárias. "Sou a metamorfose ambulante. Até hoje. Continuo chato. Sou a mosca na sopa." Pelo menos ele reconhece e até se orgulha desse seu rótulo maldito. Assim como John Lennon, Elvis Presley e Bruce Lee — seus ídolos, todos mortos —, que teve a honra de conhecer pessoalmente. Pessoas especiais, com carma pesado. Por isso, o místico **Raul Seixas** trata de se proteger. É adepto do uso de pirâmides para equilibrar sua energia e pertence a uma sociedade esotérica. Ferino do jeito que é, só usando uma penca de figas-de-guiné contra a ira alheia. ○



Arnaldo Bento

Raul Seixas avisa que continua um chato

1986

JANEIRO

Emoção marca sepultamento de Marco Antônio Araújo

Vera Godoy



O corpo de Marco Antônio foi velado no saguão do Palácio das Artes

Um mês e quatro dias após o lançamento do seu quinto LP "Lucas", que o consagrou nacionalmente, o instrumentista e compositor mineiro Marco Antônio Araújo voltou ontem, pela última vez, ao Palácio das Artes. Só que ele não subiu ao palco para mais uma de suas radiantes apresentações. A roupa preta que ele usou no último show, a primeira e única em toda a sua vida, foi substituída por uma branca. Nas mãos, ao invés da guitarra, ele segurava uma rosa. E no lugar de "um, dois, três..." ou de qualquer outra palavra de ordem aos seus companheiros músicos, ele permanecia mudo, mas com a expressão serena de quem acabara de completar, com grandeza e dignidade, a difícil missão de músico em Minas e no Brasil.

Foi assim o apagar da mais recente e promissora estrela da música popular brasileira, Marco Antônio Araújo, velado em câmara ardente desde às 13h de ontem no "foyer" superior do Palácio das Artes, por amigos, parentes, artistas e autoridades.

A sua agonia terminou às 6h15m no CTI do Prontocor, onde ele lutava contra a morte desde quinta-feira passada, ajudado pelos aparelhos artificiais do hospital e pela fé de seus fãs, apesar de se encontrar desenganado pelos médicos desde a sua internação.

Segundo laudo inicial divulgado ontem pelo Instituto de Medicina Legal, Marco Antônio Araújo foi vítima de um derrame cerebral fulminante, possivelmente causado por um quadro de aneurisma congênito, do qual o próprio compositor e seus familiares não tinham conhecimento. O resultado completo dos exames, cujo material só foi possível ser colhido ontem, somente será conhecido dentro de dois ou três dias.

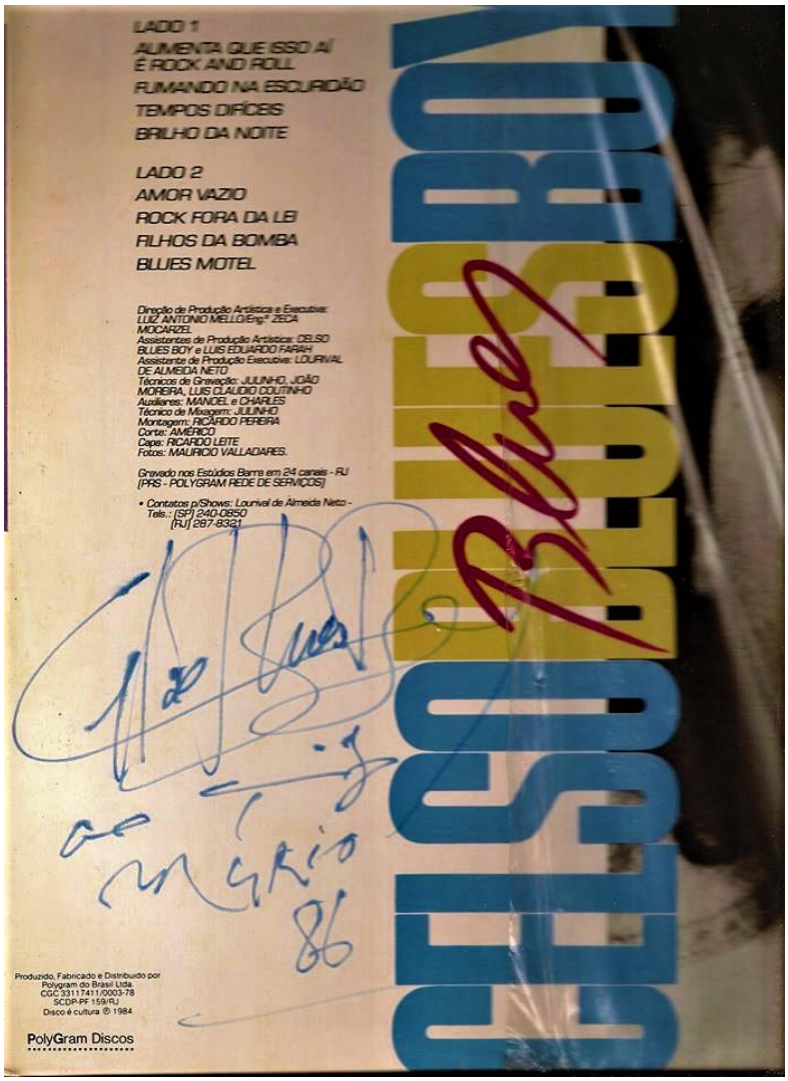
Se a consagração nacional do seu trabalho começava a despontar, uma vez que seu último disco foi apontado pela crítica como um dos cinco melhores de 1985, o reconhecimento do público mineiro, em particular, foi total ontem em Belo Horizonte. Centenas de pessoas se revezaram em silêncio e respeito no Palácio das Artes para vê-lo pela última vez. Quase todas as rádios da cidade passaram a tocar suas músicas mais conhecidas, principalmente "Lucas".

O corpo do compositor foi velado até as 16h50m quando, com quase uma hora de atraso, seguiu em direção ao Cemitério do Bonfim.

Natural de Belo Horizonte, Marco Antônio tinha 36 anos, era pai de dois filhos — Ana e Lucas, de um e dois anos. Araújo deixou uma certeza, infelizmente confirmada somente com a sua morte: a de que tinha um público enorme e o reconhecimento da imprensa que registrou, passo a passo, toda a sua agonia. Ele ficou coberto por várias corbeilles de flores com citações espontâneas e saudosas sobre o seu trabalho.

Quase todos os músicos que o conheciam mais de perto, principalmente de sua banda e da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, onde ele era violoncelista — titular desde 1977, estiveram presentes. Em todos, a expressão era a mesma, de perplexidade e tristeza.

Marco Antônio Araújo deixa uma discografia independente de cinco títulos ("Influências", "Entre um Silêncio e Outro", "Animal Racional", "Quando a Sorte te Solta um Cisne na Noite" e "Lucas"). A vida e obra de Marco Antônio Araújo estão na 2.ª Seção.


LADO 1
AUMENTA QUE ISSO AÍ É ROCK AND ROLL
FUMANDO NA ESCURIDÃO
TEMPOS DIFÍCEIS
BRILHO DA NOITE
LADO 2
AMOR VAZIO
ROCK FORA DA LEI
FILHOS DA BOMBA
BLUES MOTEL
Direção de Produção Artística e Executiva: LUIZ ANTONIO MELLO Eng.º ZECA MOCARZEL
Assistentes de Produção Artística: CELSO BLUES BOY e LUIS EDUARDO FARAH
Assistente de Produção Executiva: LOURIVAL DE ALMEIDA NETO
Técnicos de Gravação: JULINHO, JOÃO MOREIRA, LUIS CLAUDIO COUTINHO
Auxiliares: MANOEL e CHARLES
Técnico de Mixagem: JULINHO
Montagem: RICARDO PEREIRA
Corte: AMÉRICO
Capa: RICARDO LEITE
Fotos: MAURICIO VALLADARES.
Gravado nos Estúdios Barra em 24 canais - RJ (PRS - POLYGRAM REDE DE SERVIÇOS)
• Contatos p/Shows: Lourival de Almeida Neto - Tels.: (SP) 240-0850 (RJ) 287-8321
Produzido, Fabricado e Distribuido por Polygram do Brasil Ltda.
CGC 33117411/0003-78
SCDP-PF 159/RJ
Disco é cultura © 1984
PolyGram Discos
CELSO BLUES BOY
Blues



DISCO/CRÍTICA

O PESADELO MÚLTIPLO E A LUCIDEZ DA LOUCURA

Raul Seixas e Arnaldo Baptista são dois experientes e controversos autores de um capítulo à parte na história do **rock** nacional. Arnaldo é o mutante melancólico, que se nega a fazer concessões em troca do sucesso fácil. Já Raul, é herdeiro de Elvis Presley; o homem que conhece cada esquina do **rock'n roll**; o artista que gravou um LP de rocks antigos antes de John Lennon. Ambos são ex-produtores, com carreiras acidentadas e abaladas por retiros, internações, detenções, resultando em altos e baixos. Se expressam em outras línguas (francês e inglês), pois para eles, o lado artístico exige um complemento, e a liberdade de se sentir universal.

"A pedra do Gênesis", de Raul Seixas, abre com **rock'n roll**; o ritmo que predomina é o **shang-a-lang**; e a voz está diferente, mais forte, em interpretações muito pessoais. Sua ironia está à pleno vapor. São cenas que conhecemos de outros discos seus, e que, agora, ele recicla, atualizando a "Sociedade Alternativa" em "A Lei". Deve-se destacar aí que o mandamento "faze o que tu queres", não é exatamente o mesmo que "faze aquilo de que gostas" mas sim "descobre o modo de vida mais de acordo com tua natureza íntima e então vive intensamente". As histórias são bem brasileiras como é o caso de "Check-Up" e "Fazendo o que o Diabo Gosta", mostrando cenas de um casamento que deu certo. Ambos poderiam ter sido gravadas por qualquer dupla caipira.

Lado "B": "Depois de Cantar", "Direito de Viajar sem Passaporte" e "Reler Alice no País das Maravilhas", Raul renuncia a todas as drogas na engraçadíssima: Não Quero Andar Mais na Contramão". "I don't really need you anymore" é repetitiva, e também não precisava ser cantada em inglês. (Não acrescenta nada). Apenas preenche esse lado um country eletrificado a la Carl Perkins. "Lua Bonita" é romantismo anos 50, onde ele preserva o sotaque. As letras atingem uma certa loucura em "Senhora dona Persona", um pesadelo que encerra com "Areia da Ampulheta", releitura de "Gitã", onde aqui o autor é o tempo. São músicas com breves mensagens e comentários rabiscados a qualquer hora da noite ou do dia, ao sabor da (ins) piração. Após um curto intervalo, ouve-se outra mensagem, que passa para a seguinte chegando ao fim, inicia o outro lado, altere as faixas para uma segunda audição para não incindir em monotomia. Raul

"A Pedra do Gênesis", de Raul Seixas: irônico e competente.

"Disco-Voador", de Arnaldo Antunes: só para fãs.

"Arnaldo & Patrulha do Espaço": pelo menos, 10 anos de atraso.

continua fiel a sua herança de produtor: não se mexe em time que está ganhando.

Passemos agora a Arnaldo Baptista; um artista com um pé no passado e outro no futuro em "Faremos uma Noitada Excelente...". O disco é o registro, com 10 anos de atraso, de sua passagem pelo Patrulha do Espaço, um produto paulista, com vigor de banda de garagem, um som saturado e lindo, apesar da qualidade de gravação ser precária. "Emergindo da Ciência", um tema de piano em tom progressista. A voz afiada avisa: "Eu não sei porque fui me envolver/Eu não sei porque fui sofrer", de repente um **riff** stoniano do mais frenético **rock'n roll** é mesclado à mais pura melodia de uma caixinha de música, é a ousadia do Mutante.

"Um pouco assustador", tem o sabor de um sangrento blues marcado por uma guitarra chorada: "Como vai você/Qual o seu nome mesmo?", toda a sinceridade de uma banda entrosada e o profético verso: "Mas há momentos na vida em que tudo parece que vai acabar", Arnaldo está cantando ao vivo sem truques ou correções. Sua música promove aquela magia contagiante ausente por muito tempo dos discos e shows.

"I feel in love one day", balada pungente: "Eu me fiz de tolo/Me mostre o caminho". "Cowboy" é o momento de Patrulha, **hard rock**, a proposta que seria levada ao ápice pela banda após a saída de Arnaldo; e um longo solo de bateria com "faser" põe fim. O show encerra com "Hoje de manhã eu acordei" (apesar de acordado ele ainda se mantem em dúvidas e uma guitarra jazz põe fim nas dúvidas).

Completadas as gravações de seu segundo álbum solo "Singing Alone" em 81, no último dia do ano, Arnaldo atirava-se do 3º andar de uma clínica psiquiátrica, tudo igual à letra de "O suicida", primeiro compacto que ele gravou com Rita e Sergio, falando de um cara que se joga do viaduto do Chá. Mais uma vez a vida imita a arte. O disco que veio depois do acidente é "Disco voador", que não chegou à imprensa (é mal gravado, carente e masterizado de dois canais). Expõe o pesadêlo vivido, documento que mostra Arnaldo de volta às atividades. Ele está mais maduro e feliz. O mergulho na ciência continua em "Eu".

Peça pelo Reembolso Postal:
Arnaldo & Patrulha do Espaço, "Faremos uma Noitada Excelente", Vinil Urbano Records, Av. Brigadeiro Luis Antonio, 2344, ll 10, SP.
Arnaldo - "Disco Voador", Baratos Afins, Av. São João, 439 - 2º And. Loja 316/318
São Paulo - Cep 01035

MÁRIO PACHECO

LANÇAMENTOS:
GERALDO AZEVEDO - **ETERNO PRESENTE** - BMG ARIOLA
NEY MATOGROSSO - **QUEM NÃO VIVE TEM MEDO DA MORTE** - CBS
GONZAGUINHA - **CORAÇÕES MARGINAIS** - BMG ARIOLA
PEPEU GOMES - BMG ARIOLA
STEVE WINWOOD - **ROLL WITH IT** - BMG ARIOLA
ROBERTO PALMER - **HEAVY NOVA** - ODEON
BAUHAUS - **1979/1983** - ELDORADO
NANDO CARNEIRO - **TOPÁZIO** - VISOM
PREÇO MÉDIO: CZ$ 2.000,00

BRASÍLIA-DF - ANO XI - Nº 633 - PÁGINAS 12 E 13
DE 10 A 16 DE SETEMBRO

1988

DISCOS: ARNALDO & PATRULHA DO ESPAÇO & RAUL SEIXAS (1988)

O pesadelo múltiplo e a lucidez da loucura (Mário Pazcheco*)

Discos

A PEDRA DO GÊNESIS – Raul Seixas

FAREMOS UMA NOITADA EXCELENTE... – Arnaldo & A Patrulha Do Espaço

DISCO VOADOR – Arnaldo Baptista

Raul Seixas e Arnaldo Baptista são dois experientes e controversos autores de um capítulo à parte na história do rock nacional. Arnaldo é o mutante melancólico, que se nega a fazer concessões em troca do sucesso fácil. Já Raul, é herdeiro de Elvis Presley; o homem que conhece cada esquina do rock'n'roll; o artista que gravou um LP de rocks antigos antes de John Lennon. Ambos são ex-produtores, com carreiras acidentadas e abaladas por retiros, internações, detenções, resultando em altos e baixos. Se expressam em outras línguas (francês e inglês), pois para eles, o lado artístico exige um complemento e a liberdade de se sentir universal.

A PEDRA DO GÊNESIS, de Raul Seixas abre com rock'n'roll; o ritmo que predomina é o shang-a-lang; a voz está diferente, mais forte, em interpretações muito pessoais. Sua ironia está à pleno vapor. São cenas que conhecemos de outros discos seus, e que agora, ele reclia, atualizando A Sociedade Alternativa em A lei. Deve-se destacar aí que o mandamento "faze o que tu queres", não é exatamente o mesmo que "Faze aquilo de que gostas" mas sim "descobre o modo de vida mais de acordo com tua natureza íntima e então vive intensamente". As

histórias são bem brasileiras como é o caso de “Check-up” e “Fazendo O Que O Diabo Gosta” mostrando cenas de um casamento que deu certo. Ambas poderiam ter sido gravadas por qualquer dupla caipira.

Lado b: depois de cantar Direito de viajar sem passaporte e "reler Alice no país das maravilhas", Raul renuncia a todas as drogas na engraçadíssima: “Não Quero Andar Mais Na Contramão” – “I Don't Really Need You Anymore” é repetitiva, e também não precisava ser cantada em inglês. (Não acrescenta nada). Apenas preenche esse lado um country eletrificado a la Carl Perkins. “Lua Bonita” é romantismo **ANOS 50**, onde ele preserva o sotaque. As letras atingem uma certa loucura em “Senhora Dona Persona”, um pesadelo encerrado com “Areia Da ampulheta”, releitura de “Gita”, onde aqui o autor é o tempo. São músicas com breves mensagens e comentários rabiscados a qualquer hora da noite ou do dia, ao sabor da (ins) piração. Após um curto intervalo, ouve–se outra mensagem, que passa para a seguinte chegando ao fim, inicia o outro lado, altere as faixas para uma segunda audição para não incidir em monotonia. Raul continua fiel a sua herança de produtor: não se mexe em time que está ganhando.

Passemos agora a Arnaldo Baptista; um artista com um pé no passado e outro no futuro em *FAREMOS UMA NOITADA EXCELENTE*... O disco é o registro, com **10 ANOS** de atraso, de sua passagem pelo Patrulha do Espaço, um produto paulista, com vigor de garagem, um som saturado e lindo, apesar da qualidade da gravação ser precária. “Emergindo Da Ciência”, um tema de piano em tom progressista. A voz afiada avisa: "Eu não sei porque fui me envolver/Eu não sei porque fui sofrer", de repente um riff stoniano do mais frenético rock'n'roll é mesclado à mais pura melodia de uma caixinha de música, é a ousadia do mutante.

“Um Pouco Assustador”, tem o sabor sangrento de um blues marcado por uma guitarra chorada: "Como vai você/Qual o seu nome mesmo?", toda a sinceridade de uma banda entrosada e o profético verso: "Mas há momentos na vida em que tudo parece que vai acabar", Arnaldo está cantando ao vivo sem truques ou correções. Sua música promove aquela magia contagiante ausente por muito tempo dos discos e shows.

“I Fell In Love One Day”, balada pungente: "Eu me fiz de tolo/Me mostre o caminho". “Cowboy” é o momento da Patrulha, hard rock, a proposta que seria levada ao ápice pela banda após a saída de Arnaldo; e um longo solo de bateria com phaser põe fim. O show no disco encerra com Hoje de manhã eu acordei (apesar de acordado ele ainda se mantém em dúvidas e um teclado jazz põe fim às dúvidas).

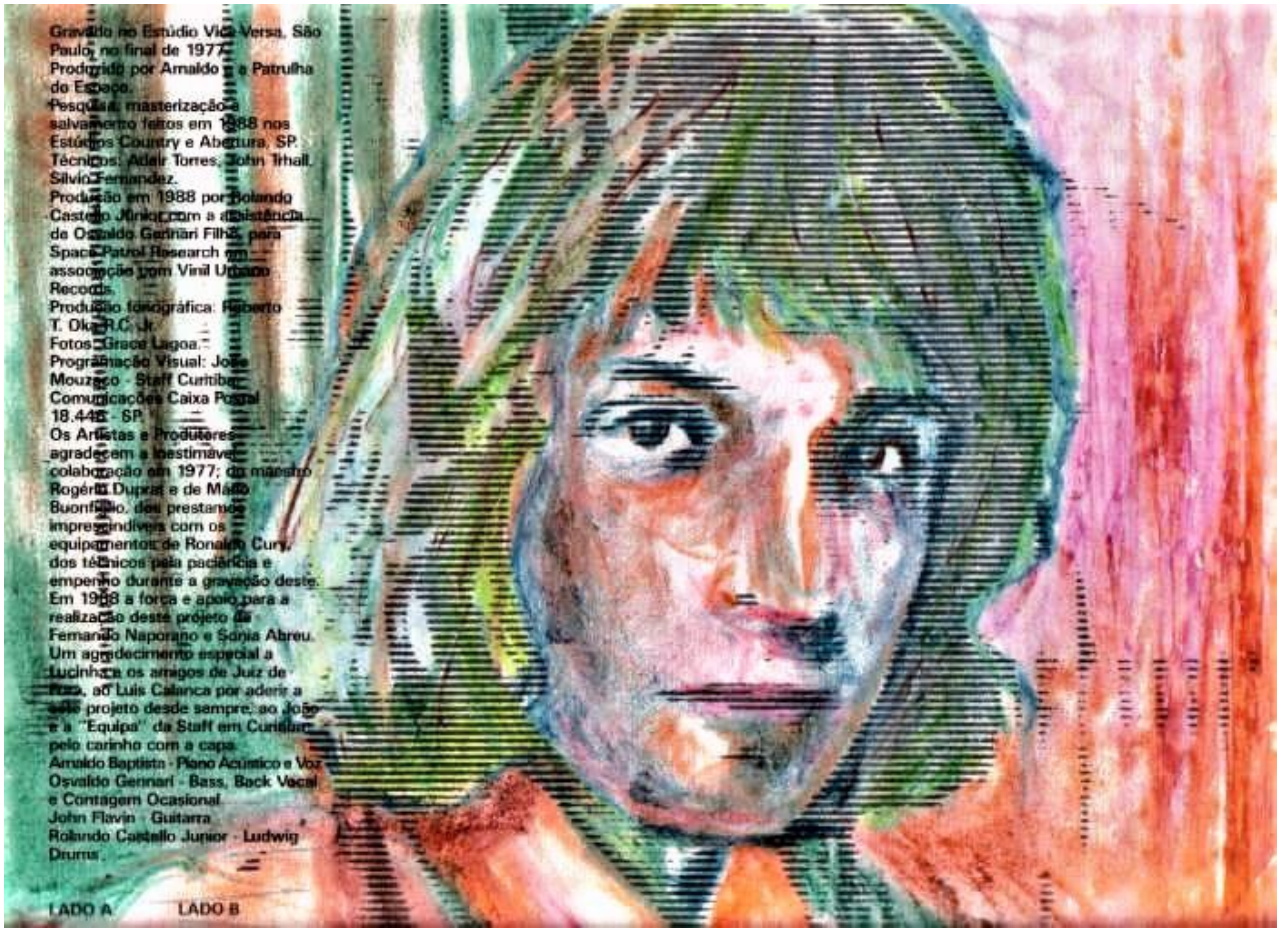
Completadas as gravações de seu segundo álbum solo Singin' alone em **1981**, **NO ÚLTIMO DIA DO ANO**, Arnaldo atirava-se do 3.º andar de uma clínica psiquiátrica, tudo igual à letra de “O Suicida”, primeiro compacto que ele gravou com Rita e Sérgio, falando de um cara que se joga do viaduto do Chá. Mais uma vez a vida imita a arte. O disco que veio depois do acidente é *DISCO VOADOR*, que não chegou à imprensa (é mal gravado, carente e masterizado em dois canais). Expõe o pesadelo vivido, documento que motra Arnaldo de volta às atividades. Ele está mais maduro e feliz. O mergulho na ciência continua em “Eu”.

O pesadelo múltiplo e a lucidez da loucura, in JOSÉ
(Jornal da Semana Inteira – **SETEMBRO DE 1988)**

LEMBRANÇAS

"Acompanhei a evolução do 'Arnaldo & Patrulha do Espaço', que Cokinho, no baixo e o Arnaldo iniciaram. Os ensaios eram na loja de móveis Oca, do pai do Junior (bateria) na rua Augusta. Na guitarra já era o Dudu, junto ao clavinete do Arnaldo. O lugar tinha uma acustica privilegiada, cheio de estofados e divisórias, ótimo para ensaiar uma rock band. A presença musical e a personalidade do Cokinho eram essenciais para aquele grupo funcionar. (...)

"Destes ensaios resultou um dos concertos mais instigantes e criativos que presenciei: a estreia da Patrulha no Teatro Treze de Maio. O Arnaldo estava atrasado, o público e a banda impacientes. Resolveram iniciar o show só os três. De repente, o Arnaldo entra no meio da primeira música, dançando. Uma dança alucinante, improvisada. Uma amostra do viria a seguir. Daí pra frente foi uma cascata de harmonias díspares, cacofonias, batidas poderosas, driving bass, canto gutural, e nada, mas nada convencional. Uma música invadia a outra, uns estavam terminando, mas outros já estavam na próxima. Uma avalanche. O público estava de boca aberta. Eu sorria extasiado". **FABIO GASPARINI (MONA, SUNDAY, SCALADACIDA, MAGAZINE)**



O elo perdido do rock

MIGUEL DE ALMEIDA



O ex-Mutante Arnaldo Baptista (com o grupo Patrulha do Espaço), volta à cena com LP inédito gravado em 1977

SÃO PAULO — Talvez a definição exata para Arnaldo Dias Baptista seja a de um cachorro louco. Mas um cão apaixonado, cão amigo. Este herdeiro direto das harmonias inglesas — sempre as melhores, sem o histerismo norte-americano — há anos está no estaleiro, vítima de uma queda, aparente tentativa de suicídio, e mora em um sítio próximo a São Paulo. Por dedo e obra de Osvaldo Genari, o popular Coquinho, chega às lojas o álbum "Elo perdido", gravado em 1977 — o ano da serpente.

São oito faixas, todas compostas por Arnaldo Baptista, gravadas no estúdio Vice-Versa, na época um centro de efervescência do rock paulista. Por ali passaram grupos, hoje célebres, como o Terço, O som nosso de cada dia — e outras efemérides. E naquela casa esteve Baptista, junto com o grupo Patrulha do Espaço.

Antes de "Elo perdido", o rock paulistano. Fruto das garagens — onde se encontravam DKWs, Dauphines, Gordinis. Nada com o rock atual — garagem com Mercedes, Ferraris, etc. Aquele rock era feito de uma sintonia com a produção estrangeira e letras e harmonias dialogavam com seus pares. Havia a preocupação com a harmonia, a melodia, a poesia. Canção com início, meio e fim. Diga-se também sobre a eficiência dos instrumentistas. Baterista sabia tocar bateria; baixista sabia tocar baixo — e assim por diante.

Existia um compromisso. Mick Jagger fazia rock; Lennon idem; daí todos deviam tentar melhorar a linguagem, sem problemas de gente do Terceiro Mundo. Os Mutantes — leia-se os irmãos Dias e Rita Lee — conseguiram essa parceria de ombro a ombro. Aconteceram letras, harmonia e filosofia.

Filosofia. Uma tristeza imensa. Como Montaigne, todos viajamos o mundo, mas sem a coragem de Billy the Kid. Ou de Marlon Brando, em "The wild one". Podemos até escrever aventuras como Joseph Conrad — porém, como ele, sem sair do camarote do navio. E esta geração dos anos 60 e 70 captou as mudanças do tempo, a entrada da sociedade em sua faceta cibernética, o homem na Lua, a Lua em você.

Arnaldo Dias Baptista foi um dos roqueiros — ao lado de Raul Seixas — que conseguiram forjar um sotaque particular. Como Raul, sempre canções com humor e amor — na definição ideal pedida por Oswald de Andrade. Foram justamente Os Mutantes que ajudaram a dar uma visão moderna no Brasil. Recorde-se a parceria do grupo com os tropicalistas baianos. Certo que a Jovem Guarda, na figura de Roberto e Erasmo, já tinha lançado mão das guitarras elétricas, para desespero de conservadores xenófobos. Mas feição tropicalista surgiu foi com o grupo paulistano e os Baianos.

"Elo perdido" foi gravado no final de 1977. A fita ficou guardada esses anos todos com o baixista Osvaldo Genari. Por problemas diversos — falta de gravadora, por exemplo — o disco não saiu na época. Baptista só voltaria ao vinil no início dos anos 80, com "Singin'alone", através do selo independente Baratos Afins.

Em 1975, Arnaldo se aliou ao grupo Patrulha do Espaço — John Flavin, guitarra; Osvaldo Genari, baixo; Rolando Castello Junior, bateria. Nesta época, acontecia a primeira explosão do rock brasileiro. Qualquer esquina tinha um novo grupo e os festivais e maratonas ocupavam teatros e fazendas. A qualidade não era das melhores: muita guitarra, "riffs" intermináveis, solos de bateria em excesso. Mas havia coisas boas — como Arnaldo e Patrulha do Espaço e O som nosso de cada dia. O Terço também tinha seu espaço.

Mas de todos, Arnaldo Baptista era quem possuía a estética mais bem acabada. Sempre foi mestre em fazer canções. Além de ser um esmerado letrista: "Eu sei que o mundo está superpovoado/mas não tem ninguém no meu quintal" (em "Sunshine") Ou: "Não sei se tenho um rei na barriga/mas um frango não faz mal/.../eu sei que tudo isso não faz mal" — em "Sunshine". Ou, ainda: "Você está mais sexy que a Brigitte Bardot", em "Sexy sua". Outro exemplo de seu humor/amor: "Como é que vai ficar/cortar jaca na cidade/não é mole não", em "Cortar jaca". Em outra faixa: "Meu Deus/você está agora como um rio que transbordou/.../se você me largar/eu posso me suicidar até o sol raiar".

Interessante como esse disco mantém uma incrível modernidade. Em instante algum as canções soam como coisas datadas, como simples anotações de um tempo passado. Nada disso.

A fórmula amor/humor de Baptista capta a poesia cotidiana, faz colagens de pensamentos e observações diversas, joga com os desejos e signos, muitas vezes até brinca com meta-musica.

A estética do rock, usada por Arnaldo, mistura os ritmos. Existem baladas, canções que sugerem melodias de cabaré, um xaxado elétrico. A tarja de roqueiro é pequena para definir o seu trabalho musical. Ele é mais do que isso: usa dezenas de informações — o jazz, por exemplo — e acaba sendo uma verdadeira usina de sons. E de poesia. "Estou tão cansado/onde é meu lar?", ele pergunta. A pousada dele é nos corações sensíveis. Nada com **yuppies** de plantão, de gente que se veste como um carro de fórmula-1. Arnaldo tem a ver com a poesia beatnik, com os delírios de Jack Kerouac, com a alucinação da prosa de Naboko e John Fante. Ele é um raio de sol, só isso.

1989

DISCOS

O retorno musical do "Joelho de Porco"

O grupo irreverente continua explorando o filão original

Nos tempos dos festivais eles eram conhecidos como **Anteontem 56 e meio**. Em 70, mudaram de nome, definitivamente, para **Joelho de Porco** e, três anos depois, estrearam em disco com o compacto **"Se você vai de xaxado, eu vou de rock'n roll"**, produzido pelo mutante Arnaldo Baptista, que chegou a tocar com eles.

Próspero Albanese, o vocalista, deixou o grupo e em seu lugar entrou Ricardo Petraglia que gravou com eles o Lp **"São Paulo 1554 - Hoje"**. Novamente o Joelho mudou de vocalista e músicos. Com a entrada do argentino Billy Bond, nos vocais o conjunto conheceu sua fase de sucesso, gravou mais um Lp pela Som Livre e organizou passeatas por São Paulo e feijoadas no Masp. Rápido como o sucesso o grupo desapareceu, para reaparecer em 83. Novamente com Próspero nos vocais, Tico Terpins na guitarra e a adesão de Zé Rodrix nos teclados lançou o primeiro e hilariante álbum duplo de rock brasileiro, **"Saqueando a Cidade"**, que vendeu poucas cópias. Quando menos se esperava, olha aí de novo a trinca confeccionando um novo disco: **"18 Anos Sem Sucesso"**.

"18 Anos", renega o rock de garagem e parte em rumo à consagração, explicando a produção esmerilhada e a lista de convidados que participaram das gravações.

O Joelho continua tirando um sarro em cima das fases que o grupo teve de passar para sobreviver sem, contudo, atingir o esperado sucesso. **"18 Anos Sem Sucesso"**, é uma faixa contagiante, com um refrão assimilável, que só os canais e ouvidos mais experientes não estranharão.



Se a onda é merengue, nada como curtir **"Mariquinha Maricota"**. Há inclusive música para crianças com vozes de crianças, mulheres procurando pelo homem que elas amam.

Parodiam o passado, em **"Mamãe Mamãe"**. Relembram as rebeliões em presídios no blues **"Rebelião no Garandiru"**. Revivem os anos dourados em **"Se eu me apaixonar"**. Usaram canções como vinhetas e passam por marchinhas como **"No céu Não tem Cerveja"**, onde os santos não ficam de porre e nem fazem pipi.

A festa prossegue num **"Twist de Branco"**, com a peculiar sacanagem brasileira, e o disco encerra com a conhecidíssima **"Um Boeing 723897"**, onde o índio do amazonas está com a rosquinha na mão.

O **Joelho de Porco**, descaracterizando rótulos, avacalhando nas versões mantêm acesa a chama da qualidade e originalidade que sempre servem de ingredientes em seus discos. Agora, digam-me porque o Joelho só é aceito nas feijoadas de sábado?

Mário Pacheco

SHOW

R SEIXAS ABANDONA A APOSENTADORIA

...e volta a cena no melhor de sua forma

Não importa em que disco voador ele desça, mas que não esqueça os óculos escuros e a guitarra. Raul Seixas será recebido e aclamado por uma multidão e o espaço do Gran Circo Lar será pequeno para o par de noites dedicadas ao rock baiano de ontem e hoje.

Raul ainda conserva suas costeletas e não perdeu o poder de se comunicar com o povo. A tiracolo, a inseparável guitarra Gibson. O velho bruxo acena com um novo disco em um novo selo, numa fase que promete melhorar depois de seu último divórcio.

DATA:
dias 7 e 8
(sexta e sábado) de abril
HORÁRIO:
às 21h30
LOCAL:
Gran Circo Lar

O maluco beleza, que não aportava aqui desde o longínquo Rock Cerrado, vem preparando o terreno para novas investidas. É claro que não deixará de ler suas leis e criticar os políticos, já que seus shows em Brasília sempre marcaram sua carreira. Foi aqui que ele se apresentou de pijama e escova de dentes, e o público reagiu calorosamente. A censura não gostou e deu um tempo pra ele que, em troca, compôs **Gita**, um de seus maiores sucessos. Outro episódio exemplar: concerto de 81, quando mandou alugar a Península dos Ministérios.

Lógico que a dobradinha Marcelo/Raul é uma jogada comercial que está dando certo.

Mário Pacheco



Raul Seixas: fragmentos de "A Pedra do Gênesis" no show em que canta o melhor de seu repertório.



Mário Pazcheco a Ricardo Seelig, do whiplash.net

Tem alguma história engraçada ou curiosa que aconteceu com você por causa da música, e que lhe fez pensar algo como “isso só acontece com um colecionador mesmo”?

Olha, já desci – raras vezes – o Brasil para entrevistar ou ver um show. Em Juiz de Fora, pedi a Maria Lúcia, mulher do Arnaldo, que me deixasse no Centro, pois eu não queria que ela soubesse que eu estava numa pensão, rodeado literalmente por “malas”. Nessas histórias da estrada, sempre tem um riacho, e eu penso, – Por que não estou em casa vendo o Jornal Nacional?

ENTREVISTA COM ARNALDO BAPTISTA

Lá pelo **FINALZINHO DOS ANOS 80**, os jornais noticiavam que Arnaldo Baptista recusava-se a receber visitas. Ele não queria receber nem seu irmão, Sérgio Dias Baptista. De tudo, um pouco de verdade.

Não acreditando na veracidade dos fatos, e lutando contra a barragem criada pelos parentes e amigos do músico, tentei marcar um encontro.

Como já nos correspondíamos por carta, há alguns meses, intimei a entrevista...

No entanto, Arnaldo impôs algumas condições, que eu não poderia aceitar.

Inconformado, deixei claro que não desistiria tão facilmente, e durante uma conversa telefônica um acordo foi acertado.

JUIZ DE FORA – MG. 25 DE MARÇO / 1989 – Setenta e duas horas depois, estávamos à beira da piscina, entre um cigarro e outro, gravando esse papo que

reproduzo abaixo, acabou fazendo parte do meu livro *BALADA DO LOUCO*, publicado em

1991, infelizmente esgotado.

Através do Arnaldo, o entrevistador ficou sabendo que outros, que como ele tentaram uma entrevista, não tiveram a mesma sorte, pois tratava-se da primeira que Arnaldo concedia. Em cinco anos.

Qual a contribuição da tevê para a vida das pessoas?

Depende da forma e da cabeça.

Os Mutantes contribuíram de que forma para o rock brasileiro?

Houve uma certa hesitação em conciliar a música nordestina, bem latina, influenciada mais pela cultura africana que a de São Paulo, totalmente eletrônica, um pouquinho voltada para Nova Iorque. Então houve a Tropicália. Nesse sentido, os Mutantes uniram o ritmo latino com a eletrônica do Sul, assim nascia a Tropicália

Como eram as críticas que o pessoal fazia em relação ao trabalho de vocês?

Éramos relativamente novos, jovens na época, então sentia-se, por intermédio do empresário, e comentários nos bastidores, que havia um movimento contrário à utilização do som de guitarras, que a gente utilizou. Que na época ainda era separada a Jovem Guarda da Bossa nova, um lado meio jazzístico frio, mas levado para outro lado, sambístico. Então a gente serviu de intermediários entre a Bossa e o Tropicalismo, a cultura de guitarras.

Nas críticas, o pessoal dava uma força, ou malhava?

Muita gente era contra, e alguns eram a favor.

Como eram os festivais, participar?

No comecinho, a gente se viu envolvido, pela classificação de uma música que nós não havíamos composto, e a novidade das guitarras. Então o Gilberto Gil comandou isso, duma certa forma, do lado tropicalista. Então o Festival era assim, até quando nós começamos a fazê-lo sozinhos, depois de algum tempo.

Descoberta da nossa parte, que o Gil já havia feito. “Caminhante Noturno” foi a primeira composição nossa concorrendo num festival. Depois a gente foi sabendo porque a nossa música atingia o público, e porque não atingia também.

Como era esse público?

Era um pouquinho variante em relação ao público tropicalista, do público rock’n’roll, Jovem Guarda. Nós tocamos poucas vezes no programa do Roberto Carlos, então havia uma certa falta de ambientação entre o Tropicalismo e o Roberto Carlos com a Bossa nova. Existia isso, a gente servia de ponte, muitas vezes contrária ao público, e esse se dividia a favor ou contra nós. A gente era classificado a respeito disso, e sempre terminávamos como melhores intérpretes, uma coisa em que a gente chegava perto do líder, nunca na classificação de música.

Qual era a mensagem do Tropicalismo?

Dependia muito de quem era o Tropicalista. Era diferente Gil de Gal Costa, do Caetano Veloso, Torquato Neto, Capinam, esse pessoal todo.

No Brasil, existia uma música superior à música estrangeira?

Mas eu não creio atualmente que fosse superior ao que era feito no Exterior: The Mamas & The Papas, Ventures etc.

Mas era uma música que já não era tão careta, era uma música que podia tocar no rádio, e que os jovens podiam consumir um produto natural daqui sem contraindicações.

É, mas também uma música que não era muito unida. Nós raramente ensaiamos com o Gilberto Gil, com o qual tocamos. E nunca ensaiamos com Caetano Veloso, Gal Costa, com todo esse pessoal que tocava no programa Divino Maravilhoso.

Mas vocês participaram do primeiro LP da Gal Costa, Só.

Sim! Mas só cantando com ela. Com a Nana Caymmi, igual, também. Então a gente chegava no estúdio e ouvia a fita um dia, ou dois, ensaiava, e lá gravava.

Não havia participação na criatividade que envolvesse harmonia, um palpite a respeito de uma parte musical que devia ser mais para um lado envolvente, um lado mais místico, ou outro lado mais sistema. A gente não podia compor, apenas cantava, naquela época.

E quais são as boas lembranças desse período?

Nenhuma que me lembre agora, apenas a eletrônica na música.

Vocês aprontavam alguma sacanagem contra aquele pessoal reacionário?

Não! Eu pessoalmente não fazia essa diferença tão tangível, que era mais exposta no Gil do que no restante das pessoas. Eu não era tão crítico a esse ponto; achava que, de uma certa forma, se a música fosse de Bossa nova, ou tropicalista, samba ou jazz, ou rock mesmo, se fosse boa, era boa. Não fosse boa, era ruim. Não me interessava muito; interessava-me o resultado final do entretenimento.

A visão minha e de várias pessoas é a de que os Mutantes eram psicodélicos, alucinados...

Houve fases, nós durante muito tempo não levamos adiante esse fato

Psicodelismo. Começamos a levar mais adiante, a partir da gravação do LP

Divina Comédia (**1970**), então começou-se a sentir o psicodelismo na música.

De que maneira o psicodelismo interferiu na música do grupo?

Não tão profundamente, mas no lado criativo que a gente imagina passou a ser mais real um pouco. A música é uma energia meio plasmática, e fica impossível dizer que através disso a gente ficou isso. Eu acho que é muito rotular, esse tipo de visão. Um exemplo clássico disso: hoje fala-se muito de heavy metal, e na minha época, que comecei com Os Mutantes, isso era tido entre nós músicos como “lenha”. Então, é muito diferente outro termo, fala-se em heavy metal, e eu não entendo, pra mim heavy metal é a orquestra de Glenn Miller. (Risos).

Mas, voltando no tempo, como foi que você começou a tocar piano?

É que eu tinha um piano de cauda em casa, minha mãe era pianista. Comecei com o conjunto no contrabaixo, até que um dia resolvi colocar o teclado, para, de uma certa

forma, abranger o lado agudo também, que era mais do Serginho e da Rita. Então abrangi esse lado também. Depois de entrar com o teclado, deixei o baixo, uma coisa que coloria o palco, mas não era o meu íntimo. Tocava muito piano, sem tocar no conjunto. Então nas gravações fazia alguns apanhados de clichês de órgão, mas eu era mais contrabaixista, e passei a ser tecladista.

Qual a sua maior influência nas teclas?

Jimmy Smith, e seu calor sonoro.

Agora aquela pergunta, que é obscura, e o pessoal ainda não leu. Por que você abandonou Os Mutantes?

É, tenho a impressão de que isso ficou um pouquinho difícil de declarar, por meio de certas formas estou tentando colocar isso adiante na imprensa, mas ainda não consegui. Mas declaro agora, foi unicamente devido à amplificação transistorizada. Eu queria amplificadores valvulados e eles não quiseram, então abandonei Os Mutantes.

Quais os seus planos musicais para o presente?

Estão direcionados para o mínimo que é escutado, por todos os seres humanos, e quer dizer em outras palavras que é a máquina som que acompanha a máquina ser humano. Um paralelo entre a ciência, tecnologia e nosso corpo, também uma máquina, de certa forma.

Por que você começou a pintar? Gasta muito tempo com a pintura?

Foi recentemente, uma coisa de dois anos atrás, mais a fundo. Antes eu fazia um quadro ou outro, num ano, ou menos. Mas foi tarde, comecei com **25 ANOS**, creio.

Quantos quadros você tem, em média?

Aqui em casa tenho mais ou menos ao redor de 200 quadros, numa média que não posso dar exata, uns 10% ou 15%, pode ter 230 ou 190, alguma coisa assim.

Como é a produção dos quadros, leva muito tempo?

Não! Cada um depende do apanhado, modo de vista meu. Faço o esquete, desenho como vai ser, apoiado numa ideia. Senti a necessidade de extravasar esse sentimento atualmente. Por exemplo, estou transando um que ainda não pintei. É a respeito do cigarro, eles produzem monóxido ou dióxido de carbono? Uma coisa que vou expressar a respeito disso com um quadro.

Existem muitos tipos de trabalho: a colagem, tinta a óleo, dois tipos de conotação, pintura tipo Rafael, tipo Leonardo da Vinci; não sou profundo no sentido de Bosch, sou mais da Vinci. Então, tem impressionismo e cubismo, tons que envolvem o produto final em colagens etc.

Tem algo de Salvador Dalí?

Tem muito dele no princípio, e tem principalmente um pouquinho mais no meu interior de Maxfield Parrish, que é pintor. Dalí foi o desbravador do Surrealismo, mas o Parrish foi adiante no lado mais de paisagens de perfeccionismo, junto à fotografia. Dalí era um pouquinho distante. Mas é difícil pensar isso, que envolve Dalí e Parrish; ambos são bons no tempo.

Atualmente, na cena musical brasileira, quem você destaca?

Hermeto Paschoal, gosto do estilo dele.

E da antiga?

Num pouquinho do passado, do Lanny Gordin, tocava guitarra com o Gil e o Caetano. O pai dele é dono da boate Stardust, tem um lado musical íntimo meu que vem de ensaios. Eu respeito o lado público, é muito difícil chegar a um entendimento a respeito do Lanny. Ele é uma pessoa mais de boate, músico que entra e toca, não é nenhum star. Só isso engloba a música dele, tipo que não é um cara muito assim Lulu Santos, que é um pouquinho demais nesse sentido. Mas haveria um intercâmbio de Lulu e

Lanny, seria o mais próximo da realidade.

O que você achou daquela declaração que o Lulu fez a seu respeito para a revista Bizz?

Muito estrela, o que falta no Lanny, mas faltou a ele um pouquinho do Lanny, ser mais íntimo. Um exemplo disso, que é uma coisa que eu falo mais como músico, o relacionamento que o ser tem com a música: um produto que é resultado dele. Lulu possui uma guitarra perfeita, que nunca usa, então tem a ver com isso, o modo de ser. O Lobão também tem, subir no palco, mas nunca usou, mas tava lá.

E encerrando, qual o título do seu próximo LP?

Deixa Cama! Os Rolling Stones possuem um LP chamado *LET IT BLEED* (“Deixa Sangrar”), já os Beatles têm um outro, *LET IT BE* (“Deixa Estar”); eu utilizei bed; *LET IT BED* (“Deixa Cama”).

Algum recado em especial para os leitores?

Eu li ontem que um intercâmbio entre a música e a ciência servirá de resultado final, que vai trazer soluções contra o apocalipse. Irá chamar-se Após-calipse, essa é a minha impressão.

Por que o final da parceria entre você e Rita Lee Jones?

A parceria teve um lado meio difícil de extrapolar, é um lado mais íntimo. Ela juntou-se a Lúcia Turnbull (que eu aprecio muito), não foi totalmente comigo.

Além disso, ela possuía um lado artístico meio difícil de acompanhar, mas era bonito/sonhador nesse sentido poético/místico. Foi nesse sentido que a parceria desencaminhou, não houve concordância. Um exemplo disso, o fato dela gostar da marca Grestch, e eu gosto de guitarras Gibson, que tem muito a ver com guitarras, e envolve a composição também.

ARQUIVO



No início da carreira, o conjunto de baile em Salvador

Uma mosca na sopa da MPB

Em meio à vertigem nacional dos anos 70, quando a marginália era o único brado de revolta aos modelos do passado, Raul engatinhava nos corredores das gravadoras e dos ginásios procurando saber o lugar exato onde colocaria a mosca na sopa da MPB e muito antes disso tinha consciência de que no país da Bossa-Nova ser roqueiro era ser alienado. "Eu tinha ódio da Bossa-Nova e agredia a cidade inteira usando roupas coloridas, de um mau gosto desgraçado".

Final dos anos 50. Raul leva até o ano do golpe o seu grupo *The Panters*, que animava bailes e festas de Salvador com um repertório que só dava rock, principalmente de Little Richards, Chuck Berry e Elvis Presley. No meio dos shows ele parava e lia trechos de Sigmund Freud. "O pessoal não entendia nada mas eu curtia. Era como se eu fosse um professor ensinando algo incompreensível, mas até engraçado". Irreverência à parte, Raul, mais tarde em suas letras, mostrava-se uma figura pensante em meio a um comboio de entes berrantes que dividiam suas vozes entre o erudito popular e o tom anarquista dos passageiros da Tropicália, prometendo, mais tarde, um descarrilhamento completo sobre os trilhos da MPB, atualmente híbrida em termos de criatividade e vertentes que têm no próprio Raul uma das fontes básicas de herança.

O PROFESSOR RAUL

Em 1964, no auge do sucesso das Panteras em Salvador, Raul se apaixona por uma americana, Edith, um namoro considerado "sério" pelos dois e resolve parar, entrar na faculdade, satisfazendo o desejo da família. Mais tarde traduziria o episódio como uma mera forma de demonstrar que "esse negócio de estudar é fácil e não tinha a mínimas importância". Fez o Artigo 99 (Madureza) em um ano, para recuperar o ginásio interrompido e o científico, passa num dos primeiros lugares no curso de Direito. Insatisfeito, resolve tentar Psicologia e Filosofia em 1966, e no ano seguinte dá um chute nas "carreiras mais estáveis", casa-se com Edith e retoma as atividades com Os Panteras, dessa vez no Sul, Rio de Janeiro, a convite de Jerry Adriani. Por influência de Jerry grava um elepê de rock com músicas de Elvis e de outros grupos norte-americanos mais recentes.

Mas Raul só entra no circuito comercial, passando a ser escutado a nível nacional, quando vence o Festival Internacional da Canção da Rede Globo, em 1972, cantando *Let me sing* — "Tenho 48 quilos certos/ 48 quilos de balão/ Não sei cantar como a cigarra canta/ Mas desse meu canto/ Eu não abro mão/ Let me sing, let me sing my rock'n'roll" —, uma das músicas que Raul, na época, considerava parte de um dos capítulos do tratado de metafísica que desejava escrever.

No início de 1972 Raul Seixas já era conhecido no meio musical, além de aos poucos ir arrebanhando centenas e centenas de fãs por todo o País, não somente com a música vencedora do Festival Internacional da Canção, *Let me sing*, mas também com *Ouro de Tolo*, *Eu sou Eu, Nicuri é o Diabo*. É justamente nessa época que ele assina contrato com a Phillips, do grupo Phonogram. E a primeira gravação na nova etiqueta é o avulso *Let me sing*. Em 1973 sai *Os 24 maiores sucessos da era do Rock*, pela Phillips e em seguida ele explode com o elepê *Krig-ha Bandolo* onde ele afirma o que seguirá à risca daí em diante em *Metamorfose ambulante*: "Eu quero dizer agora/ O oposto do que eu disse antes/ Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante/ 20 que ter aquela velha opinião formada sobre tudo".

Junto com Paulo Coelho, um carioca de 25 anos, que, na época, editava a revista *2001*, passou a pregar a guerra aberta ao *Monstro Sist* (O Sistema) com o show "Fundação de Krigha", que ao contrário do disco é o maior fracasso de público. Raul e Paulo acabam detidos pela polícia por suas pregações de "tudo que se quiser fazer há de ser lei". (Carlos Tavares).

Maracanãzinh fez silêncio



...com metade da letra em inglês. Foi a primeira vez; muitas outras viriam. Poucos artistas souberam dominar o público tão bem quanto Raul Seixas.

O sucesso popular de suas músicas sempre foi um desafio para os analistas de mercado das gravadoras. Letras herméticas, guitarras em profusão, frases melódicas mais curtas que as palavras e produção descuidada eram quase uma marca registrada. Na verdade, quase ninguém conseguia entender o recado que ele quis passar com GGita ou com a Sua Sociedade Alternativa, mas isso não o impedia de ser um ídolo em sociedade acres e inóspitas como em Serra Pelada, onde ele fez um show histórico, que ele mesmo conta em seu último disco, *A Panela do Diabo*.

O *marketing* das gravadoreas não consegue alcançar a relação de Raul Seixas com seu público. Sua estréia no disco, como cantor do grupo Os Panteras, foi uma confusão, já que a Odeon pensou que estava "importando" um grupo de iê-iê-iê da Bahia e foi pega de surpresa com uma versão absolutamente louca de *Lucy in The Sky With Diamonds*, muito mais psicodélica que a gravação original dos Beatles. Outra confusão foi o lançamento do disco da Sociedade Grã-Ordem Kavernista, na CBS, que reunia Raul, Miriam Batucada e Sérgio Sampaio, e que a gravadora pensava ser um disco tropicalista. Raul Seixas foi o compositor mais censurado de todos os tempos no Brasil e chegou a ter 33 músicas engavetadas em Brasília, mesmo sem preocupações panfletárias.

A partir do disco Sociedade Alternativa sua carreira começaria a entar num processo de altos e baixos.

Algumas vezes o cantor conseguia submergir, quase sempre impulsionado por fãs, e produzir discos interessantes. Marcelo Nova, um fã, conseguiu tirar Raul Seixas do limbo, fez uma série de shows com o ídolo e gravou o último registro de Raul em disco, *A Panela do Diabo*. Os antigos locutores de rádio diziam que cada vez que morria um cantor popular, nascia uma estrela no céu. Raul Seixas deve estar lá em cima agora, zombando de todo mundo. (Paulo Pestana)

1992

PRIMUS INTERPARES





1997






MADE


Deck
576



Livro de Luiz Galvão conta a trajetória do grupo que revelou Moraes Moreira e Baby Consuelo no **INÍCIO DOS ANOS 70**

NOVAS MEMÓRIAS BAIANAS

IRLAM ROCHA LIMA – CORREIO BRAZILIENSE – 29 DE ABRIL / 1997



Nova formação da banda: projeto de gravar um CD, mantendo a magia do rock antigo

Tutti Frutti revive a psicodelia dos anos 70

Grupo que acompanhava Rita Lee volta com nova formação e faz apresentação somente hoje, no Piu Piu

JANAINA ROCHA
Especial para o Estado

O guitarrista do grupo Tutti Frutti, Luiz Carlini, disse há 18 anos, quando lançava o disco *Você Sabe Qual o Melhor Remédio*, que a música da banda era feita para quem gosta da vida. E ainda continua sendo feita. Apenas hoje, no Café Piu Piu, a banda volta a tocar seu rock-n'-roll divertido e psicodélico – a trilha sonora da vida da garotada dos anos 70.

"Há dois anos retomei a liderança da banda e os shows começaram a pintar novamente", conta Luiz Carlini. "Estou voltando a compor e na próxima apresentação vou mostrar novas músicas." Esta noite foi reservada para matar as saudades dos antigos e novos fãs.

Segundo Carlini, o roteiro do show passa a limpo a história do rock-n'-roll no Brasil. "Vamos tocar algumas músicas dos Mutantes, Raul Seixas e canções de grandes grupos que gostamos, como os Rolling Stones e Led Zeppelin", informa. "Além de fazer um revival do nosso repertório." Carlini escolheu preciosidades de todos os álbuns do Tutti Frutti, desde quando acompanhava Rita Lee – *Ovelha Negra*, *Mamãe Natureza*, *Agora só Falta Você* e *Jardins da Babilônia* – até as canções de *Você Sabe...*, único disco lançado pelo grupo após a saída de Rita.

"Até 1986, rolou alguma coisa da banda, mas depois cada um foi partindo para um lado", lembra Carlini. Depois disso, Carlini tocou com Camisa Vênus e participou de inúmeras gravações de discos e shows. São 30 anos de rock-n'-roll. No ano passado, os músicos apresentaram-se no Centro Cultural São Paulo (CCSP) e reacenderam o delírio de quem curte a psicodelia dos anos 70. "Sempre vai o fã que há muito tempo gosta do nosso som, mas também há o jovem que gosta do timbre das nossas guitarras." É justamente a singularidade da guitarra de Carlini que mantém a sonoridade da banda.

REPERTÓRIO INCLUI ROLLING STONES E LED ZEPPELIN

O Tutti Frutti, durante os 26 anos de carreira, teve várias formações. Da fase inicial, em 1973, estão no grupo apenas Carlini e o baterista Franklin Paulillo, que chegou a participar do lendário *Fruto Proibido* (1975). Depois de Rita, Lúcia Turnbull passou também pelo vocal da banda. A nova formação conta com a presença da vocalista Helena T. (que também está compondo para o novo CD), o baixista Ruffino e o tecladista Rony Debeuz.

1998



TIM MAIA – UMA BIOGRAFIA RESUMIDA

fonte: http://memoriaviva.com.br:/mpb/timmaia.html

Sebastião Rodrigues Maia, o Tim Maia, penúltimo filho em uma família de 19 irmãos, ficou conhecido como o síndico da Música Brasileira. Chegava e botava ordem, se bem que não gostasse muito de cumpri-las. Uma de suas características mais conhecidas, depois da voz grave e afinada, era a de faltar aos shows.

Tim começou a carreira junto com Roberto e Erasmo Carlos formando no Rio de Janeiro, em **1957**, o grupo Sputniks. Depois de uma estada de seis anos nos Estados Unidos, influenciado pela soul music, o cantor definiu seu estilo e voltou com ideias rejeitadas pela Jovem Guarda. Assim, só conseguiu gravar o primeiro disco solo em **1970**. E veio cheio de surpresas, estourando sucessos como Azul da cor do mar e Primavera. Estes seriam seguidos de muitos outros: A festa do Santo Reis, Não quero dinheiro (só quero amar), Você, Réu confesso, Gostava tanto de você e Sossego, para citar alguns. A soul music e o funk com tempero brasileiro foi atravessando a década de 80 com mais sucessos como Descobridor dos sete mares e Do Leme ao Pontal. Às

vezes o vozeirão de Tim servia às canções mais açucaradas como Me dê motivo, Leva e Um dia de domingo. Com seu eterno bom humor e senso crítico, ele definiria mais tarde sua fórmula infalível. “Metade de minhas músicas é esquenta-sovaco e metade mela-cueca”.

Em determinados momentos da vida chegava a beber três garrafas de uísque por dia, além de usar maconha e cocaína. Por incrível que pareça, isso parece nunca ter afetado sua voz. Não se pode dizer o mesmo de suas relações profissionais. Colecionou desafetos e processos trabalhistas – de músicos contra ele e dele contra gravadoras –, além de renegar publicamente antigas amizades, ameaçar críticos e faltar a shows. Passou anos sem se apresentar na Rede Globo e acusava o todo-poderoso da emissora, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, de ser o culpado pelo boicote. Outro conhecido inimigo ele denominava ETA, “Exploradores do Talento Alheio”, formado por empresários e donos de casas de espetáculos.

Ninguém duvida que Tim foi e sempre será um dos mais talentosos artistas da música brasileira. No dia **8 DE MARÇO DE 1998**, ao cantar a primeira música em um show no Teatro Municipal de Niterói, no Rio de Janeiro, sofreu um edema pulmonar seguido de parada cardiorrespiratória. Ficou internado no CTI do Hospital Antônio Pedro durante sete dias e faleceu no **DIA 15**, de infecção generalizada, aos **55 ANOS**. Em sua eterna ironia, ele se definiu com uma frase que entraria para a História: “Não fumo, não bebo e não cheiro. Meu único defeito é que minto um pouco”.

A. C. BARBIERI COMENTA

Se internacionalmente tenho profundo respeito por James Brown (The Godfather of Soul) e George Clinton (Parliament e Funkadelic – The Godfather of Funk), no Brasil dois nomes sempre foram sinônimo de qualidade por terem desenvolvindo um trabalho sério, consistente e altamente dançante, mas, contendo sempre a mesma energia, sangue e suor só encontrada no blues e no rock: Tim Maia e Jorge Ben Jor. Portanto esta matéria é uma homenagem a este grande (literalmente) Tim Maia. FUNK BABY FUNK!!!



Jorge Ben Jor nas estrêlas. Fotos e arte: A. C. Barbieri



JORGE BEN JOR ENTREVISTADO EM CANNES

POR A. C. BARBIERI

Em **1998** lá pelo começo ano aconteceu em Cannes, como todo ano, o *MIDEM* que é um grande encontro da indústria fonográfica mundial. Neste ano, quem marcou presença como convidado especial foi o lendário Jorge Ben Jor para, na noite

reservada ao Brasil, num grande show mostrar porque é que a nossa música brasileira é tão bem conceituada fora do país.

No mesmo dia do show, à tarde, numa das salas de imprensa, no topo do próprio edifício da feira, o mestre do swing compareceu para um papo informal com a imprensa. Como tudo o que ele dizia era traduzido em voz alta para o francês e inglês, a coletiva mais pareceu uma Torre de Babel.

A ENTREVISTA

A. C. Barbieri: Diga-nos algo sobre sua música?

Jorge Ben Jor: (meio sem jeito) A minha música desde “Mais Que Nada”, “País Tropical”, “Taj Mahal”, Filho Maravilha”, eu faço dentro do meu estilo urbano e suburbano. Eu me considero um poeta urbano e suburbano. E este é meu jeito de compor.

A. C. Barbieri: Como você explica este pessoal novo regravando suas músicas (Paralamas do Sucesso, Biquini Cavadão, Skank, Barão Vermelho)?

BEN JOR: Eu queria dizer que a minha geração, a de **1945**, do pós-guerra, não entendeu muito a minha mensagem. Esta geração de agora, que eu acho linda, de **1970** para cá, entende melhor o meu trabalho, e é por isso que todos eles estão regravando minhas músicas antigas.

A. C. Barbieri: Qual foi o ponto alto da sua carreira?

Ben Jor: Hoje está sendo um bom momento. Ontem no show de Paris foi um bom momento. Eu tenho grandes momentos musicais e grandes momentos de shows como, por exemplo, o *HOLLYWOOD ROCK* com **150 Mil Pessoas** no Sambódromo do Rio. Tenho também um show que eu fiz no Rio onde compareceram **1 MILHÃO E 500 MIL PESSOAS**, todas vestidas de branco. Eu espero que hoje à noite aqui também seja um bom momento para mim e meus músicos.

A. C. Barbieri: A crítica brasileira considera TÁBUA DE ESMERALDAS seu melhor disco, mas eu gostaria de saber na sua opinião qual é o seu melhor trabalho.

Ben Jor: Pela primeira vez eu concordo com a crítica (risos). A *TÁBUA*.. foi um trabalho muito bom onde eu falei de um tema muito desconhecido, muito hermético. Eu acho que eu fui um dos primeiros a falar e cantar sobre os alquimistas no Brasil.

A. C. Barbieri: Você está sempre ocupado. Você nunca pensou em parar um pouco por alguns anos e ir joga bola.

Ben Jor: Eu continuo fazendo tudo. Eu jogo bola, danço, canto e faço música. Quanto eu estou no palco cantando e tocando é a mesma coisa como que se eu tivesse jogando futebol na praia ou nos campos com meus amigos. Eu ainda quero fazer muito mais… Eu tenho um contrato, que diz que eu e a banda Zé Pretinho tocaremos até o ano **2035**. (risos)



Jorge Ben Jor em Cannes. Foto: A. C. Barbieri

A. C. Barbieri: O que você pode falar sobre o seu último disco?

Ben Jor: O meu álbum mais recente chama-se *MÚSICAS PARA TOCAR EM ELEVADOR*, onde participa esta geração nova de músicos. Cada banda escolheu uma música antiga minha, fizeram seu próprio arranjo e eu canto junto com eles.

A. C. Barbieri: Você não acha que o público está mais preocupado com o ritmo em si do que com a sua mensagem, porque apesar da sua música ser altamente dançante, nas letras o conteúdo é bem cru e potente, tocando nos problemas da realidade?

Ben Jor: Eu me considero um poeta urbano e suburbano. As minhas canções refletem o dia-a-dia que eu vivo. Eu trabalho muito com as notícias dos jornais e com o que vejo na TV. Eu gosto muito de mexer com isto. Mas, realmente o forte da minha música é o ritmo. Eu faço músicas alegres que é para as pessoas ouvirem e ficarem felizes mas, todas as minhas músicas têm uma mensagem, simples mas forte. Eu acho que as pessoas entendem minha mensagem justamente por isso.

A. C. Barbieri: Nos últimos anos a música brasileira, mais precisamente nossos ritmos, tem sido mais reconhecidos mundialmente. Paul Simon, Michael Jackson, Pet Shop Boys David Byrne todos usaram nossos músicos e ritmos. David Byrne inclusive até lançou em Londres uma coletânea só de bandas brasileiras, incluindo música sua. Você acha que nós estamos conseguindo espalhar a nossa mensagem musical?

Ben Jor: Eu acho que este povo todo está aprendendo com a música brasileira porque a nossa música é forte, ela é grande. Eu acho também que música não tem fronteira desde que sejam respeitados os direitos autorais. O Beck ligou para mim e disse que gostaria de fazer um trabalho comigo. Eu disse para ele que eu estou aberto para qualquer coisa e que gostaria muito também de trabalhar com ele…



A. C. Barbieri: Como você define a sua música?

Ben Jor: A minha música é uma mistura de ritmos. Tem Samba. Maracatu, Baião, um pouco de Funk.. é uma mistura.

A. C. Barbieri: Afinal porque você mudou de nome?

Ben Jor: Houve dois probleminhas. Primeiro foi porque eu troquei de gravadora. Eu era da Polygram e quando eu fui para a Warner, o presidente da gravadora José Midani achou que eu deveria fazer algo como que se eu estivesse recomeçando. Então, propus usar meu nome de família que é Benzabel. O sobrenome da minha mãe é de origem etíope. Inclusive, no começo da minha carreira, a Polygram não achou Benzabel um nome artístico e por isso ficou só Ben. Bom, no fim acrescentamos somente o Jor porque em casa todo mundo me chama de Jor. O outro problema era que aqui na Europa o povo pensava que a música “Mais Que Nada” não era do Jorge Bem e sim do George Benson. Coincidência ou não, eu conquistei uma geração nova com minhas músicas e de fato tripliquei a minha audiência.

A. C. Barbieri: Você fica surpreso com as interpretações que fazem das suas músicas?

Ben Jor: Eu gosto de ouvir e para mim é muito bom que todo mundo cante as minhas canções, da maneira que gostem. Às vezes eu fico surpreso quando ouço uma música minha cantada em francês, inglês e até em japonês. “Mais Que Nada” cantando em japonês é totalmente.. (ele faz um careta engraçada e não completa a frase).. Para mim é muito positivo.

Jorge Ben Jor em Cannes. Foto: A. C. Barbieri

TERMINADA A ENTREVISTA EU FUI CUMPRIMENTÁ-LO

A. C. Barbieri: A última vez que eu apertei a sua mão fazem uns 15 ANOS!
Ben Jor: Onde? (curioso)
A. C. Barbieri: Foi num festival de rock lá no Estádio do Cruzeiro em Minas. Além de você tocou um monte de gente boa: Raul Seixas, Made Brazil, Zé Ramalho, Roupa Nova, Diana Pequeno, etc..

Ben Jor: Não me diga! Eu lembro o nome.. deixa ver.. ha! Rock Horizonte!
A. C. Barbieri: É mesmo! Eu nem lembrava mais.. Que você vai fazer agora?
Ben Jor: Vou direto passar o som.
A. C. Barbieri: Boa sorte hoje à noite.
Ben Jor: Obrigado!

1999

MÚSICA

16-8-99JB

Paul mutante



O ex-Mutante Paul de Castro abandonou os cabelos longos e a barba daqueles tempos (*foto*) e reaparece hoje, no Mistura Up, em única apresentação, a partir das 21h30, lançando seu trabalho solo, no qual toca mais violino do que a velha guitarra. No repertório, composições e arranjos próprios, que mesclam blues e música cigana. Paul, que também foi fundador do Veludo, vinha se apresentando ao lado de nomes como Lulu Santos, Jorge Benjor e Elba Ramalho.

☐ PAUL DE CASTRO
Mistura Up, 21h30
Mais informações no roteiro





WALTER FRANCO VOLTA AO DISCO APÓS 19 ANOS

(PEDRO ALEXANDRE SANCHES – FOLHA DE S.PAULO)

24 DE OUTUBRO / 2001 – Cantor e compositor revelado em festival, o paulistano Walter Franco, **56**, ainda acompanha a sazonalizade dos festivais. Seu novo disco, *TUTANO*, chega um ano após a participação no Festival da Música Brasileira da Globo, e é o primeiro que ele lança em 19 anos.

Antes, Walter Franco (**1982**) viera a reboque da participação de "Serra Do Luar" no festival *MPB SHELL 81*, também da Globo. E são íntimas as relações entre as canções "Canalha" (**1979**), "Muito Tudo" (**1975**) e "Cabeça" (**1973**) com, respectivamente, os álbuns *VELA ABERTA* (**1980**), *REVOLVER* (**1975**) e *OU NÃO* (**1973**, o de estreia).

Franco reflete sobre tais relações: "Não atribuo o novo disco ao festival, porque as negociações com (a gravadora independente) YB Music já estavam evoluídas quando resolvemos participar".

Relativiza a afirmação: "Mas acredito que tenha sido importante também. Eu precisava um pouco daquilo, de não viver só do passado, não ser só aquele que fez. "Zen" é parte daquilo que estou fazendo agora. Assim posso dizer que estou prosseguindo viagem".

Artista de pop e MPB forrados de experimentalismo e muitas vezes tido como "maldito", Franco pode passar a impressão de que a lógica competitiva do mercado e o estigma da "maldição" foram turvando sua carreira musical – um raciocínio que já parte do ponto de vista comercial.

"Nem mesmo enquanto estava mais presente eu busquei essa fórmula de um disco por ano. Meu trabalho nunca foi promovido a partir de jogada de marketing, de promoção exacerbada. Sempre foi a médio e longo prazo", avalia.

Mas ele não deixa de admitir as dificuldades por que passou sua geração, educada nas cartilhas do concretismo e da Tropicália: "Nos **ANOS 70**, havia um interesse maior pela linguagem da minha geração, que chegou a ser chamada de "a geração de

briga". Até grandes gravadoras tiveram interesse, naquele período, pela nossa linguagem. O interesse não deixou de existir, mas se relativizou".

Demarcando que a constância em disco nunca foi um dos nortes de sua carreira excêntrica, não dissimula os sentimentos que a volta com *TUTANO* lhe provoca: "Nem fale, nem fale. É o melhor momento de minha vida, porque é quando a gente deixa de separar a vida da obra. Minha felicidade é muito grande".

A obra e a vida hoje são, então, feitas das regravações de duas canções de festival ("Cabeça" e "Muito Tudo"), da apresentação da de "Zen" e de mais 11 músicas inéditas. Participam nomes como Arnaldo Antunes, João Parahyba (Trio Mocotó), Alberto Marsicano, Lívio Tragtenberg, Nuno Mindelis, os "eletrônicos" Anvil FX e Apollo 9 e outros. O produtor é Constant Papineau, ex-integrante do esquecido grupo roqueiro dos **70s** O Peso.

Mantém-se a paixão por aliterações e por construções de natureza concretista, mas ele recusa a ideia de que essa seja hoje uma prática datada. "Tento fugir da fórmula, do clichê. Minha aproximação com a poesia concreta é abstrata, me sirvo até de ditos populares, como em "Quem Puxa Aos Seus Não Degenera"."

Ícone da resistência ao regime militar pelo teor político que foi sendo atribuído às suas canções nos **70**, ele diz que mudou, mas sem abandonar aquela veia. "É óbvio que hoje me sinto mais confortável comigo mesmo do que quando era mais jovem. Mas a sonoridade do disco briga um pouco com tudo isso que está acontecendo aí", afirma.

"Há uns mantras no CD, me disponho à simplicidade de não assumir uma atitude discursiva. Não queria fazer um discurso crítico, mas antigo", diz, exemplificando com os versos "quem tem tutano/ tutano tem/ quem não tem tutano/ tutano não tem".

Ele explica: "A conclusão vai depender de quem ouve, não estou ali dizendo que você deve ou não deve ter tutano. Acho que a força da poesia é deixar as pessoas pensarem com a própria cabeça. É minha única forma de reencontrar a delicadeza". A conclusão vai depender de quem ouvir.

2001

10 DE DEZEMBRO

Mutante dá uma força à nova geração do rock

Arnaldo Baptista participa do show da Eletro Fluminas no Projeto Novo Canto amanhã

Bernardo Araujo

Visitas e telefonemas de fãs dos Mutantes não são raros na casa que Arnaldo Baptista divide com a mulher, Lúcia, em Juiz de Fora. Certa vez, um admirador da banda foi até lá para perguntar ao ex-baixista e tecladista da banda paulista onde deveria ir morar. Arnaldo sugeriu São Francisco, nos Estados Unidos, e poucos meses depois o fã lhe mandou, pelo correio, um belo baixo Gibson. Recentemente, quem ligou foi uma tal Taryn Szpilman, cuja banda, a Eletro Fluminas, gravou uma música de Arnaldo, "Desculpe", e queria convidá-lo para participar de um show.

— Recebi a menina e os músicos, mas fiquei pensando: e se for ruim? — lembra Arnaldo. — Graças a Deus o som deles é ótimo, mistura Led Zeppelin com berimbau, e serei o padrinho de coração.

Então fechou: Arnaldo e o Eletro Fluminas estarão juntos no Projeto Novo Canto — aquele em que jovens artistas são apadrinhados por músicos já consagrados — amanhã, às 20h30m, no Sesc Copacabana. A outra atração da noite é o cantor curitibano Alexandre Nero. Os dois show terão como essência a mistura de ritmos brasileiros com efeitos eletrônicos. Mais ou menos como faziam os Mutantes.

Divulgação

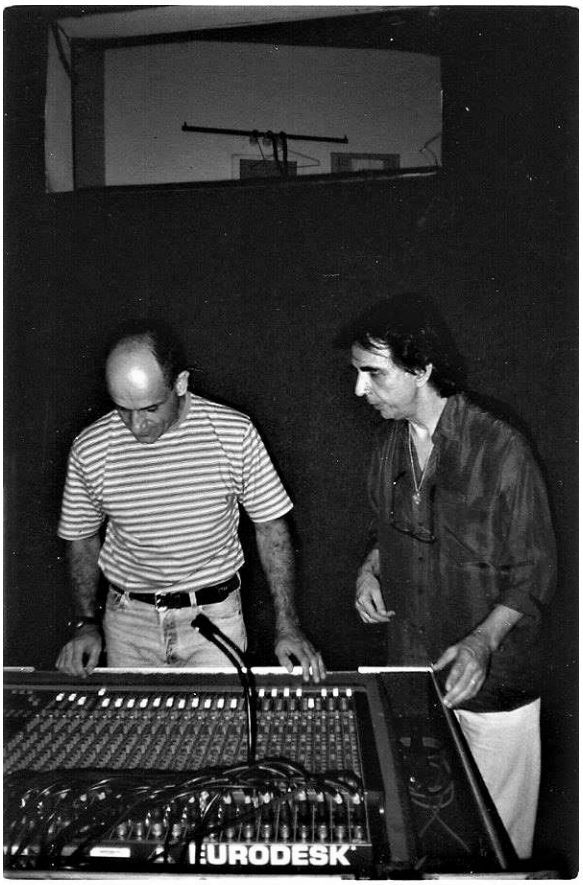


ARNALDO BAPTISTA: padrinho

Como sempre, ninguém sabe o que vai acontecer na reunião.

— Eles me liberaram para cantar ou tocar qualquer instrumento — diz Arnaldo. — Mas ainda não tenho idéia de qual será o repertório.

Além de Taryn — filha do saxofonista Marcos Szpilman, líder da Rio Jazz Orchestra — nos vocais, a Eletro Fluminas é formada pelo experiente guitarrista Paulo Rafael e pelo tecladista e programador Márcio Lo Miranda, que já trabalhou com o outro Mutante Baptista, Sérgio. ■


EURODESK



2002

SÉRGIO DIAS: BARATO DE FUMO RELEMBRADO

11 DE MAIO – Dois. Na estrada ninguém melhor do que frentista para apontar os caminhos.

Três... Não tente passar pelo segurança, pegar autógrafo não cola.

Quatro... Se você não receber a pulseira de acesso, é bom ter um Anjo da Guarda, pois eles não te deixarão em paz.

Brasília a Goiânia, 200 km de estrada, com cachorros atropelados, esqueletos de carros nos acostamentos e garotas feias pedindo carona. Três horas, com a velocidade média de 100 km. Faz calor, e rola Hendrix, um dia de serviço matado.

Vimos essas estradas e seus vales verdes, e vacas e vagas vertiginosas. Curitiba, Marília, Pedro

Leopoldo, Itumbiara, Porto Alegre. Gente agachada esperando...

“Cada volta h| um recomeço”, e em outra placa: “Na loucura da vida tudo é normal.” Pé e pó da estrada, o quarto de ácido é 25 pilas. RC em ritmo de aventura?

– Não!

– Sérgio Dias no *BANANADA* **2002**!

Passagem de som é Oficina de Música

Goiânia 18h. Direto ao Espaço Cultural Martim Cererê. Porta de madeira violada, Sérgio Dias conversa com Feijão ao lado da mesa de som. Combina camisa azul turquesa com jeans e tênis claros e desbotados. No palco, Sérgio Dias não está só.

The Jets, a sua banda de apoio, é jovem, engraçada e corajosa. Segurando a guitarra Fender bicolor nas mãos, ele tira a palheta branca da boca, igual a um cubo de açúcar debaixo da língua, e se afunda no trabalho para evitar, ou cobrir possíveis, falhas. Sem escolta, a guitarra de ouro não veio. As suas novas canções não são mais extravagantes, pois têm início, meio e fim. Ele me lembra Brian Wilson e George Harrison, e também tem várias semelhanças com Arnaldo.

“Está distorcendo! O jetbox tem de eliminar!”

“Onde está o perigo? Foi a Lurdinha quem desligou o P.A.?”

“Bom menino. Depois da orquestra você abaixa o volume do teclado.”

“Desculpa-me estar falando com ele.”

“Do mesmo ponto 2, 3 e 4. Vamos ver o que acontece...”

“4ever!” Ele ensina a pegada de uma linha no contrabaixo baixo e de nada adianta, ainda passa pelo teclado: “Você esqueceu de abaixar o volume.”

“Agora, todos fora do palco...”

YOUR GUITAR STILL GENTLY WEEPS

Teatro circular pequeno e apinhado de gente. O início do show é de tirar o ar dos pulmões: “Cidadão Da Terra”, “Rock’n’Roll City” e “Beijo Exagerado”. Sérgio Dias espertamente comanda a onda, conhece a catarse e todos se banham na luz laranja da sua guitarra. Ele nem apresenta os membros da banda.

Desde o início, um bêbado insiste por “Posso Perder Minha Mulher...”.

Sérgio pede que arrumem um cigarro para ele. O público fiel grita novamente “Rock’n’Roll City”. Ele quer se livrar da sessão arqueológica, da fossilização, mas não há como fugir. Embarcam nas canções pragmáticas do novo álbum *ESTAÇÃO DA LUZ*, e o som miraculosamente melhora. As duas backing vocals curtem a sua guitarra. Felizmente para elas não há letras em inglês. Mas, elas passaram no teste do coro em – Foreeehver.

Seu toque de guitarra é minucioso em “Filho Do Silêncio”, uma canção de protesto, e nas duas canções seguintes, “São Paulo” e “Araras”, as melodias remetem a algum herói da guitarra: quem está tocando é Sérgio Dias. Seu canto-discurso com a coluna inclinada em “Escravo Da Revolução” é um velho ardil dos cantores de work songs.

“La Femme Lourdina” e “Anjos Do Sul” certamente farão parte das lembranças de um dos melhores shows de nossa vida.

O encerramento de Sérgio é o mesmo que Rita Lee e Arnaldo Baptista apresentam em seus shows.

Depois de **33 ANOS** de flutuação, “Ando Meio Desligado” finalmente se tornou um clássico popular, com a versão do Patofu...

Sérgio Dias atende intuitivamente aos pedidos das meninas da borda do palco.

Na “Balada Do Louco” ele parte para a jam session, alongando os solos e mostrando a língua de satisfação. The Jets podem até reclamar da qualidade do som, mas a performance da banda é baixa.

Onde é que estão os arranjos originais? No palco, sem a sua guitarra, a banda se perderia, por isso ninguém diverge da direção musical de Sérgio Dias. É um show sem intervenções.

Vídeos não capturam a energia e a vibração da apresentação. Sérgio Dias sai satisfeito. He can’t get no satisfaction! Aqueles que perderam a passagem de som podem até dizer que foi burocrático. Ao fundo, músicos da Lusbell, Autoramas, Mákina du Tempo, Juca Sequela e Terno Elétrico espreitam uma oportunidade de subir e tocar com o seu ídolo.

A menina sardenta levantaria a placa de estaile para Sérgio? Arnô, o gato sorridente de Clarisse, abanaria o rabo? Não há mais solo pirotécnico de Keith Emerson (†). Estamos no **SÉC. 21**, nada virtuoso ou valvulado, só tecnologia, e a bateria que quase não me deixa ouvir a guitarra.





A PSICOREBELDIA DE WALTER FRANCO E ZÉ DO CAIXÃO

POR ALEX ANTUNES

Walter Franco

MAIO / 2003 – A programação do *2HYPE*, segunda edição do festival eletrônico do Sesc Pompéia, em São Paulo, foi na prática e na sua maior parte uma extensão do casting gringo do Eletronika, realizado dias antes. Suas duas noites originais (e ironicamente as de menos "hype", portanto de menor público) foram concebidas como releituras de dois ícones "subversivos" brasileiros da passagem dos **ANOS 60** para os **70**.

Dois artistas da rebeldia estética mais inclassificável: o cineasta Zé Do Caixão e o cantor e compositor Walter Franco. Que atingiram seus ápices, respectivamente, pouco antes e pouco depois do início da fase mais sombria da ditadura militar. Coincidência ou não: sem serem políticos no sentido mais doutrinário do termo, Zé e Walter deixaram uma marca indelével e inspiradora no espírito libertário nacional.

Eu mesmo me lembro da intensa sensação de, ainda criança, assistir: a) à volta da minha mãe e da minha tia, completamente sideradas, de uma sessão noturna do filme Esta Noite Encarnarei No Teu Cadáver no cinema da então pacata Peruíbe, no litoral sul, provavelmente em **1968**; b) à participação de Walter com a anárquica composição (?) "Cabeça" no *FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO* em **1972**, que levou à destituição do júri (presidido por Nara Leão) que pretendia consagrá-lo.

Tarefa delicada, por lidar ao mesmo tempo com um material formalmente marcante e profundamente afetivo para o imaginário parapsicodélico brasileiro, essa releitura pode ter sido mais (Zé) ou menos (Walter) bem-sucedida. Mas deixa a tristeza de não ter mobilizado um público desatento, o mesmo que lotou a choperia do Sesc em noites dedicadas a novidades gringas mais (Rubin Steiner) ou menos (Stereo Total) significativas.

De qualquer modo, quem estava lá sentiu o frisson de ver esses dois tiozinhos loucos (e hoje um pouco combalidos) sacudirem a poeira e brilharem de novo por um instante fugaz, situado fora do tempo.

Zé do Caixão se beneficiou de uma ótima e criativa companhia: o trio (para a ocasião, quarteto) LCD numa atitude respeitosa e propiciadora. Paulo "anvil FX" Beto (programações, synths), Dr. Silvestre (eletrônica obsoleta) e Miguel Barella (guitarra

processada) mantiveram o tempo todo a sua música eletrônica fortemente improvisada sob controle, se esmerando em criar climas densos para as performances de Zé e dos atores do seu grupo, além de músicos e performers convidados.

No início e no final do show, o grupo providenciou a trilha para a performance ao vivo de Zé, com os elementos usuais (a chegada de um séquito mascarado conduzindo um caixão, com a escolta de garotas seminuas) e outros nem tanto (não foi ele quem saiu do caixão, mas um "usurpador", rapidamente "punido" pela chegada do verdadeiro Zé).

Na parte central, o grupo duelou com imagens e com áudio de seus filmes, trazendo ao palco participações especiais como a da cantora e a da dançarina do inenarrável grupo pop–brega Gengis Khan (ambas em ótima forma), ou do cantor/ poeta Rodrigo Carneiro e de Magda Pucci, do grupo Mawaca, à sanfona, interpretando uma versão declamada/ estilizada de "A Peleja Do Diabo Contra O Dono Do Céu", de Zé Ramalho (compositor predileto e discípulo espiritual do Zé).

Entre indícios de uma pesquisa acurada (o arranjo electro para uma música da esquecida cantora De Kalafe, originalmente na trilha de O Despertar Da Besta) e a edição/ tratamento cuidadosos do material original (com a participação do quarto LCD, Kiko Araújo, no processamento das imagens em vídeo), essa foi uma performance interessantíssima, em que o experimental e o trash se deram as mãos com resultados eletrizantes, como acontecia às vezes há trinta anos.

Já a proposta que o Sesc fez para Walter Franco foi bastante interessante: recriar ao vivo seu álbum *REVOLVER*, de **1975**, pioneiro no uso de loops e processamento de sons na MPB. Sucessor do caótico "álbum da mosca" (*OU NÃO*, **1973**), esse segundo disco de Walter (com arranjos do baixista Rodolpho Grani Jr. e do baterista Diógenes Burani, e produção de Pena Schmidt) pegou na faceta zen, quase beatífica da poesia de Walter e lhe deu um caráter mais duro, enfático.

É o álbum em que Walter, que tem uma veia francamente beatleniana em sua produção (vide o próprio título do disco), soa mais malvado, mais roqueiro, stoniano. E que rendeu marcos como a lancinante "Feito Gente". Mas Walter, menos confiante que Zé do Caixão, se fez cercar na apresentação por músicos mais próximos, e menos atualizados, o que gerou um resultado um pouco mais morno do que o que poderia ter sido conseguido, com tal material original.

São históricos os shows que Walter fez na época, sozinho no palco, com o produtor Pena Schmidt pilotando da mesa os delays e os pans numa viagem psicoacústica inesquecível para quem esteve lá. Uma amostra de como essa linguagem poderia ter sido retomada foi dada na própria abertura do show, com uma versão de "Cabeça" (que é anterior a *REVOLVER*) editada/ tocada/ processada ao vivo por anvil FX.

Seguiu-se um duo dele com o clarone de Livio Tragtemberg, também interessante. A entrada de Walter e da banda propriamente dita trouxe um clima mais fusion/ folk/ progressivo, e bem menos eletrônico, na acepção atual do termo.

Talvez o maior equívoco tenha sido a escalação do tecladista e programador Dino Vicente, que parece estacionado, em termos de timbres e arranjos, bem no meio do caminho: nem nos **ANOS 70** (chiques, "vintage") de Walter nem na atualidade; mas nos **ANOS 80** da eletrônica popizada. E o guitarrista Raul Duarte Jr. também é um pouco chegado ao clichê, apesar de competente.

A presença tímida do filho de Walter, Diogo, nos vocais, parecia atender a razões mais afetivas do que propriamente artísticas. Também afetiva – afinal, todo mundo, inclusive o público, parecia estar ali por razões fortemente sentimentais –, mas um pouco mais bem aproveitada, foi a presença de Wilson Sukorski ao theremin.

Havia porém um duo fenomenal de baixos (o próprio Grani, e Willy Verdaguer, ex-Beat Boys, apresentado por Walter como um dos homens que introduziram as guitarras na MPB, ao acompanhar Caetano em "Alegria, Alegria") e os fluentes Emilio Carrera (o pianista original de *REVOLVER*) e Nonato Teixeira (baterista), jazz-roqueiros pero controlados. Esses, e o grande carisma de Walter, faziam esquecer que esse afinal era um festival... de eletrônica.

Um olhar de relance para as projeções de slides feitas na lateral do palco, com imagens do jovem Walter nos festivais de **1972** e de **1975** (o *ABERTURA*, em que concorreu com a sussurrada "Muito Tudo", provocando o público ao lado do maestro Julio Medaglia), já dava uma dimensão mítica para a coisa. A pedidos dos fãs, uma versão ortodoxa da doce balada "Vela Aberta" (posterior a *REVOLVER*) no bis mandou o conceito eletrônico/ modernex do Sesc de vez para as calendas.

2003

SETEMBRO



'DUDU CHERMONT NOS DEIXA CALADOS'

Detalhe a logomarca do Van Halen na camiseta do contrabaixista e compositor Sérgio Santana também rockando no Além

2004

NOS 27 ANOS DA PATRULHA DO ESPAÇO! 'SIMPLESMENTE' NAS GUITARRAS RODRIGO HID & MARCELLO SCHEVANO (2004)



Fotos: Grace Lagôa



– Você já ouviu o CAPTURADOS AO VIVO NO CCSP novo lançamento da Patrulha do Espaço?"

RODRIGO HID — Ouvi sim, e fiquei superfeliz deste disco ter sido lançado, por ser um registro muito legal de uma fase muito boa da banda.

SHOW, A EXPOSIÇÃO DIRETA DA MÚSICA E DO MÚSICO



TEXTO RODRIGO HID* Foto: Grace Lagôa

À esquerda, aos **24 ANOS**, o compositor e multi-instrumentista, Rodrigo Hid era um dos guitarristas da Patrulha do Espaço no último show da banda com esta formação em São Carlos, hoje integra a banda Pedra

Tenho vários projetos na área de música, sendo o de maior destaque com a veterana banda paulistana Patrulha do Espaço.

Tenho muito orgulho de estar inserido na Patrulha e ter sido um dos responsáveis pelo ressurgimento da mesma.

Compor para mim é a forma pelo qual eu exprimo meu sentimento. Tenho parabólicas dentro de mim que captam uma frequência e a mandam para o instrumento com o qual estou utilizando (sou multi-instrumentista). Há composições que já saem praticamente acabadas, com letra e tudo. Há outras que vêm brutas e precisam ser lapidadas com muita paciência e carinho. Brian Wilson já dizia que a música para o compositor é como um filho, e sou partidário desta ideia. Eu diria que muito orgulho que faço música artesanal.

Ensaiar é ótimo, é interação, é dar forma à composição, seja ela sua ou não. Quando você ensaia sozinho (eu faço voz/violão na noite paulistana) é uma viagem pessoal, você fica a mercê da sua empolgação. A presença de um segundo elemento já muda todo o contexto, pois uma energia nova está ali em interação com a sua. O importante no ensaio com mais músicos, é o respeito pelas ideias e pela personalidade musical de cada um. O importante é invocar os espíritos sonoros e entregar-se ao deus Som.

Tocar ao vivo é antes de tudo troca de energia. Você doa energia. E também é sempre um desafio profissional, pois haverá em um dado momento uma avaliação reflexiva por parte do(s) músico(s) e do público. Há todo um ritual antes, durante e após o show. O ritual varia para cada um. O show é a exposição direta da música e do músico.

Gravar é a confirmação da transcendentalidade da energia sonora que a música possui. Tecnicamente falando, se o processo de composição e ensaio foi um sucesso, a gravação terá o mesmo destino. O músico/compositor se realiza na gravação, pois esta também envolve o processo de arranjo, o que sugere muitas ideias a serem trabalhadas, inclusive existem somente arranjadores que muitas vezes transformam músicas em "hinos" (vide George Martin e Rogério Duprat).

Na Patrulha do Espaço eu destacaria uma música minha do álbum *CHRONOPHAGIA* intitulada “O Pote De Pokst”, que as pessoas sempre elogiam tanto nos shows como pela gravação, o que me deixa extremamente feliz. Ela foi uma música que "saiu" fácil, um daqueles momentos de inspiração que você agradece aos Deuses e pede para que aconteça novamente. Uma transa inesquecível. Música e letra saíram quase que instantaneamente, e a gravação foi bem próxima ao que fazemos ao vivo, daí a preservação da energia da música que contagia os seus ouvintes.

Gostaria de ter composto “God Only Knows” de autoria de Brian Wilson dos Beach Boys. Ela está no álbum *PET SOUNDS*.

Escolhi esta por vários motivos pessoais, mas basicamente é porque fala do amor e isso é a única coisa que vale nessa vida. Uma obra de arte, tanto a música como a letra.



29 DE FEVEREIRO / 2004 - Foto: Grace Lagôa - *Marcello Schevano na guitarra*

MARCELLO SCHEVANO: PATRULHA SOOU PATRULHA ATÉ O FIM

Gravando o primeiro CD do Carro Bomba

Fatos e detalhes de estúdio, palco, instrumentos, momentos marcantes. Perguntas abertas, de fã mesmo.

– *Quais os destaques da sua contribuição instrumental (tocando teclados guitarra e compondo e gravando) durante as gravações dos álbuns* CHRONOPHAGIA, *.ComPacto e MISSÃO NA ÁREA 13? Se possível comente quais as músicas que melhor encantaram os teus ouvidos. A qualidade de gravação dos discos variava? Qual deles o melhor produzido. No fim a Patrulha do Espaço soava como a Patrulha Do Espaço?*

MARCELLO SCHEVANO — Algum tempo antes de pensar em vir a ser Patrulheiro, eu, Rodrigo Hid e Luiz Domigues, formamos a banda Sidharta, junto ao baterista Zé Luiz Dinola (Ex - A Chave Do Sol). Posso dizer que nesta época compusemos “Chronophagia” juntos, porém sem saber que viria a ser o primeiro trabalho desta nova formação da Patrulha Do Espaço.

Começamos a tocar com o Rolando logo depois da saída de Zé Luiz do projeto e então arranjamos as músicas com as novas levadas de bateria. Deste trabalho as únicas músicas que trabalhamos diretamente com o Junior foram Sendo o tudo ou nada e Sunshine que é uma regravação.



As gravações foram no estúdio Camerati em Santo André, e a produção não deve ter demorado mais de **20 DIAS**.

*Em **2002**, começamos a ensaiar sem compromisso o que viria a ser .ComPacto.*

Desta jornada posso dizer as composições não foram mais trabalhadas diretamente em grupo. Eu e Rodrigo e o Luiz Domingues chegamos com músicas prontas ou aparamos as arestas em casa. Apesar disso é um trabalho que reflete uma maturidade maior, pelo fato de termos arranjado tudo desta vez com o Junior, tornando-se mais coeso.

Gravamos em poucos dias na Guatemala, como diz no encarte.

MISSÃO NA ÁREA 13, é o último trabalho desta formação, ou seja, depois de milhares de horas de ensaio, shows e estrada e apesar dos desgastes entre nós, soou o melhor logo de cara. As composições ficaram mais a meu cargo neste trabalho. O Rodrigo e o Luiz Domingues não contribuiram muito. O Junior me ajudou com algumas ideias para letras e foi rápido. Foram 9 espirituosos dias no estúdio Área 13 em São José do Rio Preto. Além disso, contamos com a ótima coprodução do Gustavo Vasquez.

Eu e o Rodrigo sempre revezamos os teclados, guitarras e vocais, ao vivo ou gravando. Já pra se saber quem está tocando só pra quem viu ao vivo.

A qualidade das gravações variaram assim como variavam as possibilidades de gravar. A Patrulha sempre foi independente, logo nunca deixou escapar nenhuma boa oportunidade de gravação, mesmo que essa não soasse ideal.

Até o fim a Patrulha soou a Patrulha pra quem ouvia, prova que nenhum de nós deixou a peteca cair, até nós piores momentos.

– *Você foi o primeiro a partir para um trabalho solo? Quando sacou esta necessidade?*

MARCELLO SCHEVANO — Durante os ensaios do CD *MISSÃO NA ÁREA 13*, senti que precisava começar a pensar nisso.

O que aconteceu foi que o Carro Bomba surgiu logo depois sem que eu planejasse nada, o universo simplesmente conspirou em favor do som, me dando de presente uma nova Banda e não um projeto solo.

– Você estava 'mais alto' durante o show dos 25 ANOS da Baratos Afins? Fale-nos de um show perfeito da Patrulha...

MARCELLO SCHEVANO — Sinceramente não me lembro direito deste show, porém coincidentemente este show foi um dos mais bem elogiados shows da Patrulha.

– Ao ligar o rádio do carro qual canção gostaria de ouvir imediatamente e porque?

MARCELLO SCHEVANO — "The Gates of Delirium" do Yes, pois é algo bem improvável.

– Das canções interpretadas da fase do Arnaldo qual a que bate mais fundo e como você reproduz o improviso de esquerda da mão do Arnaldo. Ele era canhoto? Dá pra perceber isso?

MARCELLO SCHEVANO – As canções do Arnaldo que mais gosto estão no álbum *LOKI?*. Porém da fase Patrulheira do Arnaldo são, "O Trem", "Corta Jaca" e "Sunshine".

Quanto a minha performance tocando as músicas dele, sempre procurei tocar do meu jeito, muitas vezes produzindo versões para suas canções.

– Quais canções que não estão no primeiro CD do Carro Bomba. Que são executadas ao vivo?

MARCELLO SCHEVANO — Acho que você se refere às versões que fazemos. Tem de tudo, nosso repertório é bem extenso, fazemos Sá, Rodrix & Guarabyra ("Mestre Jonas"), Raul Seixas ("Rock do Diabo") e até Patrulha do Espaço ("One Nighter").

— Como tem sido a reação do público ao desempenho do Carro Bomba e em que difere o som do seu grupo anterior (Patrulha) no caso. É sábio evitar comparações mas o rock brasileiro sempre espera uma postura heróica de suas bandas sem apoiar muito. Como você vê os horizontes para o teu novo grupo?

Marcello Schevano — O Carro Bomba tem agradado bastante. Não podemos reclamar de nada. Estamos direto na mídia especializada, nosso CD tem vendido bem e os shows estão pintando.

Não importa se os integrantes de uma banda já são rodados, uma nova banda é um marco zero, é preciso pensar assim para dar certo.

O som do Carro Bomba é bem mais direto. É bem Hard do começo ao fim. Não têm baladas nem letras herméticas. Tudo é na cara e direto.

– SUA DISCOGRAFIA COMPLETA!
Trabalhos autorais de Marcello Schevano

Patrulha Do Espaço

Chronophagia – 2000
Dossiê Vol 4 – **2001**
.ComPacto – 2003
Missão na área 13 - **2004**

Carro Bomba

Carro Bomba - **2004**

Som Nosso De Cada Dia

Dia a dia - **2004** (Lançamento em **2005**)

GRAVAÇÕES, ARRANJOS

Teclados, guitarras, violões e flautas

Baranga - Baranga – 2003
Marco Aguyar Bela Cintra – **2005**
Tomada - Tomada – 2003
Xando Zuppo - I´got my own world to live – **2004**
Golpe de Estado - Prá poder - **2004** Universal
Marcia Morelli - Tempo.com - **2004** (Lançamento em **2005**)
Rene Seabra Marias de Portinari - **2004** (Lançamento em **2005**)
King Bird - Jay Walker - **2004** (Lançamento em **2005**)

COLETÂNEAS

Música para reciclar Movimento Ecocultural – **2002**
Festival Demo Sul – 2003
Sim São Paulo - Sim São Paulo - 2003 Universal

2004

MARÇO


LICENCIADA
BASS PLAYER
PAUL SIMONON
A rebeldia e a arte visceral do baixista do THE CLASH
editora hmp
www.coverbaixo.com.br
cover baixo
5 TRANSCRIÇÕES SUPERCOMENTADAS
"Bohemian Rhapsody" QUEEN
"Roxanne" THE POLICE
"Country Music (A Night in Hell)" STUART HAMM
"Na Moral" JOTA QUEST
"Comida" TITÃS
LIMINHA
Como o superbaixista dos Mutantes se tornou o maior produtor do Brasil
STEVE HARRIS
Veja os detalhes do *show* do Iron Maiden em São Paulo
PROTEJA SEU *SET UP*
Conheça as dicas do técnico de som do Limp Bizkit
Concorra a 2 amplificadores Washburn
Nº18 - R$ 6,90
9 771677 453109 00018
TESTES BAIXO WASHBURN XB125 • AMPLIFICADOR WARM MUSIC BLUE MOON

SERGUEI, 'A LEILA DINIZ DO ROCK'

"Se não fosse o rock'n'roll, estává cáquético por aí." (**SERGUEI**)

• Em **1966**, na Gravadora Equipe, Ed Lincoln produziu o compácto "As Alucinações De Serguei" / "Eu Não Volto Mais" (párceriá do orgánistá e Rei dos Bailes Ed Lincoln com Orlándivo). Ed Lincoln disse que Serguei não era cantor, mas mesmo assim teria uma carreira meteórica.

• "Cantor para mim é Mária Callas. Eu sou um intérprete, e um entertáiner." "H| 40 anos divirto as pessoas" – disse Serguei.

• *A GRANDE JOGADA E A MARGARIDA*, LP-coletânea com sete artistas da gravadora Continental, em **1968**.

São eles Sérgio Murillo, Fernando Pereira, Serguei, Milena, Cleópatra, Stelinha e Didier. Serguei interpretá "Máriá Antonietá sem bolinhos" (Antônio Cl|udio / Romeu Fossáti Filho) e "Eu sou psicodélico" (Cárlos Cruz / Emánoel Rodrigues). A suá discográfiá se completá com nove compactos.

Seu primeiro CD foi a coletânea Serguei, lançada ao final de **2002** pelo selo paulista Baratos Afins.

• Em março de **1986**, o produtor José Accioly, da gravadora Top Tape, mandou um telegrama para

Serguei. Só que ninguém sabia o endereço do cantor. E mais uma vez o prometido e aguardado *SERGUEI SINGS JOPLIN* ficou nas expectativas...

"Sorrir não é rock'n'roll!"

17 abril • "Numa festa em Sán Fráncisco, Jánis tinhá levádo um átor de cinemá e cántor, Kris Kristofferson, aliás muito bom cantor; fomos à festa e Jim Morrison estava lá; foi ele quem convidou Janis. (...)

Durante a festa, os dois muito doidos, ele fálou: 'Hey you! Venhá c|!' E Janis, ajoelhando-se, disse: 'O que é, príncipe?' Ele áproveitou e segurou á cábeçá delá entre ás suás pernás, e ápertou. Reálmente a coisa ficou preta, pois ele não largava mais a cabeça dela dali. E aí o pessoal da festa começou a ficar assustado e mandou que ele parasse, e Morrison não parou. Ficou histérico, enquanto Janis batia em suas pernás. Quándo ele á soltou, estává vermelhá e roxeada." (Serguei)

Dizem que Janis se vingaria mais tarde batendo nele com uma garrafa de vinho em sua cabeça na saída da festa.

"Sou extremámente sensível. Acho que ás pessoás áindá são fascinadas por rock, e rock é umá forma de ver o mundo. Não sou o dono da verdade, mas nesses anos todos aprendi muitas coisas. Fui ovacionado, vaiado, e nunca ganhei dinheiro.

Hoje não faço concessão, porque toda vez que fiz me envergonhei. Reconheço, por exemplo, que minha discográfiá é deplor|vel." (**SERGUEI**)

APPEARANCES ON TV

Sérgio Augusto Bustamante, seu nome civil, nasceu em novembro de 1933. Serguei é filho único de um alto técnico da IBM Corporation, com High–School nos Estados

Unidos. Foi demitido por ter feito strip–tease em pleno voo da Varig, direto para a TV Globo.

Em seu programa de estreia, Serguei errou a marcação e saiu do palco pela porta errada, e esbarrou em Roberto Carlos, quase levando a nocaute o Rei da Jovem Guarda.

Lábios de silicone, franja de Keith Richards, figurino absurdo, saltos plataforma, lentes de contato e perucas azuis ou vermelhas. Óculos espelhados escondem as pupilas de gato. Maquiado, requebrando selvagemente, forte apelo sexual. Esse apetite, ainda em **1966**, no programa do Rei da Jovem Guarda.

Visual que só se via na Greenwich Village ou na Carnaby Street.

Ao assisti-lo, Arnáldo disse: “Very strange.” Sérgio confirmou: “Very strange!”

O mais radical dos roqueiros brasileiros, um Anjo Caído? Bissexual antes da androgenia, resistente sim por mais de **CINCO DÉCADAS**!

Em **1973**, no programa do Flávio Cavalcanti, ganhou o Troféu Policarpo de Pior Cantor do Ano, ao lado de Gal Costa.

Se a mídia nutria estima por Serguei, os militares o tachavam de inconveniente.

NO MEIO DOS 70s, Serguei reapareceu, havia retornado de NYC.

Ouvíamos muito um disco pirata chamado JAM 68, gravado no The Scene, em NY, com os falecidos Jimi Hendrix e Johnny Winter nas guitarras, Jim Morrison nos vocais e Buddy Miles na bateria. Serguei da plateia acompanhando... – toda vez que olhava as efígies de Hendrix/Morrison/Brian Jones, eu pensava em Serguei, mas agora também penso em Leila Diniz.

Garrafada de Jack Daniels na cabeça de Jim Morrison, e ele vai te empurrar um ácido goela abaixo, se você, Serguei, não controlar esse tique! Avisou a amiga Janis Joplin. A calça índigo blue mandada para a lavanderia pela Dona Maria, mãe do roqueiro, e os versos e desenhos da viagem com Janis água abaixo.

De maiô nos cabarés da Praça Mauá e Copacabana, entrává com umá p| ná m~o, gritándo: “e ágorá umá p| de mulátás”, pára á entrádá dás moçás.

De **1973** a **1975**, trabalhou na Centaurus Production, uma empresa que o escalava para shows. Foi oprimeiro roqueiro brasileiro a cantar para adolescentes americanos. Recortes de jornais dos EUA documentaram as suas passagens, também por boates, cantando de Elvis Presley a Chuck Berry.

“Iggy! Iggy! Iggy!”

Quem estava gritando era Andy Warhol, e Serguei respondeu que não conhecia nenhum Iggy.

Em **1977**/78, Serguei Samba Salsa se apresentava em bailes de subúrbios do Rio.

Isso o deixou deprimido, e ele voou para os Estados Unidos. Voltou em **1981**, pois seu pai estava morrendo, aqui no Rio.

Um ano depois, shows no Rock Voador e no Noites Cariocas. Com apoio da banda de Celso Blues Boy, tocava “Move over”, “Instánt Kármá”. E áté umá vers~o de “O Bom”,

de Eduárdo Aráújo, dos seus primórdios da Jovem Guarda. Serguei se viu novamente na moda.

No Saque do Rock, ele se apresentou com uma banda nova, a Cerebelo.

Duránte essá décádá, seu repertório incluíá “Tropic|liá” e “Brásil”, á eternà “Summertime”, álém de outros cl|ssicos “Cry me á river”, “Sátisfáction”, “Help!”, “Máybe”, e “Fáscinátion”.

Serguei sempre conseguiu ser mais feroz cantando originais em inglês. Em **1983**, sairia um compacto dele, que nunca rolou – proibido pelá Censurá. Ninguém por isso ouviu “Mám~e não diga nada ao pápái”, á não ser em álguns shows.

Víamos Serguei na TV. Me ligává ná suá pl|sticá. Seu cl|ssico erá á vers~o que fáziá párá “Sympáthy for the devil”. Irremediávelmente álguém perguntává: “T| dublándo?” E eu Mário respondiá: “Pegou o espírito dá coisá?...”

NO FINAL DOS 80s, perguntei ao Zé da Gaita pelo Serguei: “Tá lá em Saquarema...” Saquei o preconceito.

1990. Circo Voador. Cinco anos sem se apresentar no Rio, Serguei decidiu voltar à ribalta. Enquanto o público aguardava Luiz Melodia, Serguei deu o seu recado. Estava lançada a sua candidatura ao *ROCK IN RIO*. Naquela apresentação, ele já sabia o que faria no maior festival do mundo.

No final desse ano, em entrevista gigante ao Pasquim, ele revelou a outro decano, o cartunista Jaguar, que não gosta de veado, e que nunca teve crise existencial, porque isso seria coisa de viado.

EM JANEIRO DE 1991, Serguei conquistou o público, fez o que prometeu naquela noite, com Luiz Melodiá. Ele pediu párá á pláteiá se sentár ántes de cántár “Summertime”, e, no finál, desceu de microfone em punho para cantar no gramado.

– Foi emocionante! Não foi vaiado pelos metaleiros, e ainda saiu no lucro, gravando o LP *SERGUEI* – BMG – **1991** – não o definitivo...

NA TERCEIRA EDIÇÃO DO *ROCK IN RIO*, Serguei surgiu vestido de ursinho Blau-Blau – ao lado do exAbsyntho Sylvinho.

NO ANO DE 2000, candidato a vereador em Saquarema pelo Partido Liberal, recebeu apenas nove votos.

Ele perdeu pela segunda vez consecutiva em candidatura política – em **1996** teve 246. Sua bandeira, como no outro pleito e em todá á suá cárreirá, foi “Rock’n’Roll Para Todos”.

No aniversário da Baratos Afins, em **MAIO DE 2003**, Serguei foi o grande homenageado da noite, e os meninos da Mákina Du Tempo – Célio, Bruno, Anderson, Lya e Rockdrigo – injetaram pujança, mas também cobraram um desempenho mais rocker de Serguei, que finalmente se divertiu e sentiu como se estivesse de volta aos **60s**. Nessa noite, Serguei deixou mais uma vez patente que só abandonará o rock’n’roll quando não mais puder cántár. Ele se empenhá em evitár á autocomiseração, que foi coisa que aprendeu com Janis Joplin, e que orgulhosamente ajudou a provocar mudanças nos costumes, ao lado de estrela como Leila Diniz.

Luís Carlos Calanca me falou da felicidade e da facilidade de se trabalhar com Lanny Gordin e Serguei, e quem sabe dessa feita o disco Serguei Sings Joplin não sai de vez?

Rock'n'Roll, A Vida de Serguei

Botafogo-RJ. Em **MAIO ÚLTIMO**, durante o seu show de curta duração para a grife Cavalera, no Rio Sul,

Serguei arrasou, com a mão no pau e á língua em ato erótico, em interpretações rásgádás de "Love Of My Life" e "Satisfaction". O público ádorou os seus requebros, a irreverência e o visual setentistá: lentes de contato azul-piscina, calça de couro, luvas, tatuagens por todo o corpo e unhas pintadas.

Subiu ná mesa e gritou: "Rock'n'Roll, minhá vidá!" Serguei também sapecou um festival de bicotas, carimbando de Preta Gil a Sidney Magal.



HIT

SERGUEI VAI GRAVAR MÚSICAS DE CAETANO

Serguei é um dos cantores mais pirados do Brasil. Muito antes de começar a onda andrógina, ele já aparecia na televisão todo maquilado, rebolando e vestindo roupas extravagantes. Há dois anos atrás foi a Nova York, onde ficou até agora, trabalhando na Centaurus Production — uma empresa que, entre outras coisas, o escalava para shows. De volta ao Brasil, Serguei cantou num festival em Cruzeiro, interior de São Paulo. E agora está preparando um LP, com músicas inéditas de Caetano Veloso. Para ele, "a grande epopéia do rock acabou com a morte de Jimi Hendrix e Janis Joplin. E no Brasil não há bom rock porque se faz som americano com letra em português..."

Serguei, andrógino pioneiro.

EM MAIO DE 2013, fomos a Luziânia-GO, a 60 km de Brasília. A van branca estacionou, e logo uma pequena multidão se aglomerou na porta. Tablets filmavam, fãs pediam autógrafos. A facção se dispersou. E Serguei ficou sozinho. Eu então lhe disse: 'Oi, Sérgio!' E ele: 'Eu pensei que o show fosse em

Brásília...' Peguei em sua mão e o fui conduzindo pelo asfalto, na frente dos carros, e como um bom escoteiro fiz sinal para pararem. Descemos as escadas e entrei no camarim, batendo palmas. Logo todos estavam batendo palmas também. De fininho, deixei Serguei... e saí fora. Mais tarde, falaram meu nome no microfone do evento. O rock de Brasília sempre andou de mãos dadas, mas aquela noite foi especial.

Acho que o ápice do movimento, i.e., quando ficamos mais juntos e fortes. Havia muita coisa paralela acontecendo, e o programa de televisão independente *O LIBERTÁRIO* cobria as noites do rock. Outros independentes rodavam um filme, sobre a banda Stoner Babe. E o público de rock era o mais quente, jovem e diversificado, que eu já assistira. Luziânia fervia, e no *SARAU PSICODÉLICO* nós coroamos O Anjo Maldito, nascido Sérgio Augusto Bustamante.

BIBLIOGRAFIA

SERGUEI, UM ANJO MALDITO, de João Henrique Schiller, lançado em **1998**.

– É meu cartão de visitas, assim as pessoas podem saber mais sobre mim.

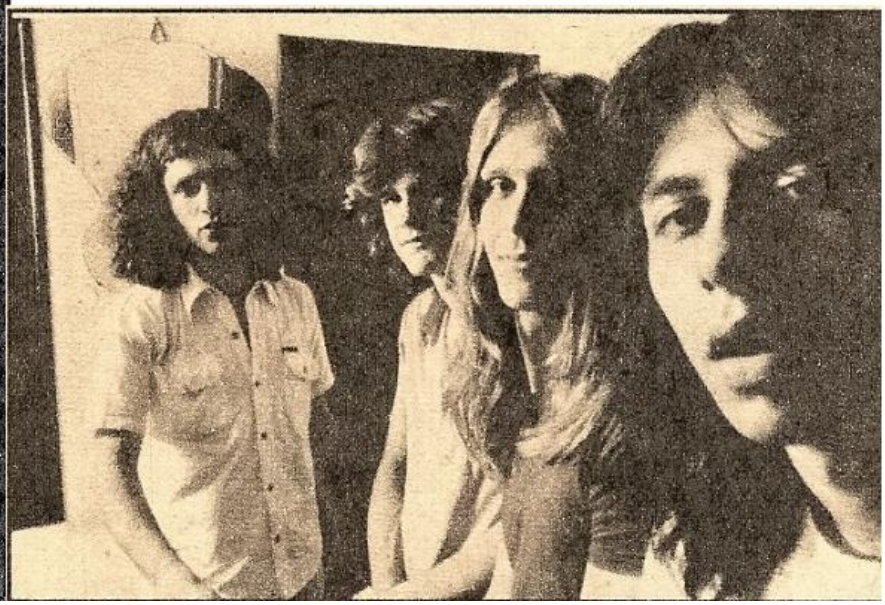
2004

AGOSTO

TRIP, EZEQUIEL NEVES REINVENTOU O ROCK BRASILEIRO

2005





Fotos foram tiradas na minha casa, na Rua Padre João Manuel 446, que era uma das bases do rock de São Paulo em ***1975***

ZÉ BRASIL, COFUNDADOR DA SPACE PATROL ATACA NOVAMENTE!

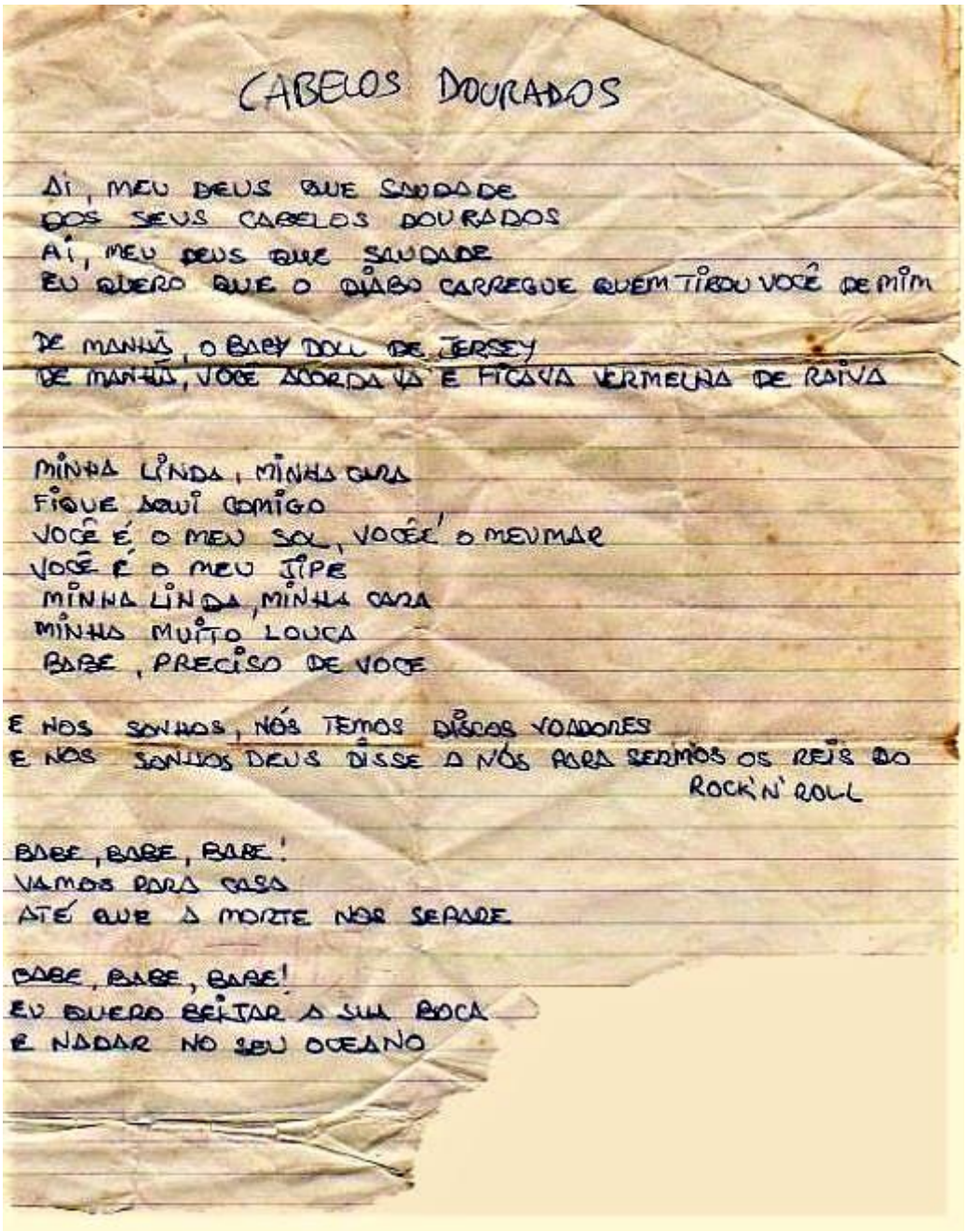
POR MÁRIO PAZCHECO

11 DE JULHO / 2005 – Zé Brasil (na foto ao centro) além de músico é formado em arquitetura desde **1972** e nesta década, ele apresentou algumas pessoas chaves na vida de Arnaldo Baptista: o baterista Rolando Castello Jr e Martha Mellinger.

Zé Brasil conhece Os Mutantes desde os tempos das apresentações deles no programa *DIVINO MARAVILHOSO* e naquele dezembro de **1968**, meia hora depois de Caetano "dançar", ele acabava de chegar ao prédio do baiano na avenida São Luís. "Nesse ponto sempre tive muita sorte", ele também conhecia Antonio Peticov desde os tempos da boate "Ponto de Encontro" na mesma avenida São Luís.

"A Cantareira sempre foi um lugar especial: naquela época, ao mesmo tempo Rita Lee & Tutti-Frutti ensaiavam na casa do Serginho que mantinha uma formação variada dos Mutantes e a Space Patrol ensaiava na casa do Arnaldo. Rolavam muitas jams com Serginho, Liminha, Lee Marcucci e algumas vezes eu tocava a viola caipira". (**ZÉ BRASIL**).

"Todos os arranjos do *LOKI?*' foram ensaiados por nós, arrependo-me de ter saído da banda e não ter gravado essa obra-prima. Alan Klaus sugeriu o nome Space Patrol, ele era um guitarrista alemão que havia trabalhado na sonorização de *WOODSTOCK*, eu tocava a bateria e Arnaldo fazia o baixo nos pedais do hammond. Arnaldo possuía moto e um capacete nazista. Não sei como não morremos várias vezes no jeep do Arnaldo com ele dirigindo: uma das últimas tentativas de apresentação da Space Patrol morreu nas curvas invertidas da Serra quando a caminho de São Lourenço batemos a Variante carregada de instrumentos, na guitarra já estava Marcelo Aranha". (**ZÉ BRASIL**).



CABELOS DOURADOS

AI, MEU DEUS QUE SAUDADE
DOS SEUS CABELOS DOURADOS
AI, MEU DEUS QUE SAUDADE
EU QUERO QUE O DIABO CARREGUE QUEM TIROU VOCÊ DE MIM

DE MANHÃ, O BABY DOLL DE JERSEY
DE MANHÃ, VOCÊ ACORDAVA E FICAVA VERMELHA DE RAIVA

MINHA LINDA, MINHA CARA
FIQUE AQUI COMIGO
VOCÊ É O MEU SOL, VOCÊ É O MEU MAR
VOCÊ É O MEU JIPE
MINHA LINDA, MINHA CARA
MINHA MUITO LOUCA
BABE, PRECISO DE VOCÊ

E NOS SONHOS, NÓS TEMOS DISCOS VOADORES
E NOS SONHOS DEUS DISSE A NÓS PARA SERMOS OS REIS DO ROCK'N' ROLL

BABE, BABE, BABE!
VAMOS PARA CASA
ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE

BABE, BABE, BABE!
EU QUERO BEIJAR A SUA BOCA
E NADAR NO SEU OCEANO

"Nesse dias da Space Patrol, ainda em **1973** ou **1974**, o Arnaldo Baptista me deu uma letra para musicar. Foi um momento mágico quando achei o manuscrito nos meus guardados de estimação. Imagine um Rock da Cantareira em pleno terceiro milênio? Uma dica: fala de cabelos dourados, jipe, baby doll de jersey, discos voadores, sonhos, amor e reis do rock'n'roll". (**ZÉ BRASIL**).

– Quais suas lembranças da estreia ao vivo da Space Patrol?
O que o recorte diz a respeito do show no Ibirapuera? Está ilegível.

R: – Ninguém queria abrir o show e sobrou para mim, o velho roqueiro, cantor e violeiro Zé Brasil, recém chegado de uma viagem pelos States, onde peguei muita carona (Miami/New York/San Francisco) e toquei bastante como street musician e em alguns bares e coffee-houses de Frisco. Tudo correu bem e o jornal Folha da Tarde destacou a performance e a boa aceitação da minha música raiz-urbana. O show da Space Patrol foi anárquico com o maestro Arnaldo desregendo tudo o que havia sido

ensaiado e a turma da Cantareira, composta por dealers e freaks, cantando e dançando alucinadamente no embalo aleatório dos teclados do Mutante–Loki?, da guitarra do Marcelo Aranha e da minha batera Pinguim incrementada com pratos e tambores importados que trouxe da América. Antes e depois, Rita Lee e outras bandas entreteram o público com suas ensaiadas e produzidas apresentações. Na matéria da Folha não é citada a aparição da Space Patrol talvez para preservar a imagem do Arnaldo que até então nunca tinha proporcionado um espetáculo tão desconcertante, para dizer o mínimo. A matéria tambem destacou o grande número de participantes e algumas das atrações do memorável evento apresentado pelo lendário Magnólio, que também promoveu a melhor apresentação do Arnaldo & Space Patrol no show de Aniversário da Cidade em **JANEIRO DE 1974** no mesmo Parque do Ibirapuera, que reuniu, segundo a imprensa, mais de **25.000 PESSOAS** e conseguiu congestionar o trânsito no entorno do Parque, principalmente na região do emblemático monumento das Bandeiras.

– Como a sua formação profissional ajudou a reformar os estúdios? Você delineava os rumos do som do Space Patrol e naquela época Arnaldo já se mostrava fiel ao som das válvulas?

R: – A arquitetura fez comigo a mesma coisa que com outros artistas e músicos da época: abriu a cabeça para as diferentes possibilidades da nossa tão reprimida vida em meio a opressão ignorante e violenta da Ditadura Militar. Na prática ajudou a transformar, por exemplo, a edícula da minha casa na Padre João Manuel em estúdio e suíte para curtir o início da minha apaixonada vida com minha musa, cantora e companheira Silvia Helena que graças a Deus, está completando **30 ANOS EM 17 DE NOVEMBRO DE 2005**.

Os ensaios da Space Patrol eram diários, todos colaboravam nos arranjos e nós curtíamos demais a inspiração e o sentimento do Arnaldo que sempre aparecia com alguma música nova para a banda detonar toda manhã. “O Rock Da Cantareira”, que acabo de compor, é fruto permitido dessa fase maravilhosa da "Patrulha Espacial" que, por ser tão forte, sobrevive, com identidade própria, muito drive e personalidade nas baquetas e palhetas da Patrulha do Espaço do meu vizinho, rock idol, irmão e compadre Júnior.

O Arnaldo, assim como o mago Cláudio César, sempre foi obcecado por tecnologia, além de válvulas, baixas frequências e instrumentos Gibson. Que eu me lembre ele tocava órgão Hammond com pedaleira e caixa Leslie, clavinet, sintetizador Moog, piano acústico e o lendário Mellotron, que como algumas violas caipiras, era difícil de afinar.

– Como você introduziu o baterista Rolando Castello Jr e Martha Mellinger na vida do Arnaldo? Você tem contato com Daniel Mellingher?

R: – O Júnior eu me lembro bem. Como já citei, ele era meu amigo, vizinho e o baterista mais rock-show que eu conhecia: ele literalmente botava fogo na bateria. Daí a coisa mais natural era recomendá-lo para o Arnaldo pois eu já estava na onda do Apokalypsis. Além disso o Arnaldo tinha uma bateria Ludwig de dois bumbos que ele tinha trazido dos States, se não me engano, e servia como uma luva para o estilo hard'n'heavy do Juninho.

Nessa época, acho que o Arnaldo ensaiava e vivia com a Martha e o filho Daniel numa casa na Rua Sena Madureira(?) na Vila Mariana. Quanto a Martha não estou bem certo se a conheci numa turma que morava perto do Mackenzie ou com amigos da

colônia judaica. Eu me lembro que ela morava com a família perto da minha casa, acho que na Alameda Itú, quase na esquina com o Colégio Dante Alighieri. Também não tenho certeza, como já te disse, se apresentei os dois. Só sei que frequentavam minha casa e eu a deles junto com a Silvia Helena. O último contato físico que tive com o Daniel foi nesses tempos quando ele ainda era um bebê. Outro dia fiquei duplamente feliz com a alegria do meu velho amigo abraçado com o filho numa foto que a Lucinha me mandou. Viva, mais uma vez, a nossa Internet.

– O guitarrista Alan Klaus foi substituído por Marcelo Aranha. No que mudou o estilo das guitarras? Qual foi o seu último contato pessoal com eles?

R: – O nome do intrigante guitarrista alemão era Alan Kraus. Ele também era técnico e produtor do Estúdio Pirata(?) e tinha participado, segundo o Arnaldo, do som do Woodstock. Ele e o Marcelo Aranha chegaram a tocar juntos e o Alan foi o primeiro a abandonar a nave por um motivo que não me lembro. A maior parte do tempo essa Space Patrol foi um trio com o Arnaldo, Marcelo e eu. Depois apareceu o baixista e amigo Sérgio Kaffa que foi o único a participar de uma faixa do antológico *LOKI?* e que nós, os Patrulheiros Originais, orgulhosamente ajudamos a formatar, como se diz hoje.

O Alan, eu continuo procurando e o Marcelo Aranha, meu grande companheiro de sons da juventude, tive a felicidade de reencontrar sábado passado dia **16 DE JULHO DE 2005** depois de uns trinta anos de afastamento involuntário.

– Quais as lembranças dos shows que ocorreram da Space Patrol e como foi o acidente na Serra? Lembra o repertório?

R: – Além das duas apresentações que já citei no Parque do Ibirapuera, com destaque para a segunda que foi a nossa melhor performance, houve a última tentativa frustrada em São Lourenço, uma espécie de farewell show que não se concretizou. Mas nem por isso deixou de ser um evento bem no estilo do Baptista. Vou tentar, como tudo que já escrevi até aqui, ser o mais fiel às minhas remotas lembranças. Naqueles dias eu subia e descia a Serra da Cantareira quase todos os dias com minha Variant azul. Foi com ela que saímos em **1974**, com os instrumentos e os músicos, para tocar com a Space Patrol no Festival da Saúde Perfeita em São Lourenço, Minas Gerais onde, um ano antes, tinha feito amizade com o Arnaldo Dias Baptista. Coisas do destino: foi também em São Lourenço, que a minha querida amiga Lucinha o encontrou pela primeira vez no incrível Festival de **1973**. As curvas da Cantareira não eram como as de Santos e eu, apesar de careta, bati legal antes de chegar ao pé da Serra. Tivemos que trocar de viatura. A Variant ficou na oficina e partimos com o Fusquinha amarelo do Marcelo Aranha que tinha, como ele lembrou quando nos reencontramos, um adesivo escrito "Have a nice day". Tudo muito bom, tudo muito bem como canta o amigo Evandro, até recebermos um sinal para parar num posto da federal na Dutra. O pacotão estava sendo mais do que utilizado e a paranóia dos anos setenta se instaurou legal. Acelerei o que pude naquela máquina quente e, acredite se quiser, fomos pela Dutra Velha até a Estrada de São Lourenço numa escapada digna de um road movie tupiniquim. Antes disso o astral da viagem era tão bom que eu compus o "Rock de Taubaté" (homenagem ao Vale do Paraíba que é a Sagrada Terra da Senhora Aparecida e torrão natal da minha família) enquanto o Marcelo e o Arnaldo pesquisavam os efeitos de duas atividades aparentemente estanques: respiração com auxílio de vegetal e viagem em veículo movido a combustível fóssil. As peripécias dessa trinca não param por aí mas isso é uma outra história que fica para uma outra vez. O que posso dizer que o único que conseguiu se apresentar no Festival fui eu num singelo show acústico com a viola no Parque das Águas. Arnaldo & Space Patrol,

que iriam se apresentar junto com Mutantes e Rita Lee (?) no Ginásio Municipal, frustraram o público por um motivo que até hoje não foi bem esclarecido. Coisas de um tempo bom e louco que não volta mais.

– Quando você ouviu o LP Lóki? ainda nos ANOS 70, os arranjos do Loki eram iguais aos ensaiados por vocês? Houve mudanças? Com a Space Patrol no acompanhamento o disco seria diferente? O que você acha da performance dos ex-Mutantes que acompanham Arnaldo neste disco?

R: – As partes de piano e teclados do Arnaldo são muito fiéis ao som que desenvolvíamos nos ensaios. As mudanças aconteceram, é claro por que o inconfundível estilo dos grandes Liminha, Dinho e Duprat influenciaram, como sempre, a forma de tocar do Mestre Capela Mutante. Mas o pulso forte do AR não deixou a coisa se transformar em outra. A Space Patrol teve mais tempo para trabalhar os arranjos e muitas vezes interferir na própria música como é normal nas bandas de rock de personalidades com luz própria. O resultado seria diferente e interessante assim como é essa obra prima do trio inesquecível da nossa música de todos os tempos. Qualquer músico dessa geração teria o maior orgulho em participar de um evento como esse.

LEIA A CONCLUSÃO EM ZÉ BRASIL, REVELA-NOS OUTRA SAGA APOKALYPTICA

Finalmente alguém começa a recontar a saga apokalyptica. Como diria o velho Jack vamos por partes... (**ZÉ BRASIL**).

– Fale–nos do hard rock praticado pelo Apokalypsis... E do FESTIVAL DE IACANGA...

R: – Acabou o gás novos amigos. São duas da manhã e eu devo estar escrevendo há quase quatro horas. Mas quero deixar um gancho: eu não chamaria de hard o rock praticado pelo Apokalypsis: tinha seus momentos, mas a alma brasileira, o rock brasileiro, prevalecia sempre. Mas isso é uma longa história que eu não vou deixar de te contar. Com relação a Iacanga vocês conhecem o Bento Araújo do poeiraZine?

– Você é um dos poucos privilegiado que assistiram ao grupo Arnaldo e Phoenix. Foi no festival de Aguas Claras ou na Tenda do Calvário ou ainda ensaios?

R: – Foi nos três lugares. Por enquanto só posso dizer que a Tenda foi um dos lugares mais loucos que eu já toquei. Adrenalina paranoica pura.

ZÉ BRASIL – PAULICEÍA DESVAIRADA, 21 DE JULHO DE 2005.

O Rafael Blóes era o tecladista, o Edú Ladessa Parada (hoje Luthier) era o baixista, o Prandini (hoje na área financeira, um desperdício para o rock) na guitarra, viola caipira, sax e flauta e o Zé Brasil (primeiro à esquerda), este que vos e-mail, era o compositor, baterista e lead vocal da banda. É um milagre pois o Portfolio que continha essas fotos eu perdi em Londres no metrô ou no ônibus.

Valeu, brother, keep on rockin'. ZB.

ZÉ BRASIL BATERISTA DO APOKALYPSIS: "Naquela época, tinha tanto fumo e ácido rolando que ninguém consegue se lembrar de nada". Zé Brasil repete Roger Waters...

15 SETEMBRO • AH! BRASÍLIA!

Nos **80s**, a sensação musical ficou por conta da Venom, quando esteve no Ginásio de Esportes, e da Exciter, do inesquecível baterista Dan Beehler, doido de vódica, esmurrando, cantando e roubando a cena, fazendo o melhor rock'n'roll que aquele gin|sio tremeu ao ouvir. Eu era franzino, e algum dos seguranças me deixava entrar. Na ditadura, os porteiros nos colocavam para ver a corrida de carros e perfilávamos ao lado dos generais.

Pátio Brasil – hoje. Brasília é uma tristeza cultural, com os seus palcos de lona preta parecendo invasão de satélite. Com as pessoas acima de **65 ANOS** desacompanhadas, sem fazer valer os seus direitos, diante daquelas insensíveis perante até os próprios direitos. Os seguranças em preto indefectível e cabelo raspado, com os seus interfones e falta de objetivo, ganham 20 contos. O balcão de informação funciona precariamente. No teatro ensaiado, todos correndo e se ocupando para deleitarem os seus ouvidos. E após o show? O caviar é no quarto andar...

Laços consanguíneos ainda abrem a tampa da privada. É primário e ridículo jornalista dar carteirada para o filho com LP do Lobão na mão para pegar autógrafo.

Sinceramente, é ridículo ficar frente a frente com o ídolo, segurando a carteira de jornalista, para interpela-lo: "Dizem que você já recebeu o cachê!" Lobão: "Não tô sabendo de nada!" Na outra pont, o produtor pede para ele não polemizar.

Cara! Eu vivi a cena nos bastidores, e não vi o povão indo embora frustrado sem ver o seu ídolo, que não passou o som porque estava com o Ministro da Cultura.

Lá fora, um contingente carente de fãs se presta à homenagem da exclusão deles mesmos. Um playboy com uma garrafa de 51, e os seguranças fazem vista grossa.

Se fosse você, ou eu, entraríamos na porrada. E o mais ridículo: a garrafa de 51 consegue chamar a atenção de uma mina. Isto é, veja o teatro dos vampiros, ou é poser mesmo? Show de rock para playboy sem playback. A única cena insólita: um sósia do Lobão mais perfeito que a sombra dele; quando me aproximo do Lobão, me lembro imediatamente daquele garoto; ele merecia estar aqui.

Mas ele não foi convidado, não tem carteira, não escreve no jornal do Múcio Athayde, não tem câmera digital e não vai ter chance de levar as garrafas cheias do camarim pra casa.

O santo nome de Deus é invocado em vão pelos produtores, quando Lobão está no palco. Eu também subo e sinto a vibração dos meus primeiros dias de rock.

Lobão literalmente é uma grande figura, fala tudo sobre tudo, basta perguntar. Hoje o som não conseguiu conciliar a voz e o pedal, ele tentou quatro vezes. Irei no próximo show dele. E pagando.

Indiretamente eu recebi o CD-demo do grupo João Ninguém, abri o invólucro e coloquei dentro o release, para não perder a mensagem. No camarim, a fumaça subia, e eu via como os produtores são condescendentes. E um nervoso Lobão com medo de ser linchado chutou o pau da barraca. Lobão fez a autocrítica de milhares em cima dele mesmo, e sozinho. Perdi a oportunidade de fazer fotos históricas dos transeuntes frente ao Pátio Brasil, conversando numa boa com Lobão, ao invés de estarem vendo

SENHORA DOS MILAGRES. Ontem Lobão foi o homem mais público de Brasília.

Outros CDs de estrelas do saudoso rock Brasília apareceram nas mãos de Lobão: “Olha! O que eu estou fazendo.” Ah! O celular não para, e outras estrelas do rock Brasília perguntam o quarto do hotel: “718!”

Fazia tempo que eu não andava de van com ar refrigerado. Me lembrei quando o Zeferino Alves Neto (†) me chamou, e no banco de trás estava o John Mayall. Eu lhe disse um cálido “Good Morning!”.

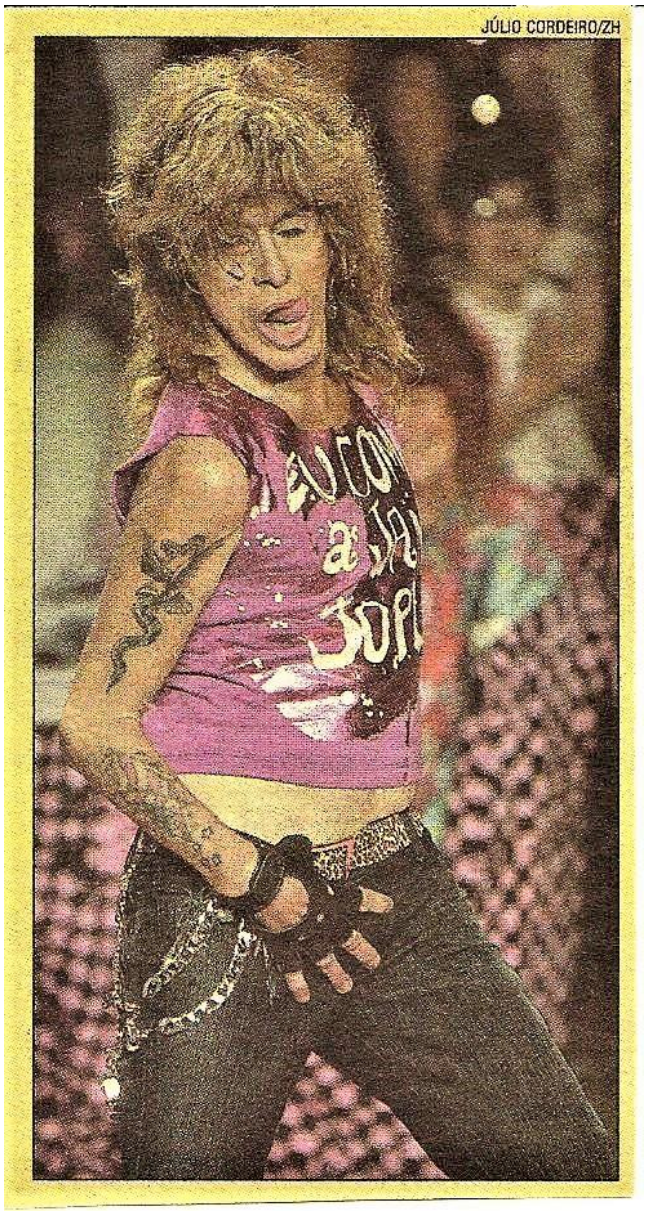
O meu Passat Vintage deu pane igual ao som do show. A banda teve que empurrar o carro, Robson o baterista ainda tentou consertar. O carro tá no Setor Hoteleiro Sul até hoje.

Atravessei o Conic e mostrei a Berlin Discos e o Quiosque Cultural do Ivan a Byra Dorneles (emérito colaborador *DO PRÓPRIO BOL$O*, que mora em Vidigal-RJ, e produtor executivo do show). Peguei o táxi de jornal e fomos ao Beirute velho de guerra. Lá estavam KaphaGérson, André Pedra e Iolovitch, apresentados ao Byra Dorneles. O mesmo táxi deixou Byra Dorneles no hotel, e coincidentemente também me deixou em casa. O maior patrimônio de Brasília somos nós mesmos: Byra, Lobão, Daniel,Robson vão voltar!



*A volta de O Terço em **2005***





JÚLIO CORDEIRO/ZH


GENTILEZA
GERA


3031

2006



27 NOV. • PATRULHA DO ESPAÇO PELA PRIMEIRA VEZ EM BRASÍLIA

Repertório

“Vou rolar” / “Festá do Rock” / “Não Tenha Medo” / “Meus 26 anos” / “Depois Das Onze” / “Sexy Sua” / “Arrepiado” / “Robot” / “Olhar Animal” / “Simples Toque” / “Columbia”

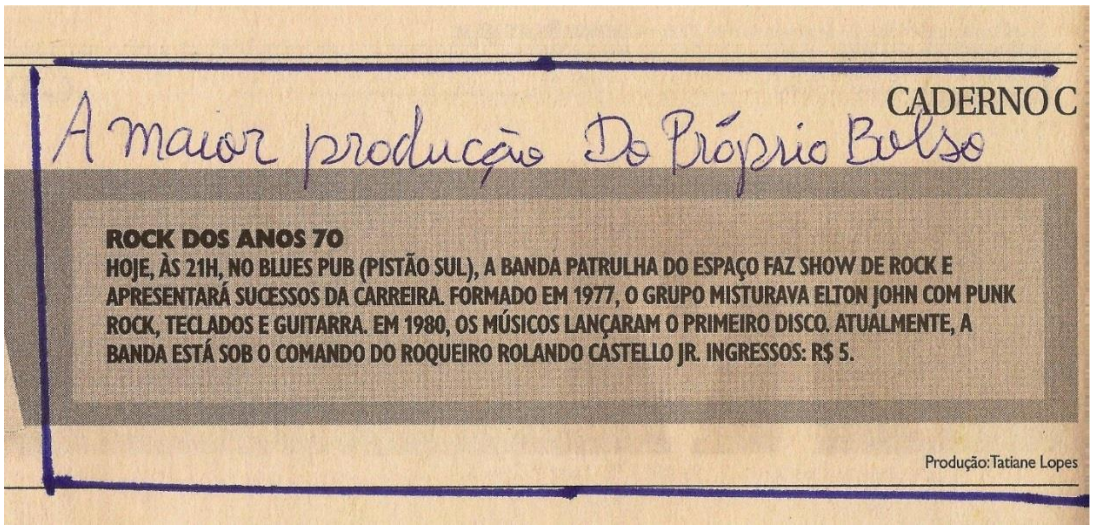
Uma produção: I’m with the band

Quão fundo o gato pode saltar na minh’alma?

Show dedicado ao aniversariante Jimi Hendrix

A mítica Patrulha Do Espaço: Percy Weiss, voz; Júnior, bateria; Ricardo Dezotti, guitarra; e Adriano Rotini, contrabaixo





CADERNO C

A maior produção Do Próprio Bolso

ROCK DOS ANOS 70

HOJE, ÀS 21H, NO BLUES PUB (PISTÃO SUL), A BANDA PATRULHA DO ESPAÇO FAZ SHOW DE ROCK E APRESENTARÁ SUCESSOS DA CARREIRA. FORMADO EM 1977, O GRUPO MISTURAVA ELTON JOHN COM PUNK ROCK, TECLADOS E GUITARRA. EM 1980, OS MÚSICOS LANÇARAM O PRIMEIRO DISCO. ATUALMENTE, A BANDA ESTÁ SOB O COMANDO DO ROQUEIRO ROLANDO CASTELLO JR. INGRESSOS: R$ 5.

Produção: Tatiane Lopes

Segunda-feira chuvosa, tarde de umá noite mágicá: I'm a rolling stone... e vou rolar...

Dia do show: rala divulgação, um tijolinho e um destaque no canto superior do Caderno C do jornal *CORREIO BRAZILIENSE*. Na Berlin Discos, um cartaz feito à mão anuncia o show. O boca a boca e os correios eletrônicos, e o inacreditavelmente poder que a Patrulha Do Espaço exerce sobre os roqueiros, lota a casa.

A abertura fica por conta da Misty Mountain, que despeja uma tempestade de covers do hard rock dos **70s**: Led Zeppelin, Deep Purple, Whitesnake (destaque para a versão de "Slow An' Easy"), Rainbow... que sinalizam o impacto por vir.

O show da Misty Mountain acaba, e o mundo mergulha na expectativa.

Ao telefone: "Vocês não vem?" [são 23h40, Kelly recebe os quatro argonautas, e a nave da Patrulha Do Espaço pousa no Blues Pub.

O início é rápido e pesado, com "Vou Rolar". A mesma curta introdução do show de Goiânia.

No palco à esquerda, o elétrico Adriano Rotini, de jaqueta preta sem mangas, agita a cabeleira, segura e toca o baixo. No microfone, à frente, Percy Weiss, de camisa branca adornada. Recuado, de camiseta preta, com a bandeira do Estado de Goiás, Júnior espanca a bateria com habilidade. Ao fundo, Ricardo

Dezotti (também guitarrista da Freak) empunha seguramente a guitarra Gibson – naquela noite ele dependerá da sua técnica máxima para compensar o som, que some na sua lateral, pois o baixista e o guitarrista inverteram de posição minutos antes do show...

Percy Weiss dá "Boa noite!" à Táguátingá. E a gálera responde pedindo: "Rock'n'Roll!" A versão crua de "Não Tenha Medo" é á resposta da banda. Num contragolpe alucinante, a bateria inicia a "Festá do Rock". "Entre amigos você vai estar", e explodem fláshes de diversos fotógrafos, enquanto os celulares sobem e enchem o teto para registrar o show: "Rock'n'Roll!! Rock'n'Roll!!"

Percy Weiss comentá que a banda fez questão de passar por Brásíliá: "Um esforço que agora a gente vê como tá valendo." E explodem aplausos, cortados bem humoradamente pela voz grave do baterista Júnior: "Eu discordo totalmente de você, Percy, tá sendo do c... tocar em Taguatinga!, uma cidade sátélite de Brasília." E mais aplausos!!

Nessa noite, que seria o 64º ániversário de Jimi Hendrix, a versão de “Hey Joe”, antes instrumental na interpretação da banda, ganhou os vocais de Percy Weiss, que voltava aos tempos do início da carreira, na banda U.S. Mail, e que emendou blues de improviso. Ele cantou o barato que era conhecer aquelas pessoas. E o entretenimento continuou em “Depois Das Onze”, que desce nas suas notas e letra sinuosa. O público em êxtase assobia. O final é apoteótico, com um improviso da guitarra com a bateria. E na sequência “Arrepiado”, “Sexy Sua”... com salva de palmas para Arnaldo Baptista!

Antes de começarem os acordes de “Meus 26 ános”, impacientemente a plateia canta os primeiros versos, que são marcados pelo bumbo da bateria do Júnior. Na guitarra, Ricardo Dezotti desenha uma espetacular progressão de acordes. O inspirado guitarrista também faz backing vocal em algumas músicas. Adriano Rotini segura as notas do contrabaixo, sempre observado por Júnior. Durante o solo da bateria, Júnior variou de acordo com a temperatura do pub, que estava quente mesmo!

Termômetro elevado, o show durou quase hora e meia, e os presentes ficaram chapados com o bom e velho Rock’n’Roll.

Doses maciças! “Olhar Animal”, “Robot”, e “Ser”, do CD *CHRONOPHAGIA*, prepararam a apoteose para o hino da nave da Patrulha. É cláro que falamos de “Columbiá”, momento em que Jefferson sopra a gaita e os fãs sobem ao palco para cantar junto.

Noite memorável para a cena underground do rock’n’roll de Brasília. Um show espiritual e carnal, tocado com extrema energia, sem nenhuma frescura. A Patrulha Do Espaço é uma das poucas bandas no planeta que conseguem transmitir grande emoção ao vivo. A formação atual, com Percy Weiss nos vocais, se afasta do modelo clássico de supergrupo, pois volta a ser um quarteto terrível.

Aquele ponto em que muitos não acreditavam mais que a banda viria a Brasília algum dia virou lenda naquela noite no Blues Pub, aberto até de madrugada, até todas as cervejas serem abertas.

COMPARTILHO UM DIÁRIO DE BORDO

Going to Goiânia. Um rápido telefonema de Lana Goulart, produtora da Weissprodarts, do quarto do hotel Augustus, me coloca na estrada **QUATRO ANOS DEPOIS**.

Entrei no carro e segui 200 km rumo ao show – ainda no posto, o bombeiro colocou a chave do meu carro no bolso dele? “Ficá difícil sair ássim... me devolve a chave!” Abastecido, colocado um litro de óleo, procurei as placas indicativas da direção. Eram 19h, quando adentrei o Espaço Cultural Oscar

Niemeyer. Mal sabia que o motor do carro não aguentaria.

Para chegar ao camarim da Patrulha, usei uma meia-verdade. “Eu sou o motorista que levará a banda à Brasília.” Colou.

Meus pés estavam molhados, e não havia quartos disponíveis. Era época de vestibular, as espeluncas estavam fechadas.

Em Brasília, o contrabaixista Adriano Rotini – também da Brasil Papaya – se deliciou com a minha coleção de vinis, e repetiá: “Meu cachê pode ser em vinil!” Seu alto astral e confiança foram fundamentais para conseguirmos voltar a Brasília.

O guitarrista Ricardo Dezotti se ápáixonou pelo violão elétrico Del Vecchio **1957**. Ele tocava “Mystery Train” de Elvis, e támbém covers fantásticos do The Who.

Passava horas e horas dedilhando...

Ricardo Dezotti nos revelou que aquele violão na entrada de “Piratas Do Espaço” não é tocado por Dudu Chermont, e sim por Sérgio Santana. O próprio guitarrista contou a Ricardo.

Rolando Castelo Júnior chegou todos os dias de madrugada, e sempre procurando um cigarro.

Depois do show em Taguatinga, eles foram ao encerramento do *FESTIVAL DE CINEMA*, e estiveram ainda numa festa de aniversário.

Guará 1, QI 11. **TARDE DE QUINTA-FEIRA**. Na padaria, em companhia do Júnior, me lembrava que – há poucas quadras dali – o meu mergulho no rock havia começado há mais de **20 ANOS**, com o trio de hard rock

Extremo. Eles mesmos profundamente influenciados pela Patrulha.

Aumentando o vocabulário rock: Percy Weiss me explicou que os admiradores, que invadiam os ensaios de rock no **INÍCIO DOS 70s**, eram conhecidos como freak campers. Júnior por sua vez usou a expressão drummer hero, que me soou estranha.

Deslumbrado com a arquitetura de Brasília, e a arborização da cidade, Júnior promete alugar um apartamento no Plano Piloto e andar pelas superquadras, nas horas vagas. Sim, enquanto escreve a sua autobiografia. Nela haverá uma passagem sobre a execução do guerrilheiro Carlos Marighela, conta ele.

Nos **60s**, Júnior morava num apartamento ao lado da cena do crime. Fiz uma longa entrevista com o incansável baterista da Patrulha. Me aproveitei da sua disponibilidade embriagada, e... de certa maneira, suguei dele todos os fatos.

Mas o tranquilizei, e disse-lhe que deixaria os tópicos realmente importantes para o seu livro, que a nossa conversa era apenas um substrato oral etc...

NESTA MESMA QUINTA-FEIRA, no churrasco, com a presença do Júnior, ouvimos em primeira mão o CD *SPERANZA*, do quarteto instrumental Brasil Papaya, cujo contrabaixista é o nosso amigo Adriano Rotini.

Então percebi que á músicá “Cowboy” reálmente nunca havia sido gravada em estúdio pela Patrulha do Espaço. Só aí sacamos que essá versão de “Cowboy” é um pupurrí gigantesco, que inclui outros dois temas da Patrulha. Na hora, o Joubert, roadie e guitarrista-fã, gostou e disse: “Amanhã comprarei um na Berlin...” E também tive a oportunidade de ver-ouvir Rotini executar uma perfeita versão de “Cowboy”, no cinquentenário Del Vecchio.

Compareci ao segundo de três ensaios da banda no Estúdio CL Áudio na 107 Norte.

Com cerveja, ar condicionado, e uma boa performance da sala: as três portas de acesso impediam qualquer ruído externo. E no intervalo devoramos uma pizza!

SEXTA-FEIRA, 1º DE DEZEMBRO

A mesma correria de sempre. Júnior e Percy Weiss farão uma jam session às 22 h no O’Rilley Pub, com Rockdrigo Terra na guitarra e Bruno Lobão no contrabaixo. Ambos

ex-Mákina du Tempo. Também párticipár~o Blávis, guitarra, e André Gurgel, contrabaixo do Plántá. (...) Ao finál, álém dos citádos, ná músicá “Columbiá”, se juntárám Joubert, ná guitárrá, e Jefferson, o gaitista. Este último já havia tocado com a Patrulha em Taguatinga.

Dia seguinte, sábado, ao meio-dia, Percy e Lana seguiram para Campinas.

Hoje a ficha cai do fundo do céu, como uma lágrima... escondida pelos óculos escuros... Fazer o quê? Já que aconteceu – o orçamento do motor do carro, que fundiu no caminho de volta de Goiânia para

Brasília, chegou pela manhã, via telefone: **2.500 REAIS** –, minha mulher ficou irritada, me ameaçando, caso eu não cumprisse os horários das atividades do dia. Estaria eu doido, sei lá... – segunda, terça, quarta foram um inferno, verdadeiros dias de cão. Quinta, sexta, mais relax.

Ficaria menos gente em casa... – O feriado caiu como uma luva. Cenas de Percy tomando sorvete,

Júnior lavando louça, Ricardo estressado ao limite, junto com Rotini, sendo levados ao aeroporto. Por enquanto, fim.

Júnior, da Patrulha do Espaço!

• No selo do disco Faremos Uma Noitada Excelente, poucos sácárám que o título “Arnáldo Soliztá” erá

um anagrama para o pianista húngaro Franz Liszt. Até hoje alguns pensam que foi um ato falho.

• Arnáldo convidou Guilherme Aráújo (†) párá jántár. O empres|rio n~o ápáreceu. Nem investiu ná banda, deixando o músico de coração partido.

• Entre as 26 canções que ensaiavam, uma das mais gratas lembranças ao baterista Rolando Castello

Júnior erá á interpretáç~o dá bándá párá “Jesus come báck to Eárth”. Especiálmente no verso onde

Arnáldo pediá que Jesus “voltásse { Terrá”. – Tálvez Kokinho (†) tenhá o registro dessá cánç~o.

• A Patrulha do Espaço chegou a ser registrada pelas câmeras da TV Bandeirantes, para o programa

Balancê. “A gráváç~o foi márcádá párá o meio-dia, mas ficamos esperando até as 19h para gravar. Eu dei uma dura no pessoal da produção, e finalmente eles começaram a trabalhar. Filmaram a passagem de som – quándo tocámos párte dá músicá “Cowboy”, só párá ver como estává o resultádo – e mais duas músicas. Daí, quando isso foi ao ar, fizeram uma grande sacanagem com a gente: Exibiram só a passagem de som, nenhuma música inteira, e ainda tiraram uma com a nossá cárá.”

Conforme Rolándo Cástello Júnior, “pareciá tudo muito profissional, mas deu errado, não entendi”.

Felizmente ágorá, no finál de **2015**, á fitá com ás imágens dás três músicás (“Sánguinho Novo”, “Sunshine” e “Cowboy”) forám recuperádás. E nós ás disponibilizamos no YouTube.

• No Estúdio Vice–Versa, Arnáldo & Pátrulhá do Espáço, áo grávárem “Sunshine”, forám interrompidos pelo técnico do estúdio, que alegava ser superpopuloso a palavra correta, e não superpopulado. A discussão foi acalorada, mas a palavra original se manteve, e hoje a ouvimos como Arnaldo queria.

VINTE E NOVE ANOS DEPOIS, o Vice–Versa entrou em rota de colisão com a gravadora Virgin, para que fossem pagas as horas daquelas sessões.

• O guitarrista Dudu Chermont transpirava um bocado nos ensaios...

CD MISTY MOUNTAIN NAS TRILHAS DAS CIDADES PERDIDAS

Faixas – 1. “Free fáll” / 2. “One night girl” / 3. “Sáil wáy” (Bláckmore/Coverdále – Deep Purple) / 4.“Yesterdáy cities” / 5. “Superstition” (Stevie Wonder) / 6. “High wire” (Lee/Gillen – Badlands)

Foram três meses de intenso trabalho para que a Misty Mountain – Fabrício Moraes, guitarra; Nathal de Oliveira, bateria; Hoanna, vocal; e Gustavo Vieira, contrabaixo – colhesse essa meia hora de som – três faixas próprias e três covers. Um produto buriládo e direto. O rock de entrádá “Free fáll” ábre o CD com seis minutos arrasadores, num estilo parecido com aquelas apropriações que fazem para trilhas das melhores propagandas de cigarros (esses, piores). Nostalgicamente, nessa faixa, o riff de entrádá lembrá á Yárdbirds dá erá Páge. “One night girl” fáz umá páusá párá que Hoánná demonstre á garra da sua voz. Numa base suingada, com um riff semelhante ao da faixa anterior, e uma estória também semelhante à da primeira faixa.

O recado da capa de Yesterday cities, nada mais Yes! Ela mira a Montanha Mística num reino gelado – a placa de setas remete à capa do álbum de Page/Coverdale, e inversamente à “Cities in the dust” –, numa associação livre de ideias, ou seja, sem aventarem tragédias climáticas...

A báládá “Yesterday cities”, com violão e voz delicados, desde que j| se esteja na estrádá, nos conduz de volta ao ponto de partida. Quer dizer, ela não trata de uma volta para casa, mas sim da opção de abandono da inércia. Este CD-demo da Misty Mountain está repleto de contrapontos, que ligam

impensávelmente Ritchie Bláckmore’s Ráinbow e Deep Purple á Ronnie Jámes Dio (†), este cantando o material da Deep Purple. Essas cores púrpuras giram ao redor de timbres zeppelianos e de arranjos vocais, como o da faixa “High wire”, que não é deles.

Inevitavelmente, támbém umá pegádá dá Lynyrd. Em “Superstition”, o contrábáixo ábándoná o ápoio, o que é uma surpresa neste arranjo soul, à Glenn Hughes.

Hoanna canta muito – o queixo pode cair ao se assisti-la ao vivo. A bateria do Nathal de Oliveira vai reta e seca, como uma locomotiva. E a inspirada guitarra do Fabrício Moraes não desperdiça uma nota sequer.

Assim transparece a alma da Misty Mountain. Um som setentista competente, que não corre o menor risco de ficar datado.

– ARNALDO É DE TODOS OS TEMPOS!
(MÁRIO PAZCHECO)



O beatlemaníaco e contrabaixista, Dado Nunes; via e-mail passou-me duas imagens do show de aniversário de São Paulo, a **25 JANEIRO DE 1974**. Na primeira, em cima de um palco e abaixo de um teto de zinco, um trio de violonistas, Arnaldo, Zé Brasil e Marcelo Aranha, integrantes do projeto Space Patrol que durou apenas duas ou três apresentações públicas. Na segunda; Serginho e Liminha perfilados frente a frente duelando nas notas. Nas fotos havia a tarja da music pictures – no site descobri o nome da fotógrafa, Sue Cunningham, uma inglesa.

Nova troca de e-mails e Zé Brasil, me informou que Susie estava em Brasília...

Brasil. **ANOS 60**. Escola Americana, aos **16 ANOS** ela assistira aos Mutantes antes da fama e desde então acompanharia a banda, tornando-se amiga de Rita Lee. Naqueles tempos sem letras impressas e cifras, mesmo os Beatles tinha que se prestar muita atenção para entender o que eles cantavam e Susie sempre respondia aos “what he said...” dos Mutantes.

Brasília. **13 DE MARÇO / 2007 –TERÇA-FEIRA**. Hora do almoço. Sala de vendas do Museu do Índio – FUNAI.

Ah! Os Mutantes descobriram Deus! E no meio desta nuvem estava um mágico zen de olhar despreocupado e beatificamente... chamado Michael Killingbeck, também conhecido como o “homem do átomo” por ser físico nuclear, seria ele o inspirador do AEOZ?

Rita Lee enfrentava a maior crise existencial: continuaria ou não a sua carreira artística? E Michael Killingbeck a consolou na casa da Represa.

"Ela me traiu com o seu melhor amigo, o Michael Killingbeck, soletra Arnaldo. Depois disso, tudo mudou".

Ao recordar esta frase, pensei Rita Lee “expulsa” dos Mutantes não teria sido uma traição anterior? Seria o motivo da crise existencial?

Se os Mutantes estavam ficando gays? – a resposta é uma gostosa e barulhenta gargalhada. Do relacionamento íntimo deles apenas brotava uma ótima música. Mais um daqueles sarros pra cima dos caretas? Mais uma fantasia do líder...

Num baú em Londres outras fotos registram o desbunde brasileiro? A resposta sairá daqui a alguns meses...

Por volta de **1975**, Hilary Baynes (empresário musical e sócio da edição nacional da revista Rolling Stone) estava em Londres, depois ele sumiu (voltou ao Brasil!). O Mickey era sócio de um restaurante em Putney sendo encontrado por acaso até **1982**. Depois ele morreu de enfarte.







Sem festinhas de embalos na redação vazia da *ROLLING STONE*, uma Cantareira sem excessos, sem crises violentas de ciúmes e uma última constatação de Susie – Arnaldo é de todos os tempos!

ROLANDO ROCK

O Rock Vai Rolar no Cerrado

ROLANDO CASTELLO JR

Patrulha do Espaço - Made in Brazil - Inox - Aeroblus e outros clássicos



"Fiquei muito impressionado com o estilo, atitude e técnica de Júnior.Tornei-me seu fã (...) é considerado um dos melhores bateristas do rock brasileiro". Charles Gavin, baterista dos Titãs, revista Batera e Percussão.

Músicos convidados - Luis Maldonalli - guitarra
Célio de Moraes - baixo e rolando os vocais de
Marta Benévolo e Thomé de Souza

16 - Junho

gate's pub

Sempre viajando na música

CLS 403
61 3225 4576

23 - Junho

Blues Pub

QS 03 - Taguatinga
61 3352 3031



2007

TEM LEI ROUANET? ESTOU FORA!

Músico pede para sair de espetáculo com incentivo fiscal

"Impostos não devem ser usados para sustentar a arte" (**ZÉ RODRIX)**

O músico Zé Rodrix, um dos diretores do espetáculo *REI LAGARTO*, sobre a vida de Jim Morrison, pediu demissão. Tomou a decisão ao ler, em Gente Boa, que a peça, com es-tréia marcada para outubro, teria fundos da Lei Rouanet, Ele enviou o seguinte e-mail aos produtores:

Acabo de descobrir exatamente nos detalhes desta notícia que não vou mais participar do projeto. Vocês conhecem a minha opinião sobre Renúncia Fiscal e Leis de Incentivo. Enquanto isto era um empreendimento privado, no máximo com os patrocínios e os apoios diretos de empresas que se associariam ao empreendimento, eu estava dentro. Infelizmente, ao entrar a jogada da Lei Rouanet, MiniCul etc., ele se torna impossível para mim.

Não acredito que o dinheiro de TODOS deva servir para patrocinar a aventura pessoal de ALGUNS, e, quando isto se configura, eu saio fora. Investimento deve ser feito co dinheiro real que não prejudique o essencial do país. Impostos devem ter fim específico, e o sustento da arte não é, a meu ver, uma destas essencialidades. Sempre fui um artista que não se privilegiou de nenhum tipo de ligação com estados e governos, em nome de minha própria liberdade. Assim sendo, há que haver em mim algum respeito pelas coisas em que eu acredito. Se entrar nisto, estarei negando tudo que é a minha maneira de ser, pensar e agir. No Brasil de hoje, precisamos de

investidores conscientes, e não, segundo minha manei-ra de ver a realidade, de utilizar de maneira equivocada o dinheiro público.

Desejo ao pessoal da produção o máximo de sorte e sucesso possíveis, e sei que serão muito felizes, graças à qualidade artística de todos, os envolvidos".

O GLOBO, QUARTA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2007 –
COLUNA GENTE BOA POR: JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

Ao ler a nota, tornei-me admirador do caráter e da combatividade do músico Zé Rodrix, que sirva de exemplo aos desmotivados e oportunistas de plantão



Miguel Cidras compôs 'Sandra Rosa Madalena', sucesso de Sidney Magal
Ele estava com 71 anos e se preparava para se submeter a exames médicos

MORRE O MAESTRO E ARRANJADOR DE RAUL SEIXAS

g1.globo.com

20 DE MARÇO / 2008 – Miguel Cidras, considerado um dos maiores arranjadores da música brasileira, morreu **NESTA QUINTA-FEIRA (20)** em uma clínica em São Paulo. Conhecido por ter feito arranjos para o roqueiro baiano Raul Seixas, Cidras estava com **71 ANOS** e se preparava para se submeter a exames médicos.

Além de ter acompanhado Raulzito em praticamente toda a sua carreira, Cidras trabalhou com diversos artistas, como Tim Maia, Erasmo Carlos, Ney Matogrosso, Elba Ramalho e Sidney Magal. O maestro, aliás, compôs um dos maiores sucessos desse último, a canção “Sandra Rosa Madalena, a cigana”.

Nascido em Montevidéu, no Uruguai, Cidras também atuou como empresário de Raul Seixas por um curto período nos **ANOS 80** – a experiência, como era de se imaginar, não deu certo.

Cidras conheceu Elis Regina em Porto Alegre, na época em que trabalhava na Rádio Gaúcha, e acompanhou as primeiras apresentações da Pimentinha. O maestro chegou até a morar com a cantora e o pai dela por uma temporada de 15 dias no Rio de Janeiro, mas nunca chegaram a gravar juntos.



O BANDO DO VELHO JACK
INSUSPEITADA DOSE DE QUALIDADE ROCK

(MÁRIO PAZCHECO)

Sonoridade de quinteto. Climático com camadas de guitarras e blues chapantes.

Rodrigo Tozzette – vocal, guitarra, violões / Fábio Terra – guitarra, violões, vocais / Marcos Yallouz, baixo e vocais / João (Jambo) Bosco – bateria / Alex Cavalheri pianos, Hammonds, moogs, vocais

“Como Ser Feliz Ganhando Pouco” / “Eu Não Preciso Ir Ao Médico” / “Cavaleiro Da Lua” / “Eu Só Sei Que O Seu Amor Nunca Foi Muito Bom Pra Mim” / “All Right Now” / “Agora Falta Um” / “I'm Your Captain/Closer To Home” (intro) / “Nina”

Produzido por Hamilton Griecco – Micca

DISCOGRAFIA:
1. CD Procurado;
2. CD Old Jack;
3. CD *COMO SER FELIZ GANHANDO POUCO*;
4. 1º DVD – *ACÚSTICO E AO VIVO NO SOM DO MATO*

Através da sua longa história o rock nacional contorna seu problemas de identidade e de identificação. Nossos heróis e sonoridades atravessaram as fronteiras e os oceanos. Eu rolei na estrada do som há mil anos atrás e não há nada de novo que uma guitarra não possa fazer que não seja rock'n'roll. Meia verdade! Só no terceiro CD é que eu conheci o quinteto O Bando do Velho Jack egresso de um conto de Kerouack e da marca homônima do uisque. Rock show com camadas de guitarras e Wha-whas e muito entrosamento e sempre fisgando a célula rítmica com a pegada brasileira. *COMO SER FELIZ GANHANDO POUCO* – Basta ser brasileiro! Aquela pegada de abertura de show de rock se extende em solos colados às visceras andando na contramão das faixas “Como Ser Feliz Ganhando Pouco” / “Eu Não Preciso Ir Ao Médico”.

“Cavaleiro Da Lua” e “Eu Só Sei Que O Seu Amor Nunca Foi Muito Bom Pra Mim” permitem a ação em territórios conhecidos dos músicos do country aos blues arrasa quarteirão com um instrumental bem dosado fazendo cama para o vocal. O piano

destaca-se em todo o disco em sonhos tão bonitos sem contradições ou videbula. Aquele velho riff seguro de baixo e aquela guitarra saturada e o vocal rascante whoa-oh-oh-oh-woha no exércicio da liberdade eles estão tocando Free. Apesar de conhecer somente este terceiro disco do Velho Jack eles adicionam uma insuspeita dose de qualidade mesmo nos clássicos. Um preguiçoso solo mineiro de guitarra lembra Fredera.

“Não Fique Triste” do Peso é outra aventura uma prece de esperança que aqui faltou um pouco do desespero daqueles tempos ditatoriais mas é uma grande lembrança. Assim como "Casa Do Rock" da Casa Das Máquinas cuja versão ficou redonda. “Nuvens” é outro momento crucial da viagem: tocar o céu com os dentes e as teclas. O que mais me chamou a atenção foi a timbragem perfeita da bateria, não me lembrava de um disco nacional ter chamado a atenção logo no princípio para a bateria como foi o caso deste disco. “Agora Falta Um” é a canção mais terrivelmente autobiográfica falando de um amigo que foi cedo demais.

ENTREVISTA VIA EMEIO COM MARCOS YALLOUZ BAIXISTA DO VELHO JACK

DO PRÓPRIO BOL$O – como o rock nacional sobrevive?

MARCOS – Acho que apenas POR AMOR... é impossível imaginar que Oswald (Made), Júnior (Patrulha), Velhas Virgens e outras tantas ganhem rios de dinheiro com isso... Deu pra notar que estou falando de rock de verdade, certo? Existe um público restrito... mas existe e sempre existrá... É engraçado... TODAS as cidades do Brasil têm um pracinha, um Banco do Brasil e alguns malucos roqueiros (com mais ou menos informação, mas tem), é por isso que o rock nacional sobrevive! VIDA LONGA AO ROCK'N'ROLL.

DO PROPRIO BOL$O – Após a perda de um integrante a banda volta fortalecida?

MARCOS – Não... a banda volta em frangalhos... a banda volta porque os que ficaram precisam tocar... alguns precisam beber, outros precisam chorar, nós, na época precisávamos tocar para aliviar o sofrimento... além disso, existia uma pressão para tocarmos em eventos em homenagem ao Batata (vocalista original), em movimentos que surgiram com o fato como o NÃO VIOLÊNCIA e daí accabou que seguimos tocando... mas logo depois do ocorrido, demos uns 3 meses sem tocar em bar...

DO PRÓPRIO BOL$O – Apesar de vocês serem do Centro-Oeste (Mato Grosso) ainda não tocaram na capital federal, Brasília. Parece que o Reinaldo da Berlin Discos, vai arrumar um show num encontro de motoqueiros...

MARCOS – Será uma honra... Brasília é um centro do rock nacional... Sempre quisemos tocar aí, mas por causa do nosso custo (que não é cachê, mas custo de viagem) acabou ficando inviável pois não somos conhecidos... Mas esta notícia que estou recebendo do encontro (que ainda não sabia) me deixa super animado!

Ah! Só complementando. É também graças a pessoas como o Reinaldo, como o João (Flower Records – Recife), Moacir e Magrão (Aqualung – SP), João Bosco (nosso batera e dono da loja Rock Show – Campo Grande) e mais alguns perdidos pelo Brasil que insistem em vender o que poucos compram que o rock nacional sobrevive.

DO PRÓPRIO BOL$O – Como são os shows?

MARCOS – Muito animados e regados a clássicos do rock. Como você mesmo disse, fazemos uma mistura de trabalho próprio e clássicos do rock nacional ou não... isso

agrada a 99% da galera... sempre tem 1% que gosta de pagode e foi no show atrás de mulher... E algumas músicas tocamos igual, mas a maioria não... procuramos dar a nossa cara... e adoramos misturar músicas... fazer reverência a um artista em uma outra música... por exemplo... Tocamos Oye como vá (Tito Puentes) mas no solo do meio rola In memory of Elisabeth Reed (Allman Brothers)... essas misturas são fantásticas!!! No meio de Ando meio desligado fazemos uma referência a 3rd stone from the sun (Hendrix)... isso é o que está ensaiado... fora as coisas que acontecem de improviso... e acontece muuuuito.....

DO PRÓPRIO BOL$O – O DVD e o CD são lançamentos quase simultâneos?

MARCOS – Sim... O áudio inclusive é o mesmo... só que o Dvd tem algumas coisas a mais como cenas de ensaio etc...

DO PRÓPRIO BOL$O – Conhecem Kim Kehl e os Kurandeiros e Bebeco Garcia? Podem falar algo deles?

MARCOS – O Bebeco nem deve lembrar de mim, mas tem uma história engraçada... eu tenho um vinil dos Garotos da Rua (ex-banda dele) e adoro... Aí, no casamento do Ricardo (vocalista da extinta Big Allambik – banda de blues carioca – da qual fiz parte quando morava lá) rolou um monte de jams e eu tive a honra de tocar com ele... mas só tive contato desta vez...

Já o Kim Kehl foi parceiro do Bosco (batera do Bando) no Made in Brazil e ficaram muitos amigos! O Kim é um grande "slow hand guitar"... coisa rara hoje em dia!

DO PRÓPRIO BOL$O – Como surgiu o nome da banda, Velho Jack?

MARCOS – O BANDO DO VELHO JACK é um tributo ao famigerado JACK DANIELS... hehehehe... No início, a banda se chamava JACK DANIELS, mas como estava muito na veia, decidimos mudar o nome e pintou essa ideia. FIM!



KIM KEHL: ROCK'N'ROLL EM RITMO DE VOLÚPIA (MÁRIO PAZCHECO)

Kim Kehl (guitarra, slide, violões, vocais)
Rod Filipovitch (guitarra exceto: 3, 5 e 7)
Sérgio Takara (baixo)
Carlinhos Machado (bateria e percussão)
Nelson Ferraresso (teclados exceto: 2, 7 e 9)

Rock'n'roll lubrificado, etílico e rollingstoniano para ninguém botar defeito assim é *KIM KEHL E OS KURANDEIROS*. Este CD retoma a sonoridade dos bons LPs e fecha com uma coda instrumental de 2:36s.

Músicas: Maria Fumaça, Sou Duro, Deixe Tudo, Só Alegria, Beber Até Cair, Blues Do Trabalhadô, Meu Mundo Caiu, Anjo Do Asfalto, “Pro Raul” e “Maria Gasolina”.
Selo: Polythene Pam contato: ppam@uol.com.br

Sexista? Machista? Tarado? Mulherengo? Com a parede do quarto forrada de pinups? Essas foram as indagações que surgiam junto com a saudade dos velhos tempos... da liberdade sexual

O Brasil musical sempre foi engraçadinho, parte de seus músicos urbanos brigava para manter o heroísmo da sonoridade acústica comprando briga com a guitarra elétrica; passeatas que não reclamavam dos circuitos e câmeras das tevês que cobriam os festivais, este rompimento não era o Brasil para a passagem das condições de país agrário a uma era industrial já que as passeatas ocorriam no sudeste das gravadoras. Nesse momento o rock'n'roll made in Brazil é renegado, expatriado e alienado, nas próximas décadas após este tarifaço da bossa da MPB do fino da fossa, qualquer melodia latrina americana ou ianque ou italiana faz a moda, o monstro se vira contra o criador. A MPB dá o golpe nas guitarras e assume o seu latifúndio. Rimas da pletora do dinheiro fácil e do escapismo. E nessa terra brasilis cujo ritmo do rock'n'roll nunca foi unanimidade nacional, pariu-se dezenas de teses de que o rock precocemente falecera como cadafalso para executar os representantes do ritmo entre nós. Foi assim que nos vimos obrigados a consumir um monte de paliativo e genérico como doentes na fila da insalubridade e nunca morrendo, sempre lutando para ouvir um autêntico rock nacional ao vivo ou arregaçar as mangas e palhetar a guitarra, mesmo nas épocas mais remotas, o rock nunca deixou de rolar nessas quebradas.

Um pouco da história. O paulista Kim Kehl é uma fera que dedilha a guitarra com a mão esquerda. **NO FINAL DOS ANOS 70**, ele era o guitarrista e vocalista da banda de hard rock, Lírio de Vidro que atuava ao lado da Patrulha do Espaço, (do repertório do Lírio de Vidro, em seu "álbum branco" a Patrulha do Espaço gravaria “Mar Metálico”).

Durante as **DÉCADAS DE 1970-80**, Kim Kehl passaria várias vezes pelo terreiro do rock'n'roll que é o Made in Brazil. Kim Kehl ainda lançaria um LP da sua banda Mixto Quente lançado pela Baratos Afins.

Seu novo CD *KIM KEHL E OS KURANDEIROS* é a prova dos nove. A voz áspera e encharcada de uísque é outro de seus instrumentos. Durante a audição de “Maria Fumaça” a gente se surpreende com a clareza da letra e chega a pensar que a gravação original fora vetada por Dona Solange, logo de abertura um riff do melhor hard rock já registrado e a guitarra limpa o trilho para a Maria Fumaça chegar... "Essa mulher é muito mais do que uma locomotiva...".

“Sou Duro”, mais postura rock'n'roll sem perder o (com)passo do pato, os Kurandeiros luxuosamente brilham: sob a base os clichês mais rápidos do oeste: "Sou duro com as garotas e não vejo mal nenhum".

Fazendo twangy-wang nos bordões da guitarra, Kim Kehl vai fundo na balada, “Deixe Tudo”, a faixa que eu mais gostei, "Viajando no espaço junto de você/a caminho do Sol como um cometa a brilhar", me lembra os distantes da beatlemania de Leno & Lilian. Os vizinhos já aprenderam a letra e a rapaziada viaja no banquinho debaixo da mangueira de frente para o córrego e as 4 caixas na janela "prensam" Kim Kehl direto nos ouvidos no azul da tarde de sábado – sem repressão! Please!

"Só Alegria", nos traz de volta ao começo do disco, um expediente normal nos discos dos Rolling Stones, e Luis Sérgio Carlini em participação especial desliza o slide pelas alamedas stonianas lembrando Mick Taylor de quem deve ser fã e a alameda se estende até Robbie Krieger com a letra de um hino otimista. Rodrigo Souves, o rollingstonologista está certo é “Happy” mesmo!

A próxima faixa, “Beber Até Cair” é um country chumbadão: você me abandonou, tem aquela imagem de bangue-bangue caindo pelas tabelas e balcões trocando as pernas e virando a mesa. No terreno dos blues urbanos, “Blues Do Trabalhadô” traz um verso cotidianamente real "sou um trabalhadô dei duro o dia inteiro e quando eu chego em casa eu quero ler o jornal no banheiro", Kim Kehl não esconde as notas e as coloca para correr já que ele não tem tempo a perder. Ainda conflitante no território dos blues “Meu Mundo Caiu” é sinceramente cortante com a participação da guitarra de André Christovam e os teclados de Johnny Boy que me lembraram Otis Rush! A sua voz gutural molhada de uísque, embriagadamente solicita,
– Pague-me mais um trago desde que não seja nacional ou, – desce outra Juca!

A voz em off – 3 horas da manhã. Registro de gravação. Imagino o baterista pestanejando e lá fora no universo urbano a cidade não pára de ferver. “Anjo Do Asfalto” revela a volúpia por um anjo de **16 ANOS**, somos anjos.

E Raul Seixas o melhor símbolo e exemplo da absorção do rock'n'roll pelo Brasil é homenageado em “Pro Raul” que no andar de cima do ônibus estaria agora tocando numa banda com Brian Jones, John Lennon e Elvis Presley.

“Maria Gasolina” é a última faixa com vocal e uma ótima oportunidade para relembrar quando a gasolina era abundante e seus aditivos também!

Além deste petardo novo uma outra banda de Kim Kelh, o Lírio de Vidro teve seu registro lançado neste ano pelo selo Medusa.

VIA E-MAIL KIM KEHL FALA!

Cara, eu até acho que o Rock Nacional não anda tão mal assim. As bandas mais populares têm espaço e as mais alternativas também. A internet tá aí e o público demonstra interesse e tem acesso a mais variedade. Sou otimista!

Bem, espero em breve lançar oficialmente o CD dos Kurandeiros em uma festa-show em São Paulo, mas a agenda da dupla Rick e Renner, cuja banda integro como guitarrista, não tem deixado espaço! É um trabalho de alto nível e que exige muita responsabilidade!

O repertório está praticamente fechado, e como da primeira vez, será de canções próprias colecionadas dos últimos 20 ANOS, algumas inéditas e outras já gravadas em outras oportunidades. Acho que as músicas serão menos básicas desta vez, e se der tudo certo vai demorar mais 5 ANOS para gravar, como o anterior!

Não sei se é engraçado, mas como a gravação demorou tanto, às vezes esquecíamos o que já tínhamos gravado, o que provocava confusão e risco de apagar algo importante. Realmente a resposta do público seria melhor com o show para ajudar. A gente chega lá.

Conheço Bosco (baterista do Bando do Velho Jack) a anos, e tocamos juntos em varias turnés com o Made in Brazil, e ele foi meu companheiro de quarto! É um grande cara e um excelente baterista! O Bando é uma banda fantástica e eu sou um grande fã!

É isso ai! Espero que esteja do agrado. Sou péssimo digitador e demorei horas! Grande abraço aos leitores/ouvintes!



A banda Kim Kehl e os Kurandeiros é o projeto solo do guitarrista, cantor e compositor Kim Kehl (à direita)

KIM KEHL E OS KURANDEIROS PONDO FLORES NA BOCA DOS CANHÕES

MAMBO JAMBO

Cocada Preta / A galera do Rock / A Bomba (do Amor) / Vampiro / O Kurandeiro

O Jogador / Hey Mãe / Os Brutos também Amam / Maria Louca / Rabo de Saia

Gravado e Mixado por Edu Gomes no Cake Walking Studio. Masterizado por Pedro Marin no Sonic Master. Produzido por Kim Kehl. Produtor Fonográfico Marcelo Fontanesi/Polithene Pam

Kim é um veterano do rock brasileiro com mais de **30 ANOS** de estrada já tendo participado de dezenas de bandas de rock e acompanhado cantores populares em centenas de shows pelo Brasil afora e também no exterior.

A banda Kim Kehl e os Kurandeiros existem desde **OS ANOS 90**, tendo começado como uma banda de cover. Foi só em **2004** que o primeiro CD homônimo chegou ao grande público. Foi o sucesso com a distribuição deste álbum que alavancou o segundo álbum chamado *MAMBO JAMBO* lançado no final de **2008**.

DISCOGRAFIA

KIM KEHL E OS KURANDEIROS



MAMBO JAMBO

A banda é formada por Kim Kehl (guitarra, voz, slide, violão), Nélson Ferraresso (piano, órgão, synths), Fábio Scattone (bateria), Renato R (baixo) e Rod Filipovitch (guitarra).

Kim, nos informa que, a banda, sempre que possível, conta, ao vivo e em gravações, com a colaboração de amigos ilustres e queridos!



Kim Kehl e os Kurandeiros ao vivo!

A. C. BARBIERI ENTREVISTA KIM KEHL (PELO TELEFONE EM 06/03/2009)

A. C. Barbieri: Alô é o Kim?

Kim Kehl: Sim sou eu! Quem fala?

A. C. Barbieri: Aqui é o Celso Barbieri. Estou falando de Londres. Trabalhei com o Made in Brazil no tempo que você tocava na banda. Você lembra de mim?

Kim Kehl: Claro! Você teve uma loja de discos no Itaim Bibi e até me deu um botão com a cara do Marc Bolan! Eu ainda tenho ele! É você mesmo?



O botão da Rocker retornado pelo Kim ao Barbieri depois de mais de 20 ANOS!

A. C. Barbieri: *Sou sim! Legal mesmo que você se recorde depois de tanto tempo, mais de 20 ANOS! Estou ligando para saber mais sobre o seu projeto Kim Kehl e os Kurandeiros.*

Kim Kehl: Manda bala!

A. C. Barbieri: A sua primeira banda foi o Lírio de Vidro lá pelo começo dos Anos 70. Tem uma lenda que diz que foi o Oswaldo da banda Made in Brazil que acabou com o Lírio. É verdade?

Kim Kehl: Sim e não. O nosso baterista saiu para tocar no Made e depois eu também fui. A banda implodiu por falta de perspectivas, nós éramos muito jovens e a verdade é que o Lírio não tinha futuro. O Made era na época a única banda que oferecia uma estrutura maior para eu tocar. Na verdade, fico surpreso que as pessoas ainda se lembrem do Lírio de Vidro. Eu tinha umas gravações daquela época e por insistência de um dono de loja de discos, acabei lançando este material cuja qualidade não é excelente, mas vale pelo valor histórico.



Capa do álbum da banda Lírio de Vidro

A. C. Barbieri: Eu recordo-me muito bem que trabalhar com o Oswaldo não era fácil. Vi você brigando pelo seu cachê no dia do seu aniversário. Foi lá no Rock Horizonte em Belo Horizonte naquele show que participou um monte de gente boa incluindo o Raul Seixas e Jorge Bem Jor.

KIM KEHL: O Made foi escola! Eu não tinha ideia do que era trabalhar profissionalmente e com estrutura. Você vai ficar surpreso mas eu só fui conhecer uma coisa estruturada quando por **10 ANOS** trabalhei com uma dupla sertaneja. Cheguei fazer **15** shows por mês e com eles viajei **3** vezes para os Estados Unidos. Se tenho minhas **3** guitarras Gibson, meu carrinho e a casa é porque ganhei tocando música sertaneja e não o rock.

Eu já conhecia o Oswaldo muito antes de ele formar o Made in Brazil lá no começo dos **ANOS 70**, desde quando ele trabalhava numa loja de discos chamada HI-FI que existia lá na Rua Augusta (SP). Aliás, eu ensaiava com o Lírio de Vidro na casa da minha avó. Ela liberou uma casa que existia no fundo do quintal dela e eu montei um estúdio legal para ensaio. Foi lá que foi ensiado e pré-produzido o primeiro álbum da Patrulha do Espaço.

Então, posso dizer que vi o começo da Patrulha Do Espaço. O falecido Kokinho e o Junior não se bicavam mesmo! Um dia num ônibus a caminho de um show aconteceu um bate-boca bravo e o Kokinho pediu para o ônibus parar e, abandonou o veículo alí mesmo na estrada. O Kokinho estava fora da Patrulha!

A. C. Barbieri: Depois, você formou o Mixto Quente. Que tinha um cara que não era brasileiro na banda. Cheguei na época a ter o álbum e lembro-me que tinha uma faixa que eu gostava muito.

KIM KEHL: Era o Thomas. Ele é alemão. A banda não durou muito mas, tivemos um álbum lançado pela Baratos Afins.

A. C. Barbieri: Okay, você andou tocando música sertaneja por uns 10 ANOS e depois partiu para carreira solo com a banda Kim Kehl e os Kurandeiros. Porque o uso da palavra Kurandeiros?

KIM KEHL: São duas as razões. O falecido bluesman John Lee Hooker gravou uma música chamada The Healer (O Curandeiro) e esta música me deu inspiração para o nome. Por outro lado, para mim, "curandeiro" representa um lado do Brasil com suas religiões, superstições, cultura popular e candomblé. É o pé-de-coelho, o número 13, a ferradura, as simpatias e maus agouros. O Brasil é assim uma grande mistura!

A. C. Barbieri: Isto me faz lembrar que naquela época o Oswaldo do Made insistia que eu fosse com ele no Centro de Umbanda, ficava dizendo que eu precisava fazer uma 'limpeza'. Eu nunca tinha ido num Centro e estava curioso. Ele disse para mim que iria leva-lo também. Então eu fui. Quando chegamos lá o Oswaldo tinha uns papeizinhos com algo escrito que, passou para a Mãe de Santo. Mais tarde ela chamou você, pegou uma folha de Espada de São Jorge e usando como chicote começou dar-lhe uma surra... (risos) Aí ela me levou atrás da casa num quintal escuro e numa fogueirinha jogava pólvora causando umas bolas de fogo, uns clarões enormes. Eu olhava e pensava comigo mesmo: Ela está jogando menos do que o que ponho para explodir na frente do palco! (risos)

KIM KEHL: (risos) Eu sou forte! Não peguei nada! Na verdade, acho que tudo que fazemos de mal acaba voltando para nós mesmos. É esta a realidade brasileira, a dos "curandeiros". Agora, de uma coisa pode estar certo várias vezes fui pego de surpresa com imensas explosões suas bem na minha cara!

A. C. Barbieri: (risos) Eu gostava de assustá-los! (risos) Bom, hoje em dia como você está estruturado?

KIM KEHL: Tocar em clubes e bares não está fácil. O circuito está meio caído. Estamos atacando uma outra área que é a das livrarias. Estamos distribuindo os CDs em várias livrarias. Depois fazemos uns showzinhos acústicos nas lojas para divulgar o álbum. Está funcionando!

A. C. Barbieri: Eu, quanto mais me envolvo com bandas brasileiras mais percebo que nada mudou. Recentemente tive uma decepção enorme com uma banda paulista que prefiro nem citar o nome. Parece que o tempo passa, mas o povo não aprende a controlar o ego.

KIM KEHL: Você tem toda a razão! Não existe amizade nem cooperativismo. Com o pessoal da música sertaneja não é assim! Uma banda ajuda outra, convida para tocar junto, existe amizade verdadeira. No rock, é tudo cheio de competição e uma banda fecha a porta na cara da outra. Eu garanto para você que nós não somos assim! Somos agradecidos por toda ajuda que recebemos!

A. C. Barbieri: Você lançou seu segundo álbum em DEZEMBRO DE 2008 chamado Mambo Jambo. Eu costumo dizer que não gosto de Samba, Bossa nova, Salsa, Calipso e Mambo Jambo (risos). Você sabe o que significa Mambo jambo?

KIM KEHL: Você acertou em cheio com o que disse!

A. C. Barbieri: Se o Lula vir e disser que vai acabar com toda a pobreza do país! Para mim é Mambo-Jambo eleitoral!

KIM KEHL: Isso mesmo! É este o sentido!

A. C. Barbieri: *Tenho recebido frequentemente notícias da banda através da Lara. Ela está fazendo um serviço muito bom! Ela é sua namorada?*

KIM KEHL: É sim! Até que enfim achei alguém com quem posso dividir o meu trabalho. Ela é muito legal! Ela começou participar dos negócios da banda, um dia, naturalmente, quando pedi para ela ligar para um clube e acertar as coisas para mim...

*A. C. Barbieri: Eu achei obviamente que tem Stones (e Made in Brazil) no seu som mas sua voz é rouca e soa como Johnny Winter aliás quando você grita 'rock'n'roll' soa exatamente como Johnny Winter no álbum JOHNNY WINTER AND LIVE (**1971**) na música 'Johnny B Goode'. Eu achei que tem também algo de Johnny Winter na sonoridade da guitarra quando você usa slide guitar. Também acho que o Country Music te influênciou muito à ponto de aparecer na sua música. Que você acha?*

KIM KEHL: Barbieri além de boa memória e pontaria, teu ouvido tá apurado!... meu grito "rock'n'roll" vem direto de Mr Johnny Winter, grande idolo da nossa geração de blueseiros e meu mestre no "slide guitar" então pra mim isso é um grande elogio! Paralelamente a isso, o country americano sempre fluiu naturalmente para mim, seja atravéz dos Byrds e outros cowboys psicodélicos, seja pelos mais tradicionais M Haggard ou Emilou Harris... howdy! Quanto á sonoridade Stones/Made, acho que falta uma referencia anterior, ou seja a maior parte dos fãns de blues da nossa geração teve contato com os Stones antes dos originais. Quer dizer, nossa geração ouviu a invasão inglesa e depois os mestres originais...

A. C. Barbieri: Bom, já falamos bastante e vou deixa-lo em paz, um abraço e vamos continuar mantendo esta amizade legal.

KIM KEHL: Para finalizar gostaria de dizer que hoje em dia estou muito mais organizado e experiente. Eu sempre me preparo para fazer meus shows com tranquilidade e competência. Faço minhas flexões todo dia, esteira, parei de fumar, cuido da minha saúde e minha voz está ótima. As pessoas dizem que eu andei sumido e perguntam por onde eu estive todo este tempo. Eu respondo que andei tocando, fazendo o que gosto. Que, não parei, fui na escola e aperfeiçoei a minha arte. Obrigado por mostrar interesse no meu trabalho, não deixe de me enviar o seu endereço para que possa lhe enviar um CD. Quando vir para SP não deixe de entrar em contato!

O cartão do Kim Kehl



KIM KEHL E OS KURANDEIROS PONDO FLORES NA BOCA DOS CANHÕES

POR MARIO PAZCHECO

Neste segundo CD *MAMBO JAMBO* Kim Kehl e os Kurandeiros mesclam o ritmo do samba e os silvos de percussão ao frenético rock 'n' roll. Deliberadamente eles demonstram o fascínio e o fascismo que as Pedra Rolantes exercem sobre nós: "No tabuleiro da baiana é que tem o doce que me faz feliz" – cocada preta nada mais Brown Sugar.O alicerce de toda essa transa parece ser Keith Richards, o pai-de-santo que acende o seu charuto e no transe, eles incorporam Nicky Hopkins, Ian Stewart e gibsons saturadas, " Cocada preta é o que me faz feliz". Sax! ...

O confessional verso de "A Galera Quer Rock" – "onde quer que eu toque a galera quer rock/ do Chuí ao Oiapoque – é um contrassenso, quando a Brasília de JK verá Kim Kehl e outras lendas do rock paulista? O melhor de *MAMBO JAMBO* é que os músicos chutaram os técnicos de estúdios das gravadoras e conseguiram registrar a vitalidade do rock and roll de Chuck Berry e seu walk duck show – Johnny Winter pulsa dentro desta galera e roquenroul Adriano! A bateria segue despreocupada das firulas..."A Bomba (Do Amor) traz aquele som quente do hammond e uma guitarra dilacerada, "um minuto de atenção" (isso me levar a pensar na eleição de Fernando Collor para presidir a Comissão de Infraestrutura, daquela casa) – o manifesto ecológico dos Kurandeiros poder ser datado mas não é demagógico; "senhor presidente não aperte o botão vamos por uma flor nesse canhão". Caixa bumbo e prato caixa bumbo e prato – Kim Kehl e Os Kurandeiros explodem a bomba do amor se fosse nos **ANOS 60** indagariam sobre o que estes caras estão cantando, – aceitar as diferenças . A mensagem de hoje é tão destrutiva que o libelo de Kim Kehl soa estranho demais: a bomba do amor detona os politiqueiros. "Vampiro" soma o riff maciço em uníssono à bateria e aos teclados, os Kurandeiros entram no terreno da insônia se eu rock tem a pintada do suingue brasileiro muita guitarra cantada fazendo as bases para os vocais. Solos assobiáveis e sopros flanados com os dedos cravados e cruzados.

Antonio Celso Barbieiri já relatou a história do nome "O Kurandeiro" e nada mais apropriado do que Bo Didley e sua batida lembrando uma cuíca enquanto Kim Kehl e Os Kurandeiros descem ao terreiro. Toda a mitologia do contrato e da encruzilhada e um solo de guitarra com a infinita elegância do Marquinhos. "O Jogador" é mais um lugar comum, nosso lugar está marcado assim como nosso destino.Com maestria Kim Kehl conduz sua autocura mística e realiza suas incursões pelas tendas e milagres brasileiros do Bexiga a Chinatown de Nova York. Ainda não é nem Dia das Mães e Kim Kehl e Os Kurandeiros refletem, " Se eu fizesse o que a mamãe mandou"... Eles não teriam se afogado chorado e nem mamado. Todos filhos bem crescidos e nascidos. Neste Blues, "Os Brutos Também Amam" traz uma pegada de Gary Moore. "estou quebrado, me dê um cigarro".Agora Os Kurandeiros estão se despedindo de nós com aquele roquenrou que deixa os membros arrepiados "Maria Maluca" chegou mais veloz do que "Maria Fumaça", as coisas pegaram joga a cara na latrina que o jorro vem; excessivo jorro de roquenrou.Fim de Baile do jeito que o roquenrou começou Os Kurandeiros terminam atrás de um "Rabo De Saia", com a guitarra de Otaviano emulando Jeff Beck. Pontos Positivos: 'Entrosada mente' e sem crise Kim Kehl e Os Kurandeiros realizam um segundo disco ligado na aflição da atualidade sem saudosismo e com o pique de encarar a estrada.O único ponto negativo é que esta estrada não conduz ao palácio do planalto. Venham...





*(17 DE ABRIL / **1954**) – (31 DE DEZEMBRO / **2008**)*
Oswaldo Gennari em Londres

2008



OSWALDO "KOKINHO" GENNARI PARTIU

OSWALDO GENNARI

Oswaldo "Kokinho" Gennari residia em Londres já à alguns anos onde fazia falculdade de música. Estava terminando o último ano (na Inglaterra o ano letivo começa em **SETEMBRO**). Ele tinha ido à São Paulo para os festejos de fim de ano. Entre seus planos, vestiu-se de Papai Noel no Natal e entregou presentes para seus sobrinhos. No dia, **30 DE DEZEMBRO** foi comer umas pizzas com Luiz Carlini e Chico, seu anfitrião. Voltou para casa, para o seu quarto. Sua última chamada telefônica foi feita à 1 da manhã para um amigo. O corpo no quarto só foi encontrado próximo ao meio **PRIMEIRO DIA DE 2009**. Oficialmente que ainda não tenhamos a causa da morte, é de consenso que Kokinho teve um ataque cardíaco fulminante. Koko Gennari, foi cremado em **3 DE JANEIRO** numa cerimônia reservada que contou apenas com a presença de seus familiares e amigos íntimos incluindo Luiz Carlini e Celso Vecchione.

NO DIA 06 DE JANEIRO, às 19:30h na Igreja Santa Rosa de Lima, no bairro da Pompéia foi celebrado em homenagem a Kokinho, a missa de Sétimo Dia numa cerimónia emocionante. A igreja cheia contava com a presença de familiares, amigos e conhecidos. Era fácil reconhecer a moçada, já não tão moça, da sua geração com os cabelos grisalhos e caras de rock'n'roll lado a lado prestando as últimas homenagens ao grande Koko. Um dos pontos altos da cerimônia foi o solo de violino executado por um dos amigos. Outro momento emocionante foram as palavras proferidas carinhosamente pelo guitarrista e amigo pessoal de Koko, Luiz Carlini que não conseguia conter as lágrimas. Foi muito bonita, a cerimônia digna do querido Oswaldo "Kokinho" Gennari.

Em Londres, Oswaldo ou simplesmente, Kokinho, estudava contrabaixo até o **FINAL DE 2008**, pouco antes de seu falecimento.

Oswaldo Gennari aparece no documentário CLOSE-UP NO ROCK BRASILEIRO



*Teatro São Pedro em 14 maio de **1978**. Ao vivo! Simplesmente! Júnior na bateria, no duelo os guitarristas Dudu Chermont e John Flavin, e o contrabaixista Kokinho, em 'Um Pouco Assustador'...*

Baita foto honesta de uma banda de rock em ação, um detalhe interessante são as potências do P.A ao fundo, Studium, cópias das potências Crown, que amplificaram 99% das bandas de rock nos ANOS 70 (**ROLANDO CASTELLO JÚNIOR**).

"Kokinho foi embora! Oi pessoal, hoje às 15 horas tive a notícia de que nosso amigo Kokinho (Oswaldo Gennari Filho) faleceu em São Paulo, onde veio passar alguns dias com familiares. Baixista que tocou com o Arnaldo Baptista na Patrulha do Espaço, entre outras bandas, Kokinho parece ter tido um enfarte fulminante na casa onde estava hospedado em São Paulo. Ele morava em Londres onde estava no último estágio de estudo para maestro e onde coincidentemente nos encontramos há 20 dias. Ele havia chegado em São Paulo, no dia **27 DE DEZEMBRO** e estávamos programados para nos encontramos em Paúba no **INÍCIO DE JANEIRO**". (**DINHO LEME**)

"Estou chocado! Estou chorando... A vida é muito filha-da-puta! Eu conhecia bem o Koko... Tenho muito a ver com sua vinda para Londres onde no princípio hospedei-o por um mês até que ele pudesse se acertar...
"Ajudei-o abrir a sua primeira conta no banco aqui, tirar seu documento de trabalho, ensinei como andar pela cidade, etc...
"Quando ele estava deprê ele sempre ligava para mim... Gravei algumas coisas com ele...
"Ele era o único roqueiro da minha geração com quem mantinha contato em Londres.
"Ele estudava para cacete e reclamou da dificuldade que estava encontrando pois, na faculdade, no **FIM DE 2008**, estava estudando as hamonias de Keith Jarrett...

"Um pouco antes de ele viajar para o Brasil ele veio fazer uma visitinha de despedida e falou que estava meio gordinho e ia entrar num regime, controlar melhor o colesterol, porque senão (dando uma risada) seria difícil 'descolar umas minas'. Ele estava muito curioso para ver a sua participação no recente documentário feito sobre o Arnaldo

Baptista. Ele queria muito ver o show encontrado nos arquivos da TV Bandeirantes onde o Arnaldo e a Patrulha do Espaço detonavam um som muito bom.

“Um dia tivemos uma discussão e eu falei para ele não ligar mais. Um tempo depois ele ligou, disse que estava errado e que não podia ficar sem minha amizade. Obviamente, eu também estava com saudades, nos desculpamos e voltamos a nos encontrar. Desta vez era uma relação mais madura e respeitosa coisa para durar até que a morte nos separasse. Em retropectiva, amizade verdadeira é assim mesmo, tem seus altos e baixos mas continua viva!

“Como todo roqueiro brasileiro ele carregava uma amargura causada pela falta de apoio, os constantes chapéus e nunca ter feito grana ou alcançado o respeito que achava merecido. Como eu, ele se sentia aqui em Londres um pouco como sendo um exilado cultural e tinha decidido começar sua vida de novo fazendo aquilo que ele realmente gostava.

“Ele estava bem otimista e até que enfim encontrando a sua paz interior que tanto buscava.

“Como sempre apenas os lutadores, os bons morrem cedo! E ainda tem gente que fala em justiça divina! A vida neste planeta é patética!!!
Koko Gennari era tão brasileiro que preferiu morrer no Brasil!
Querido Koko já estou com saudades! (**A. C. BARBIERI)**

“Conheci o Kokinho no início dos **ANOS SETENTA** quando ele ainda era roadie do Made in Brazil e já demonstrava uma enorme vontade de ser músico. Acho que ele já batia um bongozinho...

“Fomos nos tornando amigos e, na medida do possível, fui apresentando o Kokinho para os meus amigos músicos. Ele chegou a tocar comigo e com a Silvia Helena em **1976** no show *METAMÚSICA*, lançamento do nosso primeiro disco.

“Sempre fomos bons amigos, ele frequentava a minha casa da rua Padre João Manuel, e fiquei muito feliz quando ele tocou com Arnaldo & Patrulha do Espaço e depois continuou com a Patrulha do Espaço.

“Depois, já na **DÉCADA DE 80**, ele fez sucesso com um grupo pop e nos encontrávamos na empresa que produzia essa banda, no meu apartamento da Aclimação, em shows e na casa do Júnior, baterista.

“Ele sempre me tratou muito bem e tinha carinho pela minha esposa e filhos. Sempre estudou música como baixista e ainda me lembro quando me mostrou feliz da vida a carteira azul da OMB (Ordem dos Músicos do Brasil).

“Meu, cada vez mais, amigo Dinho Leme, baterista dos Mutantes, me avisou do seu passamento. Saudades Kokinho, muitas saudades mesmo...

“É a *GERAÇÃO WOODSTOCK*... são **40 ANOS** de batalhas e sonhos pela Paz e pelo Amor... e o Kokinho é isso: Paz, Amor Infinito e, graças a Deus, Rock'n'roll! Let's rock Kokinho, like the good ol' times, Mad Old School Rock'n'roller!

“PS: Ele me mandou uma foto, junto com uma carta, quando estávamos em Londres há uns **TRINTA ANOS ATRÁS**. Ele estava feliz da vida tocando com o saudoso guitarrista Dudu Chermont e o meu querido compadre Júnior, na Patrulha do Espaço. (**ZÉ BRASIL**)

“Existiu alguém mais legal, mais astral do que o Kokinho entre os roqueiros dos **70s**?

“Ele era o cara, the real Pompéia rocker, sempre amigo e gentil. O elemento de união entre egos exaltados nos grupos em que participou.

“Acompanhei a evolução do Arnaldo & Patrulha do Espaço, que ele, no baixo e o Arnaldo iniciaram.

“Os ensaios eram na loja de móveis Oca, do pai do Júnior (bateria) na rua Augusta. Na guitarra já era o Dudu, junto ao clavinete do Arnaldo. O lugar tinha uma acustica privilegiada, cheio de estofados e divisórias, ótimo para ensaiar uma rock band. A presença musical e a personalidade do Kokinho eram essenciais para aquele grupo funcionar.

“Destes ensaios resultou um dos concertos mais instigantes e criativos que presenciei: a estreia da Patrulha no Teatro Treze de Maio. O Arnaldo estava atrasado, o público e a banda impacientes. Resolveram iniciar o show só os três. De repente, o Arnaldo entra no meio da primeira música, dançando. Uma dança alucinante, improvisada. Uma amostra do viria a seguir. Daí pra frente foi uma cascata de harmonias díspares, cacofonias, batidas poderosas, driving bass, canto gutural, e nada, mas nada convencional. Uma música invadia a outra, uns estavam terminando, mas outros já estavam na próxima. Uma avalanche. O público estava de boca aberta. Eu sorria extasiado.

“Nos **90s**, Cokinho participou da volta de Sérgio Dias aos palcos paulistanos, como baixista e na coordenação da banda. Mais uma vez, lá estava ele sendo solicitado para dar forma a um projeto, segurar a barra. A última vez que o vi, disse estar de malas prontas para Londres. Mencionei o tal concerto do Patrulha, o quanto me impresionou e que ainda guardava na memória. Ele disse ter a gravação do show.

“Bons tempos, eu ia da Aclimação encontrar o pessoal da Pompéia. Rodava pelo bairro com Cokinho e músicos da região, encontrando amigos, as garotas, sonhando e falando de rock.

(FABIO GASPARINI - MONA, SUNDAY, SCALADACIDA, MAGAZINE)

“No inicio de **NOVEMBRO DE 1976**, quatro bandas de São Paulo vieram aqui pra Ribeirão Preto para tocar no Teatro de Arena, num festival de rock e blues, eram eles: Commix, Som da rua, Contrabando e a banda Neblina, da qual o baixista era o Kokinho. Acontece que choveu muito e tudo foi cancelado. As bandas foram embora com exceção da gang do Kokinho, que aqui ficou por alguns dias.

“Ficaram hospedados na casa udigrudi do nosso velho Zé Maria (in memorian) guitarrista e compositor e ai foi feito uma armação para um show no Teatro Municipal com a minha banda Grupo 17 e a banda Neblina.

“Me lembro que o Kokinho gentilmente me ofereceu o seu Precision, para que eu tocasse no show, pois o baixo que eu tinha na época, era aquele que foi do Arnaldo Baptista mod fender e estava totalmente com o braço empenado. Foi a primeira vez que toquei com um baixo importado e ainda por cima da casca, o mesmo modelo que o grande John Wetton usava. Fica aqui o registro, o agradecimento e o respeito pelo grande Kokinho e que Deus o tenha.” (**JOHNNY OLIVEIRA**)

MENSAGENS...

“Fiquei sabendo pelo Júnior, por telefone, realmente mais uma perda lamentável... (**LUIZ CARLOS CICHETO**)

“A música perde mais um... Mesmo assim, rock and roll! (**HÉLIO JENNÉ**)

“Fiquei chocado com a noticia do Kokinho.” (**LUIZ CALANCA, BARATOS AFINS**)

“Terrível notícia... O rock brasileiro sofreu uma perda irreparável.” (**DIMITRI BRANDI, PSYCHOTIC EYES**)

“This is absolutely terrible news, I have no idea what to say except thank you for letting me know. I am very shocked. Koko will be very missed here in London. Let me know of any memorial sites or tributes. Thank you.” (**GREG HOLDEN, MUSICIAN**)

“Inacreditável !!! :–((Kokinho me ligava pelomenos uma vez por mês gastando seus carões de telefone pra discutirmos sobre interfaces, softwares de gravação e as tendências musicais de Londres. Ainda estou chocado com essa notícia porque ele estava extremamente empenhado no futuro musical dele. Kokinho sempre foi muito amável com todos e isso também dói muito pq não e fácil encontrar músicos com essa personalidade e ética. O Kokinho com certeza está lá em cima brilhando. (**ALLEX BESSA**)

“Can you beleive it?????? Rock in the sky my love! You were the sweetest rockeiro! **2009**... Viva o Kokinho!” (**SUE E PATRICK**)

“Adorei a page... por John Flavin fiquei sabendo do Kokinho... Sou Eduardo do Burmah, Made, Patrulha e outras bandas dos golden days dos **EARLY 70**'.” (**EDUARDO DE POSE**)

“I'm really sorry to hear that. Outra grande perda.” (**MARCELO CARVALHO**)

“Lamentável, grande Kokinho, grande amigo de anos, que Deus o tenha, fez muito pelo Rock, no Brasil!!! (**SÉRGIO MARTINS DELLA MONICA**)

“Parceiro de alguns dos melhores temas que escrevi nesta época. ‘Simples Toque’, ‘Depois das Onze’ e principalmente ‘Arrepiado’ foram produtos da inspiração deste grande músico! (**PERCY WEISS, REFERINDO-SE AO TEMPO QUE PERCY E KOKO FIZERAM PARTE DA PATRULHA DO ESPAÇO**)

“Oi, Koko.. Tô muito triste de saber sobre você. Eu espero que voce tenha paz no sua lugar agora..desculpe para meu portugues mas eu sou escossais.. Você me conhecer Koko!!! Você era um homem muito legal, amigabille e engraçado. Você tocou nas minhas músicas e eu estou muito feliz por conhecer você. Sua faixa no ‘Laidback & Groovin' é maravillhosa e tô muito triste porque você não pode escultar o último mix do ‘Touch The Sky’ porque essa musica é melhor... Amigo eu vou sentir saudades de você muito – eu estou feliz porque eu me encontrei com você no dia **22 DECEMBRE** – e tomei uma cerveza com você...Você queria sempre comprar cerveja para mim e nunca me deixou pagar... Mas eu queria amigo – esse e sua personalidade – amigabille e sempre ajudando os outros...Você era uma pessoa só no mundo... Eu sabia que você fazia anniversaire no mesmo dia que eu.. Que pena que eu nao posso ter festa com você esse anno... dormir em paz meu amigao... Abracos. (**ANDY**)



“Cokinho, é assim que você será sempre lembrado! Saudades...sempre! (**EGÍDIO CONDE**)

“Eh camarada...vieram muitos flashs em minha mente de tantos buzões que catei com meus asseecla p correr atrás da Patrulha do Espaço...nem quando nem onde...shows em lugares que não me recordo e em dias q não me lembro...só lembro dos momentos em q podia ver e ouvir a mão poderosa do Kokinho estremecendo todos os chãos em q pisei...tudo em nome do Rock'n'Roll. R.I.P. Koko Gennari! (**SÉRGIO DE VITO**)

“...Kokinho não habita mais entre nós, fiquei triste. O Rock nacional fica um pouco mais triste, perdemos mais um membro para a ‘Heaven's Rock'n'Roll Band of God Son’. Eu tive o grande prazer de presenciar algumas de suas performances ao vivo na Patrulha do Espaço e sempre fiquei encantado com sua maneira de tocar poderosamente o bom (e cada vez mais velho e mais experiente) Rock'n'Roll.” (**REMETENTE ANÔNIMO**)

“Kokinho, meu irmão querido, fortunado você que deixou esse mundo de tribulações. Descanse em Paz e prepare um lugar pra quando a gente chegar. Não precisa ser backstage, mas quero ver e ouvir tudinho... Saudades...” (**ANTONIO PETICOV, IRMÃO DO ANDRÉ, TIO DO IGOR, DA IRIS E DO RALPHS E PAI DO PEDRO ANTONIO**)

“Ficamos muito tristes em saber que perdemos um grande amigo, Oswaldo Gennari, mais conhecido como ‘Kokinho’...levou a alegria em todos os palcos em que pisou. Nós do Dr.Sin gostaríamos de manifestar solidariedade aos famíliares e amigos nesse momento tão difícil.”

“Thanks for posting this, we'll all miss Koko at University – he was a real gentleman.” (**ROB**)

“Fiquei chocado e triste. Vidas bem vividas são raras.” (**PENA SCHMIDT**)

Menagems carinhosas deixadas no Facebook do Kokinho por professores e alunos da universidade onde ele estudava em Londres

2009

DEBORAH CARVALHO – MADE IN BRAZIL PERDE VOCALISTA



Made in Brazil ainda com a Deborah 'iluminando' o grupo

Deborah Carvalho

(28/07/1962) – (07/01/2009)



É com grande pesar que noticio aqui mais uma perda para o rock brasileiro. Deborah Carvalho era vocalista da banda Made in Brazil, onde atuou por muitos anos. Ela era uma figura sempre presente, simpática e competente que **ABRIL**hantava ainda mais o palco desta banda legendária. Seu falecimento súbito deixou a família Made in Brazil totalmente arrasada.

Coincidentemente dia **4 DE JANEIRO DE 2009**, depois de mais de **20 ANOS**, liguei de Londres para Oswaldo Vecchione na sua residência em Atibaia. Eu estava triste com a morte recente do Kokinho e queria falar com alguém que tivesse conhecido ele. Quem atendeu o telefone foi a Deborah, sua esposa, que foi muito gentil. Com uma curiosidade juvenil ela queria saber quem eu era. Eu expliquei-lhe que, eu era o responsável por este site. Deborah toda alegre e espontânea, antes de passar o telefone para o Oswaldo, disse que já tinha visto a matéria sobre o Made e tinha gostado muito. Hoje, em retrospectiva, lamento não ter batido um papinho maior com ela.

E-MAIL – DOMINGO 11 DE JANEIRO / 2009

Texto do e-mail que recebi do Oswaldo anunciando a data e local onde acontecerá as missas de Sétimo Dia (uma em São Paulo e outra em Atibaia).

Meu amigo, tenho péssimas notícias, minha mulher e cantora do Made **HÁ 19 ANOS**, Deborah Carvalho (Debinha) faleceu no **DIA 7 AGORA** ...

A nossa estrela maior nos deixou infelizmente, se puder divulgar te agradeço de coração ...

Missa de 7º dia em São Paulo
Paróquia de Santa Rosa de Lima
Rua Apiacás nº 250 – Perdizes (travessa da rua João Ramalho)
Data: **13 DE JANEIRO / 2009** – Horário 19:30 hs

Missa de 7º dia em Atibaia
Igreja Nossa Senhora do Rosário
Praça Guilherme Gonçalves – s/nº – Centro
Data: **13 DE JANEIRO / 2009** – Horário: 19:30 hs

Estou e estamos em choque, tristes e arrasados... Obrigado

DADOS OFICIAIS DA BANDA MADE IN BRAZIL

Deborah Maria Teixeira de Carvalho
Nome artísticos: Deborah Carvalho
Data de nascimento: **28 DE JULHO / 1962**
Escolaridade: Superior
Estado Civil: Casada
Profissão: Cantora
Instrumentos: Violão, percussão leve
Outras atividades: professora, produtora, mãe.
Time de futebol: E.C. Corinthians Paulista
Esporte que praticou: Natação, Voleibol,
Esporte que gosta: Voleibol e Basquete
Hobby: Assistir vídeos e viajar
Gêneros musicais: Todos menos Sertanejo e Pagode

PREFERÊNCIAS

Grupos: Rolling Stones, The Platters, The Animals, etc…
Cantores: Rod Stewart, Ray Charles, Joe Cocker, Eric Clapton, Johnny Rivers
Cantoras: Carly Simon, Etta James, Marisa Monte, Zizi Possi
Sexual: Homens de preferência mulherengos e cafajestes
Comida: Italiana e mineira.
Melhor música: "With A Little Help From My Friends" (Joe Cocker), "Corsário" (João Bosco)
Disco de cabeceira: Os grandes sucessos de Rod Stewart
Postura: Mineira, quase paulista...
Pensamento: Dinheiro foi feito para gastar, não prá guardar
Não acredita em: Homem fiel

PATRULHA DO ESPAÇO, PASSAMOS OUTRA TARDE EXCELENTE

ROLANDO NA 407 SUL

– Você foi comedido!

De Rolando para Pazcheco, quanto à recente matéria! Rolando Castello Jr. Fields Forever!

SEGUNDA PARTE!

23 DE MARÇO / 2009 - Brasília estrangulada e algemada a céu seco - no zoo animais medrosos desertificação corredores rodoviários.

Passei a última tarde chapado folheando um mar de *HIT PARADERS, CIRCUS* e várias *CREEMS*; revistas musicais americanas da **DÉCADA DE 70 DO SÉCULO PASSADO**, não naufragava solitariamente, no leme da viagem Capitão Rolando Castello Jr. fazia intervenções precisas.

Tudo era telepático! Tudo era informação – passei a tarde enfurnada com a fuça enfumaçada em dezenas de livros de rock e Beatles!

No ' livro que todo beatlemaníaco deveria ler" vi uma foto do Mad Day de **1968**, onde John Lennon aparece ao lado dos Beatles com as bases das palmas das mãos juntas e um risinho. Lennon tirava onda de santo a fota foi feita na frente da Catedral; noutro livro *AS VIDAS DE JOHN LENNON* de Albert Goodman, o título do último capítulo era punk: Bang Bang você está morto! Cruel e delicioso livro de fofocas.

Se você me perguntar se há tapes inéditos de Arnaldo & Patrulha do Espaço? Eu admito que existem mas não ouvimos por falta de um gravador de rolo!

Passei a tarde conversando também com Marta Benévolo sua companheira – tratamento vip – Rolando nesse momento concedia uma entrevista via Orkut

– Não me chame de Júnior, Me chame de Rolando. Eu passei dos **40** e não gostaria de ser confundido com o Júnior, irmão da Sandy!

A entrevista prosseguiu enquanto eu passava os olhos em dezenas de fotos, slides e até fotos da infância deste honrado e último operário do rock brasileiro.

VINIS

Rolando me mostrou o raríssimo LP capa dupla de *BILLY BOND E A TURMA DA PESADA* e me disse que vale umas **800 PRATAS**! Orgulhosamente sacou o Grand Funk da capa vermelha edição original americana com o selo verde da Capitol, este presente de Bento Araújo, editor da revista Poeria Zine.

SÍNTESE DA CONVERSA ÚTIL:

Restringir o foco... entender o modelo que você alimenta e nunca é tarde para ver as coisas.

QUASE BAD TRIP

Estávamos nos despedindo na 407 Sul e Rolando me avisou, – Cuidado com os sequestros relâmpagos! Nesse momento, um pivete passa correndo seguido por outros dois jovens com roupas de escola. A vizinha nos disse é o segundo assalto hoje!





O LOCAL DO CRIME: Nosso Clube, Limeira/SP – **15 DE NOVEMBRO / 1981** – *Da esqueda para a direita, o motorista, Sergio (baixo e vocal), Junior (bateria), Celso Barbieri, Dudu (guitarra) e os 3 roads que infelizmente não recordo os nomes. Quem tirou a foto usando a minha câmera foi a esposa do Junior na época*

Patrulha 1986

Junior, Dudu, Sergio. Fotografados por A.C.Barbieri (Limeira-SP 1986).

Lamentavelmente Dudu e Sergio são falecidos.

PRIMEIRA PARTE

Liguei, – Cadê o Júnior? e Marta Benévolo – Tá dormindo!

– Amanhã tem um rango aqui em casa e eu queria que vocês viessem... Faz tempo... Saudades e etc

Na véspera, Marilange & Maurício também combinaram almoçarmos no dia seguinte, neste sábado Rodrigo Souves dedilhava uma pá-de-canções introspectivas aquelas que executamos no quarto.

24 horas depois. Estávamos ouvindo uma seleção que não passava da **DÉCADA DE 70**, ouvíamos We All Together, Los Shakers, Nicky Hopkins, dos brasileiros A Bolha, O Peso, Sociedade Da Grã Ordem Kavernista. Como há séculos eu não ouvia A Bolha rapidamente passei o disco deles e fiquei angustiado como *É PROIBIDO FUMAR* é ruim! Já trazia aquelas sementes disco. Fiquei decepcionado e mal Júnior chegou, eu falei do meu dilema e ele concordou, o disco soava como gravadora.

O primeiro trabalho do Taste rolava alto e a carne-de-osso estava quente, farofa e essas coisas de fogão a lenha.

– Que tal um show do Rolando Rock no dia **24 DE MAIO**? No Blues Pub? Resumidamente Júnior ficou de pensar...

– O Viana Moog vem do Sul e é uma chance de rever o Luciano Leis... Assim eu mexia os pauzinhos.

Júnior é meio arredio a entrevistas e fotos e sabendo disso nunca entro numas de registrar nada. De vez em quando, ele abre a tampa da caixa de som e conta lances de Arnaldo & Patrulha do Espaço, sobre este tema eu havia dito que no site, o Fábio havia lembrado que o Arnaldo demorou a chegar e por isso a banda começou a tocar sem ele e que Arnaldo chegou dançando; falei também que a Patrulha havia ensaiado o primeiro disco na casa da avó do Kim Kehl, falei de uma discussão dele (Júnior) e do Kokinho dentro do ônibus e também falei de um show cancelado no Teatro Lira Paulista. Nas respostas Júnior é muito objetivo sempre profissional mostrando os vários lados da mesma moeda e evitando mal-entendidos. Ele confirmou os ensaios na casa da avó do Kim Kehl.

Júnior falou-nos do primeiro capítulo do seu livro-ficção que está pronto e aborda a banda Feito Em Casa. É claro que nos lembramos da Deborah e o Júnior nos disse o quanto ela era empenhada em ajudar as pessoas.

Encerrando, Júnior reafirmou que o maior fã da Patrulha Do Espaço é o William Pinheiro de Curitiba e que o site da banda está voltando... Também falou das sessões acústicas que a banda gravou naquela cidade tocando material dos tempos do Arnaldo.

Quanto a A. C. Barbieri (eu o defendi, como maior fã da banda! Risos), Júnior faz questão que Barbieri passe um dia no apartamento deles e ainda lembra que a Patrulha Do Espaço gostaria muito de tocar em Londres.

1978

Gravação na TV Bandeirantes ao meio-dia! Programa *BALANÇO*"

– Porra! Gravação ao meio-dia?

Arnaldo & Patrulha do Espaço pontualmente se dirigem ao estúdio e pacientemente esperam sete horas para gravarem as três músicas!

Como a fome estava insuportável, Júnior procurou Nabarro e explicou a situação:
– Que horas a filmagem vai começar? – Estamos em jejum. Foi assim que eles conseguiram uma dúzia de mistos frios!

Arnaldo & Patrulha do Espaço escolheram “Cowboy” para passar o som, como estava dentro dos parâmetros, eles interromperam a execução. Posteriormente eles gravaram profissionalmente mais três músicas.

Uma semana depois quando a apresentação foi ao ar, a produção de Mr. Nabarro escolheu justamente a passagem de “Cowboy” para queimar a banda tipo eles nem conseguem terminar uma música!

DIRETO DO TÚNEL-DA-MERDA

QUATORZE ANOS DEPOIS em Sampa City eu desço as alamedas carregando uma bolsa repleta de exemplares do livro Balada do Louco, vou à redação do *ESTADO DE S. PAULO*, e – recebo um pito do tal Nabarro, para não passar do balcão.

– Vim da casa do caralho trazer-lhe este livro e tenho teu disco da Esquadrilha Da Fumaça e é assim que me recebes? – Vou quebrar aquela merda. – Em Brasília prédio é público ô meu! Só ontem eu identifiquei a origem do mau caratismo que certos profissionais talentosos nessa arte se valem.

Zé



BRasil & Edú Parada: cozinha old scholl Apokalyptica

APOKALYPTÍCAS... APOKALYPSIS AGORA É QUINTETO

21 DE MAIO / 2009 – Depois da re-volta do baixista Edu Parada, o Zé BRasil se animou e voltou pra cozinha, ou seja, pra batera do APOKALYPSIS.

Convidou o maestro/arranjador/multinstrumentista Fernando Bustamante para reforçar o time que já contava com o jovem e talentoso guitarrista/violonista Pedro Feldman.

Assim, Silvia Helena, a cantora que canta, encanta e espanta vai estar mais do que bem acompanhada por essa gang da pesada.

PAZ, AMOR & ROCK'N'ROLL! > ZéBR.

(...) É com grande prazer e honra que o APOKALYPSIS dos **ANOS 2000** recebe de volta o baixista EDÚ PARADA, um dos fundadores do conjunto em **1974** e remanescente da formação mágica que iniciou a Saga Apokalyptica, que já dura mais de **34 ANOS**.

Welcome back to rock'n'roll dear friend. (**ZÉ BRASIL & SILVIA HELENA**)

APOKALYPSIS LANÇA O CD '70 DE NOVO' (ZÉ BRASIL)

O APOKALYPSIS é um conjunto **SETENTISTA** (**1974**, São Paulo – **1979**, Londres) de Rock Brasileiro, do duo Zé BRasil & Silvia Helena, que lançou o cult-CD ***1975*** em **DEZEMBRO DE 2005** com show ao vivo gravado por Penna Schmidt no Teatro Bandeirantes, São Paulo, em **1975**.

Desde **2006** o APOKALYPSIS tem se apresentado promovendo o *MOVIMENTO 70 DE NOVO* com novas formações e novo repertório que inclui o rock and roll “Cabelos Dourados” parceria paulistana de Zé BRasil (cantor e compositor do Apokalypsis) com Arnaldo Baptista (cantor e compositor dos Mutantes). A letra foi escrita por Arnaldo Baptista na Serra da Cantareira em **1974** e a música foi composta por Zé BRasil no bairro do Sumaré em **2005**. “Cabelos Dourados” também foi lançado em um promo-single que traz como faixa bônus um "Pot-pourri" do CD **1975**.

Atualmente Zé BRasil & Silvia Helena estão lançando o EP *70 DE NOVO* pelo selo próprio, Natural Records, criado em Londres em **1980**. São quatro músicas inéditas (“70 De Novo”, “Arca De Noé Cósmica”, “Afrodite” e “In Neverland”) de Zé BRasil com letras de Nico Queiroz escritas em Monte Verde, Minas Gerais, interpretadas por Zé BRasil & Silvia Helena. São rock songs com uma sonoridade contemporânea calcada nos **ANOS SETENTA**. O disco tem participações especiais dos guitarristas Roberto Gava e Norba Zamboni e de Osmar Murad no baixo. Foi gravado e masterizado por Roberto Gava no Estúdio Azulão em São Paulo durante os meses de **NOVEMBRO** e **DEZEMBRO DE 2007**. O projeto gráfico foi criado e desenvolvido pelo músico e designer Rafael Cony da SalaMandraDesign em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

PAZ, AMOR E APOKALYPSIS! ZÉ BRASIL.





QUEM FOI ZÉ RODRIX?

ONDE ELE POSSA PLANTAR OS AMIGOS...
CONCEIÇÃO FREITAS

CORREIO BRAZILIENSE, 30 DE MAIO / 2009 – Na certidão de nascimento, ele se chamava José Rodrigues Trindade (**25 DE NOVEMBRO / 1947 – 22 DE MAIO / 2009**).

Contam que era grande piadista, mas o Brasil conhecia mesmo era o cantor e compositor Zé Rodrix. Com Tavito, compôs uma música que descreveu a alma de uma

geração de sonhadores dós **ANOS 70** que imaginava uma casa no campo para fugir das armadilhas do capitalismo.

Casa no Campo virou um megassucesso na voz de Elis Regina, um hino aos amigos, aos discos, aos livros, à vida quieta e distante da Vida urbana tumultuada

O carioca Zé Rodrix era um instrumentista múltiplo: tocava piano, acordeão, flauta, bateria, saxofone e trompete. Ficou conhecido quando, em **1967**, participou de um dos célebres festivais da TV Record, acompanhando Marília Medalha, Edu Lobo e o Quarteto Novo, defendendo a inesquecível “Ponteio” ("Era um, era dois; era cem/Era o mundo chegando e ninguém/ Que soubesse– que eu sou violeiro/Que me desse amor ou dinheiro ... ")

Depois, Zé Rodrix criou um conjunto de rock rural com Sá é Guarabyra, mas antes do **FIM DA DÉCADA DE 70**, saiu do trio e passou a fazer parte do grupo pré-punk Joelho de Porco. Deixou a música nos **ANOS 80** para se dedicar à publicidade, mas a saudade bateu e em **2001** ele se juntou novamente a Sá e Guarabyra, para lançar um CD pelos **30 ANOS DE CARREIRA.**

Além de publicitário, cantor, compositor e instrumentista, Zé Rodrix era autor de livros sobre a maçonaria. Escreveu a *TRILOGIA DO TEMPLO*, em que conta a história de uma das fraternidades mais antigas do mundo. Zé Rodrix morreu a **21 DE MAIO DE 2009**, em São Paulo. Deixou seis filhos e dois netos.



LULA MARTINS: A TROPICÁLIA VISTA POR DENTRO

CARLOS HELÍ DE ALMEIDA, JORNAL DO BRASIL

13 DE JUNHO / 2009 – RIO DE JANEIRO – Prestes a ser resgatada em documentário produzido pela O2 de Fernando Meirelles e a Record Films, a trajetória da Tropicália acaba de ganhar o testemunho de um dos mais importantes atores da contracultura brasileira. Conhecido por ter encarnado o personagem que sustenta a narrativa de *METEORANGO KID – O HERÓI INTERGALÁTICO* (**1969**), grande referência do cinema marginal, o artista baiano multimídia Lula Martins lança agora o livro Mágicas mentiras (editora Vento Leste), no qual cruza suas memórias com os atropelos da produção cultural (alternativa) do país nos últimos **40 ANOS**.

– Há muito tempo venho exercendo várias atividades no campo das artes. Por causa disso, nunca tive uma profissão ou uma especialidade definitiva na vida, e isso é péssimo para as finanças. Escrevi Mágicas mentiras para, sobretudo, reunir os meus cacos, tentar dar unidade aos meus trabalhos e a mim – reconhece Martins, que leva uma vida low profile.

Ao contrário das estrelas visíveis do movimento estético e sonoro que influenciou todas as atividades culturais entre o **FINAL DOS ANOS 60** e os **ANOS 70**, Lula Martins trilhou um caminho de bastidor. Filho de poeta e originário de uma família bem situada no sudoeste da Bahia, o pequeno Antônio Luiz da Silva Martins frequentou as matinês dos cinemas de Jequié, seu primeiro contato com a arte audiovisual. Ainda jovem, vagou pelo universo pré-hippie e se envolveu com as artes plásticas. Participou, inclusive, da Bienal da São Paulo, em meados dos **ANOS 60**.

De volta a Salvador, fez teatro amador, fase que deixou algumas cicatrizes (físicas), até ser convidado para ser protagonista do premiado Meteorango Kid, dirigido pelo conterrâneo André Luiz Oliveira. Anos mais tarde, depois de errar sem rumo profissional e financeiro, veio dar no Rio, onde passou a ganhar a vida como designer gráfico. Produziu capas de discos de expoentes da música lisérgica brasileira da época, como o grupo Novos Baianos e artistas como Sivuca, Glorinha Gadelha, Moraes Moreira, Pepeu Gomes e Baby Consuelo.

MELHOR CAPA DE 1972

Durante algum tempo, o design gráfico rendeu louros para Martins. A capa do disco Acabou chorare (**1972**), dos Novos Baianos, sempre citado em listas dos melhores discos brasileiros de todos os tempos, foi a eleita por especialistas a melhor criação daquele ano. Aproveitou os contatos nos círculos musicais para produzir discos experimentais. Nos anos 80, uma canção de sua autoria, Rock Mary, ganhou popularidade na voz de Paulinho Boca de Cantor. Em seguida, caiu no ostracismo. Mas seu trabalho até hoje é referência para estudiosos da cultura brasileira, inclusive no exterior.

– Ator, poeta, escultor, diretor, cantor, artista plástico e compositor, Lula Martins é uma das figuras mais lendárias da contracultura no Brasil. Sua obra é vasta e profunda. As belas capas de LPs que fez para tantos artistas são verdadeiros documentos visuais da cultura de vanguarda produzida no país. Sua obra e sua vida, como um todo, são parte da própria história do Brasil recente – elogia Narlan Matos, doutorado pela Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, que está produzindo um documentário sobre outra lenda da Tropicália, o artista plástico e designer Rogério Duarte.

Criador de alguns dos mais belos cartazes de filmes brasileiros de todos os tempos, como o de Deus e o diabo na terra do sol, de Glauber Rocha, Duarte fazia parte da vanguarda artística em um tempo em que reinava a censura militar. Arregimentou em torno de si um grupo de resistência cultural que Narlan identifica como o Grupo de Jequié, formado pela tropa de choque da Tropicália. Este incluiu Edinízio Ribeiro Primo, criador da capa do famoso álbum de Expresso 2222, de Gilberto Gil; Dicinho, ilustrador da capa de Flor do Mal e Gal, de **1969**, um dos desaparecidos durante o regime; Cesar Zama, militante underground que voltou para Jequié onde se tornou advogado; Jorge Salomão, irmão de Waly, artista performático, e, claro, Lula Martins.

– O documentário sobre o Rogério (Duarte) está sendo dirigido por Daniel Cortez. Estamos gravando aos poucos. Agora, em junho, vamos para a Bahia entrevista-lo. Estou levando os lendários panteras negras junto – informa o acadêmico. – Já gravamos os depoimentos de nomes com Adriana Calcanhotto, Caetano Veloso, Jorge Mautner e Galvão, dos Novos Baianos. Estão confirmados as participações dos Titãs, do Macalé, do Tavinho Paes, e mais muita gente boa.

Na época do lançamento de Mágicas mentiras, Duarte se referiu ao ex-companheiro de vanguarda como “uma ave rara da nossa constelação”. O brasilianista Chistopher Dunn, codiretor do Conselho de Estudos Brasileiros da Universidade de Tulane, nos Estados Unidos, atribui a ele força de símbolo da resistência nacional, que ganhou representatividade visual em *METEORANGO KID*.

– Estudiosos e críticos elegem *O BANDIDO DA LUZ VERMELHA* como o primeiro grande filme marginal, mas *METEORANGO KID* revelou com muito mais força a marginalidade e desilusão dos jovens brasileiros durante a época mais repressiva da ditadura – destaca o americano. – É o primeiro filme do desbunde brasileiro, que teve a ousadia de, em pleno AI-5 de encenar um ritual cotidiano tão conhecido, mas pouco representado no cinema brasileiro: a preparação cuidadosa e consumo dionisíaco de um baseado.



NETINHO: AUTOGRAFA O LIVRO "MINHA HISTÓRIA AO LADO DAS BAQUETAS"

Netinho, Baterista de Os Incríveis e Casa Das Máquinas no projeto O Autor na Praça

15 DE JUNHO / 2009 – O projeto O Autor na Praça seguindo sua proposta de promover a inclusão cultural, por meio de uma programação que oferece o contato diferenciado com autores e artistas do cenário artístico nacional, recebeu no Espaço Plínio Marcos, Luiz Franco Thomaz, a lenda viva do rock brasileiro, o baterista Netinho integrante das Bandas “Os Incríveis” e “Casa Das Máquinas”.

No evento o baterista, que já tocava rock’n’ roll bem antes do surgimento da Jovem Guarda, autografou seu livro *NETINHO – MINHA HISTÓRIA AO LADO DAS BAQUETAS*, lançado pela Editora Minuano e conversará com o publico num bate-papo descontraído e gostoso contando quando teve o primeiro contato com o ritmo ao badalar o sino de ferro de uma igreja, como se tivesse nas mãos baquetas de ferro. Eram os tempos de Itariri, no litoral de São Paulo, e ele não deixa escapar a associação premonitória contida no nome: na língua dos índios, “Ita” é pedra e “riri”, que rola. “Sou um Rolling Stone!”, diz Netinho. É mais que uma pedra rolante: é também punk e progressivo, como nos mostrou nos tempos do Joelho de Porco e da Casa Das Máquinas, bandas até hoje impregnadas na memória afetiva dos que curtem a música pop brasileira.



SERVIÇO:

Netinho, Minha história ao lado das baquetas – Algumas pessoas nascem com uma luz de tal magnitude, que nenhum contratempo interrompe de forma significativa sua trajetória. Netinho é um desses iluminados! Desde a infância na pequena Itariri, no extremo sul do litoral paulista, até sua explosão como ícone cultural – e porque não dizer, sexual! – nos **ANOS 60/70**, a história desse músico é recheada de coincidências felizes. Assim, Luiz Franco Thomaz, o Netinho, tornou-se baterista por vocação e por sugestão de um amigo. De baquetas em punho, o intrépido menino se tornou homem a bordo do primeiro fenômeno pop que os **ANOS 60** produziram: Os Incríveis ganharam o mundo muito antes da Jovem Guarda conquistar o país – foram tão (ou mais) famosos aqui quanto os próprios Beatles! Depois de Os Incríveis veio o lendário Casa Das Máquinas, que até hoje figura nas listas das grandes bandas de rock progressivo do mundo. Já no limiar dos **ANOS 80**, Netinho esteve no auge do movimento Punk, fazendo parte da maior banda que a contracultura desse país viu nascer, o insuperável Joelho de Porco. Viveu os dois lados da mesma moeda com tamanha intensidade, que jamais foi contestado com relação a legitimidade de qualquer movimento. Netinho respira música, faz parte dela! Netinho é música!

NETINHO: MINHA HISTÓRIA AO LADO DAS BAQUETAS – EDITORA MINUANO – 194 PÁGS.

IVAN CARDOSO: ABRE BAÚ DE RAUL SEIXAS

Cineasta Ivan Cardoso abre baú com imagens de Raul Seixas

MARCUS PRETO DA FOLHA DE S. PAULO

19 DE JULHO / 2009 – Se tudo tivesse acontecido conforme o planejado, seria Raul Seixas – e não Leo Jaime, como foi – o protagonista do filme *AS SETE VAMPIRAS* (**1986**), maior sucesso público do cineasta Ivan Cardoso, **56**.

Desde **1977**, quando se conheceram nos corredores da então recém-inaugurada Warner, Ivan tem o que chama de "fixação" por Raul. Na ocasião, ambos estavam contratados pela gravadora – um para fotografar as capas dos LPs (veja quadro), outro como uma das principais estrelas do cast.



Ivan Cardoso/Divulgação

*Raul posa para Ivan Cardoso em **1977**, no Parque da Chacrinha, em Copacabana*

Ficaram amigos. E é dessa relação que vêm agora as 30 fotos da exposição "O Prisioneiro do Rock", programada para estrear em **21 DE AGOSTO** – aniversário de **20 ANOS** de morte de Raul –, no Museu AfroBrasil.

Nenhuma dessas fotos, vale avisar, é resultado de uma sessão oficial da gravadora, tampouco virou capa de álbuns do artista. Todas foram feitas em sessões fotográficas informais, regadas a álcool e loucura.

"Tive ali um passaporte qualquer com ele, porque era estranho um cara se deixar fotografar daquela maneira", diz Ivan, referindo-se principalmente às fotos feitas no Parque da Chacrinha, em Copacabana, nas quais Raul vestia só uma cueca.

Segundo a memória do fotógrafo, Raul levou bebida, um cachorro e uma boa quantidade de roupas. "Entre uma troca e outra, ficou só de cueca e eu tirei as fotos. Ele achou a maior graça. Tanto que, quando voltamos para o apartamento dele, repetiu o striptease."

Raul gostava de posar para fotos, principalmente se pudesse encarnar, com todas as caras e bocas imagináveis, o personagem-clichê do astro do rock. Foi por isso que, quando começou a trabalhar no roteiro do longa *AS SETE VAMPIRAS*, Ivan escreveu um papel nesses moldes especialmente para o cantor interpretar.

"Quando fiz o convite, Raul ficou eufórico. Era sua chance de se tornar o que sempre sonhou ser: um ator de cinema", lembra o diretor. "Mas, quando voltamos a falar do assunto, a conversa não rolou. Ele estava numa fase pesada com as drogas, faltava aos shows, não conseguia assumir nenhum compromisso. Logo senti que as filmagens virariam um pesadelo."

Sorte de Leo Jaime.



Arte/Folha

O BAÚ DO IVAN

Paralelamente a *PRISIONEIRO DO ROCK*, o Museu AfroBrasil programou, para o mesmo dia **21 DE AGOSTO**, outra exposição com material de Ivan Cardoso. *O MESTRE DO TERRIR* (título provisório) deve incluir principalmente fotografias e figurinos dos filmes do cineasta, muitos deles feitos nos anos **1970** com uma câmera Super-8.

Ivan se orgulha de manter intacto todo esse acervo, em que estão incluídos clássicos do cinema marginal brasileiro, cenas de shows — como Gal Costa cantando "Falsa Baiana" no histórico *FA-TAL*, em **1971**, clipes musicais, videoentrevistas e milhares de fotografias.

Esse talento para guardar documentos até eles se tornarem relevantes, Ivan diz ter aprendido com Hélio Oiticica, de quem se tornou amigo quando ainda era adolescente.

O artista plástico era tão obcecado por registrar tudo o que acontecia ao seu redor que, quando se correspondia com seus amigos, datilografava as próprias cartas colocando um carbono entre duas folhas de papel branco. E arquivava uma cópia para sempre.

"Não cheguei à perfeição do Hélio, é verdade. Mas dei muita sorte", diz. "Como era eu que comprava a película dos filmes de produção underground em que trabalhei – do

[Rogério] Sganzerla, do [Júlio] Bressane, do Neville [d'Almeida] fiquei com os negativos para mim."

A mesma regra vale para seus tempos de fotógrafo de gravadora. "Na Warner, eu ganhava três vezes o valor pelo qual fui contratado. Pelo contrato, tinha que entregar **160** fotos por mês. E eu tirava **500**", lembra. "Como eles não tinham interesse nesse material, os negativos de todas elas também ficaram todos comigo."

A primeira capa de LP que ganhou uma foto de Ivan foi justamente a de *GAL A TODO VAPOR* (**1971**), registro ao vivo do show mais emblemático da carreira de Gal Costa.

Em seguida, faria outras tantas: de Caetano Veloso (*ARAÇÁ AZUL*, **1972**), de Jorge Mautner (*PARA ILUMINAR A CIDADE*, idem), de Walter Franco (*RESPIRE FUNDO*, **1978**), de Zé Ramalho (*A PELEJA DO DIABO COM O DONO DO CÉU*, **1979**).

Esta última é especial. Reunia num casarão abandonado em Santa Teresa, no Rio, Ramalho, a atriz Xuxa Lopes, Zé do Caixão em pessoa e Hélio Oiticica. "Eu convidei o Hélio, que naquela época estava duro, para ganhar mil pratas."

Entre todos esses artistas, Raul Seixas continua sendo seu modelo fotográfico preferido. Ou melhor: um deles. "Também sou muito fã do Roberto Carlos. Um dia ainda faço uma foto dele." O difícil vai ser convencê-lo a ficar só de cueca.

O GLOBO, SEXTA-FEIRA 18 DE SETEMBRO / 2009

Fotos de Raul Seixas levam fãs do rock ao MAM



IVAN CARDOSO: "Qual o problema de gastar 15 mil reais para homenagear um amigo?"

• "Raulzitooo!", exclamava Kika Seixas, viúva de Raul, ao ver uma foto do cantor de cueca-tanga, meias e a mão na zona do agrião, na abertura da expo "Raul Seixas — o prisioneiro do rock", quarta, no MAM.

• Diante de um dos 16 retratos do rei do rock tirados pelo cineasta e fotógrafo Ivan Cardoso, em 1977, Kika contava que Vivi não reconheceu o pai quando ele tirou a barba. "A bichinha chorava estranhando, coitada."

• Ivan lembrava que conheceu Raul nos corredores da gravadora Warner. "Fiquei assustado, ele se vestia como um pop star", contava. "Raul andava sempre com um português que era além de motorista, era seu garçom particular e 'avião.'"

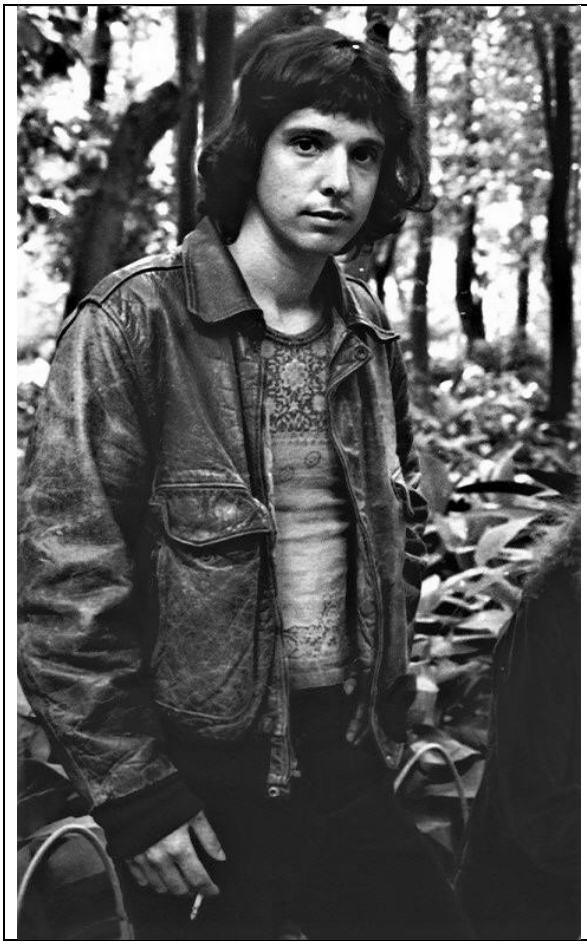
• O cineasta pagou a expo do próprio bolso. "Qual é o problema de gastar 15 mil reais para homenagear um amigo?", perguntou, para, em seguida, desabafar. "Não existe mais artista, hoje é tudo funcionário público, ninguém põe a mão no bolso, só vai atrás de patrocínio".

• A atriz Maria Gladys lembrava que encontrava Raul numa churrascaria em Ipanema. "A gente começava a beber cedo... eu era frágil para segurar aquela onda de chope e steinhaeger".

• Para o pesquisador musical Henrique Kurtiz, que vestia uma blusa com a imagem de Elvis Presley, Raul era "o Elvis brasileiro". "Descendente direto, linhagem nobre", definia.

PATRULHA DO ESPAÇO: FOTOS HISTÓRICAS E INÉDITAS!

FOTOS: GRACE LAGÔA





2009 *– Rolando Castello Júnior participa do WOODSTOSKO, num SÁBADO DE AGOSTO*

PATRULHA DO ESPAÇO: UMA BANDA QUE SE NEGA A SER ENTERRADA!

Arnaldo Baptista, Sérgio Santana, John Flavin, Kokinho, Dudu, Pappo Blues, Percy. E hoje cabe a Rolando Castello Júnior, Marcelo Schevanno e Renê Seabra rolarem a sequência.

EXPOSIÇÃO

16 DE AGOSTO / 2009 – Geralmente as situações e complicações e acidentes convergem para um único alvo; os integrantes da banda de rock. E (in)consequentemente envolvem familiares, roadies e namoradas, não necessariamente nessa (des)ordem. Os produtores sempre (man)tiveram costas quentes.

CENÁRIO

Dívidas acumuladas e empréstimos. Tudo reinvestido para a máquina não parar.

Rolando Castello Júnior é muito mais do que o baterista do Aço, do Made in Brazil ou da Patrulha do Espaço. Bem antes, sua carreira musical passou pelo México, Estados Unidos e Argentina. Lá sua batida enfrentou a ditadura portenha, e depois a ditadura

daqui. (Na Argentina, muito vinho! Um punhado de fumo tragicamente poderia encerrar ‘a carreira internacional’...)

Em **1973**, quando o presidente chileno Salvador Allende foi obrigado a tirar a própria vida; nesta data, no México, o rock era democrático, e acontecia o primeiro grande festival de rock de lá. Rolando Castello Júnior já havia tocado bateria na La Parada Suprimida, Tarantula e na mais fantástica, Three Souls in My Mind. Uma busca no Google...

PULO NO TEMPO

"Somos o grito de milhares falando para poucos."

"A Patrulha do Espaço é quem está no palco, ou à frente também."

Estas frases de Rolando, depois de longas cervejas na padaria da 207 Sul, expõem o quão significativo é ter a banda atuante. Nada de caça-níqueis.

Rolando Castello Júnior não disfarça o incômodo papel interlocutor do imenso vazio artístico de nossa pátria. Seu corpo demonstra o cansaço. Solitariamente ele segue o traçado central de Niemeyer, um dos seus fascínios. Ele devora livros, e sempre anda acompanhado dos óculos e das roupas de couro, os cabelos longos – lá no fundo, ele ri, para, pensa, e tagarela uma música do Arnaldo... como se a melodia fosse apresentar-lhe um amigo ou um bandido, ou ainda um cowboy do espaço.

São dois anos que Rolando vive em Brasília, sem companheiros para tocar – ‘apenas’ segurando o nome e fazendo shows noGoiânia Noise, no Ferrock, realizando workshops, e de vez em quando apresentações com a Rolando Rock. Nesse ínterim, ressurgiram as imagens inéditas de Arnaldo & Patrulha do Espaço.

BALANÇO

Ninguém melhor do que o próprio Rolando documentou a sua vitoriosa carreira artística, de quase **40 ANOS**. Visitá-lo é penetrar no âmago da obstinação.

Seu apartamento respira Patrulha do Espaço em todos os poros: filipetas (inimagináveis), fotocópias, as artes originais das capas de seus discos, em evolução e artefinalizadas, projetos, recortes de jornais.

Registrá-lo magneticamente, impossível, ele não deixa. O único jeito de se aproximar é pelo fio condutor da sua voz, pela história oral.

OS CUSTOS

Estão por trás de tudo: alimentação, transporte, estadia. Isolamento, dureza.

"Tenacidade!" Explica o operário do rock, carregando seus tambores solitariamente, à frente das suas produções.

Se um dos motivos para Zélia Ducan, aos **44 ANOS**, abandonar os Mutantes, era carregar a própria bagagem, que falar de um baterista, com **40 ANOS DE CARREIRA**, sempre carregando seu ganha-pão?

Na hora de gravar no estúdio, o comportamento existencial desregrado da banda paga o preço. Isso não quer dizer que o material seja sem qualidade, apenas reduziu a quantidade. Como seria maravilhoso ouvir um CD todo novo da Patrulha do Espaço. Mas nos contentemos com as duas gigantescas e maravilhosas faixas "Quatro Cordas

E Um Vocal" (falando das perdas de Kokinho e Deborah – ecos de outras perdas), e "Rolando Rock". Ambas gravadas em Curitiba, no Mico's, e finalizadas em São Paulo, no estúdio do Xando, guitarrista e patrulheiro emérito.

"Ninguém vende CDs. Estou preocupado é com o futuro da minha obra: refazer os *DOSSIÊS* em formato duplo e masterizados direto das fitas master!"

A frase "quem está no palco" parece nortear o futuro do Patrulha do Espaço. Arnaldo saiu porque estava com 'cagaço' – a banda que tinha efígie do Queen deu em nada, em termos de contrato com gravadoras e audiência.

A vida não parou, está registrada. Devemos aos nossos entes queridos uma satisfação. Que os documentos revivam a tristeza de algumas perdas irreparáveis, e uma única escolha restante: continuar! A Patrulha do Espaço acaba de produzir um novosingle!

ARQUIVOS EM ORGANIZAÇÃO

Em meio a negativos de fotos e contatos, Rolando Castello Júnior escreveu algumas páginas sobre o seu passado, que agora é futuro. Os tambores remotos falam de planos de exposição. Seus arquivos incluem revistas nacionais e importadas sobre música, livros esgotados de rock, vídeos e muitos CDs. Peles de bateria autografadas, pôsteres armazenados em armários e estantes, e uma única certeza: "Falta espaço!"

FOTOS HISTÓRICAS

Verdadeiro tesouro: as poucas fotos inéditas de Arnaldo & Patrulha, realizadas por Grace Lagôa!

FOTOS HISTÓRICAS



1977

Parque da Aclimação Lagoa dos Gansos: o trio Arnaldo, Rolando e Kokinho olham um distante John Flavin. Premonição da separação próxima. **Foto: Grace Lagôa**



Foto: Arquivo Rolando Castello Jr.

8 DE MARÇO / 1981

Auditório Augusta, durante a *PRIMEIRA MOSTRA MUSICAL DOS BEATLES*! Membros originais do Patrulha do Espaço, se reencontram. Rolando, no canto esquerdo, opera a mesa de som, e Arnaldo aparece à direita, com a cabeça cortada."Nesse dia, Arnaldo tocou umas canções dos Beatles ao piano, e eu montei e operei o som. Na ocasião, o Patrulha tinha uma pequena firma de locação de som." (**ROLANDO CASTELLO JR**.)

OS SOBREVIVENTES...

Foto: Grace Lagôa

1983. Backstage de show no Tuca: o querido Dudu Chermont, Arnaldo, depois da queda, e eu, depois dos tiros. Arnaldo deu uma canja cantando. Essas imagens estão no DVD *LÓKI* "Fomos realmente pra prestigiar e render homenagem ao capitão." (**ROLANDO CASTELLO JR**)



FALSA VIÚVA ATRAPALHA PROJETOS ENVOLVENDO RAUL SEIXAS

BAÚ MUITO BEM TRANCADO

Por Cristiano Bastos

Disputas judiciais entre familiares de Raul Seixas barram novos lançamentos do músico baiano



Foto: SONECA/AGÊNCIA O GLOBO

A OUTRA LEI – Herdeiros de Raulzito, na foto em **1988**, não conseguem chegar a um acordo

22 DE OUTUBRO / 2009 – **NOS ANOS 60**, o "vidente" da comunicação Marshall McLuhan profetizou: "O meio é a mensagem". E a mensagem é, justamente, a herança mais valiosa transmitida pelo missivista do rock brasileiro – Raul Seixas (**1945-1989**). A música foi o "meio" escolhido, veículo através do qual, por toda a vida e obra, insultou o "monstro sist". Hoje, contudo, refém de várias contendas judiciais pelo imaterial espólio, tem seu libelo asfixiado pelo mais complexo e surpreendente dos sistemas: a família. Dos milhares de fãs de Raulzito, morto aos **44 ANOS**, poucos sabem que ele deixou três herdeiras: as filhas Simone Vannoy (**38**) e Scarlet Vaquer (**33**), que vivem nos Estados Unidos desde crianças, e Vivian Seixas (**27**), no Brasil. As duas primeiras, frutos da união conjugal de Raul com as norte-americanas Edith Wisner e Gloria Vaquer Seixas (hoje Sky Keys), respectivamente; a terceira, fruto do relacionamento amoroso com Angela Affonso Costa, autointitulada Kika Seixas.

Além da abastada fortuna musical, Raul Seixas não deixou patrimônio significativo, sequer existe espólio aberto. **NESSES 20 ANOS**, tudo o que suas filhas herdaram consiste em direitos autorais – de execução e imagem – pagos ao longo dos anos. O astro baiano é o que se pode chamar de "long-seller": verdadeiro fenômeno, absolutamente espontâneo. Antiga, a briga (que nada tem a ver com música) desenrola-se em um cenário "internacional". Nos Estados Unidos, as sucessoras de Raulzito defendem o lançamento de vários projetos envolvendo a obra do pai – muitos dos quais vetados na Justiça por Kika Seixas, que hoje atua como procuradora legal da filha, Vivian Seixas.

A procuradora de Simone Vannoy, a advogada Flávia Vasconcelos, ressalta que as três herdeiras detêm todos os direitos de autor e conexos relativos à obra de Raul

Seixas, assim como os direitos de uso de sua imagem e nome. Na prática, pontua, significa que somente elas podem autorizar ou desautorizar qualquer projeto: "O equívoco ocorre porque muitos consideram Kika como 'viúva de Raul Seixas' e, em consequência, detentora de tais direitos. No entanto, como não se casaram oficialmente, ela não é viúva dele". Apenas Simone, Scarlet e Vivian são as legítimas herdeiras.

Nota de rodapé

SYLVIO PASSOS É OBRIGADO A DAR UMA PAUSA COM O RAUL ROCK CLUB

Uma onda de ganância, de uma das viúvas de Raul Seixas, obrigou nosso amigo Sylvio Passos (uma enciclopédia viva de Raul) a paralisar as atividades de seu famoso fã-clube.

O trabalho do Sylvio sempre foi honesto e de coração e sempre teve o apoio do próprio Raul e agora ele foi acionado por advogados para saber quanto ele ganha com isso. PURA GANÂNCIA E MALDADE!

Onde vamos parar?



UM ANO SEM KOKINHO!

Kokinho vira Papai Noel

Escrito por A. C. Barbieri

Londres, 23 DE DEZEMBRO / 2009 - Inverno bravo! Céu nublado e cinza. Os jardins e parques, como resultado da última nevasca, ainda continuam cobertos de neve. Nas calçadas poças d'água congeladas e pelotões de gelo aqui e ali as deixaram escorregadias e perigosas. O povo, encapotado, tenta ignorar e segue fazendo suas compras natalícias. Este Natal está meio sem graça e a falta de Sol não ajuda nada!

Hoje, juntamente com Andrea, minha esposa, fomos comer um peixinho com batatas-fritas em Holloway Road. Não existe nada mais inglês do que "fish and ships". Foi quase por acidente que descobri esta lanchonete comandada por um afegão exilado. Gente muito boa. Na minha busca pelo perfeito "fish and ships" ainda não encontrei um melhor do que este e, ainda mais, por um preço tão baixo. Nem preciso dizer que, sou cliente desta lanchonete à muitos anos. O dono, quando me vê, sempre sorri e já diz: "O senhor quer o de sempre?"

Quase na porta de casa, tomamos o ônibus 271.

O 271 é um destes ônibus vermelhos de dois andares. Como sempre, fomos para o andar de cima. Sei lá, depois de mais de **20 ANOS**, às vezes, ainda me sinto como turista.

Por causa do frio lá fora, as janelas estavam todas embaçadas.

Kokinho em 1977. Foto: A. C Barbieri



O ônibus parou num sinal de trânsito e eu tentei ver onde estávamos. Através daquela janela fosca, de uma forma, destorcida e deformada, como num pesadelo eu percebi que estávamos quase na porta do prédio onde morou o baixista Oswaldo Gennari mais conhecido como Kokinho ou simplesmente Koko, como ele preferia ser chamado aqui em Londres. Em **1977**, Kokinho juntamente com Arnaldo Baptista, Rolando Castello Junior e John Flavin fundadaram a seminal banda Arnaldo e a Patrulha Do Espaço.

Nossa mente é uma coisa fabulosa. No meu caso, parece que existe uma "gaveta" cheia de histórias do Kokinho.

Ninguém é perfeito!

Recentemente eu traduzi e publiquei os dois primeiros capítulos sobre a

infância traumatizante do legendário John Lennon. Nas minhas pesquisas ficou claro que John era uma pessoa complexa e muitas vezes difícil. Ele não era perfeito e, o mesmo posso dizer do meu amigo Kokinho. Aliás, está escrito “quem for perfeito que atire a primeira pedra”.

Portanto, tendo disto isto, abaixo segue a história nua e crua do Kokinho que eu conheci.

O COMEÇO

Lá pelos **ANOS 70**, o Arnaldo e a Patrulha do Espaço, ainda com Kokinho no contrabaixo participaram do *I CONCERTO LATINO AMERICANO DE ROCK*. Eu estava lá e fotografei a banda. Ninguém nunca tinha visto estas fotos.

Ainda no Brasil, anos mais tarde, uma pessoa que trabalhava num estúdio de gravação conseguiu tirar escondido de dentro do estúdio uma fita de rolo com as gravações de um álbum que estava sendo gravado pelo Arnaldo e a Patrulha.

Como eu tinha uma gravador de rolo fizemos duas cópias. Eu fiquei com uma e a pessoa que pegou a fita ficou com outra. Pelo número de músicas, estava claro que esta fita era apenas a metade do disco.



Arnaldo e a Patrulha Do Espaço: Dudu, Rolando Jr, Kokinho e Arnaldo em **1977**

Quando, finalmente conheci Kokinho pessoalmente, parte deste material já havia sido lançado, depois de mais de **20 ANOS**, com o nome de *ELO PERDIDO*.

KOKINHO EM LONDRES

Um dia, aqui em Londres o telefone tocou. Era Kokinho que, apenas me conhecia de nome e, havia conseguido o meu telefone com um amigo comum.

Ele estava visitando a Inglaterra com uma amiga pela primeira vez.

Obviamente, convidei-o para um bate-papo. Ele ficou muito emocionado ao ver as fotos que eu tinha e, chocado ao ouvir a fita pois, segundo ele, esta fita ele nunca tinha ouvido antes. Para minha surpresa ele trazia a segunda fita que eu desconhecia. Portanto, a minha fita somada com a fita dele completava o álbum. Imediatamente juntei tudo e dei o nome de *ELO COMPLETO*.

ARNALDO E A PATRULHA DO ESPAÇO: ELO COMPLETO

Kokinho, fazia o tipo: Roqueiro da Pompéia. A Pompéia foi um núcleo gerador de algumas das primeiras bandas de São Paulo. Entre elas, destacou-se Mutantes e Made in Brazil. Rolando Castello Junior, da Patrulha Do Espaço tinha sido o baterista do Made no primeiro álbum e Kokinho tocou com o Junior na Patrulha na sua primeira formação ainda com Arnaldo. Esta “escola” da Pompéia gerou uma geração de músicos difíceis de trabalhar, desconfiados e cheios de malandragens.

Mas, retornando à minha história, uns dois dias depois, Kokinho visitou-me novamente, desta vez ele estava acompanhado de um guitarrista negro Norte Americano chamado LeBurn. O negro era natural de Monterey na Califórnia. Para quem não sabe, foi em Monterey que aconteceu, o lendário *MONTEREY POP FESTIVAL* perpetuado pela participação de muitas lendas do rock mundial com destaque para Janis Joplin e Jimi Hendrix. Bom, LeBurn tocava como Hendrix! O homem era realmente brilhante!

Kokinho explicou que tinha entrado num Pub, para beber uma cerveja e viu o negro sentado sozinho numa mesa tendo apenas a sua guitarra, como companhia. O inglês que o Kokinho falava era praticamente zero mas a música parece que falou mais forte e ele convenceu o negro a acompanhá-lo até minha casa.

LeBurn e eu nos identificamos imediatamente. LeBurn tinha estado tocando em Hong Kong mas, como resultado dos ingleses retornarem a ilha para o controle da China, sua visa foi cancelada. Já em Hong Kong LeBurn tinha uma namorada branca inglesa. Sabendo que, como norte-americano, ele teria problemas com a imigração no Reino Unido, casou-se com sua namorada inglesa. Portanto, LeBurn tendo acabado de chegar no Reino Unido, sentia-se um pouco perdido.

Naquela mesma semana, Kokinho voltou para o Brasil mas ficou fascinado com a ideia de voltar e montar uma banda com LeBurn.

Convenci LeBurn à gravar, no meu estúdio, duas músicas para mostrar nos clubes e assim, arrumar um lugar para tocar. Logo LeBurn estava tocando todos os sábados num clube perto de Picadilly Circus chamado Bourbon Blues Café. No Bourbon, ele me apresentava para todo mundo como sendo seu empresário e, sempre me arrumava bebida gratuita. Era a glória! Seus shows eram contagiantes, rock como deveria ser. Era como estar na frente do próprio Hendrix. Ele tocava guitarra com os dentes ou com a guitarra nas costas e atraia a mulherada como se tivesse algum tipo de mágica. Enquanto ele tocava a mulherada subia no palco e enfiava no seu bolso bilhetinhos com o número dos seus telefones... incrível

Enquanto isto, no Brasil o Kokinho estava desesperado. Uma vez ligou-me dizendo: “Me tira daqui, não aguento mais esta merda”. Kokinho não era uma pessoa de meias palavras.

Ele achava que LeBurn ia montar uma banda e chamá-lo para tocar. LeBurn, no entanto, podia arregimentar uma banda em minutos. Ele era um músico de bar e todo mundo que ele conhecia sabia tocar os clássicos de Hendrix, James Brown, Bob

Marley e outros. Ele era capaz de montar uma banda rapidinho. Ele não precisava do Kokinho.

Tive uma conversa com LeBurn e decidimos que, se Kokinho viesse para Londres eu o abrigaria, na minha casa, por 3 meses gratuitamente. LeBurn por sua vez faria o mesmo. Portanto Kokinho teria 6 meses para organizar-se e andar com suas próprias pernas.

Algum tempo depois, quando Kokinho ligou novamente eu expliquei-lhe qual era o plano. Kokinho aceitou. Hoje, em retrospectiva, penso que Kokinho achava que LeBurn ia montar uma banda especialmente para tocar com ele e que eles iriam fazer muitas tournées e ficarem famosos.

Enquanto isto, LeBurn começou ter problemas no clube. O porteiro, um branco forte não gostava do LeBurn porque o músico vivia cercado de mulheres bonitas e ele não conseguia nada. LeBurn, era só “sexo, drogas e rock’n’roll”. Ele era só festa, vivia dando risadas, não estava nem aí com ninguém e ignorava o porteiro.

Acontece que, por incrível que pareça, o porteiro foi promovido à gerente da casa. Primeira medida, colocar uma máquina de karaokê e mandar LeBurn embora.

Neste mesmo período, como combinado, Kokinho chegou em Londres e veio morar comigo. Kokinho tinha passaporte italiano e como “representante do Mercado Comum Europeu” ele não precisava de visa para entrar no Reino Unido (e toda Europa).

Meu apartamento é de um quarto só e ele teve que dormir num colchonete na sala. Na época eu era casado com uma boliviana. Não havia guerra mas, nossa relação já estava acabando. Imaginem, chegar num pais novo, sem falar a língua, ir morar na casa de uma pessoa que você praticamente desconhece e sem a privacidade do seu próprio quarto. Não era fácil. Eu sei! Eu passei por isto!

Kokinho era uma pessoa muito carente, carregando uma enorme amargura do passado. Odiava o Oswaldo do Made in Brazil e tinha a maior bronca do Junior da Patrulha. Para ele música era dinheiro e reconhecimento e, no Brasil, ele não tinha tido nada disto.

Ao mesmo tempo que dizia que Sérgio Dias guitarrista dos Mutantes era um dos melhores músicos do planeta, que Sérgio lhe tinha dado abrigo, reclamava que ensaiava as novas músicas com ele mas que, quando Sergio gravava chamava outros músicos.

Como disse, seu inglês era muito ruim. Fui com ele e ajudei-o à inscrever-se no Departament of Social Security para receber o seu cartão de trabalho. Apresentei-o ao Lloyds Bank para que ele pudesse abrir sua conta bancária. Assessorava-o de várias formas, como comprar a passagem do metrô, como andar na rua, fazer compras, etc.

Muito embora me esforçasse para ajudá-lo, Kokinho, às vezes, me fazia sentir como que se eu estivesse fazendo nada mais do que minha obrigação e, pior, de forma mal feita. Para Kokinho, a palavra “obrigado” era uma palavra difícil de ser pronunciada. Ele não sabia fazer uma média, era muito negativo e vivia sempre reclamando, além disso, estava muito impaciente com LeBurn que não montava uma banda.

Conforme o tempo foi passando, Kokinho foi desenvolvendo um tipo de dependência psicológica à ponto de não atravessar uma rua sem, perguntar-me antes se devia ou não.

Depois de me perguntar muitas vezes como visitar lugares eu lhe dei um guia “A to Z”, que é um livro de endereços com mapas das ruas e, mandei-o se virar.

Logo no primeiro mês, ele entrou na escola para aprender inglês e levava as aulas à sério. Mesmo assim, às vezes ele grudava e dava uma canseira danada. Depois de uns 2 meses achei que estava na hora de ele sair à luta e eu comecei à empurrá-lo à fazer as coisas por si mesmo.

Depois de 3 meses ele foi morar com LeBurn. Lá, por um lado, foi bom porque LeBurn só falava inglês, por outro foi muito ruim porque até que enfim, ele enxergou a realidade. LeBurn vivia às custas da mulher e, nunca iria montar uma banda para tocar com ele. Ele ficou muito nervoso e chateado.

O próprio LeBurn, na época, confidenciou-me: “A música, o rock é uma linguagem universal mas sem falar inglês não dá! Veja bem, o Koko toca muito direto, toca muito preciso no tempo. É muito rock. Eu sou mais Funk! Estou acostumado à tocar mais no “groove”, mais solto. Eu quero um baixista negão, os caras tem a pegada.” Quer dizer, Kokinho não tinha chance. Além do mais, o que LeBurn não disse é que a presença de palco do Kokinho cabeludo e com sua jaqueta de couro, correndo de um lado para outro e ocupando todo o palco batia de frente com a postura do LeBurn onde ele era a estrela e o resto da banda ficava sempre mais para trás no palco. LeBurn dava espaço para todo mundo e era muito respeitoso com os músicos mas, o povo já sabia como funcionava a coisa. Infelizmente Kokinho não percebeu qual era a jogada e por falta de experiência internacional ou por desconhecimento da língua, não sabia como ganhar a simpatia e fazer parte do grupo.

LeBurn com Kokinho no baixo executa a música “Voodoostitious” que é uma fusão das músicas “Superstition” (Stevie Wonder) e “Voodoo Chile” (Jimi Hendrix). Nesta música, gravada no estúdio do Barbieri (Raw Vibe), Barbieri programou a bateria para servir como guia. A ideia, era acrescentar um bom baterista no final. Nunca aconteceu! Esta música nunca foi lançada oficialmente!

Kokinho era asmático. Vivia sempre carregando a sua bombinha. Um dia até brinquei com ele e perguntei se aquilo “dava barato”. Ele até ofereceu, perguntando seu eu queria dar uma bombeada.

Eu expliquei-lhe que como asmático, se ele não conseguisse emprego ou não pudesse trabalhar, ele teria direito à auxílio do governo. Expliquei-lhe que uma pessoa sem casa e doente, ganha pontos e passa na frente de outras pessoas esperando por uma casa do governo.

A primeira coisa a fazer, foi registrá-lo num GP (o médico do bairro). O médico então iria construir sua ficha médica e validar a sua situação.

Hide Park é um parque enorme que fica no centro de Londres. Numa das entradas, todos os dias, bem cedo, lá pelas 7 ou 8 da manhã uma associação de caridade entrega chá, café com leite e sanduíche para os mendigos. Eles além disso, cadastram as pessoas e tentam ajudá-las à saírem das ruas.

Kokinho por meses, todas as manhãs estava lá para tomar seu cafezinho. Sentava-se sempre num banco junto com os mendigos até que foi notado por um dos funcionários que o viu usando a bombinha. O funcionário perguntou onde ele dormia e ele apontou para outro banco disse: “Eu durmo lá”.

Nem preciso dizer, Kokinho foi cadastrado e devido à sua condição de saúde imediatamente enviado para um hotelzinho com café da manhã (Bed and Breakfast). Lá no hotelzinho, coincidentemente, o administrador do lugar era um brasileiro que intercedeu por ele.

Logo Kokinho tinha seu próprio apartamento não muito longe de onde vivo numa área muito boa e central. Kokinho estava feliz e convidou-me para visitar seu apartamento que, já continha todas as amenidades. Uma enorme TV de tela plana na sala e uma mobília básica mas de bom gosto. Mas, o que ele queria mostrar mesmo era seu baixo Fender Jazz Bass e seu baixo eletro/acústico Yamaha, uma verdadeira obra de arte, uma escultura.

Kokinho contou-me que ele agora tinha um “case worker”, uma pessoa responsável pelo seu caso e que esta pessoa estava dando a maior força para que ele voltasse à estudar música. Naquela semana, nós fomos num restaurante indiano onde ele insistiu em pagar-me um almoço. Se por um lado parecia que ele queria mostrar sua gratidão por outro, ele tinha que mostrar que agora ele era o “dono da bola”. Quer dizer, como disse antes, Kokinho não foi explicito. Pela sua linguagem e jeito eu achei que esta era a forma que ele encontrou para fazer o seu agradecimento. Eu preferia que ele chegasse e simplesmente dissesse “Celso obrigado pela força inicial, nunca esquecerei!”

Na verdade, demorou muitos anos para eu entender que não devemos fazer o bem esperando recompensa. Eu entendi melhor quando conversei com um amigo budista que contou-me esta história:

Um homem estava tentando alcançar o nível mais alto de evolução através dos desprendimento de tudo. Se alguém chegasse e pedisse os seus sapatos ele os tirava e dava. Durante os anos ele foi purificando-se e estava quase lá. Era quase um santo. Um dia, ele foi parado na rua por uma pessoa que olhou bem no seu rosto e disse:

“Eu quero este seu olho direito”
“Você tem certeza?” Perguntou o “quase santo”.
“Sim! Eu quero este seu olho direito!” E estendeu a palma da mão para recebê-lo.

Então, ele dolorosamente enfiou seus dedos pelo canto do olho até entrar atrás e, o arrancou depositando o mesmo na palma da mão daquela pessoa desconhecida.

A pessoa olhou bem de perto, cheirou, fez uma careta, jogou-o no chão, pisou em cima e se foi.

O quase santo ficou tão chocado, nervoso e irado que perdeu todas as virtudes que tinha conseguido ganhar ao longo dos anos.

A moral da história é que o “ato de dar” termina quando se dá. Não devemos esperar mais nada. Se que vier alguma coisa é lucro!

Nesta vida já me decepcionei muito! Já estou quase vacinado! Mas voltando ao Kokinho, agora ele andava com as suas próprias pernas e, eu pude seguir meu caminho sem ser perturbado.

Para aqueles que já me conhecem, eu não sou do tipo de fazer visitas e ficar ligando. Eu sempre estou, dentro do meu universo de ideias, muito ocupado. Eu sempre estou fazendo alguma coisa.

Kokinho quando me ligava ou me visitava tinha esta qualidade terrível para irritar-me.

Por exemplo, para ele, nenhum artista brasileiro ou banda era boa. Para ele, nas suas palavras tudo era “merda”. Ele ouvia o primeiro acorde e já metia o pau.

Eu ficava muito desapontado porque sempre achei que só pelo fato de ser uma banda brasileira já merece um ponto à mais. É assim que a Inglaterra funciona. Primeiro as bandas inglesas e depois o resto. No Brasil, a mentalidade terceiro mundista é primeiro eles depois nós. Outra coisa é que, às vezes, ele queria se equiparar à mim em termos de experiência na Inglaterra. Tinha um elemento de competição. Eu cheguei aqui em **1987**, comi o pão que o diabo amassou. Joguei o meu passaporte pro espaço, fui preso duas vezes, conheci duas celas, morei em casas invadidas, eu fui rebelde anarquista, conheço todas as manhas.

O mesmo erro que ele cometia com o LeBurn ele cometia comigo. Às vezes lhe faltava humildade. Eu falo para todo mundo que aqui chega: “6 meses não é nada! Você tem que fazer um plano de, no mínimo 3 anos. Depois de 3 anos, as coisas começam fazer sentido!”

De qualquer forma, tenho que tirar o chapéu para o Kokinho. Em menos de 3 anos ele já tinha seu próprio apartamento.

Kokinho estava bem mas, faltava uma coisa muito importante; uma mulher na sua vida. Ele era um homem muito solitário, envelhecendo rápido e ganhando peso.

Enquanto isto, separei-me da boliviana e fui ao Brasil. Em São Paulo encontrei-me novamente com a garota que eu estava namorando em **1987** quando fui para a Europa. Depois de tantos anos, a velha mágica ainda estava presente! O coração bateu mais forte! Os dois meses que fiquei em São Paulo fiquei com a Andrea e ficou claro que ela era a pessoa com quem eu deveria ter ficado desde o começo.

Eu voltei para Londres e alguns meses depois Andrea me seguiu.

Logo depois da sua chegada, convidei o Kokinho para um jantar e ele estava todo meloso. Kokinho voltou para sua casa e ligou-me imediatamente:

“Cara você tem que cuidar muito bem desta mulher, você tem que levar ela para passear, comprar flores...”

“Kokinho o que é isto? Eu o interrompi e continuei:

“Olha lá Kokinho, você agora vai me ensinar como cuidar de mulher. Já fui casado duas vezes! Veja só a minha idade!” Depois desta ele, todo sem jeito, mudou de assunto.

Posso estar errado e até ter sido muito duro ou talvez até já estivesse um pouco cansado da sua personalidade negativa mas, às vezes ele era uma pessoa muito chata. Até parece que eu tenho um imã que atraí um monte de filhos adotivos.

Veja bem, tinha um amigo dele que morava em Londres. De vez em quando, ele referia-se à esta pessoa como “o meu melhor amigo”. Eu ficava muito chateado porque não foi “o melhor amigo dele” que segurou as pontas. Alimentou-o e ensinou-o todas a manhas. Fui eu!

Sempre usei computadores Mac. Mac é considerado o melhor computador para música, edição de vídeo, e gráficos em geral. Como eu trabalho com Macs e tenho todos os programas insistia para que Kokinho comprasse um. Seria ótimo para ele, pois poderia lhe dar toda a assistência técnica gratuita.

Um dia, Kokinho ligou para informar-me que tinha comprado um Mac e feito um seguro de **3 ANOS** e comprado um roteador wireless da Apple. Eu comentei que era uma pena que ele não tinha me consultado pois o roteador da Apple custava mais que duas vezes o preço de um de outra marca e que o seguro de 3 anos era desnecessário. Sua resposta foi seca e bruta: “Porque é que eu tenho que dar ouvido à você? Você não é Deus?”

“Porque é que você me aborrece fazendo tantas perguntas se não segue o que eu digo! Por favor, faça-me um favor, não me ligue mais!” Desliguei o telefone na cara dele.

Já percebi que as pessoas não entendem bem o meu sistema. Eu vou aguentando, aguentando... A água vai pingando no copo até que transborda. Daí, quando eu explodo as pessoas não entendem e acham que sou louco! O pior é que, eu tenho um senso de autocrítica enorme e, depois, fico sofrendo e me sentindo culpado por um tempão.

Bom, eu virei a página do Kokinho e segui minha vida. Uns **DOIS ANOS DEPOIS** Sérgio Dias Baptista arregimentou um grupo de músicos e apresentou-se aqui em Londres num clube chamado Guanabara. Foi como se fosse uma experiência exploratória. Meses depois eles voltariam já com Arnaldo para o legendário concerto no Barbican. Eu estive no Guanabara e depois do show fui ao camarim bater um papo rápido com Sérgio. Na porta, do lado de fora, estava Kokinho. Lá estava ele meio encolhido e com seu ar triste. Não havia como fugir! Eu estendi a mão e nós nos cumprimentamos de forma adulta e profissional.

Não pude deixar de pensar que ele poderia ter estado ali naquele palco tocando junto com Sérgio, um músico que ele conhecia bem e que realmente tinha muito respeito. Possivelmente ele tinha pensado a mesma coisa e é por isso que parecia triste...

Algumas semanas depois o telefone tocou. Para minha surpresa era Kokinho:

“Cara reconheço que pisei na bola. Não posso viver sem sua amizade.” Falava com dificuldade e emoção.

“Koko, eu não guardo rancor. Eu também sou meio esquentado. Eu explodo e depois de 5 minutos, já estou bem de novo! Vamos bater um papo, venha tomar um café!” Foi minha resposta.

Meia hora depois ele estava aqui. Eu abri meu coração e falei tudo que eu sentia, (mais ou menos o que já escrevi aqui) ele reconheceu algumas coisas e negou outras mas, estava claro que ele tinha aprendido algumas coisas à respeito de, respeito e humildade. Por outro lado sua agressão e prepotência certamente tinha tido muito à ver com o fato de ele ter chegado aqui, na Inglaterra, com uma mão na frente e outra atrás. Ele sentia-se inferior e inseguro e por isso reagia de forma agressiva.

Agora, ele realmente não precisava provar mais nada. Ele estava na faculdade especializando-se em Jazz, tinha seu próprio espaço e forma de sobrevivência.

No entanto, sua alma ainda estava torturada. Ele tinha arrumado uma namorada brasileira. Esta mulher tinha um pedaço de terra numa praia no norte do Brasil e convenceu-o que os dois deveriam construir uma casa lá. Kokinho trabalhou duro por mais de dois anos, mandando dinheiro para ela no Brasil para que ela supervisionasse a construção. Quando a casa, de dois andares, ficou pronta ela intimou-o a ir morar com ela sabendo que Kokinho tinha planos e escola em Londres. Kokinho achava que,

a casa seria para eles ficarem juntos quando fossem de férias. Na verdade, tudo indicava que ela tinha outras ideias. Ela rompeu com Kokinho e quando Kokinho pediu seu dinheiro de volta ela disse que não tinha e não iria pagar.

Kokinho, então arrumou um advogado no Brasil e processou a mulher. No dia do julgamento ela foi arrogante com o juiz e o juiz embargou a casa até que o problema fosse resolvido. Koko estava no caminho para a vitória!

Acontece que Kokinho recebia um benefício por incapacidade de trabalho (Incapacity Benefity) só que trabalhava escondido em um clube noturno na área boêmia de Camden Town. Na carta ao juiz no Brasil ele dizia que trabalhou arduamente para ajudar na construção da casa e fornecia os valores dos depósitos. Esta mulher traduziu a carta para o inglês, veio para Londres e lá pelas 8 da manhã bateu na porta do Kokinho. Ele, não estava preparado e abriu a porta. Ela então disse que se ele não parasse com o processo ela iria na polícia.

A verdade é que Kokinho já tinha metido os pés pelas mãos meses antes.

Kokinho conseguiu financiamento do governo para entrar na faculdade mas, não informou ninguém de que já estava recebendo outro benefício, o que aqui é crime. No primeiro ano da faculdade ninguém percebeu a jogada mas no segundo ele foi pego e quase preso. O juiz teve dó dele, parcelou a sua dívida e fichou-o por **3 ANOS**. Se acontecesse mais um problema deste tipo neste período, ele iria desta vez, direto para a cadeia. O erro do Kokinho foi um erro básico de principiante, foi o erro do malandro bobo.

Bom, Kokinho estava com o rabo preso e a sua ex-namorada com a faca e o queijo na mão. Ele teve que desistir do processo. Ele perdeu quase 3 anos de trabalho (£10.000,00 libras) mais o que ele já tinha pago ao seu advogado. O pior de tudo, foi ele ter que engolir o fato de que tinha sido usado, manipulado e feito papel de idiota. Nem sempre cuidar muito bem da mulher, levar ela para passear, comprar flores, ajudar a construir a casa é suficiente. Qualquer relação sempre carrega um elemento de sorte! Sua necessidade de companhia e seu amor por esta mulher não permitiu que ele visse a realidade que estava estampada na cara dela.

Ele estava realmente ferido e precisando de um amigo.

Como homem que divorciou-se 2 vezes, eu realmente identifiquei-me com seu problema e, juntamente com ele até conversamos com um advogado inglês para saber qual eram suas chances se ele comprasse a briga. Não havia nenhuma!

Kokinho entrou em depressão e teve até que entrar nos comprimidos. Estava no último ano da faculdade e as coisas não estavam fáceis:

“Estamos estudado as harmonias do Keith Jarret está duro para cacete. Minhas costas andam doendo e não estou conseguindo mais tocar o baixo acústico”. Reclamava.

“Estes garotos da faculdade são um saco! Nós nos juntamos para fazer uma Jam e já gritam! Koko toca algo latino, uma salsa ou uma Bossa nova! Vão tomar no cu! Que é isso! Eu sou Rock! No Brasil tive que tocar até sertanejo! Nunca mais!”

Uma vez, ele chegou em casa. Estava gordo. Sentou-se todo espalhado no sofá, pegou nos seus mamilos com se fossem seios, olhou para mim, balançou-os e disse:

“Olha que merda. A gente fica velho e a primeira coisa que aparece são as tetas”.

Estou na cama assistindo a BBC e um político fala: “Vamos revisar a lista das pessoas que recebem benefícios e por todo este povo para trabalhar!” Um minuto depois meu telefone toca, é o Koko todo nervoso:

“Cara você viu, é o fim, os caras vão pegar a gente! Vai acabar com a nossa manha!” Eu respondo:

“Fica calmo, isto é tudo conversa eleitoral, você passou por uma junta médica. Você tem problema respiratório e depressão”. Koko nem escuta e continua:

“Cara dezembro vou para o Brasil, preciso de umas férias! Este ano foi fodido! Tive até que fazer uma biopsia da próstata! Cara até um troço no meu cu enfiaram! Que merda!” Ele está com a corda toda, precisa desabafar:

“Eu vou para o Brasil realizar uma fantasia. Vou me vestir de Papai Noel, já até comprei a fantasia, estou levando um monte de presentes para distribuir para meus sobrinhos maravilhosos.”

Uns dias antes do Natal, antes de viajar para o Brasil ele veio despedir-se. Eu falei:

“Koko você está um pouco gordinho, tem que se cuidar!”

“Claro! Deixa eu aproveitar este fim de ano. O ano que vem eu vou entrar num regime sério. Senão não vou conseguir arrumar mulher nenhuma!”

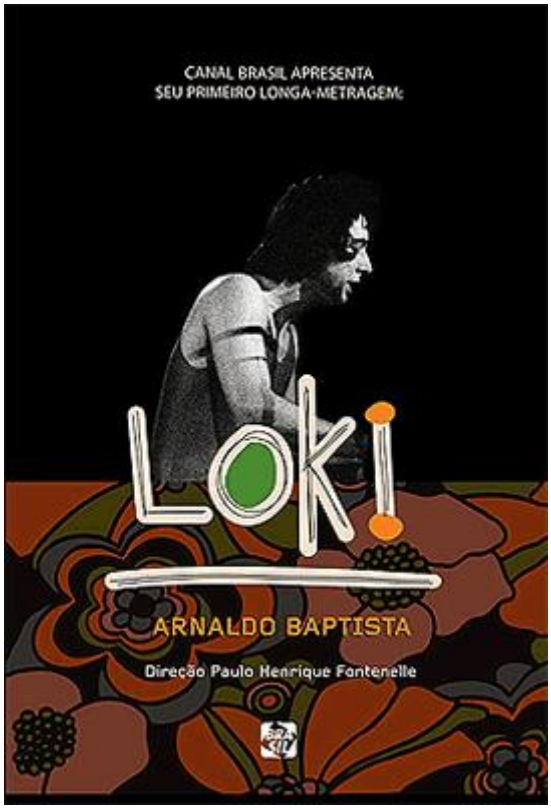


Foto do Arnaldo Baptista usada para poster e capa do DVD do documentário LOKI. Foto: A. C. Barbieri.

Até agora, Barbieri não foi creditado pela produção do filme! Pura incompetência!

Kokinho tinha sido entrevistado e estava muito curioso para ver o documentário *LOKI* produzido pelo Canal Brasil feito sobre a vida de Arnaldo Baptista. Não era para ser! Aliás, foi através dele que fui contactado pela produção do documentário e, minha foto do Arnaldo tirada em **1978** no Palácio das Convenções do Anhembi (SP) foi escolhida para o poster e capa do DVD.

Kokinho chegou ao Brasil e realizou sua fantasia. Vestiu-se de Papai Noel e entregou seus presentes. Na passagem do Ano, sozinho num quarto da casa de um amigo, sofreu um infarto fulminante e morreu. Ele só foi descoberto no dia seguinte.

Kokinho era muito gente! Muito real! Muito humano! Com seu tipo emocional bem italiano, ele era um batalhador e estava conseguindo, com muita dificuldade, construir um destino melhor para si mesmo. Com todas as suas imperfeições, para mim, Koko faz muita falta! Sinto saudades da sua personalidade triste e da sua revolta. Eu também sou um pouco assim! Talvez por ele ser sempre uma pessoa real ele sempre teve muitos amigos. Do Koko sempre sabíamos o que esperar. Apesar de temperamental e direto, ele era muito honesto e sincero. Para mim, ele é um verdadeiro ícone do Rock Brasileiro. Ainda hoje sinto sua perda.

Celso, sou alguém que com certeza conhece muito bem o Koko, que antes era chamado de Vado.Concordo com você em muitas coisas que disse sobre ele, pois realmente ele era uma pessoa muitas vezes arrogante, carente e cansada de batalhar por um sucesso que nunca chegou.O Brasil é um país de muitos talentos, como Ronaldinhos fenômenos, Elis Reginas, Fernandas Montenegro, etc, mas infelizmente quem acaba fazendo sucesso é o Tcham.....Muito sabiamente alguns desistem, vão trabalhar em outro ramo, formar suas famílias, outros poucos se realizam e muitos se frustram.O Vado acreditou tanto que poderia viver de música, que quando começou a se dar conta que não seria possível, ao invêz de desistir, se frustrou, ficou triste e desanimado, pois sabia que era um músico brilhante e sem oportunidades.Teve muitos relacionamento, todos duravam pouco, porque em primeiro lugar vinha a música e em segundo todo o resto. O fator sorte, como vc mesmo disse, também é muito importante.Seu último relacionamento causou-lhe realmente uma grande decepção, pois apesar de seu jeito arrogante, ele era só coração e não conseguiu perceber que se tratava de uma pistoleira oportunista que segundo uma pessoa de sua própria família nos falou, vivia de pequenos golpes, tentando sempre se dar bem sugando tudo que era possível de seus muitos namorados pelo mundo afora.O que me consola é que ela está envelhecendo, ficando feia e que vai ficar cada vez mais difícil de ela dar seus golpes pelo mundo e que este $ roubado não vai lhe trazer felicidade nunca. Tenho muita pena de pessoas como ela que não são capazes de honestamente seguir seus caminhos.O Vado foi o filho mais querido, o sobrinho predileto, o único irmão homem de uma família com mais três irmãs mulheres.Teve todo o amor da família, teve todas as oportunidades, não sei se vc sabe, mas ele era um grande desenhista e animador de desenho, fez curso de animação com o Maurício de Souza, mas nunca quis saber de nada que não fosse música.Admiro sua coragem, largou a família e os amigos e foi buscar o que seria seu sonho.Infelizmente descobriu que esta estória de que se vc quer vc consegue não é para todos. A busca de um sonho tem seu preço e para ele foi alto demais, pois ele passou a sofrer do maior e pior mau da humanidade: a solidão.Por causa desta distância da família e dos amigos, tornou-se chato ligando muitas vezes para algumas pessoas, que ao contrário dele não estavam disponíveis.Hoje, acho que ele foi um exemplo de perseverança. Seria hipocrisia de minha parte dizer que ela era um santo e que não tinha defeito, mas acho que nem todos conheceram realmente o tamanho de seu coração.Celso, aproveito

para te agradecer por nunca esquecer do Vado, por manter sempre viva a memória dele. Após sua morte pude contar com o carinho e a amizade de alguns de seus amigos, que hoje, são meus amigos.Alguns deles me ligam sempre, acompanham nossa dor, nos confortam e embora talvez não saibam, fazem nos sentir pertinho dele quando conversamos e lembramos de passagens de sua vida.Dizem que conforme o tempo passa a dor diminui, mas não é o que sinto, pois quanto mais distante de sua presença mais aumenta a saudade, as vezes penso que tive um sonho ruim e que quando acordar tudo vai voltar ao normal e ele vai me ligar para saber da criança.Gosto muito de lembrar das gargalhadas debochadas dele. Lembro muito dele quando ele ainda não trazia esta amargura dentro do coração, quando ele ensaiava no porão de casa com o nosso amado amigo Carlini.Lembro quando ele tocava em cada buraco que não tinha nem bilheteiro e nosso tio era quem ficava na bilheteria recebendo aquelas notas todas amassadas..... Quem realmente conheceu o Vado sabe que atrás daquela cara carrancuda e daquele jeito rude existia um cara com um enorme coração que não tinha vergonha de pedir desculpas e que estava sempre pronto para ajudar um amigo. Um beijo a vc e a todos que de alguma forma fizeram parte da vida dele. Obrigada,Paula A. Gennari (irmã do Koko)



Paula com sua filhinha e seu irmão Oswaldo 'Kokinho' Gennari em **DEZEMBRO DE 2008**

PAULA, IRMÃ DO KOKINHO, ABRE SEU CORAÇÃO E NOS ENVIA DEPOIMENTO EMOCIONANTE!

Barbieri, sou alguém que com certeza conhece muito bem o Koko, que antes era chamado de Vado.

Concordo com você em muitas coisas que disse sobre ele, pois realmente ele era uma pessoa muitas vezes arrogante, carente e cansada de batalhar por um sucesso que nunca chegou.

O Brasil é um país de muitos talentos, como Ronaldinhos fenômenos, Elis Reginas, Fernandas Montenegro, etc, mas infelizmente quem acaba fazendo sucesso é o Tcham...

Muito sabiamente alguns desistem, vão trabalhar em outro ramo, formar suas famílias, outros poucos se realizam e muitos se frustram.

O Vado acreditou tanto que poderia viver de música, que quando começou a se dar conta que não seria possível, ao invêz de desistir, se frustrou, ficou triste e desanimado, pois sabia que era um músico brilhante e sem oportunidades.

Teve muitos relacionamentos, todos duravam pouco, porque em primeiro lugar vinha a música e em segundo todo o resto. O fator sorte, como vc mesmo disse, também é muito importante.

Seu último relacionamento causou-lhe realmente uma grande decepção, pois apesar de seu jeito arrogante, ele era só coração e não conseguiu perceber que se tratava de uma pistoleira oportunista que segundo uma pessoa de sua própria família nos falou, vivia de pequenos golpes, tentando sempre se dar bem sugando tudo que era possível de seus muitos namorados pelo mundo afora.

O que me consola é que ela está envelhecendo, ficando feia e que vai ficar cada vez mais difícil de ela dar seus golpes pelo mundo e que este $ roubado não vai lhe trazer felicidade nunca. Tenho muita pena de pessoas como ela que não são capazes de honestamente seguir seus caminhos.

O Vado foi o filho mais querido, o sobrinho predileto, o único irmão homem de uma família com mais três irmãs mulheres.

Teve todo o amor da família, teve todas as oportunidades, não sei se vc sabe, mas ele era um grande desenhista e animador de desenho, fez curso de animação com o Maurício de Souza, mas nunca quis saber de nada que não fosse música.

Admiro sua coragem, largou a família e os amigos e foi buscar o que seria seu sonho.

Infelizmente descobriu que esta estória de que se vc quer vc consegue não é para todos. A busca de um sonho tem seu preço e para ele foi alto demais, pois ele passou a sofrer do maior e pior mau da humanidade: a solidão.

Por causa desta distância da família e dos amigos, tornou-se chato ligando muitas vezes para algumas pessoas, que ao contrário dele não estavam disponíveis.

Hoje, acho que ele foi um exemplo de perseverança. Seria hipocrisia de minha parte dizer que ela era um santo e que não tinha defeito, mas acho que nem todos conheceram realmente o tamanho de seu coração.

Barbieri, aproveito para te agradecer por nunca esquecer do Vado, por manter sempre viva a memória dele. Após sua morte pude contar com o carinho e a amizade de alguns de seus amigos, que hoje, são meus amigos.

Alguns deles me ligam sempre, acompanham nossa dor, nos confortam e embora talvez não saibam, fazem nos sentir pertinho dele quando conversamos e lembramos de passagens de sua vida.

Dizem que conforme o tempo passa a dor diminui, mas não é o que sinto, pois quanto mais distante de sua presença mais aumenta a saudade, as vezes penso que tive um sonho ruim e que quando acordar tudo vai voltar ao normal e ele vai me ligar para saber da criança.

Gosto muito de lembrar das gargalhadas debochadas dele. Lembro muito dele quando ele ainda não trazia esta amargura dentro do coração, quando ele ensaiava no porão de casa com o nosso amado amigo Carlini.

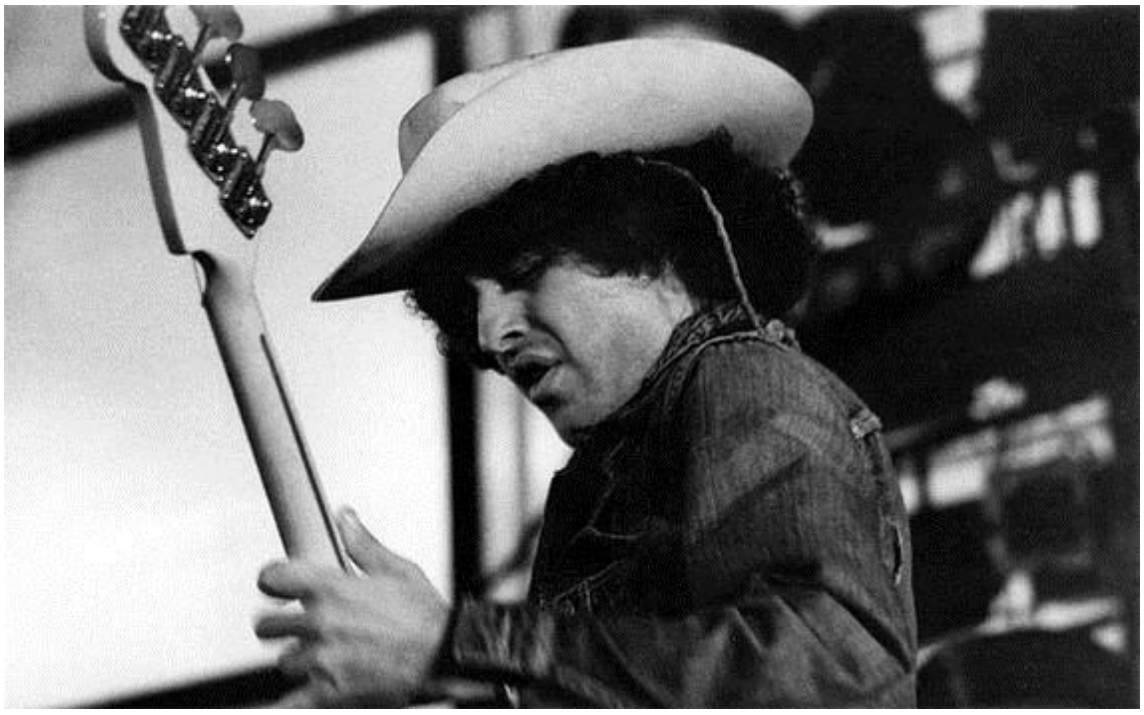
Lembro quando ele tocava em cada buraco que não tinha nem bilheteiro e nosso tio era quem ficava na bilheteria recebendo aquelas notas todas amassadas.....

Quem realmente conheceu o Vado sabe que atrás daquela cara carrancuda e daquele jeito rude existia um cara com um enorme coração que não tinha vergonha de pedir desculpas e que estava sempre pronto para ajudar um amigo.

Um beijo a você e a todos que de alguma forma fizeram parte da vida dele.

Obrigada,

Paula A. Gennari (irmã do Koko)



Kokinho nos Anos 70. Foto de Carlos Hyra (in memoriam) fornecida por Zé Brasil

VÍDEO-HOMENAGEM AOS 65 ANOS DE RAUL 'ROCK' SEIXAS

As meninas de Raul Seixas

30 DE MAIO / 2010 – Desde pequeno, Raul Seixas gostava de escrever pensamentos e ideias em diários.

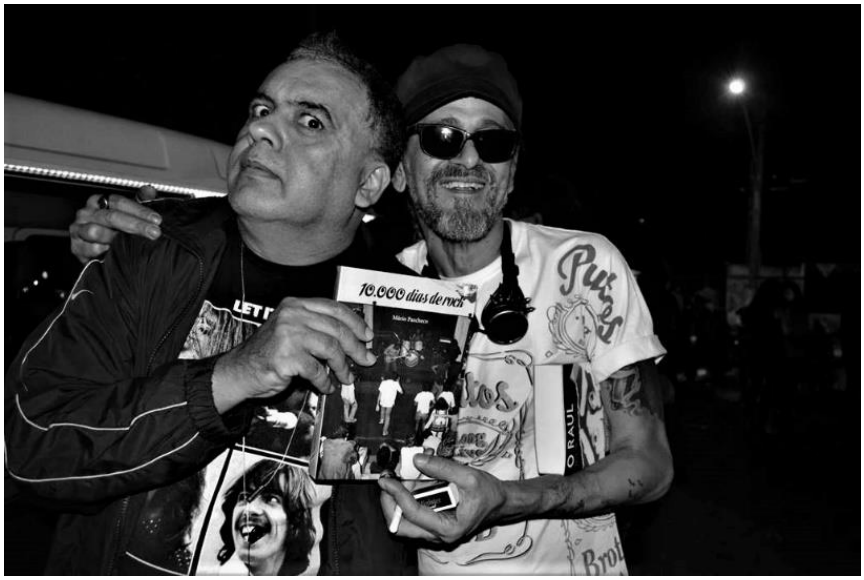
Entre as páginas, hoje amareladas pelo tempo, Raul deixou registrado seu carinho e respeito pela família e seu amor pelo rock.

Esboçava poesias e letras de música e chegou até a desenhar como seria a capa de seu primeiro disco. Mais que isso, recortava dos jornais fotos de seu maior ídolo, Elvis Presley, e sonhava em um dia poder ser como ele: famoso e com muitas meninas ao seu redor.

O iG conversou com Sylvio Passos, amigo pessoal de Raul e dono do maior acervo sobre o músico no mundo.

Com base nos diários de um Raul adolescente e cheio de sonhos, o iG produziu um vídeo para contar as histórias de suas primeiras namoradas, escritas pelo próprio Raul Seixas e narradas por Passos.

O especial homenageia o aniversário de **65 ANOS** de Raul nesse **28 DE JUNHO DE 2010**.





11 DE JUNHO



ROLANDO CASTELLO JR: VIRADAS & LEVADAS

Teatro do Guará – Quarta – 19h00min:

Oficina de Bateria com Rolando Castello Júnior

28 DE ABRIL / 2010 – No programa desta mesma noite: *CAMINHADA DA LUA*, apresentação de Arthur Moreira Lima, partida de futebol entre os dois times de maior torcida no Brasil e viradas e levadas de bateria.

Uma vez que o seu ídolo de adolescência e da vida toda está há poucas quadras da sua casa seria uma ingratidão não vê-lo.

Muitos tambores foram ouvidos desde o alvorecer da humanidade até Gene Krupa e Buddy Rich se sentirem grandes estrelas tocando jazz com orquestra, ainda nos anos trinta do século passado. Desde então a bateria se tornou popular.

Nesta noite, a aula solitária apresentada e tocada por Rolando Castello Júnior privilegiou a pesquisa histórica e pictórica dos pioneiros e suas necessidades profissionais para expandir o repertório de timbres e peças da bateria.

Em constante evolução até chegar ao acrílico, às peles hidráulicas e à bateria eletrônica. É evidente a opção pelo trabalho dos grandes bateristas das **DÉCADAS DE 60** & **70** e pelo som acústico.

Num par de horas, Rolando, professor e baterista; conduz explicações fartamente apoiadas em sete (7) grandes banners com as efígies de quase cinquenta bateristas e fotos das marcas mais marcantes da história das baterias nomes como Slingerland ou Ludwig. Fica claro o que realmente significa tocar bateria.

Sentado à bateria Rolando utiliza seu repertório para expor aos interessados como pode-se criar o próprio material adaptado e criado através das inovações consolidadas por bateristas criativos como Ian Paice, Carmine Appice ou sólidos como Buddy Miles ou rápidos como Buddy Rich.

Ele ainda mescla informações e passagens dos grandes bateristas do jazz-rock que transgrediram e ultrapassaram as barreiras do rock. Também fica claro que grande parte do talento de Rolando Castello Júnior é natural e intuitivo. Ele gosta de Don Brewer do Grand Funk e nós gostamos de Cork Laing do Mountain.

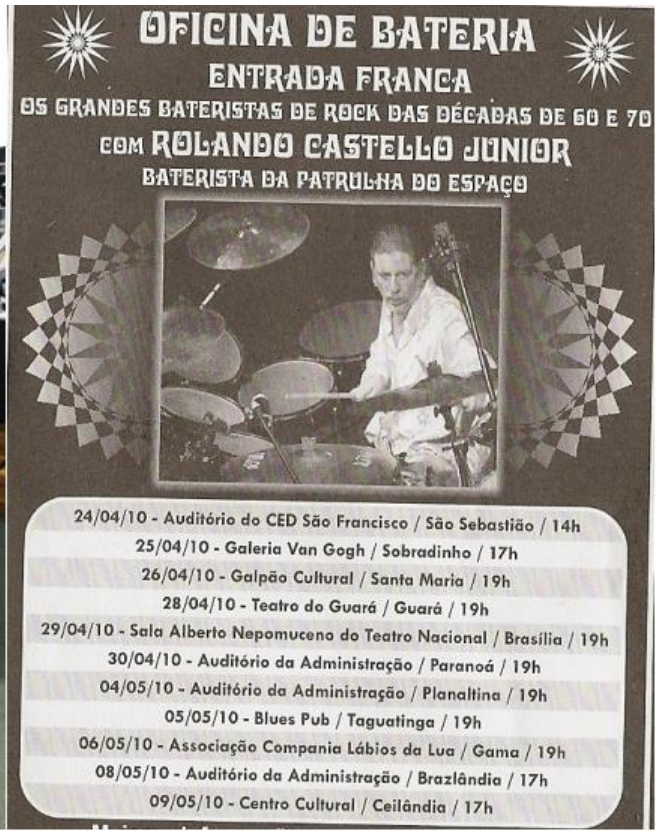
Rolando Castello Júnior também expõe apaixonadamente sobre os pioneiros do seu instrumento no rock nacional fazendo elogios a Franklin Paolillo, que trabalhou o som do Made in Brazil e gravou o LP *FRUTO PROIBIDO* de Rita Lee e Iggor Cavalera como destaque atual.

Sempre carismático e atencioso, este eterno cabeludo e selvagem amante da bateria acrescenta mais uma cidade sonolenta no seu destino.

Volte Júnior, volte sempre!

Garotos e Garotas de todas as idades de ouvidos ligados nos quarenta anos de experiência de Rolando Castello Júnior como músico profissional tocando rock duro pelo Brasil.





Zappa, ?, Flamenguista, filho do Neto; Fuíca pai de Flávia & Flora, Neto & Júnior; Ana Luíza e Tomé

Produção do Teatro: Luciano – Produção & Fotografia: Marta Benévolo



Tigres Da Noite, ***1971***



Júnior, Lucinha na época mulher do Oswaldo Veccione e Zeca Neves

2010

JULHO



Frejat com Ezequiel, Ney e Cássia. Pizzaria Guanabara, ***1997***

EZEQUIEL NEVES, PAPA DO COLUNISMO ROCKER TUPINIQUIM

Retomei meu contato com o Ezequiel há cerca de dois anos, depois de ficarmos sem nos falar desde o fechamento do jornal Rolling Stone há mais de **30 ANOS**. Ele já estava doente e com relutância atendeu ao meu pedido pra dar uma entrevista para o documentário *ROLOU*! do cineasta Sérgio de Carvalho (ainda inédito) sobre a nossa aventura de imprensa **SETENTISTA**.

Eu não estive presente, mas o Sérgio me contou que na hora, o Zeca deu uma empacada e disse que só falaria em áudio sem que a câmera fosse ligada. Ele tinha problemas com a sua imagem e não queria aparecer.

Esse problema foi se agravando ao ponto dele se afastar dos amigos e não querer receber pessoas na sua casa na Ladeira St. Romain, em frente ao Morro do Pavãozinho, em Copacabana, no mesmo prédio onde eu havia morado por volta de **1977**. Apartamento presenteado, ele me disse por telefone, pelo Cazuza. Na entrevista ele revelou (pra minha surpresa absoluta) que "o Joel Macedo era o melhor texto do jornal mas não fez carreira na imprensa porque era muito instável".

Mesmo debilitado, Zeca concordou em me receber no seu apê em **MARÇO DE 2009** quando soube do meu livro *ALBATROZ*. Quis que eu levasse um exemplar autografado pra ele. Foi um encontro breve, de velhos camaradas e jornalistas que trabalharam juntos na Rolling Stone, em **1972**, mas que se viam também fora do jornal, ou no Baixo Leblon ou na casa do próprio Zeca na Farme de Amoedo (próximo ao Pier de Ipanema) em torno das últimas novidades roqueiras. Depois ele me ligou dizendo que tava gostando do *ALBATROZ* e que deve ter sido um dos últimos livros

que ele leu em sua vida, pois meses depois me informou também por telefone que sua vista não lhe permitia ler mais nada.

Tentei ao máximo que ele participasse comigo e com o Maciel de uma Mesa-Redonda em torno dos *40 ANOS DE WOODSTOCK NO ESPAÇO NÉCTAR*, aqui no Rio. Ele até me deu esperança, mas na medida em que a data se aproximava e eu ligava para confirmarmnos a sua ida, ele começou a fugir e a mandar dizer que não estava. Teria sido uma maneira de homenagear esse fã enlouquecido dos Stones e do David Bowie, e um dos maiores jornalistas de Rock que eu conheci. Sua coluna "Toque" na página 2 da *ROLLING STONE* que valeu a pena foi um marco no jornalismo contracultural brasileiro. É o que posso dizer do grande Zeca Jagger.escrito por: Joel Macedo (RJ)

"O 'Zeca Jagger', como gostava de ser chamado nos anos setenta, foi o maior crítico de rock do Brasil e adorava o Pink Floyd. Tive a honra e o prazer de dividir o palco com ele em **1971** quando éramos os Tigres da Noite e ele cantava seu amado rock'n'roll". Long live! EZEQUIEL NEVES! (**ZÉ BRASIL**).

UM PESSOA POLÊMICA "Lamento que o Ezequiel Neves tenha morrido mas, para mim, ele foi o Chacrinha dos reporteres do Rock Brasileiro. A figura dele era muito cômica. Eu queria seriedade no rock'n'roll e ele vinha com palhaçada. Ele foi o precursor de tipos como o Kid Vinil. Tipos cuja personalidade está acima da qualidade do trabalho. Eu guardo ainda hoje o termo que Ezequiel usava para definir o som progressivo de bandas como Yes. Ele chamava este tipo de música: 'Som Bolo de Noiva'. Era o tempo da verdadeira e única revista *ROLLING STONE* brasileria. De qualquer forma eu preferia ler a Ana Maria Bahiana. Bom, neste período informação sobre rock era escassa e nós fomos obrigados a engolir e agradecer pelo que este povo fez.

Como ele era jornalista e o Oswaldo da banda Made in Brazil era uma rapoza velha, convidou ele para fazer backing vocal na banda. O cara não cantava nada, patético, o Serguei teria sido 10 vezes melhor (E olha que o Serguey é ruim demais). Para mim foi uma coisa vergonhosa e obvia. Aliás como você mesmo disse, ele gostava de ser chamado de 'Zeca Jagger' e não 'Zeca Floyd'. Nunca soube que ele gostasse de Pink Floyd. Que eu saiba ele era fanático pelos Rolling Stones."
(A. C. BARBIERI)

DEIXA PRA LÁ (MÁRIO PAZCHECO)

Por muito tempo, o 'Incrível Ezequiel Homem das Neves' foi o meu "Hunter S. Thompson". Se você esmurrasse a porta de seu apartamento, delicadamente Ezequiel Neves abriria a porta e diria: "Estou bem no meio de uma foda. Poderia voltar depois"?

Ator de teatro e cinema, crítico da Folha da Tarde, e da revista *ROCK, A HISTÓRIA E A GLÓRIA*. Na sua frente só havia Rolling Stones e microfones desligados quando bancava a corista de rock com o Made in Brazil. Numa entrevista numa revista meio Trip, ele confessou seus excessos carnais e, muitos amigos da contracultura torceram o nariz. Em **ABRIL DE 2008**, lí n'o Globo que um convite para assistir ao documentário *SHINE A LIGHT* (dos Rolling Stones produzido por Scorsese) o tirou de casa.

BRIGA DE TITIAS

Dou gargalhadas, quando me lembro da briga entre Ezequiel Neves e a Rita pelo Roberto Carlos.

Como beatlemaníaco eu odiava Ezequiel Neves! E como fã do rock nacional eu também o odiava pela falta de cerimônia com que batia nos grupos brasileiros principalmente nos Mutantes. Mas havia nele um carisma que dizia deixa pra lá...

MORRE EZEQUIEL NEVES, PRODUTOR MUSICAL QUE AJUDOU A REVELAR CAZUZA

O CANTOR TAMBÉM MORREU NESTA MESMA DATA, HÁ 20 ANOS.

Produtor estava doente havia CINCO ANOS, com um tumor no cérebro.

Do G1

Morreu na tarde desta quarta-feira (**7 JULHO 2010**), na Clínica São Vicente, na Gávea, Zona Sul do Rio, o produtor musical e jornalista Ezequiel Neves. Segundo a assessoria de imprensa da clínica, Ezequiel, de **74 ANOS**, estava internado desde o dia **22 DE JANEIRO** para tratamento de um tumor no cérebro. Ainda segundo a clínica, a causa da morte foi falência múltipla dos órgãos.

Conhecido também como Zeca Jagger, o jornalista foi amigo e um dos responsáveis por lançar a carreira musical da banda carioca Barão Vermelho e, posteriormente, do cantor Cazuza. Neves também trabalhou com a cantora Cássia Eller.

Foi com o músico que compôs sucessos em parceria, como "Exagerado", que teve a participação de Leoni, e "Codinome Beija-flor", que contou também com Reinaldo Arias. Cazuza também faleceu nesta mesma data, há **20 ANOS**.

Luiz Pissurno, que trabalhava como secretário de Ezequiel desde **2008**, destacou a ajuda do músico Roberto Frejat, cantor, guitarrista e líder do Barão Vermelho, durante o período em que Ezequiel esteve doente.

"Agradeço muito a esta pessoa iluminada. Ele esteve ao lado de Ezequiel Neves nos piores momentos. Se não fosse o Frejat, teria sido muito pior", destacou Pissurnuo, acrescentando que o jornalista havia descoberto o tumor há cinco anos.

Para João Barone, baterista da banda carioca Os Paralamas do Sucesso, Ezequiel era uma pessoa muito querida por todos no meio musical.

"Ele talvez seja o cara que contradiga aquela máxima de viver apenas 'dez anos a mil'. Ele viveu mil anos a mil. Era uma pessoa muito doce, uma figura importantíssima na cena musical e cultural, principalmente. Acho que agora ele vai descansar, mas um momento como este não deixa de ser dramático. Ele foi se encontrar com Cazuza nesse aniversário de **20 ANOS DE MORTE DO CANTOR**", lamentou.

O baterista Charles Gavin lembrou com alegria do produtor, a quem qualificou como "uma pessoa muito especial".

"A gente perdeu uma pessoa muito importante dentro do contexto cultural brasileiro. Fico realmente muito triste. O que eu mais gostava nele era irreverência e o espírito provocativo, que está se tornando cada vez mais raro hoje em dia. Era uma pessoa necessária", disse Gavin.

LIGAÇÃO COM AS ARTES

Neves trabalhou em uma biblioteca, foi ator, jornalista musical, produtor e empresário. Também admitia ter vivido no extremo, consumindo drogas de vários tipos. Como jornalista, assinou com vários pseudônimos, além do próprio nome: Zeca Jagger, Zeca Zimmerman, em homenagem a Mick Jagger e Bob Dylan, respectivamente, e Angela Dust, que era o nome de uma droga sintética da época.

Ele contou em uma entrevista para o jornal *O GLOBO* de **2008** que começou a carreira de produtor com uma banda paulista chamada "Made in Brazil", em **1975**. Em **1979**, foi para a gravadora Som Livre, a pedido do produtor Guto Graça Melo, onde trabalhou com cantores como Elizeth Cardoso e Cauby Peixoto. Logo em seguida ele saiu da gravadora, mas voltou, quando trabalhou com o Barão Vermelho. Na entrevista para "O Globo", ele declarou:

"Em **1982** a Som Livre me contratou de novo. E caiu na minha mão – caiu não, eu roubei do Leonardo Neto (hoje empresário de Marisa Monte e Adriana Calcanhotto) – a fita do Barão Vermelho. O Leo e o Nelsinho (Motta) iam fazer uma coletânea. Mas depois de ouvir a fita do Barão eu disse: 'Isso é um disco inteiro. O grupo é ótimo, é diferente.' Eles tocavam rock de verdade. Era uma coisa muito violenta. E o texto do Cazuza, nunca ninguém tinha escrito daquela forma. Só que ele era filho do dono da empresa... A própria Rita Lee dizia: 'O Ezequiel deu o golpe do baú, foi inventar que o filho do dono da empresa é cantor e compositor.' Mas eu tava fazendo escândalo porque adorava!"

EZEQUIEL NEVES: ENTREVISTA INÉDITA

O jornalismo rocker no Brasil perde seu grande entusiasta: Ezequiel Neves

Ezequiel Neves (**29 DE NOVEMBRO / 1935 – 7 DE JULHO / 2010)** era comumente conhecido nos **ANOS 70** como "Zeca Jagger" (devido a sua paixão pela banda Rolling Stones), "Zeca Zimmerman", em homenagem ao Bob Dylan ou ainda "Ângela Dust" (uma droga da época, pesadíssima, sintética) e era com esses heterônimos que assinava suas matérias sobre música.

Foi bibliotecário, jornalista, ator, crítico musical, diretor de shows e produtor de inúmeras bandas do rock nacional, entre elas, o Barão Vermelho, na qual, posteriormente, também lançou o cantor Cazuza em sua carreira solo.

O mineiro de Belo Horizonte foi figura determinante no cenário musical brasileiro, sempre observador, incentivador e participante do nascimento do rock nacional. Polêmico pelas críticas mordazes às figuras com as quais conviveu profissionalmente, a exemplo de Rita Lee, não poupava nada nem ninguém. Um "exagerado", capaz de uma intensidade também quando se apaixonava pelas ideias, pessoas e grupos musicais, como sua amizade pelo Cazuza e por parceiros como os integrantes dos grupos Made in Brazil, Gang 90 & Absurdetes, Kid Abelha e Cássia Eller, entre muitos que despontaram no cenário musical desde a **DÉCADA DE 70**. Foi o primeiro jornalista que escreveu uma coluna inteira sobre Janis Joplin, Jim Morrison, entre outros astros, o que lhe conferiu o título de "precursor do jornalismo rocker brasileiro".

Na revista Rolling Stone (versão de **1972**, com escritório no Rio de Janeiro) Ezequiel Neves assinava as colunas "Toque", falando essencialmente sobre música, e "Notas Ligadas" que informava em forma de notinhas, sobre o show bizz e temas diversos.

O único “negócio” que firmou em **74 ANOS** de vida foi com o rock, que mais do que mero estilo musical consiste em uma atitude desafiadora e anárquica de vida. Ele afirmou nesta entrevista: “Eu faço o que me dá prazer, quando não dá, caio fora!”

Abaixo, trechos de um bate–papo, em seu apartamento, no Rio de Janeiro em **2006**, sobre a revista Rolling Stone (versão **1972**), realizado por Sérgio de Carvalho e Patrícia Marcondes de Barros [i]

Zeca, fale sobre seu ingresso na Rolling Stone Brasil

O meu ingresso no jornal (ou revista) tem outro capí-tulo, pelo seguinte, vou contar... Eu sou mineiro, vou fazer neste ano, **72 ANOS**. Eu fui para São Paulo, onde comecei como jornalista e como crí-tico, mas eu já escrevia em Belo Horizonte. Mudei para São Paulo em **1965** e na época, era ator de teatro. O Antunes Filho, a Maria Bonomi e eu estreamos dois espetáculos em São Paulo com “O sonho de uma noite de verão” de Shakespeare, CHATÍSSIMO, como eu pude fazer Shakespeare, AI!!! E o outro era *ZOO STORY* de Edward Albee. Eu fiz as duas peças e o pessoal gostou do meu trabalho. Daí- o Antunes e a Maria me chamaram para trabalhar em São Paulo porque eles iam montar “A Megera Domada” sob a direção de Antunes. Fui para São Paulo em **1965**. Lá eu fiz trinta anos, “uma carcaça” (risos) e depois de Antunes, fui trabalhar no teatro com o Zé Celso Martinez Correa. No Oficina, fiz uma peça chamada *ANDORRA* e cai em outra companhia, no teatro popular do SESI. O teatro popular do SESI era sempre sessão cheia, gratuita e era uma coisa muito burocrática... Comecei então a escrever no Estadão, no Jornal da Tarde, em **1968**. Eu fui convidado pelo Maurício Kubrusly, que era na época editor do Jornal da Tarde, junto com o Fernando Morais que, atualmente, é um escritor super respeitado, para ser crítico musical. Aí-me chamaram para eu escrever sobre jazz. Eu sou da geração do jazz... Eu era e sou, nasci em 1935. Quando eu fui escrever sobre jazz, eu descobri que não tinha mais jazz!!! Todos os bons estavam na Europa e a mais “nova praia” era o rock. Acabei me interessando e como não tinha revista, eu ia comprando as importadas para poder escrever. E fui a primeira pessoa a escrever uma página inteira sobre Janis Joplin, Donovan e Rolling Stones.

Em **1969**, eu fui pela primeira vez para Nova York. E cheguei lá em uma época que o festival de Woodstoock, tinha acabado em uma semana... E todo mundo que tocou na *WOODSTOOCK* fazia temporada no Filmore East, em Nova York. Foi uma loucura, e vi muita banda ruim. Sabe aquela coisa meio riponga? Muito ruim!!! (risos) Mas tinha muita coisa boa, vi muita coisa boa, The Who!!! Daí em **1970**, eu fui para a Inglaterra, para Londres. Fui com 700 dólares, passei quatro meses. E aí foi uma loucura, porque Londres era uma coisa lisérgica e aquilo mexeu com a minha cabeça, eu era totalmente “para dentro”. Pensei-: “vou parar de fazer teatro, uma babaquice você repetir toda a noite a mesma coisa!”. Pedi uma substituição da peça em que estava e soube que o Maciel, em **1971**, ia fazer a Rolling Stone e parece que me indicaram. “Quem conhece rock é o Ezequiel Neves, um jornalista de São Paulo”, disseram.

Você já era colecionador de discos, tinha acervo?

Eu tinha um acervo maravilhoso, ainda tenho, mas está em ordem analfabética...” (risos) Tirava os discos e colocava em qualquer lugar... Eu tinha um grande acervo e tinha muita informação que não chegava aqui. Eu lembro que foi um escândalo, eu comecei a escrever na revista Realidade, foi uma das melhores revistas que a Editora Abril teve, mas por causa da censura...

E eu ouvi falar com Maciel, que dois gringos tinham comprado os direitos da Rolling Stone para o Brasil e iam fazer a revista que seria quinzenal. Daí eu disse: “Eu vou até me mudar para lá. E conversei com os donos da revista: “Olha eu sei que vocês vão pechinchar salário e tudo. Mas tudo bem, eu ganho um dinheiro no jornal da Tarde, mas não teria dinheiro para ir para o Rio, então vocês ficam responsáveis pelo seguinte – vocês vão pagar o aluguel do meu apartamento. O dia em que vocês deixarem de pagar eu saio da revista.” E isto foi cumprido. Porque a Rolling Stone para falar a verdade faliu, no número zero. Com o “zero” de dinheiro que tinha, os sócios, os dois gringos gastaram tudo na edição de número zero, aquela, com a Gal Costa na capa. E a distribuição era muito ruim, muito ruim!!! Você não encontrava a Rolling Stone nas bancas, Só maluco mesmo que comprava! E foi um momento muito feliz da minha vida. O Maciel não estava conseguindo escrever, tipo “bloqueio”, mas estava cheio de ideias.... Na revista Rolling Stone, eu cuidava da parte do rock. Mas a revista era muito aberta para as coisas novas e tudo. Foi a primeira revista brasileira que publicou coisa por exemplo sobre o Castaneda. Foi uma revista com escândalo porque a gente conseguiu colocar para fora um delegado SAFADO que eu esqueci o nome dele. Tinha um jornalista maravilhoso que levantou a vida do cara...Eu morava num apartamentinho na rua Farme de Amoedo (Ipanema), que era o do porteiro. A porta do meu apartamento era a do elevador. (risos) Mas era muito feliz, quando não tinha dinheiro comia um cachorro quente e ficava alimentado para o dia inteiro, todo queimado de praia. Bom, mas a Rolling Stone era engraçadíssima, a gente sempre ia entrevistar alguém para a Rolling Stone ou sobre a Rolling Stone. Tinha o Dropê... era muito maluco na Rolling Stone, muito “bicho-grilo”. Daí- se alguém se dirigisse a mim...bom...eu tinha que trabalhar. Eu tinha a minha sala; atrás, o Okky de Souza, que traduzia as matérias, tinha acabado de chegar da Inglaterra e traduzia tudo. Porque daí- que a gente descobriu que não tinha dinheiro, o Maciel sempre “um louco iluminado”, falava que não entrava dinheiro porque a revista era quinzenal. Vamos fazer então semanal!!! Pô!!! Se a quinzenal dava prejuí-zo, imagina semanal!!!! Eu não tinha tempo nem de ler a revista porque quando a revista saía já tinha dois números fechados. Trabalho intenso e de uma vez. Eu sempre fui muito intuitivo, apesar de ser velho eu gostava de fazer o que estava fazendo, quando eu não gostava caí-a fora! Eu sempre fui assim, como diz: “Não importa que a mula manca, o que eu quero mesmo é rosetar” (risos) E a gente arranjou um rapaz, um jovem que tinha acabado de se casar, que era o Dropê. Eu esqueci o nome inteiro e geralmente ele é muito injustiçado porque nunca falam dele. E então ele cuidava desde œdo dos loucos. “Quem é Jimi Hendrix?” Conversa com Dropê, que ele te conta....

Os leitores participavam na redação?

Iam até Botafogo, era um prédio bonito, hoje é uma porção de coisas: boite, etc e tal. Outro interessante foi Joel Macedo. Ele tinha o melhor texto da revista, mas era muito inconstante, porque gostava muito de viajar... Ia ver shows e entrevistava o pessoal... Tinha um texto maravilhoso!!! Ele tinha influência dos jovens jornalistas americanos, o pessoal do New Journalism. A Ana Maria Bahiana falava muito que trabalhava na revista... mas NÃO TRABALHAVA NÃO!!! (risos) Ela ia entregar umas matérias para Maciel. Ela namorava um cara chamado Guerra, e daí eu falei que tinha uma pilha de discos para comentar, perguntei se ela não queria escrever e falei que era para daqui a meia hora. Na verdade não tinha aparelho de som na redação. Mas a coisa era feita, a gente não tinha noção daquela revista, era como um púlpito para gandaia. Eu não tinha noção. Para mim eu estava trabalhando e era intuitivo. Claro que tinha um clima “bicho-grilo”, mas era uma coisa interessante porque as pessoas mais estranhas do

Brasil inteiro compravam a Rolling Stone. As vezes a Rolling Stone chegava em Manaus! Olha as vezes não tinha nem na banca daqui, de Ipanema.

Vocês tinham controle sobre as vendas, sobre o retorno financeiro?

Eu não queria saber dessas coisas... Eu sempre fui assim, enquanto as coisas me dão prazer tudo bem... Eu nunca soube mexer com dinheiro, nunca fui ambicioso. Este apartamento quem me deu foi Cazuza há muito tempo atrás. Ah eu não tinha a menor noção....Eu sabia que as coisas pegavam fogo, porque sempre tinha alguém que mexia com dinheiro e que apanhava de alguém. Um dia o gringo veio perguntar por que eu não tinha entrado no horário certo, do expediente, 13h30... Eu respondi que estava na praia, colhendo material para a revista. Eu conversava com as pessoas para saber o que elas estavam ouvindo...

A praia que você se refere é a do píer de Ipanema?

Sim, chegava na redação as 14h e saí-a as 20h, trabalhava MESMO! E aí- teve uma grande sacada de Maciel... A gente recebia cartas dos leitores, tudo "bicho-grilo", muitos com o raciocí-nio de um paquiderme e a gente publicava as cartas todas. Tinham algumas cartas boas e noventa por cento imbecilidades: "Ah porque o mundo é assim..." "a natureza está assim...". Ah, vai trabalhar vagabundo!!!! (risos) Mas aí foi maravilhoso, passou a ser a parte mais importante da revista.

O Jamari França foi um dos participantes e ficou conhecido por uma carta do leitor enviada para a Rolling Stone...

Sim, eu publiquei!!! Eu lancei Jamari!!! Maciel na época falou: "recebemos uma carta aqui que fala que você não entende nada de música!!! Daí- eu li e disse: "vamos publicar!!!" E ele estava metendo o pau em mim (risos). Ele falava de mim assim: "analfabeto, só fica falando do Rolling Stones!!!!" E você sabe que não tenho coragem de abrir hoje a Rolling Stone que fizemos?

Qual o motivo? Não sente certa nostalgia da época?

Eu gosto muito da palavra "saudades" que só tem em português. Que é uma língua que não está acabada, e que registrou a palavra saudade. Tenho saudades...mas... vamos indo... sei que não tem mais volta. O tempo não pára!

Qual o tipo de som que você está escutando atualmente?

Escuto música o tempo todo!!! O meu som queimou e Frejat me deu um novo. Eu não tenho saudades porque foi tudo intenso, não tem repetição...

Zeca, como acabou a Rolling Stone?

O jornal acabou... Foi uma coisa meio feia... Novembro, dezembro e não entrava mais dinheiro... O pessoal que participava foi levando tudo. Foi chatíssimo para mim...Acabou porque acabou, tinha que acabar, não tinha dinheiro.

Vocês chegaram a preparar um último, um número especial...

Não lembro. Era pirata, eu trabalhava com uma tesoura na mão roubando as revistas musicais norte-americanas, roubando a própria Rolling Stone (risos).

Você ainda tem algum número guardado?

Tenho, em um lugar ali em cima, onde não tenho acesso. Então é isso, a Rolling Stone durou enquanto pôde. Daí-, eu sinto saudades porque foi uma coisa tão diferente de tudo, era muito especial. E eu me vestia de um jeito na época, o pessoal em São Paulo falava: “Você anda numa pobreza!!!” E eu respondia: “Eu ando numa felicidade!!!” (risos) Mas há muita ficção a respeito da revista, eu inventava até discos que não existiam, faixa a faixa (risos).

Oi, obrigada pela oportunidade.

Como tem muito chato de plantão, tem uma errata na matéria que é a seguinte: eu.

A ideia mesmo é homenagear o Zeca, uma figura que foi ímpar, "sem papas na língua" e com uma graça do tamanho de seu talento. Abraços

[I] PATRÍCIA MARCONDES DE BARROS, PAULISTANA, É PESQUISADORA E PROFESSORA UNIVERSITÁRIA EM CURITIBA. PUBLICOU OS LIVROS "PANIS ET CIRCENSES": A IDEIA DE NACIONALIDADE NO MOVIMENTO TROPICALISTA (EDITORA UEL, 2000) E "A CONTRACULTURA NA AMÉRICA DO SOL: LUIZ CARLOS MACIEL E A COLUNA UNDERGROUND" RESULTADO DA SUA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. AINDA TEM OUTRO SOBRE A IMPRENSA DA CONTRACULTURA CARIOCA, QUE ELA FEZ NO DOUTORADO, MAS JÁ É UMA OUTRA HISTÓRIA

SÉRGIO DE CARVALHO, CARIOCA, É MÚSICO, PUBLICITÁRIO E DONO DO ESPAÇO NÉCTAR (VARGEM GRANDE, RIO DE JANEIRO), PRODUTOR DO FILME “ROLOU”, ONDE CONTA A HISTÓRIA DA CONTRACULTURA CARIOCA.

RAUL SEIXAS EM OVERDOSE

Raul Seixas será tema de um documentário dirigido por Wálter Carvalho

Cineasta Walter Carvalho produz documentário sobre o compositor baiano que se eternizou na história do rock nacional

Severino Francisco – Originalmente Publicado no Correio Braziliense

29 DE AGOSTO / 2010 – Raul Seixas começou imitando o ídolo Elvis Presley a partir do filme Balada sangrenta (King Creole, **1958**), que viu mais de 20 vezes. Mas em uma guinada brusca, depois de chegar ao Rio de Janeiro, em **1972**, ele misturou chiclete com banana, cinturão com abacate, rock e baião, construindo uma carreira fulgurante, veloz e meteórica, no curto período de **16 ANOS**, até a sua morte, em **1989**. Raul deixou a sensação de ser fugaz e eterno. O compositor baiano é o tema do documentário Raul Seixas, o começo, o meio e o fim, dirigido por Walter Carvalho, com estreia marcada para **JANEIRO DE 2011**: "Será Raul Seixas em overdose, será uma injeção de estriquinina na veia", promete.

No momento, Walter está queimando os neurônios para transformar as mais de **200** horas de material filmado ou pesquisado em uma hora e meia do filme que vai bater nas telas. Walter fez uma varredura pesquisando imagens em arquivos de emissoras de TV, relíquias familiares e nos baús dos fãs. Há material em Super 8, em vídeo, em VHS e em fotos. O filme está enraizado na trajetória de Raul, no grupo Raulzito e seus panteras, na parceria com Paulo Coelho, no seu jeito de compor, de intervir no palco, de se relacionar com os amigos, o público, as cinco companheiras e as três filhas. Walter realizou filmagens em Salvador, no Rio de Janeiro, em São Paulo, na Suíça e nos Estados Unidos.

Na verdade, Walter recebeu um convite dos produtores Denis Feijão e Jorge Peregrino, presidente da Paramount no Brasil. Mas o filme o recolocou em conexão com os tempos de adolescente na Paraíba, quando fazia a mesma coisa que Raul: cultuava Elvis Presley e assistia ao filme Balada sangrenta para imitar o ídolo do rock norte-americano: "Tenho a impressão de que se não existisse Elvis Presley, Raul não existiria. Com **9 ANOS DE IDADE**, Raul Seixas se identificou com Elvis, levantava a gola da camisa imitando o ídolo e viu mais de **20 VEZES** esse filme."

Raul foi uma espécie de cover de Elvis Presley até chegar ao Rio, em **1972**. Mas Raulzito só se tornou Raul Seixas depois que encontrou um ponto certo para misturar, rock e baião, Jackson do Pandeiro e Little Richard, Luiz Gonzaga e Bob Dylan.

Ele conseguiu a façanha de agradar, simultaneamente, o público intelectualizado, as classes populares, os jovens e os mais velhos. Raul dizia que havia estudado filosofia só para provar como era fácil ser medíocre: "Quando sacou que Jackson do Pandeiro tinha uma equivalência com Little Richard, ele deitou e rolou", comenta Walter Carvalho. "Caetano e Gil já haviam colocado guitarras elétricas na Tropicália, mas foi Raul quem fez o cruzamento dos ritmos. Este engodo criativo, esta genialidade, fez com que ele fosse apreciado tanto pelas empregadas domésticas quanto pelos jovens ou pelos velhos."

Walter lembra que, em São Paulo, todos os anos ocorre uma passeata que começa às 14h e vai até as 19h, numa concentração louca de gente se vestindo igual a Raul Seixas: "Não tem organização, não tem assessor de imprensa. O Raul é um fenômeno, ele tem algo da tragédia brasileira, tem a euforia e a derrota, tudo misturado". O aspecto que o diretor considera mais revelador no filme é o da carreira veloz de Raul Seixas: "É esta genealogia que a gente tenta trazer para o filme: o artista que tem pressa, libertário, provocador e criativo", comenta Walter: "O que mais me impressionou foram as coisas mais tênues. O que consigo revelar é uma pessoa inquieta e criativa que só dura **16 ANOS**. Isso é a grande descoberta: como a sua carreira foi tão rápida, tão meteórica e como tudo permanece."

Raul morreu em consequência de problemas decorrentes do seu vício com bebidas alcoólicas. Seria uma sina de destruição do rock ou haveria outras razões influindo em seu comportamento? O filme não responde a essa pergunta explicitamente, mas, depois de mergulhar na vida de Raul Seixas, Walter Carvalho tem uma interpretação: "Acho que Raul morreu por amor. Ele teve uma grande paixão, que foi a Edith, a primeira esposa, que ele abandonou no auge do sucesso. E quando a quis de volta, ela não o aceitou mais. E Raul foi privado de ver a filha que teve com essa mulher. Isso o fez mergulhar mais em um fundo boêmio sem volta. Quando se falava dela, ele chorava. Ele tinha muita dor daquilo e passou a se dedicar à boemia de forma mais intensa. Raul compôs a canção” Medo Da Chuva” para a Edith". Encerra o diretor.

FOTÓGRAFO QUE VIROU DIRETOR

O paraibano Walter Carvalho é um dos mais talentosos fotógrafos e diretores do cinema brasileiro na atualidade. Começou trabalhando nos filmes do seu irmão Vladimir Carvalho. Como fotógrafo atuou em Central do Brasil, Chega de saudade, O veneno da madrugada e Abril despedaçado, entre outros. Ganhou mais de 40 prêmios de fotografia em festivais do Brasil e do exterior. Mas ele vem se destacando também como o diretor de Cazuza: o tempo não para, Janela da alma e Budapeste (adaptado a partir do romance de Chico Buarque).

Medo da chuva (Raul Seixas / Paulo Coelho) É pena Que você pensa que eu sou escravo Dizendo que eu sou seu marido E não posso partir Como as pedras imóveis na praia Eu fico ao teu lado sem saber Dos amores que a vida me trouxe E eu não pude viver Eu perdi o meu medo Meu medo, meu medo da chuva Pois a chuva voltando pra terra Traz coisas do ar Aprendi o segredo O segredo, o segredo da vida Vendo as pedras que choram sozinhas No mesmo lugar Eu não posso entender Tanta gente aceitando a mentira De que os sonhos desfazem Aquilo que o padre falou Porque quando eu jurei Meu amor eu traí a mim mesmo Hoje eu sei que ninguém neste mundo é feliz tendo amado uma vez Uma vez

MADE IN BRAZIL, A ESCOLA VOLTADA AO ROCK'N'ROLL DE RAIZ. HÁ 43 ANOS

14 DE NOVEMBRO / 2010 – Domingo. Óculos escuros, camiseta com estampa da Janis Joplin, calças de couro, tatuagens, baixo em formato de estrelá, guitarras Gibson dos **70's** e Fender Telecast, bateria em ritmo de locomotiva, teclados e minissaia.

A Made in Brazil começa o seu show com uma versão alucinante de "Uma Banda Made In Brazil", e em seguida "O Rock De São Paulo" imprime velocidade. E seguem desfilando clássicos. O público de várias idades dança, até os catadores de latinhas pulam igual pipoca, pra cima e pra baixo.

Mais coesa e ensaiada, foi a terceira e melhor apresentação da Made In Brazil no *FERROCK*. Eles são íntimos da casa e se referem à Ceilândia como velhos amigos.



Desconfio que é ali no *FERROCK* que rola realmente o rock de verdade na capital do Planalto.



Oswaldo é eloquente com a plateia. Cobra palmas e participação. Seu carisma contagia a massa, que esquece que amanhã é feriado, e que então todos poderemos levantar mais tarde.

Robertá vái se soltándo... e áos poucos ela faz á plateia ácreditár que a vida dela é mesmo rock'n'roll. A apresentação da Made in Brazil é centrada no público, pois eles fazem questão de ser uma banda popular.

Outros clássicos saem da goela de Oswaldo: "Anjo Da Guarda", "Gasolina", "Paulicéia Desvairada". São versões carregadas de adrenalina, longe do formato no estúdio. À parte, no lado direito do palco, Celso Vecchione e suas mãos e dedos mantêm o ritmo firme. Ele parece um personagem saído da literatura Beat. Já o Fábio Brum é um guitarrista que entende os caminhos do blues e do rock'n'roll.

O seu solo é longo e estridente, em perfeita sintonia com a festa, enquanto a bateria de Rick Vecchione tocá em uníssono com os tecládos rock'n'rollers de Tiago Mineiro.

Próximo ao fim do show, há uma troca de instrumentos entre os músicos. Oswaldo assume a guitarra e seu irmão Celso Vecchione vai para o baixo. E toca o baixo da mesma maneira que a guitarra, pois alcança todas as notas, conforme a sua leitura da música.

HOMENAGENS

No meio do extenso show, Oswaldo Vecchione faz uma homenagem a Ezequiel Neves, o crítico de rock falecido este ano, e dedicá á ele á clássica "Os Bons Tempos Voltaram".

A banda dedica também um balanço a Freddie King, o grande cantor e guitarrista texano de blues, e tocá umá longa versão párá á poucá executádá "Treta De Rua".

O final não poderia ser máis ápoteótico: umá longá versão de "Jáck, O Estripádor", e de "Minha Vids É Rock'n'Roll". O povo feliz, com certezá, ná próximá vez voltár| párá assisti-los. A Made in Brazil faz questão de dizer, e prová com muito ritmo, que ás pessoás que gostám de rock'n'roll são a razão de estarem ali no palco, tocando a sua verve há quase duas horas.

Oswaldo Vecchione, vocal, baixo, guitarra, gaita, maracas; Celso Vecchione, guitarra, baixo; Fábio

Brum, guitarra solo; Rick Vecchione, filho do Oswaldo, bateria; Roberta, de Presidente Prudente, corista de rock; e direto das Gerais Tiago Mineiro, teclados.

2010



4 DE DEZEMBRO

DE GRAÇA

Rock, motos e velhos tempos



Carol Benevolo/Divulgação

Os paulistas do Patrulha do Espaço prometem levar o bom e velho rock para o Gama, na Praça do Cine Itapuã

Entre os anos 1994 e 1995, a história do rock brasiliense e da população do Gama ganhou um capítulo de destaque. Naquela época, as duas primeiras edições do 12 Horas de Rock movimentaram a região administrativa com diversas bandas locais e uma de renome nacional. Um sucesso que, mesmo atingindo cerca de 5 mil pessoas, foi deixado de lado. Hoje, 15 anos depois dos últimos roqueiros subirem ao palco, o festival volta a ser realizado. Para completar, a festa acontece no mesmo ano em que a cidade comemora seu cinquentenário. "Ficamos fora do ar por falta de recursos. Sempre fizemos parcerias pois trata-se de um evento grande e caro. Como a proposta é sempre ter entrada franca ou ingressos baratos, ficava inviável", explica o produtor cultural Geovane Batista.

Dessa vez, serão 10 bandas dividindo as 12 horas de shows. Além do destaque nacional, Patrulha do Espaço (SP), os acordes ficam por conta de Gemmyus, Black Bulldog, Terno Elétrico, Celebration Band, entre outras. A novidade da terceira edição é a parceria inédita com motoclubes do Centro-Oeste. Ao todo, são mais de 10 clubes apoiadores que garantiram presença. "A ideia é tornar o evento em um encontro periódico dos motoqueiros. Hoje não existe nada similar", acrescenta Geovane, que classifica a parceria como certa, já que essas tribos compartilham interesses musicais.

Com 16 trabalhos (entre CDs e LPs) gravados, os paulistas do Patrulha do Espaço prometem levar "o bom e velho rock" na bagagem. O baterista Rolando Castelo Júnior conta que a banda já tocou, neste ano, no Distrito Federal, mas considera interessante a proposta do evento. "Espero que seja uma experiência diferente. Nunca tocamos para um público formado pelos fãs de motociclismo", enfatiza.

O grupo, que também traz Danilo Zanite (guitarra), Paulo Carvalho (baixo), além de Percy Weiss e Marta Benévolo (vocais); não lança um álbum novo desde 2007. Rolando garante que mais tardar, em abril de 2011, um novo disco vem por aí. "O som vai ser o clássico, mas vamos mostrar diferenças em nossas letras. Sentimos que precisamos nos atualizar conforme a carruagem do país anda. Será um disco mais incisivo, como um testemunho da época em que vivemos", explica o baterista.

12 HORAS DE ROCK

Hoje, a partir das 14h, na Praça do Cine Itapuã do Gama. Entrada franca. Não recomendado para menores de 16 anos.

ROCK BRASILEIRO

POR ZÉ BRASIL (APOKALYPSIS)

31 DE JANEIRO / 2011 – É interessante que o Rock Brasileiro, com **MAIS DE 50 ANOS DE VIDA**, ainda seja tratado como uma coisa recente. Sempre houve e sempre haverá música boa e ruim em qualquer gênero. O português introduziu um novo suíngue (swing) dentro do rock anglo-saxão e tem tudo a ver com as raízes do dito cujo pois o rock'n'roll, filho bastardo do blues e do country americano, surgiu na esteira do fox-trot e do boogie-woogie, legítimos sons da era do swing e das grandes orquestras. Então, um idioma sincopado como o nosso, só poderia tornar ainda mais interessante e contagiante essa música que tomou conta do planeta como nenhuma outra tinha feito até então. Desde que comecei a compor minhas canções de rock, **HÁ 40 ANOS ATRÁS**, me deparei com essa particularidade da língua e do ritmo. Acho que o Rock Brasileiro evolui a partir da interação disso e das contribuições que os nossos ritmos, temas, folclore, melodias, harmonias e timbres trouxeram para essa música fascinante e que aceita tudo de todos. Hoje, como um Mad Old School Brazilian Rock'n'Roller, estou começando a dominar esse truque do rock em português, essa nossa forma de expressar o sentimento que motivou toda essa nova maneira de viver e de curtir a vida.



Erasmo Carlos & Companhia Paulista de Rock (Liminha na guitarra, Rubão Sabino no baixo e Dinho Leme na bateria)

Foto: Carlos Hyra.



Erasmo Carlos na Companhia Paulista do Rock

2011

26 MARÇO

VELÓRIO DE CORPO DE LULA CÔRTES SERÁ NA CÂMARA MUNICIPAL

(DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Jaboatão. O corpo do cantor, compositor, poeta e pintor Lula Côrtes deve ser velado na Câmara Municipal de Vereadores de Jaboatão dos Guararapes a partir das 10h deste **SÁBADO**. O local e o horário do enterro ainda estão sendo definidos. O músico faleceu na madrugada deste sábado, cerca de uma hora depois de chegar ao Hospital Barão de Lucena, no bairro do Cordeiro, no Recife.

Lula Côrtes sofria de um câncer que começou na garganta há **CINCO ANOS**, mas se espalhou por outros lugares do corpo. Ele tinha feito quimioterapia, mas de acordo com amigos próximos, continuava bebendo e fumava quase três carteiras de cigarro por dia. No mês de **JANEIRO** ele teve Hepatite C e, em seguida, erisipela, o que o deixou ainda mais fragilizado.

Ainda assim, o músico continuava trabalhando. Os últimos shows foram na semana passada – quinta, sexta e sábado – no Sesc Belenzinho, em São Paulo. Ele e Zé da Flauta fizeram participações especiais no show de Alceu Valença, relembrando a **DÉCADA DE 1970**.



Zé da Flauta?

Na madrugada da terça para a quarta-feira, Côrtes passou mal e foi socorrido para uma UPA em Jaboatão, sendo liberado em seguida. Decidiu então, a convite de uma amiga, continuar o tratamento numa pousada em Maracaípe. "Na última quinta-feira ele teve uma melhora surpreendente, mas na sexta de manhã já amanheceu muito pior. Foi quando entrei em contato com amigos para trazê-lo ao Recife", contou o produtor e amigo, Lulinha. Lula Côrtes deixa seis filhos. O primeiro casamento foi com a cineasta Kátia Mesel.

Carreira – Nascido Luiz Augusto Martins Côrtes, Lula tem seu nome marcado na música popular brasileira por dois discos lançados na primeira metade da década de **1970**, hoje lendas na internet pelo alto preço cobrados pelos vinis. Em **1972**, ele gravou com o hoje cartunista Laílson o LP Satwa, pela Rozemblit. Em **1974**, com Zé Ramalho, finalizou o álbum duplo *PAÊBIRÚ – O CAMINHO DA MONTANHA DO SOL*, mas a gravadora pernambucana, atingida por uma grande enchente, só conseguiu salvar poucas cópias, que se tornaram raridades. Ele ainda produziu e fez o desenho da capa de *NO SUB REINO DOS METAZOÁRIOS* (de Marconi Notaro).

Os três trabalhos chegaram a liderar a lista de discos mais vendidos na categoria World Music quando foram lançados em **2008** nos Estados Unidos por uma gravadora independente, a Time-Lag Records. O relançamento em CD de *PAÊBIRU* no Brasil fazia parte dos planos de Lula Côrtes, que destacou ao Diário: "Na verdade, o disco não é só meu e de Zé Ramalho, é de toda a galera do movimento underground nordestino da época. Na ficha do Paêbirú, aparecem muitos nomes, como Alceu Valença e Geraldo Azevedo", afirmou.

Côrtes ainda lançou os discos *O GOSTO NOVO DA VIDA, ROSA DE SANGUE, A MÍSTICA DO DINHEIRO, O PIRATA, NORDESTE, REPENTE E CANÇÃO* e *LULA CÔRTES & MÁ COMPANHIA*. Somente este último teve distribuição direta em CD. Além de músico, Lula Côrtes lançou obras de prosa e poesia, como o audiobook *O LOBO E A LAGOA* e livros como *HÁBITO AO VÍCIO, RARUCORP, BOM ERA MEU IRMÃO, ELE MORREU, EU NÃO* e *AMOR EM PRETO E BRANCO* e se dedicava atualmente às artes plásticas. Em reconhecimento ao seu trabalho literário, a União Brasileira dos Escritores de Pernambuco (UBE/PE) deu-lhe a carteira de sócio efetivo, retroagindo a ano de admissão a **1972**, quando o multiartista lançou o *LIVRO DAS TRANSFORMAÇÕES*.

Da sua experiência recente como assessor de Cultura da Prefeitura de Jaboatão, Lula extraiu matéria para pintar aquarelas retratando o cotidiano dos habitantes do município, seus aspectos ecológicos, o patrimônio material e imaterial da cidade. Sua meta era chegar a 365 peças. A primeira exposição, com trinta e cinco aquarelas, intitulada *FRAGMENTOS*, foi aberta em **SETEMBRO DO ANO PASSADO**.

•

Caminhos desaguaram em *PAÊBIRÚ*. Pressenti uma ideia e um verso e tive uma visão: as trilhas e o incrível caminho oferecido pelas aquisições. Na verdade dos colecionadores este LP naturalmente chegaria às mãos. No Facebook, na postagem de uma foto da Pedra do Ingá, a referência geográfica que aparece dentro da capa dupla do LP duplo de Lula Côrtes & Zé Ramalho. Aguçou a minha curiosidade. Este disco frequentava a lista do meu imaginário de aquisições. Como desconhecia que era duplo, achava seu preço caro. Recorri às importadoras na internet, recorri a Bilesky Discos e o disco chegou... Uma edição autorizada com a capa e encarte manufaturados no Japão, o vinil prensado na Inglaterra e o selo uma reprodução da edição nacional de **1975**.



"Meu irmão, que lugar louco. Pedra do Ingá-PB. Este local foi simplesmente o local onde Lula Côrtes e Zé Ramalho comporam Paêbiru!". (**EVERALDO MAXIMUS, CONTRABAIXISTA NO TRIO VALDEZ, BANDA DE BRASÍLIA, 15 DE JANEIRO / 2015**)



"Heavy" Mojo

"Legendary out there Brazilian classic" Uncut

"Classic" TimeOut London

SYLVIO PASSOS DESMASCARA O INFAME BLOG COMBÁLIDO ROCK

Ao Blog Combate Rock – Jornal da Tarde (Grupo Estado)

3 DE SETEMBRO / 2011 – *Eu já havia desencanado deste circo, visto que a falta de discernimento e a estupidez imperam por aqui por TODOS que se aventuraram em denegrir Raul Seixas e sua obra. Outro motivo que me fez afastar-me dessa coisa patética foi uma mensagem enviada pelo Sr. Marcelo Moreira ao meu e-mail pessoal me convidando a escrever um texto rebatendo o seu artigo, com o compromisso de publicação na íntegra no Combate Rock. Ficou evidente então que se quer gozar com o pau dos outros, oportunismo escroto com intuito único de chamar atenção pra si mesmo. Ignorei a mensagem e isso deve ter deixado o Sr. Marcelo Moreira e sua equipe frustrados. É claro que eu não iria escrever nenhum artigo, bater palmas para louco dançar. Seria o mesmo que entrar numa igreja evangélica com discurso ateísta. E quando acabar, o maluco sou eu. Fala sério, né?*

Mas, por outro lado, fui informado que o foco e a falta de escrúpulos estavam sendo dirigidos à mim agora, e de maneira grosseira, ofensiva. Daí que volto aqui apenas para convocar tais detratores (se é que não é a mesma pessoa sob epítetos diferentes) para uma conversa olho no olho, não pela Internet. Diante de uma tela e um teclado é muito fácil se falar e fazer o que quiser, mas, isso não isenta ninguém de consequências, inclusive judiciais. Conheço e tenho apreço pela família Mesquita assim como tenho amigos dentro do Grupo Estado (já desenvolvi trabalhos junto a Gravadora e a Rádio Eldorado e também com amigos jornalistas do Estadão e do JT) e a postura do Sr. Marcelo Moreira com relação a minha pessoa, certamente, não seria vista com bons olhos por esses que muito bem me conhecem desde ***1983****. Então, por uma questão de ética e respeito e, principalmente, para evitar danos futuros, solicito que meu nome, assim como toda e qualquer referência a minha pessoa, deixem de ser publicados neste blog, digo, Combate Rock. Visto que o que já foi publicado demonstra uma certa sociopatia por parte de seus autores, inclusive, cabíveis de processo.*

Não sou e nunca fui sósia, clone ou cover de Raul Seixas e muito menos pretendi ou pretendo ser Raul Seixas. Fui, sim, amigo pessoal, parceiro musical e fundador de seu fã-clube oficial. Também produtor de discos e eventos, autor de livros e artigos e consultor. Se, ao invés de ficarem olhando fotos minhas fossem ler um pouco sobre mim, certamente, não escreveriam tantos impropérios e toda sorte de injúrias, difamação e não teriam comportamento infantilista e inadequado.

Para finalizar, convoco os fãs de Raul Seixas a abandonarem completamente este covil, Raul Seixas é muito maior que tudo isso e não há nada que vá mudar sua importância dentro de cenário artístico brasileiro.

Sem mais,

Sylvio Passos

Os fatos prevalecem sobre os documentos.

Manito! O Brasil perde um gênio!

MORRE, AOS 68 ANOS, O MÚSICO MANITO

SEXTA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 2011 – Morreu hoje, aos **68 ANOS**, o músico Antônio Rosas Seixas **(15 DE JUNHO / 1944**), o Manito, que foi saxofonista da banda Os Incríveis e que participou também da fundação do grupo de música instrumental Saxomania junto com o músico João Cuca. Sua participação na banda O Som Nosso De Cada Dia é memorável! Manito sempre foi lembrado por solos inesquecíveis durante a Jovem Guarda, época em que Os Incríveis se firmaram como uma das mais importantes bandas do País. Inspiraram e ainda inspiram muitos jovens com a sua música. Manito tratava desde **2006** de um câncer na laringe, o que o afastou dos shows com o Saxomania devido ao duro tratamento de quimioterapia."O tumor voltou em **2010**", explicou hoje Lucinha, companheira há **13 ANOS** do músico, que morreu em casa nesta tarde. "Em maio, ele foi operado. Mas ele já tinha feito radioterapia e a pele estava afetada, com dificuldade para cicatrizar, e ele tinha problemas hepáticos. Vivemos com empenho para ele se recuperar, tivemos momentos animadores.

No fundo, eu sei que foi uma grande libertação. Ele sempre foi um grande guerreiro. Isso foi uma libertação e está sendo recebido com muita alegria. Já está dando o tom. Com certeza, está em uma luz muito aconchegante e recebendo os últimos momentos das pessoas que o quiseram muito bem." Ele deixa cinco filhos. Três do primeiro casamento, dois do segundo.Lívio Benvenuti Júnior, o Nenê, contrabaixista da banda Os Incríveis, lamentou a morte do amigo. "Ele foi para o outro lado porque estava sofrendo muito. Eu acompanhei toda a trajetória, foi muito difícil para ele. Graças a Deus, ele se foi. É muito chato isso, um grande amigo, perdi um grande cara, é muito difícil. Mas venho chorando faz tempo de vê-lo definhando. Mas, graças a Deus, ele vai lá para cima", disse o músico. Os detalhes do velório e do enterro estão sendo organizados agora pela família."Ele se libertou da matéria, que já estava muito sofrida. E foi apresentar seu show em outras esferas. Deixou muitas coisas boas, engrandeceu a música e trouxe um modo novo de tocar sax, inspirou muita gente. É uma pessoa sempre grandiosa, de muita ética, honestidade. Passou muita alegria para as pessoas. Morreu aos **68 ANOS, 64 ANOS DE MÚSICA**. Começou a tocar aos **4 ANOS** e, aos **5**, já ajudava com as despesas de casa", lembrou Lucinha, muito emocionada. Segundo Alberto Zappia, amigo de Manito, ele havia operado há três meses e não conseguia mais falar e nem comer direito.

O VELÓRIO

Abaixo reproduzo mensagem, que acabo de receber (**10 DE SETEMBRO / 2011**), do amigo Marcel Castro: "Olá Celso, um forte abraço, essa mensagem recebi do meu querido amigo Netinho, parceiro do Manito nos Incríveis. O velorio do Manito será no Cemitério do Araçá na Avenida Dr. Arnaldo em SP a partir de 21:30 hs e o enterro será amanhã as 14:00 hs." Convém lembra que, apesar do velório ser no Cemitério do Araça, Manito será enterrado neste sábado (**10 DE SETEMBRO / 2011**) às 15h no Cemitério Horto Florestal, em São Paulo.

A. C. BARBIERI COMENTA

É lamentável! Uma grande perda! Manito foi um ícone vivo do rock brasileiro! Um gênio que, como de costume não recebeu o respeito merecido! Toma Brasil!!! Perdemos mais uma pérola!

Neste momento tão triste, viajei mentalmente ao passado distante buscando minhas lembranças do querido Manito. Sempre fui um grande fã mas, infelizmente nunca tive a oportunidade de apertar sua mão.

Meu contato mais direto com ele aconteceu em **2010** quando escrevi uma poesia chamada "O Circo Chegou Na Cidade" que denunciava o estado patético das nossas eleições que estavam proximas.

Fiquei surpreso quando, no dia **PRIMEIRO DE ABRIL**, recebi um e-mail de Antonio Sanchez (Manito) que dizia: "Parabéns. Além de você ser Antonio, meu xará, temos o mesmo sentimento. TAMOS AÍ. Manito

Respondi imediatamente: "Oi Manito, só curiosidade, você é mesmo o Manito? O lendário músico multi-instrumentista dos Incríveis, Som Nosso de Cada Dia e muito mais? Se for estendo-lhe, desde já, meu humilde tapete vermelho! Sempre fui seu fã e agora sou mais ainda porque você também é Antonio :–)
Um abraço amigo, A. C. Barbieri."

Manito respondeu: "Oi xará sou eu mesmo o Manito dos Incríveis, Som Nosso e outros e gostei muito do que você falou sobre O Circo e sobre mim. Obrigado, Manito."

Então foi assim, um contato amigo, simples, curto, direto e sem frescuras. Grande Manito!

OS INCRÍVEIS

Conhecia Manito, através dos programas na TV, desde os tempos da Jovem Guarda. Por um bom tempo, no Brasil, sua banda, Os Incríveis, foi o que existiu de mais sofisticado em termos de rock. Ouvi incontáveis vezes a música "Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones". Um verdadeiro hino pacifista contra a guerra do Vietnan.

Seus dotes musicais eram assustadores. Manito não apenas tocava qualquer instrumento que lhe viesse às mãos, mas, sempre os executava excepcionalmente bem. Para mim, o homem era um monstro, um gênio. Sentia que musicalmente ele estava à um milhão de quilômetros de distância, lá no alto, em cima de um pedestal, intocável!

Os Incríveis tiveram seu grande momento de glória, seus músicos viajaram pelo mundo e trouxeram para o Brasil o primeiro sistema de som (PA) realmente profissional. Este grupo foi, por um tempo, uma banda imbatível, inovando o cenário do rock nacional, mas, como tudo que é bom dura pouco, com o tempo a banda acabou e Manito, naturalmente, continuou seguindo seu destino musical.

SOM NOSSO DE CADA DIA

Esta banda, é lendária e seu CD chamado *SNEGS*, lançado em **1974**, deve fazer parte obrigatória da coleção de qualquer roqueiro brasileiro sério.

A primeira vez que assisti um show desta banda lendária foi no começo dos **ANOS 70** num dos festivais ao ar livre que aconteceram no Parque do Ibirapuera. Foram tempos cheios de idealismo, ainda dentro do espírito do *FESTIVAL DE WOODSTOCK* (**1969**). Depois de um intervalo noturno, naquele friozinho da manhã, sentado na grama, na frente do palco, ainda meio sonolento, ser despertado ao som de “O Guarani”, com

Manito nos teclados, detonado aquele som bem brasileiro, fico emocionado e sinto-me como um grande privilegiado de ter participado deste momento histórico indescritível.

Depois deste batismo no Parque do Ibirapuera, a próxima vez que assisti a banda foi na abertura do show de Alice Cooper em **1973**. Fui no show usando uma calça prateada e calçando tamancos. Mas que figura! A apresentação da banda Som Nosso De Cada Dia foi nervosa pois, milhares e milhares de pessoas comprimiam-se na frente do palco. Por pouco não aconteceu uma catástrofe. A banda teve que interromper seu show várias vezes para tentar acalmar e controlar a massa humana. No empurra-empurra fui derrubado no chão, a pressão da massa humana era muito grande e, não conseguia mais me levantar, não havia ar para respirar e pensei que meu fim tinha chegado. De repente, uma garota desconhecida estendeu a mão e ajudou-me a ficar em pé. Naquele momento achei melhor sair com a garota daquele amassa-amassa e leva-la para um cantinho mais romântico. Ficamos juntos todo o resto do show :–)

A próxima e última vez que assisti um show da banda foi, ainda no começo dos **ANOS 70**, como convidado especial na inauguração da Tenda do Calvário no bairro de Pinheiros. Eu recebi um convite especial porque tinha sido um dos ocupantes da Tenda do Calvário que no dia do show de pré estreia para a imprensa (que teria a participação dos Mutantes) fui preso e, passei maus bocados dentro do Departamento de Investigações Criminais (*DEIC*).



Adeus Manito! Sua música o manterá vivo para sempre! **(A. C. BARBIERI)**

RAUL ROCK CLUB



RAUL ROCK CLUB VAI VOLTAR! UMA ENTREVISTA ABERTA COM SYLVIO PASSOS

Raul Rock Club vai voltar!

DO PRÓPRIO BOL$O ENTREVISTA: SYLVIO PASSOS

15 DE SETEMBRO /2011 – Breve introdução ao universo pessoal do nosso amigo e curador Sylvio Passos, um cara querido e que dispensa apresentações pois certamente ao se deparar com a obra de Raul Seixas, seu nome estará nos créditos.

– *Você pode nos revelar algo sobre a amizade entre Raul Seixas e Rogério Duarte?*

Sylvio Passos: Putz!!! Desconheço completamente a amizade de Raul com Rogério Duarte. Não me ocorre nenhuma memória disso.

– *Qual foi o último lançamento de Raul Seixas no mercado? As gravadoras possuem algum projeto?*

Sylvio Passos: Foi o Box *10 MIL ANOS A FRENTE*, pela Universal Music com os discos que Raul gravou por lá de **1973** a **1977**. Mas, nada de novo nesse box. Só reedição mesmo. Por enquanto nenhum projeto está em andamento. Tudo estagnado.

– *Você foi acionado por advogados para saber quanto ganha como consultor?*

Sylvio Passos: Sim. Não por advogados, no plural. Mas, sim, ou 1 advogado, no singular mesmo. ha ha ha ha... Querer saber quanto ganho ou ganhei com o trabalho que desenvolvo à frente do Raul Rock Club é, antes de tudo, uma afronta. Deveriam é procurar saber quando deixei de ganhar e/ou gastei nesses 30 anos. Mas isso é perseguição pessoal, sabe? Milhares de pessoas em todo o Brasil fazem toda sorte de trabalhos envolvendo Raul Seixas e jamais foram questionados sobre nada. Agora basta eu colocar o dedo na janela que chove todo tipo de ameaça e sandices em geral. E quando acabar, o maluco sou eu. Ninguém merece!

– Dentro da memorabilia do Raul Seixas existe algum item que você deseja? Poderia citar alguns itens raros?

Sylvio Passos: O meu acervo pessoal é muito grande, talvez o maior existente sobre Raul Seixas. Evidentemente que existem alguns itens que estão por aí que gostaria que estivessem nesse meu acervo pessoal. Coisas como as 2 guitarras que Raul tinha – uma Gibson 335 vermelha e uma Guild amarela, de **1954**, aquela que está na capa do álbum "A Panela do Diabo". Claro que todo e qualquer material sobre Raul é sempre muito interessante, principalmente os que eram dele mesmo. Há tempos que venho planejando colocar todo meu acervo em uma espécie de Memorial Raul Seixas ou algo similar, mesmo que seja algo privado, para que as novas e futuras gerações possam ter acesso a tudo isso.

– Como é a sua relação com a família de Raul Seixas?

Sylvio Passos: Minha relação com toda a Família Seixas sempre foi muito boa. Nunca tivemos qualquer tipo de problema com eles.

– Qual foi o momento que você percebeu que valeu a pena dedicar-se de corpo e alma ao fã-clube e à memória de Raul Seixas?

Sylvio Passos: Bem, de certa forma, desde **1981**, quando fundei o Raul Rock Club. Mas, com a morte de Raul, em **1989**, esse desejo ficou muito mais intenso.

– Você pirou? Perdeu a mulher? Como foi essa internação?

Sylvio Passos: Sim, tive minha fase de clínicas psiquiátricas, mas foi antes de casar (me casei 3 vezes, hoje estou solteiríssimo). Foi num período "muito doido" da minha vida, sabe? Eu estava envolvido com magia, filosofia, psicologia e, ao mesmo tempo, viajando com Raul pra todo lado, sendo reconhecido na rua. Em meio a tudo isso, meu pai acaba falecendo vítima de alcoolismo aos 49 anos. Como sou o filho mais velho, minha família veio pra cima de mim dizendo que era hora d'eu abandonar tudo e tomar conta da minha mãe, irmão e irmã. Entrei em colapso. Surtei. Daí veio depressão, crise existencial e toda sorte de conflitos interiores. Por fim, perdi a sintonia com o dito mundo real e fiquei quase 3 anos de clínica em clínica até que Raul, vendo que as clínicas públicas nunca iriam me "salvar" (vide filme "Bicho de 7 Cabeças"), resolveu intervir e me internar na famosa Clínica Tobias de onde saí ótimo. Logo depois acabo me casando pela primeira vez e teve gente que achou que eu ainda estava louco justamente por me casar e tentar levar uma vida "normal". ha ha ha ha ha ha

– No dia em que Raul Seixas morreu, onde você estava? Qual foi a última vez que esteve com ele?

Sylvio Passos: Pois é. Como eu havia dito antes. Eu estava no meu primeiro casamento, tentando ser um sujeito normal e fazer tudo igual. Então eu me dividia entre o homem casado, o homem trabalhador convencional (eu trabalhava no Círculo do Livro como supervisor de vendas) e o fundador do Raul Rock Club. Tentava equalizar essas situações e acompanhando Raul fosse em shows e/ou em visitas regulares e ainda planejando largar toda a vida convencional e seguir apenas com o trabalho junto com Raul. Raul tinha planos para edificar a Raul Seixas Produções Artísticas e, evidentemente, Raul já havia me convocado pra eu estar junto com ele nessa. Mas as condições de saúde de Raul foram ficando cada vez mais delicadas e ele acabou falecendo antes mesmo de iniciarmos os trabalhos da Raul Seixas Produções Artísticas.

A última vez que estive com Raul foi alguns dias antes dele falecer, não sei precisar bem quantos dias; talvez 5 dias ou uma semana. Fui visita-lo durante a semana, como era de costume, e ficamos pelo menos 1 hora e meia assistindo vídeos de Elvis sem falar uma única palavra. Como eu tinha horário pra chegar em casa (casamento tem dessas coisas), falei pra ele que tinha que ir, senão a "mulher me bate" se eu chegar muito tarde em casa. Ele levantou-se, me acompanhou até a porta do apartamento e falou para mim: "Sylvícola, essa foi a melhor conversa que tivemos a vida toda." E sumiu atrás daquela porta. Dias depois ele faleceu e eu fiquei sabendo da notícia depois de uma reunião lá no Círculo do Livro, onde eu estava sendo promovido e com todas aquelas promessas de carro, apartamento etc e tal que as empreses oferecem se você cumprir as metas.

– Poderia revelar qual foi o momento mais mágico que você teve com seu ídolo?

SYLVIO PASSOS: Putz! Difícil responder essa pergunta. Acredito que todos os momentos foram mágickos (com CK mesmo), desde a primeira vez que nos falamos por telefone em **1981** até o último contato, que também foi por telefone, em **20 DE AGOSTO DE 1989**, dias depois de minha visita em seu apto, para combinar a vinda dele até em casa para gravarmos o Globo Repórter. Mas, Raul falou que estava de saco cheio de microfones, câmeras e jornalistas. Queria curtir o domingo em casa, tranquilo.

– Quais as parcerias que você levou a cabo com Raul Seixas?

Sylvio Passos: Parcerias? Você diz parcercias musicais, não? Se for isso mesmo, fiz apenas uma música com Raul, em **1984**, Anarkilópolis, a primeira versão de Cowboy Fora da Lei. Eu gostava de escrever poemas, ou algo que se parecia com poesia e Raul, além de extremamente generoso, adorava ensinar, então ele me deu esse privilégio de fazer uma música com ele. Era para a música ter sido lançada no álbum “Metrô Linha 743”, mas, por conta do cronograma da Som Livre para o lançamento do disco, a música acabou ficando fora e inacabada, embora Raul tivesse entrado em estúdio e gravado as bases todas. Anarkilópolis só foi lançada oficialmente em 2003, com direito a videoclipe no Fantástico e lançamento caprichado em CD homônimo onde fiz a seleção de repertório somente com gravações onde figuram nomes importantes da música acompanhando Raul. Em **2004** a Som Livre fez uma edição de luxo comemorativa de **20 ANOS** do lançamento do *METRÔ LINHA 743* e incluiu Anarkilópolis como faixa bônus.

– NO FINAL DOS ANOS 70, você era fã do Led Zeppelin, o que causou essa drástica mudança? Você possuía discos de Raul Seixas?

Sylvio Passos: Pois é, Pazcheco. Eu, como todo adolescente daquela época que gostava de Rock, tinha uma postura radical, metida a besta, ou seja, a gente odiava tudo que era cantado em língua portuguesa, achávamos tudo um lixo. Eu só ouvia o que vinha de fora. Meus ouvidos só queriam saber de Led Zeppelin, King Crimson, Black Sabbath, Deep Purple, Pink Floyd, Frank Zappa, The Who, Cream, Jeff Beck, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Robert Johnson, Bob Dylan, MC5, The Stooges, Ramones, Sex Pistols... e por aí vai. Eu não tinha nada de música produzida no Brasil. Acho que o mais próximo do Brasil que eu tinha era um LP da banda argentina de Rock Progressivo chamada Crucis. Mas, como seria inevitável, a gente vai crescendo, a cabeça vai se abrindo e, de repente, me vejo diante de um vasto a maravilhoso material de Rock Brasileiro, tinha O Terço, Mutantes, Som Nosso De Cada Dia, Made In Brazil, Terreno Baldio, Joelho de Porco, Patrulha do Espaço, Sindicato, Casa Das

Máquinas, O Peso, Rita Lee & Tutti-Frutti e Raul Seixas. Desbundei geral ouvindo tudo isso, mas a identificação com Raul foi mais forte, muito forte, por sinal. Aquelas letras tinham muito a ver com o que eu pensava e até com o que eu escrevia no meu caderno de "poemas". Por coincidência, ou não, Raul estava vindo morar em São Paulo justamente quando estou descobrindo que no Brasil também se fazia Rock and Roll de boa qualidade e me apaixonando por tudo aquilo. Não durou muito tempo pra eu conseguir o telefone da casa do Raul e, na maior cara de pau, ligar pra ele dizendo que estava fundando um fã-clube em sua homenagem.

– É verdade que no MEIO DOS ANOS 70, e ainda no auge Raul Seixas não gostava de fazer apresentações ao vivo?

Sylvio Passos: Raul, segundo ele mesmo, nunca foi muito chegado em fazer shows, muitos shows. Ele gostava mais de estúdio do que do palco.

– Quais foram as mais importantes apresentações ao vivo? Poderia destacar a formação de alguma banda? Com quem ele gostava de tocar?

Sylvio Passos: Acredito que todos os shows que Raul fez, até os que não deram muito certo, foram importantes. Afinal eram apresentações singulares, Raul nunca fazia 2 shows exatamente iguais. Mas as participações em festivais, essas são, realmente, desbundantes. *HOLLYWOOD ROCK*, em **1975** [com Arnaldo Brandão, no baixo; Fredera, na guitarra e Gustavo Schroeter, na batera.

FESTIVAL DE SAQUAREMA, em **1976** [não me lembro da formação, só que a guitarra era com Jay Vaquer].

FESTIVAL DE ÁGUAS CLARAS/IACANGA, em **1981** e **1983** & *REENCONTRO DE ÁGUAS CLARAS*, **1981** [Putz! Varias formações. Lembro de Tony Osanah, na guitarra; Edu Rocha, na bateria; Olmair Raposo, nos teclados; Pedrão, no baixo].

FESTIVAL ROCK CERRADO, **1981** [basicamente o mesmo time do *ÁGUAS CLARAS*], *FESTIVAL MÚSICA NA PRAIA*, **1982** [Oswaldinho Fagnani, no baixo; Tony Osanah, na guitarra; Edu Rocha, na bateria; Olmair Raposo, nos teclados e Metalurgia, nos metais].

Festival de Rock de Juiz de Fora, **1983** [Me lembro de Pedrão, no baixo; Sérgio Porto; percussão; Maestro Miguel Cidras, na arregimentação e Tony Osanah, na guitarra] e o memorável show no Palmeiras, em **1983** com o mesmo time que acompanhou Raul em Juiz der Fora/MG.

– Da fase carioca, a produção do Raul Seixas mereceria uma antologia? Poderia citar algumas parcerias? Ou faixas onde ele toca e canta e acompanha? Qual o papel do Raul Seixas no "Johnny McCartney"?

Sylvio Passos: Você diz sobre a fase em que Raul era apenas compositor e produtor na antiga CBS, hoje Sony Music, né? O Fróes chegou a fazer um projeto para a Sony Music em 3 CDs com quase tudo desse fase, mas os CDs nem chegaram a esquentar muito nas prateleiras e teve que ser recolhido por conta de problemas com espólio de Raul Seixas. Tenho um projeto especifico sobre esse período, mas está engavetado. Já no álbum "Vida & Obra de Johnny McCartney", de Leno Azevedo, Raul foi produtor, parceiro musical e instrumentista no disco. Raul e Leno sempre foram grandes amigos e fizeram esse disco juntos.

– O que Raul Seixas achava do staff da Philips?

Sylvio Passos: Difícil pra eu Sylvio responder isso assim. Mas, naquela época, certamente ele estava realizando o sonho de ser um artista consagrado e figurando entre os nomes mais importantes da dita música popular brasileira.

– Quais as principais publicações sobre Raul Seixas? Qual é indispensável?

Sylvio Passos: Hoje o número de publicações sobre Raul já passa de trinta livros. Eu destacaria alguns trabalhos acadêmicos justamente por serem acadêmicos e os indispensáveis "Raul Seixas Por Ele Mesmo", "Raul Seixas, Uma Antologia" e "O Baú do Raul Revirado".

– Raul Seixas lia muito? Era obcecado por Elvis?

Sylvio Passos: Sim. Raul era um devorador de livros, principalmente de Filosofia e Psicologia, mas lia muito também sobre cinema, política, poesia entre outras coisas. Eu não diria que Raul era obcecado por Elvis, mas é inegável a influência que Elvis e seus contemporâneos tiveram sobre o jovem Raulzito o que acabou refletindo não só em seu trabalho musical, como também em sua vida como um todo.

– Raul Seixas cantou com Jerry Lee Lewis? Existe mesmo o cassete? Quais os principais cassetes que você possui ou sabe que existem?

Sylvio Passos: Bem, eu não posso dizer que sim e nem que não. Apenas ouvi essa e muitas outras histórias contadas pelo próprio Raul envolvendo Dylan, Lennon, Mick Jagger e Dionne Warwick. Mas, isso, para mim, não muda em nada o trabalho de Raul, sabe? Sobre meu acervo, tudo nele é de importância singular. O volume de fitas k7 e rolos 7 1/2, 15 e 3 3/4 IPS é muito grande e todos com gravações inéditas, raras. Shows, estúdio, caseiras, entrevistas... Tenho projetos para lançar tudo isso restaurado com informações detalhadas. Talvez uma série limitada e numerada destinada aos fãs, colecionadores e pesquisadores.

– Politicamente Raul Seixas foi levado a sério pelo regime militar? Ele era paranoico?

Sylvio Passos: Me parece que no debut de sua carreira não deram muita bola, mas, logo após sua explosão em **1973**/74, começaram a espionar Raul com mais seriedade e ele acabou por colecionar algumas histórias desagradáveis daquela época. Paranóico? Hummmm.... acho que não. Talvez atento demais. ha ha ha ha ha...

– Existe algum filme inacabado de Raul Seixas? Quais os filmes que ele participa? Existem fragmentos?

Sylvio Passos: A única informação que tenho é de um roteiro que Raul fez com Jay Vaquer nos Estados Unidos em **1974/75**. Chegaram a rodar algumas cenas, mas o projeto não foi adiante. Esse material todo está nos Estados Unidos com o Jay.

– Além dele qual o melhor intérprete de Raul Seixas?

Sylvio Passos: Nenhum.

– Quais os projetos que estão embargados sobre Raul Seixas?

Sylvio Passos: De certa forma de uns anos para cá ficou muito difícil até se pensar em Raul Seixas. A Vivi Seixas, terceira filha de Raul, está com um CD em homenagem ao

pai parado há 3 anos por conta de desentendimentos entre advogados e ex-mulheres de Raul, o mesmo ocorrendo com relação a biografia de Raul feita pelo jornalista Edmundo Leite. A coisa, digo, os bastidores do reino raulseixisticko, virou uma guerra de vaidades e toda sorte de birras, picuinhas o que acabou fazendo com que gravadoras, editoras e empresas em geral perdessem o interesse em desenvolver qualquer projeto envolvendo o nome, imagem e obra de Raul Seixas, o que é uma pena. Enquanto as partes envolvidas diretamente com a coisa não pararem com as brigas, tudo ficará estagnado, não tem outro jeito. Enquanto isso, eles mesmos que deixam de movimentar suas contas até que, em algum momento isso vai ser inevitável, a fonte estará totalmente seca. Me parece que estão olhando só pro agora, pro imediato. Existem milhares de projetos a serem feitos, todos engavetados, aguardando o fim da guerra e perseguições desmedidas. Lamentável.

– *Sylvio Passos sei que você tem a sua própria carreira e que tem outras ocupações. O quê você anda fazendo atualmente?*

Sylvio Passos: Bem, eu sempre me dediquei integralmente a projetos envolvendo Raul Seixas, mas de uns 4 ou 5 anos pra cá a coisa ficou tão inviável que tive que me reinventar. Como já não posso – e não existem – desenvolver projetos sérios sobre Raul Seixas, estou atuando como músico e compositor e também consultor em outros setores. A coisa não está fácil, e com a minha idade, não dá pra eu voltar pro dito mercado convencional de trabalho. Então tenho que matar um leão a cada dia e seguir sobrevivendo with a little help from my friends. Inclusive gostaria de dizer aqui que duas das filhas de Raul (Simone e Vivian & Kika) me dão algum apoio pra eu segurar minha onda nesses últimos 4 anos. Daí que estou reativando o site do Raul Rock Club para que se possa pelo menos ter uma fonte confiável de informações sobre Raul Seixas na Internet.

– *Qual o sonho de seu grande projeto?*

Sylvio Passos: São muitos. Pessoais e profissionais. Mas, o que seria compartilhado com todo mundo, é o Memorial Raul Seixas ou algo similar, onde pretendo concentrar tudo que consegui juntar nesses últimos 30 anos, todo meu acervo pessoal de itens ligados a vida e obra de Raul Seixas. De um jeito ou de outro isso vai acabar virando realidade, nem que seja numa salinha no fundo de algum quintal desse Brasilzão. Pode ter certeza.

PATRULHA DO ESPAÇO ILUMINANDO OS CÉUS DE BRASÍLIA

Patrulha Do Espaço faz dois shows e comemora 34 ANOS em Brasília

America Rock Club - Taguatinga, **DOMINGO 18 DE SETEMBRO DE 2011**

Participação: Stoner Babe & Vassoura Elétrica

Neste show, Danilo Zanite (guitarra Les Paul e voz), Marta Benévolo (voz) e Marcelo Ponce (baixo), além do original Rolando Castello Jr. (bateria).

SET LIST

01. Deus Devorador, 02. Olho Animal, 03. Festa do Rock, 04. Arrepiado, 05. OVNIS, 06. Cão Vadio, 07. Depois das Onze, 08. São Paulo City, 09. Meus 26 anos e 10. Columbia

Cult 22 - **SEXTA-FEIRA**, dia **23 DE SETEMBRO DE 2011**, a partir da meia-noite e meia até amanhecer

Abertura: o quinteto pós-punk Mary Stuart (DF), lançando o CD "Television Please"

SET LIST

01. Deus Devorador, 02. Olho Animal, 03. OVNIS, 04. Festa do Rock, 05. Arrepiado, 06. Vou rolar, 07. Bomba, 08. Cão Vadio, 09. São Paulo City, 10. Depois das Onze, 11. Rolando Rock, 12. Aeroblus. 13. Não tenha Medo (não foi executada), 14. Meus 26 anos e 15. Columbia - No encore foram executadas Robot e a culminante Aeroblus encerrou mais esta noitada execelente sob os céus de Brasília.

FILMANDO A BANDA, PATRULHA DO ESPAÇO MINHA OBSESSÃO?

por Mário Pazcheco

Me retirei de uma aposentadoria auto-imposta e me colocaram à mão, câmeras digitais com recursos que não existiam nas analógicas. Por fim, conseguimos torres de iluminação e fitas e baterias novas que duravam horas. Através de um senso único de organização consegui envolver roadies, fotógrafos, jornalistas, divulgadores e fãs, a parte emocional mais forte dos eventos relacionados à música.

E num domingo fomos a Taguatinga, estávamos no meio de amigos esperando pela entrada sempre apocalíptica da Patrulha Do Espaço e acendemos as nossas luzes que se juntaram às luzes coloridas da casa formando uma teia iluminada. Estávamos com saudades da banda e não perderíamos a oportunidade de somar o audiovisual com o som da banda (dentro do possível, fui fazendo o personagem de cameraman sedento por imagens e me senti livre e seguro para rodopiar com a câmera numa viagem particular).

Filmamos dois shows (Taguatinga e Lago Norte) no show no Cult22 o palco era menor e novamente incomodamos os músicos ligando desta feita apenas uma luz e foi um trabalho estático e compenetrado sem extravagâncias, musicalmente a performance da banda foi muito superior a de Taguatinga e os vocais estavam mais claros; a banda segura e eu inseguro. Mas foi uma noite relaxante onde bebemos, conversamos e filmamos com os olhos iluminados.

Estávamos captando imagens para um documentário, não da Patrulha Do Espaço e sim de Rolando Castello Jr.! E o resultado era divertido apesar do estresse acompanhar as etapas anteriores.

Não tire o olho da câmera. O olho livremente faz o roteiro e o zoom nos aproxima sem tocar ou ter contato com a banda, oferecendo um domínio da situação e de possibilidades criativas bem pessoais. É claro que o resultado pode ser genial ou tremido...

Será um rockdocumentário ao vivo entrecortado por fotos e palavras e imagens de arquivo nada inédito ou essencial apenas um testemunho do convívio dos fãs com seu ídolo. Viajei?

Sérgio Neves – equipamento
Sandro Alves Silveira - aglutinador e câmera um
Lya Lilith – divulgadora
Tiago Rabelo - suporte técnico
Reginaldo - roadie



Nesta foto panorâmica de Lya Lilith revela som, luzes e câmeras (eu estou à esquerda e Sandro na frente do bumbo)

AOS FÃS...

A atual formação grava o novo CD *QUIMERA* que conta com Marta Benévolo (voz) e Paulo Carvalho (baixo), Rolando Castello Jr. (bateria) e Danilo Zanite (guitarra Les Paul e voz).

Se a banda no último dia **17 DE SETEMBRO COMPLETOU 34 ANOS DE SUA ESTREIA** nos palcos; seu atual guitarrista, Danilo Zanite, há **DOIS ANOS** de banda, possui **33 ANOS**, um ano a menos do que a história da banda.

Dos **14 DIAS DO MÊS DE AGOSTO** que Rolando Castello Júnior passou na Argentina, somente dois dias foram de descanso, nos outros 12 dias, ele estava tocando!

A atual turnê da Patrulha do Espaço, *TOUR BASE ROCK 2011* chegou ao fim com este show no Cult22. Foram 17 shows passando por cinco estados: São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Distitro Federal.

O QUE ROLOU NO FACEBOOK

"Patrulha Do Espaço Rock sem limites - de parabéns a casa Cult22 pela hospitalidade e liberdade, o show nos transmitiu uma intensa sensação de loucura e adrenalina. Sai na noite de ontem e cheguei hoje. Gostaria de agradecer às fãs da banda (Lya Lilith, Cristiane Pinheiro e Ana Lucena), a Tiago Rabelo pelo suporte técnico ao baterista, a Reginaldo pelo leme do carro, a Sandro Alves Silveira pela cooperação nos nossos projetos e a todos que curtiram mais de uma hora de puro rock and roll. Uma noite memorável numa apresentação que não deve nada ao passado da banda. E não esquecendo meu mano, Marssal Leones que apareceu para dar um abraço no capitão Júnior - e os furões que vão a PQP"! (**MÁRIO PAZCHECO**)

"Show inesquecível ontem do Patrulha do Espaço, com Lya Lilith e Cristiane Pinheiro, essa banda que foi fundada pelo Arnaldo Baptista quando Os Mutantes acabaram. O mais legal foi depois do show sentar com os integrantes da banda, reencontrar a Marta (vocal da banda) e conversar sobre coisas que eu amo, como o documentário *LOKI* sobre a vida do Arnaldo, sobre os álbuns dos Mutantes, Casa Das Máquinas, e cantar todo mundo junto "o meu cabelo é verde e amarelo, violeta e transparente, a minha caspa é de purpurina..." Pirei! Simplesmente um dos shows mais lindos que eu já vi na minha vida. Que noite..." (**ANA LUCENA**)

"Noite memorável! Com presença de um público especial, com uma atuação memorável da Patrulha Do Espaço...atuação soberba do Paulão, Marta Benevolo, Danilo Corrêa Zanite e Rolando Castello Junior dando mais uma de suas aulas na bateria e no ...comando da nave....Adorei a presença mais do que especial do Mário Pazcheco, do Reginaldo e de todos os outros cúmplices de uma festa de ROCK de verdade....beijos e mais beijos e mais beijos e mais...muito mais...pra minha Tranquillini Miriam que esteve ao meu lado me dando alegria e prazer de dividir os meus bons momentos no Cult22". (**TIAGO RABELO**).

MORRE THILDO GAMA, UM DOS PRIMEIROS PARCEIROS DE RAUL SEIXAS

PUBLICADO POR MEGAPHONE

8 DE DEZEMBRO / 2011 – Morreu na última **QUARTA-FEIRA (07/12)**, em um hospital de Salvador, o multiinstrumentista baiano Thildo Gama, **66**, parceiro de Raul Seixas nos grupos Relâmpagos do Rock e The Panthers (posteriormente, Os Panteras).

A morte aconteceu em decorrência de um câncer no cérebro, do qual Thildo se tratava há algum tempo. No ano passado, o músico chegou a sofrer vários pequenos derrames. O enterro do músico está previsto para as 16h30 desta **QUINTA-FEIRA (08)**, no cemitério Bosque da Paz, em Salvador.

A triste notícia da morte de Thildo foi divulgada por Sylvio Passos, presidente do Raul Rock Club – fã clube oficial de Raul Seixas, e amigo pessoal tanto de Raul quanto de Thildo Gama. “Ele estará no céu”, disse Sylvio.

A última vez em que se apresentou foi na *VIRADA CULTURAL* de **2009**, em São Paulo, junto com os demais Panteras, no palco ‘Toca Raul!’. Na Internet, sua filha Claudia Gama publicou um vídeo em homenagem ao pai, mostrando uma de suas últimas paixões: a arte circense. Nos últimos anos Thildo fazia curso de teatro, e chegou a criar um personagem, o ‘Zig Zig’. Dizia que agora era um “palhaço diplomado”.

O cantor Edy Star (parceiro de Raul em ‘Sociedade da Grã-Ordem Kavernista’ também se manifestou pela Internet, em seu perfil no Facebook. “Era um grande amigo e eu sempre o visitava no hospital, tentando levantar seu ânimo”, disse Edy, completando. “Vau Thildo, faz um som com Raul”.



Edy Star com Thildo no hospital, em Salvador: uma das últimas fotos
(REPRODUÇÃO)

Thildo foi amigo de infância de Raulzito e um de seus primeiros músicos. Ao longo dos anos acabou se tornando uma espécie de ‘portavoz’ das memórias do “Maluco-Beleza”. Fundou, inclusive, o ‘Raul Seixas Forever Fã-Clube’. Em **1992** gravou um disco independente e hoje raro, chamado ‘Conexão Raul Seixas’. Nos últimos anos, desempenhava a função de Auditor Fiscal na Secretaria Estadual da Fazenda da Bahia.





O *O palhaço Thildo*

O álbum Conexão Raul Seixas

Em **1967**, depois de sair d’Os Panteras, lançou o compacto ‘Thildo Gama com Os Terríveis’, numa pegada Surf Rock. O lado A do disco trazia a faixa ‘Bonequeinha’, versão de Waldir Serrão – outro amigo e parceiro de Raul no Relâmpagos do Rock – para a música ‘Pretty Woman’, de Roy Orbinson. No lado B, ‘Você é Inspiração’, composição própria ao lado de Jeff Cezar.

Thildo Gama e Raul Seixas se conheceram em **1959**. Em uma de suas entrevistas, Gama lembrou dessa época. “O que mais lembro de Raul era ele matando aula e chegando na minha casa, quase todos os dias, às sete da manhã. A gente tinha a mesma idade, mas eu já tocava na noite, dormia muito tarde. Acordava com ele, ao lado da minha cama, com um violão cantando os rocks dos discos importados que conseguia com os americanos”, contou. Raul Seixas morava ao lado do Consulado dos EUA em Salvador.

Além de Raul Seixas, Thildo trabalhou também com outros nomes da MPB, como Elis Regina, Roberto Carlos e diversos expoentes da Jovem Guarda. Em **1970** teve as bandas Thildo e Seus Bossas e Os Jovens. Escreveu ainda dos livros sobre o amigo: *RAUL SEIXAS – A TRAJETÓRIA DE UM ÍDOLO*, lançado em **1995**, e *RAUL SEIXAS – ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS*, lançado em **1997**, ambos pela Pen Editora.

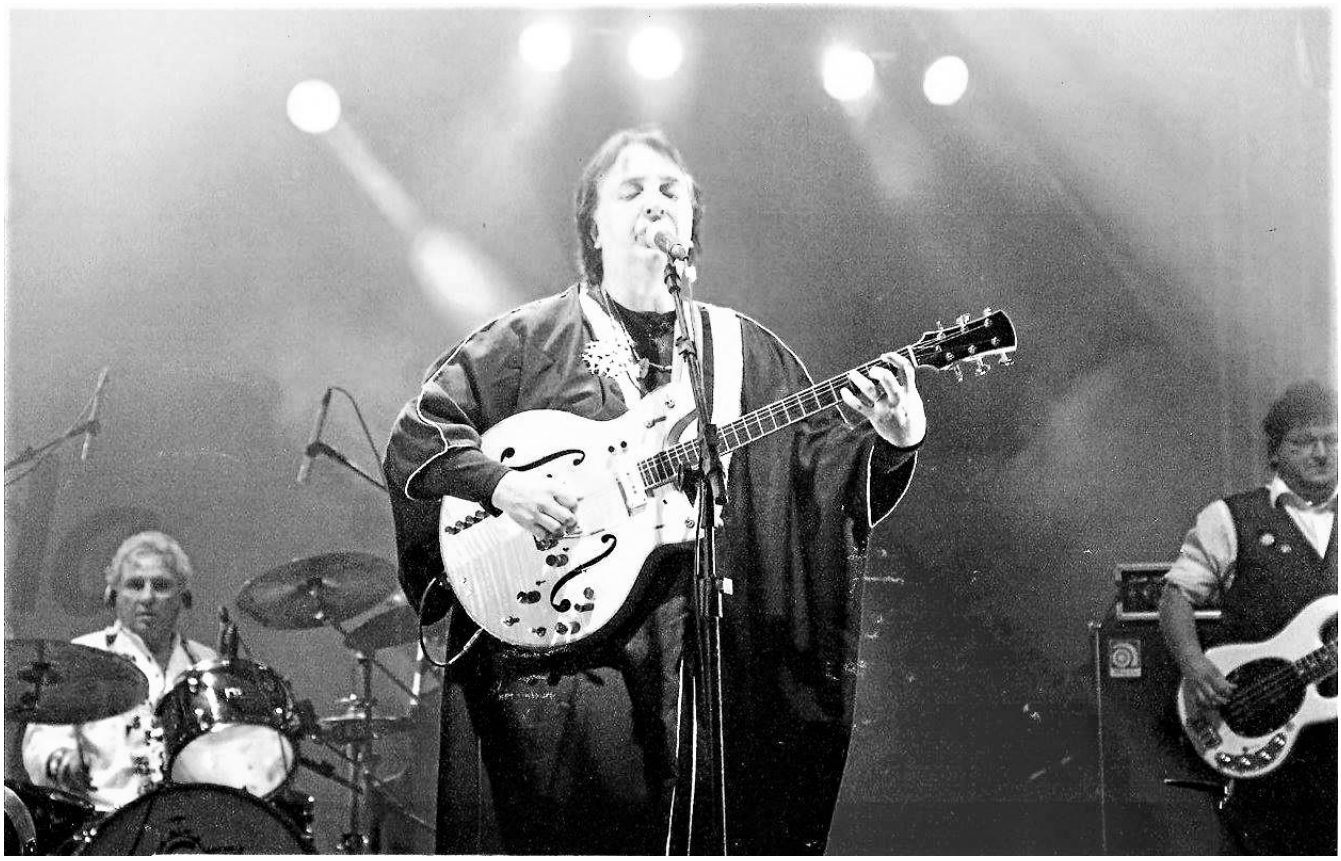
REDAÇÃO MEGAPHONE / FP



Délcio Gama (irmão de Thildo), Raul Seixas e Thildo Gama, na época do ‘Relâmpagos’ (DIVULGAÇÃO/RRC)



Relâmpagos do Rock: Écio , Thildo Gama e Raul



2011

10 DE DEZEMBRO

2012

3 DE FEVEREIRO

RELEMBRANDO O ÁLBUM ARNALDO "LOKI?" BAPTISTA!



O LP Arnaldo 'LOKI?' Baptista autografado, da coleção da A. C. Barbieri

ARNALDO BAPTISTA - LOKI?

POR RUBENS LEME DA COSTA (MOFO)

Ele é certamente o artista mais subestimado de toda a história pop brasileira. Músico brilhante, arranjador, letrista, usina inesgotável de ideias, Arnaldo foi o grande líder dos Mutantes, a banda brasileira mais admirada no exterior e que hoje é vítima de um culto que beira o insuportável. Porém, poucos conhecem ou falam da carreira errática de Arnaldo Baptista. Talvez porque ele tenha enlouquecido verdadeiramente, graças às drogas e às suas ideias nem sempre compreendidas pelos outros (e até por ele mesmo). Mas Arnaldo, em uma vida cheia de acidentes (e alguns quase fatais), compôs uma das mais belas obras inspiradas na dor, nos delírios e nas imagens particularíssimas de alguém como ele. *LOKI?* É mais do que um disco estranho e até assustador. É a grande obra-prima de um gênio e certamente o mais importante e brilhante (ainda que ninguém concorde comigo) disco do rock nacional.

Até onde pode ir um artista sofrendo de uma imensa dor, depressão e com graves problemas com as drogas? Terá alguma importância uma obra registrada nesse estado psicológico ou será apenas um registro "curioso" de uma pessoa destruída e com tantos medos? E, será que, passados muitos anos, essa obra ainda terá alguma

relevância? É nesse contexto que *LOKI?*, deve ser analisado. E a resposta, simples e direta, é uma só: sim, tem uma grande relevância e está longe de ser algo feito por alguém que já estava "doidão", para usar uma gíria da época.

O final dos Mutantes marca um período extremamente doloroso para Arnaldo Baptista. O líder dos Mutantes rompia um casamento com Rita Lee, e mergulhava em uma viagem de depressões, paranóia e incertezas. E Arnaldo era ainda muito jovem para poder lidar com tantas coisas.

Nascido no dia **6 DE JULHO DE 1948**, o músico tinha pouco mais de 25 anos quando deu adeus aos Mutantes, trio (e depois quinteto) que havia sido a extensão de sua personalidade

Após ter gravado o disco *OAEOZ* com os Mutantes, em **1973**, e que só foi lançado **QUASE 20 ANOS DEPOIS**, Arnaldo vivia amargurado. O disco registrava uma guinada ao rock progressivo e os Mutantes já eram um quarteto (além de Arnaldo, estavam seu irmão Sérgio, o baixista Liminha e o baterista Dinho), mas já sem Rita Lee.

Rita e Arnaldo, aliás, já estavam se separando, o que serviu para aumentar ainda mais seu desespero. Ele já era um mito do rock brasileiro, e um mito com enormes problemas; incluindo falta de dinheiro, drogas e várias brigas. E era esse Arnaldo que resolveu romper com tudo e quis registrar um dos discos mais emblemáticos não apenas do rock nacional, como também de toda a história da música.

Arnaldo havia feito algumas canções e resolveu que era hora de registrá-las. Primeiro, tentou falar com o presidente da Philips, André Midani, mas acabou mesmo convencendo o produtor da casa, Roberto Menescal, que junto com Mazola, topou a empreitada, intrigados com o que tinham ouvido.

Arnaldo resolveu então chamar seus velhos companheiros - o baixista Liminha, o baterista Dinho, a própria Rita Lee e o maestro Rogério Duprat. O que ninguém podeira imaginar era o resultado final...

Gravado no estúdio Eldorado e registrado em 16 canais, *LOKI?* marca, entre outras, coisas pela ausência de guitarra (exceção feita à faixa final, "É Fácil", com um violão de 12 cordas, tocado pelo próprio Arnaldo), a exuberância do piano de Arnaldo e por letras extremamente pessoais e, em certos momentos, embaraçosas.

Arnaldo queria gravar o disco com uma grande urgência, urgência essa que só encontrou paralelo no álbum Plastic Ono Band, de John Lennon, de **1971**. Com a "cozinha" dos Mutantes, Arnaldo ia gravando rapidamente, com grande sofreguidão e arranjando confusão com os dois músicos, por ser recusar a refazer algumas faixas.

Arnaldo mostrava um eclestimo impressionante, mesclando o glam rock, o boogie-woogie, o rock and roll, o progressivo, com os arranjos de Duprat, resultando numa mistura até hoje inigualável.

O disco abre com "Será Que Eu Vou Virar Bolor?", com Arnaldo tocando no melhor estilo dos **ANOS 50** - Jerry Lee Lewis, Little Richard - e misturando Alice Cooper, *NASA* e o medo de ser esquecido em um texto permeado de humor e medo. A segunda faixa, "Uma Pessoa Só", traz um belo arranjo de cordas de Duprat e um dos versos mais bonitos já escritos na música: "Estamos numa boa pescando pessoas no mar / Aqui / Numa pessoa Só".

O disco continua com "Não Estou Nem Aí", tem Rita Lee nos vocais de apoio e é um tantinho auto-biográfica - "Ontem me disseram que um dia eu vou morrer/Mas até lá eu não vou me esconder/Porque eu não estou nem aí pra morte/Não estou nem aí pra sorte/Eu quero mais é decolar toda manhã."

A quarta faixa, "Vou Me Afundar Na Lingerie", é um dos grandes momentos de sua carreira, com uma letra muito bem humorada, com gírias da época. "Honky Tonky" é uma faixa instrumental, onde Arnaldo passeia por vários estilos no piano.

"Ce Tá Pensando Que Sou Loki?", abre com um arranjo que remete ao disco de Tom Jobim com Frank Sinatra (Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim, com orquestrações de Claus Ogerman) - com um arranjo meio bossa-nova, meio samba, e com várias referências na letra sobre suas viagens com as drogas, seu passado e, claro, Rita Lee, especialmente quando se refere à cilibrina. Isso, porque Rita Lee montou com Lúcia Turnbull, o duo Cilibrinas do Éden.

"Desculpe" é uma das baladas mais corta-pulsos da história, de assustar um Iggy Pop ou Ian Curtis: "Desculpe / Se eu fiz você chorar / Te esqueça / Olhe, o Sol chegou / Diga-me o meu nome / Diga-me que você me quer / Sinta o pulso de todos os tempos / Comigo/Até quando, eu não sei / Mas desculpe / Mas eu vou me fechar / Não sou perfeito / Nem mesmo você é / Me abrace, diga-me o meu nome / Diga-me que você me quer / Sinta o pulso de todos os tempos / Comigo, até quando não sei / Sinta o barato de ser ser humano / Comigo / Até quando Deus quiser."
Recado à Rita Lee? Provavelmente...

"Navegar de Novo" é um dos primeiros ataques à sociedade de consumo que se criava no Brasil, criticando a superficialidade das pessoas e fazendo um olhar esperançoso ao Brasil do futuro. "Te Amo Podes Crer" mais parece um outro recado à ex-parceira. O disco fecha com "É Fácil", a única com violão e com a letra "Eu me amo / Como eu amo você / É fácil", em rápidos 1 minuto e 55 segundos.

O disco mostra um Arnaldo Baptista tentando erradicar e entender seus demônios. Logo após o lançamento, Arnaldo sofreria uma de suas primeiras internações, por causa da violência, potencializada pelas drogas.

Sérgio Dias, irmão de Arnaldo, conta que Arnaldo odiou o título do disco, então imposto pela gravadora, assim como a capa feita, totalmente longe do contexto sonhado por ele. O trabalho teve uma vendagem pífia, aumentando ainda mais sua dor.

Em uma entrevista histórica concedida à jornalista Ana Maria Bahiana e publicada no jornal *O GLOBO*, no dia **28 DE ABRIL / 1978**, Arnaldo faz um grande desabafo. Confira alguns momentos:

Sobre música: "Rock eu gosto porque é meu sangue. É minha vida, desde que nasci."

Sobre Rita Lee: "Quando eu ouvia a Rita, gostava. Não ouço nem vejo a Rita há muito tempo. Me faz muito mal. Más vibrações. Para baixo. Marta não deixa porque me faz mal. Os Mutantes do Sérgio eu operei som para eles, uma vez. O Sérgio vem tocar aqui com a gente no domingo, dar uma força."

Sobre os Mutantes: "Era bom. Não, não tenho saudades. A agressividade, naquele tempo, era quase nula."

Sobre os anos pós-*LOKI?* até o então atual momento, como Arnaldo & Patrulha do Espaço: "Passei quatro anos num ostracismo. Não tinha ninguém, mulher nenhuma. Ninguém me queria. Não tinha amor. Aí me internaram, porque parece que fiquei uma pessoa violenta. E eu não quero ser uma pessoa violenta. Diziam que eu era. Me internaram. Agora estou bem. Cortei as drogas. Tenho um psiquiatra. Tomo uns remédios. Estou bem. Logo que saí de ser internado eu comecei a fazer esse grupo, a Space Patrol. Ia chamar assim, mas por razões de... evolução... não... Chama Patrulha do Espaço. Estamos trabalhando há um ano. É um bom trabalho. Eu trabalho muito. Não sou violento. A bateria é. O piano não consegue, por causa da amplificação."

Em um dos momentos mais lindos do texto, Ana Maria relata: "Subitamente pede licença, vai correndo ao palco cuidar, pessoalmente, das ligações elétricas de seu teclado Hohner. Se é possível ter certeza de algo, de coisa sei: ele não está brincando de pirado. Todo seu corpo, todo seu rosto está empenhado numa batalha surda e intensa, digna, que não tem nada a ver com as possíveis fantasias de sua ex ou atual platéia. Agachado atrás dos amplificadores, metodicamente checando fios e plugs, sobrancelhas cerradas, ele não parece um herói: está lutando por sua vida. Com todas as forças."

É por tudo isso, que *LOKI?* é (em minha modesta opinião), o mais belo registro feito no Brasil. Passado mais de **30 ANOS** (ele foi lançado em **1974**), ele se mostra assustadoramente atual, apesar de alguns erros técnicos. Talvez Arnaldo quisesse mostrar nos erros técnicos os erros pessoais, ou talvez não tivesse mais cabeça em mexer em algo que lhe tinha sido tão caro. Sua vida seguiria num limbo, até o mal explicado acidente do hospital psiquiátrico, em **1981**, quando se jogou do terceiro andar e ficou um tempo em coma. Para alguns, uma tentativa de suicídio. Para Arnaldo, apenas uma maneira de tentar fugir daquele horrível lugar.

Arnaldo hoje vive em Minas Gerais, tendo lançado um novo disco em **2004**, *LET IT BED* e possui hoje até um site pessoal.

Deixo vocês com a discografia pós-Mutantes.

Discografia

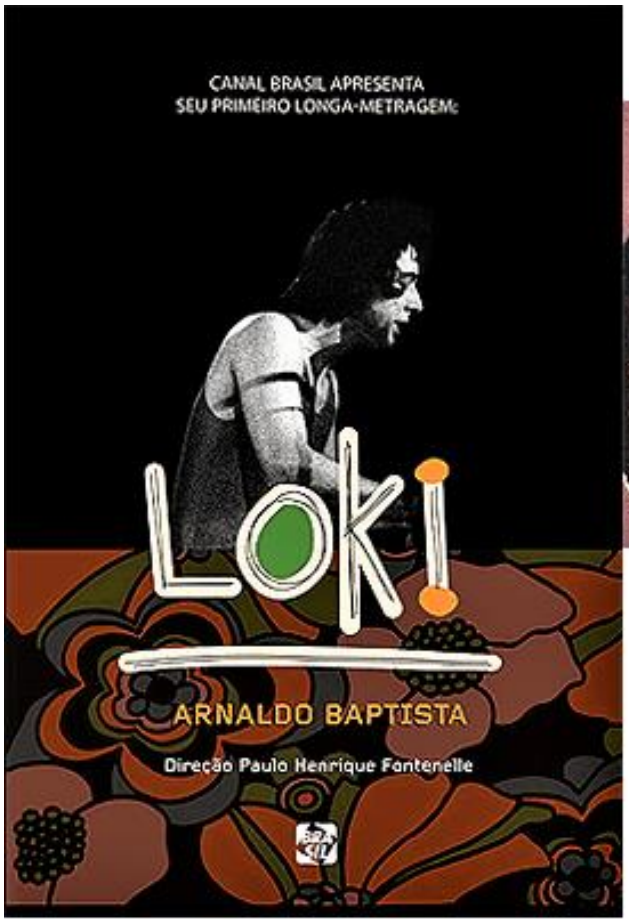
Solo

Loki? (**1974**)
Singin' Alone (**1981**)
Disco Voador (**1987**)
Let It Bed (**2004**)

Arnaldo e a Patrulha do Espaço

Elo Perdido (**1977**)?
Faremos uma noitada excelente... (**1978**)

Rubens Leme da Costa é o editor do "Mofo".





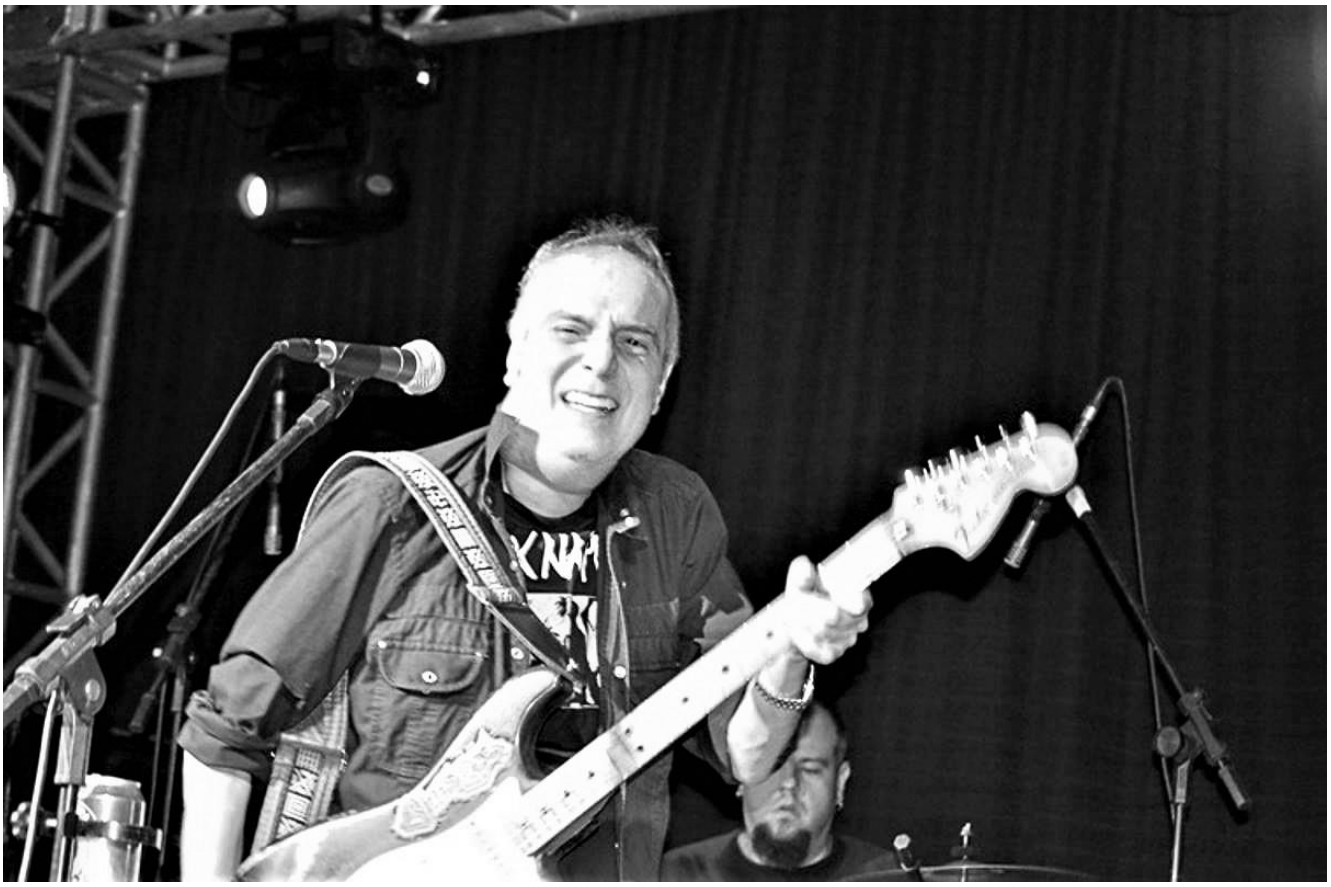
Capa do documentário sobre a vida do Arnaldo Baptista produzido pelo Canal Brasil baseado numa foto rara de A. C. Barbieri tirada no Palácio das Convenções do Anhembi em SP.

Arnaldo e A. C. Barbieri no Teatro Augusta em SP. Foto Lido Valente

A. C. BARBIERI COMENTA

Aparentemente Arnaldo odeia a capa deste álbum. No entanto, sempre gostei e achei-a muito apropriada e até profética. Na foto desta capa Arnaldo aparece bem saudável e no pique da sua beleza física. O nome *LOKI?*, na capa inserido dentro do nome do Arnaldo e com uma interrogação parecendo questionar a sanidade mental do artista. Sua genialidade poético musical beirava o insano e o nome como disse foi profético e certamente não foi intencional por parte do pessoal da gravadora que, não tinha bola de cristal para imaginar o que estaria reservado mais para a frente no futuro do Arnaldo.

Importante: Aqui neste site você poderá ouvir gravações raríssimas exclusivas. Temos o último show completo do Arnaldo realizado no Tuca poucos meses antes do quase fatal "acidente" ocorrido no hospital em que ficou internado depois de uma crise nervosa. Também temos o que chamo de Elo Completo pois, tudo indica, o CD *ELO PERDIDO* era apenas o Lado A do álbum. Kokinho o ex baixista do Arnaldo e a Patrulha do Espaço tinha uma fita com o Lado A e o A. C. Barbieri aqui tinha o Lado B do álbum! Nós nos encontramos aqui em Londres e portanto...vocês sairam ganhando!



2012

ÁGUAS LAMACENTAS DE MARÇO PARA CELSO BLUES BOY

por Mário Pazcheco

Teatro da Administração do Guará 2

Cobertura fotográfica Luíza Meneses

23 DE MARÇO / 2012 – É redudante escrever que são os guitarristas de blues que sabem do riscado e do bordado e de quanto tempo leva-se para ser um mestre. Certo que Celso Blues Boy sempre foi um talento precoce da guitarra.

As águas ébrias e lamacentas nunca o abandonaram... Celso Blues Boy, naufrágo na noite guaraense segura sua latinha de "Antarctica" e a fender vascaína.

Próximo do Guará, ainda em **1986** no Circus Show no Park Shopping foi que Celso Blues Boy subiu ao palco para deleite do público. Denis (Tellah) operava a mesa de som e Celso Blues Boy tirava um rio de notas bluesy que amenizaram a seca de blues que atravessava o Planalto Central.

Desde então, Celso Blues Boy mantém sua entrada no palco como uma marca registrada. Sua apresentação é arrebatadora pela entrega e compartilhamento de um repertório marcado por situações que o público entende.

Às vezes Celso Blues Boy blasfema pela tímida recepção da plateia.

A PLATEIA

É uma parte importante do show do artista. Lá estão velhos anjos do asfalto e suas motocicletas, guitarristas da cidade, tatuadores que nunca perdem suas apresentações, mulheres de pés descalços balançando-se ao som do blues: uma perdição!

As novas gerações por desinformação descartam uma ótima oportunidade de presenciar uma aula inesquecível de ritmo, feeling e palhetadas que trazem à tona a imagem de outros herois da guitarra do blues internacional e do rock nacional.

Na guitarra fender de Celso Blues Boy passam as cores e os timbres que conhecemos desde B. B. King até o toque elegante de Robert Cray num repertório de hits composto pelo guitarrista: Marginal, Damas da Noite, Tempos Difíceis, Fumando na Escuridão, Sempre Brilhará e a recente Por um monte de cervejas.

A perícia guitarrística de Celso Blues Boy é impágavel. Basta ficar atento a toda a região da guitarra e aprender que o som saí dalí, daquela aréa e quais os dedos a serem usados. E quais os macetes usados para revigorar uma composição e dar um ritmo novo dentro da música.

Sua apresentação ainda é jovial, atuando nos dois lados do palco espalhando energia e dinamismo até o final.

Careta! É parte da plateia que fala alto e bebe cerveja sem parar mas eles vão cansando e a guitarra vai aumentando.

A BANDA QUE ACOMPANHOU CELSO BLUES BOY

É o guitarrista Celso Blues Boy mais um quarteto jovem: um rápido guitarrista faz a base lírica na Gibson e apoio nos vocais; um vigoroso baterista jovem que canta muito e sabe demonstrar que a bateria não precisa ser monótona e relegada ao segundo plano; um gaitista que durante alguns números duelou com Celso Blues Boy sentando no banquinho (as partes mais bluesys); no contrabaixo, Celso Blues Boy encontrou segurança e se entendia fraternalmente com o baixista e o gaitista. Sua banda demonstra união coesão e felicidade e claro que terminaram a apresentação com Aumenta que isso aí é rock'n'roll!

Celso Blues Boy é quase um cidadão guaraense honorário. Há anos desde os tempos da Brazilian Blues Band que Celso Blues Boy singra pelos rumos do CONSEI, no Quiosque do Sinval, que de vez em quando manda umas latinhas para suas apresentações.

O guitarrista atualmente enfrenta problemas com uma glândula inflamada na altura do pescoço. Seu tratamento não dispensa cerveja cigarro e rock'n'roll!

ENTREVISTA: TONINHO BUDA, MÚSICO QUE PARTICIPOU DO DOCUMENTÁRIO 'RAUL – O INÍCIO, O FIM E O MEIO'

POR BRUNO CALIXTO

18 DE ABRIL / 2012 – Lamentando que muitos jovens pensem que, para ser fã do Raul Seixas, é preciso estar sempre com um copo de bebida na mão e embriagado de qualquer porcaria, o músico local Toninho Buda tem o seu próprio conceito sobre a metamorfose ambulante do rock. O Raul, ao jeito dele, desprezou profundamente o aspecto escravagista e dominador da nossa sociedade, que faz com que todas as pessoas se transformem em meros consumidores, destacou Buda, durante bate–papo com a Tribuna. Ele falou sobre sua participação no documentário Raul – O início, o fim e o meio, em cartaz pela terceira semana em Juiz de Fora, e as idiossincrasias que o mantinham ligado ao ídolo da contracultura.

TRIBUNA DE MINAS – *Quanto à discussão no Facebook sobre a polêmica participação de Paulo Coelho no filme, o que pensa sobre? Houve um racha na amizade ou não?*

Toninho Buda – A relação Raul Seixas versus Paulo Coelho sempre foi um ponto polêmico dentro da sociedade alternativa. O Paulo sempre disse, inclusive, que eles eram inimigos íntimos, e isso ficou muito claro no último encontro deles, no show do Raul no Canecão, em **1989**, que aparece muito bem documentado no filme. De minha parte, lamento profundamente essa ruptura entre os dois, mas sempre fiquei do lado de Raul Seixas. Eu sempre denunciei o aparente arrependimento do Paulo, a partir de **1989** (logo após a morte do Raul), que renegou a contracultura para fazer um discurso mergulhado no catecismo mais rasteiro do cristianismo, inclusive rotulando a obra do antigo parceiro de magia negra. O Paulo pode ser muito esperto, mas se existe alguém autêntico e verdadeiro na cultura desse país, esse alguém foi Raul Seixas.

– *Quem te convocou para a produção? Como foi o contato com Walter Carvalho?*

– Quem me indicou para o filme foi a Kika Seixas (ex-mulher do Raul e mãe de uma de suas filhas). E levei comigo o Euclydes Lacerda de Almeida, que havia sido instrutor do Raul Seixas e Paulo Coelho dentro da temida ordem secreta O.T.O. Foi ótimo, porque o Euclydes nunca havia aparecido em público antes e resolveu falar porque fui eu quem pediu a ele que fizesse este depoimento para a posteridade (por sinal, ele morreu alguns meses depois). Mas o início não foi fácil, pois o Walter Carvalho ficou extremamente assustado com tudo o que nós falamos.

– *Ninguém achou pesado não?*

– Ele disse, inclusive, que nada daquilo poderia ser colocado no filme, porque ele não queria falar de coisas tão pesadas e estranhas (como magia, esoterismo, bodes, e principalmente de um tal Aleister Crowley, que se dizia a Besta 666!). Mas os meses se passaram e finalmente a ficha caiu para o diretor, principalmente a partir da entrevista com Paulo Coelho, na Suíça. Lá ele percebeu que nós estávamos falando a verdade e que aquilo tudo tinha uma profunda importância na obra de Raul Seixas. Tanto é que no próprio cartaz do filme está escrito Faze o que tu queres, há de ser tudo da Lei, que é a frase principal da obra da tal Besta 666, que Raul utilizava nos shows. E isto aparece fartamente documentado no filme. Eu – orgulhosamente – me sinto responsável por aquela frase estar lá no cartaz, apesar disso irritar muita gente, pois tem uma turminha que quer apagar essas coisas estranhas da vida e obra do Raul.

– O que as pessoas têm dito sobre sua participação para lá de esotérica no documentário?

– Bem, a minha participação no documentário do Raul Seixas é a mais polêmica e chocante, pois a produção do filme ficou apaixonada pelo meu filme Contatos imediatos do IV Graal, feito em Juiz de Fora em **1979** e ganhador do primeiro Festival de Cinema Super/8 da cidade (quem fez o Festival foi o grande cineasta Décio Lopes, que morreu há semanas). Este filme é uma crítica feroz à sociedade convencional e é o único de propaganda da sociedade alternativa que existe. Ele ridiculariza todo tipo de religião e também todo tipo de misticismo e bruxaria. As cenas mais fortes foram colocadas no documentário do Raul e estão sendo interpretadas como magia negra, o que é um grande engano, porque as cenas são exatamente de ridicularizarão dessas práticas. No entanto, como nosso objetivo era chocar as pessoas, hoje eu fico feliz com o fato de isto estar acontecendo a nível nacional. Toda pessoa que produz uma obra de arte quer que ela seja vista e produza impacto. Em **1979**, eu jamais poderia esperar uma repercussão tão grande. Tive que esperar 33 anos para ver isso acontecendo. Aliás, 33 é a idade daquele rapaz (risos). Deixa para lá.

– Sei que o contato com Paulo Coelho e Raul passou por aqui…

– **NO FINAL DOS ANOS 70** e **INÍCIO DOS 80**, nós tínhamos um restaurante macrobiótico em Juiz de Fora, que era um dos núcleos alternativos da cidade. Lá se encontravam todas as correntes da contracultura, tanto de medicina alternativa, quanto das religiões alternativas, alimentações alternativas, cerveja natural, danças eróticas, terapias alternativas, ou seja, viajantes de todas as naves e gente disposta a experimentar de tudo nessa vida. Raul Seixas e Paulo Coelho eram expoentes desses movimentos todos. Eu conheci Paulo num encontro alternativo no Rio em **1981** e, em **1983**, nós trouxemos Raul Seixas e Erasmo Carlos à Manchester Mineira, para cantar no primeiro Festival de Rock de Juiz de Fora, numa **SEXTA-FEIRA 13**, com lua cheia no céu.



– *Imagino o que vocês não aprontaram…*

– Lá pelas 3h (da madrugada) foram vistos gnomos, duendes e ogros andando no meio da plateia, mas ninguém ligava. No festival, eu estava com uma batina de padre e cantei várias músicas com o Raul (as fotos são históricas e foram feitas pelo Humberto Nicoline). O festival provocou um alvoroço tão grande que foi alvo de protestos intensos na imprensa local, protestos esses feitos pelas agremiações religiosas e pessoas defensoras dos bons costumes.

– *O que pretende agora com o sucesso do documentário?*

– Hoje eu sou um pacato professor de educação física que trabalha na Secretaria de Esporte e Lazer e acabo de defender meu mestrado pela UFJF. Minha vida continua sendo alternativa, porque eu sempre defendo prioritariamente métodos naturais de cura, recuperação e modo de vida das pessoas. Por outro lado, continuo falando desta fantástica história da contracultura no Brasil e meu próximo compromisso é fazer uma palestra no mês que vem sobre a vida e obra de Raul Seixas, no Salão do Livro de Guarulhos, em São Paulo. O convite veio do fato de que tenho três livros escritos sobre o Maluco Beleza. Mas tem outras coisas também. Por exemplo, como desde **1990** eu costumo fazer shows cantando músicas do Raul, tem sempre alguém me chamando para dar uma canja em botequins, festa de aniversário, quermesse e festa junina aqui e ali. E assim eu vou levando, do jeito como o próprio Raul diz numa canção. Não sei onde eu tô indo, mas sei que eu tô no meu caminho! Enquanto você me critica, eu tô no meu caminho! E se você quiser contar comigo é melhor não me chamar prá jogar bola… eu tô quebrando o muro com o Zezinho no fundo do quintal da escola…

2012

6 DE AGOSTO

Agosto traiçoeiro

Morre cantor Celso Blues Boy vítima de câncer de laringe, em Joinville

O músico tinha **56 ANOS** e morreu na manhã desta **SEGUNDA-FEIRA**, em SC.

Corpo do guitarrista foi encaminhado para Blumenau, onde será cremado.

Do G1 SC

O cantor Celso Blues Boy morreu na manhã desta **SEGUNDA-FEIRA (6)** em Joinville, no Norte de Santa Catarina. Segundo a central funerária de Joinville, o músico faleceu às 8h50. O corpo já foi encaminhado para Blumenau para ser cremado. O músico tinha 56 anos e sofria câncer de garganta. Blues Boy era cantor, compositor e guitarrista.

Celso Ricardo Furtado de Carvalho nasceu no Rio de Janeiro, em janeiro de **1956**. Na década de **1970**, com apenas **17 ANOS**, começou a tocar profissionalmente com Raul Seixas, além de acompanhar nome da MPB como Sá & Guarabyra e Luiz Melodia. Seu nome artístico é uma homenagem ao seu ídolo B.B. King, com quem chegou a tocar na década de **1980**.

O vascaíno foi guitarrista das bandas Legião Estrangeira e Aero Blues, considerado o primeiro grupo de blues do Brasil. Em **1980** passou a ser mais conhecido, quando mandou uma fita para a Rádio Fluminense, no Rio, voltada para o repertório roqueiro.

Quatro anos depois gravou seu primeiro disco, *SOM NA GUITARRA*, que inclui seu maior sucesso: 'Aumenta que Isso Aí É Rock'n Roll'.

Entre **1986** e **2011**, Celso lançou mais nove álbuns, como *MARGINAL BLUES* (**1986**), *QUANDO A NOITE CAI* (**1989**), *INDIANA BLUES* (**1996**) e *VAGABUNDO ERRANTE* (**1999**). Em **2008**, foi lançado seu primeiro e único DVD ao vivo. *QUEM FOI QUE FALOU QUE ACABOU O ROCK 'N ROLL?*, gravado no Circo Voador, no Rio de Janeiro, também saiu em CD.

Seu último CD foi lançado ano passado. Intitulado *POR UM MONTE DE CERVEJA*, o álbum possui 13 canções, como Beth Carvalho Quer comprar o meu fuscão e Odeio rock'n'roll, com participação dos Detonautas. Celso Blues Boy morava há 12 anos em Joinville.



CORREIO BRAZILIENSE

DE GRAÇA

Celso Blues Boy é atração de hoje, a partir das 18h30, na Praça da Alimentação do Conjunto Nacional. O cantor se apresenta ao lado do baixista Fábio Lessa e dos irmãos Alex e Rodrigo Martinho, que tocam guitarra e bateria respectivamente.



Noite de blues

DIVULGAÇÃO

Vinte e oito anos de carreira e dedicação ao blues. Celebrando tanto tempo de atividade, Celso Blues Boy (foto) é a atração de hoje no projeto *Terraço in Concert*, do Terraço Shopping (Área Octogonal) - com entrada franca. Antes, haverá abertura do grupo brasiliense *Brazilian Blues Band*.

Desde jovem, Celso procurou associar seu trabalho à influência de nomes como o guitarrista inglês Eric Clapton e o cantor e instrumentista americano Ray Charles, além de B.B. King - talvez sua grande influência e com quem já teve a oportunidade de tocar.

Cantando os blues em português, com um toque *rocker*, Celso chegou a fazer grande sucesso na metade dos anos 80 com músicas como *Marginal*, gravada com Cazuza, e *Aumenta que Isso aí é Rock'n'Roll*. Mesmo fora do *mainstream*, permanece levando a bandeira do blues.

Celso Blues Boy - Hoje, às 19h30, dentro do projeto Terraço in Concert. Praça das Palmeiras do Terraço Shopping (Área Octogonal). Entrada franca.

Celso Blues Boy – De graça, Correio Braziliense – **23 DE OUTUBRO / 1999**

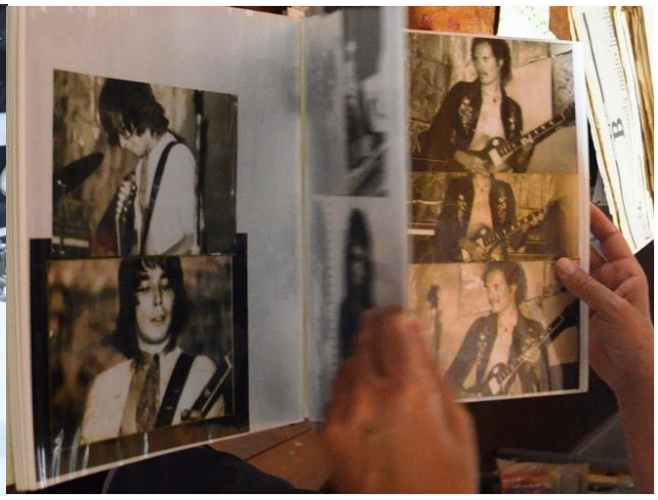
Celso Blues Boy – Noite de Blues, Jornal de Brasília – **6 DE SETEMBRO. / 2000**



PATRULHA DO ESPAÇO! 35 ANOS DE ROCK CRU!

17 DE SETEMBRO / 2012 – 35 ANOS de ação nos palcos levando o autêntico rock às fronteiras do espaço. A expressão "Patrulha do Espaço" funciona como uma vigilância ambiental.





– O pessoal da Patrulha Do Espaço é uma das suas bandas preferidas, por quê?

– Já era fã da Patrulha Do Espaço sem saber que eles tocaram com Arnaldo Baptista. E acredito que inspiraram várias bandas do Brasil. Eles me fizeram ouvir rock em português! Por isso a devoção: passei os últimos **30 ANOS** escrevendo sobre eles... (**PAZCHECO**)

2013


Jack
ele voltou...
MADE IN BRAZIL
o lendário disco de 76 tocado na íntegra!
18/01 e 19/01
21h30
SESC SP
BELENZINHO
Rua Padre Adelino, 1000
São Paulo - SP
(11) 2076 - 9700
Participações de:
- Percy Weiss
- Tony Babalu
- Franklin Paolillo
- Lucinha Turnbull
apoio:
METEORO
Amplifier
© Giovanna Di Natale


Cesar de Labio


Cesar de Labio
Cesar de Labio

2013

FEVEREIRO





2013

11 DE MAIO DE 2013



25 DE MAIO – LUZIÂNIA – SARAU PSICODÉLICO



2013

3 DE AGOSTO – BRASÍLIA



FOLHA DE S. PAULO

LIVRO SOBRE GRUPO SECOS & MOLHADOS EXCLUI INTEGRANTE

GUSTAVO FIORATTI DE SÃO PAULO

01 DE DEZEMBRO / 2013 - Há um fantasma assombrando as páginas do livro *METEÓRICO FENÔMENO*, lançado na **ÚLTIMA QUINTA** e que conta a história da extinta banda Secos & Molhados, da qual fizeram parte, nos **ANOS 1970**, João Ricardo, Ney Matogrosso e Gerson Conrad, este último autor do trabalho.

O fantasma é o de João Ricardo, literalmente riscado da coleção de fotos publicadas. Ele não autorizou o uso de sua imagem, e a solução encontrada tanto pelo autor como pela editora para levar o projeto adiante foi usar um programa de computador para ocultar o rosto de João, deixando à vista só sua silhueta.

Outras fotografias também foram recortadas para que a imagem do cantor e violonista ficasse de fora.



Gerson Conrad, Ney Matogrosso e a silhueta de João Ricardo

A briga entre os integrantes dos Secos & Molhados não é uma novidade.

Desde que o grupo acabou, em **1974**, Ney e Conrad romperam relações com João. Em *METEÓRICO FENÔMENO* há um capítulo inteiro dedicado a explicar a dissolução do grupo.

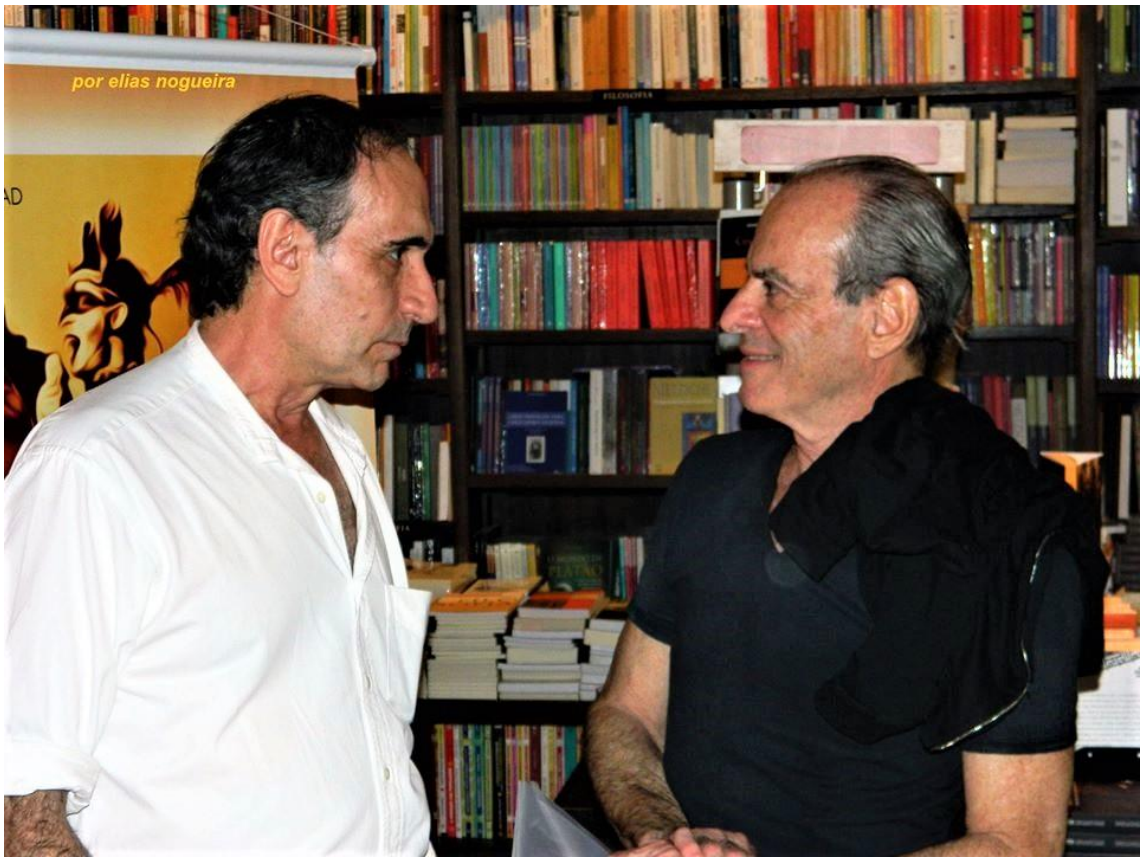
O livro reproduz reportagem da Folha na qual, em depoimento, Ney e Gerson afirmam que João teria monopolizado "os interesses profissionais do grupo" e passou a tratar os colegas "como empregados". "O problema começou quando o pai dele passou a empresariar o grupo", conta hoje o autor.

Procurado pela Folha - por e-mail e por meio de seus produtores – João Ricardo não respondeu à solicitação de entrevista. Ao jornal *O ESTADO DE S.PAULO*, o cantor e violonista disse: "Os dois saíram do grupo me detonando".

O novo livro representa sobretudo a visão de Conrad sobre a história do grupo, retratando o breve período em que atuou, entre **1973** e **1974**.

Há um texto que detalha, por exemplo, como a banda optou por se apresentar com maquiagens extravagantes e purpurina pelo corpo. Essa marca dos Secos & Molhados teve influência de um grupo mais antigo, Dzi Croquettes.

Com diagramação que se parece com a de uma revista e reproduções de artigos e reportagens de jornais, o livro não se aprofunda na história do trio, tampouco traz muito além daquilo que já foi publicado anteriormente.



METEÓRICO FENÔMENO
AUTOR Gerson Conrad
EDITORA Anadarco

BORORÓ

15 DE JANEIRO / 2014



Essa é apenas uma pequena, simples e modesta homenagem ao homem que soltou a bomba do rock 'n'roll na Vila Pompéia em São Paulo. Ele que está com seríssimos problemas de saúde e precisa de nossa energia positiva!

Bororó foi na época o professor de muuuuitos roqueiros da pesada entre eles...Oswaldo e Celso Vecchione (Made in Brazil), Sérgio Dias e Arnaldo Baptista (os Mutantes), Luiz Sérgio Carlini (Tutti-Frutti) entre tantas outras lendas...

Como o querido André Christovam disse: 'Esse senhor fez mais pelo rock brasileiro do que todas as gravadoras juntas!'"
(**BORDÔ LOPES**)

MORRE AOS 68 ANOS
MÁRCIO AUGUSTO ANTONUCCI, DA DUPLA OS VIPS

Ele morreu aos **68 ANOS NESTA SEGUNDA (20)** com infecção generalizada.

Dupla fez sucesso na Jovem Guarda com 'A volta' e outras músicas.

DO G1, EM SÃO PAULO



Márcio Antonucci (esquerda), ao lado do irmão Ronald, com quem formava a dupla Os Vips (Foto: Divulgação / DGC Produções)

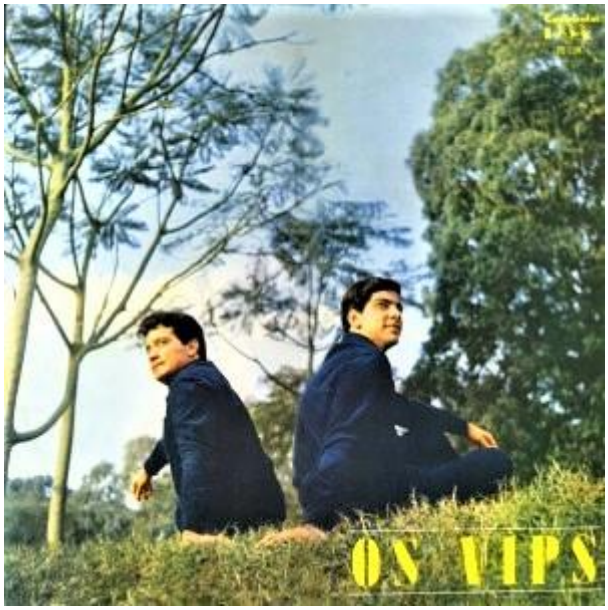
Márcio Antonucci (esquerda), ao lado do irmão Ronald, com quem formava a dupla Os Vips (Foto: Divulgação / DGC Produções)

20 DE JANEIRO / 2014 – Morreu aos **68 ANOS** o cantor Márcio Augusto Antonucci, da dupla Os Vips, na manhã **DESTA SEGUNDA-FEIRA (20).** Ele estava internado há alguns dias em um hospital em Angra dos Reis (RJ), com pneumonia que evoluiu para um quadro de infecção generalizada. O velório vai acontecer no Rio, ainda sem confirmação de local e horário, segundo a família.

O filho do cantor, Bruno, falou sobre a morte do pai em sua página no Facebook. "É com muito pesar que informo que o meu pai, ídolo e amigo nos deixou hoje pela manhã. Como disse nos últimos dias o quadro dele estava estável, porem hoje esse quadro mudou. Quando estivermos mais conformados com a situação poderemos tentar esclarecer o que houve. Darei assim que puder as informações onde acontecerá o velório, que vai ser no Rio de Janeiro. Peço a todos que respeitem esse momento pelo qual toda a família esta passando, entendo que meu pai foi um ídolo, um 'muso' para muitos, mas peço a compreensão de todos. Eu amo e sempre vou te amar. Meu pai foi a minha inspiração para ser o melhor homem que eu posso ser", escreveu Bruno.

Além da dupla musical com o irmão Ronald, Márcio também foi diretor de Programas e diretor Musical da Rede Globo, diretor musical da TV Record, diretor de programas do SBT.

Dias antes da morte, também através da internet, Antonucci postou a música "Nossa Senhora", do amigo Roberto Carlos, e comentou "Essa letra é um arraso. A canção também, mas a letra...". Márcio deixa três filhos.



*Álbum dos Vips de **1965*** (Foto: Divulgação)

CARREIRA MUSICAL

Os Vips começaram a carreira em meados dos anos 60, junto de outros grandes nomes da Jovem Guarda. Uma das primeiras gravações foi "Menina linda", versão de "I should have known better", dos Beatles – de quem fariam várias outras versões. Em **1966** lançaram a música pela qual ficariam mais conhecidos, "A volta", composta por Roberto Carlos e Erasmo Carlos

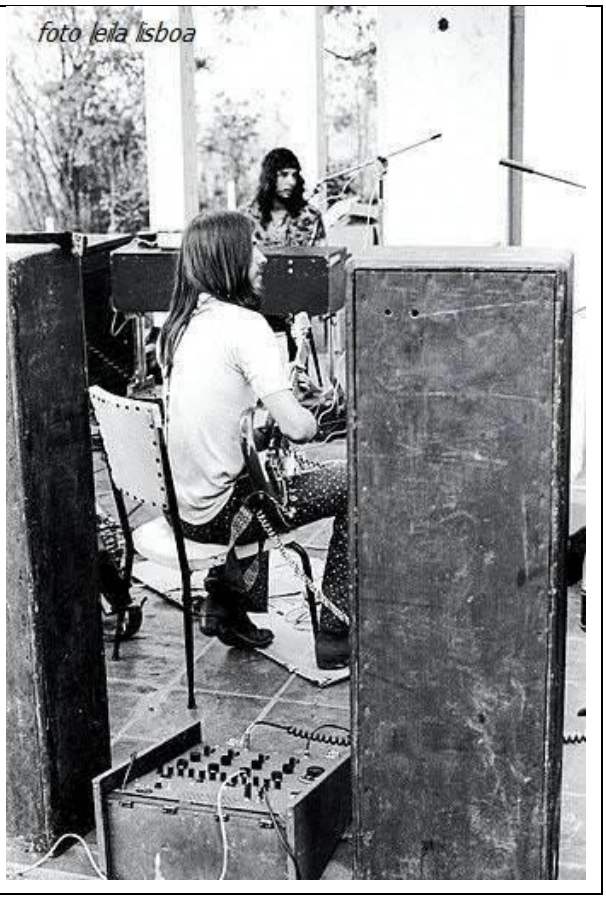
A dupla parou de se apresentar nos anos 70. Em **1990** eles voltaram a se apresentar e gravaram discos ao vivo de sucesso pela Som Livre nos dois anos seguintes. Márcio e o irmão ainda faziam shows com artistas da Jovem Guarda.

“O especial Jovem Guarda com os irmãos Márcio e Ronald!!! ou melhor, Os Vips. Tive o maior prazer em conhecer estas duas lendas da ovem guarda. A dupla formou-se em **1964** e fizeram muito sucessos com as músicas ‘A Volta’, Longe Tão Perto’, ‘Faça Alguma Coisa Pelo Nosso Amor’, e ‘Emoções’ de Roberto Carlos.
São pessoas fantásticas e artistas magníficos!!!
(**BORDÔ LOPES, 24 DE JUNHO DE 2013**)

LIVRO COM FOTOS DA BANDA OS MUTANTES PRECISA DE FINANCIAMENTO COLETIVO

A fotógrafa Leila Lisboa Sznelwar reuniu 150 imagens do período de 1969 a ***1974***





Rita Lee em ensaio na Serra da Cantareira (SP)

Fotos: Leila Lisboa/Reprodução

POR VANESSA AQUINO - CORREIO BRAZILIENSE - DF

2 DE FEVEREIRO / **2015** - Eram tempos de paz, amor e psicodelia. Tempos de explosão criativa dos Mutantes, Rita Lee, Arnaldo Batista, Sérgio Dias, Dinho e Liminha, que foram registrados pela fotógrafa Leila Lisboa Sznelwar, em imagens que ainda permanecem inéditas. Mas um livro pode tornar públicos os bastidores do dia a dia do grupo, que ainda hoje é cultuado dentro e fora do Brasil. Sem editora, Leila busca recursos em financiamento coletivo para publicar A hora e a vez, que contém 150 imagens do período de 1969 a **1974**.

Leila era namorada do baixista Liminha e acompanhava a banda em shows e nos ensaios na Serra da Cantareira. A estudante e assistente de fotografia acabava se divertindo ao fazer imagens de momentos íntimos, de descontração. “As fotos eram feitas de maneira bem casual. Para mim, estava apenas fotografando meus amigos e meu namorado em seus shows. Claro que eles já eram famosos, mas jamais havia imaginado que hoje Os Mutantes seriam objeto de culto aqui e fora do Brasil”, disse ao Correio.

Como era a sua relação com os membros da banda?

Muito boa. Nunca tive problema com nenhum deles, muito pelo contrário, todos sempre foram queridos comigo.

Como os conheceu e como descreveria cada um deles?

Conheci em um show que fui com a Lucinha Turnbull e comecei a namorar o Liminha, baixista deles... Moramos juntos por alguns anos e assim se deu minha convivência com todos. Tínhamos 18, quase 19, os dois. Eu trabalhava como assistente de fotógrafa e estudava na USP. A Rita era muito engraçada. O Serginho todo paz, amor e guitarra, o Arnaldo a 300 por hora com tudo, o Dinho e o Liminha eram mais inocentes. Naquele momento — veja bem, essa é a minha visão da paisagem —, eu era uma menina deslumbrada pela magia da época. Porém uma pessoa quase normal, que trabalhava e se divertia sempre com muitas lantejoulas bordadas.

Queria que falasse um pouco dos bastidores. Tem alguma história que te marcou na convivência com eles?

São várias histórias hilárias, mas uma que me marcou foi uma viagem a Londres em julho de **1972** com a Rita, o Liminha e a Lucinha Turnbull. Fizemos uma viagem de van ao País de Gales. Vimos shows maravilhosos e nos divertimos bastante com cabelos vermelhos que pintamos com henna lá mesmo.

Por que resolveu fotografá-los?

Eu era assistente de fotografia em São Paulo. Era, pra mim, algo muito natural... Algumas fotos foram parar em discos como os da contracapa do disco *MUTANTES E SEUS COMETAS NO PAÍS DO BAURETS*, lançado em **MAIO DE 1972**. Fiz também as fotos para o disco *LOKI?*, do Arnaldo, em **MEADOS DE 1974**.

De que maneira a psicodelia da banda te marcou e influenciou na produção das fotos?

Fui influenciada de uma maneira muito positiva porque essa época me representa, foi a época de uma mudança gigantesca de conceitos, tudo era visto com muita cor, com muita liberdade — mesmo sem alucinógenos! O conceito da delicadeza, da beleza, da paz e do amor. Tudo isso se reflete na minhas fotos e na minha vida... A impressão que eu tenho é que as mentes do bem se abriram para uma nova era. Nós temos Beatles, Rolling Stones para falar muito pouco... Uma honra estar por perto de todos eles e aqui no Brasil estar junto dos melhores.

Sobre o livro, por que só agora resolveu publicar as fotos?

Por falta de interesse geral. Não tive apoio nenhum de ninguém, de nenhum projeto cultural. As gravadoras nunca me pagaram nem me devolveram os negativos. Imagine que havia dois ou três rolos das fotos do *LOKI?* que estão perdidos... Até hoje tento recuperar, agora via Universal. Tenho uma carreira em outro setor, porque ganhar dinheiro com fotos não foi possível.

Chegou a procurar editoras?

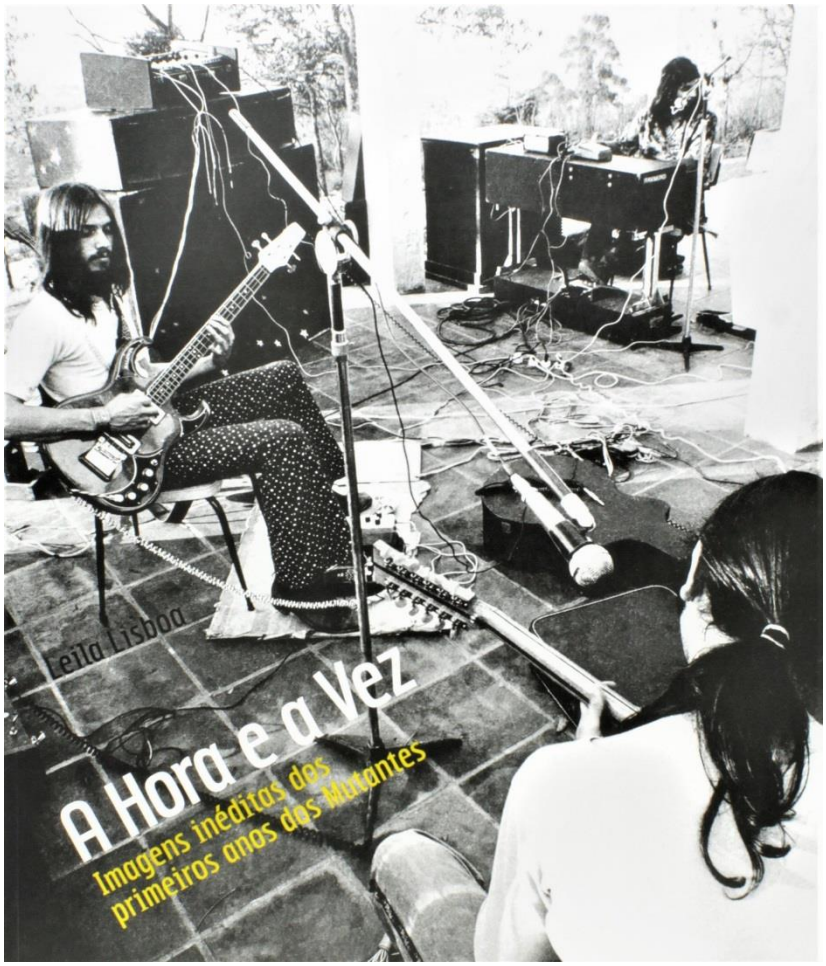
Procurei várias editoras, mas elas nem olhavam minhas fotos ou queriam todos os direitos. Eu posso ser boa, mas não sou boba.

Como surgiu a ideia do crowdfunding?

A ideia do crowdfunding surgiu justamente por falta de viabilidade ou patrocínio. É minha última ação para lançar esse livro - um acervo espetacular de uma época em que ficava só no palco fotografando. Ninguém tem fotos de vários eventos que eu participei. Porém, infelizmente, a resposta não é a que esperávamos porque todo mundo quer o livro, mas, na hora de doar para juntarmos forças, a cois amuda... Talvez o Brasil ainda não entenda bem como funciona um financiamento coletivo. Nos Estados Unidos, as empresas de crowdfunding arrecadam milhões de dólares principalmente para cultura e causas humanitárias. Os cineastas independnetes não precisam mais ficar, como eu fiquei, implorando por patrocínios. Somos constantemente criticados por estarmos "mendigando"... É o que tenho que passar depois de tanta luta.

Por que acha que isso acontece?

Pura falta de costume e de informação. Para mim, o principal, e que ficará comigo para sempre com livro ou sem livro, são as pessoas que surgiram e me ajudam de coração aberto, como a Simoni Bampi, inigualável e incansável, que se dispôs a ser minha pessoa de marketing, montou a fanpage e trabalha dia e noite para que esse livro saia. O Dado Nunes que conhece de Mutantes mais do qualquer pessoa no mundo. Ele está n aparte de produção, de organização das fotos, datas, locais e informações técnicas dos instrumentos em cada foto. Eles já me valem todo o trabalho



O que Rita, Sérgio e Arnaldo acharam da ideia? Colaboraram de alguma maneira?

Todos eles apoiam a ideia e inclusive divulgam a campanha nas redes sociais. Tudo de bom. Essa é uma colaboração essencial.

Crowdfunding para livros dos Mutantes e dos Beatles precisam de financiamento coletivo

BBC

'QUEM SEGURA UMA NOTA AGUDA?' FEZ BRASILEIRA CANTAR COM OS BEATLES



Mais de 40 anos após gravar vocais em 'Across the Universe', Lizzie Bravo relembra sessão histórica que aconteceu em Londres 'quase por acaso'.

FERNANDO DUARTE - DA BBC BRASIL EM LONDRES

Bravo foi para Londres sonhando conhecer John Lennon e acabou dividindo um microfone com o Beatle nas gravações (Foto: Cortesia de Lynda Neale)

11 DE FEVEREIRO / 2015 - O ano era **1989** e, pouco depois de anunciar sua primeira ida ao Brasil, em uma entrevista coletiva para jornalistas brasileiros, Paul McCartney cumprimentou os profissionais de imprensa presentes no evento em Indianápolis, nos Estados Unidos.

Parou diante de uma fotógrafa. "Por que acho que te conheço?", perguntou. "A gente cantou junto", respondeu Lizzie Bravo.

Há exatos 47 anos, a carioca fez história de maneira quase acidental ao participar de uma gravação dos Beatles no legendário estúdio de Abbey Road, em Londres. Ela e a britânica Gayleen Pease fizeram vocais de apoio em Across The Universe, balada composta por John Lennon. Uma história devidamente registrada em seus diários de adolescente, que ela transformou no livro Do Rio a Abbey Road.

E a participação ocorreu de forma inusitada: naquele 4 de fevereiro de **1968**, Bravo, então com 16 anos, cumpria rigorosamente sua rotina de tiete dos Beatles, montando guarda perto da portaria do estúdio em Abbey Road. Assim como fazia todos os dias desde que tinha chegado a Londres, em fevereiro de 1967, após convencer os pais a bancar uma viagem para Londres como presente pelo aniversário de **15 ANOS**.

MÃO LEVANTADA

"O Paul apareceu na porta do estúdio e perguntou 'Quem aí de vocês consegue segurar uma nota aguda?'. Eu levantei a mão na hora, porque tinha sido soprano no coral do colégio. Nem pensei no motivo da pergunta", diz a brasileira, em entrevista à BBC Brasil.

Bravo logo descobriria: ao entrar no estúdio 2, usado pelos Beatles desde suas primeiras gravações para a EMI, em 1963, ela e Pease encontraram os Beatles em meio a uma sessão de gravação.

"John e Paul explicaram que precisavam dos vocais de apoio, ensinaram para a gente o que queriam. Foram bem gentis comigo e a Gaylee", lembra a carioca.

"O Paul até brincou comigo, pedindo para que eu cantasse em 'brasileiro'. Naquela época, em Londres, você vir do Brasil era como ser um E.T."

Na época, os Beatles já viviam tensões internas fortes, ao ponto do baterista Ringo Starr, meses depois, abandonar as gravações do Álbum Branco após uma briga com McCartney. Mas Bravo tem recordações de uma sessão bem diferente.

"O clima no estúdio era tranquilo e os quatro estavam de bom humor, fazendo piadas e tudo. Foi tudo muito surreal e eu acabei cantando no mesmo microfone do John, que foi o Beatle de que sempre gostei mais", contra a brasileira, hoje com 63 anos.

Foram duas horas de gravação e, segundo Bravo, "várias" tomadas foram feitas, o que obrigou as meninas a repetir à exaustão a frase "Nothing is gonna change my world" (nada vai mudar o meu mundo, em inglês), cantada de forma bem aguda. No final, Bravo e Pease simplesmente deixaram o estúdio. E voltaram para seus "postos" na porta.

"A gente não tinha a menor noção do que acabara de acontecer. Éramos duas meninas, duas fãs. Não ficamos amigas dos Beatles. Costumo brincar que nenhum amigo me deixaria esperando por eles na neve. E, no dia da gravação, ficamos na porta do estúdio até duas da manhã", diz Bravo.

SIDERAL

A brasileira morou em Londres até outubro de 1969, religiosamente montando guarda todos os dias em Abbey Road.

"Trabalhava como babá e empregada, com pouca grana. Fiquei com saudades de casa", lembra Bravo.

"Os Beatles estavam para se separar, já nem vinham todos os dias para o estúdio. E nem vinham juntos. Estava um pouco cansada daquela vida".

"Across The Universe" foi lançada em quatro versões diferentes, em apenas uma há o vocal de Bravo e Pease. Mas foi esta versão que acabou sendo escolhida pela *NASA* em fevereiro de **2008** para a transmissão de uma mensagem enviada na direção da estrela Polaris, localizada a 431 anos-luz da Terra, para tentar contato com extra-terrestres.

"Foi algo extremamente especial para mim que justamente a versão de que participei tenha sido escolhida. Até porque pouquíssimas pessoas tiveram a chance de sequer estar com os Beatles na mesma sala, o que dirá cantar com eles pelo espaço", brinca.

Embora não seja desconhecida, a história da fã brasileira recrutada pelos Beatles ainda causa surpresa. Com o livro, Bravo espera não apenas contar suas memórias de Londres, mas lançar um pouco mais de luz sobre o que ela chama de "humanidade" do quarteto.

"Os Beatles ganharam status de deuses ao longo dos anos, mas é importante que as pessoas saibam que eles eram gente como a gente. Também é importante mostrar para as gerações mais novas que essas estrelas nem sempre viviam no alto de um pedestal, algo impensável nos dias de hoje. Era um mundo mais ingênuo, sem essa coisa de seguranças e guarda-costas", conta a carioca.

CACHÊ 'SUMIDO'

DO RIO A ABBEY ROAD é um projeto independente que Bravo vai publicar usando o financiamento coletivo pela internet (crowdfunding). Bravo também escreveu uma versão inglês. Nas duas versões, o prefácio é do jornalista e escritor britânico Mark Lewinsohn, um dos mais respeitados estudiosos da vida e obra dos Beatles.

Depois de sua temporada em Londres, Bravo foi vocalista e trabalhou com uma constelação de grandes nomes da música brasileira, como Roberto Carlos, Milton Nascimento e Caetano Veloso. Ela foi casada com o músico Zé Rodrix e é citada de maneira cifrada em um de seus principais hits, "Casa no Campo".

"No verso 'Eu quero a esperança de óculos', ele está falando de mim".

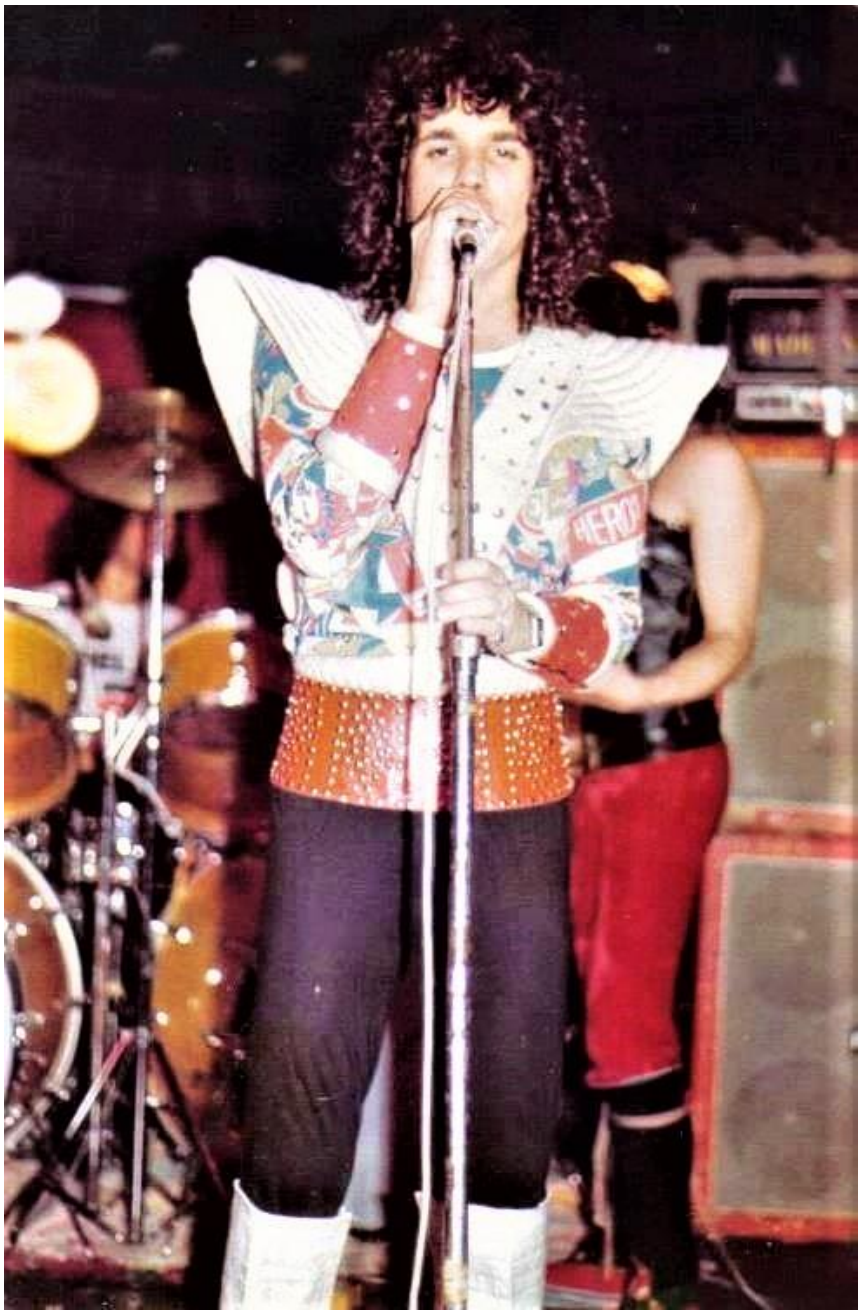
Atualmente, Bravo participa de palestras em eventos de fãs dos Beatles e já foi contactada para participar da Internacional Beatleweek, uma espécie de "peregrinação" anual dos fãs do grupo a Liverpool, a cidade natal dos quatro músicos.

A última vez em que ela viu pessoalmente um dos Beatles foi justamente no rápido encontro com McCartney em Indianápolis. Também naquela ocasião, nada foi falado sobre o cachê que ela e Pease deveriam ter recebido pela participação em "Across The Universe".

"Em **1968**, o Paul mencionou que a gente ganharia alguma coisa. Mas nunca quis cobrar, né?", argumenta a brasileira.



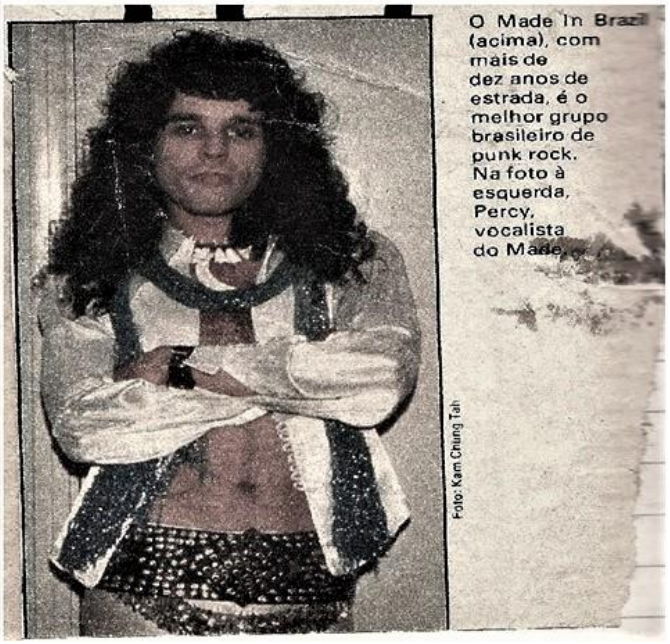
A ligação com os Beatles segue na vida da cantora: sua filha, Marya, faz parte do elenco de Beatles num Céu de Diamantes, musical inspirado na obras dos Beatles visto por mais de **350 MIL** pessoas no Brasil.



R'nR Day By Day – **14 DE ABRIL DE 2015** – Morre Percy Weiss aos **60 ANOS**. Em uma viagem de volta para a Campinas apos uma reunião em São Paulo, sofreu um acidente de carro na Rodovia dos Bandeirantes no km 42 em Franco da Rocha, o músico perdeu o controle do veículo e acabou capotando no canteiro central. Percy José Weiss, nascido no Rio de Janeiro, foi um vocalista. Conhecido como: "A Voz do Rock". Ainda na infância, a família se mudou para São Paulo. Iniciou sua carreira em **1972**, aos **17 ANOS**, com a banda de baile U.S. Mail, nas domingueiras do Clube Banespa. A partir daí, Percy percorre todo o circuito de bailes de São Paulo. Em **1973** participa da banda Quarto Crescente. O sucesso chama a atenção de inúmeras bandas e músicos, inclusive de Oswaldo Vecchione, baixista e fundador do Made In Brazil. Percy ingressa como vocalisata da banda, percorrendo grande parte do Brasil e se apresentando para grandes plateias. Em **1976**, doze mil pessoas no Ginásio do Corinthians, assistiram um show da banda junto com Rita Lee e Zé Rodrix. Durante o ano de **1976**, o Made In Brazil faz mais de **70** apresentações, todas com Percy Weiss

á frente dos vocais. Nesse ano grava também o álbum “Jack o Estripador". Em **1978**, Percy grava o primeiro álbum da banda Patrulha do Espaço, que era liderada por Rolando Castello Júnior. Apos a saída da banda Patrulha, Percy, a convite de Tibério Corrêa, ingressa na banda Harppia. Entre os anos de 98 e 2003, em Natal, atua como empresário representante de algumas importadoras de instrumentos musicais. Em 2003 Percy retorna a São Paulo e aos palcos com sua banda, a “Percy´s Band”, onde toca os clássicos das bandas por onde cantou e cria novo repertório.
(**MARIA GOULART**)









“Eu estava passando na rodovia engenheiro Thales de Lorena, entre São Carlos e Jaboticabal, e soube da notícia, fiquei desolado.” (**TIAGO RABELO**)




MADE IN
BRAZIL







franklin paollilo, Percy José Weiss, Melissa Lagôa, celso vechione, okinho – com franklin paollilo, Percy José Weiss, Melissa Lagôa, celso vechione, Rolando Castello Junior, Jean Weiss e Gegé Godoy e Gegé Godoy.

AVE SANGRIA

A PSICODELIA PERNAMBUCANA REVIVIDA NO PALCO

Show sábado, no MAR, reúne músicos do movimento experimental que mobilizou Recife nos **ANOS 1970** e ainda ecoa na produção atual

SILVIO ESSINGER

O GLOBO, 29 DE MARÇO / 2014 – RIO – Se o Nordeste teve algo próximo de um *WOODSTOCK*, foi a *FEIRA EXPERIMENTAL DE MÚSICA. REALIZADA* em **11 DE NOVEMBRO DE 1972**, no distrito de Fazenda Nova, no mesmo Teatro Nova Jerusalém onde todo ano é encenada a Paixão de Cristo, o evento reuniu, na plateia e no palco, um grupo de jovens radicados em Recife que buscava novas formas de expressão – musical, cênica, comportamental – e que mais tarde produziria alguns dos discos mais cultuados da psicodelia brasileira.

No **SÁBADO**, dentro das comemorações do primeiro aniversário do Museu de Arte do Rio (MAR), acontece a partir das 19h30m um encontro de alguns dos nomes mais importantes da cena para relembrar suas criações musicais. Para marcar o último final de semana da exposição "Pernambuco experimental", Tiago Araripe (do coletivo Nuvem 33), Lailson Cavalcanti (das bandas Satwa e Phetus), Marco Polo (do Tamarineira Village e do Ave Sangria) e Flávio de Lira (do Flaviola e o Bando do Sol) estarão pela primeira vez, enfim, juntos. A noite terá abertura do artista Paulo Bruscky, com a performance "Parto de música".

Cearense, Tiago Araripe conta ter encontrado, ao chegar a Recife, no começo dos **ANOS 1970**, um ambiente de inquietação pós–tropicalista, com ares de contracultura, encarnado pelos happenings do Laboratório de Sons Estranhos (LSE), do qual fazia parte um guitarrista chamado Robertinho de Recife.

– Eu lia muita ficção científica na época e escrevi uma novela chamada "Nuvem 33", que acabaria dando nome a esse grupo performático de atores, músicos e artistas plásticos – diz o músico. – Fizemos um show no Teatro do Parque, que se chamou "Retreta eletrônica". Era aberto a todos os músicos e não tinha hora para terminar.

Em **1972**, Lailson, que contava apenas **19 ANOS DE IDADE** e era um curioso pela cena, foi convocado para organizar a Feira Experimental de Música.

– A diferença é que Woodstock aconteceu de dia. Lá (em Pernambuco), foi do pôr ao nascer do Sol, com portas abertas e gente vinda de vários estados – recorda-se ele, que durante o festival conheceu o seu mais importante parceiro, Lula Côrtes. – Ele tinha acabado de voltar de Marrocos, e eu, do Sul dos Estados Unidos. Em **JANEIRO DE 1973**, nós lançamos *SATWA*, o primeiro LP independente do Brasil. Era uma mistura do som do Oriente com o do Ocidente, principalmente do blues. Um disco instrumental, para não ter que levar as letras à Polícia Federal.

Quando Lula (falecido em **2011**) se bandeou para outros projetos – como o estranhíssimo LP *PAÊBIRÚ*, lançado em **1975**, em parceria com um ainda desconhecido Zé Ramalho –, Lailson criou o Phetus, grupo mais progressivo e barroco, com o guitarrista Paulo Rafael e Zé da Flauta. "Seria o que hoje a gente chama de world music", diz ele.

Misteriosamente, todos os registros do trio na época sumiram ou foram apagados. No entanto, Lailson conseguiu recuperar algumas das canções, como “Vacas roxas”, que será tocada no MAR por ele, Paulo e Zé, junto com músicas de “Satwa”.

Presente à *FEIRA EXPERIMENTAL*, o poeta, jornalista e cantor Marco Polo criou o grupo Tamarineira Village, que, mais tarde, para não precisar ficar explicando as razões de seu nome, acabaria sendo rebatizado de Ave Sangria.

– A gente fazia uma fusão da música tradicional do Nordeste com o rock – conta Marco. – Era uma coisa chocante na época ter uma banda influenciada por Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga, Beatles, Rolling Stones e Led Zeppelin.

Marco Polo chegou a vir ao Rio para gravar um disco com o Ave Sangria, cujo destaque foi o samba de breque “Seu Waldir” (“Seu Waldir, o senhor/ magoou meu coração/ fazer isso comigo, Seu Waldir/ isso não se faz, não”):

– Era uma música que eu fiz para a Marília Pêra cantar. Mas aí ela não quis, e então resolvi eu mesmo cantar, para dar uma peitada no machismo pernambucano. Reza a lenda que a mulher de um general ouviu a música, achou um absurdo, e ela foi censurada. Pouco depois disso, a banda acabou.

Ao lado dos integrantes originais Paulo Rafael e Almir Oliveira (baixo), Marco Polo reviveu o Ave Sangria em **2011**, no festival catarinense Psicodália:

– Foi impressionante, o pessoal cantava todas as músicas do disco. E há hoje em Pernambuco bandas como Anjo Gabriel (cujos integrantes acompanham o trio na nova versão do Ave Sangria), Tagore e Dunas do Barato que promovem um ressurgimento da estética psicodélica, tendo a gente como referência.

Hoje radicado no Rio, diretor musical de espetáculos de teatro como “Dzi Croquettes em bandália”, Flávio de Lira nem pensava em voltar ao grupo Flaviola E O Bando Do Sol (que teve participações de Lula Côrtes e Robertinho de Recife). Reeditado nos **ANOS 2000** (junto com *SATWA* e *PAÊBIRÚ*) pelos selos Time Lag (EUA) e Mr. Bongo (Inglaterra), ele conquistou novos fãs – o que animou Flávio a retomar canções como “O Tempo” e “Palavras”.

– Se tivesse feito apenas as músicas desse disco, teria deixado para lá e pedido para um outro cantar. Tenho muitas composições novas – avisa.

SHOW: O NOVO VOO D'AVE SANGRIA

Ave Sangria: animal raro em Fortaleza

Resgatados pelas novas gerações, grupo pernambucano Ave Sangria traz a psicodelia nordestina ao CDMAC

POR ANTONIO LAUDENIR – REPÓRTER
http://diariodonordeste.verdesmares.com.br

4 DE JANEIRO / 2018 – A premissa de sucesso nas artes, vez ou outra, escorrega em uma série de sensos comuns. Em específico no ramo musical, o sonho de ser um astro materializa-se por fama, turnês apoteóticas e cachês milionários no bolso. Entretanto, as constantes transformações nas formas de consumo e distribuição da música abalaram essa estrutura mercadológica. A noção de ser bem-sucedido com música deixou de ser binária.

Muitos grupos e compositores, por inúmeras razões, trilharam jornadas diferentes dos ditos realizadores do "mainstream". Uns nunca deixaram o underground e seguem ativos, outros construíram breves e luminosas carreiras. Gravaram pouco (ou quase nada), fizeram diminutas aparições ao vivo e, em sua maioria, ganharam reconhecimento do público apenas décadas depois. Um caso exemplar neste olimpo de "desgarrados" é certamente a banda brasileira Ave Sangria.

Os pernambucanos se apresentam **NESTE SÁBADO (6)**, às 19h, no Anfiteatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC). Resgatados por uma nova geração de fãs, a banda nunca se apresentou na capital cearense e o show promete um passeio pelas músicas do mítico álbum homônimo de **1974**. Batizado Noite Psicodelia do Sertão, o evento abre a programação do Férias no Dragão e ainda reúne shows da banda Trovador Eletrônico e do cantor e compositor cearense Abidoral Jamacaru.

O único registro de estúdio do grupo tornou-se uma lenda e objeto de culto ente colecionadores. Maldito, foi atacado pela Ditadura Militar – o que significou o fim das atividades da banda. Diferente de muitos projetos que estacionaram pelo caminho, o Ave Sangria tinha fôlego para continuar por mais algum tempo na cena musical daquele Brasil dos **ANOS 1970**.

Por telefone, o vocalista Marco Polo descreve esse atual momento do Ave Sangria. "De um modo geral achamos que essa perpetuação, esse redescobrimento do público jovem mostra que não é um trabalho datado. Atribuo isso, em parte, à postura questionadora do moralismo e do conservadorismo que sempre tivemos, coisas assim que a juventude compartilha. A letras psicodélicas te dão outras interpretações e isso é importante para este público, outros pontos aliados são a qualidade das músicas e dos arranjos que completam esse pacote sedutor", descreve. Antes de evidenciar os eventos responsáveis por conferir o status de obra cult a este disco, vale uma contextualização do momento artístico daquele instante.

CALEIDOSCÓPIO SERTANEJO

Imersos na dita psicodelia nordestina, denominação gerada entre público e artistas, estes músicos despontam no limiar da década de **1970**, logo na esteira do tropicalismo. Alguns marcos construíram essa história. Alceu Valença e Geraldo Azevedo convidaram Rogério Duprat (**1932–2006**) pra orquestrar algumas faixas de *QUADRAFÔNICO*, de **1972**. Pelas mãos do maestro, a dupla revirou a psicodelia através de ritmos como coco, viola caipira e rock.

O Udigrudi, movimento contracultural recifense, conciliava rock psicodélico e música regional. Reverberava também peças teatrais, textos, cinema, artes plásticas e até artesanato. Conhecida por artistas e intelectuais da cidade, a Fábrica de Discos Rozenblit deu vez a esta turma. Única grande gravadora brasileira localizada fora do eixo Sul-Sudeste do País, funcionou no Recife entre **1954** e **1984**.

Um ano depois de Quadrafônico, a gravadora produziu Satwa (tomado pelos fãs pernambucanos como o primeiro disco de rock psicodélico independente gravado no Brasil), de Lula Cortês e Lailson, e *PAÊBIRÚ: CAMINHO DA MONTANHA DO SOL*, de Lula Cortês e Zé Ramalho. Este trabalho incluiu um time de primeira. Além dos já citados Geraldo Azevedo e Alceu Valença, contou com participações dos guitarristas Ivson Wanderley, Paulo Rafael e do flautista Zé da Flauta, músicos da Ave Sangria.

Foto: Ave Sangria



2018



Formação clássica, no sentido horário: Almir de Oliveira (gorro branco), Ivson Wanderley, Marco Polo, Israel Semente, Agrício Noya e Paulo Raphael

Outros destaques dessa safra de realizadores são *FLAVIOLA E O BANDO DO SOL* (**1974**), Marconi Notaro – *NO SUB REINO DOS METAZOÁRIOS* (**1974**) e *JARDIM DA INFÂNCIA* (**1977**), de Robertinho de Recife.

O Ave Sangria refletia esse momento efervescente. Inicialmente foram batizados Tamarineira Village – nome que mistura a referência a hospital psiquiátrico localizado na Vila dos Comerciários, onde a maioria dos músicos morava, com o nome do bairro Greenwich Village (seminal ponto de encontro para a contracultura nova-iorquina).

Durante **1973**, o grupo chegou a se apresentar com esse nome em cidades como Salvador, Natal e João Pessoa.

CONTRATO

Após o sucesso dos Secos & Molhados e dos Novos Baianos, as gravadoras nacionais abriram as portas para experimentações desse tipo. **NO FIM DE 1973**, a Continental chegou a Recife, viu um show do Tamarineira Village e ofereceu a eles um contrato para gravar um disco.

Foram feitas duas exigências: primeiro que a banda trocasse de nome (Tamarineira Village soava estranho demais) e que houvesse uma formação definitiva para o grupo. Foi onde se estabeleceu o núcleo fundamental da banda, composto por Marco Polo (vocais), Ivson Wanderley (guitarra solo e violão), Paulo Raphael (guitarra base, sintetizador, violão, vocal), Almir de Oliveira (baixo), Israel Semente (bateria) e Agrício Noya (percussão).

Em **MAIO DE 1974**, partem rumo ao Rio de Janeiro para gravar o primeiro e último disco da carreira da banda.

As condições de confecção do álbum foram precárias. Além da inexperiência com estúdios, os integrantes suaram a camisa com apenas uma semana de trabalho e isso reverberou decisivamente no produto final. Nesse prazo de tempo registraram 11 canções e um instrumental pensado por Ivson (a faixa "Sob O Sol De Satã"). Lançado em **JUNHO**, *AVE SANGRIA* contou com produção de Márcio Antonucci (**1945-2014**), conhecido no meio artístico da época pela bem-sucedida dupla da Jovem Guarda, Os Vips. O som não carregava a crueza e a pegada das apresentações ao vivo da Ave Sangria, e foi considerado comportado e "engomado" demais. A inabilidade de Antonucci em trabalhar com esse tipo de sonoridade, segundo os integrantes, seria um fator.

Por sua vez, em entrevista ao jornalista pernambucano José Teles, autor entre outros livros de *DO FREVO AO MANGUE BEAT* (**2000**), o produtor negou qualquer interferência da Continental no som do Ave Sangria. A culpa teria sido da baixa qualidade de captação do estúdio.

CENSURA

AVE SANGRIA angariou boa circulação até mesmo nas rádios da conservadora Recife. Entre as músicas do grupo, a primeira faixa do lado B, "Seu Valdir" atingiu o 11º lugar na Super Parada Global, da Rádio Globo. Foi justamente essa canção que ferveu a mente dos censores. A letra, uma suposta declaração de amor entre dois homens, foi demais para o Departamento de Censura da Polícia Federal.

Com apenas um mês e meio de vendas nas lojas, o LP foi proibido e os exemplares que ainda não tinham sido vendidos foram recolhidos das lojas. O disco chegou a ser

relançado em **DEZEMBRO** sem "Seu Valdir", porém o estrago já estava feito contra aqueles cabeludos.

A censura significou um prejuízo imediato para gravadora. O Ave Sangria tinha contrato para mais um disco, mas a ideia foi engavetada pelos empresários. Ummaldição caía sobre a banda e dificilmente outro estúdio iria querer gravar com o grupo.

A mítica ave chegou a fazer mais alguns poucos shows depois – os dois últimos foram os do projeto *PERFUMES Y BARATCHOS*, que juntou 2500 pessoas por dois dias seguidos em um teatro que só cabiam 900 pagantes. O áudio dessa apresentação foi resgatado e lançado em disco anos depois.

O silêncio provocado pela opressão ainda ecoa na memória do grupo. A Ave Sangria entrou com um requerimento que pede anistia e reparação pelos danos sofridos pela censura que ocasionou o fim do grupo. "É muito estranho o que acontece no Brasil e no mundo. Pessoas que pedem a volta da Ditadura Militar não tem a pálida noção do que aquilo representou. Entramos na justiça mais pelo efeito simbólico do que na tentativa de ganhar algum dinheiro. Eles cortaram uma careira que era crescente, proibiram o disco, castraram nossa música. Propomos essa forma de protesto, conta o vocalista.

Da formação original, os sessentões Marco Polo, Almir de Oliveira (violão e voz) e Paulo Rafael (viola e guitarra) se unem aos músicos Juliano Holanda (baixo), Junior do Jarro (bateria) e Gilú Amaral (percussão) para construir esse novo voo e batalha da Ave Sangria.

SHOWS

Abre a "Noite Psicodelia do Sertão" a banda Trovador Eletrônico, de Sobral, com o show Outros cearenses, cujo repertório reúne canções autorais e versões de músicas de artistas que são influência para a banda – como Daniel Groove, Soledad e Cidadão Instigado, além das canções do Pessoal do Ceará.

Natural do Crato, Abidoral Jamacaru é um dos mais reconhecidos representantes da música popular produzida na região do Cariri. Teve participação fundamental nos movimentos artísticos contraculturais da década de **1970** no Ceará, cuja intenção era aproximar regional e universal. No show do Dragão, Abidoral Jamacaru & Banda seguem essa vertente, convidando o público a girar em cirandas, a dançar na batida do côco e a sentir a força dos riffs do rock e do blues.

MAIS INFORMAÇÕES:

NOITE PSICODELIA DO SERTÃO, com Ave Sangria, Abidoral Jamacaru e Trovador Eletrônico, no Anfiteatro do CDMAC (R. Dragão do Mar, 81, Praia de Iracema) Gratuito (retirada de ingressos liberada 2h antes, na bilheteria do Dragão – 1 ingresso por pessoa) Contato: (85) 3488.8600

MORRE JORGE PISTOCCHI, EL FUNDADOR DE ‘EL EXPRESO IMAGINARIO’ Y EMBLEMA DE LA CONTRACULTURA ROCKERA

LUTO

28 DE SETEMBRO / 2015 – Falleció Jorge Pistocchi, el fundador de El expreso imaginario y emblema de la contracultura rockera

Pistocchi, de **75 AÑOS** y con problemas cadiovasculares y pulmonares, fue clave como editor y fundador de las revistas Mordisco (**1974**), Expreso Imaginario (**1976**–**1979**), Zaff!! (**1980**-**1981**) y Pan Caliente (**1982**), que representaron canales de expresión para los jovenes, el rock argentino, la generación beatnik, nuevos cineastas, escritores y artistas plasticos.

El Expreso Imaginario lo fundo junto a proceres del periodismo rockero como Pipo Lernoud, Alfredo Rosso, el musico Horacio "Negro" Fontova, Fernando Basabru y Cladio Kleinmann, entre otros. La revista permitió a figuras como Litto nebbia, Luis Alberto Spinetta, los Manal, Vox Dei y otros tener un canal de expresión para hacer llegar su propuesta a la gente.

Pistocchi lanzó la revista a pesar de haber recibido amenazas de muerte por parte de la Triple A y fue emblema contracultural hasta que cerró, aunque en **1980** lanzó otra publicación "Zaff!", que repitió la experincia de realizar redacciones abiertas, ya fuera en el Centro Cultural San Martín o en el Ricardo Rojas de la UBA.

En **1982**, sale Pan Caliente y debido a la crisis económica se realizó un exitoso festival en el estadio de Excursionistas donde tocaron Patricio Rey y sus Redonditos de Ricota, los Abuelos de la Nada, Litto Nebia, León Gieco, Alejandro Medina, Willy Quiroga y Piero, entre otros.

Además, fue uno de los principales responsables de la recuperación de la fábrica textil AMAT en Lavallol, la primera fábrica recuperada del país.

"Con Pistocchi se va el referente más grande que quedaba de la cultural del rock. Su muerte es comparable a la de Luis Alberto Spinetta", dijo el músico de blues, y amigo suyo, Jorge Senno a Télam.

Luego armó el Colectivo Cósmico de La Paternal, una casa por donde pasaron figuras como El Indio Solari, Los Manal y Ricardo Iorio, entre varios artistas que iban a zapar o a comer un asado.

En la actualidad, además de continuar con la radio del Expreso Imaginario por Internet, formaba parte del grupo de percusión Afro Candombre, el cual tocará hoy durante el velatorio que se realizara en el conventillo de La Boca, donde vivía, señaló Senno.

"Él era un anarquista. Era un hombre libre que, cuando el rock se convirtió en negocio, nunca se prostituyó. Quería que lo despidiéramos con música y en su casa", dijo su amigo.

El director de cine Sérgio Costantino, quien lo conoció a raíz de su película sobre Miguel Abuelo, indicó que "Pistocchi era el más diferente de todos, despejado de todo lo material y tenía una mirada del mundo impresionante".

Senno, a su vez, señaló que "era una persona que siempre iba para adelante y que nunca se daba por vencido", y resaltó el hecho de que hasta último momento, Pistocchi estuvo trabajando en un libro y una película autobiográfica.

El fallecido periodista tenía "varios hijos e hijas", dijo Senno, uno de los cuales falleció hace tres o cuatro años raíz de un virus, comentó, al respecto, Costantino.

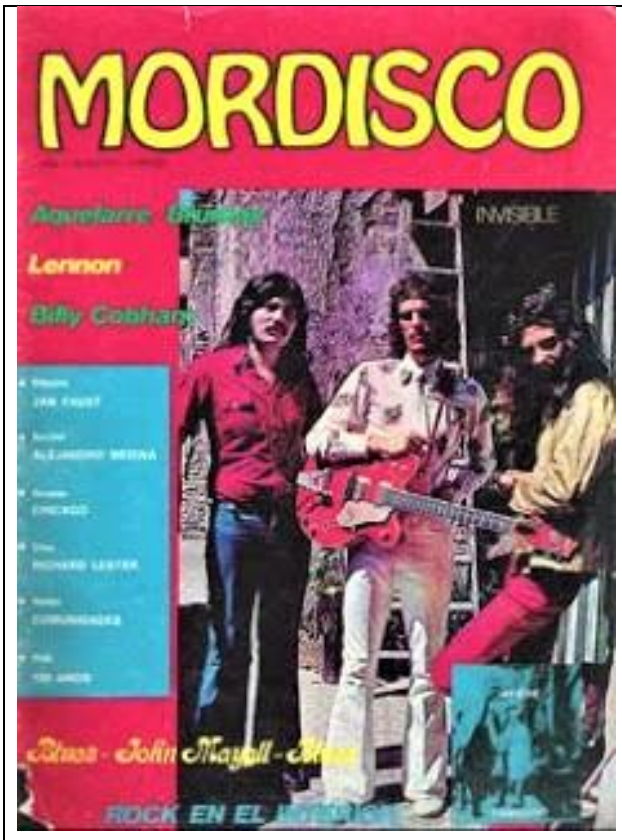
Otro notable del periodismo contracultural argentino, Miguel Grinberg escribió hoy "en tanto la Luna enrojecía, Jorge se despegaba de sus tercos huesos, abría los brazos hacia el Universo y ampliaba el campo de sus atrevimientos. Lejos de la solemnidad, cara a cara con la Luz, la infinita ráfaga de aleluyas que entonó de pie, siempre hacia lo alto, provisto de locas osadías, en estado de infatigable peregrinaje terrenal, atento a las vibraciones de toda una generación, despierto cuando todos simulaban normalidades y reposando lo necesario para reanudar la lucha".

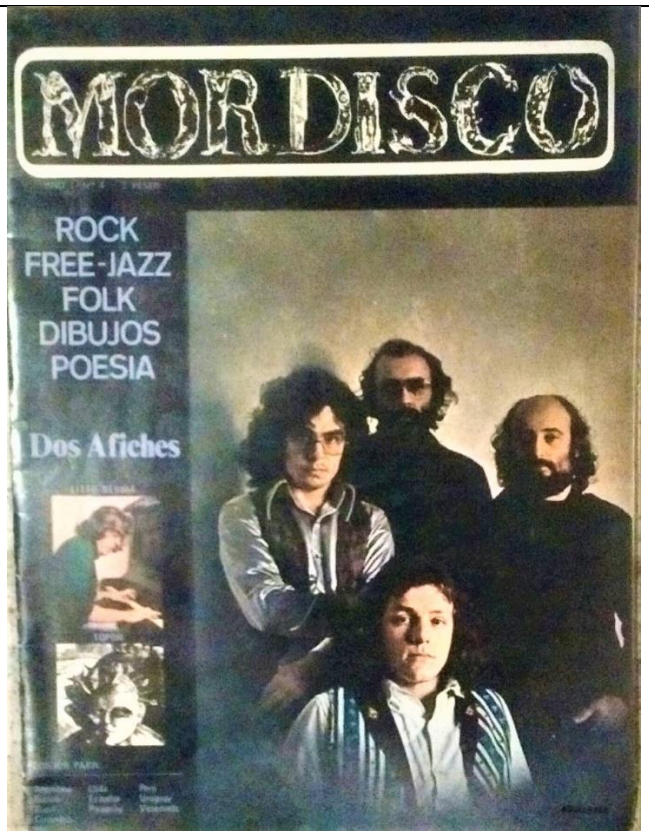
El musico Ariel Prat dijo que "se fue un soñador que ya salió desde la tierra a conquistar en paz sus sueños para siempre...Jorge Pistocchi...", mientras que la cantante Barbarita Palacios añadio: "Una tristeza inmensa! Te queremos mucho Pistocchi y te vamos a extrañar!

Por su parte su amigo Horacio Fontova escribio: "Ayer con el eclipse se fue el querido Jorge Pistocchi, alma mater de la legendaria Expreso Imaginario. ¡Buen viaje hermano!



El periodista, editor y figura clave para la cultura rock y joven en la Argentina Jorge Pistocchi, fundador de las revistas culturales El Expreso Imaginario, Mordisco y Zaff, entre otras, falleció en la Ciudad de Buenos Aires y sus restos serán velados en Olavarria 664.


MORDISCO
Lennon
INVISIBLE


MORDISCO
ROCK
FREE-JAZZ
FOLK
DIBUJOS
POESIA
Dos Afiches


expreso
imaginario
ATAHUALPA
CON EL PAIS ADENTRO


expreso
imaginario
ATAHUALPA
CON EL PAIS ADENTRO



NO QUARTER HOMENAGEIA JOELHO DE PORCO COM PARTICIPAÇÃO DE PRÓSPERO ALBANESE

PRÓSPERO ALBANESE!
"EU ME ORGULHO EM TER SIDO CONVIDADO PELA NO QUARTER..."

NOVEMBRO / 2015 –
1. Led Zeppelin foi uma sombra sonora em várias bandas do mundo. Vocês podem identificar essa influência no Joelho de Porco? Acredito que eles tinham o peso do Zeppelin principalmente na guitarra.

PRÓSPERO responde:

Sim o Led não foi só uma “sombra sonora”, foi uma avalanche! Um verdadeiro torpedo no mundo dos roqueiros. Se a minha velha memória não estiver me traindo, lembro que o primeiro LP do Led, foi trazido do exterior pelo meu velho amigo Fabio Gasparini, meu ex-companheiro das bandas Mona e Joelho De Porco. Mas, desculpem-me por fugir da nossa pauta, na minha vida a influência foi bem maior, junto, especialmente, com The Beatles, The Who, Yes, Queen, Emerson, Lake and Palmer, Genesis, The Police, Deed Purple e Cream e algumas outras bandas.

Sei que vocês tocam material clássico de outros artistas, mas vou continuar no Led Zeppelin devido ao nome da banda NO Quarter ("Sem compaixão") vocês tiram os arranjos ao vivo dos discos piratas? O que acham de bandas que ouvem dos discos de estúdio e partem para a reprodução ao vivo? Como será a apresentação de vocês? Os diversos climas, os toques orientais e acústicos. Como funciona?

RESPOSTA NO QUARTER

Começamos sempre com os arranjos de estúdio e com o passar dos tempos vamos adicionando pontos de versões ao vivo encontradas em material oficial e pirata. Acreditamos que a referência para a maioria do público vem das versões de estúdio, mas sabemos que existem muitos pontos marcantes de versões ao vivo e logo fazemos estas inclusões nas músicas.

Nesta apresentação vamos abrir com canções que fizeram parte do nosso repertório no início de banda em **1998** até nos transformarmos em uma banda que presta tributo ao Led Zeppelin.

Este repertório conta também com canções de Cream, Animals, Janis Joplin, Grandfunk Railroad. Em seguida apresentaremos um repertório com 9 canções da banda Joelho de Porco que foi de suma importância em nosso crescimento musical e

nos traz a felicidade de contar com a presença muito especial de Próspero Albanese, a voz do Joelho!

Em seguida fechamos o evento tocando Led com um repertório surpresa. A única certeza é a participação do Próspero em uma das canções do Led também!

Nosso repertório com as canções da banda Led Zeppelin se baseia na mistura do gosto pessoal da banda e pedidos do público que nos acompanha em todos estes anos de estrada. Já fizemos apresentações tocando alguns discos na íntegra e reproduzimos o show The Song Remains The Same que pode ser conferido em nosso site www.noquarter.com.br .

O rock voltou ao teatro quais são os prós e contras?

PRÓSPERO: O Teatro é uma reconquista dos roqueiros. É bastante gratificante o ambiente dos Teatros e eu espero que esta iniciativa se repita, principalmente, para novas bandas. Isto é sensacional!

RESPOSTA NO QUARTER

Achamos que ele nunca deveria ter se afastado dos teatros, pois nele existe a oportunidade de pais mostrarem aos filhos e avós mostrarem aos netos o som que fez parte da história de vida deles e com isso unir mais ainda as famílias através da música que até hoje se mostra tão forte e rica no mundo.

O teatro traz a oportunidade para todas as idades e falo isso como testemunha que sou, pois em todas as apresentações que fizemos no teatro nós temos sempre um retorno muito positivo de pessoas de todas as idades que jamais sairiam de suas casas para nos assistir em Pubs ou Bares onde os shows acontecem normalmente com o início entre meia noite e duas horas da madrugada. Não conseguimos ver nenhum ponto negativo em apresentações que acontecem no teatro!

Nesta apresentação temos a oportunidade de assistir uns dos grandes nomes do Rock'n'Roll nacional e isso é muito especial para nós da banda No Quarter e acredito que para todos os fãs da banda Joelho De Porco!!!

Canções que serão apresentadas com Próspero Albanese?

01. Boeing 723897 / 02. Mardito Fiapo De Manga / 03. Cruzei Meus Bracos… Fui Um Palhaço / 04. México Lindo / 05. Aeroporto De Congonhas / 06. São Paulo By Day / 07. A Lâmpada De Edison / 08. Meus Vinte E Seis Anos / 09. Se Você Vai De Xaxado Eu Vou De Rock`n`Roll

4– Qual a expectativa de Prospero Albanese ao atacar o microfone com a banda No Quarter? Como surgiu essa parceria ou participação? Poderia adiantar as músicas a serem apresentadas?

PRÓSPERO: A minha expectativa é de ansiedade, porque eu estarei ao lado de uma das maiores vozes que eu já presenciei na minha trajetória musical, que é a voz do TON CREMON, além do grande guitarrista DEINESH. Com ambos eu tive o privilégio de aprender e dividir o mesmo Palco, no Festival Psicodália – **2015**. Também eu sou fã do baterista Daniel Labó. Esta parceria surgiu a partir de uma visita que fiz num pub paulistano, para tentar viabilizar uma apresentação minha naquele local. Lá eu me surpreendi, quando vi e ouvi o Ton, rasgando a sua voz, com muita técnica e precisão, do começo ao fim. O Ton, é um verdadeiro monstro dos vocais e para mim, será um

desafio, cantar um pequeno trecho ao seu lado, de uma música do Led (ainda em segredo...rsrsrsrs).

Essa maravilhosa banda “NO QUARTER”, quando os assisti no mesmo Teatro Elis Regina, SBC/SP, eu simplesmente não resisti e chorei (fiquei com falta de ar), desde os Camarins, até o estacionamento dos veículos e o show deles (Ton, Deinesh, Daniel e Fábio), foi para mim, uma das maiores emoções que já senti na minha vida! A partir daquele momento inesquecível, ressurgiu na minha alma de roqueiro, todas aquelas sensações de jovialidade e rigorosidade musical e, principalmente, toda aquela minha gratificante lembrança daquela época da banda MONA e de todos os meus velhos amigos roqueiros do bairro paulistano da Aclimação (Gerson Tatini, Fabio Gasparini, Fefé, João Paulo e Betu´s Play). Para esse futuro show, eu já estou agendando o meu médico cardiologista e realizando exames preventivos (e isto, não é uma brincadeira. É realidade!), para me resguardar da bomba musical que vai estourar ininterruptamente, no Teatro Elis Regina, em **21 DE NOVEMBRO DE 2015**, com esta fantástica banda No Quarter e muito certamente, com o querido público de ambas as referências: Led e Joelho.

O Repertório do Joelho, o Denis poderá me representar nisto (e espero que ele tenha dó do velhinho com memória meio fraquinha e escolha músicas com letras pequenas...Yeah, "México Lindo", "Mardito Fiapo de Manga", "São Paulo By Day", "A Lâmpada de Edson"...rsrsrs). Eu aqui agradeço a todo o pessoal da assessoria e a da equipe de produção da banda No Quarter; a toda a equipe do Teatro Elis Regina e ao jornalista (e equipe) Pazcheco Santos, do ABC Cultural, pela honra de estar nesta Entrevista e, principalmente participar do futuro show, que eu me orgulho em ter sido convidado.

Release/ Show No Quarter Celebration & Próspero Albanese



SHOW DE ANIVERSÁRIO DA BANDA NO QUARTER
HOMENAGEIA JOELHO DE PORCO E PRÓSPERO ALBANESE

O Teatro Elis Regina, em São Bernardo do Campo, receberá dia **21 DE NOVEMBRO**, às 19h30, a banda No Quarter no show de comemoração aos seus 17 anos e fará um tributo a banda Joelho de Porco. O evento é livre para todas as idades. “Iremos tocar músicas que passam de pai para filho e nos dias de hoje estão chegando aos netos. Muitos não podem frequentar bares para assistir estes shows e o teatro acaba se tornando uma alternativa” comenta Daniel Labó, baterista na No Quarter.

A apresentação será dividida em duas partes onde a primeira é dedicada aos clássicos dos anos 60 e 70 (incluindo Led Zeppelin, Janis Joplin, The Doors, Rolling Stones e outros). Na segunda parte homenageiam a uma das bandas de maior expressão no cenário musical dos anos 70: Joelho de Porco. Como se não bastasse, o convidado (mais que especial) é a própria voz do Joelho, Próspero Albanese.

Banda No Quarter

Desde a sua primeira formação, a banda toca os clássicos nacionais e internacionais. Os músicos foram influenciados por bandas e músicos da década de **1970** através de familiares e amigos. Entre as influências, destaque para o Joelho de Porco pela sua competência musical, tocada tropicalista e letras irreverentes. Nesta noite a banda irá compartilhar o palco com a voz do Joelho, Próspero Albanese. É um presente dos músicos para o público.

Joelho de Porco e Próspero Albanese

A banda Joelho de Porco foi pioneira em misturar rock pesado com tropicalismo, humor com punk. O último álbum, *18 ANOS SEM SUCESSO*, foi lançado em **1988** e o ultimo show ao vivo foi na Virada Cultural São Paulo em **2009**. Próspero Albanese começou sua carreira artística ainda criança, foi primeiro baterista e depois assumiu a voz do Joelho. Com o fim da banda fez participações especiais, produziu discos, entre outros e hoje segue carreira solo.

Serviço:

Data: **21/11/2015** Horário: 19:30
Local: Teatro Elis Regina (Rua João Firmino 900 – Bairro Assunção, São Bernardo do Campo – SP. Fone: 11 4109–6262)
Indicação etária: livre
Duração do espetáculo: 90 minutos

Aproximadamente em 24 horas...

1.500 compartilhamentos

5.200 curtidas

8.100 visualizações no Youtube

O pequeno exército correu em defesa de seu rei.

DESCOBERTO O ELO MAIS QUE PERDIDO DA PATRULHA DO ESPAÇO

Mário Pazcheco

03 DE DEZEMBRO / 2015 - Vamos consultar Arnaldo que parece estar mais uma vez a frente de seu tempo – “Estava explorando novos palcos e equipamentos naquela época. Usei esse disco para indicar o sentido do novo show que estava apresentando.”. Esta fala pode ser confirmada no vídeo inédito recém divulgado no canal do youtube de A. C. Barbieri.

Num pré-tempo de discoteca e da moda das sandálias de plástico com um visual menos produzido e mais leve substituindo a indumentária dos jeans sebosos a la Status Quo, a Patrulha Do Espaço captou o seu momento agonizante que seria transformado em glória póstuma.

A aparelhagem caseira da Patrulha Do Espaço (pequenos amplificadores valvulados) não chegava aos pés da aparelhagem do Genesis, uma das grandes estrelas do período. Os mais técnicos poderão identificar que nos núcleos nervosos do som, há um apoio tecnológico.

O que vemos é uma abrasiva apresentação ao vivo nas dependências da TV Bandeirantes, acredito que a captação de som seja monofásica não muito diferente das tevês americanas do período.

Sem muitos takes, sem muitas horas de ensaio, só a cansativa embromação da tevê, assim foi gravado o toque único de Arnaldo Baptista em improvisadas e rápidas passagens ao piano, difíceis de serem duplicadas, a falange de acordes dispara a avalanche de notas – Arnaldo parece sentir a pressão do ambiente ou preocupado com outra coisa extra mas é a sua música. O piano acústico é uma volta aos princípios da banda quando ele teve que largar o instrumento devido às dificuldades de transporte.

Seu estilo não é rockabilly é jazz, o mutante irá cair de boca no boogie-woogie, perceber-se sua determinação no mergulho como pianista de jazz numa banda elétrica – o fraseado rápido das semifusas do piano abre a também rápida “Sanguinho Novo”, letra e ritmo com pé no punk e sob medida para os jovens talentos da banda, Gennari no contrabaixo, Chermont na guitarra e Rolando Castello Jr, na bateria. No meio da apresentação, a banda apresenta a clássica “Sunshine” e encerra essa orgia musical de 14 minutos com a poderosa “Cowboy” com letra em português. “Sanguinho Novo” e “Cowboy” foram duas das novas canções do fim da banda.

Na origem do vídeo, ele trazia um timecode (contagem numérica para facilitar a edição de imagem e execução de músicas) o contador foi substituído por uma tremulante bandeira brasileira. Um toque de que o rock nos pertence e uma referência que essa joia musical nacional teve que ser editada e postada em Londres para o conhecimento pátrio.

Confundindo a arte com política e sem conhecer a história dos desmandos do Brasil, a ignorância arrogante da falta de identidade cultural de alguns curtidores pediram a volta do timecoder e a retirada do símbolo brasileiro. - Como fazer rock nacional num ambiente tão hostil propicio às invasões que concentram a maciça atenção nas atrações internacionais? (Só faltou pedirem a volta do militarismo – até os coxinhas prestaram atenção neste vídeo).

Recorrendo outra vez a Arnaldo, imagino sua fala - Os artistas são os que mais fazem e sofrem por seu país.

Do vídeo captamos a alegria pulsante do contrabaixista Oswaldo "Cokinho" Gennari e do guitarrista Eduardo "Dudu" Chermont na jornada de acompanhar o ídolo (dois talentos que partiram precocemente), nesse interim uma abrupta virada de pratos e uma rufada de Rolando Castello Junior nos mostra que sua bateria é o ingrediente mágico da fórmula de Arnaldo.

A. C. Barbieri restaurou a imagem e o áudio e deu agilidade ao vídeo. Correu riscos indesejáveis para conhecermos mais um pouco do passado do rock nacional condenado pela falta de glórias.

A bandeira brasileira segue pelo vídeo escondendo as ações das mãos nas teclas, cordas e pratos é o preço a pagar, quem sabe depois de se dar conta da existência dessa pérola perdida em ostra quente – alguém mais sensível e competente e oportunista apresente o vídeo sem o inconveniente acessório de edição.

Bravamente, a grande maioria voltou ao futuro com o vídeo armazenado há **37 ANOS**.

LANÇAMENTOS SAZONAIS EM VINIL, CD E LIVRO

Acaba de sair a edição em vinil de 180 gramas, do ao vivo, *CAPTURADOS VIVOS EM BUENOS AIRES*, que captura a formação atual da Patrulha Do Espaço, esta versão apresenta uma música extra que não está no CD. O LP vem embalado numa capa poster em cartão de 250 gramas, com dobras que se transformam num poster de 74cm x 62cm;

Caixa de Rita Lee com 21 CDs;

Box set completa com a carreira solo de Arnaldo Baptista, pela primeira vez seus dois trabalhos em estúdio e ao vivo com a Patrulha Do Espaço são disponibilizados em CD, acompanha faixas bônus;

LP Box com sete LPs da carreira dos Mutantes entre **1967-72**;

Relançamento em vinil do álbum *OAEOZ* dos Mutantes,

A HORA E A VEZ, livro de fotos exclusivas dos Mutantes da fotógrafa Leila Lisboa Sznelwar

2016

RELEMBRANDO MAGNÓLIO POR A. C. BARBIERI

Faleceu Magnólio! Para aqueles roqueiros que viveram intensamente os **ANOS 70**, Magnólio foi uma figura lendária, apresentador dos festivais que aconteceram no Parque do Ibirapuera, apresentador e um dos organizadores da lendório teatro de shows chamado Tenda do Calvário. A Tenda teve uma história curta e tumultuada, tendo sofrido nas mãos do *DEIC* num momento em que a Ditadura Militar estava no pique da coisa.... A última vez que encontrei-me com "Mag" foi quando ele foi o irreverente mestre de cerimônias de um show acontecido no Playcenter onde, entre outras bandas, apresentou-se a banda Joelho De Porco.

Qualifica-lo simplesmente como "Palhaço", com todo respeito à esta profissão, é pouco! Ele sempre preferia definir-se como um "Palhaço Ecológico". Ele, além de ser um artista performático, sempre foi um grande ativista engajado que, divertindo, sempre passava uma mensagem de cunho humanitário e cultural.

Sempre que o encontrava, cobrava dele a devolução de umas fitas K7s que tinha gravado ao vivo num dos festivais do Ibirapuera e lhe emprestado. Entreguei as fitas em suas mãos dentro da Tenda do Calvário, mas, a posterior invasão policial culminando com a prisão de todos os presentes mais toda a confusão e insegurança futura, de uma forma ou de outra, fêz com que nunca mais conseguisse recupera-las, não era para ser, estas fitas se perderam no tempo... Isto nunca impediu-me que sempre guardasse um enorme carinho por ele! Sonhava com o dia que pudessemos nos ver novamente! Descanse em paz caro amigo!

Quando Mag leu minha matéria sobre a Tenda do Calvário mandou-me esta mensagem:

“Celso, que bela obra, que linda leitura, que viagem me proporcionaste! Estou aqui na Amazônia querendo fazer um festival!
DEBAIXO DA FLORESTA DA GENTE ...TEM ROCK Vamos nesta!!!! "

(**MAGNÓLIO**)

Quando eu fiz 60 ANOS ele me mandou esta mensagem hilária:

“Comece a fazer SEXO à sério!
Eu já tenho 62. Parabéns!"
Magnólio

Quando tive que fazer uma operação muito séria ele me enviou esta mensagem:

"Celso, receba daqui da Amazônia toda a força da mata e da floresta em pé!
E o rock continua!
Vaso ruim num quebra :–)
...calma!
Abração, " Magnólio

Lá na Tenda do Calvário, um dia à tarde eu estava no palco ajudando o técnico de iluminação. Mag aproximou-se todo silencioso, sério, me pegou pelo braço e sem dizer uma palavra me levou por uma pequena porta para atrás do teatro onde existia um jardim isolado. Lá havia uma meia duzia de pessoas já sentadas em círculo no chão. Nos sentamos juntos e aí passaram o "cachimbo da paz"! Ele era um guru!



Magnólio em foto de: **TATIANA CARDEAL**

Descoberta acidental de uma catacumba. Um dia, próximo da escada de acesso para a torre da igreja, durante os trabalhos de limpeza do local, um tijolo solto, quando retirado, revelou uma área aparentemente secreta. Vários tijolos foram retirados e revelaram um pequeno corredor que dava para uma escada de concreto sem corrimão que descia para uma grande sala. O Mag arrumou uma lâmpada com uma extenção e descemos as escadas para explorar. Nas paredes podia-se ver entradas seladas com tijolos. Tudo indica aquela sala era um grande túmulo. Será que a Tenda do Calvário foi castigada por tirar o sossego dos mortos? Leiam minha matéria sobre a Tenda do Calvário.

MAGNÓLIO: LIVRO ABERTO

ESCRITO POR CRISTOVAM SENA (13 DE MAIO /2016)

Se não me engano, ele é paulista. Seu nome é Paulo Roberto Sposito. Conhecido como Magnólio. Cognome que recebeu quando ainda jovem estudante, sua acentuada rouquidão deixava sua voz parecida com a de um personagem de novela que se chamava Magnólio. O conheci através de trabalhos que envolviam a Emater e o "Projeto Saúde e Alegria" – PSA. Organização fundada pelo médico Eugênio Scannavino Netto, em **1985**, que veio de São Paulo e trabalhava nas comunidades ribeirinhas onde, por falta de informação da população sobre cuidados básicos com a saúde, o índice de mortalidade infantil provocado pela diarréia era alto. Eles começaram distribuindo cloro para combater essa calamidade que caracteriza as regiões pobres, que ainda persiste na rica Amazônia.

Nessa época, mantínhamos um programa radiofônico na Rádio Rural, "Fruto da Terra", criado quando o amigo Rubens Cardoso era Supervisor Regional da Emater em Santarém. Programa semanal, no início apresentado pela Meive Piacese e eu. Eugênio foi entrevistado no programa para falar sobre sua atuação nas comunidades de várzea, mais de uma vez. Retornando ao Magnólio, fiquei sabendo que ele era formado em técnicas circenses pela Academia Piolim, em São Paulo, e tinha concluído curso na área de serviços sociais. Essa mistura de circo com sociologia temperou seu



caráter, suas ações profissionais ainda hoje estão alicerçadas na alegria e consciência social. Características cada dia mais escassas, que precisam ser valorizadas.

Como tínhamos algumas coisas em comum, principalmente gostar de livros e cerveja, nos aproximamos. Ele chegou a montar com sua companheira Gorda, o bar Relicário, onde íamos aos finais de tarde atualizar o papo com os amigos. Passou a me convocar para participar de algumas reuniões do PREA – Tapajós (Pólo Regional de Educação Ambiental), que ele comandava. Atendendo seus convites, fui falar sobre "Sustentabilidade Cultural" em comemoração à Semana do Meio Ambiente, na ULBRA. Em outras ocasiões, sobre desenvolvimento global enfocando o meio ambiente, o lucro e a população do município. Sempre atendia suas solicitações.Um dia me telefonou, comunicava que o PSA estava montando ao longo do Rio Tapajós, nas comunidades trabalhadas por eles, bibliotecas comunitárias. Queria adquirir os livros regionais editados pelo ICBS. Ao todo Magnólio ajudou a montagem de cinco bibliotecas, sendo uma itinerante, dentro de um barco. Além das bibliotecas ele bolou o Circo Mocorongo, assim poderia aplicar as técnicas circenses adquiridas na Academia Piolim, guardando pra si o papel de palhaço.

Passamos bom tempo sem nos encontrar. Voltamos a nos ver em **2009** na residência do Antenor Giovannini. Aposentado da Cargill, Antenor resolveu estimular a criação de um grupo de amigos com o intuído de encaminhar debates e propostas sobre alguns problemas da cidade, dentre eles o abastecimento de água nos bairros periféricos. O grupo teve vida curta, como era de se esperar, pela variada opção política dos seus componentes e a complexidade dos problemas selecionados. No início denominado de "SOS Santarém" pelo Jota Ninos, o grupo foi rebatizado pelo Magnólio de "Santarém Pai d'Égua" e sumiu devido a divergências políticas internas. As reuniões aconteciam aos sábados, com direito a cerveja e tira-gosto preparado pelo anfitrião Antenor. Após novos desencontros, fui rever Magnólio já em **2012**, nas telas do cinema. Fazia parte do elenco do filme "Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios", contracenando com Camila Pitanga. Só isso!

Em **2013** ganhei de presente um trabalho produzido por ele, denominado *EU, LÚDICO, BRINCO, LOGO EXISTO!*. Um livro aberto, com folhas soltas, impresso em papel 180 gramas, com desenhos que ilustram as brincadeiras tradicionais das crianças do nosso tempo, que hoje nossos netos não brincam mais: pião; papagaio, aviãozinho e barquinho de papel, carrinho fabricado com latas de sardinha, bolinha de gude, botão de mesa, etc... A última, ou primeira página do seu livro aberto – as folhas soltas não são numeradas – é um poema que estimula nossa imaginação a entender a realidade dos meninos e meninas das beiradas do Rio Tapajós, que se confundem com "os meninos e meninas do Brasil, que a gente passa e finge que não vê!" Realidade que ele tentou transformar com seu trabalho no Projeto Saúde e Alegria.

Esse é o Magnólio que, de relance, cheguei a conhecer e conviver. Ontem conversei com o professor de história Paulo Lima, fui informado que o Magnólio retornou para São Paulo. Está dodói.

Crianças e palhaços como o Magnólio não deviam adoecer. Aqui meu reconhecimento pelo muito que realizou!

Dedico ao amigo os versos do poeta e filósofo iluminista francês Voltaire (1694/1778):

"Um livro aberto é um cérebro que fala;
Fechado, um amigo que espera;
Esquecido, uma alma que perdoa;
Destruído, um coração que chora." (**VOLTAIRE)**

MENSAGEM POSTADA NA PÁGINA DO PROJETO SAÚDE E ALEGRIA

Magnólio, nosso amigo, parceiro, irmão

Hoje parece que você foi até ali na beira do rio Tapajós pegar um barco pra viajar até uma comunidade para educar os jovens, fazer os adultos voltarem a ser crianças e com o sorriso delas ensinar como a vida pode ser feita de alegria e uma eterna crença no futuro. Ensinar que a alegria não tira a seriedade das coisas importantes pelas quais devemos lutar, que o mundo espera o melhor de cada um de nós. Pegamos todos passagem nesse mesmo barco chamado vida e tivemos a sorte de ter você como nosso companheiro e comandante. Muitas vezes você foi o próprio combustível que fez o motor deste barco, as vezes com dificuldades, conseguir navegar e ir mais longe, chegar a mais comunidades, a mais pessoas no mundo. Não importa! Sua frase para os momentos difíceis virou nosso lema pra enfrentar os desafios. Sua alegria, otimismo, energia transmitida naturalmente às pessoas que lhe conheciam moveu os sonhos de uma Amazônia viva e com cidadania para seus povos. Esta planta não morreu, está viva e será sempre regada com suas ideias. Nosso amigo, cada cor da nossa cortina do Circo Mocorongo é uma maquiagem sua e estará sempre renovada todas as vezes que um novo palhaço fizer uma criança sorrir, um jovem acreditar no seu potencial, um adulto viver melhor e com sabedoria, e um velho voltar alegremente a ser criança.Hoje você fez uma viagem mais longa. maior que aquelas de vários dias fazendo circo e distribuindo alegria às margens dos rios da Amazônia. Mas você estará sempre ancorado no porto das nossas melhores lembranças e nos encontraremos em qualquer parte desse universo. Acredite, cada um dos sorrisos que você promoveu, viraram sementes que alimentarão os sonhos de um mundo melhor.



CONFIRA A MENSAGEM DA POETISA SOCORRO CARVALHO

Santarém está de luto.
Grande mestre circense pereceu.
Égua!! **2016**!!
O que aconteceu?
Ah, deixa pra lá...
Vai ver que tem festa no céu.
E Deus precisou dele para alegrar.
Fazer mágica, encantar etc...
Ensinar peripécias aos anjos, talvez!!!
Enfim, são tantas justificativas
Para tentar relevar essa ausência...
Prefiro guardar
As noites inesquecíveis de mágica
No palco do velho Relicário.
Mas tem muito MAIS que isso
Tem os ensinamentos que deixou,
Os frutos que semeou...
O amor que dedicou ao Tapajós.
Por isso, também, será lembrado.
Mas não irei ficar triste!
A tristeza não combina
Com as cores de toda aquela alegria.
Égua, Magnólio!!
Não posso mais dizer nada,
Antes que que eu chore,
Por favor, fechem as cortinas...
Aplausos!!!

SOCORRO CARVALHO

EU, LÚDICO, BRINCO, LOGO EXISTO!
LIVRO INFANTIL PUBLICADO POR MAGNÓLIO

Magnólio de Oliveira

Eu, lúdico, brinco, logo existo!*

*Marlia Gorgibone da Silva

Santarém, Pará, Amazônia, Brasil
2013

A alegria não tira nossa seriedade.

Magnólio de Oliveira

Brincadeira tem hora.

Adágio popular

Quem não tiver medo de ficar alegre e experimentar uma só vez, a alegria doida e profunda, terá o melhor de nossa verdade!

Clarisse Lispector

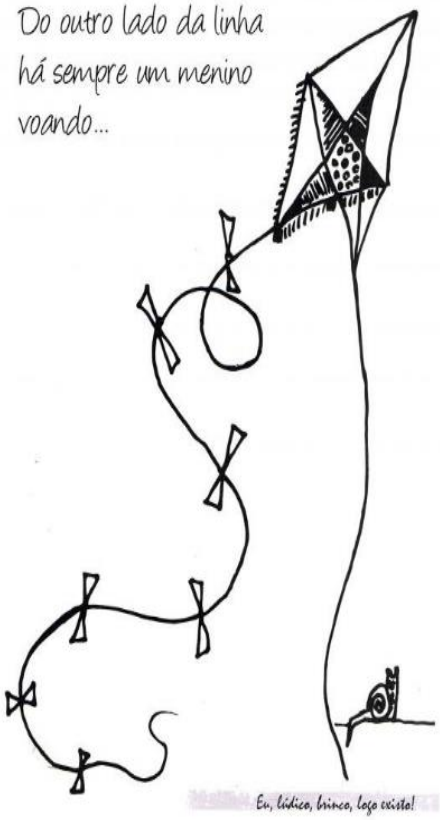
Que um sonho bom, sem fronteira, sem fim, venha clarear em nós o eu profundo. É preciso sis, ensina Piolim, e na alegria renovar o mundo.

Carlos Drummond de Andrade

Para
Cecília de Santarém (Tita), Lívia de Gaia (Bibi), todos os acampantes do Sítio do Sobrado e aos colegas do Saúde e Alegria
"Meninos que sabem brincar".

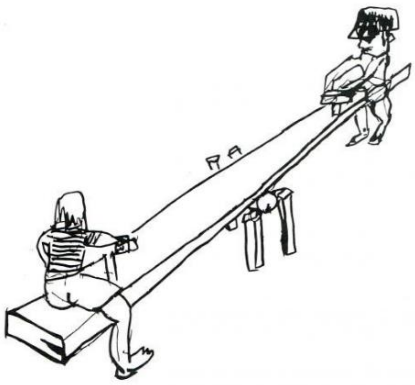
Paulo Roberto Spósito de Oliveira
"Magnólio de Oliveira"

Do outro lado da linha
há sempre um menino
voando...



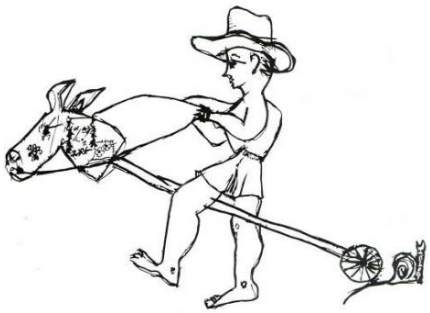
Eu, lúdico, brinco, logo existo!

Sobe e desce na rua
que desaparece.



Eu, lúdico, brinco, logo existo!

Upa! Upa!
Meu cavalinho
alazão!



Eu, lúdico, brinco, logo existo!

Mixirica, Tangerina e Bergamota

Mixirica, Tangerina e Bergamota.
Quem são esses personagens?
Só temos uma pista...
São filhos da mesma árvore.
Enquanto Mixirica corre no pegador,
Bergamota está no pega pega
e Tangerina está com a pira...
Mixirica empina papagaio, Tangerina a pipa.
E Bergamota levanta a pandorga.
Para Mixirica e Bergamota peteca se bate por baixo
Mas para Tangerina é o mesmo que guide,
que para Mixirica é burca e para Bergamota é bolita.
Com a bodadeira, estilingue ou bodoque
Pidam macaca, saputa e amarelinha
Pra matar a fome, o rango ou a broca
Comam apuru, macaxeira e mandioca.
Na hora da sede
Usam a cuia, a cabaça ou o porongo
Mixirica, Tangerina e Bergamota?
Quem são esses personagens
Só temos uma pista
São filhos da mesma árvore
Sabemos que do dever, do tema ou da tarefa
Eles querem se ver livre depressa
Mixirica, Tangerina e Bergamota
Moleques, pife, piveres, curumins
Às vezes são "peru de fora", "café com leite"
ou só "faz de conta"
E seguem assim, sem valer
Mixirica, Tangerina e Bergamota?
Quem são esses personagens
Só temos uma pista
São filhos da mesma árvore!
São os meninos e meninas do Brasil,
Que a gente passa e finge que não vê!
Mixirica, Tangerina e Bergamota.

Magnólio de Oliveira
Educologia: A Educação Ambiental Ativa

Eu, lúdico, brinco, logo existo!

RAUL SEIXAS: DESCENDENTE DIRETO DE ELVIS PRESLEY



Disco que capta momento turbulento de Raul Seixas é lançado em vinil

ISSO AQUI NÃO É WOODSTOCK foi registrado em **1981** durante show no *FESTIVAL DE ÁGUAS CLARAS*

Lançamento sai em capa dupla e com vinil de 180 gramas

4 DE NOVEMBRO / 2016 – Um novo disco de vinil de Raul Seixas chega às lojas este ano, após **27 ANOS** da morte do roqueiro baiano. O lançamento, cujo repertório já foi disponibilizado em CD em **2014**, é uma parceria entre os selos Record Collector Brasil e 180 Selo Fonográfico, e leva o "pequeno" título *ISSO AQUI NÃO É WOODSTOCK, MAS UM DIA PODE SER: AO VIVO NO 2º FESTIVAL DE ÁGUAS CLARAS*, **1981**.

O LP equivale ao registro de um show inédito, que foi gravado originalmente em fitas, com som captado diretamente da mesa de som da apresentação que batiza o trabalho. As fitas originais pertenciam a Sylvio Passos, presidente vitalício do Raul Rock Club, o principal fã clube de Raul Seixas. O áudio foi restaurado e remasterizado para a prensagem inédita em vinil. O disco será disponibilizado a partir do dia **21 DE NOVEMBRO** e já pode ser adquirido em pré-venda nos sites dos selos responsáveis pelo lançamento.

ISSO AQUI NÃO É WOODSTOCK será apresentado em vinil 180 gramas, em uma edição limitada de somente mil exemplares, divididos em duas versões. A de vinil transparente equivale aos LPs numerados de um a 300, e a versão em vinil preto vai dos números 301 até 1.000. O lançamento é o primeiro de uma série de coleção de LPs que está sendo programada para breve, a partir de material coletado por Passos e disponibilizado por suas herdeiras. Para **2017**, estão programados os lançamentos dos álbuns *EU NÃO SOU HIPPIE*, que remete a gravação de **1974** e será apresentada de forma inédita em vinil, e *METRÔ LINHA 743*, de **1984**, cujo LP terá uma faixa bônus inédita.

ISSO AQUI NÃO É WOODSTOCK dá continuidade a discografia em vinil de Raul Seixas, cujo último LP lançado foi *SE O RÁDIO NÃO TOCA*, em 1994. O show no *FESTIVAL DE ÁGUAS CLARAS* em **1981** fez parte da turnê do álbum *ABRE–TE SÉSAMO*, de **1980**, que é considerado um dos melhores da sua carreira. O vinil revela os palavrões ditos por Raul durante a performance ao vivo, a improvisação de versos novos, e também sua revolta anárquica. “Eu sempre desejei lançar o material do meu acervo em vinil. Esse é o primeiro de uma série. Muita coisa inédita vem por aí”, avisa Passos.

O lado A do LP é composto pelas faixas “Rock Do Diabo”, “Aluga-se”, “Como Vovó Já Dizia (Óculos Escuros)”, “Abre–te Sésamo”, “As Aventuras De Raul Seixas Na Cidade De Thor” e “O Trem Das Sete”. Já no lado B estão as faixas “Blue Suede Shoes”, “Ready Teddy”, “Maluco Beleza”, “Al Capone”, “Rock Das ‘Aranha’” e termina com “Sociedade Alternativa”. O disco conta com capa dupla (formato “gatefold”), fotos raras e uma reportagem sobre a carreira de Raul naquele momento, com entrevistas com os músicos que tocaram no show e da ex-companheira do cantor, Kika Seixas.



MORRE O BAIXISTA E PRODUTOR ROBERTO LLY

1 DE DEZEMBRO 2016 – Vítima do câncer, morreu agora a pouco o músico, produtor musical e compositor, Roberto Lly.

Lly no início dos **ANOS 80** formou a banda Herva Doce onde gravou quatro CDs e abriu shows internacionais como Van Halen no Maracanazinho e Kiss no Maracanã, Morumbi e Mineirão.

Ele foi o compositor de várias músicas nos quatro discos da banda, inclusive o grande hit “Amante Profissional”.

Antes do Herva Doce, nos **ANOS 70** ele tocou na banda do Jorge Ben, e com o fim do Herva Doce, voltou a acompanhar artistas em excursões como Lobão e Evendro Mesquita. Depois em **1989** começou a se dedicar mais ao seu lado de produtor musical onde trabalhou com as gravadoras Polygram/Universal, EMI, Indie, Deck Disc e realizou trabalhos com artistas como Ritchie, Sandy e Junior, Simone, Elba Ramalho, Fagner, Fernando Magalhães, Celso Blues Boy e muitos outros.

Um dos seus maiores sucessos como produtor foi no **FINAL DOS ANOS 90** quando produziu o CD de grande sucesso do Vinny, disco que revelou o artista para todo o Brasil com a música “Heloisa, Mexe A Cadeira”.

2017



Foto: Sérgio Castro/Estadão

51 ANOS DE ATIVIDADES DO MADE IN BRAZIL (1967–2018)

Made in Brazil, banda que já teve mais **203 FORMAÇÕES**, comemora **51 ANOS DE CARREIRA**

Grupo paulistano fará dois shows na capital paulista

JOÃO PAULO CARVALHO, O ESTADO DE S.PAULO

18 DE JANEIRO / 2017 – Caminhar pelo bairro da Pompeia, na zona oeste de São Paulo, ainda que em um dia nublado e chuvoso, tem um peso muito grande para Oswaldo Vecchione, baixista e vocalista da banda Made in Brazil. Afinal, foi lá que ele e o irmão Celso Vecchione (guitarra) juntaram alguns colegas de escola e fundaram, em **1967**, uma das bandas mais importantes do rock nacional. “Passa um filme de tudo que vivemos até aqui, sabe? Manter um grupo em plena atividade durante este tempo é algo para ser estudado. Quantas pessoas perdemos? Quantos músicos nos deixaram?”, diz Oswaldo com os olhos cheios de lágrimas. Há cinco décadas na estrada, os paulistanos do Made in Brazil vão celebrar o aniversário do grupo com duas apresentações no Sesc Pompeia nos dias **20** e **21 DE JANEIRO**. “Não poderia deixar de ser aqui na Pompeia, nosso berço, onde tudo começou”, complementa.

COM 50 ANOS DE CARREIRA, o Made in Brazil já passou por inúmeras formações oficiais. Segundo dados do Guiness World, o livro dos recordes, foram, ao todo, 203. A banda, inclusive, já contou com a participação de 126 músicos diferentes. Hoje, entretanto, ela é basicamente formada por Oswaldo Vecchione (voz e baixo); Celso Vecchione (guitarra); Rick Vecchione, filho de Oswaldo (bateria) e Guilherme Ziggy (guitarra e violão). Wanderley Issa (teclado); Ivani Janes Venâncio (voz) e Rubens Nardo (voz) complementam a parte instrumental auxiliar nos shows.

“Essa mescla de experiência e juventude é fundamental para a sonoridade da banda. O Ziggy, por exemplo, é um cara que gosta muito de blues, uma sonoridade que nos atrai bastante e somos fãs de carteirinha, mas ele também agrega coisas novas”, afirma Oswaldo.

Made in Brazil: **EM 5 DÉCADAS, 126 MÚSICOS** diferentes já passaram pelo grupo.

Para as duas apresentações no Sesc Pompeia, o grupo receberá no palco importantes nomes da música. A lista inclui Serguei, Tony Campello, Simbas e Luiz Carlini, virtuoso guitarrista do Tutti-Frutti, banda de Rita Lee. “O Carlini é crucial para a história do Made in Brazil e especificamente para o rock nacional. Ele também nasceu aqui na Pompeia. Muita gente pensa que ele integrou o grupo, mas a verdade é que o Carlini deu uma contribuição musical enorme para a gente, sabe?”, conclui Oswaldo.

Em **1969**, foram os primeiros a usar maquiagem artística em shows, pintando o rosto e partes do corpo nas performances ao vivo. Segundo Oswaldo, a maquiagem dos Secos & Molhados foi inspirada no primeiro visual do Made In Brazil. A arte, digamos, “extravagante”, teve como referência a fase psicodélica do artista plástico Antonio Peticov, que abusava da tinta acrílica e da luz negra.

HISTÓRIA DE PESO

Com 14 álbuns de estúdio, o Made In Brazil começou a ganhar destaque na história do rock em **1974**, quando lançou seu primeiro disco, o homônimo Made In Brazil. Conhecido como “Disco Da Banana” (referência à imagem da capa), o trabalho apresenta o primeiro grande hit do grupo: "Anjo Da Guarda".

Em **1976**, já com Percy Weiss nos vocais, veio *JACK, O ESTRIPADOR*. A música-título "Jack, O Estripador", além das canções "Os Bons Tempos Voltaram" e "Vou Te Virar De Ponta Cabeça", emplacaram nas rádios e colocaram o grupo em outro patamar. “Fizemos uma curadoria bacana para selecionar o repertório do show. Quando você está há 50 anos na estrada, fica mais difícil escolher as canções. O quesito renovação entra com força. Foi preciso rejuvenescer o público que assistia às nossas apresentações e isso está atrelado ao repertório. Avós, pais e filhos passaram a vir juntos aos shows. Isso é muito bacana, até porque eu toco com meu filho na banda há três anos”, lembra Oswaldo.

Em **1978**, entretanto, eles lançam o maior sucesso da carreira, *PAULICEIA DESVAIRADA*. Desta vez, sem Celso Vecchione, afastado por motivos de saúde. O disco, que faz uma homenagem ao poeta Mario de Andrade, teve, entre os principais sucessos, "Gasolina", "Uma Banda Made In Brazil" e a faixa-título "Paulicéia Desvairada".

No ano seguinte, em **1979**, eles fizeram dois shows homéricos no extinto Playcenter, no festival *ROCK & JEANS*, em São Paulo. A banda se apresentou ao lado da ala de ritmistas da Mocidade Alegre, algo, até então, surpreendente para um grupo de rock. “Eu fico feliz porque o Made não está se arrastando. O Made está vivo. Quem for ver o show do Made, vai ver uma banda afiada, de primeira linha do rock nacional. A gente não é aquela banda que parou e, diante de uma data comemorativa, se juntou para tocar. Somos diferentes”, acrescenta Oswaldo.

MADE IN BRAZIL

Sesc Pompeia. Rua Clélia, 93. Tel.: 3871–7700. 6ª (20) e sáb (21), às 21h30. R$ 30



ROCK DO BRASIL DOS ANOS 70 É REVIGORADO PELOS RELANÇAMENTOS DE 'SNEGS' E 'LOKI?'

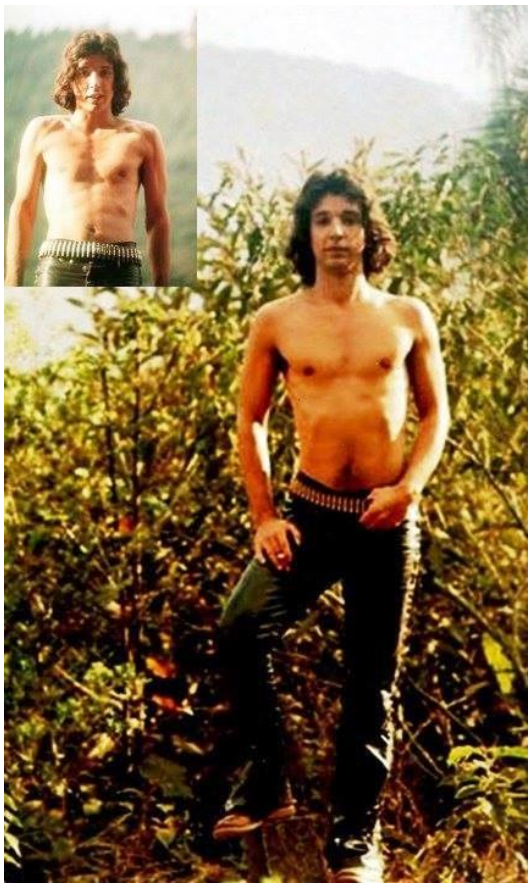
por Mário Pazcheco

Rock do Brasil dos ANOS 70 têm relançamentos de 'Snegs' e 'Loki?'

"Uiah! e nós já tínhamos feito isso **30 ANOS ATRÁS**."

(Luiz Carlos Calanca, produtor fundador barra legal do selo paulista Baratos Afins)

21 DE MAIO / 2017 – Sim, sim – alguém tinha que trazer a pedra filosofal à tona. Só que agora esse aspecto de remasterização digital direto das fitas originais ganha forma e podemos reouvir reexistir através das nossas obras primas musicais, digo que são várias como as dos ingleses dos americanos e mundiais (claro que também refiro às da MPB) – forte abraço Kalanca, el guerrillero.



Fotos da sesssão da capa do Loki? por Leila Lisboa

LOKI? é o disco que mais me provoca estranheza até hoje, ouví–lo me amedronta, me maravilha de noite ou dia eu o ouço em mês sim e não.

Em **1978**, eu era um ET em relação a Arnaldo Baptista, eu nem sabia que ele existia, mas o amava. Para mim, Os Mutantes eram aqueles meninos paulistas alegres fãs dos Beatles e só isso, claro que conhecia a saga de "Caminhante Noturno". Na Abril Cultural naquele disquinho de 10 polegadas lemos alguma coisa com mais

consistência sobre os Mutantes escrito pelo Ezequiel Neves.

Em **1978**, as coisas escritas sobre eles estavam ralas e raras. NUm primeiro momento em observação pessoal achei que Ezequiel Neves não gostava de Arnaldo Baptista, anos depois na tevê Ezequiel falou com saudosismo de Arnaldo: "ele agora vive em Juiz de Fora, terra de Itamar".

MUTAÇÕES DE UM ÍDOLO IMORTAL

Em **JULHO DE 1974**, saiu na imprensa pela primeira vez o nome do novo grupo de Arnaldo, a Patrulha do Espaço depois de Space Patrol e um pouco antes Arnaldo e os Cometas mas o que vingou foi Patrulha do Espaço...

"Arnaldo era o próprio cowboy, sabe? Se vestia de country, bota e aquelas coisas." (**ROBERTO MENESCAL**).

"Ele era aquele cara que se achava um ídolo mundial que ninguém no mundo chegava perto do que ele fazia." (**MARCO MAZZOLA**)

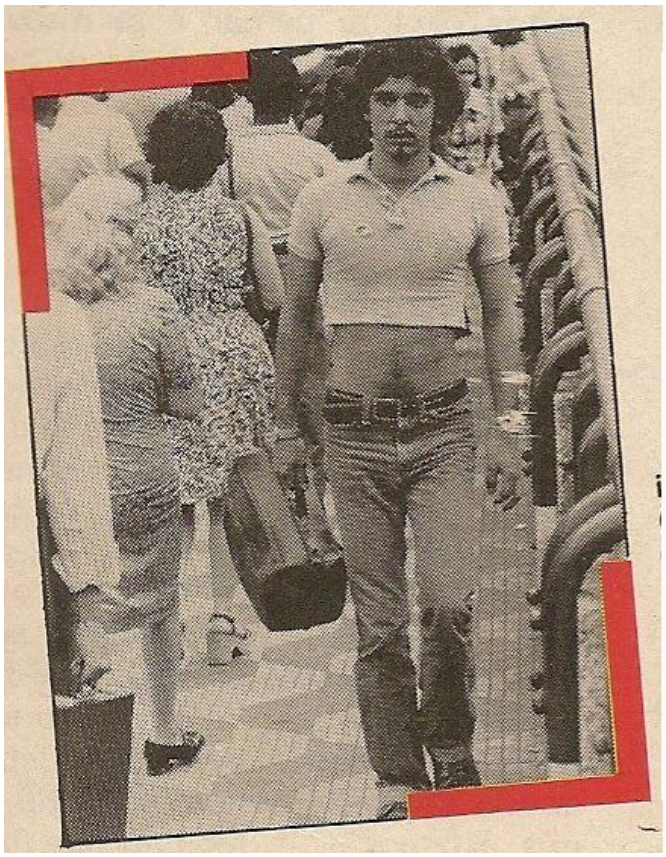
"Quem não se lembra dos gigantescos shows dos Mutantes de Serginho no Teatro Bandeirantes na avenida Brigadeiro Luís Antônio? E quem não se lembra das participações especiais de um cara esquisito que entrava vestido de cowboy e ficava tocando piano e cantando umas letras não menos esquisitas, e que era vaiado por pelo menos metade do público? Pois é, este era o Arnaldo."
(**REVISTA BIZZ, N. 20?**)

TEXTO DE REMEMORAIS SEM RECORRER A ARTIGOS E O PRECIOSISMO DE DATAS

Geralmente os discos de rock nacional levavam 50 horas para serem gravados, *LOKI?* bateu um recorde foi gravado em apenas seis horas...

"Não é tecnicamente perfeita [a gravação], foi muito espontânea. Fica claro que se priorizou mais as performances do que o apuro, a perfeição. É muito ele mesmo (...) Pegamos a fita original da mixagem do disco e foi muito interessante. Não estava na ordem, a gente teve que montar, mas tinha ainda os comentários do Arnaldo, anotações nas faixas"
(**RICARDO GARCIA, ENGENHEIRO DE SOM NO RELANÇAMENTO DE LOKI? EM 180 GRAMAS**).

'"Te Amo, Podes Crer', uma balada de amour fou, encarna o pranto de um abandonado que revela: 'Dentro de algum tempo eu paro de tocar/espero o apocalipse de então eu te encontrar', um verso que resumiria profeticamente seu futuro."
(**FERNANDO NAPORANO IN DISCOTECA BÁSICA DA REVISTA BIZZ – EDIÇÃO 43 DE FEVEREIRO DE 1989**)



Os versos iniciais de *Mamãe natureza*, primeira composição de Rita Lee, eram autobiográficos. Ela optou por melhorar e nesse momento a salvação veio através de uma amiga, a cantora e compositora Lucia Turnbull, a Lucinha. Formaram uma dupla, que chegou a se apresentar na Phono 73, abrindo a noite justamente para Os Mutantes. Com Lucinha, vieram Luiz Sérgio Carlini, Lee Marcucci e Emilson, e assim nasceu o Tutti Frutti, grupo com o qual Rita iria continuar sua carreira. Em 1974, estavam se apresentando no porão do Teatro Ruth Escobar, em São Paulo.

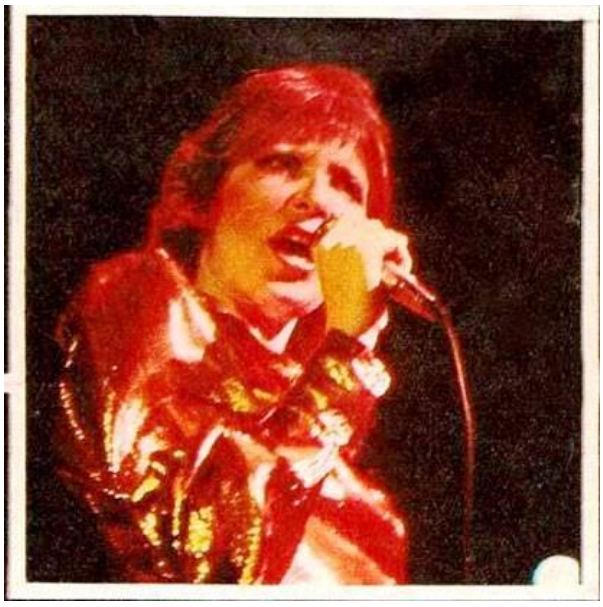
Rita: "Não foi fácil não. O Arnaldo (Baptista) ia todos os dias ao *show*, sentava na primeira fila e fazia caras e bocas, como se estivesse odiando. Como se não bastasse, ia ao camarim e dizia: 'tá uma porcaria o *show*, vou pôr uma bomba nesse teatro'."

Nada mais uniria novamente os três amigos, que um dia fizeram um pacto.

Arnaldo a divulgar o LP *LOKI?* (**1975**). Deu no tabloide Hit-Pop que Arnaldo de agora em diante, ele só tocaria bateria e ponto. Foi a primeira vez que essa foto aparece sem corte. Outra foto, com esse corte de cabelo foi perdida quando colei uma matéria dos Beatles, ainda sonho em rever com a foto!

Rita Lee in Songbook Vol. 1 por Almir Chediak

Rita Lee se apresentou com os Mutantes em **1974**? O milionário espetáculo do Tutti-Frutti seria dividido com os Mutantes no Tijuca Tenis Clube (RJ) e no programa estava a rápida e única apresentação de Rita com os Mutantes que estavam se despedindo da produção da empresária Mônica Lisboa...



+

*Feitas as pazes no final de **1974**, Rita Lee participou do LOKI?*

Disseram que Arnaldo não gostou do título *LOKI?* – Décadas depois saiu na coluna social no jornal paulista que Arnaldo queria entrar para o Tutti-Frutti tocando teclados. Zé Brasil, baterista e membro relembrou que as canções do *LOKI?* Foram formatas ainda na Space Patrol.
Na capa de *LOKI?* o suposto revolver é um esguicho pistola d'água para bebidas.



O único membro da Space Patrol a gravar no *LOKI?* foi o falecido contrabaixista Sérgio Kaffa em “Desculpe”.
Kaffa terceiro à esquerda



*Aniversário de São Paulo a 25 DE JANEIRO / **1974**. À esquerda em meia-face, Kokinho, futuro baixista da Patrulha do Espaço, no palco, Arnaldo, Zé Brasil e Marcelo Aranha* **Foto: Sue Cunningham**

PATRULHA DO ESPAÇO E O ROCK DA CANTAREIRA
POR ZÉ BRASIL

Resisti até hoje mas, nesta manhã de domingo paulistano, depois do sabiá residente cantar pra mim e ficar olhando na minha cara, não dá mais. A única ligação que existe entre a Patrulha do Espaço e o Rock da Cantareira (denominação que resultou do mágico encontro entre os meninos da zona norte com o Zé BRasil, este 'mad old school rock'n'roller' da zona sul, em pleno **SÉCULO XXI**) é a origem bastarda dela, batizada pelo Alan Kraus como Space Patrol. Tanto meu compadre Rolando Castelo Júnior, que herdou o nome e a missão patrulheira do fundador Loki? Baptista, como meu saudoso amigo Kokinho, sempre omitiram essa origem talvez por vergonha da mãe solteira. Mas a Space Patrol foi um grande início e um grande conjunto apesar de ter durado pouco. Dois grandes resultados (sem falar do Apokalypsis grupo que surgiu durante os ensaios na Serra da Cantareira) atestam minha afirmação: o memorável Show de Aniversário de São Paulo no Parque do Ibirapuera em **JANEIRO DE 1974** e o antológico/genial disco *LOKI?*, que de longe é a obra-prima do Mutante Arnaldo Dias Baptista e que foi formatado exaustivamente pelos fundadores da Space Patrol (Arnaldo Baptista, Marcelo Aranha e Zé BRasil).

DOZE MOMENTOS DE QUEM VIVEU OU CURTE OS 70s

POR A. C. BARBIERI – MEMÓRIAS DO ROCK BRASILEIRO

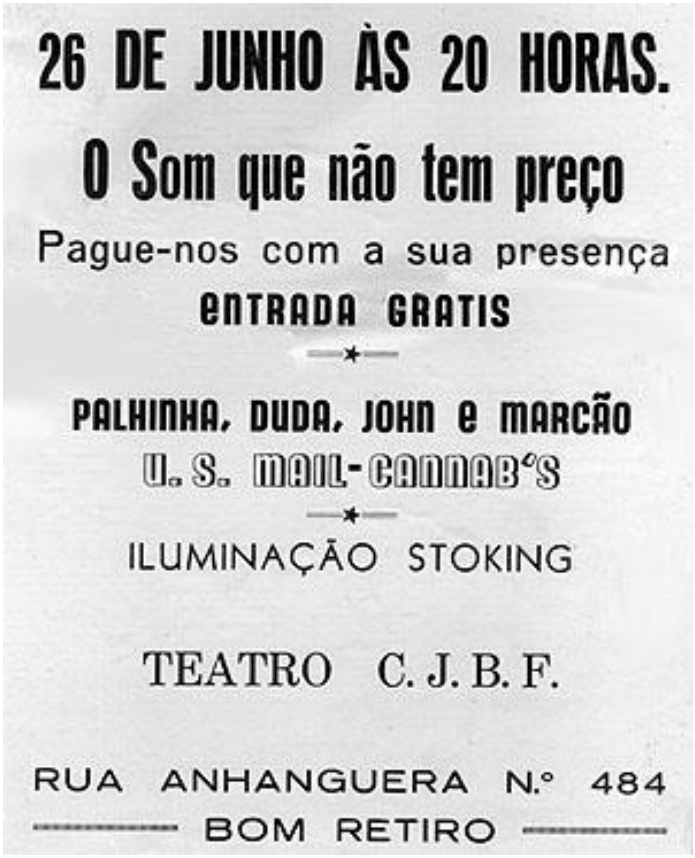
Um... Teatro Aquarius. É o aniversário da morte de Jimi Hendrix com vários artistas convidados. No palco quatro baterias montadas, me lembro do baterista do Mona. Tony Osanah sola emocionadamente, cada vez mais intenso e próximo de atingir o pico, o cabo da guitarra que é curto despluga-se do amplificador. Tony Osanah perde o controle e joga sua guitarra longe ao mesmo tempo que também se joga atrás dela esborrachando-se no chão. Ele permanece caído e nós de boca aberta, sem saber o que fazer ou falar... foi triste e chocante...

Dois... Teatro São Pedro, acho que foi no show do Mona. O vocalista usa o microfone como um pênis e faz gestos eróticos, ele é preso ali mesmo. Era a ditadura militar e "os homens" por todo lugar procuravam uma desculpa para prender os artistas e o povo em geral. Antes do show foi colocado na frente do palco, no chão, um gravador de rolo ligado direto na mesa de som. De cara, tocaram dois sons que eu jamais havia ouvido. Os primeiros acordes de "Roundabout" executados pelo Yes tirado do álbum *FRAGILE* e o segundo "School's Out" por Alice Cooper em seu álbum homônimo. No outro dia no Museu do Disco, eu comprei os dois álbuns importados porque os mesmos ainda aguardavam seus lançamentos no Brasil;

Três... Colégio Equipe na Caio Prado. Show dos Novos Baianos. Dentro do colégio entra um buggy dirigido por Arnaldo Baptista com a Rita Lee ao lado. Eu era apaixonado por ela. Rita era a minha Yoko. Para mim foi mais emocionante do que o show dos Novos Baianos que nunca era rock como eu queria. Bom, os Novos Baianos também tinham uma gatinha interessante;

Quatro... Parque do Ibirapuera, Made in Brazil com Cornelius no vocal juntos a uma ala de percussionistas de escola de samba executam "Sympathy For The Devil" dos Stones. Histórico!

Cinco... TUCA, Mutantes – No meio do show atrás do palco, as pessoas começam a atirar pratinhos de papelão na plateia que adere à brincadeira e devolvem-nos de volta, uns nos outros. O efeito das luzes estroboscópicas é fabuloso, parece uma



invasão de discos voadores. Usei essa ideia anos depois, num show da Avenger, uma das primeiras bandas paulistas de heavy metal que eu empresariei e produzi seus shows;

Seis... Bom Retiro, **1972**, Minha primeira produção – *O SHOW QUE NÃO TEM PREÇO, PAGUE–NOS COM A SUA PRESENÇA*. Apresentaram-se os grupos John, Duda (Neves), Palhinha e Marcão + US Mail (com Percy nos vocais) além de uma banda chamada Canabis. Deu o maior rolo porque o show não havia sido liberado. A polícia chegou e eu tive que me esconder no teto do palco perto dos holofotes. Gravei o show e emprestei a fita para o Duda Neves outra fita jamais devolvida... que pena!

Sete... Teatro 13 de maio no Bexiga. Show do grupo Dzi Croquettes com o genial bailarino Lennie Dale no comando. Eu assisti várias vezes. Não perdia o *BAND 13* na TV Bandeirantes só para ver a introdução. Me matriculei numa escola de balé, mas, não aguentei a viadagem reinante. Naquela época para aprender jazz e sapateado você tinha que passar primeiro pelo balé clássico. Eu acabei mesmo aprendendo expressão corporal foi com Joe Cocker no filme *WOODSTOCK*.

Oito... Ibirapuera. É tarde da noite e o concerto sofre uma pausa no som, tipo intervalo para o público dar uma cochilada. A madrugada rola e o dia começa a raiar e o Som Nosso De Cada Dia com Manito detonam n“O Guarani”. Que jeito maravilhoso de começar o dia. Inesquecível!

Meu irmão tinha um gravador cassete Phillips estéreo. O bicho era elétrico e não funcionava com pilhas. Levei uma extensão enorme fui no técnico de som e pedi para ele uma saída elétrica. O cara na maior gentileza do mundo me arrumou uma tomada. Ele era o Léo Wolf. Não existe mais gente assim sem frescura. Todo mundo fica preocupado com direito autoral e cheio de ego. Gravei umas cinco fitas que fiz a besteira de emprestar para o Magnólio. Ele nunca mais me devolveu...

Nove... Teatro Municipal. Mutantes e Terço. Comprei ingresso na primeira fileira, no meio na frente do palco para todos os dias. Foi ótimo!

Dez... Parque do Ibirapuera, atrás do palco vejo o Sérgio Dias Baptista com uma latinha Singer passando óleo nas cordas da guitarra. Isto me soou como uma revelação;

Onze... Teatro Porto Seguro próximo a Rua José Paulino no Bom Retiro. A Patrulha do Espaço termina de executar uma música e alguém grita: “Toca Novos Baianos!”. O Júnior imediatamente grita: “Quer Novos Baianos? Vá lá para a Bahia!”;

Doze... Júnior baterista da Patrulha do Espaço, chega à Baratos Afins, loja de discos e um dos clientes olha para ele e solta a bomba: “O seu guitarrista já aprendeu a tocar?” (referia-se ao falecido Dudu). Júnior pergunta: “Você toca algum instrumento?”. O cara nem termina de balançar a cabeça negativamente e já leva uma rasteira acompanhada do famoso: “Vá tomar no meio do seu cu!”.

MAIS...

+ Circa de **1971**, os Mutantes estavam sendo entrevistados por Nelsinho Motta na tevê ao perguntar se eles curtiam alguma coisa da antiga. "Um dos gêmeos" respondeu vagamente que não. No outro dia, crônicas analisavam a resposta citando até influência do imperialismo...

+ Não sabíamos que os Mutantes gostavam tanto de cães – o álbum *MUTANTES NO PAÍS DO BAURETZ* foi lançado numa feira paulista de cães numa tarde de **SÁBADO DE ABRIL EM 1972**. Este lançamento foi bastante comentado...

+ "Mande Um Abraço Para Zélia" teve que mudar seu nome, não se sabe por pressão da censura ou da produção do *FIC*...

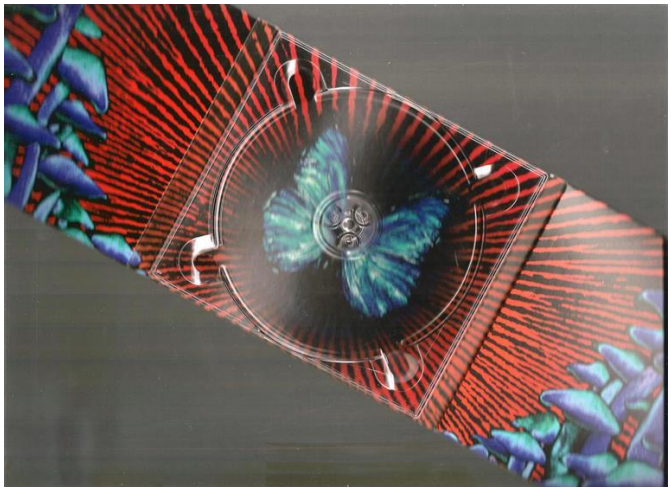
+ Alguma coisa aconteceu no *FIC* de **1972** e os Mutantes resolveram não mais se apresentar em locais fechados "afinal eles tinham a própria aparelhagem" e seu caminhão. Parte da plateia alegava que eles estavam tirando sarro em cima dele com "Mande Um Abraço Pra Velha" e a outra parte do público curtiu a apresentação. Os Mutantes levaram meia hora para afinarem os instrumentos e repetiram a canção várias vezes...

+ Para fazer o álbum ao vivo dos Mutantes foram gravados oito concertos. As 20 horas de gravação viraram os 30 minutos do disco. Não me pergunte se tem o dedo do dono da gravadora, o Guto Graça...

+ Os Mutantes foram recebidos com coletiva e espaço na televisão italiana, porém ao ouvirem os discos comentaram que existiam uma centena de grupos lá com a mesma sonoridade e que esperavam algo mais brasileiro. O grupo começou a ensaiar um novo material com homenagem a Chico Buarque. No Brasil comentaram que eles só deram ouvidos às críticas somente quando foram publicadas em italiano. Mário Buonfilgio era o empresário à frente...

SENTI NO PESCOÇO AS MARTELADAS DO CD 'SNEGS'

Foi o que eu senti da audição do CD Snegs claro que meus sentidos estavam alterados



Porém interrompi a narrativa, pois estou a fim de que o baterista Tiago Rabelo também partilhe observações sobre a atualização do Som Nosso De Cada Dia – na mais pura sinestesia senti que o contrabaixo de Sérgio Kaffa e o de Pedro Baldanza oscilavam nos mesmos graves no potenciômetro

SERVIÇO: CD SNEGS – CORTESIA DE PSICOBR.COM.BR / FACEBOOK

2017

2 DE JUNHO



2017

4 DE JULHO – MARCO KIRSCHVISITA A BARATOS AFINS



Kirsch é um grande amigo, agitador cultural, gaúcho alegre em qualquer porto, sempre alegre e feliz saber que sou muito fã e admirador das raízes do rock sulista. Como havia prometido e em primeira mão, me presenteou com um exemplar do cd de Fughetti Luz, um cara que admiro muito, para mim um dos mais esperados álbuns dos últimos tempos, do tipo daqueles rock' n'roll que a gente gosta mesmo.

Fughetti Luz, é um hippie malucão, uma das maiores lendas no rock do Rio Grande Do Sul , foi o criador das bandas cult Liverpool**1969**, Liverpool Sound **1971** e Bixo Da Seda, **1976** .

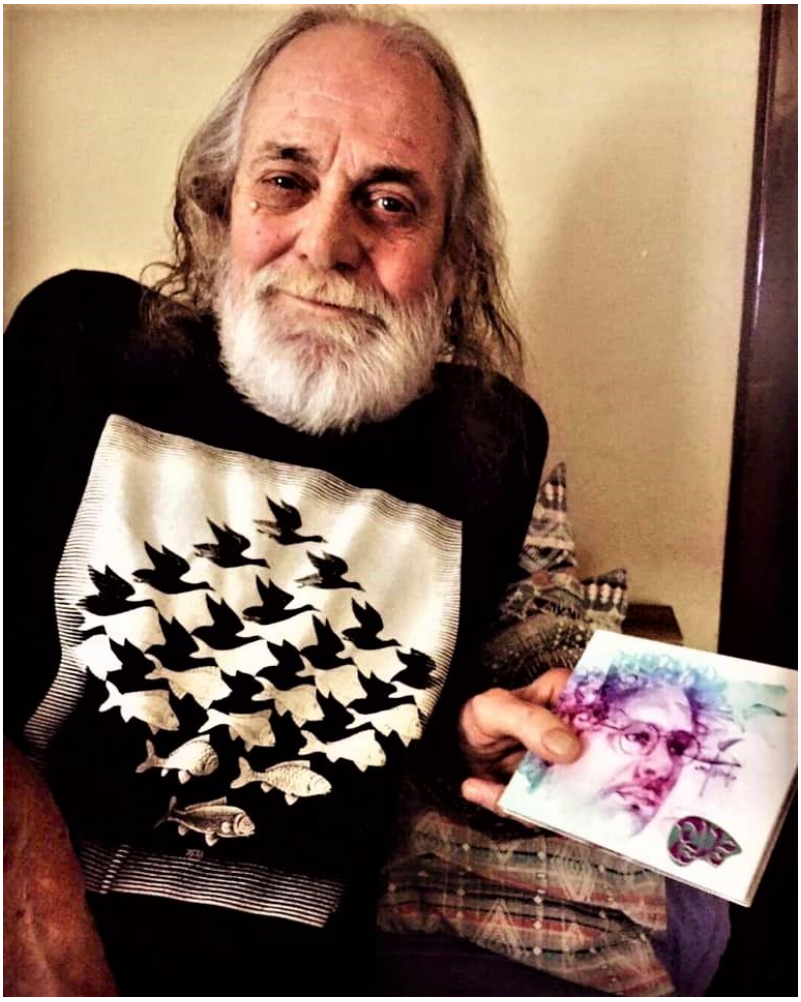
Fughetti, tinha se afastado dos palcos, mas continuou tocando, fazendo aparições esporádicas e compondo para outros artistas e ainda influenciando muita gente, **20 ANOS DEPOIS**, gravou em **1996** o CD primeiro CD solo Foghetti Luz sem nome, e em **2002** o CD *XEQUE–MATE*, e só depois de mais este hiato de mais **15 ANOS**, e com a ajuda de amigos e também de Kirsch, finalmente este maravilhoso registro sonoro, o CD: *TEMPO FEITICEIRO*.

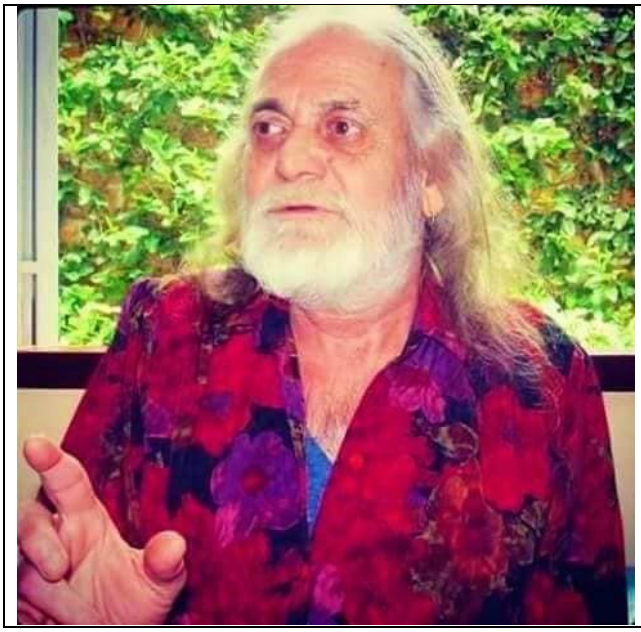
Fughetti vive atualmente recolhido na cidade de Tapes, com cada vez mais dificuldade para estar no palco por conta de sua condição, cantou pela última vez em público em **2004**, a convite de Luiz Carlini da banda paulista Tutti-Frutti, que também participa do novo disco.

Segundo o critico Juarez Fonseca, "este CD *TEMPO FEITICEIRO* virá como um testamento, pois é improvável que Fughetti volte a gravar. Um dos locais de lançamento será o Palheta's Bar, em Tapes, onde Fughetti tem cadeira cativa para ouvir a rapaziada que está começando." Muito obrigado Kirsch e Fughetti, por este presentão, tão esperado..., seria mesmo um grande prazer ver tudo isso de perto e ao vivo com voces ai em Tapes. Enquanto isso o "rock dos pampas " não quer sair do meu CD Player. (**LUIZ CALANCA,**) ·

Tem momentos que fazem o ofício valer a pena. Acabei de receber essa foto, meu presente de Natal!!!

Fughetti Luz (Liverpool/Bixo da Seda), o maior ícone do rock do Sul do Mundo, as melhores letras e riffs.
O disco do Bixo da Seda é referência máxima para quem curte rock.
Obrigado querido Fuga.
Obrigado Shanti, você fez um cara feliz hoje.
(**PEVÊ ESTÁ SE SENTINDO AGRADECIDO, 24 DE DEZEMBRO DE 2018**)·







MORRE JOÃO KURK, LÍDER DA BANDA MR. KURK E FIGURA FAMOSA DA NOITE PAULISTA

11 DE AGOSTO / 2017 – MORREU NA TARDE DESTA SEXTA-FEIRA (11) o músico João Kurk. Aos **67 ANOS**, o líder da banda de rock Mr. Kurk era figura conhecida da noite paulista com residência em bares da capital e do interior do Estado. O anúncio foi feito pelos companheiros em um vídeo publicado no Facebook do grupo.

João Kurk era líder e principal vocalista da banda formada em 2012. Mas já tocava com outros grupos na noite paulistana desde a década de 60. Fazia sucesso com covers de grandes nomes do rock. Suas versões únicas para as músicas de Elvis Presley e "Psycho Killer", do Talking Heads, eram o ponto alto das apresentações.

No anúncio, o baixista Ed Carvalho diz que a banda vai cumprir o show que tinha marcado **NESTA SEXTA-FEIRA (11)** em São Caetano do Sul, mas que ainda não conversaram sobre os rumos da banda sem João Kurk.

A última apresentação com Kurk havia acontecido no **DOMINGO (6)** no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, em que a banda fez a trilha ao vivo com clássicos do rock durante a exibição da animação da Disney *FANTASIA*.

Em entrevista à revista São Paulo da Folha de S.Paulo, em 2013, o músico falou sobre a energia que impressionava o público nos shows. "Eu não me canso. Daqui a dez anos vou chegar na casa dos 70. O Mick Jagger tem 70 anos! E consegue correr pelo palco sem ficar ofegante. Tá bem que ele tem personal trainer, personal enfermeira, faz plástica (...) Esse é meu sonho e vou morrer fazendo isso."
Fonte: Do UOL, em São Paulo

MORRE O MÚSICO JOÃO KURK, FAMOSO POR CANTAR COVERS DE ROCK NA NOITE DE SP



João Kurk morre aos 66 anos

POR G1 SP

Notícia foi divulgada por integrantes da banda Mr. Kurk, criada por ele para fazer covers. João Kurk lançou a primeira banda de rock progressivo do Brasil.

O músico João Kurk, famoso na noite paulistana por cantar covers de bandas famosas de rock, morreu na **TARDE DESTA SEXTA-FEIRA (11) AOS 66 ANOS**, informaram os integrantes da banda Mr. Kurk, formada por ele, em vídeo postado na página oficial da banda no Facebook.

Kurk era chamado de "Gandalf da noite de SP", pela semelhança com o mago do filme 'Senhor dos Anéis', com cabelos compridos e barba branca. Ele iniciou carreira musical em **1966** com o grupo cover The Islanders.

JOÃO KURK LANÇOU A PRIMEIRA BANDA DE ROCK PROGRESSIVO DO BRASIL

Em **1974**, ajudou a criar o Terreno Baldio, grupo pioneiro de rock progressivo no Brasil. Também participou das bandas Rock Memory, Paris Supertramp (cover da banda inglesa Supertramp), Rockover, Rockstock e em 2012 ajudou a criar a banda Mr. Kurk.

As causas da morte não foram reveladas.



Foto: blogdeigormotta.blogspot.com



DOCUMENTÁRIO RELEMBRA A TRAJETÓRIA DA BANDA PUNK JOELHO DE PORCO

O grupo fez sucesso nos anos 70 com músicas e apresentações irreverentes

POR JULIENE MORETTI – VEJA

10 DE NOVEMBRO / 2017 – Em 2013, o cineasta Rafael Terpins iniciou uma empreitada para contar a história de seu tio, Tico, morto em **1998**. Ele foi o líder do Joelho de Porco, escrachada banda de rock dos **ANOS 70**, considerada a versão brasileira do punk rock, estilo que então ganhava força na Europa. O resultado está no documentário *MEU TIO E O JOELHO DE PORCO*, exibido na Mostra de Cinema de São Paulo em **OUTUBRO**.

O quarteto destacava-se não apenas pelo jeitão debochado no palco, mas também pelas letras sobre o cotidiano paulistano, com muitas ironias. “Andando nas ruas do centro / Cruzando o Viaduto do Chá / Eis que me vejo cercado… / Trombadinhas querendo me assaltar”, dizia “São Paulo By Day”, do primeiro álbum completo da banda, *SÃO PAULO 1554/HOJE*, de **1974**.

O disco trazia ainda “Mardito Fiapo De Manga”, a música mais conhecida do conjunto. Pelo microfone do Joelho de Porco passaram Próspero Albanese, Ricardo Petraglia, o argentino Billy Bond e, nos **ANOS 80**, Zé Rodrix, sempre com Tico como o cabeça da trupe. “Eles foram responsáveis por abrir uma brecha para outros grupos irreverentes, como Língua de Trapo, Ultraje a Rigor, Os Mulheres Negras e até Mamonas Assassinas”, afirma Rafael.

LONGA SOBRE O JOELHO DE PORCO É COMO TODA CINEBIOGRAFIA DE ROCK DEVERIA SER

Sobrinho de Tico Terpins revisita lugares e pessoas para retratar o artista, morto em **1998**

CRÍTICA

Tico Terpins, tema do documentário 'Meu Tio e o Joelho de Porco', em cartaz no In–Edit –

THALES DE MENEZES – FOLHA DE S. PAULO

9 DE JUNHO / 2018 – *MEU TIO E O JOELHO DE PORCO* é exatamente como uma cinebiografia de rock deve ser. Capta os sentimentos e as atitudes do biografado, dá espaço para que as principais músicas da carreira sejam tocadas e insere sua trajetória nas transformações que o mundo sofre durante sua atuação.

No caso de Tico Terpins, morto por um infarto fulminante em **1998**, são os 28 anos à frente de uma banda/conceito/família chamada Joelho de Porco que recebem tratamento carinhoso e acurado do cineasta Rafael Terpins. O sobrinho do artista revisita lugares e pessoas para o retrato.

O Joelho de Porco, que gravou quatro álbuns de **1974** a **1988**, foi o pai de todas as bandas engraçadinhas que já pontuaram a história do rock brasileiro. Para quem se lembra do grupo apenas de algumas participações na TV, o filme expõe como fazer música com total liberdade já foi o norte de grandes artistas, dando a mínima para o mercado.

Não resta dúvida: Tico não criou um personagem engraçado. Ele era realmente o maluco, o cara que amou Beatles e resolveu montar bandas para dar vazão a muito humor.

É sintomático que os depoimentos de parentes e parceiros no filme tragam proporções iguais de memórias musicais e relatos de piadas e brincadeiras até cruéis que o roqueiro aplicava em todos.

O diretor usa a própria experiência para compor o lado familiar de Tico.

Seria inevitável não idolatrar o tiozão rock and roll. Mas ele vai além ao realmente esmiuçar as idas e vindas do Joelho de Porco. Se o Brasil teve uma banda 100% punk, esta foi o Joelho.

Há uma figura na história que acaba ganhando contornos misteriosos: o argentino Billy Bond, que cantou na banda após uma saída temporária de Próspero Albanese, amigão e parceiro desde o início da banda.

Foi uma das fases de maior exposição do Joelho, com o sucesso "São Paulo By Day (Trombadinhas)", que abre com os versos "Andando nas ruas do centro/ cruzando o Viaduto do Chá/ eis que me vejo cercado/ trombadinhas querendo me assaltar".

A briga entre Tico e Bond foi feia. O cantor não quis dar depoimento para o documentário, e o diretor cobriu o rosto dele em muitas imagens que aparecem na edição final.

Não era fácil lidar com Tico. Seu lado brincalhão acabou sabotando chances de o Joelho expandir sua popularidade. Esse humor punk é o combustível para fantásticas canções como "Aeroporto de Congonhas" e "Mardito Fiapo De Manga". Por seu personagem único e essas pérolas de rock and roll, *MEU TIO E O JOELHO DE PORCO* é obrigatório




GRANDE PRÊMIO BRASIL


GRANDE PRÊMIO BRASIL


JOELHO DE PORCO

GUITO MORETO



Ontem e hoje. Acima, o Ave Sangria, na formação de 1974. Ao lado, na de 2018, que grava o segundo álbum, com os remanescentes Almir e Paulo Rafael (sentados), Marco Polo (de óculos) e os novatos Juliano Holanda (ao violão) e Júnior do Jarro



2018

22 DE NOVEMBRO – T-BONE







2018

8 DE DEZEMBRO

“Hoje o som é pra Chico Roquelane...Pra quem começou no metier pelos braços do Blues, com o embrião da Brazilian Blues Band, abrir mais uma edição do Ferrock no dia do Blues Etílicos é um atestado de fé na ignóbil arte de dar murros em ponta de faca...O fato de sair da plateia e poder subir no palco na mesma edição com o Som Nosso De Cada Dia é uma espécie de dádiva para um crente da seita dos sonhos improváveis.” (**TIAGO RABELO PARA MÁRIO PAZCHECO)**



2019



2019 – 19 DE JUNHO – CAMARIM – GALPÃO 17 – BRASÍLIA



Tiago Rabelo e a Banda Made In Brazil


Joelma Antunes


Joelma Antunes


Joelma Antunes


Joelma Antunes




Joelma Antunes


Joelma Antunes


Joelma Antunes


Joelma Antunes










ROAD STOP
BEER


°C
°F
50
40
30
20
120
100
80


FILIAL ROCK
COMPRAMOS LP'S E SOM ANTIGO
3046-1549
FILIAL ROCK
COMPRAMOS LP'S E SOM ANTIGO
3046-1549

WALTER FRANCO VOLTA AO DISCO EM 2019, APÓS 18 ANOS, COM REPERTÓRIO INÉDITO QUE INCLUI MÚSICA FEITA A PARTIR DE POEMA DE OLAVO BILAC

POR MAURO FERREIRA, G1



GShow / Reprodução vídeo

19 DE NOVEMBRO / 2018 – Cantor e compositor paulistano que construiu obra vanguardista, à margem da MPB dominante na década de **1970**, Walter Franco resiste como uma das cabeças mais pensantes da música brasileira.

Para quem admira composições como Feito gente, rock revitalizado no ano passado ao ser veiculado na trilha sonora da supersérie *OS DIAS ERAM ASSIM* (TV Globo, **2017**) na gravação original de **1975**, a ótima notícia é que Walter Franco volta ao mercado fonográfico em **2019 APÓS 18 ANOS**.

Aos **73 ANOS**, o artista prepara álbum autoral com músicas inéditas. A grafia do título do disco, *LISTEN – ResiLIência e ResiSTÊNcia*, dispõe as palavras em forma que enfatiza a perseverança de Franco na linha musical e ideológica que segue desde que foi revelado em **1972** na tela da TV Globo ao defender a fragmentada composição Cabeça na sétima e última edição do *FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO (FIC)*.

Nesse primeiro álbum desde *TUTANO* (**2001**), Walter Franco apresenta repertório formado essencialmente por inéditas composições autorais. Entre elas, há "Eu Real" e "Sim", ambas assinadas somente por Franco.

"Signo" é parceria do compositor com Dácio Galvão. Já "Truque Do Azul" é assinada com o guitarrista Raulito Duarte, integrante da banda arregimentada para a gravação do disco. Duas músicas, "Frase Polida" e "It's Only Life", foram compostas por Franco a partir de versos do poeta paranaense Paulo Leminski (**1944-1989**).



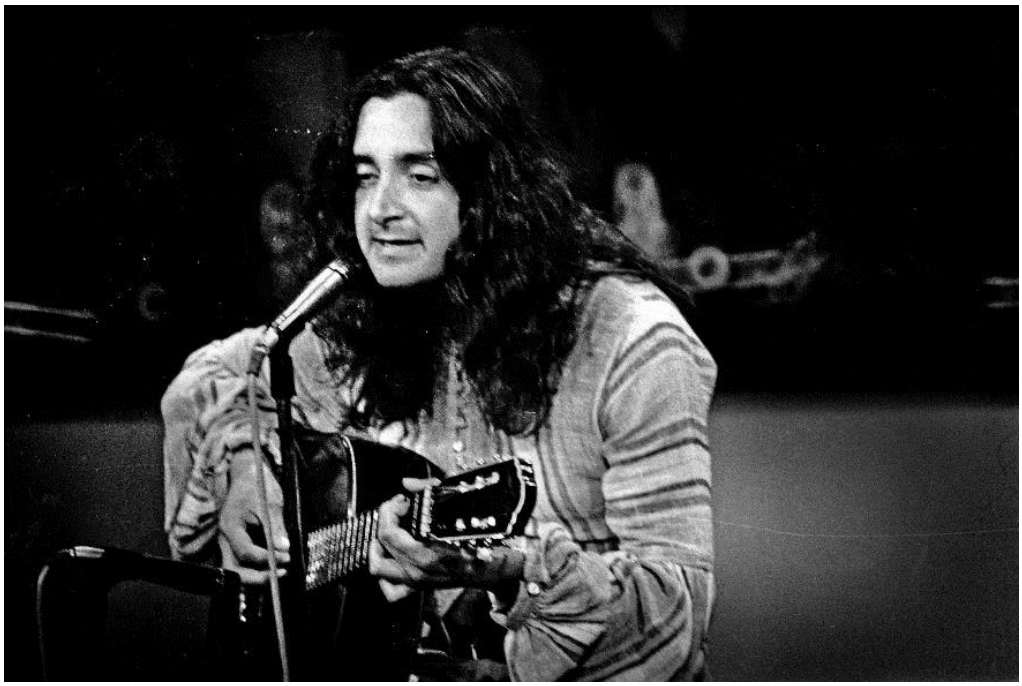
Walter Franco prepara o álbum 'LISTEN – ResiLIência e ResiSTÊNcia' com 10 músicas inéditas – Foto: Divulgação / Marcelo Macaue

A propósito, a safra autoral do álbum *LISTEN – ResiLIência e ResiSTÊNcia* inclui parceria póstuma de Walter Franco com o poeta carioca Olavo Bilac (**1865-1918**), autor dos versos de Não és bom nem és mal, musicados pelo compositor tal como fez em discos anteriores com poemas de Carlos Drummond de Andrade (**1902-1987**) e Manuel Bandeira (**1886**-**1968**).

Filho de Walter e diretor musical do disco, Diogo Franco assina as músicas Dentro da cabeça e Sagrado divino. Parceria de Walter Franco com Carlos Costa Neto, Acoustic guitar completa o repertório do álbum.

O disco será gravado com os toques dos músicos Daniel Kid (baixo), Diogo Franco (cítara), Gui Vitali (bateria e tabla), Luan Moraes (percussão), Raulito Duarte (guitarra) e Rod Jubeline (teclados), além do toque do violão do próprio Walter Franco.

O álbum *LISTEN – ResiLIência e ResiSTÊNcia* será promovido pelo artista com shows por São Paulo.



OBITUÁRIO: WALTER FRANCO

POR ZEMA RIBEIRO – 24 DE OUTUBRO / 2019

O cantor e compositor Walter Franco. Foto: reprodução

Walter Franco (**6 DE JANEIRO / 1945 – 24 DE OUTUBRO / 2019**) ficou mais conhecido por "Vela Aberta", hit que nos **ANOS 1980** tomou o dial brasileiro e até hoje é relativamente bem tocado em programas de flashback. Chegou a participar do infantil *A ARCA DE NOÉ*, em que diversos artistas interpretavam composições de Vinicius de Moraes. Ele cantava "O Relógio" – de que me reaproximei graças a José Antonio. Chico Buarque gravou "Me deixe mudo" em *SINAL FECHADO* (**1974**). Em *VITROLA ALQUIMISTA* (2003), a mineira Patrícia Ahmaral, que completa **20 ANOS** de carreira este ano, regravou sua "Misturação" (**1973**).

Mas Walter Franco estava longe de ser um artista popular. Após a interpretação de "Canalha", no *FESTIVAL DA TV TUPI*, em **1979**, um grito contra aquela ditadura, a de **1964**, seria selado com o rótulo de "maldito", que o colocava ao lado de pares como Arrigo Barnabé, Itamar Assumpção e Sérgio Sampaio, os dois primeiros, como ele, também tidos como vanguardistas.

O essencial de sua produção fonográfica concentra-se na década de **1970**, quando lançou os dois primeiros álbuns, *OU NÃO* (**1973**) e *REVOLVER* (**1975**). A estes, seguiriam-se mais quatro discos, em obra cada vez mais esparsa, justificada pela inadequação do artista aos ditames do mercado. O último álbum é *TUTANO* (**2001**), que sucedeu *WALTER FRANCO* (**1982**).

Eternamente inquieto, apesar de menos ouvido e conhecido do que deveria e merecia, Walter Franco deixou quase pronto o disco *Listen – ResiLIência e ReSISTÊNcia*, que vinha sendo gravado desde o ano passado com o filho Diogo Franco.

Walter Franco faleceu nesta madrugada, aos **74 ANOS.** Estava internado há três semanas, após sofrer um AVC.

2020

FLAVIOLA E O BANDO DO SOL

POR JOTABÊ MEDEIROS -9 DE FEVEREIRO DE 2020



Disco raro de 1974, expoente da cena nordestina, Flaviola e o Bando da Lua é recuperado e relançado

Os anos 1970 foram pródigos em experiências psicodélicas extraordinárias, algumas das quais quase ninguém lembra com precisão por causa da profusão de substâncias envolvidas. Na música, uma dessas experiências foi sem dúvida o disco pernambucano Flaviola e o Bando do Sol, lançado há 46 anos, que juntava um grupo de músicos que definiria o futuro da música nordestina: Lula Côrtes, Robertinho do Recife, Paulo Raphael, Zé da Flauta, entre outros.

Em 1974, um ano de grande fertilidade musical, o único disco lançado pelo poeta Flávio Lira, o Flaviola, alcançava o pico mais radical das experiências do período

(assim como os discos de Marconi Notaro e o grupo Ave Sangria). Para delírio dos amantes do som psicodélico, a Polysom relança agora o vinil de Flaviola em 180 gramas, em parceria com a gravadora pernambucana Rozenblit, que o lançara originalmente. A restauração gráfica foi feita a partir do acervo preservado por Luiz Calanca, do selo Baratos Afins – convém lembrar que a capa de Flaviola é absurdamente parecida com a capa de um disco do sacerdote do space rock, o britânico Syd Barret: Opel, de 1988.

Ao longo dos anos, em fitas que passavam de mão em mão, em cópias piratas de todo tipo, Flaviola e o bando do Sol tornou-se um mito da cultura underground brasileira. Ouvindo hoje as 13 canções de seu álbum raro, é possível perceber os motivos. A poética era de ruptura, com a presença, no disco, de dois poemas musicados do espanhol García Lorca (Canção de Outono e Romance da Lua, Lua) e um do russo Vladimir Maiakovski (Balalaica). Há um trecho musicado do Hamlet, de Shakespeare ("Noite, noite, noite eterna/Trevas, quando se dissiparão?"). Lula Côrtes, primeiro parceiro de Zé Ramalho, fornece as outras pedras de toque da poética. "Essas palavras/O vento imaginou que eram nuvens", diz uma letra de Henriqueta Lisboa. A sonoridade parece materializar Flaviola como um Mark Sandman (do Morphine) do sertão, uma entidade estranha. Era artista de confronto: por causa de seu erotismo acentuado, Flaviola foi intimado pela Polícia Federal em uma de suas apresentações, naquela década, acusado de algo parecido com "indecência".

Em **2015**, Flaviola foi um dos artistas a se apresentar na 23ª edição do *FESTIVAL ABRIL PRO ROCK*. Vive hoje no Rio de Janeiro e, em dezembro, prometeu um novo disco em **2020**, com uma faixa composta em **1972**, antes portanto de seu lendário único disco daquela década. Mas a sonoridade será inteiramente nova. "Se fosse para soar como Flaviola e o Bando do Sol, eu não teria me dado ao 'trabalho' de fazer um novo disco", disse.

Flaviola e o bando do Sol. Lançamento Polysom/Rosenblit. 120 reais

6 DE MARÇO

MORRE CARLOS GERALDO DA SILVA, O CARGÊ, BAIXISTA DA BANDA DE ROCK CASA DAS MÁQUINAS

A assessoria de imprensa do grupo confirmou a informação



Cargê é o segundo da direita para a esquerda (Foto: Reprodução)

ROLLING STONE, **6 DE MARÇO / 2020** – Carlos Geraldo da Silva, o Cargê, conhecido por integrar a banda Casa Das Máquinas na **DÉCADA DE 1970**, morreu **NESTA SEXTA, 6,** em Caxias do Sul. A causa da morte foi um câncer no pâncreas que o músico estava tratando – mas, teve complicações e não resistiu.

A assessoria da banda Casa Das Máquinas quem confirmou a informação. Contudo, a idade do músico não foi constatada. Em uma matéria do jornal O Pioneiro, de **MAIO DE 2019, FOI RELATADO QUE CARGÊ TINHA 72 ANOS NA ÉPOCA**.

NO ANO PASSADO, para ajuda-lo no tratamento, a comunidade cultural de Caxias do Sul promoveu um festival solidário para arrecadar fundos, porque na época, o câncer já estava bastante agressivo e o músico estava passando por problemas financeiros.

Baixista, cantor, compositor e maestro, Carlos Geraldo nasceu em Porto Alegre. No início da carreira conheceu Roberto Carlos quando ele ainda era um adolescente e tocava com o The Brazilian Beatles. **AOS 18 ANOS**, mudou-se para São Paulo para viver da música.

A carreira musical de Cargê é impecável – o músico já tocou ao lado de Roberto Carlos, Gal Costa, Djavan e gravou com Tim Maia o baixo da música “Coronel Antônio Bento”, e também fez uma turnê como banda de Gal.

No Casa Das Máquinas, Carlos era baixista e segundo vocalista e participou da gravação de dois discos: o autointitulado, de ***1974***, e *LAR DE MARAVILHAS*, de **1975** – ano em que ele também deixou o grupo, segundo relatado pelo Whiplash.

18 DE MARÇO



Uma Casa Monstro! E cheia do tal rock and roll!

Um dos maiores nomes do hard rock e do rock progressivo nacional agora também é Monstro Discos! A lendária banda Casa Das Máquinas acaba de assinar contrato com o principal selo do País: a Monstro Discos!

A parceria Casa-Monstro começa com o lançamento do novo disco da banda. Um trabalho totalmente inédito após **44 ANOS** sem lançar músicas novas. Gravado no ORRA MEU Estudios, em São Paulo, o álbum traz dez faixas, sendo uma delas escrita por Aroldo Binda, um dos primeiros guitarristas da banda, que saiu da Casa há mais de **20 ANOS** e mudou-se para Nova York. A Rua já sai este mês, como primeiro single do disco, em todas as plataformas digitais!

A primeira formação da Casa Das Máquinas era a mesma da banda Os Novos Incríveis, com Netinho na bateria, Aroldo no vocal e guitarra, Pisca na guitarra, Carlinhos no baixo e Pique no sax e teclado. Formada atualmente por Mario Testoni Junior (teclados e vocal), Mario Thomaz (bateria e vocal), Cadu Moreira (guitarra, violão e vocal), Geraldo Vieira (baixo e vocal) e Ivan Gonçalves (vocal), a Casa das Máquinas foi construída originalmente em **1973** e lançou seis discos. Com um som único e marcante, o grupo é, até hoje, um dos maiores nomes do hard rock nacional e uma das maiores referências do estilo, influenciando até hoje diversos artistas em todo o País!

Seja bem-vindo a essa Casa-Monstro do tal rock and roll!
(**BANDA CASA DAS MÁQUINAS**)



Clic by Grace Lagôa – Estúdio Abertura / São Paulo – **1983**

Em pé: Sérgio Santana e Dudu Chermont, sentados Rollando castello Jr., com o filho Ray e o inesquecível amigo Guina Martins

3 DE JUNHO / 2020 – Tudo sempre pode piorar, recém me informo da passagem de um querido amigo, o Guina Martins.

Ter um bom amigo nas épocas boas é muito bom, mas ter um amigo ao teu lado, nas horas sombrias, de sufoco, incertezas, medo e necessidade real de apoio com ações efetivas, que te ajudam a solucionar problemas gravíssimos é melhor ainda, é tudo.

O Guina esteve a meu lado quando tive que cuidar de meu pai, minha mãe e minha irmã, todos doentes no mesmo momento, sei que vocês devem saber ou imaginar que isso não é fácil pra ninguém, e realmente não foi.

Tenho certeza que sem a ajuda do Guina e do Zé Brasil, eu não teria conseguido cumprir com aquela difícil missão e essa não foi a única vez que ele esteve incondicionalmente a meu lado.

É amigo de longa data, desde quando ele seguia a Patrulha e começava sua estrada no rock, chegou a gravar teclado conosco na canção "Nihil Wave" no disco *PATRULHA 4*, descrever uma amizade de mais de **40 ANOS** e todo o carinho, realizações e aventuras em todo esse tempo seria larguíssimo, um dia o farei.

Hoje ficam a saudade, o conforto a sua família e demais amigos e nossa gratidão, minha e da Patrulha do Espaço.

Como ele era um espirito iluminado e praticava essa espiritualidade, com certeza está melhor que nós e nos estará ajudando a todos desde o outro plano.
(**PATRULHA DO ESPAÇO)**